

O Espiritismo responde

**576 lições publicadas de 18/4/2007 a 15/7/2018
na revista "O Consolador"**

18-4-2007

Edição 1

No momento em que o Ministro da Saúde de nosso país propõe abertamente a liberação do aborto, alguém nos pergunta: Como devemos encarar essa prática?

O aborto é, segundo o Espiritismo, um doloroso crime. Arrancar uma criança ao seio materno é infanticídio confesso. Uma mãe ou quem quer que seja cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, porque impede ao reencarnante passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.

Podem-se destacar três erros no procedimento dessas mães.

Primeiro: Impedir que um Espírito reencarne e, por conseguinte, progrida.

Segundo: Recusar a chegada de um filho que talvez represente o instrumento que Deus tenha dado aos pais para ajudá-los na jornada evolutiva, através dos cuidados, das renúncias, das preocupações e trabalhos que teriam.

Terceiro: Transgredir o mandamento divino "Não matarás", sem dar à vítima a menor chance de defesa.

O aborto delituoso é, como se vê, a negação do amor. Esmagar uma vida que desponta, plena de esperança; impedir a alma de reingressar no mundo corpóreo; negar ao Espírito o ensejo do reajuste representa, em qualquer lugar, situação e tempo, uma prática inominável, de prolongadas e dolorosas consequências para o psiquismo humano.

Em muitos países, o aborto sem causa justa – e por causa justa devemos considerar tão-somente o chamado aborto terapêutico, que objetiva salvar a vida da gestante – encontra amparo na lei, mas, de acordo com a Doutrina Espírita, ele jamais encontrará justificativa perante Deus, a não ser em casos especialíssimos, como o citado, em que o médico honrado, sincero e consciente entende que a continuação da gravidez põe em perigo a vida da gestante.

Devido às suas inúmeras implicações, o aborto delituoso é um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, que ocupam vastos departamentos de hospitais e prisões da Terra.

Diz Joanna de Ângelis que a mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constringida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se a dolorosas enfermidades, como a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino ou a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna,

demandando o Além para responder perante a Justiça divina pelo crime praticado.

25-4-2007

Edição 2

Clodoaldo me pergunta se um casal tem o direito de limitar o número de filhos. Penso que a resposta a essa questão, que é bem atual e preocupa tanto o homem, já foi dada com clareza por Joanna de Ângelis em seu livro **Após a Tempestade**, cap. 10, psicografado por Divaldo Franco.

O homem – afirma Joanna, em sua privilegiada posição de Espírito que vê as duas faces da existência humana, a visível e a invisível – pode e deve programar a família que lhe convém ter, o número de filhos e o período propício para a maternidade, mas jamais se eximirá aos imperiosos resgates que deve enfrentar, tendo em vista seu próprio passado.

Os filhos não são realizações fortuitas. Procedem de compromissos aceitos antes da reencarnação pelos futuros pais, de modo a edificarem a família de que necessitam para a própria evolução.

É, evidentemente, lícito aos casais adiar a recepção de Espíritos que lhes são vinculados, impossibilitando mesmo que reencarnem por seu intermédio. Mas as Soberanas Leis da Vida dispõem de meios para fazer que aqueles rejeitados venham por outros processos à porta dos seus devedores ou credores, em circunstâncias talvez mui dolorosas, complicadas pela irresponsabilidade desses cônjuges que ajam com leviandade, em flagrante desconsideração aos códigos divinos.

Entende o Dr. Jorge Andréa (**Encontro com a Cultura Espírita**, págs. 77, 105 e 106) que o planejamento familiar é questão de foro íntimo do casal. Mas pergunta: Será preferível um Espírito reencarnar num lar pobre com as habituais dificuldades de subsistência, ou ficar aturdido e acoplado à mãe que lhe fechou os canais, criando, nessa simbiose, neuroses e psicoses de variados matizes? Respondendo a isso, ele próprio esclarece (**Forças Sexuais da Alma**, cap. V, págs. 124 a 126) que, na maioria das vezes, os Espíritos, quando vêm para a reencarnação, de há muito já estão em sintonia com o cadinho materno. Se os canais destinados à maternidade são neutralizados e fechados, é claro que haverá distúrbios, principalmente no psiquismo de profundidade, isto é, na zona inconsciente ou espiritual, onde as energias emitidas por essas fontes não encontram correspondência em seu ciclo.

Seria melhor, portanto, não opor obstáculos à volta dos Espíritos a um corpo de carne, pois o espírita não ignora a seriedade da planificação reencarnatória. É razoável pensar, pois, que antes de retornarmos às experiências físicas nos tenhamos comprometido a receber, como filhos, um número determinado de Espíritos. A prole estaria, assim, com sua quota previamente estabelecida quando ainda nos achávamos nos planos espirituais. Rejeitar alguém convidado para vir seria equivalente a romper um compromisso, um contrato, um acordo, como fazem os que desertam das responsabilidades, o que não é raro na sociedade em que vivemos.

2-5-2007

Edição 3

Uma leitora desta revista pergunta-nos como responder a alguém que, valendo-se dos textos bíblicos, contesta a existência dos fenômenos mediúnicos.

Diz Léon Denis que o profetismo em Israel, de Moisés a Jesus, foi um dos fenômenos transcendentais mais notáveis da História. A origem do profetismo ali foi assinalada por imponente manifestação relatada pelo Antigo Testamento. Moisés havia escolhido 70 anciãos e, quando os colocou ao redor do tabernáculo, Jeová, um dos protetores espirituais do povo judeu e de Moisés em particular, revelou a sua presença em uma nuvem.

Moisés era, como ninguém ignora, médium vidente e auditivo, e foi graças a tais faculdades que ele pôde ver e ouvir Jeová na sarça do Horeb e no monte Sinai. Os fenômenos mediúnicos em sua vida foram, por causa disso, numerosos e expressivos. O condutor dos hebreus ouvia vozes quando se inclinava diante do propiciatório da arca da aliança. Recebeu no Sinai, escritas na lápide, as tábuas da lei. Magnetizador poderoso, fulminou com uma descarga fluídica os hebreus revoltados no deserto. Médium inspirado, entoou um maravilhoso cântico logo após a derrota de Faraó. E apresentou ainda um gênero especial de mediunidade – a transfiguração luminosa – quando, ao descer do Sinai, trazia na frente uma auréola de luz.

Samuel, outro profeta judeu, quando dormia no templo foi muitas vezes despertado por vozes que o chamavam, falavam-lhe no silêncio da noite e anunciavam-lhe as coisas futuras. Esdras reconstituiu integralmente a Bíblia que se havia perdido, com o auxílio de um Espírito. Todo o livro de Jó está repleto de elucidações e inspirações mediúnicas e sua própria vida, atormentada por Espíritos infelizes, é um assunto que merece estudos acurados.

A história da mediunidade dos profetas judeus atingiu a sua culminância com a vinda de Jesus. A passagem do Mestre pela Terra revela, a cada hora, o seu intercâmbio constante com o Plano Superior, seja em colóquios com os emissários de alta estirpe, seja dirigindo-se aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsessos do caminho, como também na equipe de companheiros, aos quais se apresentou em pessoa, depois da morte. E os próprios discípulos conviveriam com o fenômeno mediúnic, especialmente a partir dos extraordinários acontecimentos registrados no dia de Pentecostes que se comemorou imediatamente após a Páscoa da ressurreição.

Diz Emmanuel que naquele dia, como informa o livro de Atos (cap. 2, versículos 1 a 13), os apóstolos que se mantiveram leais ao Senhor converteram-se em médiuns notáveis, ocasião em que, associadas as suas forças, os emissários espirituais de Jesus produziram, por meio deles, fenômenos físicos em grande quantidade, como sinais luminosos e vozes diretas, além de fatos de psicofonia e xenoglossia, em que os ensinamentos do Evangelho foram ditados em várias línguas, simultaneamente, para os israelitas de procedências diversas.

9-5-2007

Edição 4

Vilma, que é leitora desta revista, conquanto vinculada a outra crença religiosa, pergunta-me se uma pessoa normal que não tenha nenhum conhecimento do Espiritismo pode ser médium.

A resposta é sim. A mediunidade não é propriedade desta ou daquela religião e, portanto, pode haver médiuns em qualquer meio e em qualquer povo.

Moisés foi um médium poderoso, assim como Jeremias e mais tarde, na época do Cristo, João, o evangelista.

Maomé recebeu, em momentos de transe, as suratas que formam o Alcorão.

Em todos esses casos o mundo não conhecia ainda a Doutrina Espírita, que nos ensina que a faculdade mediúnica é inerente ao homem e, por isso, não constitui privilégio de ninguém em especial.

Segundo o Espiritismo, todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium, e raros são os indivíduos que disso não possuam alguns rudimentos.

Essa é a explicação por que certas pessoas que jamais viram ou ouviram Espíritos ao longo de uma existência, quando chegadas a certa idade puderam vê-los e mesmo ouvi-los, fato que também se dá nos casos de enfermidade prolongada que debilita o corpo físico e, com isso, favorece o desprendimento da alma.

Esclareça-se, no entanto, que para fins didáticos só chamamos de médiuns aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

16-5-2007

Edição 5

Paulo Henrique pergunta-me: "Que diz o Espiritismo a respeito do purgatório e do inferno?".

Contrariamente ao que muitos pensam, o Espiritismo não nega o purgatório; antes, pelo contrário, demonstra sua necessidade e justiça, e vai mesmo além: ele o define. O purgatório seria o próprio planeta, onde expiamos os erros do passado e nos depuramos, graças às existências sucessivas que o Criador nos concede.

Quanto ao inferno, ensina o Espiritismo que ele não tem existência real. O inferno não é um lugar, mas, sim, um estado de espírito, expressão utilizada há algum tempo pelo próprio papa João Paulo II.

Com efeito, o inferno foi descrito como uma imensa fornalha, mas será assim também compreendido pela alta teologia? Evidentemente que não. Ela diz muito bem que isto é uma simples figura, que o fogo que ali se consome é um fogo moral, símbolo das dores mais intensas e cruciantes.

Podemos dizer o mesmo com relação à eternidade das penas. Se fosse possível pôr-se a votos tal questão, para se conhecer a opinião íntima de todos os homens que raciocinam e se acham no caso de compreendê-la, mesmo entre os mais religiosos, ver-se-ia para que lado pende a maioria, porque a ideia de uma eternidade de suplícios é a negação da infinita misericórdia de Deus e não tem suporte nos ensinamentos do Cristo.

Ensina a Doutrina Espírita a tal respeito:

A duração do castigo é subordinada ao melhoramento do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige, para pôr um fim aos sofrimentos, é o arrependimento, a expiação e

a reparação; em uma palavra, um melhoramento sério e efetivo, uma volta sincera ao bem.

O Espírito é, assim, o árbitro de sua própria sorte; sua pertinácia no mal prolonga-lhe os sofrimentos; seus esforços para fazer o bem os minoram ou abreviam.

23-5-2007

Edição 6

Perguntam-me: Se riqueza e pobreza são provas, qual delas é a mais difícil?

Não há dúvida. Segundo o Espiritismo, riqueza e pobreza nada mais são que provas pelas quais o Espírito necessita passar, tendo em vista um objetivo mais alto, que é o seu progresso. Deus concede, pois, a uns a prova da riqueza, e a outros a da pobreza, para experimentá-los de modos diferentes. Aliás, essas provas são, com frequência, escolhidas pelos próprios Espíritos, que, no entanto, nelas geralmente sucumbem.

Tanto uma quanto outra são provas muito difíceis, porque se na pobreza o Espírito pode ser tentado à revolta e à blasfêmia contra o Criador, na riqueza expõe-se ele ao abuso dos bens que Deus lhe empresta, deturpando, com esse comportamento, seus augustos objetivos.

Espíritos realmente evoluídos, tanto quanto os que compreendem perfeitamente o significado da lei de causa e efeito, podem solicitar a prova da pobreza como oportunidade para o acrisolamento de qualidades ou a realização de certas tarefas que a riqueza certamente prejudicaria. Em muitas vezes, também, o mau uso da fortuna em precedente existência leva o Espírito a pedir reencarnar numa condição oposta, com o que espera reparar abusos cometidos e pôr-se a salvo de novas tentações.

A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação. A riqueza é, para os que a usufruem, a prova da caridade e da abnegação. É preciso entendamos: a existência corpórea é passageira e a morte do corpo priva o homem de todos os recursos materiais de que eventualmente disponha no plano terráqueo. Pobres e ricos voltam, pois, à vida espiritual em idênticas condições, o que mostra que a posição social do rico ou do pobre não passa de expressão transitória.

Compreendamos também que nenhuma das provas citadas constitui obstáculo à chamada salvação. Se isso ocorresse, Deus, que as concede, teria dado a seus filhos um instrumento de perdição, ideia que repugna à razão. No tocante à riqueza, é fácil perceber que pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce constitui ela uma prova muito arriscada e mesmo mais perigosa que a miséria.

30-5-2007

Edição 7

Teresa me pergunta: Qual é para os espíritas o valor do arrependimento e em que momento ele precisa ocorrer para ter validade?

O arrependimento é fundamental para a renovação do ser humano que se tenha desviado do caminho do bem.

Não existe um momento para que ele tenha maior ou menor validade. Assim, tanto faz que o indivíduo se arrependa dos erros cometidos enquanto está encarnado ou após a sua desencarnação. Sabemos, com base em relatos feitos pelos próprios Espíritos, que a desencarnação é muitas vezes o aguilhão que leva a pessoa a arrepender-se, o que não é difícil de compreender.

Imaginemos uma pessoa que se enriqueceu à custa do erário, que falsificou, que fraudou, que enganou... Quando retorna ao plano espiritual, onde a riqueza e a posição social não têm valor algum, é comum que essa pessoa tenha remorsos e esses remorsos poderão levá-la a arrepender-se sinceramente dos erros cometidos.

O Espiritismo ensina, porém, que o arrependimento – embora importantíssimo – não basta por si mesmo. É preciso acrescentar a ele a expiação e a reparação, o que leva muitos Espíritos a pedir a oportunidade de passarem pelos mesmos sofrimentos que causaram a outrem (expiação), além da necessária reparação com que devolvem às suas vítimas aquilo que porventura lhes hajam tomado.

Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, os elementos essenciais à renovação integral da criatura humana, rumo à meta que Deus assinalou para nós, que é a perfeição, meta essa a que Jesus aludiu quando disse as seguintes palavras: “Vós sois deuses. Sede perfeitos como o Pai celestial é perfeito. Tudo o que faço podereis fazer também e muito mais”.

6-6-2007

Edição 8

Paulo indaga: Como o Espiritismo vê o alcoolismo e suas causas?

No meio espírita, já faz muito tempo, é conhecida a relação que existe entre o vício do alcoolismo e a obsessão.

No capítulo de abertura do livro *Diálogo dos Vivos*, publicado mais de 30 trinta anos atrás, Herculano Pires escreveu que a obsessão mundial pelo álcool, no plano humano, corresponde a um quadro apavorante de vampirismo no plano espiritual.

O fato é de fácil compreensão. A dependência do álcool prossegue além-túmulo e, como o Espírito não pode obtê-lo no plano extrafísico em que agora reside, ele só consegue satisfazer a sua compulsão pela bebida associando-se a um encarnado que beba, como André Luiz mostra em sua obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Cornélio Pires, o poeta caipira, valendo-se da mediunidade de Chico Xavier, disse certa vez a um amigo, que o consultou sobre o tema, que cachaça “recorda simples tomada que liga na obsessão”. E, concluindo sua mensagem, vazada em trovas, afirmou: “Eis no Além o que se vê, seja a pinga como for, enfeitada ou caipira, é laço de obsessão”.

É exatamente esse vampirismo espiritual que explica o motivo de ser o alcoolismo considerado uma doença progressiva e incurável, segundo a Organização Mundial de Saúde.

13-6-2007

Edição 9

Uma confreira do Centro Espírita Nosso Lar, de Londrina (PR), me pergunta: O que existe de errado na obra "Os Quatro Evangelhos", de J. B. Roustaing?

Há na obra de Roustaing três grandes problemas, que a tornam incompatível com a Doutrina Espírita, ou seja, com as obras de Kardec, de Delanne, de André Luiz e de Emmanuel. Excetuando esses problemas, o livro tem coisas interessantes e a edição da FEB é primorosa. Em nenhum outro livro a FEB teve o capricho que teve com essa obra. Os três problemas fundamentais são:

(1) A tese de que a "encarnação" não é obrigatória, nem mesmo necessária, e só se dá em caso de queda do Espírito. A evolução da criatura humana, quando ela chega à fase da humanidade, ocorreria em cidades espirituais, como a cidade "Nosso Lar". Se o Espírito apresentar nessa condição algum defeito a ser corrigido (vaidade, inveja etc.), ele aí sim terá de "encarnar". A reencarnação seria uma consequência dessa primeira encarnação. A Doutrina Espírita diz-nos, porém, que a encarnação é necessária ao duplo progresso do Espírito e do mundo corporal em que ele se encarna. Sem a passagem pela encarnação, o Espírito ficaria estagnado, não haveria progresso, nem dele nem dos planetas.

(2) Ao encarnar, o Espírito enfrentará, segundo Roustaing, um "mundo primitivo", encarnando-se aí na condição de criptógamo carnudo. Um exemplo de criptógamo carnudo são as nossas "lesmas". Roustaing está dizendo, portanto, que uma alma humana se encarnará numa forma animal que nem chegou ao nível dos vertebrados, o que está aquém da própria metempsicose, porque, afinal de contas, nascer como tigre (um animal vertebrado) é mais digno do que nascer como lesma (um animal invertebrado). Além do ensino da metempsicose, Roustaing está admitindo a retrogradação da alma, que chegou à fase hominal e então regride à fase animal. A Doutrina Espírita repele a metempsicose, assunto tratado em diversos momentos de sua obra por Allan Kardec.

(3) Jesus, segundo a obra publicada por Roustaing, não encarnou, não possuiu um corpo carnal. Jesus teria sido um "agêner", um Espírito materializado. Assim se explicariam seu desaparecimento dos 12 aos 30 anos, período do qual ninguém fala, e o sumiço do corpo material nos dias seguintes à crucificação. Kardec ensina-nos coisa inteiramente diferente, como o leitor pode ver no livro **A Gênese**, publicado em 1868, quase dois anos depois da publicação da obra roustainguista.

20-6-2007

Edição 10

Ana enviou-me a seguinte pergunta: "Ouvi certa vez alguém falar sobre a existência de cidades espirituais ao redor da Terra. Elas realmente existem? Há sobre o assunto informações mais precisas?"

Foi o evangelista João, no cap. 14, versículos 1 a 3, do seu Evangelho, quem registrou estas conhecidas palavras de Jesus: "Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, eu já vos teria dito, porquanto eu vou para preparar o lugar para vós".

A notícia acerca da existência de cidades espirituais em torno da Crosta terrena é anterior ao próprio Allan Kardec.

O vidente sueco Swedenborg, que viveu no século anterior ao advento do Espiritismo, via com frequência cenas do mundo espiritual e as pessoas desencarnadas que conhecera em vida, tendo sido o primeiro indivíduo a

registrar em livro as chamadas cidades espirituais, em que viviam famílias e onde ele pôde ver templos, auditórios e palácios.

Informações mais precisas sobre o assunto podem ser encontradas nos livros "Nosso Lar", de André Luiz, e "Alvorada Nova", de Cairbar Schutel. Aliás, quando se encontrava encarnado entre nós, Cairbar escreveu e publicou pela Casa Editora O Clarim o extraordinário livro **A Vida no Outro Mundo**, de leitura obrigatória para quem deseja iniciar-se no tema suscitado pela pergunta. "Nosso Lar", situada nas proximidades do Rio de Janeiro, é bem conhecida dos confrades espíritas e é tema de um dos estudos semanais publicados por esta revista.

Vizinha da colônia "Nosso Lar", "Alvorada Nova" é uma das mais importantes e foi ela que serviu de inspiração à ideia da criação dos Ministérios em "Nosso Lar". "Alvorada Nova" localiza-se em região umbralina, no mesmo grau de inclinação da cidade de Santos. É seguramente uma das mais antigas cidades espirituais existentes no mundo, visto que antes mesmo do descobrimento do Brasil ela já estava fixando seus primeiros alicerces.

27-6-2007

Edição 11

Rosângela Raddi Forestiero, da cidade de Astorga (PR), pede-nos uma orientação sobre as expressões **almas gêmeas** e **metades eternas**. E pergunta: Posso considerar que não se trata da mesma coisa?

No tocante ao assunto suscitado por esta pergunta, existem controvérsias mesmo entre os espíritas.

Do ponto de vista literário, não há o que opor à tese das almas gêmeas. Trazendo, porém, o tema para a discussão espírita, como devemos encará-lo?

Segundo Emmanuel, almas gêmeas existem, sim. E parece-nos claro que diversos autores desencarnados respeitados, a exemplo de Jésus Gonçalves, André Luiz, Manoel P. de Miranda e Victor Hugo, o apoiam, porque todos eles se valeram dessa expressão em um e outro momento de suas obras.

Aceita a tese, a questão consiste em definir o que sejam almas gêmeas. É bom não esquecermos que, segundo a doutrina exposta em "O Livro dos Espíritos", não existem almas feitas aos pares, não existem almas idênticas a outras, e não se aplica aos Espíritos o conceito usual pertinente ao vocábulo *gêmeos* tal como o utilizamos quando nos referimos a irmãos que nascem decorrentes de uma mesma gestação.

As almas gêmeas seriam pessoas que se buscam, que nutrem uma pela outra um carinho especial, e tal relação prossegue até que ambas atinjam o estágio da perfeição. Essa afeição nasce certamente de uma espécie de afinidade especial decorrente, talvez, do fato de haverem iniciado juntas o processo evolutivo. Esse é, aliás, o pensamento do confrade Hugo Gonçalves, fundador e diretor do jornal espírita **O Imortal**, que circula desde dezembro de 1953.

Cabe, por fim, dizer que Emmanuel tem razão ao afirmar que a tese das almas gêmeas nada tem que ver com as questões 298 a 303 de "O Livro dos Espíritos", porque almas gêmeas não são o mesmo que *metades eternas* e é disso que Kardec tratou na referida obra.

4-7-2007

Edição 12

Cristina me pergunta se é verdade que há Espíritos que assistem ao próprio velório. Em caso afirmativo, podem também assistir ao próprio nascimento?

No tocante ao velório, sim, é possível aos Espíritos assistir à cerimônia que precede o sepultamento de seu próprio corpo. A literatura espírita relata vários casos que comprovam essa possibilidade.

Quanto ao nascimento, não. Não é possível ao Espírito presenciar tal fato porque, a partir do momento em que é colhido no laço fluídico que o prende ao gérmen, ele entra em estado de perturbação que aumenta à medida que o laço se aperta, perdendo, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de modo que jamais assistirá ao seu nascimento.

O processo reencarnatório é tratado em todas as suas minúcias por André Luiz em duas de suas obras. No livro **Entre a Terra e o Céu**, é focalizado o processo do retorno à carne de Júlio. Em **Missionários da Luz**, é relatado o Segismundo pelo qual é possível compreender quão complexo é o trabalho realizado pelo Plano Espiritual sempre que retorna ao mundo corporal um Espírito em resgate ou reajuste.

11-7-2007

Edição 13

Alguns meses atrás, um leitor declarou à revista **Época** que alguém, em nome da CEPA, afirmou que o Espiritismo não é religião. Afinal, o Espiritismo é ou não é religião?

A CEPA - Confederação Espírita Pan-Americana é dirigida há muito tempo por confrades nossos, espíritas como nós, que insistem em defender o chamado Espiritismo laico, isto é, sem caráter religioso, apegando-se ao que Allan Kardec escreveu em suas primeiras obras, quando enfaticamente disse que o Espiritismo não era uma religião, mas uma ciência. Eles ignoram deliberadamente o que o Codificador declarou em novembro de 1868 a respeito do caráter religioso do Espiritismo, oportunidade em que esclareceu por que havia dito anteriormente o contrário. O assunto consta da Revista Espírita de dezembro de 1868.

É evidente, no entanto, que a religião espírita não apresenta alguns aspectos e aparatos que tradicionalmente associamos ao conceito de religião, como o sacerdócio organizado, os rituais, as vestimentas especiais, a relação de dependência entre igreja e fiéis. O objetivo do Espiritismo é exatamente possibilitar a libertação do indivíduo de quaisquer peias, aproximando-o do Criador graças ao aprimoramento de suas virtudes, e não por meio de artifícios e aparências exteriores. O homem, ensina o Espiritismo, só se aproxima de Deus evoluindo moralmente. Esse é o objetivo primordial da religião espírita.

18-7-2007

Edição 14

Alguém nos pergunta se nas comunicações de Espíritos por meio de instrumento (TV, computador, gravador etc.) é necessária a presença de médium.

Com respeito ao assunto, tanto Divaldo Franco quanto Henrique Rodrigues, que era do ramo e respeitado no mundo todo, já se manifestaram dizendo que o fenômeno só é possível quando na equipe de experimentadores existe médium de efeitos físicos.

O prof. Henrique disse-nos certa vez que, experimentando a gravação de vozes ao lado do famoso Raudive, houve um momento em que Raudive saiu do quarto para atender o telefone. O grupo continuou a experimentar, mas bastou a ausência de Raudive para que o fenômeno cessasse. Com a volta de Raudive ao recinto, o fenômeno voltou a ocorrer normalmente. Henrique então lhe disse: "Raudive, você é o médium!"

Entendemos, pois, que prevalece ainda a orientação de Erasto em O Livro dos Médiuns, item 98, segundo a qual o fluido vital, "apanágio exclusivo do encarnado", é indispensável à produção de qualquer fenômeno mediúnico.

Pode ser que no futuro, com o aprimoramento técnico dos nossos instrumentos, possam os desencarnados "atuar" diretamente sobre eles, sem necessidade de médiuns. Trata-se, porém, de mera opinião. Dizemos: "pode ser", não que "vai ser".

25/7/2007

Edição 15

Há anjos guardiães?

Ensinada pela Igreja Católica Romana, a doutrina dos anjos guardiães não só foi confirmada pelo Espiritismo como recebeu deste um destaque que poucos assuntos mereceram. Assim é que a principal obra da Doutrina Espírita – O Livro dos Espíritos – dedica ao tema mais de quarenta questões relacionadas com a afeição que os Espíritos dispensam às criaturas humanas e a influência que podem eles exercer sobre os encarnados.

Os Espíritos protetores, ensina o Espiritismo, realmente existem e, por bondade de Deus, agem como um pai com relação aos filhos, guiando seu protegido pela senda do bem, auxiliando-o com seus conselhos, consolando-o nas suas aflições e levantando-lhe o ânimo nas provas da vida.

Na resposta anotada por Kardec à pergunta nº 495 do mencionado livro, São Luís e Santo Agostinho escreveram uma das páginas mais belas da obra kardequiana, na qual afirmam que o conhecimento do trabalho realizado pelos protetores espirituais pode ajudar-nos muito nos momentos de crise e até mesmo livrar-nos dos maus Espíritos.

1º/8/2007

Edição 16

Edgar me pergunta qual é o significado da palavra médium?

Em seu magistral "O Livro dos Médiuns", Allan Kardec trata do assunto em dois capítulos.

No cap. 14, ensina o Codificador do Espiritismo: "Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium". No capítulo 32, Kardec assim define: "Médium, do latim medium, meio, intermediário – é a pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens".

A faculdade mediúnica é, portanto, inerente à criatura humana. Não constitui um privilégio exclusivo desse ou daquele indivíduo. Por isso mesmo, raros são os que dela não possuam alguns rudimentos. Podemos, pois, dizer que todos

são mais ou menos médiuns, embora, usualmente, qualifiquemos como médiuns aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Importante também dizer que essa faculdade não se revela da mesma maneira em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos dessa ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. No caso das crianças, por exemplo, até os 7 anos têm elas facilidade enorme para a vidência, faculdade que como que se apaga com o passar dos anos.

8/8/2007

Edição 17

Édson pergunta: "É verdade que o Alcorão foi escrito mediunicamente?"

Sim. Foram os dons mediúnicos de Maomé que o levaram a escrever o Alcorão. Quando ele contava 40 anos, o anjo Gabriel lhe apareceu no monte Hira mostrando-lhe um livro que o aconselhou a ler. Três vezes Maomé resistiu a essa ordem e só para escapar ao constrangimento sobre ele exercido é que consentiu em o ler. Ele disse então haver sentido "que um livro tinha sido escrito em seu coração".

Profundamente perturbado com sua visão e de volta ao monte Hira, presa da mais viva agitação, julgou-se ele possuído por Espíritos malignos e ia precipitar-se do alto de um rochedo quando uma voz se fez ouvir: "Ó Maomé! tu és enviado de Deus; eu sou o anjo Gabriel!"

Levantando os olhos, ele viu então o conhecido anjo sob forma humana, que desapareceu pouco a pouco no horizonte. Essa visão aumentou-lhe a perturbação, embora sua esposa se esforçasse por acalmá-lo. Varaka, primo dela, pessoa afamada por sua sabedoria, explicou-lhe: "Se o que acabas de dizer é verdade, teu marido foi visitado pelo grande *Nâmous*, que outrora visitou Moisés; ele será profeta deste povo".

A missão de Maomé não foi, pois, um cálculo premeditado de sua parte, porque ele mesmo só se convenceu depois de nova aparição do anjo. O Alcorão – livro sagrado dos muçulmanos - não é uma obra escrita por ele de cabeça fria e de maneira continuada, mas o registro feito por seus amigos das palavras que pronunciava quando inspirado, diríamos melhor: mediunizado.

15/8/2007

Edição 18

Flávia me pergunta que devemos pensar do aborto em casos de anencefalia.

Exceto no caso do abortamento praticado para salvar a vida da gestante, a Doutrina Espírita considera o aborto um crime contra a vida, severamente punido pelas Leis de Deus.

Um equívoco no tocante à anencefalia é imaginar que a criança vá nascer e morrer em seguida. Há casos em que o indivíduo, embora sem o cérebro inteiramente formado, vive por vários anos, o que implica dizer que ninguém sabe exatamente – inclusive os médicos – o que vai acontecer depois do parto. O que não oferece dúvida é o fato de que, durante a gestação, existe no ventre

da gestante um ser vivo, individual, com características próprias, e não um simples apêndice do corpo da gestante.

Joanna de Ângelis explica em seu livro "Alerta", cap. 22, psicografado pelo médium Divaldo Franco, que na maioria dos casos de aborto a expulsão do corpo em formação de forma nenhuma interrompe as ligações Espírito-a-Espírito, entre a gestante e o filho rejeitado. Por isso, sem compreender a ocorrência, ou percebendo-a em desespero, o ser espiritual expulso agarra-se às matrizes orgânicas e termina por lesar a aparelhagem genital, dando gênese a doenças de etiologia complicada, tanto quanto a variadas formas de obsessão.

Alegam as pessoas favoráveis ao aborto que, ainda que viva alguns anos, a criança terá apenas vida vegetativa. Ora, muitos adultos vitimados por acidentes automobilísticos e mesmo por derrames, passam também a ter somente vida vegetativa. Iremos então matá-los?

Percebe-se, à vista disso, que a admissão do aborto em casos assim é um passo largo em direção à legalização da eutanásia, como já se deu, por exemplo, na Holanda.

Os médicos não poderiam, em sã consciência, aliar-se a condutas desse nível, porque sua missão é salvar os doentes, não exterminá-los.

22/8/2007

Edição 19

Pergunta Mário César por que o Espiritismo não admite as penas eternas.

A resposta a essa pergunta é por demais simples. A tese da eternidade das penas reservadas àqueles que infringem as leis do bem e do amor, tanto quanto a existência do inferno, não resistem a uma análise objetiva. O raciocínio lógico conduz-nos à seguinte premissa: Se o Espírito sofre em função do mal que praticou, sua infelicidade deve ser proporcional à falta cometida.

Cumpra considerar também que a condenação perpétua não se coaduna com a ideia cristã da sublimidade da justiça e da misericórdia divinas. Jesus deu testemunho da bondade e do amor de Deus, ao afirmar que o Pai celeste não quer que pereça um só de seus filhos.

A razão leva-nos à admissão de que Deus é, como ensina o Espiritismo, um ser infinito em suas perfeições, pois é filosoficamente impossível conceber o Criador de outra maneira, visto que, se Ele não apresentasse infinita perfeição, poderíamos conceber outro ser que lhe fosse superior. Sendo, portanto, infinitamente sábio, justo e misericordioso, não podemos crer que tenha criado pessoas para serem eternamente desgraçadas em virtude de uma falta ou de um erro passageiro, derivado evidentemente de sua própria imperfeição.

A doutrina das penas eternas consubstanciada na teologia católica surgiu das ideias primitivas que conceberam a existência de um Deus irado e vingativo, a quem o homem atribuiu características puramente humanas. O fogo eterno é uma figura de que se utilizou para materializar a ideia do inferno, com vistas a ressaltar a crueldade da pena, no pressuposto de que o fogo é o suplício mais atroz e que produz o tormento mais efetivo.

Essas ideias serviram, em certo período da história da Humanidade, para controlar as paixões de criaturas ainda imperfeitas, mas não servem ao homem da atualidade, que nelas não consegue vislumbrar sentido lógico.

Jesus valeu-se das figuras do inferno e do fogo eterno para pôr-se ao alcance da compreensão dos homens de sua época. As imagens fortes que utilizou eram, então, necessárias para impressionar a imaginação de indivíduos que pouco entendiam das coisas do Espírito e cuja realidade estava mais próxima da matéria e dos fenômenos que lhes impressionavam os sentidos físicos. Mas também foi ele quem enfatizou a ideia de que Deus é Pai misericordioso e bom e afirmou que, das ovelhas que o Pai lhe confiou, nenhuma se perderia.

29/8/2007

Edição 20

Perguntam-me se a mediunidade em crianças deve ser estimulada pelos pais. O Codificador do Espiritismo e autor de **O Livro dos Médiuns** formulou aos Espíritos que participaram da obra de codificação da Doutrina Espírita três questões relativamente à mediunidade em crianças, assunto que pode ser encontrado no item 221, parágrafos 6 a 8, da obra citada.

Eis, em resumo, o que eles lhe disseram:

1º. É muito perigoso desenvolver a mediunidade nas crianças, porque sua organização frágil e delicada ficaria abalada e sua imaginação superexcitada com a prática mediúnica. Desse modo, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias ou, pelo menos, só tratar do assunto do ponto de vista de suas consequências morais.

2º. Quando a faculdade mediúnica é espontânea na criança, é sinal de que se acha em sua natureza e que sua constituição a isso se presta. Já o mesmo não se dá quando é provocada e superexcitada.

3º. Não existe uma idade precisa para que uma pessoa passe a ocupar-se da mediunidade. Isso depende fundamentalmente do desenvolvimento físico e, mais ainda, do desenvolvimento moral. Há crianças de 12 anos que são menos afetadas que certos adultos.

Quanto a esta última observação, lembremos que vários médiuns que trabalharam com Kardec – como as irmãs Caroline e Julie Baudin, Ermance Dufaux e Srta. Japhet – eram bastante jovens. Ermance Dufaux contava então 14 anos de idade e já se havia tornado uma médium respeitada. As célebres irmãs Kate e Margareth Fox eram ainda adolescentes quando dos fenômenos de Hydesville, que, conforme sabemos, deram origem ao Espiritismo Moderno.

7/9/2007

Edição 21

Ivone me pergunta: Em que consiste o sono e qual a sua finalidade?

O sono é o estado em que o corpo material repousa para refazimento das suas energias físicas.

Esse repouso é absolutamente indispensável porque se a atividade do Espírito, valendo-se do seu instrumento corpóreo, fosse incessante, sem trégua alguma, o corpo seria levado à exaustão e, por consequência, à morte. Foi por isso que Deus, em sua sabedoria, estabeleceu na existência humana esse período de tempo, a que chamamos sono, no qual o corpo físico repousa e pode, assim, reparar suas energias.

O sono tem, porém, uma significação muito mais profunda e consequências muito mais amplas no conjunto integral da vida humana. Enquanto o corpo material jaz adormecido, o Espírito se emancipa, se liberta, se afasta do corpo físico, reintegrando-se em suas faculdades perceptivas e ativas, com o que pode agir a distância.

É comum, logo que se desprendem do corpo material, irem os Espíritos, durante o sono, para junto de seres que lhes são afins e mesmo superiores, com os quais viajam, conversam e se instruem. Evidentemente, há muitos que, enquanto o corpo repousa, vão a mundos inferiores à Terra ou a regiões espirituais do próprio planeta onde os chamam velhas afeições, em busca de gozos muitas vezes mais baixos do que os conhecidos em nosso mundo e com os quais se deleitam.

É, pois, graças ao sono corpóreo que os Espíritos encarnados mantêm contato quase permanente com o mundo dos Espíritos, e essa é uma das razões que fazem com que os Espíritos superiores concordem, sem grande repugnância, em encarnar entre nós. Quis Deus que, tendo de entrar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem. O sono é, portanto, a porta que Deus lhes concede para que possam ir ter com os seus amigos espirituais. É uma espécie de recreio depois do trabalho, enquanto aguardam a grande libertação que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

14/9/2007

Edição 22

Um amigo me pergunta qual é, na verdade, o significado da expressão mundo de expiação e provas aplicada no Espiritismo ao planeta em que vivemos.

Os mundos, segundo a Doutrina Espírita, dividem-se em cinco categorias. Há os mundos primitivos, os mundos de expiação e provas, os mundos de regeneração, os mundos felizes ou ditosos e os mundos celestes.

Nos chamados mundos de expiação e provas, que é a atual condição da Terra, o mal predomina e é essa a razão por que neste planeta o homem vive a braços com tantas misérias.

Na Terra, informa o Espírito de Santo Agostinho, os Espíritos em expiação são, se assim se pode dizer, seres estrangeiros, indivíduos que já viveram em outros mundos. Contudo, nem todos os Espíritos que aqui encarnam vêm para ele em expiação. As raças chamadas selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância espiritual e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados.

Vêm depois delas as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. Essas são, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aqui se elevaram pouco a pouco, em longos períodos seculares.

Um dia, evidentemente, a Terra sairá de sua atual condição de mundo de expiação e provas e passará à condição de mundo de regeneração, porquanto o globo está, como tudo na Natureza, submetido à lei do progresso.

No entendimento de muitos estudiosos do Espiritismo, esse dia ainda está muito longe porque a mudança depende dos Espíritos que aqui se encarnam. Eis por que Jesus, aludindo a esse momento, afirmou que nem ele nem os anjos sabem quando o fato se dará; somente o Pai o sabe.

21/9/2007

Edição 23

Cristina me pergunta: Se, de fato, existem os anjos da guarda, que tipo de mal que nos acomete mais os aflige?

Os bons Espíritos se preocupam com nossos males, do mesmo jeito que compartilham nossas alegrias. Procurando fazer-nos todo o bem que lhes seja possível, é natural que se sintam ditosos com nossa felicidade e nossos momentos de alegria.

Sabendo ser transitória a existência corporal e cientes de que as tribulações a ela inerentes constituem meios de alcançarmos uma situação melhor, os bons Espíritos se afligem mais com os males que tenham origem em causas de ordem moral do que com nossos sofrimentos físicos, todos passageiros.

Assim, eles pouco se incomodam com as desgraças que atingem nossas ideias e preocupações mundanas, do mesmo modo como, aliás, agimos com relação às mágoas pueris das crianças. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, eles as consideram como uma crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo. Entretanto, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, apreciam-nos de um modo diverso do nosso.

Em casos assim, os bons Espíritos procuram levantar-nos o ânimo no interesse do nosso futuro, enquanto os Espíritos inferiores, com o objetivo de comprometer-nos, nos impelem ao desespero.

À vista dos ensinamentos espíritas, podemos deduzir assim as seguintes conclusões em torno do assunto examinado:

Os bons Espíritos se afligem quando nós, diante de um mal qualquer, não sabemos suportá-lo com resignação; os inferiores, no entanto, se rejubilam com nossa postura negativa.

Os males morais que mais preocupam os Benfeitores Espirituais são o nosso egoísmo e a dureza dos nossos corações, do que, ensina o Espiritismo, decorre tudo o mais. Nossos adversários desencarnados e os maus Espíritos, porém, adoram tal comportamento.

Os bons Espíritos se riem de todos os males imaginários que nascem do nosso orgulho e da nossa ambição. Os inferiores, contudo, valem-se deles para, se for possível, afundar-nos mais ainda no fosso da amargura.

28/9/2007

Edição 24

Eliane me pergunta: Por que existem as crianças?

A infância é uma fase de adaptação necessária ao Espírito que retorna à existência corpórea. Existente nos diferentes mundos, ela é, porém, menos obtusa nos planetas mais adiantados.

Recém-saído do mundo espiritual, onde gozava de maior liberdade e dispunha de maiores recursos, o Espírito se vê, durante essa fase, em dificuldades para exprimir plenamente seus pensamentos e manifestar suas sensações.

Nesse período da vida, em que o Espírito se vê limitado em sua liberdade, a infância é uma demonstração da misericórdia de Deus, que lhe propicia uma dupla vantagem:

1ª. O Espírito ganha o tempo indispensável a fim de se preparar para as futuras e difíceis tarefas da nova existência corpórea.

2ª. Pela fase que atravessa, revestido da simplicidade e da inocência comuns a todas as crianças, desperta nos pais e no núcleo a que pertence muita simpatia, interesse e boa vontade, o que facilitará o desempenho de suas tarefas no mundo.

Sabemos que, ao desenvolver-se, a criança apresentará, nos anos que se seguirem, as tendências e defeitos morais inerentes ao seu real adiantamento espiritual, mas este poderá, sem nenhuma dúvida, ser sensivelmente modificado pela influência recebida, desde o berço, dos pais e das pessoas incumbidas de educá-la.

Reencarnando sob a forma inicial de uma criança, o Espírito é mais acessível, durante esse período, às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir as pessoas investidas dessa tarefa, cuja importância é enfatizada por Emmanuel no cap. CLI de seu livro "Caminho, Verdade e Vida" nos seguintes termos: "A juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para viagem importante. A infância foi a preparação, a velhice será a chegada ao porto". "Todas as fases requisitam as lições dos marinheiros experientes, aprendendo-se a organizar e a terminar a viagem com êxito desejável."

5/10/2007

Edição 25

Fábio me pergunta qual é a principal causa da obsessão?

A influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida pode ser boa ou má; isso depende apenas da natureza do agente. Os Espíritos superiores só fazem o bem; disso é fácil deduzir que sua influência é sempre benéfica à criatura humana.

Os Espíritos levianos e zombeteiros se comprazem em causar aborrecimentos, o que deve ser levado à conta de provas para a nossa paciência.

Os Espíritos impuros, como são incapazes de perdoar o mal que lhes tenham feito, continuam após a desencarnação a exercer a vingança que hajam iniciado ou concebido ainda durante a encarnação. Está aí – na vingança – a causa da maioria das obsessões, especialmente das mais graves, tão conhecidas no meio espírita.

Aprendemos no Espiritismo que, embora a nossa disposição interior constitua fator relevante para a neutralização da influência negativa exercida por nossos adversários encarnados ou desencarnados, a intercessão dos Benfeitores Espirituais é indiscutível, real e valiosíssima no trabalho de anulação das forças perturbadoras que rondam e ameaçam quantos se proponham a crescer espiritualmente.

12/10/2007

Edição 26

Paulo César me pergunta: "Se o homem viveu antes, por que não se lembra de suas existências anteriores?"

Não temos durante a existência corpórea lembrança do que fomos e do que fizemos nas anteriores existências, mas possuímos disso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado.

Não fossem a nossa consciência e a vontade que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, seria difícil resistir a tais pendores. A aptidão para essa ou aquela profissão, a maior ou menor facilidade nessa ou naquela disciplina, as inclinações interiores – eis elementos que não teriam justificativa alguma se não existisse a reencarnação.

Com efeito, se a alma fosse realmente criada junto com o corpo da criança, as pessoas deveriam revelar igual talento e idênticas predileções, mas não é isso que vemos.

No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram amarguradas, há algo de providencial e que atesta a bondade e a sabedoria do Criador. Tal como se dá com os sentenciados a longas penas, todos nós desejamos apagar da memória os delitos cometidos e felizes ficamos quando a sociedade não os conhece ou os relega ao esquecimento. A razão desse desejo é fácil de explicar.

Dá-se o mesmo com relação à volta do Espírito a uma nova existência corpórea. Frequentemente – ensina o Espiritismo – renascemos no mesmo meio em que já vivemos e estabelecemos de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenhamos feito. Se reconhecêssemos nelas criaturas a quem odiamos, talvez o ódio despertasse outra vez em nosso íntimo, e, ainda que tal não ocorresse, sentir-nos-íamos humilhados na presença daquelas a quem houvéssemos prejudicado ou ofendido.

Evidentemente, o esquecimento do passado – que constitui uma regra nos processos reencarnatórios – não se estende à vida espiritual, em que recobramos a memória das peripécias passadas de acordo com a necessidade de que isso se dê, o que revela mais uma vez a bondade do Pai para com seus filhos.

19/10/2007

Edição 27

Márcia, da cidade de Arapongas, focaliza o tema mediunidade em crianças e pergunta que livro espírita trata do assunto.

A principal obra espírita que trata do tema mediunidade em crianças é "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo. Allan Kardec formulou aos Espíritos que participaram da obra de codificação da Doutrina Espírita três questões relativamente à mediunidade em crianças, como o leitor pode conferir lendo o item 221, parágrafos 6 a 8, da obra citada.

Em resumo, ensinam os Espíritos Superiores:

1.º - Não existe uma idade precisa para que uma pessoa passe a ocupar-se da mediunidade. Isso depende fundamentalmente do desenvolvimento físico e, mais ainda, do desenvolvimento moral. Há crianças de 12 anos que são menos afetadas que certos adultos.

2.º - Quando a faculdade mediúnica é espontânea na criança, é sinal de que se acha em sua natureza e que sua constituição a isso se presta. Já o mesmo não se dá quando é provocada e superexcitada.

3.º - É muito perigoso desenvolver a mediunidade nas crianças, porque sua organização franzina e delicada ficaria abalada e sua imaginação superexcitada com a prática mediúnica. Desse modo, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias ou, pelo menos, só tratar do assunto do ponto de vista de suas consequências morais.

Os autores espíritas, quando tratam do assunto, repetem essas observações de Kardec, às quais é bom adicionar uma explicação importante. Certas faculdades mediúnicas, como a vidência, são muito comuns durante a primeira infância.

O próprio Codificador escreveu que a mediunidade de vidência parece ser frequente, e mesmo geral, nas criancinhas. (Veja "Revista Espírita" de 1865, p. 262.)

O fato decorre de que não existe ainda, até os 7 anos de idade, uma total integração entre a alma e o corpo da criança, o que favorece o desprendimento parcial da alma e, por causa disso, a possibilidade de certas percepções, como a visão de pessoas falecidas ou Espíritos. Essa fase, no entanto, é passageira e pode ser que, ao tornar-se adulta, jamais a pessoa experimente situações semelhantes.

26/10/2007

Edição 28

Oswaldo me pergunta qual é a importância do culto do Evangelho no lar para nós e nossos familiares.

A importância do culto cristão no lar é fundamental e um tema bem conhecido dos espíritas. Diz Bezerra de Menezes que muitos dos que partem para a vida espiritual, finda a existência corporal, costumam permanecer apesados à trilha corpórea. Encontram-se desencarnados, mas não **libertos**; invisíveis, mas não **ausentes**. A prece e a leitura de uma página do Evangelho podem, sem dúvida, ajudá-los muito na necessária readaptação à vida espiritual.

A origem do culto cristão em família encontramos numa proposta de Jesus, como Neio Lúcio narra no cap. 1 de seu livro "Jesus no Lar", psicografado por Francisco Cândido Xavier. No meio espírita, a ideia dessa prática nasceu com Allan Kardec, como o leitor pode ver na Revista Espírita de 1864, p. 234.

Foi Joanna de Ângelis, contudo, quem primeiro descreveu os benefícios do culto cristão no lar, em linda página que compõe o cap. 59 de sua primeira obra, Messe de Amor, psicografada por Divaldo Franco.

Eis o que a mentora espiritual do estimado confrade escreveu a respeito do assunto:

"Dedica uma das sete noites da semana ao Culto Evangélico no Lar, a fim de que Jesus possa pernoitar em tua casa. Prepara a mesa, coloca água pura, abre o Evangelho, distende a mensagem da fé, enlaça a família e ora. Jesus virá em visita.

Quando o Lar se converte em santuário, o crime se recolhe ao museu. Quando a família ora, Jesus se demora em casa. Quando os corações se unem nos

liames da fé, o equilíbrio oferta bênçãos de consolo e a saúde derrama vinho de paz para todos.

Jesus no Lar é vida para o Lar. Não aguardes que o mundo te leve a certeza do bem invariável.

Distende, da tua casa cristã, a luz do Evangelho para o mundo atormentado.

Quando uma família ora em casa, reunida nas blandícias do Evangelho, toda a rua recebe o benefício da comunhão com o Alto. Se alguém, num edifício de apartamentos, alça aos Céus a prece da comunhão em família, todo o edifício se beneficia, qual lâmpada ignorada, acesa na ventania.

Não te afastes da linha direcional do Evangelho entre os teus familiares. Continua orando fiel, estudando com os teus filhos – e com aqueles a quem amas – as diretrizes do Mestre e, quanto possível, debate os problemas que te afligem à luz clara da mensagem da Boa Nova e examina as dificuldades que te perturbam ante a inspiração consoladora do Cristo.

Não demandes a rua, nessa noite, senão para os inevitáveis deveres que não possas adiar.

Demora-te no Lar para que o Divino Hóspede aí também se possa demorar. E quando as luzes se apagarem à hora do repouso, ora mais uma vez, comungando com Ele, como Ele procura fazer, a fim de que, ligado a ti, possas, em casa, uma vez por semana em sete noites, ter Jesus contigo.”

2/11/2007

Edição 29

Um amigo me pergunta se é conveniente a uma equipe mediúnica realizar estudos doutrinários nos minutos que antecedem a sessão mediúnica.

Estudar a Doutrina Espírita é prática recomendada por inúmeros autores, inclusive o Espírito de Verdade, de quem é comum ouvirmos no meio espírita esta conhecida recomendação: “Espíritas, amai-vos; este o primeiro ensinamento. Instruí-vos, este o segundo”.

O ideal, porém, é que o estudo seja feito em outro horário, e não como parte integrante da reunião. No horário reservado à sessão mediúnica, por motivos óbvios, a leitura deve observar o que André Luiz recomenda no livro “Desobsessão”, evitando-se aí duas coisas: a leitura de obras técnicas e comentários sobre a leitura feita. Os livros sugeridos por André são o Evangelho, o Livro dos Espíritos e uma obra de comentário dos ensinamentos espíritas, como os livros “Pão Nosso” e “Vinha de Luz”, de Emmanuel, ou algo equivalente, fazendo-se a leitura pausadamente mas sem aditar-lhe nenhum comentário.

Sobre a importância do livro “Desobsessão” para o aprimoramento das reuniões mediúnicas espíritas em nosso país, basta ler seu prefácio, assinado por Emmanuel, ou a carta que Chico Xavier dirigiu ao presidente da FEB, inserta em “Testemunhos de Chico Xavier”, p. 406 e seguintes, de Suely Caldas Schubert.

9/11/2007

Edição 30

Hugo me pergunta: Quando o homem reencarna? E por que reencarna?

O Espírito reencarna quando chega o momento de vivenciar novas provas e expiações. O tempo entre uma encarnação e outra varia de alguns anos a muitas décadas, dependendo sempre do merecimento e da necessidade do Espírito.

Os homens reencarnam porque é da Lei de Progresso que exista o aperfeiçoamento constante. Mas chega um dia em que não mais é preciso encarnar – é quando o Espírito atingiu o cume da evolução, quando não precisa mais da matéria para evoluir. Ele chegou então à condição de Espírito puro, ou seja, depurado das imperfeições que nos caracterizam até atingirmos esse nível evolutivo. Mas, até que se torne Espírito puro, a criatura humana precisa da matéria para aprender e adquirir os valores intelectuais e morais que se incorporarão ao ser imortal. A passagem pela experiência na matéria constitui, assim, uma necessidade para a evolução – o que explica o processo reencarnatório.

Como o Espírito não consegue aprender tudo o que é necessário para tornar-se um Espírito puro em uma única encarnação, ele recebe então de Deus a graça de continuar em outras vidas o que apenas começou na primeira. Daí serem necessárias muitas e muitas encarnações para terminar o aprendizado que o corpo carnal possibilita. A reencarnação é uma bênção de Deus, que não quer a morte de pecador, mas sim que ele se converta e viva (Ezequiel, capítulo 33, versículo 11).

16/11/2007

Edição 31

Pergunta-me uma jovem de nome Marina: Qual é a diferença entre prova e expiação?

Ensina o Espiritismo que os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria e que todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita.

Essa melhora se efetua por meio da encarnação. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral (LE, Introdução, item VI).

Provas são, assim, testes, oportunidades de aquisição de experiência, dificuldades que nada têm a ver com equívocos ou erros cometidos no passado. Riqueza, beleza, vida fácil, tanto quanto pobreza, feiura, vida difícil são provas. Expiação decorre de faltas cometidas pelo Espírito. Segundo a questão 998 d' O Livro dos Espíritos, a expiação se cumpre durante a existência corporal mediante as provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais, inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.

Assim é que o mau rico, por expiação, poderá vir a ter de pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza seus subordinados se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi.

Na questão 262, "a", da obra citada, os imortais informam que Deus jamais apressa a expiação e só a impõe ao Espírito que, pela sua inferioridade ou má-vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando tal existência serve para sua purificação e progresso.

25/11/2007

Edição 32

Rodrigo me pergunta: Por que morrem crianças em tenra idade?

A duração da existência de uma criatura humana obedece geralmente a uma programação reencarnatória.

Vários fatores podem determinar a morte de uma criança, mas, basicamente, a curta duração de sua existência pode representar o complemento de uma existência precedentemente interrompida antes da hora.

Sua morte constitui, não raro, prova ou expiação para os pais. Pode haver, contudo, casos em que a morte de um filho em tenra idade tenha outro objetivo, como, por exemplo, servir de aguilhão para seus pais, como se deu com um famoso médium brasileiro, que se firmou na doutrina ao perder uma filha nessas condições.

2/12/2007

Edição 33

Patrícia indaga: Em que, na realidade, consiste o livre-arbítrio?

O livre-arbítrio pode ser definido como a faculdade que tem o indivíduo de determinar sua própria conduta, ou seja, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais opções, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

Apanágio da criatura humana, o livre-arbítrio se amplia com o aprimoramento espiritual, quando o senso de responsabilidade mais claramente se acentua.

Pensar que seja a vida guiada por um determinismo em que todos os acontecimentos estejam fatalmente preestabelecidos é raciocinar de maneira ingênua, simplória, porque, se assim fosse, o homem não seria um ser pensante, capaz de tomar resoluções e de interferir no progresso. Seria apenas uma máquina robotizada, irresponsável, à mercê dos acontecimentos.

O livre-arbítrio, a livre vontade que tem o Espírito de agir, exerce-se principalmente no momento em que ele se prepara para uma nova encarnação, quando pode escolher o gênero de existência e a natureza das provas a serem enfrentadas.

Escolhendo tal família, certo meio social, o Espírito sabe de antemão quais são as provas que o aguardam e compreende, igualmente, a necessidade dessas provas para desenvolver suas qualidades, curar seus defeitos, despir-se de seus preconceitos e vícios.

9/12/2007

Edição 34

Fernando quer saber por que existem no planeta Terra tantas misérias.

Vimos em ocasião anterior que os mundos dividem-se em cinco categorias e que nos chamados mundos de expiação e provas, que é a atual condição da Terra, o mal predomina. Essa é a razão por que neste planeta o homem vive a braços com tantas misérias.

Na Terra, diz o Espírito de Santo Agostinho, os Espíritos em expiação são, se assim se pode dizer, seres estrangeiros, indivíduos que já viveram em outros

mundos. Mas, informa ele, nem todos os Espíritos que se encarnam neste globo vêm para cá em expiação. Os povos considerados selvagens são constituídos de Espíritos que apenas saíram da infância espiritual e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados.

Existem ainda no planeta grupos de indivíduos semicivilizados, formados por esses mesmos Espíritos num estágio um grau acima de progresso. São eles, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aqui se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares.

Estas informações de Santo Agostinho, que compõem o cap. 3 do livro **O Evangelho segundo o Espiritismo**, de Kardec, obra surgida em abril de 1864, foram de certo modo confirmadas pelo autor do livro **Voltei**, psicografado na década de 40 do século passado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Segundo essa obra, mais de metade dos habitantes da Terra situam-se na condição de Espíritos bárbaros ou semicivilizados, o que explica a existência de tantas mazelas no mundo em que vivemos, fato que não teria nenhuma justificativa se excluíssemos da análise a tese das vidas sucessivas e a lei do progresso, dois princípios fundamentais do Espiritismo.

16/12/2007

Edição 35

Meu amigo Luís me pergunta: De quem é a frase: Fora da caridade não há salvação?

Divisa do Espiritismo, a frase "Fora da caridade não há salvação" aparece em três obras de Allan Kardec (O que é o Espiritismo, O Evangelho segundo o Espiritismo e Obras Póstumas) e, a partir de 1862, em diversos números da Revista Espírita.

O Espírito de Paulo de Tarso a ela fez referência em uma comunicação dada em 1860 na cidade de Paris.

Kardec a utilizara, porém, em **O Que é o Espiritismo**, cuja primeira edição saiu no ano anterior à mensagem de Paulo, ou seja, em 1859.

Há, no entanto, quanto a isso uma dúvida: Teria a frase constado da primeira edição do livro, ocorrida em 1859, ou foi a ele incorporada mais tarde, na edição que deu origem à tradução conhecida por nós brasileiros?

Seja como for, de autoria de Paulo de Tarso ou da lavra de Kardec, é importante lembrar o depoimento dado pelo Codificador do Espiritismo em 1866, como podemos ler na "Revista Espírita" daquele ano, pp. 114 a 116, segundo o qual a bandeira "*Fora da caridade não há salvação*", por ele posta no frontispício do Espiritismo, não surgiu por ato de sua autoridade, mas sim dos ensinamentos dos Espíritos, que a colheram nas palavras do Cristo, em que ela se encontra com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão.

É bom explicar aqui que o conceito de caridade é algo bem conhecido no meio espírita. Caridade significa benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.

Muitas das coisas que denominamos caridade significam, em verdade, beneficência, filantropia. Um ato qualquer, para enquadrar-se no conceito de caridade, tem de estar revestido das qualidades que compõem esse conceito.

23/12/2007

Edição 36

Alguém me pergunta: Como definir uma vivência cristã legítima?

A vivência cristã implica um clima de convivência social em regime de fraternidade, em que todos se ajudam e se socorrem, dirimindo dificuldades e problemas. Viver o Cristo é conviver com o próximo, aceitando-o tal qual é, com seus defeitos e imperfeições, sem a pretensão de corrigi-lo.

O verdadeiro cristão inspira seu semelhante com bondade para que ele mesmo desperte e mude de conduta de moto próprio.

Isolar-se a pretexto de crescer espiritualmente não passa, pois, de uma experiência em que o egoísmo predomina, porque afasta o indivíduo da luta que forja heróis e constrói os santos da abnegação e da caridade. Segundo o Espiritismo, tal procedimento só merece reprovação, visto que não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem deliberadamente se condena a não ser útil a ninguém. É claro que não me refiro aos que se afastam do bulício citadino buscando no retiro a tranquilidade reclamada por certas ocupações, nem aos que se recolhem a determinadas instituições fechadas para se dedicarem, amorosamente, ao socorro dos desgraçados. Apesar de afastados da convivência social, prestam eles, obviamente, excelentes serviços à sociedade e adquirem duplo mérito porque têm a seu favor, além da renúncia às satisfações mundanas, a prática das leis do trabalho e da caridade cristã.

Lembra-nos Joanna de Ângelis que, ao descer das Regiões Felizes ao vale das aflições, para nos ajudar, Jesus mostrou-nos como devem agir os que se dizem cristãos. O Mestre não convocou a si os privilegiados, mas os infelizes, os rebeldes, os rejeitados, suportando suas mazelas e amando-os.

Evocando o exemplo do Cristo, a mentora de Divaldo P. Franco recomenda (*Leis Morais da Vida*, cap. 31):

"Atesta a tua confiança no Senhor e a excelência da tua fé mediante a convivência com os irmãos mais inditosos que tu mesmo.

Sê-lhes a lâmpada acesa a clarificar-lhes a marcha.

Nada esperes dos outros.

Sê tu quem ajuda, desculpa, compreende.

Se eles te enganam ou te traem, se te censuram ou te exigem o que te não dão, ama-os mais, sofre-os mais, porquanto são mais carecentes de socorro e amor do que supões.

Se conseguires conviver pacificamente com os amigos difíceis e fazê-los companheiros, terás logrado êxito, porquanto Jesus em teu coração estará sempre refletido no trato, no intercâmbio social com os que te buscam e com os quais ascendes na direção de Deus."

6/01/2008

Edição 37

Umberto me pergunta como explicar pela visão espírita as doenças e as condições miseráveis de muitos seres humanos.

Na Terra estamos sujeitos a provas e expiações. A lei de causa e efeito rege nossos destinos, como Jesus teve ocasião de explicar em mais de uma ocasião.

Muitas doenças e condições de vida miseráveis não passam de provas solicitadas pelos próprios Espíritos, quando fazem sua programação

reencarnatória, visto que sabem eles perfeitamente que riqueza e pobreza nada mais são do que provas importantes em nosso processo evolutivo.

É evidente que essas condições podem também dar-se por expiação. Jesus não disse que todo aquele que se exaltar será humilhado? Pois bem, quando os talentos nos vêm às mãos e não nos tornamos dignos deles, pode ocorrer que numa outra existência corpórea eles nos faltem.

Assim é que o fazendeiro desumano, duro, que não respeita seus servidores, virá a nascer em ambiente semelhante ao que ele impôs aos subalternos.

A existência difícil, diz o Espiritismo, é mais profícua ao desenvolvimento espiritual. Eis por que muitos pedem a oportunidade de vivenciá-la, olhando mais do alto seus verdadeiros interesses. O materialista pensaria o contrário, mas os cristãos, tanto quanto os espíritas, não são materialistas.

13/01/2008

Edição 38

Regina pergunta: Deus pune? Deus é justo? Deus perdoa?

Segundo os ensinamentos espíritas, podemos afirmar com toda a segurança: Deus não pune, Deus é justo e, por isso, Deus perdoa as faltas que cometemos. Aliás, não é isso que Jesus fez constar na Oração Dominical: "Pai, perdoa as nossas faltas, assim como perdoamos aos nossos devedores"?

O Criador evidentemente estabeleceu leis que regem a vida em todo o Universo. Se as infringimos, devemos sofrer-lhes a consequência. Foi o que levou Jesus dizer a Pedro: "Todo aquele que usa a espada para matar, morrerá sob a espada".

Uma pessoa que reencarne apresentando um processo de retardamento mental não é uma vítima do castigo divino, porque em muitos casos ele já se encontrava assim na pátria espiritual, muitas vezes por causa de um equívoco, de um ato insano, como um tiro desferido contra a própria cabeça. Nascer com a deficiência não significa que ela esteja sendo punida. Digamos que ela esteja colhendo, tal como Jesus explicara ao dizer que a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.

Deus é justo e bom. Tais atributos, ensinados pela filosofia clássica, são confirmados pelo Espiritismo. E é por isso que perdoa, embora seu perdão não consista na anulação do que fizemos, mas sim na oportunidade que Ele nos oferece de repararmos os erros cometidos. Daí advém a necessidade das existências sucessivas, ou reencarnação, que nos dá os meios de fazermos aos outros o que deveríamos ter feito e não fizemos.

20/01/2008

Edição 39

Édson me pergunta qual é, segundo o Espiritismo, a primeira necessidade do médium, para que se torne um bom intérprete dos Espíritos.

Se – do ponto de vista do mecanismo da comunicação – a mediunidade, em si mesma, não depende do fator moral, do ponto de vista da assistência espiritual o fator moral torna-se relevante. Médiuns moralizados contam com o amparo de Espíritos elevados. E por *médium moralizado* queremos referir-nos ao médium que pauta sua vida como um autêntico homem de bem, procurando ser

uma pessoa humilde, sincera, paciente, perseverante, bondosa, estudiosa, trabalhadora e desinteressada.

A primeira necessidade do médium, conforme inúmeros estudiosos, é evangelizar-se a si mesmo, antes de entregar-se às grandes tarefas doutrinárias, pois de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

O médium eficiente é aquele trabalhador que melhor se harmoniza com a vontade do Pai Celestial, cultivando as qualidades que atraem os bons Espíritos e destacando-se pelo cultivo sincero da humildade e da fé, do devotamento e da confiança, da boa vontade e da compreensão.

Segundo o que Kardec escreveu em O Livro dos Médiuns, as qualidades que atraem os bons Espíritos são:

I. a bondade

II. a benevolência

III. a simplicidade do coração

IV. o amor ao próximo

V. o desprendimento das coisas materiais.

Os defeitos opostos a essas qualidades, evidentemente, os afastam de nós.

27/01/2008

Edição 40

Fernando me pergunta: Como o Espiritismo explica a existência dos meninos prodígios?

Para os que acreditam que os anjos já foram feitos assim – inteligentes, virtuosos, inacessíveis às doenças que atingem o homem – não é difícil pensar como o matemático francês Henri Poincaré, que acreditava no talento congênito. “Matemáticos nascem; eles não são feitos”, disse Poincaré.

Sabemos, contudo, no que diz respeito a nós humanos, que nada na vida se conquista de graça. Aprender uma disciplina e tornar-se nela um especialista respeitado exigem dedicação, estudo e, sobretudo, muito tempo.

Como explicar então os talentos precoces, os meninos prodígios? Teriam essas criaturas sido criadas assim, recebendo de Deus um privilégio que não é concedido à maioria de suas criaturas?

Allan Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: “Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc.?” Os Espíritos responderam: “Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Onde queres que venham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem”.

Recentemente, a revista Veja focalizou o caso do jovem Carlos Matheus Silva Santos, que aos 19 anos de idade formou-se doutor pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada, do Rio de Janeiro, repetindo assim os passos de Pascal, Leibnitz, Gauss e Evariste Galois, que se destacaram precocemente no difícil campo da matemática.

A Doutrina Espírita é categórica quanto a esse assunto. Não existem privilégios na obra da criação. Os meninos e os jovens prodígios nada mais são do que Espíritos reencarnados que conseguem acessar com facilidade, por um mecanismo que não é facultado à maioria das crianças e dos adolescentes, as

conquistas intelectuais que fizeram em vidas passadas com esforço, dedicação e muito estudo.

Os meninos prodígios, longe de representarem indícios de um privilégio inadmissível por parte do Criador, são uma das provas mais evidentes da reencarnação, doutrina ensinada por Pitágoras, Sócrates, Platão, Jesus e revigorada, nos tempos modernos, pelo Espiritismo.

3/02/2008

Edição 41

Ana indaga: O que é mediunidade e como desenvolvê-la?

Allan Kardec deu-nos a respeito do vocábulo médium dois significados:

- Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos." (O Livro dos Médiuns, cap. 14, item 159.)
- "Médium: pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens." (Obra citada, cap. 32.)

Diz Emmanuel que a mediunidade "é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra", e não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porque em tal assunto a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual. (O Consolador, questões 382 e 384.)

Ensina Léon Denis que o homem tem de se submeter a uma complexa preparação e observar certas regras de conduta para desenvolver em si o precioso dom da mediunidade. É preciso para isso, simultaneamente, a cultura da inteligência, a meditação, o recolhimento e o desprendimento das coisas humanas.

Divaldo Franco é, no tocante ao assunto, categórico. Segundo ele, a educação mediúnica exige, em primeiro plano, o conhecimento pelo estudo da mediunidade. A seguir, a educação moral e, como consequência, o exercício e a vivência da conduta cristã. Através dos hábitos salutareos do estudo e do exercício do amor, o médium se libera de quaisquer atavismos para fazer-se ponte entre ele e o Criador, sob a inspiração dos Espíritos Superiores.

Para Yvonne A. Pereira, o melhor meio de desenvolver a mediunidade é não se preocupar com o seu desenvolvimento, mas preparar-se moral e mentalmente para poder assumir o compromisso de se tornar médium desenvolvido. E esse preparo não poderá ser rápido. Se a mediunidade não se apresentar assim, espontaneamente, naturalmente, é sinal de que ainda não está amadurecida o bastante para explodir.

Chico Xavier tinha pensamento semelhante. O desenvolvimento da mediunidade, dizia ele, deve ser o burilamento da criatura em si, porque o aperfeiçoamento do instrumento naturalmente permitirá ao Espírito comunicante manifestar-se em melhores condições.

10/02/2008

Edição 42

Ângelo me enviou a seguinte pergunta: Supondo-se que existem mundos superiores à Terra, e sendo Jesus o governador do nosso planeta, poderíamos concluir que existem Espíritos superiores a Jesus?

Antes de responder a essa interessante pergunta, é importante lembrar o que Emmanuel escreveu em seu livro "A Caminho da Luz", obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.

Na Terra – escreveu Emmanuel – passaram as gerações de todos os tempos com suas inquietações e angústias; guerras ensanguentaram o roteiro dos povos; caíram tronos e esfacelaram-se coroas milenárias. E os príncipes do mundo voltaram ao teatro terreno na indumentária humilde dos escravos.

Só Jesus não passou, na caminhada dolorosa das raças, porque ele é a Luz do Princípio, seu coração é a fonte da vida para toda a Humanidade da Terra e nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo.

Por quê? É que na direção de todos os fenômenos de nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo. Essa Comunidade, da qual Jesus é membro, apenas se reuniu nas proximidades da Terra duas vezes: a 1ª, quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar; a 2ª, quando se decidiu a vinda de Jesus à Terra.

Jesus, com suas legiões de trabalhadores divinos, operou a escultura geológica do orbe, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizou o cenário da vida e fez a pressão atmosférica adequada ao homem.

O Mestre, sempre sob as vistas de Deus, estabeleceu também os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 km de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares.

Respondendo, então, à pergunta formulada pelo Ângelo, entendemos que existem muitos Espíritos Puros da estatura de Jesus, ou seja, iguais mas não superiores a ele, porque Espíritos Puros são seres que já chegaram ao ápice da evolução e, por esse motivo, se encontram no mesmo nível evolutivo.

17/02/2008

Edição 43

Alberto me pergunta: "Diante de tantas tragédias que vêm ocorrendo em nosso mundo, tem-se a impressão de que a vida não possui sentido algum. Você concorda com esse pensamento?"

Pergunta parecida com esta foi apresentada a um conhecido cronista brasileiro, em um debate com estudantes, que lhe indagaram o que estaria faltando para que o homem, a história, o mundo, enfim, tivessem um sentido. O cronista, em sua resposta aos jovens, afirmou então que, segundo seu modo de ver as coisas, falta à história e ao mundo uma edição final – a mesma edição que é feita no cinema, nos espetáculos e nos jornais. O mundo, a história e o homem não passariam de um *making of*, uma sucessão atabalhoada de cenas, frases, emoções que necessitam de uma montagem posterior. Com efeito, observou o cronista, o que temos visto na atualidade são guerras e massacres idiotas, cidades erguidas e destruídas, homens matando outros, crianças morrendo de fome, doenças que surgem e doentes que se vão, sem faltar dos terremotos, das tempestades e dos furacões. Que sentido pode ter tudo isso? Quando virá um editor final para dar sentido a tudo?

A pergunta formulada é, como se vê, dessas questões que têm intrigado e continuarão a intrigar gerações de pessoas. E não existe, obviamente, uma resposta fácil para ela, porque as filosofias e religiões conhecidas não têm discutido, como deviam, o problema.

A Terra, já o disse certa vez Emmanuel, que foi mentor espiritual do médium Chico Xavier, é uma casa em reforma. O mundo em que vivemos é um planeta ainda bastante atrasado e as pessoas que nele nascem necessitam, por isso, de passar por provas, expiações e reparações, nessa caminhada que levará a todos, passo a passo, à perfeição possível. Se repudiarmos a ideia da reencarnação, é claro que a visão do mundo e da humanidade será tão caótica quanto aparentemente o é o estado de coisas descrito pelo cronista. A Terra não está, no entanto, como muitos pensam, à deriva. A Terra é uma nave extraordinária que tem no seu comando um condutor preparado, o ser mais evoluído que o planeta já viu e que se chama Jesus. A toda ação corresponde uma reação, quem matar pela espada morrerá sob a espada, quem com ferro fere com ferro será ferido, a sementeira é livre mas a colheita é obrigatória, a cada um segundo as suas obras. Essas regras tão conhecidas, estatuídas por Deus, é que dirigem com sabedoria o roteiro, as locações, as alternativas da vida, que parecem tão confusas e improvisadas mas que obedecem a uma programação meticulosa e a uma ordem que não podem ser compreendidas pelas doutrinas materialistas e por seus partidários.

24/2/2008

Edição 44

Recebi de Ana a seguinte pergunta: “Quando reencarnamos, voltamos sempre ao mesmo grupo familiar, ou podemos renascer em outra família e mesmo em outro país?”

Nossas diferentes existências tanto se passam na Terra como nos diferentes mundos que povoam o Universo. Os vínculos espirituais fazem com que geralmente voltemos ao mesmo círculo de que participamos antes em existências passadas, mas pode perfeitamente ocorrer que sejamos enviados a grupos e locais diferentes, sem que se perca a ligação com aqueles que formam o que chamamos família espiritual. Tudo depende da natureza da prova ou da missão que nos é confiada.

A reencarnação – ao contrário do que muitos pensam – não destrói os laços de família, mas os distende. Como a parentela se baseia geralmente sobre as afeições anteriores, os laços que unem os parentes são menos precários, de modo que podemos perfeitamente encontrar, entre os vizinhos e entre os servidores, Espíritos que estiveram ligados a nós pelos laços consanguíneos.

2/3/2008

Edição 45

Marlene me pergunta o que é essencial no processo de transformação moral da criatura humana.

Tiago, em sua extraordinária epístola, veio ensinar-nos que a fé sem obras é morta. O Espiritismo confirma esse ensinamento mostrando-nos o valor

extraordinário das obras, do trabalho em favor dos semelhantes, do amor e da caridade.

É preciso, porém, que ao trabalho em favor do próximo se aliem o estudo nobilitante e o exercício constante dos sentimentos elevados, únicos remédios para a alma que deseja a regeneração, que são fortalecidos pela oração e pela vigilância, como nos propôs Jesus na célebre advertência: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação!"

Em Londrina há um grupo espírita que adota um sistema bem prático para a consecução da chamada transformação moral, assunto tratado na edição de 13 de janeiro deste ano desta revista.

Eis os cinco os passos adotados pelos participantes do grupo, tal como o leitor pode ler na edição citada:

1º. Adotar, no início de cada dia, a metodologia dos Alcoólicos Anônimos (A.A.), prometendo formalmente a si mesmo observar seu voto diário. Da mesma forma que o Alcoólico Anônimo diz que "hoje não beberei coisa alguma que contenha álcool", o membro do GERA prometerá a si mesmo, ao iniciar cada dia, que fará ou não fará tal e tal coisa. Seu voto é algo particular e de seu exclusivo conhecimento, e se origina das necessidades que o processo de autoconhecimento lhe apontar.

2º. Além de orar diariamente nos horários habituais, manter severa vigilância sobre os pensamentos, os sentimentos e os atos, subordinando-os à ideia central que motivou o voto diário.

3º. Avaliar, antes de dormir, o desempenho individual no dia que se finda, tal como ensinado pelo Espírito de Santo Agostinho na lição constante da questão 919 de **O Livro dos Espíritos**, repassando os atos e acontecimentos do dia e formulando o desejo de não reincidir nos erros porventura cometidos.

4º. Deitar-se, com objetivo de dormir, antes das 2 horas da madrugada, de modo a assegurar sua participação, durante o sono corporal, nas atividades que os componentes do GERA realizam no período das 2 às 5 horas da madrugada, à semelhança do que é narrado no livro *Alguém chorou por mim*, de Fernando do Ó.

5º. Participar de pelo menos duas das quatro reuniões que o grupo realiza em cada ano. Essas reuniões constam de um culto evangélico, seguido de depoimentos dos membros do grupo e da confraternização final. Mas esta é uma obrigação acessória, cuja inobservância não impede a permanência da pessoa como membro do grupo.

A propósito da importância da chamada reforma íntima, é bom lembrar que, segundo Kardec, o verdadeiro espírita se reconhece por sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas inclinações inferiores.

9/3/2008

Edição 46

Adelaide me perguntou: "Jesus morreu, ressuscitou e seu espírito foi para Deus. E a carne, para onde foi?"

Os evangelhos informam que Jesus morreu e, no terceiro dia, ressuscitou e subiu ao Pai. O que teria sido feito de seu corpo, já que ele sumiu? Para responder a isso é preciso lembrar o que nos ensina São Paulo em sua 1ª Epístola aos Coríntios. A ressurreição, diz ele, não é ressurreição da carne, mas ressurreição do espírito. E nos ensina que enterrando-se o corpo carnal

ressurge o corpo espiritual, ou seja, possuímos um corpo de carne e um corpo espiritual, e é este, o corpo espiritual, que ressurge, que ressuscita. Jesus, portanto, ressurgiu em espírito, com seu corpo espiritual. O corpo espiritual, ou perispírito, tem a propriedade de se materializar e foi assim, materializado, que Jesus não apenas apareceu como se deixou tocar pelos discípulos. Quanto ao corpo carnal do Mestre, acreditamos que ele tenha sido desagregado, por ação dele mesmo ou dos Espíritos que o assessoravam naquele momento. Edgard Armond relata no livro "O Redentor", cap. 44, como se deu o fato do desaparecimento do corpo de Jesus.

Existem três provas de que Jesus não ressurgiu com o corpo material: 1ª. Maria de Magdala não o reconheceu e não viu feridas no seu corpo. 2ª. Pedro e os apóstolos não viram nele nenhum ferimento. 3ª. Ao aparecer para os apóstolos, estando Tomé presente, Jesus imprimiu no seu corpo espiritual uma modificação que fez com que as "chagas" ficassem visíveis, o que é uma propriedade do perispírito, que pode assumir a forma desejada, a critério do Espírito.

16/3/2008

Edição 47

Elza me pergunta se vale a pena ler o livro **A vida de Jesus**, de Ernesto Renan. O livro de Renan sobre a vida de Jesus foi comentado por Kardec. Renan foi, como se sabe, um grande escritor, mas, dada a sua irreverência típica, em seu livro a imagem de Jesus não é tratada com o respeito devido.

Eis o que Kardec disse sobre referida obra: "Vê-se assim que todas as suas apreciações decorrem da ideia de que o Cristo só tinha em vista as coisas terrestres. Várias mulheres – diz o Sr. Renan – proviam as suas necessidades. E ele e os apóstolos eram vivedores, que não desdenhavam as boas mesas. Joana, a mulher de Cusa, um dos intendentos de Antipas, Suzana e outras, que ficaram desconhecidas, o seguiam sem cessar e o serviam, afirma o Sr. Renan. Algumas eram ricas e punham, por sua fortuna, o jovem profeta em posição de viver sem exercer o ofício que tinha exercido até então." (Revista Espírita de 1864, pp. 164 e 165.)

Kardec refere-se a Renan em quatro momentos: na Revista Espírita de 1864, pp. 134 a 136; na Revista Espírita de 1864, pp. 161 a 167; na Revista Espírita de 1866, p. 271, e na Revista Espírita de 1867, pp. 136 a 139.

Ler tal obra seria interessante, portanto, apenas como forma de entretenimento, mas não esperemos encontrar nela algo que edifique a alma.

23/3/2008

Edição 48

Maria Helena me pergunta: Qual, dos princípios básicos do Espiritismo, o mais importante?

Dos chamados princípios fundamentais do Espiritismo, três se destacam: o da existência de Deus como o Criador de tudo o que o homem não fez; o da existência dos Espíritos como criaturas suas, e o princípio da natureza espiritual da alma humana, que constitui a individualidade consciente, permanente e imperecível do homem.

Tudo o mais que os Espíritos revelaram – a pluralidade dos mundos habitados, a encarnação e a reencarnação, a lei de causa e efeito, o princípio da necessidade das provações como meio de progresso e das cruciantes expiações – é decorrência natural dos três primeiros. Fulge, no entanto, exuberante e à frente de todos, o princípio da existência do Eterno Criador.

Kardec iniciou “O Livro dos Espíritos” com um capítulo inteiramente consagrado a Deus e às provas de sua existência. Em “A Gênese”, sua última obra, após explicar no capítulo I o caráter da revelação espírita, ele tratou novamente da existência de Deus, mostrando que ela constitui o mais importante princípio da Doutrina Espírita.

Na mesma obra, o codificador do Espiritismo examinou a opinião dos que opõem à tese da existência de Deus o pensamento de que as obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão, sob cujo império tudo ocorre, quer no reino inorgânico, quer nos reinos vegetal e animal, com uma regularidade mecânica que não acusa a ação de nenhuma inteligência livre. O homem – dizem tais opositores – movimenta o braço quando quer e como quer. Aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até à morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas. Tudo isso é verdade, redarguiu Kardec, mas essas forças são efeitos que hão de ter uma causa. São elas materiais e mecânicas, mas são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente.

O Espiritismo nos dá uma ideia de Deus que está de conformidade com a mais perfeita e justa racionalidade. E nos convence da existência do Criador sem necessidade de recorrer a outras provas que não as que provêm da simples contemplação do Universo, onde Deus se revela por meio de leis sábias e de obras admiráveis que constituem um conjunto grandioso de tanta harmonia, e onde há perfeita adequação dos meios aos fins, que se torna impossível não ver por trás desse mecanismo a ação de uma Suprema Inteligência, como os Espíritos Superiores fizeram questão de dizer na resposta dada à pergunta de abertura de “O Livro dos Espíritos”: *“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”* .

30/3/2008

Edição 49

Maria Luíza enviou-me a seguinte pergunta: “Quando encontro alguém que não está bem, procuro mentalizar e orar por alguns momentos na tentativa de mandar fluidos melhores a essa pessoa. Isso é um tipo de passe? Posso fazê-lo sem receio?”

Sim, trata-se de uma forma de passe, o chamado passe a distância, que é bastante utilizado pelos espíritas, muito embora José Herculano Pires tenha advertido, em seu livro “Obsessão, o passe, a doutrinação”, que não devemos, no tocante aos efeitos do passe, desprezar o efeito psicológico da presença do enfermo no ambiente da Casa espírita. O receio de se influenciar não se justifica. Lembra Roque Jacintho (Passe e passista, cap. 19) que a influência negativa que disso poderia advir só ocorre quando se estabelece sintonia com a

zona inferior, por parte do passista. Se este se encontra equilibrado, não há por que temê-la.

6/4/2008

Edição 50

Júlia me pergunta: "Diz O Livro dos Espíritos, na questão 779, que o homem se desenvolve naturalmente, por si mesmo. Como entender esse ensinamento?"

Na citada questão os imortais disseram que o homem se desenvolve naturalmente, por si mesmo, mas nem todos progredem ao mesmo tempo e da mesma forma. E aduzem: É então que os mais avançados ajudam, pelo contato social, o progresso dos outros. Esse é o motivo pelo qual o aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva, ainda que morosa.

Segundo os ensinamentos espíritas, existe o progresso regular e lento que resulta da força das coisas; contudo, quando um povo não avança como deveria, Deus lhe suscita de tempos em tempos um abalo físico ou moral que o transforma.

Lemos nas obras espíritas que muitas pessoas que preferem viver na ociosidade, mesmo quando se encontram no mundo espiritual, despertam para a necessidade de progredir quando veem que os amigos e os familiares mais queridos aproveitaram o tempo e se adiantaram, enquanto eles permaneceram estacionários. Esse despertar os impulsiona para a frente, fazendo com que, a longo prazo, se cumpra o princípio de que todos nós chegaremos um dia à perfeição. A diferença está na velocidade desse processo, mas ele acaba sendo inevitável porque assim quer o Criador.

13/4/2008

Edição 51

Mais uma vez a obra de J. B. Roustaing é objeto de dúvidas por parte de um leitor, como recentemente foi tratado nesta revista.

Dada a relevância do assunto, voltamos a repetir: Quem lê a obra de J. B. Roustaing percebe com facilidade que existem nela quatro pontos que a tornam incompatível com a Doutrina Espírita exposta nas obras de Kardec, Léon Denis, Delanne, André Luiz e Emmanuel.

Os quatro pontos são estes:

1º - A tese de que a encarnação não é obrigatória, nem mesmo necessária, e só se dá em caso de queda do Espírito. A evolução da criatura humana, após a passagem do princípio inteligente pelos reinos inferiores da criação, ocorreria, segundo Roustaing, em cidades espirituais nas quais o Espírito reveste tão-somente um corpo fluídico – o perispírito. Se o indivíduo apresentar nessa condição algum defeito a ser corrigido (vaidade, inveja etc.), aí sim, por castigo, terá de encarnar. A reencarnação seria uma consequência dessa primeira encarnação. O assunto é tratado no volume 1, pp. 317 e 321, no volume 3, p. 91, e no volume 4, p. 292, da 8ª edição, de agosto de 1994, publicada pela FEB.

2º - Ao ter de encarnar, o Espírito fá-lo-á em um mundo primitivo, encarnando-se aí num corpo rudimentar que viverá, como os animais, do que encontrar no solo. "Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos", diz o livro de Roustaing em seu volume 1, p. 313. Um exemplo conhecido de

criptógamo carnudo são as nossas *lesmas*. Roustaing afirma, portanto, que uma alma humana, depois de viver numa cidade espiritual, encarnará numa forma animal que nem mesmo chegou ao nível dos vertebrados, um ensinamento que reedita a doutrina da metempsicose, rejeitada formalmente pela Doutrina Espírita. O assunto é tratado ainda nas pp. 299 e 312 do volume citado.

3º - A encarnação somente se dá em caso de queda do Espírito, uma alusão à retrogradação da alma, que o Espiritismo não admite. Os motivos, diz Roustaing, são diversos e seus resultados, terríveis. "Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso Espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares da encarnação humana*, conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir", eis a lição transmitida na obra em seu volume 1, p. 311.

4º - Afirma Roustaing que Jesus não encarnou para vir trazer-nos a Boa Nova. Seu corpo teria sido fluídico. Ele fora, assim, um agênera, um Espírito materializado e desse modo se explicariam seu desaparecimento dos 12 aos 30 anos e o sumiço do corpo material nos dias seguintes à crucificação. O assunto é tratado nos quatro volumes da obra, constituindo um dos aspectos mais conhecidos da doutrina roustainguista e, por isso mesmo, o mais criticado.

Allan Kardec examinou em suas obras os quatro assuntos acima focalizados: a encarnação do Espírito, que ele apresenta como requisito indispensável à evolução espiritual e ao progresso dos planetas; a metempsicose, que rejeitou expressamente; o princípio da não-retrogradação da alma e a natureza corpórea do corpo de Jesus, ao qual dedicou os itens 64 a 67 do cap. XV de seu livro "A Gênese". Fica claro, portanto, que os adeptos de Roustaing não poderiam intitular-se espíritas, pois defendem uma doutrina que contraria frontalmente os princípios espíritas.

20/4/2008

Edição 52

Alguém nos pergunta por que no meio espírita há quem defenda, em vez da simples imposição de mãos, a movimentação delas para a ministração do passe.

É fácil de compreender por que ocorre divergência de opiniões em tal assunto. Há pessoas que esquecem que o passe ministrado por nós encarnados pertence, segundo terminologia adotada por Kardec, à chamada ação magnética mista, semiespiritual ou humano-espiritual (**A Gênese**, cap. XIV, item 33), na qual, combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Nessas circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador, que em nosso meio ficou popularizado com o nome de médium passista.

Ora, aprendemos em **O Livro dos Médiuns**, cap. 14, item 176, que é esse Espírito quem, associando suas forças fluídicas às forças do médium, dirige o fluido que vai ser derramado sobre o paciente, competindo ao médium passista tão-somente projetar suas forças fluídicas sobre o cérebro do paciente, onde se localiza o centro coronário, que exerce papel fundamental sobre os demais centros ou chacras.

Diferentemente é a ação magnética realizada pelos Espíritos, sem intermediário, diretamente sobre os enfermos, a que Kardec chama de magnetismo espiritual (**A Gênese**, cap. XIV, item 33). A movimentação das mãos por parte deles é justificável, porque eles, vendo o problema específico do paciente, inclusive seus órgãos internos, podem direcionar sobre essas partes o fluido movimentado.

Muitos espíritas que estão encarnados se iniciaram no Espiritismo quando era ainda muito forte a orientação de Edgard Armond a respeito dos passes padronizados. Na própria estrutura do COEM – Centro de Orientação e Educação Mediúnica, obra criada por dois médicos, Alexandre Sech e Célio Trujilo Costa, e um notável professor, Ney de Meira Albach, a primeira versão dos estudos sobre o passe era no sentido dos passes padronizados, algo que mudou por completo quando Herculano Pires tratou do assunto e produziu um livro, pequeno no tamanho mas enorme no conteúdo, intitulado “Obsessão, o passe, a doutrinação”.

Há espíritas, e certamente isso deve ocorrer com alguns médiuns, que sentem uma influência mais forte do Espírito amigo que os auxilia no passe e, movidos por essa influência, movimentam o braço seguindo uma intuição especial, que poucas pessoas sentem. Daí advém a orientação pela simples imposição de mãos visto que, não sabendo qual o problema específico do enfermo, não há razão nenhuma para movimentarmos a esmo nossas mãos.

Concluindo, sem nos importarmos com quem defenda pensamento contrário, somos inteiramente a favor do que Herculano Pires expõe na obra referida, porque foi ele, até o momento, quem melhor explicitou a mecânica do passe em nosso meio. “O passe espírita – ensina Herculano – é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos.”

27/4/2008

Edição 53

Um amigo nos pergunta o que pensamos a respeito das pesquisas com células-tronco embrionárias, que no Brasil são autorizadas pela Lei de Biossegurança, ora em discussão, quanto à sua constitucionalidade, no Supremo Tribunal Federal. Constitui aborto inutilizar os embriões congelados para deles retirar as células?

No meio espírita há três correntes de pensamento acerca do tema embriões congelados, mas é preciso que entendamos que se trata de opiniões pessoais, porque na Doutrina Espírita o assunto obviamente não foi examinado. Não há, pois, uma posição espírita sobre a matéria. O que existe, repetimos, são opiniões emitidas por pessoas e não posição da Doutrina Espírita.

Uma corrente entende que há Espíritos ligados aos embriões desde a fusão entre os gametas masculino e feminino, interpretando literalmente a questão 344 de “O Livro dos Espíritos”. Usar esses embriões equivale, assim, para essa corrente, cessar uma vida já iniciada.

Outra corrente entende que pode haver, ou não, Espíritos ligados aos embriões desde a fusão, baseando-se nos casos de gravidez sem Espírito, assunto tratado na questão 356 de “O Livro dos Espíritos”. Se houver Espírito ligado ao embrião, a medida equivale à prática do aborto. Se não houver Espírito ligado, a cessação da vida do embrião não tem consequência nenhuma porque não se

estará cessando a vida de ninguém. Nas gestações sem Espírito, o feto nasce morto.

Uma terceira corrente entende que nos casos de fertilização in vitro a ligação do Espírito reencarnante se faz no momento da implantação do embrião no útero, um pensamento lógico e que não contraria, segundo os partidários dessa corrente, o ensinamento espírita contido na questão 344, acima citada. Richard Simonetti alia-se a essa corrente e nós também.

O que é certo em tudo isso é que somente o tempo dirá quem tem razão, mas esperamos que ninguém queira envolver o Espiritismo nessa polêmica, porque a Doutrina Espírita, tal como no caso dos transplantes e na cremação de cadáveres humanos, não tratou do assunto.

4/5/2008

Edição 54

Um assunto suscitado por várias pessoas e que intriga os espíritas diz respeito à vida no planeta Marte, sobre o que existe divergência clara de pensamentos entre o que Kardec escreveu e o que alguns autores desencarnados disseram por meio de Chico Xavier.

Na Revista Espírita há referências a quatro planetas do sistema solar. Vênus e Júpiter seriam mundos mais adiantados do que a Terra; Mercúrio e Marte, inferiores ao nosso planeta. As referências a Marte aparecem no volume de 1858 (pp. 70 e 71) e no volume de 1860 (pp. 332 a 334), em que Marte é descrito como um mundo bem inferior à Terra, onde os seres, embora tendo a forma humana, são rudimentares e sem nenhuma beleza.

Duas obras recebidas por Chico Xavier, assinadas por Humberto de Campos e Maria João de Deus, trazem informações diferentes. Por que a contradição? Não sabemos responder. O que podemos, sim, é afirmar que todas as informações relacionadas com as condições de vida e com a natureza dos habitantes dos diferentes planetas não constituem assunto pertinente à Doutrina Espírita, visto que lhes faltam o critério da universalidade do ensino e a possibilidade de comprovação. Como sabemos, no âmbito da Ciência, as opiniões relativas à existência ou não de vida em outros mundos são divergentes. Há cientistas que creem nessa possibilidade, mas a maioria pensa de forma diferente.

Devemos entender, pois, como opiniões pessoais ou como revelações singulares o que Kardec e os dois Espíritos citados escreveram. O consenso universal, ou seja, a concordância entre as várias comunicações obtidas por meio de médiuns diversos em diferentes lugares, é um dos critérios que definem se determinado ensinamento de natureza mediúnica faz parte ou não da Doutrina Espírita. Em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, Introdução, item II, Kardec trata com clareza desse assunto.

Ora, havendo divergências tão claras como as aqui citadas, o tema foge ao arcabouço da Doutrina Espírita e, por isso, não deveria merecer maior atenção por parte dos espíritas.

11/5/2008

Edição 55

Walter, de Guarulhos (SP), diz que ao ler o Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV, item 14, deparou com esta citação: "Job XIV:10-14". E nos pergunta: Quem é Job?, acrescentando que não encontrou tal nome na Bíblia.

O livro de Job é o vigésimo título do Antigo Testamento, conforme lemos na edição da Bíblia comemorativa do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, publicada pela editora Livros do Brasil S.A., conforme tradução feita pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, vol. I, pág. VIII.

O livro de Job, que faz parte do vol. II, págs. 110 e seguintes, inicia-se assim: "Havia um varão na terra de Hus, por nome Job, e era este um varão sincero e reto, e que temia a Deus, e se retirava do mal". Na edição da Bíblia Sagrada, publicada por Edições Paulinas, tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin, os tradutores optaram pelo nome Jó, em vez de Job, por sinal mais conhecido e usado pelas pessoas. Quem jamais ouviu a frase "paciência de Jó"?

Resumindo, Job e Jó são uma única pessoa e podemos usar a versão que preferirmos, cientes, no entanto, de que Figueiredo, o tradutor que optou por Job, integra a lista dos autores considerados clássicos da língua portuguesa.

18/5/2008

Edição 56

Muitos leitores, a exemplo de Maria Dias Martins, de Morrinhos (Goiás), nos perguntam sobre a possibilidade de obterem, no Centro Espírita, mensagens de seus familiares desencarnados.

Esse desejo é compreensível e muito mais comum do que pensamos. É preciso, no entanto, entender que podemos estabelecer contato com nossos familiares desencarnados, independentemente da ajuda dos médiuns, por meio da prece e nos momentos de sono, porquanto aqueles que nos amam continuam a amarnos, estando ou não encarnados.

No tocante ao contato direto por meio de um médium, devemos lembrar-nos do que Chico Xavier dizia: "O telefone com o Além toca de lá para cá", ou seja, os desencarnados nos buscam quando podem e quando há razões fortes para isso. O estudo da Doutrina Espírita esclarece bem a questão, e o leitor, se quiser, poderá obter mais informações sobre o assunto lendo as obras de Kardec, especialmente **O Livro dos Médiuns**, que foi objeto de um estudo objetivo nas edições de número 1 a 22 desta revista, na seção "Estudando as Obras de Kardec".

25/5/2008

Edição 57

O leitor Gilberto Pinheiro, do Rio de Janeiro, aludindo ao livro *Exilados de Capela*, de Edgard Armond, diz que até hoje nenhum planeta foi encontrado no sistema da estrela Capela, que seria constituído de nove formações estelares que apresentam um comportamento orbital que inviabiliza a existência de planetas. Questiona, então, o relato contido no citado livro, segundo o qual Espíritos teriam sido enviados para a Terra procedentes de um planeta situado naquele sistema.

O tema planetas habitados foi por nós tratado na seção de **Cartas** da edição 54 desta revista. Repetimos então o que ali escrevemos, ou seja, que as

informações relacionadas com as condições de vida e com a natureza dos habitantes dos diferentes planetas não constituem assunto pertinente à Doutrina Espírita, visto que lhes faltam o critério da universalidade do ensino e a possibilidade de comprovação.

Sabemos bem que, no âmbito da Ciência, as opiniões relativas à existência ou não de vida em outros planetas são divergentes. Devemos entender, pois, como opiniões pessoais o que a respeito disso tem sido dito pelos Espíritos. No caso de Capela, Edgard Armond apenas dissertou acerca de uma revelação feita por Emmanuel no livro *A Caminho da Luz*, psicografado por Francisco Cândido Xavier. Trata-se, portanto, de uma informação singular que o tempo confirmará ou não. O consenso universal, ou seja, a concordância entre as várias comunicações obtidas por meio de médiuns diversos em diferentes lugares, é um dos critérios que definem se determinado ensinamento de natureza mediúnica faz parte ou não da Doutrina Espírita.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, item II, Kardec trata com clareza desse assunto. Registre-se, porém, que a pluralidade dos mundos habitados e o processo de migração de Espíritos entre os diversos planetas fazem parte do arcabouço da Doutrina Espírita e nenhum autor sério, encarnado ou desencarnado, contestou até hoje esse entendimento.

01/6/2008

Edição 58

Fátima Pereira, que reside no momento em Johannesburgo, África do Sul, perguntou-nos que perigos há no fato de seu marido, que é médium, ter deixado de trabalhar na área da mediunidade.

O assunto é examinado por Divaldo Franco no livro **Diretrizes de Segurança** (Editora Frater, 3ª edição, questão 26), em que ele explica que a mediunidade apresenta-se nas pessoas como sendo uma aptidão. Se essa aptidão não for convenientemente educada e canalizada para a finalidade a que se destina, os resultados não serão os desejados e o médium que abandonou a tarefa enfrentará os efeitos consequentes do desprezo a que sua faculdade ficou relegada. Evidentemente, a faculdade mediúnica não desaparece e a pessoa continua médium, mas, não a dirigindo para a finalidade nobre, passa a ser conduzida por entidades invigilantes, no rumo do desequilíbrio. Enquanto se mantiver no exercício correto de suas funções, encontrar-se-á sob o amparo de entidades responsáveis. No momento em que inclinar a mente e o comportamento para outras atividades, transferir-se-á de sintonia, e aqueles com os quais vai manter o contato psíquico poderão, em face do seu teor vibratório inferior, produzir-lhe danos. Feitas tais considerações, Divaldo Franco lembra que a mediunidade é um compromisso para toda a vida e não apenas para um determinado período de tempo.

Evidentemente, há pessoas que não podem exercer a faculdade mediúnica por terem passado a residir em locais onde não existam centros ou grupos espíritas. Mas, em tais casos, o médium poderá, se quiser, direcionar suas forças medianímicas para outras atividades igualmente nobres, como a evangelização da criança, os passes magnéticos, o socorro e o atendimento dos necessitados encarnados, até que lhe surja oportunidade de retomar a tarefa momentaneamente interrompida.

8/6/2008

Edição 59

O leitor Eugénio Baptista, de Coimbra, Portugal, pergunta-nos para onde vai o fluido vital após a morte do corpo físico de uma pessoa. Ele regressa ao espaço cósmico ou acompanha o perispírito, até desaparecer?

A primeira informação quanto a esse assunto nos veio com a resposta dada pelos imortais à questão nº 70 d' *O Livro dos Espíritos*, na qual se lê que – após a morte dos seres orgânicos – a matéria inerte que os constituía se decompõe e vai formar novos organismos e o princípio vital “volta à massa donde saiu”.

É preciso entender, inicialmente, que fluido vital e princípio vital são expressões equivalentes (cf. *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, de João Teixeira de Paula, vol. III, pág. 75).

Nas demais obras de Kardec pouco, porém, se acrescentou à informação de que com a morte corporal o princípio ou fluido vital “retorna à massa”.

É na obra de André Luiz que encontramos algo mais sobre o assunto, como o leitor pode verificar no livro *Obreiros da Vida Eterna*, cap. 13, pp. 209 a 212, cujo estudo vem sendo feito nas edições semanais desta revista.

Nesse livro André Luiz descreve o trabalho realizado pelo instrutor Jerônimo para a liberação da alma de Dimas. O serviço abarcou três regiões que o instrutor considera fundamentais no processo de liberação do desencarnante: o centro vegetativo, ligado ao ventre, sede das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax, e o centro mental, situado no cérebro.

Logo que Jerônimo concluiu a operação sobre a primeira região, uma certa porção de substância leitosa extravasou do umbigo, pairando em torno. Em seguida, depois de operar sobre a região do tórax, nova cota de substância despreendeu-se do corpo. E, na última etapa do processo, finda sua atuação sobre o cérebro de Dimas, uma brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana e absorveu, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada das duas primeiras regiões. Era difícil, segundo André Luiz, fixá-la com rigor porque as forças eram dotadas de movimento plasticizante.

Estaria ele aludindo ao fluido vital que dali se exteriorizara para “voltar à fonte”? Sinceramente, não o sabemos.

15/6/2008

Edição 60

Adelaide nos pergunta se é normal a perturbação dos Espíritos nos instantes que se seguem à morte do corpo físico.

Ensina o Espiritismo que por ocasião da morte tudo, a princípio, é confuso. O Espírito desencarnante precisa de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesmo. Ele se acha como que aturdido, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam aos poucos, à medida que se apaga a influência da matéria que ele acaba de abandonar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

O processo de desprendimento espiritual é lento ou demorado, conforme o temperamento, o caráter moral e as aquisições espirituais de cada ser. Não existem duas desencarnações iguais. Cada pessoa desperta ou se demora na perturbação, conforme as características próprias de sua personalidade.

A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte, e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos, de conformidade com o estado evolutivo do Espírito.

Breve no caso das almas elevadas, pode ser longa e penosa no caso das almas culpadas. Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa ela é, porque compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

22/6/2008

Edição 61

Uma pessoa nos pergunta como podemos saber se somos ou não dotados de faculdade mediúnica. O assunto foi tratado por Allan Kardec em sua obra *O Livro dos Médiuns*, item 200, e o Codificador do Espiritismo foi ali bem claro: Não existe um diagnóstico para sabermos se alguém é médium. Os sinais físicos pelos quais algumas pessoas julgaram ver indícios não têm nada de certo. A faculdade mediúnica se encontra nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde ou seu grau de desenvolvimento intelectual e moral. Não há senão um meio de verificar se a faculdade existe: é experimentar.

Evidentemente, como sabemos que Kardec sempre recomendou que comecemos pela teoria, é importante que a pessoa estude primeiro a Doutrina Espírita e se inicie nas atividades de auxílio ao próximo. A faculdade mediúnica lhe despontará, então, naturalmente, se essa tarefa estiver prevista em sua programação reencarnatória.

A propósito do estudo da doutrina é bom também que lembremos a advertência feita por Kardec na Introdução d' *O Livro dos Médiuns*: "Estas duas obras [*ele se refere aí ao Livro dos Espíritos e ao Livro dos Médiuns*], se bem que a segunda constitua seguimento da primeira, são, até certo ponto, independentes uma da outra. Mas, a quem quer que deseje tratar seriamente da matéria, diremos que primeiro leia *O Livro dos Espíritos*, porque contém princípios básicos, sem os quais algumas partes deste se tornariam talvez dificilmente compreensíveis".

29/6/2008

Edição 62

Uma pessoa nos pergunta se é verdade que os Espíritos podem influir diretamente sobre nossos pensamentos e atos.

A resposta é sim, como podemos ver lendo as questões 456 a 472 de *O Livro dos Espíritos*.

Na Revista Espírita de 1858, Kardec retomou o assunto e afirmou que os Espíritos exercem sobre os homens uma influência salutar ou pernicioso, e não é preciso, para isto, ser médium. Não havendo a faculdade, eles agem de mil e

uma maneiras. A influência dos Espíritos sobre nós é constante e todos acham-se expostos a ela, quer acreditem ou não. Segundo o Codificador do Espiritismo, três quartas partes de nossas ações más e de nossos maus pensamentos são frutos dessa sugestão oculta. (*Revue Spirite de 1858, p. 285*).

Sabemos hoje, porém, que a base da influencição está na sintonia, está em nossa mente. Fazendo sempre o bem e pondo toda a confiança em Deus, ensina o Espiritismo, podemos neutralizá-la.

6/7/2008

Edição 63

Adilson dos Reis nos pergunta se existe diferença de conteúdo entre os vocábulos ressurreição e reencarnação?

Sim, há grande diferença entre um vocábulo e outro, embora no passado o mesmo vocábulo tenha sido utilizado para significar tanto a ressurreição quanto a reencarnação ou palingenesia.

A reencarnação, como sabemos, fazia parte dos dogmas dos judeus sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, seita judia formada por Sadoc por volta do ano 248 a.C., cuja crença era a de que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso.

Os judeus acreditavam firmemente que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam com o vocábulo ressurreição o que o Espiritismo chama de reencarnação.

Ressurreição diz respeito ao corpo de alguém que morreu. A palavra pode assim aplicar-se a Lázaro e à filha de Jairo, mas não a Elias, nem aos outros profetas que viveram na Terra muitos séculos antes do advento de Jesus.

Se é possível a ressurreição nas chamadas mortes aparentes, que é certamente o que ocorreu com Lázaro, ressuscitar um corpo que já se acha com seus elementos dispersos ou absorvidos é cientificamente impossível.

Reencarnação é outra coisa. É a volta do Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo formado especialmente para ele e que nada tem de comum com a antigo.

Quando Jesus disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade, te digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo", ante a estranheza do senador dos judeus que não entendia como tal situação poderia ocorrer, Jesus replicou como que surpreendido: "Como pode isso fazer-se? Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas, se não credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creeis, quando vos falo das coisas do céu?" (João, 3:1 a 12.)

Quando Jesus disse que Elias já viera e, em seguida, explicou que ele e João Batista eram a mesma pessoa, ele estava se referindo não à ressurreição, mas à reencarnação de Elias, visto que o grande profeta vivera vários séculos antes do Cristo e que João fora visto menino e, por sinal, era seu primo.

A reencarnação constitui um dos princípios fundamentais do Espiritismo, que a apresenta como um dos fatores indispensáveis ao progresso dos Espíritos.

13/7/2008

Edição 64

Um confrade propõe-nos a seguinte questão: "Sabemos que a moral adotada pelo Espiritismo é a mesma de Jesus. Se isso é verdade, que é que o Espiritismo acrescenta ao ensino cristão?"

De fato, como disse nosso amigo, Kardec realmente afirmou na primeira de suas obras que "*a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, ou seja, fazer o bem e não fazer o mal*" ("O Livro dos Espíritos", Introdução, item VI).

O Espiritismo não criou, portanto, nenhuma moral nova, assunto que o Codificador do Espiritismo iria esclarecer mais de dez anos depois, conforme podemos ver no seu livro "A Gênese", cap. 1, item 56: "*A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor*" ("A Gênese", cap. 1, item 56).

O que a moral evangélica recebeu do Espiritismo – explica Kardec nesta última obra – é a sanção, a confirmação, a certeza de sua expansão em todo o mundo, para concretização da profecia proferida por Jesus no conhecido sermão profético, em que o Mestre afirmou: "Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; - e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; - mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. - E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará" (Mateus, 24:11 a 14).

Como novidade estranha aos evangelhos, o ensino dos Espíritos acrescentou à doutrina cristã o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e o vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e seu futuro, dando por sanção à doutrina de Jesus as próprias leis da natureza, visto que nenhum dos princípios espíritas é fruto de decisões conciliares.

A imortalidade, a reencarnação, a comunicação com os mortos, a lei de causa e efeito não são dogmas, mas fatos observáveis pelo experimentador paciente e que nós mesmos iremos um dia atestar, sem necessidade de que ninguém os apresente aos nossos olhos.

20/7/2008

Edição 65

Ricardo nos propõe que especifiquemos aqui alguns dos fatos mediúnicos referidos nos Evangelhos.

Já tratamos deste assunto neste mesmo espaço, ocasião em dissemos que a Bíblia, tanto no Antigo Testamento quanto em o Novo Testamento, é pródiga nas referências a fatos mediúnicos, ou seja, a fenômenos em que Entidades desencarnadas se valem de um intermediário encarnado para transmitir alguma mensagem.

Eis alguns desses fatos colhidos nos Evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos, obra escrita por Lucas:

Gabriel avisa Maria sobre o nascimento de Jesus.

Os pastores são avisados de que próximo deles, numa estrebaria, nascera o menino Jesus.

José é avisado pelos Espíritos de que Herodes decidira a matança dos meninos recém-nascidos.

Jesus recebe no monte Tabor a visita de Moisés e Elias, ambos devidamente materializados.

Após sua crucificação, Jesus aparece a Maria e depois aos apóstolos reunidos na casa de Pedro.

Jesus aparece a Paulo de Tarso à entrada de Damasco.

Na festa de Pentecostes, os apóstolos, em transe mediúnico, recebem mensagens em diferentes idiomas.

Com relação a esse curioso episódio, Emmanuel diz que naquele dia, como podemos ler no cap. 2, versículos 1 a 13, do livro de Atos, os apóstolos que se mantiveram leais ao Senhor converteram-se em médiuns notáveis, ocasião em que, associadas as suas forças, os emissários espirituais de Jesus produziram, por meio deles, fenômenos físicos em grande quantidade, como sinais luminosos e vozes diretas, além de comunicação por meio da psicofonia e da xenoglossia, em que os ensinamentos do Evangelho foram ditados, ao mesmo tempo e em várias línguas, para os israelitas que ali se encontravam, oriundos de diferentes lugares.

As relações entre os cristãos e os Espíritos eram tão frequentes que o evangelista João chegou a escrever: "Amados, não acrediteis em todos os Espíritos, mas vede primeiro se ele vêm da parte de Deus".

27/7/2008

Edição 66

Isabel nos pergunta se concordamos com a proposta contida no artigo "Ajustando a conduta", escrito pelo confrade Luiz Gonzaga Pinheiro, um dos destaques desta edição.

Trata-se evidentemente de um assunto polêmico, mas no geral estamos de acordo de que é preciso corrigir os erros de natureza científica que persistem nas obras de Allan Kardec, como o próprio Codificador propôs em "Obras Póstumas" e no livro "A Gênese".

Em face disso, sempre que a ciência demonstrar que os ensinamentos espíritas se encontram defasados ou equivocados num único ponto, esse ponto deve ser atualizado, tendo em vista que a revelação espírita se elabora de forma gradativa e proporcional à evolução do conhecimento e dos indivíduos que vivem no planeta Terra. Essa é, sem dúvida alguma, a proposta do Codificador do Espiritismo.

Quem estuda o Espiritismo sabe como o próprio Kardec mudou de ideia em relação à "possessão", que ele rejeitou até "O Livro dos Médiuns" e depois admitiu claramente em "A Gênese".

Outro tema, importante no campo da mediunidade, foi a mudança com relação ao fenômeno de transporte e à desintegração da matéria, assunto rejeitado por Erasto no Livro dos Médiuns e hoje plenamente aceito pela comunidade espírita em face do que André Luiz, no livro "Nos Domínios da Mediunidade", e Ernesto Bozzano, em "Fenômenos de Transporte", nos ensinaram a respeito.

Desmaterialização de objetos, seguida da recomposição posterior da matéria desintegrada, eis uma heresia científica até pouco tempo atrás, e que hoje assim não é considerada. Natural, pois, que a obra de Kardec a rejeitasse ao tempo em que viveu o Codificador.

Eis aí dois exemplos de mudanças nos ensinamentos contidos na obra de Kardec e que nenhum abalo causaram à Doutrina Espírita, porque não se referem a questões fundamentais e aos princípios básicos, mas, sim, a assuntos secundários sujeitos a modificações decorrentes do avanço da compreensão humana.

3/8/2008

Edição 67

Um amigo nos indaga o que pensamos a respeito da ortotanásia, um assunto que tem provocado acaloradas discussões nos meios médicos e jurídicos desde que o Conselho Federal de Medicina baixou a Resolução 1.805, de 28/11/2006, na qual estabeleceu: "É permitido ao médico limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente em fase terminal, de enfermidade grave e incurável, respeitada a vontade da pessoa ou de seu representante legal".

Segundo a citada Resolução: O médico tem a obrigação de esclarecer ao doente ou a seu representante legal as modalidades terapêuticas adequadas para cada situação. A decisão tomada deve ser fundamentada e registrada no prontuário. É assegurado ao doente ou a seu representante legal o direito de solicitar uma segunda opinião médica. No art. 2º o CFM diz: "O doente continuará a receber todos os cuidados necessários para aliviar os sintomas que levam ao sofrimento, assegurada a assistência integral, o conforto físico, psíquico, social e espiritual, inclusive assegurando-lhe o direito da alta hospitalar".

As inúmeras discussões em torno do tema advêm do fato de que juristas de renome entendem que ortotanásia equivale à eutanásia passiva e, portanto, não teria, no Brasil, o amparo da lei.

Evidentemente, a pessoa que nos fez a pergunta deseja saber o que achamos do assunto em termos espíritas, o que nos leva, então, a valer-nos do pensamento emitido pelo confrade e médico Júpter Viloz Silveira, que, respondendo sobre o que achava da ortotanásia, não tergiversou: "Sou contra. Como médico, sou favorável à chamada palição, que considera morte tranquila aquela em que a dor e o sofrimento são minimizados por cuidados adequados (cuidados paliativos), no qual o paciente não é abandonado ou negligenciado. Ou seja, a palição procura aumentar o conforto e manter a dignidade do paciente, mas sem interferir na sobrevivência, pois não tem caráter curativo. Suas ações não visam apressar ou retardar a morte, mas fundamentalmente dar conforto ao paciente, tendo como foco as necessidades psicológicas e espirituais do doente terminal e da sua família. Além disso, a palição considera o paciente terminal não como uma máquina, cujas peças estão avariadas e comprometidas, mas como um ser cumprindo sua destinação em acordo com uma visão holística, que entende essencial compreender o Espírito naturalmente ora encarnado, ora desencarnado, sendo esta visão também estendida aos familiares que o cercam. Ora, o ambiente espiritual que envolve o doente terminal é fundamental para que ele possa desvencilhar-se dos laços que o prendem à matéria com serenidade, tranquilo para receber ajuda dos bons Espíritos e, desse modo, prosseguir sua jornada em equilíbrio. Infelizmente, isso frequentemente não ocorre pelo apego e desespero vividos tanto pelo paciente quanto pelos encarnados que o cercam, embora munidos dos mais diversos conhecimentos religiosos".

A entrevista concedida pelo Dr. Júpter Viloz Silveira pode ser vista na íntegra na edição 43 de "O Consolador" – www.oconsolador.com.

10/8/2008

Edição 68

Uma amiga nos perguntou que pensamos a respeito da existência de ideias supostamente racistas no livro **Obras Póstumas**, de Kardec, e respondemos-lhe o seguinte:

1. O livro **Obras Póstumas** não foi publicado por Kardec. Trata-se de textos, a maioria de natureza histórica, que ele não publicou por tratar-se, em grande parte dos casos, de reflexões íntimas, pessoais, que não se enquadram – nem se enquadravam – no que chamamos de Doutrina Espírita. Os critérios da generalidade e da universalidade do ensino são pontos indispensáveis para caracterizar determinado ensino como sendo espírita, conforme está dito claramente na introdução d' **O Evangelho segundo o Espiritismo** e em **A Gênese**.

2. Não há na Doutrina Espírita nada que nos faça supor a existência de ranço racista. Ao contrário. Ensina o Espiritismo que os Espíritos podem reencarnar homens ou mulheres, negros ou brancos, ricos ou pobres, árabes ou judeus, brasileiros ou argentinos, o que mostra, inequivocamente, que essas disputas regionais, nacionalistas ou de classes não passam de bobagens. No caso, por exemplo, da escravidão no Brasil e do racismo no meio espírita, é bom que as pessoas leiam a entrevista que nos foi concedida pelo confrade José Raul Teixeira, publicada na edição 5 da revista **O Consolador**. (A entrevista pode ser vista neste endereço: <http://www.oconsolador.com.br/5/entrevista.html/>.)

3. Se o Espírito pode reencarnar num corpo de pele negra, amarela ou branca, isso significa que é uma infantilidade incentivar ou tentar vislumbrar em nosso meio o racismo.

4. Kardec, evidentemente, não era e não poderia ser racista. O que tentou dizer não se aplica aos Espíritos que animam nossos corpos. Ele se referia ao grau evolutivo alcançado por determinadas culturas. Alguém discorda de que o grau evolutivo das tribos indígenas do Xingu encontra-se num nível inferior ao de uma grande nação europeia? Claro que não, e isso nada tem que ver com racismo. No entanto, podem estar reencarnados em algumas dessas tribos Espíritos de alta envergadura intelectual e moral, presentes ali em tarefa missionária, com vistas a apressar o progresso intelectual e moral daquele povo em seu conjunto.

5. Em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, Santo Agostinho dá-nos uma pista do que Kardec pretendeu dizer. No capítulo III dessa obra lemos que os planetas dividem-se em cinco categorias e que nos chamados mundos de expiação e provas, que é a atual condição da Terra, o mal predomina. Essa é a razão por que neste planeta o homem vive a braços com tantas misérias, mas

não explica, por si só, os desníveis culturais, sociais e econômicos que distinguem a Mauritânia e a Bélgica, só para citar um exemplo.

6. A explicação para esse fato encontramos numa outra informação assinada por Santo Agostinho, que nos diz que na Terra os Espíritos em expiação são, se assim se pode dizer, seres estrangeiros, indivíduos que já viveram em outros mundos. Mas nem todos os Espíritos que se encarnam neste planeta vêm para cá em processo de expiação. As raças que chamamos selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância espiritual e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Observemos o vocábulo saíram, para compreendermos que ele está se referindo a Espíritos jovens, estudantes que estão começando agora seu processo evolutivo na chamada humanidade. E há ainda, um grau acima delas, as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso, as quais são, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aqui se elevaram pouco a pouco, em longos períodos seculares.

7. Ressalve-se nos textos referidos no item 6 tão-somente o vocábulo raça, que hoje não seria usado por sua impropriedade, visto que a Ciência demonstrou que existe apenas uma raça no globo, a raça humana. Na época da Codificação do Espiritismo não existia essa concepção a respeito de raça e Santo Agostinho, para se fazer compreendido, valeu-se dos termos usuais na ocasião, como é comum no processo de comunicação entre os vivos e os mortos.

8. Finalizando, é bom lembrar que a lei do progresso abarca toda a criação e, por isso, ninguém – seja o mais miserável dos habitantes do Nordeste brasileiro, seja o mais humilde irmão da Mauritânia – estará excluído da possibilidade de um dia chegar à meta, que é a perfeição, como está dito com toda a clareza na questão 116 d' **O Livro dos Espíritos**.

17/8/2008

Edição 69

Nosso amigo Delmiro pergunta-nos que é fluido vital. Para responder-lhe vamos recorrer ao Vocabulário Espírita que compõe uma das páginas deste Portal. Para acessá-lo, basta clicar no *link* de mesmo título que se encontra à esquerda em todas as páginas desta revista.

Dizemos isto porque o leitor talvez não tenha percebido a existência desse Vocabulário, que pode ser muito útil na solução de dúvidas de igual natureza.

Fluido vital – que segundo João Teixeira de Paula é o mesmo que princípio vital – é o princípio orgânico que tem por fonte o fluido universal e que tem a propriedade de animar os seres vivos. Conforme as questões 64 e 65 d' O Livro dos Espíritos, fluido vital, fluido magnético e ou fluido elétrico animalizado são termos equivalentes.

Fluido universal, ou plasma divino, hausto do Criador, é o elemento primordial em que vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres. Segundo a questão 27 da obra fundamental do Espiritismo, desempenha ele o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, que é por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela.

Embora seja correto classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conhecemos uma parte mínima. O fluido universal é, enfim, o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

24/8/2008

Edição 70

Um amigo de Novo Hamburgo (RS), depois de informar que seu pai faleceu por afogamento na idade de 47 anos, indaga por que há pessoas que falecem tão cedo.

Esta pergunta é mais comum do que se pensa e vem de todos os lados, de espíritas e de não-espíritas.

Conforme o que ensina o Espiritismo, excetuados os casos de suicídio direto ou indireto, a duração de uma existência corpórea está diretamente ligada à programação reencarnatória da pessoa e às provas por que ela deva passar. Quanto à forma como se processa a morte corpórea, isso tem tudo a ver com a natureza das provas e das expiações constantes da mencionada programação.

É preciso que entendamos que as inumeráveis existências por que passamos na Terra se encadeiam, de tal modo que uma acaba influenciando a seguinte ou as seguintes. Se não existisse um programa a executar, seria realmente difícil entender por que alguns desencarnam crianças, outros ao se formarem na faculdade e diversos numa idade em que muito poderiam ainda oferecer à sociedade e, todavia, são retirados do nosso convívio de repente, aparentemente sem motivo algum.

É bom, no entanto, que nós espíritas entendamos e divulguemos sempre que não existe morte e que a vida prossegue além-túmulo. O que perece é a forma física, o envoltório corpóreo, que utilizamos enquanto necessário ao cumprimento das tarefas assumidas.

31/8/2008

Edição 71

Uma leitora de Belo Horizonte nos pergunta por que a adolescência é o período mais importante na existência de uma pessoa.

Primeiro é preciso esclarecer que essa relevância da adolescência em relação aos demais períodos da existência humana não é afirmada, ao que nos consta, por nenhum autor espírita sério.

E não poderia ser diferente, visto que todos os períodos na vida de uma pessoa são importantes. Pelo menos é isso que Emmanuel disse, a respeito da infância e da juventude.

Eis as palavras do conhecido instrutor espiritual: "A juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para viagem importante. A infância foi a preparação, a velhice será a chegada ao porto. Todas as fases requisitam as lições dos marinheiros experientes, aprendendo-se a organizar e

a terminar a viagem com êxito desejável" (*Caminho, Verdade e Vida, cap. CLI, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier*).

O êxito de uma existência está muitas vezes relacionado ao que ocorreu com a pessoa quando criança. A base moral, tanto quanto a base intelectual, se forma nessa fase, que Emmanuel chama de preparação.

Um menino que não aprendeu as noções elementares da matemática, por exemplo, terá imensas dificuldades na adolescência. Falta-lhe, como dizemos comumente, base.

O mesmo se dá com relação à educação do ser como um todo, lembrando-nos aqui de que educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. É por isso que o ditado popular nos diz que "educação vem do berço".

Educar as crianças, desde a fase uterina, é preparar o cidadão de amanhã, razão por que no Espiritismo se tem dado tanta ênfase à chamada evangelização da infância.

7/9/2008

Edição 72

Uma amiga nos pergunta em que consiste a bicorporeidade.

No fenômeno de bicorporeidade, o corpo espiritual ou perispírito da pessoa se projeta, se desdobra, se desprende, e, depois de desdobrado, se materializa, às vezes com auxílio de algum Espírito desencarnado que participa da operação de ectoplasmia, popularmente chamada de materialização.

Eis como Kardec define o fenômeno: "Isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Demais, pelas mesmas causas que temos exposto, pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de bicorporeidade, foi que deu azo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar." (O Livro dos Médiuns, item 119.)

Segundo Gabriel Delanne comprovou-se que a aparição pode conversar com as pessoas e mesmo bater à porta e beber água. Ora, se a aparição anda, conversa e engole água, tal fato não pode constituir uma imagem mental, mas é, sim, uma verdadeira materialização da alma de um vivo. (A Alma é Imortal, p. 110.)

Explica Delanne: "No curso da vida, a alma se acha intimamente unida ao corpo, do qual não se separa completamente, senão pela morte. Mas, sob a ação de diversas influências: sono natural, sono provocado, perturbações patológicas, ou forte emoção, lhe é possível exteriorizar-se bastante para se transportar, quase instantaneamente, a determinado lugar e, em lá chegando, tornar-se visível de maneira a ser reconhecida." (A Alma é Imortal, p. 112.)

Observa Delanne que, de modo geral, os relatos mostram que para a alma desprender-se é preciso que o corpo esteja mergulhado em sono, ou que os laços que a prendem ao corpo se hajam afrouxado por uma emoção forte ou por doença. As práticas magnéticas ou os agentes anestésicos acarretam também, por vezes, os mesmos resultados. Outra constatação importante, resultante dos exemplos citados, é que a forma visível da alma é cópia

absolutamente fiel do corpo terrestre. A identidade entre a pessoa e seu duplo é completa, e não se limita à reprodução dos contornos exteriores do ser material, pois que alcança até a íntima estrutura perispirítica, ou seja, todos os órgãos do ser humano existem na sua reprodução fluídica. (Cf. A Alma é Imortal, p. 114.)

A bicorporeidade é fenômeno mediúnico ou anímico, isto é, não-mediúnico? No meio espírita, há quem o considere fenômeno mediúnico e há quem o considere fenômeno anímico, não-mediúnico. Este é, por exemplo, o pensamento de Demétrio Pável Bastos, que escreveu em seu livro "Médium - Quem é, Quem não é", cap. XXVII, p. 74 a 77: "A bicorporeidade é, em última análise, uma automaterialização. Observe-se que aqui não concorreu para a consecução do fenômeno nem Espírito nem qualquer outra pessoa que tenha servido de intermediária: a Alma operou por si mesma. Classificação: Segundo Allan Kardec - trata-se de fenômeno não-mediúnico. Justificativa: do fenômeno participa um só figurante, o sensitivo."

14/9/2008

Edição 73

Maria Luísa nos pergunta que diferença existe entre metempsicose e reencarnação.

A reencarnação é a volta de um Espírito a uma nova encarnação, processo que o Criador nos concede para atingirmos a meta de nossa evolução, de nosso progresso individual e do mundo em que vivemos. Não se deve confundir-la com metempsicose, porque a reencarnação dos Espíritos só se dá na espécie humana, enquanto a doutrina da metempsicose, que o Espiritismo não admite em nenhuma hipótese, admite a retrogradação, ou seja, a reencarnação de uma alma humana em corpos de animais e vice-versa.

A Doutrina Espírita é, no tocante a esse assunto, bastante precisa: o homem pode estacionar, mas nunca retroceder na sua caminhada rumo à perfeição. A doutrina da reencarnação, tal como ensinada pelo Espiritismo, se funda na marcha ascendente da Natureza e no progresso do homem, dentro de sua própria espécie. Ele pode, numa existência futura, renascer em um meio mais humilde, mais singelo, menos dotado de recursos materiais, mas será sempre ele mesmo, com a inteligência e as virtudes adquiridas ao longo do tempo por seu Espírito.

A doutrina da metempsicose constitui um equívoco, mas é provável que sua origem repouse num fato verdadeiro, ou seja, a passagem do princípio espiritual, em seu processo evolutivo, pelos reinos inferiores da Natureza. Mas, chegado ao chamado reino hominal, não existe nenhuma possibilidade de reencarnar em corpos de criaturas pertencentes aos reinos inferiores à Humanidade.

O Espírito só chega ao período de humanização depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação, como é ensinado na obra de Kardec, de Delanne e de André Luiz.

21/9/2008

Edição 74

Alguém nos pergunta se existe algum impedimento a que mulheres grávidas participem de reuniões mediúnicas?

Não é aconselhável. O processo reencarnatório do Espírito é uma experiência delicada que envolve muitos aspectos energéticos e psíquicos. Um deles é o estado psicológico da mãe que, sem sombra de dúvidas, se altera por alguns meses, enquanto aguarda a chegada do Espírito que lhe foi encaminhado como filho. Ela necessita de tranquilidade, descanso e não deve se submeter a atividades que lhe exijam grandes perdas de energias de qualquer natureza.

Há, além disso, a questão relacionada com o reencarnante. É sabido pela ciência oficial da extrema importância do equilíbrio e interação mãe-filho desde o ventre. Por conta disso é prudente que se isente a mulher grávida das tarefas da mediunidade. O melhor que ela poderá fazer será cuidar de ter seu bebê em paz. Ao fazê-lo, estará praticando a caridade maior, que é a de dar vida a um novo ser. Quando puder, retornará normalmente às atividades mediúnicas.

Em seu livro "Estudando a Mediunidade", cap. IX, pág. 53, Martins Peralva diz que as senhoras médiuns devem abster-se de participar das sessões de desobsessão a partir do 3.º mês de gestação, opinião defendida igualmente por Chico Xavier.

28/9/2008

Edição 75

Hamilton nos pergunta se os Espíritos desencarnados podem realmente influenciar a nós, encarnados.

A resposta é: sim. A influência que os Espíritos exercem sobre os nossos pensamentos e ações no dia-a-dia é muito maior do que imaginamos, porquanto em muitas vezes são eles que nos dirigem.

Essas influências podem ser boas ou más, ocultas ou ostensivas, fugazes ou duradouras, mas, em qualquer situação, elas só se concretizam em virtude da sintonia que se estabelece entre nós e os desencarnados.

É comum, em muitos dos pensamentos que temos, surgir-nos ideias diferentes sobre o mesmo assunto e, por vezes, ideias que se contradizem. Com certeza nesses momentos estamos sendo alvo da influência dos Espíritos, fato que nem todos percebem, especialmente quando ela se dá de forma sutil e oculta.

Humberto de Campos, em seu livro **Cartas e Crônicas**, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, mostra bem como esse tipo de influência, sutil e oculta, se manifesta, ao relatar o caso de Custódio Saquarema.

Os Espíritos – ensina Rodolfo Calligaris – misturam-se em nossas atividades comuns, perambulam no ninho doméstico, participam das conversações, seguem com os comensais, de quem dependem em processo legítimo de vampirização. Perturbam-se e perturbam. Sofrem e fazem sofrer. Odeiam e geram ódios. Amesquinhamos em si mesmos, amesquinham os outros. Infelicitados, infelicitam.

Os bons Espíritos, ao contrário, suscitam bons pensamentos. Desviam os homens do caminho do mal. Protegem a vida daqueles que se mostram dignos de sua proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos naqueles que não se comprazem em tais sugestões.

5/10/2008

Edição 76

Maria Eunice nos pergunta: Adão realmente existiu? Se existiu, em que época viveu ele?

Ensina o Espiritismo que a espécie humana não começou por um único homem e que aquele a quem chamamos Adão existiu realmente, mas não foi o primeiro nem o único a povoar a Terra.

Kardec indagou aos Espíritos Superiores: "Em que época viveu Adão?" Eles responderam: "Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo" (O Livro dos Espíritos, item 51).

O grupo de pessoas simbolizado na figura de Adão – chamada raça adâmica – foi, com efeito, o mais inteligente que se encarnou na Terra vindo de outros planetas, e foi ele que impeliu ao progresso todos os outros.

O *Gênesis* no-lo mostra, desde seus primórdios, industrioso, apto às artes e às ciências, o que mostra que tal grupo de Espíritos não passou na Terra pela infância espiritual, diferentemente do que ocorreu com os povos mais antigos e primitivos.

Tudo, segundo Kardec, está a provar que a raça adâmica passou a habitar a Terra há poucos milhares de anos, o que não estaria em contradição com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.

De fato, Caim e Abel tinham habilidades desconhecidas dos homens primitivos, como o uso da terra para plantio e o pastoreio. Caim conhecia também a arte da construção de casas e cidades, uma conquista do período neolítico, porque antes dele os homens da Terra viviam em cavernas. Foi, porém, somente no período neolítico – entre os anos 5.000 a.C. e 2.500 a.C. – que surgiu na Terra o pastoreio, seguido do cultivo da terra, e o homem passou de caçador a pastor e a habitar em casas.

Se, conforme relata o livro de *Gênesis*, Caim cultivava o solo e seu irmão Abel era pastor, a data indicada pelos Espíritos a respeito da época em que viveu Adão é perfeitamente compatível com os registros históricos.

Como o povoamento da Terra se iniciou em épocas bem mais recuadas, fica evidente que não descendemos dos pais de Abel e Caim, mas de outros ancestrais que viveram muitos séculos antes da chegada aqui da raça adâmica.

12/10/2008

Edição 77

Um amigo de Curitiba nos pergunta como interpretar corretamente a lição contida na questão 551 d' O Livro dos Espíritos.

A questão 551 d' O Livro dos Espíritos está assim redigida:

551. Pode um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja dedicado, fazer mal ao seu próximo? "Não; Deus não o permitiria."

Apesar dessa resposta, tão peremptória, sabemos que há pessoas que sofrem influências espirituais negativas e mesmo processos obsessivos graves.

Como explicar esse fato?

A explicação pode ser deduzida do que os Espíritos ensinaram numa questão próxima, a de número 557, assim redigida:

557. Podem a bênção e a maldição atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançadas? "Deus não escuta a maldição injusta e culpado perante ele

se torna o que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Tal influência, porém, só se verifica por vontade de Deus como aumento de prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.”

De forma resumida, podemos então concluir que apenas em caso de expiação ou de acréscimo de prova é que alguém pode vir a ser atingido por uma ação maléfica produzida por um indivíduo mau, ajudado por um Espírito de igual natureza.

Desse modo, se o indivíduo não estiver, de acordo com a lei, incurso na necessidade de expiação nem de suportar semelhante prova, Deus não permitirá que tal se dê, e é aí que se torna patente a intervenção espiritual em benefício do indivíduo injustamente visado pelas forças do mal, de que tantos exemplos temos visto na literatura mediúmica, especialmente nas obras de André Luiz e Manoel P. de Miranda.

19/10/2008

Edição 78

Silvana nos pergunta: Como o Espiritismo vê a questão do destino?

O vocábulo “destino” é usado na obra espírita com dois sentidos. Na questão 177 d’O Livro dos Espíritos, ele é utilizado como sinônimo de objetivo, de finalidade da existência humana, que é a perfeição e a suprema felicidade.

No sentido vulgar do vocábulo, que é provavelmente o proposto na pergunta acima, o tema é tratado de modo especial nas questões 259, 851, 866 e 872 d’O Livro dos Espíritos.

Resumidamente, ensina o Espiritismo que nem todas as provas da vida são previstas ou propostas pelo Espírito que se prepara para reencarnar, o qual elabora, com esse objetivo, sua programação reencarnatória.

A chamada fatalidade existe, portanto, tão-somente pela escolha que o Espírito fez de enfrentar, ao encarnar, esta ou aquela prova. Escolhendo-a, institui para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado.

Na aludida programação são previstos apenas os fatos principais, os que influem no destino e o gênero das provas. As particularidades correm por conta da posição em que se acha e são, muitas vezes, consequências de suas próprias ações.

Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabe a que arrastamentos se exporá. Ignora, porém, quais os atos que virá a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe também que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie e não ignora, desse modo, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão.

Os acontecimentos secundários de uma existência corpórea originam-se quase sempre das circunstâncias e da força mesma das coisas. Se tomamos uma estrada cheia de sulcos profundos, sabemos que teremos de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de cairmos. Ignoramos,

porém, em que ponto cairemos e bem pode suceder que não caiamos, se formos bastante prudentes.

26/10/2008

Edição 79

Ana nos pergunta: Quanto tempo um Espírito pode permanecer no plano espiritual? Quando e como ele decide que precisa reencarnar?

Diz Richard Simonetti em "Quem tem medo dos Espíritos" que a intermissão – o tempo que separa duas encarnações – é mais ou menos longo, mas pesquisas feitas por cientistas diversos, valendo-se das técnicas de regressão de memória, dão conta de que em média ela é de 250 anos, um cálculo que pode ser aferido dividindo-se a população global da Terra pelo número de nascimentos que se verificam anualmente.

É bom lembrar que em 1964, em mensagem publicada no Anuário Espírita, André Luiz informou que a população desencarnada da Terra andava perto de 21 bilhões de Espíritos. Como o planeta registrava naquela época cerca de 3 bilhões de pessoas, a oitava parte da população total, não é difícil entender que a fila para o retorno à carne é muito grande.

Deus não apressa a expiação, ensina o Espiritismo. Chegando o momento em que sente a necessidade do retorno, o próprio interessado o propõe, valendo-se dessa faculdade extraordinária, que é apanágio dos Espíritos – o livre-arbítrio. Iniciam-se, então, os preparativos para o seu retorno, que será precedido de uma programação reencarnatória, assunto que o Codificador do Espiritismo tratou em "O Livro dos Espíritos" e na Revista Espírita.

Nesta última, edição de 1866, pp. 182 e seguintes, Kardec afirma que ao deixar a Terra, conforme as faculdades ali adquiridas, os Espíritos buscam o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo estar desprendidos, estejam na noite, nada vendo nem ouvindo.

Quando se prepara para reencarnar, o Espírito submete suas ideias às decisões do grupo a que pertence. O grupo discute o assunto, pesquisa, aconselha. O Espírito pode, então, aconselhado, esclarecido, fortificado, seguir, se quiser, seu caminho, ciente de que terá na jornada terrena uma multidão de Espíritos invisíveis que não o perderão de vista e o assistirão.

2/11/2008

Edição 80

Ana enviou-nos a seguinte pergunta: Quando alguém morre, o Espírito da pessoa pode ficar algum tempo neste plano? Se isso ocorre, por que se dá?

O Espírito, ainda que já esteja desencarnado, pode permanecer no plano terrestre por algum tempo, mas a causa disso, em última análise, é seu nível evolutivo.

Há pessoas tão apegadas à matéria que não apresentam condições nem mesmo de ir para uma cidade espiritual próxima à Crosta. A densidade do corpo espiritual – ou perispírito – a isso se opõe.

Não é difícil compreender que, como ensina Emmanuel, a lei da gravitação universal também se aplica aos desencarnados. O fato não pode, porém,

prolongar-se por muito tempo porque, conforme Ernesto Bozzano disse em seu livro "A Crise da Morte", os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade".

Muitos deles podem, pois, permanecer ligados à sua residência por algum tempo, o que levou Bezerra de Menezes a dizer que nossos mortos são invisíveis, mas não ausentes; estão desencarnados, mas não libertos, ocasião em que mencionou a utilidade do chamado culto do Evangelho no Lar como forma de auxiliá-los.

9/11/2008

Edição 81

Ana nos pergunta: – Se você reencarna para ajudar outra pessoa a evoluir, mas esta não aproveita a oportunidade e você fracassa, terá você na próxima existência a mesma missão até conseguir sucesso?

Na questão 583 d' *O Livro dos Espíritos*, no mesmo capítulo em que é tratada a missão da paternidade, aprendemos que os pais não são considerados responsáveis pelo fracasso dos filhos quando fizeram tudo o que estava ao seu alcance para encaminhá-los na senda do bem.

É evidente que o amor sempre fala mais alto e é perfeitamente razoável admitir que aquele que ama voltará sempre a ajudar o ser que estima, ainda que não esteja a isso obrigado.

Na literatura espírita há relatos sobre dois casos de pessoas que vieram à Terra com tarefa específica de auxílio a determinada criatura – o caso Quinto Varro, que teve a permissão de ajudar seu filho Taciano, assunto central do romance "Ave, Cristo", de Emmanuel, e o de Alcíone, que retornou especificamente para ajudar Pólux, uma história narrada no romance "Renúncia", do mesmo autor.

Segundo o que aprendemos na Doutrina Espírita, as famílias costumam repetir no plano corpóreo as experiências vividas no passado, muitas vezes sob o mesmo título e outras sob títulos diferentes, o que implica dizer que uma mulher pode vir como mãe de uma mesma pessoa em sucessivas existências.

É o amor e a necessidade evolutiva que definem tais situações. E não é difícil entender que a repetição dessas experiências acaba fortalecendo os laços de família, dando origem assim ao que Kardec chama de famílias espirituais.

16/11/2008

Edição 82

Conceição nos pergunta que livros tratam do tema perturbação do Espírito em seguida à morte do corpo.

Várias são os livros que tratam do assunto, mas nos fixaremos aqui em três deles.

Em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, o tema é objeto das questões 149 a 165, que nos informam que a perturbação post mortem é um fato natural em todos nós e varia de acordo com o grau de elevação moral do desencarnante.

No seu livro *A Crise da Morte*, Ernesto Bozzano, depois de examinar 18 casos cientificamente documentados sobre as fases da morte, enumerou em 12 pontos suas conclusões. Eis algumas delas: a) todos os desencarnados

afirmaram terem ignorado, durante algum tempo, que estavam mortos; b) quase todos eles disseram haver passado, depois da morte, por uma fase mais ou menos longa de "sono reparador"; c) todos eles informaram que os Espíritos dos mortos gravitam fatal e automaticamente para uma esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade".

Léon Denis, no livro *Depois da Morte*, explica que a separação da alma do corpo é seguida por um período de perturbação que é breve para os Espíritos justos e bons, que logo se separam com todos os esplendores da vida celeste, mas muito longo, durando às vezes anos inteiros, para os Espíritos culpados, impregnados de fluidos grosseiros.

23/11/2008

Edição 83

Paula nos formula esta pergunta: – Há pessoas, sobretudo vinculadas a outras religiões cristãs, que alegam que os espíritas não têm pela Bíblia nenhum respeito. Há verdade em tais alegações?

A resposta é: Não. Os espíritas respeitam a Bíblia e a estudam, procurando extrair dela ensinamentos que possam concorrer para o progresso do ser humano.

Tal postura não impede que reconheçamos, como os advogados alemães Christian Sailer e Joachim Hetzel, que existam no Antigo Testamento passagens de muita crueldade e relatos de coisas bárbaras como genocídio, racismo, execuções de adúlteros e homossexuais e perversidades diversas atribuídas à vontade de Deus. Como já foi comentado nesta revista, Sailer e Hetzel pediram em agosto de 2000 à ministra da Família da Alemanha, Christine Bergmann, que incluísse as Escrituras na lista dos livros considerados perigosos para as crianças.

A posição dos advogados alemães não constituiu, porém, uma novidade porque em Israel há pessoas que pensam também assim, como o ex-presidente israelense Ezer Weizman, que afirmou no final de 1997 que algumas palavras da Bíblia são impropriedades. "Há coisas no (Velho) Testamento nada simpáticas, indignas de ser lidas", asseverou Weizman numa conferência, dando como exemplo as palavras atribuídas a Moisés no cap. XXXII do Deuteronômio. Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 1, item 2, Allan Kardec adverte que a lei de Moisés é composta de duas partes distintas: a lei de Deus, recebida no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por ele mesmo". "A lei de Deus é inalterável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo."

O erro, que vem sendo repetido pelas religiões cristãs, foi considerar a Bíblia um livro sagrado, intocável, expressão fidedigna da palavra de Deus. Se isso fosse verdade, as cerimônias religiosas e os ritos que ali se contêm não poderiam ter sido excluídos da prática religiosa adotada pelas religiões tradicionais, como a circuncisão.

Jesus, como sabemos, não seguia ao pé da letra as prescrições bíblicas, e mais de uma vez demonstrou a inconsistência de muitas delas, como a que manda se apedreje até à morte a mulher adúltera e a que dá ao dia de sábado um status especial.

30/11/2008

Edição 84

Roselaine nos pergunta: "Qual é, segundo o Espiritismo, o ponto central dos ensinamentos de Jesus?"

Conforme as anotações de João (cap. 18:33-37), Pilatos perguntou a Jesus: "És o rei dos judeus?". O Mestre respondeu-lhe: "Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente houvera combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas, o meu reino ainda não é aqui".

Disse-lhe então Pilatos: "És, pois, rei?". Jesus lhe respondeu: "Tu o dizes; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz".

Por essas palavras, lembra-nos Kardec, Jesus claramente se referiu à vida futura, que ele apresentou, em todas as circunstâncias, como a meta a que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra.

Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que ele apenas falava da vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris. Esse ensinamento pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, porque só ele justifica as anomalias da vida terrena e a mostra de acordo com a justiça de Deus, o que o Espiritismo veio aclarar, ao comprovar que a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese, para tornar-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal maneira que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse respeito, facultam à mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto.

De fato, ter uma noção clara de que a vida prossegue noutros planos ajuda-nos a compreender a transitoriedade de nossa passagem por aqui e a desapegar-nos das coisas puramente materiais, cuja utilidade cessa obviamente com nossa transferência deste para o outro plano de vida.

7/12/2008

Edição 85

Alguém nos pergunta se há algum inconveniente na aplicação de passes fora da Casa espírita e em pessoas alcoolizadas.

Divaldo Franco (Diretrizes de segurança, pergunta 81) e Roque Jacintho (Passe e passista, cap. 16) são categóricos: os passes ministrados no lar da pessoa devem ocorrer em casos excepcionais, quando o indivíduo não reúne condições de ir a uma Casa espírita.

Com relação aos alcoólatras, é preciso lembrar que aqueles que buscam curar-se do alcoolismo podem e devem ser auxiliados com o passe, mas este será mais eficaz se ministrado na Casa espírita, porque, indo ao Centro espírita, eles se desligam do recinto doméstico onde perduram suas formas-pensamentos enfermias.

Se o indivíduo é alcoólatra e no momento do passe se encontra alcoolizado, devemos lembrar o ensinamento constante do livro "Mecanismos da

Mediunidade”, p. 148, o qual nos informa que maior eficácia terá o passe quanto mais intensa for a adesão do paciente.

14/12/2008

Edição 86

João Carlos nos pergunta: Qual é, além da oração, o maior antídoto contra o mal?

A resposta é óbvia: o trabalho.

O trabalho é, ao lado da oração, o mais eficiente antídoto contra o mal, porquanto conquista valores incalculáveis com que o Espírito corrige as imperfeições e disciplina a vontade.

Sem ele, dizem os Espíritos Superiores, o homem permaneceria sempre na infância, no tocante à inteligência. É por esse motivo que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao homem fraco de corpo Deus outorgou, em compensação, a inteligência, cuja utilização constitui também trabalho.

O momento perigoso para o cristão decidido é o do ócio, não o do sofrimento nem o da luta áspera. Na ociosidade surge e cresce o mal. Na dor e na tarefa fulguram a luz da oração e a chama da fé.

É por isso que nos tratamentos dos processos obsessivos a laborterapia é um recurso inestimável, indicado até mesmo por médicos materialistas.

21/12/2008

Edição 87

Ana pergunta-nos se os Espíritos podem interferir por meio dos sonhos para ajudar um ente querido com mensagens e conselhos?

Sim, isso é possível e não apenas por meio dos sonhos, mas igualmente nas ocasiões em que nos colocamos em sintonia com eles, como se dá nos momentos de prece e quando nos concentramos nas leituras elevadas.

Aliás, o pensamento de que os Espíritos que nos amam podem visitar-nos e ajudar-nos é abonado até por adversários do Espiritismo no Brasil, como o frei Boaventura Kloppenburg, que o expõe com clareza no seu livro “Espiritismo e Fé”.

É isso que os imortais quiseram acentuar quando, em resposta à questão n. 459 d’O Livro dos Espíritos, informaram que os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações de tal modo que, frequentemente, são eles que nos dirigem.

4/1/2009

Edição 88

Rosemeire pergunta-nos se, de acordo com os ensinamentos espíritas, é possível neutralizar as influências espirituais, quando negativas.

Sim. É possível à criatura humana neutralizar as influências espirituais negativas, que, conforme já vimos, só se concretizam em virtude da sintonia que se estabelece entre as pessoas.

Para neutralizar a influência dos maus Espíritos, a Doutrina Espírita indica-nos uma receita simples, porém infalível – a prática do bem e a fé em Deus.

Eis o que, a respeito do assunto, foi dito pelos Espíritos Superiores, conforme registra a questão 469 de “O Livro dos Espíritos”:

“Fazendo o bem e pondo a vossa confiança em Deus, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o domínio que sobre vós tentam exercer. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que vos insuflam a discórdia e que vos induzem às más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, pois que vos apanham pelo ponto fraco. Por isso Jesus vos faz repetir na Oração Dominical: Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.

11/1/2009

Edição 89

Ana pergunta-nos: – O que é eutanásia?

Eutanásia é a antecipação da morte de um indivíduo, geralmente de um doente terminal, a pedido dele próprio. No Brasil e na imensa maioria dos países, a eutanásia é proibida, ou seja, a ninguém é permitido provocar a morte de uma pessoa, mesmo que esta esteja vivendo o que chamamos vida vegetativa, sustentada muitas vezes por aparelhos.

Alguns consideram a eutanásia um ato de bondade para com aquele que sofre e está desenganado pela medicina. No entanto, o Espiritismo é absolutamente contrário à eutanásia, porque ensina que todo sofrimento é útil à pessoa, e a ninguém é permitido interromper uma vida, impedindo-a de completar o tempo necessário para sua encarnação.

Ensina o Espiritismo que devemos, sim, minorar o sofrimento dos nossos entes queridos, mas jamais interromper o fluxo da vida, que só a Deus pertence. A eutanásia é repelida expressamente na obra de Kardec, em texto assinado pelo Espírito de São Luís, reiterado por Joanna de Ângelis e diversos outros autores encarnados e desencarnados.

18/1/2009

Edição 90

Júlia indaga: – O trabalho pode ser considerado uma expiação?

No sentido em que a palavra expiação é conceituada no Espiritismo, não; o trabalho não é expiação, é uma necessidade humana, inerente aos objetivos da encarnação dos Espíritos, tal como está claramente definido na questão 132 d’O Livro dos Espíritos.

É evidente que, embora nada tenha que ver com expiação, pode o trabalho, em certos casos, ter também uma finalidade expiatória. Abel Gomes cita em sua obra um caso interessante em que um amigo que levava muitas famílias a contrair a tuberculose reencarnou com tarefa na área médica, na qual, especialista em fisiologia, teve de passar grande parte da existência cuidando de tuberculosos. Nessa existência como médico, ele praticamente não pôde constituir família porquanto àquela época os sanatórios ficavam retirados da cidade e formavam, em verdade, uma espécie de comunidade integrada pelos enfermos e pelas pessoas que deles cuidavam.

O trabalho como médico não era em si uma expiação, mas a dureza da profissão e as condições de sua realização, sim. É nesse sentido que, segundo penso, ele pode ter também um caráter expiatório.

25/1/2009

Edição 91

Um jovem simpatizante do Espiritismo enviou-nos a seguinte pergunta:

– Supondo que eu perca um ente querido e ele reencarne após 5 anos, ao reencarnar não terá ele a aparência de quando era meu ente querido e sim terá uma nova aparência da matéria. Correto? Quando morremos, dizem que entes queridos estarão no outro lado para nos receber. Esses que já reencarnaram não estarão lá mais? E nunca mais teremos contato com eles com aquela aparência por nós conhecida?

Os seres que se amam jamais cortam suas relações mútuas. O período do sono serve, justamente, para que esses encontros se façam entre os que momentaneamente estejam em planos diferentes.

Na obra “Nosso Lar”, André Luiz refere o caso de Ricardo, esposo de Laura, já reencarnado, que aos 3 anos de idade, no período do sono, manifestou-se à esposa e aos filhos com a aparência anterior, de homem maduro, não como uma criancinha.

Digamos que a aparência exterior dos corpos material e espiritual, utilizados pelos Espíritos, funcione como mero disfarce. Sabemos que os Espíritos, quando desencarnados, preferem a forma na qual eles mais se aproximaram do Criador e de suas leis, forma essa que eles podem modificar a seu bel-prazer sempre que houver razões para isso. A necessidade de identificação seria uma dessas razões.

Ademais, ficou comprovado por cientistas europeus, já no final do século XIX, que a regressão da memória a um momento do passado faz com que se reproduza não só o estado psicológico, mas também o estado fisiológico da pessoa, do qual a aparência exterior é um dos componentes.

1º/2/2009

Edição 92

A confreira Efigênia escreveu-nos o seguinte: “No Anuário Espírita de 2006 lemos uma matéria segundo a qual Kardec e Chico Xavier são a mesma pessoa. Que você pensa disso?”

Não acreditamos nessa informação. Aliás, os renomados médiuns e oradores Divaldo Franco e Raul Teixeira também discordam de semelhante ideia, que, excetuada a opinião particular de alguns confrades, como Adelino da Silveira, tem como única fonte o médium Carlos A. Baccelli.

Aproveitando o ensejo, é sempre bom, a propósito dessa e de outras ideias propaladas nas chamadas obras mediúnicas, ter em mente a advertência feita por Kardec na Revista Espírita de 1864 (págs. 68 e 69), em que o Codificador do Espiritismo afirma que só a concordância universal pode dar-lhes a consagração, pois nisso se encontra o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos.

Um princípio, seja qual for, só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos uns aos outros, livres das mesmas influências, isentos de obsessões e assistidos por Espíritos esclarecidos.

Assim é que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada no *Livro dos Espíritos* e no *Livro dos Médiuns*. Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade?

Uma comunicação singular – isto é, não confirmada por outras fontes – deve, pois, aguardar o momento certo de sua divulgação porque sua sanção virá com o tempo e a concordância universal, que é o critério adotado pelo Espiritismo, sem se menosprezar também o valor da razão, da lógica e do raciocínio, recomendados igualmente por Kardec, que inseriu em “O Livro dos Médiuns” a célebre advertência firmada pelo Espírito de Erasto: “Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa”.

Segundo outra fonte, para nós respeitável, Chico Xavier viveu na época de Kardec e nem espírita foi naquela oportunidade. Essa fonte é o médium e excepcional palestrante espírita Armando Falconi Filho, de Juiz de Fora (MG). Obviamente, com relação à sua informação temos de adotar o mesmo critério, acima referido.

Com respeito às diferenças de temperamento e de estilo entre Kardec e Chico, é bom que o leitor releia o que Paulo da Silva Neto e Dora Incontri escreveram e esta revista publicou, que o leitor pode ver acessando, respectivamente, os seguintes endereços: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/71/especial.html> e <http://www.oconsolador.com.br/42/especial.html>.

8/2/2009

Edição 93

André Motta, de São Paulo (SP), dirigiu-nos as seguintes perguntas: 1) Já sonhei, no período da tarde, com pessoas que estavam efetivamente acordadas naqueles momentos. Como explicar tal fato? 2) Crianças que são adotadas em tenra idade, após a desencarnação mantêm contato com a família biológica? 3) Durante o repouso físico, o Espírito sempre *abandona* a vestimenta carnal? 4) Em meados da década de 90, um ator/dublador brasileiro foi morto durante o sono, vítima de um projétil perdido que o atingiu na cama. Li, tempos atrás, que a desencarnação sempre ocorre com a presença do Espírito. Como explicar tal caso?

Eis, de forma resumida, as respostas, de acordo com o que nos é ensinado pela Doutrina Espírita:

1) Quando dormimos, nossa alma liberta-se temporariamente do corpo e podemos assim ter contatos com outras pessoas, encarnadas ou não, estejam estas dormindo ou acordadas. O fato se explica pela capacidade que a alma tem de emancipar-se. O chamado sonho é, então, a recordação do que se deu nesses momentos.

2) Conforme lição assinada por Emmanuel, a criança adotada não é estranha à pessoa que decidiu adotá-la. Já teria havido entre elas um relacionamento no passado e essa é a razão pela qual muitos decidem adotar uma criança que jamais viram e mesmo quando já haviam escolhido um outro tipo de pessoa, levados por um impulso que não conseguem explicar. Com respeito aos pais biológicos, pode ser que haja ou não um relacionamento anterior entre eles e a

criança e, sendo assim, um contato posterior à desencarnação entre tais pessoas é perfeitamente possível.

3) Nem sempre a alma se desprende da vestimenta carnal e daí se afasta. Há aquelas que, mesmo durante o sono, parecem que dormem ao lado do corpo. Mas certamente isso deve abranger um pequeno número dentre os encarnados.

4) Não é a desencarnação mas, sim, o perigo que ameaça a vida de uma pessoa que faz com que sua alma volte e assista ao ato que lhe provocará a morte corpórea. E esse retorno ao local dos acontecimentos não se dá apenas nesses casos, mas em outras situações também, como Kardec já observou em artigo publicado na Revista Espírita.

Finalmente, é bom que o leitor saiba que usamos o vocábulo alma quando nos referimos ao ser espiritual encarnado, e Espírito quando nos referimos ao ser desencarnado.

15/2/2009

Edição 94

Fábio fez-nos a seguinte observação: – Já ouvi diversas vezes pessoas reportar-se ao caráter consolador do Espiritismo. Gostaria que você falasse algo a respeito.

Certa vez perguntaram à conhecida confreira Guiomar Albanese, dirigente do Centro Espírita Perseverança, da Capital paulista, qual era, dentre as aflições humanas, a que mais sofrimento causava nas pessoas que ela atendeu ao longo da vida.

D. Guiomar não teve dúvida e respondeu que, de todas as aflições que acometem as pessoas que buscam a Casa espírita, o que mais perturba a criatura humana não é a aflição ou a dor em si mesma, mas o desconhecimento dos motivos pelos quais as pessoas sofrem.

Como sabemos, muitos que chegam ao Espiritismo são a isso motivados pela dor, pelo sofrimento, pelas aflições, que muitas vezes parecem insuportáveis até que se lhes conhece a gênese, a origem, um dado importante para que a resignação acompanhe os momentos difíceis.

É nisso que se revela o caráter consolador do Espiritismo, que procura nos tempos modernos cumprir a promessa feita por Jesus acerca do Consolador, que o Pai enviaria em seu nome para dar continuidade à tarefa iniciada com o Evangelho.

É esse caráter que encanta e prende as pessoas que tomam contato com a Doutrina Espírita.

Doutrinadas por adversários gratuitos do Espiritismo, quando elas entram numa Casa espírita verificam que nada do que ouviram dos detratores do Espiritismo é verdade. As palestras, os conselhos, as orientações são todas revestidas da proposta de que é preciso transformar-se e praticar o bem, uma vez que no Evangelho encontraremos sempre o caminho para sermos efetivamente felizes.

Muitas vezes o problema, a dificuldade ou a dor continuam na vida da pessoa, mas seu entendimento é, graças ao conhecimento espírita, inteiramente diferente e torna-se geralmente o fundamento de uma resignação que noutros tempos talvez fosse impossível.

22/2/2009

Edição 95

Renato nos pergunta: – Costuma-se dizer, naturalmente: filosofia de Platão, doutrina de Marx, concepção de Hegel. Podemos também chamar o Espiritismo de *doutrina kardecista* ou *kardecismo*?

Não. Quem o diz é o próprio Kardec, em “O que é o Espiritismo”, cap. I, segundo diálogo.

Com efeito, observa o Codificador, há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital: que estes são todos obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que, no que respeita à Doutrina Espírita, ele não tem o mérito da invenção de um só princípio.

Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz. Nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade?

O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais o Codificador se considerava simples átomo.

Quando alguém, nos dias atuais, diz ser *kardecista*, usa, pois, um vocábulo inadequado, embora compreendamos por que alguns agem assim. No mesmo equívoco incorre quem recorre à palavra *kardecismo*, utilizando-a no lugar de Espiritismo.

1º/3/2009

Edição 96

André Motta, de São Paulo (SP), enviou-nos, por e-mail, quatro interessantes perguntas, às quais responderemos nesta e na próxima edição desta revista. As duas primeiras são estas:

1) Quando o Espírito deixa a vestimenta física durante o sono e se desloca para algum lugar, tal deslocamento acontece de modo aleatório? Poderíamos viajar a países distantes?

2) Sendo possíveis e permitidas tais viagens, com que velocidade ocorre o deslocamento? Lembro-lhe que há uma limitação física para a velocidade; tal limitação, é a própria velocidade da luz no vácuo, de acordo com a Teoria da Relatividade estruturada por Einstein.

Eis, de acordo com os ensinamentos espíritas, as respostas:

1) No momento em que o Espírito se emancipa, desprendendo-se provisoriamente do corpo material, ele se desloca do modo que queira e pode viajar, sim, a países distantes bem como às diferentes moradas existentes no chamado plano espiritual. A única restrição a esse deslocamento advém do seu nível evolutivo, visto que, como já ensinava Cairbar Schutel em “A Vida no Outro Mundo”, pp. 82, 83, 85 e 107, há no Outro Mundo diversos planos de existência e os Espíritos, revestidos de seu corpo espiritual, não podem viver num meio que não esteja de acordo com sua vestimenta espiritual, que vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade. Uma região isenta de oxigênio seria hostil a Espíritos ainda necessitados de oxigênio. Os círculos que envolvem a Terra se diferenciam, como sabemos, pela fluidez da matéria que os compõe.

2) O limite da velocidade desse deslocamento é a velocidade do pensamento, embora o Espírito possa deslocar-se mais ou menos vagorosamente, como faríamos durante a vigília utilizando o corpo físico.

8/3/2009

Edição 97

De André Motta, de São Paulo (SP), eis as duas perguntas a que nos referimos na edição passada:

1) Recentemente verificamos a posse de Barack Hussein Obama como presidente dos Estados Unidos da América. Sabe-se que se trata de uma superpotência militar e econômica e, portanto, as decisões tomadas por seu presidente podem afetar diretamente todo o planeta. Pergunto-lhe: Há, de alguma forma, a ação de Amigos Espirituais na eleição presidencial americana? E uma vez empossado, tal presidente recebe, por algum meio, orientações de Amigos Espirituais na condução dos inúmeros problemas que o cargo acarreta?

2) A classe política brasileira é reconhecidamente corrupta e incompetente. Apenas alguns nomes do cenário político estão livres de processos judiciais. De qualquer maneira, tais senhores foram eleitos de modo democrático, através do voto popular. Sistemáticamente escolhemos péssimos representantes e durante o mandato, somos bombardeados por ações abjetas, incompatíveis com homens de bem. Pergunto: Nossos políticos não são apenas o reflexo lamentável de nossa população estúpida e despreparada? Serão necessários vários anos, para que nos tornemos um país sério, conforme afirmou o ex-presidente da França, o general de Gaulle?

Com base em tudo que temos aprendido com a Doutrina Espírita, eis como vemos as questões apresentadas:

1) As nações, tal como as instituições e as pessoas, têm também seus protetores invisíveis. É à ação dessas potências espirituais que Emmanuel se refere em seu livro "A Caminho da Luz", pp. 217 e 218, quando menciona os "ascendentes místicos" que dominam os centros do progresso humano em todos os seus departamentos. O propósito dos Benfeitores Espirituais será sempre o bem e sua influência sobre os governantes, obviamente, terá sempre tal direção. Mas não podemos esquecer que somos dotados de livre-arbítrio e que, diante de uma inspiração qualquer, a decisão final cabe apenas a nós, como indivíduos ou como governantes.

2) O atraso moral não é apanágio apenas do nosso país, mas é o padrão do mundo em que vivemos, onde o mal e seus derivados reinam soberanamente na forma de guerras, corrupção, iniquidade, violência, desigualdades sociais e injustiças que se verificam em todos os continentes, e não apenas em alguns poucos lugares. Em 1948, ano em que escreveu o livro "Voltei", psicografado por Chico Xavier, Frederico Figner transmitiu-nos a informação de que mais da metade dos habitantes deste planeta era constituída por Espíritos semicivilizados ou bárbaros e que as pessoas aptas à espiritualidade superior não passavam de 30% da população global. Não admira, pois, reconhecer que a transformação do mundo exigirá ainda muitos séculos de luta, de sofrimento e de trabalho no bem, quando então a paz, a concórdia e o entendimento entre as pessoas serão a tônica do planeta.

15/3/2009

Edição 98

Alexandre, reportando-se a um assunto inúmeras vezes focalizado nesta revista, pergunta por que ocorrem influências espirituais sobre os homens. E acrescenta: Tais influências cessarão um dia?

Quando o Espírito está pronto para as primeiras encarnações na espécie humana, passa a gozar de algo que não existe nos reinos inferiores da Natureza: o livre-arbítrio, a liberdade de definir o seu caminho, de escolher sua forma de agir.

Dissertando sobre esse direito de escolher, os Espíritos superiores explicam que o livre-arbítrio se desenvolve à medida que adquirimos a consciência de nós mesmos. Se não pudéssemos escolher, não haveria liberdade. A causa que nos leva a tomar esse ou aquele caminho está, porém, fora de nós, nas influências que recebemos, às quais podemos resistir ou ceder, usando o livre-arbítrio que Deus nos concedeu.

É isso que está contido na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram, como explica muito bem a questão 122 de *O Livro dos Espíritos*.

Recebemos então, desde as primeiras existências, influências boas e más, ocultas ou ostensivas, fugazes ou duradouras. Aliás, as chamadas tentações são tratadas no Antigo e no Novo Testamento, como podemos ver no Eclesiástico, na Epístola de Thiago e nos ensinamentos de Jesus.

Isso terminará algum dia?

Claro, mas essas influências nos acompanharão em toda a nossa trajetória como Espíritos, até que tenhamos conseguido tanto império sobre nós mesmos que os maus desistam de nos perturbarem, o que mostra com clareza que é nessa luta milenária que forjamos o nosso caráter e fortificamos o nosso espírito.

22/3/2009

Edição 99

Elizabeth, tratando do tema pluralidade dos mundos habitados, pergunta se existe intercâmbio entre os planetas. E aduz: Se existe, como esse intercâmbio se concretiza?

A pluralidade dos mundos habitados é, como já se disse tantas vezes, um dos princípios fundamentais do Espiritismo.

Na obra da criação divina, entre os mundos destinados à encarnação de Espíritos em estágio probatório ou expiatório, encontra-se a Terra, uma das inumeráveis habitações do ser humano.

Evidentemente, existem muitos outros mundos que abrigam humanidades semelhantes à nossa, não sendo o homem terreno o único ser corpóreo dotado de inteligência, racionalidade e senso moral no Universo imenso.

Criado simples e ignorante, dotado de livre-arbítrio, inclinado tanto para o bem quanto para o mal, falível portanto, o Espírito sujeita-se a encarnar e reencarnar, experimentando múltiplas existências corporais na Terra ou em outros planetas, tantas quantas forem necessárias para ultimar sua depuração e seu progresso.

Esse processo admirável realiza-se por meio das emigrações e imigrações de Espíritos, ou seja, da alternância sucessiva e múltipla das existências humanas nos dois planos da vida: o corpóreo e o espiritual. Todo Espírito encarnado, enquanto seu corpo vive, está vinculado ao mundo em que encarnou.

Desencarnado, passa ele à condição de Espírito errante, que é exatamente o indivíduo que necessita reencarnar para depurar-se e progredir. No estado de erraticidade o Espírito continua a pertencer ao mundo onde tem de encarnar, mas, não estando a ele fixado pelo corpo, é mais livre e pode até mesmo visitar outros mundos, com a finalidade de instruir-se.

As emigrações e imigrações de Espíritos ocorrem também entre mundos diferentes, isto é, podem os Espíritos emigrar de uns para outros planetas.

Uns emigram por força do progresso realizado, que os habilita a ingressar em um mundo mais adiantado, o que é um prêmio para eles; outros, ao contrário, são banidos do mundo a que pertencem por não haverem acompanhado o progresso moral atingido pela humanidade desse mundo. O exílio que lhes é imposto constitui verdadeiro castigo, que a lei de justiça impõe aos recalcitrantes no mal, escravizados ao orgulho e à sensualidade.

Além disso, os habitantes de mundos mais adiantados, como Júpiter por exemplo, procuram auxiliar os mundos mais atrasados, o que assegura um intercâmbio intenso entre eles.

29/3/2009

Edição 100

Gilberto Pinheiro, do Rio de Janeiro, em mensagem enviada a esta revista no dia 8 de março, critica duas proposições contidas em "O Livro dos Espíritos", que ele considera frágeis e questionáveis.

A primeira diz respeito à questão 359, assim grafada na citada obra:

– Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda? "Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe."

Escreveu o confrade em seu comentário: "Primeiramente, Kardec respalda-se na ambiguidade de resposta, pois ele mesmo reconhece que a vida se inicia na fecundação, ou seja, na junção do espermatozoide com o óvulo, formando a célula ovo ou zigoto. A partir desse instante, o espírito já se manifesta. Sendo assim, abraçando a atividade de professor, não deveria aceitar uma resposta direta, incoerente, àquilo que acreditava. Ora, se a vida inicia-se na fecundação, deveria questionar incansavelmente, até entender essa resposta incabível no circuito da lógica e da racionalidade. Como professor, precisava embasar-se mais, indagar ao espírito com mais profundidade, mais aprimoramento, e não aceitar passivamente uma resposta desfocada da verdade, tão frágil como uma casca de ovo. A resposta de um ser iluminado deveria levar em consideração a tentativa de salvar-se ambos, ou seja, mãe e filho em formação em seu ventre e não essa resposta insipiente, inconcludente, ilógica, sem identificação com a verdade. Cristo jamais daria uma resposta como essa, tão incoerente aos princípios morais que regem a vida."

*

Conquanto respeitamos as opiniões de todas as pessoas, é preciso convir que o confrade, além de ter sido muito rigoroso em sua crítica a Kardec, equivocou-se em suas colocações. Ora, a vida de uma criança realmente se inicia na

concepção, mas só se completa com o nascimento, como ensinam os imortais na questão 344 da mesma obra, adiante transcrita:

– Em que momento a alma se une ao corpo? “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

Em caso de risco para a gestante, a opção de salvá-la, em detrimento da continuidade da gestação, é uma medida óbvia, visto que o ser que existe, ou seja, o ser completo é a mãe, não o nascituro, que até mesmo em face da legislação brasileira só terá assegurados seus direitos se nascer com vida.

Há situações em que a ciência médica não tem nenhuma dúvida: se a gestação continuar, a gestante morrerá. Em casos assim, se os interessados tiverem de fazer alguma opção, é claro que será preferível proteger a mulher, cuja morte, em muitos casos, pode acarretar também a morte do filho agasalhado em seu ventre.

É evidente que, antes da opção pelo abortamento, devemos tentar todos os recursos possíveis no sentido de salvar a gestante e a criança. Quanto a isso, não existe dúvida alguma e Kardec nada ensinou em contrário. Mas, se for necessário salvar alguém, a preferência, de acordo com o entendimento contido na questão 359, deve recair sobre a mulher, que poderá mais tarde engravidar novamente e, quem sabe, receber o mesmo Espírito na condição de filho.

A outra crítica de Gilberto Pinheiro diz respeito à questão 659 da mesma obra, assunto que examinaremos na próxima edição, neste mesmo espaço.

5/4/2009

Edição 101

A segunda crítica feita pelo confrade Gilberto Pinheiro ao conteúdo de O Livro dos Espíritos refere-se à questão 688, não à questão 659, que ele mencionou inadvertidamente, pois que ela trata de outro assunto.

Eis o que diz a questão 688:

– Há, neste momento, raças humanas que evidentemente decrescem. Virá momento em que terão desaparecido da Terra? “Assim acontecerá, de fato. É que outras lhes terão tomado o lugar, como outras um dia tomarão o da vossa.”

Na questão seguinte (689) os Espíritos explicam que os homens da época de Kardec não formavam uma criação nova, mas eram os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos e que longe estavam da perfeição.

*

É preciso, em primeiro lugar, lembrar que o conceito de “raça” evoluiu muito de Kardec aos nossos dias. Se substituirmos no trecho transcrito o vocábulo “raças” por “grupos étnicos”, o texto estará próximo do que os Espíritos quiseram informar, visto que atualmente, graças ao avanço da Biologia, prevalece o entendimento de que na Terra, referindo-nos a nós humanos, existe uma única raça – a raça humana.

Um grupo étnico é um grupo de pessoas que se identificam umas com as outras, ou são identificadas como tal por terceiros, com base em semelhanças culturais ou biológicas, ou ambas, reais ou presumidas. Assim como os conceitos de raça e nação, o de etnicidade desenvolveu-se no contexto da expansão colonial europeia, quando o mercantilismo e o capitalismo promoviam movimentações globais de populações ao mesmo tempo que as fronteiras dos Estados eram definidas mais clara e rigidamente.

A crítica de Gilberto não trata, porém, desse aspecto, mas de outro.

Disse ele em mensagem enviada a esta revista:

“O Espírito deixou no ar o que pretendia realmente informar. Vejamos: Que raças estão desaparecendo? Quando citamos *raças*, levamos evidentemente em consideração as características naturais que identificam os seres, como a cor da pele, o tipo de cabelo e suas feições. As raças existentes são a branca, negra, amarela e vermelha. Qual a raça que está desaparecendo? Qual desaparecerá? Não explicou. Resposta evasiva, inconclusiva, defectiva, incompleta, distante de uma resposta mais satisfatória. Se o Espírito desejava dizer que um dia virão pessoas mais evoluídas, o que é natural, deveria ter explicado melhor, abstando-se de afirmar o termo *raças*. Afinal, não existem raças superiores e, por conseguinte, inferiores. Pessoas evoluídas estão em todas as raças. Portanto, não deverá sucumbir nenhuma raça. Afinal, a criação de Deus jamais será descartável. Faltou ao professor o tino do filósofo.”

*

Povos inúmeros, grupos étnicos sem conta desapareceram ao longo da história. Assírios, babilônios, caldeus, em épocas mais remotas. Astecas, maias, incas e inúmeras coletividades aborígenes do Brasil e dos Estados Unidos, em época mais recente.

Com relação à destruição dos aborígenes do México, proposta por um confrade de Bordeaux, a Sociedade Espírita de Paris acusou no dia 8-7-1864 importante orientação assinada pelo Espírito de Erasto. A consulta, considerando a natureza supostamente pacífica dos povos indígenas dizimados pelos espanhóis, indagava que benefício moral teria sido colhido de tanto sangue derramado e se não teria sido melhor que a velha Europa tivesse ignorado o Novo Mundo.

Erasto respondeu dizendo que os costumes daqueles povos eram mais doces que virtuosos e que eles viviam despreocupadamente, sem progredir nem se elevar. Faltava-lhes a luta capaz de retemperar suas fontes vitais, o que seria viabilizado com o cruzamento dos aborígenes com os europeus. Surgiu então desse cruzamento uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardaria a atingir o nível evolutivo dos povos europeus. (*Cf. Revista Espírita de 1864, pp. 241 e 242.*)

Reportando-nos, pois, à crítica do confrade carioca, lembremo-nos de que os Espíritos se valem da terminologia em vigor na época em que se manifestam e, por causa disso, é preciso contextualizar tudo o que dizem, para tirar de suas palavras o espírito, visto que, como sabemos, a letra mata, mas o espírito vivifica.

12/4/2009

Edição 102

Teresa nos pergunta se existem casas assombradas.

De acordo com inúmeros e conceituados pesquisadores espíritas, casas assombradas existem, mas não há motivo real para temermos a aparição dos chamados *fantasmas*, que nada mais são que as almas de pessoas como nós que, extinta a vida do corpo físico, volveram ao plano espiritual.

Se quisermos ajudar, caso o agente da assombração se apresente atormentado, podemos fazê-lo com orações e pensamentos elevados. Muitas manifestações de efeitos físicos são sinal de que o causador do fenômeno deseja chamar a nossa atenção para algo, o que é fácil esclarecer em uma sessão mediúnica bem organizada, levada a efeito em grupos bem estruturados e que disponham de médiuns preparados.

Em maio de 2002, conforme os jornais registraram, o primeiro-ministro do Japão, Junichiro Koizumi, decidiu mudar de residência, mas o motivo alegado nada teve a ver com a realidade dos fatos. Segundo o povo japonês, o ministro mudou-se para escapar das assombrações de sua anterior moradia, um casarão construído há mais de setenta anos e que ganhou notoriedade pelos estranhos fenômenos que ali dentro têm sido registrados. Dois anos antes, por exemplo, o antigo morador da mansão, o primeiro-ministro Yoshiro Mori, declarou que ouvia ruídos insólitos à noite e que portas e janelas se abriam sem que ninguém as tocasse.

O medo das almas do outro mundo, especialmente as que animaram pessoas mortas em circunstâncias violentas, é um traço comum às mais variadas culturas. No caso do Japão, o medo dos mortos vem de muito longe e ainda persiste, em que pese o desenvolvimento tecnológico experimentado pelo país nos últimos quarenta anos.

19/4/2009

Edição 103

Um amigo nos pergunta: - Que diz o Espiritismo acerca do acaso?

O pensamento de que somente o acaso pode explicar certos acontecimentos de nossa vida é mais comum do que se pensa. A ele o historiador austríaco Erik Durschmied dedicou o livro *Fora de Controle – Como o Acaso e a Estupidez Mudaram a História do Mundo*, no qual afirma que a decisão de despejar a primeira bomba atômica sobre Hiroshima foi fruto de puro acaso. Teria sido o mau tempo que poupou as outras cidades, o que levou o historiador a concluir: "Por um capricho da natureza, uma cidade foi escolhida para ser destruída".

Tema de vários estudos de pensadores espíritas encarnados e desencarnados, o acaso não existe. Aliás, Jâmblico já afirmava, tantos séculos atrás, que não existe acaso nem fatalidade, mas uma justiça inflexível que regula a existência de todos os seres. Se alguns se veem em meio a aflições, dizia Jâmblico, não é em virtude de uma decisão arbitrária da Divindade, mas consequência inelutável das faltas anteriores, antecipando-se desse modo à Doutrina Espírita, que nos ensina que a vida é causal, não casual.

Os Espíritos influiriam então nos acontecimentos da vida?

Sim, quanto a isso, ensina o Espiritismo, não existe qualquer dúvida. Aí está um dos motivos da realização de certas coisas aparentemente casuais, como Joanna de Ângelis explica no texto seguinte, extraído do cap. 3 de seu livro **Alerta**, obra psicografada por Divaldo P. Franco:

"O imprevisível é a presença divina, surpreendendo a infração.

“O insuspeitável pode ser considerado como a interferência divina sempre vigilante.

“O inesperado deve ser levado em conta como a ocorrência divina trabalhando pela ordem.”

26/4/2009

Edição 104

Flávio nos pergunta se podemos tornar nosso sono mais produtivo.

A resposta é sim.

Tendo em vista que a alma não dorme, somente o corpo físico é que repousa, é possível obter bom proveito das horas em que o Espírito, em virtude do sono corporal, se encontra desprendido da matéria.

A prece, feita antes de dormir, e o pedido ao protetor espiritual que nos leve à participação em atividades nobres ajudarão muito nesse propósito.

Já nos referimos anteriormente à experiência narrada no livro *Alguém chorou por mim*, de Fernando do Ó, que mostra como é possível ajudar familiares em perigo nas horas em que o corpo está dormindo. Há em muitos lugares pessoas que se preparam, antes de dormir, exatamente para realizar experiências dessa natureza.

Segundo informações de alguns Espíritos amigos, o fato se dá também com um grupo de companheiros de Londrina, vinculados ao Centro Espírita Nosso Lar, os quais procuram adormecer antes das 2 horas da madrugada com a finalidade de participar, durante o sono corporal, das atividades que se realizam à noite para atendimento espiritual organizado por equipes constituídas por entidades desencarnadas e indivíduos encarnados, reunidos então para o mesmo propósito.

O sono não é, pois, como alguns pensam, uma perda de tempo. Necessário ao refazimento das forças físicas, ele atende também a uma finalidade importante e é nesse sentido que pode, então, tornar-se mais produtivo.

3/5/2009

Edição 105

Acir nos pergunta por que há tanto sofrimento no mundo em que vivemos.

O tema sofrimento está relacionado com a chamada evolução anímica.

Sabemos, à luz dos ensinamentos espíritas, que, tendo sido criados simples e ignorantes, os Espíritos têm igual aptidão para a prática do bem e do mal.

O sofrimento é um dos aguilhões que impelem o indivíduo à mudança, visto que existem pessoas que só conhecem a linguagem da dor e só crescem no meio das dificuldades.

Quando as coisas vão bem, elas geralmente não se interessam por nenhuma modificação. Se surgem dificuldades, doenças, problemas, buscam então resolvê-los, o que pode levar, em muitos casos, a uma mudança no comportamento da criatura humana.

Dois são, basicamente, os motivos pelos quais as classes chamadas sofredoras existem em grande número em nosso mundo:

1º. A Terra é um planeta de provas e expiações, e não um lugar de curtição ou uma estação de águas. Ora, só reencarnam em planetas dessa categoria, afora

os missionários, Espíritos que têm de se submeter a provas ou enfrentar processos expiatórios.

2º. Os Espíritos, quando livres da matéria, veem melhor o que lhes interessa, e procuram, geralmente, as provas que lhes sejam mais frutíferas. Fogem então da vida fácil, que em nada lhes aproveita com relação à meta que todos nós almejamos, que é a perfeição.

10/5/2009

Edição 106

Em face da implantação nesta revista de mais uma seção – **Livros que recomendamos** – Marco Túlio nos pergunta: – Que livros devo ler para iniciar-me corretamente no Espiritismo?

O conhecimento da Doutrina Espírita requer em primeiro lugar a leitura e o estudo das obras que compõem a Codificação Kardequiana, das quais as principais são estas, de acordo com a ordem cronológica de sua publicação: "O Livro dos Espíritos", lançado em Paris (França) em 18 de abril de 1857 e consideravelmente ampliado em março de 1860; "O Livro dos Médiuns", publicado em janeiro de 1861; "O Evangelho segundo o Espiritismo", lançado em abril de 1864; "O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo", publicado em agosto de 1865; e "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", lançada em janeiro de 1868.

Além das obras citadas, que formam o chamado Pentateuco Kardequiano, Kardec escreveu outras obras, consideradas introdutórias ou complementares, a saber: "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas" (1858); "O que é o Espiritismo" (1859); "Viagem Espírita em 1862" (1862) e "O Espiritismo em sua mais Simples Expressão" (1862). Depois de seu falecimento, seus amigos reuniram artigos e anotações esparsas deixadas pelo Codificador, do que resultou um livro bastante interessante intitulado "Obras Póstumas", publicado em 1890.

Compõe ainda a obra kardequiana a coleção da "Revista Espírita", enfeixada em 12 volumes, relativos ao período que vai de janeiro de 1858 a junho de 1869.

Eis aí, de forma resumida, a base que deve orientar os estudos espíritas, à qual o leitor acrescentará, para um maior aprofundamento, as obras de Léon Denis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Carlos Imbassahy, Cairbar Schutel, Herculano Pires e inúmeros autores desencarnados que muito contribuíram para a elucidação da temática espírita, por intermédio das faculdades mediúnicas de Chico Xavier, Divaldo Franco e Yvonne A. Pereira, a exemplo de Emmanuel, André Luiz, Humberto de Campos, Joanna de Ângelis, Manoel Philomeno de Miranda, Amélia Rodrigues, Charles, Camilo Castelo Branco, dentre muitos outros.

17/5/2009

Edição 107

Um leitor desta revista radicado em Portugal pergunta-nos que significam as palavras "ego" e "self", utilizadas com frequência na obra de Joanna de Ângelis, a exemplo do livro *Encontro com a paz e a saúde*, psicografado por Divaldo Franco.

A obra de Joanna de Ângelis relacionada aos aspectos psicológicos do ser humano é, como sabemos, no tocante à terminologia, grandemente influenciada pelas ideias de Carl Gustav Jung, em cujos escritos vamos encontrar o significado de "ego" e "self".

Segundo Jung, o principal arquétipo da criatura humana é o **Si mesmo** ou "self". Sempre de acordo com Jung, o **Si mesmo** ou **Self** é o centro de toda a personalidade. É dele que emana todo o potencial energético de que a psique dispõe. É o ordenador dos processos psíquicos. Integra e equilibra todos os aspectos do inconsciente, devendo proporcionar, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana.

Jung conceituou-o da seguinte forma: "O Si mesmo representa o objetivo do homem inteiro, a saber, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade. A dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não."

O "ego" é o centro da consciência inferior, diferente do Eu, que é centro superior da consciência. O **Ego** é a soma total dos pensamentos, ideias, sentimentos, lembranças e percepções sensoriais. É a parte mais superficial do indivíduo, a qual, modificada e tornada consciente, tem por funções a comprovação da realidade e a aceitação, mediante seleção e controle, de parte dos desejos e exigências procedentes dos impulsos que emanam do indivíduo.

Disse Jung acerca do **Ego**: "É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória!".

24/5/2009

Edição 108

O confrade Francisco nos pergunta se é realmente possível mediante a educação reformar o caráter de uma pessoa.

A resposta é: sim. Contrariamente ao que sempre se imaginou, descobertas recentes no campo da biologia e dos estudos da mente têm provado que tanto o cérebro como a mente humana podem rearranjar-se de maneira drástica e as pessoas podem mudar em qualquer estágio da vida.

Pesquisas recentemente divulgadas têm questionado até mesmo um dos dogmas da psicanálise segundo o qual os adultos carregam para sempre os traumas vividos na infância. Martin Seligman, docente da Universidade da Pensilvânia, afirma em sua obra intitulada "O que você pode mudar e o que não pode" que é possível à criatura humana mudar a timidez, o mau humor, o pessimismo, a depressão e quase todas as disfunções sexuais, como a frigidez e a impotência.

Sanjay Srivastava, um dos mais abalizados estudiosos nessa área, sustenta, com base em experiências por ele conduzidas, que as mulheres que sofrem de ansiedade na adolescência tendem a recuperar a autoconfiança entre os 30 e 40 anos.

Para nós, espíritas, não causam surpresa tais ideias, porque a evolução ou o progresso constitui um dos princípios fundamentais do Espiritismo e, ao tratar da infância, é peremptória a afirmativa constante da questão 385 d' O Livro dos Espíritos, que diz ser possível, por meio da educação, reformar o caráter e

reprimir as más inclinações que a criança traz do passado, missão sagrada – acrescentam os imortais – que Deus confiou aos pais e da qual estes deverão prestar contas.

31/5/2009

Edição 109

Lourdes, reportando-se às descrições feitas por André Luiz no cap. 1 do livro *Obreiros da Vida Eterna*, pergunta-nos se há semelhanças entre o que ali é descrito e o que vemos no ambiente em que nós, encarnados, vivemos. O trecho referido pela confreira é adiante resumido:

"O Instrutor Metelo insistiu em que não podemos desdenhar a honra de servir, de conformidade com os desígnios do Divino Mestre Jesus, recordando que a sementeira do bem produzirá a felicidade sem fim. Depois, após invocar as Forças Divinas, raios de claridade azul-brilhante choveram no recinto, trazendo a resposta do Plano Superior. Foi quando Metelo fez exhibir num grande globo de substância leitosa, situado na parte central do Templo, vários quadros vivos do seu campo de ação nas zonas inferiores. Tratava-se de fotografia animada, com apresentação de todos os sons e minúcias anatômicas inerentes às cenas observadas por ele, em seu ministério de bondade cristã. Desencarnados infelizes, em despenhadeiros de dor, imploravam piedade. Monstros de variadas espécies, desafiando as antigas descrições mitológicas, compareciam horripilantes, ao pé de vítimas desventuradas. As paisagens não somente emocionavam: infundiam terror." (Obra citada, cap. 1, pp. 21 e 22.)

Preliminarmente, é preciso lembrar que o livro *Obreiros da Vida Eterna* apareceu em 1946, quando a televisão engatinhava na Terra e não existiam o videocassete nem o DVD. As televisões de plasma e LCD também nem de longe se podia imaginar que um dia existiriam.

Ora, o globo de substância leitosa, mencionado no texto, se fosse descrito hoje, não causaria a ninguém surpresa alguma, porque o Instrutor Metelo projetava ali tão-somente cenas gravadas de eventos que ele havia observado, as quais André Luiz descreveu como sendo "fotografia animada", algo hoje tão banal e corriqueiro.

Os sofrimentos mencionados no texto aparecem em obras diversas. Os ambientes descritos, as mutilações, as paisagens são geralmente criações mentais cujo propósito final é propiciar a expiação dos crimes e erros cometidos no passado, o que confirma duas lições evangélicas bastante conhecidas: I) a cada um será dado conforme suas obras; II) a sementeira é livre mas a colheita é obrigatória.

7/6/2009

Edição 110

Um confrade de Bauru nos pede esclarecimentos a respeito do tema segunda morte, um assunto que é examinado por André Luiz em seu livro *Libertação*, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Conforme o que André Luiz expôs na referida obra, a expressão segunda morte é aplicada no plano espiritual aos casos em que há perda do veículo perispiritual, que, conquanto estruturado em um tipo de matéria mais rarefeita, seria transformável e perecível como os corpos físicos.

Do mesmo modo que há companheiros que se desfazem do veículo perispiritual rumo a esferas sublimes, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual. Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos eles geraram em centro de interesses fundamentais. "Grande número, nessas circunstâncias, mormente os participantes de condenáveis delitos, imantam-se aos que se lhes associaram nos crimes", diz Gúbio (*Libertação, cap. VI, pp. 84 a 86*).

Ernesto Bozzano refere-se ligeiramente ao assunto em seu livro *A Crise da Morte*. Segundo Bozzano, há relatos espirituais que informam que existe uma espécie de segunda morte nas esferas espirituais, precisamente como se morre no mundo dos vivos, ou seja, quando um Espírito chegou à maturidade espiritual, adormece e desaparece do seu meio, sem que os outros saibam o que foi feito dele (*A Crise da Morte, pp. 133 e 134*).

O confrade Paulo Nagae escreveu sobre o tema um interessante artigo, que pode ser visto no seguinte endereço eletrônico: <http://www.espacoesspirita.net/modules/smartsection/item.php?itemid=196>

De forma resumida, diz Nagae, a morte do perispírito, ou segunda morte, ocorre quando o Espírito, em sua caminhada para Deus, passa a reencarnar em mundos nos quais necessita de um intermediário mais sutil. Esse fato pode ocorrer também no caso da formação de ovoides, quando uma ideia obsessiva de ódio ou vingança, por exemplo, destrói momentaneamente o corpo espiritual.

14/6/2009

Edição 111

Flávia pergunta-nos se os animais irracionais também evoluem e se um dia chegarão à condição humana.

Kardec inseriu no cap. VI de seu livro **A Gênese** informação transmitida mediunicamente pelo Espírito de Galileu segundo a qual o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Apenas a contar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades. (*A Gênese, cap. VI, itens 14, 15 e 19.*)

No livro **A Evolução Anímica**, pp. 70 e 71, Gabriel Delanne nos ensina: "Se tivermos bem de vista os fatos retrocitados, a respeito dos selvagens, compreenderemos melhor a marcha ascendente do princípio pensante, a partir das mais rudimentares formas da animalidade, até atingir o máximo do seu desenvolvimento no homem. Os povos primitivos são vestígios que demonstram

as fases do processo transformista, mas tais seres que nos parecem tão degradados são, ainda assim, superiores ao nosso ancestral da época quaternária, o que nos permite compreender que não existe diferença essencial entre a alma animal e a nossa.”

André Luiz confirma em seu livro **Evolução em Dois Mundos**, Primeira Parte, cap. VII, pp. 56 e 57, o ensinamento em exame.

Podemos, portanto, afirmar que é passando pelos diversos graus da animalidade que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Em face disso, é possível concluir que a alma de um animal um dia chegará à condição de uma alma humana, fato que assinala para os seres do reino animal um objetivo, uma finalidade na vida, que é o progresso, o mesmo progresso que possibilitará que, um dia, nós humanos cheguemos à fase da angelitude.

21/6/2009

Edição 112

Na edição 32 desta revista, respondendo a um leitor, explicamos com base na Doutrina Espírita por que morrem crianças em tenra idade. Apenas para recordar, lembremos que a duração da existência de uma criatura humana obedece geralmente a uma programação reencarnatória e vários fatores podem determinar a morte de seu corpo. A curta duração de sua existência pode, por exemplo, representar o complemento de uma existência precedentemente interrompida antes da hora.

Na edição de hoje, Nadir propõe-nos uma questão diferente? – Qual a sorte dessas crianças que a morte retirou tão cedo do convívio dos pais?

Separado do corpo físico, em decorrência da desencarnação, o Espírito volta, na maioria das vezes, a reencarnar depois de intervalos mais ou menos longos, intervalos esses que podem durar desde algumas horas até muitos anos, não existindo, nesse sentido, limite determinado. Esses intervalos podem prolongar-se por muito tempo, mas jamais serão perpétuos.

Enquanto aguarda nova encarnação, o desencarnado fica no estado de Espírito errante, estado em que espera novas oportunidades e aspira a um novo destino. Nesse estado, ele não fica inerte: estuda, observa e busca informações que lhe enriqueçam o conhecimento das coisas, procurando o melhor meio de se elevar.

A situação não é diferente quando se trata do Espírito de uma criança na chamada vida *post-mortem*.

Segundo o Espiritismo, tal qual acontece com o Espírito de uma pessoa adulta, o Espírito da criança morta em tenra idade volta ao mundo dos Espíritos e assume sua condição precedente, retornando mais tarde a uma nova existência, que ocorrerá na época que for julgada mais conveniente ao seu progresso, não havendo, quanto a isso, um prazo definido.

28/6/2009

Edição 113

Fernanda nos pergunta: - O que é preciso para que um Espírito se comunique?

Para que um Espírito se comunique, é preciso, além da permissão de Deus ou de seus prepostos: 1.º, que lhe convenha fazê-lo; 2.º, que sua posição ou suas ocupações lho permitam; 3.º, que encontre no médium um instrumento apropriado à sua natureza.

Em princípio, podemos comunicar-nos com os Espíritos de todas as categorias, com os nossos parentes e amigos, com os mais elevados como com os mais vulgares; porém, independentemente das condições individuais de possibilidade, eles vêm mais ou menos de boa-vontade segundo as circunstâncias e, sobretudo, segundo a simpatia que tenham pelas pessoas que os chamam, e não pelo pedido do primeiro que tenha a fantasia de evocá-los por puro sentimento de curiosidade. É claro que se eles, quando na Terra, não se incomodariam com elas, depois da morte não o fazem também.

Os Espíritos sérios só comparecem às reuniões sérias, para onde os chamam com recolhimento e para assuntos também sérios. Não se prestam a responder a perguntas de curiosidade, de prova, ou com um fim fútil, nem também a experiência alguma.

Os Espíritos frívolos andam por toda a parte; contudo, nas reuniões sérias eles se calam e conservam-se afastados, para escutar, como fariam estudantes em uma assembleia de doutos.

5/7/2009

Edição 114

Uma amiga nos pergunta que é que os autores espíritas nos dizem sobre os essênios e suas crenças. O que sabemos sobre os essênios ou esseus é o que Kardec escreveu na Introdução de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Sua origem remonta ao ano 150 a.C., ao tempo dos macabeus. Habitando comunidades semelhantes aos mosteiros, os essênios formavam entre si uma espécie de associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e por austeras virtudes, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura. Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, e aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que fizeram com que aquelas duas seitas se tornassem antagônicas.

Pelo gênero de vida que levavam, assemelhavam-se muito aos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam induziram muitas pessoas a supor que Jesus, antes de dar começo à sua missão pública, pertencera à sua comunidade. Certamente ele deve tê-la conhecido, mas nada prova que se lhe houvesse filiado, sendo, assim, hipotético tudo quanto a esse respeito se escreveu. O que não se discute é que os essênios, assim como os terapeutas, representaram o traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo.

12/7/2009

Edição 115

Alguém nos propõe pergunta idêntica, já tratada na seção de **Cartas** desta revista, relativamente à frase "Vós sois deuses", atribuída geralmente a Jesus por oradores e estudiosos diversos.

Reportamo-nos à mesma fonte para informar que, conforme estudo feito pelo confrade Marlio Lamha, do Grupo Rita de Cássia de Estudos Espíritas, localizado no Leblon, no Rio de Janeiro, a frase citada não foi realmente pronunciada por Jesus.

Eis o que o confrade escreveu a respeito do assunto: "Encontramos em: Salmo 82,6: 'Eu disse: Vós sois deuses, e filhos do Altíssimo.' E em João: '34 – Tornou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses? 35 – Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), 36 – àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: Blasfemas; porque eu disse: Sou Filho de Deus?' Uma leitura atenta ao texto de João leva a perceber que Jesus não faz a afirmativa (ainda que não a desminta) "Vós sois Deuses" e sim que usa a afirmativa do salmo 82,6 (que é parte do Velho Testamento, portanto da Lei judaica) como contra-argumento aos doutores da Lei que o acusavam de blasfemar por se dizer Filho de Deus. Quem faz a afirmação é o salmista e não Jesus, ele apenas a utiliza para mostrar aos seus perseguidores como estavam sendo contraditórios ao acusá-lo de blasfemo." *(O artigo do confrade pode ser visto na internet neste endereço: <http://www.espacoespirita.net/marlio9.htm>.)*

Idêntica explicação encontramos em uma entrevista de Therezinha de Oliveira, que assim se refere ao assunto: "Seguiu-se um debate e Jesus acabou por afirmar: 'Eu e o Pai somos um'. Com isso, ele queria dizer que estava inteiramente unido a Deus, pois só fazia a Sua vontade. Seus adversários, porém, acharam que ele blasfemava; que, embora homem, queria se fazer igual a Deus. Foi então que Jesus lembrou-lhes o salmo de Davi (82:6): 'Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.' Não temos o poder criador de nosso Pai, mas Ele permite que trabalhem sobre o que criou, promovendo desenvolvimento e mudanças."

A entrevista citada pode ser vista na internet neste endereço: <http://www.omensageiro.com.br/entrevistas/entrevista-17.htm>.

19/7/2009

Edição 116

Um velho amigo nos pergunta se a pena de morte é admitida pelo Espiritismo. Não. A Doutrina Espírita há mais de um século já se posicionou sobre o assunto. A pena de morte, disseram os imortais, será um dia abolida em todo o planeta e esse fato constituirá um marco no processo evolutivo da Humanidade. Essa época se encontra, porém, distante. *(Leia a respeito O Livro dos Espíritos, item 760.)*

Há países, no entanto, que persistem em punir com a morte crimes que são apenados de forma mais branda nas principais nações do mundo, sob o argumento de que a manutenção da pena de morte contribuiria para resolver ou minorar o problema da criminalidade. Os Estados Unidos são um deles.

O argumento não é, contudo, confirmado pelos números, uma vez que a criminalidade nos Estados Unidos é infinitamente maior do que a verificada na Europa ocidental, onde a pena de morte há muito tempo foi revogada.

Se a sentença capital é aplicada como forma de preservar a sociedade do perigo, não é preciso ser juiz para saber que há, para isso, outros meios. Ademais, pena nenhuma, com o objetivo de punir o criminoso, pode fechar-lhe a porta ao arrependimento, argumento irresponsável que os Espíritos superiores fizeram questão de inserir na resposta dada à pergunta 761 d' *O Livro dos Espíritos*.

26/7/2009

Edição 117

Um amigo de São Paulo pergunta-nos: **O que ocorre com o médium que desiste do trabalho mediúnico?**

O médium que se afasta do centro espírita ou que deixa de exercer sua mediunidade não será, como se costuma dizer, *punido* por isso. Recurso valioso que nos possibilita o intercâmbio entre os dois mundos, se bem utilizada, a faculdade mediúnica proporciona ao indivíduo o sentimento do dever cumprido e a felicidade de ser útil segundo as ferramentas de que dispõe. Caso contrário, pode acarretar-lhe desequilíbrio e desconforto emocional, visto que possui uma sensibilidade aflorada que o afeta mais que aos outros. É preciso ter em mente, contudo, que o que causa essa desarmonia não é o fato de se afastar da prática mediúnica ou não exercê-la pelos métodos tradicionais, mas sim o motivo pelo qual está se afastando e principalmente as atitudes que estiver tomando em sua vida.

Se se afasta por motivos nobres – necessidade de trabalhar, dificuldades de horário, cursos importantes que é preciso fazer etc. –, mas, mesmo assim, procura manter o bom-humor, a afabilidade e o trato gentil para com as pessoas e para consigo mesmo, a pessoa manterá acesa sua força de comungar a vida e isso será de certo modo uma forma de manter seu equilíbrio. Se, porém, ele se afasta por outros motivos que lhe venham a acarretar distúrbios emocionais em face de atitudes desconexas e que o afastem de Deus e da prática do bem, então é natural que advenham consequências disso, não pelo fato de não estar exercendo suas faculdades medianímicas, mas sim pelas atitudes que esteja tomando. Como mantém a sensibilidade aflorada pela predisposição orgânica à mediunidade, a facilidade de se desequilibrar será ainda maior.

A explicação dada por Divaldo Franco no livro **Diretrizes de Segurança** (Editora Frater, 3ª edição, questão 26) torna fácil a compreensão do que foi dito.

Segundo ele, a mediunidade apresenta-se nas pessoas como sendo uma aptidão. Se essa aptidão não for convenientemente educada e canalizada para a finalidade a que se destina, os resultados não serão os desejados e o médium que abandonou a tarefa enfrentará os efeitos consequentes do desprezo a que sua faculdade ficou relegada. Evidentemente, a faculdade mediúnica não desaparece e a pessoa continua médium, mas, não a dirigindo para a finalidade nobre, passa a ser conduzida por entidades invigilantes, no rumo do desequilíbrio. Enquanto se mantiver no exercício correto de suas funções, encontrar-se-á sob o amparo de entidades responsáveis. No momento em que inclinar a mente e o comportamento para outras atividades, transferir-se-á de sintonia, e aqueles com os quais vai manter o contato psíquico poderão, em

face do seu teor vibratório inferior, produzir-lhe danos. A mediunidade, diz Divaldo, é um compromisso para toda a vida e não apenas para um determinado período de tempo.

2/8/2009

Edição 118

Um amigo nos pergunta: **Como entender o período chamado infância e qual é, já que vivemos muitas vezes, o objetivo de um Espírito maduro, ao reencarnar, passar pelo estado de infância?**

Em julho de 2003, estive em Londrina a educadora Tânia Zagury, que aqui defendeu, em palestra, a tese de que os primeiros anos de vida são fundamentais para a criança aprender o que é o mundo, o que é a vida. Compete aos pais – disse a educadora – ensinar isso aos pequeninos, sabendo dizer “não” quando necessário e estabelecendo, dessa forma, limites, sem se esquecerem de ensinar noções de justiça e de igualdade à criança e dar visibilidade ao amor que sentem por ela.

Não é muito diferente disso a proposta espírita com relação à educação dos nossos filhos, cujo período mais propício é justamente a infância, quando se torna possível – segundo o Espiritismo – reprimir suas tendências negativas trazidas do passado e reformar seu caráter.

Emmanuel, valendo-se da mediunidade de Chico Xavier, escreveu que, se a juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para importante viagem e a velhice é a chegada ao porto, a infância “é a preparação”.

Santo Agostinho (Espírito), em importante lição que integra o cap. 14 d’O Evangelho segundo o Espiritismo, de Kardec, afirma que os pais deveriam, em relação à criança, agir como o bom jardineiro que não deixa jamais faltar água e carinho às plantas de que cuida e, no entanto, sabe arrancar os brotos daninhos à medida que os vê aparecerem na árvore.

O chamado período de infância existe justamente por isso. Trata-se de uma fase da existência comum a todos os planetas, com exceção de sua duração, que será maior quanto mais atrasados forem seus habitantes.

9/8/2009

Edição 119

Uma confreira nos pergunta como se deve tratar a criança que esteja sob o império de uma obsessão.

Devemos tratá-la no Centro Espírita por meio do passe e da água fluidificada, dispensando-lhe muita atenção e muito amor, para que ela se sinta confiante e segura em nosso meio.

É preciso ainda, como parte fundamental da tarefa, prestar a devida orientação espírita aos pais, para que compreendam a dificuldade que experimentam e possam, assim, reunir mais condições de ajudar o filho e a si mesmos, uma vez que, como sabemos, os pais podem ter tido participação nos fatos que deram origem no passado ao processo obsessivo verificado na presente existência.

Não existe acaso na obra da Criação e ninguém passa, sem motivo algum, pelas provações que nos acometem a todo momento, nas quais vez por outra se inclui a obsessão de um ente querido .

A eles deve ser mostrada a importância do Culto do Evangelho no Lar, que favorece o ambiente familiar com os eflúvios que vêm do Plano superior, que nunca deixa de assistir os que recorrem à misericórdia do Pai.

Complementarmente, a criança deverá ser levada às aulas voltadas para a educação espírita das crianças, nas quais os ensinamentos recebidos dar-lhe-ão os esclarecimentos e o conforto de que carece.

16/8/2009

Edição 120

Um amigo nos pergunta: Que é vampirização?

"Vampiro", diz André Luiz, "é toda entidade ociosa que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias." A vampirização é algo que se verifica em larga escala em nosso mundo, desde os tempos mais remotos, porque sempre existiram no globo pessoas que vivem ou viveram a expensas de outrem, absorvendo-lhes as energias das mais diferentes maneiras, tanto no plano físico quanto no espiritual.

Obviamente, os que se encontram muito apegados às sensações materiais prosseguem, na vida de além-túmulo, a buscar sofregamente os gozos em que se comprazem. E, para usufruí-los, vinculam-se aos encarnados que vibram em faixa idêntica, instalando-se então o comércio das emoções doentias. Quanto mais profunda for a sintonia entre encarnado e desencarnado, maior será a vampirização.

Os obsessores, movidos por vingança, ligam-se às suas vítimas com o intuito de absorver-lhes a vitalidade, enfraquecendo-as e exaurindo-as, para exercer sobre elas maior domínio. Idêntico procedimento têm os desencarnados que se imantam aos seres que ficaram na Terra e que lhes foram ou são parceiros de paixões desequilibrantes.

Segundo informa Suely Caldas Schubert, há Espíritos já libertos do corpo físico que se ligam inconscientemente aos seres amados que permanecem na crosta terrestre, embora não tenham com isso o intuito de lhes fazer o mal.

23/8/2009

Edição 121

Uma amiga deseja saber que providência inicial deve ser tomada no tratamento da obsessão?

A primeira providência com relação aos que padecem problemas obsessivos é dizer-lhes quão importante é sua participação no tratamento, visto que é deles que dependerá, em grande parte, o êxito ou o insucesso do tratamento.

Para tanto é indispensável que busquem mudar a direção dos pensamentos e substituir as reflexões depressivas, mórbidas, que trazem tédio, solidão e tristeza, por pensamentos contrários, plenos de esperança, otimismo e coragem.

Arejar a mente, higienizando-a por meio de pensamentos sadios, otimistas, edificantes, e abrir as janelas da alma por meio da prece, permitindo que um

novo sol brilhe dentro de nós mesmos, gera um clima interior que favorece a aproximação de Espíritos bondosos.

A filosofia espírita, quando bem compreendida, dá à pessoa o necessário suporte a essa renovação, mas é a vontade da criatura o fator decisivo. Cabe à vontade impor a disciplina íntima que faz com que se mantenham firmes os pensamentos voltados para o bem.

30/8/2009

Edição 122

Um confrade do Rio Grande do Sul nos indaga qual é o significado do ramo de vinha que aparece nas capas e muitas vezes na parte interna de alguns livros espíritas.

Trata-se da reprodução da cepa que aparece desenhada na abertura dos Prolegômenos d'O *Livro dos Espíritos*, primeira e principal obra de Allan Kardec. A cepa nada mais é que um ramo da videira, trepadeira lenhosa que nos fornece essa fruta deliciosa chamada uva. Os Espíritos superiores a escolheram como emblema do trabalho do Criador.

Eis o que eles disseram sobre o assunto a Kardec: "Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo o Espírito adquire conhecimentos".

O texto citado consta dos Prolegômenos, uma espécie de prefácio que abre *O Livro dos Espíritos*.

6/9/2009

Edição 123

Um amigo nos pergunta sobre o que achamos das reuniões mediúnicas abertas ao público.

Primeiro é preciso lembrar que uma reunião mediúnica, especialmente quando seu objetivo é o esclarecimento das entidades desencarnadas, assemelha-se a uma enfermaria, com recursos trazidos da Espiritualidade para tratamento das criaturas conturbadas e infelizes que ali comparecem.

Basta tal fato para se entender que a sessão não deve ser aberta a curiosos, uma advertência que Cairbar Schutel, Carlos Imbassahy e Spártaco Banal fizeram em obras publicadas antes do surgimento das obras de André Luiz no cenário editorial brasileiro.

Allan Kardec já havia também tratado da questão quando respondeu aos que lhe propunham abrir ao público as sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Não seria, pois, diferente a posição de Divaldo Franco acerca do tema. "Nunca é demais recomendar – afirma o ilustre médium e tribuno baiano – que as sessões mediúnicas sejam de caráter privado."

Reiterando essa advertência, André Luiz escreveu: "Coloquemo-nos no lugar dos desencarnados em desequilíbrio e entenderemos, de pronto, a inoportunidade da presença de qualquer pessoa estranha a obra assistencial dessa natureza".

E disse mais o conhecido autor espiritual, no cap. 21 de seu livro

“Desobsessão”:

“O serviço de desobsessão não é um departamento de trabalho para cortêsias sociais que, embora respeitáveis, não se compadecem com a enfermagem espiritual a ser desenvolvida, a benefício de irmãos desencarnados que amargas dificuldades atormentam.

Ainda assim, há casos em que companheiros da construção espírita-cristã, quando solicitem permissão para isso, podem ter acesso ao serviço, em caráter de observação construtiva; entretanto, é forçoso preservar o cuidado de não acolhê-los em grande número para que o clima vibratório da reunião não venha a sofrer mudanças inoportunas.

Essas visitas, no entanto, devem ser recebidas apenas de raro em raro, e em circunstâncias realmente aceitáveis no plano dos trabalhos de desobsessão, principalmente quando objetivem a fundação de atividades congêneres. E antes da admissão necessária é imperioso que os mentores espirituais do grupo sejam previamente consultados, por respeito justo às responsabilidades que abraçam, em favor da equipe, muito embora saibamos que a orientação das atividades espíritas vigora na própria Doutrina Espírita e não no arbítrio dos amigos desencarnados, mesmo aqueles que testemunhem elevada condição.”

13/9/2009

Edição 124

Na seção de Cartas desta edição, Geraldo Alexandrino diz o seguinte: “Aprendi com o Espiritismo que fomos criados simples e ignorantes, mas que o Criador já nos dotou de todas as virtudes que caracterizam o Espírito Evoluído, para que, pelo nosso esforço, dedicação, estudo buscássemos através da experiência a sabedoria de que necessitamos através da evolução.

Bom, minha dúvida consiste nisto: - Em que momento essas qualidades nos foram outorgadas? Se no ato de nossa criação, portanto, como integrante da **mônada** já os tínhamos ou quando adquirimos a consciência de nós mesmos, portanto na fase Hominal?”

O assunto está diretamente relacionado com a questão da evolução anímica, a que já nos referimos nesta mesma seção na edição 111.

Vejam o que sobre o assunto nos é ensinado pelo Espiritismo.

Na questão 607 de **O Livro dos Espíritos** lemos que o princípio inteligente se elabora e se individualiza numa série de existências que precedem o período a que chamamos humanidade. Nesses seres é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida: “É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos”.

Para compreender a parte final do texto ora transcrito, lembremos que, conforme está dito na questão 621 do mesmo livro, a lei de Deus está escrita na consciência.

No cap. VI do livro **A Gênese** Galileu (Espírito) confirma o que acabamos de ler afirmando que o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Apenas a

contar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

Gabriel Delanne e outros autores, como André Luiz, ratificaram tal entendimento, o que nos permite concluir que é passando pelos diversos graus da animalidade que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Chegada, então, ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana, fato que elucida, segundo nosso entendimento, a dúvida formulada pelo leitor.

20/9/2009

Edição 125

Dagmar Oliveira Mafei, de Braço do Norte (SC), pergunta por que nas orações feitas pelos espíritas, sobretudo na chamada Oração Dominical, é utilizada a frase "Assim seja", em vez de "Amém".

Em primeiro lugar, é preciso entender que a frase "assim seja" é um dos sinônimos da palavra "amém".

Informa o dicionário Aurélio, em sua versão eletrônica:

"Amém [Do hebr. amén, 'assim seja', pelo lat. amen.] - Interj. 1. Palavra litúrgica de aclamação, que indica anuência firme, concordância perfeita, com um artigo de fé; assim seja. S. m. 2. Concordância; aprovação, consentimento, anuência: 2 [Var. de âmen. Cf. amem, do v. amar.] **Dizer amém a**: Consentir em; aprovar; anuir a; condescender com. **Assim seja**: Amém."

A palavra **amém** não pertence à nossa língua. Ela foi levada como uma palavra hebraica para o Novo Testamento grego e daí para as versões em outras línguas. Procede de um termo hebraico que significa "apoiar" ou "estar firme". A partir dessa ideia inicial, passou a ser usada no sentido de "verdadeiro, fiel, ou certo", como Paul Earnhart explica em um interessante artigo disponível na internet no site <http://www.estudosdabiblia.net/200246.htm>.

No âmbito das religiões cristãs, a palavra **amém** ora é usada seguida de ponto de exclamação ("Amém!"), ora seguida de ponto de interrogação ("Amém?"), como observa o Rev. André do Carmo Silvério em um texto disponível na internet, no site http://www.monergismo.com/textos/liturgia/palavra_amem_andre_silverio.htm

No meio espírita, talvez para evitar o uso de uma palavra claramente vinculada à liturgia cristã, o Codificador do Espiritismo propôs, em lugar do vocábulo "**Amém**", a frase "**Assim seja**", primeiramente na edição de agosto de 1864 da Revista Espírita, quando fez ali referência à Oração Dominical. Mais tarde a proposta apareceria no cap. XXVIII da versão definitiva de "O Evangelho segundo o Espiritismo".

Eis o que Kardec escreveu na Revista Espírita:

"Vários de nossos assinantes nos testemunharam o lamento de não terem encontrado, em nossa *A Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo* ⁽¹⁾, uma prece especial, para a manhã e a noite, para o uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria delas conter um muito maior número. Elas

fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as juntamos, no capítulo consagrado ao exame da prece, como juntamos, a cada um dos outros capítulos, as comunicações que poderiam a eles se relacionar. Omitindo, de propósito, as da manhã e da noite, quisemos evitar de dar, à nossa obra, um caráter litúrgico; por isso nos limitamos às que têm uma relação direta com o Espiritismo, cada um podendo encontrar as outras nas de seu culto particular. Todavia, para obtemperar o desejo que nos foi manifestado, damos a seguir a que nos parece melhor responder ao objetivo que se propôs. No entanto, fá-la-emos preceder de algumas observações para fazer delas compreender melhor a importância.

Em *A Imitação*, n. 274, fizemos ressaltar a necessidade das preces *inteligíveis*. Aquele que ora sem compreender o que diz se habitua a dar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele são as palavras que são eficazes, mesmo quando o coração nelas não está por nada; também muitos se creem quites quando recitaram algumas palavras que os dispensam de se reformarem. É fazer-se uma estranha ideia da Divindade crer que ela se paga com palavras antes do que com atos que atestem uma melhoria moral.

Eis, de resto, sobre este assunto, a opinião de São Paulo: 'Se não entendo o que significam as palavras, serei bárbaro para aquele com quem eu fale, e aquele que me fale ser-me-á bárbaro. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência está sem fruto. Se não louvais a Deus senão do coração, como um homem entre aqueles que não entendem senão a sua própria língua, responderá *Amém*, ao fim de vossa ação de graça, uma vez que não entende o que dissestes? - Não é que a vossa ação de graça não seja boa, mas os outros não estão dela edificados.' (São Paulo, 1a. Ep. aos Coríntios, cap. XIV, v. 11, 14, 16, 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso de preces ininteligíveis.

Pode-se admirar que seja tão pouco levada em conta a autoridade de São Paulo sobre esse ponto, desde que ela é tão frequentemente evocada sobre outros. Poder-se-ia dizer outro tanto da maioria dos escritores sacros considerados como as luzes da Igreja, e dos quais todos os preceitos estão longe de serem postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, de ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito; para isto não basta que seja dita numa língua compreendida por aquele que ora; há preces em linguagem vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se estivessem em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras ideias que elas contêm, frequentemente, são abafadas sob a superabundância das palavras e do misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos que não são senão enfeites de lantejoulas; cada palavra deve ter sua importância, revelar um pensamento, movimentar uma fibra; em uma palavra, deve fazer refletir; só com esta condição a prece pode alcançar seu objetivo, de outro modo não é senão ruído. Também vedes com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas na maioria do tempo; veem-se os lábios que se movimentam, mas, pela expressão da fisionomia, mesmo ao som da voz, reconhece-se um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão com relação à prece, sem contradita, é a *Oração dominical*, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade;

sob a forma mais restrita ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. No entanto, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras das quais ele se compõem, escapa à maioria; os comentários que foram dados a esse respeito não estão sempre presentes na memória, ou mesmo são desconhecidos da maioria; é porque dizem-na, geralmente, sem dirigir-se o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes, é dita como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida; ora, é quase sempre um dos números cabalísticos *três, sete ou nove*, tirados da antiga crença na virtude dos números, e em uso nas operações da magia." (*Revista Espírita de agosto de 1864.*)

Dito isso, Kardec apresentou o que considerou uma versão ideal da Oração Dominical, cujo fecho é o texto abaixo transcrito:

"VII. Assim seja.

Praza a vós, Senhor, que nossos desejos se cumpram! Mas nós nos inclinamos diante de vossa sabedoria infinita. Sobre todas as coisas que não nos é dado compreender, seja feito segundo vossa santa vontade, e não segundo a nossa, porque não quereis senão nosso bem, e sabeis melhor do que nós o que nos é útil. Nós vos dirigimos esta prece, ó meu Deus! por nós mesmos, e por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos aqueles que reclamam a nossa assistência. Pedimos sobre todos a vossa misericórdia e a vossa bênção."

Texto idêntico, com a frase "Assim seja" no lugar de "Amém", aparece em "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXVIII, o que responde à pergunta formulada pelo leitor.

⁽¹⁾ *A Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo* foi o título inicial do livro "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Kardec, publicado em 1864.

27/9/2009

Edição 126

Maria Lúcia Sampaio Tinoco, de Niterói, pergunta-nos se Jesus também foi criado simples e ignorante, como se dá com todos os Espíritos.

A resposta é sim. E apoiamos-nos, ao fazer esta afirmação, em três autores espíritas respeitáveis: Allan Kardec, Léon Denis e Emmanuel.

No livro *O Consolador*, questão 243, Emmanuel escreveu: "Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado. Com exceção de Jesus Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou, em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios".

Em *Cristianismo e Espiritismo*, p. 79, Léon Denis afirmou que Jesus é, de todos os filhos dos homens, o mais digno de admiração, porque nele vemos o homem que ascendeu à eminência final da evolução.

Allan Kardec, comentando a resposta dada à pergunta 625 d' *O Livro dos Espíritos* ("Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? R.: Vede Jesus"), escreveu: "Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deu no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais

pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra".

Ensino semelhante se lê em *Obras Póstumas*, págs. 136 e seguintes: "Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus" (...). "Para que Jesus fosse igual a Deus, fora preciso que ele existisse, como Deus, de toda a eternidade, isto é, que fosse incriado" (...). "Digamos que Jesus é filho de Deus, como todas as criaturas, que ele chama a Deus Pai, como nós aprendemos a tratá-lo de nosso Pai. É o filho bem-amado de Deus, porque, tendo alcançado a perfeição, que aproxima de Deus a criatura, possui toda a confiança e toda a afeição de Deus".

Examinando, logo em seguida, na mesma obra, a declaração proferida pelo Concílio de Niceia que elevou Jesus à condição de divindade, escreveu Kardec: "Se pode parecer que a qualificação de Filho de Deus apoia a doutrina da divindade, o mesmo já não se dá com a de Filho do homem, que também Jesus deu a si mesmo, em sua missão". Essa expressão remonta a Ezequiel e significa: **o que nasceu do homem**, por oposição ao que está fora da Humanidade. Jesus deu a si mesmo essa qualificação com persistência notável, pois só em circunstâncias muito raras ele se disse Filho de Deus. "A insistência com que ele se designa por Filho do homem parece um protesto antecipado contra a qualidade que, segundo previa, lhe seria dada mais tarde."

Creemos, portanto, que à vista das palavras acima ficam dirimidas quaisquer dúvidas concernentes à posição de Jesus como um Espírito puro – e não um ser incriado – que ascendeu ao ápice da evolução graças aos seus próprios esforços.

4/10/2009

Edição 127

Jones Elias de Oliveira, de Tubarão (SC), diz-nos que Allan Kardec, quando da publicação de *O Livro dos Médiuns*, apresenta três graus de obsessões: obsessão simples, fascinação e subjugação, descartando a hipótese de possessão. Ocorre que, no livro *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, cap. XIV, o Codificador voltou ao assunto, agora utilizando o termo possessão não somente para a atuação malfazeja, mas também podendo se dar quando um bom Espírito queira se comunicar.

Diante disso, pergunta-nos: Há possessão? Como interpretar os dois textos (Livros dos Médiuns x A Gênese)? No caso de um bom Espírito, poderíamos dizer que se trata da chamada incorporação mencionada por Léon Denis na obra *No Invisível*?

Já nos reportamos ao assunto nesta mesma seção na edição 66, de 27/7/2008, desta revista.

Quem estuda o Espiritismo sabe que Kardec mudou de ideia em relação à "possessão", que ele rejeitou até *O Livro dos Médiuns* e depois admitiu claramente em *A Gênese*.

Quando produzida por um mau Espírito – diz o Codificador – a possessão tem todos os característicos da subjugação, mas, diferentemente da subjugação, a possessão pode ser produzida por um bom Espírito e, neste caso, pode se aplicar ao fenômeno o nome de incorporação mencionado por Léon Denis e, décadas mais tarde, por André Luiz.

A mudança de pensamento do Codificador deu-se por força dos fatos. Demorou algum tempo para que ele conhecesse o fenômeno da incorporação, hoje tão conhecido dos que trabalham na área da mediunidade. Na Revista Espírita ele alude ao episódio, que muito o impressionou na ocasião.

Sugerimos que o leitor leia, sobre a razão que levou Kardec a mudar de opinião, o texto publicado nesta revista na seção **Estudando as obras de Kardec**, disponível em

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/111/estudandoasobrasdekardec.html>

11/10/2009

Edição 128

Um leitor desta revista apresenta-nos uma questão já levantada anteriormente por outros leitores. Trata-se do crescimento populacional da Terra. Pergunta ele como podemos justificar, à luz da doutrina da reencarnação, o aumento contínuo da população do planeta. De onde viria esse acréscimo extraordinário que se verifica a cada ano em nosso globo?

O crescimento da população da Terra tem sido, como sabemos, utilizado com frequência pelos que combatem a ideia da reencarnação, mas essa é, em verdade, uma crítica infantil à palingenesia.

É bom recordar que em 1964, em mensagem publicada no Anuário Espírita, André Luiz (Espírito) revelou-nos que a população desencarnada da Terra andava perto de 21 bilhões de Espíritos. Como o planeta registrava na época cerca de 3 bilhões de habitantes – equivalente a 1/8 do contingente total de encarnados e desencarnados –, não é difícil entender que a margem para o crescimento populacional em nosso globo é muito grande.

Há, além disso, um fato que os espíritas conhecem e que tais pessoas evidentemente ignoram, que é o processo migratório que se verifica entre os diferentes planetas, de tal modo que podemos comparar nosso globo a uma cidade universitária que recebe periodicamente novas levas de estudantes provenientes de outras localidades.

Obviamente, o aumento do número de habitantes encarnados guarda relação com as possibilidades de subsistência que o globo apresenta, o que indica que esse aumento chegará um dia, com toda a certeza, a um limite, quando o percentual dos nascimentos deverá, então, ser equivalente ao percentual dos falecimentos, fazendo com que o número de habitantes na Terra se torne estável.

18/10/2009

Edição 129

Um amigo nos pede esclarecimento sobre uma informação veiculada nesta revista a respeito da frase atribuída a Jesus: "*Vós sois Deuses, podereis fazer tudo que eu faço e muito mais*". É verdade que Jesus não disse tal frase?

Sim, é verdade. Reafirmamos, portanto, o que foi dito na época a um leitor desta revista. Estudo feito pelo confrade Marlio Lamha, do Grupo Rita de Cássia de Estudos Espíritas, localizado no Leblon, Rio de Janeiro, mostra que a frase citada não saiu dos lábios de Jesus.

Escreveu o referido confrade: "Encontramos em: Salmo 82,6: '*Eu disse: Vós sois deuses, e filhos do Altíssimo.*' E em João: '34 – Tornou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: *Eu disse: Vós sois deuses?* 35 – Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada), 36 – àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: Blasfemas; porque eu disse: Sou Filho de Deus?' Uma leitura atenta ao texto de João leva a perceber que Jesus não faz a afirmativa (ainda que não a desminta) "Vós sois Deuses" e sim que usa a afirmativa do salmo 82,6 (que é parte do Velho Testamento, portanto da Lei judaica) como contra-argumento aos doutores da Lei que o acusavam de blasfemar por se dizer Filho de Deus. Quem faz a afirmação é o salmista e não Jesus, ele apenas a utiliza para mostrar aos seus perseguidores como estavam sendo contraditórios ao acusá-lo de blasfemo."

O texto acima pode ser visto em <http://www.espacoespirta.net/marlio9.htm> na internet e é confirmado pela conhecida confreira Therezinha Oliveira, que assim se referiu ao assunto: "Seguiu-se um debate e Jesus acabou por afirmar: 'Eu e o Pai somos um'. Com isso, ele queria dizer que estava inteiramente unido a Deus, pois só fazia a Sua vontade. Seus adversários, porém, acharam que ele blasfemava; que, embora homem, queria se fazer igual a Deus. Foi então que Jesus lembrou-lhes o salmo de Davi (82:6): '*Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.*' Não temos o poder criador de nosso Pai, mas Ele permite que trabalhem sobre o que criou, promovendo desenvolvimento e mudanças." O texto transcrito pode ser visto em <http://www.omensageiro.com.br/entrevistas/entrevista-17.htm> na internet.

25/10/2009

Edição 130

Um confrade residente em Portugal pergunta-nos se os clones têm alma. É evidente que sim, uma vez que, se não fossem dotados de alma, não chegariam a viver.

O assunto é tratado por Kardec na questão 356 d' *O Livro dos Espíritos*, que adiante reproduzimos:

356. Entre os natimortos alguns haverá que não tenham sido destinados à encarnação de Espíritos?

"Alguns há, efetivamente, a cujos corpos nunca nenhum Espírito esteve destinado. Nada tinha que se efetuar para eles. Tais crianças então só vêm por seus pais."

a) Pode chegar a termo de nascimento um ser dessa natureza?

"Algumas vezes; mas não vive."

b) Segue-se daí que toda criança que vive após o nascimento tem forçosamente encarnado em si um Espírito?

"Que seria ela, sé assim não acontecesse? Não seria um ser humano."

*

É preciso entender que se aplica o entendimento acima aos animais superiores, como a célebre ovelhinha Dolly, cuja história comoveu cientistas e leigos. Esta é também a opinião de uma especialista no assunto, nossa confreira Carmem Lúcia Sartori Rocha, doutora em Genética, docente na Universidade

Estadual de Maringá, conforme entrevista publicada na edição 7 desta revista, que o leitor pode ler acessando este link: <http://www.oconsolador.com.br/7/entrevista.html>.

De forma resumida, podemos, então, afirmar que o clone, seja de um homem, seja de um animal superior, havendo sobrevivido ao nascimento, é indubitavelmente dotado de alma, visto que a vida fora do ventre materno depende do perispírito, envoltório fluídico da alma, que Paulo de Tarso chamava de corpo espiritual e André Luiz designa às vezes como psicossoma ou campo psicossomático.

Em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, cap. XV, págs. 201 a 203, André Luiz nos informa que o veículo de manifestação do ser encarnado pode ser dividido em duas partes essenciais: o hemisfério visível ou campo somático e o hemisfério invisível, ou campo psicossomático. No campo somático, temos o comboio fisiológico tangível. No campo psicossomático, encontramos o perispírito definido por Kardec, ou corpo espiritual, que preside a todas as formações do cosmo físico.

Verifica-se, assim, que o perispírito ou psicossoma não é, pois, um simples envoltório da alma, mas participante ativo na tarefa de manutenção da vida do corpo físico, fato que torna imprescindível sua presença nos seres vivos.

1º/11/2009

Edição 131

Alba Cordelia Noronha de Oliveira, de Itororó (BA), pergunta: *Como a Doutrina Espírita explica o mistério da Santíssima Trindade?*

Colhida numa lenda hindu, a ideia da Trindade foi inserida na teologia católica a partir do século IV. As discussões e perturbações que suscitou essa questão agitaram os espíritos durante três séculos e só vieram a cessar com a proscricção dos bispos arianos, ordenada pelo imperador Constantino, e o banimento do papa Líbero, que não quis sancionar a decisão do Concílio.

A divindade de Jesus fora anteriormente rejeitada por três concílios, o mais importante dos quais foi realizado em Antioquia, no ano de 269.

Léon Denis trata do assunto no cap. VI de seu livro *Cristianismo e Espiritismo*, no qual nos diz que a concepção da Trindade apresenta-se em contradição formal com as opiniões dos apóstolos e com as palavras de Jesus, que com frequência se designava *Filho do homem*, raramente se chamava *Filho de Deus* e nunca se declarou Deus. Pedro – lembra Denis – entendia que Jesus era “o Cristo”, isto é, enviado de Deus, e assim se referiu ao Mestre: “Jesus Nazareno foi *um varão*, aprovado por Deus entre vós, com virtudes e prodígios e sinais que Deus obrou por ele no meio de vós”. Lucas considerava-o um profeta e Paulo dizia, enfático: “Só há um Deus e um só mediador entre Deus e os homens, que é Jesus-Cristo, homem”. (*Cristianismo e Espiritismo*, cap. VI, pp. 73 a 83.)

Outro dado importante lembrado por Denis é que a expressão *Espírito Santo* não aparece no original grego dos evangelhos. O qualificativo *sanctus*, em seguida à palavra espírito, que deu origem à expressão Espírito Santo, não existe no texto grego, uma vez que o Espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, foi imaginado apenas no fim do século II. (*Obra citada, Nota complementar n. 6, p. 277.*)

Resta-nos, por fim, esclarecer que a doutrina da Trindade, além de não ter nenhum fundamento bíblico, fere um dos pilares da doutrina contida no Antigo Testamento, que estabelece como princípio o mais absoluto monoteísmo.

8/11/2009

Edição 132

Ione Teixeira, de São Bernardo do Campo (SP), pergunta se existe na literatura espírita algo que fale sobre a maçonaria.

A resposta é sim, conforme podemos comprovar lendo a **Revista Espírita** de 1864 (Edicel, págs. 121 a 126), em que foram transcritas três comunicações referentes às relações existentes entre o Espiritismo e a franco-maçonaria.

Na primeira, o Espírito de Guttemberg diz que todo maçom iniciado é levado a crer na imortalidade da alma e no Divino Arquiteto e a ser benfeitor, devotado, sociável, digno e humilde. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala, havendo, pois, nas sociedades maçônicas uma afinidade evidente com o Espiritismo.

Asseverando que muitos maçons são espíritas e trabalham muito na propaganda dessa crença, Guttemberg previu que no futuro o estudo espírita entraria como complemento nos estudos abertos nas lojas.

Na segunda mensagem, Jacques de Molé (Espírito) afirma que as instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento à felicidade. Numa época em que toda ideia liberal era considerada crime, os homens precisavam de uma força que, submissa às leis, fosse emancipada por suas crenças, suas instituições e a unidade de seu ensino. "Nessa época - diz Molé - a religião ainda era, não mãe consoladora, mas força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo curvar-se à sua vontade; era um assunto de pavor para quem quisesse, como livre pensador, agir e dar aos homens sofrendores alguma coragem e ao infeliz algum consolo moral."

No final, Jacques de Molé assevera: "O Espiritismo fez progressos, mas, no dia em que tiver dado a mão à franco-maçonaria, todas as dificuldades estarão vencidas, todo obstáculo retirado, a verdade estará esclarecida e o maior progresso moral será realizado e terá transposto os primeiros degraus do trono, onde em breve deverá reinar".

Na terceira mensagem, o Espírito de Vaucanson, que ainda se designava *franco-maçom*, observa que Guttemberg foi contemporâneo do monge que inventou a pólvora - invenção essa que transformou a velha arte das batalhas - enquanto a imprensa trouxe uma nova alavanca à expressão das ideias, emancipando as massas e permitindo o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. A franco-maçonaria, contra a qual tanto gritaram, contra a qual a Igreja romana não teve anátemas em quantidade suficiente, e que nem por isso deixou de sobreviver, abriu de par em par as portas de seus templos ao culto emancipador da ideia. "Em seu seio - afirma Vaucanson - todas as questões mais sérias foram levantadas e, antes que o Espiritismo tivesse aparecido, os veneráveis e os grão-mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se intercomunicam."

Segundo Vaucanson, o Espiritismo encontrará no seio das lojas maçônicas numerosa falange compacta de crentes, sérios, resolutos e inabaláveis na fé, porque o Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da franco-maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas

irrecusáveis da imortalidade da alma; e conduz a humanidade ao objetivo que se propõe: união, paz, fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro.

15/11/2009

Edição 133

Jaqueline Bampi, de Caxias do Sul (RS), pergunta-nos quem é ou foi o Espírito de Verdade, tantas vezes citado nas Obras Básicas e na Revista Espírita.

Eis um assunto que já provocou inúmeras discussões no meio espírita, sem que as hipóteses formuladas fossem capazes de satisfazer a todas as pessoas.

O confrade Fernando A. Moreira, por exemplo, conforme artigo publicado na revista *Reformador* de julho de 2004, alia-se aos que entendem que o nome Espírito de Verdade refere-se a uma coletividade, a uma plêiade de Espíritos, e cita, como suporte de seu pensamento, Cairbar Schutel, Vinícius, Antônio Lima e Bezerra de Menezes.

Paulo da Silva Neto Sobrinho, um dos colaboradores desta revista, pensa de modo diferente. Para ele, o Espírito de Verdade é um pseudônimo utilizado pelo próprio mestre Jesus, e fundamenta tal afirmativa em inúmeras passagens da Revista Espírita e de outras obras respeitáveis.

Jorge Rizzini, desencarnado recentemente, entendia que o Espírito de Verdade nada tem a ver com uma plêiade, muito menos com Jesus. Ele é, sim, um Espírito familiar de Kardec que já vivera anteriormente no planeta, distinguindo-se então como um ilustre filósofo da antiguidade.

Pensamos da mesma forma.

Vale a pena, em face do assunto, consultar a *Revista Espírita de 1862*, pp. 72 e 172, bem como o livro *"Kardec, Irmãs Fox e Outros"*, de Jorge Rizzini, pp. 11 e 12, após o que não será difícil concluir:

1º. O Espírito de Verdade não é Jesus, mas um Espírito familiar de Allan Kardec. Como sabemos, a expressão "Espírito familiar" está definida com clareza na obra da codificação, que nos ensina, na questão 514 d'O Livro dos Espíritos, que o Espírito familiar é alguém da família espiritual, é "o amigo da casa".

2º. O Espírito de Verdade foi um filósofo na Antiguidade, cujo verdadeiro nome terreno ele não quis declinar, provavelmente porque sua divulgação não traria à obra em curso nenhum proveito.

3º. O Espírito de Verdade não é uma plêiade, uma falange, uma reunião de Espíritos superiores, mas uma individualidade espiritual, o que pôde ser comprovado quando Jobard e Sanson, então desencarnados, afirmaram tê-lo visto no recinto da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fato que comprovou o que Kardec escreveria mais tarde: "A qualificação de Espírito de Verdade não pertence senão a um só, e pode ser considerada como um nome próprio. Está especificada no Evangelho" (*Revista Espírita de 1866*, pág. 221).

4º. Kardec jamais entendeu ou deu a entender que esse Espírito fosse o próprio Jesus, um equívoco que tem sido repetido por autores e palestrantes espíritas. Para os que duvidam do que dizemos convidamos a que leiam o comentário que Kardec fez a propósito da comunicação atribuída a Jesus, inserta no item IX do cap. XXXI d'O Livro dos Médiuns.

Dois anos depois de seu primeiro contato direto com esse Espírito, Kardec anotou em uma de suas obras: "Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube, depois, por outros Espíritos, que

fora ele um ilustre filósofo da Antiguidade)" (*Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, Edicel, pp. 227 e 228*).

22/11/2009

Edição 134

Uma leitora do Rio de Janeiro, reportando-se ao que Kardec escreveu em *O Livro dos Médiuns*, pergunta se a maleabilidade que caracteriza os chamados médiuns maleáveis se deve ao Espírito ou ao próprio médium. E pergunta também, no tocante aos médiuns exclusivos, se Divaldo Franco poderia ser assim classificado.

Allan Kardec escreveu no cap. XVI, item 192, da obra citada, o seguinte:

Médiuns maleáveis: aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem manifestar-se, espontaneamente, ou por evocação. "Esta espécie de médiuns se aproxima muito da dos médiuns sensitivos."

Médiuns exclusivos: aqueles pelos quais se manifesta de preferência um Espírito, até com exclusão de todos os demais, o qual responde pelos outros que são chamados. "Isto resulta sempre de falta de maleabilidade. Quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium, por simpatia, ou com um intento louvável; quando mau, é sempre objetivando pôr o médium na sua dependência. É mais um defeito do que uma qualidade e muito próximo da obsessão."

Em face do texto acima, nota-se que a facilidade apresentada pelos médiuns maleáveis diz respeito a eles mesmos. Trata-se de uma característica de sua faculdade mediúnica.

Quanto aos médiuns exclusivos, ou seja, aqueles que têm dificuldade em servir de intermediário a vários Espíritos, eles assim o são por falta da *maleabilidade* citada na definição precedente. Trata-se mais de um defeito do que uma qualidade. Evidentemente, tal conceituação não pode ser aplicada a médiuns como Divaldo Franco, objeto nesta mesma revista de diversos estudos feitos pelo confrade Washington Luiz N. Fernandes, nos quais se mostra que diversos estilos literários e temas, tanto quanto a diversidade de Espíritos, têm marcado suas produções psicográficas.

29/11/2009

Edição 135

Um confrade de Feira de Santana (BA) pergunta-nos qual a diferença entre Espírito e perispírito.

O Espiritismo ensina-nos que a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo tão-somente o seu envoltório. Há, assim, no homem três coisas: o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; e o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito, a que Kardec deu o nome de perispírito.

O homem é dotado, pois, de duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos. O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma

espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal mas que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenómeno das aparições.

As primeiras informações sobre os Espíritos podem ser vistas nas questões 76 a 78 d' O Livro dos Espíritos, adiante reproduzidas:

76. Que definição se pode dar dos Espíritos? "Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material."

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou serão simples emanções ou porções desta e, por isto, denominados filhos de Deus? "Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina o é do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando faz alguma coisa bela, útil, o homem lhe chama sua filha, criação sua. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois que somos obra sua."

78. Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade? "Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade."

Com relação ao vocábulo perispírito, o tema apareceu pela primeira vez nas questões 93 a 95 da mesma obra, que adiante transcrevemos:

93. O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer? "Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira."

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? "Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa."

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? "É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos."

95. O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? "Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável."

Sobre o perispírito seria interessante consultar um dos textos publicados na edição 90 desta revista, o qual pode ser lido clicando-se neste link: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/90/esde.html>.

6/12/2009

Edição 136

Uma confreira de Ribeirão Preto (SP) pergunta-nos que tipo de alimentação é recomendável para os médiuns no dia de realização da sessão mediúnica em que atuarão.

O assunto é tratado por André Luiz no cap. 2 de seu livro *Desobsessão*, no qual ele diz expressamente: "*A alimentação, durante as horas que precedem o serviço de intercâmbio espiritual, será leve. Nada de empanturrar-se o companheiro com viandas desnecessárias. Estômago cheio, cérebro inábil. A digestão laboriosa consome grande parcela de energia, impedindo a função mais clara e mais ampla do pensamento, que exige segurança e leveza para*

exprimir-se nas atividades da desobsessão. Aconselháveis os pratos ligeiros e as quantidades mínimas, crendo-nos dispensados de qualquer anotação em torno da impropriedade do álcool, acrescentando observar que os amigos ainda necessitados do uso do fumo e da carne, do café e dos temperos excitantes, estão convidados a lhes reduzirem o uso, durante o dia determinado para a reunião, quando não lhes seja possível a abstenção total, compreendendo-se que a posição ideal será sempre a do participante dos trabalhos que transpõe a porta do templo sem quaisquer problemas alusivos à digestão”.

13/12/2009

Edição 137

Um confrade de Portugal propôs-nos uma interessante questão.

Diz-nos ele que, segundo a Doutrina Espírita, caminhamos para Deus à custa do esforço de cada um e, portanto, não há privilegiados. Como interpretar então a aparição de Jesus a Saulo de Tarso na estrada de Damasco? Foi a partir daí que Saulo se converteu às ideias do Cristo e de perseguidor se transformou no Grande Apóstolo do Cristianismo. Aparecer a Saulo constituiu ou não um privilégio?

Não, claro que não.

É preciso saber primeiro quem era Saulo – mais tarde conhecido como Paulo – e, para isso, torna-se indispensável a leitura do livro *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Em segundo lugar, meditemos na informação contida nos versículos 10 a 17 do cap. 9 de Atos dos Apóstolos. Segundo Atos, Jesus disse a Ananias, referindo-se a Saulo: *“Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome”*.

Saulo já era, portanto, a pessoa talhada para a tarefa e que, como ocorre com muitos de nós, não havia até então se dado conta do trabalho a realizar.

Santo Agostinho também só despertou mais tarde para a missão que lhe estava reservada. Mas tanto Agostinho quanto Saulo traziam um preparo adquirido em existências anteriores e não constituem, em hipótese nenhuma, exemplos de privilégio, fato que não ocorre na obra da criação, visto que, como ensina o Espiritismo, Deus fez do homem o artífice de seu próprio destino. Eis por que o caminho que conduz ao bem requer esforço seguido e trabalho constante, completa vigilância e atenta pesquisa, instinto frenado e razão operante.

“Trabalha, luta, ora e o céu estará em ti”, eis as palavras de um lindo poema publicado por Kardec nas págs. 94 e 95 da *Revue Spirite* de 1863, que definem com precisão como se concretiza o processo evolutivo.

20/12/2009

Edição 138

Íris Oliveira, da Bahia, pergunta-nos se o tratamento magnético pode ser ministrado a distância.

Sim. O tema é examinado em algumas obras espíritas conhecidas.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, há interessante informação sobre o assunto. O Instrutor Aulus, respondendo a semelhante

pergunta, disse: "Sim, desde que haja sintonia entre aquele que o administra e aquele que o recebe". "Nesse caso, diversos companheiros espirituais se ajustam no trabalho do auxílio, favorecendo a realização, e a prece silenciosa será o melhor veículo da força curadora." (N.D.M., cap. 17, págs. 168 a 170.)

O assunto é tratado também no cap. 16, pp. 154 a 160, do mesmo livro e ainda em *Mecanismos da Mediunidade*, de André Luiz, cap. XX, p. 134 e 135. Sobre o tema vale a pena ler, ainda, o artigo **Curas espirituais e a física moderna**, de Lígia Almeida, do Porto, Portugal, disponível neste endereço na internet: <http://www.mundoespiritual.com.br/artigos.curas.espirituais.htm>.

3/1/2010

Edição 139

Uma confreira do Ceará pergunta-nos que devemos entender por sonambulismo, tema a que Kardec se refere na questão 455 d' *O Livro dos Espíritos*.

Resumidamente lembremos que na mencionada questão está dito que os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Contudo, em certas pessoas dotadas de especial organização podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético. Esse estado, que se designa pelo nome de sonambulismo magnético, difere do sonambulismo natural apenas porque é provocado, enquanto o outro é espontâneo.

Na visão espírita, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico – é uma luz projetada sobre a Psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, ele vê, não com os olhos do corpo, mas com as percepções da alma, que se transporta, então, ao lugar que ele descreve.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista são efeitos variados que derivam de uma mesma causa, que é a capacidade que tem a alma de se emancipar, de se desprender do corpo físico, mesmo durante a encarnação.

Complementando as informações sobre o assunto, Kardec ensina, nos itens 172 a 174 d' *O Livro dos Médiuns*, que o sonambulismo pode ser considerado uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, trata-se de duas ordens de fenômenos que se encontram frequentemente reunidas. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito: é sua alma que, no momento de emancipação, vê, ouve e percebe fora dos limites dos sentidos. Os médiuns são, por sua vez, instrumentos de uma inteligência estranha e, como instrumentos passivos, o que dizem não provém deles. Mas o Espírito que se comunica por um médium pode muito bem fazê-lo por meio de um sonâmbulo. O estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, torna essa comunicação mais fácil e aí então podemos considerá-lo um médium sonâmbulo ou um sonâmbulo-médium.

10/1/2010

Edição 140

Um confrade pergunta-nos quem escreveu a frase: A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem.

O pensamento contido na frase acima foi expresso por Léon Denis em sua obra *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. A frase de Denis é, contudo, diferente: "Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas" (*obra citada, FEB, 1989, p. 123*).

Léon Denis reporta-se, com tais palavras, à chamada evolução anímica, confirmando o entendimento espírita de que o princípio inteligente só chega à condição de Espírito depois de passar pelos reinos inferiores da Criação, em que ele se elabora e se individualiza.

17/1/2010

Edição 141

Uma confrreira de Minas Gerais pergunta-nos o que é efluviografia.

De acordo com parapsicólogos e psicobiofísicos russos, existe um modelo organizador energético que preside à formação do corpo físico e que por isso auxilia na sua regeneração quando ocorre uma disfunção. O halo de energia ou aura varia de cor, tamanho, formato e aspecto, conforme as diferenças emocionais e de acordo com o estado de saúde no momento. Nos seres vivos a aura seria vibrante, dinâmica e mutável, enquanto nos minerais seria estável e imutável.

André Luiz reporta-se à aura humana em duas obras fundamentais para o entendimento do assunto: *Evolução em Dois Mundos*, 1ª Parte, cap. XVII, e *Mecanismos da Mediunidade*, cap. X, pág. 76.

Segundo esse autor, todas as agregações celulares emitem radiações que se articulam, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por "tecidos de força", em torno dos corpos que as exteriorizam. Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, revestem-se de um "halo energético" que lhes corresponde à natureza.

Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares. Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de autoexteriorização.

Somente foi possível comprovar de forma objetiva a existência da aura a partir das pesquisas de Semyon Davidovitch Kirlian, a quem se atribui a invenção de uma máquina com a capacidade de registrar objetivamente essa energia. Dá-se o nome de kirliangrafia, bioeletrografia, eletrofotografia ou ainda efluviografia a esse registro fotográfico, que muitos também chamam, embora impropriamente, de fotografia Kirlian.

24/1/2010

Edição 142

Alguém nos pergunta se as homenagens prestadas às pessoas desencarnadas chegam a sensibilizá-las.

A resposta é sim.

Contrariamente ao que muitos pensam, os Espíritos são criaturas invisíveis aos nossos olhos, mas não se encontram ausentes e podem saber perfeitamente o que, a respeito deles, se diz ou se faz em nosso meio.

As informações contidas nas respostas dadas às questões 320 e seguintes de *O Livro dos Espíritos* não deixam dúvida: os Espíritos se sensibilizam com a lembrança que nós temos deles e, nesse sentido, as homenagens prestadas aos homens justos, encarnados ou desencarnados, não podem ser por nós censuradas.

O que se deve evitar em tais homenagens é o exagero, são os gastos supérfluos. Como em tudo na vida o meio termo é sempre o procedimento mais adequado, não é difícil entender que os gastos supérfluos e as pompas excessivas, que ocorrem às vezes nessas homenagens, não agradam aos Espíritos de maior elevação espiritual, que por certo apreciariam que os recursos nelas despendidos tivessem uma aplicação melhor, como por exemplo na ajuda aos socialmente mais carentes.

31/1/2010

Edição 143

Uma congreira paulista pergunta o que acontece com a alma de uma pessoa que padece o mal de Alzheimer e se pode haver casos em que sintomas semelhantes aos da doença sejam provocados, não pela enfermidade, mas por um processo obsessivo.

O chamado mal de Alzheimer caracteriza-se clinicamente pela perda progressiva da memória. De acordo com os especialistas, o cérebro de um paciente com a doença de Alzheimer, quando visto em necropsia, apresenta uma atrofia generalizada, com perda neuronal específica em certas áreas do hipocampo e também em regiões parieto-occipitais e frontais. A perda de memória causa a estes pacientes um grande desconforto em sua fase inicial e intermediária. Na fase adiantada não apresentam mais condições de perceber-se doentes, por falha da autocrítica. Não se trata de uma simples falha na memória, mas sim de uma progressiva incapacidade para o trabalho e o convívio social, devido às dificuldades para reconhecer pessoas próximas e os objetos. Um paciente com doença de Alzheimer pergunta a mesma coisa centenas de vezes, mostrando sua incapacidade de fixar algo novo. Palavras são esquecidas, frases são truncadas, muitas permanecendo sem finalização. Trata-se, pois, de enfermidade com causas orgânicas definidas pela ciência médica, sem nenhuma relação com a obsessão propriamente dita, embora em certos processos obsessivos possam ocorrer situações parecidas com os efeitos do mal de Alzheimer, fato que só poderá ser esclarecido em casos concretos, em que se alie o tratamento médico e o tratamento espiritual.

7/2/2010

Edição 144

O leitor Geovani Oliveira, de Mutuípe (BA), diz-nos que soube que sua faculdade mediúnica é intuitiva e, em face disso, pergunta-nos como se processa essa mediunidade e como desenvolvê-la de forma que não haja confusão entre seu pensamento e a intuição em si.

O assunto foi tratado nesta revista na edição 118 que o leitor pode acessar por meio deste *link*: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/118/esde.html>

No estudo mencionado aprendemos que, sendo a mediunidade, basicamente, um processo de comunicação que tem no médium o seu instrumento de intermediação, não é difícil entender que a mensagem comunicada sofrerá sempre uma maior ou menor influência do medianeiro.

Em "O Livro dos Médiuns", no item 223, Kardec ensina que o médium é considerado passivo quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas a passividade absoluta não existe, visto que o papel do médium nunca é inteiramente nulo e seu concurso é sempre indispensável, ainda que se trate de médiuns mecânicos.

No caso do médium intuitivo, o Espírito comunicante utiliza-se do medianeiro para transmitir a mensagem, identificando-se com ele e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias. Esse gênero de mediunidade permite ao médium tomar conhecimento prévio do que vai escrever, fato que não ocorre no caso dos médiuns mecânicos, em que o Espírito comunicante age diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-a.

Com respeito ao desenvolvimento mediúnico em si, assunto que tratamos nesta mesma seção nas edições 39 e 41 de nossa revista, reiteramos que a primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo, antes de entregar-se às grandes tarefas doutrinárias, pois de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

O médium eficiente é aquele trabalhador que melhor se harmoniza com a vontade do Pai Celestial, cultivando as qualidades que atraem os bons Espíritos e destacando-se pelo cultivo sincero da humildade e da fé, do devotamento e da confiança, da boa vontade e da compreensão.

Segundo o que Kardec escreveu em "O Livro dos Médiuns", as qualidades que atraem os bons Espíritos são: I. a bondade. II. a benevolência. III. a simplicidade do coração. IV. o amor ao próximo. V. o despreendimento das coisas materiais. Os defeitos opostos a essas qualidades, evidentemente, os afastam.

Para Yvonne A. Pereira, o melhor meio de desenvolver a mediunidade é não se preocupar com o seu desenvolvimento, mas preparar-se moral e mentalmente para poder assumir o compromisso de se tornar médium desenvolvido. E esse preparo não poderá ser rápido. Chico Xavier tinha pensamento semelhante. O desenvolvimento da mediunidade, dizia ele, deve ser o burilamento da criatura em si, porque o aperfeiçoamento do instrumento naturalmente permitirá ao Espírito comunicante manifestar-se em melhores condições.

14/2/2010

Edição 145

Um confrade do Rio de Janeiro pergunta-nos se, de acordo com o Evangelho, o dízimo em dinheiro é obrigatório. Qual a visão do Espiritismo a respeito?

Instituído legalmente no Antigo Testamento, o dízimo recebeu em o Novo Testamento poucas referências. As mais importantes estão em Mateus (23:23), Lucas (11:42 e 18:12) e na epístola de Paulo aos Hebreus.

O texto contido em Mateus (23:23) reproduz estas palavras de Jesus:

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!”

Em Lucas (11:42), a advertência atribuída a Jesus é quase idêntica: “Ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de diversas ervas e desprezais a justiça e o amor de Deus. No entanto, era necessário praticar estas coisas, sem contudo deixar de fazer aquelas outras coisas”.

Em sua epístola ao Hebreus, Paulo diz: “Os filhos de Levi, revestidos do sacerdócio, na qualidade de filhos de Abraão, têm por missão receber o dízimo legal do povo, isto é, de seus irmãos” (Hebreus, 7:5).

Percebe-se, desse modo, que, ao menos indiretamente, o dízimo foi reconhecido como legítimo por Jesus. Na Doutrina Espírita, porém, ao que nos consta, nada existe sobre o assunto, embora a manutenção dos centros espíritas constitua uma obrigação de todos os que deles participam, como qualquer associação de pessoas, que é a forma tradicional de organização das casas espíritas.

21/2/2010

Edição 146

Um amigo de Florianópolis pergunta-nos por que *o desprendimento da alma é facilitado no estado de sono e não o é no momento da morte?*

A emancipação da alma por ocasião do sono corporal é um fato corriqueiro, mas não passa de um desprendimento parcial, visto que ela continua ligada ao corpo físico. O que ocorre então é apenas uma expansão do laço perispiritual que une a alma ao corpo, permitindo a ela deslocar-se a lugares distantes do local em que o corpo material repousa.

No caso da morte corpórea, mesmo antes do desligamento completo da alma – fato que o Espiritismo chama de desencarnação – pode ocorrer a emancipação parcial semelhante à do sono, o que explica os fatos de comunicação espírita por ocasião da morte, estudados por vários pesquisadores, como Ernesto Bozzano.

O desprendimento completo da alma, ou a desencarnação, é que requer algum tempo, visto que no processo reencarnatório o perispírito se liga ao corpo molécula a molécula, o que implica dizer que é preciso tempo para que essa ligação molecular se desfça.

Conforme a questão 155 d' O Livro dos Espíritos, como regra geral, a separação da alma não se dá instantaneamente. Ela se liberta gradualmente e não como um pássaro cativo que, de repente, ganhasse a liberdade.

Tudo, a princípio, é confuso no momento da morte. O Espírito desencarnante precisa de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesmo. Ele se acha como que aturdido, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam aos poucos, à medida que se apaga a influência da matéria que ele acaba de abandonar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

O processo de desprendimento espiritual é lento ou demorado, conforme o temperamento, o caráter moral e as aquisições espirituais de cada ser. Não existem duas desencarnações iguais. Cada pessoa desperta ou se demora na perturbação, conforme as características próprias de sua personalidade.

A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte, e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos, de conformidade com o estado evolutivo do Espírito. Breve no caso das almas elevadas, pode ser longa e penosa no caso das almas culpadas. Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa ela é, porque compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

28/2/2010

Edição 147

Uma amiga nos pergunta sobre a prece, sua importância em nossa vida e em que situações devemos utilizá-la.

A prece faz parte dos chamados recursos espirituais que nós espíritas jamais poderíamos relegar a um plano secundário.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, um Espírito que fora na Terra pastor protestante - Monod - sugere que façamos nossas preces à noite, antes de dormir, e de manhã, antes de nos levantarmos. Comentando essa recomendação, Kardec explicou na Revista Espírita que a prece diária deveria ter como modelo a Oração Dominical, que todos os cristãos conhecem, pela sua profundidade, singeleza e objetividade.

Num dos livros de Yvonne A. Pereira, o Dr. Bezerra de Menezes sugere-nos também a prece na hora das principais refeições e explica o porquê da importância dessas orações. Entre outras coisas, a prece ajuda na harmonização do ambiente e torna mais substancial o efeito dos alimentos ingeridos.

Joanna de Ângelis, que é, segundo pensamos, quem melhor tratou do tema até hoje, afirma que o ato de orar com fervor, com confiança e fé é importante por si mesmo, independentemente da resposta que a oração terá. Ao orar, explica Joanna, a pessoa se põe em contato com as forças superiores que regem a vida e com isso se vitaliza.

Pesquisas recentes na área médica vêm comprovando o valor indiscutível da prece e da religião nos processos terapêuticos e imunológicos.

Concluindo, podemos então dizer que orar faz bem sempre, não importa o lugar, mas lembremos que a prece deve ser simples, clara, objetiva e, sobretudo, um ato de humildade da criatura perante o Criador, algo que a eleve espiritualmente e propicie, assim, os efeitos apontados por Joanna de Ângelis.

7/3/2010

Edição 148

Uma amiga nos pergunta como o Espiritismo vê a questão do casamento e o divórcio, bem como, a propósito dos animais, se eles possuem alma e qual a sua escala evolutiva.

A instituição do casamento é considerada pela Doutrina Espírita como um progresso na marcha da Humanidade. Sua abolição equivaleria a um retrocesso à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes. O assunto é tratado em *O Livro dos Espíritos*, itens 695 e seguintes.

Com relação ao divórcio, embora a Doutrina Espírita não o incentive, a posição espírita é bem clara. Se adotado como medida extrema que evite um dano maior à família, o divórcio não é contrário à lei divina, porquanto apenas reforma o que os indivíduos fizeram e se aplica somente nos casos em que, na união conjugal, não se levou em conta a lei de amor. Foi por isso que nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento, visto que em caso de adultério, conforme registra o Evangelho segundo Mateus (cap. 19, versículos 3 a 9), o próprio Mestre admitia que a pessoa lesada desse à outra a carta de separação.

Nesta revista o dois assuntos foram tratados inúmeras vezes, como a leitora pode conferir clicando nos links seguintes: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/63/especial.html> e <http://www.oconsolador.com.br/ano2/53/esde.html>.

No tocante aos animais, os estudiosos espíritas entendem que são eles seres em evolução, tanto orgânica quanto espiritual. Dotados de alma, são nossos companheiros de jornada, merecendo ser respeitados e, sobretudo, amados. Sobre o assunto vale a pena ler o artigo de Irvênia Prada disponível nesta revista em <http://www.oconsolador.com.br/9/especial.html>.

14/3/2010

Edição 149

Um leitor pergunta-nos como se estrutura o processo da direção espiritual do nosso globo, que tem Jesus como governador, e como se dão a comunicação de nossas preces com Jesus e o retorno dessas preces até nós, em função de nossas necessidades.

A informação de que Jesus é o Governador espiritual da Terra foi-nos trazida por vários autores, a exemplo de Léon Denis e Emmanuel.

Diz-nos Emmanuel que na direção de todos os fenômenos de nosso sistema existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo. Essa Comunidade, da qual Jesus é membro, apenas se reuniu nas proximidades da Terra duas vezes: a 1a, quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar; a 2a, quando se decidiu a vinda de Jesus à Terra.

Em outra obra, referindo-se ao termo "Espírito Santo", Emmanuel informou que esse título, quando usado corretamente nas Escrituras, refere-se à plêiade de Espíritos que auxiliam Jesus em sua tarefa de Governador do planeta e são, em face disso, os executores diretos das ordens emanadas do Senhor.

O tema prece é examinado à exaustão nas questões 649 a 666 d' *O Livro dos Espíritos*.

Ensina o Espiritismo que a prece é um ato de adoração. "Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele."

A prece, afirmam os imortais, é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para Ele, a intenção é tudo. Dentre os seus inúmeros efeitos, aprendemos com o Espiritismo que a prece torna melhor o homem, porque aquele que ora com fervor e confiança faz-se mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo, sendo esse um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.

Podemos orar a Deus ou aos seus prepostos, como Jesus, por exemplo. O assunto é focalizado com clareza na questão 666 da obra mencionada, adiante transcrita:

666. Pode-se orar aos Espíritos?

"Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades. O poder deles, porém, está em relação com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. Eis por que as preces que se lhes dirigem só são eficazes, se bem aceitas por Deus."

21/3/2010

Edição 150

Uma leitora de Minas Gerais pergunta se é possível a uma criança de cinco anos ver seu pai desencarnado e com ele conversar.

Sim; a resposta é afirmativa, conforme já dissemos anteriormente nesta mesma seção, bem como no editorial da edição 62, em que foi examinado o tema da criança e seus amigos imaginários, que o leitor pode ler clicando neste link: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/62/editorial.html>.

Até os sete anos de idade, o Espírito da criança encontra-se em fase de adaptação para a nova existência e ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica, fato que lhe permite emancipar-se e, eventualmente, ver vultos desencarnados que lhe fazem companhia, o que nos permite deduzir que os amigos imaginários de nossas crianças só o são na aparência. Eles não são imaginários, mas apenas invisíveis.

A vidência mediúnica durante os primeiros anos da existência de uma pessoa deve ser, portanto, tratada naturalmente. A experiência diz-nos que essa faculdade vai se apagando com o passar dos anos e pode mesmo desaparecer totalmente, salvo se o seu exercício fizer parte da programação reencarnatória da pessoa.

Os fatos de vidência, que Allan Kardec estudou em minúcias nos itens 100 e 190 de **O Livro dos Médiuns**, são um assunto pacífico no campo da fenomenologia espírita. Essa faculdade, que depende da organização física do médium, permite a este, mesmo durante a vigília, ver os desencarnados. Como os fenômenos mediúnicos não ocorrem a revelia das autoridades espirituais superiores, é claro que há Espíritos que se deixam ver e há outros que não são vistos, o que não significa que estejamos sós, porquanto os desencarnados habitualmente nos rodeiam.

Um caso de vidência por parte de uma criança de quatro anos, verificado em Caen (França), levou Kardec a reconhecer que a mediunidade de vidência não apenas parecia, mas era, sim, comum nas crianças, e isso, segundo o Codificador, não deixava de ser providencial. "Ao sair da vida espiritual, *explicou Kardec*, os guias da criança acabam de a conduzir ao porto de desembarque para o mundo terreno, como vêm buscá-la em seu retorno. A elas se mostram nos primeiros tempos, para que não haja transição muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre-arbítrio." (*Revista Espírita de 1866, pp. 286 e 287.*)

28/3/2010

Edição 151

Um amigo nos pergunta qual é o melhor dia para realização das sessões mediúnicas.

Allan Kardec tratou do assunto em *O Livro dos Médiuns* (itens 62, 63 e 282), no qual disse que a fixação prévia do dia e da hora para a realização das sessões favorece o comparecimento dos Espíritos, que têm suas ocupações e não podem ficar à disposição das preferências dos encarnados. Quanto ao momento mais propício à atividade mediúnica, entendia o Codificador que seria aquele em que os participantes da tarefa estivessem mais calmos e menos distraídos por suas obrigações habituais.

Com fundamento nessa ideia, concluímos que qualquer dia da semana pode ser adequado à tarefa, dependendo das pessoas que compõem a equipe. O importante, realmente, é que no momento da reunião seus participantes estejam em boas condições e mais focados na atividade a realizar, fato que pode dar-se em qualquer ocasião, não havendo, portanto, para isso, um dia determinado.

4/4/2010

Edição 152

Um confrade de Belo Horizonte pergunta-nos se é possível uma comunicação psicográfica de um Espírito encarnado.

Sim, é possível a comunicação de um Espírito encarnado, seja pela psicofonia, seja pela psicografia.

A prova disso temos em três passagens da *Revista Espírita*, periódico redigido por Allan Kardec de 1858 a 1869, adiante transcritas:

1. *Revista Espírita de 1860, Edicel, pp. 181 a 183:*

A Revista diz que Kardec evocou Charles de Saint-G..., um jovem idiota, de 13 anos, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais eram de uma tal nulidade que ele nem conhecia os pais. Charles tinha consciência do seu estado e sabia por que nascera assim. "Sou um pobre Espírito ligado à terra, como uma ave por um pé", definiu ele. Comentando o caso, Kardec diz, então, que a imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação das faculdades, mas não as aniquila.

2. Revista Espírita de 1865, Edicel, pp. 19 e 20:

A Revista transcreve um diálogo travado no ano de 1862 entre o Sr. Rul, membro da Sociedade Espírita de Paris, e o Espírito de um jovem surdo-mudo de 12 a 13 anos, ainda encarnado. Na conversa o jovem disse que nascera assim como expiação de seus crimes no passado, pois ele fora parricida.

3. Revista Espírita de 1867, Edicel, p. 88:

Relata a Revista que em determinada sessão discutia-se a seguinte questão: "Na lista dos Espíritos que se comunicaram havia encarnados? Se sim, como podiam comunicar-se?" Um Espírito, então, explicou: "Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma radiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nuns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira completa para os impedir de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, mais fracos os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e pode dizer-se que está onde está seu pensamento".

É bom, ainda, lembrar que Ernesto Bozzano, no livro **Comunicações mediúnicas entre vivos**, de 1927, trata do assunto ora exposto.

11/4/2010

Edição 153

Uma leitora de Pernambuco pergunta-nos que são os sonhos e como interpretá-los.

Os sonhos [do latim *somniu*] são um efeito da emancipação da alma durante o sono corpóreo.

Os sonhos fazem parte, em "O Livro dos Espíritos", do capítulo referente à emancipação da alma, o mesmo que trata do sono, da dupla vista, do sonambulismo e do êxtase.

Diz-nos a questão 401 do livro citado:

– Durante o sono, a alma repousa como o corpo? "Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos."

Tornando-se mais livre, a alma recupera, então, parcialmente, suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com outros seres, desencarnados ou não. A recordação que ela conserva ao despertar constitui o sonho propriamente dito. Sendo essa recordação apenas parcial, quase sempre incompleta e entremeada com recordações da vigília, resultam daí interrupções, soluções de continuidade que prejudicam a concatenação dos fatos e produzem, por isso mesmo, esses conjuntos estranhos, muito comuns nos sonhos, que parecem não ter sentido.

Como já dissemos em outra oportunidade, os sonhos são de difícil interpretação porque podem referir-se a fatos já ocorridos, a fatos que estão ocorrendo ou a

fatos que ainda ocorrerão. É por isso que se recomenda que sejam os sonhos anotados, para que a pessoa possa verificar se eles se repetem ou não e tenha uma ideia do que possam significar.

Quando não decorrem de pesadelos ocasionados por problemas orgânicos, os sonhos representam cenas de conversas e encontros que se passam durante a noite, quando o corpo físico está repousando. A dificuldade de sua compreensão deriva do fato de que, para várias horas de sono, lembramo-nos geralmente de alguns poucos minutos, o que torna efetivamente difícil deduzir do relato algum sentido.

18/4/2010

Edição 154

Qual é a finalidade de nossa existência? Por que estamos aqui neste mundo tão confuso em que há tantas desigualdades, doenças, guerras e catástrofes?

Estas são perguntas comuns às pessoas e – importante é que se diga – interessaram também a Allan Kardec, constituindo um dos temas mais relevantes tratados na principal obra da Doutrina Espírita – “O Livro dos Espíritos” – cujo aniversário de lançamento se comemora nesta data.

Diz a questão 132 da obra referida:

Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

Respondendo, assim, à pergunta inicial, podemos afirmar com segurança, apoiados no ensinamento espírita, que viemos ao globo para progredirmos e, progredindo, avançar um pouco mais no caminho que nos levará à perfeição. Mas nossa presença no planeta tem uma segunda finalidade, que é participarmos da obra da criação, fazendo a parte que nos cabe.

Verifica-se, desta forma, que a ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, no entanto, em sua sabedoria, quis que nessa mesma ação encontrassem eles um meio de progredir e de se aproximar dele.

25/4/2010

Edição 155

Um leitor nos pergunta: Em que obras podemos encontrar a orientação espírita para o tratamento da obsessão?

O tratamento espírita da obsessão é objeto de inúmeras obras espíritas, como **O Livro dos Médiuns** e **O Evangelho segundo o Espiritismo**, ambas de Allan Kardec.

Evidentemente, no tocante ao tema obsessão e a muitos outros temas, não podemos restringir-nos ao que Kardec ensinou, mas todos os autores, encarnados e desencarnados, que trataram até hoje do assunto confirmam o

que o Codificador propôs, ou seja: 1.) a necessidade do tratamento magnético; 2.) a importância da chamada doutrinação do agente causador da obsessão; 3.) a renovação de suas atitudes por parte do enfermo.

Muitas são as obras que podemos consultar a respeito disso. **Desobsessão**, de André Luiz, e **Obsessão/Desobsessão**, de Suely Caldas Schubert, são duas delas. Há, ainda, os estudos de Hermínio C. Miranda e Manoel Philomeno de Miranda. Este último entende que o melhor médico, em se tratando do tratamento da obsessão, será sempre o enfermo, como Suely Caldas Schubert mostra em sua obra, acima citada, da qual extraímos os seguintes apontamentos:

1.) Esclarecer o paciente é fazê-lo sentir quanto é essencial sua participação no tratamento; é orientá-lo, dando-lhe uma visão gradativa, cuidadosa, do que representa em sua existência aquele que é considerado o obsessivo; é levantar-lhe as esperanças, se estiver deprimido; é transmitir-lhe a certeza de que existem dentro dele recursos imensos que precisam ser acionados pela vontade firme, para que venham a eclodir, revelando-lhe facetas da própria personalidade até então desconhecidas dele mesmo. É, enfim, ir aos poucos conscientizando-o das responsabilidades assumidas no passado e que agora são cobradas através do irmão infeliz que se erigiu em juiz, cobrador ou vingador. (*Obsessão/Desobsessão, segunda parte, cap. 9, p. 114.*)

2.) O obsidiado só se libertará quando ele mesmo se dispuser a promover a autodesobsessão. O Espiritismo não pode fazer por ele o que ele não fizer por si mesmo. Muito menos ainda os médiuns, ou alguém que lhe queira operar a cura. É preciso compreender que o tratamento da obsessão não consiste na expulsão do obsessivo: alcançado isso, se fosse possível, ele depois voltaria, com forças redobradas, à obra interrompida. A terapia tem em vista a reconciliação; trata-se de uma conversão a ser feita, tarefa que requer do obsidiado uma ampla cooperação, grandes esforços e boa vontade. (*Obra citada, segunda parte, cap. 2.*)

3.) A renovação moral é, como já foi dito, fator essencial ao tratamento desobsessivo. Yvonne A. Pereira, em seu livro *Recordações da Mediunidade*, é incisiva a tal respeito: "O obsidiado, se não procurar renovar-se diariamente, num trabalho perseverante de autodomínio ou autoeducação, progredindo em moral e edificação espiritual, jamais deixará de se sentir obsidiado, ainda que o seu primitivo obsessivo se regenere. Sua renovação moral, portanto, será a principal terapêutica, nos casos em que ele possa agir". (*Obra citada, segunda parte, cap. 2.*)

2/5/2010

Edição 156

Uma leitora de São Paulo-SP indaga se existe uma hora certa para a morte das pessoas.

A lição, relativamente ao momento da morte das pessoas, foi-nos dada na questão 853 de "O Livro dos Espíritos", na qual lemos o seguinte: "Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos".

Note-se que os Espíritos não falam em "hora", mas sim em momento, como o instrutor espiritual Jerônimo explica no livro "Obreiros da Vida Eterna", de

André Luiz, ao reportar-se à desencarnação de Dimas: *"Há tempo de morrer, como há tempo de nascer. Dimas alcançara o período de renovação e, por isso, seria subtraído à forma grosseira, de modo a transformar-se para o novo aprendizado". "Não fora determinado dia exato. Atingira-se o tempo próprio."*

A duração de uma existência corpórea, se fatos supervenientes não interferirem no seu processo, está, como já dissemos anteriormente, ligada à programação reencarnatória do indivíduo, mas o instante da morte pode ser adiado em determinados casos, como mostrado na obra de André Luiz acima citada. E pode, de igual modo, ser antecipado, em face do estilo de vida e dos abusos que a pessoa adote no curso de sua existência corpórea. Os excessos na mesa e o uso de alcoólicos podem, como sabemos, determinar o retorno mais cedo do indivíduo à vida espiritual.

9/5/2010

Edição 157

Uma leitora pergunta-nos se a pena de talião continua existindo, conforme está dito em *O Livro dos Espíritos*, ou foi revogada por Jesus.

A pena de talião, também chamada de lei de talião, consiste na rigorosa reciprocidade do crime e da pena, apropriadamente chamada retaliação. Essa lei é frequentemente expressa pela máxima olho por olho, dente por dente. Trata-se de uma das mais antigas leis existentes em nosso mundo, cuja origem encontramos no Código de Hamurabi, em 1780 a.C., na Babilônia. Moisés, algum tempo depois, a consagrou em Israel.

Conforme se lê na questão 764 de *O Livro dos Espíritos*, a pena de talião, tal como era aplicada na antiguidade, não mais vigora. O que vigora no mundo é, em última análise, a justiça de Deus e é, obviamente, Deus quem a aplica.

Conhecida na doutrina espírita como lei de causa e efeito, ela aparece no Evangelho resumida numa frase que Jesus disse ao apóstolo Pedro: "Pedro, guarda a espada, porque todo aquele que matar com a espada perecerá sob a espada".

O rigor de tal pena pode, contudo, ser suavizado por uma outra lei evangélica que se tornou conhecida graças ao citado apóstolo: "O amor cobre a multidão dos pecados", frase que integra a 1ª Epístola de Pedro, 4:8, o que significa dizer que muitas pessoas podem alterar o mapa de sua vida amando, ajudando, fazendo o bem, uma ideia que Divaldo Franco resumiu numa frase característica sua: "O bem que fazemos anula o mal que fizemos".

16/5/2010

Edição 158

A leitora Jaqueline Bampi, de Caxias do Sul (RS), enviou-nos a seguinte pergunta: "Em **Os Mensageiros** há a seguinte frase de Aniceto: *'Se o homem conseguisse fixar dez gramas, aproximadamente, dos mil litros de nitrogênio que respira diariamente, a Crosta estaria transformada no paraíso verdadeiramente espiritual'*. O que isso quer dizer? Como proceder para aproveitar mais o nitrogênio na respiração? Qual a relação entre a respiração e o nitrogênio e um planeta mais espiritualizado?"

É importante esclarecer que Aniceto, no mesmo livro (**Os Mensageiros**, cap. 42, pág. 222), informou que mesmo na colônia "Nosso Lar" os que ali habitam estavam distantes da grande conquista do alimento espontâneo pelas forças atmosféricas, em caráter absoluto, o que somente ocorreria mais tarde, com o progresso moral do homem. Quando isso acontecer, o matadouro será convertido em local de cooperação, onde o homem atenderá aos seres inferiores e estes atenderão às necessidades do homem. O Senhor permitir-nos-á, então, pelo menos em parte, a solução do problema técnico de fixação do nitrogênio da atmosfera.

Dada a complexidade do assunto, ouvimos a opinião de vários colaboradores de nossa revista e aqui publicamos as informações prestadas pelo confrade Leonardo Marmo Moreira, as quais, além de confirmar o que outros confrades nos disseram, parecem-nos atender de modo mais completo ao que a leitora indagou.

Leonardo Marmo Moreira possui graduação em Farmácia-Bioquímica pela Universidade Federal de Alfenas (1998), mestrado em Química Analítica (Grupo de Química Inorgânica e Analítica) pelo Instituto de Química de São Carlos /Universidade de São Paulo (USP) (2001), doutorado em Química Analítica (Grupo de Biofísica Molecular) pelo IQSC-USP (2005) e pós-doutorado (Grupo de Biofísica Molecular) pelo IQSC-USP (2005-2007). Tem experiência na área de Química, com ênfase em Química Inorgânica, Biofísica Molecular, Química Analítica e Engenharia Biomédica atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos espectroscópicos envolvendo sistemas hemoproteicos, especialmente hemoglobinas extracelulares gigantes e complexos tetra-azamacrocíclicos de ferro porfirínicos e não porfirínicos. É revisor dos periódicos "Australian Journal of Chemistry" e "Journal of Electromagnetic Waves and Applications", além de pesquisador credenciado pelo CNPq.

Eis o que Leonardo Marmo escreveu-nos, em resposta à questão acima transcrita:

"Muito provavelmente, o mentor espiritual Aniceto, ao mencionar a fixação de nitrogênio pelo nosso corpo, está mencionando indiretamente nossa necessidade nutricional de proteínas e aminoácidos, os quais constituem a unidade fundamental das cadeias proteicas. Isso ocorre, pois as proteínas obtidas através da alimentação são a principal fonte de nitrogênio do nosso organismo, que, por sua vez, é um elemento fundamental à síntese endógena de vários compostos orgânicos muito importantes fisiologicamente, tais como as próprias proteínas. Apesar da aparente redundância, em verdade, tal afirmação é pertinente, pois o organismo hidrolisa (quebra) as cadeias polipeptídicas das proteínas ingeridas na alimentação para, posteriormente, sintetizar outras proteínas e peptídeos, que são próprios do nosso organismo. Portanto, o organismo humano não aproveita diretamente as proteínas ingeridas através da alimentação, mas quebra suas ligações para aproveitar suas unidades formadoras como matéria-prima para outras reações químicas que sintetizam moléculas e macromoléculas importantes para a nossa vida. Dentro do contexto da afirmação de Aniceto, o mentor espiritual quer dizer que, se a Providência Divina desejasse, nós poderíamos fixar o nitrogênio diretamente através da respiração, uma vez que 70% aproximadamente do ar que respiramos (ar atmosférico) é constituído por gás nitrogênio, ou seja, nitrogênio molecular (N₂). Se isso ocorresse, grande parte da nossa necessidade de alimentação seria atenuada. Vale registrar que determinados seres vivos, em nível mais primário de evolução do que os mamíferos, realizam a fixação de nitrogênio e

que esse fato é fundamental para a manutenção da vida no planeta Terra, pois outros seres aproveitem de suas proteínas, formadas a partir dessa fixação de nitrogênio, através da cadeia alimentar. O próprio mentor espiritual Aniceto afirma que deveríamos agradecer muito a Deus por obtermos o oxigênio molecular (O₂) 'gratuitamente', através da respiração, uma vez que a molécula de oxigênio é imprescindível à vida física, conforme nós a conhecemos aqui na Terra. Entretanto, a Providência Divina não permite ainda tal facilidade porque somos, em grande maioria, Espíritos muito preguiçosos, ou seja, sem amor ao trabalho, ainda sem virtudes consolidadas e esforço sistemático no bem. Desta forma, o fato de nos virmos 'forçados' a trabalhar para 'comer', isto é, trabalhar para conseguir o próprio sustento físico, é de fundamental importância para que nossos Espíritos não fiquem estacionados e possam aproveitar minimamente a experiência carnal para evoluir significativamente a cada oportunidade terrena. Em relação a uma das questões levantadas pela nossa amiga Jaqueline ('Como proceder para aproveitar mais o nitrogênio na respiração?') é importante dizer que isso é impraticável na atualidade, pois tal possibilidade não é permitida pelas características fisiológicas de nosso organismo humano, em seu atual estágio de evolução através da seleção natural. Portanto, no atual momento, enquanto seres humanos encarnados, não tem como aproveitarmos o nitrogênio através da respiração, em função das características fisiológicas de nosso organismo, as quais foram ratificadas pela seleção natural, que não deixa, obviamente, de representar a vontade de Deus, como tudo em a Natureza. Neste contexto, um mundo habitado por Espíritos mais evoluídos moralmente necessitaria bem menos de imposições deste tipo para que os indivíduos se inspirassem para o trabalho. Assim sendo, quando chegarmos a esse nível, provavelmente muitas necessidades deste tipo estarão atenuadas. Podemos lembrar-nos dos próprios Espíritos desencarnados evoluídos que sentem menos necessidade de nutrição para os seus perispíritos enquanto que os Espíritos desencarnados mais atrasados sentem muito mais necessidades nesse sentido. Talvez haja alguma relação, pois André Luiz afirma em **Evolução em Dois Mundos** que o nosso Perispírito é quase idêntico fisiologicamente ao nosso corpo físico, exceto por pequenas mudanças relacionadas à nutrição e ao sexo. Emmanuel chegou a dizer que os Espíritos Superiores permitiram o advento dos anestésicos no fim do século XIX porque a Providência Divina identificou que, em função de avanços espirituais desenvolvidos, a humanidade terrena já não necessitava das dores mais acerbadas para despertar em si mesma valores espirituais positivos. A questão da alimentação poderia ser algo semelhante. Quando já amarmos o trabalho e a solidariedade, necessitaremos menos das imposições dessa natureza para que nos decidamos por realizar algo de útil com o nosso tempo."

23/5/2010

Edição 159

Uma leitora nos pergunta por que Jesus de Nazaré é também chamado de Cristo pelos autores espíritas.

Em primeiro lugar, é bom recordar que a palavra Cristo [do lat. Christu e gr. Christós, 'o que foi ungido'] significa messias, redentor, ungido. Nesse sentido, o nome Cristo, referindo-se a Jesus de Nazaré, foi largamente usado por Paulo de Tarso em suas cartas, por Lucas em Atos dos Apóstolos, por João

Evangelista no seu Evangelho e – em quase todas as suas obras – por Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo.

Eis algumas passagens em que Kardec o utilizou:

"A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações." (*O Livro dos Espíritos, introdução.*)

"Entre os Espíritos inferiores, muitos há que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos constituem títulos tanto maiores à nossa comiseração, quanto é certo que ninguém pode lisonjear-se de lhe não caberem estas palavras do Cristo: 'Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado'." (*O Livro dos Médiuns, cap. XXV.*)

"Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas." (*O Evangelho segundo o Espiritismo, introdução, item I.*)

"Uma nuvem de maus Espíritos pode invadir uma localidade, e ali se manifestar de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que maltratou a Judeia ao tempo do Cristo; ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios, ou maus Espíritos, uma superioridade moral tal que lhe bastava ordenar-lhes para se retirarem, para que eles o fizessem, e não empregava para isso nem sinais, nem fórmulas." (*Obras Póstumas, Manifestações dos Espíritos, item 60.*)

*

O motivo que, com certeza, levou Kardec a usar a palavra ora examinada está relacionado à ideia de Missionário divino atribuída a Jesus, a qual aparece com clareza em inúmeras passagens das obras de Kardec.

Vejamos:

No seu comentário à resposta dada à pergunta 625 d' *O Livro dos Espíritos* ("Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? R.: Vede Jesus"), o Codificador escreveu: "Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra".

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. 1, item 4), o Codificador do Espiritismo afirma que o papel de Jesus "não foi simplesmente o de um legislador moralista sem outra autoridade além da palavra". "Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado a sua vinda, e a sua autoridade provinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina."

E o mesmo ensino se lê em *Obras Póstumas*, págs. 136 e seguintes: "*Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus.*" (...) "*É o filho bem-amado de Deus, porque, tendo alcançado a perfeição, que aproxima de Deus a criatura, possui toda a confiança e toda a afeição de Deus.*"

Não existe, pois, razão nenhuma para a estranheza suscitada pela pergunta de nossa leitora.

30/5/2010

Edição 160

Um amigo nos fez a seguinte pergunta: Qual a importância de se aprender o Esperanto e difundi-lo no meio espírita?

O Esperanto é um dos três EEE que formam uma tradicional bandeira da Federação Espírita Brasileira: Evangelho, Espiritismo e Esperanto.

A bandeira EEE foi adotada também por esta revista, como o leitor pode ver na **Carta ao leitor** de nossa edição inaugural, disponível em <http://www.oconsolador.com.br/1/cartaao leitor.html/>.

A importância de se conhecer esse idioma foi destacada por diversos autores espíritas. Seu valor não diz respeito apenas aos encarnados, embora se saiba que no futuro, quando não mais houver no mundo a hegemonia de um único país, será ele - segundo informam diversas mensagens - o idioma universal de africanos, asiáticos, europeus e americanos.

Sua relevância no plano espiritual é muito grande devido ao fato de que os indivíduos, quando desencarnam, continuam por muito tempo presos aos costumes e à cultura dos países em que viveram e, por isso, a comunicação entre os desencarnados de países diferentes torna-se difícil.

Foi Abel Gomes, segundo informação atribuída a Chico Xavier, o primeiro a falar a Ismael Gomes Braga - esperantista conhecido, autor de uma gramática e de cursos de Esperanto - acerca da missão futura do Esperanto em nosso mundo.

A importância do Esperanto e sua ligação com o Espiritismo pode ser aquilatada também nos seguintes artigos veiculados na internet: O que dizem os Espíritos sobre o esperanto, disponível em <http://okulojn.spaces.live.com/Blog/cns!71FE7443C8F49C8A!615.entry> e Espiritismo e Esperanto, disponível em <http://www.cme.org.br/esperanto08.htm/>.

6/6/2010

Edição 161

Um leitor nos apresenta uma questão interessante: Se o Espiritismo diz respeitar todas as convicções sinceras e não busca fazer proselitismo, por que combate as doutrinas materialistas?

Pergunta parecida com esta foi respondida pelo próprio Codificador da Doutrina Espírita. O assunto pode ser visto no cap. I, Terceiro Diálogo, do livro *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Ao combater o materialismo, não se atacam pessoas, mas sim uma doutrina que se constitui numa verdadeira chaga social, quando generalizada. Ora, ninguém ignora que a negação do futuro ou a simples dúvida sobre outra vida constituem fatores estimulantes do egoísmo, origem da maioria dos males da Humanidade. Com o materialismo, a caridade, a fraternidade e a moral ficam destituídas de base, e nenhuma razão existe para praticá-las ou propagar a sua observância.

Claro que pode haver – e seguramente há – pessoas boníssimas e virtuosas adeptas do materialismo; mas esse fato é antes uma exceção, porque o lema do materialismo, em si considerado, é outro: “Cada um por si durante a vida terrena, porque com ela tudo se acaba”.

O suicídio, a eutanásia, o aborto, a corrupção – nada disso tem importância para o indivíduo convencido de que nada mais existe finda a existência corporal.

Eis aí, portanto, em poucas palavras, o motivo pelo qual devemos combater as doutrinas materialistas e, em especial, a atitude materialista, isto é, o comportamento dos que se dizem cristãos mas agem como se não fossem, o que é evidente nos atos dos que se apropriam dos recursos públicos para o enriquecimento pessoal e dos que, movidos pela ganância, se valem de todos os meios para acumular bens que um dia terão de deixar.

13/6/2010

Edição 162

Marisa Santos Pereira, de Guarujá (SP), perguntou-nos o que a hipófise tem a ver com mediunidade. Diz ela ter um microadenoma localizado na hipófise e que depois que descobriu o que tinha sua sensibilidade ficou mais aflorada. Explicaram-lhe, então, que ela é médium.

Dada a complexidade e importância do assunto, ouvimos dois médicos e estudiosos do tema mediunidade e é com base nas explicações colhidas que respondemos aqui à leitora:

1. De acordo com as informações constantes das obras de André Luiz, a glândula envolvida na mediunidade é a glândula pineal, ou epífise, que exerce papel preponderante em todos os fenômenos medianímicos.
2. Não há em sua obra nenhuma referência à participação da hipófise ou de seus hormônios com relação à mediunidade. A associação entre sensibilidade mediúnica e hipófise, mencionada pela leitora, não tem, assim, nenhum fundamento.

3. Acrescente-se ainda que, segundo o Dr. Nubor Facure, os microadenomas são lesões extremamente benignas que podem ser curadas até sem qualquer terapia e, a seu ver, nada têm a ver com mediunidade.

20/6/2010

Edição 163

Um confrade de Araraquara (SP) pergunta-nos: Por que Deus nos criou?

A pergunta acima, embora clara e objetiva, requer uma resposta difícil de ser redigida.

Criados simples e ignorantes, os Espíritos nascem dotados da possibilidade real de progredir e sua meta é, conforme aprendemos na Doutrina Espírita, a perfeição.

Todos nós chegaremos lá, este é um ponto indiscutível segundo o Espiritismo, compatível, por sinal, com o pensamento evangélico segundo o qual tudo o que Jesus fazia poderemos fazer também e muito mais.

A informação de que Deus nos criou é muito clara na Doutrina Espírita. Nós somos suas criaturas. Mas o confrade deseja saber algo mais: Por que Ele decidiu criar-nos?

Sinceramente, não sabemos a resposta, porque essa indagação equivale a perguntar a um grande poeta por que faz poesia, ou a um grande romancista por que escreve romances.

Evidentemente, somente o romancista, o poeta e o Criador poderão, em sua consciência, respondê-las.

27/6/2010

Edição 164

Uma leitora pergunta-nos se pode ocorrer uma gravidez sem que haja Espírito ligado ao corpo da criança.

A resposta é sim, conforme aprendemos nas questões 136 e 356 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Eis o que, de forma resumida, essas questões nos informam:

O Livro dos Espíritos, questão 136:

1. A alma independe do princípio vital.
2. O corpo físico não é mais que um envoltório e pode existir sem a alma.
3. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.

L.E., questão 356:

1. Entre os natimortos há alguns a cujos corpos nenhum Espírito esteve destinado.
2. Tais crianças só vêm por seus pais e algumas vezes pode chegar a termo de nascimento um ser dessa natureza, mas ele não sobrevive.
3. Toda criança que vive após o nascimento tem forçosamente encarnado em si um Espírito.
4. Que seria esse ser se assim não acontecesse? Não seria um ser humano.

A frustração causada pela morte da criança é, sem dúvida, uma prova ou uma expiação para os pais.

Resta saber por que, não existindo Espírito ligado à criança, a gestação prossegue normalmente e o corpo do bebê se forma no ventre materno.

André Luiz trata do assunto em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, cap. XIII, no qual nos transmite as informações abaixo resumidas:

1. Em todos os casos em que há formação fetal, sem que haja a presença de entidade reencarnante, o fenômeno obedece aos moldes mentais maternos.
2. Dentre as ocorrências dessa espécie há, por exemplo, aquelas em que a mulher, em provação de reajuste do centro genésico, nutre habitualmente o vivo desejo de ser mãe.
3. Ela impregna as células reprodutivas com elevada percentagem de atração magnética, pela qual consegue formar, com o auxílio da célula espermática, um embrião frustrado que se desenvolve, embora inutilmente, na medida da intensidade do pensamento maternal.
4. Seu pensamento opera por meio de impactos sucessivos condicionando as células do aparelho reprodutor, que lhe respondem aos apelos segundo os princípios de automatismo e reflexão.

4/7/2010

Edição 165

Uma leitora da revista pergunta-nos o que é zoantropia e quais obras espíritas tratam do assunto.

Define-se zoantropia [do latim *zo(o)-* + *antrop(o)* + *-ia*] como sendo uma perturbação mental em que o enfermo se acredita convertido em um animal, sendo também aplicável o termo à metamorfose perispirítica, por meio do processo de indução hipnótica, em que o Espírito desencarnado, ainda inferiorizado, ganha a forma animalesca.

Licantropia [do grego *lykanthropía*] é uma das formas de zoantropia, na qual o enfermo se julga transformado em lobo ou a metamorfose perispirítica levou-o a essa forma animal.

O assunto é tratado nas seguintes obras espíritas: *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 23, e *Libertação*, cap. V, ambas de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier; *Nos Bastidores da Obsessão*, cap. 3 e 6; *Nas Fronteiras da Loucura*, cap. 27 e 28; *Painéis da Obsessão*, cap. 18, e *Loucura e Obsessão*, cap. 8, todas estas de Manoel Philomeno de Miranda, psicografadas por Divaldo Franco.

Nesta revista o assunto já foi tratado na edição 89, cujo texto pode ser acessado clicando-se no seguinte link:
<http://www.oconsolador.com.br/ano2/89/esde.html>

11/7/2010

Edição 166

Uma amiga nos pergunta como devemos agir para vencer a tristeza que nos acomete com frequência.

O assunto já foi examinado nesta revista pelo confrade Rogério Coelho no artigo intitulado *Suicídio e loucura*, que pode ser acessado clicando-se neste link:
http://www.oconsolador.com.br/ano2/71/rogerio_coelho.html.

Aprendemos no Espiritismo que devemos repelir sempre todo pensamento e todo sentimento de angústia, de contrariedade, de aflição e, por conseguinte, o sentimento de tristeza. A oração e a leitura de uma página edificante são recursos inestimáveis em tais momentos.

Joanna de Ângelis a isso se reporta no cap. 10 de seu livro *Alerta*, psicografado por Divaldo Franco.

Propõe-nos a conhecida benfeitora espiritual:

“Sejam quais forem os fatores afligentes ou depressivos que te cheguem, invitando-te ao cultivo do pessimismo ou da irritabilidade, não devem encontrar guarida nos teus painéis mentais.

“Problemas e dificuldades representam prova com que crescemos na direção da Vida.

Desse modo, realiza a assepsia mental pela preservação do otimismo e da irrestrita confiança em nosso Pai Celestial.

“Quando a Vida te parecer sem objetivos e estiveres a ponto de cair, renova os teus conceitos e ora, buscando a divina inspiração, haurindo, então, a força que te propiciará sair do ocaso emocional e transformará os teus problemas em ação de benemerência para os teus irmãos, descobrindo, por fim, que a linguagem universal do bem é a terapia preventiva e curadora para o suicídio e a loucura”.

18/7/2010

Edição 167

Uma leitora nos fez a seguinte pergunta: - Quando um Espírito desiste de reencarnar, pode outro ocupar seu lugar naquela gestação?

Na mesma gestação, não. Quando um Espírito desiste de reencarnar, outro Espírito pode ocupar seu lugar se a gestação ainda não se iniciou. Iniciada esta, o fato seria impossível.

Não é difícil entender o assunto, que é tratado com clareza nas obras de Allan Kardec e André Luiz.

É que a alma do reencarnante se une ao corpo a partir da concepção, conforme lemos na questão 344 d' O Livro dos Espíritos, adiante transcrita:

– Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

25/7/2010

Edição 168

Uma amiga nos pergunta sobre o que pode levar uma pessoa com tendências homossexuais a nascer no seio de uma família. Seria esse fato uma prova para os pais?

A formação de uma família terrena é precedida, quase sempre, de uma programação reencarnatória. Em seu seio reencarnam Espíritos amigos e também aqueles que tiveram relacionamento anterior conosco, sobretudo os

que prejudicamos em existências passadas. Os filhos não vêm à Terra como uma cruz, um castigo, uma espécie de penitência. Não. Eles vêm como instrumentos de nosso próprio melhoramento, ao mesmo tempo em que os ajudamos a crescer. O lar é importante sobretudo por causa disso.

No tocante às tendências homossexuais, o fato é explicado naturalmente pelos autores espíritas, como já foi tratado na revista **O Consolador** em diversas oportunidades. Clicando nos links adiante, a leitora verá como o assunto é tratado, sem nenhum preconceito e com extremo respeito, na Doutrina Espírita: edição 8 - <http://www.oconsolador.com.br/8/editorial.html> e <http://www.oconsolador.com.br/8/entrevista.html>

edição 15 - <http://www.oconsolador.com.br/15/especial.html>

edição 85 - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/85/especial.html>

edição 144 - <http://www.oconsolador.com.br/ano3/144/especial.html>

Emmanuel examina o assunto de forma minuciosa em seu livro *Vida e Sexo*, psicografia de Chico Xavier, no qual desenvolve ensinamentos que a respeito do assunto Allan Kardec publicou na *Revista Espírita de 1866*, págs. 2 a 4.

O Codificador do Espiritismo lembra-nos, no volume mencionado, que as almas podem animar corpos de homens e mulheres, aduzindo que a influência que o Espírito encarnado sofre do organismo não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perdemos instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Pode acontecer ainda que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que durante muito tempo possa conservar, na erraticidade, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o fato se dá também quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Mudando de sexo, poderá então conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Por anomalias aparentes, podemos entender o fato de existirem mulheres másculas que se comportam como verdadeiros homens, e vice-versa, independentemente de manterem ou não relações sexuais.

1º/8/2010

Edição 169

Um leitor pergunta-nos se os animais também experimentam uma evolução do seu princípio espiritual e podem, em determinado momento, transformar-se em seres humanos.

Todo ser vivo, de qualquer reino da Natureza, é dotado de um princípio espiritual.

Nos animais vertebrados, ou seja, provido de espinha dorsal ou coluna vertebral, esse princípio espiritual é individualizado e podemos chamá-lo de "alma". Assim, o chimpanzé é dotado de "alma" – claro que é alma de animal, diferente da alma humana. Segundo os estudiosos do Espiritismo, a diferença está em que a alma dos animais não é capaz de gerar pensamento contínuo; a alma humana, sim, é capaz disso.

Em seu livro *Evolução em dois Mundos, 2ª Parte, cap. XVIII, pp. 211 e 212*, André Luiz refere-se ao assunto e diz que o cão, o macaco, o gato, o elefante, o muar e o cavalo seriam os animais superiores mais amplamente dotados de riqueza mental, como introdução ao pensamento contínuo. Ele ressalva, porém, que existem ideias-fragmentos de determinado sentido mais avançadas em certos animais que em outros, o que torna difícil afirmar qual, dentre eles, é o detentor de mais dilatadas ideias-fragmentos.

As almas dos animais evoluem por meio de encarnações inúmeras e experiências múltiplas e vão sendo utilizadas, gradativamente, nas espécies animais mais evoluídas. Quando chega o momento em que essa alma atingiu o ápice possível no reino animal, ela estará pronta para seu ingresso no chamado reino hominal, cuja característica, além da possibilidade de gerar pensamento contínuo, é ser dotada de livre-arbítrio, um atributo exclusivo do Espírito humano.

Podemos apresentar um exemplo bem singelo disso: o João-de-Barro constrói sua casinha da mesma forma que o fazia 80 anos atrás e tudo indica que continuará a fazê-la assim. A alma que anima determinado João-de-Barro poderá, contudo, no decurso desse tempo, passar a animar outras espécies mais evoluídas do reino animal e, assim, sucessivamente, até atingir um dia – milhões ou bilhões de anos depois – a condição de alma humana, fato que não se dá em planetas como o nosso, mas, sim, nos chamados mundos primitivos. A escala dos mundos é tratada por Kardec no cap. III do livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Referimo-nos aqui à evolução do princípio espiritual, que, não sendo diferenciado no início, torna-se individualizado nos animais vertebrados e, em determinado momento, chegará à condição de alma ou Espírito humano.

No tocante à forma material, Darwin mostrou que existe igualmente uma evolução. Espécies extintas deram lugar a outras espécies, como vemos demonstrado nas obras científicas, em decorrência de um processo evolutivo muito lento que corre paralelamente à evolução do princípio espiritual. É por isso que se diz – embora Darwin jamais o tenha dito – que o homem descende do macaco.

8/8/2010

Edição 170

Um leitor de São Paulo-SP pergunta-nos se nas casas espíritas são realizados trabalhos de magia negra. A indagação mostra que o leitor nada conhece de Espiritismo ou, então, o confunde com determinadas seitas que se dedicam ao que ele chama magia negra.

Quem frequenta um centro espírita sabe que as instituições e os centros espíritas que seguem a Doutrina dos Espíritos, tal como codificada por Allan Kardec, não realizam trabalhos de magia branca ou negra, nem qualquer prática que seja parecida com isso.

As obras de Allan Kardec que contêm a Doutrina Espírita são estas: *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese e o Evangelho segundo o Espiritismo*, complementadas pelos artigos que ele publicou na **Revista Espírita**, no período de 1858 a 1869.

As práticas citadas na pergunta foram objeto de severa crítica por parte do Codificador, conforme o leitor pode verificar no texto seguinte constante da **Revista Espírita** de 1863, págs. 74 a 77:

“Os Judas existem também no movimento espírita. Eis o que os caracteriza: I) a tendência para fazer o Espiritismo sair dos caminhos da prudência e da moderação; II) o estímulo às publicações excêntricas; III) o costume de provocar nas reuniões assuntos comprometedores sobre política e religião; IV) o hábito de soprar a discórdia enquanto pregam a união entre os espíritas; V) o lançamento ao tapete, com habilidade, de questões irritantes ou ferinas, capazes de provocar dissidências; VI) a implantação da inveja e do desejo de supremacia entre os vários grupos, encantando-se quando, por meras diferenças de opinião, os grupos passam a apedrejar-se, erguendo bandeira contra bandeira. Alguns organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupam exatamente daquilo que o Espiritismo **desaconselha**, envolvendo a reunião espírita em práticas ridículas de magia negra, cartomancia, quiromancia, leitura da *buena-dicha* e quejandos, cujo resultado é o descrédito que se lança à doutrina espírita.”

Acreditamos que, à vista destas palavras de Kardec, ninguém poderá nutrir dúvida alguma com relação ao que os espíritas verdadeiros pensam a respeito do assunto.

15/8/2010

Edição 171

Um leitor nos pergunta se no tratamento da obsessão basta assistir às palestras, recebendo passes ao final da reunião, ou se existem outros recursos aplicáveis ao caso.

Ambas as providências são úteis, mas seria interessante também que o leitor lesse com atenção as recomendações feitas por Allan Kardec no cap. 28, item 81 e seguintes, d’*O Evangelho segundo o Espiritismo*. Nesse capítulo, o Codificador do Espiritismo fala sobre a importância dos passes e da doutrinação do Espírito causador da obsessão e lembra, ainda, que a vontade do paciente em se reequilibrar é fator primordial no tratamento.

Anteriormente, em artigo publicado na *Revista Espírita de 1862*, Kardec referiu-se ao assunto, ensinando que no tratamento das obsessões é preciso esforçar-se por adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, pela energia e pelas qualidades morais.

Em um processo obsessivo é essencial que a pessoa consiga dominar-se a si mesma e, para isso, o meio mais eficaz é a vontade, secundada pela prece. É-lhe necessário, ainda, pedir ao anjo da guarda e aos bons Espíritos que a assistam na luta, mas não é suficiente pedir que expulsem o mau Espírito. Lembrando a máxima: *Ajuda-te, e o céu te ajudará*, deve pedir-lhes, sobretudo, a força que lhe falta para vencer as más inclinações, porque são estas que atraem os maus Espíritos, como a carniça atrai as aves de rapina.

Kardec recomenda, ainda, que se ore pelo Espírito obsessor, aduzindo que é possível, com paciência e perseverança, na maioria dos casos, conduzi-lo a melhores sentimentos, transformando-o de obsessor em uma pessoa reconhecida.

Sugerimos, por fim, ao leitor que leia sobre o assunto o que dissemos a outro leitor na edição 155 desta revista, o que pode ser visto clicando-se em

22/8/2010

Edição 172

O confrade Jorge da Silva Lima, de Vila Nova de Gaia, Portugal, pergunta-nos, no tocante às cidades espirituais citadas por André Luiz, qual o tipo de matéria utilizada na construção de seus edifícios e moradias.

É preciso, inicialmente, lembrar que a notícia referente às construções espirituais está presente não só na obra de André Luiz, mas em autores como Arthur Conan Doyle, Ernesto Bozzano, Cairbar Schutel e Manoel Philomeno de Miranda.

Em todos eles é destacado, com clareza, o papel do pensamento sobre a matéria peculiar às chamadas cidades ou colônias espirituais.

Vejamos algumas citações do livro **A Crise da Morte**, um dos clássicos do Espiritismo, de autoria de Ernesto Bozzano:

1. Jim Nolan disse que, ao entrar no mundo espiritual, parecia-lhe caminhar sobre um terreno sólido, quando encontrou sua avó, que o levou para longe dali, para sua morada. A morada da avó, onde ele repousou e dormiu naquela noite, tinha o aspecto de uma casa. "No mundo dos Espíritos – explicou ele –, há a força do pensamento, por meio do qual se podem criar todas as comodidades desejáveis..." (*Obra citada, p. 32.*)

2. O Espírito, pensando na forma humana, se veria de novo em forma humana; pensando em estar vestido, achar-se-ia coberto de roupas que, sendo tão etéreas como o seu próprio corpo, lhe pareceriam tão substanciais como as vestes terrenas. É assim que ele encontra, no mundo espiritual, um meio e uma morada correspondentes a seus hábitos terrestres, morada que lhe preparariam os seus familiares, tornados antes dele à existência espiritual. (*Obra citada, p. 36.*)

3. Felicia Scatcherd diz ter sido conduzida a uma maravilhosa morada que os próprios Espíritos haviam criado pela força do pensamento. (*Obra citada, pp. 117 a 121.*)

4. A mensagem do Espírito trouxe notícias sobre as habitações existentes no mundo espiritual, construídas por Espíritos que se especializaram em modelar, pelo pensamento, a matéria espiritual. (*Obra citada, pp. 137 a 143.*)

5. A respeito do poder do pensamento no meio espiritual, a entidade trouxe uma informação adicional: para criar os objetos de que necessita não basta pensar na "coisa" desejada; é preciso uma concentração firme do pensamento sobre esse objeto, pensando em todos os seus detalhes. É por isso que, exercitando-se nas criações do pensamento, os Espíritos chegam a pensar com uma nitidez cada vez maior e a concentrar a vontade com uma eficácia sempre mais intensa. Não sendo assim, formar-se-á tão-somente um esboço mais ou menos confuso e informe do objeto desejado. (*Obra citada, p. 157.*)

O tema não é, evidentemente, estranho à obra de Allan Kardec, conforme podemos ver pelas citações abaixo:

1. Todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta, variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam. Não há, em todo o Universo, senão uma única

substância primitiva: o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos. (*A Gênese, cap. VI, itens 3, 4 e 7.*)

2. O fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de **eterização** ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de **materialização** ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. (*A Gênese, cap. XIV, item 2.*)

3. O estado no qual o fluido universal se apresenta em sua maior simplicidade é o que se encontra no ambiente dos Espíritos puros. Na Terra, ele está mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que nos cerca. (*O Livro dos Médiuns, item 74, pergunta nº 5.*)

4. Os Espíritos fazem a matéria etérea passar pelas transformações que queiram; portanto, eles podem formar os objetos – vestuários, joias, caixas de rapé etc. – que desejem, por ato de sua vontade e, do mesmo modo que os fazem, podem desfazê-los. (*L.M., item 128, pergunta 6.*)

5. A teoria espírita acerca do laboratório do mundo invisível pode-se resumir assim: a) o Espírito atua sobre a matéria; b) da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra; c) pela ação de sua vontade, pode ele operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades; d) essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, sem disso se aperceber; e) os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade que ele experimenta; f) ele pode fazê-los e desfazê-los livremente; g) em certos casos, esses objetos podem apresentar, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se visíveis e até mesmo tangíveis; h) trata-se, porém, de formação, não *criação*, porque do nada o Espírito nada pode tirar. (*L.M., item 129.*)

Creemos que, com base nos dados acima, é possível ao leitor sanar suas dúvidas acerca da questão proposta.

29/8/2010

Edição 173

Um dileto amigo, atualmente radicado em Atibaia (SP), pergunta-nos qual é a posição do Espiritismo a respeito da cremação de cadáveres humanos.

Antes de responder a esta pergunta, é bom lembrar que foi em 1774 que começou no mundo o movimento pró-cremação, uma iniciativa do abade Scipion Piattoli, o qual se expandiu pela Suíça, Alemanha, Inglaterra, França etc. No século seguinte, uma lei de 1886 consagrou na França o direito à escolha pela sepultura ou pela cremação.

A cremação apresenta vantagens e desvantagens.

No campo econômico, as vantagens são evidentes. As despesas de funeral são reduzidas enormemente, o espaço físico destinado aos cemitérios não se torna

mais necessário e, em vez de mausoléus, sempre muito caros, uma urna pequena resolve o problema de acondicionamento das cinzas, se a família pretender conservá-las.

No aspecto higiênico ou sanitário, a cremação é considerada também, em muitos casos, a solução ideal. Especialistas propõem a incineração obrigatória em casos de morte por moléstia contagiosa, como tifo, varíola, escarlatina, tanto quanto nas epidemias, em que apenas o fogo pode ensejar um saneamento em regra.

Já no campo jurídico, há quem seja contrário à cremação baseado no fato de que, uma vez destruído o cadáver, torna-se impossível toda e qualquer verificação *post-mortem* que se fizer necessária.

No tocante ao Espiritismo, nada existe nas obras Allan Kardec sobre o assunto, um fato curioso tendo em vista que a cremação era e continua sendo um procedimento comum em alguns países importantes, como a Índia e Portugal.

Em face da inexistência de uma orientação específica na Codificação Kardequiana, as opiniões no meio espírita são divergentes.

Léon Denis, por exemplo, prefere a inumação, em vez da cremação, tendo em vista que a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento da entidade desencarnante, além de ser muito doloroso para as almas apegadas à Terra.

Como sabemos, determinados Espíritos permanecem algum tempo imantados ao corpo material após o transe da morte, como acontece principalmente com os suicidas. O rompimento do cordão fluídico nem sempre se consuma num curto espaço de tempo. Nessas condições, o desencarnado é como se fosse um morto-vivo cuja percepção sensória, para sua desventura, continua presente e atuante. A cremação viria causar-lhe um angustiante trauma, o que seria "aumentar a aflição ao aflito".

Richard Simonetti entende que, embora o cadáver não transmita sensações ao Espírito, este experimentará obviamente "impressões extremamente desagradáveis" se no ato crematório a entidade estiver ainda ligada ao corpo.

Paul Bodier acha que "a incineração, tal como se pratica entre nós, é, com efeito, prematura demais". Talvez, por isso a inumação devesse ser o processo normal, só se cremando os cadáveres com sinais evidentes de putrefação.

Emmanuel afirmou, todavia, por intermédio de Chico Xavier, que "a cremação é legítima para todos aqueles que a desejam, desde que haja um período de, pelo menos, 72 horas de expectativa para a ocorrência em qualquer forno crematório".

Ao considerá-la legítima, Emmanuel quer dizer que não se trata de algo que fira as leis naturais, sendo, porém, importante que o falecido haja feito tal escolha e que se observe o prazo mencionado.

5/9/2010

Edição 174

Um leitor pergunta-nos em que livros podemos obter informações precisas sobre a água fluidificada e sua utilidade como substância salutar e própria para curar uma enfermidade.

Duas obras nos parecem fundamentais para a compreensão do assunto.

A primeira, de Kardec, é *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, itens 128 e 131, em que, por meio de interessante diálogo com o Espírito de São Luís, o Codificador do Espiritismo anotou as seguintes informações:

I. Pode o Espírito dar a um objeto, não só a forma, mas também propriedades especiais? *"Se o quiser. Baseado neste princípio foi que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar, como eu disse há pouco."*

II. Suponhamos, então, que quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada? *"Teria podido, mas não o faria, por não lhe ser isso permitido."*

III. Poderá ele fazer uma substância salutar e própria para curar uma enfermidade? E já se terá apresentado algum caso destes? *"Já, muitas vezes."*

Esta teoria, disse Kardec logo em seguida, fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como já foi dito, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

A outra obra é *O Consolador*, de Emmanuel, que, tratando do assunto nas questões 103 e 104, informa que a água pode ser fluidificada, de modo geral, em benefício de todos, mas pode sê-lo também em caráter particular para determinado enfermo, e, neste caso, é conveniente que o uso seja pessoal e exclusivo.

Para obtê-la não se exigem *condições especiais*. A caridade, afirma Emmanuel, não pode atender a situações especializadas. A presença de médiuns curadores, bem como as reuniões especiais, de modo algum podem constituir o preço do benefício aos doentes, porquanto os recursos dos guias espirituais, nessa esfera de ação, independem do concurso medianímico, considerando o problema dos méritos individuais.

12/9/2010

Edição 175

Agora que milhões de pessoas, por força do filme *Nosso Lar*, passam a ter maior familiaridade com as coisas do mundo espiritual, um amigo nos pergunta se as roupas e os objetos usados pelos Espíritos são cópias dos que eles usaram em sua existência corpórea.

Kardec tratou do assunto com bastante clareza no item 128 d' *O Livro dos Médiuns* e vamos recorrer a esse livro para responder à pergunta proposta.

Eis, em resumo, o que o Codificador do Espiritismo nos informa sobre o assunto:

1. Os Espíritos têm sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço um poder que o homem longe está de suspeitar. Podem eles, à sua vontade,

concentrar esses elementos e dar-lhes a forma desejada, imitando, se quiserem, os objetos terrenos necessários à sua identificação ante os que os veem. Os objetos que usa são, portanto, reais e não meras cópias ou aparências.

2. As roupas e os objetos utilizados pelos Espíritos são por eles mesmos produzidos, podendo ter ou não a aparência de peças usadas em sua última encarnação na Terra. É que os Espíritos podem imprimir à matéria eterizada transformações à sua vontade e produzir, dessa forma, os trajes, as joias e quaisquer adornos de que necessitem em um dado momento, subordinado tal poder ao seu grau evolutivo.

3. Ao produzir determinada roupa ou objeto, nem sempre os Espíritos sabem como agiram. Com frequência concorrem para a formação de um objeto por um ato instintivo que eles não compreendem, se não estiverem bem esclarecidos sobre o assunto. Embora os Espíritos inferiores possam ter esse poder, quanto mais o Espírito for elevado, mais facilmente obterá o que deseja.

Sugerimos ao leitor que releia o que foi dito nesta mesma seção sobre as construções e moradias espirituais. A informação consta da edição 172 desta revista, que o leitor poderá acessar clicando em <http://www.oconsolador.com.br/ano4/172/oespiritismoresponde.html>

19/9/2010

Edição 176

Um amigo nos pergunta se a encarnação do Espírito amortece suas percepções espirituais.

Sim.

A encarnação amortece-as sem, contudo, as anular completamente, porque a alma não fica encerrada no corpo como numa caixa.

Kardec referiu-se ao assunto no cap. XVI de seu livro *A Gênese*.

Lemos nessa obra que, quando estamos encarnados, nossas percepções permanecem, embora em grau menor do que quando nos encontramos na erraticidade, completamente desprendidos.

É isso que confere a certos homens um poder de penetração que a outros falece inteiramente, uma maior agudeza de visão moral e compreensão mais fácil das coisas extrafísicas.

Por efeito do desenvolvimento moral, alarga-se o círculo das ideias; por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que lhe alteravam a delicadeza das percepções, o que torna fácil compreender que a ampliação das faculdades acompanha o progresso do Espírito.

É, portanto, o grau da extensão das faculdades do Espírito que, durante a encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Mas tal aptidão não é consequência direta do desenvolvimento da inteligência, pois a ciência vulgar não a dá, visto que há homens de grande saber tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais.

Eles lhes são refratários porque não as compreendem, o que significa que ainda não progrediram em tal sentido, ao passo que outros, muitas vezes de

instrução e inteligência vulgares, as aprendem com a maior facilidade, o que prova que já tinham de tais coisas uma intuição prévia.

26/9/2010

Edição 177

Um leitor da revista pergunta-nos sobre a origem da expressão "Espiritismo cristão" e quem a utilizou primeiro nas obras espíritas.

Contrariamente ao que muitos imaginam, não foi Emmanuel quem criou a expressão "Espiritismo cristão", que apareceu pela primeira vez no início de 1861 em *O Livro dos Médiuns*, de Kardec, e voltou a ser utilizada em janeiro de 1862 pelo Codificador, em seu livro *O Espiritismo em sua mais simples expressão*. Em *O Livro dos Médiuns* Kardec utilizou também a expressão "espíritas cristãos".

Vejam os textos em que tais fatos se deram:

1. No livro *O Espiritismo em sua mais simples expressão*:

"Ao passo que a geração proscrita vai desaparecer rapidamente, uma nova geração se eleva cujas crenças serão fundadas sobre o *Espiritismo cristão*. Assistimos à transição que se opera, prelúdio da renovação moral da qual o Espiritismo marca o advento." (O Espiritismo em sua mais simples expressão, item 34.)

"Com o egoísmo, os homens estão em luta perpétua; com a caridade, estarão em paz. A caridade, fazendo a base de suas instituições, só ela pode, pois, assegurar sua felicidade neste mundo; segundo as palavras do Cristo, só ela pode também assegurar sua felicidade futura, porque encerra, implicitamente, todas as virtudes que podem conduzi-los à perfeição. Com a verdadeira caridade, tal qual ensinou e praticou o Cristo, não mais de egoísmo, de orgulho, de ódio, de ciúme, de maledicência; não mais de agarramento desordenado aos bens deste mundo. Por isso o *Espiritismo cristão* tem por máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO." (O Espiritismo em sua mais simples expressão, item 60.)

2. Em *O Livro dos Médiuns*:

"Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se:

1º Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos *espíritas experimentadores*.

2º Os que no Espiritismo veem mais do que fatos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avarento continua a sê-lo, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o cioso sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*.

3º Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e coibir seus maus pendoros. As relações com eles sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem em praticar o mal. A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os *verdadeiros espíritas*,

ou melhor, os *espíritas cristãos*.” (O Livro dos Médiuns, 1ª Parte, cap. III, item 28.)

“Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. Para o objetivo providencial, portanto, é que devem tender todas as Sociedades espíritas sérias, grupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque assentarão em inabalável alicerce: o bem para todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam. Essa a estrada pela qual temos procurado com esforço fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, congregados tantos homens, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade. Convidamos, pois, todas as Sociedades espíritas a colaborar nessa grande obra. Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas.” (O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIX, item 350.)

3/10/2010

Edição 178

Uma leitora enviou-nos três perguntas relacionadas com o tema aborto, as quais serão aqui tratadas nesta e nas duas próximas edições desta revista.

A Doutrina Espírita, assim como a Igreja de Roma, é radicalmente contra a prática do aborto, que só deve ser admitida numa hipótese extrema, em que a vida da gestante corra perigo com a continuidade da gravidez. Fora desse caso, o aborto não tem sentido e constitui um crime que muitos aborrecimentos e muitas dores trará aos que dele participarem.

Quem realiza o aborto, a não ser no caso mencionado, em que existe um motivo de ordem médica realmente relevante, está em verdade tirando a um ser humano a possibilidade de progredir, porque esse é o objetivo principal do processo reencarnatório.

A vida de um ser humano, ensina o Espiritismo, inicia-se com a concepção, ideia também defendida pela Igreja.

Desde o momento em que espermatozoide e o óvulo se fundem, um Espírito se liga à célula inicial que, em se desenvolvendo, constituirá o veículo de manifestação e de progresso do reencarnante.

Como a reencarnação é um dos instrumentos de progresso dos seres humanos, o Espírito que se prepara para uma nova etapa no mundo é, com toda a certeza, alguém ligado aos futuros pais, quem sabe um grande amigo a quem os genitores devem favores imensos. O abortamento pode ser, portanto, uma porta que fechamos a nossos melhores amigos.

É por isso que o Espiritismo nos assegura que a prática abortiva constitui um equívoco lamentável que não tem a capacidade de resolver problema algum, mas, ao contrário, só produz sofrimento, remorso e lamentações onde ela se realize, porque, além de tudo de negativo que representa, é um atestado de falta de fé naquele que nos deu a vida.

10/10/2010

Edição 179

Como dissemos na semana passada, uma leitora enviou-nos três perguntas referentes ao tema aborto. A segunda é sobre a pílula do dia seguinte.

Essa pílula, pergunta ela, é abortiva?

Somente após 12 anos foi que a FDA, agência federal de controle de alimentos e remédios, liberou nos Estados Unidos a venda da RU 486, a pílula do dia seguinte, fato que provocou naquele país a realização de passeatas inflamadas dos grupos que ali se opõem à prática do aborto.

Composta por uma substância chamada mifepristona, a pílula bloqueia o hormônio progesterona, necessário ao bom andamento da gravidez e essencial para o relaxamento da musculatura do útero. Sem esse hormônio, os músculos se retraem, provocando o aborto.

Trata-se, pois, de um processo abortivo, dentre os muitos que se praticam nos Estados Unidos. Sua utilização não é, porém, tão simples como parece à primeira vista, porque antes de ingerir a pílula a mulher precisa fazer um ultrassom para saber se a gestação está em fase inicial, o que para a FDA equivale até à sétima semana. Depois da primeira pílula, a paciente ingere outra pílula, dois dias depois, constituída por outra substância, de nome misoprostol, que causa mais contrações.

O processo requer acompanhamento médico, porquanto, de acordo com as recomendações da FDA, duas semanas depois é preciso fazer novo ultrassom, para verificar se o aborto foi bem sucedido.

Além desses cuidados, é preciso que a mulher saiba que o aborto químico não é isento de dor, pois, além de cólicas fortíssimas, a mulher não raro é acometida de náuseas, diarreia e hemorragias.

Reafirmando o que foi dito na edição passada, a Doutrina Espírita é radicalmente contra o aborto, que só deve ser admitido numa única hipótese – quando a vida da gestante corre perigo com a continuidade da gravidez. Fora desse caso, o aborto não tem nenhum sentido e constitui um delito que muitos aborrecimentos e muitas dores produzirá a todos quantos dele participam.

17/10/2010

Edição 180

Das três perguntas sobre o tema aborto enviadas por uma leitora, a derradeira diz respeito ao abortamento nos casos de gravidez decorrente de estupro.

Como os espíritas veem essa questão?

Segundo o ensinamento espírita, que vem sendo reiterado por estudiosos diversos, tanto encarnados quanto desencarnados, existe um único caso em que o aborto é legítimo em face da lei natural – aquele que é feito para salvar a vida da gestante posta em perigo com a continuação da gravidez.

Tratando do tema com os Espíritos, Allan Kardec obteve deles o ensinamento que se segue: *"Existe sempre crime quando transgredis a lei de Deus. A mãe, ou qualquer pessoa, cometerá sempre crime tirando a vida à criança antes de nascer, porque está impedindo, à alma, de suportar as provas das quais o corpo deveria ser o instrumento."* (O Livro dos Espíritos, item 358.)

Na questão seguinte, os Instrutores desencarnados ressaltaram o abortamento necessário ou terapêutico, quando é preciso sacrificar a criança para salvar a gestante: *"É preferível sacrificar o ser que não existe ao ser que existe."*

A lei brasileira, além do caso ora referido, admite o aborto nos casos de gravidez resultante de estupro. É o chamado aborto sentimental ou moral que, segundo a lei, requer o consentimento da gestante ou, se ela for incapaz, do seu representante legal.

Vários argumentos embasam a posição espírita contrária ao abortamento neste caso:

1º. A gravidez não se dá por acaso.

2º. A criança que se pretende expulsar do ventre materno nada tem a ver com o ato de violência.

3º. Os relatos espíritas permitem-nos afirmar que um vínculo bastante forte existe entre a alma da criança e sua futura mãe, sem o que não ocorreria gravidez alguma.

O respeito a uma vontade superior à nossa, que permitiu a ocorrência da gravidez, é um ponto relevante que deve ser também considerado, além do fato de que não desconhecemos quão importante é a reencarnação para o progresso das criaturas humanas. Opor obstáculo a isso é algo que não nos compete, a não ser em casos especialíssimos em que um valor maior esteja em jogo.

24/10/2010

Edição 181

A leitora Camila Melo Dutra deseja saber mais acerca do tema almas gêmeas, assunto já tratado nesta revista em diversas ocasiões.

Já escrevemos aqui que, segundo Emmanuel, almas gêmeas existem, sim, e diversos autores desencarnados respeitados, a exemplo de Jésus Gonçalves, André Luiz, Manoel P. de Miranda e Victor Hugo, o apoiam, porque todos eles se valeram dessa expressão em um e outro momento de suas obras.

A questão consiste em definir o que sejam almas gêmeas, cabendo-nos lembrar que, segundo a doutrina exposta em "O Livro dos Espíritos", não existem almas feitas aos pares, não existem almas idênticas a outras, e não se aplica aos Espíritos o conceito usual pertinente ao vocábulo gêmeos tal como o utilizamos quando nos referimos a irmãos que nascem decorrentes de uma mesma gestação.

As almas gêmeas seriam Espíritos que se buscam, que nutrem um pelo outro um carinho especial, e tal relação prossegue até que ambos atinjam o estágio da perfeição. Essa afeição nasce certamente de uma espécie de afinidade especial decorrente, talvez, do fato de haverem iniciado juntos o processo

evolutivo. Esse é, aliás, o pensamento do confrade Hugo Gonçalves, fundador e diretor do jornal espírita **O Imortal**, que circula desde dezembro de 1953.

Há quem entenda, no meio espírita, que a tese das almas gêmeas foi rejeitada integralmente pelas questões 298 a 303 de "O Livro dos Espíritos", de Kardec. Mas esse é um equívoco que é bom esclarecer, visto que Emmanuel tem inteira razão quando diz que a tese das almas gêmeas nada tem que ver com as questões citadas, ou seja, almas gêmeas não são o mesmo que *metades eternas*, e foi disso que Kardec tratou na referida obra.

Para saber mais sobre o assunto sugerimos três textos publicados em nossa revista, cuja leitura é possível clicando-se nos links abaixo:

<http://www.oconsolador.com.br/ano2/72/esde.html>

http://www.oconsolador.com.br/44/christina_nunes.html

<http://www.oconsolador.com.br/11/o espiritismo responde.html/>.

31/10/2010

Edição 182

João José Carlos de Souza, de Recife-PE, conforme texto publicado na seção de **Cartas** da edição 181 desta revista, enviou-nos a seguinte pergunta: Se existe uma programação para a reencarnação, como se explica a reencarnação proveniente de um estupro?

Entendemos, à vista dos ensinamentos contidos na obra de Allan Kardec, que ninguém vem ao mundo para matar, estuprar ou cometer suicídio. Em face disso, tais ações não fazem parte, com toda a certeza, de nenhuma programação reencarnatória.

Isso não implica dizer que as vítimas de um assassinio ou de um estupro tenham passado por essa situação por mera obra do acaso, visto que o acaso não existe. As ações que cometemos num dado momento apresentarão necessariamente uma reação, e o próprio Cristo a isso se referiu quando do conhecido episódio narrado no Evangelho de Mateus em que Jesus diz a Pedro: "Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão" (Mateus, 26:52).

Em entrevista publicada na edição 51 desta revista foi perguntado a Divaldo Franco: – **Qual deve ser, à luz do Espiritismo, a posição de uma jovem e sua família diante de uma gravidez originada de um estupro?**

O conhecido médium e orador respondeu: "Embora lamentável e dolorosa a circunstância traumática da ocorrência, é dever da jovem e dos seus familiares manterem a gravidez, auxiliando o Espírito que se reencarna em situação aflitiva e angustiante. Compreende-se a dor da vítima e dos seus familiares, no entanto, não se tem o direito de matar o ser reencarnante que necessita do retorno naquela maneira, a fim de crescer para Deus. Não raro, esses seres que renascem nessa conjuntura tornam-se amorosos e profundamente agradecidos àqueles que lhe propiciaram o recomeço terrestre: a mãe e os familiares". ⁽¹⁾

Chamamos a atenção para este trecho da resposta dada por Divaldo: "Não raro, esses seres que renascem nessa conjuntura tornam-se **amorosos** e profundamente **agradecidos**...".

Por que será? Se não houve programação alguma do estupro contra aquela mulher, que filho é esse que, anos mais tarde, torna-se amoroso e agradecido?

A resposta vamos encontrar em um texto do Dr. Jorge Andréa (*Encontro com a Cultura Espírita*, págs. 91 a 95), que afirma que nenhum Espírito chegará ao processo reencarnatório sem uma atração específica com sua futura mãe.

O mergulho na reencarnação – diz ele – só se dará quando a sintonia entre mãe e futuro filho estiver praticamente indissolúvel. Qualquer que seja a qualidade do reencarnante, haverá sempre com a mãe correlação de causas, onde ambos lucrarão sempre, no sentido evolutivo, quer os mecanismos se exteriorizem nas faixas do amor ou do ódio. O Espírito reencarnante, com o seu campo específico de energias, fará a seleção do espermatozoide pelas contingências de suas irradiações, adquirindo e construindo o futuro corpo de acordo com as suas necessidades.

A posição de Joanna de Ângelis (*Após a Tempestade*, cap. 10, obra psicografada por Divaldo P. Franco) não é diferente. Os filhos – diz ela - não são realizações fortuitas. Procedem de compromissos aceitos antes da reencarnação pelos futuros genitores, de modo a edificarem a família de que necessitam para a própria evolução.

Se é lícito a uma pessoa adiar a recepção de Espíritos que lhes são vinculados, impossibilitando mesmo que se reencarnem por seu intermédio, as Soberanas Leis da Vida dispõem de meios para fazer com que aqueles rejeitados venham por outros processos à porta dos seus devedores ou credores, em circunstâncias talvez mui dolorosas.

É por isso que, à luz dos ensinamentos espíritas, só podemos admitir o aborto que se pratica para salvar a vida da gestante, e nenhum outro, como nesta revista tem sido dito repetidas vezes.

⁽¹⁾ A entrevista concedida por Divaldo Franco pode ser vista na íntegra clicando-se neste link: <http://www.oconsolador.com.br/51/entrevista.html>.

7/11/2010

Edição 183

Um leitor da revista, depois de expor problemas relacionados com o que ele chama de tentações na área sexual, pergunta-nos: Como fazer para livrar-me dessa prática? Devo concentrar-me mais nos trabalhos?

Já lhe foi sugerido, preliminarmente, a leitura do livro **O Tesouro dos Espíritas**, de Miguel Vives, traduzido por J. Herculano Pires, obra essa já focalizada nesta revista nas edições n. 159 a 174, nas quais o texto condensado da obra foi publicado.

Miguel Vives estuda nessa obra o tema tentações e oferece-nos orientação segura de como podemos neutralizá-las, assunto objeto do Editorial da edição 182 desta revista, que pode ser visto clicando-se em <http://www.oconsolador.com.br/ano4/182/editorial.html>.

Dois conselhos devemos ter em mente quando tratamos desse tema, seja quando a tentação advém apenas de uma inclinação infeliz própria, sem influência exterior nenhuma, seja quando a ela esteja associada influência proveniente dos maus Espíritos.

O primeiro conselho foi lembrado no Editorial citado: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação", recomenda-nos Jesus. Na falta disso, não há dúvida, poderemos cair de novo nas mesmas redes em que já sucumbimos em ocasiões passadas.

O segundo conselho lemos na questão 469 de **O Livro dos Espíritos**, a primeira e principal obra que nos legou o Codificador do Espiritismo.

Diz essa questão:

469. Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos? "Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: 'Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal'."

14/11/2010

Edição 184

Um leitor nos pergunta: Qual é o posicionamento espírita no tocante à doação de órgãos? Com a pergunta, diz-nos o leitor ter ouvido no meio espírita comentários tanto a favor como contra. Afinal, quem está certo?

É bom explicar, inicialmente, que Allan Kardec não tratou do tema doação de órgãos, uma prática impensável em sua época, e por esse motivo não existe na Doutrina Espírita algo que nos fale sobre doação de órgãos para fins de transplante.

Os autores espíritas posteriores a Kardec, tanto os encarnados quanto os desencarnados, jamais se manifestaram contra a doação para tal finalidade.

De fato, quando surgiram na Terra os primeiros casos de transplante de coração houve quem entendesse que doar um órgão poderia constituir um erro, porque, ao fazê-lo, a pessoa estaria interferindo indevidamente no curso de uma prova que o beneficiário da doação teria de enfrentar.

Essa ideia, absolutamente equivocada, não perdurou muito tempo. Chico Xavier, por exemplo, respondendo a uma pergunta que lhe foi feita na época, afirmou peremptoriamente que devemos, sim, doar os órgãos prestantes a quem deles necessita, do mesmo modo que doamos uma roupa usada, um calçado, um objeto qualquer a uma pessoa carente.

Dr. Jorge Andréa, conhecido autor e médico espírita, também se posicionou na ocasião afirmando que os transplantes tinham vindo para ficar e que nenhuma religião tem o direito de opor obstáculo às conquistas da Ciência, sobretudo quando essas conquistas prolongam a vida e ampliam as possibilidades de progresso da criatura humana.

Devemos ser, e certamente o somos, contrários, sim, às práticas que levam à morte – como o aborto e a eutanásia, em todas as suas formas. Mas jamais poderíamos, em nome do Espiritismo, desaprovar as práticas que valorizam a

vida, como o é a doação de órgãos, cientes da importância que o processo reencarnatório tem na vida de todos nós.

21/11/2010

Edição 185

Uma leitora de nossa revista, sentindo muito o falecimento de uma pessoa querida, enviou-nos mensagem em que descreve a saudade que sente da amiga que partiu e apresenta-nos uma série de perguntas que adiante reproduzimos, seguidas do que é possível responder-lhe com base nos ensinamentos espíritas:

1) Consigo conversar com minha amiga de forma que ela ouça ou me entenda? Existe tempo limite ou período para que aconteça isso? Eu consigo ser ouvida toda vez que falo com ela? É permitido dizer-lhe coisas ou recomenda-se que eu não me comunique e nem exponha meus pensamentos ou sentimentos?

R.: A morte não interrompe nossas ligações com as pessoas queridas. Ouvir-nos e entender-nos estão mais em função do equilíbrio que o desencarnado apresenta. Os pensamentos e as ideias que transmitimos devem contribuir para a harmonização daqueles que partiram, visto que eles necessitam de algum tempo para se readaptarem às novas condições do mundo em que passaram a viver pós-morte corpórea. Podemos conversar com os entes queridos nos momentos de prece, de meditação e durante o sono corpóreo.

2) Ela lê meus pensamentos?

R.: Sim. Ela os pode ler, perfeitamente. Isso dependerá apenas da condição em que se encontre, tal como dito na resposta anterior.

3) Poderei continuar tendo a companhia dela para o resto de minha vida? Ela poderá me esquecer? Em que circunstâncias irei reencontrá-la? Pode acontecer de ela reencarnar antes de eu morrer? Posso nunca mais encontrá-la? Deus permite que ligações entre Espíritos permaneçam em vida e após a morte?

R.: Os sentimentos nutridos pelos seres que se amam, quando ultrapassam os interesses materiais, perduram e se fortalecem ao longo da vida. É com base nisso que se formam as chamadas famílias espirituais. Diz Kardec, reportando-se às famílias espirituais, que aqueles que continuam no mundo espiritual enquanto outros reencarnam continuam a manter contato e, às vezes, tornam-se protetores uns dos outros, quando o sentimento do amor é que os move.

4) Eu a terei nos momentos futuros da minha vida que sejam marcantes para mim (casamento, nascimento dos filhos, reencontro com os parentes dela)?

R.: Nossos amigos espirituais preocupam-se conosco, visitam-nos e até nos ajudam em muitos momentos da vida. Desse modo, a presença espiritual de sua amiga nos eventos citados é algo perfeitamente possível.

5) Como eu poderia fazer para ter contato com ela de alguma forma? Posso chamá-la, ou evocá-la nos momentos em que quero a companhia dela?

R.: Não é preciso contar com a ajuda de um médium para tais contatos. Podemos encontrar nossos amigos desencarnados toda vez que nosso corpo adormece. É evidente que há casos em que esses contatos podem tornar-se inconvenientes e aí, sempre com vistas ao bem, pode haver alguma interferência de nossos protetores. Caso contrário, é algo que pode ocorrer e certamente ocorre com todos aqueles que se amam.

6) Como posso saber como ela está? Será que ela já está realmente bem? Ela pode estar em luz e me visitar e me fazer companhia mesmo assim?

R.: A partir dos contatos com ela, na esfera do sonho ou nos momentos de meditação, é possível sentir como ela se encontra, fato que lhe virá na forma de intuição.

7) *Ela pode se tornar um anjo da guarda meu e me auxiliar nos momentos difíceis?*

R.: Sim, isso é perfeitamente possível, mas dependerá do programa que cada uma deve cumprir ao longo das futuras existências.

8) *Por que ela morreu tão cedo se tinha tanta coisa para completar ainda?*

R.: A duração da existência corpórea, salvo os casos de suicídio direto e indireto, faz parte da programação reencarnatória e das necessidades de cada pessoa. Todos nós temos tarefas importantes a cumprir no mundo espiritual, que é, conforme aprendemos no Espiritismo, o mundo real que preexiste e sobrevive a este. O espírita deve entender que a vida prossegue exuberante tanto na Terra como em outros mundos e, ainda, nas chamadas cidades espirituais.

28/11/2010

Edição 186

Uma estimada amiga, radicada na cidade de Astorga-PR, pergunta-nos como entender a dor e suas causas quando ela atinge os animais, seres que, conforme ensina o Espiritismo, não são dotados de livre-arbítrio e, portanto, não podem estar sujeitos à expiação.

A questão da dor, esse elemento tão visível e presente em um planeta como a Terra, está bem focalizada no cap. 19 do livro *Ação e Reação*, de autoria de André Luiz, psicografia de Chico Xavier.

Segundo o Instrutor Druso, identificamos na experiência terrestre três tipos de dores: a **dor-evolução**, a **dor-expição** e a **dor-auxílio**.

Referindo-se diretamente ao caso dos animais, Druso afirma: "A dor é ingrediente dos mais importantes na economia da vida em expansão. O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a dor-evolução, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso".

Percebe-se que a **dor-evolução**, cujo objetivo notório é o aprimoramento do ser, nada tem que ver com atos do passado. É o que ocorre com os animais, não somente aqueles que vivem em nosso meio, como os cães, vítimas de tantas enfermidades e problemas, mas sobretudo com os que vivem em plena selva. Imaginemos o sofrimento de uma presa abatida por seu predador e estraçalhada antes mesmo de ocorrer sua morte corpórea!

A **dor-expição**, que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, com o objetivo de regenerá-la perante a Justiça Divina, é coisa bem diferente. Existem acidentes inúmeros e enfermidades tão penosas que seria um absurdo debitá-los simplesmente à obra do acaso. No livro *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo*, Kardec apresenta-nos inúmeros casos e suas vinculações com as existências passadas.

Quanto à chamada **dor-auxílio**, a explicação dada por Druso revela como a Providência divina não se esquece de nada. Ei-la: "Em muitas ocasiões, no decurso da luta humana, nossa alma adquire compromissos vultosos nesse ou naquele sentido. Habitualmente, logramos vantagens em determinados setores da experiência, perdendo em outros. Às vezes, interessamo-nos vivamente pela sublimação do próximo, olvidando a melhoria de nós mesmos. É assim que, pela intercessão de amigos devotados à nossa felicidade e à nossa vitória, recebemos a bênção de prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais frequentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual".

5/12/2010

Edição 187

Uma leitora de Goiânia enviou-nos três perguntas, que reproduzimos abaixo, juntamente com as respostas que entendemos cabíveis:

1) Por que alguns médiuns (principalmente psicofônicos) sentem mal-estar, com frequência, após um trabalho de desobsessão?

R.: Sentir mal-estar após o trabalho de desobsessão não é fato incomum. O que causa estranheza é quando esse mal-estar ocorre com frequência, o que indica a necessidade de um melhor preparo da pessoa para a participação nesse tipo de reunião. Logo que cessam as comunicações das entidades sofredoras ou necessitadas de auxílio, André Luiz recomenda que todos os integrantes da equipe recebam passes, com vistas à recomposição que se faz necessária em face da natureza do trabalho. O objetivo é que, quando findar a reunião mediúnica, todos estejam bem, sem o mal-estar referido na pergunta.

2) Quando o médium sente influências, logo que chega ao local do trabalho, mesmo não sendo um dia de trabalho de desobsessão, isso é normal? Quais formas de se prevenir essas influências?

R.: O preparo de uma reunião de desobsessão é feito com antecedência e é normal que o médium tenha contato, dias antes, com as entidades de que ele se fará intermediário. Essas influências citadas na pergunta podem decorrer perfeitamente disso, mas trata-se de uma questão que se resolve perfeitamente com a prece e o passe. É importante também que o médium leia e observe com atenção as orientações contidas no livro *Desobsessão*, de André Luiz, especialmente as que se referem ao preparo antes e depois das reuniões mediúnicas.

3) Para iniciação de um passista, existe uma idade mínima?

R.: Não existe uma idade mínima para alguém ser passista. Mas seria interessante observar, quanto a este assunto, o que Allan Kardec inseriu no item 221, parágrafos 6, 7 e 8, d' *O Livro dos Médiuns*, com referência à mediunidade em crianças. Lemos ali que não existe uma idade precisa para que uma pessoa passe a ocupar-se da mediunidade. Isso depende fundamentalmente do desenvolvimento físico e, mais ainda, do desenvolvimento moral. Há crianças de 12 anos, diz Kardec, que são menos afetadas que certos adultos. É bom ter em mente que o passe que ministramos na Casa Espírita é do tipo misto, em que o médium passista trabalha em conjunto com um benfeitor espiritual, que é quem coordena a ação magnética e, evidentemente, necessita do concurso de alguém que tenha responsabilidade na realização desse trabalho.

12/12/2010

Edição 188

Um leitor da revista apresenta-nos um interessante questionamento a propósito da mediunidade de inspiração. Considerando-se ele próprio um médium inspirado, sua dificuldade é, segundo diz, separar o que seria anímico, algo dele mesmo, do que lhe advém das entidades desencarnadas. Há condições de fazer com nitidez essa distinção?

Kardec trata do tema – médiuns intuitivos e médiuns inspirados - nos itens 180 e 182 d' *O Livro dos Médiuns*. De forma resumida, eis o que escreveu o Codificador do Espiritismo:

1. O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como o faria um intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. Esse é, precisamente, o papel do médium intuitivo.
2. Se o fato ocorre dessa maneira, dir-se-á, nada prova seja um Espírito estranho quem escreve e não o próprio médium. Efetivamente, a distinção é às vezes difícil de fazer-se, mas pode acontecer que isso pouca importância apresente. É possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser preconcebido, porque nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e por ser, amiúde, contrário à ideia que antecipadamente se formara, podendo mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium.
3. Todo aquele que tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes formam, pois, uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, uma vez que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido.
4. A espontaneidade é, contudo, o que caracteriza o pensamento deste último gênero. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem, ou para o mal, mas procede, principalmente, dos que querem o nosso bem e cujos conselhos amiúde cometemos o erro de não seguir.
5. A prova de que a ideia que sobrevém é estranha à pessoa do médium está em que, se tal ideia lhe existia na mente, essa pessoa seria senhora de, a

qualquer momento, utilizá-la e não haveria razão para que ela não se manifestasse à vontade. Aquele que possui ideias próprias tem-nas sempre à disposição. Se elas não lhes vêm quando quer, é que está obrigado a buscá-las algures, e não no seu íntimo.

6. Podem também ser incluídas nesta categoria de médiuns as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm relâmpagos de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente uma inabitual facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras.

Considerando que a principal questão levantada pelo leitor diz respeito à distinção entre o que nos vem pela inspiração e nossas próprias ideias, acrescentamos aos ensinamentos acima a resposta que um conhecido médium deu a essa mesma pergunta:

“De que dispõe o médium psicofônico consciente para distinguir seu pensamento do pensamento da entidade comunicante?”

Divaldo Franco – O médium consciente dispõe do bom senso. Eis por que, antes de exercitar a mediunidade deve estudá-la; antes de entregar-se ao ministério da vivência mediúnica é-lhe lícito entender o próprio mecanismo do fenômeno mediúnico. Allan Kardec, aliás, sábio por excelência, teve a inspiração ditosa de primeiro oferecer à Humanidade *O Livro dos Espíritos*, que é um tratado de filosofia moral. Logo depois, *O Livro dos Médiuns*, que é um compêndio de metodologia do exercício da faculdade mediúnica. Há de ver-se, no capítulo 3º, que é dedicado ao método, sobre a necessidade de o indivíduo conhecer a função que vai disciplinar. Então o médium tem conhecimento de suas próprias aptidões e de sua capacidade de exercitá-las.

Na mediunidade consciente ou lúcida o fenômeno é, a princípio, “inspirativo”. Naturalmente os Espíritos se utilizam do nível cultural do médium, o mesmo ocorrendo nas demais expressões mediúnicas: na semiconsciente e na inconsciente ou sonambúlica. O médium, no começo, terá que vencer o constrangimento da dúvida, em cujo período ele não tem maior certeza se a ocorrência parte do seu inconsciente, dos arquivos da memória anterior, ou se provém da indução de natureza extrínseca. Através do exercício, ele adquirirá um conhecimento de tal maneira equilibrado que poderá identificar quando se trata de si próprio – *animismo* ou de interferência espiritual – *mediunismo*. Através da lei dos fluidos, pelas sensações que o médium registra, durante a influência que o envolve, passa a identificar qual a entidade que dele se acerca. A partir daí, se oferece numa entrega tranquila, e o Espírito que o conduz inspira-o além da sua própria capacidade dando leveza às suas ideias habituais, oferecendo-lhe a possibilidade de síntese que não lhe é comum, canalizando ideias às quais não está acostumado e que ocorrem somente naquele instante da concentração mediúnica. Só o tempo, porém, pelo exercício continuado, oferecerá a lucidez, a segurança para discernir quando se trata de informação dos seus próprios arquivos ou da interferência dos bons Espíritos.” (*Diretrizes de Segurança, questão n. 5.*)

19/12/2010

Edição 189

Com a proximidade do Natal, apresentamos hoje uma questão pertinente a Jesus, proposta há algum tempo por um leitor desta revista: De todos os milagres operados por Jesus, qual o mais importante?

Curiosamente, essa questão foi tratada por Allan Kardec no seu livro "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", cap. XV, item 63.

Os prodígios operados por Jesus vão, como sabemos, desde as curas diversas obtidas pela simples imposição das mãos até à ressuscitação de pessoas como Lázaro, mas nesse rol se incluem também a multiplicação de pães e peixes, a caminhada sobre as águas, as curas feitas a distância, a libertação instantânea dos obsidiados e a recomposição orgânica de cegos, paráliticos e leprosos.

Kardec reporta-se, porém, a um outro tipo de milagre operado pelo Mestre e que atesta verdadeiramente a sua superioridade, a saber: a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

De fato, o filho de Maria de Nazaré, pobre, obscuro, nascido na mais humilde condição e no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, contou somente com três anos para pregar sua doutrina.

Em todo esse curto espaço de tempo foi desatendido e perseguido por seus concidadãos; viu-se obrigado a fugir para não ser lapidado; foi traído por um de seus apóstolos, renegado por outro e abandonado por todos no momento em que caiu nas mãos de seus opositores.

Só fez o bem, mas isso não o pôs ao abrigo da malevolência, que dos próprios serviços que ele prestou tirou motivos para o acusar.

Condenado ao suplício que só aos criminosos era infligido, morreu ignorado do mundo, visto que a História daquela época, com exceção do historiador Josefo, nada diz a seu respeito.

Ele nada escreveu; contudo, ajudado por alguns homens tão obscuros quanto ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo, matar o paganismo e tornar-se o facho da civilização terrena.

Ele tinha contra si tudo o que causa o malogro das obras dos homens, razão por que o sucesso alcançado por sua doutrina e o triunfo de suas ideias constituem, sem nenhuma dúvida, o maior dos seus milagres.

2/1/2011

Edição 190

Um leitor desta revista, depois de ler o Especial da edição 189 sobre a morte e seus estágios, pergunta-nos: – Se uma pessoa que nasceu e viveu toda a vida no Brasil, faz uma viagem para o exterior e morre, para qual colônia será levada?

Preliminarmente, é preciso entender que o Espírito, ainda que esteja desencarnado, pode permanecer no plano terrestre por algum tempo, fato que dependerá, em última análise, do seu nível evolutivo. Existem criaturas tão apegadas à matéria que não apresentam condições nem mesmo de ir para uma cidade espiritual próxima à Crosta. A densidade do corpo espiritual – ou perispírito – a isso se opõe.

Vencida essa fase, tenhamos em mente a lição de Ernesto Bozzano, contida em seu livro "A Crise da Morte", segundo a qual os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente, e de modo automático, para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade".

Parece-nos, portanto, óbvio que o Espírito seja conduzido para o local no mundo espiritual em que estejam seus reais interesses e onde vivam as pessoas que fazem parte da família espiritual a que pertença, não importando o lugar em que se verifique a morte do seu corpo.

9/1/2011

Edição 191

O leitor Danilo Peixoto, de João Pessoa-PB, pergunta-nos o que o Espiritismo diz a respeito da corrente de estudiosos que entendem que o "mito" de Jesus Cristo foi um plágio do mito do Deus egípcio Hórus, visto que há em ambas as histórias as mesmas características.

Os autores espíritas mais qualificados confirmam a real existência de Jesus e são até minuciosos no tocante ao papel do Mestre no mundo em que vivemos. Aquele que conhecemos como filho de Maria de Nazaré é, portanto, uma pessoa verdadeira, ativa, participativa, e não um mito, como mencionado pelo leitor.

Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, comentando a resposta dada à pergunta 625 d' *O Livro dos Espíritos* ("Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? Resposta: Vede Jesus"), escreveu: "Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra".

Em *Obras Póstumas*, págs. 136 e seguintes, lemos estas palavras, igualmente de Kardec: "Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus" (...).

Em seu livro *Cristianismo e Espiritismo*, p. 79, Léon Denis afirma que Jesus é, de todos os filhos dos homens, o mais digno de admiração, porque nele vemos o homem que ascendeu à eminência final da evolução.

Na obra *O Consolador*, questão 243, psicografia de Chico Xavier, Emmanuel nos revela:

"Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios".

16/1/2011

Edição 192

A leitora Célia Regina Dias de Souza pergunta-nos: O que quer dizer médium pneumatógrafo?

O assunto é tratado por Allan Kardec nos itens 127 e 177 de sua obra *O Livro dos Médiuns*, que adiante sintetizamos.

A escrita direta, chamada também de *pneumatografia*, é a que se produz espontaneamente, sem o concurso, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos tempo encontrar-se-ão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações.

Se ao papel se juntasse um lápis, poder-se-ia supor que o Espírito se servira deste para escrever. Mas, uma vez que o papel é deixado inteiramente só, evidente se torna que a escrita se formou por meio de uma matéria depositada sobre ele.

Dessa faculdade mediúnica surgiu o nome médium pneumatógrafo, que é dado aos médiuns que têm aptidão para obter a escrita direta, fato que não é possível a todos os médiuns escreventes.

Segundo Kardec, a faculdade de pneumatografia é muito rara. Ela se desenvolve, provavelmente, pelo exercício, mas sua utilidade prática se limita a uma comprovação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações, porque não se presta à transmissão de longas dissertações, o que é mais próprio à faculdade de psicografia, de que Chico Xavier e Divaldo Franco são exemplos bem conhecidos dos espíritas e também dos não-espíritas. Gabriel Delanne, em seu livro *O Fenômeno Espírita*, diz que a primeira notícia a respeito da escrita direta se deve ao Barão de Guldenstubbé, autor do livro "La Réalité des Esprits", publicado em 1857, no qual se encontram relatadas as primeiras experiências de escrita direta realizadas na França.

Em seu livro acima citado, Delanne explica como o Barão de Guldenstubbé obteve na França os primeiros resultados nessa modalidade de comunicação e transcreve os relatos acerca da escrita direta feitos por Wallace, Oxon, Zöllner e Dr. Gibier.

23/1/2011

Edição 193

Um leitor nos pergunta que ensinamento se pode colher do relato bíblico referente à fuga de Caim e seu casamento numa cidade distante.

Conforme relata o Antigo Testamento, tendo-se retirado para outra região depois de haver assassinado Abel, Caim não tornou a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de 130 anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Seth.

Dessa forma, quando Caim foi estabelecer-se a leste do Éden, havia na Terra – conforme a Bíblia – apenas três pessoas: seu pai, sua mãe e ele. Mas a própria Bíblia informa que ele se casou e teve um filho. Que mulher podia ser essa e onde pudera ele desposá-la?

O livro de Gênesis diz também que ele construiu uma cidade em homenagem ao filho, fato que pressupõe a existência de habitantes, porque ninguém faria uma cidade para nela habitar sozinho.

Deduz-se, pois, do texto bíblico que aquela região em que passou a viver era povoada por pessoas estranhas a Adão e Eva, porque estes tinham então apenas um filho: Caim. A presença de outros habitantes no globo ressalta

também destas palavras que a Bíblia atribui a Caim: «Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre matar-me-á», bem como da resposta que, segundo o Gênesis, o Senhor lhe teria dado.

Ora, se havia na Terra outros homens afora a família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele, donde se deduz esta consequência, fundamentada na própria Bíblia, de que Adão não foi o primeiro nem o único pai do gênero humano.

O assunto foi examinado nesta mesma seção na edição 76, publicada em 5/10/2008, desta revista, na qual destacamos as características da chamada raça adâmica, que apresentava habilidades desconhecidas dos homens primitivos, como o uso da terra para plantio e o pastoreio.

Caim, como já vimos, conhecia também a arte da construção de casas e cidades, uma conquista do período neolítico, porque antes da época em que ele viveu os homens da Terra moravam em cavernas.

Foi, conforme se sabe, apenas no período neolítico – entre os anos 5.000 a.C. e 2.500 a.C. – que surgiu na Terra o pastoreio, seguido do cultivo da terra, e o homem passou de caçador a pastor e a habitar em casas. Como o povoamento da Terra se iniciou em épocas bem mais recuadas, fica evidente que não descendemos diretamente dos pais de Caim, mas de outros ancestrais que viveram muitos séculos antes da chegada aqui da raça adâmica.

O texto publicado na edição 76 pode ser visto clicando-se no seguinte link: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/76/o espiritismo responde.html>

30/1/2011

Edição 194

Um leitor desta revista encaminhou-nos pergunta pertinente à matéria utilizada nas construções espirituais, como, por exemplo, a cidade *Nosso Lar*. Trata-se da mesma matéria que conhecemos no planeta? Qual a sua constituição?

O assunto foi examinado nesta mesma seção na edição 172 desta revista.

Naquela oportunidade lembramos inicialmente que a notícia referente às construções espirituais está presente não só na obra de André Luiz, mas em autores como Arthur Conan Doyle, Ernesto Bozzano, Cairbar Schutel e Manoel Philomeno de Miranda. Em todos eles é destacado, com clareza, o papel do pensamento sobre a matéria peculiar às chamadas cidades ou colônias espirituais.

Em seu livro **A Crise da Morte**, um dos clássicos do Espiritismo, Ernesto Bozzano trouxe-nos as seguintes informações:

1. Jim Nolan, ao entrar no mundo espiritual, disse que lhe parecia caminhar sobre um terreno sólido, quando encontrou sua avó, que o levou para longe dali, para sua morada. A morada da avó, onde ele repousou e dormiu naquela noite, tinha o aspecto de uma casa. “No mundo dos Espíritos – explicou ele –, há a força do pensamento, por meio do qual se podem criar todas as comodidades desejáveis...” (*Obra citada, p. 32.*)

2. Pensando na forma humana, o Espírito se veria de novo em forma humana; pensando em estar vestido, achar-se-ia coberto de roupas que, sendo tão etéreas como o seu próprio corpo, lhe pareceriam tão substanciais como as vestes terrenas. É assim que ele encontra, no mundo espiritual, um meio e uma morada correspondentes a seus hábitos terrestres, morada que lhe preparariam

os seus familiares, tornados antes dele à existência espiritual. (*Obra citada, p. 36.*)

3. Felicia Scatcherd diz ter sido conduzida a uma maravilhosa morada que os próprios Espíritos haviam criado pela força do pensamento. (*Obra citada, pp. 117 a 121.*)

4. A mensagem desse Espírito trouxe notícias sobre as habitações existentes no mundo espiritual, construídas por Espíritos que se especializaram em modelar, pelo pensamento, a matéria espiritual. (*Obra citada, pp. 137 a 143.*)

5. A respeito do poder do pensamento no meio espiritual, a entidade trouxe uma informação adicional: para criar os objetos de que necessita não basta pensar na "coisa" desejada; é preciso uma concentração firme do pensamento sobre esse objeto, pensando em todos os seus detalhes. É por isso que, exercitando-se nas criações do pensamento, os Espíritos chegam a pensar com uma nitidez cada vez maior e a concentrar a vontade com uma eficácia sempre mais intensa. Não sendo assim, formar-se-á tão-somente um esboço mais ou menos confuso e informe do objeto desejado. (*Obra citada, p. 157.*)

*

O assunto não é, evidentemente, estranho à obra de Allan Kardec, conforme podemos ver pelas citações abaixo:

1. Todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta, variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam. Não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva: o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos. (*A Gênese, cap. VI, itens 3, 4 e 7.*)

2. O fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de **eterização** ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de **materialização** ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. (*A Gênese, cap. XIV, item 2.*)

3. O estado no qual o fluido universal se apresenta em sua maior simplicidade é o que se encontra no ambiente dos Espíritos puros. Na Terra, ele está mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que nos cerca. (*O Livro dos Médiuns, item 74, pergunta nº 5.*)

4. Os Espíritos fazem a matéria etérea passar pelas transformações que queiram; portanto, eles podem formar os objetos – vestuários, joias, caixas de rapé etc. – que desejem, por ato de sua vontade e, do mesmo modo que os fazem, podem desfazê-los. (*L.M., item 128, pergunta 6.*)

5. A teoria espírita acerca do laboratório do mundo invisível pode-se resumir assim: a) o Espírito atua sobre a matéria; b) da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra; c) pela ação de sua vontade, pode ele

operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades; d) essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, sem disso se aperceber; e) os objetos que o Espírito forma têm existência temporária, subordinada à sua vontade ou a uma necessidade que ele experimenta; f) ele pode fazê-los e desfazê-los livremente; g) em certos casos, esses objetos podem apresentar, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se visíveis e até mesmo tangíveis; h) trata-se, porém, de formação, não criação, porque do nada o Espírito nada pode tirar. (L.M., item 129.)

Acreditamos que o leitor, com base nos dados acima, poderá tirar suas conclusões a respeito do assunto.

6/2/2011

Edição 195

Um leitor nos indaga: - De todos os assuntos tratados na Doutrina Espírita, qual podemos considerar como sendo o mais importante?

Allan Kardec tratou, embora indiretamente, dessa questão, como podemos ver no cap. IV de seu livro *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*.

Nele, o Codificador do Espiritismo defende o pensamento de que a questão mais importante para o homem é expressa numa frase bem conhecida de todos os filósofos: - *Quem somos, donde viemos, para onde vamos?*

Tal seria, diz Kardec, a questão mais relevante para o ser humano, porque ela envolve a sua origem e o problema do seu passado e do seu futuro.

O assunto é tratado em profundidade pela Doutrina Espírita e, dada a sua importância, podemos dizer ao leitor que esse seria, por conseguinte, o tema mais relevante de todos os que foram e são explanados pelo Espiritismo.

Trata-se, paradoxalmente, de um assunto sobre o qual a Ciência se conserva muda e a Filosofia emite opiniões que dificilmente concordam entre si, enquanto a Religião simplesmente não o discute.

Com efeito, embora estejam de acordo quanto à aceitação da existência da alma, as religiões divergem no tocante à sua origem e ao seu futuro, bem como em relação às condições de que depende sua sorte porvindoura.

De tais divergências nasceram a dúvida e a incredulidade, e isso deu lugar a um penoso vácuo.

Os homens, como sabemos, encaram com ansiedade o desconhecido em que têm fatalmente de penetrar por força da morte corpórea. A ideia do nada, que alguns cultivam, os assusta. Sua consciência lhes diz que alguma coisa lhes está reservada para além do túmulo, mas inegavelmente, fora do Espiritismo, não encontram respostas que satisfazem ao bom senso e à razão.

Com as informações trazidas pela Doutrina Espírita, a dúvida cede lugar à certeza e o espírita sabe, de forma palpável, quem efetivamente somos, donde viemos e para onde vamos.

13/2/2011

Edição 196

Um leitor desta revista, reportando-se à mudança que se tem verificado no polo magnético da Terra, pergunta-nos quais são ou serão as consequências disso. Junto com sua pergunta, veio este texto divulgado pela mídia internacional: "Aeroporto dos EUA está alterando as pistas por causa de mudanças no Polo Magnético da Terra. As pistas estão recebendo nova sinalização para se adaptarem às mudanças. O polo magnético da Terra está mudando de lugar. O que antes ficava no extremo norte do Canadá está se movendo para algum lugar em direção à Rússia a uma velocidade de 64 quilômetros por ano. Isso passa despercebido para a maioria dos humanos, na maioria dos lugares, mas em Tampa, na Flórida, a mudança está causando alterações nas pistas do Aeroporto Internacional".

A respeito do assunto, Jenai Oliveira Cazetta, professora e doutora em Física e editora de uma das seções de nossa revista, prestou-nos os seguintes esclarecimentos:

"Como a Terra é um imenso ímã, um ímã suspenso (ou bússola) aponta para o norte. O polo magnético da Terra, no entanto, não coincide com o polo geográfico. De fato, eles são bastante separados. O polo magnético do hemisfério norte, por exemplo, está atualmente localizado a cerca de 1.800 km do polo geográfico correspondente, em algum ponto na região da baía de Hudson, no norte do Canadá. O outro polo magnético está localizado no Sul da Austrália. Isso significa que a bússola não aponta normalmente para o polo norte verdadeiro. A discrepância entre a orientação da bússola e a do polo norte verdadeiro é conhecida como a declinação magnética.

Não se sabe exatamente por que a própria Terra constitui um ímã. A configuração do campo magnético terrestre é parecida com a de um gigantesco ímã em barra localizado próximo ao centro do planeta. Mas a Terra não é um pedaço magnetizado de ferro, como um ímã em barra. Seu interior é simplesmente quente demais para que os átomos individuais de ferro mantenham uma orientação apropriada. Por causa do grande tamanho da Terra, a rapidez com que se movem essas cargas precisa ser de apenas um milímetro por segundo para explicar o valor do campo.

Seja qual for a explicação, o campo magnético da Terra não é estável; ele muda através das eras geológicas. Evidências são obtidas a partir da análise das propriedades dos estratos rochosos. Houve mais de vinte dessas inversões ao longo dos últimos cinco milhões de anos. A mais recente aconteceu 700.000 anos atrás. As anteriores ocorreram há 780.000 e 950.000 anos. Através de medições mais recentes, existe uma pista que revela uma diminuição de cerca de 5% na intensidade do campo magnético, ocorrida nos últimos 100 anos. Se essa variação se mantiver, podemos ter outra inversão dentro dos próximos 2.000 anos.

A inversão dos polos magnéticos não se dá exclusivamente na Terra. O campo magnético do Sol inverte-se regularmente, com uma periodicidade de 22 anos. Esse ciclo magnético de 22 anos tem sido relacionado, por meio de evidência encontrada em anéis de árvores, aos períodos de seca na Terra. Curiosamente, o conhecido ciclo de manchas solares, de 11 anos, dura exatamente a metade do tempo durante o qual o Sol gradualmente inverte sua polaridade magnética. A variação dos ventos solares, que sopram íons sobre a atmosfera da Terra, causa flutuações mais rápidas, mas muito menores no campo magnético terrestre. Os ventos de íons nessas regiões são produzidos pelas interações energéticas dos raios X e ultravioleta, vindos do Sol, com átomos da atmosfera. O movimento desses íons produz uma parte pequena, mas importante, do

campo magnético terrestre. Como as camadas mais baixas de ar, a ionosfera é varrida violentamente por ventos. As variações desses ventos são responsáveis por aproximadamente todas as flutuações rápidas do campo magnético da Terra.”

20/2/2011

Edição 197

Recebemos de um leitor de nossa revista várias indagações a respeito do tema psicopatia.

Pergunta-nos ele:

- 1) O Espiritismo reconhece a existência dos psicopatas?
- 2) Esse transtorno de personalidade é da natureza perversa do Espírito ou é uma patologia transitória do indivíduo?
- 3) Esses indivíduos algum dia irão sentir remorso pelo que fizeram?
- 4) Qual o destino deles após desencarnarem?
- 5) Como se relacionar com essas entidades de maneira a constrangê-las a não desenvolverem seus predicados perversos?
- 6) Eles também seguem um programa de evolução espiritual para o bem?
- 7) Se a correção do indivíduo se faz através da sua consciência e sentimento de arrependimento, como transpor essa questão para o caso dos psicopatas (uma vez que são desprovidos do sentimento de culpa e remorso)?

*

A propósito do assunto o confrade Leonardo Machado, de Recife-PE, médico residente na área da psiquiatria e um dos colaboradores de nossa revista, prestou-nos as seguintes informações:

“A psicopatia ou personalidade antissocial é um transtorno de personalidade, e não uma doença mental como a esquizofrenia e a depressão, por exemplo. Desta forma, como todo transtorno de personalidade, o tratamento é difícil, primeiro porque não há um remédio que trate disso especificamente, estes entram como sintomáticos; segundo porque o paciente não reconhece o problema, sendo complicada sua aderência a uma psicoterapia, terapêutica que apresentaria uma melhor eficácia.

No caso do antissocial, os indivíduos são caracterizados pela indiferença social e insensibilidade pelos sentimentos alheios; irresponsabilidade e desrespeito por normas e regras sociais; incapacidade de sentir culpa, remorso e de aprender com os erros.

O Espiritismo reconhece, sim, este problema. Tendo em vista a imortalidade da alma, identifica-o, porém, como um estado transitório de imperfeição do ser. São, em geral, Espíritos, por diversos motivos, com grande revolta para com as Leis Divinas. Muito dificilmente, contudo, eles conseguirão uma melhora total (às vezes, nem mesmo parcial) em uma existência somente. Só no decorrer das reencarnações, problemas tão graves são solucionados. Eles também estão destinados à perfeição, e um dia (certamente com grande demora para a nossa mentalidade humana) irão tomar consciência da Lei Divina e ter a capacidade de sentir culpa.

Cada ser quando desencarna fica ‘no céu ou no inferno’ mental que criou e isto não é diferente com estas pessoas.

Como todo ser, eles também foram criados simples e ignorantes da Lei por Deus. E, como todos temos liberdade de escolha, a existência deste problema não é uma criação do Pai, mas uma liberdade individual. Muitas vezes, Espíritos desencarnados 'pseudocomandantes das trevas' são claramente 'psicopatas', quando desafiam as Leis do Universo, querendo fazer justiça com as próprias mãos, ou ficando insistentemente no mal. Quando, no entanto, o erro afeta muitas pessoas e é muito profundo, a liberdade deles é constrangida, por exemplo, em processos de reencarnações compulsórias em corpos com grandes deficiências, em verdadeira prisão de aprendizagem na Terra. Em outras situações, são exilados do Planeta para o bem do progresso geral, indo para outros planetas mais inferiores, onde poderão expiar as faltas e ajudar com o desenvolvimento intelectual do orbe de exílio.

Como seja, a depender dos erros que cometeram na sociedade, eles precisarão responder segundo a Justiça da Terra, porque não é uma doença mental que incapacite o senso de julgamento, mas um transtorno de personalidade que precisa, muitas vezes, da restrição da liberdade para não atrapalhar os outros e expiar suas faltas. É preciso agir com rigor, sem demonstrar medo, mas também sem desafiar (esta atitude pode até ser perigosa). Isto também é uma face do amor."

Esperamos que estas explicações do estimado confrade possam contribuir para elucidar as dúvidas do amigo leitor.

27/2/2011

Edição 198

O leitor Sergio Valença Varejão, de Recife-PE, enviou-nos a seguinte pergunta, já publicada na edição 196 desta revista: "Uma criança que desencarna aos 15 anos de doenças degenerativas e que durante a vida sempre viveu com alegria e sem demonstrar revolta aparentava em seu velório uma aparência de naturalidade como se estivesse viva, com aspecto de uma pessoa viva, com lábios rosados e aspecto sorridente. Isto tem a ver com a idade e a sua composição material ou pode ser um sinal de alegria e alívio com o final de suas provas e expiações terrestres?"

A propósito do assunto o confrade Leonardo Marmo, autor de importante estudo publicado nesta revista com o título "Os seis estágios da morte e a vida no mundo espiritual", disponível no seguinte link: <http://www.oconsolador.com.br/ano4/189/especial.html>, escreveu, a nosso pedido, o texto abaixo transcrito:

"A questão da aparência do cadáver no período do velório tem sido fonte de interessantes indagações envolvendo um grande número de casos. O assunto é complexo, pois a aparência do cadáver depende de vários fatores, sendo que a paz do Espírito desencarnante seria um fator importante, mas não o único. Em princípio, alguém que tenha tido uma 'boa vida' (uma encarnação de realizações valorosas do ponto de vista espiritual) e também uma 'boa morte' (um processo de desligamento corpo-espírito que tenha sido bem administrado emocional e espiritualmente pelo Espírito desencarnante) tenderia a gerar um cadáver com uma 'boa aparência', destacando-se aí um aspecto facial mais sereno, pacífico

e, em alguns casos, podendo até denotar um leve contentamento. De fato, são conhecidos vários casos na História do Cristianismo, como é o caso de Clara de Assis, cujos respectivos cadáveres apresentaram uma extraordinária resistência à decomposição, sendo que muitos deles permanecem com seus despojos carnis altamente conservados até os dias de hoje, destacando-se, inclusive, um rosto impressionantemente conservado. Entretanto, é importante destacar que vários outros itens podem influenciar o processo de decomposição do corpo físico, sendo que tais aspectos abrangem tanto fatores materiais como aspectos espirituais.

A título de ilustração poderíamos mencionar o tipo de morte, a idade física do desencarnante, a temperatura e a umidade relativa do ar no local do velório, a preparação espiritual da família e dos amigos presentes no velório, o nível espiritual das preces e/ou diálogos dos indivíduos presentes no velório, o tempo de duração do velório, o momento de desligamento definitivo do chamado 'cordão prateado' (liame que conecta o Perispírito ao Corpo Físico), entre outros.

Neste contexto, é interessante lembrar a informação de Irmão Jacob em *Voltei*, quando assevera que após a ruptura do 'cordão prateado' o processo de decomposição de seus despojos carnis acentuou-se significativamente, denotando a relevância da questão do tempo do velório e também da evolução espiritual do desencarnante, uma vez que o desenlace definitivo dependeria do grau de adaptação do indivíduo à sua nova realidade. O próprio André Luiz narra em *Obreiros da Vida Eterna* que, em uma visita ao cemitério, surpreendeu-se ao notar que vários Espíritos desencarnados ainda mantinham seus respectivos 'cordões prateados' conectados aos despojos carnis por se tratarem de Espíritos imaturos para a Vida Espiritual. Assim sendo, a Providência Divina os mantinha conectados para seu próprio bem e também para auxílio dos familiares e amigos que permaneciam encarnados na crosta terrestre, os quais, certamente, seriam perturbados pelas visitas muitas vezes inoportunas desses indivíduos.

De fato, 'a mente move a matéria', significando que o Espírito, dirigindo o Perispírito, guia, por consequência, o corpo físico. No caso em tela, segundo as informações fornecidas pelo leitor, o Espírito desencarnante realmente devia ser portador de valores espirituais de alta condição. Além disso, devemos considerar que normalmente, para Espíritos com certa maturidade espiritual, os processos degenerativos dolorosos de longo curso são experiências que, se bem administradas, podem fornecer profundo crescimento espiritual e, conseqüentemente, elevado preparo para a transição desencarnatória. Desta forma, realmente admitimos a possibilidade do aspecto agradável apresentando pelo cadáver do referido Espírito estar relacionado à sua pressuposta condição espiritual elevada.

Em suma, admitimos a possibilidade do fenômeno da boa aparência poder ter relação com uma boa condição intelecto-moral do Espírito desencarnante, sem tornar, de forma nenhuma, tal especulação uma regra, que não faria o menor sentido doutrinário, uma vez que a condição espiritual não é o único fator envolvido no fenômeno, além do fato de que sempre é difícil inferir sobre a real condição espiritual de quem quer que seja. Realmente, se todas as mortes e desencarnações têm características gerais semelhantes, nenhuma delas é perfeitamente idêntica a outra em suas particularidades, justamente devido ao grande número de interferentes que tipificam cada desencarnação,

semelhantemente ao que ocorre com as vidas físicas de todos nós. De qualquer maneira, lembrando sempre a recomendação do Espírito Erasto em *O Livro dos Médiuns* de que 'É preferível rejeitar 10 verdades a aceitar uma única mentira', devemos situar tal análise como um estudo preliminar que, obviamente, deve ser desenvolvido a partir de maiores correlações com informações fidedignas de caráter espiritual que certamente serão lenta e gradualmente expandidas para o nosso esclarecimento contínuo."

6/3/2011

Edição 199

Numa das cartas publicadas na presente edição, uma leitora pede-nos orientação a propósito do tema desenvolvimento da mediunidade.

Tratando do assunto, Allan Kardec escreveu na segunda de suas obras – *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* (Introdução, pág. 13) – que essa questão é mais complexa do que parece à primeira vista, uma vez que depende de conhecimentos preliminares necessariamente extensos. Para realizar experiências de física e de química faz-se necessário, em primeiro lugar, conhecer física e química. O mesmo com a mediunidade. É preciso, para lidar com a mediunidade, conhecê-la primeiramente e isso exige leitura e estudo.

Os especialistas no assunto indicariam então, para o neófito em Espiritismo, a leitura inicial de duas obras: *O que é o Espiritismo* e *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, que Kardec escreveu justamente para dar às pessoas uma noção inicial do que é, em verdade, o Espiritismo.

Depois de lê-las, se quiser, a pessoa estudará as obras que formam o chamado Pentateuco Kardequiano: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e os demais livros que compõem o pentateuco.

Para uma melhor elucidação da leitora e de todos os que se interessam pelo assunto, eis algumas recomendações feitas por estudiosos diversos:

1. A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porque em tal assunto a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual. (*Emmanuel, em O Consolador, questão 384.*)
2. A educação mediúnica exige, em primeiro plano, o conhecimento pelo estudo da mediunidade. A seguir, a educação moral e, como consequência, o exercício e a vivência da conduta cristã. Através dos hábitos salutares do estudo e do exercício do amor, o médium se libera de quaisquer atavismos para fazer-se ponte entre ele e o Criador, sob a inspiração dos Espíritos Superiores. (*Divaldo Franco, em Diretrizes de Segurança, questão 102.*)
3. Todos os dons mediúnicos são suscetíveis de desenvolvimento, mas nada se conseguirá se faltarem as principais condições, que são o trabalho e a perseverança, ao lado do estudo, do exercício, da calma e da boa vontade. (*Cairbar Schutel, em Médiuns e Mediunidade, p. 44.*)
4. O melhor meio de desenvolver a mediunidade é não se preocupar com o seu desenvolvimento, mas preparar-se moral e mentalmente para poder assumir o compromisso de se tornar médium desenvolvido. E esse preparo não poderá ser rápido. Se a mediunidade não se apresentar assim, espontaneamente,

naturalmente, é sinal de que ainda não está amadurecida o bastante para explodir. (*Yvonne A. Pereira, em Cânticos do Coração, Volume II, p. 105.*)

5. O desenvolvimento da mediunidade, na essência, deve ser o burilamento da criatura em si, porque o aperfeiçoamento do instrumento naturalmente permitirá ao Espírito manifestar-se em melhores condições. (*Chico Xavier, em Chico Xavier em Goiânia, pergunta 23.*)

13/3/2011

Edição 200

Cristina Oliveira, do Rio de Janeiro-RJ, em carta enviada a esta revista, pergunta-nos: Espiritismo é religião?

Para a maioria dos espíritas, excetuados os adeptos do chamado Espiritismo laico, é ponto pacífico: o Espiritismo é, sim, religião, pois a própria obra kardequiana o define como tal de forma inequívoca.

Em seu discurso "O Espiritismo é uma religião?", publicado na *Revue Spirite* de dezembro de 1868, Allan Kardec perguntou: "o Espiritismo é uma religião?" E, em seguida, respondeu: "Ora, sim, sem dúvida, senhores".

Mais adiante indagou: "Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião?" Ou seja, por que declarara anteriormente que o Espiritismo não era religião? E ele mesmo esclareceu: "Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem".

Trata-se, pois, de uma religião não hierarquizada, sem pastores nem sacerdotes, sem cultos nem rituais, mas com um objetivo definido, que é religar a criatura ao Criador.

No mesmo discurso, o Codificador foi além, e explicou qual é "o Credo, a religião do Espiritismo":

"Crer num Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na pré-existência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento moral e felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração intelectual; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na do bem e do mal, conforme o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver enfim nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus: eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus."

O assunto foi tratado nesta revista em algumas ocasiões, como na edição 41, de 3/2/2008, nos textos **A religião do Espiritismo** - <http://www.oconsolador.com.br/41/editorial.html> - e **É o Espiritismo uma religião?** - <http://www.oconsolador.com.br/41/especial.html>

20/3/2011

Edição 201

Em carta enviada à revista, Ana Claudia Luz Dantas, do Rio de Janeiro-RJ, relatou-nos que, semanas atrás, um palestrante disse que eleitos são aqueles que sempre seguiram o caminho do bem e por isso não precisaram reencarnar. Ela então deseja saber o que pensamos a respeito do assunto.

A tese de que existem Espíritos que não precisam ou jamais precisaram reencarnar é estranha à doutrina espírita, visto que a necessidade e a finalidade da encarnação são assuntos definidos com clareza na obra kardequiana.

Kardec perguntou aos Espíritos (O Livro dos Espíritos, 132): – Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

Eles responderam: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta”.

Imaginando, com inteira razão, que uma existência corporal pudesse ser insuficiente para se atingir o objetivo da encarnação, ele apresentou aos imortais uma nova questão (O Livro dos Espíritos, 166 e 167): – Como pode a alma acabar de se depurar?

Resposta: "Submetendo-se à prova de uma nova existência. A finalidade da reencarnação é: Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?".

Algum tempo depois, em artigo publicado no ano de 1863 na Revista Espírita, Kardec analisou a tese de que os Espíritos não teriam sido criados para encarnar; a encarnação não seria senão o resultado de suas faltas, ou seja, se o Espírito jamais errasse, se seguisse sempre o caminho do bem, dela estaria dispensado.

No artigo, que pode ser visto na Revista Espírita de 1863, pp. 164 a 166, o Codificador do Espiritismo foi peremptório e reafirmou a lição constante d'O Livro dos Espíritos, esclarecendo que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito e do próprio planeta em que ele vive, e não uma forma de castigo.

Emmanuel, Joanna de Ângelis e André Luiz, assim como o fizeram Léon Denis e Gabriel Delanne, reafirmam em suas obras o mesmo pensamento acerca da necessidade do processo reencarnatório, que constitui um dos princípios fundamentais do Espiritismo.

27/3/2011

Os leitores Cássia Inês Beraldi (São Bernardo do Campo, SP) e Jorge da Silva Lima (Vila Nova da Gaia – Portugal), conforme cartas publicadas na edição 201 desta revista, propuseram à Redação dúvidas relativas aos temas gestação no mundo espiritual e processos de reprodução na espiritualidade.

As cartas foram motivadas pela publicação nesta revista da análise que o confrade José Sola fez acerca do livro *Reencarnação no Mundo Espiritual*, que o médium Carlos A. Baccelli psicografou e cuja autoria foi por ele atribuída ao Espírito de Inácio Ferreira.

Haverá gestação no mundo espiritual? Os desencarnados podem, de fato, gerar filhos, como expõe Baccelli no livro citado?

Para compreender-se bem o assunto, é preciso recordar aqui algumas informações e conceitos bem firmados no meio espírita, que adiante resumiremos:

1) Os Espíritos são os seres inteligentes da criação; povoam o Universo, fora do mundo material. (*O Livro dos Espíritos*, 76.)

2) O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita, pois eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem. (*L.E.*, 86.)

3) É lei da Natureza a reprodução dos seres vivos, visto que sem a reprodução o mundo corporal pereceria. (*L.E.*, 686.)

4) A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos? “Não; é mais ou menos etérea. Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro, operando-se, porém, essa mudança com a rapidez do relâmpago.” (*L.E.*, 187.)

5) O corpo espiritual não é, como se pensa, reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele – o corpo espiritual – retrata em si o corpo mental, que lhe preside à formação. Do ponto de vista de sua constituição e da função que realiza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, o corpo espiritual é o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. (*Evolução em dois Mundos, Primeira Parte, cap. II, pp. 25 e 26.*)

6) O corpo espiritual ou psicossoma é ainda corpo de duração variável, segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural dos que o governam, além do carro fisiológico, apresentando algumas transformações fundamentais depois da morte carnal, principalmente no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico. (*Evolução em dois Mundos, Primeira Parte, cap. II, pp. 29 e 30.*)

7) O corpo espiritual evolve e se aprimora nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhe são fronteiriças, e é, assim, suscetível de sofrer alterações múltiplas, com alicerces na adinamia proveniente da nossa queda mental no remorso, ou na hiperdinamia imposta pelos delírios da imaginação, a se responsabilizarem por disfunções inúmeras da alma, nascidas do estado de hipo e hipertensão no movimento circulatório das forças que lhe mantêm o organismo sutil, e pode também desgastar-se, na esfera imediata à esfera física, para nesta se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda restringir-se a fim de se reconstituir de novo, no vaso uterino, para a recapitulação dos ensinamentos e

experiências de que se mostre necessitado. (*Evolução em dois Mundos, Primeira Parte, cap. II, pp. 29 e 30.*)

8) Na moradia de continuidade para a qual se transfere, o homem encontra as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com o dia e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e uniforme, como se os equinócios e solstícios entrelaçassem as próprias forças, retificando automaticamente os excessos de influência com que se dividem. (*Evolução em dois Mundos, Primeira Parte, cap. XIII, pp. 96 e 97.*)

9) Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra com os benefícios das chamadas mutações espontâneas. (*Evolução em dois Mundos, Primeira Parte, cap. XIII, pp. 96 e 97.*)

10) As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, volvem também à leira do homem comum, favorecendo, porém, de maneira espontânea, a solução de diferentes problemas que lhe dizem respeito, sem exigir maiores sacrifícios dos habitantes em sua conservação. (*Evolução em dois Mundos, Primeira Parte, cap. XIII, pp. 96 e 97.*)

11) Os Espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda éreis homem, tendes em vosso novo estado antes a natureza masculina do que a natureza feminina? Ocorre o mesmo com um Espírito que tivesse deixado seu corpo há muito tempo? Resposta: "Não temos que ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os cria à sua vontade, e se, por seus objetivos maravilhosos, quis que os Espíritos se reencarnem sobre a Terra, deveu acrescentar a reprodução das espécies para macho e a fêmea. Mas o sentis, sem que seja necessária nenhuma explicação, os Espíritos não podem ter sexo." (*Revista Espírita, junho de 1862. Diálogo entre Kardec e o Espírito do Sr. Sanson em 2 de maio de 1862.*)

12) Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo; os sexos não são necessários senão para a reprodução dos corpos; porque os Espíritos não se reproduzem, os sexos seriam inúteis para eles. Nossa pergunta não tinha por objetivo constatar o fato, mas em razão da morte muito recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terrestre. Os Espíritos depurados se dão perfeitamente conta de sua natureza, mas, entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos deles que se creem ainda que estão sobre a Terra, e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos; aqueles se creem ainda homens ou mulheres, e eis por que há os que disseram que os Espíritos têm sexos. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos avançado dos Espíritos que se comunicam; o erro não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundarem as perguntas. (*Revista Espírita, junho de 1862. Nota de Kardec em 2 de maio de 1862.*)

13) O Espiritismo ensina que as almas podem animar corpos de homens e mulheres. As almas ou Espíritos não têm sexo; as afeições que os unem nada têm de carnal; fundam-se numa simpatia real e, por isso, são mais duráveis. (*Revista Espírita de 1866, págs. 2 e 3.*)

14) Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual. (*Revista Espírita de 1866, págs. 2 e 3.*)

*

À vista das informações acima, todas extraídas de obras e autores confiáveis, chamamos a atenção para o contido nos itens 4 e 10. No primeiro está dito que, de acordo com a questão 187 d' *O Livro dos Espíritos*, os Espíritos substituem o seu perispírito quando passam de um mundo a outro, mas essa mudança se faz "com a rapidez do relâmpago".

No item 10 reproduz-se a revelação de André Luiz segundo a qual ocorre no plano espiritual reprodução – embora limitada – somente das plantas, dada a sua configuração celular mais simples. André Luiz não faz referência nenhuma à reprodução de aves e outros animais e muito menos de seres humanos ou de Espíritos, assunto tratado com clareza por Kardec em sua obra, conforme mostram os itens 11 a 14 do texto acima.

Será interessante, enfim, que os leitores releiam o artigo **Sexo nos Espíritos: o pensamento de Kardec**, de Ricardo Baesso de Oliveira, publicado em 8/8/2010 na edição 170 desta revista, o qual pode ser visto clicando-se no seguinte link: http://www.oconsolador.com.br/ano4/170/ricardo_baesso.html

3/4/2011

Edição 203

Maria Helena Pioto, conforme mensagem publicada na seção de **Cartas** desta mesma edição, diz que não entende a informação de que os Espíritos não têm sexo, se eles se comunicam conosco como homem ou mulher e assim vivem nas colônias, fato que foi mostrado até mesmo no filme *Nosso Lar*, baseado no livro homônimo de autoria de André Luiz.

De fato, André Luiz ali se apresenta na forma masculina e D. Laura, mãe de Lísias, apresenta-se na forma feminina.

Na edição anterior, referimo-nos aqui a duas informações contidas na obra kardequiana que é importante lembrar:

1) As almas podem animar corpos de homens e mulheres. As almas ou Espíritos não têm sexo; as afeições que os unem nada têm de carnal; fundam-se numa simpatia real e, por isso, são mais duráveis. (*Revista Espírita de 1866, págs. 2 e 3.*)

2) Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual. (*Revista Espírita de 1866, págs. 2 e 3.*)

Tais informações, porém, quando vistas isoladamente, não resolvem a dúvida da leitora. Afinal, por que uns se apresentam com a forma masculina e outros, com a forma feminina?

O entendimento da questão requer que sejam repetidas aqui algumas explicações já publicadas nesta revista.

Emmanuel, em seu livro *Vida e Sexo*, obra psicografada por Chico Xavier e publicada pela FEB em 1971, informa-nos:

a) Quando errante, pouco importa ao Espírito encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher. "O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar", afirmam os imortais em *O Livro dos Espíritos*, item 202.

b) A vida espiritual pura e simples rege-se por afinidades eletivas essenciais; contudo, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fieira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas.

c) O homem e a mulher serão, assim, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta.

d) O Espírito, ao renascer entre os homens, pode, obviamente, tomar um corpo feminino ou masculino, atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em determinado setor de ação, ou ao cumprimento de obrigações regenerativas.

O assunto examinado por Emmanuel foi, de igual forma, estudado por Kardec, como podemos conferir na *Revista Espírita de 1866*, págs. 2 a 4.

Diz-nos o Codificador do Espiritismo, no volume citado, que as almas podem, efetivamente, animar corpos de homens e mulheres, tal como é ensinado em *O Livro dos Espíritos* e no livro *Vida e Sexo*.

Ocorre que a influência que o Espírito encarnado sofre do organismo não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perdemos instantaneamente os gostos e hábitos terrenos.

Se o Espírito percorreu uma série de existências no mesmo sexo, ele poderá conservar durante muito tempo, na erraticidade, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa.

É assim – devido a essa influência, que repercute da vida corporal à vida espiritual – que ele se apresentará no plano espiritual, na chamada erraticidade, o que explica a existência ali de homens e mulheres, embora se encontrem desencarnados.

Sobre o assunto sugerimos aos leitores a leitura dos textos seguintes publicados nesta revista:

edição 8 - <http://www.oconsolador.com.br/8/editorial.html> e <http://www.oconsolador.com.br/8/entrevista.html>

edição 15 - <http://www.oconsolador.com.br/15/especial.html>

edição 85 - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/85/especial.html>

edição 144 - <http://www.oconsolador.com.br/ano3/144/especial.html>

10/4/2011

Edição 204

Em que consiste, afinal, o chamado método kardequiano?

Este assunto veio à tona na semana passada numa resposta dada pela revista a uma leitora de Toronto, Canadá.

Lembrou-se na ocasião que o Espiritismo, embora tenha a sua feição religiosa e seja igualmente uma doutrina filosófica, jamais pode perder suas características de ciência de observação, que ele é, a qual não admite como ponto doutrinário senão o que tenha passado pelo crivo a que Kardec submeteu os ensinamentos que, no seu conjunto, conhecemos pelo nome de doutrina espírita.

Se o Codificador não tivesse o cuidado que teve em sua tarefa de codificação dos ensinamentos espíritas, certamente o Espiritismo não existiria, uma vez

que, de 1857 até esta data, a Ciência experimentou um avanço vertiginoso e, no entanto, nada abalou os princípios, os fundamentos, a estrutura da doutrina que abraçamos.

Não nos esqueçamos de que Kardec viveu numa época em que não havia máquina de escrever, nem rádio, nem automóvel, nem televisão. Os estudos de Einstein, a mecânica quântica e tudo o que diz respeito à eletrônica lhe são posteriores.

Herculano Pires sintetizou em 4 pontos o método que o Codificador adotou na tarefa a que se propôs:

1º - Escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, do ponto de vista moral, da pureza das faculdades e da assistência espiritual.

2º - Análise rigorosa das comunicações.

3º - Controle dos Espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem.

4º - Consenso universal, apurado pela concordância existente entre as várias comunicações, recebidas por meio de médiuns diversos situados em diferentes lugares.

O Codificador repassava as respostas obtidas anteriormente ao crivo de outros Espíritos, valendo-se de médiuns diferentes. Assim é que ele trabalhou com as srts. Caroline e Julie Baudin, Japhet, Aline, Ermance Dufaux e muitos outros cujos nomes o leitor pode encontrar com facilidade nos volumes que integram a coleção da *Revista Espírita*.

Escreveu ele, em *O Livro dos Médiuns*, que "não existe uma comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa" (L.M., cap. 24, item 266). E, na mesma obra, consignou a célebre orientação assinada por Erasto: "Mais vale repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa" (obra citada, cap. 20, item 230).

É por causa desses cuidados que Herculano escreveu em seu livro **A Pedra e o Joio**, obra publicada em 1975: "O toque é a forma mais comum de verificação da verdade. Usa-se o toque na Medicina, na Agricultura, na Joalheria — onde é tão conhecida a função da pedra de toque — e praticamente em todas as atividades humanas. Foi pelo toque dos dedos nas chagas que Tomé reconheceu a legitimidade da aparição de Jesus ressuscitado. No Espiritismo a pedra de toque é a obra de Kardec. Mas por que essa obra e não outra? É bom que se deixe bem esclarecido esse porquê, pois há muitas pessoas que não entendem a razão disso e acham que se dá preferência a Kardec por motivos emocionais e até por fanatismo".

A justificativa do que diz Herculano é esmiuçada em profundidade e com clareza no texto de abertura do seu livro, acima mencionado, que deveria ser lido e meditado por todos aqueles que se aventuram no campo literário, sobretudo os que se melindram quando a crítica aponta esse ou aquele deslize nas obras que publicam.

A **Pedra e o Joio**, de Herculano Pires, integra a Biblioteca virtual de nosso site. Para lê-la, e eventualmente baixá-la, basta clicar em <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/diversosautores.html>

17/4/2011

Edição 205

Por meio de carta publicada nesta mesma edição, Ângela Boss, de Itapema-SC, pergunta-nos se nossos corpos perispirituais possuem os órgãos internos correspondentes ao corpo físico.

Sim, o corpo espiritual ou perispírito apresenta-se estruturado por aparelhos ou sistemas que se constituem de órgãos. Estes órgãos são formados por tecidos que, por sua vez, são constituídos por células e estas são formadas por moléculas que se constituem de átomos. Os átomos do perispírito são formados por elementos químicos, alguns conhecidos em nosso plano e outros por enquanto desconhecidos.

O assunto é tratado em minúcias por André Luiz nos cap. II e IV da Primeira Parte do livro **Evolução em Dois Mundos**, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, da qual extraímos as informações que se seguem:

a) o corpo espiritual, também chamado psicossoma, é dotado de sete centros vitais que governam os bilhões de entidades microscópicas que atuam a serviço dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena;

b) nele identificamos o centro **coronário**, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada;

c) o centro coronário supervisiona os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando da peça-motor;

d) desses centros vitais secundários, entrelaçados no psicossoma e no corpo físico por redes plexiformes, destacam-se: o centro **cerebral**, contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando as atividades das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efectoras; o centro **laríngeo**, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro **cardíaco**, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base; o centro **esplênico**, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo; o centro **gástrico**, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização; e o centro **genésico**, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas;

e) todos os órgãos do corpo espiritual e do corpo físico foram construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre;

f) foi assim que o **tato** nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos ameboides; a **visão** principiou pela sensibilidade do plasma nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar; o **olfato** começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evoluíam; o **gosto** surgiu nas plantas, muitas delas armadas de pelos viscosos destilando sucos digestivos; as primeiras sensações do **sexo** apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas umas para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas.

O conhecido confrade Ricardo Di Bernardi em um artigo intitulado **Alimentação dos Espíritos** fala também sobre o assunto, conforme a leitora pode ver acessando o site http://www.ieja.org/portugues/p_index.htm

24/4/2011

Edição 206

Deixamos para hoje, em que se comemora mais uma Páscoa, o exame de uma questão que nos foi proposta por um amigo que nos pede expliquemos em poucas linhas o significado da Páscoa para os adeptos do Cristianismo.

O assunto, que é tema da seção **Espiritismo para crianças** desta mesma edição, já foi examinado em nossa revista em diversas oportunidades. Eis algumas delas:

a) na edição n. 2, em artigo escrito pela confreira Rita Core – disponível em <http://www.oconsolador.com.br/2/ritacore.html>

b) na edição n. 48, em texto escrito por Célia Xavier Camargo – disponível em <http://www.oconsolador.com.br/48/espirtismoparacrianças.html>

c) na edição n. 48, no Especial “A Páscoa da ressurreição”, disponível em <http://www.oconsolador.com.br/48/especial.html>

A Páscoa, como todos sabemos, é comemorada por judeus e por cristãos, embora por motivações diferentes. No caso dos descendentes de Israel, a data assinala a partida dos hebreus que viviam no Egito, rumo à Terra da Promissão. Constitui uma das mais importantes festas do calendário judaico, que é celebrada por 8 dias. Em nossa língua, como em muitas outras línguas, a palavra Páscoa origina-se do hebraico Pessach. Os espanhóis chamam-na de Pascua, os italianos de Pasqua e os franceses de Pâques.

A Páscoa comemorada pelos adeptos do Cristianismo recorda-nos a ressurreição de Jesus, conforme havia sido anunciado nas Escrituras, a qual ocorreu no terceiro dia a partir dos lamentáveis acontecimentos patrocinados pelo Sinédrio que levaram à crucificação de nosso Mestre.

A diferença entre a visão católica e a visão espírita acerca do mesmo episódio é, porém, bastante nítida. O Espiritismo não vê naqueles fatos um caso de ressurreição de alguém que morrera, mas sim um caso de aparição de uma entidade desencarnada, que se manifestou de modo perceptível aos olhos de Maria e dos apóstolos, não com seu corpo carnal, mas com seu corpo espiritual, assunto a que Paulo de Tarso se refere em sua 1ª Epístola aos Coríntios (15:44), quando disse: “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual”.

A prova evidente de que Jesus não ressuscitou com seu corpo material é o fato de Maria não havê-lo reconhecido, pois ele não trazia as marcas dos ferimentos e dos suplícios a que o submeteram, nem o sangue que jorrou de suas chagas. Esses sinais impregnavam o corpo que morreu, não o corpo espiritual, que sobrevive à morte corpórea.

Seja como for, a Páscoa é uma festa cristã importante que devemos respeitar, embora não faça parte de modo específico das comemorações que nós espíritas geralmente realizamos.

1º/5/2011

Edição 207

Roberta Carvalho, de Lambari-MG, pergunta-nos se as pessoas que amputam alguma parte do corpo sofrem também alguma alteração no corpo espiritual ou perispírito.

Existem relatos de que pessoas que tiveram o membro amputado ainda sentem dores no local onde ocorreu a amputação, ou seja, no chamado membro "fantasma". Graças às fotografias Kirlian comprovou-se que nas plantas das quais se cortou uma parte, por exemplo um pedaço da folha, a contraparte imaterial do que foi cortado ainda aparece na foto, o que sugere que uma lesão física não acarreta necessariamente lesão no corpo perispiritual, salvo se ela se der de maneira intencional e sem motivo justificável perante as leis que regem a vida.

Lembramo-nos da informação dada por Emmanuel a respeito das pessoas que desferem um tiro na cabeça, produzindo lesão no corpo físico e também no corpo perispiritual. Segundo Emmanuel, tal lesão exigirá duas ou mais experiências corpóreas, por meio da reencarnação, para que seja sanada. Sabemos que nesses casos a lesão perispiritual terá consequência direta na veste física que o Espírito envergará nas existências corpóreas que se seguirem, até que esteja dita lesão inteiramente reparada.

Outro exemplo de lesão física com repercussão no perispírito é o caso Wladimir, o jovem suicida citado no livro "Quem tem medo da morte?", de Richard Simonetti. Segundo mensagem por ele transmitida por intermédio de Chico Xavier, Wladimir sentia no mundo espiritual os efeitos da bala que lhe atravessou o peito, a qual produziu no corpo espiritual uma ferida da qual jorrava sangue até que pôde ser devidamente socorrido. Wladimir foi o autor do disparo que lhe tirou a vida.

No livro *Evolução em Dois Mundos* André Luiz informa-nos que o perispírito não é reflexo do corpo físico; é o contrário disso que se dá. As lesões do corpo físico só terão, pois, repercussão no corpo espiritual se houver fixação mental do indivíduo diante do acontecido, ou se o ato praticado estiver em desacordo com as leis que regem a vida.

É assim que alguns pacientes psiquiátricos mutilam partes de seus corpos levados por transtornos mentais profundos. Não é, porém, o ato mecânico em si que altera o perispírito, mas a grave energia psíquica que altera as sutilezas do corpo espiritual, a qual, por sinal, foi o agente principal do ato conturbado.

As tatuagens e as pequenas mutilações que alguns indivíduos elaboram como forma de demonstrar amor (uma mãe, por exemplo, que grava o nome do filho no corpo de modo não tão conturbado) não trariam, segundo nosso entendimento, as mesmas consequências que ocorreriam com aqueles que se mutilam de modo deliberado, movidos por sentimentos menos nobres.

8/5/2011

Edição 208

Uma amiga enviou-nos as seguintes perguntas relacionadas com as criaturas do reino animal:

1) Uma irmã tem uma cachorra cega que, devido a uma enfermidade, não está conseguindo levantar-se nem comer. O veterinário decidiu sacrificá-la. Temos o direito de tirar a vida desse animal?

2) Quando autorizamos o sacrifício de um animal, por ele estar em sofrimento e doente, teremos responsabilidade por esse ato?

3) Não tendo os animais consciência dos próprios atos e não sendo dotados de razão e discernimento, eles não sofrem expiação. Em que, então, esses sofrimentos os ajudariam?

Com relação ao problema da dor que acomete os animais, o assunto já foi tratado nesta mesma seção na edição 186 de nossa revista, que a leitora pode ler [clicando em](http://www.oconsolador.com.br/ano4/186/oespiritismoresponde.html)

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/186/oespiritismoresponde.html>

Os animais não estão realmente sujeitos à expiação, e a dor por que passam é explicada num dos textos contidos na obra *Ação e Reação*, de André Luiz, na qual o Instrutor Druso

diz que podemos identificar na experiência terrestre três tipos de dores: a dor-evolução, a dor-expiação e a dor-auxílio.

Referindo-se diretamente ao caso dos animais, Druso afirma: "A dor é ingrediente dos mais importantes na economia da vida em expansão. O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a dor-evolução, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso".

A dor-evolução, cujo objetivo notório é o aprimoramento do ser, nada tem que ver com atos do passado. É o que ocorre com os animais, não somente aqueles que vivem em nosso meio, como os cães, vítimas de tantas enfermidades e problemas, mas sobretudo com os que vivem em plena selva. Imaginemos o sofrimento de uma presa abatida por seu predador e estraçalhada antes mesmo de ocorrer sua morte corpórea.

Quanto ao sacrifício dos animais enfermos, recorreremos ao que pensava o saudoso confrade Marcel Benedeti, médico veterinário desencarnado em fevereiro de 2010, que escreveu um livro sobre os animais e seu destino espiritual.

Em entrevista publicada pela *Revista Cristã de Espiritismo*, ed. 29, em 2004, perguntaram-lhe como ele analisava a questão da eutanásia praticada com animais. Benedeti respondeu: "O ser humano tem o carma, o animal não. O animal tem consciência, mas muito mais restrita, em relação ao ser humano. Ele segue muito mais os seus instintos. Então, como não tem carma, a eutanásia deve ser o último recurso utilizado; o veterinário deve fazer todo o possível para salvá-lo. Se o animal estiver sofrendo muito e não existir outra maneira, o plano espiritual não condena, porque é um aprendizado tanto para o animal quanto para o dono que precisa tomar a decisão".

15/5/2011

Edição 209

Um amigo nos pergunta: Os Espíritos dos chamados selvagens também estão sujeitos à lei do progresso? Em caso afirmativo, de que forma eles progredirão?

O assunto foi tratado por Allan Kardec em seu livro *A Gênese*, cap. XI, itens 32 e 33.

A resposta é afirmativa.

Os Espíritos dos selvagens fazem parte também da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos. Trata-se de um processo lento, mas gradativo.

A resposta à segunda pergunta evidencia a importância da reencarnação, cujo princípio é uma consequência direta e necessária da lei de progresso.

Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e os tempos em que prevalecia a barbárie?

Admitindo, contudo, que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que possivelmente foram bárbaras como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que para cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências precedentes; que, por conseguinte, as dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, mas são almas que se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, teremos a única explicação plausível da causa do progresso social.

É isso que acontecerá com os chamados selvagens, que, a cada encarnação, vão subindo na escala evolutiva, tanto no aspecto moral como no aspecto intelectual, para o que é importantíssimo o contato com outras culturas, contrariamente ao que alguns estudiosos têm dito.

O homem não pode progredir sozinho, vivendo apartado da sociedade. É-lhe fundamental a interação com outros indivíduos. O mesmo ocorre com os selvagens, que não teriam futuro nenhum caso a existência corpórea fosse uma só.

22/5/2011

Edição 210

Num dos bairros de Londrina, um garoto de 7 anos, após ficar internado por cerca de 30 dias, vítima de atropelamento em frente da própria residência, recebeu a notícia de que está tetraplégico e, além de ter os movimentos comprometidos, não mais pode falar. Seu pai está preso há algum tempo; sua mãe, dependente química, faleceu dois anos atrás em virtude de uma overdose, e a avó materna, com quem ele mora, em depressão profunda desde que a mãe do garoto morreu, não está conseguindo prestar corretamente os cuidados de que o neto necessita.

Depois de relatar este caso, uma amiga nos pergunta: Como entender essa prova? Ou seria, antes, uma expiação? De que modo auxiliar a criança e sua avó? Incluí-las em nossas orações é suficiente ou é preciso algo mais?

A diferença entre prova e expiação é fácil de estabelecer quando as definimos. Expiação diz respeito a algo que fizemos; trata-se de uma medida educativa e é indispensável no processo de regeneração das pessoas que cometem desatinos. Provas são testes e nada têm que ver com o nosso passado; trata-se de um processo de aferição do aprendizado, tal como se dá nos cursos que fazemos nas escolas do mundo.

Ocorre que, diante de um caso concreto, não sabemos se estamos diante de uma prova ou de uma expiação; contudo, convenhamos, isso não vem ao caso, porque a caridade pede que prestemos sempre a ajuda aos que necessitam de ajuda, na medida de nossas forças e de nossas possibilidades.

Como o garoto mencionado não tem mãe nem pai, visto que este está privado da liberdade que o impede de prestar ao filho os cuidados que os pais devem prestar, trata-se de uma criança órfã, que nem mesmo pode contar com o amparo da avó, dadas as limitações dessa mulher, como relatado por nossa amiga.

Se se trata de um menino órfão, lembremos o que o Espiritismo nos ensina a respeito do assunto, que o leitor pode conferir no cap. XIII, item 18, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Eis o que ali lemos:

“Meus irmãos, amai os órfãos. Se soubésseis quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância!

Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais.

Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício!

Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a sua lei. Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra encarnação, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever.

Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade; não,

porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente bem amargos são os vossos óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se na choupana a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Dai delicadamente, juntai ao benefício que fizerdes o mais precioso de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitai esse ar de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerai que, fazendo o bem, trabalhais por vós mesmos e pelos vossos. - *Um Espírito familiar*. (Paris, 1860.)”

À vista de ensinamentos tão claros, creio que ninguém terá dúvida de que não basta incluir avó e neto em nossas preces. Que estas são importantes, não há como negar. Mas é preciso fazer algo mais, é preciso agir como o bom samaritano da parábola narrada por Jesus, sem nos importarmos em saber qual é a religião, qual é a cor, qual é a nacionalidade das pessoas a que nos referimos.

29/5/2011

Edição 211

Um leitor do Rio de Janeiro, reportando-se aos episódios verificados no dia 7 de abril deste ano na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, em que várias crianças foram assassinadas, enviou a esta revista as seguintes perguntas:

- 1) Mesmo que o fato ali ocorrido possa ser atribuído a uma expiação coletiva dos alunos, a ser desencadeada por uma pessoa, esta poderia, graças ao seu livre-arbítrio, tomar a decisão de não fazer tal coisa, lutando até contra algum obsessivo que a tenha influenciado para o ato?
- 2) Ocorrendo essa hipótese, as crianças expiaríam de outra forma suas faltas?
- 3) O trabalho de uma pessoa dedicada ao bem do próximo pode aliviar muitas de suas faltas, dependendo disso da própria pessoa?

Inicialmente é bom deixar claro que a morte daquelas crianças pode ser atribuída a uma expiação coletiva como também a uma prova. Como já foi dito várias vezes nesta revista, é muito difícil afirmar, num caso concreto, se a vicissitude por que passa uma pessoa advém de uma prova ou de uma expiação.

Com relação à primeira pergunta, a resposta é sim. O rapaz poderia perfeitamente deixar de cometer os crimes, ainda que assediado por um mau Espírito. Lembremos que ninguém vem ao mundo com a missão de matar. O ato de tirar a vida a alguém é algo que fere a lei natural e não pode ter, portanto, o beneplácito dos poderes que regem a vida na Terra.

Quanto à segunda pergunta, não ocorrendo os crimes que, de fato, ocorreram na escola de Realengo, e tendo as crianças de desencarnar na idade em que faleceram, é claro que isso se daria de outra forma. Há na literatura espírita relatos de casos assim e a questão n. 853 d' *O Livro dos Espíritos*, que trata do assunto, é bem clara: "Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos".

No tocante à última pergunta, é correto o entendimento de que o trabalho no bem pode não apenas aliviar mas também reduzir as faltas que cometemos no passado, de acordo com uma lei evangélica que nos chegou ao conhecimento graças ao apóstolo Pedro, que assevera em sua 1ª Epístola, 4:8: "(...) tende ardente amor uns para com os outros; porque o amor cobrirá a multidão de pecados".

O ensinamento do apóstolo tem sido repetido frequentes vezes pelo confrade Divaldo Franco, que usa nesse caso palavras diferentes, a saber: "O bem que fazemos anula o mal que fizemos", e é, sim, confirmado pelo Espiritismo, que nos oferece, sobre o assunto, inúmeros exemplos.

5/6/2011

Edição 212

Qual deve ser a posição de um médium espírita ante a crítica?

Formulada por um amigo, esta mesma questão foi examinada por Kardec numa de suas obras.

Entenda-se por crítica a análise desapassionada, imparcial, sem segundas intenções, daquilo que se faz ou se escreve, que pode ser uma peça teatral, um poema, um romance, uma obra literária qualquer.

No caso da mediunidade, tanto a psicofônica como a psicográfica, é evidente que o primeiro crítico deve ser o próprio médium. A razão é simples. Segundo Kardec, um dos grandes escolhos da mediunidade é, como sabemos, a obsessão e a fascinação. Os médiuns podem então iludir-se de boa-fé sobre o mérito das comunicações que obtêm, e os Espíritos mentirosos têm ampla liberdade quando lidam apenas com cegos.

Por maldade ou por simples diversão, característica que encontramos nos Espíritos levianos, eles podem procurar afastar o médium de todo controle e levá-lo mesmo a tomar aversão por quem poderia esclarecê-lo. Mais tarde, com a ajuda da fascinação e do isolamento, conseguirão que ele aceite tudo o que quiserem.

Esse fato – lembra-nos o codificador do Espiritismo – não é somente um escolho, mas um perigo; melhor dizendo: um verdadeiro perigo. O único meio

de evitá-lo é o controle de pessoas desinteressadas e benevolentes que, julgando as comunicações com sangue frio e imparcialidade, podem abrir-lhe os olhos e fazê-lo perceber o que ele não pode ver por si mesmo.

Se o médium teme esse julgamento, eis um sinal de que se encontra no caminho da obsessão. Se crê que a luz se faz somente para ele, eis alguém completamente sob o jugo. Se fica melindrado com a crítica, se a repele, se se irrita com ela, não existe dúvida sobre a má natureza do Espírito que o assiste. É essa a razão pela qual, na falta de suas próprias luzes, o médium deve modestamente recorrer à dos outros, segundo estes dois provérbios bem conhecidos: "*quatro olhos enxergam melhor do que dois*" e "*nunca se é bom juiz em causa própria*".

O médium bem orientado deve, por fim, aceitar com reconhecimento e mesmo solicitar o exame crítico das comunicações que recebe, porque aí está a melhor garantia contra o envolvimento com Espíritos enganadores e o perigo da fascinação.

Lembramos ao leitor que as palavras acima são um mero resumo do que podemos ler no item 329 d' *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

12/6/2011

Edição 213

O leitor Élvio Andrade Dias, de Laguna-SC, indagou-nos no mês passado como pode haver homossexualidade entre os animais, se estes se guiam pelo instinto e o instinto não erra.

Antes de responder ao leitor quisemos ouvir a opinião de um estudioso do assunto, nosso confrade Leonardo Marmo Moreira, autor de um importante texto publicado nesta revista com o título "O sexo e a homossexualidade à luz da Doutrina Espírita", que os interessados podem ler clicando em <http://www.oconsolador.com.br/ano3/144/especial.html>

Eis o que, tratando do assunto, o confrade escreveu:

"Antes de quaisquer considerações, faz-se necessário admitir dois pré-requisitos conceituais para construirmos a nossa resposta. O primeiro deles é que o Espírito, princípio inteligente do Universo, em princípio não tem sexo, ou seja, a realidade espiritual de homens/machos e mulheres/fêmeas na essência é a mesma. O pensamento e o comportamento tipicamente associados a determinado gênero advêm de experiências reencarnatórias, nas quais pode haver pequena ou mais significativa variação das morfologias sexuais de cada corpo.

Assim, alguém que apresente um pensamento e uma atitude tipicamente masculinos deve esse perfil psíquico a uma sequência de experiências em corpos masculinos que foram gerando condicionamento masculino ("educação é a arte de adquirir hábitos"). Alguém que não apresente um quadro, em termos de personalidade, muito polarizado do ponto de vista do comportamento sexual pode ter vivenciado uma maior alternância sexual em seus corpos durante uma sucessão de reencarnações, além, obviamente, de uma série de fatores psicossociais que afetam a sexualidade da criatura. O segundo pré-requisito que devemos considerar é que a evolução anímica é algo extremamente complexo.

Segundo André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, o chamado "Elo Perdido" entre as diferentes espécies somente será decifrado pelos naturalistas quando

estes considerarem o perispírito e a vida no mundo espiritual. Além disso, o número de reencarnações em variadas espécies animais que o princípio inteligente necessita experienciar para atingir a condição de Espírito humano é incontável (elevadíssimo mesmo!).

Assim sendo, o fato de determinadas espécies animais apresentarem manifestações homossexuais não deve ser tido como algo chocante, pois em uma sequência reencarnatória, sobretudo na fase pré-hominal, também poderia ocorrer uma alternância sexual por parte de cada individualidade espiritual. Em adição, vale registrar que do ponto de vista do comportamento animal, há uma série de fatores que podem afetar o comportamento sexual dos espécimes de cada grupo.

Liderança do grupo, assim como mecanismos de relação associados ou não ao poder dentro do grupo, variam de espécie para espécie, implicando que vários fatores podem influenciar o comportamento sexual dos animais. Portanto, como o Espírito não tem sexo e o sexo é, antes de tudo, uma atitude mental adquirida por condicionamentos em função dos hábitos, determinados grupos podem ter tais hábitos como naturais, sem nenhuma violação em um sentido mais profundo do instinto próprio de cada espécie. Precisamos considerar ainda que, quanto mais evoluído for o animal, maior independência ele começa a ter em relação ao instinto, o que é natural no caminho que leva à conquista plena do livre-arbítrio e à condição hominal. Animais mais evoluídos, portanto, poderiam apresentar comportamentos mais claramente discrepantes de uma previsão inicial dos naturalistas no que se refere ao instinto, justamente por já apresentarem níveis significativos de inteligência.”

Sugerimos, ainda, ao leitor, a leitura dos textos abaixo relacionados, todos publicados nesta revista, em que o tema homossexualidade é examinado à luz dos ensinamentos espíritas:

edição 8 - <http://www.oconsolador.com.br/8/editorial.html>

edição 104 - <http://www.oconsolador.com.br/ano3/104/editorial.html>

edição

168

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/168/oespiritismoresponde.html>

edição 15 - <http://www.oconsolador.com.br/15/especial.html>

edição 85 - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/85/especial.html>

19/6/2011

Edição 214

Publicamos na seção de Cartas da edição 210 a seguinte mensagem, enviada à revista por uma leitora do Rio de Janeiro: “Desculpe o desabafo, mas hoje tive uma discussão com uma evangelizadora de 25 anos (tenho 44) que disse que não estamos na evangelização para dar limites, e sim para evangelizar. Que quem tem que dar limites são os pais. Não concordo, acho que evangelizar é mostrar disciplina, limites, chamar a atenção sim, não deixar que as crianças façam o que elas querem fazer. Ela disse que não podemos ser bruscos (procuro falar com autoridade, mostrando para aqueles espíritos em corpos de crianças que eles têm limites, e que eles não podem fazer o que querem). Enfim, ela quis me mostrar que meu jeito de trabalhar é errado, me levando às lágrimas quando cheguei em casa, pois trabalhei 15 anos na evangelização infantil (3,4,5 e 6 anos) e nunca me chamaram a atenção. (...) Será que os tempos mudaram? Será que agora só temos que ficar de meiguice com os

pequenos? Será que não tenho perfil para evangelizar? Será que meu trabalho de 15 anos foi todo por água abaixo, me iludi achando que fiz algo por aqueles pequenos?”

A resposta dada na ocasião pode ser vista clicando-se neste link: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/210/cartas.html>

Completando nossa resposta, conforme prometemos naquela oportunidade, apresentamos os esclarecimentos que sobre o assunto nos foram prestados por três trabalhadores espíritas que atuam na área da evangelização infantil.

Sinteticamente, eis o que eles nos disseram acerca da questão proposta:

1. Evangelizar é também estabelecer limites, a começar pelo ensinamento “não faças ao outro o que não queres que ele te faça”, mas limites fixados com amor, demonstrando afeto e desaprovando apenas as atitudes da criança, sem, contudo, menosprezá-la.

2. É claro que, em verdade, são os pais que devem dar os primeiros limites à criança, ensinando-lhe respeito a Deus, ao próximo, à natureza, às coisas. Assim, o ideal numa escola de evangelização seria que todas as crianças já trouxessem de casa essa noção de limites, mas isso nem sempre acontece.

3. Pais e evangelizadores devem escutar atentamente a criança, procurando ver o mundo e as situações sob a ótica dos pequenos, sempre agindo amorosamente, ou seja, agindo com calma, sem reagir às atitudes erradas, explicando os motivos por que não podem fazer tal ou tal coisa e tentando entender os porquês das atitudes e pedidos que as crianças fazem.

4. A questão dos limites assume papel importante porque numa escola de evangelização espírita é muito difícil para o evangelizador trabalhar com crianças que não têm noções de respeito. Todos sabemos que quando uma criança perturba de modo frequente uma aula o fato impede que as outras crianças exerçam seu direito de assistirem a essa aula em paz.

5. O evangelizador deve organizar a aula e exigir comportamentos de acordo com o ambiente e o momento de aprendizado, o que compreende, da parte dos alunos, esperar a vez de falar, respeitar colegas e professores, fazer as atividades.

6. A tarefa requer, porém, que o evangelizador tenha a necessária paciência para que suas atitudes não resvalém para o campo da dureza, da aspereza. Revela-se, nesse particular, a exigência maior a ser observada por todo aquele que colabora em tais atividades: o esforço de desenvolver a capacidade de amar sem pieguismo e de exigir sem dureza, algo que requer muita vigilância e oração, em um verdadeiro trabalho de autoevangelização.

7. Para que a tarefa tenha êxito é importante também conhecer a história dos evangelizados, visando desse modo a entender determinadas atitudes, visto que muitas vezes a criança age ou reage de uma maneira que somente poderemos entender conhecendo sua história e a realidade em que ela está inserida. Com isso será bem mais fácil orientá-la para que tenha atitudes e realize escolhas que possam trazer alegria e felicidade para todos.

8. Nesse sentido é muito importante, sempre que houver possibilidade, a visita aos lares dos evangelizados considerados problemáticos, porque sabemos que o comportamento inadequado numa sala de aula pode ser tão-somente o reflexo do que ocorre no lar daquela criança.

9. Lembremo-nos também de que as crianças tendem a respeitar quem as trata bem com carinho e consideração. Afinal, somente conseguiremos levar os ensinamentos de Jesus ao coração das crianças com muito afeto e respeito pelo

Espírito milenar que ali se encontra, temporariamente, revestindo um corpo infantil.

10. Quanto ao conflito mencionado na carta, é preciso considerar que problemas de relacionamento interpessoal existem e existirão ainda por um bom tempo, mesmo dentro de um ambiente espírita, o que se resolverá com o diálogo e com a boa vontade de cada um em ceder um pouco e observar o ponto de vista do outro, com vistas a encontrar sempre a melhor solução.

*

A respeito da importância da evangelização das crianças, sugerimos ao leitor a leitura da entrevista publicada na edição n. 9 desta revista, que pode ser vista clicando neste link: <http://www.oconsolador.com.br/9/entrevista.html>

26/6/2011

Edição 215

O leitor Isaias Fernandes escreveu-nos a propósito da divergência de informação que existe entre textos produzidos por Erasto, André Luiz e Ernesto Bozzano, com relação aos fenômenos de transporte.

Segundo Erasto, conforme está dito em **O Livro dos Médiuns**, no tocante aos objetos transportados de um recinto a outro, o Espírito pode torná-los invisíveis, mas não penetráveis, porque ele não poderia romper a agregação da matéria, o que seria a destruição do objeto. André Luiz diz-nos coisa bem diferente no livro **Nos Domínios da Mediunidade** e Bozzano, tratando do assunto, o confirma.

De fato, o leitor tem razão. A divergência é evidente, o que leva a crer que Erasto se equivocou ou evitou, propositadamente, dar uma informação que a ciência de sua época não admitia e, por esse motivo, não seria também acolhida por Kardec.

Quem já leu a respeito do método kardequiano, compreenderá perfeitamente que é preciso cautela diante de uma informação que contrarie o conhecimento científico firmado no momento, sinalizando ao receptor da informação que aguarde o decurso do tempo.

Não foi por outro motivo que, aludindo à progressividade da ciência espírita, Kardec consignou em seu livro **A Gênese**: "Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará". (*A Gênese, cap. I, item 55.*)

O caso do fenômeno de transporte parece-nos semelhante ao caso do tema possessão, que Kardec também rejeitou até determinada época, inclusive em **O Livro dos Médiuns**, para depois admiti-la de forma clara, como podemos ver no livro **A Gênese**.

A diferença entre um caso e outro é que, no tocante ao fenômeno de transporte, seria necessário que os fatos comprovassem o equívoco de Erasto, conquista essa que devemos a Ernesto Bozzano e ao seu extraordinário **Fenômenos de Transporte**, obra traduzida por Francisco Klörs Werneck e publicada pelas Edições FEESP, cujo estudo sequencial e metódico foi publicado

em nossa revista nas edições 175 a 183. Para ver a primeira parte desse estudo, publicada na edição 175, basta clicar em <http://www.oconsolador.com.br/ano4/175/classicosdoespiritismo.html>

De forma resumida, podemos afirmar que Bozzano reuniu provas mais do que suficientes de que os "transportes" se produzem por força do processo, quase instantâneo, de desintegração e reintegração, processo que algumas vezes assume forma inversa com desintegração e reintegração de um furo nas portas e nas paredes, o que não muda a essência do fenômeno.

Anos depois, André Luiz examinou a questão em seu livro **Nos Domínios da Mediunidade**, cap. 28, pp. 268 a 271, em que relata o fato a seguir sintetizado. Findo o trabalho medicamentoso, um Espírito tomou pequena porção das forças materializantes do médium sobre as mãos e afastou-se, para trazer, daí a instantes, algumas flores que foram distribuídas com os irmãos encarnados, no intuito de sossegar-lhes a mente excitada. O Assistente Aulus explicou: "É o transporte comum, realizado com reduzida cooperação das energias medianímicas. Nosso amigo apenas tomou diminuta quantidade de força ectoplásmica, formando somente pequeninas cristalizações superficiais do polegar e do indicador, em ambas as mãos, a fim de colher as flores e trazê-las até nós". Hilário observou a facilidade com que a energia ectoplásmica atravessou a matéria densa, porque o Espírito, usando-a nos dedos, não encontrou qualquer obstáculo na transposição da parede. Aulus lembrou-lhe que também as flores transpuseram o tapume de alvenaria, penetrando o recinto graças ao concurso de técnicos bastante competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato. O Assistente informou que, caso houvesse utilidade, um objeto poderia ser removido da sala de sessões para o exterior, com a mesma facilidade. "As cidadelas atômicas, em qualquer construção da forma física, não são fortalezas maciças, qual acontece em nossa própria esfera de ação. O espaço persiste em todas as formações e, através dele, os elementos se interpenetram", explicou Aulus.

3/7/2011

Edição 216

O leitor Negy Abou Latif, de Foz do Iguaçu-PR, pede-nos esclarecimentos acerca de um caso de suicídio relatado por Kardec na Revista Espírita de 1862, no qual a personagem principal é uma criança de 12 anos. A pergunta do leitor consta da seção de Cartas desta mesma edição, na qual ele indaga também por que motivo esse caso não foi inserido no livro *O Céu e o Inferno*, publicado anos depois por Kardec, como se deu com outros casos publicados primeiro na Revista Espírita e depois na obra citada.

O caso mencionado pelo leitor, que foi publicado na *Revue* de maio de 1862, é, de fato, muito interessante, embora Kardec não o tenha incluído no livro *O Céu e o Inferno*, que apresenta somente 9 casos sobre suicídio.

Não sabemos por que ele não foi incluído. Provavelmente, o fato se deve à extensão da obra em foco, na qual Kardec certamente preferiu incluir os casos de ocorrência mais comum ou mais provável, uma vez que suicídio de criança é, realmente, bastante raro.

O suicídio foi motivado, conforme consta do relato, por uma mulher de nome Elvire.

Elvire existiu realmente ou não passava de uma criação da mente de Maximilien?

Pela leitura do diálogo entre o Espírito de Maximilien e o evocador, Elvire realmente existiu, embora não haja registro de que ela e ele tenham tido algum relacionamento em existências passadas, o que é bastante provável.

Segundo o Espiritismo, as pessoas que por motivos tolos se afastam, ainda que se amem, podem ficar apartadas por inúmeras encarnações, e esse distanciamento, essa impossibilidade de se unirem, constitui uma forma de expiação da falta cometida.

Sobre o que o leitor atribui a Chico Xavier acerca do tema suicídio, a informação correta é diferente.

Conforme podemos ler na obra de André Luiz e também no livro *Memórias de um Suicida*, de Camilo Castelo Branco, escrita por intermédio de Yvonne A. Pereira, a pessoa que se suicida enfrentará em uma futura existência dita normal a tentação para que cometa um novo suicídio, numa idade ou numa situação parecida com aquela em que fraquejou no passado. Essa *tentação*, que faz parte da lei natural, associada à necessidade de reparar na carne as lesões cometidas, eis um motivo fortíssimo para que ninguém – especialmente se for espírita – busque esse caminho para fugir aos problemas.

Entrevistado certa vez na cidade de Goiânia, Chico Xavier atribuiu a Emmanuel a informação de que a pessoa que dá um tiro na cabeça necessitará de duas ou mais encarnações para reparar o cérebro perispiritual lesado. O indivíduo encarnar-se-á então com problemas pertinentes à zona do cérebro – retardo mental, paralisia, mudez, cegueira etc. – conforme a lesão produzida por seu ato. A reencarnação funcionaria, assim, como uma espécie de cirurgia reparadora que não custa dinheiro, mas requer sacrifício, resignação, paciência, tudo por causa de uma tolice perfeitamente evitável.

Os casos de anencefalia enquadram-se em sua generalidade nisso. O Espírito da criança que volta à cena terrestre já estava nessas condições no plano espiritual; por isso, constitui falta de caridade impedir que ele viva entre nós alguns dias ou alguns anos, somente porque, na concepção de uma sociedade extremamente materialista, esteja tal criança relegada a uma vida vegetativa, sem possibilidade de estudar, trabalhar, casar e ter filhos.

10/7/2011

Edição 217

O leitor Léo Martins, de Cidreira-RS, enviou-nos uma série de perguntas que são, como veremos, bastante frequentes, sobretudo para os que estão iniciando seus estudos pertinentes à doutrina espírita.

Ei-las, seguidas das explicações que colhemos nas obras espíritas:

1. *Ao sofrer-se um acidente de carro que fica destruído, qual o porquê dos ocupantes escaparem ilesos?*

“Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é.” Esta lição, constante da questão 853 d’*O Livro dos Espíritos*, parece que explica esses fatos extraordinários em que algumas pessoas escapam de acidentes nos quais todas as outras pereceram.

Lemos na mesma questão que, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos.

Quanto à pergunta do leitor, recorramos à questão 855 do mesmo livro, que focaliza exatamente esse assunto:

855. Com que fim nos faz a Providência correr perigos que nenhuma consequência devem ter? "O fato de ser a tua vida posta em perigo constitui um aviso que tu mesmo desejaste, a fim de te desviares do mal e te tornares melhor. Se escapas desse perigo, quando ainda sob a impressão do risco que correste, cogitas, mais ou menos seriamente, de te melhorares, conforme seja mais ou menos forte sobre ti a influência dos Espíritos bons. (...) Por meio dos perigos que correis, Deus vos lembra a vossa fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Se examinardes a causa e a natureza do perigo, verificareis que, quase sempre, suas consequências teriam sido a punição de uma falta cometida ou da negligência no cumprimento de um dever. Deus, por essa forma, exorta o Espírito a cair em si e a se emendar."

2. Ao encarnarmos, já vimos com destino traçado e a data de desencarnação?

Não existe destino inteiramente traçado, mas sim um plano geral que decorre da chamada programação reencarnatória, assunto tratado na questão 851 d' *O Livro dos Espíritos*, em que Kardec indaga se existe fatalidade nos acontecimentos da vida, isto é, se os acontecimentos são predeterminados.

Eis o que os imortais disseram: "A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. Falo das provas físicas, pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir".

3. Como podemos caracterizar o grau de elevação de um médium vidente e sensitivo?

O grau de elevação de um médium pode ser medido pelas qualidades que ele apresenta como médium e como pessoa. Nesse sentido, não há como ignorar a lição contida no cap. XX, item 227, d' *O Livro dos Médiuns*, em que lemos que as qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo e o desprendimento das coisas materiais, ao passo que os defeitos que os afastam são o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

4. Como se sente e pode agir um Espírito que convive e faz parte de um meio familiar, onde os demais conflitam-se entre si?

Se essa pessoa entende a gênese da formação das famílias, saberá que recebemos no processo reencarnatório não a família que queremos ou merecemos, mas, sim, aquela de que necessitamos, tendo em vista nossas necessidades próprias e as daqueles que vivem ao nosso lado. É por isso que se diz, com inteira razão, que na família estão os nossos maiores deveres e também nossos maiores desafios.

5. O que identificamos como choque de corrente?

A expressão "choque de corrente", tão usada na eletroeletrônica e em determinados procedimentos médicos, é, pelo que sabemos, estranha ao vocabulário espírita. Nos textos espíritas fala-se em choque fluídico e em choque anímico, expressão utilizada para designar o tratamento energético dos desencarnados promovido com sua manifestação por meio da psicofonia, nas sessões de desobsessão das Casas Espíritas.

Edição 218

O leitor Benjamin, de Gama-DF, pergunta-nos como ocorre o fenômeno pelo qual se produzem os agêneres.

A palavra agênera é o nome que se dá a uma variedade de aparição tangível dos Espíritos. É ele o produto da chamada materialização dos Espíritos, que certos autores, como o saudoso Hernani Guimarães Andrade, preferem chamar de ectoplasmia.

Nesse estado, a forma exterior do Espírito é idêntica à de um encarnado, e é difícil, mantendo contato com ele, perceber diferenças com relação aos seres encarnados.

Na Bíblia há dois casos clássicos de ectoplasmia ou materialização: o jovem que auxiliou Tobias e mais tarde revelou ser o anjo Rafael materializado, e Jesus, em algumas de suas aparições após a crucificação, fato que católicos e espíritas conhecem muito bem.

Allan Kardec tratou do assunto de forma superficial em *O Livro dos Médiuns*, cap. VII, item 125, e na *Revista Espírita* de fevereiro de 1859.

William Crookes, em seu livro *Fatos Espíritas*, reporta-se às sessões de materialização do Espírito de Katie King com o concurso da jovem médium Florence Cook. Como é de conhecimento geral no meio espírita, Crookes fotografou a forma materializada de Katie King e fez com esta inúmeras experiências, com o que pôde apurar que se tratava de um ser vivo que apresentava até mesmo batimentos cardíacos, e não apenas uma forma aparente de um ser humano.

Foi, contudo, na obra de André Luiz que o assunto pôde ser minuciosamente examinado e explicado, conforme o leitor pode conferir lendo os livros *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 28, págs. 259 e seguintes, e *Missionários da Luz*, cap. 10, págs. 107 em diante.

Para a produção do fenômeno, além do concurso de Espíritos especializados no assunto, é necessário contar com um médium de efeitos físicos, do qual é extraído de forma abundante o ectoplasma, ou força nervosa, indispensável à materialização da entidade desencarnada, para o que os Espíritos utilizam-se também de recursos da Natureza – elementos extraídos das plantas e das águas, estruturados para reduzido número de vibrações.

Uma sessão de efeitos físicos com tal propósito requer cuidados extremos no sentido de preservação da saúde do médium, e talvez seja esse o motivo de ser a ectoplasmia um fenômeno bastante raro nos dias em que vivemos.

24/7/2011

Edição 219

A leitora Junia A. Pereira Ribeiro pergunta-nos qual é a relação entre afinidade e sintonia, no tocante ao intercâmbio entre médiuns e os Espíritos atendidos nas sessões mediúnicas.

A sintonia é ingrediente fundamental na prática mediúnica. É por meio dela que ocorre a percepção das influências espirituais, porquanto, sendo nossa mente um núcleo de forças inteligentes, gera ela pensamentos que, ao se exteriorizarem, entram em comunhão com as faixas de ideias do mesmo teor vibratório, estabelecendo-se, assim, a sintonia mediúnica.

Em nossa caminhada evolutiva, somos todos instrumentos das forças com as quais sintonizamos. Todos somos médiuns dentro do campo mental que nos é próprio. Se nosso pensamento flui na direção da vida superior, associamo-nos às energias edificantes. Se nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada, entramos em sintonia com forças perturbadoras e deprimentes.

As relações entre Espíritos e médiuns estabelecem-se, como sabemos, por meio dos respectivos perispíritos, dependendo do grau de afinidade existente entre eles a maior ou menor facilidade dessas relações.

Ocorre, porém, que entre determinado Espírito e um médium pode haver afinidade fluídica e não existir afinidade moral, do mesmo modo que pode existir afinidade moral e não haver afinidade fluídica.

A afinidade fluídica depende da constituição do organismo espiritual do médium e do Espírito.

A afinidade moral decorre do adiantamento espiritual alcançado por um e outro.

A propósito do assunto, Joanna de Ângelis escreveu, por intermédio do médium Divaldo Franco, um importante texto, constante do cap. 10 do livro *Momentos de Meditação*, que vale a pena recordar:

“As leis de afinidade ou de sintonia, que vigem em toda parte, respondem pela ordem e pelo equilíbrio universal.

Pequena alteração para mais ou para menos, entre os fenômenos do eletromagnetismo e as forças da gravitação universal, tornaria as estrelas gigantes azuis ou pequenos astros vermelhos perdidos no caos.

Transferidas para a ordem moral, as leis de afinidade promovem os acontecimentos vinculando os indivíduos, uns aos outros, de forma que o intercâmbio seja automático, natural.

Mentes especializadas mais facilmente se buscam em razão do entendimento e interesse que as dominam na mesma faixa de necessidade. Sentimentos viciosos encontram ressonância em caracteres morais equivalentes produzindo resultados idênticos.

O homem colérico sempre encontrará motivo para a irritação; assim como a pessoa dócil com facilidade identifica as razões para desculpar e entender.

Há uma inevitável atração entre personalidades de gostos e objetivos semelhantes como repulsa em meio àqueles que transitam em faixas de valores que se opõem.

Na área psíquica o fenômeno é idêntico. Cada mente se irradia em campo próprio, identificando-se com aquelas que aí se expandem.

O psiquismo é o responsável pelos fenômenos físicos e emocionais do ser humano. Conforme a expansão das ideias, vincula-se a outras mentes e atua na própria organização fisiológica em que se apoia, produzindo manifestações equivalentes à onda emitida. Assim, os pensamentos positivos e superiores geram reações salutares, tanto quanto aqueles outros de natureza perturbadora e destrutiva produzem desarmonia e insatisfação.

No campo das expressões morais o fenômeno prossegue com as mesmas características. Os semelhantes comportamentos entre os homens e os Espíritos jungem-se, impondo-lhes interdependência de consequências imprevisíveis. Se possuem um teor elevado, idealista, impelem os seres encarnados quão desencarnados a realizações santificantes, enquanto que, de caráter vulgar, facultam intercâmbio obsessivo ou tipificado pela burla, mentira, insanidade...

É, portanto, inevitável afirmar-se que as qualidades morais do médium são de alta importância para o salutar intercâmbio entre os homens e os Espíritos. Somente as Entidades inferiores se apresentam por intermédio dos médiuns vulgares, insatisfeitos, imorais...

Os Mentores, como é natural, sintonizam com aqueles que se esforçam por melhorar-se, empenhados na sua transformação moral, que combatem as más inclinações e insistem para vencer o egoísmo, o orgulho, esses cânceres da alma que produzem terríveis metástases na conduta do indivíduo.

Pode-se e deve-se, pois, examinar o valor e a qualidade das comunicações espirituais, tendo-se em conta o caráter moral do médium, seu comportamento, sua vida.”

31/7/2011

Edição 220

Uma leitora, reportando-se ao assunto tratado na edição anterior, a respeito de afinidade e sintonia, nos indaga: Por que certas reuniões nos trazem grande satisfação, ao passo que outras nos causam mal-estar?

No cap. XIV do livro *A Gênese*, de Allan Kardec, encontramos a explicação desse fato, que muitas pessoas percebem e, muitas vezes, não conseguem compreender.

Uma reunião de pessoas é um foco de irradiação de pensamentos diversos, em que cada indivíduo emite eflúvios fluídicos próprios.

Resulta disso uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Ora, do mesmo modo que há radiações sonoras, harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, agradável será a impressão; se for discordante, a impressão poderá ser penosa.

Para isso, não é preciso que o pensamento se exteriorize por palavras. Quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Essa é, em síntese, a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos. Envolve-a uma atmosfera moral muito agradável e salutar, onde se respira à vontade, e saímos dali reconfortados, porque impregnados de eflúvios fluídicos salutares.

Basta, contudo, que se lhe misturem alguns pensamentos maus, para produzir-se o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido, ou o de uma nota desafinada na apresentação de uma orquestra. É isso que explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, na qual pensamentos malévolos provocam correntes de fluido de igual natureza.

7/8/2011

Edição 221

O leitor José Eustáquio Antônio, de Uberlândia-MG, diz-nos o seguinte: “Ouvi em uma palestra na casa espírita o palestrante dizer que pode o participante dormir que faz parte do tratamento. Gostaria que os irmãos pudessem publicar

um estudo relativo ao assunto. Pois, se é pra dormir, deveria ficar em casa, não é?”.

Como não foi dito pelo leitor em que circunstâncias o sono foi sugerido pelo palestrante, trataremos do assunto focalizando três momentos em que a sonolência pode envolver uma pessoa.

O primeiro, talvez o mais comum dentre todos, é o sono durante uma palestra ou uma reunião de estudos doutrinários.

Muitas vezes, o expositor não colabora e, tornando sua palestra desinteressante, pode induzir alguém ao chamado *cochilo*. É, pois, fundamental que ele realize um esforço para corrigir a situação, que pode, a médio prazo, colocar em risco a seriedade do seu trabalho.

Quanto aos ouvintes, é óbvio ser necessário que se mantenham alertas, procurando evitar as condições que favoreçam o sono em tais situações. Se vier a sonolência, deve a pessoa pedir licença, levantar-se, respirar fundo e, após refazer-se, voltar ao local onde se encontrava.

Numa palestra ou numa reunião de estudos é evidente que o sono só prejudica, porque em casos assim a atenção é fundamental para compreensão, retenção e consequente assimilação do que é exposto.

Outro momento em que o sono pode ocorrer dá-se, às vezes, quando da leitura de um livro.

Divaldo Franco fala sobre o assunto no livro *Diretrizes de Segurança*, questão 88, em que diz: “O sono normalmente decorre da falta de hábito da leitura, excepcionalmente quando a pessoa está em processo obsessivo, durante o qual as entidades inimigas operam por meio de hipnose, para impedirem àquele que está sob o seu guante que se esclareça, que se ilumine, e, conseqüentemente, se liberte. Mas, não em todos os casos. Na grande maioria, as pessoas cochilam na hora da leitura porque não se interessam e não fazem o esforço necessário para se manterem lúcidas, como também cochilam durante a sessão, por não estarem achando-a interessante; mas permanecem na maior atividade, quando vão ao cinema, ou ficam diante da televisão até altas horas, quando os programas lhes agradam”.

Um terceiro momento em que o sono pode ocorrer é nas sessões mediúnicas. Por que isso ocorre? Como evitá-lo? Raul Teixeira, na questão 53 da obra acima mencionada, dá-nos sobre o assunto a seguinte explicação: “As causas podem ser várias. Desde o cansaço físico, quando o indivíduo vem de atividades muito intensas e, ao sentar-se, ao relaxar-se, naturalmente é tomado pelo torpor da sonolência. Também, pode ser causado pela indiferença, pelo desligamento, quando alguém está num lugar, fisicamente, entretanto pensando em outro, desejando não estar onde se acha. Compelido por uma circunstância qualquer, a pessoa se desloca mentalmente. O sono pode, ainda, ser provocado por entidades espirituais que nos espreitam e que não têm nenhum interesse em nosso aprendizado para o nosso equilíbrio e crescimento. Muitas vezes, os companheiros questionam: ‘– Mas nós estamos no Centro Espírita, estamos num campo protegido. Como o sono nos perturba?’ Temos que entender que tais entidades hipnotizadoras podem não penetrar o circuito de forças vibratórias da Instituição, ficam do lado de fora. Mas, a pessoa que entrou no Centro, na reunião, não sintonizou com o ambiente, continua vinculada aos que se conservam fora, e através dessa porta, desse *plug* aberto, ou dessa tomada, as entidades que ficaram lá de fora lançam seus tentáculos mentais, formando uma ponte. Então, estabelecida a ligação, atuam na intimidade dos centros neuronais desses incautos, que dormem, que se dizem *desdobrar*: ‘– Eu não

estava dormindo... apenas desdobrei, eu ouvi tudo...' Eles viram e ouviram tudo o que não fazia parte da reunião. Foram fazer a viagem com as entidades que os narcotizaram. Deparamos aí com distúrbios graves, porque quando termina a reunião o indivíduo está fagueiro, *ótimo* e sem sono, e vai assistir à televisão até altas horas, depois de se haver submetido aos fluidos enfermigos. Por isso recomendamos àqueles que estão cansados fisicamente que façam um ligeiro repouso antes da reunião, ainda que seja por poucos minutos, para que o organismo possa beneficiar-se do encontro, para que fiquem mais atentos durante o trabalho doutrinário. Levantar-se, borrifar o rosto com água fria, colocar-se em uma posição discreta, sempre que possível ao fundo do salão, em pé, sem encostar-se, a fim de lutar contra o sono. Apelar para a prece, porque sempre que estamos desejosos de participar do trabalho do bem, contamos com a eficiente colaboração dos Espíritos Bondosos. *Faze a tua parte que o céu te ajudará*. Temos, então, o sono como esse terrível adversário de nossa participação, de nosso aprendizado, de nosso crescimento espiritual. Não permitamos que ele se apodere de nós. Lutemos quanto conseguirmos, e deveremos conseguir sempre, para combatê-lo, para termos bons frutos no bom aprendizado".

*

Resumindo o assunto, podemos afirmar com segurança que o sono é importante como refazimento das forças físicas, mas no horário e no local costumeiros, e não nas reuniões e nas circunstâncias acima descritas.

14/8/2011

Edição 222

Um leitor pede-nos que expliquemos, à luz da doutrina espírita, qual é a importância da família e como as famílias terrestres são formadas.

A família é, como as pessoas sabem, abençoada escola de educação moral e espiritual. Nesse sentido, sua importância é fundamental no processo evolutivo, porque é no seio dela que se lapidam caracteres, caldeiam-se sentimentos, estruturam-se aspirações, refinam-se ideias e antigas mazelas podem transformar-se em possibilidades preciosas para a elaboração de tarefas edificantes.

A família é, portanto, o mais prodigioso educandário do progresso humano.

Os que se encarnam numa mesma família, sobretudo como parentes próximos, são as mais das vezes Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Pode, no entanto, ocorrer que sejam completamente estranhos uns aos outros alguns dos Espíritos que aí se encarnam, os quais costumam nutrir sentimentos de inimizade ou antipatia que têm origem no passado e se traduzem, na existência atual, por mútuo antagonismo.

Evidentemente, desse fato podemos deduzir que existem duas espécies de família e, em consequência disso, duas categorias de laços familiares: as famílias que procedem da consanguinidade e as que procedem das ligações espirituais.

Os laços familiares que resultam da simpatia e da comunhão de pensamentos são duradouros e ligam os Espíritos não apenas durante a encarnação, mas

igualmente depois de finda a existência terrena. Eles formam então o que chamamos de famílias espirituais.

Quanto aos laços familiares baseados apenas na consanguinidade, é fácil entender que são frágeis como a matéria e podem extinguir-se logo que finda a existência corpórea e, em alguns casos, antes mesmo que a morte os separe.

21/8/2011

Edição 223

Nesta época em que se fala tanto na transformação do globo em um mundo de regeneração, um amigo nos pergunta como se processa a evolução dos planetas.

O progresso de um planeta é consequência dos progressos individuais daqueles que nele habitam, mas é bom lembrar que o progresso individual não consiste somente no desenvolvimento da inteligência ou na aquisição de alguns conhecimentos. Isso não é senão uma parte do progresso, o qual não conduz necessariamente ao bem, uma vez que se veem homens fazerem muito mau uso do seu saber.

O progresso de uma pessoa consiste, sobretudo, no seu aperfeiçoamento moral, na depuração do seu Espírito, na extirpação da má índole que nele exista. Esse é o verdadeiro progresso, o único que pode assegurar a felicidade da Humanidade, porque é, em essência, a própria negação do mal. O homem mais avançado em inteligência pode fazer muito mal; aquele que é avançado moralmente não faz senão o bem. Eis por que existe interesse para todos no progresso moral da Humanidade.

Não é, pois, difícil compreender que a fé na vida futura, ensinada pelo Espiritismo, contribui muito para que o progresso individual se realize. É que, convencido de que a vida continua e não se restringe ao acanhado momento em que vivemos, o círculo das ideias se alarga e o progresso pessoal passa a ter um objetivo, uma utilidade *efetiva*. Da continuidade das relações entre os homens nasce naturalmente o sentimento de solidariedade, e a fraternidade passa a apoiar-se sobre uma lei natural e ter em vista o interesse de todos.

A crença na vida futura é, assim, elemento de progresso, porquanto é o estimulante do Espírito, visto que só ela pode dar coragem nas provas e perseverança na luta contra o mal, ao mostrar-lhe que há um objetivo real nessa luta e nas provas.

Cientes do que acima dissemos, é fácil compreender que nossas atitudes e nosso comportamento são fundamentais no processo de evolução do mundo em que vivemos, evolução essa que é naturalmente lenta, porque também é lento o amadurecimento dos Espíritos.

28/8/2011

Edição 224

Um amigo pergunta-nos o que significa metempsicose e qual é, em verdade, a posição do Espiritismo sobre o assunto.

Metempsicose (do grego metempsychosis, pelo lat. metempsychose) é o nome que se dá, em filosofia, à doutrina que ensina que uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, de homens, animais ou vegetais.

A doutrina da metempsicose é de origem indiana. Da Índia essa crença passou para o Egito, de onde Pitágoras a levou para a Grécia. Seus discípulos ensinavam que o Espírito, quando está liberto dos laços do corpo, segue para o império dos mortos, onde permanece à espera, em um estado intermediário, de duração mais ou menos longa. Em seguida vai animar outros corpos de homens ou de *animais*, até que transcorra o tempo de sua purificação e possa retornar à fonte da vida.

Existe entre a metempsicose indiana e a doutrina da reencarnação, tal qual nos é ensinada pelo Espiritismo, uma diferença essencial. A metempsicose admite a transmigração da alma para o corpo dos animais, o que seria uma degradação. Os Espíritos dizem-nos, ao contrário, que a reencarnação é um progresso incessante, que o homem é um ser cuja alma nada tem de comum com a alma dos animais e que as diferentes existências podem realizar-se na Terra ou em outros mundos, e isto, como diz Pitágoras, até que haja transcorrido o tempo da purificação.

A doutrina da metempsicose, embora não aceita pelo Espiritismo, tem sua origem num fato verdadeiro, que é a passagem da alma, em seu processo evolutivo, pelos reinos inferiores da Natureza. Nesse processo, o princípio espiritual – antes de chegar à condição de alma humana – passou um dia pelo reino animal, mas a ele não voltará mais, porque, ao fazer agora parte da Humanidade, não existe nenhuma possibilidade de reencarnar em corpos de criaturas pertencentes aos reinos inferiores àquele em que hoje se encontra.

A título de recordação, lembremos que o Espírito só chega ao período de humanização depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação, como é ensinado na obra de Kardec, de Delanne e de André Luiz.

4/9/2011

Edição 225

Alguém nos pergunta se há diferença entre caridade, esmola e filantropia.

A resposta é sim. Com relação à caridade, a questão nº 886 de *O Livro dos Espíritos* nos diz qual é o verdadeiro sentido dessa palavra, tal como a entendia Jesus: benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas.

A caridade, segundo tal entendimento, não se limita à simples esmola, pois abrange todas as relações em que nos encontramos com nossos semelhantes, estejam eles em posição de inferioridade, igualdade ou superioridade.

Embora vulgarmente confundida com esmola, a caridade excede, sob qualquer aspecto considerado, as doações externas com que o homem supõe em tal atividade encerrá-la.

A esmola, evidentemente, não merece reprovação, mas sim a maneira pela qual habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade

segundo o pensamento do Cristo, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão, pois sabe que o homem condenado a pedir esmola se embrutece e se degrada física e moralmente.

É valioso todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna àquele que padece essa ou aquela privação. No entanto, a caridade que se restringe às oferendas transitórias nada mais é que filantropia, esse ato de amor fraterno e humano que distingue as pessoas que promovem com seus recursos, total ou parcialmente, obras de incontestável valor, beneficiando múltiplos setores da ciência, da arte e da cultura.

Segundo Joanna de Ângelis, a caridade legítima requer como requisito imprescindível a fé. A filantropia, apesar da valiosa ajuda que realiza, independe da fé e não se caracteriza necessariamente pelo sentimento cristão.

A caridade vai além, porque, quando bem sentida e vivida, estabelece verdadeira fraternidade entre os homens e, de forma silenciosa, nos sinaliza que, da mesma maneira que os Espíritos superiores nos amparam e sustentam, devemos amparar os nossos irmãos, sem exclusão mesmo daqueles que a sociedade considera criminosos.

11/9/2011

Edição 226

Ester Rodrigues, do Rio de Janeiro-RJ, em carta publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, pergunta-nos como se classificam as faixas vibratórias em relação aos desencarnados e encarnados e em que faixas estão Deus, Jesus, Santos, Anjos, Espíritos como Bezerra de Menezes, Irmã Scheilla e os nossos familiares desencarnados etc.

O assunto não é tratado com tais minúcias pelos autores espíritas.

Conhecemos, a propósito de parte da questão levantada, o livro **Cidade no Além**, de Francisco Cândido Xavier e Heigorina Cunha, com participação dos Espíritos Lucius e André Luiz. A parte relativa a André Luiz foi psicografada por Chico Xavier em 17 de junho de 1983.

Segundo essa obra, o campo magnético da Terra divide-se em sete esferas, seguindo a tradicional concepção dos sete céus de que nos falam os antigos estudiosos das coisas espirituais.

A 1ª esfera comporta o Umbral "grosso", uma esfera mais materializada, constituída por regiões purgatoriais mais dolorosas e de cujas organizações comunitárias, conquanto estejam tão próximas, temos poucas notícias.

A 2ª esfera abriga o Umbral mais ameno, onde os Espíritos do Bem localizam, com mais amplitude, sua assistência e onde estão situadas as "Moradias".

A 3ª esfera, a rigor, ainda faz parte do Umbral, pois, sendo de transição, abriga Espíritos necessitados de reencarnação. Nessa terceira esfera se localiza a cidade "Nosso Lar", num ponto situado sobre a cidade do Rio de Janeiro e com uma altura que não podemos definir, mas que se encontra na ionosfera.

A respeito das três primeiras esferas os livros de André Luiz dão-nos notícias, retratando as edificações e as organizações que ali existem, mantidas pelos Espíritos do Bem, tendo em vista o socorro e a assistência a Espíritos mais atrasados, bem como nos dizem das condições em que vivem os Espíritos sofredores fora do amparo dessas organizações.

Quanto às demais pouco tem sido dito, mesmo na obra acima mencionada, que, ao apresentar um desenho ilustrativo das sete esferas, assim designa as demais:

4ª esfera - Arte em geral ou Cultura e Ciência.

5ª esfera - Amor Fraternal Universal.

6ª esfera - Diretrizes do Planeta

7ª esfera - Abóbada celeste.

*

A cidade "Nosso Lar", retratada no livro de mesmo nome escrito por André Luiz, localiza-se, segundo a obra **Cidade no Além**, na ionosfera.

É interessante, pois, lembrar aqui o que significa ionosfera e qual, segundo a ciência, é a sua dimensão.

A atmosfera da Terra divide-se em cinco camadas: a troposfera, a estratosfera, a mesosfera, a ionosfera e a exosfera.

A troposfera é a camada mais próxima da crosta terrestre, na qual estão imersos os seres vivos de hábito terrestre. Esta camada tem aproximadamente oitenta por cento do peso atmosférico, ou seja, é onde o ar está mais concentrado. Esse nome, troposfera, significa "esfera turbulenta", pois é ao longo dos seus aproximadamente 12 km de espessura que ocorrem quase todos os fenômenos meteorológicos.

Na estratosfera aparece uma grande concentração de ozônio, um composto formado por átomos de oxigênio – a conhecida camada de ozônio –, que funciona como um filtro para os raios solares. Ela absorve a radiação solar ultravioleta, deixando passar apenas parte deles e protegendo a vida da Terra. A estratosfera tem uma espessura média de aproximadamente 38 km.

Ao chegar à mesosfera passamos por 99% do peso do ar, ou seja, quase todo o ar já ficou para trás. Essa camada tem aproximadamente 50 km de espessura.

A ionosfera é assim chamada por possuir uma grande quantidade de íons, átomos eletricamente carregados. A ionosfera – também designada por termosfera – situa-se entre a mesosfera e a exosfera, entre 85 e 400 km de altitude.

A exosfera é a camada mais externa da atmosfera. Chega a confundir-se com o espaço cósmico. O ar existente nessa camada é tão rarefeito que os grupamentos atômicos chegam a atravessar distâncias enormes sem se chocarem.

18/9/2011

Edição 227

Um confrade de Goiás pergunta-nos: - Que Espíritos fizeram parte da chamada raça adâmica?

Primeiro é preciso lembrar o significado da palavra **adâmica**, forma feminina de adâmico, que nos veio do latim Adam, 'Adão'. Trata-se de um adjetivo relativo a Adão, que seria, segundo a tradição bíblica, o primeiro homem a povoar a Terra.

Segundo os ensinamentos espíritas, foi uma dessas colônias de Espíritos, vindos de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão, chamada raça adâmica.

Quando eles aqui chegaram, nosso planeta já estava povoado desde tempos imemoriais, do mesmo modo que se deu com a América, quando aí chegaram os europeus. Adão não pode ser, portanto, considerado o pai da espécie humana.

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica foi, sem nenhuma dúvida, a mais inteligente e a que impeliu ao progresso todas as outras.

O livro de Gênesis mostra-a, desde os seus primórdios, industriosa e apta às artes e às ciências, o que indica que os Espíritos que a integravam não passaram pela infância espiritual em nosso globo, pois – comparando-os com os povos primitivos – tais Espíritos já haviam progredido bastante.

De fato, segundo o Gênesis, Adão e seus descendentes, desde a segunda geração, tinham habilidades pertinentes à construção de cidades, ao cultivo da terra, ao trabalho com os metais, e foram rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências.

Apesar da inteligência desenvolvida, a raça adâmica apresentava, contudo, todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integravam foram exilados para a Terra, já povoada de homens primitivos, imersos na ignorância, que os imigrantes tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida.

Segundo anotações de Kardec no livro *A Gênese, cap. XI*, a superioridade intelectual dos exilados prova que o mundo donde vieram era mais adiantado do que a Terra. Havendo esse mundo entrado numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos querido colocar-se à altura desse progresso, foram, em consequência, desterrados de lá e substituídos por outros que isso mereceram. Emmanuel retomou o tema e aditou-lhe novas informações, como o leitor pode ver no livro *A Caminho da Luz, cap. III*, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.

A respeito do assunto, sugerimos aos interessados que vejam também os textos publicados nesta mesma seção nas edições 76 e 193 desta revista. Eis os links: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/76/o espiritismoresponde.html> e <http://www.oconsolador.com.br/ano4/193/o espiritismoresponde.html>

25/9/2011

Edição 228

Uma amiga, ainda novata em assuntos pertinentes ao Espiritismo, pergunta-nos qual a origem da expressão “Mãe Santíssima” aplicável a Maria de Nazaré, mãe de Jesus.

Logo depois da crucificação de Jesus, atendendo a uma solicitação feita pelo Mestre momentos antes de expirar, Maria foi morar com João, ao sul de Éfeso, numa casa situada a uma distância de três léguas da cidade. João seria, anos depois, o autor do 4º Evangelho e também do Apocalipse.

A habitação simples em que os dois passaram a morar situava-se num promontório, de onde se avistava o mar. No alto da pequena colina, distante dos homens, eles se reuniam para cultivar a lembrança permanente de Jesus e atender aos que os procuravam.

Pouso e refúgio dos desamparados, a singela casa transformou-se num ponto de assembleias adoráveis, em que as recordações do Messias eram cultuadas por Espíritos humildes e sinceros. Maria externava as suas lembranças e falava de Jesus com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas.

Grandes fileiras de necessitados costumavam acorrer ao sítio generoso, e ela atendia todos os que a procuravam exibindo-lhe suas úlceras e necessidades.

Sua choupana passou, então, a ser conhecida pelo nome de "Casa da Santíssima". O fato tivera origem em certa ocasião quando um miserável leproso, depois de aliviado em suas chagas, lhe beijou as mãos, murmurando: "Senhora, sois a mãe de nosso Mestre e a nossa Mãe Santíssima!".

Não faz muito tempo – em junho de 2007 -, Divaldo Franco esteve na Casa de Maria, descoberta após a visão da freira alemã Anna Katharina Emmerich, que a descreveu perfeitamente, nos idos de 1800, sem nunca haver saído da Alemanha.

A Casa de Maria fica no alto de uma montanha, o Monte Koressos, a 7 km das ruínas de Éfeso. Hoje é lugar de visita turística, mas, apesar dos vendedores de souvenirs, dos restaurantes e pequenos bares, quando se chega às proximidades da Casa o ambiente é bem tranquilo.

Ao lado da casa, sentado numa muralha de pedra, Divaldo psicografou uma linda mensagem de Joanna de Ângelis, exortando ao amor ao próximo e à prática do bem.

A foto da Casa de Maria e a descrição da viagem de Divaldo ao local podem ser vistas clicando-se em <http://www.oconsolador.com.br/11/especial.html>

2/10/2011

Edição 229

No dia 19 de agosto deste ano a leitora Camila Oliveira, de Imbituva-PR, enviou a esta revista a seguinte pergunta: "*Visto que o desencarne natural acontece célula a célula, o que ocorre com o perispírito quando acontece uma explosão em que o corpo físico despedaça?*"

Inicialmente, dada a complexidade do assunto, informamos, ao publicar sua carta, que o tema seria objeto de uma das próximas edições da revista. É o que procuraremos fazer neste momento, depois de havermos consultado diversos confrades e colaboradores desta revista.

A literatura espírita que conhecemos praticamente não trata do assunto. A exceção fica por conta do confrade Luiz Gonzaga Pinheiro, que se referiu ao tema no livro **O perispírito e suas modelações**, publicado em fevereiro de 2000 pela Editora EME.

A ideia que temos a respeito do corpo espiritual – a que Kardec deu o nome de perispírito – é que se trata de um organismo indestrutível que pode, no entanto, desestruturar-se, como ocorre no caso dos ovoides e por ação de artefatos, geralmente em atos suicidas.

É conhecida no meio espírita a informação dada por Emmanuel de que aquele que dispara um tiro contra seu próprio crânio necessitará de duas ou mais encarnações para reparar o organismo perispiritual lesado.

O pensamento corrente entre diversos estudiosos espíritas é de que o perispírito é afetado geralmente pelo que fazemos, e não pelo que fazem ao nosso corpo, ou seja, a lesão no corpo espiritual dependeria de quem for o agente que a tenha produzido.

Destacamos do livro acima mencionado os textos seguintes que podem ajudar-nos no entendimento do que ocorre com o corpo espiritual em face de uma explosão que tenha despedaçado o corpo físico da pessoa:

“O caso que vou narrar... Meu Deus! É horrível! Esse irmão suicidou-se com uma explosão de granada. Quase todo o seu perispírito foi avariado. Ele se encontra sob uma redoma, para que suas vibrações não nos atinjam. Vejo a sua cabeça e nela tudo está fora de lugar. Os olhos, o nariz, a boca... nada repousa em seu lugar. É como se você tomasse uma foto e a cortasse em pedaços para depois emendar, sem colar as partes nos devidos lugares. Em certas regiões do corpo não existe o tecido muscular. Apenas a fôrma transparente. Parece ter uma fôrma vazia por dentro dele. Os técnicos estão colocando um aparelho em seu cérebro. Desse aparelho sai um fio capilar de cor verde luminoso. Eles trabalham intensamente com essa substância nas modelagens, pois já os tenho visto em várias oportunidades manipulando-a e promovendo reparos em diferentes áreas do perispírito. Esse fio luminoso e plástico promove, com a ajuda do meu ectoplasma, a materialização da ponta do dedo desse Espírito. Gostaria de poder entender esse processo para melhor lhe explicar o que está ocorrendo. Sinto pela minha deficiência. O tratamento aplicado a este paciente será semelhante ao praticado junto aos retalhados, adianta o instrutor. Modelação de um cérebro, introdução de imagens por indução, retirada da cristalização, reeducação mental...” (...)

“A enfermeira que estava comigo na entrada comenta que estou assistindo à reconstituição biológica do perispírito. Que essa demonstração é para que soubéssemos que o perispírito tem todos os órgãos funcionando como o corpo humano. Sangue, hormônios, enzimas... tudo. Vejo artérias, veias, capilares, como se a minha visão tivesse o poder de penetrar na matéria. Sobre a incubadora tem um instrumental bastante sofisticado, que nem vou tentar descrever para você, pois sei que não conseguiria. A sua função, dizem, é recobrir essa fôrma transparente, com uma substância esverdeada, meio azulada, mais sutil ainda que aquele gás dos letreiros luminosos, no que vai aparecendo, materializando, se é que posso dizer assim, a pele. O que era transparente vai se tornando carne viva. Vejo aparecerem as unhas da mão...

— A fôrma vazia tem todos os desenhos dos órgãos?

— Sim.

— E essa substância vai preenchendo?

— Exato! Vai preenchendo. Por isso tudo aqui é esterilizado. Deve existir uma harmonia de pensamentos por parte dos técnicos, voltados para essa finalidade. Eles são especialistas. Assim como existem especialistas em coração, fígado, nervos... esses técnicos se reúnem para esse fim, ou seja, recompor um organismo perispiritual que foi parcialmente destruído em uma explosão.” (...)

“Os técnicos fizeram uma demonstração para o nosso entendimento. O trabalho foi árduo pois a explosão reduziu seu corpo a centenas de pedaços, o mesmo acontecendo com a fôrma, a matéria perispiritual.

— Você tem certeza que tudo foi reconstituído?

— Reafirmam os técnicos que sim. Todos os sistemas. O que restou da explosão foi pouca coisa. A partir da fôrma vazia a que chamam de corpo mental, indestrutível diante de qualquer agressão, foi possível a reconstrução do perispírito. O corpo mental funciona como um molde, tem as mesmas formas das partes do corpo; a mão é como uma luva; cada órgão parece ser a matriz que subordina a modelagem no perispírito. A aparelhagem e os técnicos reunidos modelaram pelo poder da mente, de seus conhecimentos e de suas vontades, quase todo o organismo perispiritual.” (**O perispírito e suas modelações**, pp. 179 a 181.)

Para compreender o relato que acabamos de ler, é bom que o leitor recorde a lição que André Luiz nos trouxe no seu livro **Evolução em dois mundos**, no qual explica que o corpo espiritual – ou perispírito – não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental, que lhe preside a formação. O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é definido na obra citada como sendo o envoltório sutil da mente.

Segundo André Luiz, todas as alterações que o corpo espiritual apresenta, depois do estágio berço-túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência, informação essa que explica por que uma agressão suicida apresenta efeitos mais graves do que uma agressão recebida.

9/10/2011

Edição 230

Um amigo pergunta-nos se nossa crença na existência de Deus é um ato racional ou meramente uma manifestação de fé.

A doutrina espírita apresenta-nos argumentos importantes e consistentes no tocante à crença na existência de Deus, que constitui, por sinal, o primeiro dos chamados princípios fundamentais do Espiritismo.

Ninguém certamente ignora que constitui princípio elementar que é pelos efeitos que se pode ajuizar de uma causa, ainda que essa causa se nos afigure oculta. Se, no momento de um voo, uma ave é atingida por uma bala de revólver, deduz-se sem dificuldade que um hábil atirador a alvejou, ainda que esse atirador não seja visto por ninguém.

Nem sempre é, portanto, necessário que vejamos uma coisa para sabermos que ela existe. Em um grande número de situações, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

Um segundo princípio, igualmente elementar, e que, de tão verdadeiro, passou a axioma, é o de que todo efeito inteligente decorre de uma causa inteligente. Se perguntassem o nome do construtor de determinada máquina engenhosa, que é que diríamos se alguém dissesse: “Não há construtor nenhum; a máquina se fez a si mesma”?

Em toda a parte reconhecemos a presença do homem por suas obras. A existência dos homens antediluvianos não se prova unicamente por meio dos fósseis humanos que foram encontrados. Prova-a também, e com muita certeza, a presença, nos terrenos daquela época, de objetos feitos por aqueles indivíduos. Uma pedra talhada, um fragmento de vaso, um instrumento qualquer, um tijolo bastam para lhes atestar a presença. E mais: pela grosseria ou perfeição do trabalho, reconhece-se o grau de inteligência ou de adiantamento dos que o executaram.

Assim, se estivermos numa região habitada exclusivamente por selvagens e ali descobrirmos uma estátua de linhas perfeitas, todos concordarão em que, sendo os selvagens incapazes de tê-la feito, tal obra foi feita por alguém de inteligência superior à deles.

No tocante ao Criador, basta que olhemos em torno de nós, tanto para baixo como para cima, e veremos a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, não existindo nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana.

Há números bem conhecidos que dão uma ideia da grandeza e da perfeição das obras que alguém fez – e certamente não fomos nós, seres humanos.

O movimento de rotação da Terra é o movimento que nosso planeta faz ao girar em torno de seu próprio eixo, no sentido contrário ao dos ponteiros de relógio. A rotação completa da Terra (360°) dura exatamente 23 horas 56 minutos 4 segundos e 9 centésimos, numa velocidade de rotação que é, na linha do equador, de 1.674 km/h.

A Terra cumpre também, como todos sabem, um outro movimento – o de translação em torno do Sol, numa velocidade orbital de 106.798 km/h.

Um revólver 38 lança balas a 650 km/h. Comparemos essa velocidade com os dois movimentos mais conhecidos do nosso planeta, e teremos uma noção exata do poder criador, que está infinitamente acima da capacidade dos homens, sendo, pois, produto de uma inteligência superior à Humanidade, a menos que se acredite que existem efeitos sem causa.

16/10/2011

Edição 231

A leitora Eduarda Franz Schmidt, de Melbourne, Austrália, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos como deve proceder em face de algumas ocorrências, mencionadas em sua carta, que indicam esteja ela experimentando fenômenos de vidência e audição mediúnicas, produzidos ora por bons Espíritos, ora por Espíritos aparentemente brincalhões ou levianos.

Segundo o Espiritismo, a faculdade mediúnica está radicada no organismo e, por isso, não há como a pessoa dotada dessa faculdade simplesmente ignorá-la ou tentar sufocá-la. Ninguém é médium por mero acaso; há sempre um motivo, uma razão para isso.

Além do estudo de obras especializadas no assunto, como *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, e *No Invisível*, de Léon Denis, deve a pessoa, em face do fenômeno, orar e, confiando na ação da prece, procurar manter-se calma.

A propósito dos médiuns audientes, Kardec escreveu em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 165:

“Estes <os médiuns audientes> ouvem a voz dos Espíritos. É, como dissemos ao falar da pneumatofonia, algumas vezes uma voz interior, que se faz ouvir no

foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade pode, igualmente, comunicar com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um médium audiente, que desempenhe a função de intérprete. Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve Espíritos bons, ou unicamente aqueles por quem chama. Assim, entretanto, já não é, quando um Espírito mau se lhe agarra, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes. Cumpre-lhe, então, procurar livrar-se desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no capítulo da *Obsessão*.”

Um meio de rechaçar a ação dos Espíritos inferiores é justamente elevar o padrão dos pensamentos, e a prece concorre para isso, tanto quanto a prática do bem, o trabalho útil e a confiança em Deus, nosso Pai.

Com relação ao aprimoramento das faculdades mediúnicas em geral, como a vidência e a audição, lembramos aqui duas importantes lições extraídas do livro *Diretrizes de Segurança*, de autoria dos médiuns Raul Teixeira e Divaldo Franco, cuja leitura também recomendamos à leitora.

Na questão n. 12 do livro citado, Divaldo Franco diz o seguinte:

“É natural que o indivíduo seja médium onde quer que se encontre. A mediunidade não é uma faculdade que só funcione nas reuniões especializadas. Onde quer que se encontre o indivíduo, aí estão os seus problemas. É perfeitamente compreensível que não apenas na oficina de trabalho, mas também na rua, na vida social, ele experimente a presença dos espíritos; não somente presenças positivas, como também perniciosas, entidades infelizes, espíritos levianos, ou aqueles que se comprazem em perturbar e aturdir. Cumpre ao médium manter o equilíbrio que lhe é proposto pela educação mediúnica.

Mediante a educação mediúnica pode-se evitar a interferência desses espíritos perturbadores em nossa vida de relação normal, para que não venhamos a cair na obsessão simples, que é o primeiro passo para a subjugação – etapa terminal de um processo de três fases.

Quando estivermos em lugar não apropriado ao exercício da mediunidade ou à exteriorização do fenômeno, disciplinemo-nos, oremos, volvamos a nossa mente para ideias otimistas, agradáveis, porque mudando o nosso clichê mental, transferimo-nos de atividade espiritual.”

Com relação às etapas da educação mediúnica, sugerida por Divaldo, Raul Teixeira dá-nos, na questão n. 54 da obra referida, a seguinte orientação:

“Segundo Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, a mediunidade não deverá ser explorada antes que venha a eclodir. Dever-se-ia esperar que ela brotasse e, a partir de então, se lhe daria o devido trato. Sendo assim, embora encontremos muitos companheiros que se candidatam ao exercício da mediunidade, sem que jamais hajam sentido coisa alguma que lhes demonstre serem portadores desse grau ostensivo de mediunidade, as nossas Instituições Espíritas devem estar sempre em guarda cuidadosa, para que não inaugurem o sistema de *fabricação* mediúnica destituída de qualquer valor doutrinário, uma vez que há companheiros que se aproximam das Instituições Espíritas, portando tais peculiaridades mediúnicas já em processo de desabrochamento.

A Instituição orientada pela Doutrina deverá aproximá-los dos estudos doutrinários, das reuniões doutrinárias, do trabalho assistencial em favor de

necessitados, daqueles labores que possam gradativamente disciplinar a criatura. Não é oportuno que ela chegue ao Centro e seja, de imediato, encaminhada à mesa de trabalhos mediúnicos, mas, sim, introduzida no campo de estudo, de conhecimento doutrinário espírita.

Se a pessoa estiver com a mediunidade atormentada será encaminhada para tratamento através de passes, explicações doutrinárias e da participação nas reuniões de estudos, para que possa, gradualmente, ir assentando essas energias revoltas, equilibrando-se até que possa chegar à atividade propriamente mediúnica. Isto porque, se aproximarmos a criatura, sem nenhum conhecimento espírita da mediunidade, aquilo não lhe sendo compreensível poderá afastá-la ou perturbá-la ainda mais. Não sabendo o que ocorre consigo mesma, a pessoa, ao invés de entregar-se ao labor, procura fugir, procura criar empecilhos de maneira consciente ou inconsciente. E é exatamente por isso que, não oferecendo a mediunidade nenhum espetáculo, sendo um fenômeno natural, exigirá que o companheiro tenha, pelo menos, as primeiras noções basilares do que a Doutrina Espírita nos fala a respeito desse tentame. Por isso, aqueles que se aproximam da mediunidade deverão encontrar, nas Instituições Espíritas, a orientação para o tratamento, para o trabalho e para o estudo, conforme Allan Kardec nos preceitua.”

23/10/2011

Edição 232

Uma leitora de Sydney, Austrália, pergunta-nos se Jesus é realmente o Espírito de Verdade que aparece como autor de algumas mensagens constantes do livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Já tratamos anteriormente desse assunto, que já provocou inúmeras discussões no meio espírita, sem que as hipóteses formuladas fossem capazes de satisfazer a todas as pessoas.

Há confrades respeitáveis em nosso meio que entendem que o nome Espírito de Verdade refere-se a uma coletividade, a uma plêiade de Espíritos, mencionando, como suportes de seu pensamento, Cairbar Schutel, Vinícius, Antônio Lima e Bezerra de Menezes.

Paulo da Silva Neto Sobrinho, um dos colaboradores desta revista, pensa de modo diferente. Para ele, o Espírito de Verdade é um pseudônimo utilizado pelo próprio mestre Jesus, e fundamenta essa afirmativa em inúmeras passagens da Revista Espírita e de outras obras respeitáveis. Ressalte-se que confrades inúmeros pensam como Paulo Neto, cuja argumentação é realmente consistente e capaz de convencer as mentes mais exigentes.

Jorge Rizzini, desencarnado recentemente, entendia de forma diferente. Segundo ele, o Espírito de Verdade nada tem a ver com uma plêiade, muito menos com Jesus. Ele seria, sim, um Espírito familiar de Kardec que, tendo vivido anteriormente no planeta, distinguiu-se como um ilustre filósofo na antiguidade.

Embora respeitemos tudo o que Paulo Neto escreve, pensamos como Jorge Rizzini.

Entendemos que, em face do assunto, vale a pena consultar a *Revista Espírita de 1862*, pp. 72 e 172, bem como o livro "*Kardec, Irmãs Fox e Outros*", de autoria de Jorge Rizzini, após o que não será difícil concluir que:

1º. O Espírito de Verdade **não** é Jesus, mas um Espírito familiar de Allan Kardec. Espírito familiar é alguém da família espiritual, é "o amigo da casa", como foi explicado depois numa das questões d'O Livro dos Espíritos. Como partiu de um orientador espiritual essa informação, não há por que duvidar de que Kardec e esse Espírito fossem pessoas próximas.

2º. O Espírito de Verdade **foi** um filósofo na Antiguidade, cujo verdadeiro nome terreno ele não quis declinar, provavelmente porque sua divulgação não traria à obra em curso nenhum proveito.

3º. O Espírito de Verdade **não** é uma plêiade, uma falange, uma reunião de Espíritos superiores, mas uma individualidade espiritual, o que pôde ser comprovado quando Jobard e Sanson, então desencarnados, afirmaram tê-lo visto no recinto da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, fato que comprovou o que Kardec escreveria mais tarde: "A qualificação de Espírito de Verdade não pertence senão a um só, e pode ser considerada como um nome próprio. Está especificada no Evangelho". (*Revista Espírita de 1866, pág. 221.*)

4º. Kardec **jamais** entendeu ou deu a entender que esse Espírito fosse o próprio Jesus. Para os que duvidam do que dizemos convidamos a que leiam o comentário que Kardec fez a propósito de uma comunicação atribuída a Jesus inserta no item IX do cap. XXXI d'O Livro dos Médiuns.

Dois anos depois de seu primeiro contato direto com esse Espírito, Kardec anotou em uma de suas obras: "Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube, depois, por outros Espíritos, que fora ele um ilustre filósofo da Antiguidade)". (*Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, Edicel, pp. 227 e 228.*)

30/10/2011

Edição 233

O leitor João Moura pergunta-nos em que momento, após o ato sexual, ocorre a concepção. Será – indaga ele – uma hora depois de findo o ato?

Não. O assunto foge ao campo espírita, mas o instrutor espiritual Alexandre faz referência a ele no cap. 13 do livro *Missionários da Luz*, obra de André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

No texto que adiante resumimos, Alexandre oferece-nos outras informações que certamente poderão interessar aos nossos leitores.

Tratava-se da fase preparatória da reencarnação de Segismundo, que seria em breve tempo filho de Raquel.

Duas perguntas, a respeito do caso, formulou André Luiz: Raquel estaria consciente da colaboração espiritual? Qual seria o papel dos Espíritos no processo reencarnatório?

Alexandre explicou-lhe que a intervenção dos Espíritos Construtores, nesses casos, desenvolve-se com a mesma santidade que caracteriza o concurso de um médico responsável e honesto, ao praticar a intervenção no parto comum. A modelagem fetal e o desenvolvimento do embrião obedecem a leis físicas naturais, como se dá em outros reinos da Natureza, mas, em todos esses fenômenos, os ascendentes de cooperação espiritual coexistem com as leis, de acordo com os planos de evolução ou resgate. O concurso dos Espíritos é, portanto, em processos tais, uma das tarefas mais comuns.

Em seguida, Alexandre informou que não é necessária a presença dos Espíritos ao ato de união celular. E aduziu: "Semelhantes momentos do tálamo conjugal

são sublimes e invioláveis nos lares em bases retas. Você sabe que a fecundação do óvulo materno somente se verifica algumas horas depois da união genésica. O elemento masculino deve fazer extensa viagem, antes de atingir o seu objetivo”.

No texto do livro não há, como podemos ver, referência ao número exato de horas, mas alguns especialistas entendem que o fato se dá cerca de 5 a 7 horas depois do ato sexual.

As providências pertinentes à ligação do Espírito reencarnante ao óvulo fecundado são descritas na obra de André Luiz a que nos referimos.

6/11/2011

Edição 234

O leitor Isaias Fernandes da Silva, de Joinville-SC, em carta dirigida a esta revista, pergunta-nos se o advogado e o defensor público espírita podem defender uma pessoa criminosa sem ferir seus princípios doutrinários. Observa ele que, embora um advogado possa aceitar ou não defender alguém que queira contratá-lo, o mesmo não é possível ao Defensor Público, que não pode escolher clientes nem se negar a cumprir seu dever. E indaga ainda: “A título de cumprir sua obrigação profissional ele pode idealizar e engendrar uma tese de defesa que signifique mentir, ocultar fatos, apresentar provas e testemunhas que sabe ser um engodo, tudo com o objetivo de defender seu representado?”

A carta ora mencionada foi publicada em nossa edição 230, com a observação de que, dada a complexidade do assunto, a pergunta formulada pelo leitor seria respondida oportunamente. É o que procuraremos fazer agora, depois de ouvir sobre o assunto alguns amigos que se caracterizam pelo conhecimento que possuem acerca da doutrina espírita e das nuances do Direito aplicado.

Eis algumas premissas importantes que devemos destacar com relação ao tema acima:

1. Em qualquer área em que atue, o espírita deve pautar sua conduta pela ética e pelo respeito à verdade. Seja médico, engenheiro ou advogado, ninguém está imune a essa exigência.
2. Toda dissimulação e toda mentira acarretarão mais tarde, para a pessoa, as consequências de que ninguém pode fugir.
3. Todas as pessoas, sem nenhuma exceção, têm direito à defesa e, portanto, o Defensor Público nomeado deverá atender ao seu dever, com honra e dignidade, procurando, porém, no cumprimento de sua obrigação não ser incoerente nem valer-se de meios e subterfúgios moralmente escusos.
4. O advogado livremente contratado ou o Defensor Público, se tiverem convicção com respeito à culpa do cliente, poderão postular em favor dele outros direitos, jamais a absolvição por negativa de autoria. Poderão, por exemplo, pleitear diminuições de pena, se devidas, excludentes da ilicitude (exemplo: legítima defesa), se cabíveis, e a aplicação de pena mais branda, inclusive as denominadas penas alternativas, se preenchidos os requisitos legais.
5. Em caso de dúvida quanto à culpa do cliente, sobretudo quando o réu, valendo-se da mentira, induz o advogado em erro, obviamente não haverá para este nenhuma espécie de responsabilidade.

6. Caso o Defensor Público, por ser espírita, não queira enfrentar situações desse tipo, para estar em paz com a própria consciência, pode tentar o deslocamento para outra área de atuação, passando a atuar, por exemplo, no ramo da família, da infância e da juventude. Diversos advogados espíritas, exatamente por causa do tema suscitado pelo leitor, optam por não atuar na área criminal.

*

Existem pessoas que, por princípio, são contra a segregação dos indivíduos condenados por um crime, ainda quando não haja dúvidas quanto à sua culpa.

Hilário Silva comenta o assunto no cap. 20 do seu livro *Almas em Desfile*, que Chico Xavier psicografou.

Eis o caso relatado por Hilário Silva:

“À porta do foro, o juiz Carmo Neto dizia ao advogado Luís Soeiro:

– Você poderá, sem dúvida, funcionar na defesa, mas, na condição de juiz e de espírita mais experiente, não posso compreender a maneira pela qual você observa o caso... O réu é homicida e ladrão, abateu o próprio tio para roubar... Não sou a favor da pena de morte, nem posso aprovar a prisão perpétua. Deus nos livre de semelhantes flagelos! Mas entendo que esses delinquentes são enfermos do espírito, requisitando segregação. Alguns anos de escola e de tratamento reajustam os doentes dessa espécie... Não podemos libertar loucos furiosos... A própria Lei Divina nos concede na reencarnação os meios precisos de reajuste.

Contudo, o advogado, espírita recentemente chegado à Doutrina, observava:

– Doutor, mesmo assim defendê-lo-ei gratuitamente, com todas as minhas forças, acreditando servir à caridade... Não concordo absolutamente com prisão para ninguém...

– Aprecio a sua atitude –olveu o magistrado –; como espírita, igualmente não aprovo a cadeia, o castigo, a violência, mas os delinquentes de grandes crimes são doentes perigosos que precisamos apartar da sociedade para a adequada assistência.

Chegada a hora do julgamento, o Dr. Luís Soeiro falou com tanta emotividade e eloquência, com tanto carinho e amor fraterno que o réu foi absolvido por unanimidade.

O feito foi comemorado festivamente.

Decorridas algumas semanas, o advogado e a esposa desembarcaram, alta noite, em cidade próxima, de visita a familiares. Caminhavam na rua deserta, quando um desconhecido avança sobre a senhora indefesa. O marido reage,

grita por socorro, ajuntam-se populares e o homem é preso.

Foi então que o Dr. Luís Soeiro verificou, espantado, que o assaltante era o cliente para o qual havia conseguido a liberdade.”

Um dos colaboradores de nossa revista, Dr. Alessandro Viana Vieira de Paula, juiz de Direito em Itapetininga-SP, a propósito do assunto em pauta, relatou-nos o seguinte:

“Certa feita o confrade Raul Teixeira nos contou uma história reproduzida pelo Irmão X numa das obras psicografadas por Chico Xavier. Havia um advogado muito hábil em dissimular, conseguir absolvições e arrumar nulidades nos processos, de forma que ele ficou conhecido como ‘o grande cabeça’. Muitos contratavam seus serviços porque sabiam da sua habilidade em buscar a absolvição. Ele desencarnou e, porque se comprometeu na área da inteligência, renasceu com macrocefalia. Quando era criança já exibia uma cabeça enorme e o Benfeitor dizia: Aí está o grande cabeça, agora literalmente.”

13/11/2011

Edição 235

A leitora Carmen Schaedler, de Sinop-MT, pergunta-nos como fica o Espírito de uma pessoa em estado de coma. Ele se desprende do corpo o tempo todo? Ele fica ali perto do corpo? Pode trabalhar na condição de Espírito? Pode estudar? Qual o objetivo de semelhante estado que às vezes costuma durar anos a fio?

O assunto é tratado no artigo intitulado *Vinte dias em coma*, de Orson Peter Carrara, publicado nesta mesma edição.

No artigo citado, o autor alude ao romance **Vinte Dias em Coma**, de autoria de nosso confrade Wilson Frungilo Jr., que examina exatamente as questões propostas pela leitora.

Na obra em questão o personagem principal é vaidoso e arrogante empresário bem sucedido que é levado ao estado de coma e, nesse estado, ouve tudo que se passa à sua volta, o que produz expressiva renovação em seus sentimentos, ao perceber realidades que seu orgulho não permitia ver. Ao retornar do coma, ele dá outro rumo à própria vida.

O romance citado pode, assim, ajudar a leitora a compreender o que se passa durante esse estado e a deduzir quantos benefícios, em termos morais e espirituais, pode o coma trazer à alma de uma pessoa, uma vez que, examinando o assunto tão-somente pela ótica materialista, não é possível vislumbrar no fato algum benefício.

São inúmeros os relatos de pessoas que voltaram do coma e afirmaram ter podido acompanhar, como se estivessem perfeitamente acordadas, os fatos que se passaram a seu lado durante aquele estado.

No livro **Plantão de Respostas** – Pinga Fogo II, publicado em 1995 pela Editora CEU, Emmanuel, valendo-se da mediunidade de Chico Xavier, respondeu a uma pergunta semelhante, expressa nos seguintes termos: “O que se passa com os Espíritos encarnados cujos corpos ficam meses, e até mesmo anos, em estado vegetativo (coma)?”

Eis a resposta constante da obra mencionada:

“Seu estado será de acordo com sua situação mental. Há casos em que o Espírito permanece como aprisionado ao corpo, dele não se afastando até que

permita receber auxílio dos Benfeitores espirituais. São pessoas, em geral, muito apegadas à vida material e que não se conformam com a situação.

Em outros casos, os Espíritos, apesar de manterem uma ligação com o corpo físico, por intermédio do perispírito, dispõem de uma relativa liberdade. Em muitas ocasiões, pessoas saídas do coma descrevem as paisagens e os contatos com seres que os precederam na passagem para a Vida Espiritual. É comum que após essas experiências elas passem a ver a vida com novos olhos, reavaliando seus valores íntimos.

Em qualquer das circunstâncias, o Plano Espiritual sempre estende seus esforços na tentativa de auxílio. Daí a importância da prece, do equilíbrio, da palavra amiga e fraterna, da transmissão de paz, das conversações edificantes para que haja maiores condições ao trabalho do Bem que se direciona, nessas horas, tanto ao enfermo como aos encarnados (familiares e médicos)".

20/11/2011

Edição 236

Uma leitora de Sydney, Austrália, deseja saber por que a água magnetizada e o passe magnético, embora sem o aval de Kardec, são admitidos nos Centros Espíritas, enquanto que a cromoterapia, a cristaloterapia e outras terapias alternativas não o são. "Não serão elas a mesma coisa?", indaga a leitora.

O passe magnético e outros recursos que vieram do Magnetismo para o Espiritismo não foram estranhos a Kardec, que tratou do tema, em todas as suas minúcias, em seus textos, especialmente nos que foram publicados na *Revue Spirite*.

Lendo-os, percebemos que a imposição de mãos era utilizada largamente, em sua época, no tratamento dos processos obsessivos. Dentre estes, vale a pena mencionar o caso Valentine Laurent, uma jovem que fora tratada inicialmente pelo Sr. Dombre por meio da imposição de mãos, procedimento que se verificou, porém, insuficiente, uma vez que no tratamento da obsessão é preciso algo mais para se obter a cura.

À margem do caso, quando publicou o relatório que lhe fora enviado pelo Sr. Dombre, Kardec escreveu: "Para que teria servido o magnetismo se a causa tivesse subsistido?" "Era preciso primeiro – aduziu o Codificador – destruir a causa, antes de atacar os efeitos, ou, pelo menos, agir sobre ambos simultaneamente", mostrando que o magnetismo, por si só, seria incapaz de curar as obsessões graves, embora fosse um ingrediente importante no processo.

Tal pensamento foi, meses depois, consagrado por Kardec quando ele tratou do assunto no cap. XXVIII, item 81 e seguintes, de seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no qual escreveu: "Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo".

Depois de Kardec, autores diversos – encarnados e desencarnados –, especialmente os que se manifestaram por intermédio de Francisco Cândido Xavier e Divaldo Franco, mostraram em suas obras a importância do passe e da

água fluidificada, confirmando assim o entendimento exposto nos textos de autoria do Codificador do Espiritismo.

Para não alongar em demasia estas explicações, basta mencionemos aqui as questões 98 e 103 do livro *O Consolador*, de Emmanuel, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, na qual seu mentor espiritual tratou dos dois assuntos.

Eis o conteúdo das mencionadas questões:

98 – *Nos processos de cura, como deveremos compreender o passe?*

- Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença de que os recursos orgânicos são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais.

103 – *No tratamento ministrado pelos Espíritos amigos, a água fluidificada, para um doente, terá o mesmo efeito em outro enfermo?*

- A água pode ser fluidificada, de modo geral, em benefício de todos; todavia, pode sê-lo em caráter particular para determinado enfermo, e, neste caso, é conveniente que o uso seja pessoal e exclusivo.

Lembremos que, na terminologia espírita, água magnetizada e água fluidificada são termos equivalentes.

No tocante às terapias citadas pela leitora, além de estranhas à obra kardequiana, são, pelo que sabemos, estranhas também a Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângelis e demais autores que se têm manifestado sobre os processos terapêuticos próprios do Espiritismo.

Isso não quer dizer que essas terapias não tenham validade. Significa apenas que elas constituem práticas estranhas às obras fundamentais e subsidiárias do Espiritismo e, por isso, não há por que adotá-las nos Centros Espíritas que buscam orientar-se pela doutrina exposta na obra de Kardec, Denis, Delanne, Emmanuel, André Luiz e demais autores de idêntica credibilidade.

27/11/2011

Edição 237

O leitor Mauricio Zuninga, de Sydney, Austrália, pergunta-nos: “No caso específico da escrita direta, o ectoplasma utilizado, retirado do médium, poderá ser de qualquer médium, ou necessita ser de um médium evoluído, de moral mais elevada? Será o ectoplasma igual em todos os doadores? ou haverá diferença entre os evoluídos e não evoluídos?”

Pelo que entendemos, não existe a diferença qualitativa mencionada pelo leitor, porque se trata de uma substância inerente ao corpo físico do médium e não à sua alma. Caso existam diferenças, os motivos seriam outros e provavelmente relacionados com a evolução maior ou menor do Espírito atuante no processo.

Dizemos isso com base no que foi até o momento dito a respeito do ectoplasma.

Segundo o grande físico Oliver Lodge, ectoplasma é o nome dado a uma espécie de matéria celular organizada, que se diz emanada, temporariamente, e com propriedades extraordinárias e inexplicáveis, de certas pessoas. Essa substância se molda, toma forma de rostos e de mãos, como se fosse guiada por uma inteligência subconsciente.

Outros estudiosos entendem que é o ectoplasma atributo do organismo, com propriedades similares às substâncias gasosas e de composição desconhecida.

Schrenk-Notzing, que fez análises empregando métodos químicos do ectoplasma expelido por médiuns de materialização, afirma, com base nos resultados dessas análises, que se trata de substância albuminoide unida a um corpo gorduroso e com células análogas às que se encontram no corpo humano. Dentre os autores desencarnados, podemos citar as informações constantes do cap. 28, págs. 271 e 272 do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, na qual está dito que o ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanções da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza.

Trata-se, segundo Aulus, de um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade, e pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos, desencarnados ou não, que sintonizam com a mente mediúnica.

4/12/2011

Edição 238

Clissia Rezende, de Campo Grande-MS, em carta dirigida a esta revista, publicada na seção de Cartas da edição 237, depois de citar dois textos – um de Kardec, o outro de Léon Denis –, afirma ter entendido que o Espiritismo, por meio de suas maiores autoridades, “nega a revelação divina encontrada nas Escrituras, relegando-as ao nível de uma mera compilação de fatos históricos e lendários”. E acrescenta: “É curioso, entretanto, que querendo dizer-se cristão, o Espiritismo frequentemente lance mão das Escrituras, citando-as com profusão quando lhe convém. Isto significa que para os espíritas não faz diferença se a Bíblia é ou não a Palavra de Deus – desde que possam usá-la quando desejam dar à sua crença uma aparência cristã, ou seja, citando passagens isoladas que parecem dar apoio às teorias espíritas. Quando, porém, o ensino claro das Escrituras refuta essas mesmas teorias, dizem então que elas não são a Palavra de Deus pela qual devemos testar o que cremos”.

Dito isso, conclui a leitora: “Portanto, o Espiritismo não é uma religião cristã, pois nega a inspiração do Livro que é a base do cristianismo, assim como os seus ensinamentos. Gostaria de respostas pra isso”.

Procuraremos, da forma mais didática possível, responder à leitora.

Toda vez que alguém se refere à Bíblia ou às Escrituras, como fez a leitora, é preciso primeiro dizer a que livros se refere. Está ela falando da Bíblia judaica, da Bíblia católica ou da Bíblia protestante?

Sim, porque Bíblia não é um livro, mas uma coleção de livros. De origem grega, a palavra bíblia significa “os livros”. Os antigos a chamavam de Escrituras, e é assim que costumamos a ela nos referir quando desejamos falar do Antigo Testamento.

Para os cristãos, a Bíblia encontra-se dividida em duas unidades: o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

A Bíblia aceita pela Igreja Católica compõe-se de 72 livros: 45 livros do Antigo Testamento e 27 livros do Novo Testamento, conforme estabelecido no Concílio de Trento, que decidiu incluir as Lamentações de Jeremias no livro do mesmo profeta.

Para os judeus estão excluídos da Bíblia o Novo Testamento e todos os livros do Antigo Testamento cujos originais foram escritos em grego e deles traduzidos. Assim, os judeus não aceitam os livros de Judith, Tobias, Livros I e II dos Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc. Os protestantes também não aceitam esses livros, notando-se que no livro de Ester há trechos que são rejeitados ao mesmo tempo por protestantes e judeus, que os consideram apócrifos.

Rejeitar a Bíblia, ou parte dela, torna o indivíduo não-cristão?

As religiões derivadas da Reforma luterana não são cristãs?

Quando a Igreja Católica e as chamadas igrejas evangélicas não obedecem ao rito da circuncisão, constante das leis mosaicas, deixam, por isso, de ser cristãs?

Jesus, ao desrespeitar o dia do sábado, como a lei mosaica determina, deixou também de ser cristão?

Todas as perguntas colocadas acima mostram que uma pessoa ou uma doutrina podem desaprovar parte das chamadas Escrituras e nem por isso perder a condição de cristã. A propósito, cristão é o nome que se dá àquele que segue o Cristianismo, cuja doutrina está contida por inteiro em o Novo Testamento, que, em muitos pontos, está em desacordo com o Antigo Testamento.

As perseguições aos primeiros cristãos foram feitas justamente porque os partidários da lei mosaica entendiam que a doutrina cristã se opunha aos preceitos que Moisés, usando o nome de Deus, havia proclamado.

A lei do olho por olho, o apedrejamento da mulher adúltera, o banimento dos leprosos, o menosprezo aos estrangeiros, o apego às práticas exteriores do culto, eis normas legais vigentes nas chamadas Escrituras – isto é, no Antigo Testamento – que o Cristo veio revogar, mostrando a incompatibilidade daquelas ideias com a nova ordem estabelecida pelo Evangelho do Reino.

Concluindo, sugerimos à leitora que leia o item 59 d' *O Livro dos Espíritos*, em que Allan Kardec, embora apontando os equívocos constantes do Antigo Testamento, faz importante reverência à Bíblia, quando indaga: "Dever-se-á daí concluir que a Bíblia é um erro? Não; a conclusão a tirar-se é que os homens se equivocaram ao interpretá-la. Escavando os arquivos da Terra, a Ciência descobriu em que ordem os seres vivos lhe apareceram na superfície, ordem que está de acordo com o que diz a Gênese, havendo apenas a notar-se a diferença de que essa obra, em vez de executada milagrosamente por Deus em algumas horas, se realizou, sempre pela sua vontade, mas conformemente à lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos".

Recomendamos também à leitora e aos nossos estimados leitores que leiam o Editorial da edição 48 desta revista, que transcreve o que Ezer Weizman, ex-presidente de Israel, disse em dezembro de 1997 sobre o que pensa do Antigo Testamento. Eis o *link* que remete ao texto citado: <http://www.oconsolador.com.br/48/editorial.html>

11/12/2011

Edição 239

O confrade Marcelo Roges, de Sydney, Austrália, pergunta-nos: "Será o livre-arbítrio limitado? Explico-me: posso matar, e me matar, mas dependendo de interferir no destino de outros, posso usar o meu livre-arbítrio?".

Lembremos inicialmente que o livre-arbítrio pode ser definido como sendo a faculdade que tem o indivíduo de determinar a própria conduta, isto é, a possibilidade que tem de, entre duas ou mais opções, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

Apanágio do Espírito humano, o livre-arbítrio não é absoluto e seu exercício no orbe terráqueo está sujeito a determinadas circunstâncias de acordo com o mapa de serviços a ser desenvolvido pelo indivíduo.

Segundo o Espiritismo, a liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação moral. Com efeito, é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade, porque, destituído de liberdade e responsabilidade, ele não seria mais que um autômato, um brinquedo das forças ambientes.

Diz-nos Kardec que o livre-arbítrio exerce-se em dois momentos principais na vida de uma pessoa, o primeiro na erraticidade, o segundo no estado de encarnado.

Eis como o Codificador se refere ao assunto, na principal obra do Espiritismo:

“A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências.” (*O Livro dos Espíritos*, item 872.)

Escolhendo as provas, a família e certo meio social, o Espírito sabe de antemão quais são as vicissitudes que o aguardam e a importância que elas terão no seu desenvolvimento espiritual.

Pelo uso do livre-arbítrio construímos, assim, o nosso destino, que poderá ser de dores ou de alegrias, pois, feita a escolha, poderemos – uma vez reencarnados – aceitá-la plenamente ou, rebelando-nos contra a lei de Deus, dar novo rumo à existência, desviando-nos do caminho ideal que fora traçado.

Sugerimos ao leitor que leia dois textos pertinentes ao tema publicados nas edições 22 e 80 de nossa revista. Eis os *links*: edição 22 - <http://www.oconsolador.com.br/22/esde.html> e edição 80 - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/80/esde.html>

18/12/2011

Edição 240

Uma leitora desta revista radicada em Sydney, Austrália, enviou-nos as perguntas abaixo reproduzidas, às quais, por escassez de espaço, somente hoje nos é possível responder:

1) Os Guias ou mesmo os Espíritos mais evoluídos são sentidos pela direita e os mais sofrendores e inferiores são sentidos pela esquerda? ou isso é uma informação errônea?

Pelo que aprendemos até hoje nas obras e na prática do Espiritismo, trata-se de uma informação errônea, sem fundamento nenhum.

2) Por que um médium, antes de haver uma incorporação de um Espírito revoltado, o vê com a cara de um demônio, somente a cara?

A expressão facial de um Espírito revoltado pode realmente dar-nos a impressão de algo popularmente chamado de *demoníaco*. Mas é bom que o leitor entenda que não existem demônios. Os que assim se apresentam usam esse recurso para impressionar as pessoas crédulas que imaginam serem reais as figuras que, no seio do catolicismo, foram associadas a Satanás e seus asseclas.

3) Dizem que bocejar é um ato de relaxamento, mas se nota que não é bem assim, porque assim que se concentra para uma prece, o bocejo desaparece, além dele trazer sensações de enfermidade, de arrepios, de enjoos, de choro etc. Será que tem mesmo fundamento que ele advém da presença de irmãos em necessidade, em sofrimento?

A questão da sonolência que a pessoa experimenta, às vezes, nas reuniões mediúnicas ou em situações como a mencionada, é comentada pelo confrade J. Raul Teixeira na obra *Diretrizes de Segurança*, item 53. Eis o que ele disse a respeito do assunto: "As causas podem ser várias. Desde o cansaço físico, quando o indivíduo vem de atividades muito intensas e, ao sentar-se, ao relaxar-se, naturalmente é tomado pelo torpor da sonolência. Também, pode ser causado pela indiferença, pelo desligamento, quando alguém está num lugar, fisicamente, entretanto pensando em outro, desejando não estar onde se acha. Compelido por uma circunstância qualquer, a pessoa se desloca mentalmente. O sono pode, ainda, ser provocado por entidades espirituais que nos espreitam e que não têm nenhum interesse em nosso aprendizado para o nosso equilíbrio e crescimento. Muitas vezes, os companheiros questionam: '– Mas nós estamos no Centro Espírita, estamos num campo protegido. Como o sono nos perturba?' Temos que entender que tais entidades hipnotizadoras podem não penetrar o circuito de forças vibratórias da Instituição, ficam do lado de fora. Mas, a pessoa que entrou no Centro, na reunião, não sintonizou com o ambiente, continua vinculada aos que se conservam fora, e através dessa porta, desse *plug* aberto, ou dessa tomada, as entidades que ficaram lá de fora lançam seus tentáculos mentais, formando uma ponte. Então, estabelecida a ligação, atuam na intimidade dos centros neuronais desses incautos, que dormem, que se dizem *desdobrar*: '– Eu não estava dormindo... apenas desdobrei, eu ouvi tudo...' Eles viram e ouviram tudo o que não fazia parte da reunião. Foram fazer a viagem com as entidades que os narcotizaram. Deparamos aí com distúrbios graves, porque quando termina a reunião o indivíduo está fagueiro, *ótimo* e sem sono, e vai assistir à televisão até altas horas, depois de se haver submetido aos fluidos enfermigos. Por isso recomendamos àqueles que estão cansados fisicamente que façam um ligeiro repouso antes da reunião, ainda que seja por poucos minutos, para que o organismo possa beneficiar-se do encontro, para que fiquem mais atentos durante o trabalho doutrinário. Levantar-se, borrifar o rosto com água fria, colocar-se em uma posição discreta, sempre que possível ao fundo do salão, em pé, sem encostar-se, a fim de lutar contra o sono. Apelar para a prece, porque sempre que estamos desejosos de participar do trabalho do bem, contamos com a eficiente colaboração dos Espíritos Bondosos. *Faze a tua parte que o céu te ajudará*. Temos, então, o sono como esse terrível adversário de nossa participação, de nosso aprendizado, de nosso crescimento espiritual. Não permitamos que ele se apodere de nós. Lutemos quanto conseguirmos, e

deveremos conseguir sempre, para combatê-lo, para termos bons frutos no bom aprendizado”.

1º/01/2012

Edição 241

O confrade José Manoel Pereira Antunes, em mensagem enviada à redação desta revista, pergunta-nos onde se encontra nos textos evangélicos a frase, atribuída a Jesus, "a sementeira é livre mas a colheita é compulsória".

A frase citada, atribuída a Jesus por inúmeros autores, não será encontrada textualmente em o Novo Testamento, porque decorre de um pensamento presente nos textos evangélicos e nas cartas de Paulo, segundo o qual receberemos da vida de conformidade com os atos que praticamos. Trata-se, como abaixo se verá, de linguagem metafórica que expressa a chamada lei de ação e reação, referida tanto em o Novo quanto no Antigo Testamento. A frase é, portanto, correta. O equívoco de palestrantes e articulistas é atribuí-la a Jesus, como se dá também, com frequência, com a frase "Vós sois deuses", objeto de exame nesta mesma seção na edição 115, de 12/7/2009, desta revista. Eis o link que remete ao texto mencionado:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/115/o espiritismo responde.html>

Adiante transcrevemos alguns textos do Novo Testamento que dão suporte à ideia contida na frase "a sementeira é livre mas a colheita é compulsória":

"E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão." – Mateus, 26:51-52.

"(...) O qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, honra e incorrupção; mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade; tribulação e angústia sobre toda a alma do homem que faz o mal; primeiramente do judeu e também do grego; glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há acepção de pessoas." – Romanos, 2:6-11.

"Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna." – Gálatas, 6:7-8.

"(...) Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras." – Mateus, 16:27.

8/01/2012

Edição 242

Silvia Campos Martins, de São Paulo-SP, enviou a esta revista duas perguntas. A primeira: Onde vivem, de fato, os Espíritos que constantemente estão perto de seus familiares encarnados? Estariam eles no Umbral?

A segunda: Ouvi dizer que as almas dos animais, quando morrem, reencarnam logo em seguida. Algumas pessoas dizem que há animais no mundo espiritual, e outros dizem que não. Qual seria a verdade?

*

Com relação à primeira pergunta, é preciso que se entenda que o Espírito, ainda que esteja desencarnado, pode permanecer no plano terrestre por algum tempo, fato que dependerá, em última análise, do seu nível evolutivo. Há criaturas tão apegadas à matéria que não apresentam condições nem mesmo de ir para uma cidade espiritual próxima da Crosta. A densidade do corpo espiritual – ou perispírito – a isso se opõe.

Vencida essa fase, lembremo-nos da célebre lição dada por Ernesto Bozzano em seu livro "A Crise da Morte", segundo a qual os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente, e de modo automático, para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade".

Parece-nos óbvio que o Espírito seja conduzido para o local no mundo espiritual em que estejam seus reais interesses e onde vivam as pessoas que fazem parte da família espiritual a que pertença, não importando o lugar em que se verifique a morte do seu corpo.

Muitos pessoas ignoram o que seja realmente o chamado Umbral, que nada mais é do que uma região espiritual de transição, a que André Luiz se refere no livro "Nosso Lar", cap. 12, págs. 71 a 73.

Debatem-se na zona umbralina Espíritos desesperados, infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias.

Segundo André Luiz, cada Espírito ali permanece o tempo que se faça necessário ao esgotamento dos resíduos mentais negativos, mas seus habitantes separam-se dos encarnados tão-somente por leis vibratórias.

O Umbral faz parte do campo magnético da Terra que, segundo alguns autores, estaria dividido em sete regiões ou esferas: 1. Umbral "grosso". 2. Umbral médio. 3. Umbral superior, que é onde fica a colônia "Nosso Lar". 4. Região da arte, da cultura e da ciência. 5. Região do amor fraterno universal. 6. Esfera em que se definem as diretrizes do planeta. 7. Abóbada estelar.

*

Com respeito à segunda pergunta, há, sim, algumas espécies animais no plano espiritual. Embora muitos reencarnem quase de imediato, alguns permanecem – com seu corpo espiritual – no plano extrafísico, onde desenvolvem tarefas adequadas à experiência que adquiriram.

Irvênia Prada trata do assunto no artigo "Os animais têm alma e são também seres em evolução", que a leitora pode ler clicando neste link: <http://www.oconsolador.com.br/9/especial.html>

Um dos casos por ela relatados foi extraído do livro "Testemunhos de Chico Xavier", de Suely Caldas Schubert, FEB, em que se lê o seguinte depoimento de Chico: "Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chamava-se Lorde e fez-se meu companheiro... Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas, no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em Espírito, vinha ter comigo, era sempre acompanhado por ele... A vida é uma luz que se alarga para todos..."

15/01/2012

Edição 243

A leitora Helena Piu pede-nos que expliquemos qual é a diferença entre morte encefálica e anencefalia.

A morte encefálica, descrita pela primeira vez na França, na década de 50, significa que as estruturas vitais do encéfalo, necessárias para manter a consciência e a vida vegetativa, encontram-se lesadas irreversivelmente. Em outras palavras, o tronco cerebral não funciona, não existe mais a atividade cerebral, há ausência de circulação sanguínea no cérebro e o eletroencefalograma mostrará o silêncio elétrico cerebral.

Não se deve confundi-la com o coma, pois neste uma parte do cérebro ainda funciona, visto que a lesão terá atingido parte das células neurológicas, mas não as estruturas do encéfalo.

Em 1991, o Conselho Federal de Medicina estabeleceu, por meio da Resolução n. 1346, que a morte encefálica corresponde a um estado definitivo e irreversível de morte, podendo ser utilizada, sem qualquer dúvida, para a retirada de órgãos para transplantes. O termo morte encefálica aplica-se, assim, à condição final, definitiva e irreversível de cessação das atividades do tronco cerebral.

A anencefalia consiste em malformação rara do tubo neural caracterizada pela ausência parcial do encéfalo e da calota craniana, proveniente de defeito de fechamento do tubo neural durante a formação embrionária.

Diferentemente do que o termo possa sugerir, a anencefalia não caracteriza somente os casos de ausência total do encéfalo, mas sobretudo os casos em que se observam graus variados de danos encefálicos.

Na prática, a palavra anencefalia é geralmente utilizada para caracterizar uma malformação fetal do cérebro. Nestes casos, o bebê pode apresentar algumas partes do tronco cerebral funcionando, garantindo algumas funções vitais do organismo, o que explica o fato, várias vezes comprovado, de anencéfalos que viveram por um ou mais anos.

Bebês com anencefalia possuem, como se vê, expectativa de vida muito curta, embora não se possa estabelecer com precisão o tempo de vida que terão após seu nascimento com vida.

22/01/2012

Edição 244

Uma leitora desta revista pergunta quais são as consequências do fato de uma mulher ter usado a pílula do dia seguinte sem saber de suas propriedades abortivas. Sendo o aborto delituoso considerado crime, de conformidade com o disposto na questão 358 d' *O Livro dos Espíritos*, será ela, em face da lei natural, considerada criminosa?

Dispõe a mencionada questão:

- Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?
"Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu

nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.” (L.E., 358.)

Os atos lesivos que todos nós, em geral, temos cometido ao longo da vida têm – cada qual em particular – um peso próprio, intimamente ligado ao conhecimento que a pessoa tinha ao praticá-los. Foi por isso que aprendemos no Evangelho que muito se pedirá a quem muito for dado.

No caso da pílula do dia seguinte, a publicidade mundial em torno do assunto foi que ela não teria efeitos abortivos, e há, ainda, muitas pessoas que discordam disso, o que significa que a mulher que ingeriu esse produto em todos esses anos certamente imaginou que usava uma pílula anticoncepcional, com o propósito de evitar, não de matar filhos.

Deus – que é quem julga em última instância – sabe perfeitamente o que se passa na mente de cada um de nós.

Ademais, ninguém pode, em sã consciência, dizer que a mulher que ingeriu a pílula do dia seguinte já estava, naquele momento, em fase inicial de gravidez.

Anos atrás, a Federação Espírita Brasileira lançou uma campanha de prevenção do aborto delituoso, esse que é provocado conscientemente pelas pessoas. Mas a campanha deixou claro, dirigindo-se às pessoas que incidiram na prática do aborto consciente, que não existem erros imperdoáveis, porquanto todos os erros são perdoáveis, isto é, Deus jamais fecha a porta ao arrependimento e dá oportunidades renovadas a todos os que, havendo errado, desejam voltar à estrada da retidão moral.

Uma forma de reparar a prática do aborto conscientemente praticado é dedicar-se ao trabalho humanitário em favor das crianças sem mães ou das crianças que, mesmo tendo mães, não dispõem do suficiente à manutenção de sua própria vida.

Lembremos que nosso Pai - soberanamente justo e bom - nos ama incondicionalmente e deseja apenas que dele nos aproximemos espiritualmente, como consequência direta de nossa evolução moral, certo de que, conforme nos é dito na questão 116 d’*O Livro dos Espíritos*, nenhum Espírito se conservará eternamente nas ordens inferiores e todos nós um dia nos tornaremos perfeitos.

29/01/2012

Edição 245

Uma leitora amiga, radicada em Presidente Prudente-SP, em carta publicada na edição 236 desta revista, propôs-nos duas importantes perguntas que somente agora temos a possibilidade de responder. A primeira relaciona-se com o caso de um suicídio de um menino de 11 anos ocorrido em Campo Grande-MS. A outra questão, pertinente à realização de sessões mediúnicas abertas ao público, será respondida na próxima edição desta revista, nesta mesma seção.

O menino havia dito para sua mãe que se jogaria da janela do apartamento em que morava, localizado no 13º andar do seu prédio. A mãe não deu importância à conversa. Três dias depois, quando somente ele e uma irmã estavam em casa, o garoto cortou a tela protetora do cômodo onde se encontrava e se jogou pela janela. Teria sido o suicídio induzido por algum Espírito?

É difícil responder se o ato suicida teve ou não a participação de Espíritos, embora o fato seja perfeitamente possível.

Gerson Simões Monteiro, em artigo publicado na edição 72 desta revista, reporta-se ao caso de Hilda, uma jovem suicida que, após sua desencarnação, revelou que a influência de Espíritos obsessores constituiu um fator importante para levá-la ao suicídio. Eis o link que remete ao artigo: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/72/especial.html>

O depoimento da jovem Hilda consta do livro *Vozes do Grande Além*, obra mediúnica de autoria de Espíritos Diversos, por intermédio das faculdades psicofônicas de Chico Xavier.

Eis parte da mensagem transmitida por Hilda:

"Obsidiada fui eu, é verdade.

Jovem caprichosa, contrariada em meus impulsos afetivos, acariciei a ideia da fuga, menoscabando todos os favores que a Providência Divina me concedera à estrada primaveril.

Acalentei a ideia do suicídio com volúpia e, com isso, através dela, fortaleci as ligações deploráveis com os desafetos de meu passado, que falava mais alto no presente.

Esqueci-me dos generosos progenitores, a quem devia ternura; dos familiares, junto dos quais me empenhara em abençoadas dívidas de serviço; olvidei meus amigos, cuja simpatia poderia tomar por valioso escudo em minha justa defesa, e desviei-me do campo de sagradas obrigações, ignorando deliberadamente que elas, representavam os instrumentos de minha restauração espiritual.

Refletia no suicídio com a expectativa de quem se encaminhava para uma porta libertadora, tentando, inutilmente, fugir de mim mesma.

E, nesse passo desacertado, todas as cadeias do meu pretérito se reconstituíram, religando-me às trevas interiores, até que numa noite de supremo infortúnio empunhei a taça fatídica que me liquidaria a existência na carne."

Na *Revista Espírita* de maio de 1862, Kardec menciona o caso do suicídio de Maximilien, um menino de 12 anos, o qual teria sido motivado, conforme consta do relato, por uma mulher de nome Elvire.

Elvire existiu realmente ou não passava de uma criação da mente de Maximilien? Pela leitura do diálogo entre o Espírito de Maximilien e o evocador, Elvire realmente existiu, embora não haja registro de que ela e o garoto tenham tido algum relacionamento em existências passadas, o que, porém, se nos afigura bastante provável.

Segundo o Espiritismo, as pessoas que por motivos tolos se afastam, ainda que se amem, podem ficar apartadas por inúmeras encarnações, e esse distanciamento, essa impossibilidade de se unirem, constitui uma forma de expiação da falta cometida.

Em face dos dois casos acima mencionados, não se pode descartar a influência direta ou indireta de Espíritos no suicídio do menino de Campo Grande, o qual, como todos os que passam por igual situação, necessita muito das preces e das vibrações positivas de seus pais, colegas e amigos.

5/2/2012

Edição 246

Conforme dissemos na edição anterior, trataremos nesta edição da segunda questão que nos foi proposta por uma leitora radicada em Presidente Prudente-SP, em carta publicada na edição 236 desta revista.

Diz ela que frequenta há tempos reunião mediúnica em um centro espírita, a qual é aberta ao público, inclusive a crianças. Além de aberta, a reunião apresenta outros inconvenientes que a leitora mencionou em sua carta, em que nos pergunta, por fim, como entender os aludidos problemas.

Raul Teixeira disse certa vez, a propósito do movimento espírita, que este expressa o nível das pessoas que o dirigem. Segundo o conhecido confrade, "sempre que ele (o movimento espírita) esteja sob comandos ineptos e despreparados para esse comando, sofrerá as consequências dessa incapacidade". O texto completo do que Raul disse pode ser visto clicando-se neste link: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/214/raulteixeiraresponde.html>

A mesma análise podemos aplicar ao centro espírita. Se as pessoas que o dirigem não estão preparadas para essa função ou desprezam deliberadamente o que as obras espíritas recomendam, a consequência será algo parecido com o que a leitora nos relatou.

No tocante às reuniões mediúnicas abertas ao público, repetimos aqui o que já escrevemos nesta revista em mais de uma ocasião.

É preciso ter em mente – antes de tudo – que uma reunião mediúnica, especialmente quando seu objetivo é o esclarecimento das entidades desencarnadas, assemelha-se a uma enfermaria, com recursos trazidos da Espiritualidade para tratamento das criaturas conturbadas e infelizes que ali comparecem.

Esse fato é suficiente para que entendamos que a sessão não deve ser aberta a curiosos, uma advertência que Cairbar Schutel, Carlos Imbassahy e Spártaco Banal fizeram em obras publicadas antes do surgimento das obras de André Luiz no cenário editorial brasileiro.

Allan Kardec também havia tratado da questão quando respondeu aos que lhe propunham abrir ao público as sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Não seria, pois, diferente o entendimento de Divaldo Franco acerca do tema. "Nunca é demais recomendar – afirma o ilustre médium e tribuno baiano – que as sessões mediúnicas sejam de caráter privado."

No cap. 21 do livro "Desobsessão", André Luiz escreveu: "Coloquemo-nos no lugar dos desencarnados em desequilíbrio e entenderemos, de pronto, a inoportunidade da presença de qualquer pessoa estranha a obra assistencial dessa natureza". "O serviço de desobsessão não é um departamento de trabalho para cortesias sociais que, embora respeitáveis, não se compadecem com a enfermagem espiritual a ser desenvolvida, a benefício de irmãos desencarnados que amargas dificuldades atormentam."

12/2/2012

Edição 247

Confrades radicados em Sydney, Austrália, propuseram à dirigente do seu grupo três questões suscitadas durante a realização de um curso sobre passes, as quais foram encaminhadas a esta revista.

Ei-las: 1. Qual a diferença entre Espírito e essência? 2. De onde vem o Espírito? 3. O Espírito pode ser perfeito quando o perispírito não é perfeito?

Responderemos nesta edição à primeira pergunta. As demais serão tratadas na próxima edição desta revista.

Qual é a diferença entre Espírito e essência?

Na *Revista Espírita* de 1864, Edicel, págs. 138 e 139, Allan Kardec apresenta-nos a distinção entre alma e Espírito.

Segundo o Codificador do Espiritismo, a alma é o princípio inteligente, imperceptível e indefinido como o pensamento, que não é possível conceber isolado da matéria de maneira absoluta. Formado de matéria sutil, é o corpo espiritual – ou perispírito – que faz dela um ser definido, limitado e circunscrito à sua individualidade espiritual.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM. A alma e o perispírito separados do corpo físico constituem o ESPÍRITO.

Nas manifestações espíritas não é, pois, a alma que se apresenta só. Ela está sempre revestida do seu envoltório fluídico. Em face disso, nas chamadas aparições de Espíritos, não é a alma que se vê, mas o perispírito, do mesmo modo que, quando se vê um homem, vê-se o seu corpo, mas não o pensamento ou o princípio que o faz agir.

Resumindo: a alma é o ser simples, primitivo; o Espírito é o ser duplo; o homem é o ser triplo.

A palavra essência significa, em Filosofia, o que constitui o cerne de um ser, a sua natureza.

Se aplicarmos esse vocábulo ao conceito espírita acima mencionado, poderemos dizer que em um homem a essência é a alma, o princípio inteligente, o ser que move a criatura humana. Quanto ao Espírito, é ele a essência – ou alma – revestida de um invólucro semimaterial, a que Kardec deu o nome de perispírito e Paulo de Tarso chamou de corpo espiritual.

19/2/2012

Edição 248

As outras perguntas formuladas por confrades radicados em Sydney, Austrália, assunto a que nos referimos na edição da semana passada, são estas:

1. De onde vêm os Espíritos?
2. O Espírito pode ser perfeito quando o perispírito não é perfeito?

*

De onde vêm os Espíritos?

Primeiro, é importante lembrar que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. É assim que **O Livro dos Espíritos** se refere ao assunto na questão 76. “São eles obra de Deus”, diz-nos a questão 77 do mesmo livro.

Em sua origem, o Espírito é tão-somente um princípio inteligente, que se elabora e se individualiza pouco a pouco em uma série de existências que precedem o período a que chamamos humanidade. Essa informação nos é dada na questão 607 da obra mencionada.

Eis o teor completo da questão 607:

– Dissestes que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o

Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento? “Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

– **Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?** “Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.”

– **Esse período de humanização principia na Terra?** “A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.”

No cap. VI do livro **A Gênese**, Galileu (Espírito) confirma o que acabamos de ler afirmando que o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Apenas a contar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

Gabriel Delanne e outros autores, como André Luiz, ratificaram tal entendimento, o que nos permite concluir que é passando pelos diversos graus da animalidade que o Espírito se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Chegado, então, ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ele recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana, fato que elucida, segundo nosso entendimento, a dúvida formulada pelo leitor.

*

O Espírito pode ser perfeito quando o perispírito não é perfeito?

Para entender a resposta a esta pergunta é preciso lembrar, inicialmente, que cada perispírito tem uma densidade, um peso específico próprio, e que a natureza do envoltório fluídico guarda sempre relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. À condição moral do Espírito corresponde, por assim dizer, uma determinada densidade do perispírito. Maior elevação

espiritual, menor densidade fluídica. Maior inferioridade, maior densidade, isto é, perispírito mais grosseiro, com maior condensação fluídica. É claro que, apesar de mais densos, os envoltórios fluídicos mais grosseiros continuam imponderáveis aos nossos olhos.

No cap. XIII da obra **Entre a Terra e o Céu**, o ministro Clarêncio assevera que o veículo espiritual é, por excelência, vibrátil e se modifica profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Como ninguém ignora, em nosso próprio meio a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. No plano espiritual, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensivos que as moléculas do corpo carnal. Os veículos perispirituais de maior peso específico chumbam os Espíritos às regiões inferiores, impossibilitando-lhes o acesso a planos mais elevados e, por isso mesmo, o ingresso em mundos de maior elevação espiritual.

A acentuada densidade do perispírito de grande número de Espíritos leva-os a confundi-lo com o corpo material que utilizaram durante sua última encarnação. Esse é um dos motivos que fazem muitos a se considerarem ainda encarnados e a viverem na Terra, imaginando-se entregues a ocupações que lhes eram habituais.

O perispírito dos Espíritos superiores, de reduzido peso específico, confere-lhes uma leveza que lhes permite viver em planos mais elevados e deslocar-se a outros mundos. Eles podem, evidentemente, descer aos planos inferiores e, dada a sutileza do seu envoltório, não serão percebidos pelas entidades desencarnadas inferiores.

Respondendo então à pergunta, diremos que, se o Espírito é perfeito, seu perispírito, por consequência direta, também será perfeito, dada a íntima relação que existe entre um e outro.

Sobre o tema perispírito sugerimos ainda aos interessados ler o estudo intitulado *Natureza e propriedades do perispírito*, publicado na edição 90 desta revista. Eis o link que permite acessar o estudo: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/90/esde.html>

26/2/2012

Edição 249

Uma leitora de Brasília-DF, em carta dirigida a esta revista, diz sentir-se confusa com a técnica seguida pela Casa Espírita de que participa, a qual encaminha as pessoas obsidiadas para passes "especiais" desobsessivos de níveis II e III. Os passes "normais", que são ministrados após a palestra pública, são considerados "fracos" pela direção do Centro. Por isso, os que enfrentam processos obsessivos têm de receber aqueles outros.

As perguntas que a leitora nos faz são estas: No tocante aos passes, existe essa diferenciação a nível doutrinário? A obsessão, caso constatada, deve ser tratada através de passes diferenciados?

O tratamento espírita da obsessão é objeto de inúmeras obras espíritas, como **O Livro dos Médiuns** e **O Evangelho segundo o Espiritismo**, ambas de Allan Kardec.

É claro que, no tocante ao tema obsessão e a muitos outros temas, não podemos restringir-nos ao que Kardec ensinou, mas todos os autores, encarnados e desencarnados, que trataram até hoje do assunto confirmam o que o Codificador propôs, ou seja: 1.) a necessidade do tratamento magnético;

2.) a importância da chamada doutrinação do agente causador da obsessão; 3.) a renovação de suas atitudes por parte do enfermo.

Vê-se, pois, que no tratamento das obsessões o passe magnético é um dos elementos componentes da terapia, mas não é o único nem o mais importante. Esse entendimento pode ser visto em diversas obras espíritas que tratam do assunto. **Desobsessão**, de André Luiz, e **Obsessão/Desobsessão**, de Suely Caldas Schubert, são duas delas. Há, ainda, os estudos de Hermínio C. Miranda e Manoel Philomeno de Miranda.

Este último entende que o melhor médico, em se tratando do tratamento da obsessão, será sempre o enfermo, como Suely Caldas Schubert mostra em sua obra, acima citada, da qual extraímos os seguintes apontamentos:

1.) Esclarecer o paciente é fazê-lo sentir quanto é essencial sua participação no tratamento; é orientá-lo, dando-lhe uma visão gradativa, cuidadosa, do que representa em sua existência aquele que é considerado o obsessivo; é levantar-lhe as esperanças, se estiver deprimido; é transmitir-lhe a certeza de que existem dentro dele recursos imensos que precisam ser acionados pela vontade firme, para que venham a eclodir, revelando-lhe facetas da própria personalidade até então desconhecidas dele mesmo. É, enfim, ir aos poucos conscientizando-o das responsabilidades assumidas no passado e que agora são cobradas através do irmão infeliz que se erigiu em juiz, cobrador ou vingador. (Obsessão/Desobsessão, segunda parte, cap. 9, p. 114.)

2.) O obsidiado só se libertará quando ele mesmo se dispuser a promover a autodesobsessão. O Espiritismo não pode fazer por ele o que ele não fizer por si mesmo. Muito menos ainda os médiuns, ou alguém que lhe queira operar a cura. É preciso compreender que o tratamento da obsessão não consiste na expulsão do obsessivo: alcançado isso, se fosse possível, ele depois voltaria, com forças redobradas, à obra interrompida. A terapia tem em vista a reconciliação; trata-se de uma conversão a ser feita, tarefa que requer do obsidiado uma ampla cooperação, grandes esforços e boa vontade. (Obra citada, segunda parte, cap. 2.)

3.) A renovação moral é, como já foi dito, fator essencial ao tratamento desobsessivo. Yvonne A. Pereira, em seu livro Recordações da Mediunidade, é incisiva a tal respeito: "O obsidiado, se não procurar renovar-se diariamente, num trabalho perseverante de autodomínio ou autoeducação, progredindo em moral e edificação espiritual, jamais deixará de se sentir obsidiado, ainda que o seu primitivo obsessivo se regenere. Sua renovação moral, portanto, será a principal terapêutica, nos casos em que ele possa agir". (Obra citada, segunda parte, cap. 2.)

*

Com relação aos passes magnéticos é preciso entender que eles não resolvem tudo e apresentam limitações muito claras, conforme demonstra o Especial intitulado "O passe magnético e seus limitações", publicado na edição 101 desta revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/101/especial.html>

A classificação dos passes a que a leitora se refere é algo superado na maioria das casas espíritas. A eficácia do passe não depende da fórmula exterior, pois está inteiramente na assistência espiritual da pessoa que o ministra.

José Herculano Pires foi enfático no tocante ao assunto ("Obsessão, o passe, a doutrinação", editora Paideia, págs. 35 a 37): "O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos

Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações”.

4/3/2012

Edição 250

O leitor Isaias Fernandes pede-nos esclarecimentos sobre este trecho constante do cap. 13 da 1ª Epístola de Paulo aos Coríntios:

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, mas a maior delas é a caridade."

Lembra-nos o leitor que na maioria das traduções do texto citado é utilizado o termo **caridade**, mas existem traduções em que a palavra caridade é substituída pela palavra **amor**.

Em face disso, pergunta-nos qual o termo utilizado na Vulgata Latina. Seria "caritas"?

Nas traduções editadas por editoras protestantes tem-se adotado de modo geral a forma seguinte:

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor".

A forma transcrita é de autoria de João Ferreira de Almeida, importante personalidade do protestantismo português, que viveu no período de 1628 a 1691. Como se sabe, foi depois de sua conversão à Igreja Reformada Holandesa que João Ferreira de Almeida se dedicou à tradução dos textos evangélicos.

Consultando-se, porém, as versões da Bíblia conhecidas, é fácil perceber que, excetuada a tradução atribuída a João Ferreira de Almeida, as demais – na quase totalidade – adotam versão semelhante à constante do volume I da Bíblia Sagrada, publicada pela editora Livros do Brasil S.A., a saber:

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, mas a maior delas é a caridade."

Essa é uma tendência clara observada nas edições publicadas pelas editoras católicas.

Para comprovar esta assertiva, eis o trecho a que nos referimos, colhido em diferentes edições em português, italiano, francês, espanhol e inglês:

Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade. (*Bíblia de Jerusalém, 2008 – Paulus Editora, antiga Edições Paulinas*)

Mas agora permanecem estas três: a fé, a esperança, a caridade; porém a maior destas é a caridade. (*Sociedade Bíblica Britânica*)

And now abideth faith, hope, charity, these three; but the greatest of these is charity. (*Webster*)

Y ahora permanecen la fe, la esperanza, y la caridad, estas tres: empero la mayor de ellas es la caridad. (*Reina Valera*)

Maintenant donc, ces trois choses demeurent: la foi, l'espérance, la charité; mais la plus grande d'elles est la charité. (*Osterwald*)

And now abideth faith, hope, charity, these three; but the greatest of these {is} charity. (*King James*)

Maintenant donc, ces trois demeurent en permanence: la foi, l'espérance, la charité; mais la plus grande d'elles est la charité. (*La Bible de l'Épée*)

Or queste tre cose durano al presente; fede, speranza, e carità; ma la maggiore di esse è la carità. (*Giovanni Diodati*)

Mas ahora permanece la fe, la esperanza, y la caridad, estas tres cosas; pero la mayor de ellas es la caridad. (*Sagradas Escrituras*)

Quanto à Vulgata, o trecho em latim, de conformidade com a Nova Vulgata, é este:

Nunc autem manet fides, spes, caritas, tria haec; maior autem ex his est caritas.

Mais informações sobre o assunto podem ser obtidas nos sites abaixo, que vale a pena consultar:

Bíblia on-line: <http://www.bibliaonline.com.br>

Bíblia católica on-line: <http://www.pr.gonet.biz/biblia.php>

11/3/2012

Edição 251

O leitor Paulo Henrique Rodrigues, de Astolfo Dutra-MG, enviou-nos uma carta contendo questionamentos feitos por um amigo a propósito de informações contidas em obras mediúnicas que, na opinião de seu amigo, não teriam suporte nos livros de Allan Kardec. Ele refere-se especificamente ao Umbral e às Colônias Espirituais, cuja existência não aceita. A carta foi publicada na edição 250 desta revista.

Eis os questionamentos apresentados:

1) Se nas Colônias espirituais convivem Espíritos mais ou menos esclarecidos, ou seja, moralmente um pouco menos ignorantes, como podem ser avistadas ou assediadas pelos supostos Espíritos do suposto Umbral? Se estão em 'faixas de sintonia diferentes', como um umbralino consegue detectar um colonial e até tentar invadir-lhe a tal colônia?

2) Se o Espiritismo ensina a humildade e discrição, por que as descrições das tais colônias se referem a 'palácios', 'mansões' e a uma suntuosidade nos templos, se tais colônias seriam para Espíritos moralmente esclarecidos?

3) Se o Espiritismo demonstra que o apego à matéria subsiste e que ainda o estado de perturbação é volátil ao Espírito desencarnado, por que logo o Umbral, que reuniria os mais ambiciosos, os mais apegados à matéria, os mais vaidosos, é formado por "construções em ruínas", edificações lúgubres e apenas castelos toscos à moda medieval? Não seria mais lógico crer que Espíritos elevados morariam em choupanas e que Espíritos vaidosos ergueriam para si palácios suntuosos com todos os luxos?

4) Os Espíritos não são todos dotados de capacidade de manipulação fluídica, bem como após a perturbação têm plena consciência do que fazem?

*

Vamos ater-nos nesta edição à questão do Umbral e das Colônias Espirituais, que nosso confrade afirma não existir porque Kardec não os menciona. Os questionamentos serão tratados na edição da próxima semana.

Em primeiro lugar, é preciso que se diga que Allan Kardec não pôde, por razões inúmeras, aprofundar-se em determinados assuntos que estariam reservados para as gerações futuras, porque a revelação espírita é progressiva e deve seguir, conforme proposto pelo próprio Codificador, o avanço da ciência.

Mas, embora sem os pormenores que outros autores nos trariam, Kardec alude ao assunto em alguns momentos de seu livro "O Céu e o Inferno".

Assim é que no cap. VII da 1ª Parte da obra citada, no tópico 25º, ele informa que existem Espíritos mergulhados em densa treva; outros se encontram em absoluto insulamento no Espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo. Alguns são privados de ver os seres queridos, e todos, geralmente, passam com intensidade relativa pelos males, pelas dores e privações que a outrem ocasionaram. Esta situação perdura até que o desejo de reparação pelo arrependimento lhes traga a calma para entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo à sua situação.

Em outro trecho do mesmo livro, no cap. IV da 2ª Parte, ele reproduz uma comunicação do Espírito de Claire que se refere ao marido, que muito a martirizara, e à posição em que ele se encontrava no mundo espiritual. Eis o trecho: "Queres saber qual a situação do pobre Félix? Erra nas trevas entregue à profunda nudez de sua alma. Superficial e leviano, aviltado pelo sensualismo, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo. Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho onde tudo fulgura ao brilho desse Deus por ele negado."

Quando surgiu o livro "Nosso Lar", primeira obra escrita por André Luiz, dúvidas inúmeras foram levantadas por personalidades importantes, a exemplo de Leopoldo Machado, que tiveram dificuldade em aceitar parte das informações que o livro apresentava.

Sabemos hoje que tais dúvidas não tinham fundamento nenhum porque, a rigor, André Luiz não trazia novidades sobre o tema, que já fora examinado anteriormente por inúmeros autores.

Se o amigo do leitor que nos escreveu tivesse lido o livro "A Vida no Outro Mundo", obra de Cairbar Schutel publicada antes do surgimento do médium Chico Xavier, saberia disso, o que implica dizer que negar a existência do chamado Umbral e das Colônias Espirituais mencionadas por André Luiz significa refutar a contribuição inestimável de autores consagrados como, por exemplo, Conan Doyle, Oliver Lodge, Carl du Prel, Swedenborg, Winifred Moyes, Ernesto Bozzano, Cairbar Schutel e Lilian Walbrook, dentre muitos outros.

Eis, a propósito, algumas informações que colhemos no livro "A Vida no Outro Mundo", de Cairbar Schutel:

1. Há no Outro Mundo diversos planos de existência, e não poderia ser de outro modo, porque os Espíritos, revestidos de seu corpo espiritual, não podem viver num meio que não esteja de acordo com sua vestimenta espiritual, que vibra

sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade. Uma região isenta de oxigênio seria hostil a Espíritos ainda necessitados de oxigênio. Os círculos que envolvem a Terra se diferenciam pela fluidez da matéria que os compõe. (A Vida no Outro Mundo, 5ª. edição, pp. 82, 83, 85 e 107.)

2. O primeiro plano do Mundo Espiritual é bem parecido com o plano terráqueo. Pode-se dizer que o nosso plano aqui na Terra é uma cópia materializada desse plano, o que explica a existência ali de habitações semelhantes às nossas. (Obra citada, pp. 87 a 89.)

3. Muitas obras e estudiosos falam sobre a existência de cidades, casas, hospitais, templos e palácios no Outro Mundo e Conan Doyle menciona em seu livro "História do Espiritismo" vários casos, a exemplo de sir Oliver Lodge, Carl du Prel, Swedenborg, Winifred Moyes e Lilian Walbrook. (Obra citada, pp. 54, 56, 57, 78, 92, 95, 96, 97, 102 e 103.)

4. Nas mensagens transcritas por Conan Doyle, além da referência à existência de casas lindas e flores, um dos comunicantes fala do alimento utilizado no plano em que vivia, o qual não se parece com o nosso porque é muito mais agradável e delicado. (Obra citada, pp. 95 a 97.)

5. Nas obras de Swedenborg faz-se menção a casas, templos, salões, palácios. As crianças são bem recebidas no Outro Mundo, sejam ou não batizadas, e ali elas crescem cuidadas por mulheres jovens, até que lhes apareçam suas mães verdadeiras. (Obra citada, pp. 98 a 100.)

6. No livro "O Caso de Lester Coltman", de Lilian Walbrook, Coltman (Espírito) dá-nos a seguinte informação: "Meu trabalho continua aqui como se iniciou na Terra, ou seja, no terreno científico. Para progredir em meus estudos, visito frequentemente um laboratório, onde encontro facilidades tão completas como extraordinárias para a realização de experiências. Tenho casa própria, verdadeiramente bela, com uma grande biblioteca, na qual existe toda a classe de livros de consulta: históricos, científicos, de Medicina, e de todos os gêneros da Literatura. Para nós, estes livros são tão interessantes como para vós, os da Terra. Tenho uma sala de música com toda a sorte de instrumentos. Tenho quadros de rara beleza e móveis de gosto apurado." Na sequência, Lester Coltman refere-se a uma paisagem extraordinariamente bela que ele podia descortinar de suas janelas e diz haver ali magníficas escolas para instrução dos Espíritos de crianças. (Obra citada, pp. 93 a 95.)

As informações de Cairbar Schutel não são diferentes das que Ernesto Bozzano nos trouxe em seu livro "A Crise da Morte", obra publicada em 1926 pela Federação Espírita Brasileira.

Eis trechos da referida obra:

1. Segundo esclarecimentos ditados pelo Espírito de Celfra: a) existem esferas espirituais de transição, em que os Espíritos guardam a forma humana e se veem num meio análogo ao terrestre; b) o peso do Espírito recém-chegado ao mundo espiritual provém das condições de pecado em que toda gente aí chega; c) enquanto a alma do recém-vindo estiver ligada, de alguma sorte, ao mundo dos vivos, o Espírito não pode deixar de existir numa condição quase terrena; d) após a morte do corpo físico, nas altas esferas espirituais a faculdade de pensar experimenta uma transformação e uma expansão prodigiosas. (A Crise da Morte, pp. 159 a 161.)

2. Jim Nolan disse que, ao entrar no mundo espiritual, parecia-lhe caminhar sobre um terreno sólido, quando encontrou sua avó, que o levou para longe dali, para sua morada. A morada da avó, onde ele repousou e dormiu naquela noite, tinha o aspecto de uma casa. "No mundo dos Espíritos – explicou ele –,

há a força do pensamento, por meio do qual se podem criar todas as comodidades desejáveis...” (Obra citada, p. 32.)

3. O Espírito, pensando na forma humana, se veria de novo em forma humana; pensando em estar vestido, achar-se-ia coberto de roupas que, sendo tão etéreas como o seu próprio corpo, lhe pareceriam tão substanciais como as vestes terrenas. É assim que ele encontra, no mundo espiritual, um meio e uma morada correspondentes a seus hábitos terrestres, morada que lhe preparariam os seus familiares, tornados antes dele à existência espiritual. (Obra citada, p. 36.)

4. Felicia Scatterd diz ter sido conduzida a uma maravilhosa morada que os próprios Espíritos haviam criado pela força do pensamento. (Obra citada, pp. 117 a 121.)

5. A mensagem do Espírito trouxe notícias sobre as habitações existentes no mundo espiritual, construídas por Espíritos que se especializaram em modelar, pelo pensamento, a matéria espiritual. (Obra citada, pp. 137 a 143.)

6. Os Espíritos se encontram novamente, na vida espiritual, com a forma humana. Todos se acham num meio espiritual radioso e maravilhoso (no caso de mortos moralmente normais) e num meio tenebroso e opressivo (no caso de mortos moralmente depravados). Todos reconhecem que o meio espiritual é um novo mundo objetivo, real, análogo ao meio terrestre espiritualizado. Eles aprendem que isso se deve ao fato de que, no mundo espiritual, o pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual o Espírito existente no “plano astral” pode reproduzir em torno de si o meio de suas recordações. Os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da “lei de afinidade”. (Obra citada, pp. 164 a 166.)

Sobre a região chamada Umbral e as esferas espirituais que circundam a Crosta terrestre recomendamos ao leitor que leia o texto publicado nesta mesma seção na edição 226 de nossa revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/226/oespiritismoresponde.html>

18/3/2012

Edição 252

Respondemos hoje às questões enviadas pelo leitor Paulo Henrique Rodrigues, de Astolfo Dutra-MG, a que nos reportamos na semana passada. A carta contendo os questionamentos feitos por um amigo do Paulo foi publicada na edição 250 desta revista.

Eis as perguntas propostas e, em seguida, as respostas:

1) Se nas Colônias espirituais convivem Espíritos mais ou menos esclarecidos, ou seja, moralmente um pouco menos ignorantes, como podem ser avistadas ou assediadas pelos supostos Espíritos do suposto Umbral? Se estão em ‘faixas de sintonia diferentes’, como um umbralino consegue detectar um colonial e até tentar invadir-lhe a tal colônia?

Resposta: As colônias espirituais de que temos notícia situam-se na mesma faixa vibratória em que se localiza o chamado Umbral. Não existe, portanto, no tocante às edificações das colônias, dificuldade nenhuma em serem elas percebidas pelos Espíritos localizados no Umbral, fato que explica a existência de muros altos que as protegem de uma eventual invasão, caso inexistisse essa proteção.

2) Se o Espiritismo ensina a humildade e discrição, por que as descrições das tais colônias se referem a 'palácios', 'mansões' e a uma suntuosidade nos templos, se tais colônias seriam para Espíritos moralmente esclarecidos?

Resposta: Acomodações amplas e bom gosto na edificação nada têm que ver com suntuosidade. A busca de bem-estar não é condenada pelo Espiritismo, desde que não cause prejuízo a terceiros.

3) Os Espíritos não são todos dotados de capacidade de manipulação fluídica, bem como após a perturbação têm plena consciência do que fazem?

Resposta: Não é verdade que os Espíritos têm igual capacidade de manipulação dos fluidos. Capacidade fluídica requer muito treinamento mental. Ernesto Bozzano trata do assunto no clássico "A Crise da Morte". A respeito do poder do pensamento no meio espiritual, consigna Bozzano a informação de que, para criar os objetos de que necessitam, não basta aos Espíritos pensar na "coisa" desejada; é preciso uma concentração firme do pensamento sobre esse objeto, englobando-o em todos os seus detalhes. É por isso que, exercitando-se nas criações do pensamento, os Espíritos chegam a pensar com uma nitidez cada vez maior e a concentrar a vontade com uma eficácia sempre mais intensa. Não sendo assim, formar-se-á tão-somente um esboço mais ou menos confuso e informe do objeto desejado, o que é comum nas edificações situadas no Umbral e nas regiões trevosas.

Ademais, informa Bozzano que um determinado Espírito não tem capacidade de transformar o meio em que vive, porque a paisagem que o rodeia não é somente "cenário" dele; é o "cenário" de todos os Espíritos que ali residem. Bozzano destaca, ainda, na obra citada, a informação de que a paisagem "astral" se compõe de duas séries de objetivações do pensamento, distintas uma da outra. A primeira, permanente, representa a objetivação do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas; a outra, transitória e mutável, seria a objetivação do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, criadora do seu próprio meio imediato. ("A Crise da Morte", tradução de Guillon Ribeiro, publicado pela FEB, pp. 54, 75, 130 e 157.)

4) Se o Espiritismo demonstra que o apego à matéria subsiste e que ainda o estado de perturbação é volátil ao Espírito desencarnado, por que logo o Umbral, que reuniria os mais ambiciosos, os mais apegados à matéria, os mais vaidosos, é formado por "construções em ruínas", edificações lúgubres e apenas castelos toscos à moda medieval? Não seria mais lógico crer que Espíritos elevados morariam em choupanas e que Espíritos vaidosos ergueriam para si palácios suntuosos com todos os luxos?

Resposta: A resposta a esta pergunta já está dada na questão anterior, mas é bom lembrar que no Umbral existem também "palácios". Ser inferior não implica não ter bom gosto. Segundo lemos no livro "Libertação", de André Luiz, o juiz Gregório sentava-se num trono dourado.

25/3/2012

Edição 253

A leitora Ana Paula, em carta publicada na edição da semana passada desta revista, apresenta-nos três perguntas, a saber:

1. O que o Espiritismo diz sobre o divórcio e casamentos posteriores a este? Com qual dos cônjuges há o resgate, uma vez que o cônjuge separado no decorrer de sua vida contrai vários matrimônios?

2. Em uma sessão mediúnica, o Espírito comunicante afirmou que não se recomendam os trabalhos práticos em dias de chuvas com relâmpagos e trovões, vez que pode acontecer dos médiuns ficarem vulneráveis a ações da natureza, por exemplo: uma descarga elétrica. Essa informação procede?

3. Nos dias de sessão mediúnica, não raras vezes, tenho muito sono e cansaço, e uma das vezes apoiei minha cabeça sobre os braços e os braços sobre a mesa, o qual foi motivo de uma entidade chamar minha atenção, alegando que eu estava quebrando a corrente fluídica entre os médiuns. O que vocês dizem sobre esse fato?

Eis, de forma resumida, as respostas:

1. O tema divórcio foi objeto nesta revista de uma série de matérias. Dentre elas chamamos a atenção da leitora para o Especial da edição 79, cuja leitura irá ajudá-la, sem dúvida. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/79/especial.html/>.

No caso em que o divórcio tenha interrompido a programação que os cônjuges fizeram antes de reencarnar, é certo que os compromissos não solvidos persistirão, motivo pelo qual André Luiz conceituou o divórcio como "realização adiada, resto a pagar no balanço do espírito devedor". Entendemos, à vista disso, que a fuga ao compromisso não é capaz de liberar o devedor da responsabilidade assumida. Este, o motivo pelo qual os instrutores espirituais aceitam o divórcio mas não o incentivam, embora seja evidente que há situações em que ele se apresente como a única opção possível, adiando-se então a realização, que será retomada oportunamente, quando isso se tornar possível.

A leitora não perguntou, mas é bom esclarecer que, depois da desencarnação, é a lei de afinidade que determinará a aproximação ou não daqueles que na Terra estiveram unidos pelos laços do casamento. Ernesto Bozzano e outros autores já trataram com clareza do assunto.

2. Relâmpagos e trovões não são motivos válidos para que se suspenda a sessão mediúnica. A informação citada pela leitora não tem, segundo o que pensamos, fundamento nenhum.

3. Apoiar a cabeça sobre os braços e estes sobre a mesa não é, de fato, uma atitude que deva repetir-se. Mas o motivo é um pouco diferente do que foi dito à leitora. André Luiz reporta-se ao assunto no cap. 49 do livro *Desobsessão*, obra mediúnica psicografada pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier.

Eis como André trata do assunto:

"Os médiuns psicofônicos evitem a todo custo, em qualquer período da reunião, vergar a cabeça sobre os braços. Essa atitude favorece o sono, desarticula a cooperação mental e propicia ensejo a fácil hipnose por parte de enfermos desencarnados."

*

Quanto à ideia pertinente à preparação de uma palestra sobre o livro *Vida e Sexo*, de Emmanuel, lembramos à leitora que apresentamos no site desta revista – no tópico Estudos Espíritos – um texto consolidado do livro citado, que a leitora pode ver e baixar clicando em

texto poderá ajudá-la sobremaneira na organização da palestra.

1º/4/2012

Edição 254

Uma leitora radicada em Sydney, Austrália, enviou-nos a seguinte pergunta: "Quando João Evangelista foi preso e sumiu da prisão, o que aconteceu? Teriam os Espíritos desmaterializado o corpo de João?"

O fato do desaparecimento de João é narrado em Atos dos Apóstolos, cap. 5, versículos 14 a 23, e não se refere apenas a João, pois a narrativa bíblica menciona a prisão de "apóstolos" e não de um único apóstolo.

Segundo o texto, cuja autoria é atribuída a Lucas, o sumo sacerdote e os que estavam com ele, pertencentes à seita dos saduceus, encheram-se de inveja dos seguidores do Cristo, por causa das curas que eles estavam fazendo. Em face disso, "lançaram mão dos apóstolos, e os puseram na prisão pública". De noite, porém, "um anjo do Senhor abriu as portas da prisão e, tirando-os para fora, disse: Ide e apresentai-vos no templo, e dizei ao povo todas as palavras desta vida". No dia seguinte, quando os servidores enviados pelo sumo sacerdote foram à prisão, não os acharam lá, comunicando o fato aos seus superiores nos seguintes termos: "Achamos realmente o cárcere fechado, com toda a segurança, e os guardas, que estavam fora, diante das portas; mas, quando abrimos, ninguém achamos dentro".

Comentando o assunto, Emmanuel, no prefácio do livro "Mecanismos da Mediunidade", de André Luiz, diz que a partir dos curiosos fenômenos ocorridos no dia de Pentecostes os eventos mediúnicos tornaram-se habituais entre os apóstolos do Senhor e que foram Espíritos materializados que os libertaram da prisão injusta. Não houve, pois, nem poderia haver desmaterialização do corpo de João.

O tema desmaterialização é tratado em minúcias em duas importantes obras espíritas, ambas objeto de estudo metódico e sequencial nesta revista: "Fenômenos de Transporte", de Ernesto Bozzano, e "Nos Domínios da Mediunidade", de André Luiz. (Eis os links que remetem o leitor à lição inicial dos estudos citados:

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/175/classicosdoespiritismo.html> e

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/162/estudandoaserieandreluiz.html>.)

Conforme lemos na obra de Bozzano, para os transportes pequenos fazem-se a desmaterialização e a materialização dos objetos; para os transportes grandes, a desmaterialização é feita em parte das portas ou das paredes. Embora Bozzano não o tenha dito, pensamos que esta segunda modalidade é adotada também nos casos de transporte de seres vivos, porque fica difícil admitir que um coelho ou um homem possa ser desmaterializado sem morrer.

André Luiz examinou a questão em seu livro "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 28, pp. 268 a 271, em que mostra como um Espírito conseguiu introduzir algumas flores numa sala fechada. Aulus explicou que as flores transpuseram o tapume de alvenaria, penetrando o recinto, graças ao concurso de técnicos competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato.

8/4/2012

Edição 255

Um dileto amigo volta a um tema já tratado nesta seção. Eis sua pergunta: "Jesus ora se intitulava Filho de Deus, ora se designava Filho do homem. Que significam esses títulos?"

As explicações seguintes podemos encontrar no livro *Obras Póstumas*, de Allan Kardec, livro publicado bem depois de seu falecimento, composto de textos esparsos que o Codificador do Espiritismo havia escrito, muitos deles até então inéditos.

O título de *Filho de Deus*, longe de implicar igualdade, é, em verdade, indício de uma submissão. Jesus é Filho de Deus como todas as criaturas o somos. Ele o chama de Pai como nós aprendemos a chamar o Criador de *nosso Pai*.

A expressão "*Filho bem-amado de Deus*", que aparece no Evangelho, deriva do fato de que, tendo Jesus chegado à perfeição que o aproxima de Deus, possui ele toda a sua confiança e todo o seu afeto.

A expressão *Filho do homem*, que Jesus utilizou em inúmeras oportunidades, tem outro significado e, para compreendê-lo, é-nos necessário remontar à Bíblia, em que ela aparece no livro de Ezequiel.

Eis o que está registrado no cap. II, v. 1 a 3, de Ezequiel:

"Tal foi a imagem da glória do Senhor que me foi apresentada. Tendo, pois, visto essas coisas, lancei meu rosto por terra: e ouvi uma voz que me falava e disse: *Filho do homem*, tende-vos sobre os vossos pés e eu falarei convosco. E o Espírito, tendo-me falado da sorte, entrou em mim, e me firmou sobre os meus pés e eu o ouvi que me falava e me dizia: *Filho do homem*, eu vos envio aos filhos de Israel, para um povo apóstata que se retirou de mim. Violaram até este dia, eles e seus pais, a aliança que fiz com eles."

A mesma qualificação de *Filho do homem* aparece outras vezes em Ezequiel e parece evidente que significa: *o que nasceu do homem*, por oposição àquilo que está fora da Humanidade. O Senhor designou Ezequiel sob esse nome para lembrar-lhe que, apesar do dom da profecia que lhe fora concedido, ele pertencia à Humanidade e não devia considerar-se dotado de uma natureza excepcional.

Jesus deu a si mesmo essa qualificação com uma persistência notável, porque não é senão em pouquíssimas circunstâncias que ele se diz *Filho de Deus*, com o objetivo evidente de lembrar que ele também, como criatura de Deus, pertence à Humanidade.

Segundo observa Kardec, é bem provável que sua insistência em se designar *Filho do homem* fosse um protesto antecipado contra a qualidade que no futuro lhe seria atribuída, porquanto – segundo o dogma aprovado no Concílio de Niceia em 325 – a Igreja considera Jesus um dos integrantes da Santíssima Trindade, conferindo-lhe assim status de Deus. Com efeito, a sentença do Concílio de Niceia diz o seguinte: "A Igreja de Deus, católica e apostólica, anatematiza os que dizem que houve um tempo em que o Filho não existia, ou que não existia antes de haver sido gerado".

As discussões e perturbações que suscitou essa questão agitaram os espíritos durante três séculos e só vieram a cessar com a proscricção dos bispos arianos, ordenada pelo imperador Constantino, e o banimento do papa Líbero, que não quis sancionar a decisão do Concílio.

Para ler mais sobre o assunto, sugerimos ao leitor que veja o Especial intitulado **Como o Espiritismo vê Jesus e a moral cristã**. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/36/especial.html>

15/4/2012

Edição 256

Um leitor pergunta-nos como a doutrina espírita vê o episódio que, segundo o relato bíblico, teria causado a expulsão de Adão e Eva do paraíso e a punição de todos os seus descendentes.

Com efeito, se a falta cometida pelo casal consistiu realmente em ter comido um simples fruto, não poderia, dada a sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi punida.

Em sua última obra – *A Gênese*, cap. XII – Allan Kardec analisou essa questão que é, sem dúvida, em face de suas consequências, muito importante para os seguidores do Cristianismo. O que veremos nestas explicações é baseado, em linhas gerais, no texto escrito pelo Codificador do Espiritismo.

Em primeiro lugar, registre-se que nem o crime cometido por Caim foi tratado tão severamente pelo Criador, o que dá ao episódio uma gravidade bem maior que, no entanto, nenhum teólogo até hoje foi capaz de explicar, porquanto, apegados à letra, os estudiosos da Bíblia têm girado dentro de um mesmo círculo vicioso.

Segundo os ensinamentos trazidos pelo Espiritismo, sabe-se agora que a falta de Adão e Eva não foi um ato isolado, pessoal, de um indivíduo, mas, sim, exprime, sob um único fato alegórico, o conjunto das prevaricações de que a Humanidade da Terra, ainda imperfeita, pode tornar-se culpada, as quais se resumem nisto: infração da lei de Deus. A falta do primeiro homem, simbolizando este a Humanidade, tem, assim, por símbolo um ato de desobediência.

Ressalte-se, porém, que se as almas de Adão e Eva tivessem vindo do nada, como ensina a teologia católica, haviam eles de ser bisonhos em todas as coisas e, portanto, ignorariam o que é morrer, porque jamais haviam assistido à morte de uma pessoa, e não entenderiam o que significava “parir com dor”, visto que, tendo acabado de surgir para a vida, Eva jamais tivera filhos.

Contudo, o que constitui para a Teologia um beco sem saída o Espiritismo explica sem dificuldade, e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem.

Admitamos, então, que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo se justifica: Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres em estado de o compreenderem e que, de fato, o compreendem, prova evidente de que ambos traziam aquisições anteriormente realizadas. Não nos esqueçamos de que, segundo a Bíblia, Abel e Caim tinham habilidades especiais, tanto que, ao sair do convívio dos pais, Caim casou-se e construiu uma cidade, em homenagem a seu primeiro filho.

Consideremos, ademais, que hajam Adão e Eva vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituíria o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corporal, e reconheceremos que a Deus assistia razão para lhes dizer:

«No mundo onde, daqui em diante, ides viver, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento com o suor da vossa fronte», e, à mulher: «Parirás com dor», porque tal é a condição do mundo em que eles teriam de viver.

O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo ditoso, onde vivera Adão, ou, antes, o grupo de Espíritos que ele personifica. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo, um fato que anos depois seria explicado, em minúcias, por Emmanuel na obra *A Caminho da Luz*, psicografada pelo médium Chico Xavier, objeto de estudo nas edições 194 a 207 desta mesma revista.

22/4/2012

Edição

257

Uma das cartas publicadas nesta edição, procedente de Belo Horizonte-MG, focaliza o tema infância e apresenta-nos as seguintes perguntas: 1. A infância se dá em todos os mundos habitados? 2. Na infância, até que idade o Espírito fica adormecido? 3. Por que as crianças apresentam aspectos de inocência? 4. Por que não há possibilidade de livre manifestação do Espírito na infância?

Eis o que entendemos acerca das questões propostas:

1. A infância se dá em todos os mundos habitados?

Segundo lemos na questão 183 d' *O Livro dos Espíritos*, a infância existe, sim, em outros mundos e é, em toda parte, uma transição necessária, mas não tão obtusa em outros globos como o é em nosso mundo.

2. Na infância, até que idade o Espírito fica adormecido?

No período intercorrente, da concepção ao nascimento, a ação da força vital faz com que diminua o movimento vibratório do perispírito, até o momento em que, não atingindo o mínimo perceptível, o Espírito fica quase totalmente inconsciente. Segundo André Luiz, nesse período, o estado do encarnante assemelha-se ao do Espírito encarnado durante o sono. Os Espíritos mais evoluídos gozam de maior liberdade, mas desde o momento da concepção o Espírito sente as consequências de sua nova condição e começa a sentir-se perturbado. Uma espécie de torpor, agonia e abatimento o envolve gradualmente, intensificando-se até o término da vida intrauterina. Suas faculdades vão-se velando uma após a outra, a memória desaparece, a consciência fica adormecida, e o Espírito como que é sepultado em opressiva crisálida. Esse fenômeno se deve à constrição do perispírito e à sua limitação pelo corpo, que fazem com que a existência no Plano Espiritual e a consciência das vidas progressas volvam ao inconsciente, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de modo que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, ele começa a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que hão de servir-lhe às manifestações.

3. Por que as crianças apresentam aspectos de inocência?

Como criança, o Espírito enverga temporariamente a túnica da inocência, um fato que atesta a bondade e a sabedoria de Deus, porque sua aparente inocência e fragilidade desperta o carinho e a simpatia dos adultos que o cercam, facilitando assim o processo de sua reeducação. Esse estado de pureza e simplicidade é tão importante que o próprio Mestre o destacou numa conhecida passagem evangélica em que, aludindo a uma criança que dele se

aproximara, declarou: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos Céus”.

4. Por que não há possibilidade de livre manifestação do Espírito na infância?

Quanto aos encarnados, diz Emmanuel que até os sete anos o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência e não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Provavelmente seja por isso que os Espíritos disseram a Kardec ser muito perigoso desenvolver a mediunidade nas crianças, porque sua organização franzina e delicada ficaria abalada e sua imaginação superexcitada com a prática mediúnica. O assunto é tratado em *O Livro dos Médiuns*, item 221, parágrafos 6 a 8. No tocante à manifestação de crianças que conservam essa forma na erraticidade, o fato não é incomum, como prova o livro *Crianças no Além*, obra psicografada por Chico Xavier, de autoria do menino Marcos.

29/4/2012

Edição

258

Conforme carta publicada na edição passada, Telma Miranda, de Goiânia-GO, pergunta-nos: 1.) Na pneumatografia, qual o papel do médium de efeitos físicos? 2.) Os médiuns pneumatofônicos seriam os médiuns audientes ou auditivos? 3.) Há diferença entre estas duas modalidades?

Encontramos resposta às três perguntas em “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, e é com base nessa obra que procuraremos responder à leitora.

Pneumatografia, ou escrita direta, é a que se produz espontaneamente sem o concurso nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar uma folha de papel branco, dobrá-la e colocá-la em algum lugar, em uma gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Se estivermos em condições favoráveis, ao fim de um tempo mais ou menos longo, acharemos no papel caracteres traçados, sinais diversos, palavras, frases e mesmo discursos, frequentemente com uma substância cinzenta igual ao chumbo, outras vezes com lápis vermelho, tinta ordinária e mesmo tinta de impressão. Nesse fenômeno, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos: ele mesmo faz a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando seus materiais do elemento primitivo universal ao qual ele imprime por sua vontade as modificações necessárias ao efeito que quer produzir. Ele pode, pois, fabricar tinta vermelha, tinta de impressão e mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar relevo à impressão. É desse modo que se explica a aparição das três palavras na sala do festim de Baltazar, de que nos fala a Bíblia.

A leitora quer saber qual é, então, o papel do médium nesse tipo de fenômeno. Médium quer dizer intermediário. Nos fenômenos de efeitos físicos, o fluido próprio do médium se combina com o fluido acumulado pelo Espírito, pois é necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado do médium com o fluido universal, para que o fenômeno ocorra.

Pode o Espírito produzir o fenômeno sem o concurso de um médium? Não. Ele pode agir sem o médium saber, isto é, muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos para certos fenômenos, sem o perceberem. O Espírito tira delas, como de uma fonte, o fluido animalizado do qual tem necessidade.

É assim que o concurso de um médium nem sempre é voluntário, o que se dá principalmente nas manifestações espontâneas, mas é necessário. O motivo disso é que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos

mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e do qual, por conseguinte, o Espírito operador é obrigado a se impregnar. (*Veja sobre o assunto os itens 74 e 127 d' O Livro dos Médiuns.*)

No tocante à pneumatofonia, ou voz direta, Kardec diz-nos que os sons têm duas maneiras bem distintas de se produzir: são algumas vezes uma voz íntima que ecoa na consciência, mas, ainda que as palavras sejam claras e distintas, elas não têm nada de material; de outras vezes são exteriores e tão distintamente articuladas como se proviessem de uma pessoa colocada ao nosso lado. De qualquer forma, o fenômeno de pneumatofonia é quase sempre espontâneo e apenas raramente pode ser provocado. (*Veja sobre o assunto os itens 150 e 151 da obra citada.*)

Experiências posteriores à codificação demonstraram que, no fenômeno da voz direta, o Espírito fala através de uma garganta ectoplásmica, podendo sua voz imitar a de sua precedente existência terrena.

Com relação aos médiuns auditivos, "O Livro dos Médiuns", no item 165, informa que eles ouvem a voz dos Espíritos e podem assim entrar em conversação com eles. Algumas vezes o que ouvem é uma voz íntima que se faz ouvir na consciência; de outras vezes é uma voz exterior, clara e distinta como a de uma pessoa encarnada. Tal faculdade é muito agradável quando o médium ouve somente bons Espíritos ou apenas os que ele chama; mas o mesmo não acontece quando um mau Espírito se encarna ao pé dele e lhe faz ouvir a cada minuto as mais desagradáveis coisas.

Entendemos, por fim, que existe uma diferença bem clara entre a pneumatofonia e a mediunidade auditiva, no seguinte aspecto: a voz direta pode geralmente ser ouvida por todos os presentes, como pudemos verificar pessoalmente em duas oportunidades, uma em Águas de Prata, outra em Curitiba, e reproduz a voz própria do Espírito comunicante. Assim é que José Grosso comparece com seu vozeirão característico e Scheilla, com a singeleza que lhe é peculiar. Quanto aos sons captados pelos médiuns auditivos, só eles é que os ouvem.

6/5/2012

Edição

259

Aimoré de Oliveira Silva, do Rio de Janeiro, RJ, em carta datada do dia 1º de abril deste ano, publicada anteriormente nesta revista, pede-nos uma explicação, sob a ótica espírita, da citação de Paulo em Hebreus (9:27) e o que se sabe sobre o V Concílio Ecumênico de Constantinopla do ano de 553, em que a ideia da reencarnação foi abolida.

Eis o que dizem os versículos 27 e 28 do capítulo 9 da epístola aos Hebreus:

"E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação."

Embora vários estudiosos do Espiritismo entendam que o texto acima não tem o significado que os adversários da reencarnação lhe atribuem, parece-nos que não existe dúvida de que o autor da carta pretendeu passar a seus leitores a ideia de que o chamado juízo final viria em seguida à morte do indivíduo, o que significa que ele não voltaria à carne e, por conseguinte, não morreria segunda vez.

Trata-se de uma mera opinião, que não tem sustentação no próprio Novo Testamento, em que ninguém, especialmente Jesus, alude ao assunto.

É preciso que se diga, no entanto, que a própria Igreja atribui a autoria da epístola aos Hebreus a outras pessoas, não a Paulo. (Cf. *A Bíblia Sagrada, vol. I, pp. IX, XXX e XXXI, publicada por Livros do Brasil S.A., e Bíblia, Mensagem de Deus, p. 207, publicada por LEB - Edições Loyola.*)

O respeitado escritor Carlos Torres Pastorino, no 1º volume de sua obra *Sabedoria do Evangelho*, também afirma que a autoria da epístola aos Hebreus é discutível, fato que explica, em parte, por que foge ela ao estilo característico das chamadas epístolas paulinas.

No meio espírita há, como dissemos, quem discorde da ideia de que a carta aos Hebreus, seja qual for seu autor, constitua um manifesto contra a doutrina da reencarnação. Cláudio Fajardo e José Reis Chaves alinham-se nesse grupo, como o leitor poderá verificar lendo os textos seguintes:

Paulo, Perspectiva Espírita - Morrer Uma Só Vez, de Cláudio Fajardo, disponível na internet em <http://espiritismoeevangelho.blogspot.com/> e

O homem morre uma vez só, e seu Espírito é imortal, de José Reis Chaves, disponível na internet em http://www.oconsolador.com.br/ano4/178/jose_chaves.html

*

A respeito do V Concílio Ecumênico de Constantinopla, realizado em 553, em que a ideia da reencarnação foi abolida, há um texto muito interessante e que vale a pena ler. Seu título é

Reencarnação – uma questão para análise, de autoria de Vicente Chagas. Eis o link que remete o leitor ao texto - <http://www.projetoavega.com.br/novo/?p=649>

Lembra o autor do artigo em pauta que a reencarnação era, nos primeiros séculos do Cristianismo, uma crença comum no seio dos seguidores do Cristo, mas isso se modificou com o advento do Catolicismo. A abolição dessa ideia, consumada no V Concílio Ecumênico de Constantinopla, em 553, teria sido motivada por influências externas, como a exercida pelo então imperador Justiniano, um fato que Vicente Chagas desenvolve no texto acima mencionado.

13/5/2012

Edição

260

Um amigo nos pergunta qual é, nos fenômenos espíritas ou sonambúlicos, o limite onde se detém a ação própria da alma humana e onde começa a do Espírito?

Primeiramente, esclareça-se que a expressão "alma humana" diz respeito a um indivíduo que se encontra encarnado. Já a palavra "Espírito" diz respeito a um indivíduo desencarnado.

Essa divisão, conforme Allan Kardec nos ensina no livro *Obras Póstumas*, não existe, ou melhor, nada tem de absoluta, porque "alma" e "Espírito" não são, de nenhum modo, espécies distintas. A alma não é senão um Espírito encarnado, e o Espírito, uma alma livre dos laços terrestres. Trata-se, portanto, de um

mesmo ser em estados ou situações diferentes; portanto, suas faculdades e aptidões são exatamente as mesmas.

O sonambulismo é um estado transitório entre a encarnação e a desencarnação, um desligamento parcial, um pé que o indivíduo coloca, por antecipação, no mundo espiritual. A alma encarnada ou o Espírito próprio do sonâmbulo ou do médium pode, pois, fazer, com pouca diferença, o que fará quando estiver desencarnada, com a única diferença de que, por sua libertação completa decorrente da desencarnação, o indivíduo desencarnado tem percepções especiais inerentes ao seu estado de Espírito livre.

A distinção entre o que, num dado efeito, é produto direto da alma do médium, e o que provém de uma fonte estranha, muitas vezes é difícil de ser feita, porquanto, com frequência, essas duas ações se confundem e se corroboram.

Assim é que, nas curas pela imposição de mãos, o indivíduo encarnado pode agir sozinho ou contar com a assistência de um desencarnado, do mesmo modo que a inspiração poética ou artística pode ter uma dupla origem. Todavia, do fato de ser difícil a distinção, não se segue que seja impossível. A dualidade, com frequência, é evidente, e, em todos os casos, ressalta quase sempre de uma observação atenta.

Nos textos psicografados, enquanto o conteúdo procede do indivíduo desencarnado que se comunica, a forma, o estilo, o modo como ele é grafado pode ser inteiramente do médium, exceto nos casos em que até o estilo do comunicante é preservado, fato que certamente fez famosa e respeitada a obra *Parnaso de Além-Túmulo*, de autoria de poetas diversos por intermédio do médium Francisco Cândido Xavier.

20/5/2012

Edição 261

Uma pergunta recorrente, toda vez que se discute a chamada Santíssima Trindade, é esta: estaria a divindade do Cristo provada por seus milagres?

Segundo a Igreja, sim. A divindade do Cristo estaria estabelecida principalmente pelos milagres, como testemunho de um poder sobrenatural.

Tal ideia teve certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; mas hoje, em que a ciência levou suas investigações até as leis da Natureza, os milagres encontram mais incrédulos do que crentes.

Aliás, a própria Igreja retira aos milagres toda a sua importância como prova da divindade do Cristo quando admite que o demônio também pode fazê-los tão prodigiosos quanto o Cristo, um pensamento – no tocante à capacidade do demônio – comum aos judeus quando Jesus ainda estava entre nós, porque eles então achavam que os prodígios feitos pelo filho de Maria denunciavam algum conluio entre ele e Satanás.

Com efeito, se o demônio tem tal poder, fica evidente que os fatos considerados milagrosos não têm, de modo nenhum, caráter exclusivamente divino.

Se o demônio pode fazer coisas admiráveis para seduzir até mesmo os eleitos, como podemos, simples mortais, distinguir os bons milagres dos maus?

O caráter essencial do milagre, no sentido teológico, é ser uma exceção nas leis da Natureza e, por conseguinte, um fato inexplicável por essas mesmas leis. A partir do momento em que pode ser explicado e tem uma causa conhecida, cessa de ser milagre. Foi assim que as descobertas da ciência fizeram entrar no domínio do natural certos efeitos qualificados de prodígios enquanto a causa ficara ignorada.

Depois, com o advento do Magnetismo e do Espiritismo e o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do *perispírito*, os homens passaram a ter a chave dos fenômenos de ordem psíquica, ficando provado então que os fatos antes considerados miraculosos não constituem derrogações das leis da Natureza, mas, ao contrário, simples aplicações dessas mesmas leis.

Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, da presciência, das curas instantâneas, das possessões, das obsessões, das aparições etc., que formam a quase totalidade dos "milagres" do Evangelho, pertencem a essa categoria de fenômenos perfeitamente explicáveis pelas luzes que os novos conhecimentos nos trouxeram.

A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como tendo sido realizados por Jesus está hoje completamente demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais que são.

Ora, uma vez que se produzem sob os nossos olhos, seja espontaneamente, seja por provocação, não há nada de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às de nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns etc. Desde o instante que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes graus, numa multidão de indivíduos que nada têm de divino, que são encontradas mesmo entre os heréticos e os idólatras, elas não implicam, de modo nenhum, uma natureza sobre-humana.

27/5/2012

Edição 262

Um velho amigo pergunta-nos se é possível receber comunicações transmitidas por crianças desencarnadas.

Sim, é possível, embora não constitua um fato comum.

Entendemos que nesse caso duas situações podem ocorrer. A primeira é a comunicação de Espíritos que se fazem crianças para poderem, com a linguagem própria da criança, atingir com maior facilidade as pessoas a quem se dirigem.

A segunda é a comunicação de Espíritos que ainda conservam no plano espiritual a forma infantil, um fato que é mencionado por diversos autores, como Cairbar Schutel (*A Vida no Outro Mundo*, págs. 93 a 100), Irmão Jacob (Voltei), André Luiz (*Entre a Terra e o Céu*, cap. X, págs. 64 e 65) e o próprio Codificador do Espiritismo (*Revista Espírita de 1859*, Edicel, pág. 236).

Há no meio espírita pessoas que acham que o Espírito de uma criança desencarnada retoma de imediato sua personalidade de adulto. Isso, de fato, em muitas ocasiões é o que acontece. Tal é o caso do Espírito que já alcançou elevada classe evolutiva e, portanto, é capaz de manter o comando mental de si mesmo. Espíritos assim têm o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura.

Para a grande maioria das crianças desencarnadas o caminho não é, porém, o mesmo.

Segundo podemos ver no cap. X do livro *Entre a Terra e o Céu*, de André Luiz, as almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente acham-se longe do autogoverno e são conduzidas pela Natureza, à maneira das criancinhas no colo materno. Não sabendo desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. Necessitam, portanto, de um período mais ou menos longo de

recuperação, e a variação desse tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior. É por isso que existem escolas no plano espiritual nas quais as crianças desencarnadas se desenvolvem e se aprimoram, com vistas aos desafios futuros.

Com respeito à manifestação mediúnica de crianças desencarnadas, o livro *Crianças no Além*, psicografado por Chico Xavier e publicado em 1976 pela GEEM Editora, constitui exemplo expressivo.

Sobre seu autor espiritual (Marcos), Emmanuel escreveu no prefácio as seguintes palavras:

“Marcos é o companheiro em readaptação na Vida Maior, após haver deixado o corpo de menino num acidente de trânsito.

Ainda a sentir-se criança, no degrau evolutivo em que se acha, escreve aos pais, de modo comovedor, trazendo notícias dele mesmo e dos irmãos que se lhe associaram à prova.

A palavra simples e eloquente do garoto amigo, a identificar-se, quanto possível, para reconforto dos entes queridos, aqui se encontra, demonstrando que, além da morte do corpo, o Espírito prossegue atendendo aos condicionamentos indispensáveis à conquista da evolução que não dá saltos.

Marcos-menino continuará Marcos-menino, por algum tempo, na Espiritualidade, qual acontece ao Espírito, mesmo quando procede de Altos Cimos da Vida Superior, ao retornar à Terra, para certos fins, sempre compelido a passar pela estação da infância.”

3/6/2012

Edição

263

Um amigo pergunta-nos se os Espíritos são realmente imortais, isto é, jamais terão fim. Em caso afirmativo, que significa a expressão “segunda morte”?

A imortalidade dos Espíritos constitui um dos princípios fundamentais da doutrina espírita. É claro que nós – seres espirituais – somos imortais. A morte atinge tão-somente o corpo material, que é perecível, mas a alma ou Espírito nada sofre, pois sobrevive ao fenômeno chamado morte e prossegue em sua marcha incessante, rumo à perfeição, que é a meta para a qual fomos criados.

Acerca do assunto, a fonte principal, em matéria de Espiritismo, é *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, a primeira e mais importante obra dentre as que compõem a doutrina espírita, da qual pinçamos os trechos seguintes:

“... a existência dos Espíritos não tem fim.” (L.E., n. 83)

“A vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.” (L.E., n. 153)

“Primeira classe. Classe única. Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.” (L.E., n. 113)

“O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é antirreligioso.” (L.E., n. 222)

“A que se deve atribuir o relaxamento dos laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade, senão à ausência de toda crença?

Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida." (L.E., Conclusão, n. III)

*

A expressão "segunda morte" é examinada por André Luiz em seu livro *Libertação*, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Conforme o que André Luiz expôs na referida obra, a expressão segunda morte é aplicada no plano espiritual aos casos em que há perda do veículo perispiritual, ou corpo espiritual, a que se refere Paulo de Tarso em uma de suas epístolas, o qual, embora estruturado em um tipo de matéria mais rarefeita, seria também transformável e perecível como os corpos físicos.

Do mesmo modo que há companheiros que se desfazem do veículo perispiritual rumo a esferas sublimes, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual. Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos eles geraram em centro de interesses fundamentais. "Grande número, nessas circunstâncias, mormente os participantes de condenáveis delitos, imantam-se aos que se lhes associaram nos crimes", diz Gúbio (*Libertação, cap. VI, pp. 84 a 86*).

Ernesto Bozzano refere-se ligeiramente ao assunto em seu livro *A Crise da Morte*. Segundo Bozzano, há relatos espirituais que informam que existe uma espécie de "segunda morte" nas esferas espirituais, precisamente como se morre no mundo dos vivos, ou seja, quando um Espírito chegou à maturidade espiritual, adormece e desaparece do seu meio, sem que os outros saibam o que foi feito dele (*A Crise da Morte, pp. 133 e 134*).

O confrade Paulo Nagae escreveu sobre o tema um interessante artigo, que pode ser visto no seguinte endereço eletrônico: <http://www.espacoespirtita.net/modules/smartsection/item.php?itemid=196>

De forma resumida, diz Nagae, a morte do corpo perispiritual, ou segunda morte, ocorre quando o Espírito, em sua caminhada para Deus, passa a reencarnar em mundos nos quais necessita de um corpo espiritual mais sutil. Esse fato pode ocorrer também no caso da formação de ovoides, quando uma ideia obsessiva de ódio ou vingança, por exemplo, destrói momentaneamente o corpo espiritual.

É de notar, porém, em todos os textos citados, que o fato designado pela expressão "segunda morte" não atinge a alma, mas tão-somente o veículo que ela utiliza, o qual será substituído no momento oportuno, porque a alma, como já vimos, é imortal.

10/6/2012

Edição 264

Ester Rodrigues, do Rio de Janeiro-RJ, em carta publicada na edição passada, apresentou-nos as seguintes perguntas:

1) No culto do Evangelho no Lar, leio e peço em voz alta para as pessoas com doenças graves que conheço ou não. Faz mal pedir por eles no culto do lar e manter estes nomes em casa?

2) Freqüente reuniões há 3 anos e observei que existem médiuns incorporados que dão passe mas não falam. Por que não falam se incorporam há tanto tempo?

3) Por que existem médiuns de incorporação que prestam caridade vestidos de branco e outros de roupas escuras ou cores fortes? Para mim, a cor da roupa não tem influência sobre o médium e sim sua conduta. Estou certa?

Segundo o que aprendemos na doutrina espírita, eis o que pensamos a respeito das questões propostas:

1) Orar pelas pessoas enfermas é um ato de caridade e nada há que se possa opor a ele. O que devemos evitar no culto do Evangelho no Lar é sua transformação em sessão de atendimento a desencarnados, porque tal tarefa, como sabemos, é realizada com maior proveito no ambiente de uma instituição espírita.

2) O médium passista – nome com que no Brasil designamos os tarefeiros do passe – pode ministrar o passe sem necessidade de incorporação. Divaldo Franco, no livro **Diretrizes de Segurança**, questão 69, afirma que o passe deve ser dado em estado de lucidez e absoluta tranquilidade, no qual o passista se encontre com saúde e com perfeito tirocínio, a fim de que possa atuar na condição de agente, não como paciente.

Segundo ele, os passes ministrados sob a ação de uma incorporação propiciam resultados menos valiosos, porque enquanto o médium está em transe ele sofre um desgaste, e aplicando o passe, ele sofre outro desgaste, o que significa um duplo dispêndio de forças. Por fim, explica Divaldo: “Os Espíritos, para ajudarem, principalmente no socorro pelo passe, não necessitam, compulsoriamente, de retirar o fluido do médium, nele incorporando. Podem manipular, extrair energia, sem o desgastar, não sendo, pois, necessário o transe”.

Quanto a falar, a dizer alguma coisa, a dar alguma orientação aos que recebem o passe, eis procedimentos que não se coadunam com a tarefa. O passe deve ser ministrado em silêncio, sem comentário de nenhuma espécie. O atendimento fraterno e as orientações prestadas aos pacientes devem ser dados em outra oportunidade e não no momento do passe.

3) A leitora está certa: a cor da roupa não tem influência nenhuma sobre o resultado da atividade mediúnica. O que se recomenda, no tocante ao vestuário, é que ele seja simples e confortável, nada mais. A propósito do assunto, no cap. 25 do livro **Desobsessão**, André Luiz recomenda aos médiuns o uso do vestuário que lhes seja mais cômodo para a tarefa, alijando, contudo, os objetos que as pessoas costumam trazer jungidos ao corpo, como sejam relógios, canetas, óculos e joias.

17/6/2012

Edição 265

Um amigo que está se iniciando no exercício da faculdade mediúnica de psicografia pede-nos que expliquemos quais são as principais variedades da mediunidade psicográfica e as suas diferenças.

Na obra de Allan Kardec, o assunto é tratado em minúcias em pelo menos duas conhecidas obras: *O Livro dos Médiuns* e *Obras Póstumas*.

Dá-se o nome de médiuns escreventes ou psicógrafos às pessoas que escrevem sob a influência dos Espíritos. Essa faculdade mediúnica apresenta três variedades bem distintas: médiuns *mecânicos*, *intuitivos* e *semimecânicos*.

As explicações seguintes encontramos em Kardec.

No *médium mecânico*, o Espírito age diretamente sobre a mão à qual dá o impulso. O fato que caracteriza esse gênero de mediunidade é a inconsciência absoluta do que se escreve. O movimento da mão é independente da vontade; ela prossegue sem interrupção, e apesar do médium, enquanto o Espírito tenha alguma coisa para dizer, e se detém quando ele conclui seu pensamento.

No *médium intuitivo*, a transmissão do pensamento se faz por intermédio da alma ou Espírito do médium. O Espírito estranho, nesse caso, não age sobre a mão para dirigi-la, age sobre a alma com a qual se identifica e à qual imprime a sua vontade e suas ideias. O médium recebe o pensamento estranho e o transcreve. Nessas condições, o médium escreve voluntariamente e tem consciência do que escreve, embora o texto escrito não seja a expressão do seu próprio pensamento.

Frequentemente é bastante difícil distinguir o pensamento próprio do médium daquele que lhe é sugerido, o que leva muitos médiuns desse gênero a duvidarem de sua faculdade.

Pode-se reconhecer o pensamento sugerido no fato de que ele não é jamais preconcebido; que ele nasce à medida que se escreve e, com frequência, é contrário à ideia prévia que se formou, e pode mesmo estar fora dos conhecimentos e das capacidades do médium.

Existe grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração. A diferença consiste em que a mediunidade intuitiva está mais frequentemente restrita às questões da atualidade e pode se aplicar fora da capacidade intelectual do médium. Um médium pode tratar, por intuição, de um assunto ao qual é completamente estranho. A inspiração se estende sobre um campo mais vasto e vem, geralmente, em ajuda à capacidade e às preocupações da pessoa encarnada. Em face disso, os traços da mediunidade são aí, em geral, menos evidentes.

O médium *semimecânico* ou *semi-intuitivo* participa das duas outras variedades. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico sente um impulso dado à sua mão, apesar dele, mas, ao mesmo tempo, tem consciência daquilo que escreve à medida que as palavras se formam. No primeiro caso, o pensamento segue o ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, ele o acompanha.

Leia também sobre o assunto o texto publicado nesta mesma seção na edição 188 desta revista. Eis o *link* que remete o leitor ao texto mencionado: <http://www.oconsolador.com.br/ano4/188/oespiritismoresponde.html>

24/6/2012

Edição 266

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Alcídio, de São Francisco de Paula-RS, discorda da informação publicada na edição passada na seção de Cartas desta revista, em que foi dito a uma leitora que existem animais no plano espiritual. Segundo ele, não há nas obras da Codificação Kardequiana nem na Revista Espírita referência à existência de animais no plano espiritual, e

não é prudente fiar-nos nas informações de André Luiz porque suas obras não teriam passado pelo critério da concordância universal, estabelecido por Allan Kardec para aferição da verdade.

Lemos na questão n. 600 d' O Livro dos Espíritos:

– Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem? “Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado **quase imediatamente**. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.” (*Grifamos.*)

É bom que o leitor atente para a expressão “quase imediatamente”, que não tem o mesmo sentido de “imediatamente”. Se a alma do animal reencarnasse imediatamente, não haveria motivo para o uso do advérbio “quase”.

Perguntaram certa vez ao conhecido escritor Celso Martins: “Na questão 600 do Livro dos Espíritos, os Espíritos esclarecem que o princípio inteligente ainda vinculado à fase animal da evolução, após a desencarnação, é classificado pelos dirigentes espirituais e aproveitado quase imediatamente, sem entrar em relação com outras criaturas. Não é um espírito errante. No entanto, dentre outros autores espirituais, André Luiz nos dá notícia da existência de animais no mundo espiritual. Como explicar esse fato? Seriam esses animais plasmados pelos espíritos, como as plantas o são, segundo descrição de alguns autores daquele plano?”

Celso respondeu: “Kardec não podia dizer tudo de uma só vez. Até porque o mundo não entenderia, como não entende até hoje temas mais simples. A meu ver, André Luiz apenas ampliou e aprofundou os assuntos quando a humanidade teve mais elementos na psicologia animal para entender a matéria”. (*A entrevista completa pode ser lida na internet clicando-se em <http://www.omensagemiro.com.br/entrevistas/entrevista-58.htm>.*)

O ensino espírita é, por sua natureza, progressivo e não se fundamenta somente nas comunicações, mas igualmente na observação, fato que levou o Codificador a classificar o Espiritismo como ciência de observação.

Com respeito à presença de animais no plano espiritual os relatos são muitos e feitos por pessoas idôneas e capacitadas.

Na própria Revista Espírita, no número de maio de 1865, Kardec inseriu uma carta de um correspondente radicado em Dieppe, o qual alude à manifestação da cadelinha Mika, então desencarnada, fato esse que foi percebido pelo autor do relato, por sua mulher e por uma filha que dormia no quarto ao lado.

Comentando esse caso, o confrade Fausto Fabiano da Silva escreveu que tudo poderia ser bem simples, se déssemos alguma outra causa ao som que foi ouvido. Contudo, as palavras de um Espírito sobre o ocorrido, realizada em comunicação mediúnicamente, em 21 de abril de 1865, pelo médium Sr. E. Vézy, publicada no mesmo número da Revista Espírita, impõe-nos um novo rumo às conclusões, visto que esse Espírito disse textualmente: “A manifestação, portanto, pode ocorrer, mas é passageira...”. Assim, a frase encontrada na questão 600 d' O Livro dos Espíritos, a respeito da alma de um animal: “Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas” pode ser interpretada como uma tendência geral, e não como princípio absoluto e inflexível. (*O texto do confrade Fausto pode ser lido na internet clicando-se em:*

<http://www.portalespiritualista.org/artigos-revistas/949-os-animais-no-mundo-espiritual.>)

Os casos relacionados com o assunto são inúmeros. Irvênia Prada cita em sua obra dois deles, um que se passou com Chico Xavier, outro com Divaldo Franco. O pesquisador espírita Ernesto Bozzano, autor do livro "A Alma nos Animais", publicado, originalmente, em italiano, com o título *Animali e manifestazioni metapsichici*, em 1923, portanto, antes da série André Luiz, relata vários casos de almas de animais que foram vistas ou ouvidas por uma ou mais pessoas, valendo ressaltar que o Padre Germano, personagem principal do clássico *Memórias do Padre Germano*, tanto para Chico Xavier quanto para Divaldo Franco, sempre se apresentou, em espírito, acompanhado de seu fiel amigo Sultão.

De igual modo, Chico Xavier, em carta enviada a Wantuil de Freitas, relatou ao então presidente da FEB o seguinte fato: "... Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chamava-se Lorde e fez-se meu companheiro, inclusive de preces, porque, à noite, postava-se junto a mim, em silêncio, ouvindo música. Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em espírito, vinha ter comigo, era sempre acompanhado por ele, que se me apresentava à visão espiritual com insignificante diferença. Atrevo-me a contar-te as minhas experiências, porque também passaste por essa dor de perder um cão leal e amigo. Geralmente, quando falamos na sobrevivência dos animais, muita gente sorri e nos endereça atitudes de piedade. Mas a vida é uma luz que se alarga para todos..." ("*Testemunhos de Chico Xavier*", de Suely Caldas Schubert, pág. 283, 2ª edição.)

Verifica-se por todo o exposto que as informações contidas nas obras de André Luiz não são descrições delirantes, pois descrevem tão-somente o que em várias partes do mundo pôde ser observado, ou seja, que existem, sim, animais desencarnados no plano espiritual, embora sua reencarnação "quase imediata" constitua a regra.

1º/7/2012

Edição 267

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor José Xavier pergunta-nos qual é, exatamente, a diferença entre expiação e prova.

Lembremos, em primeiro lugar, que o planeta Terra é classificado pelos Espíritos superiores como um mundo de provas e expiação.

Prova é o mesmo que teste. Recebido o aprendizado na vida espiritual ou na existência corpórea, o Espírito terá de provar que assimilou o que aprendeu.

São provas a riqueza e a pobreza, a beleza e a fealdade, o poder e a subalternidade, a vida difícil e a vida fácil, nascer num meio pacífico ou num meio violento, viver em uma região voltada para a paz ou viver em região conflagrada pela guerra.

A prova, como é fácil perceber, independe do insucesso anterior. É claro que, tal como na escola, se o aluno não passar na provas finais relativas ao ano 1, terá de repeti-lo, e só passará ao ano 2 quando as enfrentar e superá-las.

Dizia o saudoso escritor J. Herculano Pires que as provas não vêm em nosso caminho para nos abater ou esmagar, mas para serem superadas e assimiladas.

Expição é uma palavra oriunda do verbo expiar, que significa remir culpa, sofrer, padecer, em consequência de um ato errado que se cometeu, seja na atual existência, seja em existências passadas.

Quem matar uma pessoa valendo-se de uma espada, desta será vítima. A semeadura é livre, mas a colheita é compulsória. Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Estas são expressões fundamentadas em ensinamentos transmitidos por Jesus e que servem de exemplos de como funciona em nossa vida a conhecida lei de causa e efeito, ou de ação e reação.

A Terra é, e o será por bom tempo, um mundo de provas e expiações porque os Espíritos que aqui reencarnam são bastante atrasados e necessitam dessas experiências.

A respeito do tema expiação, colhemos em "O Livro dos Espíritos" três ensinamentos que nos parecem fundamentais.

O primeiro – constante da questão 262 – diz-nos que Deus sabe esperar e não apressa a expiação.

O segundo – expresso na questão 998 – ensina-nos que a expiação se cumpre durante a existência corporal mediante as provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais, inerentes ao estado de inferioridade do Espírito. Esses sofrimentos por que passa o indivíduo no plano espiritual é que, em muitos casos, determinam o rumo que ele decide seguir na existência corpórea seguinte.

O terceiro, certamente o mais importante, explica por que na sociedade em que vivemos as classes sofredoras são mais numerosas do que as felizes.

Apresentada tal questão aos Espíritos superiores, eis o que Kardec consignou na questão 931 da obra mencionada: "Nenhuma é perfeitamente feliz e o que julgais ser a felicidade muitas vezes oculta pungentes aflições. O sofrimento está por toda parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes a que chamas sofredoras são mais numerosas, por ser a Terra lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz aí e ela lhe será o paraíso terrestre."

8/7/2012

Edição 268

Em carta publicada na edição passada em nossa revista, o confrade Jaime Mendoza Palomino, da Colômbia, indaga sobre a opinião desta revista acerca da identidade de André Luiz.

Na carta, o confrade diz ter lido o texto publicado no Anuário Espírita de 2004 em que é dito que André Luiz seria o médico e cientista Dr. Carlos Chagas.

Posteriormente, ele leu também o livro ditado pelo Espírito do Dr. Inácio Ferreira, no qual, em uma visita ao Nosso Lar, André diz ter sido Carlos Chagas, fato que lhe causou estranheza porque no livro "Nosso Lar", quando André narra sua vida de encarnado, nada em sua vida coincide com a vida do Dr. Carlos Chagas.

"Pensei muito – diz Jaime Mendoza Palomino – e creio que talvez seja um homônimo, pois o médico e cientista que deu o nome ao Mal de Chagas era outro. Se o Dr. Ferreira tivesse perguntado a André Luiz, este teria elucidado o

quebra-cabeças. Assim, peço-lhes o favor de informar-me se os senhores voltaram a tratar do assunto.”

Realmente, nada na vida de André Luiz coincide com a vida do Dr. Carlos Chagas, como foi mostrado, com toda a clareza, em artigos publicados nesta revista, que dedicou ao assunto dois Especiais: **André Luiz: Cruz ou Carlos Chagas?**, de Jáder Sampaio, publicado na edição 12 – eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/12/especial.html> – e **Terá sido o Espírito André Luiz o dr. Carlos Chagas?**, de Pedro Bezerra Neto, publicado na edição 138 – eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/138/especial.html>

Além da divergência completa entre a biografia do Dr. Carlos Chagas e as informações sobre a vida de André Luiz contidas nas obras psicografadas por Chico Xavier, existe a questão das datas, porque, havendo André Luiz permanecido 8 anos no chamado Umbral, fato que é mencionado no livro “Nosso Lar” e também no cap. 35 do livro “Na Próxima Dimensão” do Espírito Inácio Ferreira, 1ª edição, em que André reafirma ter estado no Umbral pelo mesmo tempo citado, ou seja, 8 anos, não poderia o Espírito de Carlos Chagas – que faleceu em 1934 – ter assistido em 1939 à eclosão da 2ª Guerra Mundial, descrita no livro “Nosso Lar”, e escrito os dois primeiros livros da série André Luiz, por absoluta carência de tempo para tal esforço. Essa questão das datas é esmiuçada, com notável precisão, pelo confrade Pedro Bezerra Neto.

A hipótese de haver um outro Carlos Chagas, homônimo do notável cientista, seria a única explicação para tantas divergências. Resta saber se, de fato, existiu essa pessoa.

15/7/2012

Edição 269

O leitor Ary Mauro Ribeiro, Belo Horizonte-MG, em carta datada de 21 de junho de 2012, solicita-nos informações com respeito ao tema autismo na visão do Espiritismo.

O assunto não foi, por motivos óbvios, tratado nas obras fundamentais da doutrina espírita, mas já foi examinado por alguns confrades.

Dentre as matérias já publicadas em nossa revista, podemos indicar três em que o leitor pode extrair alguns subsídios sobre o tema:

1. Entrevista com a educadora carioca Cristina Maria Carvalho Delou, disponível em <http://www.oconsolador.com.br/ano3/123/entrevista.html>
2. Entrevista com a educadora cearense Eugênia Maria Pinheiro Ramires, disponível em <http://www.oconsolador.com.br/ano3/106/entrevista.html>
3. Artigo de autoria do médico Américo Domingos Nunes Filho, do Rio de Janeiro-RJ, disponível em http://www.oconsolador.com.br/ano3/104/americo_filho.html

No seu artigo, Américo Domingos Nunes Filho diz que o autismo se caracteriza por um grave transtorno do desenvolvimento da personalidade, revelando uma perturbação característica das interações sociais, comunicação e comportamento. O autista tem tendência ao isolamento, não responde satisfatoriamente aos chamados e demonstra certo desinteresse pelas pessoas. Embora o autismo tenha sido descrito pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner, suas causas permanecem ainda desconhecidas, apresentando, porém, fortes indícios de ser ocasionado por fatores genéticos.

Nas poucas obras escritas por autores espíritas em que o tema é tratado, é evidente a relação entre a situação do paciente e graves deslizes cometidos por ele em existências passadas, como se dá, por exemplo, nos casos de esquizofrenia.

Ainda de acordo com o confrade carioca, o comportamento do portador do transtorno autista é caracterizado por atos repetitivos (rotinas e rituais não funcionais, repertório restrito de atividades e interesses) e movimentos estereotipados, bem elaborados e intensos, podendo igualmente ser observados alguns sintomas comportamentais como hiperatividade, agressividade, inclusive contra si próprio, impulsividade e agitação psicomotora.

Três obras espíritas focalizam o tema em questão: **Com Quem tu Andas?**, de Hermínio C. Miranda, Jorge Andréa e Suely Caldas Schubert; **Os Poderes da Mente**, de Suely Caldas Schubert, e **Autismo, uma leitura espiritual**, de Hermínio C. Miranda.

22/7/2012

Edição 270

Alguns leitores de nossa revista pedem-nos com frequência esclarecimentos a respeito do mal de Alzheimer e como a doutrina espírita vê essa doença.

O assunto já foi tratado nesta revista em três oportunidades, como o leitor pode conferir nos textos seguintes:

Editorial n. 68 - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/68/editorial.html>

O Espiritismo responde n. 143 -

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/143/oespiritismoresponde.html>

Cartas n. 259 - <http://www.oconsolador.com.br/ano6/259/cartas.html>

A propósito do assunto, o confrade Leonardo Marmo Moreira, colaborador de nossa revista e conhecido estudioso da doutrina espírita, escreveu, a nosso pedido, algumas considerações a respeito do tema, que adiante resumimos.

O mal de Alzheimer consiste em um grave distúrbio mnemônico ainda pouco conhecido em suas complexidades pela ciência atual. Essa doença caracteriza-se por esquecimentos bastante pronunciados, sobretudo da chamada "memória curta", também denominada "memória recente". A partir de determinado momento, a sintomatologia vai-se agravando e o paciente passa também a perder a lembrança de fatos mais distantes no tempo, ou seja, a "memória longa ou distante". Por último, o indivíduo perde a chamada "memória da rotina", não conseguindo mais desenvolver tarefas triviais do cotidiano sem a ajuda de outrem. É por essa razão que os médicos e terapeutas recomendam aos pacientes manter a rotina, para que a segurança no desempenho das atividades corriqueiras do cotidiano não seja afetada.

Exemplos bastante drásticos de tal patologia, mas não necessariamente raros, abrangem casos esdrúxulos como o paciente que passa a guardar o relógio ou o telefone dentro da geladeira, ou casos como um homem que durante toda a vida fez perfeitamente o nó da gravata (ou amarrou os cadarços dos sapatos) e que, a partir de certo momento, passa a não mais saber fazer tal tarefa.

A enfermidade pode ocorrer precocemente (como, por exemplo, em alguns pacientes de Síndrome de Down) e, como total, supostamente associada à hereditariedade. Mas, de um modo geral, o mal de Alzheimer verifica-se em pessoas de idade avançada – frequentemente, a partir dos 65 anos – e, neste caso, não teria necessariamente forte correlação genética.

Uma das peculiaridades do mal de Alzheimer é que seu diagnóstico é feito comumente por exclusão, ou seja, a partir da eliminação de outras hipóteses causais para o conjunto de sintomas de esquecimento apresentados pelo paciente. Isso ocorre porque outras opções de busca do respectivo diagnóstico envolvem, frequentemente, métodos altamente invasivos, como é o caso da biópsia cerebral, o que, obviamente, não deve ser o procedimento de escolha inicial por parte dos médicos e estudiosos dessa enfermidade.

As medidas preventivas mais recomendadas são a atividade física; a busca por uma ótima condição cardiorrespiratória; evitar ao máximo e, se ocorrer, controlar rigorosamente os sintomas do diabetes; a realização de trabalhos intelectuais, em que se recomenda até mesmo o exercício de práticas como a resolução de palavras-cruzadas e quebra-cabeças, entre outras.

Estudos desenvolvidos pela Associação Médico-Espírita do Brasil, em que destacamos a atuação da Dra. Alessandra Granero, médica geriatra, e do Dr. Décio Iandoli Júnior, renomado professor e autor de obras espíritas, têm levantado – no tocante ao Alzheimer – algumas hipóteses de causas espirituais, baseados em estudos sistemáticos de obras espíritas, como as obras de André Luiz. Estes estudiosos têm citado a rigidez de caráter (inflexibilidade), a culpa, os processos obsessivos graves, a depressão e os sentimentos doentios, tais como ódio e mágoa (sobretudo quando mantidos a médio e longo prazos), como causas espirituais para a ocorrência do mal de Alzheimer.

É interessante que características intelecto-morais relacionadas à religiosidade aparentemente não são facilmente perdidas, pelo menos nas fases iniciais da doença, o que permite com mais facilidade recorrer a terapias espirituais efetivas, com a participação ativa do paciente.

Obviamente, o papel da família em enfermidades desse tipo é de importância central, tanto para a melhoria da qualidade de vida do paciente, quanto do ponto de vista das questões espirituais, pois muitas vezes o grupo familiar está associado às causas cármicas que poderiam estar na raiz de tal problemática. O acompanhamento espiritual é fundamental também para a família, pois os entes queridos sofrem muito com o gradual “distanciamento” do ser amado, que passa por um processo lento, porém consistente, de perda de interação cognitiva com os familiares e amigos. Alguns chegam a afirmar tratar-se de um lento e gradual “processo de desencarnação”.

Se analisarmos que, em concordância com André Luiz em “Ação e Reação”, as tarefas desenvolvidas na terceira idade repercutem muito em nossa futura condição espiritual na erraticidade, devemos considerar de alta responsabilidade o esforço dos amigos, familiares e terapeutas, mesmo que aparentemente improfícuo, na melhoria das condições dos irmãos que estão passando por essa provação. A necessidade de trabalho intelectual e a tendência à depressão denotam a necessidade de amplo esforço em tarefas de alto nível intelecto-moral.

As prováveis causas espirituais, como processos obsessivos e atitudes de intransigência moral, entre outras, indicam a necessidade de contínuo esforço de esclarecimento espiritual, se possível com leitura diária de páginas evangélico-doutrinárias e frequência, se possível semanal, à casa espírita para tratamento com passes.

29/7/2012

Edição 271

A leitora Maria Cristina da Silva Costa, de São Paulo-SP, pede-nos mais informações sobre o tema reencarnação, que ela gostaria de compreender melhor.

A palavra reencarnação significa o retorno de um Espírito a uma nova existência corpórea e com objetivos bem definidos.

Para entender bem o que ela representa em nossa vida, é preciso, primeiro, explicar o que significa a encarnação de um Espírito e qual a sua finalidade, assunto tratado na questão 132 d' O Livro dos Espíritos, em que Allan Kardec perguntou: Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

Os imortais responderam: "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta".

Verifica-se nessa resposta que é dupla a finalidade de uma encarnação. A primeira diz respeito ao indivíduo, cuja meta é chegar à perfeição e para isso necessita passar pela experiência encarnatória. A segunda relaciona-se com o bem coletivo e o progresso do planeta, que requer, para atingir seu objetivo, a participação daqueles que nele vivem.

O tema reencarnação apareceu primeira vez na obra de Kardec quando ele, considerando a precariedade de uma única existência corpórea, perguntou aos imortais: Como pode a alma acabar de se depurar?

Na questão 166 foi registrada a resposta: "Submetendo-se à prova de uma nova existência", isto é, reencarnando. Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade, eis o objetivo das múltiplas existências corpóreas.

Alguns anos depois da publicação d' O Livro dos Espíritos, em uma comunicação obtida em 1864 na Sociedade Espírita de Sens, um amigo espiritual reafirmou que a reencarnação é fator indispensável ao progresso espiritual. Sem ela o planeta ficaria estagnado.

Mais recentemente, com o advento dos livros psicografados por Chico Xavier, recebemos novas informações sobre a importância da reencarnação na formação da família e na reconciliação de pessoas que enfrentaram problemas no passado, além de representar, em si mesma, uma estação de tratamento e cura de certas enfermidades que costumam reclamar, às vezes, várias estações sucessivas.

Vê-se, portanto, que a reencarnação, longe de ser um castigo imposto pelo Criador, é uma bênção e uma ferramenta indispensável para que possamos atingir a meta para a qual fomos criados, ou seja, a perfeição.

5/8/2012

Edição 272

Um amigo e colaborador de nossa revista perguntou-nos, a propósito do título "Ensaio teórico da sensação nos Espíritos" dado por Kardec ao texto contido no

item 257 d' O Livro dos Espíritos: – Que devemos entender no contexto pela expressão “ensaio teórico”?

No item citado, Kardec procurou explicar, entre outras coisas, os sofrimentos por que passa uma entidade desencarnada, os quais seriam sempre, segundo ele, a consequência da maneira pela qual a pessoa viveu na Terra. “Certo – diz Kardec – já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles.”

Em resposta ao amigo, dissemos que, segundo entendemos, Kardec utilizou a palavra “ensaio” com o mesmo sentido que os dicionaristas franceses e brasileiros lhe dão, a saber:

Ensaio [do fr. *essai* < lat. tard. *exagiu*.]

S. m. Liter.

Obra literária em prosa, analítica ou interpretativa, sobre determinado assunto, porém menos aprofundada e/ou menor que um tratado formal e acabado.

*

Parece-nos que, com isso, o Codificador quis passar-nos a ideia de que o conteúdo do texto contido no item 257 era obra sua, não dos Espíritos, o que se coaduna com o que se descobriu mais tarde a respeito de um fato ignorado por ele e revelado muitos anos depois por Pierre Janet, Pitres, Bourru e Burot, assunto a que Gabriel Delanne se refere no livro "A Reencarnação", tradução de Carlos Imbassahy, publicado pela FEB, págs. 288 e 289.

Segundo as experiências realizadas pelos cientistas citados, tudo o que recebemos deixa em nós um traço indelével, mas as aquisições intelectuais não se apresentam simultaneamente à consciência.

A regra é que seu maior número seja esquecido; mas esse esquecimento não significa destruição. A subconsciência registra sempre os estados mentais e os associa indissolúvelmente aos estados fisiológicos contemporâneos, de sorte que, ressuscitando-se os primeiros, fazem-se renascer os segundos, e vice-versa.

Essa regressão da memória pode dar-se espontaneamente ou ser provocada por diferentes processos. Os espiritistas, praticando as experiências magnéticas, descobriram esse poder de renovação das lembranças terrestres durante a vida, e prosseguiram na regressão até os estados anteriores ao nascimento atual.

Descobriu-se desse modo que toda vez que a memória regride ao passado, reproduzem-se o “estado psicológico” e também o “estado fisiológico” correspondentes.

Pierre Janet, ao fazer regressão da memória em uma paciente adulta, levou-a à idade infantil. A paciente passou, então, a pensar e a falar como uma criança (estado psicológico) e, quando instada a escrever algo, disse que tinha o braço paralisado (estado fisiológico), um fato que realmente havia acontecido com aquela mulher quando criança.

As referidas pesquisas esclarecem por que um Espírito desencarnado apresenta-se, às vezes, com as sensações que enfrentou no hospital, dias antes do seu falecimento. Obviamente, ele não está enfrentando tais sensações, mas, preso àquele momento, por ignorar que desencarnou, por não estar liberado das reminiscências da última encarnação, reproduz o “estado fisiológico” e é por isso que “sente” de novo as sensações vividas naquele momento ao qual se prende.

Feita uma prece e aplicado nele um passe – como habitualmente fazemos nas sessões mediúnicas – a dor costuma desaparecer imediatamente, visto que o Espírito muda de estado, acorda para o momento atual em que vê familiares e amigos, e assim se liberta das sensações que revivia.

Verifica-se, assim, que as explicações contidas no item 257 do L.E. são notoriamente incompletas e, portanto, insuficientes para resolver todas as dificuldades relacionadas com o assunto, pelo simples motivo de que faltava a Kardec, quando as redigiu, o conhecimento de algo que só mais tarde pôde ser cientificamente observado.

O título "ensaio teórico" é, pois, perfeito e como tal é que devemos considerá-lo, ou seja, como algo que é apenas um "ensaio", uma tentativa de explicação, que se completa com as informações resultantes das pesquisas a que nos referimos.

12/8/2012

Edição 273

Um leitor pergunta-nos em que consistem, numa reunião mediúnica, as comunicações simultâneas e qual é, a esse respeito, a nossa opinião.

Comunicações simultâneas são aquelas que ocorrem ao mesmo tempo. Há grupos em que o fato envolve dois ou mais médiuns que dão passividade e transmitem comunicações simultaneamente. Em muitos grupos, porém, o fato não é admitido e, assim, as comunicações são neles sempre isoladas, trabalhando apenas um médium a cada vez.

No livro "Desobsessão", cap. 39, André Luiz reporta-se ao assunto e diz, com toda a clareza, que não é aconselhável se verifique o esclarecimento simultâneo **a mais de duas** entidades carecentes de auxílio.

A obra citada, que é referência em matéria de reuniões mediúnicas, sugere-nos a prática do esclarecimento simultâneo **a duas entidades** necessitadas de auxílio, não mais do que isso, para que a ordem seja assegurada.

As fotografias que ilustram os diversos capítulos do livro o comprovam.

De fato, se mais de duas entidades se comunicam ao mesmo tempo pela psicofonia, em uma sala que apresenta geralmente reduzidas dimensões, o vozerio pode inviabilizar a harmonia necessária ao andamento da reunião.

Há em nosso meio aqueles que entendem que o atendimento simultâneo a duas entidades, como sugerido por André Luiz, pode também causar tumulto e, por isso, preferem manter o que sempre se observou nas sessões mediúnicas, com apenas uma manifestação mediúnica de cada vez.

Entendemos, no entanto, que as comunicações simultâneas, longe de constituírem um problema, apresentam duas vantagens importantes. A primeira: duplica-se o número de comunicações e de atendimentos na reunião. A segunda: favorece de forma inegável o trabalho dos médiuns.

Quanto à suposta desarmonia, a solução é bem fácil. Basta que os médiuns psicofônicos sejam dispostos convenientemente na sala de sessões.

Digamos que – em um grupo dotado de 4 médiuns psicofônicos – os médiuns A e B sejam colocados numa das pontas da mesa, ao lado do primeiro esclarecedor, situando-se os médiuns C e D na ponta oposta, ao lado do segundo esclarecedor. Quando o médium A dá passividade, o B permanece calado e coopera mentalmente no esclarecimento. Encerrada a comunicação, o

médium B dá passividade e o médium A se retrai, verificando-se o mesmo processo na outra ponta, com o revezamento entre os médiuns C e D.

A conversação que se estabelece entre o esclarecedor e a entidade desencarnada é acompanhada pelos participantes próximos do esclarecedor, enquanto se dá o mesmo na outra ponta da mesa, de forma que, mantendo-se um tom de voz adequado, o diálogo numa das pontas da mesa não prejudique o outro, que é, como foi dito, realizado simultaneamente.

Esclarecemos que a ideia aqui exposta não é fruto de teoria, porque a temos praticado ao longo dos últimos 25 anos, sem problema nenhum, motivo pelo qual não poderíamos manifestar-nos de forma contrária ao que André Luiz expõe no livro mencionado.

19/8/2012

Edição 274

O confrade Francisco Tangarife, de Cali, Colômbia, depois de transcrever um trecho do cap. VII do livro "O Céu e o Inferno", de Kardec, pergunta-nos qual o significado da expressão

"vícios hereditários de constituição" contida no referido texto.

Para entendermos a dúvida do leitor e o significado da mencionada expressão, eis o trecho que ele extraiu da obra em foco:

"Pode-se admitir que o temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do espírito, que é a causa e não o efeito. Dizemos em parte, porque há casos em que o físico influencia certamente sobre a moral. Isto sucede quando um estado mórbido ou anormal se determina por uma causa externa acidental, independente do espírito, como a temperatura, o clima, os **vícios hereditários de constituição**, um mal-estar passageiro, etc." (*O negrito é nosso.*)

Vejamos agora o mesmo texto conforme a tradução feita por Manuel Quintão (Editora da FEB, 40ª edição):

"Pode admitir-se por conseguinte, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. E nós dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como quando um estado mórbido ou anormal é determinado por causa externa, acidental, independente do Espírito, como sejam a temperatura, o clima, os **defeitos físicos congênitos**, uma doença passageira, etc." (*O negrito é nosso.*)

Lembramos ao leitor que a tradução do livro "O Céu e o Inferno" feita recentemente pelo confrade Evandro Noletto Bezerra e publicada pela FEB consigna igualmente a expressão **defeitos físicos congênitos**, adotada na tradução de Manuel Quintão.

Ora, "defeitos físicos congênitos" não têm o mesmo significado de "vícios hereditários de constituição".

Defeitos congênitos são os que nascem com a pessoa e têm, portanto, relação com a programação reencarnatória feita pelo Espírito, independentemente de estarem ou não vinculados a atos do passado.

Segundo lemos no cap. 19 do livro "Ação e Reação", de André Luiz, identificamos na experiência terrestre três tipos de dores: a dor-evolução, a dor-expição e a dor-auxílio. Destas, apenas a dor-expição diz respeito aos erros cometidos no pretérito.

No tocante à **dor-auxílio**, eis as palavras com que o instrutor Druso a apresenta na obra a que nos referimos: "Em muitas ocasiões, no decurso da

luta humana, nossa alma adquire compromissos vultosos nesse ou naquele sentido. Habitualmente, logramos vantagens em determinados setores da experiência, perdendo em outros. Às vezes, interessamo-nos vivamente pela sublimação do próximo, olvidando a melhoria de nós mesmos. É assim que, pela intercessão de amigos devotados à nossa felicidade e à nossa vitória, recebemos a bênção de prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais frequentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual". A vinda ao mundo de uma criança com determinados defeitos de nascença pode enquadrar-se perfeitamente na finalidade mencionada pelo instrutor Druso. Se tais estados ou condições, como disse Kardec, interferem no moral e no temperamento de uma pessoa, eis um fato que podemos compreender muito bem.

Ninguém ignora que quando estamos sentindo forte dor de dente denotamos um mau humor característico. Imaginemos o que aconteceria se semelhante dor nos acompanhasse uma existência inteira!...

26/8/2012
Edição 275

Em carta publicada anteriormente nesta revista, o confrade Gustavo Oliveira, do Rio de Janeiro-RJ, diz-nos o seguinte: "Aqui estou para solicitar algum esclarecimento acerca da informação de um dos mentores na obra *Missionários da Luz*, cap. 13: **O organismo dos nascituros provém do corpo dos pais, mas a criatura herda tendências e não qualidades**. Que tendências são essas a que se refere o instrutor? Por acaso tais tendências estão relacionadas às 'tendências instintivas' mencionadas em *O Livro dos Espíritos*, questões números 393 e 394?"

Antes de responder ao leitor, é preciso dizer que no capítulo 13 da obra citada, na qual o leitor colheu a informação acima, há um complemento importante que é preciso destacar.

Em seguida à frase "**a criatura herda tendências e não qualidades**" o instrutor Alexandre acrescentou: "As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se. As segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma. Se o Espírito reencarnado estima as tendências inferiores, desenvolvê-la-ás, ao reencontrá-las dentro do novo quadro de experiências humanas. Assim, ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou de circunstâncias asfixiantes, em se referindo ao círculo onde renasceu. Haverá sempre, dentro de nós, a luz da liberdade íntima indicando-nos a ascensão. Praticando a subida espiritual, melhoraremos sempre". (*Missionários da Luz*, cap. 13, págs. 218 a 220.)

Está dito, pois, com toda a clareza no texto acima que as **tendências** nascem e cercam o indivíduo desde os primeiros dias de luta, mas as **qualidades**

deverão ser por ele adquiridas por meio do labor e da educação, no curso da existência, ampliando-se desse modo as que haja, porventura, conquistado em existências passadas.

Na questão 393 d' *O Livro dos Espíritos* Kardec reporta-se a essas tendências, a que acrescentou o adjetivo "instintivas", as quais, na concepção do Codificador do Espiritismo, seriam uma reminiscência do passado. Se o indivíduo as estima, poderá desenvolvê-las, e para isso o meio em que tenha reencarnado pode influir decisivamente.

Uma criança que cresça em um lar onde a bebida é consumida largamente, se trazer do passado essa tendência, poderá perfeitamente tornar-se um alcoólatra, exceto se usar todas as suas forças e a ela resistir.

Há no meio espírita o entendimento de que cada indivíduo é, em verdade, herdeiro de si mesmo. Manoel Philomeno de Miranda trata do assunto em seu livro *Temas da Vida e da Morte*, obra psicografada pelo médium Divaldo Franco. No capítulo intitulado *Reminiscências e conflitos psicológicos*, afirma ele que, se ocorrem, entre pais e filhos, semelhanças físicas e até psicológicas, estas adquiridas mediante convivência familiar, o mesmo não se dá nos campos moral e intelectual. O Espírito é o herdeiro das próprias conquistas passadas, graças às quais se expressa no campo da atividade nova. Os comportamentos familiares, no entanto, influem sobre a conduta do reencarnante, que se impregna – especialmente quando se trata de Espírito imperfeito – dos conflitos e das vibrações perniciosas que lhe irão influenciar profundamente o procedimento.

Reações de várias ordens podem manifestar-se na criança, como resultantes da insegurança que experimenta no berço novo, desdobrando-se em rebeldia e insatisfação, nervosismo e incapacidade intelectual, durante a infância e a adolescência, com agravantes para o futuro, caso o amor dos pais não interrompa a caudal das reminiscências infelizes.

O auxílio do psicólogo e a terapia cuidadosa ajudam no mecanismo de reajustamento da criança, mas é aos pais que compete a tarefa maior, que é assistir e amparar o filho temeroso e desconfiado, necessitado de segurança e tranquilidade.

Creemos que, com as explicações acima, a pergunta do leitor esteja perfeitamente elucidada.

2/9/2012

Edição 276

Um leitor deseja saber quais são o mecanismo e o objeto da prece e em que consiste a prece refratada.

A prece é uma invocação mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com Deus ou seus prepostos. A prece é um ato de caridade, é um arrebuo do coração. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. As preces feitas a Deus são escutadas pelos Espíritos incumbidos da execução de suas vontades. As que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus.

Quando dirigimos o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som, porquanto o fluido universal é o veículo do pensamento. É

desse modo que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida e é assim que eles se comunicam entre si e nos transmitem suas ideias e inspirações.

Pela prece – ensina o Espiritismo – o homem obtém o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs, adquirindo, dessa forma, a força moral necessária para vencer as dificuldades e volver ao caminho reto, se deste se afastou.

Jesus definiu claramente as qualidades da prece.

Eis, de forma resumida, o que o Mestre ensinou:

– Quando orardes, disse ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades, e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau.

*

No tocante à prece refratada, é interessante consultar o livro *Entre a Terra e o Céu*, de André Luiz, em que o assunto é tratado. Nessa obra o ministro Clarêncio explica: "A prece refratada é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo".

A título de exemplo, o livro relata o caso de Evelina, uma jovem que orou à mãe desencarnada rogando proteção para o seu lar. Como a mãe não tinha condições de atender a semelhante pedido, a prece foi recebida e anotada por outra pessoa e, de imediato, encaminhada à administração da colônia Nosso Lar.

Eis, portanto, um exemplo típico do que chamamos de prece refratada.

9/9/2012

Edição 277

O leitor Jayme Tadeu dos Santos, de Itapetininga-SP, a exemplo de outros leitores, fez séria restrição ao pensamento expresso pelo confrade Paulo Artur Gonçalves no artigo que constituiu o Especial das edições 274 e 275 desta revista, em cuja conclusão o articulista assim escreveu: "*Na codificação do Espiritismo, Kardec não incluiu o Velho Testamento da Bíblia e não foi por acaso. Os espíritas devem se dedicar ao estudo da codificação e ela não inclui estes textos da Bíblia. Melhor assim*".

Argumenta o prezado o leitor: "*Kardec em 'O Evangelho segundo o Espiritismo' faz uso de vários trechos do Antigo Testamento; fala sobre Jó, Isaías, Jeremias e outros. Creio que o editor deveria rever esse artigo...*".

O leitor tem razão em parte, mas é preciso compreender que a proposta que o confrade Paulo Artur Gonçalves apresentou está fundamentada no pensamento do próprio Codificador do Espiritismo, que escreveu, como todos os espíritas sabem, que há na lei mosaica duas partes distintas: a **lei de Deus**, promulgada no monte Sinai, e a **lei civil** ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma – a lei de Deus – é invariável. A outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, modifica-se com o tempo. (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. I, item 2.*)

É por isso que se torna impensável, em nossos dias, apedrejar até a morte uma mulher flagrada em adultério. A circuncisão é outra prática que nem mesmo os mais fanáticos defensores da Bíblia adotam.

A lei de Deus – conhecida também como o Decálogo – está formulada nos dez mandamentos seguintes (Ex., 20:1-17.):

1º. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa alguma que haja nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vingará a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem. E que usa de misericórdia até mil gerações com aqueles que me amam e que guardam os meus preceitos.

2º. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar em vão o nome do Senhor seu Deus.

3º. Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás seis dias, e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma.

4º. Honrarás a teu pai e a tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar.

5º. Não matarás.

6º. Não fornicarás.

7º. Não furtarás.

8º. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

9º. Não desejarás a mulher do teu próximo.

10º. Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

O pensamento de Kardec ora reproduzido foi acolhido e reafirmado por autores respeitáveis, como J. Herculano Pires, que escreveu este primoroso texto que compõe o cap. 4 do seu livro *Visão Espírita da Bíblia*:

“A palavra de Deus não está na Bíblia, mas na natureza, traduzida em suas leis. A Bíblia é simplesmente uma coletânea de livros hebraicos, que nos dão um panorama histórico do judaísmo primitivo. Os cinco livros iniciais da Bíblia, que constituem o Pentateuco mosaico, referem-se à formação e organização do povo judeu, após a libertação do Egito e a conquista de Canaã. Atribuídos a Moisés, esses livros não foram escritos por ele, pois relatam, inclusive, a sua própria morte.

As pesquisas históricas revelam que os livros da Bíblia têm origem na literatura oral do povo judeu. Só depois do exílio na Babilônia foi que Esdras conseguiu reunir e compilar os livros orais (guardados na memória) e proclamá-los em praça pública como a lei do judaísmo, ditada por Deus.

Os relatos históricos da Bíblia são ao mesmo tempo ingênuos e terríveis. Leia o estudante, por exemplo, o Deuteronômio, especialmente os capítulos 23 e 28 desse livro, e veja se Deus podia ditar aquelas regras de higiene simplória, aquelas impiedosas leis de guerra total, aquelas maldições horríveis contra os que não creem na ‘sua palavra’. Essas maldições, até hoje, apavoram as criaturas simples que têm medo de duvidar da Bíblia.

Muitos espertalhões se servem disso e do prestígio da Bíblia como ‘palavra de Deus’, para arregimentar e tosquiar gostosamente vastos rebanhos.

As leis morais da Bíblia podem ser resumidas nos Dez Mandamentos.

Mas esses mandamentos nada têm de transcendentais. São regras normais de vida para um povo de

pastores e agricultores, com pormenores que fazem rir o homem de hoje. Por isso, os mandamentos são hoje apresentados em resumo. **O Espírito que ditou essas leis a Moisés, no Sinai, era o guia espiritual da família de Abrão, Isaac e Jacob**, mais tarde transformado no Deus de Israel. Desempenhando uma elevada missão, esse Espírito preparava o povo judeu para o monoteísmo, a crença num só Deus, pois os deuses da antiguidade eram muitos.

O Espiritismo reconhece a ação de Deus na Bíblia, mas não pode admiti-la como a 'palavra de Deus'. Na verdade, como ensinou o apóstolo Paulo, foram os mensageiros de Deus, os Espíritos, que guiaram o povo de Israel, através dos médiuns, então chamados profetas. O próprio Moisés era um médium, em constante ligação com Javé ou Jeová, **o deus bíblico, violento e irascível, tão diferente do deus-pai do Evangelho**. Devemos respeitar a Bíblia no seu exato valor, mas nunca fazer dela um mito, um novo bezerro de ouro. Deus não ditou nem dita livros aos homens." (*Grifamos.*)

*

Concluindo, esclarecemos que não formamos no grupo daqueles que não veem valor algum nos textos do Antigo Testamento, em que existem ensinamentos muito úteis e importantes, mas entendemos igualmente que o Espiritismo é uma ciência de observação e que sua força não se encontra nos textos bíblicos, mas provém – como Kardec afirmou – da universalidade das manifestações dos Espíritos, que surgem em todos os pontos do globo para desmentir os detratores e confirmar os princípios da Doutrina. (*O que é o Espiritismo, capítulo I, Segundo Diálogo, págs. 72 e 73.*)

16/9/2012

Edição 278

O leitor Adelpho Barros, do Rio de Janeiro-RJ, pergunta-nos que orientação encontramos no Espiritismo a respeito desta questão: Como dominar o instinto sexual?

Não existe na obra kardequiana, salvo engano, nenhuma informação relacionada com a questão apresentada, mas alguns autores encarnados e desencarnados já trataram desse tema em inúmeras oportunidades.

Lembremos inicialmente o que André Luiz escreveu no cap. 18 da primeira parte de seu livro *Evolução em Dois Mundos*, obra psicografada por Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier.

Resumidamente, diz André Luiz que longo tempo foi gasto na evolução do instinto sexual em vários tipos de animais inferiores, alternando-se-lhe os estágios de hermafroditismo com os de unissexualidade para que se lhe aperfeiçoassem as características na direção dos vertebrados.

Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, passou a determinar mais ampla riqueza hormonal. As glândulas sexuais que então passa a mobilizar são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-

os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química, em que se expressam, o núcleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis. Os hormônios estrogênicos, oriundos do ovário, mantêm os caracteres femininos secundários, e os androgênicos, segregados pelo testículo, sustentam os caracteres masculinos da mesma ordem. Produzem ações estimulantes e inibitórias; no entanto, como atendem necessariamente a impulsos e determinações da mente, por intermédio do corpo espiritual, incentivam o desenvolvimento ou a maneira de proceder da espécie, mas não os originam, porquanto a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme os característicos acentuadamente passivos ou claramente ativos que lhe sejam próprios.

A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas na entidade espiritual, em sua estrutura complexa. E o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas ainda inabordáveis da vida, quando agrupamentos de mônadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multimilenária da evolução. Por ele, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação multifária, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições anômalas, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo.

O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mente-corpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.

Importa, porém, reconhecer que, à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência. Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus.

Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do "eu".

De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-se com a origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no enalço do prazer desenfreado e egoístico da autoadoração. Os primeiros aprendem a amar com Deus. Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço.

A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado.

Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase

sempre desregrados e infelizes, que lhes carregam, em consequência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos.

Outro autor que escreveu sobre assunto uma obra notável – *Vida e Sexo* – é Emmanuel, que, no cap. 24 desse livro, tratando do tema carga erótica, diz que, no tocante à questão sexual, dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar.

Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por serem necessários uma ao outro, importa cuidar de ambos. Amemos, pois, a nossa alma, porém, cuidemos igualmente do nosso corpo, instrumento daquela. Desatender às necessidades que a própria Natureza indica é desatender a lei de Deus.

O instinto sexual, exprimindo amor em expansão incessante, nasce nas profundezas da vida, orientando os processos da evolução. Toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificada, a herança incomensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza. De existência a existência, de lição em lição e de passo em passo, por séculos de séculos, na esfera animal, a individualidade, erguida à razão, surpreende em si mesma todo um mundo de impulsos genésicos por educar e ajustar às leis superiores que governam a vida.

A princípio, exposto aos lances adversos das aventuras poligâmicas, o homem avança, de ensinamento a ensinamento, para a sua própria instalação na monogamia, reconhecendo a necessidade de segurança e equilíbrio, em matéria de amor; no entanto, ainda aí, é impelido naturalmente a carregar o fardo dos estímulos sexuais, muita vez destrambelhados, que lhe enxameiam no sentimento, reclamando educação e sublimação. Depreende-se disso que toda criatura na Terra transporta em si mesma determinada taxa de carga erótica, de que, em verdade, não se libertará unicamente ao preço de palavras e votos brilhantes, mas à custa de experiência e trabalho, uma vez que instintos e paixões são energias e estados inerentes à alma de cada um, que as leis da Criação não destroem e sim auxiliam cada pessoa a transformar e elevar, no rumo da perfeição.

Toda criatura humana carrega consigo determinada carga de impulsos eróticos, que a própria criatura aprende, gradativamente, a orientar para o bem e a valorizar para a vida.

Diante do sexo, não nos achamos, de nenhum modo, à frente de um despenhadeiro para as trevas, mas perante a fonte viva das energias em que a Sabedoria do Universo situou o laboratório das formas físicas e a usina dos estímulos espirituais mais intensos para a execução das tarefas que esposamos, em regime de colaboração mútua, visando ao rendimento do progresso e do aperfeiçoamento entre os homens.

Cada homem e cada mulher que ainda não se angelizou ou que não se encontre em processo de bloqueio das possibilidades criativas, no corpo ou na alma, traz, evidentemente, maior ou menor percentagem de anseios sexuais, a se expressarem por sede de apoio afetivo, e é claramente, nas lavras da experiência, errando e acertando e tornando a errar para acertar com mais

segurança, que cada um de nós conseguirá sublimar os sentimentos que nos são próprios, de modo a erguer-nos em definitivo para a conquista da felicidade celeste e do Amor Universal.

*

Depois de ler os textos ora apresentados, fica mais fácil entender o que nosso confrade Altamirando Carneiro escreveu no artigo "A educação sexual na era moderna", publicado na edição 275 desta revista, no qual diz ele: "A educação sexual não consiste em combater e reprimir um instinto natural, erroneamente classificado como vergonhoso e diabólico. Consiste, isto sim, em proporcionar aos filhos a evolução, amparando-os e guiando-os nas diversas fases de seu desenvolvimento, para que atinjam a maturidade de maneira sadia, sem o perigo da libertinagem. Infelizmente, certos pais, julgando-se 'pra frente', dão informações sobre o sexo aos seus filhos não adequadas ao grau de maturidade dos mesmos. Lembre-se de que dissemos que as informações devem ser proporcionais ao grau de desenvolvimento da criança, favorecendo-lhe, inclusive, a leitura de toda a sorte de publicações a respeito. O mais importante em educação sexual, no entanto, não é informar, mas FORMAR. A informação é necessária porque previne os riscos da ignorância. Assim, em matéria de sexo, é preferível que se dê uma informação correta, porque previne os riscos da ignorância. A formação, porém, é de maior relevância, ante toda a problemática do sexo nos dias atuais. Rodolfo Calligaris usa um termo bem apropriado para designar toda essa problemática de hoje, no que diz respeito às questões sexuais: o barateamento do sexo, com que se defrontam os jovens de hoje". (Eis o link que remete ao artigo citado: http://www.oconsolador.com.br/ano6/275/altamirando_carneiro.html.)

23/9/2012

Edição 279

O leitor José Roberto Alves da Silva, de Nova Iguaçu-RJ, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos se é possível realizar na própria residência o desenvolvimento da psicografia.

Não existe nas obras fundamentais da doutrina espírita, salvo engano, nenhuma restrição a que a psicografia seja praticada em nossa própria residência e conhecemos vários médiuns que assim procedem.

Temos dito, em oportunidades diversas, que a pessoa, desde que responsável e em condições perfeitas de equilíbrio, pode, sim, praticar a psicografia em casa, mas o ideal é que o faça no ambiente de um centro espírita. Se, no entanto, for trabalhar no próprio lar, é bom que esteja acompanhada de pessoas que entendam do assunto e possam, eventualmente, auxiliá-la.

A questão, ao que nos parece, diz respeito mais ao fato de se trabalhar isoladamente do que ao local propriamente dito, embora não se deva desprezar a necessidade de um bom ambiente para a realização do intercâmbio mediúnico.

Kardec, pelo menos indiretamente, referiu-se ao assunto em *O Livro dos Médiuns*, itens 204 a 207, em que, tratando exatamente do desenvolvimento da faculdade de psicografia, disse que um meio que pode contribuir fortemente para desenvolvê-la consiste em reunir-se certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e comungando a mesma intenção. Feito isso, todas

simultaneamente, guardando absoluto silêncio e num recolhimento religioso, tentarão escrever, apelando cada uma para o seu anjo da guarda ou para qualquer Espírito simpático; ou, então, uma delas poderá dirigir, por todos os presentes, um apelo aos bons Espíritos em geral, que descobrirão nos assistentes o instrumento que lhes convenha.

É bom lembrar que não é o médium que determina quem vá por ele escrever, fato que explica por que nem sempre conseguimos confabular com nossos entes mais queridos. As leis da comunicação espírita, que regem os fenômenos mediúnicos, são mais complexas do que imaginamos.

No livro *Diretrizes de Segurança*, nas questões 47 e 48, Divaldo Franco refere-se também ao assunto que ora discutimos.

Ei-las:

47. Seria desaconselhável o desempenho mediúnico isolado, bem como em reuniões domiciliares ou recintos estranhos aos Centros ou locais similares?

Divaldo – É desaconselhável esse comportamento como hábito, o que não impede que, excepcionalmente, ocorra o fenômeno com a anuência do médium sob a inspiração dos bons Espíritos. Não chegaremos ao absurdo de supor que, no lar, periodicamente, não venham os Benfeitores Espirituais para o diálogo de emergência, para uma palavra fraternal, para um encontro de estímulo entre aqueles que se reúnem para orar.

É desaconselhável que se transforme o estudo espírita e evangélico realizado em família em reunião mediúnica, porque, como o nome diz, trata-se de uma oportunidade para estudar e meditar e não para o exercício da mediunidade. Mas, vez que outra, dependendo dos Instrutores Espirituais, pode ocorrer comunicação de Entidade Benfeitora para trazer um conteúdo que, no entendimento desse Benfeitor, pareça relevante. Não se deve permitir, entretanto, que tal se transforme num hábito.

É desaconselhável que, em lugares não preparados para o mister mediúnico, venha a ocorrer fenômeno com anuência do sensitivo. Perguntar-se-á por quê? Responderemos: pelos danos que poderão advir. Se o meio for hostil, leviano e de recursos psíquicos negativos, podem ocorrer mistificações, distonias, aberturas vibratórias para Espíritos que não tenham propósitos superiores. Seria o mesmo que requisitar determinada cirurgia num consultório médico onde não haja requisitos da assepsia, do instrumental, etc.

Portanto, a Casa Espírita é o lugar ideal, porque ali os Benfeitores instalam equipamentos de socorro de emergência; nesse local encontram-se entidades zelosas que se postam para defender o recinto, além de trabalhadores especializados que vêm para o ministério previamente programado. Porque se na Terra, que é o mundo dos efeitos, são tomados cuidados antes das realizações, é compreensível que no mundo espiritual as realizações mereçam um tratamento muito especializado, no que tange ao progresso da criatura e da humanidade. Os Benfeitores programam as tarefas mediúnicas e aqueles que se vão comunicar, para que tudo ocorra em clima de ordem e de paz. O médium que se submete a fenômenos de ocasião está sujeito a graves perigos, porque seria o mesmo que colocar instrumentos de alta sensibilidade nas mãos de pessoas inescrupulosas ou desconhecedoras de seu mecanismo. Concluindo, é desaconselhável.

48. O que pensar do costume de fazer-se sessões mediúnicas fora dos Centros Espíritas?

Divaldo – É um hábito muito perigoso. Seria o mesmo que se levar pacientes para serem operados em qualquer lugar, só porque há boa vontade, mas não se dispendo de conveniente assepsia nem dos requisitos necessários que se encontram nos hospitais. Nesse caso, os êxitos seriam raros. Além disso, ocorre que, realizada a sessão em qualquer lugar, este fica marcado pelos Espíritos sofreadores, que vão sendo informados uns pelos outros, e começam a frequentá-lo. Se for um lar, como aí não existem as defesas necessárias para as incursões de tais Espíritos, transforma-se em um pandemônio.

Indagar-se-á: e antes de haver os Centros Espíritas? Enquanto ignoramos, temos uma responsabilidade menor. Mesmo quando não se entendia de assepsia, faziam-se operações, mas o número de óbitos era muito maior. Já que temos o Centro, por que desrespeitá-lo, fazendo sessões mediúnicas noutro lugar, se ele é o determinado para tal? Se o problema é ir-se a um lugar, por que não ao ideal?

30/9/2012

Edição 280

Um leitor propôs-nos duas questões relacionadas com o tema fatalidade e determinismo.

A primeira: O Espiritismo admite o chamado determinismo absoluto?

A segunda: Há diferença entre determinismo e fatalidade?

Segundo o que aprendemos com a doutrina espírita, não existe o determinismo absoluto que norteie a vida do homem. Os constrangimentos à sua livre vontade resultam de débitos contraídos em existências anteriores que precisam ser resgatados. O homem subordina-se a um livre-arbítrio relativo, que se expande ao longo do processo evolutivo, e a um determinismo relativo, decorrente dos equívocos cometidos no passado e que devem ser corrigidos e reparados.

A diferença entre determinismo e fatalidade situa-se na própria concepção e no significado desses dois termos.

Determinismo é um sistema filosófico que nega ao homem o direito de agir livremente, isto é, de acordo com sua vontade. O que o Espiritismo chama de fatalidade existe unicamente pela escolha que o indivíduo, ao reencarnar, fez desta ou daquela prova. Escolhendo-a, institui para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que se acha colocado em face da escolha feita.

Quem primeiro procurou afastar o homem da ideia de um destino inexorável foram os filósofos gregos chamados sofistas. Segundo eles, o homem não podia ficar inteiramente preso a um processo ou a leis de que não pudesse desvencilhar-se. Parecia-lhes impossível que o homem não exercesse certo efeito sobre o próprio destino. Sócrates também não aceitava tal domínio sobre os homens. Para ele, o conhecimento constituiria sua realização suprema. Alcançando o conhecimento, o homem agiria com acerto; sem o conhecimento, corria o risco de agir com desacerto. Além dessa concepção tão clara, Sócrates entendia que o homem pode, pelo conhecimento, ter certa influência sobre seu destino na Terra e na vida futura.

Platão era, igualmente, defensor da liberdade. O homem, dizia Platão, pode vencer e, de fato, vence os objetivos do mundo. Embora criatura do Criador divino, pode ordenar sua vida de modo a vivê-la com espírito de justiça e sensatez.

A chamada fatalidade resulta, pois, de uma decisão do próprio indivíduo quando, no exercício do livre-arbítrio, projeta as chamadas provas que julga necessárias ao seu aprimoramento espiritual. Feita a escolha, sofrerá ele - fatalmente - todas as vicissitudes e todos os arrastamentos a ela inerentes. Mas aí cessa a fatalidade, pois de sua vontade depende ceder ou não às influências e aos arrastamentos a que voluntariamente se sujeitou. Os pormenores dos acontecimentos ficam, portanto, subordinados às circunstâncias que ele próprio cria com seus atos e atitudes.

Podemos, pois, concluir que existe fatalidade nos acontecimentos que se apresentam, por serem consequência da escolha que o Espírito fez de sua existência de encarnado, mas jamais existirá fatalidade nos atos da vida moral. Entenda-se, por fim, que na escolha feita pelo Espírito são levados em conta os ditames da lei de causa e efeito, ocasião em que determinadas situações poderão ser incluídas na chamada programação reencarnatória, com vistas à expiação e à reparação de danos anteriormente produzidos pelo reencarnante, o que explica por que deparamos na vida situações aflitivas que, não fossem as luzes trazidas pelo Espiritismo, jamais imaginaríamos terem sido solicitadas pela própria pessoa que as enfrenta.

7/10/2012

Edição 281

Um leitor, reportando-se ao tema emancipação da alma, pergunta-nos:

- 1) durante o sono corpóreo, a alma também dorme ao lado do corpo?
- 2) quando a alma se afasta do corpo, como se dá a comunicação entre eles?

Os dois assuntos foram tratados com clareza por Allan Kardec, como o leitor pode conferir lendo *Obras Póstumas*, um livro publicado depois da desencarnação do Codificador do Espiritismo, composto por artigos e textos que ele deixara, muitos deles até então inéditos.

A resposta à primeira pergunta é: não.

A alma não dorme ao lado do corpo; somente o corpo repousa durante o sono corpóreo.

A alma aproveita esse repouso e os momentos em que sua presença não se faz necessária para ir a outros lugares, dando atenção a assuntos e tarefas que é preciso atender.

É dessa movimentação que resultam os chamados sonhos, que, em linhas gerais, são a recordação do que se passou durante o tempo em que o corpo repousava.

Estando a alma distante do corpo, como eles se comunicam?

Esta é uma questão interessante e, sem dúvida, importante.

Segundo aprendemos na doutrina espírita, durante a existência corpórea a alma jamais está completamente separada do corpo. Seja qual for a distância a que ela se transporte, está sempre ligada ao veículo físico por um laço fluídico que serve para chamá-la, caso sua presença se faça necessária. Esse laço somente se desata com a morte e é a isso - a separação definitiva entre alma e corpo - que chamamos desencarnação.

Para compreender melhor a explicação, imaginemos alguém que esteja dormindo profundamente. Ocorre na casa alguma emergência e essa pessoa é sacudida, para que desperte. A sacudidela chega ao conhecimento da alma por meio desse laço fluídico e, então, ela retorna, assume o corpo físico e desperta.

Além do sono, existem outros fenômenos conhecidos de emancipação da alma durante a existência corpórea.

O sonambulismo e o êxtase, a letargia e a catalepsia são alguns desses fenômenos, todos eles examinados por Allan Kardec e por diversos autores espíritas.

14/10/2012

Edição 282

Um leitor enviou-nos a seguinte pergunta: – Em que consistiram os fenômenos de Hydesville e qual a sua importância para o advento do Espiritismo?

Os fenômenos ocorreram numa tosca cabana situada em um vilarejo de nome Hydesville, pertencente ao Condado de Wayne, no Estado de Nova York, onde residia a família Fox: o Sr. John, sua mulher Margareth e as filhas Kate e Margareth.

Eram ruídos, pancadas e batidas de origem ignorada que foram designados em inglês pelo vocábulo "raps".

Soube-se depois que as manifestações eram produzidas pelo Espírito de um mascate chamado Charles Rosma, que fora assassinado e sepultado no porão daquela casa. A família Fox professava a religião metodista, o que não impediu que Kate e Margareth, as meninas da casa, fossem excelentes médiuns.

Na noite do primeiro diálogo com Charles Rosma, um dos moradores do vilarejo sugeriu fosse adotado um interessante método para a comunicação do Espírito, em que cada letra do alfabeto correspondia a determinado número de pancadas. Estava, pois, descoberta a "telegrafia espiritual", que foi o processo adotado, posteriormente, na fase das mesas girantes.

Os fatos, a partir do primeiro diálogo do Espírito com a Sra. Fox, ocorrido na noite de 31-3-1848, empolgaram a população do lugar, ocasionando depois as primeiras demonstrações públicas a que as irmãs Fox se submeteram, realizadas no Corinthian Hall, em Rochester, do que resultou a formação do primeiro núcleo de estudos dos fatos espíritas.

Devido à cobertura dos fenômenos feita pela imprensa norte-americana, os fatos atraíram a atenção pública, a tal ponto que hoje se reconhece que foi ali, em Hydesville, que nasceu o Moderno Espiritualismo, nome com que os americanos designavam o Espiritismo, um vocábulo então inexistente, visto que foi inventado mais tarde por Allan Kardec, responsável pela publicação d'O Livro dos Espíritos.

Em 1850, quando a repercussão dos fenômenos já era grande na América, a senhora Fox e suas filhas passaram a realizar sessões públicas em Nova York, no Hotel Barnum, atraindo muitos curiosos. Havia então nos Estados Unidos muitos grupos espíritas em atividade e era grande o número de adeptos do movimento, apesar das investidas da imprensa, que de modo geral atacava os fenômenos e as médiuns.

A divulgação dessas manifestações e, logo em seguida, a conversão do juiz Edmonds, materialista que rira da crença nos Espíritos, pasmaram os norte-americanos, o que aumentou ainda mais o interesse pelos fatos espíritas, que se espalharam por outros continentes, especialmente a Europa, onde surgiria – nove anos depois – o livro que abriu o caminho para a codificação da Doutrina Espírita, tarefa que teve em Allan Kardec a figura central.

21/10/2012

O leitor Ronaldo Lopes, de Laguna-SC, pergunta-nos sobre a validade da ministração de passes magnéticos em animais.

Não há na literatura espírita, pelo menos ao que nos consta, estudos específicos sobre o tema, embora a experiência pessoal nos indique que tanto o passe magnético quanto a água fluidificada, quando utilizados exclusivamente em nossos animais, produzem efeitos comprovados.

Roque Jacintho, que todos conhecemos pela competência em tudo que escreve, tratou do assunto em seu livro "Passe e Passista". No cap. 32 desse livro, diz ele que Espíritos unidos à obra da Natureza fornecem os recursos necessários a esse atendimento, em cuja preparação a prece, antes da ministração do passe, constitui providência indispensável.

É possível ler na internet um texto interessante em que o autor também conclui pela validade da utilização de passes magnéticos em animais. Eis o link que remete o leitor à matéria citada: <http://espiritananet.blogspot.com.br/2009/04/animais-podem-receber-passe.html>.

No texto a que nos reportamos, seu autor lembra que o passe magnético é uma transfusão de energias, envolvendo energia anímica do próprio médium e energia oriunda do plano espiritual, extraída do fluido cósmico universal, doada pelos Espíritos benfeitores que assistem o trabalho do passe. Sendo o perispírito, tanto do homem como o dos animais, constituído da mesma matéria extraída do fluido cósmico universal, de onde também se originam as energias a serem transfundidas, os animais podem ser igualmente beneficiados por estas energias, por meio da imposição de mãos.

Aprendemos no Espiritismo que os fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto por sua expansão e irradiação este se confunde com aqueles. Reagem eles sobre o perispírito e este, por sua vez, reage sobre o organismo físico ao qual está ligado molecularmente. Se esses eflúvios forem de boa natureza, o corpo receberá uma salutar impressão. É o que ocorre nos passes benéficos.

André Luiz, no livro "Evolução em Dois Mundos", ampliou nosso entendimento a respeito da ação exercida pelo fluido magnético. Segundo ele, o fluido magnético atua sobre as células do corpo físico e do corpo perispiritual, particularmente as sanguíneas e as histiocitárias, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos. (*Evolução em Dois Mundos, 2ª Parte, cap. XV, pp. 201 a 203.*)

As explicações de André Luiz concordam com o que, acerca do tema, Divaldo P. Franco nos ensina, quando diz que o que vamos transmitir no passe "é uma radiação que fomenta no paciente uma reativação dos seus fulcros energéticos para restabelecer-lhe o equilíbrio". "O passe é, antes de tudo, uma transfusão de amor."

Não existem, pois, razões para que neguemos tal socorro a um animal que esteja com a saúde combalida, independentemente do atendimento médico que deve ser a ele prestado pelos profissionais da área.

Um leitor pergunta-nos, com relação ao tema reencarnação: 1. Onde e quando surgiu no mundo a ideia da reencarnação? 2. Qual é, na opinião dos autores espíritas, o meio de comprovação mais completo da existência da reencarnação? 3. Podemos considerar comprovada a tese reencarnacionista?

A reencarnação é, como já dissemos oportunamente, um dos princípios fundamentais da doutrina espírita. Seu objetivo é muito claro: como todos os Espíritos têm como meta atingir a perfeição, Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando a todos a possibilidade de realizar em novas existências corporais o que não pôde ser feito numa primeira oportunidade. Ninguém volta ao cenário terráqueo por castigo. Ao contrário. A reencarnação é uma bênção, sobretudo quando é aflitiva, no plano espiritual, a situação do Espírito culpado.

A tese da existência das vidas sucessivas não é algo novo nem pertence ao Espiritismo. Ela se encontra presente no âmago das grandes religiões do Oriente e na obra de filósofos importantes, como Pitágoras e Platão.

Oriunda da Índia, a ideia da reencarnação espalhou-se pelo mundo e, antes de terem aparecido os grandes reveladores dos tempos históricos, já era ela formulada nos Vedas. O Bramanismo e o Budismo nela se inspiraram, o Egito e a Grécia também a adotaram e vê-se que, encoberta às vezes por um simbolismo mais ou menos obscuro, esconde-se por toda parte a ideia das vidas sucessivas.

Segundo os clássicos do Espiritismo, o meio de comprovação da reencarnação mais completo é, sem dúvida, a recordação das existências passadas. Às vezes isso se dá espontaneamente, na idade infantil, fato que deu origem à expressão memória extracerebral, objeto de pesquisas por experimentadores que se tornaram mundialmente conhecidos, como os professores Hemendra Nath Banerjee e Ian Stevenson. Stevenson legou-nos um clássico na matéria, o livro *20 casos sugestivos de reencarnação*. Quanto ao doutor Banerjee, clicando neste link – http://www.youtube.com/watch?v=vTuueNc_a3o – o leitor poderá ouvir a palestra que ele proferiu no dia 19 de novembro de 1981, no Auditório do Senac, em São Paulo-SP.

A recordação de existências passadas pode ser também provocada. Léon Denis, na obra *“O problema do ser, do destino e da dor”*, relata diversas experiências de regressão de memória em que o *sujeito* ou sensitivo alude a existências passadas vividas na Terra. Dentre os relatos constantes da referida obra, é digna de nota a experiência narrada durante o Congresso Espírita de Paris em 1900 por experimentadores espanhóis. Um deles, Fernandes Colavida, presidente do Grupo de Estudos Psíquicos de Barcelona, referiu ali ter magnetizado um determinado médium que, além de regredir à juventude e infância, contou como foi sua vida no Plano Espiritual e em quatro encarnações anteriores. Vê-se, pois, que a regressão da memória a vidas passadas não surgiu com Morris Netherton, um dos pais da terapia das vidas passadas, que tem inúmeros seguidores no Brasil e no exterior.

No tocante à derradeira pergunta: Podemos considerar comprovada a doutrina reencarnacionista? nossa resposta é, evidentemente, afirmativa. Existe um número surpreendente de fatos que comprovam experimentalmente a veracidade da reencarnação e cinco livros constituem-se, nesse particular, em consulta obrigatória para quem quiser aprofundar-se no assunto: *A Reencarnação*, de Gabriel Delanne; *A reencarnação e suas provas*, de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcante de Melo; *20 casos sugestivos de reencarnação*,

de autoria de Ian Stevenson; *Reencarnação no Brasil*, de Hernani Guimarães Andrade; e *Reencarnação e imortalidade*, de Hermínio Corrêa Miranda.

Sugerimos, por fim, aos interessados no assunto, que leiam o editorial da edição 263 desta revista, intitulado "*Ivanova, Carol Bowman e as vidas sucessivas*", que também se reporta ao tema ora examinado. Eis o link que permite acessá-lo:

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/263/editorial.html>

4/11/2012

Edição 285

Desde que o tema mundo de regeneração passou a ser um assunto frequente nos congressos e conferências espíritas, muitos nos perguntam: 1.) Allan Kardec chegou a tratar desse tema em suas obras? 2.) As mudanças por que passará a Terra realizar-se-ão sem comoções?

A resposta à primeira pergunta é afirmativa. O Codificador da doutrina espírita referiu-se aos tempos novos em vários momentos, tanto na *Revista Espírita* como em sua última obra, cujo verdadeiro nome é *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo O Espiritismo*.

Quanto à segunda pergunta – as mudanças ocorrerão sem comoções? – a resposta é não. Apoiamo-nos, ao dizer isso, no que Kardec consignou no cap. XVIII, itens 6 a 8, da obra mencionada.

Uma mudança tão radical como a que se está elaborando não pode realizar-se sem comoções. Haverá, inevitavelmente, luta de ideias e desse conflito forçosamente se originarão passageiras perturbações, até que o terreno se ache aplainado e restabelecido o equilíbrio.

Entendamos, no entanto, que é da luta das ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram e ainda são consequência do estado de formação e aprimoramento da Terra. Existe, porém, um outro tipo de agitação, pertinente não às entranhas do planeta, mas à própria Humanidade. Os movimentos sociais e políticos que vêm agitando os países árabes são uma pequena amostra disso.

Diz Kardec que a efervescência que por vezes se manifesta em toda uma população, entre os homens de uma mesma etnia, não é coisa fortuita, nem resultado de um capricho, pois tem sua causa nas leis da Natureza. Essa efervescência, inconsciente a princípio, não passando de vago desejo, de aspiração indefinida por alguma coisa melhor, de certa necessidade de mudança, traduz-se por uma surda agitação, depois por atos que levam às revoluções sociais, que têm também sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois que tudo se encadeia no Universo.

Se não tivéssemos a visão espiritual limitada pelo véu da matéria, veríamos as correntes fluídicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual às do mundo material.

Em face disso, quando se diz que a Humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra tem de se elevar na hierarquia dos mundos, nada de místico há nessas palavras. Trata-se, ao contrário, da execução da uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais nada pode a má-vontade humana.

11/11/2012

Edição 286

O confrade Mauricio Moura, de Bauru-SP, em carta dirigida à redação desta revista, pergunta-nos se o sonambulismo, no tocante à mediunidade, é o mesmo fenômeno que ocorre em inúmeras famílias, no qual o indivíduo se levanta e caminha dormindo pela casa.

O tema sonambulismo foi tratado por Kardec nas questões 425 a 438 e também na questão 455 d' *O Livro dos Espíritos*.

A doutrina espírita define o sonambulismo como um estado de independência da alma, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades, porque então ela tem percepções de que não dispõe no sonho, que é considerado um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, a alma ou Espírito está na posse plena de si mesma. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, a que o leitor se refere, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas.

Em seus comentários à margem da questão 431 do livro citado, Kardec diz que a experiência revela que os sonâmbulos podem também receber comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem à incapacidade que denotam. O fato verifica-se principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes patente e se revela, além disso, por estas expressões muito frequentes: dizem-me que diga, ou proibem-me que diga tal coisa.

No estado sonambúlico, o sonâmbulo pode ver indivíduos desencarnados. Isso é muito comum, embora às vezes não perceba no primeiro momento que está vendo Espíritos, julgando-os indivíduos encarnados. O fato se dá principalmente com os que, nada conhecendo de Espiritismo, não compreendem a essência dos Espíritos.

Os fenômenos do sonambulismo natural produzem-se espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético.

A chamada mediunidade sonambúlica é tratada por Kardec no cap. XIV, itens 172 a 174, d' *O Livro dos Médiuns*, em que ele afirma que nesse caso dois tipos de fenômenos com frequência se acham reunidos.

O sonâmbulo propriamente dito age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem dele próprio.

Em resumo, o sonâmbulo exprime seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Contudo, o Espírito que se comunica com um médium comum pode fazê-lo com um sonâmbulo, e muitas vezes o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação.

Como os sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos, podem confabular com eles e transmitir-nos seus pensamentos. Assim, o que dizem fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais lhes é com frequência sugerido por outros

Espíritos. Verifica-se então uma dupla ação, em que o Espírito do sonâmbulo serve de intermediário – de médium – a outro Espírito.

Kardec menciona, no item 173 da obra citada, um caso interessante que ilustra bem essa dupla ação.

Um rapaz de 14 a 15 anos, de inteligência muito vulgar e instrução extremamente escassa, dava, quando em estado sonambúlico, provas de uma lucidez extraordinária e grande perspicácia. Isso ocorria sobretudo no tratamento das enfermidades, quando ele pôde operar grande número de curas consideradas impossíveis.

Certo dia, dando consulta a um doente, descreveu a enfermidade com absoluta exatidão. Alguém lhe pediu, então, que indicasse o remédio. “Não posso”, disse ele, “meu anjo doutor não está aqui”. Perguntaram-lhe: Quem é esse anjo doutor de quem falas? Ele respondeu: “O que dita os remédios”.

Vê-se no exemplo citado que a ação de ver o mal era do próprio sonâmbulo, e para isso não precisava de assistência alguma; mas a indicação dos remédios lhe era dada por outro Espírito. Não estando presente esse outro, ele nada podia dizer. Quando sozinho, era apenas sonâmbulo. Assistido por aquele a quem chamava seu anjo doutor, era sonâmbulo-médium.

18/11/2012

Edição 287

Em carta publicada nesta mesma edição, a leitora Lúcia Borges, radicada em Florianópolis-SC, pergunta-nos se é correto realizar rifa ou promoção semelhante no recinto de um Centro Espírita.

O assunto já foi tratado nos editoriais das edições 39 e 74 desta revista. Como foi dito nos editoriais citados, o recurso aos jogos de azar, como rifas e bingos, para manutenção das obras assistenciais, sempre foi associado, em nosso meio, à influência de pessoas que migraram do Catolicismo para o Espiritismo trazendo consigo uma natural predisposição para tais práticas.

De fato, ninguém ignora que nas festividades católicas, como as comemorações do Mês de Maria, sempre foi muito forte, especialmente nas comunidades do interior, a promoção de bingos, esquecidos todos dos malefícios inerentes a esse fato.

No meio espírita, felizmente, o recurso aos jogos de azar não é uma prática frequente. É provável que os dirigentes espíritas, em sua maioria, conheçam a orientação que André Luiz consignou a respeito, em seu livro *Conduta Espírita*, no qual afirma ser um equívoco associar jogos de azar aos eventos espíritas, mesmo quando o objetivo seja a manutenção de obras sociais. Além disso, rifa e bingo são atividades ilegais e, por isso, aqueles que os promovem podem ser penalmente responsabilizados por isso.

Os jogos de azar são, como sabemos, extremamente danosos ao ser humano e podem levar famílias inteiras à ruína financeira e, como consequência, a uma decomposição moral que ninguém gostaria que ocorresse a um ente querido.

Algum tempo atrás, na seção de cartas do jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, vários casos a respeito dos malefícios do bingo foram relatados, a exemplo desta carta publicada oportunamente pela revista VEJA:

"Cumprimento o governo pelo fechamento dos bingos e jogos eletrônicos, por qualquer que seja a razão, e rezo para que não sejam reabertos. Trata-se de extorsão branca, em que os extorquidos não têm a noção exata da perda: financeira, física, psíquica, social e espiritual. Fico indignado quando alguns governadores falam em perda de receita nesse segmento. Acredito que existem

formas mais dignas de geração de empregos e de recursos. – D.R. (um viciado que já perdeu muito) – Goiânia, GO.”

Seria, pois, interessante que os dirigentes espíritas da instituição mencionada por nossa leitora meditassem seriamente sobre o assunto e buscassem outras formas de captação de recursos financeiros, sem ferir a lei, como muitos já fazem, organizando gincanas, festa do sorvete, almoços beneficentes, shows musicais, bazar de roupa, promoção de pizzas e outros comestíveis, eventos esses que, além da geração de recursos, possibilitam que muitas pessoas se iniciem no trabalho voluntário em benefício da instituição que frequentam.

25/11/2012

Edição 288

Em carta publicada na edição passada, a leitora Camila Oliveira, de Imbituva-PR, diz que uma amiga encontrou em sua casa um monte de terra e um monte de pimenta atrás da poltrona da sala. Cada monte era equivalente a uma porção que cabe na mão de um adulto. Ninguém da casa, segundo ela, teve participação no fato, que teria sido, segundo explicação dada no Centro Espírita, efeito da ação de algum Espírito, que teria materializado alguns elementos utilizados, para fazer ali algum tipo de ritual a fim de prejudicar os moradores da casa.

Exposto o fato, a leitora pediu-nos que lhe fornecêssemos a explicação do fenômeno, de acordo com os ensinamentos espíritas, e, ainda, a indicação de livros que tratem do assunto.

Antes de responder-lhe, decidimos ouvir nosso confrade Ivan Franzolim, que vem há algum tempo pesquisando os chamados fenômenos de efeitos físicos, assunto que foi o tema central de recente entrevista por ele concedida a esta revista. Eis o link que remete o leitor à entrevista mencionada – <http://www.oconsolador.com.br/ano6/284/entrevista.html>

Segundo Franzolim, o caso relatado pela leitora tem todas as características de ser um fenômeno de transporte. A partir do ectoplasma de algum médium, um Espírito o utiliza para envolver o objeto a ser transportado, o qual adquire elasticidade na sua composição e pode ser conduzido pelo Espírito, atravessando portas e paredes. Como se trata de fenômeno mediúnico, o confrade sugere que o médium pode ser alguém da família e, nesse caso, deve ser encaminhado para um Centro Espírita habilitado a orientá-lo no sentido de fazer uso correto dessa mediunidade. “O médium costuma ser uma pessoa que tem sono pesado, apresenta náuseas estranhas, podendo determinar até a parada de relógios próximos”, acrescentou Franzolim.

No tocante à bibliografia, duas são as obras que tratam especificamente do fenômeno de transporte.

A primeira intitula-se *Fenômenos de Transporte*, de Ernesto Bozzano, obra traduzida por Francisco Klörs Werneck e publicada pelas Edições FEESP, cujo estudo sequencial e metódico foi publicado em nossa revista nas edições 175 a 183.

Nessa obra, Bozzano reuniu provas mais que suficientes de que os “transportes” se produzem por força do processo, quase instantâneo, de desintegração e reintegração, processo que algumas vezes assume forma inversa com desintegração e reintegração de um furo nas portas e nas paredes, o que não muda a essência do fenômeno.

A outra obra é *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 28, pp. 268 a 271, em que André Luiz trata do assunto.

Nessa obra, ao explicar a introdução de flores no recinto de uma reunião, o Assistente Aulus explicou: "É o transporte comum, realizado com reduzida cooperação das energias medianímicas. Nosso amigo apenas tomou diminuta quantidade de força ectoplásmica, formando somente pequeninas cristalizações superficiais do polegar e do indicador, em ambas as mãos, a fim de colher as flores e trazê-las até nós".

Hilário, presente no local, se surpreendeu com a facilidade com que a energia ectoplásmica atravessou a matéria densa, porque o Espírito, usando-a nos dedos, não encontrou qualquer obstáculo na transposição da parede. Aulus lembrou-lhe, então, que também as flores transpuseram o tapume de alvenaria, penetrando o recinto graças ao concurso de técnicos bastante competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato. "As cidadelas atômicas, em qualquer construção da forma física, não são fortalezas maciças, qual acontece em nossa própria esfera de ação. O espaço persiste em todas as formações e, através dele, os elementos se interpenetram", explicou Aulus.

2/12/2012
Edição 289

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Alessandro Martins, do Rio de Janeiro-RJ, indaga por que nos centros espíritas não existem grupos como os Alcoólicos Anônimos e os Narcóticos Anônimos, tendo em vista que são muitas as pessoas necessitadas de tratamento contra o álcool e as chamadas drogas ilícitas.

No tocante à necessidade de que as casas espíritas se dediquem mais aos problemas citados, o leitor tem inteira razão. Mas, a bem da verdade, é preciso que se diga que, embora sejam raros, existem, sim, no meio espírita instituições que atuam em ambos os casos.

De fato, os recursos espíritas seriam de grande valia para as pessoas que desejam livrar-se do álcool ou da dependência química; no entanto, não podemos ignorar que, no caso dos dependentes químicos em geral, é também necessário e fundamental o concurso dos profissionais da área de saúde – médicos, enfermeiros, psicólogos e terapeutas ocupacionais – e, além disso, em grande parte dos casos, a existência de um ambiente adequado onde as atividades e as diversas etapas do tratamento possam ser desenvolvidas, condições que os centros espíritas normalmente não apresentam.

Com relação aos dependentes do álcool, muitos centros espíritas promovem, em suas próprias dependências, atividades parecidas com as realizadas pelos Alcoólicos Anônimos, cuja metodologia é, como se sabe, tida por vários especialistas como a melhor que existe em todo o mundo, no que diz respeito ao tratamento do alcoolismo.

Em determinada cidade de Minas Gerais surgiu, tempos atrás, um problema na execução desse tipo de atividade, motivado pelo fato de que existem alcoólatras que são também fumantes e alguns deles, durante as sessões do grupo, costumavam fumar, um procedimento que não é possível admitir dentro do centro espírita.

Lembramos esse fato no sentido de que, caso algum centro espírita decida realizar algo parecido, é importante que certos cuidados sejam tomados,

alertando os interessados para a necessidade de se respeitar o ambiente do centro. A abstenção do cigarro, no decurso da atividade, faz parte disso.

Na edição 38, de 13 de janeiro de 2008, desta revista, publicamos o texto intitulado **Alcoolismo e obsessão**, no qual é apresentada uma sugestão de como o tratamento do alcoolismo poderia ser desenvolvido dentro de um centro espírita. Eis o link que remete o interessado ao artigo: <http://www.oconsolador.com.br/38/especial.html>

9/12/2012

Edição 290

Em carta publicada na edição anterior desta revista, o leitor Léo Martins, de Cidreira-RS, pergunta-nos se é possível a comunicação mediúcnica com um Espírito ainda encarnado.

Sim, o fato é possível e foi tratado por Allan Kardec e também por Ernesto Bozzano, autor de um clássico sobre o assunto: "Comunicações mediúnicas entre vivos", que o leitor pode baixar na internet clicando em [http://bvespirita.com/Comunica%C3%A7%C3%B5es%20Medi%C3%ANicas%20Entre%20Vivos%20\(Ernesto%20Bozzano\).pdf](http://bvespirita.com/Comunica%C3%A7%C3%B5es%20Medi%C3%ANicas%20Entre%20Vivos%20(Ernesto%20Bozzano).pdf)

Kardec examinou o assunto na Revista Espírita de 1859, 1860, 1865, 1867 e 1869, bem como em Obras Póstumas.

Comentando um caso de aparição de um jovem encarnado à sua mãe, relatado pelo *Journal de Rouen* de 22/12/1868 e reproduzido pela Revista Espírita, Allan Kardec, além de considerar o fato possível, explicou que o fenômeno se devia à faculdade que tem a alma de desprender-se do corpo físico e aparecer a distância. Foi o que ocorreu. Uma outra dúvida, pertinente ao caso, foi quanto à roupa usada na aparição pelo jovem. A vestimenta também se desprende? Kardec foi taxativo: tanto as roupas, quanto o corpo material, ficaram em seu lugar. O Espírito do jovem apresentou-se diante de sua mãe com o corpo perispiritual e bastou-lhe pensar em sua roupa habitual para que esse pensamento desse ao seu perispírito as aparências dessa roupa. "As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis – diz Kardec – são, pois, verdadeiras criações fluídicas, muitas vezes inconscientes. A roupa, os sinais particulares, os ferimentos, os defeitos físicos, os objetos que usa, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual." (Revista Espírita de 1869, pp. 73 a 75.)

Dos casos mencionados por Kardec na Revista Espírita, dois merecem destaque. O primeiro diz respeito a um jovem de 13 anos, Charles de Saint-G..., cujas faculdades intelectuais eram praticamente nulas. Charles seria o que hoje chamamos de criança especial.

Com a permissão do Espírito de São Luís, Kardec evocou o Espírito de Charles, cujo corpo dormia naquele momento. No diálogo com o Codificador, Charles revelou ter consciência do seu estado e sabia por que nascera naquelas condições. "Sou um pobre Espírito ligado à terra, como uma ave por um pé", definiu ele. Kardec, comentando o caso, diz que a imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação das faculdades, mas não as aniquila. (Revista Espírita de 1860, pp. 181 a 183.)

O outro caso relatado na Revista Espírita reporta-se a um diálogo travado no ano de 1862 entre o sr. Rul, membro da Sociedade Espírita de Paris, e o Espírito de um jovem surdo-mudo de 12 a 13 anos, ainda encarnado. Na

conversa, o jovem disse que nascera assim como expiação de seus crimes no passado: ele fora parricida. (Revista Espírita de 1865, pp. 19 e 20.)

16/12/2012

Edição 291

Como estamos a nove dias de mais um Natal, festa máxima da cristandade que nós espíritas também reverenciamos, examinaremos nesta edição uma pergunta que muitas pessoas costumam fazer nesta época do ano: - Em que livros do Antigo Testamento há predições concernentes à vinda de Jesus?

As predições constam de vários livros que compõem as chamadas Escrituras e nelas a distinção entre Deus e seu enviado futuro está caracterizada de maneira formal: Deus o designa *seu servidor*, por consequência seu subordinado. Nas palavras que lhe são atribuídas, nada há que implique a ideia de igualdade de poder, nem de consubstancialidade entre as duas pessoas.

Eis os textos que, segundo pensamos, atendem à curiosidade do leitor:

"Eu o vejo, mas não agora; eu o vejo mas não de perto; uma estrela procede de Jacó, e um cetro se levanta de Israel e trespassa os chefes de Moab, e destruirá todos os filhos de Seth." (Números, XXIV, v. 17.)

"Eu lhes suscitarei um profeta, como tu, de *entre seus irmãos*, e colocarei as minhas palavras em sua boca, e lhes dirá ele *o que eu lhe tiver ordenado*. E ocorrerá que, quem não escutar as palavras *que dirá em meu nome*, disso lhe pedirei conta." (Deuteronômio. XVIII, v. 18, 19.)

"Ocorrerá, pois, quando os dias tiverem se cumprido para lá levar-te com teus pais que farei levantar a tua posteridade depois de ti, *um dos teus filhos*, e estabelecerei o seu reino, e ele me construirá uma casa, e afirmarei seu trono para sempre. *Eu lhe serei pai e ele me será filho*; e não retirarei a minha misericórdia dele, como a retirei daquele que foi antes de ti, e o estabelecerei em minha casa e em meu reino para sempre, e seu trono será afirmado para sempre." (I, Paralipômenos, XVII, v. de 11 a 14.)

"É porque o próprio Senhor vos dará um sinal. Eis: uma virgem ficará grávida, e ela parirá um filho, e será chamado seu nome *Emmanuel*." (Isaías, VII, v. 14.)

"Porque a criança nos nasceu, o Filho nos foi dado, e o poder foi posto sobre o seu ombro, e se chamará seu nome o Admirável, o Conselheiro, o Deus forte, o Poderoso, o Pai da eternidade, o Príncipe da paz." (Isaías, IX, v. 5)

"Eis *meu servidor*, eu o sustentarei; *é o meu eleito, minha alma nele colocou sua afeição; coloquei o meu Espírito sobre ele*; ele exercerá a justiça entre as nações. Não se retirará nunca, nem se precipitará nunca, até que haja estabelecido a justiça sobre a Terra, e os seres se detiverem à sua lei." (Isaias, XLII, v. 1 e 4.)

"Ele gozará do trabalho de sua alma, e nisso será saciado; e *meu servidor* justo nisso justificará vários, pelo conhecimento que terão dele e ele mesmo levará suas iniquidades." (Isaías, LIII, v. 11.)

"Rejubila-te extremamente, filha de Sião; lance gritos de alegria, filha de Jerusalém! Eis: teu rei virá a ti, justo e salvador humilde, e montará sobre um asno, e sobre o potro de uma jumenta. E proibirei os carros de guerra de Efraim, e os cavalos de Jerusalém, e o arco do combate será também proibido e teu rei falará de paz às nações; e seu domínio se estenderá desde um mar ao outro mar, e desde o rio até os confins da Terra." (Zacarias, IX, v. 9, 10.)

"E ele (o Cristo) se manterá, e governará pela força do Eterno, e com a magnificência do nome do *Eterno, seu Deus*. E eles farão as pazes, e agora será

glorificado até os confins da Terra, e será ele que fará a paz. (Miqueias, V, v. 4.)

23/12/2012

Edição 292

Na edição 286 desta revista publicamos na seção de Cartas um interessante questionamento feito por nossa leitora Edaci Giacomini Gonçalves, de Porto Alegre-RS, a respeito do tema reencarnações acidentais, uma expressão utilizada por Adenauer Novaes no livro "Reencarnação".

Por reencarnações acidentais Adenauer Novaes entende os casos em que a fecundação não estava prevista e a união sexual foi fortuita. Um determinado Espírito que esteja próximo ao casal será atraído pelo óvulo fecundado. Mecanismos automáticos encarregar-se-ão de propiciar lições de aprendizagem de que o Espírito, nessa circunstância, necessite. Nesses casos, estariam incluídas as reencarnações oriundas de estupros e acidentes semelhantes.

Consultado por um de nossos colaboradores, Adenauer Novaes escreveu-nos o seguinte:

"O questionamento da leitora é pertinente. O senso crítico é desejável em tudo que se refira ao conhecimento. A análise a respeito das reencarnações 'acidentais' deve contemplar a questão do livre-arbítrio. Os atos humanos nem sempre são programados com antecedência, graças à liberdade de escolha que foi atingida a essa altura da evolução do Espírito.

É pouco provável que haja Espíritos à espera de cada possibilidade decisória. Se considerarmos, por exemplo, o estupro como uma escolha do indivíduo doente que o pratica, temos que considerar também que, do outro lado, sua vítima teria a probabilidade de sofrê-lo, mas não o determinismo de que iria acontecer. Será que haveria, antecipadamente, um Espírito desencarnado à espera de que o fato ocorresse? Não seria considerar que há um determinismo? Prefiro considerar que, num plano menor, trata-se de um 'acidente'. Num plano maior, divino, não há acidentes.

É também possível considerar que um casal possa mudar seus planos, aceitando a encarnação de um Espírito sem que tenha sido planejado recebê-lo anteriormente. Esse novo filho seria fruto do livre-arbítrio de ambos, portanto, não planejado previamente. O contrário, isto é, a redução do número de filhos, também poderia ocorrer. Vale considerar que os casos de separação dos casais também promovem mudanças no planejamento reencarnatório, provocando 'acidentes'. Desconheço discussão sobre o assunto em outras obras."

*

De fato, não existe nenhuma obra espírita confiável que utilize a expressão "reencarnação acidental", que nos parece ter sido utilizada pelo confrade em face da pobreza do nosso idioma. "Acidental" seria, de acordo com a explicação dada por ele mesmo, um termo oposto a "planejado". Além disso, Adenauer reconhece, como estudioso que é, que num plano maior "não há acidentes".

Antes de redigir este texto, ouvimos quase duas dezenas de articulistas e estudiosos espíritas que colaboram habitualmente com nossa revista. O que abaixo se vai ler é, portanto, uma síntese da pesquisa que fizemos e das considerações enviadas por nossos colaboradores.

As leis da genética encontram-se, segundo Emmanuel (*O Consolador*, pergunta 35), presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular. Esses agentes psíquicos são, muitas vezes, movimentados pelos mensageiros do plano espiritual, encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. A conjugação entre o campo espiritual e o campo físico não se faz por acaso e está na dependência de múltiplas condições, a maioria delas absolutamente desconhecida.

Entende Dr. Jorge Andréa (*Encontro com a Cultura Espírita*, págs. 91 a 95) que nenhum Espírito chegará ao processo reencarnatório sem uma atração específica com sua futura mãe. O mergulho na reencarnação só se dará quando a sintonia entre mãe e futuro filho estiver praticamente indissolúvel. Qualquer que seja a qualidade do reencarnante, haverá sempre com a mãe correlação de causas, onde ambos lucrarão sempre, no sentido evolutivo, quer os mecanismos se exteriorizem nas faixas do amor ou do ódio. O Espírito reencarnante, com o seu campo específico de energias, fará a seleção do espermatozoide pelas contingências de suas irradiações, adquirindo e construindo o futuro corpo de acordo com as suas necessidades.

Reencarnações se processam, muitas vezes, sem qualquer consulta aos que necessitam de segregação em certas lutas no plano físico, providências essas comparáveis às que assumimos no mundo com enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convém no espaço de tempo em que se lhes perdura a enfermidade ou em que se mantêm sob as determinações da justiça. São os problemas especiais, em que a individualidade renasce de cérebro parcialmente inibido ou padecendo mutilações congênitas, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho. Incapazes de eleger o caminho de reajuste, pelo estado de loucura ou de sofrimento que evidenciam, semelhantes enfermos são decididamente internados na cela física como doentes isolados sob assistência precisa. Vemo-los, assim, repontando de lares faustosos ou paupérrimos, contrariando, por vezes, até certo ponto, os estatutos que regem a hereditariedade, por representarem dolorosas exceções no caminho normal. (*Evolução em dois Mundos*, 1ª Parte, cap. XIX, pág. 150.)

Não existe uma técnica invariável no serviço reencarnatório na Terra. Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na re corporificação a que se entrega na esfera física, quanto cada pessoa expõe características diferentes quando se rende ao processo liberatório, não obstante o nascimento e a morte parecerem iguais. Os Espíritos inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoideísmo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, experimentando o definhamento do corpo espiritual ou o fenômeno de "ovoidização", sendo inelutavelmente atraídos ao vaso uterino, em circunstâncias adequadas, para a reencarnação que lhes toca, em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade, como acontece à semente que, após desligar-se do fruto seco, germina no solo, segundo os princípios organogênicos a que obedece, tão logo encontre o favor ambiental. Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão. (*Evolução em dois Mundos*, 1ª Parte, cap. XIX, pp. 152 e 153.)

A planificação para a reencarnação é quase infinita e obedece a critérios que decorrem das conquistas morais ou dos prejuízos ocasionais de cada candidato. Na generalidade, existem estabelecidos automatismos que funcionam sem

maiores preocupações por parte dos técnicos em renascimento, e pelos quais a grande maioria dos Espíritos retorna à carne, assinalados pelas próprias injunções evolutivas. Ao lado desse automatismo das leis da reencarnação, há programas e labores especializados para atendimento de finalidades específicas. Os candidatos em nível médio de evolução, antes de serem encaminhados às experiências terrenas, requerem a oportunidade, empenhando nisso os melhores propósitos e apresentando os recursos que esperam utilizar, a fim de granjearem a bênção do recomeço, na bendita escola humana. Examinados por hábeis e dedicados programadores, que recorrem a técnicas especiais de avaliação das possibilidades apresentadas, são eles submetidos a demorados treinamentos, de acordo com o serviço a empreender, com vistas ao bem-estar da Humanidade, após o que são selecionados os melhores, o que reduz a margem de insucesso. Os que não são aceitos, voltam a cursos de especialização para outras atividades, especialmente de equilíbrio, com que se armam de forças para vencer as más inclinações defluentes das existências anteriores que se malograram, bem como para a aquisição de valiosas habilidades que lhes repontarão, futuramente, no corpo como tendências e aptidões. (Temas da Vida e da Morte, *Reencarnação -- Dádiva de Deus*, pp. 13 e 14.)

De acordo com a ficha pessoal do candidato, é feita, concomitantemente, pesquisa sobre aqueles que lhe podem oferecer guarida, dentro dos mapas cármicos, providenciando-se necessários encontros ou reencontros na *esfera dos sonhos*, se os futuros genitores já estão reencarnados, ou diretamente, quando for um plano elaborado com antecedência, no qual os membros do futuro clã convivem, primeiro, na Erraticidade, de onde partem já com a família adredemente estabelecida. Executada a etapa de avaliação das possibilidades e a aproximação com a necessária anuência dos futuros pais, são meticulosamente estudados os mapas genéticos de modo a facultarem, no corpo, a ocorrência das manifestações físicas como psíquicas, de saúde e doença, normalidade ou idiotia, lucidez e inteligência, memória e harmonia emocional, duração do cometimento corporal e predisposições para prolongamento ou antecipação da viagem de retorno, ensejando, desse modo, probabilidades dentro do comportamento de cada aluno à aprendizagem terrena. “Fenômenos de determinismo são estabelecidos com margem a alternâncias decorrentes do uso do livre-arbítrio, de modo a permitir uma ampla faixa de movimentação com certa independência emocional em torno do destino, embora sob controles que funcionam automaticamente, em consonância com as leis do equilíbrio geral.” Travam-se debates entre o futuro reencarnante e seus fiadores espirituais, expondo-se as dificuldades a enfrentar e os problemas a vencer, nascendo daí a euforia e a esperança em relação ao futuro. É assim que, em clima de prece, entre promessas de luta e coragem, sob o apoio de abnegados Instrutores, o Espírito mergulha no oceano compacto da psicofera terrena e se vincula à célula fecundada, dando início a novo compromisso. Os que o amam, na Espiritualidade, ficam expectantes e interessados pelos acontecimentos, preocupados pelos sucessos que ocorrerão, e buscarão interceder nas horas graves, auxiliando nos momentos mais difíceis, encorajando sempre... (Temas da Vida e da Morte, *Reencarnação -- Dádiva de Deus*, pp. 14 e 15.)

Dotado de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito registra todas as ações do Espírito através dos mecanismos sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por

automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. Intermediário entre a alma e o corpo físico, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retorno à causa geratriz. Captando o impulso do pensamento e computando a resposta da ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidos os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de força muito especiais, o perispírito irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas. Desse modo, quando o Espírito é encaminhado, por ocasião da reencarnação, aos futuros genitores, no momento da fecundação o gameta masculino vitorioso esteve impulsionado pela energia do perispírito do reencarnante, que naquele espermatozoide encontrou os fatores genéticos de que necessitava para a programática a que se deve submeter. A partir desse momento, os códigos genéticos da hereditariedade, em consonância com o conteúdo vibratório dos registos perispirituais, vão organizando o corpo que o Espírito habitará. Como é certo que, em casos especiais, há toda uma elaboração de programa para o reencarnante, na generalidade, os automatismos vibratórios das Leis de Causalidade respondem pela ocorrência, que jamais tem lugar ao acaso. Todo elemento irradia vibrações que lhe tipificam a espécie e respondem pela sua constituição. Espermatozoides e óvulos, em consequência, possuem campo de força específico, que propõe os primeiros para o encontro com os últimos, facultando o surgimento da célula ovo. Por sua vez, cada gameta exterioriza ondas que correspondem à sua *fatalidade biológica*, na programação genética de que se faz portadora. (Temas da Vida e da Morte, *Pensamento e perispírito*, pp. 35 e 36.)

Concluindo, reproduzimos uma das perguntas propostas ao conhecido escritor Hermínio Correa de Miranda em uma entrevista publicada pelo [CVDEE - Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo](http://geal-ba.blogspot.com.br/2007/10/entrevista-com-hermnio-corra-de-miranda.html), que o leitor pode ver na internet clicando neste link -

<http://geal-ba.blogspot.com.br/2007/10/entrevista-com-hermnio-corra-de-miranda.html>:

- *Como se dão as reencarnações regidas pelo automatismo? Esta situação abrange os casos de reencarnação forçada que os Espíritos de pouca luz unidos em falanges impõem a seus subjugados?*

Hermínio Correa Miranda: "Há reencarnações com um componente de compulsoriedade, obviamente em benefício da entidade reencarnante. O livro *Prontuário da Obra de Allan Kardec*, de Deoclécio de Demócrito, recomenda ler, sobre este aspecto, a Questão 262, em O Livro dos Espíritos. Recorro, ainda, ao *Indicador Espírita*, compilado por outro meticoloso e competente confrade, João Gonçalves. Veja o que contém o verbete número 2155: 'Reencarnações se processam muita vez sem qualquer consulta aos que necessitam segregação em certas lutas no plano físico, qual enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convém. Incapazes de eleger o caminho de reajuste, são decididamente internando na cela física como doentes isolados sob assistência precisa. Vemo-los, assim, repontando de lares faustosos ou paupérrimos, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho, contrariando por vezes até certo a hereditariedade, por representarem dolorosas exceções no caminho normal.' São indicadas, nesse verbete, as

seguintes fontes de consulta: *Evolução em Dois Mundos, Entre a Terra e o Céu, Missionários da Luz, Nosso Lar, No Mundo Maior, Obreiros da Vida Eterna*, todos de André Luiz e mais: *Autodescobrimento - uma busca interior*, de Joanna de Ângelis e, ainda, *As Mil Faces da Realidade Espiritual*, de Hermínio C. Miranda, bem como *Nascer e Renascer (?)* e, finalmente, *O Problema do Ser*, de Léon Denis. Sobre a segunda parte de sua pergunta, lembro meu artigo 'O médium do Anti-Cristo' (*Reformador*, março e abril de 1976), no qual é examinada a hipótese de reencarnações de um mesmo grupo de entidades em torno de Adolf Hitler."

6/01/2013
Edição 293

O leitor Fernando Melo, de João Pessoa-PB, pergunta-nos: "Sabemos o que é Umbral, na Doutrina Espírita. Foi Allan Kardec quem primeiro nominou-o?" Não. O termo Umbral, com o sentido que as narrativas mediúnicas lhe dão, jamais foi, pelo que sabemos, utilizado por Kardec.

É interessante lembrar, porém, que vários aspectos característicos da chamada zona umbralina foram destacados por Allan Kardec em diversos textos que ele inseriu na *Revista Espírita* e em seu livro *O Céu e o Inferno*.

Segundo as informações contidas no livro *Nosso Lar*, de André Luiz, o chamado Umbral nada mais é do que uma região espiritual de transição. Debatem-se na zona umbralina Espíritos desesperados, infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. Cada Espírito ali permanece o tempo que se faça necessário ao esgotamento dos resíduos mentais negativos, mas seus habitantes separam-se dos encarnados tão-somente por leis vibratórias. Silêncio implacável, cortado às vezes por gargalhadas sinistras e uma paisagem, quando não totalmente escura, banhada de luz alvacenta, como que amortalhada em neblina espessa, essa era a região em que o próprio André Luiz viveu por vários anos, assediado por seres monstruosos e vultos negros que o acordavam irônicos e lhe dirigiam acusações impensáveis.

Dito isto, vejamos o que Kardec publicou em sua obra:

1. No Espaço existem Espíritos mergulhados em densa treva, enquanto outros se encontram em absoluto insulamento, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda. Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo. Alguns são privados de ver os seres queridos, e todos, geralmente, passam com intensidade relativa pelos males, pelas dores e privações que a outrem ocasionaram. (*O Céu e o Inferno, 1ª. Parte, cap. VII, tópico 25º.*)
2. O Espírito de Claire, em mensagem mediúnica, refere-se ao marido, que muito a martirizara, e à posição em que ele se encontrava no mundo espiritual. Eis o trecho: "Queres saber qual a situação do pobre Félix? Erra nas trevas entregue à profunda nudez de sua alma. Superficial e leviano, aviltado pelo sensualismo, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo. Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho onde tudo fulgura ao brilho desse Deus por ele negado." (*O Céu e o Inferno, no cap. IV da 2ª Parte, cap. IV.*)
3. Georges (Espírito) descreve o castigo infligido aos maus Espíritos. Enquanto dão vazão à sua raiva, eles são quase felizes; no entanto, passam os séculos e eles sentem-se de súbito invadidos pelas trevas, advindo daí o remorso e o

arrependimento, seguidos de gemidos e expiações. (*Revista Espírita de 1860, pp. 331 e 332.*)

4. Os Espíritos têm todas as percepções que tinham na Terra, mas em mais alto grau, porque suas faculdades não são amortecidas pela matéria. Para eles não existe escuridão, salvo para aqueles cuja punição é ficarem temporariamente nas trevas. (*Revista Espírita de 1864, pp. 106 a 112.*)

5. Comentando uma comunicação espontânea obtida na Sociedade Espírita de Paris, sendo médium a Sra. Costel, diz Kardec que, enquanto uns Espíritos são mergulhados nas trevas, outros são imersos em ondas de luz, que os ofuscam e penetram, como setas agudas. (*Revista Espírita de 1864, p. 218.*)

6. No dia 3 de fevereiro de 1865 ocorreu o falecimento da Sra. Foulon, que, três dias depois, se manifestou na Sociedade Espírita de Paris. Informando ter estado lúcida desde o trespasse, a Sra. Foulon não conheceu a perturbação pós-morte. "Só os que têm medo – explicou ela – são envolvidos por suas espessas trevas." (*Revista Espírita de 1865, pp. 73 a 75.*)

7. Num dos grupos espíritas existentes em Marselha, a Sra. T... recebeu psicograficamente uma comunicação de um operário que dias antes havia desencarnado no desmoronamento de uma ponte. O operário fora materialista na Terra. Na mensagem, o comunicante dizia estar em trevas, mas havia conseguido seguir um raio luminoso de um Espírito (pelo menos foi o que lhe disseram, embora ele não acreditasse em Espíritos). (*Revista Espírita de 1867, p. 242.*)

Finalizando, é bom lembrar que Ernesto Bozzano, um dos mais destacados pesquisadores do chamado Espiritismo Científico, confirma o que Kardec e André Luiz nos ensinam a respeito do assunto, como podemos comprovar à vista do seguinte texto extraído da obra *A Crise da Morte*:

Os Espíritos se encontram novamente, na vida espiritual, com a forma humana. Todos se acham num meio espiritual radioso e maravilhoso (no caso de mortos moralmente normais) e num meio tenebroso e opressivo (no caso de mortos moralmente depravados). Todos reconhecem que o meio espiritual é um novo mundo objetivo, real, análogo ao meio terrestre espiritualizado. Eles aprendem que isso se deve ao fato de que, no mundo espiritual, o pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual o Espírito existente no "plano astral" pode reproduzir em torno de si o meio de suas recordações. Os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade". (*A Crise da Morte, pp. 164 a 166.*)

13/01/2013

Edição 294

Uma leitora nos pergunta se nos estudos publicados em nossa revista já foi editada alguma matéria que tenha abordado a passagem em que Jesus expulsa uma legião de demônios e estes entram numa manada de porcos. "Gostaria de entender melhor essa citação", diz-nos a leitora.

O relato bíblico é narrado no Evangelho de Mateus, 8:28 a 8:34.

Ei-lo de forma resumida: Dois endemoninhados, saindo dos túmulos, vieram ao encontro de Jesus e protestaram, em altos gritos: "Que temos nós contigo, Filho de Deus? vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?" Perto dali, pastava uma grande manada de porcos. Os demônios rogavam-lhe: "Se nos expeles, envia-nos para a manada de porcos". Disse-lhes Jesus: "Ide". Tendo eles saído, passaram para os porcos. Toda a manada precipitou-se pelo declive no mar e,

então, os porcos se afogaram. Os pastores fugiram e foram à cidade, onde contaram o que havia acontecido. Então a cidade toda saiu ao encontro de Jesus e, ao vê-lo, o povo rogou-lhe que se retirasse de suas terras.

No livro *A Gênese*, cap. XV, item 34, Kardec fez ligeiras observações sobre o assunto. Eis o que ele escreveu:

"O fato de serem alguns maus Espíritos mandados meter-se em corpos de porcos é o que pode haver de menos provável. Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal era tido em horror e nenhuma utilidade oferecia para a alimentação. Um Espírito, porque mau, não deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer mal, depois de desencarnar, como o fazia antes, e é contra todas as leis da Natureza que lhe seja possível fazer morada no corpo de um animal. No fato, pois, a que nos referimos, temos que reconhecer a existência de uma dessas ampliações tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, então, será uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos".

Corroborando o pensamento de que os Espíritos "não entraram" efetivamente nos corpos dos porcos, mas simplesmente os assustaram, fato que os levou a precipitar-se no mar, Irvênia Prada, em palestra realizada no dia 10 de setembro de 2011 em São Bernardo do Campo-SP, ao tratar do tema percepções anímicas dos animais, reproduziu o seguinte comentário assinado pelo Espírito de Erasto:

"É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o terror súbito que eles denotam, sem que lhe percebais a causa, é determinado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes, ou com relação aos donos dos animais. Ainda com mais frequência vedes cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de mover-se. Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo-lhe a espada flamejante, se obstinava em não dar um passo. É que, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quisera tornar-se visível somente para o animal". (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXII, item 236.)

Na sequência da palestra, Irvênia Prada disse que por este relato de Erasto e pela observação de muitas pessoas quanto ao comportamento sugestivo de seus animais é possível concluir que os animais têm, sim, a capacidade de perceber a presença espiritual, como certamente se deu no caso da manada de porcos que se precipitou no mar e se afogou. Dessa forma, é provável que, no mencionado episódio, os chamados "demônios" (Espíritos muito necessitados) não propriamente "entraram" nos porcos, mas a eles dirigiram sua necessidade de vampirização de fluido vital, de modo que os animais "perceberam", "sentiram" as características de suas pesadas vibrações e se "descontrolaram".

A palestra de Irvênia Prada a que nos referimos é mencionada na reportagem *Evidências científicas da vida espiritual* publicada em nossa revista no dia 18/9/2011. Eis o link que remete o leitor ao seu conteúdo:

<http://www.oconsolador.com.br/ano5/227/especial2.html>

20/01/2013

Edição 295

Uma amiga transmitiu-nos o conteúdo de uma crítica que ela recebeu de pessoas adeptas das chamadas igrejas evangélicas, que lhe perguntaram por que Kardec consignou na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo* apenas uma parcela dos textos evangélicos e não a sua totalidade.

A pergunta dos evangélicos, embora tenha sido feita de forma irônica, é semelhante a outra que nos foi feita, tempos atrás, por um amigo espírita, que não encontrou na mencionada obra nenhuma referência ao chamado sermão profético. Teria sido essa falha um lapso do Codificador do Espiritismo ou fora algo proposital?

Embora feitas com motivação diferente, as perguntas acima podem ser respondidas em um mesmo texto, cujo fundamento se encontra no item I da Introdução da mencionada obra, em que Allan Kardec assim se manifestou:

“Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.* As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas, as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra”.

O texto transcrito nos fornece a razão pela qual Kardec não tratou nessa obra das questões dogmáticas, das curas, dos milagres e das profecias, temas que ele reservou para outro livro, publicado anos depois com o título de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, no qual o sermão profético, as curas e os milagres relatados nos textos evangélicos são apresentados e analisados à luz da doutrina espírita.

27/01/2013

Edição 296

A leitora Filomena Branco, que reside em Portugal, pergunta-nos, relativamente à chamada psicofonia inconsciente, se nesse tipo de fenômeno há ou não há ligação do comunicante ao cérebro físico ou espiritual do médium.

Para entender bem o que ocorre na psicofonia inconsciente, é conveniente que vejamos primeiro o que André Luiz chama de psicofonia consciente. O assunto é tratado por ele no cap. 6, pp. 55 a 58, do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, única obra que trata do fenômeno em suas minúcias.

Na psicofonia consciente, André Luiz compara a associação entre o Espírito sofredor e o corpo do médium a um sutil processo de enxertia neuropsíquica. Descrevendo um desses casos, em que atuou a médium Eugênia, André informou que leves fios brilhantes ligavam a fronte da alma da médium,

desligada do seu veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante. Embora senhoreando as forças da médium, o hóspede desencarnado permanecia controlado por ela, a quem então ele se imanava pela corrente nervosa, através da qual a médium estaria informada de todas as palavras que ele mentalizasse e pretendesse dizer.

Eis como o instrutor Aulus explicou o que acontecia: "Efetivamente, apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo".

Aulus disse ainda que, consciente de todas as intenções do Espírito infortunado, a médium reservava-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. "Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio".

Outro fato importante é que a alma de Eugênia, a médium, se conservava bem próxima de seu corpo denso. É que nesse tipo de fenômeno, sempre que o esforço se refira a entidades em desajuste, o medianeiro não deve ausentar-se demasiado. Com um demente em casa, o afastamento é perigoso.

*

Na chamada psicofonia inconsciente, os fatos se processam de forma um pouco diferente, como André Luiz nos informa no cap. 8, pp. 71 a 76 da mesma obra. Descrevendo o fenômeno, André nos diz que, assim que viu o Espírito sofredor, a alma da médium Celina desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entregasse a sono profundo, e conduziu consigo a aura brilhante de que se coroava. Fitando o desesperado visitante com simpatia, abriu-lhe os braços, auxiliando-o a senhorear o veículo físico, então em sombra. Como se fora atraído por vigoroso ímã, o sofredor arrojou-se sobre a organização física de Celina, colando-se a ela, instintivamente. Auxiliado por uma entidade, ele sentou-se com dificuldade, afigurando-se a André Luiz intensivamente ligado ao cérebro físico da médium.

No caso anterior, a médium Eugênia revelara-se benemérita enfermeira. Neste, Celina surgia como abnegada mãezinha, tal a devoção afetiva para com o hóspede infortunado. Partiam dela fios brilhantes a envolvê-lo inteiramente e o recém-chegado, em vista disso, não obstante senhor de si, demonstrava-se criteriosamente controlado, assemelhando-se a um peixe furioso entre os estreitos limites de um recipiente. O comunicante projetava de si estiletos de treva, que se fundiam na luz com que a alma de Celina o rodeava, dedicada. Ele tentava gritar impropérios, mas em vão. Celina era um instrumento passivo no exterior, entretanto, nas profundezas do ser, mostrava as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável, impedindo aquele irmão de qualquer manifestação menos digna.

O Espírito começou mencionando seu nome: José Maria, enfileirando outros nomes com o evidente intuito de mostrar a importância sobre sua origem.

Irritadíssimo, amontoava reclamações, deitava reprimendas e revoltava-se exasperado, mas não usava palavras semelhantes às que proferira antes. Achava-se como que manietado, vencido, embora rude e áspero. Aparecera tão completamente implantado na organização fisiológica da médium, tão espontâneo e natural, que André não conseguiu sopitar as perguntas.

A mediunidade de Celina era diferente da de Eugênia?

Por que esta se mantivera preocupada, como enfermeira inquieta, enquanto Celina parecia devotada tutora do irmão dementado?

Por que numa se vira a expectativa atormentada e na outra, a serena confiança?

O instrutor Aulus informou que Celina constituía um exemplo de sonâmbula perfeita e explicou: "A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa". A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos, que não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica era de extrema passividade. Por isso mesmo, revelava-se o Espírito comunicante mais seguro de si na exteriorização da própria personalidade. Esse fato não significa, contudo, que a médium estivesse ausente ou irresponsável. Junto de seu corpo, agia como mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprimia, qual se fora frágil protegido de sua bondade.

Concluindo as observações sobre o caso, Aulus informou: "O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil na construção espiritual do bem. A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes".

3/02/2013

Edição 297

Leandro Lázaro Altube, de Contagem (MG), em carta enviada à redação desta revista, pergunta-nos se uma pessoa assassinada, caso esse crime não fosse cometido, teria mais tempo de vida ou morreria, de qualquer forma, na mesma época. E no tocante à criança, morta, por exemplo, por uma bala perdida, deveria ela morrer na mesma época em que esse fato se deu?

São complexas as questões apresentadas pelo leitor e não nos cabe, em assuntos assim, expor o que pensamos mas, sim, o que aprendemos na doutrina espírita e nas obras subsidiárias firmadas por autores idôneos e dignos do nosso respeito.

O tema foi tratado objetivamente em duas questões d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, que adiante reproduzimos:

853. Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade? "Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos."

a) Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos? "Não; não perecerás e tens

disso milhares de exemplos. Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes seu Espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência.”

854. Do fato de ser infalível a hora da morte, poder-se-á deduzir que sejam inúteis as precauções que tomemos para evitá-la? “Não, visto que as precauções que tomais vos são sugeridas com o fito de evitardeis a morte que vos ameaça. São um dos meios empregados para que ela não se dê.”

Muitos anos depois – entre 31 de outubro de 1939 e 8 de março de 1940 –, em Pedro Leopoldo (MG), questão semelhante foi proposta a Emmanuel, como podemos ler na pergunta 146 do *O Consolador*, de sua autoria, psicografia de Chico Xavier.

Ei-la:

– É fatal o instante da morte? “Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias. A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundeza da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alcançando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas. E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo. Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.”

*

Acreditamos piamente que as explicações acima podem ajudar-nos a entender os diversos tipos de mortes que se verificam no mundo, esclarecendo, porém, que no tocante à criança – nesse período em que, segundo os instrutores espirituais, não existe ainda perfeita integração entre o Espírito e a matéria orgânica – possam ocorrer óbitos antes da época inicialmente programada, por ocasião do processo reencarnatório.

Essa informação colhemos no cap. X, págs. 62 a 64, do livro *Entre a Terra o Céu*, de André Luiz, obra psicografada pelo médium Chico Xavier e publicada em 1954 pela Federação Espírita Brasileira, na qual o Ministro Clarêncio diz que uma criança pode, sim, desencarnar antes da época indicada para sua libertação.

Eis as palavras com que o Ministro explicou esse fato: “Em regra geral, multidões de criaturas cedo se afastam do veículo carnal, atendendo a serviços de socorro e sublimação, mas, em numerosas circunstâncias, a negligência e a irreflexão dos pais são responsáveis pelo fracasso dos filhinhos”.

Dando sequência a essa informação, irmã Blandina acrescentou: "Aqui, recebemos muitas solicitações de assistência, a benefício de pequeninos ameaçados de frustração. Temos irmãs que por nutrirem pensamentos infelizes envenenam o leite materno, comprometendo a estabilidade orgânica dos recém-natos; vemos casais que, através de rixas incessantes, projetam raios magnéticos de natureza mortal sobre os filhinhos tenros, arruinando-lhes a saúde, e encontramos mulheres invigilantes que confiam o lar a pessoas ainda animalizadas, que, à cata de satisfações doentias, não se envergonham de ministrar hipnóticos a entezinhos frágeis, que reclamam desvelado carinho... Em algumas ocasiões, conseguimos restabelecer a harmonia, com a recuperação desejável, no entanto, muitas vezes somos constrangidas a assistir ao malogro de nossos melhores propósitos".

10/02/2013

Edição 298

Um amigo e colaborador de nossa revista pergunta-nos o que entendemos pela palavra **ortodoxia** utilizada por Allan Kardec no texto que reproduzimos logo abaixo:

"Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, nem nós, nem qualquer outro que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só." (O Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, item II.)

O trecho acima transcrito mostra com notável clareza que a doutrina espírita é obra coletiva, não emana de um único Espírito, por mais sábio que ele possa ser, o que nos sugere que devemos ter todo o cuidado com as chamadas revelações singulares, provenientes de uma única fonte, seja qual for essa fonte.

As revelações singulares podem até ser verídicas, mas é preciso deixar que o tempo concorra para validá-las, atentos a este princípio, exposto também claramente na obra de Kardec: Quando uma nova informação deve ser transmitida do plano espiritual ao plano terráqueo, isso se verifica em todos os pontos do globo, por intermédio de muitos Espíritos e de um grande número de médiuns desconhecidos uns dos outros.

Segundo pensamos, Kardec utilizou a palavra "ortodoxia" com o sentido que os gregos lhe davam. A palavra nos veio da Grécia e significa "opinião certa", fidelidade, conformidade com um determinado pensamento ou doutrina.

Como a doutrina espírita se fundamenta nos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores, é claro que a definição relativamente ao seu conteúdo correto é atribuição dos Espíritos, não dos encarnados.

Allan Kardec, que foi, como sabemos, a pessoa incumbida de codificar esses ensinamentos, deixou muito claro em seus escritos que a revelação espírita seria ampliada gradualmente e transmitida a nós, seres encarnados, no momento adequado, de conformidade com nossa capacidade de entendimento e assimilação. A iniciativa seria, portanto, dos reveladores espirituais, cabendo a nós, encarnados, um papel importante, mas secundário, se comparado ao papel dos imortais incumbidos dessa revelação.

É importante também lembrar que a palavra "ortodoxia" é, às vezes, utilizada de forma depreciativa, para designar a intransigência de uma pessoa em relação a tudo quanto é novo, ou a não aceitação de novos princípios ou ideias. É nesse último sentido que alguns médiuns da atualidade, não aceitando as críticas que se fazem a determinados equívocos constantes de seus livros, gostam de nomear as pessoas que têm a coragem moral de apontar seus deslizes de ordem doutrinária.

17/02/2013

Edição 299

A leitora Helena S. P. de Oliveira, de Aveiro, Portugal, pergunta-nos, em carta publicada nesta mesma edição, se o Evangelho no Lar é uma indicação de Allan Kardec. Caso positivo, onde a podemos encontrar?

Tema do editorial **A importância do Evangelho na questão da vigilância**, publicado também nesta edição, o Evangelho no Lar tem sua origem realmente, em nosso meio, numa sugestão feita por Allan Kardec.

O assunto foi suscitado por uma questão interessante. Assim que foi publicado o livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em abril de 1864, leitores escreveram a Kardec perguntando que oração seria mais indicada para as preces da manhã e da noite sugeridas no livro a que nos referimos.

Eis como Kardec tratou do assunto na *Revista Espírita* de 1864:

"Vários de nossos assinantes nos testemunharam o lamento de não terem encontrado, em nossa *A Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo* ⁽¹⁾, uma prece especial, para a manhã e a noite, para o uso habitual. Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria delas conter um muito maior número. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as juntamos, no capítulo consagrado ao exame da prece, como juntamos, a cada um dos outros capítulos, as comunicações que poderiam a eles se relacionar. Omitindo, de propósito, as da manhã e da noite, quisemos evitar de dar, à nossa obra, um caráter litúrgico; por isso nos limitamos às que têm uma relação direta com o Espiritismo, cada um podendo encontrar as outras nas de seu culto particular. Todavia, para obtemperar o desejo que nos foi manifestado, damos a seguir a que nos parece melhor responder ao objetivo que se propôs".

A prece então sugerida por ele foi a conhecida Oração Dominical, que o Codificador recomendou expressamente como sendo a mais indicada para as preces da manhã e da noite.

Foi então que, conforme texto publicado na pág. 234 da *Revista Espírita* de 1864, ele sugeriu que uma vez por semana, por exemplo, no domingo, poder-se-ia consagrar à prece um tempo mais longo, a isto acrescentando a leitura de algumas passagens do Evangelho e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos.

Essa recomendação de Kardec foi, portanto, o embrião do chamado Culto Evangélico no Lar ou, simplesmente, Evangelho no Lar, uma prática que teria sido introduzida na comunidade cristã por Jesus, como Neio Lúcio narra no cap. 1 do livro *Jesus no Lar*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, texto esse publicado nesta mesma edição, na seção **Correio mediúnico**, que a leitora pode acessar clicando neste link -

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/299/correiomediunico.html>

(1) Título da edição inicial do livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, o qual foi depois modificado.

24/02/2013
Edição 300

A leitora Ester Rodrigues, do Rio de Janeiro, em carta dirigida a esta revista, pergunta-nos: O que faz com que uma casa seja mal-assombrada e o que podemos fazer nesse caso?

O assunto foi tratado minuciosamente por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, cap. IX, item 132, e na *Revista Espírita* de 1858, 1859, 1868 e 1869. Lugares assombrados existem, sim; não se trata de uma crendice popular. "A questão dos lugares assombrados - disse Kardec - é um fato comprovado. Barulhos e perturbações causados pelos Espíritos são coisas conhecidas." (*Revista Espírita* de 1869, pp. 77 e 78, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL.)

Certos Espíritos podem sentir-se atraídos por coisas materiais; podem, portanto, ser atraídos por determinados lugares, onde, às vezes, estabelecem domicílio, até que desapareçam as circunstâncias que os fizeram buscar esses locais.

Dentre as circunstâncias que podem induzi-los a isso, destaca-se a simpatia que nutrem por pessoas que frequentam esses locais, ou o desejo de comunicar-se com elas. Mas nem sempre os animam intenções louváveis. Quando se trata de Espíritos malévolos, seu objetivo pode ser uma vingança contra pessoas de quem guardam mágoas.

A permanência em determinado lugar pode também ser, para alguns Espíritos, uma punição que lhes é infligida, sobretudo se ali cometeram algum crime, a fim de que o tenham constantemente diante dos olhos. Pelo menos um caso desses é mencionado por Kardec, no cap. VI da 2ª parte do livro *O Céu e o Inferno*, sob o título "O Espírito de Castelnau".

As informações constantes da obra de Kardec têm sido confirmadas por inúmeros e conceituados pesquisadores espíritas, mas todos concordam em que não existe motivo real para temermos a presença em nossa casa dos chamados fantasmas, que nada mais são que as almas de pessoas como nós que, extinta a vida do corpo físico, volveram ao plano espiritual.

Explicadas as possíveis causas do fenômeno, resta examinar a questão que todos certamente consideram a mais importante: - Haverá meios de expulsar esses Espíritos?

No cap. IX, item 132, d' *O Livro dos Médiuns*, Kardec formulou essa mesma pergunta - haverá meios de os expulsar? - e os imortais assim responderam:

"Há; porém, as mais das vezes o que fazem, para isso, os atraindo, em vez de os afastar. O melhor meio de expulsar os maus Espíritos consiste em atrair os bons. Atrai, pois, os bons Espíritos, praticando todo o bem que puderdes, e os maus desaparecerão, visto que o bem e o mal são incompatíveis. Sede sempre bons e somente bons Espíritos tereis junto de vós."

É claro que, mesmo cientes do que deve ser feito, muitos não suportam as tropelias causadas por certos Espíritos e decidem mudar-se para outros locais.

Na *Revista Espírita* de 1859, pp. 392 a 394, conforme a edição publicada pela EDICEL, Kardec menciona um caso em que a mudança de local chegou a ser sugerida por um Espírito superior.

Segundo o relato, o Sr. V..., excelente médium que se distinguia pela pureza de suas relações com o mundo espírita, estava sendo atormentado por um Espírito que resolveu residir no seu quarto. Antigo carreteiro, esse Espírito pertencia à mais baixa classe. Consultado por Kardec, um Espírito superior disse que havia dois meios de o Sr. V... desembaraçar-se do perseguidor: o meio espiritual, pedindo a Deus, e o meio material, mudando de casa.

Comentando o assunto, Kardec diz que a prece é útil em tais casos e lembra que esses Espíritos se sensibilizam com os nossos conselhos e as nossas orações. Por que, pois, sendo possível contatá-los numa reunião mediúnica, recusaríamos ouvi-los, quando seu arrependimento e seu sofrimento podem edificá-los?

A propósito do assunto, sugerimos à leitora que leia também o que escrevemos nesta mesma seção, na edição 102 desta revista. Eis o link - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/102/oespiritismoresponde.html>

3/03/2013

Edição 301

A leitora Márcia Coutinho, do Rio de Janeiro-RJ, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos se a epilepsia se enquadra nos casos que o Espiritismo cataloga como obsessão.

O tema foi objeto nesta revista de um longo artigo intitulado "Nas fronteiras da epilepsia", de autoria de nosso confrade Nubor Orlando Facure, médico neurocirurgião, diretor do Instituto do Cérebro de Campinas-SP e ex-professor catedrático de Neurocirurgia na Unicamp (Universidade de Campinas). Eis o link que permite acessar o artigo a que nos referimos: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/253/especial.html>

Logo na abertura de seu artigo, diz o professor Facure: "Embora Hipócrates tenha feito em seus escritos uma brilhante descrição da crise do Grande Mal, indicando o cérebro como o responsável por toda essa sintomatologia, a epilepsia foi tida como uma doença mental pelos séculos afora e só depois do surgimento da Neurologia, no século passado, é que a Epilepsia passou a ser compreendida como uma síndrome decorrente de uma lesão orgânica no cérebro. Hoje entende-se a epilepsia como uma descarga elétrica desorganizada que atinge os neurônios cerebrais, provocando sintomas correlacionados com a área cerebral afetada. Embora os relatos mediúnicos do porte de *No Mundo Maior* e *Nos Domínios da Mediunidade*, ditados pelo Espírito André Luiz, façam descrições inconfundíveis de sintomatologia epiléptica em seus protagonistas, submissos à interferência espiritual francamente obsessora, a medicina de hoje rejeita qualquer presença espiritual na gênese de crises epilépticas, especialmente pelo temor de ver ressurgir a nefasta participação de 'demônios' dos antigos textos bíblicos, versão da qual a Idade Média e a Inquisição souberam tirar proveito".

Referências de autores espíritas à epilepsia podemos encontrar em várias obras.

Eis algumas delas: "Nos Domínios da Mediunidade", de André Luiz, psicografia de Chico Xavier, cap. 9 e 15; "No Mundo Maior", de André Luiz, psicografia de Chico Xavier, cap. 8; "Grilhões Partidos", de Manoel Philomeno de Miranda, psicografia de Divaldo Franco, cap. 11; e "Diretrizes de Segurança", de Divaldo Franco e J. Raul Teixeira, pergunta 96.

No livro "Grilhões Partidos" (cap. 11, pp. 102 e 103), o autor examina o caso Vivianne e transcreve as observações que Dr. Bezerra de Menezes fez a propósito do tema. Aludindo ao caso, Dr. Bezerra disse que a epilepsia é importante capítulo da Neuropatologia que merece acurada atenção, particularmente dos estudiosos do Espiritismo, tendo em vista a semelhança das síndromes epiléticas com as disposições medianímicas, quando o transe é provocado pelas entidades sofredoras ou perniciosas. "Mui frequentemente, diante de alguém acometido pela epilepsia, assevera-se que se trata de 'mediunidade a desenvolver', qual se a faculdade mediúnica fora uma expressão patológica da personalidade alienada. Graças à disposição simplista de alguns companheiros pouco esclarecidos, faz-se que os pacientes enxameiem pelas salas mediúnicas, sem qualquer preparação moral e mental para os elevados tentames do intercâmbio espiritual", asseverou Bezerra de Menezes. Segundo ele, no caso específico da epilepsia, não obstante suas causas reais e remotas estejam no Espírito que ressarce débitos, existem fatores orgânicos que expressam as causas atuais e próximas, nas quais se fundamentam os estudiosos para conhecerem e tratarem a enfermidade com maior segurança, através dos anticonvulsivos. Mirando a enferma, Bezerra prosseguiu: "Pela lei das afinidades, o Espírito calceta é atraído antes da reencarnação à progênie, na qual se encontram os fatores genéticos de que tem necessidade para a redenção. Quase sempre seus genitores estão vinculados, em grupos familiares, a esses Espíritos em trânsito doloroso, o que constitui, normalmente, manifestação hereditária, com procedência nos graves males do alcoolismo paterno, no uso dos tóxicos, a se expressarem por meio de fatores múltiplos, tais a fragilidade orgânica, as excitações psíquicas, as infecções agudas que geram sequelas lamentáveis...".

O equívoco mencionado por Dr. Bezerra é citado também pelo confrade J. Raul Teixeira na resposta que deu à seguinte questão: "Dentro dos quadros da psiquiatria, como psicopatia, esquizofrenia etc., quais as características que poderiam se enquadrar dentro das obsessões?"

Raul Teixeira respondeu (Diretrizes de Segurança, pergunta 96): "Reconhecemos, com os ensinamentos da Doutrina Espírita, que todos aqueles portadores das esquizofrenias, psicopatologias variadas, dentro de um processo cármico, são entidades normalmente vinculadas a graves débitos, a dívidas de delitos sociais, e, conforme nos achamos dentro desse quadro de compromissos, essas psicopatologias de multiplicada denominação assumem intensidade maior ou menor. Conforme orienta o instrutor Calderaro ao Espírito André Luiz, no livro *No Mundo Maior*, ao estudar a problemática do cérebro, esses companheiros esquizofrênicos entram em 'crises' quando, no processo natural e inconsciente de rememoração, se vinculam ao seu passado, quando delinquiram, através de um processo de associação, de assimilação fluídica. Nos casos de epilepsias, tudo nos leva a crer que as entidades credoras, em se aproximando do devedor, diretamente ou por meio de seu pensamento, promovem como que um acordamento da culpa, e ele mergulha, então, no chamado transe epilético. Nesse particular do transe, por ação de Espíritos, encontramos correspondentes com o processo mediúnico, porque não deixam de ser, esses indivíduos, médiuns enfermos, desequilibrados, apresentando, por isso, uma expressão mediúnica atormentada, doente. Convenhamos que o exame da Doutrina Espírita, com relação a esses diversos casos, nos dará gradativamente as dimensões para que saibamos avaliar, analisar os problemas de enfermidades psicopatológicas, tais como as que acompanham a

esquizofrenia, que é esse conjunto de tormentos, de perturbações, de doenças, que verdadeiramente não têm uma etiologia definida.

Nos casos de patologia psicológica ou psiquiátrica, deveremos nos valer dos conhecimentos específicos na área médica, para que não coloquemos pessoas doentes nas atividades mediúnicas, o que seria um desastre. Muitas pessoas se mostram com diversas síndromes e sintomas de problemas psíquicos, quando a invigilância e o desconhecimento espírita de alguns os leva a afirmar que é mediunidade e levar a criatura para o exercício mediúnico”.

10/03/2013

Edição 302

Um leitor de Mato Grosso do Sul pergunta-nos em que obra Kardec examina de forma específica o tratamento e a cura das obsessões.

O tema obsessão é tratado pelo Codificador do Espiritismo em vários textos publicados em *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese* e na *Revista Espírita*, em que o leitor atento verá até mesmo como a chamada doutrinação dos Espíritos passou a fazer parte das sessões de desobsessão.

É, contudo, no livro *O Evangelho segundo o Espiritismo* que encontramos as orientações de ordem prática que Kardec dedicou ao tratamento e à cura das obsessões. Essas orientações compõem o cap. 28, itens 81 e seguintes, da obra citada.

A cura das obsessões graves, diz o Codificador, requer muita paciência, perseverança e devotamento e exige tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto os há rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça, porque toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência, tanto quanto pela lógica, é a *completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais*.

A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. E mesmo quando é afastada a causa, resta combater os efeitos.

No tocante ao indivíduo que sofre o processo – o obsidiado –, é preciso que fortifique sua alma, pelo que é necessário que trabalhe por sua própria melhoria, o que, na maioria dos casos, basta para o livrar do obsessão, sem necessidade de recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz, porém, indispensável quando a obsessão degenera em subjugação ou em possessão, porque aí, como regra geral, o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado acha-se como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É preciso, pois, desembaraçá-lo desse fluido. Ocorre que um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Cumpre, então, se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Entram em ação, portanto, os chamados passes magnéticos, que, contudo, não bastam. É preciso, ainda, *que se atue sobre o ser inteligente que provoca a obsessão*, ao qual importa se fale com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. O objetivo aí é convencer ou induzir

o Espírito perverso a renunciar aos seus desígnios maus e fazer que nele despontem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, objetivando sua educação moral. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

Por fim, concluindo as orientações pertinentes ao assunto, Kardec diz que a tarefa desobsessiva se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo sua situação, presta o concurso de sua vontade e de suas preces, modificando-se moralmente, adotando nova conduta e buscando aprimorar-se espiritualmente, certo de que, no tocante à desobsessão, o melhor médico é a própria pessoa que a sofre.

17/03/2013

Edição 303

Um leitor enviou-nos a seguinte pergunta: Se é conveniente ao próprio homem que o futuro lhe seja interdito, por que Deus permite, em determinadas situações, que ele lhe seja revelado?

O assunto foi tratado por Kardec em pelo menos duas obras: *O Livro dos Espíritos* e *Obras Póstumas*.

Lemos na questão 869 d' *O Livro dos Espíritos* que o homem, sem dúvida nenhuma, negligenciaria o presente e não obraria com a liberdade com que age, se as coisas futuras lhe fossem antecipadamente reveladas. O argumento utilizado pelos imortais é simples. Muitos assim pensariam: se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procurariam obstar a que tal se desse. Deus, porém, não quis que fosse assim, a fim de que cada indivíduo possa concorrer para a realização das coisas, até mesmo daquelas a que desejaria opor-se.

É assim que nós mesmos preparamos os acontecimentos que hão de sobrevir no curso da nossa existência. O desconhecimento acerca do que ocorrerá, se teremos sucesso ou se malograremos, dá-nos o mérito da tentativa e isso é fundamental no processo evolutivo. Afinal, não podemos ignorar que um dos objetivos da encarnação é a nossa própria evolução e a meta é a perfeição.

Na questão 868, contudo, os imortais admitem que, embora o futuro nos seja oculto, Deus permite "em casos raros e excepcionais" que ele nos seja revelado.

Por que o Criador o permite? A resposta vamos encontrar na questão 870 da mesma obra, em que os benfeitores espirituais revelam que Deus o permite "quando o conhecimento prévio do futuro facilite a execução de uma coisa, em vez de a estorvar, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se lhe não fosse feita a revelação".

Não raro, porém, essa revelação constitui mera prova, visto que a perspectiva de um acontecimento pode sugerir pensamentos bons ou menos bons. Se um homem vem a saber, por exemplo, que vai receber uma herança, com que não contava, pode ocorrer que essa revelação desperte nele o sentimento da cobiça, pela perspectiva de se lhe tornarem possíveis maiores gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez, para que tal se dê, a morte da pessoa de quem a herdará. Crimes com esse objetivo já foram tema de crônicas policiais e de vários romances.

O assunto suscita uma outra questão, que Kardec examinou em *Obras Póstumas*, relativa ao dom da presciência atribuído aos videntes.

Como é dito na questão 454 d' *O Livro dos Espíritos*, a vidência, também chamada de dupla vista ou segunda vista, pode dar a certas pessoas a presciência das coisas, bem como os pressentimentos.

A explicação não é difícil de compreender. Nos fenômenos da dupla vista, estando a alma em parte desligada do envoltório material que limita suas faculdades, não há mais, para ela, nem duração, nem distâncias. Abarcando o tempo e o espaço, tudo se confunde no presente. Livre de seus entraves, ela julga os efeitos e as causas melhor do que o homem encarnado pode fazê-lo.

Ela pode ver, então, as consequências das coisas presentes e fazer-nos pressenti-las. É nesse sentido que se deve entender o dom da presciência atribuído aos videntes. Suas previsões não são senão o resultado de uma consciência mais clara do que existe, e não uma predição de coisas fortuitas sem laço com o presente. É uma dedução lógica do conhecido para se chegar ao desconhecido, que depende, muito frequentemente, de nossa maneira de ser. O vidente não é, assim, um adivinho, mas um ser que percebe o que não vemos. E se, porventura, chega a revelar pertencente ao chamado futuro, o fato se dá dentro dos limites e objetivos mencionados na questão 870 d' *O Livro dos Espíritos*, a que nos reportamos neste texto.

24/03/2013

Edição 304

Nosso amigo Reinaldo Cantanhêde Lima, de Rosário-MA, enviou-nos uma série de perguntas, abaixo reproduzidas, formuladas por uma colega sua residente na mesma cidade. Como lhe foi prometido, eis o que podemos dizer com relação às questões propostas:

1. Como fluidificar água?

O verbo *fluidificar*, que alguns preferem chamar *magnetizar*, significa, na linguagem espírita, a introdução na água de elementos medicamentosos, graças à ação do pensamento. Benfeitores espirituais, atendendo a um pedido ou a uma necessidade da pessoa, fluidificam ou magnetizam a água.

Sobre o assunto é sempre bom lembrar duas questões extraídas da obra *O Consolador*, de Emmanuel, psicografada pelo médium Chico Xavier.

Na questão 103, o conhecido orientador diz que a água pode ser fluidificada, de modo geral, em benefício de todos, como ocorre normalmente nas reuniões espíritas em que, depois da ministração dos passes magnéticos, as pessoas recebem um pequeno copo com água. Contudo, ela pode ser fluidificada em caráter particular para determinada pessoa, e nesse caso é conveniente que seu uso seja pessoal e exclusivo.

Quanto às condições necessárias a que os Espíritos amigos possam fluidificar a água pura, Emmanuel diz (*O Consolador*, questão 104) que a caridade não pode atender a situações especializadas. A presença de médiuns curadores ou a necessidade de reuniões especiais de modo algum podem constituir o preço do benefício aos doentes, visto que os recursos dos guias espirituais, nessa esfera de ação, podem independer do concurso medianímico, considerando o problema dos méritos individuais, o que implica dizer que podemos fluidificar ou magnetizar a água em nosso próprio lar, graças ao concurso dos benfeitores espirituais que, em caso de necessidade, não se furtarão a prestar-nos esse auxílio.

2. O que é codificar na linguagem espírita?

De acordo com o dicionário Aurélio, *codificar* significa, entre outras coisas, reunir, coligar, compilar. Esse é o sentido que damos, em Espiritismo, a esse verbo, do qual adveio o vocábulo "codificador", com que designamos a pessoa responsável pela elaboração das principais obras espíritas: Allan Kardec. Nessa tarefa, ele reuniu informações procedentes de várias fontes, o que é fácil perceber com a leitura da coleção da *Revue Spirite*, em que está registrado, de forma legível, como a doutrina espírita foi elaborada.

É bom que todos saibam que nem todas as informações que compõem os ensinamentos espíritas foram colhidas em Paris, na Sociedade fundada por Kardec. A doutrinação dos Espíritos, por exemplo, teve sua origem na cidade de Marmande e, a partir daí, foi absorvida na obra kardequiana. Esse é um dos inúmeros motivos pelos quais não usamos, em relação a Kardec, a palavra "fundador", mas sim a palavra "codificador", realmente bem mais adequada do que a outra.

3. Como é realizada a conversa fraterna?

O chamado atendimento fraterno, uma novidade que surgiu no movimento espírita há aproximadamente 40 anos, nada mais é do que uma conversa amigável, na qual a pessoa discorre livremente sobre os problemas que a afligem, cabendo ao atendente tão-somente acolhê-la e dar-lhe o apoio de que ela necessita, sem nenhum propósito diretivo, porque o Espiritismo nos aponta caminhos, mas cabe apenas a nós optar ou não por segui-los.

A conversa fraterna é, obviamente, feita em caráter particular e revestida do necessário sigilo, mas nada tem que ver com o que se passa nos confessionários da Igreja Católica.

4. O que é reforma íntima?

Reforma íntima é o mesmo que transformação moral e é, como sabemos, um dos objetivos de nossa passagem pela experiência reencarnatória, como está dito com clareza na questão 132 d' *O Livro dos Espíritos*. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 4, Kardec escreveu: "Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*".

31/03/2013

Edição 305

Na seção de Cartas da edição anterior, publicamos uma mensagem em que o leitor Wilson do Nascimento Paes (Cabo de Santo Agostinho, PE) perguntou-nos o seguinte:

- 1.** Deus criou os Espíritos puros e ignorantes. Deus é onisciente. Como ficam as explicações sobre livre-arbítrio, reencarnação, provas e expiações?
- 2.** A presença de Jesus encarnado foi cumprimento de uma missão? Não a terminou e prometeu voltar? Ou estamos equivocados na leitura e interpretação das escrituras?
- 3.** Não há muitas palavras, desejos, vontades na boca de Deus, colocadas por nós pobres humanos?

Eis, de acordo com os ensinamentos espíritas, as respostas que entendemos cabíveis em face das perguntas propostas:

1. Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento do que seja o bem ou o mal, mas à medida que eles foram evoluindo foi-se ampliando, na vida de cada indivíduo, a capacidade de escolher, ou seja, o uso do livre-arbítrio.

A reencarnação é um dos instrumentos do progresso espiritual. Constitui a oportunidade que temos de, em cada experiência reencarnatória, retificar os erros cometidos e adquirir novos conhecimentos.

As provas são, como na escola, testes com que são aferidos os novos conhecimentos que adquirimos, seja no campo intelectual, seja no campo moral.

As expiações são medidas educativas com que sentimos em nós mesmos os efeitos do mal que praticamos ao longo do caminho. A cada existência o Espírito se depura, se aprimora, até chegar à condição de Espírito Puro, nome que designa aquele que atingiu a meta a que todos nós aspiramos, ou seja, a perfeição.

2. A presença de Jesus entre nós foi, inequivocamente, uma missão. Claro que ele a concluiu, mas era preciso o concurso do tempo para que, em determinado momento, seus ensinamentos fossem complementados, tarefa que ele atribuiu expressamente ao Consolador, como é possível verificar à vista dos textos abaixo, colhidos no Evangelho de João:

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.” (João 14:16.)

“Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei.” (João 16:7.)

“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (João 14:26.)

“Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de Verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim.” (João 15:26.)

3. Há, sim, muitas palavras, desejos e vontades atribuídos a Deus, sobretudo no Antigo Testamento, quando em diversos momentos Moisés decretou leis que ele, certamente para que fossem observadas, baixou em nome do Senhor, assunto que Kardec comenta no livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. I, item 2. Eis o que o Codificador do Espiritismo escreveu:

“Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos (...).

É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito.

Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas, só a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, nas quais ainda pouco

desenvolvidos se encontravam o senso moral e o sentimento de uma justiça reta.

É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: 'Não matareis; não causareis dano ao vosso próximo', não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam, pois, um caráter essencialmente transitório."

7/04/2013

Edição 306

Uma leitora desta revista enviou-nos as seguintes perguntas:

- Quando e como surgiu a denominação Centro Espírita?
- Quando surgiram os primeiros centros espíritas em Londrina, no Brasil e no mundo?
- Quantas casas espíritas existem em nosso País?

Para responder às perguntas propostas contamos com a colaboração em especial de nosso confrade e amigo Jorge Hessen, conhecido estudioso espírita radicado em Brasília-DF, a quem agradecemos.

Eis as respostas:

- **Quando e como surgiu a denominação Centro Espírita?**

Era, nos primeiros tempos, frequente no Brasil o uso dos nomes "grupo espírita" e "sociedade espírita". O termo "centro" aplicável ao Espiritismo teria surgido em nosso País em 1881, com a fundação do Centro da União Espírita do Brasil, ocorrida em 3 de outubro daquele ano. Entre seus associados contava-se o nome de Carlos Joaquim de Lima e Cirne. Dr. Bezerra de Menezes assumiu a presidência da entidade em 21 de abril de 1889. Nas décadas de 1910 em diante surgiram no Brasil inúmeros "centros espíritas", sobretudo no Nordeste do Brasil e em São Paulo.

É bom, no entanto, lembrar que o termo "centro" aplicável aos grupos espíritas foi utilizado anteriormente por Kardec e outros confrades, como é possível conferir na Revue Spirite de 1861, 1862 e 1864.

Eis um trecho de um artigo datado de 14 de outubro de 1861, de autoria do Dr. Bouché de Vitray: "Realizada a obra, formam-se **centros espíritas** em todos os pontos do globo. Os moços abandonam as ilusões da primeira idade, que lhes preparam tantas decepções na maturidade; homens maduros aprendem a levar a vida a sério; velhos que gastaram as emoções no atrito da vida enchem o vazio imenso com prazeres mais reais que aqueles que os abandonam; e de todos esses elementos heterogêneos formam-se agregados que irradiam ao infinito". (Revue Spirite de 1861, tradução de Julio Abreu Filho, Edicel, pág. 351.)

Em setembro de 1862, Kardec publicou na Revue Spirite uma nota intitulada "Aos **centros espíritas** que devemos visitar", que começa assim: "O número de centros que nos propomos visitar, aliado à extensão do trajeto, não nos permite consagrar a cada um o tempo que desejaríamos". (Revue Spirite de 1862, Edicel, pág. 285.)

Em um texto no qual analisa o estado do Espiritismo em 1863, Kardec escreveu: "No **centro espírita** mais numeroso da França, e talvez do mundo inteiro, *La Verité* veio postar-se como um atleta temível, por seus artigos de uma lógica tal que não deixam margem à crítica". (Revue Spirite de 1864, Edicel pág. 5.) (grifamos.)

- Quando surgiram os primeiros centros espíritas em Londrina, no Brasil e no mundo?

Em Londrina-PR, a primeira casa espírita foi o Centro Espírita Jesus é o Mestre, fundado em 1º de janeiro de 1934, com sede na Rua Amazonas, 804. Em 1938 surgiu o Centro Espírita Allan Kardec. No dia 11 de dezembro de 1938 os dois centros se fundiram e surgiu, então, a União Espírita de Londrina, que anos depois passou a chamar-se Centro Espírita Nosso Lar. A história dessa instituição pode ser conferida em <http://www.nossolarlondrina.com.br/o-centro/historia>

No Brasil, a primeira instituição espírita surgiu em 17 de setembro de 1865 em Salvador-BA. Chamava-se Grupo Familiar do Espiritismo, fundado por Teles de Menezes, pioneiro também da imprensa espírita brasileira com a publicação, em julho de 1869, da revista *O Echo d'Além-túmulo*.

No mundo, embora vários grupos espíritas tenham surgido nos anos seguintes à eclosão dos fenômenos de Hydesville, cujo início data de 31 de março de 1848, entende-se que o primeiro centro espírita, isto é, organizado com base na doutrina espírita, foi a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec, em 1º de abril de 1858.

- Quantas casas espíritas existem no Brasil?

Consoante consta no portal da Federação Espírita Brasileira, há 14 mil Centros Espíritas cadastrados e 3,8 milhões de espíritas no Brasil de acordo com o Censo 2010 do IBGE. Os dados podem ser conferidos no site da FEB. Eis o link: <http://www.febnet.org.br/>

14/04/2013

Edição 307

Em carta publicada na edição passada, o leitor Léo Martins enviou-nos duas perguntas. A primeira trata do tema Apometria; a segunda versa sobre Anjo de Guarda e Mentor Espiritual.

Quanto à Apometria, o leitor indaga-nos o que, segundo o Espiritismo, pode ser dito acerca da técnica utilizada por seus cultores.

O tema já foi tratado nesta revista em diversas oportunidades. Eis os textos já publicados e seus respectivos links:

1. Apometria não é Espiritismo - <http://www.oconsolador.com.br/ano3/130/especial.html>
2. Análise Científica da Apometria - <http://www.oconsolador.com.br/ano6/289/especial.html>
3. A Apometria e as práticas espíritas - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/67/especial.html>
4. Apometria não convém às Casas Espíritas - <http://www.oconsolador.com.br/ano3/140/gebaldosousa.html>
5. O que está por trás da Apometria? - <http://www.oconsolador.com.br/ano5/220/arturferreira.html>

No tocante a Anjo de Guarda e Mentor Espiritual, o leitor faz diversas indagações: Qual a diferença entre Anjo da Guarda e Mentor Espiritual? Nosso Mentor Espiritual nos escolhe? Em que período? Também tem alguma missão junto a nós? Quando alcança o objetivo, tem a possibilidade de subir mais um degrau? Existem conversações dele juntamente com nosso chamado Anjo da Guarda?

O tema "Anjos de guarda e Espíritos protetores, familiares ou simpáticos" é tratado no cap. IX, questões 489 a 521, d'O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Lendo-as, o leitor poderá obter respostas a grande parte de suas indagações.

Resumidamente, eis o que colhemos das questões a que nos reportamos:

1. Cada anjo de guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando ele lhe despreza os conselhos.
2. Anjo de guarda ou anjo guardião é o mesmo que Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.
3. Sua missão é como a de um pai com relação aos filhos: guiar seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.
4. Cabe ao Espírito protetor o direito de escolher os seres aos quais irá proteger. Essa tarefa para alguns é um prazer; para outros, missão ou dever.
5. Diferentemente dos Espíritos familiares, o Espírito protetor, anjo de guarda, ou bom gênio, é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido.
6. O Espírito protetor não abandona seu protegido, mas pode afastar-se quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores.
7. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estamos separados do Espírito que nos protege.
8. O Espírito protetor pode influenciar-nos mesmo estando milhões de quilômetros distante de nós.
9. A ação dos Espíritos que nos querem bem é sempre regulada de maneira que não nos tolha o livre-arbítrio, porquanto, se não tivéssemos responsabilidade, não avançaríamos na senda que nos há de conduzir a Deus.
10. O Espírito protetor, que consegue trazer ao bom caminho o seu protegido, adquire um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade.
11. Uma vez no plano espiritual, reconheceremos o Espírito que foi na Terra o nosso protetor.

21/04/2013

Edição 308

No dia 7 de abril, nesta mesma seção, respondemos a uma leitora que nos perguntara como e quando surgiu a expressão "Centro Espírita" na designação das instituições espíritas. O link que remete ao texto publicado é este:

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/306/oespiritismoresponde.html>

Recebemos dias depois do confrade Ivan Franzolim, de São Paulo-SP, informações interessantes sobre o tema, que resumimos neste espaço como complementação da resposta dada à leitora. O que o leitor verá é, portanto, um resumo do que nosso confrade escreveu.

As primeiras instituições espíritas que se uniram à Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, foram o Grupo Confúcio, fundado em 1873; a Sociedade de Estudos Espíritas "Deus, Cristo e Caridade", fundada em março de 1876; e o Grupo de Estudos Evangélicos do Anjo Ismael, fundado em 1880.

No Brasil, algumas das instituições espíritas mais antigas ainda em funcionamento levam a expressão "Centro Espírita". É o caso do Centro Espírita

João Evangelista, de Sete Barras-SP, fundado em 24/06/1880; do Centro Espírita João Batista, de Amparo, Nova Friburgo-RJ, fundado em 02/08/1888; e do Centro Espírita Allan Kardec, de Itapeva-SP, fundado em 25/05/1890.

São 12.300 as instituições espíritas cadastradas nos registros mantidos pela Associação de Divulgadores do Espiritismo de São Paulo (ADE-SP). A expressão "Centro Espírita" é a denominação mais usada.

Eis os números:

Centro Espírita - 52%

Grupo Espírita - 12%

Sociedade Espírita - 8%

Associação Espírita - 5%

Fraternidade Espírita - 3%

Núcleo Espírita - 3%

Outros - 17%.

28/04/2013

Edição 309

Em carta publicada nesta mesma edição, a leitora Cláudia Pellegrino pergunta-nos qual livro apresenta o caso da paralítica que Chico Xavier visitou numa cidade vizinha a Uberaba-MG, sobre a qual lhe veio depois a informação de que fora ela rainha numa anterior encarnação, alguns séculos atrás.

O caso nos é apresentado no cap. 10 do livro "Astronautas do Além", obra elaborada em parceria por Chico Xavier, J. Herculano Pires e Espíritos diversos.

Veja como o médium relatou essa história:

"Horas antes de nossa reunião pública, com quatro irmãos que se achavam em nossa companhia, fomos a cidade vizinha visitar uma criança doente. Não longe da casa em que reside a pequenina enferma encontramos uma senhora paralítica, em recanto quase isolado de extensa zona rural, que nos solicitou orarmos com ela por alguns momentos. Muito simpática e sofredora, vivendo da caridade pública e sem qualquer parente, a situação dela realmente nos comoveu muito. Voltamos para a nossa reunião. E, depois de nossa habitual visita a alguns lares de irmãos nossos, passamos ao desenvolvimento das tarefas da noite.

O Evangelho segundo o Espiritismo nos ofereceu a exame a formosa página intitulada 'Uma realeza terrestre', no capítulo II, assinada por entidade espiritual que se reportava às lutas que encontrara na posição altamente destacada que usufruiu na Terra.

A comunicação foi carinhosamente estudada por uma de nossas irmãs presentes. E, no encerramento da reunião, o poeta Epifânio Leite nos trouxe o soneto com dedicatória expressiva. Ele mesmo, o poeta desencarnado, informou-nos por audição referir-se à paralítica em penúria material que havíamos visitado horas antes."

O soneto, assinado por Epifânio Leite, intitula-se "Refazimento" e diz o seguinte:

Vejo-te, soberana, aos painéis da memória!

O trono te emoldura a face de outras eras...

Oprimes sem temor, espancas onde imperas,

Fulges no fausto vão de vaidade ilusória!...

A paixão te esfogueia a fome de vanglória,

Exilas e destróis, humilhas e encarceras...

Vem a morte, no entanto, entre forças austeras,
E largas sob a cinza a pompa transitória!
Foi-se o tempo... Hoje achei-te em catre duro e estreito,
Paralítica e só, parafusada ao leito!...
Chorei ao ver-te a choça e o triste quarto em ruínas!
Mas louvo o fel de agora ante o sol do futuro...
Pela dor subirás ao reino do amor puro
Em teu carro estelar de açucenas divinas!

Na apresentação do soneto, Epifânio Leite escreveu estas palavras:

“Versos dedicados à venerável irmã que conhecemos na realeza terrestre, há quatro séculos. Culta, não espalhou os benefícios da inteligência; amiga incondicional dos amigos e inimiga implacável dos adversários; generosa para com os áulicos abastados e indiferente às vítimas da penúria. Embora destacasse as vantagens da paz, incentivou, quanto pôde, as guerras de conquista e ambição. Agradecida aos vassalos obedientes, perseguia até à morte quantos não lhe observassem as diretrizes. Amada e odiada, alcançou o Mais Além e, à frente da verdade, preocupou-se com a redenção própria. Regressou à Terra, várias vezes, apagando-se devagar, quanto ao brilho terreno que ostentava, até que rogou a prova final, em que a identificamos presentemente, habilitando-se no corpo enfermo e disforme, em acentuada penúria, para a ascensão próxima à Espiritualidade Superior. A essa irmã admirável e valorosa, capaz de omitir-se e sofrer até a integral reparação da própria grandeza em si mesma, oferecemos aqui a nossa pálida homenagem, desejando-lhe plena vitória em Jesus e com Jesus.”

O poeta Epifânio Leite de Albuquerque nasceu e morreu em Fortaleza-CE (1891-1942). Autor do livro de poesias “Escada de Jacó”, membro da Academia Cearense de Letras, foi juiz de Direito em Baturité, no mesmo Estado.

5/05/2013

Edição 310

Muitas perguntas têm sido feitas relativamente aos critérios que a EVOC – Editora Virtual O Consolador adotará na sequência de seu projeto, que é pôr à disposição do público, gratuitamente, obras digitais que ajudem a divulgar os princípios do Espiritismo à luz da codificação kardequiana.

A EVOC, bom é lembrar, é, antes de mais nada, uma editora espírita e, por isso, depende do interesse dos autores espíritas em publicar seus livros. Claro que nossa equipe dispõe de um amplo material que permitirá a publicação de dezenas de obras com esse propósito, mas a participação de outros autores é fundamental ao êxito do projeto.

Perguntam-nos que interesse poderá ter determinado autor em publicar seus livros por meio da EVOC e não por uma editora especializada que já venha atuando no meio editorial.

Nossa resposta é muito simples: cabe ao escritor decidir qual é para ele a melhor opção. Como sabemos, os autores espíritas em geral nada recebem pelas obras que são publicadas, nem é esse o seu objetivo. O que o autor deseja é que seu livro seja conhecido e lido. O aspecto financeiro, na grande maioria dos casos, não lhe importa nem lhe interessa.

Vale também ressaltar que nenhum livro impresso, por mais tiragens que tenha – ressalvadas as conhecidas exceções, como *Violetas na Janela* –, é capaz de atingir o número de leitores que a rede mundial de computadores propicia.

Creemos que a ligação da EVOC com a revista "O Consolador" será nesse caso um grande instrumento de divulgação.

Para que o leitor tenha uma ideia, somente no mês de março deste ano, foram feitos 69 mil *downloads* e 446 mil impressões de nossa revista, e esses números espalham-se por todos os continentes. Outros dados relativos à penetração desta revista - hoje iniciando seu 7º ano de vida - podem ser vistos na reportagem intitulada **O Consolador chega aos seis anos de vida**, que é possível ao leitor rever clicando neste link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/306/especial2.html>

No tocante às obras cedidas para publicação pela EVOC, caberá à editora fazer o que todas as editoras fazem: a revisão do texto, a criação da capa e o registro do livro na Biblioteca Nacional.

A única diferença entre o livro impresso e o livro digital será, portanto, a ausência de impressão, além da gratuidade, porque os responsáveis pela direção da EVOC fazem absoluta questão que os livros cheguem à casa do leitor sem nenhum custo, para provar que as obras espíritas podem, sim, de forma legal, estar disponíveis na internet, respeitando os direitos autorais de quem as escreveu ou editou.

12/05/2013

Edição 311

Em carta publicada na edição passada, uma leitora de Campo Grande-MS pergunta-nos qual é o entendimento da Doutrina Espírita sobre o motivo da morte de Jesus nas condições em que ela se deu, pregado em uma cruz. Por que Jesus se deixou morrer assim?

Pelo que lemos até hoje, não existe nas obras de Allan Kardec nenhum texto que nos permita responder objetivamente a tal indagação. Assim, o que ora escrevemos baseia-se em deduções fundamentadas nos variados textos que lemos acerca da missão que Jesus veio desempenhar no planeta Terra, um orbe que já se encontrava sob sua direção desde a sua criação. Pelo menos é isso que está dito no livro "A Caminho da Luz", de Emmanuel, psicografado em 1939 pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Com efeito, diz Emmanuel no capítulo inicial da mencionada obra:

"Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira, verificou-se **quando o orbe terrestre se desprendia** da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, **quando se decidiu a vinda do Senhor** à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção." (Grifamos.)

O caráter missionário do advento do Cristo ressalta com toda a clareza no texto acima. É de admitir, portanto, que todas as condições dessa missão, tal como

ocorre na chamada programação reencarnatória dos Espíritos de evolução mediana, hajam sido previamente fixadas, não só no tocante ao seu nascimento, mas igualmente com relação à época e à forma da morte do seu corpo físico.

Os textos dos evangelistas são muito claros quando informam que Jesus sabia que Judas iria traí-lo, que ele pereceria em razão dessa traição e logo em seguida voltaria ao seio dos seus discípulos. Aliás, no Antigo Testamento, muito antes do advento do Cristo, profetas referiram-se a esses episódios, sendo de ressaltar ainda a visita que Jesus recebeu, na véspera de sua prisão, dos Espíritos de Elias e Moisés, como é narrado pelos evangelistas.

É senso comum, pois, no meio espírita, que a tragédia do Gólgota foi planejada com bastante antecedência, antes mesmo de Jesus surgir em terras da Judeia.

Ciente do que ocorrera com os grandes profetas do passado, quase todos vitimados pela intolerância de seus contemporâneos, não era difícil para Jesus prever que algo parecido ocorreria com ele em sua passagem pela Terra.

Um pormenor que não deve passar despercebido foi o que ocorreu dias antes da Páscoa, no episódio da chamada ressurreição de Lázaro, descrita por João Evangelista. Naquela oportunidade, Jesus demorou muito além do normal para acudir ao chamado da família de Lázaro. Ele sabia, obviamente, que Lázaro não estava morto. "Lázaro dorme", disse aos seus companheiros. A demora foi claramente premeditada, porque, quando Jesus chegou a Betânia, uma multidão de pessoas e figuras importantes do clero se encontravam a postos e puderam assistir ao fenômeno do despertamento de seu amigo.

Eis o que João Evangelista relatou:

"Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo a Maria, e que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele. Mas alguns deles foram ter com os fariseus, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito. Depois os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho, e diziam: Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais.

Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação. E Caifás, um deles que era sumo sacerdote naquele ano, lhes disse: Vós nada sabeis, Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação. Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. E não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos. Desde aquele dia, pois, consultavam-se para o matarem." (João, 11:45-53.)

O que ocorreu em Betânia determinou o destino de Jesus, o que nos leva a deduzir que o Mestre escolheu o cenário ideal – o período da Páscoa judaica – para que fosse preso, acusado, julgado, condenado e morto, para, apenas dois dias depois, ressurgir vivo, fato que para todas as pessoas, amigos e inimigos, constituiria uma prova incontestável da imortalidade e de sua alta estirpe.

Digamos que a ressurreição de Lázaro constituiu a penúltima cena de uma história que se encerraria no Gólgota, mas recomeçaria no domingo imediato, o mesmo domingo que os cristãos comemoram como a Páscoa da ressurreição, um fato inegavelmente tão importante que muitos estudiosos afirmam, com razão, que caso não houvesse a ressurreição não existiria Cristianismo.

Comprovava-se ali de modo incontestável, não somente em teoria, que a vida persiste além da morte, que as pessoas são, em verdade, imortais, que Jesus venceu a morte e que nós, obviamente, poderemos também vencê-la.

19/05/2013

Edição 312

Um leitor pergunta-nos: Qual a natureza íntima (intrínseca) do Espírito propriamente dito? Pertence ele ao elemento espiritual ou ao elemento material?

Antes de mais nada, lembremos que Allan Kardec propôs aos imortais, na questão 23 d' *O Livro dos Espíritos*, pergunta idêntica à formulada pelo leitor:

23. Que é o Espírito?

"O princípio inteligente do Universo."

a) Qual a natureza íntima do Espírito?

"Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe."

O assunto torna-se mais claro quando examinamos a questão 27 da mesma obra:

27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?

"Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá."

Sendo dois os elementos gerais do Universo, é evidente que os Espíritos, que são individualizações do princípio espiritual, pertencem ao elemento designado pela palavra "espírito". Não há como pretender enquadrá-lo entre as formas peculiares ao elemento designado pela palavra "matéria".

Na Introdução da mesma obra, Kardec apresenta o que a doutrina espírita define como sendo a alma. Escreveu o Codificador:

"... chamamos alma ao ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo. Mesmo quando esse ser não existisse, não passasse de produto da imaginação, ainda assim fora preciso um termo para designá-lo." (LE, Introdução.)

A conceituação de alma que ora vimos foi complementada por Kardec em um interessante artigo por ele publicado na *Revista Espírita de 1864*, pp. 138 e 139, no qual o Codificador explica por que razão o Espiritismo se serviu do vocábulo Espírito, em vez de alma. Três, disse ele, foram os motivos. O primeiro: desde as primeiras manifestações o vocábulo já era usado, antes mesmo da criação da filosofia espírita. O segundo: se o vocábulo Espírito era repulsivo para algumas pessoas, constituía um atrativo para as massas e

deveria contribuir mais que o outro para popularizar a doutrina. O terceiro: os vocábulos alma e Espírito, embora sejam sinônimos e empregados indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma ideia. A alma é, a bem dizer, o princípio inteligente, imperceptível e indefinido como o pensamento. Não podemos concebê-lo isolado da matéria de maneira absoluta. Embora formado de matéria sutil, o perispírito faz dela um ser definido, limitado e circunscrito à sua individualidade espiritual.

Assim – conclui Kardec – pode-se dizer: a união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ESPÍRITO. Nas manifestações espíritas não é, pois, a alma que se apresenta só. Ela está sempre revestida do seu envoltório fluídico. Por conseguinte, nas aparições não é a alma que se vê, mas o perispírito, do mesmo modo que, quando se vê um homem, vê-se o seu corpo, mas não o pensamento ou o princípio que o faz agir. Resumindo: a alma é o ser simples, primitivo; o Espírito é o ser duplo; o homem é o ser triplo.

Parece-nos que os textos acima, chancelados pela autoridade incomparável do Codificador do Espiritismo, deixam-nos claro que o Espírito, pertencendo ao elemento espiritual, nenhuma analogia tem com o elemento material, embora este constitua instrumento importante para o seu desenvolvimento e progresso.

26/05/2013

Edição 313

Um leitor desta revista, tendo dificuldades em compreender as diferenças existentes entre mistificação e animismo, pergunta-nos:

– Dando exemplos práticos, eu poderia dizer que o ato de Chico Xavier colocar a mão na frente, sempre que psicografava, seria um ato anímico, e que um médium que finge estar sob o processo de psicofonia é mistificação? Isso é correto?

Não, tal conclusão não está correta.

Animismo e ato anímico é quando o sensitivo transmite mensagem de sua própria autoria; não existe Espírito algum inspirando ou ditando a comunicação. O texto escrito ou falado vem da própria alma do sensitivo. Trata-se, pois, do fenômeno chamado animismo, palavra oriunda de "anima", alma em latim.

Mistificação é quando alguém (seja o médium, seja o Espírito) nos engana, transmitindo uma inverdade ou mentindo sobre sua autoria. A mistificação pressupõe, portanto, o logro, a farsa, a enganação. É por causa das mistificações que é preciso examinar com cuidado e redobrada atenção as comunicações mediúnicas.

Vê-se, pois, que mistificação e animismo são coisas distintas; uma não tem nada que ver com o outro.

Reportando-se ao animismo, os estudiosos dizem que a cristalização de nossa mente em determinadas situações pode motivar, no futuro, a manifestação de fenômenos anímicos, do mesmo modo que tal cristalização ou fixação, se realizada no passado, pode exteriorizar-se no presente.

Em episódios dessa natureza, que em muitos casos se assemelham a um transe mediúnico, com todas as aparências de que existe a interferência de um Espírito, o sensitivo revive, às vezes, cenas e acontecimentos recolhidos de seu próprio mundo subconscional, fenômeno que pode ser motivado pelo contato

magnético ou pela aproximação de entidades que lhe partilham as experiências pretéritas.

Seria o animismo uma espécie de mistificação inconsciente?

Não; sobre o assunto Aulus afirma: "Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras mistificação inconsciente ou subconsciente para batizar o fenômeno". (Nos Domínios da Mediunidade, de André Luiz, cap. 22, p. 212.)

A pessoa passível de animismo, esclarece Aulus, é um "doente mental, requisitando-nos o maior carinho para que se recupere". "Para sanar-lhe a inquietação, todavia, não nos bastam diagnósticos complicados ou meras definições técnicas no campo verbalista, se não houver o calor da assistência amiga." (Obra citada, p. 213.)

No fenômeno anímico, o sensitivo, que se expressa como se ali estivesse, realmente, um Espírito a se comunicar, deve ser tratado com a mesma atenção que ministramos aos sofredores desencarnados que se comunicam.

O indivíduo inclinado ao animismo é um vaso defeituoso, que pode ser consertado e restituído ao serviço, se houver compreensão do dirigente; contudo, se incompreendido, pode ser vitimado pela obsessão, o que mostra a importância da atenção que devemos dedicar ao assunto.

Como a pessoa poderá ter certeza quanto à natureza do fenômeno que se processa por seu intermédio?

Divaldo Franco refere-se a isso na questão n. 5 do livro "Diretrizes de Segurança", da qual extraímos o texto seguinte:

"O médium, no começo, terá que vencer o constrangimento da dúvida, em cujo período ele não tem maior certeza se a ocorrência parte do seu inconsciente, dos arquivos da memória anterior, ou se provém da indução de natureza extrínseca. Através do exercício, ele adquirirá um conhecimento de tal maneira equilibrado que poderá identificar quando se trata de si próprio – animismo – ou de interferência espiritual – mediunismo. Através da lei dos fluidos, pelas sensações que o médium registra, durante a influência que o envolve, passa a identificar qual a entidade que dele se acerca. A partir daí, se oferece numa entrega tranquila, e o Espírito que o conduz inspira-o além da sua própria capacidade, dando leveza às suas ideias habituais, oferecendo-lhe a possibilidade de síntese que não lhe é comum, canalizando ideias às quais não está acostumado e que ocorrem somente naquele instante da concentração mediúnica. Só o tempo, porém, pelo exercício continuado, oferecerá a lucidez, a segurança para discernir quando se trata de informação dos seus próprios arquivos ou da interferência dos bons Espíritos."

2/06/2013

Edição 314

O leitor Erasmo Renesto, de Maringá, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos o que é duplo etérico, termo não mencionado por Allan Kardec em seus livros.

Em *Obras Póstumas*, Allan Kardec ensina que "cada ser tem seu fluido próprio que o envolve, como a atmosfera envolve cada planeta". André Luiz trata do

assunto nos cap. XI e XVII da 1ª Parte de seu livro *Evolução em dois mundos*, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

Segundo André Luiz, todos os seres vivos, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um "halo energético" que lhes corresponde à natureza. No homem, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura. (*Evolução em dois mundos*, cap. XVII, pp. 129 e 130.)

O verbete duplo etéreo, também chamado duplo etérico, integra o Vocabulário Espírita que integra as informações veiculadas em nosso site. Nele lemos que algumas regiões do Brasil preferem duplo etéreo a perispírito, embora mantendo-se o sentido deste. Há, porém, diferenças entre o duplo etéreo do perispírito propriamente dito. O primeiro refere-se ao conjunto de interações de natureza magnética que é inerente à vida e que somente com esta pode manifestar-se, desfazendo-se com a morte do corpo físico. Já o perispírito, por servir de invólucro semimaterial ao Espírito, persiste depois da morte e da separação do corpo.

No cap. 11, págs. 97 a 99, do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, também de André Luiz, o assistente Aulus reporta-se ao assunto e nos diz que o duplo etérico é formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, revestindo o perispírito ou "corpo astral", asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo físico. O duplo etérico, por estar diretamente relacionado com o campo fisiológico da criatura humana, não consegue maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao corpo carnal, por ocasião da morte.

Em entrevista publicada na *Revista Cristã de Espiritismo*, o confrade Ricardo Di Bernardi refere-se ao tema.

Eis alguns trechos da entrevista:

- O fluido vital forma uma estrutura especial em nós? Ou está como que solto?

Ele forma um "corpo" de certa forma sim. Constitui o chamado corpo vital, também conhecido como corpo etérico.

- São sinônimos? Há outros sinônimos equivalentes?

Sim. Ei-los: Duplo Etérico, Corpo Vital (Kardec), Corpo Prânico, Veículo do Prana, Corpo Bioplásmico, Corpo Biocósmico, Corpo Energético, Primeiro corpo de Energia, Corpo Diáfano, Corpo Efêmero, Veículo da Vitalidade, Corpo da Vitalidade, Casca Luminosa, Reflexo do Corpo Físico, Aerossoma, Armadura Energética, Contracorpo, Cópia Vital Humana, Corpo Bardo (tibetanos), Corpo Biocósmico, Corpo Leptomérico, Corpo Ódico, Corpo Unificador, Reboque Energético, Umbra, Veículo Semifísico, Véu do Corpo Humano, Véu Etérico, Ponte Corpo Humano-Psicossoma, Pranamaya-Kosha.

- Corpo etérico é o mesmo que perispírito ou corpo astral ou psicossoma?

Não! (...) o corpo etérico ou corpo vital é que o liga o corpo físico ao perispírito. É uma estrutura ou "corpo" intermediário entre o corpo material e o perispírito .

- Poderia nos dar uma definição melhor de corpo etérico ou duplo etérico?

Conceito: Duplo Etérico é um invólucro energético, vibratório, luminoso, vaporoso e provisório que coexiste estruturalmente com o corpo físico e o

envolve. Está ligado à doação ou exteriorização de energias, pois, no Duplo Etérico, é que se situam os Chacras ou centros de força.

- Qual a situação anatômica, se assim posso dizer, do duplo etérico ?

Localização: O Corpo Etérico é o agente intermediário entre o corpo físico e o perispírito (Corpo astral).

- Afinal, meu caro Di Bernardi, os chacras estão no perispírito ou no corpo etérico?

Ficam no perispírito também, e cada um deles se apresenta igualmente no corpo etérico. São cópias. No mundo extrafísico ou colônias espirituais, também há mediunidade e inclusive realizam sessões mediúnicas. Daí a necessidade (há outros motivos) da existência destes centros de força no corpo dos espíritos.

A entrevista a que nos reportamos pode ser vista também na internet clicando-se em

http://www.ippb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3670&catid=81

9/06/2013

Edição 315

Reportando-se ao lema "Fora da caridade não há salvação", um leitor pergunta-nos o que na doutrina espírita se entende por caridade.

Segundo entendemos, o conceito da palavra caridade, na visão espírita, é idêntico ao entendimento que Jesus tinha com respeito ao mesmo assunto.

Na questão n. 886 d' *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec indagou:

- Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

Resposta dos benfeitores espirituais: "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas".

Em nota colocada em seguida à questão citada, Kardec diz que o amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, visto que amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejamos nos seja feito. Esse – segundo ele – é o sentido da conhecida frase de Jesus: "Amai-vos uns aos outros como irmãos".

Com efeito, a caridade, na visão cristã, não se restringe à esmola e abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles inferiores, iguais ou superiores a nós.

Ela nos prescreve também a indulgência, porque de indulgência nós também precisamos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer.

Se se apresenta diante de nós uma pessoa rica ou famosa, todas as atenções e deferências lhe são dispensadas, diferentemente do que ocorre se ela for uma pessoa sem recursos ou destituída de fama.

Ora, quanto mais lastimosa for a sua posição, tanto maior cuidado devemos ter em não lhe aumentarmos o infortúnio pela humilhação, porquanto o homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é supostamente inferior, diminuindo a distância que os separa.

A caridade, como se vê, pode ser feita de várias formas: por pensamentos, por palavras e por ações, e se disfarça de mil modos.

Podemos ser caridosos mesmo com os parentes e com os amigos, sendo indulgentes uns com os outros, perdoando-se mutuamente as fraquezas, cuidando para não ferir o amor-próprio de ninguém.

Importante também que lembremos uma conhecida advertência de Jesus relativamente à caridade material. Disse-nos o Mestre: "Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita; a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará".

Tais palavras significam que o bem que praticamos não deve ser divulgado nem constituir motivo de orgulho para aquele que o pratica.

Segundo o Espiritismo, fazer o bem sem ostentação e ocultar a mão que dá constituem marca incontestável de grande superioridade moral, visto que, agindo assim, a pessoa renuncia à satisfação que advém do testemunho dos homens e espera tão-somente a aprovação de Deus. E tal ação se revela ainda mais sublime quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de parecer ser ele o beneficiado diante daquele a quem presta serviço, algo que Cairbar Schutel sabia fazer como ninguém.

16/06/2013

Edição 316

Um leitor pergunta-nos qual é o conceito aplicável às palavras Satanás, demônio e diabo e o que o Espiritismo nos diz a respeito, se é que tais assuntos foram também tratados pela doutrina espírita.

A pergunta formulada é importante e vem a propósito, porque nos permite falar sobre um livro de Allan Kardec pouco conhecido até mesmo no meio espírita. Referimo-nos à obra "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas", cuja tradução para o idioma português devemos inicialmente a Cairbar Schutel, que a publicou pela Casa Editora O Clarim.

Eis, resumidamente, o que Allan Kardec nela consignou a respeito dos verbetes diabo, demônio e Satanás:

Diabo: segundo a crença vulgar, é um ser real, um anjo rebelde, chefe de todos os demônios e que tem um poder bastante grande para lutar contra o próprio Deus. Ele conhece nossos pensamentos mais secretos, insufla todas as más paixões e toma todas as formas para nos induzir ao mal. Segundo a doutrina espírita, o diabo é a personificação do mal; é um ser alegórico que resume em si todas as paixões más dos Espíritos imperfeitos. Seus chifres e a cauda são o emblema da bestialidade, isto é, da brutalidade e das paixões animais.

Demônio: tanto em grego como em latim, demônio se aplica aos seres incorpóreos, bons ou maus, e que se supõe terem conhecimentos e poder superiores aos do homem. Nas línguas modernas essa palavra é geralmente tomada em má acepção, que se restringe aos gênios malfazejos. Os Espíritos ensinam que Deus, sendo soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres votados ao mal e desgraçados por toda a eternidade. Segundo eles, não há demônios na acepção absoluta e restrita desta palavra; há apenas Espíritos imperfeitos, que podem, sem nenhuma exceção, aperfeiçoar-se por seus esforços e por sua vontade.

Satã, Satanás: significa o chefe dos demônios. Esse termo é, de certo modo, sinônimo de *diabo*, com a diferença de que este último vocábulo pertence mais do que o primeiro à linguagem familiar. Além disso, de acordo com a teologia católica, *Satã* é único: o gênio do mal, o rival de Deus. *Diabo* é um termo mais genérico, que se aplica a todos os demônios. Existiria, pois, um único Satã (ou

Satanás), porém há vários diabos. Segundo a Doutrina Espírita, Satanás ou Satã não é um ser distinto, pois Deus não tem rival com quem possa medir-se. Satã é a personificação alegórica do mal e de todos os maus Espíritos.

*

Aproveitando o ensejo, lembremos o que nos diz a questão n. 116 d' "O Livro dos Espíritos": Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?

Os imortais responderam: "Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?"

23/06/2013

Edição 317

Na edição da semana passada, publicamos uma carta enviada pelo leitor Jorge da Silva Lima, de Vila Nova de Gaia, Portugal, na qual, reportando-se ao Especial da edição 315 (Espírito e matéria ante a lei de evolução), ele pergunta: – Fluido vital, princípio vital, agente vital, é tudo a mesma coisa ou cada um tem funções específicas?

A resposta à pergunta é: sim. Kardec e os benfeitores espirituais usaram as três expressões com o mesmo significado, como, aliás, João Teixeira de Paula já havia afirmado em seu apreciado *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, vol. III, pág. 75.

Colhemos na principal obra espírita – *O Livro dos Espíritos*, de Kardec – as seguintes informações acerca do tema:

1. Princípio vital é o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso etc. (*L.E., introdução.*)

2. Há no homem três coisas: 1ª, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2ª, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3ª, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. (*L.E., introdução.*)

3. Qual a causa da animalização da matéria? "Sua união com o princípio vital." (*L.E., 62.*)

4. O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito ou causa? "Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam." (*L.E., 63.*)

5. Vimos que o Espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro? "É, sem dúvida, um dos elementos

necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio." (L.E., 64.)

6. O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos? "Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria." (L.E., 65.)

7. O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos? "Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá." (L.E., 66.)

8. A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos? "Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida." (L.E., 67.)

9. Poder-se-á dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo? "Sim, é isso." O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor. (L.E., 67-a e nota de Kardec.)

10. Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? "A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu." (L.E., 70.)

11. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se. (LE, comentários à q. 70.)

12. De que natureza é o agente que se chama fluido magnético? "Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal." (L.E., 427.) Em face disso é que em *O Livro dos Médiuns*, itens 74 e 127, se diz que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado e do qual, por conseguinte, o Espírito operador é obrigado a se impregnar, para produzir os efeitos que deseja.

30/06/2013

Edição 318

Em carta publicada na edição da semana passada, o leitor Áureo de Oliveira, de Registro-SP, perguntou-nos: Pensamento é matéria?

Embora seja um tema de difícil compreensão, a distinção entre pensamento e matéria é muito clara nos diversos autores que trataram do assunto. O pensamento é uma força, é um atributo do ser pensante.

Na questão 89 "a" d'O *Livro dos Espíritos*, Allan Kardec indagou: - O pensamento não é a própria alma que se transporta?

Os imortais responderam: "Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo".

Em nota aposta em seguida à questão 662 da mesma obra, o Codificador do Espiritismo escreveu: "O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale".

Ideia idêntica Kardec consignou no item II da Introdução que abre a obra citada:

"Seja como for, um fato há que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana".

Eis outros textos em que Kardec se reporta à conceituação do pensamento:

1. O pensamento é uma força, mas não uma força puramente moral e abstrata. O pensamento é o atributo característico do ser espiritual: é ele que distingue o espírito da matéria. Sem o pensamento o Espírito não seria espírito. O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar. (*Revista Espírita de 1864, pp. 351 a 354.*)

2. O pensamento é um atributo do Espírito; sobrevivendo este à morte do corpo, o pensamento também lhe sobrevive. (*Revista Espírita de 1867, pp. 67 a 72.*)

3. Os fluidos são o veículo do pensamento e os Espíritos agem sobre eles, não os manipulando como o homem manipula os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos essa ou aquela direção e podem combiná-los, aglomerá-los e dispersá-los. Por vezes essas transformações resultam de um ato intencional; muitas vezes são o produto de um pensamento inconsciente, bastando ao Espírito pensar em uma coisa para que essa coisa se produza. (*Revista Espírita de 1868, pp. 166 a 169.*)

4. Comunhão de pensamentos significa pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode ignorar que o pensamento seja uma força. Ele é o atributo característico do ser espiritual; é o pensamento que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o Espírito não seria espírito. (*Revista Espírita de 1868, pp. 351 a 357.*)

5. Há no homem um princípio inteligente que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria e que lhe dá o senso moral da faculdade de pensar.

Se o pensamento fosse uma propriedade da matéria, ver-se-ia a matéria bruta pensar; ora, como jamais se viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; que quando o corpo está morto ele não pensa mais, é necessário disso concluir que a alma é independente da matéria, e que os órgãos não são senão instrumentos com a ajuda dos quais o homem manifesta o seu pensamento. (*Obras Póstumas – Profissão de Fé Espírita Raciocinada.*)

No livro *Pensamento e Vida*, psicografado por Chico Xavier, Emmanuel apresenta-nos diversas considerações sobre o assunto.

Eis uma amostra do que ele escreveu:

1. O pensamento é força eletromagnética. (*Pensamento e Vida, cap. 2.*)
2. O pensamento é força criativa, a exteriorizar-se, da criatura que o gera, por intermédio de ondas sutis, em circuitos de ação e reação no tempo, sendo tão mensurável como o fóton que, arrojado pelo fulcro luminescente que o produz, percorre o espaço com velocidade determinada, sustentando o hausto fulgurante da Criação. (*Pensamento e Vida, cap. 5.*)
3. Categorizamo-nos bons ou maus, conforme o uso de nossos sentimentos e pensamentos, que, no fundo, constituem cargas de energia eletromagnética, com as quais ferimos ou acalentamos, ajudamos ou prejudicamos, vitalizamos ou destruímos, e que voltam, invariavelmente, a nós mesmos, impregnadas dos recursos felizes ou infelizes com que lhes marcamos a rota. (*Pensamento e Vida, cap. 10.*)
4. A prática do bem, simples e infatigável pode modificar a rota do destino, de vez que o pensamento claro e correto, com ação edificante, interfere nas funções celulares, tanto quanto nos eventos humanos, atraindo em nosso favor, por nosso reflexo melhorado e mais nobre, amparo, luz e apoio, segundo a lei do auxílio. (*Pensamento e Vida, cap. 14.*)
5. Guardando o pensamento – plasma fluídico – a precisa faculdade de substancializar suas próprias criações, imprimindo-lhes vitalidade e movimento temporários, a maioria das criaturas terrestres, na transição do sepulcro, é naturalmente obcecada pelos quadros da própria imaginação, aprisionada a fenômenos alucinatórios, qual acontece no sono comum, dentro do qual, na maioria das circunstâncias, a individualidade reencarnada, em vez de retirar-se do aparelho físico, descansa em conexão com ele mesmo, sofrendo os reflexos das sensações primárias a que ainda se ajusta. (*Pensamento e Vida, cap. 29.*)

7/07/2013

Edição 319

Em mensagem publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, uma leitora pede-nos explicações sobre a frase “O futuro a Deus pertence”, utilizada como título do editorial da edição 309 desta revista. O *link* que remete ao editorial é este: <http://www.oconsolador.com.br/ano7/309/editorial.html>

Nós, os Espíritos, somos os construtores do próprio destino. Nossa caminhada rumo à meta para a qual fomos criados depende dos nossos esforços, de nossa dedicação, do empenho com que a ela nos dirigimos. Ignoramos, contudo, especialmente quando estamos reencarnados, o que nos acontecerá na atual existência e nas próximas, visto que o conhecimento do futuro não está ao nosso alcance.

A doutrina espírita trata com clareza essa questão.

Vejam os que, a respeito do assunto, está consignado em "O Livro dos Espíritos", que é, como se sabe, a principal obra da doutrina espírita:

868. Pode o futuro ser revelado ao homem?

"Em princípio, o futuro lhe é oculto e só em casos raros e excepcionais permite Deus que seja revelado."

869. Com que fim o futuro se conserva oculto ao homem?

"Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria do presente e não obraria com a liberdade com que o faz, porque o dominaria a ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procuraria obstar a que acontecesse. Não quis Deus que assim fosse, a fim de que cada um concorresse para a realização das coisas, até daquelas a que desejaria opor-se. Assim é que tu mesmo preparas muitas vezes os acontecimentos que hão de sobrevir no curso da tua existência."

870. Mas, se convém que o futuro permaneça oculto, por que permite Deus que ele seja revelado algumas vezes?

"Permite-o, quando o conhecimento prévio do futuro facilite a execução de uma coisa, em vez de a estorvar, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se lhe não fosse feita a revelação. Não raro, também é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode sugerir pensamentos mais ou menos bons. Se um homem vem a saber, por exemplo, que vai receber uma herança, com que não conta, pode dar-se que a revelação desse fato desperte nele o sentimento da cobiça, pela perspectiva de se lhe tornarem possíveis maiores gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez, para que tal se dê, a morte daquele de quem herdará. Ou, então, essa perspectiva lhe inspirará bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a predição não se cumpre, aí está outra prova, consistente na maneira por que suportará a decepção. Nem por isso, entretanto, lhe caberá menos o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na ocorrência daquele fato lhe fez nascer no íntimo."

A restrição ao conhecimento do futuro, claramente explicada nas questões precedentes, é reafirmada na pergunta n. 144 do livro "O Consolador", de Emmanuel, obra psicografada por Chico Xavier, na qual o conhecido instrutor espiritual diz: "Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus. Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham as demonstrações de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente".

Segundo o que Allan Kardec ensina no cap. XVI, itens 7 a 10, do livro "A Gênese", a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende, de fato, da efetiva elevação deles. Essa faculdade é inerente ao seu estado de espiritualização, ou desmaterialização. Quer isto dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, se bem muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto que tem o homem colocado sobre a montanha.

No mesmo livro e no mesmo capítulo Allan Kardec transmite-nos, nos itens 12 a 15, duas informações muito importantes para que possamos compreender melhor a frase que suscitou dúvida em nossa leitora:

1ª - As mais das vezes, os acontecimentos vulgares da vida privada são consequência da maneira de proceder de cada um, de modo que se pode dizer que cada um é o artífice do seu próprio futuro, futuro que jamais se encontra sujeito a uma cega fatalidade.

2ª - Os acontecimentos que envolvem interesses gerais da Humanidade têm a regulá-los a Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela se cumpre a despeito de tudo, ou por um meio, ou por outro. Os homens concorrem para que ela se execute; nenhum, porém, é indispensável, pois, do contrário, Deus estaria à mercê de suas criaturas. Se faltar aquele a quem incumba a missão de a executar, outro será dela encarregado. Não há missão fatal; o homem tem sempre a liberdade de cumprir ou não a que lhe foi confiada e que ele voluntariamente aceitou.

À vista disso, parece-nos bem clara a legitimidade da frase "O futuro a Deus pertence", tanto quanto o seu significado.

14/07/2013

Edição 320

A leitora Ester Rodrigues, em carta publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta: – Por que um médium que deixa de frequentar as reuniões começa a enfrentar um problema atrás do outro? Isso seria uma forma de cobrança?

Cobrança não seria a palavra adequada; digamos que seja uma consequência da atitude tomada, sobretudo quando não há razões que a justifiquem perante a Lei de Deus.

As vicissitudes com que nos deparamos na Terra, que muitos chamam de problemas, fazem parte do processo evolutivo. Segundo o Espiritismo, para alcançarem a perfeição, os Espíritos têm de sofrer todas as vicissitudes da existência corporal (*O Livro dos Espíritos*, 132). O fato pode ocorrer, portanto, com qualquer pessoa, seja médium ou não, esteja trabalhando ou não.

No tocante especificamente às consequências advindas do abandono da tarefa mediúnica, é interessante examinar o que Divaldo Franco disse, em resposta a uma pergunta semelhante à feita pela leitora.

Eis as palavras do conhecido médium, que todos nós admiramos:

"O êxito de qualquer atividade depende do exercício da aptidão de que se é objeto. A mediunidade, segundo Allan Kardec, 'é uma certa predisposição orgânica' de que as pessoas são investidas. A faculdade mediúnica é do Espírito. A mediunidade é-lhe uma resposta celular do organismo. Apresenta-se como sendo uma aptidão. Se a prática não é convenientemente educada, canalizada para a finalidade a que se destina, os resultados não são, naturalmente, os desejados. A pessoa, não conduzindo corretamente as suas forças mediúnicas, não logra os objetivos que persegue. Abandonando a tarefa a meio termo, é natural que isso lhe traga os efeitos que são consequentes do desprezo a que está relegada. Qualquer instrumento ao abandono é vítima da ferrugem ou do desajuste. Emmanuel, através da abençoada mediunidade de Chico Xavier, afirmou com lógica: 'Quanto mais trabalha a enxada, mais a lâmina se aprimora. A enxada relegada ao abandono vai carcomida pela ferrugem'.

Quando educamos a mediunidade, ampliando a nossa percepção parafísica, desatrelamos faculdades que jaziam embrionárias. Se, de um momento para

outro, mudamos a direção que seria de esperar-se, é óbvio que a mediunidade não desaparece e o intercâmbio que se dá muda de condutor. O indivíduo continua médium, mas, já que ele não dirige a faculdade para as finalidades nobres, vai conduzido pelas entidades invigilantes, no rumo do desequilíbrio. Daí dizer-se, em linguagem popular, que a mediunidade abandonada traz muitos danos àquele que dela é portador. Isso ocorre porque o indivíduo muda de mãos. Enquanto está no exercício correto de suas funções, encontra-se sob o amparo de entidades responsáveis. Na hora que inclina a mente e o comportamento para outras atividades, transfere-se de sintonia, e aqueles com os quais vai manter o contato psíquico são, invariavelmente, de teor vibratório inferior, produzindo-lhe danos.

Também seria o caso de perguntarmos ao pianista o que acontece com aquele que deixa de exercitar a arte a que se dedica no campo da música. Ele dirá que perde o controle motor, que as articulações perderam a flexibilidade, a concentração desapareceu e ele vai, naturalmente, prejudicado por uma série de temores que o assaltam, impedindo-lhe o sucesso. A mediunidade é um compromisso para toda 'a vida' e não apenas para toda a reencarnação. Porque, abandonando os despojos materiais, o médium prossegue exercitando a sua percepção parafísica em estágios mais avançados e procurando chegar às faixas superiores da Vida". (*Diretrizes de Segurança, 3a edição, questão 26.*)

21/07/2013

Edição 321

A leitora Filomena Branco, radicada em Portugal, em carta publicada na edição anterior desta revista, perguntou-nos se as expressões "princípio inteligente" e "princípio espiritual" são dois termos que se utilizam para designar uma mesma coisa, ou designam fases distintas da evolução.

A questão proposta não deveria ser, mas é, como a leitora observou, bastante complexa.

Vejamos estes dois textos colhidos, respectivamente, nas obras de André Luiz e Emmanuel (*os grifos a seguir são nossos*):

"Quero dizer, André, que o **princípio espiritual**, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência... Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana." (*No Mundo Maior, de André Luiz, cap. 4, pp. 56 a 59.*)

"No infinito do Universo, a evolução do **princípio espiritual** tem de escapar a todas as vossas limitações de tempo e de espaço, na tábua dos valores terrestres. As aquisições de cada indivíduo resultam da lei do esforço próprio no caminho ilimitado da criação, destacando-se daí as mais diversas posições evolutivas das criaturas e compreendendo-se que tempo e espaço são

laboratórios divinos, onde todos os princípios da vida são submetidos às experiências do aperfeiçoamento, de modo que cada um deva a si mesmo todas as realizações, no dia de aquisição dos mais altos valores da vida." (*O Consolador, de Emmanuel, questão 86.*)

Observe-se que André Luiz e Emmanuel, nas obras citadas, não usam a expressão **princípio inteligente** em momento nenhum, preferindo a expressão **princípio espiritual**, que não tem, no entanto, guarida na principal obra espírita – *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, como podemos verificar à vista dos trechos abaixo reproduzidos, nos quais a expressão **princípio inteligente** é utilizada com o mesmo sentido que André Luiz e Emmanuel deram à expressão princípio espiritual:

"Que é o espírito? – O **princípio inteligente** do Universo." (*L.E., questão 23.*)

"Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material? – Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do **princípio inteligente**, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos." (*L.E., questão 79.*)

"Que definição se pode dar dos Espíritos? – Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material." (*L.E., questão 76.*)

"A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o **elemento inteligente** do Universo." (*L.E., nota apostá à questão 76.*)

"Donde tiram os animais o **princípio inteligente** que constitui a alma de natureza especial de que são dotados? – Do elemento inteligente universal." (*L.E., questão 606.*)

"Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais? – Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal." (*L.E., questão 606-a.*)

A mesma ideia esboçada em *O Livro dos Espíritos* aparece em *O Livro dos Médiuns*, como adiante se vê:

"Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um **princípio inteligente** fora da matéria." (*L.M., cap. I, item 1.*)

"Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, **princípio inteligente**, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo." (*L.M., cap. I, item 54.*)

"Depois da morte do animal, o **princípio inteligente** que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, em os quais continua ele a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há, errantes, Espíritos de animais, porém unicamente Espíritos humanos." (*L.M., cap. XXV, item 283, pergunta 36ª.*)

Curiosamente, em *A Gênese* o Codificador do Espiritismo preferiu a expressão **princípio espiritual**, como podemos verificar no cap. IV, item 16, e no cap. XI, itens 1 e 2. Chama-nos a atenção, nessa obra, o trecho adiante reproduzido,

em que utiliza **princípio espiritual** com o mesmo sentido de **princípio inteligente** mencionado em *O Livro dos Espíritos*:

“A existência do **princípio espiritual** é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do **princípio material**. E, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios. De acordo com este princípio: ‘Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente’, ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste.” (*A Gênese*, cap. XI, item 1.)

Já na *Revue Spirite*, em inúmeras passagens, Kardec usa a expressão **princípio inteligente** como sinônimo de alma, o que é possível verificar na *Revue* de 1861, pág. 242; na *Revue* de 1864, pp. 138 e 139; na *Revue* de 1865, pág. 95, e na *Revue* de 1868, págs. 259 e 260, conferindo à expressão **princípio espiritual** a ideia de elemento espiritual, em oposição a elemento material.

Concluindo, entendemos, à vista do que foi exposto, que devemos usar a expressão **princípio espiritual** como elemento, em oposição a **princípio material**, reservando a expressão **princípio inteligente** para os casos em que queremos referir-nos à parte imaterial individualizada presente nos seres vivos que sobrevive ao fenômeno da morte. No caso dos animais e dos homens, a essa parte imaterial individualizada o Espiritismo dá o nome de alma.

28/07/2013

Edição 322

Na seção de Cartas da edição passada, foi publicada a seguinte carta enviada à revista pelo leitor André Demidoff:

“Prezado editor. Reiterando consulta formulada no dia 26 de junho p.p., gostaria de saber quais são os sinais e em que situações podemos considerar que o Centro Espírita deixou de ser assistido pelos Bons Espíritos e passou a ser controlado pelos Espíritos inferiores. Na hipótese da Casa Espírita estar sob a influência dos Espíritos inferiores, enganadores, é possível reverter essa situação e resgatar a simpatia dos Espíritos elevados? Como? De que forma? Agradeço a atenção. Paz e Luz. André Demidoff”.

Assim que recebemos a carta acima, procuramos ouvir alguns companheiros que colaboram regularmente com nossa revista. Dos que consultamos, sete se manifestaram. O que adiante escrevemos resume, de certo modo, o pensamento nosso e o deles.

Eis nossa resposta:

1. Quais são os sinais de que o Centro Espírita deixou de ser assistido pelos bons Espíritos?

São inúmeros os fatos que podem sugerir-nos que algo não vai bem na condução de um Centro Espírita, e talvez seja muito difícil enumerar todos eles.

Eis, contudo, alguns fatos que, sem dúvida, concorrem para colocar em risco as atividades de um Centro Espírita:

1. Definição e busca de objetivos distorcidos ou equivocados.
2. Falta de rotatividade na escolha dos dirigentes do Centro.
3. Prática do guiismo, pela qual o Centro Espírita se fia exclusivamente no que diz seu guia espiritual, ainda quando sua orientação se revele absurda ou contraditória.
4. Adoção de práticas inadequadas, incompatíveis com as obras de Allan Kardec.
5. Ausência de fraternidade e de harmonia; disputas entre dirigentes ou trabalhadores; diz-que-diz; intrigas; ciúmeiras exageradas; melindres; médiuns não assíduos; trabalhadores em conflito.
6. Atendimento mediúnico dado a problemas exclusivamente materiais.
7. Formação de grupos que se apegam a cargos.
8. Inexistência de estudos doutrinários regulares.
9. Falta de interação com outras Casas Espíritas ou com os órgãos de Unificação, a federativa estadual e os órgãos que a representam.
10. Inexistência de atividades de assistência e promoção social.
11. Realização de promoções para arrecadar recursos por meio de bingos, jogos de azar ou atividades, como os jantares dançantes, em que o álcool esteja presente.

A propósito do tópico n. 3 (prática do guiismo), lembramo-nos de que certa vez, em importante cidade de Santa Catarina, uma semana de palestras promovidas pelo Conselho Regional Espírita, com a participação de palestrantes importantes vindos de fora, foi simplesmente cancelada porque o guia espiritual da Casa assim o quis, sem dar nenhuma explicação para o fato.

2. Na hipótese de a Casa Espírita estar sob a influência dos Espíritos inferiores e enganadores, é possível reverter essa situação e resgatar a simpatia dos benfeitores espirituais?

Sim. Devemos ter sempre em mente que os benfeitores espirituais não se afastam efetivamente; apenas aguardam a boa vontade, a boa determinação e as boas ações dos dirigentes do Centro, o que fará com que eles voltem. Dá-se aí algo parecido com a atuação dos chamados anjos de guarda ou protetores espirituais.

Allan Kardec perguntou aos imortais:

– Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos? “Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.” (O Livro dos Espíritos, questão 495.)

A oração, a decisão séria de mudanças, a eliminação dos fatores citados em resposta à primeira pergunta, a busca da harmonia e da paz, aliadas a promoções doutrinárias que ergam o nível das atividades da Casa, eis ações que aos poucos farão com que o Centro Espírita volte ao caminho do qual jamais deveria ter-se afastado.

Sugerimos, por fim, ao leitor e às pessoas de boa vontade que se defrontem com as situações aqui descritas a leitura dos livros “Dramas da Obsessão”, de Yvonne A. Pereira, e “Aconteceu na Casa Espírita”, de Nora, psicografado por Emanuel Cristiano, em que o assunto suscitado pelo leitor constitui o tema central.

Recebemos na semana passada de um leitor radicado em Cali, Colômbia, a mensagem abaixo:

"Buenas Noches. Quisiera que me orientaran con estas preguntas:
Hay vida fisica en la otras esferas de la tierra que rodean a la nuestra?
Se producen alli tambien reencarnaciones y renacimientos?
Existen realmente los cementerios periespirituales?
Gracias por la ayuda que me puedan brindar.
Mucha Paz."

As duas primeiras perguntas relacionam-se com uma questão que foi suscitada em livros psicografados por Carlos A. Baccelli, segundo os quais haveria, no plano espiritual, reencarnação de Espíritos humanos e também de almas de aves e animais.

A respeito do assunto, André Luiz nos informa, no cap. XIII da 1ª Parte do livro *Evolução em Dois Mundos*, que no plano extrafísico existe **reprodução tão somente** de plantas, dada sua configuração celular mais simples, acrescentando que tal reprodução é limitada. Se houvesse reprodução de elementos do reino animal ou do reino hominal, certamente ele o teria dito.

Sobre o assunto, Divaldo Franco declarou recentemente:

"Um dos livros mais vendidos, dito mediúnico, tem verdadeiras aberrações, em que a entidade fez do mundo espiritual uma cópia do mundo físico, ao invés de o mundo físico ser uma cópia do mundo espiritual. Inverteu, porque o Espírito está tão físico no mundo espiritual! E um Espírito do sexo feminino, que tem os fluxos catamênicos no mundo espiritual e que vai ao banheiro e dá descarga!

Outras obras, igualmente muito graves, falam de relacionamentos sexuais para promoverem reencarnação no Além. Ora, a palavra reencarnação já caracteriza tomar um corpo de carne. Como reencarnar no Além, no mundo de energia, de fluidos, onde não existe a carne?

O Além, com ninhos de passarinhos multiplicando-se, em que as aves vêm, chocam e nascem os filhotinhos. Não é que estejamos contra qualquer coisa, mas é que são delírios, pura fascinação.

Acredito que alguns desses médiuns são médiuns autênticos. Ocorre que eles não perderam a mediunidade, a sua faculdade mediúnica é que mudou de mãos, daquelas entidades respeitáveis para as entidades frívolas que estão criando verdadeiros embaraços, porque em determinados seminários, palestras, fazem perguntas diretas e ficamos numa situação delicada, porque citam os nomes." (Trecho do livro *Conversando com Divaldo Pereira Franco* editado pela Federação Espírita do Paraná, parte do qual pode ser lida clicando-se neste [Link em que Divaldo Franco fala sobre reencarnação espiritual.](#))

Com relação ao assunto, sugerimos ao leitor e a todos os interessados pelo tema que leiam as análises feitas pelo confrade José Passini a respeito de duas obras psicografadas pelo médium Carlos A. Baccelli em que o assunto é ventilado.

Eis as obras e os *links* pertinentes às edições em que ditas análises foram publicadas:

"Fundação Emmanuel" – <http://www.oconsolador.com.br/32/especial.html>

"Reencarnação no Mundo Espiritual" -

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/200/especial.html>

Seria também oportuno que o leitor lesse dois artigos escritos pelo confrade Paulo Neto, ambos relacionados com o tema ora em pauta. Eis os títulos dos artigos e os *links* que permitem ao leitor acessá-los:

"Gravidez de Espíritos" - I -

<http://www.oconsolador.com.br/ano2/84/especial.html>

"Gravidez de Espíritos" - II -

http://www.oconsolador.com.br/ano6/267/paulo_netto.html

*

No tocante à terceira pergunta (Existem realmente los cemeterios periespirituales?), só encontramos na literatura espírita uma única referência a "cemitérios" no Plano Espiritual. Foi no livro "Imagens do Além", do Espírito Lucius, psicografado por Heigorina Cunha e publicado pelo IDE, de Araras-SP. Em linhas gerais o texto refere-se ao restringimento perispiritual, no caso de reencarnações compulsórias, quando **despojos grosseiros** são alijados do corpo astral e enterrados em "cemitérios".

Eis o texto do livro "Imagens do Além" a que nos reportamos:

"Quando apresentamos ao nosso Chico Xavier o desenho do restringimento, ele nos disse:

– Heigorina, é isto mesmo o *Restringimento*. O processo é mais lento, tratando-se de reencarnação compulsória, nesta categoria de Espírito. Leva mais de ano para completar o restringimento. Assim que se inicia a fase do sono letárgico, o corpo espiritual vai se despojando da matéria grosseira, ficando o perispírito sutil, sem trazer-lhe prejuízo algum. Por exemplo: 'A cobra que deixa a casca'.

Olhando-nos com uma pausa, acrescentou depois:

– Este despojo grosseiro é enterrado em lugar próprio, num *Cemitério*."

Allan Kardec, em vários registros, diz que no caso de promoção do Espírito a outro mundo mais elevado ele se apropria de matéria cósmica do novo mundo, reestruturando um novo perispírito, adequado à vida naquele mundo. Na questão 94 de *O Livro dos Espíritos* é dito que se trata de algo similar "a uma troca de roupa".

Eis o texto a que nos reportamos:

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? "Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa."

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? "É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos."

A mesma ideia é repetida no item 257 da mesma obra, mas em ambas as citações não é mencionado o destino do perispírito anterior. Entendemos, porém, que – por ser formado de matéria cósmica universal – ele não se desfaz e é, provavelmente, absorvido pelo Fluido Cósmico do planeta de origem, onde se formou.

11/8/2013

Uma leitora pergunta-nos por que a Igreja Católica combateu e ainda combate as ideias espíritas.

A resposta a essa pergunta é muito fácil. A Igreja Católica sempre agiu assim. Ela tem ojeriza a quem pensa diferente dela. E, de perseguida que foi nos primeiros séculos, passou a perseguidora. Assim é que ela esteve por trás da criação das famosas Cruzadas. Depois, quando surgiu a Reforma que deu origem às religiões protestantes, perseguiu os reformadores e os seus adeptos e instituiu a Inquisição. Lutero e Calvino não morreram, porque fugiram e se esconderam, um na Alemanha, outro na Suíça.

Os séculos passaram e agora são os adeptos das religiões derivadas da Reforma, sobretudo os evangélicos pentecostais e os neopentecostais, que nos perseguem, repetindo as mesmas falácias que a Igreja inventou, ou seja, que o Espiritismo é obra de Satanás e inimigo da Bíblia.

A leitora conhece certamente muitos espíritas. Aqui no Paraná não há quem não saiba do trabalho que Hugo Gonçalves e Euclides Araújo realizaram ao longo da vida. Não existem em nosso meio pessoas mais caridosas e mais gentis com todos.

Se isso que eles fazem e praticam tiver parte com o diabo, meu Deus!, esse diabo é uma criatura ótima, porque consegue fazer que as pessoas orem a Deus, façam o bem, ajudem os outros e sejam bons pais e boas mães.

Ora, não existe diabo, nem Satanás, nem inferno... Isso foi criação de pessoas que sempre quiseram dominar a humanidade e, por meio do medo, conseguiram fazê-lo por um bom tempo. Mas agora respiramos outros ares, ninguém é ingênuo, a internet pode ser acessada por qualquer pessoa e a verdade, portanto, não fica e jamais ficará escondida.

Jesus disse certa vez (e a leitora certamente já leu isso) que "quem não for contra mim é por mim".

O que nós espíritas ensinamos às criancinhas, aos jovens e aos adultos são as lições de Jesus, a prece, a caridade, o perdão, a humildade. Se isso for contrário à Bíblia ou ao Cristianismo, seria ótimo que alguém nos explicasse em que tais ensinamentos contrariam a doutrina contida nos textos evangélicos.

18/8/2013

Edição

325

Um leitor pergunta-nos como devemos agir para afastar os maus Espíritos e os maus pensamentos que vez por outra nos acometem.

O assunto é bem conhecido dos espíritas. Para afastar os maus Espíritos e os maus pensamentos, basta simplesmente atrair os Bons Espíritos.

Eis o que se lê no cap. IX d' O Livro dos Médiuns:

– Haverá meios de expulsar os maus Espíritos?

"Há; porém, as mais das vezes o que fazem, para isso, os atraem, em vez de os afastar. O melhor meio de expulsar os maus Espíritos consiste em atrair os bons. Atraí, pois, os bons Espíritos, praticando todo o bem que puderdes, e os maus desaparecerão, visto que o bem e o mal são incompatíveis. Sede sempre bons e somente bons Espíritos tereis junto de vós."

a) Há, no entanto, pessoas muito bondosas que vivem às voltas com as tropelias dos maus Espíritos. Por quê?

"Se essas pessoas são realmente boas, isso acontece talvez como prova, para lhes exercitar a paciência e concitá-las a se tornarem ainda melhores. Fica

certo, porém, de que não são os que continuamente falam das virtudes os que mais as possuem. Aquele que é possuidor de qualidades reais quase sempre o ignora, ou delas nunca fala."

O leitor percebe mais uma vez, à vista do ensinamento acima transcrito, quão importante é a prática do bem. E quando aliamos o bem à prática da oração, o resultado é ainda melhor, o que nos permite entender por que Jesus insistiu tanto em explicar que amar a Deus e amar ao próximo resumem toda a Lei e os profetas.

25/8/2013

Edição

326

Em carta enviada a esta revista, a leitora Niedja Krislady, de Rio Tinto, PB, perguntou-nos: Qual a melhor maneira de aplicar o passe?

Duas ideias se verificam no meio espírita brasileiro a respeito do assunto.

Há os que propõem a simples imposição de mãos, sem nenhuma movimentação, e existem os que entendem que o passe deva ser ministrado com a movimentação das mãos para dar a ele uma eficácia maior.

A divergência de entendimento é fácil de compreender.

Os que propõem a movimentação das mãos durante o passe fluidoterápico se esquecem de que o passe ministrado por nós espíritas pertence, conforme terminologia adotada por Allan Kardec, à chamada ação magnética mista, semiespiritual ou humano-espírita, na qual, combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Na aplicação do passe há, portanto, o concurso do médium e do Espírito que o assiste.

Ora, segundo o ensinamento constante d'O Livro dos Médiuns, cap. 14, item 176, é esse Espírito que, associando suas forças fluídicas às forças do médium, *dirige* o fluido que vai ser derramado sobre o paciente, competindo ao médium passista tão somente projetar suas forças fluídicas sobre o paciente, ficando a cargo do amigo espiritual a tarefa de direcioná-las.

Aqui no Paraná já faz mais de trinta anos que a orientação emanada dos órgãos de unificação ligados à Federação, a respeito do passe, tem sido no sentido de aplicá-lo da forma mais singela possível, tal como se fazia nos tempos apostólicos: a simples imposição de mãos.

Lemos em um dos textos que formam a apostila do COEM (Centro de Orientação e Educação Mediúnica), obra elaborada sob a supervisão do Dr. Alexandre Sech:

"A imposição de mãos, como o fez Jesus, é o exemplo correto de transmitir o passe. Os movimentos que gradativamente foram sendo incorporados à forma de aplicação do passe criaram verdadeiro folclore quanto a esta prática espírita, desfigurando a verdadeira técnica. Os passistas passaram a se preocupar mais com os movimentos que deveriam realizar do que com o dirigir seus pensamentos para movimentar os fluidos." (*11ª Sessão de Exercício Prático, Centro Espírita Luz Eterna, edição de 1978.*)

Sobre o assunto sugerimos à leitora que leia também dois textos publicados em nossa revista:

"Anotações em torno do passe" -
<http://www.oconsolador.com.br/46/especial.html>

"A imposição das mãos e sua eficácia" -
<http://www.oconsolador.com.br/ano4/196/editorial.html>

Um leitor pergunta-nos como devemos proceder para que evitemos a ocorrência da mistificação na prática mediúnica. Segundo Allan Kardec, a mistificação é fácil de evitar. Basta, para isso, diz ele, não exigir do Espiritismo senão o que ele pode e deve dar, que é a melhoria moral da Humanidade. "Se vocês não se afastarem daí, não serão jamais enganados", advertiu o Espírito de Verdade, que no mesmo passo esclareceu: "Os Espíritos vêm instruí-los e guiá-los no caminho do bem e não no caminho das honras e da fortuna, ou para servirem suas mesquinhas paixões. Se não lhes pedissem jamais nada de fútil ou fora de suas atribuições, não dariam oportunidade alguma aos Espíritos enganadores; donde vocês devem concluir que quem é mistificado tem apenas o que merece." (*O Livro dos Médiuns, cap. XXVII, item 303, 1ª pergunta.*)

Na obra mencionada, o Espírito de Verdade ensina também que "Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo um objeto de divertimento". (*L.M., cap. XXVII, item 303, 2ª pergunta.*)

A mistificação experimentada por um médium, explica Emmanuel, traz sempre uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo, razão pela qual não ocorre à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo. (*O Consolador, questão no 401.*)

Comentando o assunto, Kardec diz que um dos meios mais frequentes que os Espíritos usam, para lograr-nos, é estimular a nossa cupidez e o nosso interesse por fortunas ou facilidades materiais. É preciso, também, ficar alertas quanto às predições de data certa e evitar qualquer providência prescrita ou sugerida pelos Espíritos quando o objetivo não for evidentemente racional. Outro ponto relevante é não nos deixarmos deslumbrar pelos nomes que os Espíritos tomam para darem uma aparência de verdade a suas palavras e desconfiemos "de teorias e sistemas científicos arriscados" e "de tudo o que se afastar do objetivo moral das manifestações". (*O Livro dos Médiuns, cap. XXVII, "Observação" de Kardec posta depois da 2ª pergunta do item 303.*)

A mistificação, como se sabe, pressupõe mentira, engodo, trapaça, e pode ocorrer com o conhecimento dos mentores espirituais, como se deu na própria Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, quando um Espírito enganador usou o nome de São Luís, dirigente espiritual da Sociedade, estando este presente.

Nada, absolutamente nada, ocorre por acaso. Quem se dedica à mediunidade deve, pois, manter-se vigilante e não ignorar jamais a advertência de Erasto contida no cap. XX, item 230, d' O Livro dos Médiuns: "Melhor será repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma só teoria falsa". "As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe – afirma Divaldo Franco –, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça." (*Moldando o Terceiro Milênio, de Fernando Worm, cap. 7, pág. 62.*)

Além das advertências e recomendações aqui referidas, Allan Kardec nos fornece seguras orientações a respeito do tema no cap. XXIV, item 268, d' O

Livro dos Médiuns, onde os interessados poderão colher informações importantes que os ajudarão a prevenir o fato a que nos reportamos.

Sobre o assunto sugerimos ao leitor que leia o artigo "O que é mistificação e como proceder para evitá-la", publicado na edição 240 desta revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/240/especial.html>

8/9/2013

Edição

328

O leitor Sergio Henrique Ribas de Oliveira, de Joinville-SC, pergunta-nos se a esquizofrenia poderia ser causada por uma má influência espiritual, ou se trata de uma doença de natureza genética.

A esquizofrenia não tem, em princípio, relação nenhuma com o fenômeno da obsessão. Segundo o Instrutor Calderaro, originando-se de sutis perturbações do organismo perispirítico, a esquizofrenia traduz-se no corpo físico por surpreendente conjunto de moléstias variáveis e indeterminadas. Essa seria a principal característica da enfermidade: a diversidade de moléstias variadas e indeterminadas. (*No Mundo Maior, cap. 12, pp. 169 e 170.*)

Pensamento semelhante foi exposto em artigo publicado na edição 25 desta revista pelo confrade e médico Leonardo Machado, radicado no Recife-PE. Segundo ele, embora seja discutida como se fosse uma doença única, a esquizofrenia pode ser considerada como uma síndrome heterogênea, ou ainda, como um grupo de transtornos com causas heterogêneas. A sua história pode ser considerada a história da própria psiquiatria, uma vez que a quantidade de estudiosos dessa enfermidade é vasta. Nesse contexto, o psiquiatra francês Benedict Morel (1809-1873) foi quem primeiro se utilizou do termo *démense precoce*, o qual seria latinizado, mais tarde, por Emil Kraepelin (1856-1926) como *dementia precoce*. Coube, porém, ao suíço Eugen Bleuler, em 1911, a criação do termo "esquizofrenia", que indica a presença de um cisma entre pensamento, emoção e comportamento (esquizo = cisão, frenia = mente). Eis o *link* que remete ao artigo citado - http://www.oconsolador.com.br/25/leonardo_machado.html

Em setembro de 2011, durante seminário realizado pela Associação Médico-Espírita do ABC, em São Bernardo do Campo-SP, o dr. Roberto Lúcio Vieira, diretor clínico do Hospital Espírita André Luiz, de Belo Horizonte-MG, e então vice-presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil), apresentou o caso de um paciente internado com esquizofrenia grave que passou por um processo de regressão espontânea, o que trouxe dados importantes para a compreensão das enfermidades mentais do ponto de vista espiritual. Como causas gerais da esquizofrenia, foram apontadas então alterações energéticas, herança genética, comprometimentos graves do espírito em vida pretérita, muitas vezes com abuso da inteligência, homicídio ou mesmo o suicídio, e ainda, fatores exógenos como químicos, traumáticos e sociofamiliares. Segundo o Dr. Roberto, nem todo doente mental fica enfermo pela ação espiritual, mas esta sim pode agravar quadros mentais. A obsessão espiritual é uma propriedade do pensamento, com ênfase nas sintonias negativas e geralmente é um processo de mão dupla. Eis o *link* que remete à reportagem - <http://www.oconsolador.com.br/ano5/227/especial2.html>

Em entrevista concedida durante um programa de Hebe Camargo, na TV Bandeirantes, no dia 20 de junho de 1985, Chico Xavier respondeu a um

questionamento feito pela convidada Nair Belo, no qual o saudoso médium referiu-se também ao tema de que tratamos. Nair Belo lhe perguntou se um filho excepcional é um carma ou uma prova para os pais.

Chico Xavier assim respondeu:

“Nair, a criança excepcional sempre me impressionou pelo sofrimento de que ela é portadora, não somente em se tratando dela mesma, mas, também, dos pais e isso tem sido o tema de várias conversações minhas com o nosso Emmanuel, que é o guia espiritual de nossas tarefas. E ele, então, diz que, regra geral, a criança excepcional é o suicida reencarnado, reencarnado depois de um suicídio recente, porque a pessoa, quando pensa que se aniquila, está apenas estragando ou perdendo a roupa que a Providência Divina permite de que ela se sirva durante a existência, que é o corpo físico.

A verdade é que ela em si é um corpo espiritual; então, os remanescentes do suicídio acompanham a criatura que praticou a autodestruição para a vida do Mais Além. Lá ela se demora algum tempo amparada por amigos que toda criatura tem, afeições por toda parte, mas volta à Terra com os remanescentes que ela levou daqui mesmo, após o suicídio.

Se uma pessoa espatifou o crânio e se o projétil atingiu o centro da fala, ela volta com a mudez. Se atingiu apenas o centro da visão, ela volta cega, mas se atingiu determinadas regiões mais complexas do cérebro, ela vem em plena idiotia e aí os centros fisiológicos não funcionam. Se ela suicidou-se mergulhando-se em águas profundas, ela vem com a disposição para o enfisema, um enfisema infantil ou da mocidade, ou dos primeiros dias de vida. Se ela, por exemplo, se enforcou, ela vem com a paraplegia, depois de uma simples queda que toda criança cai do colo da ama, do colo da mãezinha; então, quando o processo é de enforcamento, a vértebra que foi deslocada, no enforcamento, vem mais fraca e, numa simples queda, a criança é acometida pela paraplegia.

Outras crianças que vêm completamente perturbadas – a esquizofrenia, por exemplo, diz-se que é o suicídio, depois do homicídio. O complexo de culpa adquire dimensões tamanhas que o quimismo do cérebro se modifica e vem a esquizofrenia como uma doença verificável, porque através dos líquidos expelidos pelo corpo é possível detectar os princípios da esquizofrenia.” Eis o link que remete à entrevista -

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/268/umminutocomchico.html>

Como dissemos, não existe, em princípio, relação entre obsessão e esquizofrenia, mas um processo obsessivo de longo curso pode levar, sim, o obsidiado à esquizofrenia. Pelo menos é o que Dr. Bezerra de Menezes informou ao referir-se ao caso de Ester, personagem central do livro *Grilhões Partidos*, obra de Manoel Philomeno de Miranda, psicografada pelo médium Divaldo Franco. De acordo com o cap. XXIII, item 254, d’*O Livro dos Médiuns*, a subjugação corporal pode ter como consequência uma espécie de loucura, cuja causa o mundo desconhece e que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Aquele era o caso da jovem. Se o socorro divino não a alcançasse imediatamente, a subjugação espiritual a conduziria “a uma situação esquizofrênica com possibilidades irreversíveis”, afirmou o venerável benfeitor espiritual. (*Grilhões Partidos*, cap. 13, pp. 115 e 116.)

Sobre o assunto sugerimos ao interessado que leia também o interessante artigo intitulado “Esquizofrenia”, assinado por Ricardo Orestes Forni e publicado na edição 327 desta revista. Eis o link -

http://www.oconsolador.com.br/ano7/327/ricardo_forni.html

Uma leitora diz-nos o seguinte: "Vamos supor que uma pessoa morre no seio de uma determinada família, onde foi pai, avô, irmão, marido, mulher, irmã... Anos depois, reencarna e volta em outro corpo e para outra família. Mas, a primeira família ainda existe. Se for evocado por alguém dessa primeira família, o Espírito pode aparecer com a aparência anterior, mesmo estando reencarnado e, portanto, com outra aparência?"

Pelo que entendemos, a resposta é sim.

Um exemplo disso é descrito no cap. 48 do livro "Nosso Lar", em que D. Laura, em seus preparativos para uma nova reencarnação, recebe em visita o Espírito do seu esposo Ricardo. Ele estava reencarnado e era uma criança quando o fato se deu.

Eis como André Luiz descreveu esse encontro:

"Às derradeiras notas da bela composição, notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitosa-acinzentada, apresentando, logo em seguida, a figura simpática de um homem na idade madura. Era Ricardo.

Impossível descrever a sagrada emoção da família, dirigindo-lhe amorosas saudações.

O recém-chegado, após falar particularmente à companheira e aos filhos, fixou o olhar amigo em nós outros, pedindo fosse repetida a suave canção filial, que ouviu banhado em lágrimas. Quando se calaram as últimas notas, falou comovidamente:

– Oh! meus filhos, como é grande a bondade de Jesus, que nos aureolou o culto doméstico do Evangelho com as supremas alegrias desta noite! Nesta sala temos procurado, juntos, o caminho das esferas superiores; muitas vezes recebemos o pão espiritual da vida e é, ainda aqui, que nos reencontramos para o estímulo santo. Como sou feliz!

A senhora Laura chorava discretamente. Lísias e as irmãs tinham os olhos marejados de pranto. Percebi que o recém-chegado não falava com espontaneidade e não podia dispor de muito tempo entre nós."

*

O fato que descrevemos não é algo inusitado ou excepcional.

Conforme as experiências realizadas pelos cientistas franceses Pierre Janet, Pitres, Bourru e Burot, tudo o que vivenciamos deixa em nós um traço indelével e a subconsciência registra sempre os estados mentais e os associa indissolúvelmente aos estados fisiológicos contemporâneos.

Descobriu-se desse modo, graças às experiências de "regressão de memória", que toda vez que a memória regride ao passado reproduzem-se o "estado psicológico" e também o "estado fisiológico" correspondentes.

Em obras escritas por André Luiz como por Manoel Philomeno de Miranda, é comum verificar que os desencarnados, quando se reúnem para resolver pendências pretéritas, assumem a personalidade da época revivida e retomam a aparência correspondente, tal como se deu com Ricardo, que, embora criança na existência atual, apareceu na casa de D. Laura com aparência de um homem

na idade madura e falou aos seus filhos como o velho pai que eles conheceram no passado.

22/9/2013

Edição 330

Atendendo a uma pergunta objetiva feita pela leitora Niedja Krislady, de Rio Tinto, município localizado na Região Metropolitana de João Pessoa, capital da Paraíba, tratamos nesta seção, na edição 326 de nossa revista, da questão do passe e de sua aplicação nas instituições espíritas.

O texto aqui publicado suscitou comentários diversos, tendo a maioria apoiado a tese da simples imposição das mãos, defendida por J. Herculano Pires, que consideramos também como a mais indicada e consentânea com a obra kardequiana.

Houve, contudo, duas manifestações contrárias ao que foi aqui exposto: uma em defesa da ideia de que nem mesmo haveria necessidade da imposição das mãos, bastando unicamente o uso do pensamento para a eficácia do passe, e outra propugnando pela validade da movimentação das mãos, como é ainda comum em determinadas instituições que seguem a orientação contida na obra do saudoso escritor Edgard Armond.

A ideia de que não há necessidade da imposição das mãos, proposta pela leitora Beatriz Indrusiak, de Porto Alegre-RS, será examinada na próxima semana.

Fixemo-nos hoje na outra proposição, que nos veio de um leitor de nossa revista que prefere permanecer no anonimato.

Em sua carta a nós dirigida fez ele as seguintes ponderações:

"Sem pretender polemizar, nem tampouco corrigir o que foi dito a bem de responder à pergunta da leitora já citada e até mesmo pedindo que a ponderação que abaixo faço não seja publicada, digo o seguinte:

Se é o espírito que direciona os fluidos, partindo das mãos do médium atendente, impostas tão somente sobre a cabeça ou o corpo do atendido, esse espírito não pode também induzir ou tomar as mãos desse médium e movimentá-las de acordo com o que achar mais conveniente para a fluidoterapia?

Assim, a movimentação das mãos poderia acontecer, não pela preocupação do médium em seguir uma 'técnica' de gesticulação, atentando na forma e esquecendo a intenção, mas por cedência ao comando do amigo espiritual.

E penso ainda que esta ou aquela técnica, desde que não seja irreverente, e advinda da sincera e humilde disposição do médium em oferecer sua energia somada à do seu(s) mentor(es) para o bem do próximo, é irrelevante para que ocorra a fluidoterapia.

Acho que foi de risco o que consta em um dos textos da apostila do COEM, pois que partiu de um pressuposto incabível para quem exerce a atividade mediúnica, muito principalmente a de cura, com seriedade, fé e amor.

Minha discordância é aqui revelada, pela minha própria experiência como médium natural e, em especial, de cura, por pensamento, palavras e obras, por décadas, em conjunto com outros médiuns em centros espíritas diversos e em trabalho solo, dentro e fora desses centros!

Sempre consciente, minhas mãos muitas vezes se mantiveram estáticas e/ou em movimento, sobre enfermos em tratamento médico, alguns já sem

perspectiva de cura e sempre foram ferramentas úteis e precisas para o restabelecimento desses pacientes.

E não era eu quem as movimentava de múltiplas maneiras, mas os invisíveis da outra dimensão, que me assistiam e me utilizavam, pois nem sempre me era possível comandá-las por vontade própria.

Por sua atenção, agradeço, esperando ter colaborado na questão, num ombro a ombro com todos vocês, incansáveis trabalhadores.”

*

O leitor tem razão. Quando respondemos à leitora Niedja Krislady, sugerimos na parte final de nossa resposta que ela lesse também dois textos publicados anteriormente em nossa revista:

“Anotações em torno do passe” - <http://www.oconsolador.com.br/46/especial.html>

“A imposição das mãos e sua eficácia” - <http://www.oconsolador.com.br/ano4/196/editorial.html>

Ora, neste último texto – que é o Editorial da edição 196, publicado em 13 de fevereiro de 2011 – está escrito:

“Existem espíritas, e certamente isso deve ocorrer com alguns médiuns, que sentem uma influência mais forte do Espírito amigo que os auxilia no passe e, movidos por essa influência, movimentam as mãos seguindo uma intuição especial, que poucas pessoas sentem, e vem daí, do fato de não ser generalizada e comum tal intuição, a recomendação de ser adotada a simples imposição das mãos, uma vez que, não sabendo qual o problema específico do enfermo, não existe razão nenhuma para movimentarmos a esmo nossas mãos.”

Está assim ressalvada a hipótese descrita pelo leitor, a quem é sempre importante lembrar que o que lhe ocorre não é comum ou frequente em todos os casos, ou seja, nem todos os médiuns passistas sentem a intuição por ele mencionada, além do que, nas atividades normais da Casa Espírita, não se dá a incorporação no momento do passe e os pacientes nem sempre são conhecidos daqueles que os atendem.

A simples imposição das mãos parece-nos, assim, como regra, a atitude mais adequada, cabendo ao benfeitor espiritual a tarefa de direcionar o fluido magnético para a região do paciente necessitada, como é dito na pergunta 2ª do item 176 do capítulo XIV d’*O Livro dos Médiuns*, a saber: “Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias”.

29/9/2013

Edição 331

Em face da resposta que aqui foi dada à pergunta da leitora Niedja Krislady, a respeito da melhor maneira de se aplicar o passe magnético⁽¹⁾, recebemos da leitora Beatriz Indrusiak, de Porto Alegre-RS, a seguinte carta:

Boa noite, Sr. Editor.

Meu nome é Beatriz. Li a resposta dada à leitora Niedja Krislady a respeito de como melhor aplicar o passe.

Gostaria de lhe perguntar mais algumas coisas que me deixam dúvidas:

1) Se a ação fluídica é mista (desencarnado/encarnado) para a aplicação do passe, e este fluido é direcionado pelo Espírito desencarnado conhecedor da tarefa, obviamente que este usa a ação do pensamento para dirigir o fluido, considerando que está desencarnado. Então se cabe só ao médium encarnado a doação de seu magnetismo, e este é dirigido pelo pensamento do Espírito desencarnado em direção ao paciente necessitado, por que há necessidade da imposição das mãos? Afinal, a imposição das mãos também não seria uma bengala psicológica para "se ter certeza" de que o médium está ministrando o passe?

2) Uma vez que entendemos que não há necessidade das mãos (inclusive Jesus curou com as mãos, mas também curou com sua saliva, com sua voz, com o toque dos doentes em suas vestes, enfim, as mãos foram só "um jeito" de curar entre tantos), por que ainda estamos propagando isso como algo correto dentro dos Centros Espíritas? E se Jesus curou de tantas outras formas, não só com a imposição das mãos, porque a gesticulação seria "menos correta" do que só a imposição das mãos?

Agradecendo sua atenção e no aguardo de sua resposta,
Beatriz.

A imposição das mãos é, como dissemos, a forma sugerida por Allan Kardec e por autores espíritas diversos, a exemplo de J. Herculano Pires.

Allan Kardec diz que "a faculdade de curar pela **imposição das mãos** deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la, entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais" ("Obras Póstumas", Manifestações dos Espíritos, itens 52 e 53). "Uma grande força fluídica, aliada à maior soma possível de qualidades morais, pode operar, em matéria de curas, verdadeiros prodígios", afirma Kardec. E ele completa: "A ação fluídica, ao demais, é poderosamente secundada pela confiança do doente, e Deus quase sempre lhe recompensa a fé, concedendo-lhe o bom êxito".

Em setembro de 1865, em um artigo publicado na "Revista Espírita" (Edicel, ano 1865, pág. 254), o Codificador explicou: "Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e querer o bem, muitas vezes basta **impor as mãos** sobre a dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer um, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maior parte dos médiuns curadores inconscientes, os que não se dão conta de sua faculdade, e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se entreatam orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência desta ou daquela fórmula".

No ano anterior, em janeiro de 1864, na mesma "Revista Espírita" (Edicel, ano de 1864, pág. 7), Kardec transcreveu uma mensagem transmitida por Mesmer (Espírito), recebida na Sociedade Espírita de Paris em 18-12-1863, na qual o "Pai do Magnetismo moderno" analisa a questão das curas por meio do magnetismo animal. Diz Mesmer em sua mensagem que Deus sempre

recompensa o humilde sincero que pede a ajuda espiritual, enviando-lhe o socorro para que ele possa auxiliar o enfermo. "Esse socorro que envia são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente", afirma Mesmer, que diz mais: "Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples **imposição das mãos**, graças ao concurso dos bons Espíritos".

Foi com base nessas e em outras referências semelhantes que J. Herculano Pires, em seu livro "Obsessão, o passe, a doutrinação", editora Paideia, págs. 35 a 37, escreveu: "O passe espírita é simplesmente a **imposição das mãos**, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a **imposição das mãos**. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações". (Os grifos são nossos.)

Além dos textos acima reproduzidos, sabemos que o uso das mãos na ministração do passe magnético vem desde os tempos apostólicos e é observado igualmente pelas entidades encarnadas ou desencarnadas, como podemos comprovar pelos textos seguintes:

1) "Os médiuns passistas pareciam duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça, ao contato do irmão Conrado e de seus colaboradores." (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 17, pp. 164 a 166.*)

2) "Existe fluidificação eminentemente magnética, que são as energias do próprio sensitivo, nesse caso, tido como magnetizador. Ele se desgasta porque doa do seu próprio plasma, e a partir dessa doação sente-se cansado, esgotado. Um outro nível é o das energias espirituais-materiais ou psicofísicas, quando se dá a conjugação dos recursos do mundo espiritual com os elementos do médium; o indivíduo se coloca na posição de um vaso de cujos recursos os Benfeitores se utilizam. Eis quando caracterizamos o médium aplicador de passes ou passista: aquele em quem, segundo a instrução do Espírito André Luiz, as energias circulam em torno da cabeça, como que assimilando os valores da sua mentalização, escoando-se através das mãos, para beneficiar o assistido." (*J. Raul Teixeira, em Diretrizes de Segurança, questão 83.*)

3) "Qual criança medrosa, procurando refúgio, ele queria retomar o corpo físico, mas Alexandre, aproximando-se, estendeu-lhe as mãos, das quais saíram grandes chispas de luz. Contido pelos raios magnéticos, Adelino pôs-se a tremer, notando-se que ele começava a ver alguma coisa além da figura de Segismundo." (*Missionários da Luz, cap. 13, págs. 191 a 193.*)

4) "Sob o sábio comando de Clementino, Raul falou com afetividade ardente: Libório, meu irmão! Essas três palavras foram ditas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o Espírito não pôde sopitar o pranto. Raul aproximou-se dele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou: Vamos orar! Findo um minuto de silêncio, necessário a uma perfeita concentração mental, a voz do diretor da casa, sob a inspiração de Clementino, suplicou o socorro do Divino Mestre." (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 7, págs. 63 e 64.*)

5) "Conrado, impondo a destra sobre a fronte da médium, comunicou-lhe radiosa corrente de forças e inspirou-a a movimentar as mãos sobre a doente, desde a cabeça até o fígado enfermo." (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 17, págs. 168 a 170.*)

6) "O semblante do enfermo transformava-se gradualmente, à medida que Alexandre movimentava as mãos sobre o seu cérebro. André percebeu que a forma perispiritual de Antônio reunia-se devagarinho à forma física, integrando-se harmoniosamente uma com a outra, como se estivessem, de novo, em processo de reajustamento, célula por célula." (*Missionários da Luz, cap. 7, págs. 72 a 75.*)

7) "Verônica, uma entidade muito querida ao instrutor Alexandre, que fora exímia enfermeira na Crosta, integrava a equipe de colaboradores. Começaria agora o auxílio magnético à médium. Era preciso incentivar os processos digestivos para que o aparelho mediúnico funcionasse sem obstáculos. Alexandre, Verônica e mais três entidades colocaram as mãos, em forma de coroa, sobre a fronte da jovem e essas energias reunidas formaram vigoroso fluxo magnético que foi projetado sobre o estômago e o fígado da médium, órgãos esses que acusaram, de imediato, novo ritmo de vibrações." (*Missionários da Luz, cap. 10, págs. 113 a 115.*)

8) "Anacleto atuou por imposição de mãos. Sua destra emitia sublimes jatos de luz que se dirigiam ao coração da senhora: os raios de luminosa vitalidade eram impulsionados pela força inteligente e consciente do emissor. Assediada pelos princípios magnéticos, a reduzida porção de matéria negra, que envolvia a válvula mitral, deslocou-se vagarosamente e, como se fora atraída pela vigorosa vontade de Anacleto, veio aos tecidos da superfície, espalhando-se sob a mão irradiante, ao longo da epiderme. Em poucos instantes, o organismo da enferma voltou à normalidade." (*Missionários da Luz, cap. 19, pp. 325 a 327.*)

*

O passe pode ser ministrado a distância, sem auxílio das mãos?

É evidente que sim, mas é preciso considerar que se trata de outro recurso, diferente da singela "imposição das mãos", a que nos reportamos nas citações acima.

Se no atendimento pela imposição das mãos é indispensável o estado de confiança, como Aulus explica no cap. 17, pp. 166 a 168, do livro "Nos Domínios da Mediunidade", no passe ministrado a distância – portanto, sem uso das mãos – é necessário algo mais: é preciso que **haja sintonia** entre aquele que o administra e a pessoa que o recebe.

Essa informação foi-nos revelada igualmente por Aulus, na mesma obra a que nos referimos. "Nesse caso – diz Aulus –, diversos companheiros espirituais se ajustam no trabalho do auxílio, favorecendo a realização, e a prece silenciosa

será o melhor veículo da força curadora." (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 17, pp. 168 a 170.*)

Sobre o assunto, J. Herculano Pires lembra-nos, também, que não devemos desprezar o efeito psicológico da presença do enfermo no ambiente da Casa Espírita (cf. "Obsessão, o passe, a doutrinação", pág. 45).

⁽¹⁾ A resposta dada à leitora Niedja Krislady foi publicada na seção **● Espiritismo responde** da edição 326, de 25/8/2013. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano7/326/oespiritismoresponde.html>

6/10/2013

Edição 332

Um leitor pergunta-nos: Como o Espiritismo entende a cremação dos mortos? Devemos ter algum cuidado, observar algum detalhe?

O tema cremação – que significa incineração – não foi examinado nas obras de Kardec, um fato estranhável, visto que a incineração de cadáveres humanos remonta à antiguidade e constituiu regra comum na Grécia primitiva e entre os romanos, sendo ainda hoje um costume em várias regiões do globo, como a Índia.

Não examinada por Kardec, a cremação tem suscitado no meio espírita posições que se contradizem.

Léon Denis, por exemplo, aponta nela uma desvantagem, pois que, extinguindo o corpo físico pela ação do fogo, a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento do Espírito, sendo mesmo doloroso para as almas apegadas à Terra.

Com efeito, determinados Espíritos permanecem algum tempo imantados ao corpo material após o transe da morte, como ocorre em muitos casos de suicídio. Como o rompimento do cordão fluídico nem sempre se consuma num curto espaço de tempo, o desencarnado se assemelha a um morto-vivo cuja percepção sensória, para sua desventura, continua presente e atuante. A cremação viria, assim, causar-lhe um angustiante trauma, o que equivaleria a aumentar a aflição a quem já se encontra aflito.

Ao se manifestar sobre o tema, Richard Simonetti disse que, embora o cadáver não transmita sensações ao Espírito desencarnante, este poderá experimentar "impressões extremamente desagradáveis" se no ato crematório estiver ainda ligado ao corpo.

No mesmo sentido é a opinião de Paul Bodier, médico e escritor francês que foi também presidente da Sociedade Francesa de Estudos Psíquicos e autor de obras como "A Vida e a Morte" e "A Granja do Silêncio". Segundo Bodier, "a incineração, tal como se pratica entre nós, é, com efeito, prematura demais". Talvez, por isso a inumação devesse ser o processo normal, só se cremando os cadáveres com sinais evidentes de putrefação.

Dentre as manifestações sobre o tema oriundas do plano espiritual, lembremo-nos de que Emmanuel se referiu à cremação durante a exibição do programa Pinga-Fogo na TV Tupi-SP, realizado em 1971, quando – segundo depoimento de Chico Xavier – afirmou que "a cremação é legítima para todos aqueles que a desejam, desde que haja um período de, pelo menos, 72 horas de expectativa para a ocorrência em qualquer forno crematório".

Dois aspectos devem ser ressaltados na manifestação atribuída a Emmanuel.

O primeiro: é preciso que o indivíduo manifeste seu desejo de ter o corpo cremado, evitando-se assim que seja essa uma decisão de seus familiares, e não dele.

O segundo: a espera de um prazo mínimo entre a morte do corpo e o ato da cremação, que Emmanuel fixou em 72 horas, que é um tempo razoável capaz de evitar, em grande número de casos, o trauma mencionado por Léon Denis.

13/10/2013

Edição 333

Um amigo de nossa revista radicado na cidade de Mirassol-SP escreveu-nos a seguinte mensagem:

“Solicito a fineza de me responder a respeito da prece Pai Nosso, na qual os quatro evangelistas registraram no final a frase: ... **e não nos induza ao mal...**, dita por Jesus. Pergunto se há alguma explicação de algum Espírito elevado a respeito, visto que o trecho ‘induz a ao mal’ deixa-nos a dúvida de que o Pai nos induziria ao mal”.

A Oração Dominical, também conhecida como a prece de Pai Nosso, foi registrada pelos evangelistas Mateus e Lucas. Marcos e João nada escreveram a respeito.

Eis o que o evangelista Mateus anotou em 6:9-13:

“Portanto, orai vós deste modo: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores; e **não nos deixes entrar em tentação**; mas livra-nos do mal.” (João Ferreira de Almeida)

Ou, conforme uma conhecida versão católica:

“Eis como deveis rezar: Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam; e **não nos deixeis cair em tentação**, mas livrai-nos do mal.” (Antonio Pereira de Figueiredo) (Grifamos.)

As duas versões estão disponíveis no site Bíblia Online, na página <http://www.bibliaonline.com.br/aa+vc/mt/6>

Em Lucas, 11:2-4, encontramos:

“E ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu. Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano; E perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve, e **não nos conduzas à tentação**, mas livra-nos do mal.” (João Ferreira de Almeida)

Ou, de acordo com uma das versões católicas:

“Disse-lhes ele, então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o vosso nome; venha o vosso Reino; dai-nos hoje o pão necessário ao nosso sustento; perdoai-nos os nossos pecados, pois também nós

perdoamos àqueles que nos ofenderam; e **não nos deixeis cair em tentação.**" (Antonio Pereira de Figueiredo) (Grifamos.)

As versões reproduzidas estão disponíveis no site Bíblia Online, na página <http://www.bibliaonline.com.br/acf+vc/lc/11>

*

Compulsando oito diferentes traduções do Novo Testamento, em **cinco** delas a frase que compõe o versículo 13 do cap. 6 de Mateus apresenta a forma mais conhecida e conforme ao que imaginamos seja o correto: "não nos deixes cair em tentação".

Veja o leitor:

- 1.) "E não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal." (João Ferreira de Almeida; edição revisada, Imprensa Bíblica.)
- 2.) "E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal." (Antonio Pereira de Figueiredo; A Bíblia Sagrada – Volume IV.)
- 3.) "E não nos deixes cair na tentação, mas livra-nos do Maligno." (Bíblia Mensagem de Deus; LEB – Edições Loyola.)
- 4.) "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal." (Sociedade Bíblica Britânica.)
- 5.) "E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre." (Nova Versão Internacional.)

Em três traduções, no entanto, o versículo apresenta a forma mencionada pelo leitor de Mirassol:

- I.) "E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém." (O Novo Testamento; publicado pelos Gideões Internacionais.)
- II.) "E não nos submetas à tentação, mas livra-nos do Maligno." (Bíblia de Jerusalém; Paulus.)
- III.) "E não nos induzas em tentação, mas liberta-nos do mal." (Carlos Torres Pastorino; Sabedoria do Evangelho, 2º volume.)

É oportuno, porém, lembrar ao leitor como os autores da Bíblia de Jerusalém comentam o versículo mencionado. Dizem eles em nota de rodapé constante da pág. 1713:

A tradução proposta é equívoca. Deus nos submete à prova, mas não tenta ninguém (Tiago 1:12; 1ª Corínt. 10:13). O sentido permissivo do verbo aramaico, utilizado por Jesus, "deixar entrar" e não "fazer entrar", não foi traduzido pelo grego e pela Vulgata. Desde os primeiros séculos, muitos manuscritos latinos substituem *Ne nos inducas* por *Ne nos patiaris induci*. Pedimos a Deus que nos livre do tentador e suplicamos a ele a fim de não entrar em tentação (cf. Mateus 26:41), isto é, a apostasia.

Em comentário feito relativamente ao mesmo versículo, Carlos Torres Pastorino assim se manifestou:

6.ª PETIÇÃO - "Não nos induzas em tentação". O conjuntivo aoristo, *eisenégkêis* (de *eisph érô*), tem o sentido de "conduzir para dentro" ou "induzir"; e *peirasmós* é a prova, o exame, a experimentação. Pedido de socorro que fazemos, para que não sejamos colocados em situações perigosas que nos experimentem as forças, pois tememos sucumbir, já que conhecemos nossas fraquezas. Suplicamos, então, à

misericórdia do Pai, que nos poupe as experimentações, que talvez nos levem à derrota. Tentação, pois, não é o "pecado", mas a prova (cfr. Luc. 22:28). Segundo Tiago (1:2) as provações são úteis à evolução. Essa opinião é de que Deus não nos leva ao mal, embora nos submeta à prova (cfr. Tiago 1:13; Agostinho, *Patrol. Lat.* 38, 390-391 e Hilário, *Patrol. Lat.* 9, 510).

No cap. XXVIII, item 3, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Kardec reproduz a Oração Dominical, em que o versículo ora examinado é apresentado nos seguintes termos: **Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal**, seguido de uma nota de rodapé em que se lê:

Algumas traduções dizem: *Não nos induzas à tentação* (et ne nos inducas in tentationem). Essa expressão daria a entender que a tentação promana de Deus, que ele, voluntariamente, impele os homens ao mal, ideia blasfematória que igualaria Deus a Satanás e que, portanto, não poderia estar na mente de Jesus. É, aliás, conforme à doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Veja-se: *O Céu e o Inferno*, 1ª Parte, cap. IX, "Os demônios".)

Desenvolvendo o significado do versículo em foco, de modo a torná-lo mais compreensível e mais claro, Kardec escreveu:

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem inspirando-nos maus pensamentos. Mas, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os maus Espíritos mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e

renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. É inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos, pois, é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos, os maus Espíritos naturalmente se afastarão, porquanto o mal é que os atrai, ao passo que o bem os repele. (Veja-se aqui adiante: "Preces pelos obsidiados".)

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de obstartos aos Espíritos maus o acesso à nossa alma. (Veja-se aqui adiante o nº 11.)

O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprirmos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para o fazer, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

20/10/2013

Edição 334

O leitor Domingos Antero da Silva, de Limeira, SP, em carta já publicada nesta revista, pergunta-nos:

1. O Espírito que alcança o mais elevado nível de evolução tem perispírito?
2. Se trocamos de perispírito de um mundo para outro, o que ocorre com o perispírito que deixamos no outro mundo? Se fosse uma roupa, ou a vestiríamos novamente ou ela acabaria com o tempo. O perispírito é mortal ou imortal?
3. Se o perispírito pode ser trocado, onde ficam os registros das vidas passadas?

À vista do que aprendemos no estudo das obras espíritas, eis as nossas respostas:

1. O Espírito, em qualquer fase ou grau do processo evolutivo, está sempre revestido de um envoltório fluídico, também chamado de perispírito ou corpo espiritual. Em artigo publicado na *Revista Espírita* de 1864, Edicel, pp. 138 e 139, Kardec fez importante distinção entre alma – um ser simples, invisível, imponderável – e Espírito – um ser duplo, constituído por alma e perispírito. O pensamento de que os Espíritos Puros não possuem perispírito não passa, pois, de um equívoco que algumas pessoas repetem por ignorarem o que diz a questão 186 d' *O Livro dos Espíritos*, abaixo reproduzida:

186. Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito? "Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros."

Corroborando a informação acima, Kardec diz-nos em *O Livro dos Médiuns*, item 55, que o Espírito, em qualquer grau em que se encontre, está sempre revestido de um invólucro ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia. O perispírito faz, então, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem.

No mesmo sentido é o pensamento expresso por Léon Denis no livro *No Invisível* (O Espiritismo experimental: III – O Espírito e a sua forma), em que afirma que em todo homem vive um Espírito, e por Espírito entende-se a alma revestida de seu envoltório fluídico, do qual é inseparável.

2. Se trocamos de perispírito, o que ocorre com o perispírito que foi substituído?

Os imortais dizem que no caso de promoção do Espírito a outro mundo mais elevado ele se apropria de matéria cósmica do novo mundo, reestruturando um novo perispírito, adequado à vida naquele mundo. Na questão 94 de *O Livro dos Espíritos* é dito que se trata de algo similar "a uma troca de roupa".

Eis o texto a que nos reportamos:

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? "Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa."

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? "É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos."

A mesma informação é repetida no item 257 da mesma obra, mas em ambas as citações não é mencionado o destino do perispírito anterior. Supomos que – por ser formado de matéria cósmica universal – ele não se desfaz e é, provavelmente, absorvido pelo Fluido Cósmico do planeta de origem, onde se formou.

Há na literatura espírita uma informação que pode ajudar-nos na compreensão do assunto. No livro *Imagens do Além*, do Espírito Lucius, psicografado por Heigorina Cunha e publicado pelo IDE, de Araras-SP, em um capítulo que fala do restringimento perispiritual nos casos de reencarnações compulsórias, Heigorina escreveu o seguinte:

“Quando apresentamos ao nosso Chico Xavier o desenho do restringimento, ele nos disse:

– Heigorina, é isto mesmo o Restringimento. O processo é mais lento, tratando-se de reencarnação compulsória, nesta categoria de Espírito. Leva mais de ano para completar o restringimento. Assim que se inicia a fase do sono letárgico, o corpo espiritual vai se despojando da matéria grosseira, ficando o perispírito sutil, sem trazer-lhe prejuízo algum. Por exemplo: ‘A cobra que deixa a casca’.

Olhando-nos com uma pausa, acrescentou depois:

– Este despojo grosseiro é enterrado em lugar próprio, num Cemitério.”

3. Se o perispírito pode ser trocado, onde ficam os registros das vidas passadas?

É preciso lembrar primeiramente que o perispírito ou corpo espiritual é constituído de dois elementos citados por diversos autores: o corpo astral e o corpo mental, além do chamado duplo etérico ou etéreo.⁽¹⁾ As mutações e mesmo a substituição verificadas no corpo astral não afetariam, portanto, a memória e os registros das vivências passadas, que constituiriam funções do corpo mental, a que André Luiz se refere em uma nota de rodapé constante do cap. II, pp. 25 e 26, da 1ª parte do livro *Evolução em Dois Mundos*. Segundo ele, o corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente.

(1) Sobre o duplo etérico veja o texto publicado nesta mesma seção na edição 314, de 2 de junho de 2013. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano7/314/o espiritismo responde.html>

27/10/2013

Edição 335

Um amigo radicado na cidade de Londrina-PR pede-nos esclarecimentos acerca de dois assuntos:

1.) Na questão 738 “b” d’O Livro dos Espíritos, em que o assunto são os flagelos que acometem os homens, os imortais disseram, referindo-se às vítimas de semelhantes ocorrências:

“Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.”

Pergunta então nosso amigo: “Considerando que – independentemente de quem desencarnou no flagelo – tais pessoas deveriam morrer daquela forma e naquela hora, por que haverá para elas compensação pelos sofrimentos que lhes forem causados?”

Entendemos que o fundamento da compensação mencionada está relacionado à parte final do texto transcrito: “... **se souberem suportá-los sem murmurar**”.

Dizemos isto porque nos parece fora de dúvida que as vicissitudes por que passamos, seja por motivo de prova, seja por motivo de expiação, só produzem resultado a nosso favor se as aceitarmos resignadamente.

Duas lições a respeito do tema resignação e sua importância em nossa vida colhemos no cap. V do livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, itens 12 e 18.

No primeiro, o texto é do próprio codificador da doutrina espírita:

“Entre essas faltas, cumpre se coloque na primeira fiada a carência de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida contraímos, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento”. (Obra citada, cap. V, item 12.)

Na segunda lição, o texto é assinado pelo Espírito de Lacordaire:

“Quando o Cristo disse: ‘Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence’, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações”. (Obra citada, cap. V, item 18.)

2. A segunda pergunta formulada por nosso amigo é: “Onde podemos encontrar, na literatura espírita, referências acerca dos temas moratória e antecipação da hora da morte, excluídos, evidentemente, a eutanásia e o suicídio?”

Aprendemos na doutrina espírita que os casos de moratória e os de antecipação da hora da morte – excluídos a eutanásia e os suicídios voluntário e involuntário – são raros. Como regra, a duração de uma existência corpórea está relacionada com a programação reencarnatória da pessoa e a lei de causa e efeito.

Em entrevista publicada pelo jornal *O Imortal* na edição de fevereiro de 2009, o professor José Raul Teixeira declarou o seguinte:

Aprendemos com os nobres Benfeitores Espirituais que, como as nossas existências planetárias estão sob os cuidados de entidades sublimadas, que respondem junto a nós em nome de Jesus Cristo, a protelação (a moratória) ou a aceleração (a antecipação) do processo de nossa desencarnação estão, do mesmo modo, sob essas divinas responsabilidades.

Temos sabido de incontáveis circunstâncias que podem levar os Guias Espirituais a interceder a favor da permanência física de alguém no mundo, assim como de outras que os fazem atuar em prol da antecipação do período da reencarnação, desde que haja interesses superiores em jogo, significando uma contribuição para o progresso de quem deverá permanecer ou de quem deverá partir.

Indivíduos que, na época prevista para seu desenlace, estejam realizando processos espirituais renovadores junto a familiares de relacionamentos complexos; que estejam conseguindo se libertar de difíceis conflitos ou dependências tormentosas, o que lhes permitirá grandes arrancadas espirituais, ou que se encontrem executando atividades em benefício de alguma obra de formosa expressão, o que lhes propiciará feliz contributo ascensional, esses costumam receber o beneplácito de abençoadas moratórias.

Muitos que estejam se enredando em situações comprometedoras, planeta afora, fascinados com as liberdades que ninguém consegue frear; muitos que chegaram à Terra com bagagem espiritual respeitável, mas que se estão deixando levar por certos níveis de orgulho e vaidade comprometedores de seu valor espiritual; os que vieram para operacionalizar determinadas missões, para o que foram investidos anos e anos de preparativos no Mundo Invisível, e que estão atirando fora as oportunidades, costumam ser "chamados de volta" ao Grande Lar, a fim de que reavaliem suas condutas terrenas, para que não comprometam seus valores conquistados e para que refaçam os planejamentos quanto ao futuro, de tal modo que, então, não se perturbem nos mesmos caminhos e situações que os puseram em perigo.

Tanto as moratórias quanto as antecipações não costumam ser do conhecimento direto do beneficiado. As leis do nosso Criador funcionam silenciosamente e atendem os Seus filhos, em suas variadíssimas necessidades, sem qualquer alarde. Assim, é improvável que os encarnados, de maneira consciente, consigam esses resultados, tornando-se capazes de interferir na programação do Benfeitores da Vida Maior, desenvolvida sobre nós sob o comando de Jesus.

No tocante aos casos de antecipação da morte, nossa revista publicou artigo de autoria do confrade Alessandro Viana Vieira de Paula, intitulado "As mortes antecipadas", em que ele esmiúça com propriedade o importante tema. Eis o link que permite acessar o artigo - http://www.oconsolador.com.br/ano5/234/alessandro_viana.html

Quanto aos livros que focalizam o assunto, podemos citar dois de autoria de Manoel Philomeno de Miranda, psicografados por Divaldo Franco: *Temas da Vida e da Morte, Reencarnação - Dádiva de Deus*, pp. 14 e 15, e *Entre os Dois Mundos*, cap. 7 a 10.

As referências no que diz respeito à moratória são mais numerosas. Eis alguns casos referidos na literatura mediúnica:

- Caso de Albina (Obreiros da Vida Eterna, de André Luiz, cap. 17)
- Caso de Argos (Painéis da Obsessão, de Manoel Philomeno de Miranda, cap. 5)
- Caso de Marita (Sexo e Destino, de André Luiz, 2ª parte, cap. I)
- Caso de Amâncio Terra (E a Vida Continua, de André Luiz, cap. 22).

3/11/2013

Edição 336

O leitor Izidro Simões (Boa Vista, Roraima), em carta publicada anteriormente nesta revista, enviou-nos as considerações abaixo, além de duas outras – sobre o livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* e a natureza religiosa do Espiritismo – que serão aqui examinadas oportunamente:

1) Absurdo, mas nada estranhável! Tem gente que diz e até escreveu livro sobre mediunidade nos animais, através dos quais seus parentes teriam transmitido mensagens! Não se encontra em NENHUM LIVRO ESPÍRITA e nem na Revista Espírita, editada por Allan Kardec, sobre a existência de aves e animais de qualquer espécie no plano espiritual. Aí, vêm os que não estudaram a doutrina e dizem que André Luiz fala de aves gigantes e cães ferozes, com os quais os socorristas entram no Umbral; não sabem o que sejam as criações ideoplásticas.

2) Lanço a pergunta: animais reencarnam? SIM ou NÃO? Onde está a fonte FIDEDIGNA da resposta?

3) Em A PERSONALIDADE HUMANA - parte 48 - fala-se de DESTINO humano. Ora! Se destino existe, então não tem como existir LIVRE ARBÍTRIO; existindo livre-arbítrio, não há como existir DESTINO, que é uma continuidade INEXORÁVEL de ocorrências, sem possibilidade de nenhuma modificação. Seria o MAKTUB (estava escrito) dos árabes. A Doutrina nos ensina que durante uma existência podem ocorrer mudanças significativas para o encarnado, em razão mesmo de suas atitudes, o que suavizaria e/ou modificaria as consequências de existências anteriores, como podem AGRAVAR. Então, falar de DESTINO na Doutrina Espírita é não só um erro crasso, quanto desinformação.

*

Eis, com relação aos três assuntos, as nossas considerações:

1) **Aves e animais no plano espiritual** – O assunto já foi examinado várias vezes em nossa revista. Contrariamente ao que pensa o leitor, existem, sim, algumas espécies animais no plano espiritual. Embora muitos reencarnem quase de imediato, alguns permanecem – com seu corpo espiritual – no plano extrafísico, onde desenvolvem tarefas adequadas à experiência que adquiriram. Irvênia Prada trata do assunto no artigo *Os animais têm alma e são também seres em evolução*, que os interessados podem ler clicando neste link: <http://www.oconsolador.com.br/9/especial.html>

Um dos casos por ela relatados foi extraído do livro *Testemunhos de Chico Xavier*, de Suely Caldas Schubert, em que se lê o seguinte depoimento de Chico: "Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chamava-se Lorde e fez-se meu companheiro... Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas, no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em Espírito, vinha ter comigo, era sempre acompanhado por ele... A vida é uma luz que se alarga para todos..."

Na edição 266 desta revista, nesta mesma seção, tratamos do assunto e mencionamos o caso da cadelinha Mika, então desencarnada, que se manifestou na casa de seus antigos donos, como é relatado por Allan Kardec na edição de maio de 1865 da *Revista Espírita*. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano6/266/o espiritismo responde.html>

Sugerimos também, sobre o mesmo tema, que o leitor veja a resposta dada por Divaldo Franco em uma entrevista publicada na edição 51 desta revista. "Pessoalmente, já tive diversas experiências com animais, especialmente cães desencarnados, que permanecem na erraticidade desde há algum tempo", declarou o conhecido e estimado médium. O link que remete ao seu texto é <http://www.oconsolador.com.br/51/entrevista.html>

Ainda sobre o assunto, publicamos o artigo intitulado "Os animais no mundo espiritual", autoria de Eurípedes Kuhl, o qual se encontra disponível na internet, bastando para lê-lo clicar em http://www.oconsolador.com.br/ano6/297/euripedes_kuhl.html

2) **Animais reencarnam?** – Essa dúvida é surpreendente quando apresentada por alguém que já leu inúmeras obras de Kardec e alguns números da *Revista Espírita*. A resposta é clara: Sim; é por meio da reencarnação que a alma dos animais progride. O assunto é tratado nas questões 598 a 600 d' *O Livro dos Espíritos*.

Na questão 600 é dito que a alma do animal, depois da morte, é classificada pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e **utilizada** quase imediatamente. A tese no tocante à chamada evolução anímica está bem assentada em três autores espíritas que todos respeitamos.

No cap. VI de seu livro *A Gênese*, Kardec transcreve uma informação transmitida mediunicamente pelo Espírito de Galileu segundo a qual o Espírito não chega a receber a iluminação divina sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Apenas a contar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades. (*A Gênese, cap. VI, itens 14, 15 e 19.*)

No livro *A Evolução Anímica*, pp. 70 e 71, Gabriel Delanne nos ensina: "Se tivermos bem de vista os fatos retrocitados, a respeito dos selvagens, compreenderemos melhor a marcha ascendente do princípio pensante, a partir das mais rudimentares formas da animalidade, até atingir o máximo do seu desenvolvimento no homem. Os povos primitivos são vestígios que demonstram as fases do processo transformista, mas tais seres que nos parecem tão degradados são, ainda assim, superiores ao nosso ancestral da época quaternária, o que nos permite compreender que não existe diferença essencial entre a alma animal e a nossa."

André Luiz confirma em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, Primeira Parte, cap. VII, pp. 56 e 57, o ensinamento em exame.

3) **Destino humano** – A questão do destino, conforme o seu significado vulgar, é tratada de modo especial nas questões 259, 851, 866 e 872 d' *O Livro dos Espíritos*.

Resumidamente, ensina o Espiritismo que nem todas as provas da vida são previstas ou propostas pelo Espírito que se prepara para reencarnar e elabora, com esse objetivo, sua programação reencarnatória.

A chamada fatalidade existe, portanto, tão somente em face da escolha que o Espírito faz de enfrentar, ao encarnar, essa ou aquela prova. Escolhendo-a,

institui para si uma **espécie de destino**, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado.

Na aludida programação são previstos apenas os fatos principais, os que influem no destino e o gênero das provas. As particularidades correm por conta da posição em que se acha e são, muitas vezes, consequências de suas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabe a que arrastamentos se exporá. Ignora, porém, quais os atos que virá a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe também que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie e não ignora, desse modo, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão.

Os acontecimentos secundários de uma existência corpórea originam-se quase sempre das circunstâncias e da força mesma das coisas. Se tomamos uma estrada cheia de sulcos profundos, sabemos que teremos de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de cairmos. Ignoramos, porém, em que ponto cairemos e bem pode suceder que não caiamos, se formos bastante prudentes.

No seu livro *Depois da Morte*, Léon Denis alude ao tema, confirmando o pensamento exposto na principal obra da doutrina espírita. Segundo Denis, a fatalidade aparente que semeia de males o caminho da vida não é mais que a consequência lógica do nosso passado, o cumprimento do destino por nós mesmos aceito antes de renascer. "O destino é consequência de nossos atos e de nossas livres resoluções, tomadas na vida espiritual", afirma o respeitado escritor.

Quando usada, pois, com as ressalvas a que nos reportamos, a palavra destino não apresenta nada de antidoutrinário e pode ser perfeitamente utilizada, como, aliás, é comum vermos em nossos diferentes autores.

10/11/2013

Edição 337

O leitor Érico Santana, de São Paulo-SP, em carta enviada a esta revista, tece várias considerações sobre o tema anjo de guarda e formula, ao final, as seguintes indagações:

1. Por que em toda a obra de André Luiz não aparece a figura do anjo da guarda?
2. Qual a visão correta: existe um Espírito superior ligado a nós de outras vidas que nos ampara ou a nossa proteção é feita de uma forma muito mais natural, através de um ser mais diretamente ligado a nós?
3. Quem nos ampara: o Espírito protetor, como é dito na Codificação kardequiana, ou equipes socorristas, como dizem as obras de André Luiz?

Esclarecemos desde logo que não existe divergência alguma entre o que aprendemos nas obras de Kardec e o que lemos nos livros de André Luiz.

Toda a dúvida – inclusive as expressas pelo leitor – advém do uso inadequado da expressão "anjo de guarda", que em muitas ocasiões tem sido utilizada, até mesmo por autores espíritas, como sinônimo e no lugar de **Espírito protetor** ou protetor espiritual.

Eis o que lemos nas questões 489 a 495 d' *O Livro dos Espíritos*, que integram o subcapítulo intitulado "Anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares ou

simpáticos”, pertencente ao cap. IX (Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal):

489. Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo? “Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.”

490. Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião? “O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. Qual a missão do Espírito protetor? “A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento? “Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.”

493. É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor? “O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.”

a) Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos? “Não; mas protege-os menos exclusivamente.”

494. O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda? “Frequentemente sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.”

495. Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos? “Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.”

O texto ora transcrito distingue perfeitamente “anjo de guarda” de “Espírito protetor”. Conquanto ambos tenham por missão proteger alguém, a expressão “anjo de guarda” é inerente a um Espírito protetor “pertencente a uma ordem elevada”. Se não o for, o correto, doutrinariamente falando, é designá-lo como Espírito protetor, protetor espiritual ou expressão equivalente.

Segundo o Espírito de Georges, é nas fileiras dos Espíritos puros que são escolhidos os anjos de guarda. “São eles os ministros de Deus, que regem os mundos inumeráveis”, explicou Georges. (*Revista Espírita de 1860, Edicel, p. 336.*)

Nas considerações que fez, o leitor mencionou o depoimento dado pelo Ministro Clarêncio em resposta a uma pergunta feita por André Luiz, relatada no cap. XXXIII do seu livro *Entre a Terra e o Céu*.

Falando sobre anjos de guarda, Clarêncio disse que os Espíritos tutelares encontram-se em todas as esferas. Os anjos da sublime vigilância seguem-nos a longa estrada evolutiva e desvelam-se por nós, dentro das leis que nos regem; todavia, não se pode esquecer que nos movimentamos todos em círculos multidimensionais. “A cadeia de ascensão do espírito vai da intimidade do abismo à suprema glória celeste”, acentuou o Ministro. Plasmamos nossa

individualidade imperecível no espaço e no tempo, ao preço de continuadas e difíceis experiências. "A ideia de um ente divinizado e perfeito, invariavelmente ao nosso lado, ao dispor de nossos caprichos ou ao sabor de nossas dívidas, não concorda com a justiça", asseverou Clarêncio. "Que governo terrestre – ponderou o instrutor – destacaria um de seus ministros mais sábios e especializados na garantia do bem de todos para colar-se, indefinidamente, ao destino de um só homem, quase sempre renitente cultor de complicados enigmas e necessitado, por isso mesmo, das mais severas lições da vida?".

Em seguida, para clarear melhor sua explicação, Clarêncio disse: "Anjo, segundo a acepção justa do termo, é mensageiro. Ora, há mensageiros de todas as condições e de todas as procedências e, por isso, a Antiguidade sempre admitiu a existência de anjos bons e anjos maus. Anjo de guarda, desde as concepções religiosas mais antigas, é uma expressão que define o Espírito celeste que vigia a criatura em nome de Deus ou pessoa que se devota infinitamente a outra, ajudando-a e defendendo-a. Em qualquer região, convivem conosco os Espíritos familiares de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embrutecidos aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita gradação do progresso".

Fica muito claro, pelas explicações de Clarêncio, que existem Espíritos protetores nos mais variados graus evolutivos, desde os seres mais adiantados até aqueles que, próximos de nós, ajudam-nos em nossa caminhada, como se vê em inúmeras passagens da Revista Espírita e em obras mediúnicas diversas, especialmente as assinadas por André Luiz.

Três exemplos podemos citar, para ilustração do assunto:

1. Na *Revista Espírita de 1863* (Edicel, pp. 86 a 89), Kardec transcreveu a comunicação dada em Paris pelo Espírito de Clara Rivier, desencarnada aos dez anos de idade. Enferma desde a idade de quatro anos, Clara foi um exemplo notável de resignação diante da dor. "Não temo a morte – dizia ela – porque depois me está reservada uma vida feliz." Na comunicação post mortem, Clara explicou que fora seu protetor espiritual quem a confortou durante toda a enfermidade.

2. No livro *No Mundo Maior* (cap. 13, pp. 174 e 175), André Luiz menciona o caso Antonina e a visita que lhe foi feita por duas entidades aureoladas de intensa luz: Mariana, que fora mãe de Antonina, e Márcio, iluminado Espírito ligado a ela, desde séculos remotos. A atuação de ambos foi fundamental na recuperação da jovem, que minutos atrás estava prestes a cometer suicídio.

3. Na obra *Missionários da Luz* (cap. 13), André Luiz relata a reencarnação de Segismundo e informa que Herculano permaneceria em definitivo junto do menino, até que ele atingisse os sete anos, ocasião em que o processo reencarnatório estaria consolidado. A partir daí, sua tarefa de amigo e orientador seria amenizada, visto que seguiria o amigo em sentido mais distante.

A ação dos protetores espirituais é mostrada em inúmeros outros casos mencionados na obra de André Luiz, como, por exemplo, no caso Percília-Cláudio (*Sexo e Destino*, cap. VII e XII), no caso Margarida-Gúbio (*Libertação*, cap. III) e no caso Matilde-Gregório (*Libertação*, cap. XX), o que nos permite concluir, sem dúvida nenhuma, que somos amparados sim, no processo reencarnatório, por Espíritos protetores e também, eventualmente, por equipes socorristas, tal como aprendemos na obra de Kardec e nos livros que compõem a chamada Série André Luiz.

17/11/2013

Edição 338

A leitora Lucia Batista, de Vitória (ES), em carta publicada nesta revista, enviou-nos o seguinte questionamento:

Eu gostaria de sanar uma dúvida sobre algumas partes do livro "A Caminho da Luz". Fiquei confusa com a explicação de Emmanuel sobre "os primeiros habitantes da Terra" onde ele fala sobre a condensação da massa (protoplasma) dando origem ao núcleo (?) e iniciando-se as primeiras manifestações de vida. O que ele quis dizer com "núcleo"? É uma afirmação de que os primeiros seres seriam nucleados? O aparecimento dos seres menos complexos (anucleados, ex. bactérias) não seria o caminho mais lógico da evolução? Esse texto não se contradiz com o seguinte, "A elaboração paciente das formas"? Desculpem-me pela ignorância e recorrer a este site, mas tentei pessoas próximas (espíritas) e cada uma tinha sua própria leitura e entendimento pessoais e, isto, só me confundiu mais ainda.

A leitora tem razão, porque se percebe com clareza que no texto de Emmanuel ocorre uma espécie de "salto" no tempo, quando ele alude à formação do núcleo celular, dando a entender que tal fato se deu **antes do surgimento** das primeiras manifestações de vida em nosso globo. O núcleo celular é, como se sabe, parte essencial da célula, limitada por uma membrana que contém o suco nuclear, a cromatina (substância corável) e os importantes elementos denominados cromossomos, portadores dos genes (pelos quais se assegura a transmissão da maior parte dos caracteres hereditários).

Eis o texto de Emmanuel mencionado pela leitora:

Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra. Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens. (*A Caminho da Luz*, cap. I.)

Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvera o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos. (*A Caminho da Luz*, cap. II.)

Há no texto referência a um fato inquestionável: o papel do protoplasma como embrião de todas as organizações do globo. Ressalte-se que o termo "embrião" usado por Emmanuel significa causa, começo, origem, princípio.

Com efeito, lemos em *A Evolução Anímica*, de Gabriel Delanne:

Foi no seio tépido dos mares primitivos, sob a ação da luz, do calor e de uma pressão hoje difícil de reproduzir, que se formou uma massa viscosa, a que chamamos protoplasma, primeira manifestação da vida inteligente que se desenvolveu progressiva e paralelamente, dando origem a inumerável multidão de formas vegetais e animais, antes da aparição do homem. (*A Evolução Anímica*, pág. 238.)

A partir do protoplasma, dotado do indispensável material genético, surgiu a vida; mas a formação do núcleo celular deu-se algum tempo depois, tempo esse que não podemos, evidentemente, calcular nem estimar.

Consultamos a respeito do assunto vários colaboradores de nossa revista, dois deles com formação na área da Biologia.

Em síntese, com fundamento nos subsídios que colhemos, eis o que podemos dizer com relação à questão suscitada pela leitora:

1. Na atmosfera primitiva existiam gases (carbono, hidrogênio, oxigênio e nitrogênio). Esses gases, sob a ação dos fenômenos atmosféricos (raios, relâmpagos, chuvas, variações de temperatura extremas), se juntaram e caíram na água sob a forma de uma gelatina (protoplasma) que continha material genético. Embora envolvido por uma membrana e contendo material genético, que lhe permitisse a reprodução, o protoplasma não tinha ainda um núcleo.
2. Ao longo dos milênios, o protoplasma foi emitindo prolongamentos, formando-se assim uma outra camada mais externa que passou a envolver todo o material anterior. Quando se formou a membrana mais externa, o material genético foi envolvido pela membrana inicial e deu-se então a formação do que hoje se chama núcleo.
3. Os primeiros seres vivos eram, portanto, anucleados de acordo com a concepção de núcleo que temos hoje. Contudo, apesar de não terem um núcleo, continham em si, graças ao protoplasma, material genético indispensável à sua existência.
4. Segundo o que se sabe hoje na Biologia, os primeiros seres vivos eram desprovidos de membrana nuclear. Continham material genético, graças ao protoplasma, mas não um núcleo celular verdadeiro.
5. Do protoplasma inicial ao surgimento do núcleo, como se vê, verificar-se-ia um longo processo, que não se dá nem poderia se dar da noite para o dia.

Esperamos que as explicações acima solucionem a dúvida proposta pela leitora.

24/11/2013

Edição 339

O Sr. Izidro Simões, em mensagem eletrônica enviada no dia 17/11/2013 a esta revista, insiste no seu questionamento a propósito de três assuntos: existência de animais no mundo espiritual, mediunidade nos animais e ideoplastia no mundo espiritual.

Quanto à mediunidade em animais, parece-nos evidente que, embora tenham percepções anímicas, os animais não podem atuar como médiuns, ou seja, como intermediários entre os Espíritos e os homens.

O fenômeno da ideoplastia, tratado por vários autores, encontra-se devidamente comprovado nos anais do chamado Espiritismo científico, mas atribuir a essa ordem de fenômenos os casos de aparição de animais desencarnados não passa de mera hipótese, sem apoio nos fatos.

No tocante à existência de animais desencarnados no plano espiritual, em que eles se movimentam e atuam valendo-se tão somente do seu envoltório fluídico, tal como se dá com nossos familiares desencarnados, repetimos aqui o que já foi dito anteriormente nesta mesma seção, nas edições 242, 266 e 336, cujos links, caso os leitores se interessem pelo tema, são estes:

242 - <http://www.oconsolador.com.br/ano5/242/oespiritismoresponde.html>

266 - <http://www.oconsolador.com.br/ano6/266/oespiritismoresponde.html>

336 - <http://www.oconsolador.com.br/ano7/336/oespiritismoresponde.html>

Resumidamente, eis o que foi dito nas três oportunidades citadas:

1. Há, sem dúvida, algumas espécies animais no plano espiritual. Embora muitos reencarnem quase de imediato, alguns permanecem – com seu corpo espiritual – no plano extrafísico, onde desenvolvem tarefas adequadas à experiência que adquiriram. Irvênia Prada trata do assunto no artigo “Os animais têm alma e são também seres em evolução”, que o leitor pode ler clicando neste link: <http://www.oconsolador.com.br/9/especial.html>

2. No livro *Testemunhos de Chico Xavier*, de Suely Caldas Schubert, lê-se o seguinte depoimento de Chico Xavier: “Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chamava-se Lorde e fez-se meu companheiro, inclusive de preces, porque, à noite, postava-se junto a mim, em silêncio, ouvindo música. Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em espírito, vinha ter comigo, era sempre acompanhado por ele, que se me apresentava à visão espiritual com insignificante diferença. Atrevo-me a contar-te as minhas experiências, porque também passaste por essa dor de perder um cão leal e amigo. Geralmente, quando falamos na sobrevivência dos animais, muita gente sorri e nos endereça atitudes de piedade. Mas a vida é uma luz que se alarga para todos...” (*Testemunhos de Chico Xavier*, de Suely Caldas Schubert, pág. 283, 2ª edição.)

3. Perguntaram certa vez ao conhecido escritor Celso Martins: “Na questão 600 do *Livro dos Espíritos*, os Espíritos esclarecem que o princípio inteligente ainda vinculado à fase animal da evolução, após a desencarnação, é classificado pelos dirigentes espirituais e aproveitado quase imediatamente, sem entrar em relação com outras criaturas. Não é um espírito errante. No entanto, dentre outros autores espirituais, André Luiz nos dá notícia da existência de animais no mundo espiritual. Como explicar esse fato? Seriam esses animais plasmados pelos espíritos, como as plantas o são, segundo descrição de alguns autores daquele plano?” Celso respondeu: “Kardec não podia dizer tudo de uma só vez. Até porque o mundo não entenderia, como não entende até hoje temas mais simples. A meu ver, André Luiz apenas ampliou e aprofundou os assuntos quando a humanidade teve mais elementos na psicologia animal para entender a matéria”. A entrevista completa pode ser lida na internet clicando-se em <http://www.omensagemiro.com.br/entrevistas/entrevista-58.htm> /.

4. Na *Revista Espírita* de maio de 1865, Kardec inseriu uma carta de um correspondente radicado em Dieppe, o qual alude à manifestação da cadelinha Mika, então desencarnada, fato esse que foi percebido pelo autor do relato, por sua mulher e por uma filha que dormia no quarto ao lado. Consultado por Kardec a respeito do caso, um Espírito, valendo-se do médium Sr. E. Vézy, disse textualmente, em 21 de abril de 1865: "A manifestação (...) pode ocorrer, mas é passageira..."

5. O pesquisador espírita Ernesto Bozzano, autor do livro *Animali e manifestazioni metapsichici*, publicado em 1923, antes, pois, da série André Luiz, relata vários casos de almas de animais que foram vistas ou ouvidas por uma ou mais pessoas, valendo ressaltar que o Padre Germano, personagem principal do clássico *Memórias do Padre Germano*, tanto para Chico Xavier quanto para Divaldo Franco, sempre se apresentou, em espírito, acompanhado de seu cão, o fiel amigo Sultão.

6. Divaldo Franco, em uma entrevista publicada na edição 51 desta revista, assim declarou: "Pessoalmente, já tive diversas experiências com animais, especialmente cães desencarnados, que permanecem na erraticidade desde há algum tempo". O *link* que remete à entrevista é <http://www.oconsolador.com.br/51/entrevista.html>

7. Ainda sobre o assunto, esta revista publicou o artigo intitulado "Os animais no mundo espiritual", autoria de Eurípedes Kuhl, o qual se encontra disponível na internet, bastando para lê-lo clicar em http://www.oconsolador.com.br/ano6/297/euripedes_kuhl.html

*

Às informações acima acrescentamos mais as seguintes, colhidas em fontes diversas devidamente citadas:

a) Falando sobre a natureza na colônia espiritual "Nosso Lar", diz André Luiz que quase tudo ali parecia melhorada cópia da Terra. Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. O solo era forrado de vegetação. Grandes árvores, pomares fartos e jardins deliciosos. Graciosos edifícios, nenhum sem flores à entrada, e **aves** de plumagens policromas, que cruzavam os ares... Extremamente surpreendido, observando o movimento do parque, identificou ali **animais domésticos**. Lísias explicou, então, que todo processo evolutivo implica gradação e que há regiões múltiplas para os desencarnados, como existem planos inúmeros e surpreendentes para as criaturas envolvidas de carne terrestre. (*Nosso Lar, cap. 7, pág. 46.*)

b) Sir Oliver Lodge diz que segundo os Espíritos as condições do Além se assemelham muito às condições de cá embaixo. Os Espíritos falam de flores e de **animais**, de **pássaros** e de livros, de belezas de todas as espécies. Afirmam eles que não sabem muito mais do que nós e que o seu caráter e a sua personalidade permanecem os mesmos, embora também progridam, de modo lento, sem se transformarem bruscamente em seres celestiais. (*Por que creio na imortalidade da alma, obra publicada originalmente em 1929 e traduzida para o idioma português em 1989 por Francisco Klörs Werneck.*)

c) Com exceção de raras espécies, diz André Luiz, as almas dos **animais** se demoram por tempo curto na esfera espiritual. Então, quando não se fazem aproveitadas na Espiritualidade, em serviço ao qual se filiam durante certa quota de tempo, caem em pesada letargia, semelhante à hibernação, acabando automaticamente atraídas para o campo genésico das famílias a que se

ajustam, retomando o organismo com que se confiarão a nova etapa de experiência, com os ascendentes do automatismo e do instinto que já se lhes fixaram no ser. (*Evolução em Dois Mundos, Primeira Parte, cap. XII, pp. 87 e 88.*)

d) André Luiz relata em sua obra a visita que o casal Bacelar e duas jovens, da colônia "Campo da Paz", fizeram a Ismália e Alfredo. Eles foram transportados até o Posto em um belo carro, tirado por dois soberbos **cavalos** brancos. O veículo era quase idêntico aos velhos carros do serviço público do tempo de Luís XV. Do Posto até a colônia a distância era aproximadamente de três léguas. (*Os Mensageiros, cap. 28, págs. 149 a 153.*)

e) Em sua primeira obra, André Luiz diz que a caravana socorrista constituída pelos Samaritanos possuía seis grandes carros, formato diligência, que, precedidos de matilhas de **cães** alegres e bulhentos, eram conduzidos por animais semelhantes aos **muares** terrestres. Bandos de **aves** de corpo volumoso voavam a curta distância, acima dos carros. Eram chamadas íbis viajores, excelentes auxiliares dos Samaritanos, por devorarem as formas mentais odiosas e perversas emanadas das regiões umbralinas. Narcisa explicou naquela oportunidade que no Ministério do Esclarecimento se localizam parques de estudo e experimentação, onde poderiam ser colhidos maiores esclarecimentos sobre os animais existentes em "Nosso Lar". (*Nosso Lar, cap. 33, pp. 183 e 184.*)

f) Ao explicar pormenores da existência de plantas e animais no plano espiritual, André Luiz informa que plantas e **animais** domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra com os benefícios das chamadas mutações espontâneas. (*Evolução em Dois Mundos, Primeira Parte, cap. XIII, pp. 96 e 97.*)

g) Em 1918, no seu livro *Espiritismo para crianças*, Cairbar Schutel escreveu: "Então existem lá casas, árvores, flores, parques, animais? E por que não? Depois que lá chegarmos veremos tudo isso, e, na proporção do nosso adiantamento, encontraremos, além dessas esferas, outros mundos ainda mais aperfeiçoados e rarefeitos". (*Espiritismo para crianças, cap. 6.*)

Esperamos que, em face das informações ora reproduzidas, o Sr. Izidro Simões possa rever seu pensamento acerca do assunto e compreender que o ensino espírita é, por sua natureza, progressivo e não se fundamenta somente nas comunicações, mas igualmente na observação, fato que levou o Codificador a classificar o Espiritismo como ciência de observação.

Não foi por outro motivo que, aludindo à progressividade da ciência espírita, Kardec consignou em seu livro *A Gênese*: "Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará". (*A Gênese, cap. I, item 55.*)

Nunca é demais lembrar o que ocorreu relativamente ao fenômeno da possessão, que Kardec também rejeitou até determinada época, inclusive em *O Livro dos Médiuns*, para depois admiti-lo de forma clara, como podemos ver em textos publicados na *Revista Espírita* e, por fim, no livro *A Gênese*.

1º/12/2013

Edição 340

Um leitor juntou duas classes de assuntos – idioma português e doutrina espírita – ao nos perguntar qual o significado da expressão precessão dos equinócios.

Segundo os dicionaristas, precessão significa: ato ou efeito de preceder; o mesmo que precedência, antecedência. Em Astronomia, designa o movimento retrógrado do nodo de uma órbita sobre um plano de referência móvel.

Equinócio [do latim *aequinoctiu*] é o ponto da órbita da Terra em que se registra uma igual duração do dia e da noite, o que sucede nos dias 21 de março e 23 de setembro de cada ano. Designa também o instante em que o Sol, no seu movimento anual aparente, corta o equador celeste.

Assim, precessão dos equinócios, em Astronomia, é o nome que designa o movimento cíclico dos equinócios ao longo da eclíptica, na direção oeste, causado pela ação perturbadora do Sol e da Lua sobre a dilatação equatorial da Terra, e que tem um período de quase 26.000 anos.

No livro *A Gênese*, cap. IX, Kardec examinou o assunto.

Segundo o codificador da doutrina espírita, além do seu movimento em torno do Sol, que dá origem às estações do ano, e do seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, que dá origem ao dia e à noite, a Terra tem um terceiro movimento que se completa em 25.868 anos, o qual produz o fenômeno denominado precessão dos equinócios. Esse movimento, difícil de explicar em poucas palavras, consiste numa espécie de oscilação circular, que pode ser comparado à oscilação de um pião a morrer.

O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério norte, e a 23 de setembro, quando volta ao hemisfério sul.

Em consequência da gradual mudança na obliquidade do eixo, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se dá o nome de precessão dos equinócios.

Com o tempo, esses poucos minutos fazem horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que no hemisfério norte se verifica no mês de março, em dado tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro. Então o mês de dezembro terá a temperatura de março e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará ao cabo de 25.868 anos, para recomeçar indefinidamente a mesma revolução.

Desse movimento cônico do eixo, resulta que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que os polos gradualmente se inclinam mais ou menos para o Sol e recebem dele raios mais ou menos diretos, donde se segue que a Islândia, por exemplo, localizada sob o círculo polar, poderá, em dado tempo, receber raios solares como se estivesse na latitude da Espanha e da Itália e que, na posição do extremo oposto, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia, e assim por diante, a cada renovação do período de 25.868 anos.

8/12/2013

O leitor Isaias Fernandes escreveu-nos a seguinte mensagem: "Nosso grupo muito apreciaria o entendimento do nobre amigo a respeito da enorme repercussão na mídia mundial da comprovação da existência da 'partícula de Deus', a que os cientistas chamam de bóson de Higgs. A pergunta é: o bóson de Higgs e o fluido cósmico universal (FCU) da Doutrina Espírita são o mesmo ente ou esta partícula ainda é uma variação do FCU?"

Antes de examinar a pergunta proposta pelo leitor, vejamos o que dizem as questões 22, 27, 29, 30, 31 e 33 d' *O Livro dos Espíritos*, que tratam da matéria e do fluido cósmico universal:

22. Define-se geralmente a matéria como sendo – o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições? "Do vosso ponto de vista, elas o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas **a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil**, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria."

27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito? "Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o **fluido universal**, que desempenha o **papel de intermediário** entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o **princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão** e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá."

27-a. Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade? "Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente."

29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria? "Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A **matéria etérea e sutil que constitui esse fluido** vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada."

30. A matéria é formada de um só ou de muitos elementos? "De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva."

31. Onde se originam as diversas propriedades da matéria? "São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias."

33. A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades? "Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!" (Grifamos.)

O bóson de Higgs é considerado elemento-chave da estrutura fundamental da matéria e assim conhecido como a "Partícula de Deus".

No chamado "modelo padrão" – a teoria da estrutura fundamental da matéria elaborada para descrever todas as partículas e forças do universo – o bóson de Higgs é considerado a partícula que proporciona massa a todas as demais.

Ao tentar isolar os menores componentes da matéria, os físicos descobriram várias séries de partículas elementais que interagem entre si por intermédio de mensageiros, chamados bósons. Um deles é o fóton, que porta a radiação eletromagnética, e outro é o glúon, que proporciona a coesão dos núcleos atômicos.

O fóton, que viaja com a velocidade da luz, não tem massa, mas a experiência faz-nos sentir a presença da matéria, composta por átomos e, portanto, por quarks e elétrons. De onde lhes vem essa massa? Segundo os cientistas, ela não provém propriamente das partículas.

Em 1964, o físico britânico Peter Higgs propôs a existência do bóson que hoje leva seu nome e que devia dar massa a outras partículas. Alguns comparam o campo de Higgs a uma espécie de cola em meio da qual se encontrariam relativamente aderidas as partículas, o que seria percebido como uma massa.

O bóson de Higgs é chamado de "Partícula de Deus" por causa de um livro que teve o título trocado. O Prêmio Nobel de Física Leon Lederman queria chamá-lo de "The Goddamn Particle" ("a partícula maldita"), por ser difícil de encontrá-la. O editor tirou o termo "damn" e colocou o título de "The God Particle", já que temia que a palavra "maldita" fosse considerada insultante.

Em julho de 2012, o Centro Europeu de Física de Partículas (CERN) anunciou que o bóson de Higgs fora finalmente encontrado. A notícia foi recebida com cautela, porque podia tratar-se de outra partícula e não a formulada por Higgs, cautela essa descartada recentemente com o anúncio da concessão do Nobel de Física aos pais da descoberta.

*

Sobre o tema foram publicados quatro artigos em nossa revista, a saber:

1. **A Pureza Doutrinária e a Ciência**, por Alexandre Fontes da Fonseca, publicado na edição 319 - www.oconsolador.com.br/ano7/319/especial.html

2. **Agora só falta tudo!**, por Ricardo Orestes Forni, publicado na edição 280 - www.oconsolador.com.br/ano6/280/ricardo_forni.html

3. **O que não é obra do homem...**, por Jorge Hessen, publicado na edição 252 - www.oconsolador.com.br/ano5/252/jorge_hessen.html

4. **Voltando o olhar para as aves dos céus e os lírios do campo**, por Juliana Demarchi, publicado na edição 271 - www.oconsolador.com.br/ano6/271/juliana_demarchi.html

Apenas no último artigo, de autoria de Juliana Demarchi, foi feita uma correlação entre o bóson de Higgs e o fluido cósmico universal, uma conclusão que julgamos precipitada e com a qual podemos concordar ou não, sendo mais apropriado aguardar o decurso do tempo, com as cautelas indispensáveis quando não temos à mão todas as informações necessárias para nos pronunciarmos de forma peremptória.

15/12/2013

Edição 342

Em mensagem datada de 13/11/2013 e publicada na seção de Cartas da edição 339 desta revista - <http://www.oconsolador.com.br/ano7/339/cartas.html> - o leitor Izidro Simões levantou a questão da luminosidade no recinto em que se desenvolvem atividades mediúnicas.

O assunto é por demais importante e suscitou indagações da parte de vários leitores.

Diversos autores espíritas trataram do tema, sendo importante lembrar inicialmente – com respeito à iluminação por meio de lâmpadas elétricas – que a tecnologia pertinente a esse uso chegou à Europa em época posterior à codificação da doutrina espírita, motivo pelo qual Kardec a elas não poderia ter-se referido, como de fato não o fez.

Reproduzimos a seguir o que colhemos em diversas obras escritas por autores espíritas respeitados em nosso meio:

1. As sessões mediúnicas requerem um ambiente de semiobscuridade ou iluminado com uma **lâmpada vermelha com luz fraca**. (Cairbar Schutel, no seu livro *Médiuns e Mediunidade*, pág. 51.)

2. A iluminação no recinto será, sem dúvida, aquela de potencialidade normal, na fase preparatória das tarefas, favorecendo vistorias e leituras. Contudo, antes da prece inicial, o dirigente da reunião graduará a luz no recinto, fixando-a em uma ou duas **lâmpadas, preferivelmente vermelhas, de capacidade fraca, 15 watts**, por exemplo, de vez que a projeção de raios demasiado intensos sobre o conjunto prejudica a formação de medidas socorristas, mentalizadas e dirigidas pelos instrutores espirituais, diretamente responsáveis pelo serviço assistencial em andamento, com apoio nos recursos medianímicos da equipe. As lâmpadas devem ser situadas a distância da mesa dos trabalhos para se evitem acidentes. Nas localidades não favorecidas pela energia elétrica, o orientador da reunião diminuirá no recinto o teor da luz empregada. (André Luiz, no seu livro *Desobsessão*, cap. 17.)

3. Minutos antes de iniciar a sessão, todos se dirigirão, em silêncio, ao cômodo destinado aos trabalhos, e se sentarão em torno da mesa. Cessaram, a essa altura, todas as conversas. (...) Cerca de duas horas antes, a sala está preparada fisicamente para a reunião: mesa e cadeiras em posição, a água destinada à fluidificação, os livros que contêm os textos destinados à leitura, material para eventual psicografia, papel, lápis, canetas esferográficas, o caderno de preces, o gravador com a fita já também em posição para captar a mensagem final dos mentores do grupo, uma **pequena luz indireta, preferentemente de cor**, pois a luz branca é prejudicial a certos fenômenos mediúnicos. Sugere-se a **cor vermelha**. (Hermínio C. Miranda, no seu livro *Diálogo com as Sombras*, Primeira Parte, cap. 1.)

4. Por que se costuma diminuir a claridade dos ambientes, onde se processam serviços de aplicação de passes? “A princípio, não há nenhuma necessidade essencial, da diminuição da luminosidade, para a aplicação dos recursos dos passes. Poderemos operá-los tanto à noite, quanto com o dia claro. A providência de **diminuir-se a claridade** tem por objetivo evitar a dispersão da atenção das pessoas, além de facilitar a concentração, ao mesmo tempo em que temos que levar em conta que certos elementos constitutivos dos ectoplasmas, que costumam ser liberados pelos médiuns em quantidades as

mais diversas, sofrem um processo de desagregação com a **incidência da luz branca.**" (J. Raul Teixeira, no livro *Diretrizes de Segurança*, pergunta 72.)

5. A luz geralmente exerce uma ação dissolvente sobre os fluidos. Em todos os casos em que não seja indispensável, como para obter-se a escrita semimecânica, será conveniente **diminuir-lhe a intensidade** e mesmo suprimi-la inteiramente, desde que, por exemplo, se dispõe de médiuns videntes e de incorporação. (Léon Denis, no seu livro *No Invisível*, Primeira Parte, cap. IX - Condições de experimentação.)

6. Uma observação aqui se impõe. É sabido que certas radiações exercem ação dissolvente sobre os fluidos. Uma **luz demasiado viva**, a fixação dos olhares no ponto em que se produzem as experiências podem paralisar a força psíquica e constituir obstáculos às manifestações, ao passo que a obscuridade as favorece. (Léon Denis, no seu livro *No Invisível*, Segunda Parte, cap. XVIII - Escrita direta ou psicografia. Escrita mediúnica.)

7. Reproduzimos essas descrições, a fim de mostrar o grande poder de desagregação que **exerce a luz** sobre as criações fluídicas temporárias, e a necessidade das sessões obscuras, em certos casos, apesar dos inconvenientes que apresentam. A esse respeito, o Sr. Camille Flammarion estabelece a seguinte comparação, escrevendo na "Revue" de 1906: "Aqui está, num frasco e em volume igual, uma mistura de hidrogênio e cloro. Se quereis que a mistura se conserve, é preciso, seja embora ou não de vosso agrado, que o frasco permaneça na obscuridade. Tal é a lei. Enquanto ali ficar, ela se conservará. Se, entretanto, movido por uma fantasia pueril expuserdes essa mistura à ação da luz, uma violenta explosão se fará subitamente ouvir; o hidrogênio e o cloro terão desaparecido e encontrareis no frasco nova substância: o ácido clorídrico. E, com acerto, concluireis: a obscuridade respeita os dois elementos; a luz os aniquila". (Léon Denis, no livro *No Invisível*, Segunda Parte, cap. XX - Aparições e materializações de Espíritos.)

Os grifos acima são de nossa autoria.

*

No tocante aos trabalhos simples de psicografia, Léon Denis diz em seu livro *No Invisível*, Segunda Parte, cap. XVIII, o que todos sabemos, ou seja, que o fenômeno pode produzir-se em plena luz.

Assim é que médiuns diversos, como Divaldo Franco, Raul Teixeira, Chico Xavier e outros, em inúmeras ocasiões receberam e têm recebido mensagens por meio da psicografia direta, sem que a luminosidade do ambiente haja influído negativamente sobre o processo.

Em se tratando, porém, de sessões mediúnicas em que medidas socorristas são providenciadas em favor de entidades enfermas que ali comparecem, é bom que levemos em conta as orientações acima transcritas.

22/12/2013

Edição 343

O leitor Ronaldo Silva Lopes, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos: "Como nos colocarmos quando surgem dúvidas quanto à formação do corpo de Mestre Jesus? Jesus encarnou em um corpo físico? Jesus utilizou um corpo fluídico (agênere)?"

Há no meio espírita duas correntes diametralmente opostas quanto à discussão sobre a natureza do corpo que Jesus utilizou em sua estada entre nós, como filho de Maria de Nazaré.

Uma corrente, com fundamento na obra *Os Quatro Evangelhos*, de Jean-Baptiste Roustaing, crê firmemente que Jesus valeu-se tão somente de um corpo fluídico, ou seja, teria sido um agênera.

A outra corrente, fundamentada na obra *A Gênese*, de Allan Kardec, entende que Jesus teve sim, como todos os homens, um corpo material, além do corpo fluídico inerente às criaturas humanas.

Aliam-se à corrente kardequiana escritores de renome no meio espírita, como J. Herculano Pires, Carlos Imbassahy e Deolindo Amorim, entre outros.

Os argumentos utilizados por Allan Kardec podem ser vistos no cap. XV, itens 64 a 66, do livro *A Gênese*, sua última obra publicada em vida, fato que se deu em 1868. Kardec, como se sabe, desencarnou em março de 1869.

Pela lógica e pela racionalidade de sua exposição, aliamos-nos também ao pensamento do Codificador do Espiritismo, que reproduzimos em seguida:

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agênera. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte.

É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. (Cap. XIV, nº 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.

65. A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular.

Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

66. Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais. Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão, de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.

No texto acima é importante atentar para este trecho: "Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados".

Eis, quanto a essa assertiva, uma prova mais que evidente, narrada pelo evangelista João:

E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro. E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras?

Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

E, tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, **mas não sabia que era Jesus.**

Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas?

Ela, **cuidando que era o hortelão**, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

Disse-lhe Jesus: Maria!

Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni, que quer dizer: Mestre.

Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor, e que ele lhe dissera isto. (João 20:11-18.) (Grifamos.)

O episódio narrado por João comprova dois fatos:

1º - que havia notável diferença entre o corpo de Jesus que Maria Madalena conhecera de perto e o corpo de Jesus pós-crucificação;

2º - que o corpo de Jesus pós-crucificação, além de diferente do outro, a ponto de não ter sido reconhecido por Maria, não continha as marcas de sangue e os ferimentos que lhe foram causados por seus algozes.

A conclusão é óbvia e fácil: o corpo de Jesus pós-crucificação era seu corpo espiritual ou perispírito, em uma manifestação vaporosa ou tangível, tal como já foi verificado em inúmeros casos relatados na literatura espírita, dos quais os exemplos mais significativos foram as materializações de Katie King, entidade espiritual que foi examinada e fotografada pelo cientista inglês Sir William Crookes. (Sobre o caso Katie King, o leitor pode obter outras informações no texto publicado na edição 59 desta revista. Eis o link: [http://www.oconsolador.com.br/ano2/59/classicosdoespiritismo.html/.](http://www.oconsolador.com.br/ano2/59/classicosdoespiritismo.html/))

5/01/2014

Edição 344

Um amigo, ainda neófito no tocante ao Espiritismo, pergunta-nos quais são as diferenças essenciais entre os ensinamentos que recebemos das religiões tradicionais e os ensinamentos espíritas.

Segundo a doutrina da Igreja católica, apostólica, romana, a alma, independente da matéria, é criada no nascimento de cada ser. Sobrevive e conserva sua individualidade depois da morte. A partir desse momento, sua sorte está irrevogavelmente fixada. Seus progressos ulteriores são nulos, e, por

isso, ela será por toda a eternidade, intelectual e moralmente, o que era durante a vida.

A exceção a essa regra são os anjos, almas privilegiadas e isentas, desde a sua criação, de todo e qualquer trabalho para chegarem à perfeição.

Quanto a todos os outros, o regime é bem diferente.

Os indivíduos maus são condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno, do que resulta, para eles, a inutilidade completa do arrependimento. Parece, segundo tais ideias, que Deus não deseja que eles tenham a oportunidade de reparar o mal que fizeram.

Os bons, por sua vez, são recompensados pela visão de Deus e a contemplação perpétua no céu. Os casos que podem merecer, pela eternidade, o céu ou o inferno, são deixados para a decisão e o julgamento de homens falíveis, a quem é dado absolver ou condenar.

Essa doutrina ensina, ainda, a separação definitiva e absoluta dos condenados e dos eleitos e a inutilidade dos auxílios morais e das consolações para os condenados.

Em face de semelhante doutrina, ficam sem solução os problemas seguintes:

1º Por que Deus criou anjos, chegados à perfeição sem trabalho, ao passo que outras criaturas estão submetidas às mais rudes provas, nas quais têm mais chances de sucumbir do que de sair vitoriosas?

2º De onde vêm as disposições inatas, intelectuais e morais, que fazem com que os homens nasçam bons ou maus, inteligentes ou idiotas?

3º Qual é a sorte das crianças que morrem em tenra idade? Por que entram elas na vida feliz sem o trabalho ao qual outras estão sujeitas durante longos anos? Por que são recompensadas sem terem podido fazer o bem, ou privadas de uma felicidade sem terem feito o mal?

4º Qual é a sorte dos cretinos e dos idiotas, que não têm consciência de seus atos?

5º Onde está a justiça da miséria e das enfermidades de nascimento, uma vez que não são resultado de nenhum ato da vida presente?

6º Qual é a sorte dos selvagens e de todos aqueles que morrem forçosamente no estado de inferioridade moral, onde se encontram colocados pela própria Natureza, se não lhes é dado progredir ulteriormente?

7º Por que Deus cria almas mais favorecidas umas do que as outras?

8º Por que o Criador chama a si, prematuramente, aqueles que teriam podido se melhorar se tivessem vivido por mais longo tempo, tendo em vista que não lhes é dado avançar depois da morte?

A doutrina espírita ou o Espiritismo apresenta-nos uma visão totalmente diferente acerca da alma e da vida.

O princípio inteligente é independente da matéria. A alma preexiste e sobrevive ao corpo. É o mesmo o ponto de partida para todas as almas, sem exceção nenhuma. Todas são criadas simples e ignorantes, e submetidas ao progresso indefinido. Nenhuma criatura é privilegiada ou favorecida, mais do que as outras.

Os anjos são seres chegados à perfeição depois de terem passado, como as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas, ou Espíritos, progredem mais ou menos rapidamente em virtude de seu livre-arbítrio, pelo seu trabalho e sua boa vontade. A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, durante a qual ele reveste, momentaneamente, um envoltório material de que se despoja na morte.

O Espírito progride no estado corpóreo e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito até que ele atinja um certo grau de perfeição. Nesse estado, o Espírito se desenvolve pelo trabalho a que está sujeito pelas suas próprias necessidades, e adquire conhecimentos práticos especiais. Sendo uma única existência corpórea insuficiente para fazê-lo adquirir todas as perfeições, retoma um corpo tantas vezes quantas forem necessárias e, a cada vez, a ele chega com o progresso que alcançou em suas existências anteriores e na vida espiritual.

O estado feliz ou infeliz dos Espíritos é inerente ao seu adiantamento moral; sua punição é a consequência de seu endurecimento no mal; mas a porta do arrependimento jamais lhes é fechada, e podem, quando querem, retornar ao caminho do bem e chegar, com o tempo, à meta a que todos somos destinados. As crianças que morrem em tenra idade podem ser mais ou menos avançadas, porque já viveram em existências anteriores, onde puderam fazer o bem ou cometer suas más ações. A morte não as livra das provas que devem sofrer, e recomeçam, em tempo útil, uma nova existência sobre a Terra ou em mundos superiores, segundo o seu grau de elevação.

A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de qualquer encarnado; e frequentemente sua inteligência é superior. Eles tão somente sofrem a insuficiência dos meios que têm para entrar em relação com os seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. Abusaram de sua inteligência, em suas existências anteriores, e aceitaram, voluntariamente, estar reduzidos à impossibilidade para expiarem o mal que cometeram. Finda essa expiação, voltam ao estado normal que caracteriza a criatura humana.

12/01/2014

Edição 345

Diversas pessoas nos perguntam se o fluido perispiritual pode ser visto por nós. Antes de responder a essa questão, é interessante lembrar alguns conceitos espíritas importantes pertinentes ao tema.

Na questão 94 de *O Livro dos Espíritos* é dito que o perispírito – invólucro semimaterial do Espírito – é constituído do fluido universal que envolve cada globo.

Eis o texto a que nos reportamos:

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

O fluido cósmico – ou fluido universal – é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza.

Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de **eterização** ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de **materialização** ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele.

Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais. Ao segundo estado pertencem os do mundo visível e ao primeiro – o de eterização – os do mundo invisível. Qualificados de fenômenos psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. (*Leia sobre o assunto o cap. XIV, item 2, de A Gênese, de Allan Kardec.*)

Aprendemos na doutrina espírita que os fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto por sua expansão e irradiação este se confunde com aqueles. Reagem sobre o perispírito e este, por sua vez, reage sobre o organismo físico ao qual está ligado molecularmente. Se esses eflúvios forem de boa natureza, o corpo recebe uma salutar impressão. É o que ocorre nos passes benéficos.

O fluido perispiritual é, ademais, o agente de todos os fenômenos espíritas; esses fenômenos não podem operar-se senão pela ação recíproca dos fluidos emitidos pelo médium e pelo Espírito.

Voltemos então à pergunta inicial: O fluido perispiritual pode ser visto pelo homem?

Em condições normais, não, porque ele é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calor. É, portanto, invisível para nós, no estado normal, e não se revela senão pelos seus efeitos.

Ele pode, contudo, tornar-se visível à pessoa que se encontre no estado de sonambulismo lúcido, e mesmo no estado de vigília para as pessoas dotadas de dupla vista ou vidência.

No estado de emissão – diz Kardec – ele se apresenta sob a forma de faíscas luminosas, bastante semelhantes à luz elétrica difusa no vazio. No estado ordinário, apresenta cores diversas segundo os indivíduos de onde emana; ora de um vermelho fraco, ora azulado ou acinzentado, como uma bruma leve; o mais das vezes, espalha sobre os corpos vizinhos uma nuvem amarelada, mais ou menos pronunciada. As narrações dos sonâmbulos e dos videntes são idênticas sobre essa questão.

Sobre o assunto podem ser colhidas outras informações no capítulo “Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento” constante do livro *Obras Póstumas*, de Allan Kardec.

19/01/2014

Edição 346

Um leitor de nossa revista, reportando-se ao relato contido em Êxodo, que descreve o primeiro contato de Moisés com o Senhor, pergunta-nos se pode, efetivamente, haver revelações transmitidas diretamente por Deus aos homens. Recordemos, primeiramente, parte do que nos é informado no livro de Êxodo, a partir do versículo 16 do cap. 2, até o versículo 8 do cap. 3.

Havia em Madian um sacerdote que tinha sete filhas. Um dia, quando as moças iam dar de beber aos rebanhos de seu pai, vieram uns pastores que tentaram expulsá-las do poço, mas Moisés, que se encontrava por perto, veio em defesa delas. Em casa, o sacerdote soube que Moisés livrara suas filhas da violência dos pastores e mandou então que elas o convidassem para comer. Moisés passou a residir ali e, algum tempo depois, casou-se com uma das filhas, de nome Séfora, que lhe deu dois filhos: Gerson e Eliezer.

Muito tempo depois morreu o faraó, rei do Egito, embora a opressão continuasse sobre os filhos de Israel, cujos clamores chegaram até o céu. Certo dia, quando Moisés apascentava as ovelhas de Jethro, seu sogro, foi até o monte Horeb. E foi exatamente ali que o Senhor lhe apareceu pela primeira vez, numa chama de fogo, que saía do meio de uma sarça. Moisés ficou intrigado com aquele fato, porque a sarça não se consumia. O Senhor então o chamou e lhe disse: Moisés, Moisés. Não te chegues para cá: tira os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa. Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. Moisés cobriu o seu rosto, porque não ousava olhar para o Senhor, que lhe disse ter ouvido a aflição de seu povo no Egito, a quem ele iria livrar das mãos dos egípcios e fazer passar daquela terra para outra terra boa e espaçosa, onde corriam arroios de leite e de mel.

*

Conforme o relato bíblico, o Senhor teria falado diretamente a Moisés. Será isso possível? Pode Deus transmitir revelações diretamente aos homens?

Allan Kardec, ao examinar o assunto no cap. I, itens 9 e 10, de seu livro *A Gênese*, disse que essa é uma questão que ele não ousaria resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, mas nada nos dá dele prova certa.

Alguns estudiosos espíritas, como J. Herculano Pires, entendem que o Senhor que se dirigiu a Moisés, em todos os contatos relatados no Antigo Testamento, foi certamente um dos Pais do povo israelita, algum Benfeitor espiritual de elevada estirpe que, para conferir maior autoridade à sua palavra, valeu-se do nome do Senhor.

Como sabemos, os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações desse gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções de origem transcendental podem ser-nos transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João evangelista, em sua 1ª Epístola, cap. 4, a dizer: "Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo".

Pode, portanto, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto

as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Exemplo disso são as ordenações que ele expediu fundamentadas no conhecido *dente por dente, olho por olho*.

26/01/2014

Edição 347

Em carta publicada nesta mesma edição, a leitora Luciana, de Maracanaú-CE, diz-nos o seguinte:

“Sou espírita desde os 12 anos e escolhi a Doutrina sobretudo pelo aspecto racional, pela ausência de ritos e também por não declarar-se a única forma de salvação, tão defendida por outras crenças. No entanto, estou meio confusa. Li um texto de uma evangélica onde esta ataca o Espiritismo com base em nosso desrespeito e descrença pela Bíblia (esse tema não me incomodou, visto que compreendo perfeitamente a forma como o Espiritismo encara o Livro) e ainda pelo fato de Kardec ter afirmado no livro *Obras Póstumas* que Espiritismo é a única religião verdadeira. Bom, isso me incomodou. Fui procurar em *Obras Póstumas* a declaração que ela citou, crendo firmemente que se tratava de que ela estava apenas interpretando equivocadamente uma declaração de Kardec. No entanto, acabo encontrando esse texto, de orientação dos espíritos sobre a missão de Kardec: ‘Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana’. Confesso que isso me afetou sobremaneira, pois jamais enxerguei o Espiritismo assim. Sempre o vi como uma excelente orientação, uma convicção sólida, mas jamais como o único caminho. Isso, aliás, sempre rejeitei em outras religiões. Peço que me ajudem a esclarecer esse ponto, pois de fato, ele mexeu comigo.”

A mensagem citada pela leitora, constante de *Obras Póstumas*, foi recebida em Ségur, no dia 9 de agosto de 1863, mas **não foi publicada** por Kardec.

Só tivemos conhecimento do seu teor em 1890, quando, 21 anos depois da desencarnação do Codificador do Espiritismo, ela veio a lume, como parte integrante do livro *Obras Póstumas*, que é, como sabemos, uma coleção de textos e apontamentos encontrados entre os papéis deixados por Kardec e reunidos em forma de livro.

Por que Kardec jamais a publicou em vida?

A resposta é simples: a ideia contida na mensagem é estranha ao pensamento do Codificador e à própria doutrina espírita.

“O Espiritismo – disse Kardec, dois anos depois da suposta mensagem – está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inamalgável em sua base, porque esta base está assentada nos fatos”. (*Revista Espírita de 1865, pág. 41.*)

Além disso, a superioridade dos ensinamentos do Cristo, com relação à própria doutrina espírita, foi sempre destacada por Kardec, como podemos comprovar nas passagens seguintes:

"A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os

outros nos fizessem, ou seja, fazer o bem e não fazer o mal." (*O Livro dos Espíritos*, Introdução, item VI.)

"A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor." (*A Gênese*, cap. 1, item 56.)

"Para os homens, especialmente, o ensino moral de Jesus constitui uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida pública ou privada, os preceitos de todas as relações sociais baseadas na mais rigorosa justiça; e é, enfim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade porvindoura." (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, item 1.)

"O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da natureza." (*A Gênese*, cap. 1, item 56.)

Na carta acima reproduzida, a leitora diz, referindo-se ao Espiritismo: "Sempre o vi como uma excelente orientação, uma convicção sólida, mas jamais como o único caminho".

Pois é exatamente assim que pensava Kardec. Não existe em toda a literatura espírita o lema "Fora do Espiritismo não há salvação", mas sim uma outra proposta, bastante conhecida dos espíritas: "Fora da caridade não há salvação", como se pode comprovar à vista do que Kardec escreveu e publicou no cap. XV d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que adiante transcrevemos:

8. Enquanto a máxima - Fora da caridade não há salvação - assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma - Fora da Igreja, não há salvação - se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima - Fora da caridade não há salvação consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma - Fora da Igreja não há salvação, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. Fora da verdade não há salvação equivaleria ao Fora da Igreja não há salvação e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as ideias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos

da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscricção geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não diz: Fora do Espiritismo não há salvação; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV, itens 8 e 9.)

2/02/2014

Edição 348

Um leitor pergunta-nos em que obra de Kardec podemos encontrar um texto, grafado com poucas palavras, que permita dar ao leitor uma síntese relativa à parte fenomênica do Espiritismo.

Allan Kardec teve também essa preocupação e foi para isso que escreveu um texto que ganhou autonomia e acabou sendo publicado como obra à parte. Referimo-nos ao livro *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, lançado no dia 15 de janeiro de 1862 em Paris, obra constituída por apenas 36 páginas e escrita por Kardec com o objetivo de popularizar o Espiritismo na França.

Existe, no entanto, na obra de Kardec, um texto ainda menor, que podemos extrair do capítulo IV d' *O Livro dos Médiuns*, nos itens 37 a 50, em que Kardec analisa os sistemas que foram formulados ao tempo da codificação do Espiritismo.

Foram em número de 13 esses sistemas, cujo objetivo era a refutação dos fenômenos e também dos ensinamentos que constituiriam, a seguir, a doutrina espírita: sistema de negação, isto é, que negava simplesmente as manifestações espíritas; sistema do charlatanismo, que atribuía os fenômenos a trapanças; sistema de loucura; sistema de alucinação; sistema do músculo que estala; sistema das causas físicas; sistema do reflexo; sistema da alma coletiva; sistema sonambúlico; sistema demoníaco; sistema otimista; sistema monospírita e sistema da alma material.

Todos os 13 sistemas foram o resultado direto de uma observação parcial dos fenômenos ou de sua má interpretação.

Ocorre que, além deles, contrários ao Espiritismo, Kardec faz referência, na mesma obra, ao sistema polispírita ou multispírita, que é exatamente o sistema que caracteriza, em todos os pontos, a doutrina espírita.

Eis como o Codificador do Espiritismo o resumiu (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV, item 49):

- 1º Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, às quais também se dá o nome de Espíritos;
- 2º Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos, de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contato;

- 3º Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza;
- 4º Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que hão vivido na Terra, ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos;
- 5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;
- 6º Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade;
- 7º São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mescla é partilha unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição;
- 8º Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se;
- 9º Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes;
- 10º Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem de que usam; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles lhes atesta a elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância.

Aí está, em poucas palavras, uma síntese da parte fenomênica da doutrina espírita, que pode servir de iniciação aos neófitos e simpatizantes. E, caso queiram aprofundar-se, podem fazê-lo lendo a obra que mencionamos inicialmente, *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, que se encontra disponível no site desta revista. Eis o *link* que permite acessá-la e baixá-la gratuitamente

<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/oespiritismoemsuamaisimplesexpressao.pdf>

9/02/2014

Edição 349

Como foi elaborada a doutrina espírita?

Mais de um neófito em matéria de Espiritismo já nos apresentou essa questão, um assunto que mesmo entre os adeptos da doutrina espírita é pouco discutido. Conhecendo-o, passamos a valorizar ainda mais o trabalho dos pioneiros que, junto de Allan Kardec, fizeram com que as ideias espíritas formassem um corpo harmônico e lógico.

Kardec, em diversos itens de *A Gênese*, sua derradeira obra, escreveu a respeito do assunto. Assim, o que adiante diremos baseia-se nas informações firmadas pelo próprio Codificador do Espiritismo.

Como meio de elaboração, o Espiritismo procedeu exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental.

Fatos novos se apresentavam, que não podiam ser explicados pelas leis conhecidas. Ele os observou, comparou, analisou e, remontando dos efeitos às

causas, chegou à lei que os rege. Em seguida, deduziu-lhes as consequências e as aplicações úteis.

Em nenhum dos casos não se estabeleceu nenhuma teoria preconcebida. Desse modo, não foram sugeridas como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina. É bom lembrar que não existiam espíritas àquela época, e que o meio onde os fenômenos se tornaram marcantes era dominado por católicos e protestantes.

A existência dos Espíritos se impôs quando isso ressaltou evidente da observação dos fatos, e de igual maneira se procedeu quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram confirmar a teoria: a teoria é que veio, subsequentemente, explicar e resumir os fatos.

Esse é o motivo que levou Kardec a afirmar, categoricamente, que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. Sabe-se que as ciências em geral só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental. Ocorre que muitos pensavam que esse método só era aplicável à matéria, ao passo que ele é também aplicável às chamadas coisas metafísicas, e foi exatamente esse o mérito de Kardec.

Eis um exemplo por ele citado:

Ocorre no mundo espiritual um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: há Espíritos que, embora desencarnados, não se consideram “mortos”, ou seja, pensam que ainda pertencem ao plano em que nós, encarnados, militamos.

Os Espíritos superiores, que sabem perfeitamente disso, não vieram dizer antecipadamente: «Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos». Não foi isso que ocorreu. Eles provocaram a manifestação de Espíritos que se encontravam na aludida situação, para que fossem observados.

Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de casos análogos demonstrou que o fato não era excepcional e que constituía mesmo uma das fases da vida espírita, pela qual muitos passam. Pôde-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, apurando-se, graças à observação, que tal situação é própria, sobretudo, de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte, mas é sempre temporária, ainda que, em alguns casos, possa durar semanas, meses ou anos.

Foi assim que a teoria nasceu da observação e o mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16/02/2014

Edição 350

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Manoel Goulart, de Serra (ES), diz-nos o seguinte:

– Trabalho em reunião mediúnica e tem vezes que o Espírito se aproxima mas não fala. Ele é socorrido? Como?

O fato é conhecido de todas as pessoas que lidam com as sessões práticas do Espiritismo, mas é provável que nem todos saibam que dois importantes

estudiosos da matéria já se manifestaram a respeito. Referimo-nos a Suely Caldas Schubert e Hermínio Corrêa de Miranda.

No livro *Diálogo com as Sombras*, Hermínio refere-se ao fato em várias oportunidades. Eis trechos do seu livro que focalizam o assunto:

Às vezes, o Espírito começa logo a falar, ou a esbravejar, mas, usualmente, ele precisa de alguns segundos para apossar-se dos controles psíquicos do médium, e **não consegue falar** senão depois de se ter acomodado bem à organização do seu instrumento; o doutrinador deve aproveitar esses momentos para uma palavra de boas-vindas, saudando-o com atenção, carinho e respeito. Em alguns casos o Espírito somente consegue expressar-se a muito custo, em virtude de seu estado de perturbação, de indignação, ou por estar com deformações perispirituais que o inibem. De outras vezes, usando de ardis, ou preparando ciladas, **mantém-se em silêncio**, para que o doutrinador se esgote, na tentativa de descobrir suas motivações, a fim de tentar ajudá-lo, com o que ele se diverte bastante. (*Diálogo com as Sombras, cap. 29.*)

Em uma oportunidade, tivemos também um caso, intensamente dramático, de um pobre sofredor, guilhotinado na França, durante a Revolução. Desde então — segundo apuramos em seguida — trazia a cabeça “destacada do corpo”, na mão direita, segura pelos cabelos. O diálogo inicial foi difícil, pois convicto de que estava sem cabeça, **ele não tinha condições de falar**. A custo, porém, o fui convencendo de que podia falar através do médium. Vivia apavorado ante a ideia de perder de vista a cabeça e nunca mais recuperá-la. Enquanto a tivesse ali, à mão, mesmo decepada, alimentava a esperança de “repô-la” no lugar. Isto foi possível fazer, com a graça de Deus. Oramos e lhe demos passes. Subitamente, ele sentiu que a cabeça voltara à sua posição correta. Louco de alegria, ele apalpava-se e só sabia repetir:

— Ela está aqui! Ela está aqui!...

E conferia, com a ponta dos dedos, toda a anatomia facial e craniana: os olhos, o nariz, a boca, as orelhas. Estava tudo lá. E dizia:

— Posso falar! Estou falando! (*Obra citada, cap. 30.*)

De outras vezes, apresentaram-se pobres infelizes, que não podiam expressar-se senão por gestos, porque **a língua lhes tinha sido extirpada**. Um destes, depois de reconstituída a sua condição, em vez de agradecer a Deus o benefício que acabava de receber, declarou que se vingaria daquele que, em antiga existência, mandara mutilá-lo. Foi-lhe mostrado, então, que, em existência anterior àquela, ele próprio mandara cortar a língua daquele mesmo que, depois, ordenou a sua mutilação. Nem assim ele se deu por achado: aquele a quem ele privara da língua não passava de um cão, pois era um mero escravo... Havia, porém, chegado a sua vez, e ele, não resistindo à realidade, entrou numa crise de

arrependimento que o salvou.

Um dos casos mais dramáticos que presenciei foi o de um companheiro que havia sido reduzido, por métodos implacáveis de hipnose, à condição de um fauno. Estava de tal maneira preso à sua indução, que **não podia falar, pois um fauno não fala**. A despeito de tudo, porém, acabou falando inteligivelmente, para enorme surpresa sua. (*Obra citada, cap. 12.*)

Tivemos, certa ocasião, um doloroso caso de licantropia. Ao apresentar-se, incorporado no médium, o Espírito **não consegue articular** nenhuma palavra. Inteiramente animalizado, sabe apenas rosnar, esforçando-se por me morder. Embora o médium se mantenha sentado, ele investe contra mim, procurando atingir-me com as mãos, dobradas, como se fossem patas; de vez em quando, ameaça outro componente do grupo. Lembro-me de vagas cenas de atividades em desdobramento noturno, quando resgatamos, de sinistra região das trevas, um ser vivo que, em estado de vigília, não consegui caracterizar.

Como ele **não tinha condições de falar**, falei eu, tentando convencê-lo de que era um ser humano, e não um animal. A conversa foi longa e difícil. Sabia que, diretamente, ele ainda não tinha possibilidade de entender com clareza as palavras que eu dizia, mas estava certo de que, aos poucos, se tornaria sensível às vibrações de carinho e compreensão que sustentavam aquelas palavras. Falei-lhe, pois, continuamente, por longo tempo, procurando desmantá-lo, para libertá-lo do seu terrível condicionamento. Repetia-lhe que era um ser humano e não um animal; que tinha mãos, e não patas, unhas e não garras. (*Obra citada, cap. 12.*) (Os grifos são nossos.)

As situações referidas acima não esgotam o assunto, porque há outros motivos que podem levar determinado Espírito, numa sessão mediúnica, a não falar.

Segundo o que Suely Caldas Schubert expôs no cap. 12 da 3ª parte do livro *Obsessão/Desobsessão*, podem apresentar-se mais os seguintes motivos:

- problemas de ordem mental que interferem no centro da fala
- ódio intenso que oblitera a capacidade do Espírito de transmitir o que sente ou pensa
- reflexo de doenças contraídas antes da desencarnação e que persistem no além-túmulo por algum tempo
- desejo do Espírito de não revelar o que pensa, em uma atitude de defesa contra o trabalho que julga estar sendo feito junto dele.

Em face da mudez do Espírito, que deve fazer o doutrinador?

Não existe uma norma escrita que devemos seguir. O bom senso e a intuição exercem em casos assim um papel importante.

Suely Caldas Schubert, no mesmo capítulo da obra acima mencionada, diz que não existe necessidade real de insistir para que a entidade fale, forçando-a com perguntas, porque nem sempre isso é o melhor para o comunicante. O doutrinador deve, então, procurar sentir, sondar, captar os sentimentos que o Espírito revele, fato que não é tão difícil quanto parece, visto que os que sofrem ou os que se comprazem no ódio deixam transparecer seu estado íntimo.

Necessitado do nosso amor e da nossa atenção, o doutrinador deve dizer-lhe palavras de reconforto, aguardando que responda espontaneamente.

Os Espíritos que tiverem realmente problema de mudez conseguirão, por meio de gestos, demonstrá-lo. O doutrinador irá, então, aos poucos, conscientizando-os de que esse problema pode ser resolvido, porque nada mais é que uma consequência da deficiência do corpo físico. Claro que, em condições como essas, o passe e a prece ajudarão de forma significativa na superação do obstáculo.

23/02/2014

Edição 351

Em carta publicada nesta mesma edição, o confrade Fausto Fabiano diz-nos o seguinte:

No livro *Nosso Lar*, capítulo Amor, Alimento da Almas, há uma passagem onde está escrito: "não podemos prescindir dos concentrados fluídicos, tendo em vista os serviços pesados que as circunstâncias impõem. Despendemos grande quantidade de energias. É necessário renovar provisões de força". No entanto no *Livro dos Espíritos*, questão 254, encontramos: "E a fadiga, a necessidade de repouso, experimentam-nas? – Não podem sentir a fadiga, como a entendeis; conseguintemente, não precisam de descanso corporal, como vós, pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas. O Espírito, entretanto, repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente. Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso. Quer isto dizer que momentos há em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto de ordinário e não se fixa em qualquer objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão de repousar."

Alguns espíritas contrários às obras de André Luiz se utilizam desta questão do *Livro dos Espíritos* para afirmar que André Luiz se contradiz com a Doutrina Espírita pois se os Espíritos não sentem fadiga, não precisariam de alimentos espirituais para repor alguma coisa. O que os senhores têm a dizer a respeito?

Antes de examinar o que dizem outros autores a respeito do assunto, chamamos a atenção do leitor para as palavras sublinhadas neste trecho por ele indicado: "A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir **guarda relação** com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto **menos precisarão** de repousar".

A principal obra do Espiritismo, mencionada pelo leitor, não nega, pois, mas sim ressalta a existência de relação entre **fadiga** (e a conseqüente necessidade de repouso) e a **inferioridade** dos Espíritos. Ora, se é dito que *menos precisarão de repousar* quando mais elevados, é evidente que os menos elevados podem necessitar de repouso.

É exatamente isso que se ensina na obra de André Luiz e, igualmente, na obra *A Crise da Morte*, de Ernesto Bozzano.

Ademais, como já lembramos anteriormente neste mesmo espaço, as questões tratadas em *O Livro dos Espíritos* apresentam, de ordinário, regras gerais, aplicáveis à generalidade dos casos, sem a especificação que alguns Espíritos trouxeram posteriormente à codificação.

Não custa também lembrar que a doutrina espírita é fruto dos ensinamentos e das informações que os Espíritos nos trouxeram e nos trazem, e não somente uma elaboração humana fundamentada somente naquilo que nós, encarnados, imaginamos.

As questiúnculas que algumas pessoas buscam nas obras de André Luiz e Emmanuel, com o objetivo de as colocar contra a obra kardequiana, não resistem a uma análise e demonstram, em verdade, seu desconhecimento do conjunto integral da doutrina espírita.

Eis uma síntese, a propósito da alimentação no plano espiritual, dos ensinamentos contidos na obra *Evolução em Dois Mundos*, de autoria de André Luiz:

Desde a experiência carnal, o homem se alimenta muito mais pela respiração, colhendo o **alimento de volume** simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força nos variados departamentos orgânicos.

Abandonado o envoltório físico na desencarnação, **se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres**, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar, e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no autorreajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular.

Na maioria das vezes, os desencarnados em crise dessa ordem são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde **encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica**, recebendo-a em porções adequadas **até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior**, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma, porquanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutílizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si.

Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral.

De qualquer modo, o corpo espiritual, com **alguma provisão de substância específica, ou sem ela**, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais

energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais. Compreende-se, porém, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela **essencialidade** dos elementos absorvidos, não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum. (*Evolução em dois Mundos, 2ª Parte, cap. I, pp. 168 a 170.*)

(Os grifos são nossos.)

As informações de André Luiz são em tudo semelhantes ao que Ernesto Bozzano coletou em suas investigações, baseadas em mensagens trazidas pelos Espíritos por intermédio de um número grande de médiuns. Eis um resumo do que Bozzano escreveu a propósito do assunto:

Citando o livro *Raymond*, escrito pelo professor Oliver Lodge, Bozzano lembra que os Espíritos recém-desencarnados não encontram no meio espiritual a mesma satisfação de antes, nos hábitos voluptuosos adquiridos no mundo dos vivos, e até os perdem. Todavia, quando chegam ao mundo espiritual, **influenciados pelas tendências que os dominavam** na Terra, há os que pedem de comer e outros que querem um gole de uísque. Existe, porém, um meio de contentá-los, fornecendo-se-lhes qualquer coisa que se assemelhe ao que reclamam. Desde, porém, que hajam saboreado uma ou duas vezes a coisa desejada, não mais sentem dela necessidade e a esquecem. (*A Crise da Morte, p. 78*)

Foi uma grande dor que, de súbito, atingiu a existência ditosa da Sra. Dawson Scott: seu marido, doutor em Medicina, voltara da guerra em estado de esgotamento nervoso, agravado pelo fato de haver na sua família uma forma hereditária de hipocondria. Certo dia, no meio de uma dessas crises, o dr. Scott se suicidou e, em consequência disso, sua esposa passou a interessar-se pelas experiências mediúnicas realizadas pelas irmãs Shafto. Eis os detalhes colhidos na mensagem do esposo suicida: a) a informação de que o aspecto das coisas que o cercavam havia mudado: tudo era diferente e os objetos tinham uma aparência evanescente, além de serem penetráveis; b) o comunicante transportava-se no meio espiritual sem caminhar; c) as coisas de que o Espírito necessitava podiam ser criadas pela força do seu pensamento: ao pensar na roupa que trajava, ele se via vestido daquele modo, tendo até no bolso os objetos costumeiros; d) ele se transportava com rapidez no meio espiritual: ao pensar em determinado lugar, no mesmo instante ali se encontrava; e) o reavivamento progressivo, no meio espiritual, das faculdades espirituais.

O Espírito do dr. Scott explicou ainda, em sua comunicação, que o **seu alimento era espiritual**: "A causa principal de tantos crimes no mundo dos vivos – isto é, a necessidade que cada um tem de alimentar-se – não existe aqui. Ou, com maior exatidão, **não temos mais necessidade de alimentar-nos, no sentido preciso do termo**, se bem que aqueles dentre nós, que ainda

queiram satisfazer ao prazer de se alimentarem, possam proporcionar a si mesmo a sensação de que o fazem..." (*A Crise da Morte*, pp. 99 a 103.) (Os grifos são nossos.)

2/03/2014

Edição 352

Um leitor pergunta-nos qual é a explicação espírita das chamadas expiações coletivas, que atingem grupos de pessoas, às vezes uma família inteira, uma cidade, uma etnia, sem distinção entre bons e maus, inocentes e culpados.

Segundo a doutrina espírita, as faltas dos indivíduos, de uma família, ou de uma nação, qualquer que seja o seu caráter, se expiam em virtude da mesma lei. O criminoso revê sua vítima, seja no plano espiritual, seja vivendo em contato com ela numa ou em várias existências sucessivas, até a reparação de todo o mal cometido. Dá-se o mesmo quando se trata de crimes cometidos solidariamente, por um certo número de pessoas. As expiações são, então, solidárias, o que não aniquila a expiação simultânea das faltas individuais.

Lembra-nos Kardec que em todo homem há três caracteres: o do indivíduo, do ser em si mesmo, o de membro de família, e, enfim, o de cidadão. Sob cada uma dessas três faces pode ele ser criminoso ou virtuoso, quer dizer, pode ser virtuoso como pai de família, ao mesmo tempo que criminoso como cidadão, e reciprocamente. Disso derivam as situações especiais em que ele irá se encontrar em suas existências sucessivas.

Salvo as naturais exceções, pode-se admitir como regra geral que todos aqueles que têm uma tarefa comum, reunidos numa existência, já viveram juntos para trabalharem pelo mesmo resultado, e se acharão reunidos ainda no futuro, até que tenham alcançado o objetivo, quer dizer, expiado o passado ou cumprido a missão aceita.

Graças ao Espiritismo, compreendemos a justiça das aflições ou vicissitudes que não resultam de atos da vida presente, porque sabemos que se trata da quitação de dívidas perante a Lei contraídas no passado. Por que não ocorreria o mesmo com as dívidas coletivas?

Diz-se, comumente, que as infelicidades gerais atingem o inocente como o culpado; mas pode ser que o inocente de hoje tenha sido o culpado de ontem. Tenha ele sido atingido individualmente ou coletivamente, certamente é que assim mereceu. Ademais, há faltas do indivíduo e do cidadão. A expiação de umas não livra a pessoa da expiação das outras, porque é necessário que toda dívida seja quitada até o último centavo.

As virtudes da vida privada não são as da vida pública. Um indivíduo que seja excelente cidadão pode ser um mau pai de família, e outro, que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser um péssimo cidadão e haver soprado o fogo da discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. São essas faltas coletivas que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que para elas concorreram, os quais se reencontram para sofrerem juntos a pena de talião ou terem a ocasião de reparar o mal que fizeram, provando o seu devotamento à coisa pública, socorrendo e assistindo aqueles que outrora maltrataram.

Um expressivo exemplo de expiações coletivas nos é mostrado por André Luiz no cap. 18 do livro *Ação e Reação*, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, no qual é descrita a ocorrência de um desastre de avião e relatadas as

providências tomadas pelos benfeitores espirituais com o objetivo de socorrer as vítimas.

Em face desse caso e de outros semelhantes, Hilário, amigo de André, perguntou ao instrutor Druso se a dor dos pais das pessoas que perecem nas lutas expiatórias coletivas é considerada pelos poderes que controlam a vida.

A resposta, além de elucidativa, é profundamente consoladora, porque comprova que a nave Terra não se encontra à deriva e tem, portanto, alguém no seu comando.

Respondeu-lhe o instrutor Druso: "Como não? as entidades que necessitam de tais lutas expiatórias são encaminhadas aos corações que se acumpliciaram com elas em delitos lamentáveis, no pretérito distante ou recente, ou, ainda, aos pais que faliram junto dos filhos, em outras épocas, a fim de que aprendam na saudade cruel e na angústia inominável o respeito e o devotamento, a honorabilidade e o carinho que todos devemos na Terra ao instituto da família. A dor coletiva é o remédio que nos corrige as falhas mútuas". (*Ação e Reação, capítulo 18, pp. 249 a 251.*)

Ninguém se elevará a pleno Céu, sem plena quitação com a Terra. "Quanto mais céu interior na alma, através da sublimação da vida, mais ampla incursão da alma nos céus exteriores, até que se realize a suprema comunhão dela com Deus, Nosso Pai", asseverou o instrutor espiritual.

9/03/2014

Edição 353

Como a Humanidade se transformará? Vai levar tempo? Que mecanismos serão necessários para isso?

As perguntas acima são recorrentes no grupo de que participamos. Trata-se de questões importantes, sobretudo quando se processam os acontecimentos que preparam o advento de um mundo renovado, em que sua principal função não terá vínculo com provas, expiações ou reparações.

É claro que esse dia está muito longe – melhor dito, bem mais longe do que supõem os mais pessimistas –, visto que a qualidade, superior ou inferior, de um planeta é o reflexo da qualidade das pessoas que nele habitam. Assim, um mundo renovado exigirá que nele reencarnem pessoas renovadas.

Allan Kardec e Gabriel Delanne trataram do tema que ora examinamos, respectivamente, em *O Livro dos Médiuns* e *Entre Irmãos de Outras Terras*. O primeiro foi publicado inicialmente em 1861; o segundo, em 1966. A diferença de 105 anos entre uma publicação e outra não alterou, porém, a ideia que animou os dois autores.

No tocante à transformação da Humanidade, diz Kardec que tal meta somente poderá ser alcançada com o **melhoramento das massas**, o que pode acontecer **gradualmente** e pouco a pouco somente pelo **melhoramento dos indivíduos**. (Cf. *O Livro dos Médiuns*, item 350.)

Com efeito – diz o Codificador –, de que valerá crer na existência dos Espíritos, se essa crença não tornar melhor, mais benevolente e mais indulgente o indivíduo e se não o fizer mais humilde e mais paciente na adversidade? De que servirá a um indivíduo avarento ser espírita se permanecer avaro; ao orgulhoso, se continuar sempre cheio de si mesmo; ao invejoso, se estiver sempre nutrindo sentimentos de inveja? Todos os homens poderiam então crer nas manifestações e a Humanidade permaneceria estacionária. Esses não são,

porém, os desígnios de Deus, e é para o fim visado pela Providência que devem tender todas as sociedades espíritas sérias, concorrendo de forma ativa para que, a partir do melhoramento dos indivíduos, a sociedade também se aprimore.

A ideia, como dissemos, foi reafirmada 105 anos por Gabriel Delanne (Espírito), numa entrevista que ele concedeu a André Luiz, o mesmo autor da conhecida Série Nosso Lar.

Vejam algumas questões propostas por André e as respostas de Delanne:

André: Expressando-se desse modo, refere-se à necessidade da divulgação da Doutrina Espírita?

Delanne: Sim.

André: Mas, segundo o seu conceito, a divulgação terá de efetuar-se de pessoa a pessoa. Teremos entendido certo?

Delanne: Sim, de pessoa a pessoa, de consciência a consciência. A verdade a ninguém atinge através da compulsão. A verdade para a alma é semelhante à alfabetização para o cérebro. Um sábio por mais sábio não consegue aprender a ler por nós.

André: Não considerará, porém, que esse processo é moroso demais para a Humanidade?

Delanne: Uma obra-prima de arte exige, por vezes, existências e existências para o artista que persegue a condição do gênio. Como acreditar que o esclarecimento ou o aprimoramento do Espírito imortal se faça tão-só por afirmações labiais de alguns dias? (*Entre Irmãos de Outras Terras, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.*)

À vista do acima exposto, não nos é difícil compreender como a Humanidade se transformará, uma tarefa que, evidentemente, levará muito tempo. Como diz Abel Gomes, em mensagem psicografada por Chico Xavier, publicada no livro *Falando à Terra*, a “perfeita sublimação é obra dos séculos incessantes”.

Quanto aos mecanismos, de novo se impõe a importância da educação – educação da criança, do jovem, do idoso – e da aplicação em nossa vida daquilo que aprendemos, cientes de que, como lembrou Abel Gomes na mesma mensagem acima citada: “À maneira que nos desenvolvemos em sabedoria e amor, consideramos a perda dos minutos como sendo a mais lastimável e ruínosa de todas”.

16/03/2014

Edição 354

A leitora Ester Rodrigues, do Rio de Janeiro (RJ), em carta enviada a esta revista pergunta-nos quais as doenças que são consideradas espirituais e que podem ser curadas no centro espírita.

Diz-se que uma doença é considerada espiritual quando afeta a alma e nada há no corpo físico que a justifique. Em muitos casos, quando não tratada, os efeitos da doença podem estender-se ao organismo material e a pessoa buscará então, como ocorre usualmente, o concurso da medicina humana. Ocorre que, se a causa é espiritual, o tratamento terá de visar não apenas ao corpo, mas também à alma.

Quanto à cura, dependerá ela de vários fatores.

Conforme é minuciosamente explicado no Especial "O passe magnético e suas limitações", publicado na edição 101 desta revista, há quatro causas ou fatores que limitam a ação fluídica curadora.

As causas ou fatores mencionados no artigo são estes:

- Falta de fé ou de receptividade do paciente.
- Comportamento do enfermo.
- A natureza do problema ou da enfermidade.
- A lei de causa e efeito.

Como o espaço aqui não comporta reproduzir o desenvolvimento dos quatro fatores citados, recomendamos à leitora que leia o artigo a que nos reportamos. Eis o *link* que remete o interessado à matéria: <http://www.oconsolador.com.br/ano2/101/especial.html>

*

Em artigo publicado na *Revista Espírita de 1866*, págs. 349 e 350, Allan Kardec diz que a mediunidade curadora não veio suplantar a medicina e os médicos; vem simplesmente provar a estes que há coisas que eles não sabem e convidá-los a estudá-las, porquanto o elemento espiritual, que ignoram, não é uma quimera e, bem considerado, pode abrir novos horizontes à ciência.

Dois anos depois, na *Revista Espírita de 1868*, no texto intitulado "Ensaio teórico das curas instantâneas", Kardec tece várias considerações que podem contribuir para esclarecer as dúvidas mencionadas pela leitora.

Eis uma síntese do que o Codificador escreveu:

1 - De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é o das curas instantâneas. Pergunta-se então: Como o fluido pode operar uma transformação súbita no organismo? E mais: Por que o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos os que são atingidos pela mesma moléstia?

2 - A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em sonambulismo espontâneo, parece jogar luz nova sobre a questão, mas - adverte Kardec - "não a damos como absoluta" e sim a título de hipótese e como forma de estudo.

3 - Na medicação terapêutica são necessários remédios apropriados ao mal; eis por que não existe um remédio universal. Ocorre a mesma coisa com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam conforme o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem.

4 - A cura depende, pois, em princípio, da adequação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal, o que muitos não compreendem. Além disso, existe uma outra causa, inteiramente moral, que nos é revelada pelo Espiritismo: a maioria das moléstias, como todas as misérias humanas, são expiação do presente ou do passado, ou provações para o futuro, cujas consequências devem ser suportadas até que tenham sido resgatadas. (*Revista Espírita de 1868*, págs. 84 a 86.)

Na sequência, o Codificador escreveu:

1 - Em um grande número de doenças, a origem é devida aos fluidos perniciosos de que é penetrado o organismo. Para obter a cura, basta expulsar o corpo estranho que o incomoda. Afastada a

causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso.

2 – Concebe-se que em semelhantes casos os medicamentos comuns, destinados a agir sobre a matéria, não tenham eficácia. É por isso que a medicina ordinária é inoperante em todas as doenças causadas por fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode opor-se a matéria, mas a um fluido mau há que opor um fluido melhor e mais poderoso.

3 – A medicina tradicional naturalmente falha contra os agentes fluídicos, mas, do mesmo modo, a medicina fluídica falha nos casos em que é preciso opor matéria à matéria. A medicina homeopática parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos e deve particularmente ter êxito nas afecções que poderiam chamar-se mistas.

4 – A causa pela qual o tratamento por vezes pode ser instantâneo, ao passo que em outros casos exige uma ação continuada, se deve à natureza e à origem do mal.

5 – Duas afecções que apresentam, na aparência, sintomas idênticos podem resultar de causas diferentes. Uma pode decorrer da alteração das moléculas orgânicas e neste caso é preciso reparar, substituir, as moléculas deterioradas. A outra afecção pode ter origem na infiltração nos órgãos sãos de um fluido mau, que os perturba. Neste caso não se trata de reparar, mas de expulsar. Os dois casos requerem, no fluido curador, qualidades diferentes. No primeiro é preciso um fluido mais suave que violento, rico em princípios reparadores. No segundo, um fluido enérgico, mais próprio à expulsão do que à reparação.

6 – Esta teoria pode resumir-se assim: Quando o mal exige a reparação de órgãos alterados, necessariamente a cura é lenta e requer uma ação contínua e um fluido de qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e, mesmo, instantânea.

7 – Para simplificar a questão consideramos apenas os dois pontos extremos, mas entre os dois há nuances infinitas, isto é, uma multidão de casos em que as duas causas existem simultaneamente em diferentes graus e em que, por consequência, é necessário ao mesmo tempo expulsar e reparar.

8 – A cura só será completa após a destruição das duas causas, e esse é o caso mais comum. Eis por que os tratamentos médicos ordinários necessitam muitas vezes ser completados por tratamento fluídico, e reciprocamente. (*Revista Espírita de 1868, págs. 86 a 90.*)

23/03/2014

Edição 355

Em carta dirigida a esta revista, publicada na edição passada, o leitor Léo Martins, de Cidreira-RS, escreveu o seguinte:

“Tenho uma lembrança de já ter lido que não é interessante que um médium permita a incorporação fora de uma casa espírita; assim sendo, peço que me informe se isto consta no *Livro dos Médiuns*, para que eu possa repassar ao meu grupo de estudos. No aguardo, desde já agradeço.”

Em resposta, foi-lhe dito que é fato sabido entre os espíritas que o lugar recomendado para a realização da prática mediúnica deve ser o Centro Espírita, ou outro local especializado, como os hospitais espíritas ou que aceitam os postulados espíritas. Mas essa orientação não está presente em *O Livro dos Médiuns*, de Kardec.

Dada a importância do assunto, vejamos o que autores diversos escreveram a respeito. Começamos pela orientação que se encontra no site da Federação Espírita Brasileira, na página de responsabilidade do Departamento de Estudo e Educação da Mediunidade, em que se lê, no verbete “Reuniões Mediúnicas”:

“São reuniões privativas, com portas chaveadas, comumente realizadas uma vez na semana, sempre no mesmo dia e horário, **em local da Casa Espírita** onde seja possível garantir o silêncio respeitável e a harmonia vibratória, com número reduzido de participantes, previamente indicados para este gênero de atividade espírita”. (O texto está publicado na internet, na página [http://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/reunioes-mediunicas/.](http://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/reunioes-mediunicas/)) (Grifamos.)

André Luiz, no cap. 18, intitulado “Isolamento hospitalar”, do seu livro *Desobsessão*, obra psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, assevera:

“A desobsessão abrange em si obra hospitalar das mais sérias. Compreenda-se que o espaço a ela destinado, entre quatro paredes, guarda a importância de uma enfermaria, com recursos adjacentes da Espiritualidade Maior para tratamento e socorro das mentes desencarnadas, ainda conturbadas ou infelizes.

Arrede-se da desobsessão qualquer sentido de curiosidade intempestiva ou de formação espetaculosa. Coloquemo-nos no lugar dos desencarnados em desequilíbrio e entenderemos, de pronto, a inoportunidade da presença de qualquer pessoa estranha a obra assistencial dessa natureza.

O amparo e o esclarecimento aos Espíritos dementados ou sofredores é serviço para quem possa compreendê-los e amá-los, respeitando-lhes a dor. Daí nasce o impositivo de absoluto isolamento hospitalar para o recinto dedicado a semelhantes serviços de socorro e esclarecimento, entendendo-se, desse modo, que a desobsessão, tanto quanto possível, deve ser praticada **de preferência no templo espírita**, ao invés de ambientes outros, de caráter particular.

Nesse sentido, é importante que os obreiros da desobsessão, notadamente os médiuns psicofônicos e os médiuns esclarecedores, visitem os hospitais e casas destinadas à segregação de de-

terminados enfermos, para compreenderem com segurança o imperativo de respeitosa cautela no trato com os Espíritos revoltados e desditosos." (*Grifamos.*)

O assunto foi também suscitado em duas perguntas propostas ao confrade Divaldo Franco, adiante reproduzidas:

- Seria desaconselhável o desempenho mediúnico isolado, bem como em reuniões domiciliares ou recintos estranhos aos Centros ou locais similares?

Divaldo – É desaconselhável esse comportamento como hábito, o que não impede que, excepcionalmente, ocorra o fenômeno com a anuência do médium sob a inspiração dos bons Espíritos.

Não chegaremos ao absurdo de supor que no lar, periodicamente, não venham os Benfeitores Espirituais para o diálogo de emergência, para uma palavra fraternal, para um encontro de estímulo entre aqueles que se reúnem para orar.

É desaconselhável que se transforme o estudo espírita e evangélico realizado em família em reunião mediúnica, porque, como o nome diz, trata-se de uma oportunidade para estudar e meditar e não para o exercício da mediunidade. Mas, vez que outra, dependendo dos Instrutores Espirituais, pode ocorrer comunicação de Entidade Benfeitora para trazer um conteúdo que, no entendimento desse Benfeitor, pareça relevante. Não se deve permitir, entretanto, que tal se transforme num hábito.

É desaconselhável que, em lugares não preparados para o mister mediúnico, venha a ocorrer fenômeno com anuência do sensitivo. Perguntar-se-á por quê? Responderemos: pelos danos que poderão advir. Se o meio for hostil, leviano e de recursos psíquicos negativos, podem ocorrer mistificações, distonias, aberturas vibratórias para espíritos que não tenham propósitos superiores. Seria o mesmo que requisitar determinada cirurgia num consultório médico onde não haja requisitos da assepsia, do instrumental, etc.

Portanto, **a Casa Espírita é o lugar ideal**, porque ali os Benfeitores instalam equipamentos de socorro de emergência; nesse local encontram-se entidades zelosas que se postam para defender o recinto, além de trabalhadores especializados que vêm para o ministério previamente programado. Porque se na Terra, que é o mundo dos efeitos, são tomados cuidados antes das realizações, é compreensível que no mundo espiritual as realizações mereçam um tratamento muito especializado, no que tange ao progresso da criatura e da humanidade.

Os Benfeitores programam as tarefas mediúnicas e aqueles que se vão comunicar, para que tudo ocorra em clima de ordem e de paz. O médium que se submete a fenômenos de ocasião está sujeito a graves perigos, porque seria o mesmo que colocar instrumentos de alta sensibilidade nas mãos de pessoas inescrupulosas ou desconhecedoras de seu mecanismo. Concluindo, é desaconselhável. (*Diretrizes de Segurança, questão 47.*) (*Grifamos.*)

- O que pensar do costume de fazer-se sessões mediúnicas fora dos Centros Espíritas?

Divaldo – É um hábito muito perigoso. Seria o mesmo que se levar pacientes para serem operados em qualquer lugar, só porque há boa vontade, mas não se dispendo de conveniente assepsia nem dos requisitos necessários que se encontram nos hospitais. Nesse caso, os êxitos seriam raros. Além disso, ocorre que, realizada a sessão em qualquer lugar, este fica marcado pelos Espíritos sofredores, que vão sendo informados uns pelos outros, e começam a frequentá-lo. Se for um lar, como aí não existem as defesas necessárias para as incursões de tais Espíritos, transforma-se em um pandemônio.

Indagar-se-á: e antes de haver os Centros Espíritas? Enquanto ignoramos, temos uma responsabilidade menor. Mesmo quando não se entendia de assepsia, faziam-se operações, mas o número de óbitos era muito maior.

Já que temos o Centro, por que desrespeitá-lo, fazendo sessões mediúnicas noutro lugar, se ele é o determinado para tal? Se o problema é ir-se a um lugar, por que não ao ideal? (*Obra citada, questão 48.*)

Como dito inicialmente, a recomendação concernente ao lugar da reunião mediúnica não foi especificada de modo formal em *O Livro dos Médiuns*, mas nos parece que ela se encontra implícita em ensinamentos como este, firmado por São Luís e publicado na citada obra:

“O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Nunca obtereis preencham essas condições os que somente pela curiosidade sejam conduzidos às vossas reuniões. Convidai, pois, os curiosos a procurar outros lugares, por isso que a distração deles constituiria uma causa de perturbação.

Nenhuma conversa deveis tolerar, enquanto os Espíritos estão sendo questionados. Recebeis, às vezes, comunicações que exigem de vós uma réplica séria e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, aos quais muito desagradam, crede-o, os cochichos contínuos de certos assistentes. Daí, em consequência, nada obterdes por completo, nem de verdadeiramente sério. Também o médium que escreve experimenta distrações muito prejudiciais ao seu ministério.” (*O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, Dissertações Espíritas, item XXIII.*)

Embora existam grupos espíritas que realizam sessões mediúnicas na residência de um dos seus integrantes, parece-nos óbvio que o silêncio e o recolhimento indispensáveis à boa prática da mediunidade requerem um local apropriado, como recomendado pela FEB, por Divaldo e por André Luiz.

30/03/2014

Edição 356

Em carta dirigida a esta revista, publicada nesta mesma edição, a leitora Juliana pergunta-nos por que viemos a este mundo.

Allan Kardec apresentou aos Espíritos, com outras palavras, uma pergunta semelhante que deu origem à questão 132 d' *O Livro dos Espíritos*, adiante reproduzida:

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos? "Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los **chegar à perfeição**. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de **suportar a parte que lhe toca na obra da criação**. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta." (Nota de Kardec: A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.) (Grifamos.)

A questão proposta aos Espíritos equivale a estas:

- Que é que estamos fazendo aqui na Terra?
- Qual a finalidade de haveremos nascido?
- Por que estamos neste mundo aparentemente tão confuso e sem lógica?

Tudo, como se vê, está intimamente ligado ao chamado processo evolutivo, em que a reencarnação tem papel decisivo, visto que, como não é difícil entender, em uma única existência não é possível a ninguém atingir a meta para a qual fomos criados, assunto que deu origem à questão 166 da obra citada:

166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se? "Sofrendo a prova de uma nova existência."

a) Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito? "Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal."

b) A alma passa então por muitas existências corporais? "Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles."

c) Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender? "Evidentemente."

Respondendo, pois, objetivamente à leitora, podemos afirmar com base na doutrina espírita que viemos a este mundo para progredir e colaborar para que o mundo também progrida.

6/04/2014

Edição 357

O leitor Fábio Borges Maciel, em carta publicada nesta mesma edição, diz que, pelos fenômenos que vêm ocorrendo em sua vida, desconfia que seja médium e, em face disso, nos pergunta como deve proceder, como deve lidar com o fato.

O tema mediunidade tem sido, com frequência, objeto de perguntas enviadas por leitores.

Lembremos aqui alguns conceitos já mencionados em nossa revista que podem ajudar o leitor a compreender os fatos que descreve.

Diz Allan Kardec que toda pessoa que sente num grau qualquer a influência dos Espíritos é médium, ou seja, intermediário entre desencarnados e encarnados. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, pois, um privilégio exclusivo e poucas são as pessoas que não revelem rudimentos dela, o que nos permite dizer que, de um modo geral, todos somos médiuns.

Costuma-se, porém, aplicar o qualificativo de médium apenas àqueles cuja faculdade medianímica é claramente caracterizada e traduz-se por efeitos patentes e de certa intensidade, o que requer um organismo mais ou menos sensitivo.

Há um diagnóstico para saber se alguém é médium?

Não há. Os sinais físicos pelos quais algumas pessoas julgaram ver indícios não têm nada de certo. A faculdade mediúnica se encontra nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Não há senão um meio de verificar se a faculdade existe: é experimentar.

Os sintomas que anunciam a mediunidade variam ao infinito. Martins Peralva os enumera: reações emocionais insólitas, calafrios e mal-estar, sensação de enfermidade, irritações estranhas... Algumas vezes, porém, pode a faculdade mediúnica eclodir sem nenhum sintoma, espontânea, exuberante. É por isso que a paciência, a perseverança, a boa vontade, a humildade, o estudo e o trabalho constituem fatores de extrema valia na educação e no desenvolvimento da faculdade mediúnica.

Registre-se, contudo, que o mais comum é vermos a mediunidade vinculada à dor, sobretudo no seu início, o que não é difícil de compreender, uma vez que vivemos em um mundo de expiações e provas, habitado por seres encarnados e desencarnados com os quais nos afinizamos e em quem predomina a imperfeição moral, expressa na forma de inveja, ciúme, ódio, despeito, vingança e tantos outros filhos do orgulho e da ignorância. São as vibrações decorrentes dessas imperfeições que o médium iniciante, com a sensibilidade ampliada, passa a sentir, sem ter ainda condições de lhes oferecer resistência, o que lhe virá posteriormente com o trabalho nobre, a perseverança no bem, o estudo sério, a oração e a vigilância.

Que fazer quando surja espontaneamente a faculdade mediúnica num indivíduo qualquer?

O correto nesse caso é deixar o fenômeno seguir seu curso normal: a Natureza é mais prudente do que os homens e a Providência é sábia, porquanto, tendo seus objetivos, o menor deles poderá ser o instrumento das maiores realizações. É sempre útil, em tais casos, procurar pôr-se em relação com o Espírito para saber o que ele deseja. Os seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são, em geral, de categoria inferior e que podemos dominar pelo ascendente moral. É esse ascendente moral que é preciso adquirir. Com isso, em lugar de entravar os fenômenos, o que

raramente se consegue, o médium acaba impondo-se ao Espírito, ao invés de ser por ele dominado, o que lhe permite dar passividade apenas no momento em que isso seja conveniente.

Seria importante ao leitor informar-se sobre o tema e, quando possível, buscar auxílio no Centro Espírita mais próximo, onde receberá, com certeza, a orientação necessária.

Sugerimos, por fim, que o leitor e demais interessados leiam os textos abaixo indicados, todos eles publicados nesta revista, nos quais diversos aspectos relacionados com o tema mediunidade são examinados:

Normas a observar no desenvolvimento mediúnico:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/113/esde.html>

Oportunidade do desenvolvimento mediúnico:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/114/esde.html>

Adaptação psíquica no desenvolvimento da mediunidade:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/115/esde.html>

Sinais precursores da mediunidade: mediunidade como prova:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/116/esde.html>

A educação mediúnica e a evangelização do médium:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/117/esde.html>

13/04/2014

Edição 358

A leitora Maria Cristina, de Novo Hamburgo (RS), em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos:

Em que difere a caridade da solidariedade? Já busquei textos para ver se satisfazia essa dúvida e nada encontrei, porque há uma frase de Eduardo Galeano que me perturba: - Prefiro a solidariedade à caridade; a primeira seria horizontal e a segunda de baixo pra cima. Essa frase andou nas redes sociais na época das passeatas no Brasil, mas, por mais que eu pense, não consigo ver esta diferença que ele fala. Pra mim caridade é amor em ação, e quando tu te importas comigo, tu estás sendo solidário.

A frase que incomodou a leitora baseia-se na falta de compreensão do que significa a palavra caridade. Pelos mesmos motivos, há quem critique também a frase de Kardec "Fora da caridade não há salvação", imaginando que o autor dessa frase estivesse referindo-se à esmola ou às doações de caráter material. Os materialistas têm razão em pensar assim, mas os cristãos e, sobretudo, os espíritas não têm esse direito, porque o conceito de caridade está muito bem definido no Evangelho e nas cartas de Paulo e João.

Kardec reporta-se ao tema na questão 886 d' *O Livro dos Espíritos* e no cap. XV d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Eis o conteúdo da mencionada questão:

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? "Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas."

Nota de Kardec: O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, **não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores.** Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom **procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior,** diminuindo a distância que os separa. (*Grifamos.*)

Do cap. XV d' *O Evangelho segundo o Espiritismo* transcrevemos o seguinte texto ali inserido pelo Codificador do Espiritismo:

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; - ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houver distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria. A **caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; - não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade;** tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade (S. PAULO, 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIII, vv. 1 a 7 e 13.)

7. De tal modo compreendeu S. Paulo essa grande verdade, que disse: Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade. Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular. Faz mais: define a verdadeira caridade, **mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na**

bondade e na benevolência para com o próximo. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, itens 6 e 7.) (*Grifamos.*)

Diz-nos J. Herculano Pires no cap. 1 do livro *Astronautas do Além* que “a caridade – que é o amor em ação – deve eliminar as arestas do nosso personalismo, ensinando-nos que todos somos importantes na busca e na conquista da verdade”.

Finalizando – e para que não haja nenhuma dúvida da leitora e de qualquer pessoa a respeito do conceito espírita de caridade – sugerimos à leitora que leia também o que Emmanuel escreveu sobre o tema nas obras seguintes psicografadas pelo médium Chico Xavier:

- Pão Nosso, cap. 31
- Pão Nosso, cap. 99
- Vinha de Luz, cap. 116
- Vinha de Luz, cap. 110
- Palavras de Vida Eterna, cap. 94.

20/04/2014

Edição 359

Em carta dirigida a esta revista e publicada nesta mesma edição, uma leitora pergunta-nos:

1. Uma pessoa que cometeu erros pode pedir nesta mesma vida uma expiação para seus males?
2. Qual é a punição para uma pessoa colérica?

Aprendemos no Espiritismo que o homem nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual, mas não escapa jamais às consequências de suas faltas.

Kardec escreveu no cap. V, item 7, d’*O Evangelho segundo o Espiritismo*, o texto abaixo:

“Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, **sofre o que fez sofrer aos outros**. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc. Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão-só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe.” (*Grifamos.*)

A doutrina espírita nos ensina, porém, que a expiação pode ser evitada, ou minorada, pelas ações nobres que praticarmos, conforme nos foi ensinado pelo

apóstolo Pedro no capítulo 4 de sua primeira epístola: "Antes de tudo, mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados". (Cf. *1ª Epístola de Pedro*, 4:8.)

Quanto à primeira pergunta formulada pela leitora, o correto, pois, não seria solicitar expiação, mas sim procurar reparar com a prática do bem o que houver feito de errado, vencendo com isso as inclinações infelizes, o que pode ser conseguido por qualquer pessoa, desde que tenha para isso vontade.

Com efeito, ensina a questão 909 d' *O Livro dos Espíritos*:

909. Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações? "Sim, e, frequentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós fazem esforços!"

Quanto à segunda pergunta, a pessoa colérica é, sem dúvida nenhuma, a primeira vítima da cólera que não consegue reprimir, conforme podemos verificar nos textos adiante reproduzidos:

1.) Disse Clara, confirmando a impropriedade da cólera: "Sim, indiscutivelmente, a cólera não aproveita a ninguém, não passa de perigoso curto-circuito de nossas forças mentais, por defeito na instalação de nosso mundo emotivo, **arremessando raios destruidores**, ao redor de nossos passos... Em tais ocasiões, se não encontramos, junto de nós, alguém com o material isolante da oração ou da paciência, o súbito desequilíbrio de nossas energias estabelece os mais altos prejuízos à nossa vida, porque os pensamentos desvairados, em se interiorizando, provocam a temporária cegueira de nossa mente, arrojando-a em sensações de remoto pretérito, nas quais como que descemos quase sem perceber a infelizes experiências da animalidade inferior". E Clara aduziu, de forma peremptória: "A cólera, segundo reconhecemos, não pode e nem deve comparecer em nossas observações, relativas à voz. A criatura enfurecida é um dínamo em descontrole, cujo contato pode gerar as mais estranhas perturbações". (*Entre a Terra e o Céu*, de André Luiz, obra psicografada por Chico Xavier; cap. XXII, págs. 137 e 138.) (Grifamos.)

2.) Reportando-se à cólera, disse um Espírito protetor: "Pesquisai a origem desses acessos de demência passageira que vos assemelham ao bruto, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; pesquisai e, quase sempre, deparareis com o orgulho ferido. Que é o que vos faz repelir, coléricos, os mais ponderados conselhos, senão o orgulho ferido por uma contradição? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar. Em seu frenesi, o homem colérico a tudo se atira: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque lhe não obedecem. Ah! se nesses momentos pudesse ele observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia! Imagine ele por aí que impressão produzirá nos outros. Quando não fosse pelo respeito que deve a si mesmo, cumpria-lhe esforçar-se por vencer um pendor que o torna objeto de piedade. Se ponderasse que **a cólera a nada remedeia, que lhe altera a saúde e compromete até a vida**, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Mas, outra consideração, sobretudo, deveria contê-lo: a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não lhe será motivo

de remorso fazer que sofram os entes a quem mais ama? E que pesar mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que houvesse de deplorar toda a sua vida! Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se pela dominar. O espírita, ao demais, é concitado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristãs. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec; capítulo IX, item 9.) (Grifamos.)

3.) O instrutor Alexandre asseverou: "Nas moléstias da alma, como nas enfermidades do corpo físico, antes da afecção existe o ambiente. Ações produzem efeitos, sentimentos geram criações, pensamentos dão origem a formas e conseqüências de infinitas expressões. Cada um de nós é responsável pela emissão das forças lançadas em circulação nas correntes da vida. **A cólera, a desesperação, o ódio e o vício oferecem campo a perigosos germens psíquicos** na esfera da alma. E, qual acontece no terreno das doenças do corpo, o contágio nas enfermidades da alma é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleçam ambiente propício. Os homens, sobretudo os pais terrestres, com raríssimas exceções, são os primeiros a agir em prejuízo da saúde espiritual da coletividade. Entre abusos do sexo e da alimentação, desde os anos mais tenros, nada mais fazíamos que desenvolver as tendências inferiores, cristalizando hábitos malignos. Não é, pois, de admirar tantas moléstias do corpo e degenerescências psíquicas". (*Missionários da Luz*, de André Luiz, obra psicografada por Chico Xavier; cap. 4, págs. 38 e 39.) (Grifamos.)

Evidentemente, conforme dito acima, os males que, devido à cólera, acometerem outras pessoas enquadram-se no rol dos atos infelizes que deveremos reparar e certamente expiar, em face da lei de causa e efeito que rege os destinos humanos.

Quando isso se dará? Em alguns casos, pode ocorrer já na presente existência, porque, como ninguém certamente ignora, todos nós recebemos da vida o que damos a ela.

27/04/2014

Edição 360

Em carta publicada anteriormente nesta revista, a leitora Ester Rodrigues, do Rio de Janeiro (RJ), apresentou-nos as seguintes questões:

- 1) Como é vista a ideia de que o horário das 3 horas da madrugada é importantíssimo para orarmos?
- 2) Como é visto o medo?
- 3) Como é vista a preocupação?

Eis a nossa resposta:

1) Desconhecemos a existência de livros ou de mensagens que abonem a ideia de que orar às 3 horas da madrugada constitua algo relevante, mais do que em outro horário qualquer. A oração é sempre valiosa, seja qual for o momento em que for proferida. Nas obras espíritas que conhecemos é recomendada a prece

à hora de dormir e à hora de despertar, sendo que alguns autores, como Dr. Bezerra de Menezes, a recomendam também à hora das refeições de cada dia.

2) Medo e preocupação são termos que podem ser aplicados a um número grande de situações e, por isso, sem que seja especificado o motivo do medo ou da preocupação, é difícil estabelecer uma resposta precisa. Em muitos casos, esses termos se confundem e cremos que podem eles ser enquadrados numa mesma ordem de ideias.

Depois dos graves atos terroristas que ocorreram nos Estados Unidos por ocasião da derrubada das torres de Nova York, os norte-americanos passaram a ficar cada vez mais enclausurados em casa e com os hábitos bastante alterados, em resposta à ansiedade advinda da violência, da situação social e do próprio meio em que vivem, numa situação que não é peculiar apenas à sociedade norte-americana. No Brasil, o sentimento de medo nas grandes cidades, como Rio e São Paulo, tem sido mostrado com insistência nos meios de comunicação do país, onde muitas pessoas perderam até mesmo a vontade de sair à noite, pelo receio do que lhes pode acontecer, um fato que está a merecer um exame mais aprofundado de nossa sociedade.

Os efeitos decorrentes do medo foram mencionados por Kardec quando, aludindo às histórias que amedrontam as crianças, um recurso largamente usado na catequese em épocas passadas, disse que o medo pode matar e, se a tanto não chega, é capaz de desequilibrar as mentes frágeis que se impressionam facilmente com a morbidez de determinados relatos.

Segundo informações do plano espiritual, esse efeito não se verifica apenas aqui, entre os encarnados, mas ocorre também no mundo espiritual, como André Luiz mostrou em seu livro *Nosso Lar*, psicografado por Chico Xavier.

A história central dessa obra se passa na época dos conflitos da 2ª Guerra Mundial. Segundo André Luiz, as notícias dos combates travados na Europa produziram na colônia espiritual *Nosso Lar* situações de grande medo e, por vezes, de pânico, a ponto de exigir, em dado momento, a intervenção do próprio Governador da colônia.

Num certo domingo, pela manhã, grande multidão reuniu-se para ouvir a palavra do Governador. O dirigente da colônia abriu um livro, folheou-o atentamente e depois leu em voz pausada: "E ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim". Em seguida, depois de dizer ao público palavras de encorajamento, apelou para que 30 mil servidores se alistassem no trabalho de defesa da cidade, em face da guerra europeia. "Irmãos de *Nosso Lar*, não vos entreguem a distúrbios do pensamento ou da palavra", rogou-lhes o dirigente. "A aflição não constrói, a ansiedade não edifica. Saibamos ser dignos do clarim do Senhor, atendendo-lhes a Vontade Divina no trabalho silencioso, em nossos postos."

Aos olhos de André Luiz, aquela preocupação parecia excessiva, mas Narcisa prontamente informou: "É elevada a porcentagem de existências humanas estranguladas simplesmente pelas vibrações destrutivas do terror, que é tão contagioso como qualquer moléstia de perigosa propagação. O medo é um dos piores inimigos da criatura, por alojar-se na cidadela da alma, atacando as forças mais profundas". (Cf. *Nosso Lar*, cap. 42, pág. 231.)

A seguir, completando a sucessão de surpresas registradas pelo autor da obra, Narcisa acrescentou: "A Governadoria coloca o treinamento contra o medo muito acima das próprias lições de enfermagem". "A calma é a garantia do êxito." (*Obra citada*, pág. 232.)

No livro *Temas da Vida e da Morte*, psicografado por Divaldo Franco, no capítulo "Medo e responsabilidade", Manoel Philomeno de Miranda diz-nos que, tendo origem no Espírito enfermo, o medo decorreria de três causas fundamentais:

- Conflitos herdados da existência passada, quando os atos reprováveis e criminosos desencadearam sentimentos de culpa e arrependimento que não se consubstanciaram em ações reparadoras.
- Sofrimentos vigorosos que foram vivenciados no além-túmulo, quando as vítimas que ressurgiram da morte açodaram as consciências culpadas, levando-as a martírios inomináveis, ou quando se arrojavam contra quem as infelicitou, em cobranças implacáveis.
- Desequilíbrio da educação na infância atual, com o desrespeito dos genitores e familiares pela personalidade em formação, criando *fantasmas* e fomentando o temor, em virtude da indiferença pessoal no trato doméstico ou da agressividade adotada. (*Temas da Vida e da Morte - Medo e responsabilidade*, pp. 57 e 58.)

Segundo o citado autor, o medo está presente na raiz de muitos males e pode ser tão cruel que, diante de enfermidades irreversíveis e problemas graves de alto porte, é capaz de induzir sua vítima à morte pelo suicídio, numa forma extravagante de expressar o *medo de morrer* sob sofrimento demorado, gerando desse modo mais rudes aflições a se estenderem por tempo indeterminado.

É possível combater o medo?

Sim, é possível. De acordo com Manoel Philomeno de Miranda, o medo se combate orando e agindo. O hábito de desincumbir-se das tarefas nobres cria condicionamentos positivos que se vão incorporando ao *modus operandi* até fazer-se automatismo na área das realizações. O medo recua, na razão direta em que a disposição de atuar se faz mais forte, da mesma maneira que o inverso é verdadeiro. A consciência da responsabilidade é o antídoto para o medo, do que se deduz que o desejo de agir, para recuperar-se, comanda a vontade e desarticula as engrenagens maléficas que o desequilíbrio fomentou. O medo deve, pois, ser combatido com todos os valiosos recursos ao nosso alcance, desde a oração à ação feliz. (*Cf. Temas da Vida e da Morte, Medo e responsabilidade*, pp. 59 e 60.)

*

O tema medo foi examinado por autores diversos em diferentes edições de nossa revista. Eis alguns desse textos, que sugerimos sejam consultados pela leitora:

Entrevista com Kennedy Gomes Martins, psicólogo clínico radicado em Sertãozinho (SP): <http://www.oconsolador.com.br/ano5/212/entrevista.html>

"O medo e um solilóquio emocional", artigo de Eugênia Pickina: http://www.oconsolador.com.br/ano7/335/eugenia_pickina.html

"O medo e seus disfarces", artigo de Eugênia Pickina: http://www.oconsolador.com.br/29/eugenia_pickina.html

"As preocupações que merecem atenção", artigo de Gerson Simões Monteiro: http://www.oconsolador.com.br/ano3/124/gerson_monteiro.html

"Oração para vencer o medo e a insegurança", artigo de Gerson Simões Monteiro: http://www.oconsolador.com.br/ano4/182/gerson_monteiro.html

"Vacina espiritual contra o medo", artigo de Gerson Simões Monteiro: http://www.oconsolador.com.br/ano3/112/gerson_simoes.html

"Pensamentos", mensagem de Joanna de Ângelis:
<http://www.oconsolador.com.br/ano3/125/correiodiunico.html>

"O medo", mensagem de Joanna de Ângelis:
<http://www.oconsolador.com.br/ano2/94/correiodiunico.html>

O assunto foi examinado também, com bastante propriedade, pelo escritor e médium Eurípedes Kühl no seu livro *Deus, Espírito e Universo*, edição de 2009, publicada pela Editora Petit.

4/05/2014

Edição 361

O leitor Adelpho Barros, do Rio de Janeiro (RJ), em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos: Qual seria o procedimento diário mais prático e objetivo para alcançarmos gradativo progresso espiritual em nossas relações sociais?

Para alcançarmos progresso espiritual é necessário que nos aprimoremos moralmente; portanto, segundo nosso entendimento, essa pergunta foi também, com outras palavras, formulada certa vez por Allan Kardec e deu origem à questão 919 d' *O Livro dos Espíritos*.

Ei-la:

919. Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?

"Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo."

A resposta não satisfez a Kardec e, por isso, ele contra-argumentou, obtendo então as explicações adiante transcritas:

919-a. Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?

"Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava em revista o que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: 'Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?' Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

“O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e providente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não a podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo.

“Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

“Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente é a ideia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos *O Livro dos Espíritos*.” (Santo Agostinho)

A orientação dada na questão acima remete-nos a outra questão constante da mesma obra, na qual a espiritualidade afirma que nos é possível, sim, vencer nossas más inclinações e, com frequência, fazendo esforços *muito insignificantes*. O que nos falta, porém, é a vontade, é o desejo de mudar, de progredir, de aproveitar as oportunidades que Deus nos oferece em cada passagem nossa pela experiência reencarnatória.

Entendemos, assim, que nas questões a que nos reportamos está a resposta à pergunta formulada pelo leitor.

11/05/2014

Edição 362

Maria Lourença Pereira, de São Luís (MA), em carta publicada nesta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Boa noite! "É certo que o homem vem dos reinos anteriores ao da razão, percorrendo longo caminho evolutivo, desde a ameba até adentrar a humanidade, onde dá curso ao seu processo evolutivo, de posse da inteligência, da consciência e do livre-arbítrio." (Fragmentos da História pela Ótica Espírita, de Eurípedes Kühl.) Isso autoriza dizer que o homem foi mineral e vegetal antes de ser homem? (Estudo de OLE, cap. XI, 607 - 610.) Por favor, ajude-me a elaborar uma compreensão à luz da doutrina espírita.

Não, a conclusão que se pode tirar do texto citado não é essa. Nele não existe menção nenhuma relativa ao reino mineral.

Algum tempo atrás, nesta mesma revista, um confrade perguntou-nos quem escreveu a frase "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem".

Foi-lhe dito então que a ideia contida na frase acima foi expressa por Léon Denis em sua obra *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Mas a frase de Denis é diferente: "Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas" (*O Problema do Ser, do Destino e da Dor, FEB, 1989, p. 123*).

Léon Denis reporta-se, com tais palavras, à chamada evolução anímica, confirmando o entendimento espírita de que o princípio inteligente só chega à condição de Espírito depois de passar pelos reinos inferiores da Criação, em que ele se elabora e se individualiza. Ele, contudo, não inclui o reino mineral nesse processo.

De fato, na questão 607 de *O Livro dos Espíritos* lemos que o princípio inteligente se elabora e se individualiza numa série de existências que precedem o período a que chamamos humanidade: "É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos".

No cap. VI, itens 14, 15 e 19 do livro *A Gênese*, de Allan Kardec, Galileu (Espírito) confirma o que acabamos de ler, afirmando que o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Apenas a contar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

Gabriel Delanne e outros autores, como André Luiz, ratificaram tal entendimento, o que nos permite concluir que é passando pelos diversos graus da animalidade que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Chegada, então, ao grau de desenvolvimento que

esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana.

Extraímos do livro *A Reencarnação*, de Gabriel Delanne, as informações seguintes, que ajudam a dirimir possíveis dúvidas que porventura restarem:

O princípio inteligente individualiza-se, passando pelos diversos graus da espiritualidade: é aí que a alma se ensaia para a vida. (*A Reencarnação, pág. 64.*)

A individualidade do princípio pensante não é aparente nas formas inferiores. Somos obrigados a buscar no reino vegetal o exórdio da evolução anímica, porque a forma que as plantas tomam e conservam durante a vida implica a presença de um duplo perispiritual, que preside às trocas. (*Idem, pág. 70*)

Nos organismos inferiores, o princípio anímico só existe em estado impessoal difuso, pois o sistema nervoso não está diferenciado. À medida que o sistema nervoso adquire mais importância, as manifestações instintivas variam e apresentam complexidade maior. (*Idem, pág. 71*)

Pensamento semelhante o mesmo autor consignou no seu livro *A Evolução Anímica*:

Se tivermos bem de vista os fatos retrocitados, a respeito dos selvagens, compreenderemos melhor a marcha ascendente do princípio pensante, a partir das mais rudimentares formas da animalidade, até atingir o máximo do seu desenvolvimento no homem. Os povos primitivos são vestígios que demonstram as fases do processo transformista, mas tais seres que nos parecem tão degradados são, ainda assim, superiores ao nosso ancestral da época quaternária, o que nos permite compreender que não existe diferença essencial entre a alma animal e a nossa. (*A Evolução Anímica, pp. 70 e 71.*)

Concluindo, é importante que tenhamos em vista o ensinamento contido na questão 597 d' *O Livro dos Espíritos*, adiante reproduzida:

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria? "Há e que sobrevive ao corpo."

a) Será esse princípio uma alma semelhante à do homem? "É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus."

18/05/2014

Edição 363

O leitor Adelpho Barros, do Rio de Janeiro, RJ, em carta publicada nesta mesma edição, enviou-nos a seguinte pergunta:

Diante de terríveis sofrimentos pelos quais milhões de crianças inocentes estão diária e sistematicamente passando, atribuir ao simples resgate de vidas passadas não seria uma doutrina cruel?

Em resposta, diremos que agir como o leitor diz é, antes de tudo, um equívoco, um erro, uma tolice – bem contrários, aliás, ao que nos ensina o Espiritismo.

No capítulo V d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec escreveu:

Não há crer (...) que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado.

Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar.

Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação; mas, é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso. (*O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo V, item 9.*)

No capítulo VIII da 2ª Parte do livro *O Céu e o Inferno*, Kardec relata o caso de Marcel, um menino de cerca de 10 anos que se encontrava internado num hospital de província. Totalmente contorcido, já pela sua deformidade inata, já pela doença, as pernas se lhe torciam roçando pelo pescoço, num tal estado de magreza, que eram pele sobre ossos. O corpo, uma chaga; os sofrimentos, atrozes.

Marcel era oriundo de uma família israelita. A moléstia dominava aquele seu organismo havia oito longos anos, e no entanto demonstrava o enfermo uma candura, uma paciência e uma resignação edificantes.

Um dia, o menino disse ao médico que o assistia:

– Doutor, tenha a bondade de me dar ainda uma vez aquelas pílulas ultimamente receitadas.

– Para quê? replicou-lhe o médico, se já te ministrei o suficiente, e maior quantidade pode fazer-te mal...

– É que eu sofro tanto, que dificilmente posso orar a Deus para que me dê forças, pois não quero incomodar os outros enfermos que aí estão. Essas pílulas fazem-me dormir e, ao menos quando durmo, a ninguém incomodo.

O fato basta para demonstrar a grandeza daquela alma encerrada num corpo informe. Onde teria ido essa criança haurir tais sentimentos? Certo, não foi no meio em que se educou; além disso, na idade em que principiou a sofrer, não possuía sequer o raciocínio. Tais sentimentos eram-lhe inatos; mas então por que se via condenado ao sofrimento, admitindo-se que Deus houvesse concomitantemente criado uma alma assim tão nobre e aquele mísero corpo

instrumento dos suplícios? É preciso negar a bondade de Deus, ou admitir a anterioridade de causa; isto é, a preexistência da alma e a pluralidade das existências.

Os últimos pensamentos daquele menino, ao desencarnar, foram para Deus e para o caridoso médico que o assistiu por longo tempo.

Decorrido algum tempo, foi seu Espírito evocado na Sociedade de Paris, onde deu em 1863 a seguinte comunicação:

"A vosso chamado, vim fazer que a minha voz se estenda para além deste círculo, tocando todos os corações. Oxalá seu eco se faça ouvir na solidão, lembrando-lhes que as agonias da Terra têm por premissas as alegrias do céu; que o martírio não é mais do que a casca de um fruto delectável, dando coragem e resignação.

"Essa voz lhes dirá que, sobre o catre da miséria, estão os enviados do Senhor, cuja missão consiste na exemplificação de que não há dor insuperável, desde que tenhamos o auxílio do Onipotente e dos seus bons Espíritos. Essa voz lhes fará ouvir lamentações de mistura com preces, para que lhes compreendam a harmonia piedosa, bem diferente da de coros de lamentações mescladas com blasfêmias.

"Um dos vossos bons Espíritos, grande apóstolo do Espiritismo, cedeu-me o seu lugar por esta noite. Por minha vez, também me compete dizer algo sobre o progresso da vossa Doutrina, que deve auxiliar em sua missão os que entre vós encarnam para aprender a sofrer. O Espiritismo será a pedra de toque; os padecentes terão o exemplo e a palavra, e então as imprecações se transformarão em gritos de alegria e lágrimas de contentamento." (*O Céu e o Inferno, 2ª Parte, cap. VIII.*)

Kardec perguntou-lhe: – Pelo que afirmais, parece que os vossos sofrimentos não eram expiação de faltas anteriores.

O Espírito de Marcel respondeu:

Não seriam uma expiação direta, mas asseguro-vos que todo sofrimento tem uma causa justa. Aquele a quem conhecestes tão mísero foi belo, grande, rico e adulado. Eu tivera turiferários e cortesãos, fora fútil e orgulhoso. Anteriormente fui bem culpado; reneguei Deus, prejudiquei meu semelhante, mas expiei cruelmente, primeiro no mundo espiritual e depois na Terra. Os meus sofrimentos de alguns anos apenas, nesta última encarnação, suportei-os eu anteriormente por toda uma existência que ralou pela extrema velhice. Por meu arrependimento reconquistei a graça do Senhor, o qual me confiou muitas missões, inclusive a última, que bem conheceis. E fui eu quem as solicitou, para terminar a minha depuração. Adeus, amigos; tornarei algumas vezes. A minha missão é de consolar, e não de instruir. Há, porém, aqui muitas pessoas cujas feridas jazem ocultas, e essas terão prazer com a minha presença. (Marcel)

Essa mania – tão comum em certos meios – de apontar supostas causas para determinados fatos deve ser evitada, sobretudo pelas pessoas que usam a

tribuna ou se valem da imprensa para divulgar os ensinamentos espíritas. Trata-se da prática do conhecido *achismo*, que somente prejudica e em nada beneficia a divulgação da doutrina espírita.

Se não temos condições nem conhecimento de causa para formular uma explicação ou dar uma resposta a determinada pergunta, basta dizer: *Não sei*; e, conforme o caso: *Não sei, mas vou pesquisar e então lhe darei a resposta*. Agir de forma diferente é prestar um desserviço à doutrina que abraçamos.

25/05/2014

Edição 364

Uma leitora pergunta-nos se uma pessoa pode fugir ao programa reencarnatório por ela mesma traçado.

A resposta é sim, e o fato parece que é mais comum do que imaginamos.

A razão disso é que o ser humano é dotado da capacidade de tomar decisões e, em determinadas situações, pode perfeitamente desviar-se do rumo inicialmente projetado.

O livre-arbítrio é, como sabemos, apanágio do Espírito humano.

Na obra de Kardec, o assunto é tratado com clareza no item 872 de *O Livro dos Espíritos*, em que o codificador da doutrina espírita afirma que o livre-arbítrio se exerce de duas formas diferentes. Na erraticidade ocorre o planejamento; na existência de encarnado ocorre a execução, que pode ou não atender ao que foi programado.

Existem também, além dos desvios de rumo, os casos de reprogramação, em que, para atender a uma emergência, pode ser dado novo rumo à história de uma pessoa. Exemplos disso encontramos na *Série Nosso Lar*, de André Luiz. Um dos casos é quando o esposo se suicida, deixando a mulher sem o arrimo necessário ao cumprimento de suas tarefas. Um segundo matrimônio na vida dessa mulher pode perfeitamente ser estabelecido, com a ajuda dos Protetores espirituais.

Quanto à fuga do programa reencarnatório, cita-se como um exemplo marcante o caso de Otávio, narrado no cap. 7 do livro *Os Mensageiros*, que adiante resumimos.

Após contrair dívidas enormes em outro tempo, o Espírito de Otávio fora recolhido por irmãos dedicados da colônia espiritual "Nosso Lar", que se revelaram incansáveis para com ele. Otávio preparou-se, então, durante trinta anos consecutivos, para voltar à Terra em tarefa mediúnica, desejoso de saldar suas contas e elevar-se na senda da perfeição.

O Ministério da Comunicação da colônia "Nosso Lar" favoreceu-o com todas as facilidades e seis entidades, em especial, movimentaram os maiores recursos em benefício do seu êxito.

O matrimônio não estava nas suas cogitações; o caso de Otávio assim o exigia. Não obstante solteiro, deveria ele receber aos vinte anos os seis amigos que muito trabalharam por ele em "Nosso Lar", os quais, de acordo com a programação, chegariam ao seu círculo como órfãos.

Otávio deveria enfrentar no início dificuldades crescentes. Depois lhe chegariam os socorros materiais, à medida que fosse testemunhando renúncia, desprendimento e desinteresse por remuneração.

Sua mãe era espiritista desde moça, mas desencarnou quando Otávio contava treze anos de idade. O pai casou-se segunda vez e, apesar da bondade e

cooperação que a madrasta lhe oferecia, Otávio colocou-se num plano de falsa superioridade em relação a ela, passando a viver revoltado, entre queixas e lamentações descabidas.

Levado a um grupo espírita de excelente orientação evangélica, faltaram-lhe as qualidades de trabalhador e companheiro fiel, porque o rapaz nutria desconfiança com relação aos orientadores espirituais e revelava um pendor acentuado para a crítica dos atos alheios.

Otávio tanto duvidou, que os apelos espirituais foram levados à conta de alucinações. Levado a um médico, este lhe aconselhou experiências sexuais e o rapaz, aos 19 anos, passou a entregar-se desenfreadamente ao abuso do sexo. Pouco tempo depois, seu pai também desencarnou e Otávio contava menos de 23 anos quando a madrasta, agora viúva, foi recolhida a um leprosário, deixando na orfandade seis crianças. Com a mulher fora do lar, era Otávio quem deveria cuidar dos meninos, mas, tomado de horror, ele afastou-se de casa, abandonando-os definitivamente, sem refletir que lançava a um destino incerto exatamente os seis amigos generosos que tanto o ajudaram na colônia "Nosso Lar".

Fugindo assim ao programa meticulosamente traçado, o rapaz se envolveu com uma mulher, casou-se com ela e recebeu como filho uma entidade monstruosa ligada à esposa, criatura de condição muito inferior à sua.

Seu lar passou a ser então um tormento constante até que ele regressou ao plano espiritual, mal tendo completado 40 anos, roído pela sífilis, pelo álcool e pelos desgostos, sem nada haver feito de útil para o seu futuro eterno.

1º/06/2014

Edição 365

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Paulo R. Prospero, de São Carlos (SP), pergunta-nos se existe algum tipo de critério que analise a real evolução positiva de um Centro espírita, ou seja, quão útil ele está sendo aos frequentadores e à população? Tem como medir qual é o "melhor" numa região para se frequentar?

Já tratamos em nossa revista de uma questão parecida.

Na oportunidade, o leitor indagava quais são os sinais e em que situações podemos considerar que determinado Centro Espírita deixou de ser assistido pelos Bons Espíritos e passou a ser controlado pelos Espíritos inferiores.

Para evitar emitir uma mera opinião pessoal, recorreremos à colaboração de diversos companheiros que escrevem regularmente nesta revista. Com a participação dos confrades, elaboramos então a nossa resposta, que adiante sintetizamos:

1. São inúmeros os fatos que podem sugerir-nos que algo não vai bem na condução de um Centro Espírita, e talvez seja muito difícil enumerar todos eles. Eis, contudo, alguns fatos que concorrem para colocar em risco as atividades de um Centro Espírita:

- a. Definição e busca de objetivos distorcidos ou equivocados.
- b. Falta de rotatividade na escolha dos dirigentes do Centro.
- c. Prática do guiismo, pela qual o Centro Espírita se fia exclusivamente no que diz seu guia espiritual, ainda quando sua orientação se revele absurda ou contraditória.

- d. Adoção de práticas inadequadas, incompatíveis com as obras de Allan Kardec.
- e. Ausência de fraternidade e de harmonia; disputas entre dirigentes ou trabalhadores; diz-que-diz; intrigas; ciúmeiras exageradas; melindres; médiuns não assíduos; trabalhadores em conflito.
- f. Atendimento mediúnico dado a problemas exclusivamente materiais.
- g. Formação de grupos que se apegam a cargos.
- h. Inexistência de estudos doutrinários regulares.
- i. Falta de interação com outras Casas Espíritas ou com os órgãos de Unificação, a federativa estadual e os órgãos que a representam.
- j. Inexistência de atividades de assistência e promoção social.
- k. Realização de promoções para arrecadar recursos por meio de bingos, jogos de azar ou atividades, como os jantares dançantes, em que o álcool esteja presente.

2. Se determinado Centro Espírita se encontra sob a influência de Espíritos inferiores e enganadores, é claro que é possível reverter a situação e resgatar a simpatia dos Benfeitores espirituais, porque, em verdade, eles não se afastam efetivamente; apenas aguardam a boa vontade, a boa determinação e as boas ações dos dirigentes do Centro, o que fará com que voltem. Dá-se aí algo parecido com a atuação dos chamados anjos de guarda ou protetores espirituais, como nos é dito na questão 495 d' *O Livro dos Espíritos*.

A oração, a decisão séria de mudança, a eliminação dos fatores acima citados, a busca da harmonia e da paz, aliadas a promoções doutrinárias que ergam o nível das atividades da Casa, eis ações que aos poucos farão com que o Centro Espírita volte ao caminho do qual jamais deveria ter-se afastado.

Segundo Miguel Vives y Vives, os Centros Espíritas devem ser a Cátedra do Espírito da Verdade, porque, se não servirem ao Espírito de luz, sofrerão a influência do Espírito das trevas. Não há fórmula para atrair os Espíritos de luz; por isso, é necessário observar algumas regras para atraí-los e fazer-lhes agradável a permanência nas reuniões. Assim, os Centros Espíritas devem ser casas de amor, de caridade, de indulgência, de perdão, de humildade, de abnegação, de virtude, de bondade e de justiça, a fim de que possam atrair os Bons Espíritos. (Cf. *O Tesouro dos Espíritas, 1ª Parte, Guia Prático para a Vida Espírita, tradução de J. Herculano Pires, págs. 107 a 115.*)

Creemos que as observações acima podem dar ao leitor os subsídios necessários para que ele mesmo obtenha a resposta ao que nos perguntou.

8/06/2014

Edição 366

Um amigo radicado em Campinas (SP) enviou-nos uma interessante pergunta, redigida nestes termos:

– É comum vermos aqui no Brasil o nome de J. Herculano Pires associado a eventos promovidos por confrades que divulgam o pensamento laico, segundo o qual o Espiritismo não seria uma religião. Afinal, Herculano Pires também tinha esse pensamento? Que é que ele escreveu sobre o assunto?

Não, J. Herculano Pires não comungava essa ideia.

O que ele escreveu sobre a natureza religiosa do Espiritismo é bastante claro e bem conhecido. O leitor pode conferir suas ideias lendo a tradução d' *O Livro dos Espíritos* que ele fez, a pedido da LAKE, por ocasião das comemorações do centenário da mencionada obra, ideias essas por ele reiteradas quando da publicação pela Edicel do livro *O Tesouro dos Espíritos*, de Miguel Vives y Vives. Escreveu Herculano Pires:

"A religião espírita se traduz em espírito e verdade. O que interessa a Deus não é a precária exterioridade dos ritos e do culto convencional, quase sempre vazio: é o pensamento e o sentimento do homem. A adoração da divindade é uma lei natural, tanto quanto a lei de gravidade. O homem gravita para Deus como a pedra gravita para a Terra e esta para o Sol. Mas as manifestações exteriores da adoração não são necessárias.

"No item 653 vemos a clara resposta dos Espíritos a respeito: '*A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, pensai sempre que o Senhor vos observa*'. A vida contemplativa é condenada, porque inútil, assim também a monacal, pois Deus não quer o cultivo egoísta do sentimento religioso, mas a prática da caridade, a experiência viva e constante do amor, através das relações humanas.

"*O Livro dos Espíritos* não deixa de lado o problema do culto religioso, que necessita manifestar a sua religiosidade: essa manifestação se verifica nas formas naturais de adoração, uma das quais é a prece. Pela prece o homem pensa em Deus, aproxima-se dele, põe-se em comunicação com ele. É o que vemos a partir do item 658. Pela prece, o homem pode evoluir mais depressa, elevar-se mais rapidamente sobre si mesmo. Mas a prece também não pode ser apenas formal. Por ela, podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer a Deus, mas desde que o façamos com o coração, e não apenas com os lábios.

"Temos assim a religião espírita, que mais tarde se definirá de maneira mais objetiva ou direta em *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Uma religião psíquica, como a chamou Conan Doyle, equivalente à 'religião dinâmica' de Bergson. No capítulo V da *Conclusão* Kardec afirma: '*O Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, e porque sobretudo mostra essas penas e recompensas como conseqüências naturais da vida terrena, oferecendo um quadro do futuro em que nada pode ser contestado pela mais exigente razão*'. Enfim: religião positiva, baseada nas leis naturais, destituída de aparatos misteriosos e de teologia imaginosa." (Introdução ao Livro dos Espíritos, redigida por J. Herculano Pires por ocasião da edição especial da LAKE, comemorativa do centenário d' *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1957.)

Anos mais tarde, no livro *O Tesouro dos Espíritos*, por ele traduzido, Herculano Pires voltou ao tema. Eis então, de forma sintética, o que ele escreveu:

O Espiritismo é a Religião em espírito e verdade, de que Jesus falou à mulher samaritana. Mas há espíritas que não compreendem isso e negam a religião espírita. "É possível tirarmos do Espiritismo a fé em Deus e a lei da caridade?" (*O Tesouro dos Espíritos*, p. 174.)

Todo o problema, que tanta celeuma tem levantado entre alguns irmãos intelectuais, se resume na falta de compreensão do que seja religião. Os confrades antirreligiosos gastam tinta e papel em quantidade por quererem provar um absurdo. "Alegam que Kardec se recusou a chamar o Espiritismo de religião. Mas o próprio Kardec explicou por que o evitou – não se recusou, mas apenas evitou – chamar o Espiritismo de religião: não queria confundir uma doutrina de luz e liberdade com as organizações dogmáticas e fanáticas do mundo religioso." (*Obra citada, pp. 174 e 175.*)

Todo homem de cultura hoje compreende que religião não é igreja, mas sentimento. Henri Bergson ensinou que há dois tipos de religião: a social, que é dogmática e estática, e a individual, que é livre e dinâmica. Assim pensava também Henrique Pestalozzi, para quem a religião verdadeira é a Moralidade. Vemos aí um dos motivos por que Kardec dizia que o Espiritismo tem consequências morais, em vez de referir-se a consequências religiosas. "Hoje em dia, o Codificador não teria dúvida em falar de religião, porque o conceito atual de religião é muito mais amplo." (*Obra citada, pp. 175 e 176.*)

O Espiritismo tem três aspectos, como sabemos: o científico, no qual ele se apresenta como ciência de observação e investigação, tratando dos fenômenos espíritas; o filosófico, no qual procura interpretar os resultados da investigação científica e dar-nos uma visão nova do mundo; e o religioso, no qual nos ensina como aplicar, na vida prática, os princípios da filosofia espírita. "Queremos, acaso, ficar apenas nos princípios, sem aplicá-los?" (*Obra citada, p. 176.*)

15/06/2014

Edição 367

Uma amiga, estudiosa dos assuntos espíritas, pergunta-nos se ainda prevalece, no meio espírita, a informação constante do cap. V de "O Livro dos Médiuns", relativa ao fenômeno de transporte, em que, indagado se um objeto pode ser trazido a um lugar inteiramente fechado, Erasto assim respondeu:

"É complexa esta questão. O Espírito pode tornar invisíveis, porém, não penetráveis, os objetos que ele transporte; não pode quebrar a agregação da matéria, porque seria a destruição do objeto. Tornando este invisível, o Espírito o pode transportar quando queira e não o libertar senão no momento oportuno, para fazê-lo aparecer. De modo diverso se passam as coisas, com relação aos que compomos. Como nestes só introduzimos os elementos da matéria, como esses elementos são essencialmente penetráveis e, ainda, como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados, com a mesma facilidade com que os raios solares atravessam uma placa de vidro, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto num lugar que esteja hermeticamente fechado, mas isso somente neste caso". (*O Livro dos Médiuns, cap. V, item 99.*)

Segundo nosso entendimento, não prevalece a informação acima, visto que a experiência comprovou que um objeto e mesmo um ser vivo podem ser introduzidos, sim, em um recinto hermeticamente fechado. As provas disso são fartas e podem ser vistas no livro "Fenômenos de Transporte", de Ernesto Bozzano, tradução de Francisco Klörs Werneck, Edições FEESP, 4ª edição, publicada em março de 1995.

Como sabemos, são de Allan Kardec as seguintes palavras:

"O Espiritismo (...) não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará." (*A Gênese, cap. I, item 55.*)

Explicando o processo pelo qual o transporte pode se dar, mesmo estando o recinto hermeticamente fechado, fato observado por experimentadores diversos em inúmeras oportunidades, Ernesto Bozzano diz que os "transportes" são produzidos por força de um processo de desintegração e reintegração molecular rapidíssima dos objetos transportados, salvo uma variante que não muda, de modo algum, os processos, isto é, a vontade operante se serve, às vezes, de processo idêntico praticando um furo nas portas, janelas, paredes, introduzindo, nesse espaço, um objeto em um ambiente hermeticamente fechado, sem desintegrá-lo. Essa segunda forma seria utilizada no transporte de seres vivos. De fato, Bozzano já havia notado que em alguns casos os objetos transportados estavam quentes, e outras vezes, normais. O "Espírito-guia" informou, então, que quando os objetos estavam quentes, isto acontecia porque eles haviam desintegrado de modo fulminante a matéria que constituía o objeto transportado. No caso em que o objeto chegava termicamente normal, isto acontecia porque, em vez de desintegrar o objeto, eles haviam desintegrado a madeira da porta ou da janela. (*Cf. Fenômenos de Transporte, pp. 61 e 62.*)

Segundo Bozzano, sempre foram concordantes as informações dadas pelos Espíritos nas sessões realizadas, embora médiuns diversos delas houvessem participado. Numa dessas sessões, o Espírito-guia "Cristo d'Angelo" explicou: "Para os transportes pequenos, fazem-se desmaterialização e a materialização dos objetos; para os transportes grandes, a desmaterialização de um ponto nas portas e nas paredes".

André Luiz examinou a questão no cap. 28 do seu livro "Nos Domínios da Mediunidade", obra psicografada pelo médium Chico Xavier, em que relata um interessante fato que adiante resumimos:

Findo o trabalho medicamentoso, um Espírito tomou pequena porção das forças materializantes do médium sobre as mãos e afastou-se, para trazer, daí a instantes, algumas flores que foram distribuídas com os irmãos encarnados, no intuito de sossegar-lhes a mente

excitadida. O Assistente explicou: "É o transporte comum, realizado com reduzida cooperação das energias medianímicas. Nosso amigo apenas tomou diminuta quantidade de força ectoplásmica, formando somente pequeninas cristalizações superficiais do polegar e do indicador, em ambas as mãos, a fim de colher as flores e trazê-las até nós". Hilário observou a facilidade com que a energia ectoplásmica atravessou a matéria densa, porque o Espírito, usando-a nos dedos, não encontrou qualquer obstáculo na transposição da parede. Aulus lembrou-lhe que também as flores transpuseram o tapume de alvenaria, penetrando o recinto graças ao concurso de técnicos bastante competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato. O Assistente informou que, caso houvesse utilidade, um objeto poderia ser removido da sala de sessões para o exterior, com a mesma facilidade. "As cidadelas atômicas, em qualquer construção da forma física, não são fortalezas maciças, qual acontece em nossa própria esfera de ação. O espaço persiste em todas as formações e, através dele, os elementos se interpenetram", explicou Aulus. (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 28, pp. 268 a 270.*)

Acreditamos que a informação fornecida por André Luiz, além de bastante clara, constitui um dado a mais para consolidar o que Ernesto Bozzano tão bem explicou em sua obra, que deveria, a bem da verdade, ser mencionada, em nota de rodapé, pelas editoras que vêm republicando "O Livro dos Médiuns", obra em que está igualmente superada a informação relativa ao tema possessão, que o tempo revelou estar incorreta, como o próprio Codificador admitiu posteriormente.

22/06/2014

Edição 368

Recebemos de uma pessoa residente em Uberaba (MG), que se identificou apenas com o primeiro nome, uma carta via internet datada de 13 de junho, redigida nos seguintes termos:

"O espiritismo não tem nada a ver com o cristianismo, toda fé cristã se baseia na crença de que Jesus é o único Filho de Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu a mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. O cristianismo prega também a ressurreição da carne sendo que o espiritismo não acredita nem que Jesus seja filho de Deus muito menos que ressuscitou.

A palavra Cristo significa O Ungido. Os seguidores de Jesus são chamados de cristãos porque acreditam que Jesus é o Cristo, ou Messias, sobre quem falam as profecias da Tanakh (que os cristãos conhecem como Antigo Testamento), sendo assim qualquer crença que não reconhece a divindade de Jesus não pode ser considerado cristã." (sic)

Não costumamos responder a cartas com conteúdos assim, porque é óbvio que ela foi enviada por uma pessoa que professa a religião católica e que tem, obviamente, o direito de pensar como lhe aprouver.

O Espiritismo, como Allan Kardec deixou bem claro no capítulo I de seu livro *O que é o Espiritismo*, não adota a prática do proselitismo nem procura forçar convicção alguma. Com efeito, na obra em causa Kardec escreveu:

“O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas conseqüências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se dirige, pois, àqueles que em nada creem *ou que de tudo duvidam*, e o número desses não é pequeno, como muito bem sabeis; os que têm fé religiosa e a quem *esta fé satisfaz*, dele não têm necessidade. Àquele que diz: ‘Eu creio na autoridade da Igreja e não me afasto dos seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites’, o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção.

(...)

A seus olhos, toda crença, quando sincera e não permita ao homem fazer mal ao próximo, é respeitável, mesmo que seja errônea. Se alguém fosse por sua consciência arrastado a crer, por exemplo, que é o Sol que gira ao redor da Terra, nós lhe diríamos: ‘Acreditei-o se quiserdes, porque isso não fará que esses dois astros troquem os seus papéis’; mas, assim como não procuramos violentar-vos a consciência, respeitai também a nossa. Se transformardes, porém, uma crença, de si mesma inocente, em instrumento de perseguição, ela então se tornará nociva e pode ser combatida.

Tal é, senhor abade, a linha de conduta que tenho seguido com os ministros dos diversos cultos que a mim se hão dirigido. Quando eles me interpelaram sobre alguns pontos da Doutrina, dei-lhes as explicações necessárias, abstendo-me de discutir certos dogmas de que o Espiritismo não se quer ocupar, por serem todos os homens livres em suas apreciações; nunca, porém, fui procurá-los no propósito de lhes abalar a fé por meio de qualquer pressão.” (*O que é o Espiritismo, capítulo I, Terceiro Diálogo – O Padre.*)

Não temos, pois, ao escrever estas notas, intenção nenhuma de convencer o missivista, mas somente esclarecer dois lamentáveis equívocos que ele cometeu em sua carta, frutos certamente da pressa com que a redigiu.

O primeiro equívoco foi confundir Cristianismo com Igreja Católica Romana.

Ao longo de sua história, como poucos ignoram, o Cristianismo vem resistindo bravamente aos inúmeros cismas e às disputas teológicas diversas que resultaram na criação de muitas igrejas distintas. A Igreja Católica Romana é apenas um dos seus ramos, como também o são a Igreja Ortodoxa e as Igrejas protestantes.

O Cristianismo professado nos primeiros séculos, antes que o Catolicismo dele se apossasse, era inteiramente destituído de dogmas ou rituais e sua fonte exclusiva eram os ensinamentos de Jesus.

A Igreja Católica Romana, ao contrário do que apregoam seus adeptos, não tem sua origem nos ensinamentos de Jesus ou de seus apóstolos. No Novo Testamento não há referência à divindade do Cristo, ao pecado original, ao papado, à adoração a Maria, ao batismo dos bebês, às ordenações da Igreja

que estabeleceram os sacramentos, à confissão auricular, ao sacerdócio organizado, ao purgatório, às indulgências e a uma série de rituais que lembram as práticas do paganismo e destoam inteiramente da singeleza com que viviam e exercitavam sua crença os apóstolos do Cristo.

Um indivíduo, tanto quanto uma doutrina, pode, portanto, considerar-se cristão sem que professe as ideias católicas. O vocábulo cristão diz respeito ao Cristianismo, não ao Catolicismo, como se pode ler em qualquer dicionário.

É exatamente isso que ocorre no tocante aos espíritas e ao Espiritismo, que não estabeleceu moral diferente da ensinada por Jesus, fato que Allan Kardec deixou bem claro na Introdução d' *O Livro dos Espíritos*, sua principal obra: "A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações".

*

O outro equívoco do autor da carta diz respeito à suposta desconsideração que os espíritas e a doutrina espírita teriam com relação a Jesus.

Quem pensa assim e o diz publicamente revela que jamais leu uma obra espírita e, por isso, não poderia julgá-la, porque constitui princípio elementar que para julgar uma obra é preciso, primeiro, conhecê-la.

Ora, na questão 625 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, lemos:

625. Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? "**Jesus.**"

Nota de Allan Kardec: "Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como **o mais perfeito modelo** e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava". (Grifamos)

Na Introdução d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Kardec escreveu:

"Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o **ensino moral**. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, o **roteiro infalível para a felicidade**

vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.”
(Grifamos)

Bastam as referências acima para que o leitor se informe sobre o que o Espiritismo nos fala sobre Jesus e seus ensinamentos. Contudo, caso queira o leitor saber mais, sugerimos que leia o artigo “Como o Espiritismo vê Jesus e a moral cristã”, que publicamos na edição 36 desta revista. Eis o *link* que remete o interessado ao texto: <http://www.oconsolador.com.br/36/especial.html>

Há na carta do missivista católica outros pontos que mereciam ser analisados, mas isso alongaria por demais estes comentários. Sugerimos, então, aos interessados pelo assunto que vejam nos livros *Cristianismo e Espiritismo*, de Léon Denis, e *A esquina de pedra*, de Wallace Leal V. Rodrigues, como surgiu a Igreja Católica Romana e de que maneira, sorrateiramente, a singeleza dos ensinamentos e dos exemplos de Jesus foi enxertada com práticas e ideias estranhas, para acomodação dos interesses dos que então se encontravam à frente da Igreja.

Um exemplo desses enxertos é exatamente a propalada divindade de Jesus, citada na carta, uma ideia que provocou discussões durante três séculos e foi rejeitada por três concílios, até que, insistindo no assunto, seus partidários conseguiram aprová-la no ano de 325, em Niceia, nos seguintes termos: “A Igreja de Deus, católica e apostólica, anatematiza os que dizem que houve um tempo em que o Filho não existia, ou que não existia antes de haver sido gerado”.

Jesus passou a ser considerado desde então, no seio do Catolicismo, não mais um homem - o filho de Deus -, mas uma divindade - alguém que jamais foi gerado -, em contradição formal com as opiniões dos apóstolos e com as palavras dele próprio, que com frequência se designava *Filho do homem*, raramente se chamava *Filho de Deus* e nunca se declarou Deus. (Cf. *Cristianismo e Espiritismo*, de Léon Denis, pp. 73 a 83.)

29/06/2014

Edição 369

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, o leitor Gilson Villa diz ter lido há muito tempo em um dos livros de Léon Denis uma estranha informação segundo a qual um Espírito teria reencarnado em um corpo de menino vivo, que contava então cerca de sete ou nove anos. Dito isso, o leitor pergunta-nos: – Tem como vocês me responderem se realmente eu li corretamente isso ou estou equivocado?

O leitor está, obviamente, equivocado.

A reencarnação inicia-se na concepção, portanto no momento em que o corpo começa a se formar. A ligação entre o corpo da criança e o perispírito que reveste a alma processa-se molécula a molécula e se completa com o nascimento do bebê.

Esse é o ensinamento firmado nas obras de Allan Kardec, e Léon Denis não pensava de forma diferente.

Com efeito, lemos no seu livro *O Grande Enigma*, 7ª edição, publicada pela FEB:

“A união da alma e do corpo começa com a concepção e só fica completa na ocasião do nascimento. No intervalo da concepção ao

nascimento, as faculdades da alma vão, pouco a pouco, sendo aniquiladas pelo poder sempre crescente da força vital recebida dos geradores, que diminui o movimento vibratório do perispírito. Esta diminuição vibratória do envoltório fluídico produz a perda da lembrança das vidas anteriores." (*O Grande Enigma*, págs. 192 e 193.)

Em *O Livro dos Espíritos*, a principal obra da doutrina espírita, o assunto é tratado com clareza na questão seguinte:

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

"A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito que então solta anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus." (*O Livro dos Espíritos*, questão 344.)

No mês de julho de 1860, a *Revista Espírita* publicou, da lavra de Allan Kardec, a informação adiante reproduzida, que reforça o ensinamento a que nos reportamos:

"Sabe-se que, no momento da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer é tomado por uma perturbação, que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até as proximidades do nascimento. Neste momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo e não começa a recobrar as ideias senão no momento em que a criança respira. Só então é que se torna completa e definitiva a união entre o Espírito e o corpo." (*Revista Espírita de julho de 1860*.)

Correram os anos e em 1868, com a publicação de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, Kardec legou-nos uma explicação mais detalhada e demorada acerca do assunto:

"Logo que o Espírito deva se encarnar num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que não é outro senão uma expansão do perispírito, o amarra ao germe sobre o qual ele se encontra lançado por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, une-se molécula a molécula com o corpo que se forma; de onde se pode dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, toma, de alguma forma, raiz neste germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa e, então, ele nasce à vida exterior." (*A Gênese*, cap. XI, item 18.)

Sobre o tema sugerimos ao leitor que leia também os textos abaixo, ambos publicados em nossa revista:

Especial: "A união da alma com o corpo"

<http://www.oconsolador.com.br/ano2/98/especial.html>

O Espiritismo responde

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/167/oespiritismoresponde.html>

6/7/2014

Edição 370

Com a fidalguia que se espera de um espírita verdadeiro, três leitores de nossa revista – Leandro Cosme Oliveira Couto (Belo Horizonte, MG), Luiz Alberto Cunha da Silva (Viamão, RS) e Fernando Rosemberg Patrocínio (Uberaba, MG) –, conforme mensagens publicadas na seção de Cartas desta mesma edição, estranharam a resposta dada à leitora Zilma Dias Keown na edição 369 desta revista.

Eis a mensagem recebida da leitora:

De: Zilma Dias Keown (Jacksonville – Flórida, Estados Unidos)

Sexta-feira, 20 de junho de 2014 às 14:27:33

Boa tarde! Gostaria muito de saber se Maria mãe de Jesus teve outros filhos além de Jesus. Li a respeito no livro *A Gênese*, mas, burrinha como sou, não entendi muito bem. Desde já agradeço-lhe pela atenção.

Zilma

Eis o que lhe foi respondido:

“A questão proposta pela leitora não foi jamais examinada por Kardec nem, ao que sabemos, por nenhum autor espírita. Sempre que esse assunto vem à baila, dizemos o que está escrito em nota de rodapé constante da pág. 11 da edição do Novo Testamento publicada em 1980 por LEB – Edições Loyola, a saber: o Novo Testamento não conhece outros filhos de Maria, nem de José; nunca, em nenhuma passagem do NT, ninguém é chamado filho de Maria, a não ser Jesus, e nunca, em nenhum texto, de ninguém Maria é chamada mãe, a não ser de Jesus.”

A estranheza dos leitores acima citados prende-se ao fato de que o próprio Allan Kardec referiu-se no cap. XIV d’*O Evangelho segundo o Espiritismo* aos irmãos de Jesus, o que, para eles, é uma clara evidência de que José e Maria tiveram outros filhos. Além da referência feita a Kardec, os leitores mencionaram várias passagens do Novo Testamento em que se faz alusão aos irmãos de Jesus, fato que serviria como comprovação do que o Codificador do Espiritismo escreveu.

Não ignoramos que Kardec e o Novo Testamento fizeram referência ao termo “irmãos”, aludindo com isso a Jesus de Nazaré, mas é preciso convir, como dissemos inicialmente, que o Novo Testamento, em nenhum de seus livros, fala sobre “filhos” de Maria. E foi essa, exatamente essa, a questão tratada na resposta dada à leitora Zilma Dias Keown.

Ela não perguntou se Jesus teve “irmãos”: ela perguntou se Maria teve outros “filhos”, o que é coisa bem diferente.

Filhos de Jacó, José e Benjamim, cuja mãe se chamava Raquel, tinham dez irmãos e uma irmã de nome Dina. Raquel, porém, foi mãe apenas de dois filhos, visto que os outros filhos de Jacó e irmãos de José e Benjamim foram gestados por Bala (Dan e Nefthali), Zelfa (Gad e Aser) e Lia (Ruben, Simeão, Levi, Judá, Isacar e Zabulon).

O Novo Testamento faz, realmente, diversas referências aos “irmãos” de Jesus, como mostram os trechos abaixo:

E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor. Gálatas 1:19

Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos. Atos 1:14

Não temos nós direito de levar conosco uma esposa crente, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas? Ou só eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar? 1 Coríntios 9:5-6

Chegaram, então, seus irmãos e sua mãe; e, estando fora, mandaram-no chamar. E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram, e estão lá fora. E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? Marcos 3:31-33

E, chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se admiravam, dizendo: De onde lhe vêm estas coisas? e que sabedoria é esta que lhe foi dada? e como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão? e não estão aqui conosco suas irmãs? E escandalizavam-se nele. Marcos 6:2-3

E, falando ele ainda à multidão, eis que estavam fora sua mãe e seus irmãos, pretendendo falar-lhe. E disse-lhe alguém: Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, que querem falar-te. Ele, porém, respondendo, disse ao que lhe falara: Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? Mateus 12:46-48

E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam, e diziam: De onde veio a este a sabedoria, e estas maravilhas? Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? De onde lhe veio, pois, tudo isto? Mateus 13:54-56

Disseram-lhe, pois, seus irmãos: Sai daqui, e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. Porque não há ninguém que procure ser conhecido que faça coisa alguma em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. Porque nem mesmo seus irmãos criam nele. João 7:3-5

Tantas passagens não permitem que se negue o fato. Mas – perguntamos – o termo “irmãos” usado por Paulo e pelos evangelistas teria o sentido estrito que damos usualmente a essa palavra?

Carlos Torres Pastorino estudou meticulosamente o assunto e chegou a uma conclusão diferente da opinião dos nossos três leitores.

Segundo Pastorino, como se pode ler em sua obra *Sabedoria do Evangelho - Volume 2*, os quatro personagens citados como “irmãos” de Jesus – Tiago, José, Simão e Judas – seriam, em verdade, **primos-irmãos** de Jesus, parentesco que costumava ser abreviado com a simples palavra “irmão”.

Alguns pais da Igreja, como Orígenes, Epifânio, Gregório de Nissa, Hilário, Ambrósio e Eusébio, entendiam que eles fossem filhos de José, frutos de um primeiro matrimônio que o pai de Jesus teria tido, hipótese que Jerônimo refutou. Na obra de Pastorino a que nos reportamos, os interessados podem verificar as fontes em que Pastorino se baseou para expressar suas conclusões.

Registra o evangelista João, na parte final de suas anotações, uma passagem importante que dá apoio ao pensamento de Pastorino.

Ei-la:

“E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas, e Maria Madalena. Ora, Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.” (*João 19:25-27.*)

Eis os comentários feitos por Pastorino à passagem transcrita:

“Foi quando Jesus cômico de si e com todas as Suas energias, percorreu o olhar pelas pessoas ali presentes, e proferiu as frases curtas e incisivas: Mulher, eis teu filho (*gynai, híde ho huiós sou*). Com isso nomeava João, o discípulo amado, como Seu substituto legal no afeto de Maria. Voltando-se, depois, para João, ratifica o mesmo legado: eis tua mãe (*híde hê mêtêr sou*). E o evangelista acrescenta: e desde essa hora, tomou-a o discípulo como coisa própria (*eis tà ídia*), ou a seu cargo.

(...)

Anotemos, de passagem, que se Maria tivesse tido outros filhos, ou mesmo enteados (filhos do primeiro matrimônio de José), esse gesto de Jesus tem ensanchas de magoá-los profundamente. Daí termos aceitado, desde o início, a hipótese da expressão ‘irmãos de Jesus’, como sendo seus primos irmãos.

(...)

João, a essa época, parece que contava cerca de 21 ou 22 anos. A partir daí, João manteve Maria a seu lado, tendo-a levado para Éfeso, segundo a tradição, onde ela veio a falecer muitos anos depois.” (*Sabedoria do Evangelho, Volume 8, p. 154 a 158.*)

No cap. 5 do livro *Boa Nova*, psicografia de Chico Xavier, Humberto de Campos (Espírito) diz que Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados “os irmãos do Senhor”, à vista de suas profundas afinidades afetivas.

Quanto à informação de que Maria foi efetivamente morar em Éfeso com o evangelista João, o cap. 30 da mesma obra é recheado de preciosas informações, que vale a pena ler.

Eis alguns trechos do citado capítulo:

Maria deixou-se enlaçar pelo discípulo querido e ambos, ao pé do madeiro, em gesto súplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cúmulo dos tormentos. Foi aí que a fronte do divino supliciado se moveu vagarosamente, revelando perceber a ansiedade daquelas duas almas em extremo desalento. “Meu filho! Meu amado filho!” exclamou a mártir, em aflição diante da serenidade daquele olhar de melancolia intraduzível.

O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quisesse demonstrar, no instante derradeiro, a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes: “Mãe, eis aí teu filho!.

. .” E dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: “Filho, eis aí tua mãe!”

(...)

Após a separação dos discípulos, que se dispersaram por lugares diferentes, para a difusão da Boa Nova, Maria retirou-se para a Betânia, onde alguns parentes mais próximos a esperavam com especial carinho. Os anos começaram a rolar, silenciosos e tristes, para a angustiada saudade de seu coração.

Tocada por grandes dissabores, observou que, em tempo rápido, as lembranças do filho amado se convertiam em elementos de ásperas discussões, entre os seus seguidores. Na Batânia, pretendia-se manter uma certa aristocracia espiritual, por efeito dos laços consanguíneos que ali a prendiam, em virtude dos elos que a ligavam a José. Em Jerusalém, digladiavam-se os cristãos e os judeus, com veemência e acrimônia. Na Galileia, os antigos cenáculos simples e amáveis da Natureza estavam tristes e desertos.

Para aquela mãe amorosa, cuja alma digna observava que o vinho generoso de Caná se transformara no vinagre do martírio, o tempo assinalava sempre uma saudade maior no mundo e uma esperança cada vez mais elevada no céu.

Sua vida era uma devoção incessante ao rosário imenso da saudade, às lembranças mais queridas. Tudo que o passado feliz edificara em seu mundo interior revivia na tela de suas lembranças, com minúcias somente conhecidas do amor, e lhe alimentavam a seiva da vida.

Relembrava o seu Jesus pequenino, como naquela noite de beleza prodigiosa, em que o recebera nos braços maternos, iluminado pelo mais doce mistério. Figurava-se-lhe escutar ainda o balido das ovelhas que vinham, apressadas, acercar-se do berço que se formara de improviso.

E aquele primeiro beijo, feito de carinho e de luz? As reminiscências envolviam a realidade longínqua de singulares belezas para o seu coração sensível e generoso. Em seguida, era o rio das recordações desaguando, sem cessar, na sua alma rica de sentimentalidade e ternura. Nazaré lhe voltava à imaginação, com as suas paisagens de felicidade e de luz. A casa singela, a fonte amiga, a sinceridade das afeições, o lago majestoso e, no meio de todos os detalhes, o filho adorado, trabalhando e amando, no erguimento da mais elevada concepção de Deus, entre os homens da Terra. De vez em quando, parecia vê-lo em seus sonhos repletos de esperança. Jesus lhe prometia o júbilo encantador de sua presença e participava da carícia de suas recordações.

A esse tempo, o filho de Zebedeu, tendo presentes as observações que o Mestre lhe fizera da cruz, surgiu na Batânia, oferecendo àquele espírito saudoso de mãe o refúgio amoroso de sua proteção. Maria aceitou o oferecimento, com satisfação imensa.

E João lhe contou a sua nova vida. Instalara-se definitivamente em Éfeso, onde as ideias cristãs ganhavam terreno entre almas devotadas e sinceras. Nunca olvidara as recomendações do Senhor e, no íntimo, guardava aquele título de filiação como das mais altas

expressões de amor universal para com aquela que recebera o Mestre nos braços veneráveis e carinhosos.

Maria escutava-lhe as confidências, num misto de reconhecimento e de ventura.

João continuava a expor-lhe os seus planos mais insignificantes. Levá-la-ia consigo, andariam ambos na mesma associação de interesses espirituais. Seria seu filho desvelado, enquanto receberia de sua alma generosa a ternura maternal, nos trabalhos do Evangelho. Demorara-se a vir, explicava o filho de Zebedeu, porque lhe faltava uma choupana, onde se pudessem abrigar; entretanto, um dos membros da família real de Adiabene, convertido ao amor do Cristo, lhe doara uma casinha pobre, ao sul de Éfeso, distando três léguas aproximadamente da cidade.

A habitação simples e pobre demorava num promontório, de onde se avistava o mar. No alto da pequena colina, distante dos homens e no altar imponente da Natureza, se reuniram ambos para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Estabeleceriam um pouso e refúgio aos desamparados, ensinariam as verdades do Evangelho a todos os espíritos de boa-vontade e, como mãe e filho, iniciariam uma nova era de amor, na comunidade universal.

Maria aceitou alegremente. Dentro de breve tempo, instalaram-se no seio amigo da Natureza, em frente do oceano. Éfeso ficava pouco distante; porém, todas as adjacências se povoavam de novos núcleos de habitações alegres e modestas.

A casa de João, ao cabo de algumas semanas, se transformou num ponto de assembleias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por espíritos humildes e sinceros.

Maria externava as suas lembranças. Falava dele com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas, apreciando os ensinamentos recebidos. Vezes inúmeras, a reunião somente terminava noite alta, quando as estrelas tinham maior brilho. E não foi só. Decorridos alguns meses, grandes fileiras de necessitados acorriam ao sítio singelo e generoso. A notícia de que Maria descansava, agora, entre eles, espalhara um clarão de esperança por todos os sofredores. Ao passo que João pregava na cidade as verdades de Deus, ela atendia, no pobre santuário doméstico, aos que a procuravam exibindo-lhe suas úlceras e necessidades. Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de "Casa da Santíssima". (*Boa Nova, cap. 30.*)

Se Maria tivesse outros filhos, motivo nenhum haveria para ser levada para tão longe, seguindo o evangelista João, que para ali havia ido por imposição do Sinédrio, como é relatado em minúcias no livro *Paulo e Estêvão*, de autoria de Emmanuel, psicografia de Chico Xavier.

Esperamos que estas observações satisfaçam a todos aqueles que se interessam pelo assunto de que ora tratamos, conquanto não tenhamos a pretensão de haver esgotado o palpitante tema.

13/7/2014

Edição 371

Uma leitora de Curitiba pergunta-nos se as expressões "lei de causa e efeito" e "lei de ação e reação" são, na conceituação espírita, equivalentes.

A resposta é sim. Trata-se de expressões que têm o mesmo significado e sintetizam como funciona, em verdade, a justiça divina.

Emmanuel revela em seus textos clara preferência pela primeira – "lei de causa e efeito" –, o que é fácil verificar compulsando sua vasta obra.

J. Herculano Pires, um dos autores espíritas mais aclamados, prefere a expressão "lei de ação e reação", com o mesmo sentido da primeira. Curiosamente, no cap. 20 do livro *Na Era do Espírito*, Herculano utiliza ambas as expressões numa mesma frase. Ei-la: "(...) como vemos na mensagem de Emmanuel, o Espiritismo só admite o divórcio nos casos extremos, ensinando que as obrigações morais assumidas na vida terrena têm a sanção da lei divina de causa e efeito, de ação e reação".

A preferência pela expressão "lei de ação e reação" é visível também na obra de André Luiz, que até a aproveitou para título de um de seus livros, *Ação e Reação*, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier e publicada em 1957 pela Federação Espírita Brasileira.

No cap. 9 dessa obra, comentando uma observação feita por André Luiz, o assistente Silas afirmou:

"Você tem razão, André, a **lei é de ação e reação**... A ação do mal pode ser rápida, mas ninguém sabe quanto tempo exigirá o serviço da reação, indispensável ao restabelecimento da harmonia soberana da vida, quebrada por nossas atitudes contrárias ao bem... Por isso mesmo, recomendava Jesus às criaturas encarnadas: `reconcilia-te depressa com o teu adversário, enquanto te encontras a caminho com ele...'. É que Espírito algum penetrará o Céu sem a paz de consciência, e, se é mais fácil apagar as nossas querelas e retificar nossos desacertos, enquanto estagiamos no mesmo caminho palmilhado por nossas vítimas na Terra, é muito difícil providenciar a solução de nossos criminosos enigmas, quando já nos achamos mergulhados nos nevoeiros infernais". (*Ação e Reação*, capítulo 9, pp. 128 a 130.) (Grifamos)

Eis alguns exemplos de uso das expressões ora examinadas:

1) "Todos precisamos de misericórdia, mas a misericórdia, como Deus nos mostra em sua **lei de ação e reação**, não é a aprovação de erros e ilusões – e sim a correção e o esclarecimento." (J. Herculano Pires, em *Astronautas do Além*, cap. 1.)

2) "As enfermidades congênitas nada mais são que reflexos da posição infeliz a que nos conduzimos no pretérito próximo, reclamando-nos a internação na esfera física, às vezes por prazo curto, para tratamento da desarmonia interior em que fomos comprometidos. Surgem, porém, outras cambiantes dos reflexos do passado na existência do corpo, da culpa disfarçada e dos remorsos ocultos. São plantações de tempo certo que a **lei de ação e reação** governa, vigilante, com segurança e precisão." (Emmanuel, em *Pensamento e Vida*, cap. 14.)

3) "Efetivamente, amas aos filhos adotivos com a mesma abnegação com que te empenhas a construir a felicidade dos rebentos do próprio sangue. Entretanto, não lhes ocultes a realidade da própria situação para que não te oponhas à **Lei de Causa e Efeito** que os trouxe de novo ao teu convívio, a fim

de olvidarem os desequilíbrios passionais que lhes marcavam a conduta em outro tempo.” (Emmanuel, em *Astronautas do Além*, cap. 4.)

4) “O parente que se te instalou no caminho por obstáculo dificilmente transponível... Abençoa-o e ampara-o, quanto puderes. As **leis de causa e efeito**, tanto quanto os princípios de afinidade, não funcionam sem razão.” (Emmanuel, em *Astronautas do Além*, cap. 24.)

5) “Nada acontece por acaso. Tudo resulta da **lei de causa e efeito**. E todo efeito tem um sentido: o da evolução. Todos somos Espíritos faltosos e sofremos as provas que pedimos antes de encarnar. Temos dívidas coletivas a resgatar. Mas além do resgate espera-nos a liberdade, a paz, o progresso. Os jovens que morreram foram poupados de sofrimentos futuros numa vida em que a doença, a velhice e a morte são o salário de todos nós.” (J. Herculano Pires, em *Na Era do Espírito*, cap. 3.)

6) “Por outro lado, os princípios **de causa e efeito** dispõem da sua própria penalogia ante a Divina Justiça. Cada qual de nós traz em si e consigo os resultados das próprias ações. Ninguém foge às leis que asseguram a harmonia do Universo.” (Emmanuel, em *Na Era do Espírito*, cap. 12.) (Grifamos)

Embora Kardec não tenha utilizado as expressões citadas, o princípio que as rege está claramente colocado no seguinte texto constante do cap. V d’*O Evangelho segundo o Espiritismo*:

“Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias **são efeitos que não de ter uma causa** e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas **não escapa nunca às consequências de suas faltas**. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: Perdoa-me, Senhor, porque pequei.

Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, **sofre o que fez sofrer aos outros**. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc.

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a

distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, itens 6 e 7.) (Grifamos)

20/7/2014

Edição 372

Em carta publicada nesta edição, o leitor Nilson Furtado dos Santos, de Brasília (DF), apresenta-nos o seguinte questionamento:

Tudo que acontece é com a permissão de Deus. O L.E., questão 853, diz que ninguém morre antes da hora. No caso do suicida a sua morte estaria acontecendo antes da hora?

Vejamos inicialmente o que dizem a questão 853, mencionada pelo leitor, e a questão 854 d’ *O Livro dos Espíritos*:

853. Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade? “Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos.”

a) Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos? “Não; não perecerás e tens disso milhares de exemplos. Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes seu Espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência.”

854. Do fato de ser infalível a hora da morte, poder-se-á deduzir que sejam inúteis as precauções que tomemos para evitá-la? “Não, visto que **as precauções que tomais** vos são sugeridas com o fito de evitardes a morte que vos ameaça. São um dos **meios empregados para que ela não se dê.**” (Grifamos)

Da leitura das questões transcritas colhemos:

- que é fatal o instante da morte;
- que são necessárias precauções para evitar que ela ocorra antes do prazo.

O suicídio, conforme expõe a doutrina espírita, pode ser voluntário ou involuntário. O voluntário se dá quando o indivíduo põe termo à vida de forma deliberada, em face de um motivo qualquer. O suicídio involuntário ocorre

quando a pessoa não toma as precauções necessárias para preservação da vida física. O uso do álcool de forma excessiva e de outras substâncias que podem causar a morte enquadra-se perfeitamente nisso.

Em qualquer caso, o suicídio representa uma interferência na ordem natural das coisas e Deus o permite porque conferiu à criatura humana o livre-arbítrio.

Valendo-se da liberdade de agir, que a Lei natural lhe confere, a pessoa sabe que se sujeita ao rigor da Justiça Divina e às consequências de seus atos, as quais, com relação ao suicídio, não são nada agradáveis. A obra *Memórias de um Suicida*, obra mediúnica recebida por Yvonne A. Pereira, é uma prova contundente a respeito do assunto.

Emmanuel focalizou o tema na questão 146 de seu livro *O Consolador*, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Ei-la:

146 – É fatal o instante da morte? “Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alcançando-a para a luz e para o bem.

Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigoso para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo.

Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.”

Respondendo, pois, objetivamente, à pergunta do leitor, podemos afirmar, com toda a certeza, que a morte causada pelo suicídio ocorre, sim, antes da hora inicialmente prevista.

Sobre o tema morte, sugerimos ao leitor que leia também o texto publicado nesta mesma seção na edição 297 desta revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano6/297/o espiritismo responde.html>

27/7/2014

Edição 373

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Francisco Tangarife, de Cali, Colômbia, enviou-nos as seguintes perguntas:

Buen dia, por favor me ayudan con las siguientes preguntas:

En que momento y bajo que circunstancias se da el proceso de individualizacion del principio inteligente?

Se puede considerar ese proceso como evolucion del principio inteligente o se da a causa del determinismo Divino?

Muchas gracias por su ayuda.

Francisco Tangarife

Cali – Colômbia

Lembremos de início que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. “São eles obra de Deus”, diz-nos a questão 77 d’*O Livro dos Espíritos*. Mas, diferentemente do que pensamos, eles não surgem assim, de repente, prontos e acabados, pois são, em verdade, o produto de uma elaboração a que o princípio inteligente se submete, em uma série de existências que precedem o período a que chamamos Humanidade.

O assunto é tratado na questão 607 da obra mencionada:

– Dissestes que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.” (*O Livro dos Espíritos*, 607.)

– Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não? “Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da madureza. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconhecei a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.” (*L.E.*, 607 – a.)

– Esse período de humanização principia na Terra? “A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa, geralmente, em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.” (*L.E., 607 – b.*)

No cap. VI do livro *A Gênese*, Galileu (Espírito) confirma o que acabamos de ler afirmando que o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá o livre-arbítrio, a consciência e a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualização. Apenas a contar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades.

Gabriel Delanne e outros autores, como André Luiz, ratificaram esse entendimento.

Anotamos na obra de Delanne as informações que abaixo reproduzimos:

Nos organismos inferiores, o princípio anímico só existe em estado impessoal difuso, pois o sistema nervoso não está diferenciado. (*A Reencarnação, tradução de Carlos Imbassahy, FEB, pág. 71.*)

À medida que o sistema nervoso adquire mais importância, as manifestações instintivas variam e apresentam complexidade maior. (*Obra citada, ibidem.*)

Enquanto a vida se apresenta difusa, como no caso dos animais inferiores, e enquanto todas as células podem viver individualmente, sem auxílio de outras, o princípio inteligente mal se revela nítido, visto que nos seres rudimentares apenas se constata a irritabilidade, isto é, a reação a uma influência exterior e nenhuma sensibilidade distinta. Mas, logo que surge o sistema nervoso, desde o instante em que as funções animais nele se concentram, a comunidade viva transforma-se em indivíduo, pois a partir daí o princípio inteligente assume a direção do corpo e manifesta a sua presença com os primeiros claros do instinto. (*A Evolução Anímica, pág. 96.*)

A maior parte dos animais vertebrados possui um sistema nervoso bastante desenvolvido. Seu sistema nervoso central é composto pelo cérebro e medula espinal. Com base em Delanne, podemos deduzir que é neles, nos animais vertebrados, que o princípio inteligente é individualizado e pode, por conseguinte, ser chamado de “alma”. Assim, o chimpanzé é dotado de “alma”. Claro que estamos falando de alma de animal, diferente da alma humana. Segundo André Luiz, a alma dos animais não é capaz de gerar pensamento contínuo, que é um atributo inerente à “alma” humana ou Espírito, ou seja, um ser que já pertence ao seio da Humanidade.

*

Quanto à segunda pergunta, parece-nos claro que o progresso contínuo é inerente aos seres, aos povos e aos mundos. Essa marcha ascendente obedece

a uma das leis naturais que regem a vida – a Lei do Progresso –, que é tratada no cap. VIII, questões 776 e seguintes, d’*O Livro dos Espíritos*. Trata-se, portanto, de um determinismo divino a que nem mesmo os Espíritos, embora dotados de livre-arbítrio, podem fugir.

3/8/2014

Edição 374

Em carta publicada nesta mesma edição, uma leitora radicada na Holanda diz ter estranhado o que Kardec escreveu na Revista Espírita sobre o Islã. Segundo ela diz, o Alcorão teria várias passagens que induzem à violência e ao ódio. E mais: o que os jihadistas estão fazendo agora não é nada que não esteja incluso no Alcorão.

É bom lembrar que o Antigo Testamento contém igualmente passagens em que a indução à guerra e à violência é bastante explícita. Aliás, a chamada Terra da Promissão não foi dada por Deus ao povo conduzido por Moisés, mas tomada à força, mediante a agressão, a guerra e a morte.

Não conhecemos o inteiro teor do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, mas podemos deduzir que determinadas passagens mencionadas pela leitora talvez se devam ao fato de que se trata de uma obra mediúnica que foi certamente publicada sem o necessário exame, algo tão importante quando se trata da publicação de obras supostamente ditadas por Espíritos.

Segundo Léon Denis, Maomé, o fundador do Islã, redigiu o Alcorão sob o ditado de um Espírito, que adotou, para se fazer escutar, o nome e a aparência do anjo Gabriel. (Cf. *No Invisível*, 3ª Parte. XXVI - A mediunidade gloriosa.)

Acerca das faculdades mediúnicas de Maomé, assim escreveu E. Bonnemère: “Maomé caía de vez em quando num estado que metia medo aos que em torno se achavam. Nesses momentos em que sua personalidade lhe fugia e ele se sentia subjugado por uma vontade mais poderosa que a sua, subtraía-se às vistas estranhas. Os olhos, desmesuradamente abertos, se tornavam fixos e sem expressão; imóvel, Maomé parecia invadido por um desfalecimento que nada lograva dissipar. Em seguida, pouco a pouco, a inspiração fluía, e ele escrevia, com vertiginosa rapidez, o que vozes misteriosas lhe ditavam”.

A natureza mediúnica do Alcorão é também citada por Kardec em dois longos artigos publicados na Revista Espírita de 1866, dos quais extraímos as informações seguintes.

No princípio a religião dos árabes consistia na adoração de um Deus único, a cuja vontade o homem devia ser completamente submisso. Essa religião, que era a de Abraão, chamava-se Islã e os que a professavam diziam-se muçulmanos, isto é, submetidos à vontade de Deus. Pouco a pouco, porém, o puro Islã degenerou em grosseira idolatria. Cada tribo tinha seus deuses e seus ídolos e isso foi a causa de muitas guerras entre elas.

Havia, contudo, em certas tribos homens piedosos que adoravam a Deus único e repeliam o culto dos ídolos. Chamados Hanyfas, eram eles os verdadeiros muçulmanos, que conservavam a fé pura do Islã, embora fossem pouco numerosos e com escassa influência sobre as massas.

Nascido em Meca no dia 27 de agosto de 570, no seio da tribo dos Coraychitas, uma das mais importantes da Arábia, Maomé tinha o espírito meditativo e sonhador e um caráter de uma solidez e maturidade tão precoces, que seus

companheiros o designavam pelo sobrenome de El-Amin, "o homem seguro, o homem fiel".

Mesmo quando jovem e pobre, convocavam-no às assembleias da tribo para os negócios mais importantes. Fazia parte, então, de uma associação formada entre as principais famílias coraychitas, cujo objetivo era prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça.

Até os 49 anos, quando morreu sua esposa Khadidja, sua vida pacífica nada apresentara de saliente. Apenas um fato o tirou um instante da obscuridade. Foi quando, estando Maomé com 35 anos, os coraychitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava ruína. Sua intervenção numa polêmica suscitada na época satisfez a todos.

Aos 40 anos, no monte Hira, teve ele uma visão durante o sono: o anjo Gabriel lhe apareceu mostrando-lhe um livro que o aconselhou a ler. Três vezes resistiu a essa ordem e só para escapar ao constrangimento sobre ele exercido é que consentiu em o ler. Ao despertar, disse ter sentido "que um livro tinha sido escrito em seu coração", frase posteriormente tomada ao pé da letra por seus seguidores.

Maomé ficou profundamente perturbado em sua visão e, tendo voltado ao monte Hira, presa da mais viva agitação, julgou-se possuído por Espíritos malignos e ia precipitar-se do alto de um rochedo quando uma voz se fez ouvir: "Ó Maomé! tu és enviado de Deus; eu sou o anjo Gabriel!" Então, levantando os olhos, viu o anjo sob forma humana, que desapareceu pouco a pouco no horizonte. Essa nova visão aumentou-lhe a perturbação, embora a esposa se esforçasse por acalmá-lo.

Varaka, primo dela, velho afamado por sua sabedoria e convertido ao Cristianismo, lhe disse: "Se o que acabas de dizer é verdade, teu marido foi visitado pelo grande Nâmous, que outrora visitou Moisés; ele será profeta deste povo". A missão de Maomé não foi, pois, um cálculo premeditado de sua parte, porque ele mesmo só se convenceu depois de nova aparição do anjo. Nesse período, ele era sujeito a desfalecimentos e sínopes.

O Alcorão não é uma obra escrita por Maomé com a cabeça fria e de maneira continuada, mas o registro feito por seus amigos das palavras que pronunciava quando inspirado. Nesses momentos, ele caía num estado extraordinário e apavorante; o suor corria-lhe da frente; os olhos tornavam-se vermelhos; ele soltava gemidos e a crise terminava geralmente por uma síncope que durava mais ou menos tempo, estando ele em casa, montado em seu camelo ou em meio à multidão. "A inspiração", diz Kardec, "era irregular e instantânea, e ele não podia prever o momento em que seria tomado." (Revista Espírita de 1866, pág. 233.)

Mais tarde, quando tomou a sério seu papel de reformador, Maomé falava mais com conhecimento de causa e misturava às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, conforme os lugares e as circunstâncias, acreditando, talvez de boa-fé, falar em nome de Deus. O fato, porém, é que os fragmentos do que ele pronunciara, destacados e recolhidos em diversas épocas, em número de 114, formam no Alcorão as suratas ou capítulos. Esparsos durante sua vida, foram reunidos após sua morte num corpo oficial de doutrina, pelos cuidados de Abu-Becr e de Omar. Os mais diferentes assuntos são aí tratados, e apresentam uma tal confusão e tão numerosas repetições, que uma leitura seguida é penosa e fastidiosa para quem quer que não seja um fiel.

As primeiras prédicas de Maomé foram secretas durante os primeiros dois anos, em que ele se ligou a cerca de 50 adeptos, entre membros de sua família e amigos.

Foi em Medina que Maomé mandou construir a primeira mesquita, em que trabalhou com as próprias mãos e organizou um culto regular. Ali ele pregou pela primeira vez em 623. Dois anos após instalar-se em Medina, os Coraychitas de Meca, unidos a outras tribos hostis, sitiaram a cidade. Maomé teve de defender-se, iniciando-se para ele um período guerreiro que durou dez anos e durante o qual se mostrou um tático hábil. Como a guerra era o estado normal daqueles povos, que só conheciam o direito da força, ao chefe era necessário o prestígio da vitória para firmar sua autoridade. A persuasão exercia efeito reduzido sobre aquela gente turbulenta e uma grande mansuetude teria sido tomada como fraqueza. É por isso que, mesmo sem querer, o grande líder fez-se guerreiro.

O sucesso de Maomé em tantas batalhas foi realmente notável, pois, com exceção de um dos primeiros combates, em 625, em que foi ferido e os muçulmanos derrotados, suas armas foram sempre vitoriosas, a ponto de em poucos anos submeter a Arábia inteira à sua lei. Maomé pôde, então, entrar triunfalmente em Meca, após dez anos de exílio, seguido por perto de cem mil peregrinos, realizando ali a célebre peregrinação dita de adeus, cujos ritos os muçulmanos conservaram escrupulosamente, porque no mesmo ano, dois meses depois de seu regresso a Medina, em 8 de junho de 632, ele morreu.

Sobre Maomé e sua obra, Kardec destaca os seguintes pontos que achamos importante transcrever:

1. É um equívoco, disseminado pelos adversários de Maomé, apresentá-lo como um indivíduo ambicioso, sanguinário e cruel.
2. Também não se deve torná-lo responsável pelos excessos de seus sucessores, que pretenderam conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho.
3. Maomé, mesmo em meio aos seus sucessos, havendo chegado ao topo de sua glória, fechou-se no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica: não se fez rei, nem potentado e jamais se manchou, na vida privada, por nenhum ato de barbárie ou de cupidez.
4. Se o papel de guerreiro lhe foi uma necessidade e se esse papel pode escusá-lo de certos atos políticos, há, no entanto, alguns senões que ele poderia ter evitado, como a consagração da poligamia em sua religião, que foi o seu mais grave erro, pois isso opôs uma barreira entre o Islamismo e o mundo civilizado.
5. Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé esqueceu que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, era preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso que o masculino.
6. Apesar de suas imperfeições, o Islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que apareceu e para o país onde surgiu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. A religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas, por isso é que todas as tentativas para a implantar nessas regiões tinham falhado.
7. Compreendendo os homens de seu tempo, Maomé deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter.

8. Bastante simples, o Islamismo prega a crença num Deus único, que vê nossas ações mais secretas e que premia ou castiga, numa outra vida, os atos que cometemos. O culto islâmico consiste na prece, repetida cinco vezes por dia, nos jejuns e mortificações do mês de *ramadã*, e em certas práticas, como as abluções diárias, a abstenção do vinho, das bebidas inebriantes e da carne de certos animais.

9. A sexta-feira foi adotada como o dia santo da semana e Meca indicada como o ponto para o qual todo muçulmano deve voltar-se ao orar.

10. A atividade pública nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Alcorão.

11. A proibição de reproduzir pela pintura ou escultura qualquer ser vivo foi feita visando a destruir a idolatria e impedir que ela se renovasse.

12. A peregrinação a Meca, que todo fiel deve realizar ao menos uma vez na vida, é um ato religioso, mas seu objetivo na época era aproximar, por um laço fraternal, as diversas tribos inimigas, reunindo-as num mesmo lugar consagrado.

13. A religião muçulmana admite o Antigo Testamento por inteiro, até mesmo Jesus, que reconheceu como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus foram enviados por Deus para ensinar a verdade aos homens. Como os Dez Mandamentos, o Evangelho é a palavra de Deus, mas os cristãos teriam alterado o seu sentido.

14. No último discurso que pronunciou em Meca, pouco antes de sua morte, Maomé aconselhou seus seguidores a que fossem humanos e justos, guardando-se de cometer injustiça, porque um dia todos apareceremos diante do Senhor e ele pedirá contas de nossas ações.

Das suratas selecionadas por Kardec, eis algumas frases marcantes que permitem aquilatar o valor da referida obra:

“Deus não exigirá de nós senão conforme as nossas forças.”

“Jamais digas: Farei isto amanhã, sem acrescentar: se for a vontade de Deus.”

“Deus exalta as boas obras, mas pune rigorosamente o celerado que trama perfídias.” “Nada no céu e na terra pode opor-se às vontades do Altíssimo.”

“Jesus é filho de Maria, enviado do Altíssimo e seu Verbo.”

“Crede em Deus e nos apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é uno.”

“Os que sustentam a trindade de Deus são blasfemos; há apenas um só Deus.”

“Se te acusarem de imposturas, responde-lhes: Tenho por mim as minhas obras; que as vossas falem em vosso favor.”

“Fazei prece, dai esmolas; o bem que fizerdes encontrareis junto a Deus, pois ele vê as vossas ações.”

“Para ser justificado não basta virar o rosto para o Oriente e para o Ocidente; é preciso ainda crer em Deus, no juízo final, nos anjos, no Alcorão, nos profetas. É preciso pelo amor de Deus socorrer o próximo, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e os que demandam.”

“Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, perdoai-lhe o tempo; ou se quiserdes fazer melhor, perdoai-lhe a dívida.”

“A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto a Deus, que odeia a violência.”

“Deus ama a beneficência.”

“Os jardins do Éden serão a habitação dos justos.”

Em face de conselhos tão sensatos e justos, alguém há de perguntar: – Como podem partidários do Islã valer-se do Alcorão para cometer atos de barbárie e terrorismo?

Não nos custa, porém, refrescar a memória e lembrar os desmandos da Inquisição, que ao longo dos séculos perseguiu e matou um número incalculável de pessoas, uma mancha inapagável da Igreja de Roma, que agiu ao arrepio do que recomenda o Evangelho do reino.

10/8/2014

Edição 375

O leitor Alex Gonçalves, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos:

- Olá, o fato de alguns médiuns cobrarem dinheiro para "consultas espirituais" e para operar curas, mesmo que seja pouco e digamos que seja para manter a casa espírita, é algo errado?

Sim, é errado cobrar pelo exercício da mediunidade, sobretudo se seu objetivo for a cura de uma pessoa.

Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, foi muito claro quando tratou desse tema. Segundo ele, os médiuns devem conceder ao exercício da faculdade mediúnica seu tempo livre, seus momentos de lazer, sem pretender com isso obter nenhuma recompensa de ordem material.

Essa orientação continua mais atual do que nunca, visto que a mediunidade, no sentido com que o Espiritismo a apresenta, jamais poderá ser transformada em profissão ou fonte de renda.

Aliás, trata-se de uma recomendação que remonta a Jesus de Nazaré. "Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido", eis o que o Mestre recomendou aos seus discípulos, querendo com isso dizer que ninguém deve cobrar por um dom – o dom da cura – que o Pai nos concedeu graciosamente.

A mediunidade, como uma luz que brilha na carne, é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, a quem ela enriquece no capítulo da virtude e da inteligência sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo. "Os atributos medianímicos – assevera Emmanuel – são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da Seara da verdade e do amor." (O Consolador, item 389.)

Complementando a explicação, afirmou Emmanuel: "Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos". (Obra citada.)

Mediunidade – advertem os mentores espirituais – não basta só por si. É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos, para conhecer da qualidade de nosso trabalho e ajuizar de nossa direção. O médium moralizado, que encontra na vivência evangélica a conduta de vida, é uma pessoa de bem,

que procura ser humilde, sincero, paciente, perseverante, bondoso, estudioso e trabalhador. E cumpre o mandato mediúnico com amor.

No exercício da mediunidade com Jesus, ou seja, na perfeita aplicação dos seus valores a benefício da criatura humana, em nome da caridade, é que o ser atinge a plenitude das suas funções e faculdades, convertendo-se em celeiro de bênçãos, semeador da saúde espiritual e da paz nos diversos terrenos da vida humana.

Para que não existam dúvidas com relação à pergunta formulada pelo leitor, eis algumas lições colhidas na obra de Kardec, em que ele reafirma o que foi acima mencionado:

“O Espiritismo também reconhece como profanação chamar os mortos levemente, por motivos fúteis e, sobretudo, para fazer disto profissão lucrativa.” (Revista Espírita de 1863, Edicel, págs. 140 e seguintes.)

“Tendo sido divulgado por determinada sonâmbula que o Espírito de Jobard lhe havia dado uma comunicação recomendando aos médiuns cobrar as consultas dos ricos e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários, Kardec resolveu, sem contar a ninguém, fazer a seguinte experiência: pediu a seis médiuns que perguntassem a Jobard se ele havia ditado referida mensagem, tendo, porém, o cuidado de não contar a nenhum deles que a mesma pergunta fora proposta aos outros médiuns. Recolhidas as comunicações obtidas pelos médiuns sr. Leymarie, sra. Costel, sr. Rul, sr. Vézy, sra. Delanne e sr. d’Ambel, em todas o Espírito de Jobard desmentiu a propalada comunicação e reiterou sua convicção de que a mediunidade não pode, em nenhuma hipótese, ser objeto de exploração pecuniária.” (Revista Espírita de 1864, Edicel, págs. 368 a 374.)

“Comentando o resultado da experiência, Kardec reafirmou sua conhecida postura contrária à exploração da mediunidade, lembrando que Jesus e seus apóstolos não marcavam preço às suas palavras nem aos seus cuidados, conquanto não tivessem renda com que viver. Nossos esforços - diz Kardec - tenderão sempre a preservar o Espiritismo da invasão da venalidade. O momento presente é o mais difícil, mas, à medida que a doutrina for melhor compreendida, essa invasão será menos de temer.” (Revista Espírita de 1864, págs. 374 a 377.)

“O sr. Home foi intimado a deixar Roma em três dias. Mas, segundo Kardec, o sr. Home não é rico e dirigiu-se a Roma para aperfeiçoar-se na arte da escultura. Kardec lembra que Home poderia ser muito rico, se quisesse explorar sua notável faculdade mediúnica. Ele sabia, porém, que essa faculdade lhe foi dada com um fim providencial e seria um sacrilégio convertê-la em profissão. A mediunidade seria não pode ser e jamais será uma profissão. Explorá-la é dispor de uma coisa da qual não se é dono; é desviá-la de seu objetivo providencial.” (Revista Espírita de 1864, págs. 33 a 35.)

“Referindo-se a uma senhora dotada de notável faculdade tiptológica e inteiramente devotada à causa do Espiritismo, Kardec aproveita o ensejo para explicar por que a faculdade mediúnica não pode constituir uma profissão ou ser objeto de comércio. Assevera, então, o Codificador: I) A mediunidade não é um talento, e não existe senão pelo concurso de um terceiro. Se este se recusa, não há mais mediunidade; a aptidão pode existir, mas seu exercício estará anulado. II) Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino. III) Não é apenas contra a cupidez que os médiuns devem pôr-se em guarda. IV) Há um perigo, de certo modo maior, pois a ele todos estão expostos: é o orgulho, que põe a perder um grande número. V) O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. VI) Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são qualidades do médium amado pelos bons Espíritos.” (Revista Espírita de 1866, págs. 75 a 77.)

“O desinteresse material é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora. Como a faculdade mediúnica nada lhe custou, o médium curador deve usá-la gratuitamente. Diferente será a posição dos médicos-médiuns, porque o exercício da medicina é uma profissão que precisa ser remunerada como qualquer outra e foi adquirida a título oneroso. Porque um médico tornou-se médium e é assistido por Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar à remuneração. Se ele o fizer, viverá de quê?” (Revista Espírita de 1867, págs. 305 e 306.)

17/8/2014

Edição 376

A leitora Manuela Marina, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos se a criança adotada faz parte de nossa família espiritual.

É difícil generalizar e, por conseguinte, dizer que sim, que uma criança que adotamos faz parte de nossa família espiritual. Podemos, contudo, afirmar que existem vínculos muito fortes entre o casal que adota e o filho adotado. A adoção dessa ou daquela criança não ocorreria, portanto, por mero acaso, mas seria algo perfeitamente previsível nas inúmeras possibilidades de nossa passagem pela experiência reencarnatória.

Não há na literatura espírita muitas informações a respeito do assunto, que, no entanto, não passou despercebido na obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier, como o leitor pode conferir lendo o livro *Astronautas do Além*, obra escrita em parceria por Francisco Cândido Xavier e José Herculano Pires, com a participação de Emmanuel e inúmeros outros Espíritos.

No capítulo 5 da obra citada, Chico Xavier divulgou a seguinte informação:

“Nossa reunião pública foi precedida de muitos comentários, por parte de vários amigos que nos visitavam a instituição, procedentes de cidades diversas. Parecia-nos, porém, que estavam com encontro marcado para estudar a questão dos filhos adotivos. As perguntas e opiniões eram de variado aspecto. ‘Devemos dar

conhecimento aos filhos adotivos da condição em que se encontram conosco?’ – indagavam alguns casais.

As respostas variavam. Muitos companheiros se manifestavam a favor da realidade clara, enquanto outros se expressavam de maneira contrária, acreditando que a verdade devia permanecer sempre velada para eles, de modo a que não fossem chocados negativamente.

Atingido o horário para a reunião e iniciadas as nossas tarefas, *O Evangelho segundo o Espiritismo* nos ofereceu para estudo o item 8 do capítulo XIV, em conexão com o assunto em debate. ‘Filhos Adotivos’ foi a mensagem que nosso benfeitor Emmanuel nos trouxe no encerramento dos trabalhos.” (*Astronautas do Além, cap. 5.*)

Na mensagem de Emmanuel, a que Chico Xavier se referiu, o conhecido autor escreveu o seguinte:

“Filhos existem no mundo que reclamam compreensão mais profunda para que a existência se lhes torne psicologicamente menos difícil.

Reportamo-nos aos filhos adotivos que abordam o lar pelas vias da provação, sem deixarem de ser criaturas que amamos enternecidamente.

Coloquemo-nos na situação deles para mais claro entendimento do assunto.

Muitos de nós, nas estâncias do pretérito, teremos pisoteado os corações afetuosos que nos acolheram em casa, seja escravizando-os aos nossos caprichos ou apunhalando-lhes a alma a golpes de ingratidão. Desacreditando-lhes os esforços e dilapidando-lhes as energias, quase sempre lhes impusemos aflição por reconforto, a exigir-lhes sacrifícios incessantes até que lhes ofertamos a morte em sofrimento pelo berço que nos deram em flores de esperança.

Um dia, no entanto, desembarcados no Mais Além, percebemos a extensão de nossos erros e, de consciência desperta, lastimamos as próprias faltas.

Corre o tempo e, quando aqueles mesmos Espíritos queridos que nos serviram de pais retornam à Terra em alegre comunhão afetiva, ansiamos retomar-lhes o calor da ternura, mas, nesse passo da experiência, os princípios da reencarnação, em muitas circunstâncias, tão somente nos permitem desfrutar-lhes a convivência na posição de filhos alheios, a fim de aprendermos a entesourar o amor verdadeiro nos alicerces da humildade.

Reflitamos nisso. E se tens na Terra filhos por adoção, habitua-te a dialogar com eles, tão cedo quanto possível, para que se desenvolvam no plano físico sob o conhecimento da verdade. Auxilia-os a reconhecer, desde cedo, que são agora teus filhos do coração, buscando reajustamento afetivo no lar, a fim de que não sejam traumatizados na idade adulta por revelações à base de violência, em que frequentemente se lhes acordam no ser as labaredas da afeição possessiva de outras épocas, em forma de ciúme e revolta, inveja e desesperação.

Efetivamente, amas aos filhos adotivos com a mesma abnegação com que te empenhas a construir a felicidade dos rebentos do próprio sangue. Entretanto, não lhes ocultes a realidade da própria

situação para que não te oponhas à Lei de Causa e Efeito que os trouxe de novo ao teu convívio, a fim de olvidarem os desequilíbrios passionais que lhes marcavam a conduta em outro tempo.

Para isso, recorda que, em última instância, seja qual seja a nossa posição nas equipes familiares da Terra, somos, acima de tudo, filhos de Deus." (*Obra citada, cap. 5.*)

Comentando, no mesmo capítulo, as informações de Emmanuel, Herculano Pires lembrou que não é o sangue que nos irmana, mas o espírito. Os laços consanguíneos são ilusórios e efêmeros. Filhos de outros pais, procedentes de outro sangue, podem, pois, ser muito mais ligados aos pais adotivos que os filhos consanguíneos. "Os filhos que voltam ao lar por vias indiretas – afirma Herculano – são Espíritos em prova e, portanto, em fase de correção moral. Precisam conhecer a sua verdadeira situação para que a medida corretiva atinja a sua eficiência. E se quisermos burlar a lei só poderemos acarretar-lhes maiores sofrimentos."

Sobre o assunto sugerimos à leitora que leia também o editorial "A primeira regra ética nos casos de adoção", publicado na edição 14 desta revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/14/editorial.html>

24/8/2014

Edição 377

Em carta publicada nesta mesma edição, Nilson Furtado dos Santos, de Brasília (DF), diz-nos o seguinte:

De acordo com as questões 113 e 169 do Livro dos Espíritos, podemos entender que a evolução dos espíritos é FINITA, ou seja os espíritos PUROS não evoluem mais, chegaram ao limite. Gostaríamos de ouvir a opinião de vocês. (Nilson Furtado dos Santos)

Eis o que se lê nas questões mencionadas:

Primeira classe. Classe única. – Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus. Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. (*O Livro dos Espíritos, item 113.*)

É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos? "Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito." (*L.E., 169.*)

Parece-nos, à vista das questões acima, que existe sim um limite, um fim, um termo com relação ao progresso espiritual. Infinita, somente a inteligência de

Deus o seria, como é dito com clareza no texto seguinte, publicado no cap. II do livro *A Gênese*, de Allan Kardec:

Deus é a suprema e soberana inteligência. A inteligência de Deus, abrangendo o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada num ponto qualquer, poderíamos conceber outro ser mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o primeiro não faria e assim por diante, até ao infinito. (*A Gênese, cap. II, itens 9 a 19.*)

Ocorre, porém, que é preciso cuidado quando lidamos com as palavras finito e infinito.

Na questão 2 d' *O Livro dos Espíritos*, respondendo a Kardec, que lhes perguntou: "Que se deve entender por infinito?", os benfeitores espirituais responderam: "O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito."

Já na questão 466 da mesma obra, em resposta a outra pergunta proposta por Kardec, eles disseram: "Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito".

Note, pois, o leitor que a mesma palavra é utilizada para designar elementos diferentes:

- Progresso quase infinito dos espíritos (L.E., 169)
- Inteligência de Deus (*A Gênese, cap. II*)
- O que não tem começo nem fim (L.E., 2)
- O desconhecido (L.E., 2)
- O conhecimento integral, abarcando tanto o elemento material quanto o elemento espiritual (L.E., 466).

O motivo está ligado, como em outros casos, à pobreza da linguagem humana, que se vale da mesma palavra para designar coisas diferentes.

O dicionário Aurélio apresenta-nos para a palavra infinito (do latim *infinitu*) os significados seguintes:

- Não finito; sem fim, termo ou limite; infindo.
- De duração, extensão ou intensidade extremas; imenso.
- Inumerável, incalculável, incontável.

Assim é que se diz, como vemos em inúmeros artigos e textos diversos:

- Saudade infinita (isto é: imensa).
- Infinita paciência (isto é: sem limite).
- Passou um infinito número de anos a estudar (isto é: incontável).
- Infinitas histórias (isto é: inumeráveis).
- A misericórdia de Deus é infinita (isto é: sem limite).

Foi, certamente, pelo mesmo motivo que Léon Denis, em seu livro *O Porquê da Vida*, FEB, 14ª ed., págs. 47 a 49), escreveu que os princípios que decorrem do novo espiritualismo – princípios ensinados pelos Espíritos desencarnados – são:

- Existência de Deus
- Imortalidade da alma
- Comunicação entre os vivos e os mortos
- Progresso infinito.

De igual modo assim procedeu Amalia Domingo Soler, no capítulo intitulado "Um adeus", do livro *Memórias do Padre Germano*, quando, reportando-se à sua experiência de quase um ano em que, numa casa à beira-mar, manteve contato com o Espírito do Padre Germano, escreveu:

“Quantas vezes aí chegáramos lamentando as misérias humanas, para deixá-lo, lábios entreabertos em venturoso sorriso, murmurando com íntima satisfação: A vida é bela, quando se confia no progresso infinito e se ama a verdade suprema, a eterna luz!”
(*Obra citada, pp. 361 a 365.*)

E a mesma ideia encontramos na obra *Libertação*, escrita por André Luiz, em que ele reproduz uma longa palestra proferida pelo Ministro Flácus, da qual extraímos este trecho:

“Enquanto o homem, nosso irmão, desintegra assombrado as formações atômicas, nós outros, distanciados do corpo denso, estudamos essa mesma energia através de aspectos que a ciência terrestre, por agora, mal conseguiria imaginar. Caminheiros, porém, que somos do progresso infinito, principiamos apenas, ele e nós, a sondar a força mental, que nos condiciona as manifestações nos mais variados planos da natureza”. (*Obra citada, cap. 1.*)

31/8/2014

Edição 378

Em carta dirigida a esta revista, publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Isaias Fernandes escreveu:

– Gostaríamos da opinião de O Consolador a respeito da obra "A Vida de Jesus ditada por Ele mesmo". São vários os comentários que exaltam a alta qualidade moral de suas páginas. Será que poderíamos realmente considerá-la como uma comunicação do próprio Cristo Jesus?

O livro mencionado pelo leitor foi escrito originariamente em francês. O texto de que dispomos é a 14ª edição brasileira publicada pela Editora e Distribuidora 33.

São muito poucas em nosso meio as referências à obra *A Vida de Jesus ditada por Ele mesmo*. Uma dessas referências o leitor encontra no livro *O Corpo Fluídico*, de Wilson Garcia, edições Correio Fraterno, em que Wilson Garcia reproduz um texto assinado por Jorge Rizzini, do qual extraímos as palavras que se seguem:

Entre as obras mediúnicas que pretendem fazer revelações crísticas, mas que foram transmitidas por espíritos mistificadores, duas se nos afiguram as mais tenebrosas. São elas: "A Vida de Jesus ditada por ele mesmo" e "Os Quatro Evangelhos" organizados por J.-B. Roustaing.

"A Vida de Jesus ditada por ele mesmo" foi psicografada por uma mulher, no sul da França, na cidade de Avinhão. A primeira e única edição francesa foi feita em 1885 pela revista "Anti-Materialista", editada em Avinhão e dirigida por René Caillé. Na Itália, traduzida por um capitão do exército, Ernesto Volpi, que a editou por conta própria, teve, também, uma só edição. Dessa edição italiana Ovídio Rebaudi, médico paraguaio, residente em Buenos Aires, fez a tradução para o castelhano, mas, note-se, acrescentou à obra, tranquilamente, uma segunda parte por ele mesmo psicografada... E atribuiu-a a Jesus! A que nos leva a vaidade ... Isto (Rebaudi é quem o confessa) depois de haver sido procurado em certa noite

pelo Cristo, a quem viu e com quem conversou de igual para igual... É evidente que o vaidoso médico não leu as obras de Allan Kardec, tão amplamente divulgadas na Argentina. Eis o que ele também confessa no prefácio:

"... como espiritualista independente, não estou preso a nenhum credo ou religião, aceitando o que me parece justo e verdadeiro, de onde quer que ele venha".

Quer dizer: a edição que circula na Argentina é feita de dupla mistificação e apresenta mensagens apócrifas com a assinatura não somente de Jesus, mas de Maria, Barnabé, Sara, Mateus, João, Paulo de Tarso...

Como amostra das aberrações que a obra contém (obra que é, antes de tudo, fruto da vaidade dos que a psicografaram) citemos esta observação maquiavélica do falso Cristo a respeito de mediunidade (pág. 255 da edição brasileira):

"As honras da mediunidade não se adquirem sem causar transtornos ao organismo humano e esses transtornos determinam frequentemente o desequilíbrio das faculdades mentais".

Quer dizer: os médiuns ficam doentes do corpo (...) e a doença física, ou seja, no organismo, poderá levá-los à loucura! E, assim, a cavilosa entidade, fazendo-se de Cristo e escamoteando "O Livro dos Médiuns", publicado vinte e quatro anos antes, afasta os leitores das sessões mediúnicas e do possível interesse pelo estudo da Doutrina Espírita. A obra monstruosa tem mais de quatrocentas páginas, mas as aberrações estão em quase todas. Vejamos mais esta (pág. 250) quando a entidade zombeteira faz a maior confusão entre alma e espírito:

"A morte desprende a alma da matéria e liga-a estreitamente ao espírito, de maneira que o espírito torna-se invulnerável por meio da alma".

O texto umbralino parece redigido por um débil mental. Inútil o leitor relê-lo. Não tem sentido. Mas, a intenção, como a de todo o resto da obra, é patente: perturbar a mente do leitor com tendência ao fanatismo, levando-o à obsessão.

"A Vida de Jesus ditada por ele mesmo" foi lançada no Brasil em 1935 em tradução feita da segunda edição em espanhol datada de 1909. Há quase cinquenta anos entre nós, a obra do anticristo teve, até agora, apenas seis edições – as seis vendidas, é inegável, fora do movimento espírita, não obstante a editora também apresentá-la, perfidamente, como "um compêndio didático do Espiritismo"... Vale a pena, ainda, registrar que um dos prefácios é de autoria do português Diamantino Coelho Fernandes, então residente no Rio de Janeiro. Ele foi, inconscientemente, devido ao seu misticismo cego, um corruptor da literatura mediúnica. Estimulado pela obra do anticristo, psicografou com as trevas livros que atribuiu a Paulo de Tarso, Maria e outras personalidades ligadas a Jesus. Diamantino Coelho Fernandes desencarnou, tragicamente, em um desastre. (*O Corpo Fluídico, de Wilson Garcia, edições Correio Fraternal, pp. 11 e segtes.*)

Creemos que as observações acima feitas por Jorge Rizzini dizem o suficiente para que não percam tempo com obras como a citada, que nunca fez nem faz parte do corpo doutrinário do Espiritismo.

7/9/2014

Edição 379

O leitor Geovani da Silva, em carta dirigida a esta revista, escreveu o seguinte:

– Gostaria que vocês me respondessem, se possível, quando se iniciou o mundo primitivo na Terra, e seu término. Quando se iniciou o mundo de provas e expiações na Terra? Quais as características do mundo de regeneração?

Para responder às perguntas propostas pelo leitor recorreremos à obra *A Caminho da Luz*, de Emmanuel, psicografada por Francisco Cândido Xavier em 1938, e ao livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

No tocante especificamente ao homem e seus antepassados, Emmanuel assim se manifestou:

O reino animal experimenta as mais estranhas transições no período terciário, sob as influências do meio e em face dos imperativos da lei de seleção. Mas, o nosso raciocínio ansioso procura os legítimos antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do proscênio da evolução anímica.

Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localiza-las no Espaço e no Tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados na paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.

Examinada, porém, a questão nos seus prismas reais, vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da Natureza. No período terciário a que nos reportamos, sob a orientação das esferas espirituais notavam-se algumas raças de antropoides, no Plioceno inferior. Esses antropoides, antepassados do homem terrestre, e os ascendentes dos símios que ainda existem no mundo, tiveram a sua evolução em pontos convergentes, e daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé da atualidade. (*A Caminho da Luz, cap. II – A vida organizada.*)

O período terciário é uma unidade de tempo utilizada para demarcar um período específico de desenvolvimento da Terra e da vida nela contida. Embora considerado hoje um conceito defasado, o terciário consiste no espaço de tempo que vai de 65 milhões até 2,6 milhões de anos atrás. É difícil, portanto, como se vê, determinar em que momento exato o ser humano iniciou na Terra sua romagem evolutiva.

Os milênios passaram e um dia a Terra recebeu uma leva de Espíritos estranhos ao nosso orbe que aqui chegaram na condição de Espíritos em caráter expiatório. Para alguns estudiosos espíritas iniciava-se com isso um novo

período em nosso planeta, que o caracterizaria, a partir de então, como mundo de provas e expiações.

Emmanuel assim relatou esses fatos:

Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização.

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos.

As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes. Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia. (*A Caminho da Luz, cap. III – As raças adâmicas.*)

Cabe-nos explicar que enquanto para os exilados de Capela o orbe era de provas e expiações, para outros que já viviam aqui a Terra continuava sendo um mundo primitivo, como aliás ocorre ainda em nossos dias.

Santo Agostinho a isso se referiu no cap. III d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

(...) nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham,

por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais não podiam chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já estiveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o germen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III, item 14.*)

No tocante aos mundos regeneradores, foi ainda Santo Agostinho quem melhor os definiu, como o leitor pode ver no texto seguinte:

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca.

Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanções do

próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam. (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. III, item 17.*)

14/9/2014

Edição 380

A leitora Aparecida Marques, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos qual foi o primeiro homem a se encarnar na Terra, ou seja, o primeiro a dar início à Humanidade terrena. Tem ele a ver com algum personagem bíblico?

O povoamento da Terra e o advento de Adão foram examinados por Allan Kardec nas questões 50 a 53 d' *O Livro dos Espíritos*, que adiante reproduzimos:

50. A espécie humana começou por um único homem? "Não; aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra."

51. Poderemos saber em que época viveu Adão? "Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo."

Nota de Kardec: O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. As leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, comprovados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.

52. Donde provêm as diferenças físicas e morais que distinguem as raças humanas na Terra? "Do clima, da vida e dos costumes. Dá-se aí o que se dá com dois filhos de uma mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão, quanto ao moral."

53. O homem surgiu em muitos pontos do globo? "Sim e em épocas várias, o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram."

a) Estas diferenças constituem espécies distintas? "Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para que elas deixem de formar uma só espécie?"

Vimos recentemente, nesta mesma seção, as informações que Emmanuel inseriu no cap. II de sua obra *A Caminho da Luz*, psicografada por Francisco Cândido Xavier em 1938, relativamente aos primeiros antepassados dos homens, cuja presença em nosso orbe foi registrada no chamado período terciário, uma unidade de tempo utilizada para demarcar um período específico de desenvolvimento da Terra e da vida nela contida. Embora considerado hoje

um conceito defasado, o terciário consiste no espaço de tempo que vai de 65 milhões até 2,6 milhões de anos atrás. É difícil, portanto, como se vê, determinar em que momento exato o ser humano iniciou na Terra sua romagem evolutiva.

Adão não foi, pois, o primeiro nem o único a povoar a Terra. As próprias condições em que ele surgiu e o talento revelado por seus filhos indicam que eles chegaram à Terra numa época em que o planeta já estava povoado.

O grupo de pessoas simbolizado na figura de Adão – a chamada raça adâmica – foi, com certeza, o mais inteligente que até então se encarnara na Terra, procedente de outros planetas.

O livro de Gênesis no-lo mostra, desde seus primórdios, industrioso, apto às artes e às ciências, o que mostra que tal grupo de Espíritos não passou na Terra pela infância espiritual, diferentemente do que ocorreu com os povos mais antigos e primitivos.

A raça adâmica passou a habitar a Terra mais ou menos na época mencionada na Bíblia, e essa ideia tem fundamento também nos registros históricos.

Com efeito, Caim e Abel tinham habilidades desconhecidas dos homens primitivos, como o uso da terra para plantio e o pastoreio. Caim conhecia também a arte da construção de casas e cidades, uma conquista do período neolítico, porque antes desse período os homens da Terra viviam em cavernas.

Registra a história que foi no período neolítico – entre os anos 5.000 a.C. e 2.500 a.C. – que surgiu na Terra o pastoreio, seguido do cultivo da terra, e o homem passou de caçador a pastor e a habitar em casas.

Ora, se conforme o livro de Gênesis Caim cultivava o solo e seu irmão Abel era pastor, a data indicada pela Bíblia e pelos Espíritos a respeito da época em que viveu Adão é perfeitamente compatível com a tradição e a ciência.

Como o povoamento da Terra se iniciou em épocas bem mais recuadas, torna-se mais que evidente que não descendemos dos pais de Abel e Caim, mas de outros ancestrais que viveram muitos séculos antes da chegada aqui da raça adâmica.

Respondendo, pois, às perguntas da leitora, podemos dizer que não é possível saber quem foi a primeira pessoa a encarnar-se na Terra e afirmar, com toda a certeza, que essa pessoa nenhuma relação tem com os chamados personagens bíblicos.

21/9/2014

Edição 381

Um leitor desta revista radicado em Porto Alegre (RS) pede-nos que esclareçamos uma dúvida que lhe ficou, relacionada com o surgimento dos Espíritos, logo depois de concluída sua elaboração, findo o ciclo evolutivo que se verificou nos reinos inferiores da Natureza.

Esse fato – indaga ele – ocorre apenas na Terra ou se verifica também em Marte, Vênus, Júpiter ou em outros planetas?

A origem dos Espíritos é algo cuja informação detalhada escapa até aos seres mais evoluídos. O que sabemos, com fundamento na doutrina espírita, é que as primeiras encarnações dos Espíritos humanos ocorrem nos chamados mundos primitivos.

Quando a alma atinge seu ápice evolutivo no reino animal, ela se encontra em condições de ingressar no chamado "reino hominal". Estamos então diante de

um Espírito, de um ser humano, cujas sucessivas experiências reencarnatórias dar-se-ão todas no "reino hominal", inicialmente em um mundo primitivo e, mais tarde, em qualquer planeta cujo grau de adiantamento seja compatível com o seu nível evolutivo.

Ele poderá, então, reencarnar na Terra, em Marte, em Vênus ou em qualquer outro planeta do sistema solar ou de outros sistemas, observada sempre a questão evolutiva.

Se os seres humanos podem povoar os diferentes planetas, não há que falarmos em Espíritos terrenos, marcianos ou venusianos.

Allan Kardec afirma no livro *A Gênese*, cap. VI, itens 54 a 56, que uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos. Se os astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas, ao contrário, por seres que trazem marcado na fronte o mesmo destino e que se hão de encontrar temporariamente, segundo suas funções de vida, e encontrar de novo, segundo suas mútuas simpatias. É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

É indiferente, portanto, saber onde iniciamos nossa romagem evolutiva. Que isso ocorreu em um mundo primitivo, não há dúvida. Pode ter sido em um mundo primitivo pertencente ao sistema solar ou a qualquer outro sistema.

Com efeito, sabemos, por informação constante do cap. III, item 16, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade.

Esses mundos têm suas peculiaridades, mas são solidários entre si, embora iluminados por diferentes estrelas, visto que seus habitantes formam essa grande família espiritual a que Kardec se referiu no texto do livro *A Gênese* a que nos reportamos.

28/9/2014

Edição 382

Em carta publicada na edição passada, o leitor Tiago R. escreveu-nos o seguinte: "Ontem uma amiga de 35 anos desencarnou em um acidente de carro. O esposo e filha sobreviveram. Esse tipo de desencarne violento tem relação com merecimento? O que significa desencarnar em um acidente de carro?"

O momento em que se dá a morte corpórea de uma pessoa, ressalvados os casos de suicídio voluntário e involuntário, está geralmente ligado à chamada programação reencarnatória.

É isso que elucida o fato, aparentemente inexplicável, de pessoas regressarem muito cedo à pátria espiritual, enquanto outras, mais idosas e às vezes muito doentes, por aqui continuam.

No acidente mencionado pelo leitor deduzimos que havia três pessoas no carro: duas sobreviveram e apenas uma desencarnou, comprovando a informação transmitida pelos instrutores espirituais na questão 853 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, adiante reproduzida:

853. Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade?

“Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos.”

a) Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos?

“Não; não perecerás e tens disso milhares de exemplos. Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes seu Espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência.” (*O Livro dos Espíritos*, 853.)

As explicações dadas pelos instrutores espirituais permitem-nos compreender por que nem todas as pessoas, embora em situação idêntica, colhem igual resultado na eventualidade de um acidente.

Existem casos em que, enquanto alguns desencarnam e outros sofrem mutilações físicas diversas, outros nada apresentam, como se não estivessem presentes no mesmo acontecimento.

Dada a importância do assunto, Emmanuel também dele tratou no livro *O Consolador*, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier:

146 – É fatal o instante da morte?

“Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias. A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas. E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigoso para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo. Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.” (*O Consolador*, questão 146.)

O leitor perguntou também, em sua carta, o que significa desencarnar em acidente de carro. Entendemos que as condições que levam à morte corpórea de uma pessoa podem ter, sim, relação com fatos ocorridos em existências

anteriores, visto que é diferente a situação produzida pela morte violenta, em comparação com a morte suave, em que a vida se esvai como uma vela que se apagasse.

Na questão 152 do seu livro, acima citado, Emmanuel comenta também o assunto:

152 – A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada “morte natural?”

“A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de desprendimento proporcionam sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos supremos e irremediáveis. Quase sempre, em tais circunstâncias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe traz emoções amargas e terríveis. Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam das luzes das meditações sadias, observando as ilusões e os prejuízos do excessivo apego à Terra, sendo justo considerarmos a utilidade e a necessidade das dores físicas, nesse particular, porquanto somente com o seu concurso precioso pode o homem alijar o fardo de suas impressões nocivas do mundo, para penetrar tranquilamente os umbrais da vida do Infinito.” (*O Consolador, questão 152.*)

Embora constitua um momento doloroso a partida para o Além de um ente querido, não podemos ignorar, à luz do Espiritismo, que não ocorre perda alguma, que ninguém morre, que os afetos permanecem e que o reencontro entre as pessoas que se amam é um fato palpável e confirmado por todos aqueles que voltaram para dizer que a vida continua e que sua desencarnação não foi fruto de mero acaso.

5/10/2014

Edição 383

Um amigo residente em Londrina (PR) recebeu de uma colega de estudos do ESDE um texto a respeito da situação de Hitler no plano espiritual. Ela já tinha ouvido o mesmo relato pela Web Rádio Fraternidade e, por isso, com o texto em mãos, perguntou ao nosso amigo se se tratava de um fato verídico e, portanto, confiável.

O texto, cuja autoria é atribuída a Geraldo Lemos Neto, que o teria escrito baseado em conversas com Chico Xavier, é reproduzido em seguida:

(...) Perguntei ao Chico sobre Hitler. Onde estaria o espírito de Hitler? Chico então me contou uma história muito interessante. Segundo ele, imediatamente após a sua desencarnação, o espírito de Hitler recebeu das Altas Esferas uma sentença de ficar 1.000 anos terrestres em regime de solitária numa prisão espiritual situada no planeta Plutão. Chico explicou-me que esta providência foi necessária não somente pelo aspecto da pena que se lhe imputara aos erros clamorosos, mas também em função da Misericórdia Celeste em

protegê-lo da horda de milhões de almas vingativas que não lhe haviam perdoado os deslizes lamentáveis. Durante este período de 10 séculos em absoluta solidão ele seria chamado a meditar mais profundamente sobre os enganos cometidos e então teria nova chance de recomeçar na estrada evolutiva.

Quando o espírito de Gandhi desencarnou, e ascendeu aos Planos Mais Altos da Terra pela iluminação natural de sua bondade característica, ao saber do triste destino do algoz da humanidade na II Guerra Mundial, solicitou uma audiência com Jesus Cristo, o Governador Espiritual da Terra, e pediu ao Cristo a possibilidade de guiar o espírito de Hitler para o Bem, o Amor e a Verdade. Sensibilizado pelo sacrifício de Gandhi, Nosso Senhor autorizou-o na difícil tarefa e desde então temos Gandhi como dos poucos que se aproximam do espírito de Hitler com compaixão e amor...

Impressionado, perguntei ao Chico: Então, Chico, o planeta Plutão é um planeta penitenciária?

E ele me respondeu: É sim, Geraldinho. Em nosso Sistema Solar, temos penitenciárias espirituais em Plutão, em Mercúrio e na nossa Lua terrena. Eu soube por exemplo que o espírito de Lampião está preso na Lua. É por isso que alguns astronautas que lá pisaram, sentindo talvez um frio na alma, voltaram à Terra meio desorientados e tristes. Soube de um até que se tornou religioso depois de estar por lá!

Antes de responder à pergunta de sua colega, nosso amigo quis saber nossa opinião sobre o assunto em foco.

Já conhecíamos esse texto. Trata-se de mais uma informação que Geraldo Lemos Neto atribui a Chico Xavier. Se essa conversa ocorreu realmente, como ter certeza? Chico Xavier está desencarnado e, portanto, inacessível aos comuns dos mortais.

Quanto ao conteúdo da suposta informação, pode ser verdadeiro ou não, mas – se verdadeiro – não apresenta nenhum absurdo.

É importante, porém, que lembremos: o fato não tem nada a ver com doutrina espírita e esperamos que não venha a ser incluído em algum texto doutrinário fundamentado em algo que não é possível comprovar.

Em 2008, um outro confrade divulgou igualmente uma conversa que teria tido com Chico Xavier e a publicou no jornal "A Flama Espírita", edição de novembro/dezembro de 2008.

Segundo o texto por ele divulgado, no dia 1º de abril de 1973 ele, Martins Peralva e Chico Xavier se encontravam numa fazenda próxima da cidade de Araguari (MG), quando teria ocorrido o seguinte diálogo entre Peralva e Chico:

— Chico, li o livro do autor oriental que você me recomendou. Um fato me intrigou bastante, pois um personagem da história morre e outro espírito é ligado ao seu corpo e passa a viver aqui na Terra, enquanto que o espírito do que morreu se desliga e vai para a Espiritualidade. Isso é uma troca de espíritos que contradiz a Doutrina Espírita. Em "O Livro dos Espíritos" não encontramos tal afirmação. E aí, Chico, como ficamos?

O lúcido médium, calmo e com a segurança de quem sabe o que fala, disse:

— Não, Peralva. O fato não contradiz os ensinamentos da nossa Doutrina. Não há contradição naquele relato contido no livro do autor do Oriente.

— Acho impossível que uma pessoa venha a desencarnar e um outro espírito seja ligado ao corpo morto, a este reanime e passe a viver entre nós. Como pode ser isso? – argumentou o autor do livro “Estudando a Mediunidade” (FEB).

Chico, após ouvi-lo com atenção, enfatizou:

— Olhe, gente, vou dizer a vocês: existem revelações da Espiritualidade Superior que surgiram no Oriente e que, por enquanto, não podem ser transmitidas para o Ocidente, nem mesmo por Kardec. Não se assustem, mas é isso mesmo. As coisas, às vezes, parecem ser impossíveis.

Neste outro caso repete-se a situação: Peralva e Chico Xavier não estão entre nós e, portanto, a informação – além de completamente absurda e contrária à doutrina espírita – não pode ser confirmada.

O movimento espírita está cheio disso. Os "novidadeiros", como Cláudio Bueno da Silva os denominou em artigo publicado em nossa revista em novembro de 2012, continuam ativos, seja entre nós, seja no plano espiritual. O *link* que permite acessar o artigo do confrade é este: http://www.oconsolador.com.br/ano6/285/claudio_bueno.html

O fato lamentável é que o método kardequiano parece-nos completamente esquecido, como procuramos mostrar em um texto intitulado "Amostras da insensatez", publicado recentemente no blog Espiritismo Século XXI, que o leitor pode ler clicando neste *link*: <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/2014/09/amostras-da-insensatez.html>

Nossa esperança, ao escrever estas notas, é que nossos companheiros de Espiritismo procurem entender bem o que é "doutrina espírita", para não confundi-la com relatos, opiniões e informações supostamente transmitidos por determinadas pessoas, sejam elas quais forem, ainda que o façam de boa-fé.

12/10/2014

Edição 384

Uma leitora pergunta-nos se é correto o uso do termo “incorporação” nos casos em que um médium, no estado de transe, transmite pela fala a mensagem de um Espírito.

Já tratamos do assunto nesta mesma seção na edição 127 de nossa revista. Eis o *link* que remete o interessado ao texto publicado: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/127/oespiritismoresponde.html>

Dissemos naquela oportunidade que quem estuda o Espiritismo sabe que Allan Kardec mudou de ideia com relação à "possessão", que ele rejeitou até *O Livro dos Médiuns* e depois admitiu claramente em *A Gênese*.

Quando produzida por um mau Espírito – diz o Codificador – a possessão tem todos os característicos da subjugação, mas, diferentemente da subjugação, a possessão pode ser produzida por um bom Espírito. Neste caso, pode se aplicar ao fenômeno o termo “incorporação” utilizado por Léon Denis e, décadas mais tarde, por André Luiz e vários autores.

A mudança de pensamento do Codificador deu-se por força dos fatos. Demorou algum tempo para que ele conhecesse o fenômeno da incorporação, hoje tão conhecido dos que trabalham na área da mediunidade. Na Revista Espírita de 1863 ele aludiu ao episódio, que muito o impressionou na ocasião. Depois de analisar um caso de possessão – o da senhorita Júlia – Kardec escreveu: “Temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado.” (*Revista Espírita de 1863, tradução de Júlio Abreu Filho, Edicel, pág. 373.*)

É compreensível que a dúvida com relação ao uso do termo “incorporação” ainda persista, mas é algo que decorre simplesmente do desconhecimento do que inúmeros autores escreveram sobre o assunto.

No fenômeno de incorporação, o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium?

Ou opera ele, a distância, pela sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer o Espírito exteriorizado do sensitivo?

Segundo Léon Denis, semelhante questão foi, em sua época, proposta por alguns experimentadores.

O exame atento dos fatos – afirma Denis – nos leva a crer que as duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos. Em muitos deles, a incorporação pode ser real e completa e é mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. (Confira, a respeito do pensamento de Léon Denis, o livro *No Invisível*, cap. XIX - Transe e incorporações.)

No fenômeno da incorporação, como os participantes de sessões mediúnicas sabem muito bem, o semblante, a voz, as sensações e o modo de se expressar do médium são com frequência muito diferentes do que ele mostra em seu estado normal.

Foram, portanto, os fatos que fizeram com que o termo “incorporação”, embora não utilizado por Kardec, passasse a fazer parte dos textos em que autores diversos, encarnados e desencarnados, tratam do tema mediunidade.

Emmanuel o utilizou no livro *O Consolador*, na resposta dada à pergunta 397.

André Luiz o mencionou nos capítulos 32, 42 e 43 do livro *Desobsessão*, bem como no cap. 8 do livro *Nos Domínios da Mediunidade* e no cap. VI de *Sexo e Destino*, em que ele descreve um curioso episódio que envolveu Cláudio Nogueira e o Espírito de um alcoólatra.

Quando o Espírito, no afã de desfrutar a bebida, incorporou-se a Cláudio, André Luiz disse que se produzia ali algo semelhante ao encaixe perfeito. Cláudio-homem absorvia o desencarnado, à guisa de sapato que se ajusta ao pé. Fundiram-se os dois, como se morassem num só corpo. Altura idêntica. Volume igual. Movimentos sincrônicos. Identificação positiva. Levantaram-se a um tempo e giraram integralmente incorporados um ao outro, na área estreita, arrebatando o frasco de uísque. André não podia dizer a quem atribuir o impulso inicial de semelhante gesto, se a Cláudio que admitia a instigação ou se ao obsessivo que a propunha. A talagada rolou através da garganta, que se exprimia por dualidade singular: ambos os dipsômanos estalaram a língua de prazer, em ação simultânea. André aproximou-se então de Cláudio, para avaliar até que ponto ele sofria mentalmente aquele processo de fusão; mas ele

continuava livre, no íntimo, e não experimentava qualquer espécie de tortura, a fim de render-se. Hospedava o outro, simplesmente, aceitava-lhe a direção, entregava-se por deliberação própria. Nenhuma simbiose em que fosse a vítima. A associação era implícita, a mistura era natural. Efetuava-se a ocorrência na base da percussão. Apelo e resposta. Eram cordas afinadas no mesmo tom.

Divaldo Franco e J. Raul Teixeira também se valeram do termo “incorporação” nas respostas que deram às perguntas 31, 58, 69 e 83 do livro *Diretrizes de Segurança*, sendo que Divaldo voltou a fazê-lo ao responder à pergunta 53 da 2ª Parte do livro *Qualidade na Prática Mediúnica*.

Eis um trecho do que foi dito pelo conhecido médium: “Há muitos anos, numa prática mediúnica em nossa Casa, uma Entidade muito sofredora se comunicou por meu intermédio. Era o Espírito de uma senhora que havia desencarnado na ocasião do parto. Quando ela começou a sentir as cólicas da dilatação da bacia para expulsar o feto, veio a desencarnar inesperadamente. No instante em que o Espírito incorporou, comecei a sentir uma grande indisposição no estômago, acompanhada de mal-estar, falta de ar, enjoo. Quando o doutrinador começou a falar, deu-me uma vontade de sair dali correndo, tal a maneira despropositada com que era feita a doutrinação. Ao invés de utilizar os recursos do passe, da sugestão mental otimista para diminuir o estado de paroxismo em que se encontrava o Espírito, ele resolveu apenas dizer palavras sem nenhuma expressão socorrista. Encontrando-me ainda num semitrance, comecei a pensar: - Ah! Meu Deus, não vou aguentar! Finalmente a incorporação se consumou e eu perdi a consciência. Quando voltei ao normal sentia dores físicas atrozes que perduraram durante três dias. Posteriormente, contei a alguém que teve doze filhos: - Fulana, estou com uma dor aqui nos rins e nos quadris, horrível! Ela retrucou: - Divaldo, isto é dor de parto!” (*Qualidade na Prática Mediúnica, 2ª Parte, pergunta 53.*)

19/10/2014

Edição 385

Em carta publicada nesta edição, a leitora Inês Betancourt, de Braga, Portugal, pergunta-nos: “Até que ponto é bom uma pessoa fazer a prática diária de doação do ectoplasma, contribuindo de forma a ajudar os outros? Até que ponto isto é recomendado pelos Espíritos, e se de alguma forma é bom ou prejudicial ou até perigoso?”

Segundo o grande físico Oliver Lodge, ectoplasma é o nome dado a uma espécie de matéria celular organizada, que se diz emanada, temporariamente, e com propriedades extraordinárias e inexplicáveis, de certas pessoas. Essa substância se molda, toma forma de rostos e de mãos, como se fosse guiada por uma inteligência subconsciente.

Outros estudiosos entendem que é o ectoplasma atributo do organismo, com propriedades similares às substâncias gasosas e de composição desconhecida.

Schrenk-Notzing, que, empregando métodos químicos, fez análises do ectoplasma expelido por médiuns de materialização, afirma, com base nos resultados dessas análises, que se trata de substância albuminoide unida a um corpo gorduroso e com células análogas às que se encontram no corpo humano. Dentre os autores desencarnados, podemos citar as informações constantes do cap. 28, págs. 271 e 272 do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz,

obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, na qual está dito que o ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanções da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas vivas da Natureza.

Trata-se, segundo Aulus, de um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade, e pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos, desencarnados ou não, que sintonizam com a mente mediúnica.

O ectoplasma não é utilizado apenas nas chamadas sessões de materialização, mas também nas curas e no serviço do passe, como afirma o professor J. Raul Teixeira em resposta à questão 72 do livro *Diretrizes de Segurança*, em que diz que certos elementos constitutivos do ectoplasma costumam ser, no serviço do passe, liberados pelos médiuns "em quantidades as mais diversas".

Entendemos que está na ministração do passe magnético a utilização mais frequente dos elementos ectoplásmicos.

Em tais casos, é possível afirmar, com base em autores diversos, que sua aplicação feita com critério e cuidado não apresenta perigo nenhum para o doador.

Em sua obra intitulada *Conduta Espírita*, André Luiz recomenda-nos: "Quando da aplicação de passes, fugir à indagação sobre resultados e jamais temer a exaustão das forças magnéticas. O bem ajuda sem perguntar". (*Obra citada, cap. 28.*)

Na questão 80 do livro *Diretrizes de Segurança*, J. Raul Teixeira explica: "Quando aplicamos passes, antes de atirmos as energias sobre o paciente, nos movimentos ritmados das mãos, ficamos envolvidos por essas energias, por essas vibrações que nos chegam dos Amigos Espirituais envolvidos nessa atividade, o que indica que, antes de atendermos aos outros, somos nós, a princípio, beneficiados e auxiliados para que possamos auxiliar, por nossa vez."

Ele se referia, com essas palavras, ao chamado passe magnético de caráter misto, em que o médium aplicador das energias atua conjuntamente com um Espírito, tal como nos é explicado no cap. XIV, item 176, d'O *Livro dos Médiuns*: "(...) a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias".

O passe, ensina Divaldo Franco, produz um desgaste. Mas não existe exaustão das forças magnéticas, porque as energias transmitidas ao paciente são renovadas pela ação dos Benfeitores Espirituais.

Quanto aos cuidados específicos que o médium deve tomar, é bom lembrar a questão do local e das condições em que ele se dê.

Perguntaram a Divaldo Franco: "Quando é admissível fazerem-se passes fora do Centro Espírita, isto é, fazerem-se passes a domicílio? Quais as consequências dessa prática para o médium?"

Divaldo respondeu: "Somente se devem aplicar passes a domicílio quando o paciente, de maneira nenhuma, pode ir aos locais reservados para o mister, que são o hospital espírita, a escola espírita ou o próprio Centro Espírita. As consequências de um médium andar daqui para ali aplicando passes são muito graves, porque ele não pode pretender estar armado de defesas para se

acautelar das influências que o aguardam em lugares onde a palavra superior não é ventilada, onde as regras de moral não são preservadas, e onde o bom comportamento não é mantido. Devemos, sim, atender a uma solicitação, vez que outra. Mas, se um paciente tem um problema orgânico muito grave, chama o médico e este faz o exame local, encaminhando-o ao hospital para os exames complementares, tais como as radiografias, os eletrocardiogramas, eletroencefalogramas e outros, o paciente vai, e por quê? Porque acredita no médico. Se, porém, não vai ao Centro Espírita é porque não acredita, por desprezo ou preconceito. Crê mais na falsa pudicícia do que na necessidade legítima." (*Diretrizes de Segurança, questão 81.*)

Quanto à correta maneira de aplicarmos o passe, é sempre bom recordar o que Allan Kardec escreveu em setembro de 1865 na "Revista Espírita" (Edicel, ano 1865, pág. 254): "Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, *mas não indispensável*. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e querer o bem, muitas vezes *basta impor as mãos* sobre a dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer um, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maior parte dos médiuns curadores inconscientes, os que não se dão conta de sua faculdade, e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se entreajudam orando. Apenas sua *ignorância* lhes faz *crer* na influência *desta ou daquela fórmula*".

Sobre o ectoplasma e sua utilização, sugerimos ainda à leitora que leia os textos abaixo publicados nesta revista:

Diferença entre ectoplasma e materialização de Espíritos, de Davilson Silva - http://www.oconsolador.com.br/ano6/264/davilson_silva.html

O que há por trás das assombrações, de Davilson Silva - http://www.oconsolador.com.br/ano6/291/davilson_silva.html

Mediunidade de cura é fenômeno físico, de Davilson Silva - http://www.oconsolador.com.br/ano6/270/davilson_silva.html

Hipóteses sobre a ação orgânica e psicológica do ectoplasma, de Jáder Sampaio - <http://www.oconsolador.com.br/ano2/88/especial.html>

26/10/2014

Edição 386

Um leitor de nossa revista pergunta-nos: O comunismo é ateu?

Antes de responder a semelhante questão, lembremos que se entende por comunismo a doutrina ou sistema social que preconiza a comunidade de bens e a supressão da propriedade privada dos meios de produção: terras, minas, fábricas etc.

O comunismo seria, segundo alguns, a etapa final de um sistema que tem por fim a igualdade social e a passagem do poder político e econômico para as mãos das pessoas que compõem a comunidade.

A palavra comunismo tem origem no latim comunis, que significa comum.

Como doutrina ou sistema social, é ele muito anterior ao advento do marxismo, fato que se deu a partir de meados do século XIX.

Nos primeiros tempos buscou-se dar-lhe uma fundamentação teórica nas teorias do estado dos sofistas gregos e na obra *República* de Platão, ideia que teve como adversários pensadores como Aristóteles.

Depois disso, o comunismo continuou a se fazer sentir em muitos movimentos sectários, como foi o caso de Thomas Münzer e dos anabatistas, em seitas puritanas da América do Norte nos séculos XVII e XVIII, com a suposição de que o "amor ao próximo" resultaria de uma regulamentação pública, o que seria contrário à proposta cristã.

O ressurgimento das ideias comunistas ou socialistas (termos utilizados nos primeiros momentos de forma indistinta como sinônimos), no princípio do século XIX, esteve relacionado com a Revolução Industrial. Os abusos do capitalismo e do liberalismo econômico, cometidos pela transformação da economia e da indústria, provocaram um movimento crítico que, em muitos casos, fez com que fossem lembradas as ideias comunistas.

Não havia, porém, e efetivamente não há relação entre "comunismo" e "ateísmo". Uma pessoa pode ser adepto de uma religião qualquer, inclusive a cristã, e ter em seu ideário político ou social ideias comunistas.

Se determinado adepto do comunismo é ateu, ele o é por outras razões, e não por cultivar os ideais comunistas. Esse pensamento está bem claro na mensagem intitulada "Pergunta e Resposta", que Emmanuel escreveu pelas mãos de Chico Xavier e a FEB inseriu no livro *Coletânea do Além*.

Ei-la, na íntegra:

"Como devemos encarar o comunismo cristão?"

O comunismo em suas expressões de democracia cristã está ainda longe de ser integralmente compreendido como orientador de vossas forças político-administrativas.

Somente serão entendidas as suas concepções adiantadas, à luz dos exemplos do Cristo, quando reconhecerdes que o Evangelho não quer transformar os ricos em pobres e sim converter os indigentes em ricos do mundo, fazendo desabrochar em cada indivíduo a concepção dos seus deveres sagrados, em face dos problemas grandiosos da vida.

Comunismo ou socialismo cristão não pode ser a anarquia e a degradação que observais algumas vezes em seu nome, significando, acima de tudo, a elevação de todos, dentro da harmonia soberana e perfeita.

Quando o homem praticar a fraternidade, não como obrigação imposta pelas justas conveniências, mas como lei espontânea e divina do seu coração, reconhecendo-se apenas como usufrutuário do mundo em que vive, convertendo as bênçãos da natureza, que são as bênçãos de Deus, em pão para a boca e luz para o espírito, as forças políticas que dirigem os povos nortear-se-ão sem guerras e sem ambições, obedecendo aos códigos de solidariedade comum.

Semelhante estado de coisas, porém, nunca será imposto por armas ou decretos humanos. Representará o amadurecimento da consciência coletiva na compreensão dos legítimos deveres da fraternidade e somente surgirá, no mundo, por efeito do conhecimento e da educação de cada indivíduo." (*Coletânea do Além, obra mediúnica psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.*)

Léon Denis, em seu livro *Socialismo e Espiritismo*, tradução de Wallace Leal V. Rodrigues, publicada pela Casa Editora O Clarim, também se reportou ao tema,

lembrando as condições necessárias para que tais ideais se concretizem no mundo em que vivemos.

Eis o que o grande pensador e escritor francês escreveu:

Longe de nós criticar os comunistas de convicção sincera que desejariam estabelecer na Terra o regime social que reina, provavelmente, nos mundos superiores, onde todos trabalham para cada um e cada um por todos, no espírito de devotamento absoluto a uma causa comum. Esse regime exige, no entanto, qualidades morais e sentimento de altruísmo que não existe senão em condições excepcionais em nosso mundo egoísta e atrasado. É fácil demonstrar que as aspirações generosas do comunismo são ainda prematuras e inaplicáveis na sociedade atual. Seria preciso séculos de cultura moral e de educação popular para levar o espírito humano ao estado de perfeição necessário a uma tal ordem de coisas. Eis por que a posse individual dos frutos do trabalho permanecerá sendo por muito tempo o estimulante indispensável, o meio de emulação que assegura pôr em ação o equilíbrio das forças sociais. (*Socialismo e Espiritismo, pág. 87.*)

No momento, o comunismo não é realizável senão no seio de grupos restritos, cuidadosamente recrutados, nos quais todos os membros sejam animados por uma fé intensa e espírito de sacrifício. Não se poderia sonhar com estender-se a sua aplicação a nações inteiras, a milhões de homens de caracteres e temperamentos tão diferentes. E não será através do crime e pelo sangue que se poderá fundar um regime de fraternidade, solidariedade e amor. As instituições não são realmente vivas e fecundas senão quando os homens, por uma vida interior verdadeira, sabem animá-la. Um comunismo sem ideal elevado não poderia ser construído sobre uma areia perpetuamente movediça. (*Obra citada, págs. 87 e 88.*)

Os revolucionários violentos, que pretendem fundar a ordem social no sangue e sobre ruínas, não passam de cegos e desgarrados. A harmonia social não pode se estabelecer senão sobre a justiça, a bondade, a solidariedade. O verdadeiro comunismo exige a doação de si mesmo, um sentimento de altruísmo que leve até ao sacrifício, e não foi praticado até aqui senão em agrupamentos religiosos, que se inspiravam em um ideal superior e que, em seus arrebatamentos de fé e de amor, chegavam à renúncia pessoal em proveito da coletividade. Acrescentemos ainda que essa renúncia implicava o esquecimento da família. Ora, a família é a base essencial, o pivô de toda sociedade humana. Um sistema assim não poderia, pois, generalizar-se. (*Obra citada, págs. 106 e 107.*)

Em face das explicações acima, cremos que esteja perfeitamente respondida a pergunta feita pelo leitor.

2/11/2014

Edição 387

Em carta publicada nesta mesma edição, a leitora Edaci Giacomini Gonçalves encaminhou-nos as seguintes perguntas:

1) Na hora da sessão mediúnica, no momento do atendimento a distância com o nome da pessoa que está hospitalizada por problemas mentais ou por ser usuária de drogas, é certo pedir ao mentor espiritual daquele que está sendo atendido, para acompanhar o corpo espiritual do paciente até o hospital espiritual, na sala de atendimento onde estamos juntamente com a equipe espiritual que acompanha o trabalho de socorro? ou só devemos mencionar o nome daquele que está sendo atendido?

2) Na sala do passe, no momento da aplicação, qual o ambiente ideal? O silêncio ou alguém fazendo uma oração em voz alta?

Eis o que entendemos acerca dos dois assuntos:

1) No atendimento feito a distância temos duas situações. Na primeira, no chamado passe a distância, é necessário que haja sintonia entre aquele que o administra e a pessoa que o recebe. Essa informação é-nos revelada por Aulus no cap. 17, pp. 168 e seguintes, da obra *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz. "Nesse caso – diz Aulus –, diversos companheiros espirituais se ajustam no trabalho do auxílio, favorecendo a realização, e a prece silenciosa será o melhor veículo da força curadora." A sintonia, como se vê, é indispensável à eficácia do socorro e pressupõe que o paciente esteja ciente do atendimento espiritual que está sendo feito em seu benefício.

A segunda situação, que é a que se verifica no caso mencionado pela leitora, assemelha-se mais a um pedido de intercessão que fazemos aos Benfeitores espirituais, em favor de determinada pessoa. O pedido é, evidentemente, seguido do concurso vibratório das pessoas que o formulam. Basta, então, indicar o nome do paciente e o endereço em que ele se encontra, para que os Benfeitores, deslocando-se até o local, possam prestar o socorro solicitado. Não achamos necessário mencionar o nome do protetor espiritual do enfermo, embora essa citação não traga nenhum inconveniente ao atendimento.

2) Na sala do passe o silêncio é medida recomendada por todos os estudiosos, porque isso favorece a concentração de quem aplica o passe e de quem o recebe. Diz Martins Peralva: "É aconselhável, a nosso ver, ore o indivíduo, em silêncio, enquanto recebe o passe, a fim de que sua organização psicofísica incorpore e assimile, integralmente, as energias projetadas pelo passista". (*Estudando a Mediunidade*, item XXVII.)

Na questão 76 do livro *Diretrizes de Segurança*, o confrade J. Raul Teixeira escreveu: "Nos momentos dos passes, todo o recolhimento é importante. O silêncio para a oração profunda, silêncio do aplicador e silêncio por parte de quem recebe, facilitando a penetração nas ondas de harmonia que o passe propicia".

Em algumas instituições espíritas, costuma-se utilizar na sala de passes uma música adequada, em tom baixo, para favorecer a harmonização das pessoas. Existe também em alguns centros o hábito de alguém proferir a Oração Dominical em voz alta – alta, mas em tom adequado – enquanto os passes se processam. Conhecemos confrades que consideram excelentes os resultados dessa prática, alegando que muitos pacientes, devido ao estado em que se encontram, têm dificuldade de concatenar o pensamento e orar, o que é verdade. Outros entendem que essa prática cria um condicionamento, algo que é sempre bom evitar na prática espírita.

Pessoalmente, entendemos que tudo depende da situação em que nos encontrarmos e que cabe ao dirigente verificar o que é mais adequado à instituição em que atue e às condições das pessoas que nela são beneficiadas com o passe.

9/11/2014

Edição 388

Uma jovem senhora fez-nos de forma direta duas perguntas:

- Por que é preciso perdoar?
- Por que há pessoas que não perdoam?

Em primeiro lugar, é bom lembrar que Jesus falou-nos do perdão em inúmeras oportunidades e, quando forneceu à Humanidade um modelo de prece, nela fez constar a conhecida frase: "Pai, perdoa as nossas ofensas, como nós perdoamos aos nossos ofensores".

Hoje, mais de dois mil anos depois, podemos recorrer à Ciência, e não apenas ao Evangelho, para dizer que perdoar faz bem.

Em Michigan (Estados Unidos), pesquisadores do Hope College chegaram à conclusão de que perdoar as ofensas é uma forma de manter a saúde e pode ser até mesmo crucial para a sobrevivência da espécie.

A pesquisa conduzida pela citada instituição comparou os batimentos cardíacos, a taxa de suor e outras reações de pessoas expostas ao sofrimento ou à raiva que conseguiram ou não perdoar.

Tabulados os dados, eis a conclusão que foi amplamente divulgada: perdoar faz bem ao corpo e não somente à alma, algo que Jesus, com toda a certeza, sabia. A doutrina ensinada pelos Espíritos superiores inclui o perdão das ofensas, a indulgência para com as imperfeições alheias e a benevolência para com todos entre as virtudes que formam o conceito de caridade, tal como, segundo os instrutores espirituais, a entendia Jesus.

Perdoar faz bem porque, quando conseguimos desculpar o erro ou a provocação de alguém contra nós, exoneramos o mal de qualquer compromisso para conosco, ao mesmo tempo que nos desvencilhamos de todos os laços suscetíveis de apresar-nos a ele.

Mágoa retida é doença para o Espírito, a quem corrói as forças físicas e envenena a alma.

Em face disso, é necessário, para a própria paz, ante quaisquer ofensas, perdoar sempre. Não foi, pois, sem razão que Jesus disse a Pedro que não se deveria perdoar apenas sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

No cap. 23 do seu livro *Episódios Diários*, obra psicografada por Divaldo Franco, Joanna de Ângelis nos ensina:

"Só os homens de pequeno porte moral se desforçam, tombando em fosso mais profundo do que aquele em que se encontra o seu perseguidor.

Se desculpas o acusador, és melhor do que ele.

Se perdoas ao inimigo, te encontras em mais feliz situação do que a dele.

Se ajudas a quem te fere, seja por qual motivo for, lograste ser um homem de bem, um verdadeiro cristão.

Desforço, jamais!"

*

No tocante à segunda pergunta (Por que há pessoas que não perdoam?), é difícil estabelecer qual é, no caso concreto, o verdadeiro motivo, que pode estar relacionado a dificuldades ocorridas no passado e ainda não superadas. Mas, em qualquer caso, semelhante atitude decorre dessa chaga moral chamada orgulho, pai do egoísmo e de todos os vícios que atravancam o progresso espiritual das pessoas e do mundo.

16/11/2014

Edição 389

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Luís Antônio Pereira Leite, de Cachoeirinha (RS), volta à história de Ascânio e Lucas, assunto comentado na seção de Cartas da edição 387.

Causaram estranheza ao leitor, no caso em foco, conforme dito em sua nova carta:

- o fato de mesmo no caso de perdão, com adoção de uma nova conduta por parte do devedor, haver ainda necessidade de “pagar”, ou melhor, resgatar uma dívida perante a Lei contraída no passado;
- a circunstância de tal “pagamento” ou resgate ocorrer depois de muitos séculos.

Os dois fatos, embora tenham causado perplexidade no leitor, têm fundamento nos ensinamentos cristãos e, obviamente, nos ensinamentos espíritas, como adiante veremos.

Vejamos primeiro o que nos é dito nos textos evangélicos:

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será réu do sinédrio; e qualquer que lhe disser: Louco, será réu do fogo do inferno. Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta. Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali **enquanto não pagares o último ceutil.** (*Mateus 5:21-26.*)

E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo, Rabi; e beijou-o. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam. E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos **os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.** (*Mateus 26:49-52.*) (*Grifamos.*)

A dureza da Lei, sintetizada magnificamente nos textos acima, não poupou nem mesmo João Batista, sobre o qual Jesus disse as seguintes palavras:

E, partindo eles, começou Jesus a dizer às turbas, a respeito de João: Que fostes ver no deserto? uma cana agitada pelo vento? Sim, que fostes ver? um homem ricamente vestido? Os que trajam ricamente estão nas casas dos reis. Mas, então que fostes ver? um profeta? Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta; porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face envio o meu anjo, que preparará diante de ti o teu caminho. Em verdade vos digo que, **entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João, o Batista**; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele. E, desde os dias de João o Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, **é este o Elias que havia de vir**. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (*Mateus 11:7-15.*) (*Grifamos.*)

Destacamos no texto acima estas duas informações pronunciadas por Jesus: 1) Ninguém é maior do que João Batista. 2) Ele é o Elias que havia de vir. Apesar disso, João Batista foi degolado no cárcere, por ordem de Herodes, como relata o texto abaixo:

Naquele tempo ouviu Herodes, o tetrarca, a fama de Jesus. E disse aos seus criados: Este é João, o Batista; ressuscitou dos mortos, e por isso estas maravilhas operam nele. Porque Herodes tinha prendido João, e tinha-o maniatado e encerrado no cárcere, por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, porque João lhe dissera: Não te é lícito possuí-la. E, querendo matá-lo, temia o povo; porque o tinham como profeta. Festejando-se, porém, o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante dele, e agradou a Herodes. Por isso prometeu, com juramento, dar-lhe tudo o que pedisse. E ela, instruída previamente por sua mãe, disse: Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João o Batista. E o rei afligiu-se, mas, por causa do juramento, e dos que estavam à mesa com ele, ordenou que se lhe desse. E **mandou degolar João no cárcere**. (*Mateus 14:1-10.*) (*Grifamos.*)

Corre no meio espírita uma tese, defendida também por Chico Xavier, de que o fato ocorrido com João Batista não se deveu a um simples capricho de uma jovem, mas ao cumprimento da Lei, visto que João resgatava naquele episódio uma dívida contraída séculos atrás quando viveu na Terra sob o nome de Elias. Eis como o episódio foi narrado no Antigo Testamento:

Sucedeu que, no momento de ser oferecido o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou, e disse: Ó Senhor Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme à tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu és o Senhor Deus, e que tu fizeste voltar o seu coração. Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o

povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus! E Elias lhes disse: Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape. E lançaram mão deles; e **Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom, e ali os matou.** (1 Reis 18:36-40) (Grifamos.)

O resgate dos crimes cometidos por Elias ocorreu, como se vê, muito tempo depois de haverem sido cometidos, e não importou no caso o fato de João Batista (o mesmo Elias reencarnado) ser, dos nascidos de mulher, o maior que reencarnara no planeta até aquele momento.

Quanto aos ensinamentos espíritas, são vários os relatos que mostram que muitos resgates ocorrem séculos depois da falta cometida. A razão é simples: Deus não apressa a expiação, Deus sabe esperar, como nos informa o texto seguinte extraído da principal obra espírita:

262-a. Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus? "Deus sabe esperar, **não apressa a expiação**. Todavia, pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação." (O Livro dos Espíritos, questão 262-a.) (Grifamos.)

O caso do incêndio do edifício Joelma serve como ilustração desse fato. Como o leitor pode conferir lendo os cap. 25 e 26 do livro *Diálogo dos Vivos*, de autoria de Chico Xavier, J. Herculano Pires e Espíritos diversos, as pessoas que pereceram naquele incêndio, ocorrido no dia 1º de fevereiro de 1974, resgatavam com aquele episódio crimes cometidos na época das Cruzadas, nove séculos atrás.

Três Espíritos manifestaram-se naquela oportunidade: Emmanuel e os poetas Cyro Costa e Cornélio Pires. Do soneto *Luz nas chamas*, de Cyro Costa, destacamos a parte final:

Varrem com fogo e pranto as sombras de outras eras
Combatentes da Cruz em provações austeras,
Conquanto heróis do mundo, honrando os tempos idos.

Na Terra o sofrimento, a angústia, a cinza, a escória...
Mas ouvem-se no Além os hinos de vitória
Das Milícias do Céu saudando os redimidos.

Explicando a dúvida que muitos podem ter, como ocorreu com o leitor gaúcho, J. Herculano Pires escreveu o seguinte texto:

Mesmo entre os espíritas, alguns poderão perguntar por que motivo dívidas tão remotas só agora foram pagas. As Cruzadas se verificaram entre princípios do Século XI e final do Século XIII. É que a Lógica Divina é superior à lógica humana. Débitos pesados esmagariam o espírito endividado, sob cobrança imediata. Convém dar tempo ao

tempo para que os resgates se façam de maneira proveitosa. Os espíritos devem evoluir o suficiente para que suas próprias consciências os levem a aceitar o resgate e a pedi-lo, reconhecendo a medida como necessária para continuidade de sua evolução. Entrementes, nas encarnações sucessivas, partes do débito vão sendo pagas, aliviando o devedor. Por isso Cyro Costa alude a "resquícios de culpa" e não à culpabilidade total. Também por isso as vítimas foram recebidas de maneira gloriosa, pois agora comparecem na Espiritualidade como heróis da evolução, espíritos que se propuseram a passar na Terra pelo que inflaram a outros no passado. Não foram submetidos compulsoriamente ao sacrifício, mas entregaram-se a ele de maneira espontânea, no exercício voluntário do seu livre arbítrio. Essa a sua glória. E o consolo para os que ficam é evidente. Seus entes queridos não foram vítimas ocasionais de um golpe nefando do destino ou da fatalidade. Nada disso. Sacrificam-se num momento terrível mas passageiro, para assegurar-se a felicidade no mundo espiritual e reencarnações felizes no futuro. (*Diálogo dos Vivos, cap. 26.*)

Creemos que as explicações acima são suficientes para que o leitor entenda que o caso Ascânio e Lucas não fugiu à normalidade e, com certeza, é muito mais comum do que pensamos.

23/11/2014

Edição 390

Uma leitora apresentou-nos uma questão interessante, vazada nestes termos:

– Bom dia, amigo. É possível sabermos qual é nossa missão aqui?

Dissemos-lhe que sim, e não se trata de algo difícil.

Podemos, por exemplo, à noite, antes de dormir, solicitar a Jesus que nosso protetor espiritual nos faça recordar, durante o período do sono, nossa programação reencarnatória.

Trata-se de um pedido cujo atendimento não oferece dificuldade alguma aos benfeitores espirituais e nenhum inconveniente para nós que estamos reencarnados.

No dia seguinte, mesmo que não nos lembremos de nada, teremos a intuição da conversa mantida com nosso protetor e esse fato poderá ajudar-nos de forma efetiva a que cumpramos na vida aquilo que Deus espera que façamos.

É bom recordemos, quando tratamos desse assunto, que a missão de todos nós, sem exceção, está bem definida na questão 132 d' *O Livro dos Espíritos*, adiante reproduzida:

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

"Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens

de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

Como se vê, nossa passagem pela existência corpórea tem dupla finalidade:

- aprimoramento individual com vistas à perfeição e
- participação na obra da criação com vistas ao progresso do mundo em que vivemos.

Os pormenores relacionados com os dois objetivos variam, evidentemente, de pessoa a pessoa, mas a meta é uma só e, por isso, não podemos jamais perdê-la de vista, desviando-nos do caminho que a ela conduz.

30/11/2014

Edição 391

A leitora Sandra G. Magalhães, de Belo Horizonte, MG, em carta publicada na edição passada, escreveu-nos o seguinte:

“Gostaria de entender fatos relacionados com mortes violentas de namorados, ao decorrer da vida, impossibilitando chegar a uma união cível e religiosa. Perdas de todos os parentes por parte de pai e mãe, amizades sinceras e queridas que partiram prematuramente, situação que obriga a pessoa a se isolar, são pagamentos por terem cometido faltas em vidas passadas, e nesta, viver parte da vida só?”

Com base nos depoimentos de Espíritos que passaram por situações como as descritas, vê-se que os motivos que determinam esses casos variam de pessoa a pessoa. Há momentos em que a prova ou a expiação tem por alvo o desencarnante e outros em que o familiar, ou familiares, é que são o alvo.

A morte é, como sabemos, um acontecimento previsto na vida de todas as pessoas. O que caracteriza sua natureza como prova ou resgate é a forma ou o momento como ela se dá.

De fato, a morte de uma pessoa que é retirada da existência corpórea momentos antes do seu casamento, ou da conclusão de um curso universitário, causa uma comoção bem diferente da que é produzida pelo falecimento de uma pessoa de 90 anos.

Nesse sentido, seria interessante que a leitora, quando isso for possível, lesse as mensagens que compõem o livro *Jovens no Além*, obra psicografada por Chico Xavier em 1975 que apresenta o relato individual de 4 jovens que faleceram em pleno vigor da idade:

Augusto César com 25 anos,

Carlos Alberto com 17 anos,

Jair Presente com 25 anos e

Wady Abrahão com 17 anos.

De duas espécies, diz Allan Kardec, são as vicissitudes da vida, ou, se assim o preferirmos, promanam de duas fontes bem diferentes. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Entre as causas anteriores das aflições, o Codificador do Espiritismo menciona a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. (Cf. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 6.)

Encontraremos, portanto, no passado, seja qual for o objetivo da ocorrência, a causa verdadeira dos fatos mencionados pela leitora, os quais não podemos, evidentemente, atribuir a um simples acaso.

Se todo efeito tem uma causa, tais acontecimentos são efeitos que hão de ter uma causa e, se admitimos que Deus é justo e bom, essa causa há de ser justa. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal. Se esse mal não o fizemos na presente existência, tê-lo-emos feito noutra. Essa é uma conclusão lógica a que ninguém pode fugir.

Feitas as considerações precedentes, Kardec assim concluiu as explicações pertinentes ao tema ora em foco:

“Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc.

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente.

Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 7.*)

7/12/2014

Edição 392

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Reinaldo Cantanhêde Lima escreveu-nos o seguinte:

Solicito na medida do possível explicar sobre bens materiais. Percebe-se que o Evangelho seja contra riquezas materiais: "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar". Daí a minha inquietação: Deus é contra riquezas materiais? Nos templos católicos parece os padres se preocuparem com a pobreza! Nos Centros Espíritas existem as campanhas: enxugando lágrimas, sopões etc. Eu gostaria de neste espaço ler sobre o assunto em comento.

Não é verdade que o Evangelho seja contra a riqueza, muito menos o Espiritismo. Riqueza e miséria, tanto quanto beleza e fealdade, são provas,

cada qual com um objetivo específico e igualmente necessárias no curso do processo evolutivo.

Lemos nas questões 814 a 816 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec:

814. Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria? "Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência."

815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza? "São-no tanto uma quanto outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos."

816. Estando o rico sujeito a maiores tentações, também não dispõe, por outro lado, de mais meios de fazer o bem? "Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente."

Comentando o assunto, o Codificador do Espiritismo escreveu:

"A alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder. A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: 'Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus'." (*O Livro dos Espíritos, nota aposta em seguida à questão 816.*)

O tema, dada a sua relevância, foi objeto de vários comentários inseridos por Allan Kardec no cap. XVI d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Eis um deles, de autoria do próprio Codificador:

"Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. E o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamentos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Mas, do fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que

dela sabe servir-se, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento. (...)

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual." (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVI, item 7.*)

Concluindo, transcrevemos a mensagem que compõe o cap. 150 do livro *Caminho, Verdade e Vida*, de Emmanuel, obra psicografada pelo médium Chico Xavier, em que o conhecido instrutor espiritual destaca também a importância da riqueza no mundo em que vivemos:

"O caminho evolutivo está sempre repleto de agulhões. De outro modo, não enxergaríamos a porta redentora.

Entrega-se Deus aos filhos da Criação inteira, reparte com todos os tesouros de seu amor infinito, estimula-os a se elevarem, através de mil modos diferentes; entretanto, existem círculos numerosos como a Terra, em que as criaturas não se apercebem dessas realidades gloriosas e paralisam a marcha, dormindo no leito da ilusão.

Perante tal inércia, os mensageiros da Providência, aos quais se confiou a tarefa de iluminação dos que estacionam na sombra, promovem recursos para que se verifique o despertar.

Cientes de que Deus dá tudo — a vida, os caminhos, os bens infinitos, os gênios inspiradores e só pede às criaturas se lhe dirijam aos braços paternos — esses divinos emissários organizam os agulhões, por amor aos seus tutelados.

Nesse programa, criou Jesus os mais nobres incitamentos, para a esfera terrestre. A riqueza e a pobreza, a fealdade e a formosura, o sofrimento e a luta são agulhões ou oportunidades instituídos pelo Cristo, a benefício dos homens.

Cada existência e cada pessoa têm a sua dificuldade particular, simbolizando ensejo bendito.

Analisa a tua vida, situa teus agulhões e não te voltes contra eles. Se um espírito da grandeza de Paulo de Tarso não podia recalcitrar, imagina o que se pedirá do nosso esforço." (*Caminho, Verdade e Vida, cap. 150.*)

Em face de explicações tão claras, esperamos que as dúvidas do leitor fiquem devidamente sanadas.

14/12/2014

Edição 393

Na edição passada, publicamos na seção de "Cartas" a mensagem que a leitora Andreia Maria, de Belém (PA), enviou a esta revista no dia 27 de novembro de 2014, nos seguintes termos:

Assunto: Especial 380 - Vencendo nossos medos - Parte 2 e final
Foi muito bom, mas gostaria de saber um pouco mais, principalmente sobre o medo de altura. Digo o porquê: sinto desde que me conheço por gente um medo muito grande de altura, e gostaria de poder saber um pouco mais sobre isso. Um exemplo disso é que uma vez trabalhei em um prédio onde o apartamento era no sexto andar eu não conseguia chegar nem perto da varanda, para olhar a cidade. Eu gostaria muito saber como lidar com isso. Muitas das vezes tenho visões, é como se alguém me empurrasse ou me jogasse de lugar bem alto como se fosse um penhasco, mas isso é raro de acontecer. Só quero aprender a entender melhor e lidar com isso da forma mais racional possível.

Como o artigo por ela citado é de autoria do confrade Eurípedes Kühl, transmitimos a ele a mensagem de nossa leitora.

Aqui está a resposta que o confrade gentilmente redigiu, procurando assim sanar as dúvidas que nos foram apresentadas:

"Na segunda parte do artigo **Vencendo nossos medos** (O Consolador, edição nº 380), dissemos que os medos, em geral, para serem vencidos necessitam que inicialmente sejam autoanalisados, isto é, precisam ser diagnosticados e feito um projeto para domá-los.

No artigo foram consignadas sugestões para afastar qualquer medo, bem como a visão espírita desse terrível flagelo. Agora, acrescentamos mais algumas.

Do artigo não constaram algumas fobias relativas à altura, que agora citamos, como um dos meios para a missivista poder melhor identificar seu medo:

- Acrofobia: o mesmo que "larofobia", é o medo irracional de lugares altos. Pessoas que sofrem de acrofobia podem se habituar com determinados lugares altos em particular, isto é, perder o medo desses lugares, mas a sensação de medo voltará quando o indivíduo for a algum outro lugar alto. Uma quantidade surpreendente de alpinistas têm acessos intermitentes de acrofobia.
- Abissofobia: é um medo incomum que o indivíduo tem de abismos, de precipícios.
- Aeroacrofobia: é uma fobia em que a pessoa que a possui tem medo de ficar em lugares altos e abertos, ao ar livre.
- Batofobia: medo de alturas ou de ficar fechado em edifícios altos.
- Hipsifobia: medo de altura.
- Ilingofobia: medo de vertigem ou sentir vertigem quando olha para baixo.

Como se vê, a altura é um espaço gerador de vários medos.

Seja qual for a situação — imaginária ou realmente vivenciada — em que o medo de altura se apresenta, para erradicá-lo ou dominá-lo, de início, sugerimos:

1. Autoanálise meticulosa, buscando na memória (desde a tenra infância, se possível, até a idade atual) qualquer ato ou fato em lugares altos que o justifiquem: ameaças, brincadeiras, quedas, escorregões,

enfim, qualquer lembrança que no caso se transformou em trauma. Encontrada alguma pista, não será difícil dali em diante afastá-lo ante qualquer aproximação. Caso contrário, a lógica da reencarnação remete a origem a existências passadas.

2. De forma consciente, corajosa, mas segura, enfrentar o medo, sabendo que ele é algo abstrato, incapacitante e que requer o poder da vontade para vencê-lo.

3. Surgindo qualquer prenúncio de medo ante atividade futura a se desenrolar em lugar alto, afastá-la energicamente e mentalizar segurança na ação, na qual todas as normas de segurança serão cumpridas, inclusive sob sua observação.

4. Como todos os medos situam-se no campo mental-emocional, eles devem ser considerados como algo indutor a grande desconforto e que enfraquecem o moral, minando as forças da alma, carreando influências inferiores e não raro mal-estar físico — no caso do medo de altura, até desequilíbrio... Aí, em todos os medos, o incomparável meio de inibi-los, sanando tais anormalidades, será a fé e o poder da oração.

5. Pela prece fervorosa daquele que se encontra em qualquer tipo de dificuldade — física ou mental —, o auxílio do Mais Alto invariavelmente o socorrerá. Isso porque aquele que assim ora, abre pela fé as portas do seu Espírito às bênçãos permanentes que fluem da Espiritualidade.

6. No livro *Nosso Lar*, escrito por André Luiz, psicografia de Chico Xavier, no capítulo 42, como foi citado na Parte 1 do artigo **Vencendo nossos medos**, o Espírito da enfermeira Narcisa, em diálogo com André, recomenda *exercícios adequados contra o medo*. Segundo ali se lê, é elevada a porcentagem de existências humanas estranguladas simplesmente pelas vibrações destrutivas do terror, que é tão contagioso como qualquer moléstia de perigosa propagação. Por isso, a Governadoria da colônia Nosso Lar coloca o treinamento contra o medo muito acima das próprias lições de enfermagem, visto que a calma é garantia do êxito."

21/12/2014

Edição 394

Reservamos para esta data, às vésperas do Natal, uma questão que nos foi apresentada por um leitor desta revista, a propósito da propalada divindade de Jesus, que a Igreja elevou à categoria de dogma por força de um concílio que o pontífice da época, o papa Líbero, não quis sancionar, sendo por isso banido. Acrescente-se que a proposta havia sido rejeitada anteriormente por três concílios, o mais importante dos quais foi realizado em Antioquia no ano de 269.

No cap. VI do seu livro *Cristianismo e Espiritismo*, Léon Denis diz que tal ideia contradiz formalmente as opiniões dos apóstolos e as palavras do próprio Jesus, que com frequência se designava *Filho do homem*, raramente se chamava *Filho de Deus* e nunca se declarou Deus, como comprovam os textos abaixo reproduzidos, todos eles constantes das Escrituras:

"Quem me recebe, recebe *aquele que me enviou*; porque aquele que é o menor entre vós é o maior." (Lucas, cap. IX, v. 48.)

"Quem recebe em meu nome uma criancinha como esta, me recebe, e quem me recebe, não recebe só a mim, mas recebe *aquele que me enviou*." (Marcos, cap. IX, v. 36.)

"Jesus lhes disse, pois: Se Deus fosse o vosso Pai, me amaríeis, porque foi de Deus que eu saí, e que *é de sua parte que vim; porque não vim por mim mesmo*, mas foi ele quem me enviou." (João, cap. VIII, v. 42.)

"Jesus lhes disse, pois: Estou ainda convosco por um pouco de tempo, e em seguida vou *para aquele que me enviou*." (João, cap. VII, v. 33.)

"Aquele que vos escuta me escuta; aquele que vos despreza me despreza, e *quem me despreza, despreza aquele que me enviou*." (João, cap. X, v. 16.)

"Fostes vós que permanecestes sempre firmes comigo nas minhas tentações. Por isso eu vos preparo o Reino, *como meu pai mo preparou*, a fim de que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e que vos senteis sobre os tronos para julgar as doze tribos de Israel." (Lucas, cap. XXII, v. 28, 29 e 30.)

"Por mim eu digo o que *vi na casa de meu Pai*, fazeis vós o que vistes na casa de vosso pai." (João, cap. VIII, v. 38.)

"Ao mesmo tempo apareceu uma nuvem que os cobriu, e saiu dessa nuvem uma voz que fez ouvir estas palavras: *Este é meu filho bem-amado*; escutai-o." (Transfigur. São Marcos, cap. IX, v. 6.)

"Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á sobre o trono de sua glória; e todas as nações estando reunidas, separará umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, o Rei dirá àqueles que estarão à sua direita: *Vinde, vós que fostes abençoados por meu Pai*, possuir o reino que vos foi preparado desde o começo do mundo." (Mateus, cap. XXV, v. 31 a 34.)

"Quem me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu o reconhecerei e o confessarei também diante de meu Pai que está nos céus; e quem me renunciar diante dos homens, eu o renunciarei também, *eu mesmo, diante de meu Pai que está nos céus*." (Mateus, cap. X, v. 32, 33.)

"Ora, eu vos declaro que quem me confessar e me reconhecer diante dos homens, *o filho do homem o reconhecerá também diante dos anjos de Deus*; mas se alguém me renunciar diante dos homens, *eu o renunciarei também diante dos anjos de Deus*." (Lucas, cap. XII, v. 8, 9.)

"Mas se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, o filho do homem se envergonhará também dele, quando vier em sua glória e *na de seu pai e dos santos anjos*." (Lucas, cap. IX, v. 26.)

"Mas por aquilo que é de estar sentado à minha direita ou à minha esquerda, *não é a mim, de nenhum modo, que cabe vo-lo dar*, mas será por aquele *a quem meu Pai preparou*." (Mateus, cap. XX, v. 23.)

"Ora, os fariseus estando reunidos, Jesus lhes fez esta pergunta, e lhes disse: Que vos parece o Cristo? De quem é filho? Eles lhe responderam: De David. E como, pois, lhes disse, David chama-o em espírito o seu Senhor com estas palavras: O Senhor disse ao meu Senhor: *Sentai-vos à minha direita até que reduza os vossos inimigos a vos servir de escabelo? Se, pois, David chama-o seu Senhor, como é ele seu filho?*" (Mateus, cap. XXII, v. 41 a 45.)

"Mas Jesus, ensinando no templo, lhes disse: Como os escribas dizem que o Cristo é o filho de David, uma vez que David, ele mesmo, disse ao meu Senhor: *Sentai-vos à minha direita até que haja reduzido vossos inimigos a vos servir de escabelo? Depois, portanto, que David o chama, ele mesmo, seu senhor,*

como é seu filho?" (Marcos, cap. XII, v. 35, 36, 37. São Lucas, cap. XX, v. 41 a 44.)

"Ouvistes o que vos disse: Eu me vou, e volto a vós. Se me amais, vos alegrareis de que vou para meu Pai, *porque meu Pai é maior do que eu.*" (João, cap. XIV, v. 28).

"Então um jovem se aproxima e lhe diz: Bom mestre, que bem é necessário que eu faça para adquirir a vida eterna? Jesus lhe respondeu: Por que me chamais bom? *Não há senão Deus que seja bom.* Se quereis entrar na vida, guardai os mandamentos." (Mateus, cap. XIX, v. 16, 17. São Marcos, cap. X, v. 17, 18, . São Lucas, cap. XVIII, v. 18, 19.)

"*Não falei, de nenhum modo, de mim mesmo; mas meu Pai, que me enviou, foi quem me prescreveu, por seu poder, o que devo dizer, e como devo falar; e eu sei que o seu poder é a vida eterna; o que eu digo, pois, o digo segundo o que meu Pai me ordenou.*" (João, cap. XII, v. 49, 50.)

"Jesus lhes respondeu: *Minha doutrina não é minha doutrina, mas a doutrina daquele que me enviou.* Se alguém quer fazer a vontade de Deus, reconhecerá se a minha doutrina é dele, ou se falo de mim mesmo. Aquele que fala de seu próprio movimento procura sua própria glória, mas aquele que procura a glória de quem o enviou é verídico, e nele, de nenhum modo, há injustiça." (João, cap. VII, v. 16, 17.)

"Aquele que não me ama nada, não guarda minha palavra; e a palavra que ouvistes não foi a minha palavra em nada, mas a de meu Pai que me enviou." (João, cap. XIV, v. 24.)

"Não credes que estou em meu Pai e que meu Pai está em mim? O que vos digo, não vo-lo digo por mim mesmo; mas meu Pai, que mora em mim faz, ele mesmo, as obras que eu faço." (João, cap. XIV, v. 10.)

"O céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Pelo que é do dia e da hora, o homem não o sabe, nem mesmo os anjos que estão no céu, nem mesmo o Filho, mas somente o Pai." (Marcos, cap. XIII. v. 32. Mateus, cap. XXIV v. 35, 36.)

"Jesus lhes disse, pois: Quando houverdes levantado ao alto o filho do homem, então conhecereis o que sou, porque *eu não faço nada de mim mesmo, não digo senão o que meu Pai me ensinou;* e aquele que me enviou está comigo, e de modo nenhum me deixou só, porque *faço sempre o que lhe é agradável.*" (João, cap. VIII, v. 28, 29.)

"Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou." (João, cap. VI, v. 38.)

"Mas, por mim, tenho um testemunho maior do que o de João, porque as obras que meu Pai me deu o poder de fazer, as obras, digo eu, que faço, dão testemunho de mim, que foi meu Pai que me enviou." (João, cap. V, v. 36.)

"Mas agora procurais me fazer morrer, eu que vos disse a verdade que aprendi de Deus, foi o que Abraão nunca fez." (João, cap. VIII, v. 40.)

"Por causa disso, os Judeus perseguiam Jesus e procuravam fazê-lo morrer, porque fizera essas coisas no sábado. Mas Jesus lhes disse: *Meu pai age até o presente, e eu ajo também.*" (João, cap. V, v. 16, 17.)

"Porque o Pai não julga ninguém; mas dá todo poder de julgar ao Filho, a fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Aquele que não honra em nada o Filho, não honra em nada o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade vos digo, aquele que ouve a minha palavra, e que crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não cai na condenação; mas já passou da morte à vida. Em verdade, em verdade vos digo, a hora vem, e ela já veio, em que os mortos

ouvirão a voz do Filho de Deus, e aqueles que ouvirão, viverão; porque como o Pai tem a vida em si mesmo, também deu ao Filho ter a vida nele mesmo, e *lhe deu o poder de julgar*, porque é o *Filho do homem*." (João, cap. V, v. 22 a 27.)

"E o Pai que me enviou, ele mesmo, tem dado testemunho de mim. *Jamais ouvistes a sua voz*, nem vistes a sua face. E sua palavra não permanecerá em vós, porque não credes *naquele que ele enviou*." (João, cap. V, v. 37,38.)

"E quando eu julgar, o meu julgamento será digno de fé, porque *não estou só*; mas meu Pai, que me enviou, está comigo." (João, cap. VIII, v. 16.)

"Meu Pai, a hora é chegada; glorificai vosso Filho, a fim de que vosso Filho vos glorifique. *Como lhe deste poder sobre todos os homens*, a fim de que dê a vida eterna a todos aqueles que lhe destes. Ora, a vida eterna consiste em vos conhecer, *a vós que sois o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviastes*. Pai justo, o mundo em nada vos conheceu; mas eu, eu vos conheci: e estes conheceram que *me enviastes*. Eu lhes fiz conhecer vosso nome e o farei conhecer ainda, a fim de que *o amor, com o qual me amastes*, esteja neles, e que eu próprio esteja neles." (João, cap. XVII, v. 1 a 5, 11 a 14, de 17 a 26, *Prece de Jesus*.)

"É por isso que meu Pai me ama, porque deixo a minha vida para retomá-la. Ninguém ma arrebatou, mas sou eu que a deixo por mim mesmo; tenho o poder de deixá-la e tenho o poder de retomá-la. *É o poder que recebi de meu Pai*." (João, cap. X, v. 17, 18.)

"Eles tiraram a pedra, e Jesus, levantando os olhos para o alto, disse estas palavras: *Meu Pai, eu vos dou graça pelo que me atendestes*. Por mim, sabia que me atenderíeis sempre; mas digo isso para esse povo que me cerca, a fim de que creia que *foi vós que me enviastes*." (*Morte de Lázaro*, São João, cap. XI, v. 41, 42.)

"Eu não vos falarei muito mais, porque o príncipe deste mundo vai chegar, *embora não tenha nada em mim que lhe pertença*: mas a fim de que o mundo conheça que amo meu Pai, e que *faço o que meu Pai me ordenou*." (João, cap. XIV, v. 30 e 31.)

"Se guardardes meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como eu mesmo guardei *os mandamentos de meu Pai*, e permaneço em seu amor." (João, cap. XV, v. 10.)

"Então Jesus, lançando uma grande exclamação, disse: *Meu Pai, reponho minha alma em vossas mãos*. E, pronunciando estas palavras, expirou." (Lucas, cap. XXIII, v. 46.)

"Então, Jesus chegou num lugar chamado Getsêmani; e disse aos seus discípulos: Sentai-vos aqui enquanto vou ali para orar. E tendo tomado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, *começou a se entristecer e a estar numa grande aflição*. Então, lhes disse: *Minha alma está triste até à morte*; permaneci aqui e velai comigo; e indo um pouco mais longe, se prosternou com o rosto contra a terra, pedindo e dizendo: *Meu Pai, se for possível, faça com que este cálice se afaste de mim*; não obstante, que isso seja não *como eu o quero*, mas *como o quereis*. Veio em seguida para os seus discípulos, e tendo-os encontrado dormindo, disse a Pedro: O quê! Não pudestes velar uma meia hora comigo? Velai e orai, a fim de não cairdes na tentação. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca. Foi-se ainda orar uma segunda vez, dizendo: *Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba*, que a vossa vontade seja feita." (Jesus no Jardim das Oliveiras. São Mateus, cap. XXVI, v. de 36 a 42.)

"Então, lhes disse: Minha alma está triste até à morte; permaneci aqui e velai. E, tendo ido um pouco mais longe, se prosternou contra a terra, pedindo que, se fosse possível, *essa hora se afastasse dele*. E dizia: Abba, meu Pai, *tudo vos é possível, transportai este cálice para longe de mim*; contudo, que a vossa vontade seja feita e não a minha." (Marcos, cap. XIV, v. 34, 35, 36.)

"Quando chegou naquele lugar, lhes disse: Orai a fim de que não sucumbais em nada à tentação. E estando longe deles em torno de um lanço de pedra, pôs-se de joelhos, dizendo: Meu Pai, se quereis, *afastai este cálice de mim*; contudo, que isso não seja *minha vontade que se faça*, mas a vossa. Então apareceu-lhe um anjo do céu que veio fortificá-lo. E, tendo caído em agonia, redobrou as suas preces. E lhe veio um suor de gotas de sangue que corria até a terra." (Lucas, cap. XXII, v. de 40 a 44.)

"Eles lhe disseram: Que sois vós, pois? Jesus lhes respondeu: *Eu sou o princípio de todas as coisas*, eu mesmo que vos falo. Tenho muitas coisas a dizer de vós; *mas aquele que me enviou é verdadeiro*, e não digo senão o que aprendi com ele." (João, cap. VII, v. 25, 26.)

"O que meu Pai me deu é maior do que todas as coisas; e ninguém pode arrebatá-lo da mão de meu Pai. *Meu Pai e eu somos uma mesma coisa*."

"Então, os judeus pegaram pedras para lapidá-lo e Jesus lhes disse: Fiz, diante de vós, várias boas obras *pelo poder de meu Pai*: por qual delas é que me lapidais? Os judeus lhe responderam: Não é por nenhuma boa obra que vos lapidamos, mas por causa de vossa blasfêmia e porque, sendo homem, vos fazeis Deus. Jesus lhes replicou: Não está escrito na vossa lei: *Eu disse que sois deuses*? Se, pois, ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus está dirigida, e que as Escrituras não possam ser destruídas, por que dizeis que blasfemo, eu que meu Pai santificou e enviou ao mundo, porque eu disse que sou filho de Deus? Se não faço as obras de meu Pai, não me creiais; mas se as faço, quando não queirais crer em mim, crede nas minhas obras, a fim de que conheçais e creiais que meu Pai está em mim e eu em meu Pai." (João, cap. X, v. 29 a 38.)

"Naquele dia, conhecereis que *estou em meu Pai e vós em mim, e eu em vós*." (João, cap. XIV, v. 20.)

Depois de haver sido crucificado e falando, portanto, não mais como um homem, mas na condição de Espírito, suas palavras mantiveram a mesma coerência de pensamento:

"... Não me toqueis, porque ainda não subi para o meu Pai; mas ide procurar os meus irmãos e lhes dizei, de minha parte: *Eu subi para o meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus*." (Aparição a Maria Madalena. João, cap. XX, v. 17.)

"Mas Jesus, aproximando-se, assim lhes falou: Todo poder *me foi dado* no céu e sobre a Terra." (Aparição aos Apóstolos. Mateus, cap. XXVIII, v. 18.)

"Ora, sois testemunhas destas coisas. E eu vou enviar-vos *o dom de meu Pai* que vos foi prometido." (Aparição aos Apóstolos. Lucas, cap. XXIV, v. 48, 49.)

4/01/2015

Edição 395

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Reinaldo Cantanhêde Lima pergunta-nos:

Se as dificuldades por que passamos podem ser em razão de dívidas passadas, é correto estarmos querendo e fazendo por onde minorar tais dificuldades?

Toda vez que examinamos o tema provas e expiações vêm-nos à lembrança dois ensinamentos que colhemos na obra de Allan Kardec:

1. Nem sempre a prova constitui uma expiação, mas toda expiação serve como prova.
2. Diante dos sofrimentos e das vicissitudes que acometem uma pessoa, nem sempre é possível saber se se trata de prova ou de expiação.

Tendo em mente as informações acima, não existe dúvida nenhuma na resposta a ser dada à pergunta formulada pelo leitor: Sim, é correto querer e buscar meios com que nossas dificuldades sejam amenizadas e vencidas. É trabalhando com esse objetivo que progredimos e superamos as vicissitudes que encontramos ao longo do caminho.

Em mensagens constantes dos itens 26 e 27 do cap. V d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, dois benfeitores espirituais reportaram-se ao assunto.

A primeira mensagem inicia-se assim:

“Perguntais se é lícito ao homem abrandar suas próprias provas. Essa questão equivale a esta outra: É lícito, àquele que se afoga, cuidar de salvar-se? Aquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? Ao que está doente, chamar o médico?”

Respondendo às próprias indagações, escreveu o amigo espiritual:

“As provas têm por fim exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em não se desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência que seria mais preguiça do que virtude.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 26.)

A segunda mensagem trata das provas enfrentadas pelo próximo e dela extraímos um ensinamento que corrobora o que acima acabamos de ler:

“Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheceis esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos

irmãos: 'Não irás mais longe?' Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abrija? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: 'É a justiça de Deus, importa que siga o seu curso'. Dizei antes: 'Vejam os meios que o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz'.

Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente." (*Obra citada, cap. V, item 27.*)

Esperamos que, em face de explicações tão claras, não reste nenhuma dúvida com relação ao assunto ora tratado.

11/01/2015

Edição 396

Em carta dirigida a esta revista e publicada nesta mesma edição, o leitor Salustiano Francisco de Oliveira, de Curitiba (PR), pergunta-nos: Qual a diferença entre Alma e Espírito?

Essa questão foi tratada por Kardec em três diferentes momentos na obra fundamental do Espiritismo – *O Livro dos Espíritos*.

Inicialmente, definindo o termo Alma, ele escreveu:

"Julgamos mais lógico tomá-lo na sua acepção vulgar e por isso chamamos Alma ao ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo. Mesmo quando esse ser não existisse, não passasse de produto da imaginação, ainda assim fora preciso um termo para designá-lo." (*O Livro dos Espíritos, Introdução, II.*)

Mais à frente, na mesma Introdução, ele complementou a definição:

"A Alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.

Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser

imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.” (L.E., *Introd., VI.*)

No terceiro momento, quando redigiu as questões 134 e 135 da mesma obra, ele publicou as informações seguintes:

134. Que é a alma? “Um Espírito encarnado.”

a) Que era a alma antes de se unir ao corpo? “Espírito.”

b) As almas e os Espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa? “Sim, as almas não são senão os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem.”

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo? “Há o laço que liga a alma ao corpo.”

a) De que natureza é esse laço? “Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.” (*O Livro dos Espíritos, questões 134 e 135.*)

À vista do exposto, parece claro que Alma e Espírito são denominações de um mesmo elemento. Quando o ser se encontra encarnado, dir-se-á alma. Quando desencarnado, dir-se-á Espírito. Referindo-nos a alguém que se encontra em nosso meio, diremos então:

- Meu amigo João é uma alma boa.

Quando João tiver feito a passagem para a vida espiritual, a frase será diferente:

- Meu amigo João é um bom Espírito.

Ocorre que, anos depois, o codificador do Espiritismo reavaliou o assunto e deu aos dois termos – Alma e Espírito – um significado diferente, que nos parece também mais apropriado.

Segundo o novo entendimento do codificador, expresso em um texto publicado na Revista Espírita de 1864 (tradução de Júlio Abreu Filho, Edicel, págs. 138 e 139), a Alma é o princípio inteligente, imperceptível e indefinido como o pensamento e que não é possível conceber isolado da matéria de maneira absoluta.

É o corpo espiritual – ou perispírito – que faz dela um ser definido, limitado e circunscrito à sua individualidade espiritual.

A união da Alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM.

A Alma e o perispírito, quando separados do corpo físico, constituem o ESPÍRITO.

Em síntese:

- a Alma é o ser simples, primitivo
- o Espírito é o ser duplo
- o homem é o ser triplo.

Nas manifestações espíritas não é, pois, a alma que se apresenta isoladamente. Ela está sempre revestida do seu envoltório fluídico. Trata-se, pois, de um

Espírito. Nas aparições de Espíritos, não se vê a alma, mas sim o corpo espiritual que a reveste, do mesmo modo que, quando se vê um ser encarnado, vemos seu corpo, mas não a alma que o faz agir.

18/01/2015

Edição 397

A leitora Clissia Amaral Rezende Diniz, em carta publicada nesta mesma edição, enviou-nos a seguinte mensagem:

Gostaria de saber qual é o entendimento da doutrina espírita sobre a morte de Jesus. Para o Espiritismo, qual foi o motivo da morte de Jesus?

A Bíblia fala em sacrifício por parte de Deus, em João 3:16, isso fica claro.

Qual a visão de vocês sobre isso?

Existem dois aspectos na questão proposta. O primeiro diz respeito à motivação dos que determinaram a morte de Jesus. O segundo motivo estaria ligado ao próprio Cristo. Por que Jesus permitiu que o aprisionassem e o levassem à cruz? No tocante à motivação do Sinédrio, eis o que João Evangelista relatou em seguida à chamada ressurreição – na verdade, despertamento – de Lázaro, que todos julgavam estivesse morto:

“Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo a Maria, e que tinham visto o que Jesus fizera, creram nele. Mas alguns deles foram ter com os fariseus, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito.

Depois os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho, e diziam: Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais. Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação. E Caifás, um deles que era sumo sacerdote naquele ano, lhes disse: Vós nada sabeis, nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação.

Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. E não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos. Desde aquele dia, pois, consultavam-se para o matarem.” (João, 11:45-53.)

Parece que no texto acima estão evidenciados, com clareza, os motivos da morte de Jesus nas condições em que ela se deu pouco tempo depois.

No tocante à aceitação, por parte de Jesus, do que acabou ocorrendo, é importante, em primeiro lugar, lembrar o papel que o filho de Maria de Nazaré desempenha em nosso planeta desde os primeiros momentos da formação do nosso globo.

Vejamos o que Kardec, Emmanuel e os instrutores espirituais disseram sobre o Mestre nazareno:

Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? "Jesus." (*O Livro dos Espíritos, questão 625.*)

"Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava." (*L.E., questão 625, nota de Allan Kardec.*)

"Jesus foi o divino escultor da obra geológica do planeta. Junto de seus prepostos, iluminou a sombra dos princípios com os eflúvios sublimados do seu amor, que saturaram todas as substâncias do mundo em formação. (...) A verdade é que, assim como as vossas construções materiais, todas as obras viveram previamente no cérebro de um engenheiro ou de um arquiteto, todas as formas de vida na Terra foram primeiramente concebidas na sua visão divina." (*O Consolador, de Emmanuel, questão 85.*)

"Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidiu a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção." (*A Caminho da Luz, de Emmanuel, cap. 1.*)

O caráter missionário do papel de Jesus em nosso orbe ressalta com toda a clareza nos textos acima. É de admitir, portanto, que todas as condições de sua passagem pela Terra, tal como ocorre na chamada programação reencarnatória dos Espíritos de evolução mediana, hajam sido previamente fixadas, não só no tocante ao seu nascimento, mas igualmente com relação à época e à forma da morte do seu corpo.

Os textos dos evangelistas são muito claros quando informam que Jesus sabia que Judas ia traí-lo, que ele pereceria em razão dessa traição e logo em seguida voltaria ao seio dos seus discípulos. Aliás, no Antigo Testamento, muito antes do advento do Cristo, profetas referiram-se a esses episódios, sendo de ressaltar ainda a visita que Jesus recebeu, na véspera de sua prisão, dos Espíritos de Elias e Moisés, como é narrado pelos evangelistas.

É, pois, senso comum, no meio espírita, que a tragédia do Gólgota foi planejada com bastante antecedência, antes mesmo de Jesus surgir nas terras da Judeia.

Ciente do que ocorrera com os grandes profetas do passado, quase todos vitimados pela intolerância dos seus contemporâneos, não era difícil para Jesus prever que algo parecido ocorreria com ele em sua passagem pela Terra. E é óbvio que, tendo aprovado previamente o sacrifício do Calvário, ele tinha plena consciência do que o aguardava.

Reportando-se ao assunto, Emmanuel escreveu:

“O Calvário representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta. E o cristão deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem no íntimo essas virtudes, com as quais saberão demonstrar no calvário de suas dores, no momento oportuno.”
(*O Consolador, questão 286.*)

25/01/2015

Edição 398

Em carta publicada nesta edição, Noé Ferreira Lopes pede que lhe indiquemos obras que tratam dos fluidos e sua aplicação por meio dos chamados passes magnéticos.

Entendemos, porém, que antes de tudo é bom recordar o que Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, escreveu sobre o assunto, como o leitor pode conferir à vista de algumas de suas obras citadas no final.

Segundo Kardec, "cada ser tem seu fluido próprio que o envolve, como a atmosfera envolve cada planeta". A atmosfera fluídica do ser humano é plasmada por seus atos, pensamentos e sentimentos.

Os fluidos são formas energéticas da substância elementar que o organismo perispiritual absorve do meio ambiente, transforma segundo o padrão vibratório em que se encontra e irradia em derredor de si.

Neutros em si mesmos, adquirem as qualidades do meio em que são elaborados, do mesmo modo que a água se modifica conforme o leito onde caminhe.

Assim, do ponto de vista moral, os fluidos trazem a impressão dos sentimentos de ódio, inveja, ciúme, orgulho, egoísmo, violência, bondade, benevolência, doçura etc.

Do ponto de vista físico, os fluidos são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores etc.

Os fluidos são mais harmônicos, agradáveis, luminosos e saudáveis, quanto mais elevados sejam os pensamentos e os sentimentos da pessoa que os emite. O fluido bom possui vibração elevada e pura que reconforta, estimula e cura as perturbações físicas e morais.

Os fluidos pesados, mórbidos e desagradáveis, irradiados por Espíritos inferiores, maléficos ou enfermos, causam distúrbios e doenças.

Há fluidos tão pesados, animalizados e impuros, que possuem mau cheiro. Os Espíritos obsessores condensam-nos até torná-los viscosos e fortemente aderentes, e com eles envolvem as regiões ou órgãos da pessoa que desejam

atingir e até mesmo a aura de sua vítima, isolando-a completamente do meio exterior.

O passe magnético dissolve esse visco e permite a penetração de fluidos finos e luminosos que restabelecem as funções orgânicas.

Sendo, conforme conceituação dada por Emmanuel, uma "transfusão de energias fisiopsíquicas, operação de boa vontade, dentro da qual o companheiro do bem cede de si mesmo" em favor de outrem, o passe magnético pode revestir três formas:

- a) inteiramente humano (magnetismo humano);
- b) inteiramente espiritual (magnetismo espiritual);
- c) humano-espiritual (magnetismo misto), em que, combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece.

Os fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto por sua expansão e irradiação este se confunde com aqueles. Eles reagem sobre o perispírito e este, por sua vez, reage sobre o organismo físico ao qual está ligado molecularmente.

Se tais eflúvios forem de boa natureza, o corpo receberá uma salutar impressão. É o que ocorre nos passes benéficos.

Se os eflúvios forem maus, a impressão será penosa. Se forem maus e permanentes, poderão provocar desordens físicas e moléstias de origem desconhecida: é o que ocorre nas obsessões graves. Kardec afirma: "não é outra a causa de certas enfermidades".

Isto posto, atendendo à solicitação do leitor, eis os autores e obras em que os interessados colherão subsídios importantes a respeito do tema:

1. Allan Kardec, em "A Gênese", cap. XIV, itens 16, 17, 18, 19 e 31.
2. Allan Kardec, em "O Livro dos Médiuns", cap. XIV, item 176:2.
3. Allan Kardec, em "Obras Póstumas", Manifestações dos Espíritos, itens 52 e 53.
4. Allan Kardec, em "Revista Espírita" de janeiro de 1864, Edicel, pág. 8.
5. Allan Kardec, em "Revista Espírita" de setembro de 1865, Edicel, pág. 254.
6. Allan Kardec, em "Revista Espírita" de setembro de 1865, item 4, Edicel, pág. 252.
7. André Luiz, em "Entre a Terra e o Céu", cap. XX, pág. 127.
8. André Luiz, em "Evolução em Dois Mundos", 2ª Parte, cap. XV, pp. 201 a 204.
9. André Luiz, em "Missionários da Luz", 21ª Ed., FEB, 1988.
10. André Luiz, em "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 17, págs. 164 e 165.
11. André Luiz, em "Os Mensageiros", 9ª Ed., FEB, 1975.
12. Anuário de Espiritismo Científico, FEPESCI, 1993, pág. 132.
13. Atos dos Apóstolos, 4:30, 5:12, 6:6, 9:17, 19:6 e 28:8.
14. COEM, 10ª Sessão de Exercício Prático, edição de 1978, pág. 83.
15. COEM, 11ª Sessão de Exercício Prático, edição de 1978, pág. 89.
16. COEM, 12ª Sessão de Exercício Prático, edição de 1978, pág. 95.
17. Divaldo P. Franco, em "Diretrizes de Segurança", pergunta 69.

18. Edgard Armond, em "Passes e Radiações", 3ªEd., Aliança, 2001.
19. Edgard Armond, em "Pontos da Escola de Médiuns", Tomo IV, pág. 88.
20. Emmanuel, em "Caminho, Verdade e Vida", cap. CLIII, pág. 269.
21. Emmanuel, em "Religião dos Espíritos", cap. 59.
22. Emmanuel, em "O Consolador", 6ª Ed., FEB, 1976.
23. Evangelho segundo Marcos, 5:23, 16:15 a 16:18.
24. J. Raul Teixeira, em "Diretrizes de Segurança", perguntas 28 e 77.
25. Jacob Melo, em "Manual do Passista", 3ª Ed., Edit. Mnêmio Túlio, 1998.
26. Jacob Melo, em "O Passe", 4ª Ed., FEB, 1993.
27. José Herculano Pires, em "Obsessão, o passe, a doutrinação", editora Paideia, págs. 35 a 37.
28. José Herculano Pires, em "Mediunidade (Vida e Comunicação)", 2ª Ed., Paideia, 1992.
29. Martins Peralva, em "Estudando a Mediunidade", págs. 144 e 145.
30. Mesmer, em "Revista Espírita" de janeiro de 1864, Edicel, pág. 7.
31. Michaelus, em "Magnetismo Espiritual", 6ª Ed., RJ/RJ, FEB, 1991.
32. Padre Francis MacNutt, em "O Poder de Curar", edição de Ave Maria Press, de Indiana (EUA).
33. Roque Jacintho, em "Passe e Passista", cap. 6, 30 e 34.
34. USE, Subsídios para Atividades Doutrinárias, 1993, págs. 72, 80, 88 e 90.
35. Wenefledo de Toledo, em "Passes e Curas Espirituais", Pensamento, 1972.

1º/2/2015

Edição 399

O leitor Ronildo P. de C. Silva, de João Pessoa, PB, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos:

Como se deve entender Eclesiastes 9:5-6 e Hebreus 9:27 que as religiões tanto usam para negar a comunicação do mundo espiritual com o mundo físico e a reencarnação?

Reproduzimos os textos bíblicos mencionados:

"Ora, para aquele que está entre os vivos há esperança (porque melhor é o cão vivo do que o leão morto). Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento. Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol." (*Eclesiastes, 9:4-6.*)

"E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação." (*Hebreus, 9:27-28.*)

Nos textos citados pelo leitor não há referência nenhuma, nem direta nem indireta, à comunicação entre nós e os Espíritos. Não sabemos, portanto, por que são eles utilizados, se é que o são, para negar o intercâmbio entre o homem e a espiritualidade.

No tocante à reencarnação sugerimos ao leitor que leia as informações contidas no excelente livro "A Reencarnação no Evangelho", escrito por Hugo Alvarenga Novaes e publicado pela EVOG - Editora Virtual O Consolador, o qual pode ser baixado sem custo nenhum em nosso site. Eis o link que remete ao livro: http://www.oconsolador.com.br/editora/1a50/A_Reencarnacao_no_Evangelho.htm

Os dois temas – reencarnação e intercâmbio entre nós e os chamados mortos – já foram examinados nesta revista em inúmeras oportunidades.

No tocante à comunicação com os Espíritos, utilizar os livros bíblicos citados e quaisquer outros textos das Escrituras para negar os fatos é algo que não se compreende, uma vez que a passagem do Cristo pela Terra revela, a cada passo, seu intercâmbio constante com o Plano Superior, seja em colóquios com os emissários de elevada estirpe, seja dirigindo-se aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsidiados, como também à equipe de companheiros, aos quais se apresentou em pessoa, depois da morte. Além disso, os cristãos não ignoram que, segundo a Bíblia, Jesus foi visitado, momentos antes de ser preso, pelos Espíritos de Elias e Moisés.

Há, portanto, coisas no seio de algumas religiões que não é possível entender. Claro que sabemos que existem teólogos e padres em grande número que negam a reencarnação e a manifestação dos Espíritos.

É bom, no entanto, que todos saibam que frei Boaventura Kloppenburg, o mais ferrenho adversário que o Espiritismo já teve em nosso país, o padre Gino Concetti, comentarista do Osservatore Romano, órgão oficial do Vaticano, e o padre François Brune, autor do livro "Os Mortos nos Falam", admitem os fatos mediúnicos e as relações entre nós e os mortos. Enfatize-se: entre nós e os mortos, não entre nós e os demônios, porque estes, felizmente, não existem.

Em entrevista concedida à Rede Globo de Televisão e, antes, à agência Ansa, o padre Gino Concetti tornou público o que pensa com relação à mediunidade e às relações entre nós e os Espíritos.

Disse então o padre Concetti que a Igreja não somente admite a comunicação com os mortos, como reconhece que ter um contato com a alma dos entes queridos que já partiram para o Além pode aliviar os que tenham, porventura, ficado perturbados com esse transe.

"Segundo o catecismo moderno – explicou o teólogo – Deus permite aos nossos caros defuntos que vivem na dimensão ultraterrestre enviar mensagens para nos guiar em certos momentos da vida. Após as novas descobertas no domínio da psicologia sobre o paranormal, a Igreja decidiu não mais proibir as experiências do diálogo com os falecidos, sob a condição de que elas sejam levadas com uma finalidade séria, religiosa e científica."

Em face de depoimento tão claro a respeito das relações entre nós e os que partiram, não causa surpresa nenhuma o que frei Boaventura Kloppenburg, anos antes, havia escrito em seu livro "Espiritismo e Fé", no qual afirma que os católicos admitem, como nós admitimos:

- a) que os falecidos não rompem seus laços com os que ainda vivem na Terra;
- b) que eles podem, portanto, nos socorrer e ajudar;
- c) que os Espíritos desencarnados podem manifestar-se ou comunicar-se perceptivelmente conosco;
- d) que tais manifestações podem ser de dois tipos: espontâneas e provocadas. As espontâneas são as que têm sua origem ou iniciativa no Além, como a do anjo Gabriel (Lucas, 1:26-38). As provocadas são as

que têm sua iniciativa no mundo físico, como, por exemplo, o caso do rei Saul, que evocou Samuel por meio da pitonisa de Endor (Samuel, 28:3-25).

Quanto ao padre François Brune, conhecido pesquisador e divulgador da chamada Transcomunicação Instrumental, seu livro "Os mortos nos falam" vem sendo, desde a semana passada, objeto de estudo em nossa revista e, portanto, o que dissemos a respeito dele poderá ser conferido a cada semana por aqueles que insistem em negar o óbvio, seja por desconhecimento, seja por teimosia, o que é profundamente lamentável.

Clicando

em <http://www.oconsolador.com.br/ano8/398/classicosdoespiritismo.html> é possível acessar e ler a parte inicial do mencionado estudo.

8/2/2015

Edição 400

Examinando a questão da fé, Allan Kardec escreveu as seguintes palavras:

Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé **não se prescreve**, nem, o que ainda é mais certo, **se impõe**. Não; **ela se adquire** e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe ao encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la.

Tende, pois, como certo que os que dizem: "Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos", apenas de lábios o dizem e não do íntimo, porquanto, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, chovem-lhes ao redor; por que fogem de observá-las? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas **difícilmente penetram**, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreenderam; trazem, ao renascerem, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, **se não ficar concluída** nesta existência, ficará em outra. (*O Evangelho segundo Espiritismo, cap. XIX, item 7.*)

Algumas palavras no texto acima foram por nós grafadas em negrito. Não foi sem propósito. O objetivo: enfatizar, de forma clara mas resumida, o que o codificador da doutrina espírita escreveu a propósito da fé:

1. A fé não se prescreve, nem se impõe; a fé se adquire

2. Em algumas pessoas, as verdades espirituais dificilmente penetram
3. Um dia, porém, elas penetrarão
4. Se isso não ocorrer na presente existência, ocorrerá em outra.

Reportamo-nos ao texto kardequiano para oferecer resposta a uma mãe que nos escreveu contando que seu filho, pré-adolescente, se recusa a ir à Casa Espírita, que ele já frequentou por algum tempo. Como estuda em um colégio confessional mantido por uma instituição católica, o jovem tomou contato com os ritos católicos e prefere, em face disso, professar o Catolicismo.

Que fazer?

O principal é respeitar a preferência do filho e não tentar impor-lhe pela força a aceitação da doutrina que professamos. Tal imposição é um erro que nos faz recordar os absurdos e os crimes que, em nome da fé, foram cometidos no passado pelos homens que dirigiam na época os destinos da Igreja.

Como a fé não se impõe, a solução é confiar e esperar, certos de que o tempo e o amadurecimento das pessoas conseguem obter coisas que jamais sonharíamos.

Em seu livro *O que é o Espiritismo*, Kardec escreveu:

Àquele que diz: "Eu creio na autoridade da Igreja e não me afasto dos seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites", o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção. A liberdade de consciência é consequência da liberdade de pensar, que é um dos atributos do homem; e o Espiritismo, se não a respeitasse, estaria em contradição com os seus princípios de liberdade e tolerância. A seus olhos, toda crença, quando sincera e não permita ao homem fazer mal ao próximo, é respeitável, mesmo que seja errônea. (*O que é o Espiritismo*, 3º diálogo – o Padre.)

Esperamos que as considerações acima ajudem a leitora a resolver em clima de paz e de respeito a questão que nos foi apresentada.

15/2/2015

Edição 401

Em carta enviada à revista, Silvio Fonseca, de Ilhéus (BA), pergunta-nos se conhecemos alguma lista dos melhores livros espíritas publicados nos séculos XIX, XX e XXI, excluindo, evidentemente, as obras de Allan Kardec.

Se existe pesquisa nesse sentido, ignoramos. A que conhecemos é a pesquisa realizada em 2000 pelas Organizações Candeia, mas ela focalizou tão somente os livros espíritas publicados no século XX.

Com esse objetivo, foram convidados diversos estudiosos do Espiritismo, dentre eles escritores, dirigentes e os presidentes das Federações e Órgãos Estaduais que integram o Conselho Federativo Nacional.

A todos eles solicitou-se uma lista contendo os dez melhores livros, seus autores e, se necessário, comentários e impressões pessoais acerca das obras. Para demonstrar a lisura da pesquisa e do seu resultado, a direção das Organizações Candeia enviou cópias das participações de cada convidado à

Federação Espírita Brasileira e à Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadoras do Livro Espírita (ADELER).

Concluída a pesquisa, ficamos sabendo que o livro espírita que recebeu o maior número de indicações foi "Nosso Lar", de André Luiz, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier. O saudoso médium, por sinal, aparece com sete livros dos dez considerados os melhores do século XX.

"Nosso Lar" teve o mérito, segundo opinião expressada pelo escritor Alysso Mascaro, de ter sido a primeira grande descrição do plano espiritual que influenciou, de maneira decisiva, os estudos e as pesquisas espíritas brasileiras e mundiais.

"Paulo e Estêvão", de Emmanuel, foi o segundo colocado na votação final.

A relação final, com "Nosso Lar" em primeiro lugar, foi esta:

- 1º. "Nosso Lar", de André Luiz, psicografado por Chico Xavier.
- 2º. "Paulo e Estêvão", de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.
- 3º. "Parnaso de Além-Túmulo", por Espíritos diversos, psicografado por Chico Xavier.
- 4º. "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", de Léon Denis.
- 5º. "Memórias de um Suicida", de Camilo Castelo Branco, psicografado por Yvonne A. Pereira.
- 6º. "A Caminho da Luz", de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.
- 7º. "O Espírito e o Tempo", de J. Herculano Pires.
- 8º. "Há 2000 anos", de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.
- 9º. "Evolução em Dois Mundos", de André Luiz, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira.
- 10º. "Missionários da Luz", de André Luiz, psicografado por Chico Xavier.

22/2/2015

Edição 402

Um leitor nos pergunta qual é a visão dos espíritas acerca do carnaval.

Parece-nos que para responder a semelhante pergunta é preciso distinguir a festa em si, que nada de negativo apresenta, do ambiente em que ela se manifesta e da conduta das pessoas que aí se apresentam.

Estamos, pois, diante de três fatos distintos.

No carnaval tradicional, sobretudo o realizado nas cidades do interior, em que famílias inteiras confraternizam, nada há de mau, porque seu objetivo é a busca da diversão sadia, em que não existem outros propósitos além disso.

Se, porém, a festa é tumultuada, excitante, plena de quadros de nudez e de erotismo, em que a bebida, a droga e a prática do sexo irresponsável dão o tom, eis um ambiente que o homem de bem procurará, evidentemente, evitar.

Em artigo publicado no jornal *A Tarde*, no dia 12 de fevereiro deste ano, Divaldo Franco resumiu bem o que pensamos sobre o tema: "Não é o carnaval, em si mesmo, um fator de degeneração moral, social e espiritual, mas a oportunidade que faculta aos atormentados para exporem as suas feridas morais".

Não existe na doutrina espírita nenhuma recomendação no sentido de que devamos ou não evitar as folias de Momo. Nesse, como em qualquer outro caso, a decisão é puramente pessoal e dele, evidentemente, prestaremos

contas, certos de que, como alertou Paulo de Tarso, tudo na vida nos é lícito, mas nem tudo nos convém.

No tocante à psicofera que reina nos festejos momescos nas grandes cidades, especialmente naquelas que atraem turistas do mundo todo, é bom lembrar o que dois eminentes autores escreveram.

São de Thereza de Brito, por meio das faculdades mediúnicas de José Raul Teixeira, as seguintes palavras:

“Muita gente se expressa com honestidade, asseverando que vai para o carnaval sem intenções malévolas, que vai apenas pela distração, pela empolgação, pelo movimento. Entretanto, a sintonização está formada. Mergulhados nas mesmas energias em que todos se encharcam, em franca cadeia de interesses similares, toda a gente se mantém no mesmo caldo de nutrição psíquica. Assim, a boa intenção contrasta com a inutilidade e materialidade dos referidos interesses, não tendo, então, o bem-intencionado a inocência ou a escusa que a si mesmo se atribui.” (Vereda Familiar, p. 92)

Manoel Philomeno de Miranda, em seu livro *Nas Fronteiras da Loucura*, obra psicografada por Divaldo Franco, trouxe-nos informações importantes acerca do tema. Reportando-se ao carnaval carioca, ele descreveu uma cena típica registrada na referida ocasião, a qual resumimos:

Num dos dias do carnaval, a cidade era um pandemônio. Multidão de Espíritos, que se misturava à mole humana em excitação dos sentidos físicos, dominava a paisagem sombria das avenidas, ruas e praças, cuja iluminação, embora feérica, não conseguia vencer a psicofera carregada de vibrações de baixo teor.

Grupos mascarados eram acolitados por frenéticas massas de Espíritos voluptuosos, que se entregavam a desmandos e orgias lamentáveis, inconcebíveis do ponto de vista terreno.

Algumas Entidades atacavam os burlescos transeuntes tentando prejudicá-los com suas induções nefastas. Outras buscavam as vítimas em potencial para alijá-las do equilíbrio, dando início a processos nefandos de obsessões demoradas.

Muitas pessoas fantasiadas haviam obtido inspiração para as suas expressões grotescas em visitas a regiões inferiores do Além.

A sucessão de cenas, deprimentes umas, selvagens outras, era constrangedora, o que mereceu de Dr. Bezerra o seguinte comentário:

"Grande, expressiva faixa da humanidade terrena transita entre os limites do instinto e os pródromos da razão, mais sequiosos de sensações do que ansiosos pelas emoções superiores. Natural que se permitam, nestes dias, os excessos que reprimem por todo o ano, sintonizados com Entidades que lhes são afins. É de lamentar, porém, que muitos se apresentam, nos dias normais, como discípulos de Jesus, preferindo, agora, Baco e os seus assessores de orgia ao Amigo Afetuoso..."

Nas proximidades do sambódromo, o local mais parecia uma praça de guerra, burlescamente apresentada, em que o ridículo e a dor se ajustavam em pantomina de aflição. Dr. Bezerra disse então ao seu amigo: "Não se creia que todos quantos desfilam nos carros do prazer,

se encontrem em festa. Incontáveis têm a mente subjugada por problemas de que procuram fugir, usando o corredor enganoso que leva à loucura; diversos suicidam-se, propositalmente, pensando escapar às frustrações que os atormentam em longo curso; numerosos anseiam por alianças de felicidade que os momentos de sonho parecem prometer, despertando, depois, cansados e desiludidos..." "Raros divertem-se, descontraem-se sadiamente, desde que os apelos fortes se dirigem à consunção de todas as reservas de dignidade e respeito nas fornalhas dos vícios e embriaguez dos sentidos." (Nas Fronteiras da Loucura, cap. 6, pp. 51 a 54.)

Sobre o assunto, vários textos já foram publicados em nossa revista, dos quais mencionamos alguns cuja leitura vale a pena, se quisermos entender realmente o que nós espíritas pensamos sobre o tema carnaval:

- 1) Wellington Balbo – "O Espiritismo e o carnaval"
<http://www.oconsolador.com.br/ano2/99/especial.html>
- 2) Marcos Paulo de Oliveira Santos – "Breve comentário acerca do carnaval"
http://www.oconsolador.com.br/ano6/299/marcos_paulo.html
- 3) Leonardo Marmo Moreira – "O Carnaval à luz da Doutrina Espírita"
http://www.oconsolador.com.br/44/leonardo_moreira.html
- 4) Christina Nunes – "Carne aval - uma visão espírita"
http://www.oconsolador.com.br/ano4/201/christina_nunes.html
- 5) Cláudia Gelernter – "Carnaval e problemas sociais"
http://www.oconsolador.com.br/ano6/301/claudia_gelernter.html
- 6) Ricardo Orestes Forni – "Colocando a máscara"
http://www.oconsolador.com.br/ano7/315/ricardo_orestes.html

1º/3/2015

Edição 403

Um leitor desta revista apresentou-nos uma questão bastante interessante referente às comunicações de pessoas ainda encarnadas, um tema já comentado nesta seção nas edições 152 e 290 desta revista.

Pergunta-nos ele:

Diante da manifestação de um Espírito ainda encarnado, como saber se ele está realmente encarnado, visto que é comum Espíritos desencarnados, por ignorarem a própria desencarnação, dizerem que não morreram?

É verdade. Muitos Espíritos que se manifestam nas sessões mediúnicas mostram ignorar o estado em que se encontram. É comum então que se apresentem inquietos, confusos e às vezes revoltados, porque dizem que em sua casa ninguém mais lhes fala. Eles perguntam e ninguém responde, sem terem a mínima ideia de que tal situação decorre do fato de que, ao desencarnar, tornaram-se "invisíveis" para aquelas pessoas, seja no lar, seja na rua, seja no ambiente profissional.

Lembramo-nos de que na cidade onde nascemos, alguns anos depois de sua morte corpórea, uma jovem professora ainda era vista por um médium vidente adentrando o colégio para ali lecionar. Segundo o médium pôde ver em várias oportunidades, ela levava consigo os livros e demais materiais de uso do professor, o que revela claramente que ignorava seu estado de Espírito desencarnado.

Léon Denis narra, a respeito do assunto, um curioso fato, lembrando inicialmente que esse gênero de manifestações introduz quase sempre um elemento de confusão e erro nos fenômenos de "transe", sendo preciso uma experiência consumada para os não confundir com as manifestações dos desencarnados.

Durante três anos consecutivos, o Espírito de uma pessoa viva manifestou-se, por via de incorporação, no grupo que ele dirigia na cidade de Tours, França, sem que nada o pudesse distinguir dos Espíritos desencarnados que ali habitualmente se comunicavam.

Os pormenores mais positivos foram pelo comunicante fornecidos acerca de sua identidade. Dizia chamar-se B. e havia sido sacristão da vila de D., na Sarthe. A voz arrastada, o gesto lento e fatigado, a atitude curvada contrastavam com as atitudes e gestos próprios do médium e dos outros Espíritos familiares.

Sempre que B. se manifestava, era possível reconhecê-lo logo às primeiras palavras proferidas. Punha-se então a narrar por miúdo os menores incidentes de sua vida, as admoestações do vigário, por motivo de sua preguiça e das bebedeiras que tomava, o mau estado da igreja e dos paramentos confiados aos seus cuidados, e até suas infrutíferas pesquisas no Espaço, a fim de encontrar a confirmação do que lhe havia sido ensinado. Tudo nele – propósitos, recordações, pesares – dava a Léon Denis e seus companheiros a firme convicção de estarem tratando com um desencarnado.

Não foi pequena por isso a surpresa que todos experimentaram quando um membro do grupo, tendo ido à indicada região e sido encarregado de proceder a uma pesquisa, descobriu que B. ainda pertencia a este mundo. Tudo o que havia ele dito nas comunicações era, ademais, exato.

O companheiro de Denis pôde vê-lo e conversar com ele. Achando-se velho e cada vez mais dado à preguiça e à embriaguez, tivera que abandonar suas funções. Assim, todas as noites, às primeiras horas, se deitava e adormecia profundamente. Podia então exteriorizar-se, transportar-se até o grupo de Tours e incorporar-se em um dos médiuns, a quem o prendiam laços de afinidade cuja causa se conservou sempre ignorada.

À vista desse relato, nota-se que é preciso realmente experiência e argúcia para que se faça a necessária distinção, motivo que reforça a orientação, hoje bem conhecida, de que na doutrinação não se deve dizer ao Espírito comunicante: "Você morreu". Essa informação alguém lhe dará, se realmente for verdadeira; não nos cabe tal tarefa.

8/3/2015

Edição 404

O leitor Jorge da Silva Lima, de Portugal, em carta publicada anteriormente nesta revista, escreveu-nos o seguinte:

Caros Amigos, saudações espíritas. Por favor, esclareçam-me. Pela pergunta 601 do L.E. ficamos com a ideia de que os animais, dentro das suas limitações e necessidades, evoluem paralelamente ao homem até aos mundos superiores. Mas depois, Kardec, na explicação a propósito da Metempsicose, diz o seguinte: Os dos mundos mais adiantados que o nosso constituem igualmente raças distintas apropriadas às necessidades desses mundos, dos quais são auxiliares, MAS QUE, DE MODO ALGUM, PROCEDEM DOS DA TERRA, ESPIRITUALMENTE FALANDO. Por esta explicação, fico com a ideia que cada mundo tem os seus animais próprios de acordo com o grau evolutivo desse mundo. Não há aqui uma contradição entre a pergunta 601 e esta explicação de Kardec?

O leitor tem razão em suas dúvidas, mas, em verdade, a contradição mencionada é apenas aparente.

Vejamos, primeiramente, o que diz a questão 601 d' *O Livro dos Espíritos*:

601. Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva?

“Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispendo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.”

Da resposta dada pelos Espíritos superiores colhemos três importantes informações:

I - os animais estão sujeitos também a uma lei progressiva;

II - nos mundos superiores, os animais são mais adiantados do que os nossos;

III - lá, como em nosso orbe, são eles inferiores ao homem.

Vejamos agora os comentários feitos por Kardec, em nota aposta em seguida à questão 613, que, aliás, trata de outro tema, a metempsicose:

"O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais.

Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação.

Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal.

O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes.

O segundo é mais conforme à dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo absoluto, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (ver nº 188) constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem das da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, este forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade."

Do texto acima, de autoria pessoal de Kardec, não dos Espíritos, colhemos estas informações:

I - o ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que o homem não pode ainda conhecer;

II - nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais;

III - segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação;

IV - segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal.

Dos quatro tópicos acima, os três primeiros em nada contradizem as informações constantes da questão 601.

O que contraria a resposta dada à questão 601 é a ideia contida no tópico IV, segundo a qual não haveria relação alguma, no processo evolutivo, entre o Espírito do homem e os animais. Mas esse não era, já então, o pensamento de Kardec e dos Espíritos superiores que participaram da obra da codificação do Espiritismo.

Kardec apenas o mencionou, mas não o autenticou, visto que, como veremos, o codificador da doutrina espírita entendia que a evolução anímica envolve necessariamente os seres inferiores da Criação, ou seja, o Espírito humano não chega a esse estado sem haver passado pelas experiências que o princípio espiritual colheu em sua passagem pelos diferentes reinos da Criação.

Esse entendimento, firmado inicialmente na questão 607-a d' *O Livro dos Espíritos*, está posto com toda a clareza nos textos adiante reproduzidos:

607-a - Assim, poder-se-ia considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da Criação?

"Já não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende para a unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que

o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para vida. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito." (*O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, questão 607-a.)

"O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização. Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades." (*A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo VI, item 19.)

"Na planta a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas." (*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, de Léon Denis, 1ª Parte, cap. IX – Evolução e finalidade da alma.)

"Se tivermos bem de vista os fatos retrocitados, a respeito dos selvagens, compreenderemos melhor a marcha ascendente do princípio pensante, a partir das mais rudimentares formas da animalidade, até atingir o máximo do seu desenvolvimento no homem. Os povos primitivos são vestígios que demonstram as fases do processo transformista, mas tais seres que nos parecem tão degradados são, ainda assim, superiores ao nosso ancestral da época quaternária, o que nos permite compreender que não existe diferença essencial entre a alma animal e a nossa. Os diversos graus observados nas manifestações inteligentes, à medida que remontamos à série dos seres animados, são correlativos ao desenvolvimento orgânico das formas." (*A Evolução Anímica*, de Gabriel Delanne, págs. 70 e 71.)

"Estamos diante do órgão espiritual do ser humano, adeso à duplicata física (...) Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagamente conquistadas pelo ser, através de milênios e milênios. (...) Através dele, sentimos os fenômenos exteriores segundo a nossa capacidade receptiva, que é determinada pela experiência; por isto, varia ele de criatura a criatura, em virtude da multiplicidade das posições na escala evolutiva. Nem os símios ou os antropoides, a caminho da ligação com o gênero humano, apresentam cérebros absolutamente iguais entre si. Cada individualidade revela-o consoante o progresso efetivo realizado. O selvagem apresenta um cérebro perispiritual com vibrações muito diversas das do órgão do pensamento no homem civilizado." (*No Mundo Maior*, de André Luiz, capítulo 4 – Estudando o Cérebro, páginas 57 e 58.)

"Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser

pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos.”
(*Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, capítulo III.)

Concluindo estas considerações, não há por que duvidar da informação dada por Kardec de que os animais que habitam os mundos superiores não procedem, espiritualmente falando, dos animais existentes em nosso planeta. Conquanto não existam meios de provar tal assertiva, ela nos parece lógica e em nada fere o contido nas questões acima examinadas.

15/3/2015

Edição 405

Na edição 403, do dia 1º de março deste ano, respondemos à carta de um leitor que nos indagou como é possível saber, diante da manifestação de um Espírito ainda encarnado, se ele está realmente encarnado ou se trata de alguém que já se desprendeu por completo do corpo físico.

É bom que o leitor saiba que muitos Espíritos demoram a reconhecer que já desencarnaram.

Em face disso, pode ocorrer que eles, numa comunicação mediúnicamente, se declarem “vivos”, ou seja, encarnados, deixando o doutrinador ou esclarecedor em dúvida se estão diante da manifestação de um encarnado ou de um desencarnado, uma dificuldade enfrentada até mesmo por Léon Denis, um dos vultos espíritas mais cultos e importantes da história do Espiritismo.

A dificuldade apontada, porém, não ocorrerá se ocorrer uma das hipóteses seguintes:

1ª. Aparição do Espírito, ainda que seja em uma aparição vaporosa, isto é, não tangível.

2ª. Seja o atendente – doutrinador ou esclarecedor, como queiram – dotado da faculdade de vidência.

Os espíritas sabem que existe um cordão fluídico que liga o Espírito ao corpo físico enquanto o ser estiver encarnado. Esse cordão evidentemente não existirá se o Espírito houver desencarnado, ou seja, livre de qualquer ligação física com o corpo material.

O cordão ou fio fluídico é claramente visível a um médium vidente e, no caso das aparições, a todas as pessoas que se encontrem no recinto.

André Luiz tratou do assunto em pelo menos três diferentes oportunidades.

Vejamo-las:

André Luiz observava com surpresa as árvores frondosas e acolhedoras que cercavam o caminho que leva ao grande portão das Câmaras de Retificação. De repente, viu dois vultos estranhos que pareciam autênticos fantasmas. Cabelos eriçados, ele voltou correndo ao recinto e expôs a ocorrência a Narcisa, que mal conteve o riso. André tinha visto dois companheiros encarnados. O longo fio que se escapava da cabeça, nos dois vultos, era o que os diferenciava dos desencarnados.
(*Nosso Lar*, cap. 33, pp. 180 a 183.)

A mãe do moribundo pediu a Aniceto ajudasse no desprendimento de seu filho. (...) Aniceto aproveitou a serenidade ambiente e começou a

retirar o corpo espiritual do morto, desligando-o dos despojos, iniciando a operação pelos calcanhares e terminando na cabeça, à qual, por fim, parecia estar preso o moribundo por extenso cordão, tal como se dá com os nascituros terrenos. Aniceto cortou o cordão com esforço. (*Os Mensageiros, cap. 50, págs. 258 a 262.*)

Dimas entrou em coma, em boas condições. Jerônimo, após ligeiro descanso, voltou a intervir no cérebro. Era a última etapa do processo. (...) Dimas-desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas-cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto. A genitora abandonou o corpo grosseiro, rapidamente, e recolheu a nova forma, envolvendo-a em túnica muito branca, que trazia consigo. Aos olhos terrenos, Dimas morrerá, inteiramente. Mas o cordão fluídico permanecerá até o dia imediato, considerando as necessidades do falecido, ainda imperfeitamente preparado para desenlace mais rápido. Ao saírem, os benfeitores espirituais deixaram Dimas aos cuidados de sua mãe. Ele partiria para a Casa Transitória de Fabiano apenas no dia seguinte, quando seria cortado o fio derradeiro que o ligava aos despojos. (*Obreiros da Vida Eterna, cap.13, pp. 211 e 212.*)

O assunto não foi, evidentemente, estranho a Allan Kardec, que relata na Revista Espírita como tal informação lhe chegou pela primeira vez. O fato ocorreu em 1859. Segundo o codificador do Espiritismo, o Sr. R..., antigo ministro-residente dos Estados Unidos junto ao rei de Nápoles, informou-lhe ter conhecido na Inglaterra um médium vidente que notava nas aparições de vivos um rastro luminoso, que partia do peito, através do espaço, e terminava no corpo físico. (*Cf. Revista Espírita de 1859, pág. 140.*)

Kardec voltou a referir-se a esse cordão fluídico em inúmeras passagens de sua obra, como podemos conferir nos textos seguintes:

Ainda encarnado, o dr. Vignal, tal como ocorreu com o Conde R..., tendo sido evocado por Kardec em 3 de fevereiro de 1860, explicou que seu Espírito se comunicava com o corpo, adormecido em Sully, através do cordão fluídico. (*Revista Espírita de 1860, pág. 86.*)

Nas exéquias do sr. Nant, um dos companheiros da Sociedade Espírita de Paris, Kardec pronunciou breves palavras, transcritas, a pedido da família, pela Revista. No momento em que fechou os olhos, o neto do falecido, na época com dez anos, tomado de violenta emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos e, no seu êxtase, viu a alma de seu avô, acompanhada por uma porção de Espíritos, elevar-se no espaço, embora presa ainda ao corpo pelo cordão fluídico. (*Revista Espírita de 1865, pp. 310 a 312.*)

Falando sobre casos como o da jovem Luísa B..., que exigem muito tato e prudência, Kardec disse que a alma, feliz por estar desprendida do corpo, a este se liga por um fio, que um nada pode romper irremediavelmente. (*Revista Espírita de 1866, pág. 23.*)

Enfatizando a importância da prudência que os assistentes devem manter nas reuniões em que se manifestam Espíritos ainda encarnados, Kardec lembrou que o fato se justifica porquanto nesses momentos a alma se liga ao corpo apenas por um fio frágil. (*Revista Espírita de 1866, pág. 342.*)

A união da alma com o corpo se dá desde a concepção. Posto que ainda errante, o Espírito fica preso ao corpo, com o qual se deve unir, por meio de um cordão fluídico. Esse laço se estreita cada vez mais, à medida que se desenvolve o corpo. Desde aquele momento sente o Espírito uma perturbação crescente, até às proximidades do nascimento; nesse momento ela é completa. (*O que é o Espiritismo, cap. III, item 116.*)

Durante a vida o Espírito está sempre preso ao corpo por um cordão fluídico, seja qual for a distância a que se transporte. O cordão serve para o chamar, desde que sua presença se torne necessária. Só a morte rompe esse laço. (*O que é o Espiritismo, cap. III, item 136.*)

Poderíamos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que independe do Espírito, e a prova é que as plantas vivem e não têm Espírito. Mas, precisamos acrescentar que, durante a vida, nunca o Espírito se acha completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso, que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá quando este está morto, porque, então, a separação é completa. Por meio dessa comunicação, entre o Espírito e o corpo, é que aquele recebe aviso, qualquer que seja a distância a que se ache do segundo, da necessidade que este possa experimentar da sua presença, caso em que volta ao seu invólucro com a rapidez do relâmpago. (*O Livro dos Médiuns, Segunda Parte, cap. VII, item 118.*)

22/3/2015

Edição 406

O leitor Edir Maurício, de Volta Redonda (RJ), em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos se todos os seres humanos possuem Espíritos reencarnados.

Sim, todos os seres humanos são dotados de Espíritos.

O correto, porém, não é dizer que os seres humanos “possuem espíritos”, mas sim que os seres humanos **são Espíritos** reencarnados.

Há no homem três elementos essenciais:

1.º A alma ou Espírito, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral.

2.º O corpo, invólucro material que põe o Espírito em relação com o mundo exterior.

3.º O perispírito, invólucro fluídico, leve, imponderável, que serve de laço e de intermediário entre o Espírito e o corpo.

Quando o invólucro exterior – o corpo físico – está sem condições de funcionar, advindo daí a morte corpórea, o Espírito o abandona.

A morte é, contudo, apenas a destruição do envoltório corporal, que a alma não mais utilizará, conservando porém seu invólucro fluídico ou perispírito.

Em síntese, podemos concluir: a união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem. A alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito. A alma é assim um ser simples; o Espírito um ser duplo e o homem um ser triplo.

Segundo a doutrina espírita, três são os estados em que podemos encontrar os Espíritos:

- estado de Espírito encarnado, isto é, ligado a um corpo;
- estado de Espírito errante, isto é, desencarnado;
- estado de Espírito puro.

O primeiro estado diz respeito aos homens.

O segundo estado diz respeito aos Espíritos desencarnados, que se encontram, então, na chamada erraticidade.

O terceiro estado, que é o definitivo, é o dos Espíritos depurados de todas as imperfeições.

O assunto foi tratado por Allan Kardec na questão 226 d' *O Livro dos Espíritos*, a seguir reproduzida:

226. Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?

“Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo.”

Nota de Kardec: “No tocante às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens, ou graus, pelos quais vão passando sucessivamente, à medida que se purificam. Com relação ao estado em que se acham, podem ser: encarnados, isto é, ligados a um corpo; errantes, isto é, sem corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem; Espíritos puros, isto é, perfeitos, não precisando mais de encarnação”.

O leitor pode obter outras informações sobre o assunto no cap. II, Noções elementares de Espiritismo, itens 7 a 14, da obra *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec.

29/3/2015

Edição 407

O leitor Gian Maffort, em carta publicada nesta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Olá, tenho que fazer um trabalho para minha escola relacionado com as diferentes religiões do nosso país. Para isso escolhi o Espiritismo como fonte de pesquisa, para relatar aos outros colegas em que consiste o Espiritismo. Então gostaria que vocês pudessem me falar mais sobre isto.

É muito difícil resumir em poucas linhas o que nos foi solicitado.

Recorremos então, para esse fim, ao que Allan Kardec – o codificador dos ensinamentos espíritas – publicou no cap. IV d’ *O Livro dos Médiuns*, no qual fez um resumo dos pontos básicos que caracterizam o Espiritismo.

Eis o que Allan Kardec escreveu:

- 1º Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, às quais também se dá o nome de Espíritos;
- 2º Os Espíritos constituem o mundo invisível; estão em toda parte; povoam infinitamente os espaços; temos muitos, de contínuo, em torno de nós, com os quais nos achamos em contato;
- 3º Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza;
- 4º Os Espíritos não são seres à parte, dentro da criação, mas as almas dos que hão vivido na Terra, ou em outros mundos, e que despiram o invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que nós, morrendo, nos tornamos Espíritos;
- 5º Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;
- 6º Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm livre-arbítrio, lá chegam em tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e vontade;
- 7º São felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a vida e com o grau de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mescla é partilha unicamente dos Espíritos que atingiram o grau supremo da perfeição;
- 8º Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; indefinido é o número dos que podem comunicar-se;
- 9º Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes;
- 10º Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela linguagem de que usam; os bons só aconselham o bem e só dizem coisas proveitosas; tudo neles lhes atesta a elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV, item 49.)

Aí está, em poucas palavras, uma síntese da parte fenomênica da doutrina espírita, que pode servir de iniciação às pesquisas que serão feitas pelo nosso leitor. E caso queira aprofundar-se, poderá fazê-lo lendo o opúsculo escrito por Kardec intitulado *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, que se encontra disponível no site desta revista e pode ser baixado gratuitamente. Eis o

link:

<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/oespiritismoemsuamaisimplesexpressao.pdf>

Nos textos abaixo citados, todos eles publicados em nossa revista, o leitor poderá obter outras informações acerca do Espiritismo e do funcionamento do Centro Espírita:

Os primórdios do Espiritismo (como ele surgiu no mundo)

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/282/oespiritismoresponde.html>

As pioneiras do Espiritismo

<http://www.oconsolador.com.br/49/especial2.html>

O tríplice aspecto da Doutrina Espírita

<http://www.oconsolador.com.br/6/esde.html>

O Centro Espírita, sua importância e seu papel social

<http://www.oconsolador.com.br/9/esde.html>

Que é, afinal, esse tal Espiritismo? – de Arthur Bernardes de Oliveira

http://www.oconsolador.com.br/ano7/346/arthur_oliveira.html

Na junção de todas as informações acima, pode-se ter uma visão ampla do que é o Espiritismo e como funciona a célula básica do movimento espírita, que é o Centro Espírita.

5/4/2015

Edição 408

Um leitor desta revista enviou-nos esta pergunta: A lei de destruição também se aplica ao mundo espiritual?

Vejamos, inicialmente, o que é ensinado na doutrina espírita a respeito da lei natural ou divina, tema esse suscitado na questão 648 d' *O Livro dos Espíritos*, que adiante reproduzimos:

648. Que pensais da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade?

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do prisma pelo qual se considere o que quer que seja. A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”

A lei de destruição é examinada nas questões 728 e seguintes da mesma obra. Sobre os objetivos e a importância dessa lei, os instrutores espirituais afirmam que é preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Contudo, o que chamamos destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos. Para se alimentarem os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição essa que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tomar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Mas esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante, que é o princípio inteligente, que não se destrói e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa.

No caso de nós, seres humanos, assistimos em cada existência ao processo de degradação e morte do nosso próprio corpo, que se esvai, sem afetar a alma, que se apropria do conhecimento e das virtudes que adquiriu valendo-se desse instrumento admirável que nos permite participar, em nosso plano, da obra da Criação.

É evidente que a necessidade de destruição se modifica com a evolução dos mundos e das pessoas que neles vivem. É o que a doutrina espírita nos ensina nas questões adiante reproduzidas:

618. São as mesmas, para todos os mundos, as leis divinas?

“A razão está a dizer que devem ser apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam.”

732. Será idêntica, em todos os mundos, a necessidade de destruição?

“Guarda proporções com o estado mais ou menos material dos mundos. Cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados. Muito diversas são as condições de existência nos mundos mais adiantados do que o vosso.”

Não existe, pois, motivo para entender que a lei de destruição não seja aplicável – dentro de certos limites - ao plano espiritual, onde as cidades, as casas, os objetos e o próprio corpo espiritual são formados igualmente de matéria, conquanto diversa daquilo que entendemos por matéria no plano em que vivemos.

A título de exemplo, lembramos aqui a experiência relatada por André Luiz no capítulo 10 de seu livro *Obreiros da Vida Eterna*, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, publicada em 1946 pela editora da Federação Espírita Brasileira. Nele, o autor descreve a utilização de uma série de providências – o chamado fogo renovador – ocorridas na área que era então atendida pela Casa Transitória de Fabiano.

Eis um breve relato do que foi narrado por André Luiz:

Todos os servos do bem em trânsito na Casa Transitória foram chamados a cooperar na vigilância. O instituto socorrista deveria partir dentro de quatro horas e nesse tempo seria grande o número de infortunados que buscariam abrigo. Em seguida, novo trovão ribombou nas alturas. O fogo riscou em diversas direções, muito longe ainda, mas André teve a nítida impressão de que a descarga elétrica não se detivera na superfície. "Penetrara a substância sob nossos pés, porque espantoso rumor se fez sentir nas profundezas", observou André Luiz, que parecia intranquilo diante daquele fenômeno. Jerônimo procurou tranquilizá-lo explicando que o trabalho dos desintegradores etéricos, invisíveis aos seus olhos, tal a densidade ambiente, evitava o aparecimento das tempestades magnéticas "que surgem, sempre, quando os resíduos inferiores de matéria mental se amontoam excessivamente no plano". Enquanto isso, aparelhos de comunicação funcionavam em ritmo acelerado, anunciando o fato, em direções várias, avisando peregrinos da espiritualidade superior, a fim de não se aproximarem da zona sob regime de limpeza. Sucederam-se outros ribombos ameaçadores, despejando fogo na superfície e energias revolventes no interior do solo. Ondas maciças de sofredores aterrados começaram, então, a alcançar as defesas. Era dolorosa a contemplação da turba amedrontada que clamava por socorro. O quadro exterior tornava-se ainda mais dramático, porque fogueiras enormes dilatavam-se em direções diversas e raios fulgurantes eram metodicamente

despejados do céu, exigindo vasta dose de paciência de todos para conter a multidão furiosa. (*Obreiros da Vida Eterna, cap. 10.*)

12/4/2015

Edição 409

Em carta datada de 30 de março de 2015, a leitora Maria de Nazaré Duarte Ramos (Olinda, PE), referindo-se ao Especial da edição 407, sobre erros de interpretação e obras mediúnicas duvidosas, pergunta-nos qual a maneira mais racional de identificarmos um autor de "obra mediúnica" inadequada à formação espírita?

Diante dessa indagação, não nos é possível deixar de mencionar o conselho que o saudoso médium Chico Xavier recebeu de Emmanuel, logo no início de suas tarefas no campo da mediunidade:

"Lembro-me de que, em um dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e, disse mais, que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e de Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo".

Segundo Chico Xavier, o fato se deu em 1931, antes pois da publicação de *Parnaso de Além-Túmulo*, que veio a lume em 1932.

O primeiro critério que deve guiar o leitor é, pois, examinar se a obra, mediúnica ou não mediúnica, é compatível com a doutrina contida no Evangelho e com o Espiritismo.

Outra medida relevante, recomendada por Allan Kardec no cap. XXVII, item 303, d' *O Livro dos Médiuns*, em uma "Observação" inserida após a 2ª pergunta, é não nos deixarmos – médiuns, comentaristas e leitores – deslumbrar pelos nomes que os Espíritos tomam com o objetivo de dar uma aparência de verdade a suas palavras, e desconfiar sempre "de teorias e sistemas científicos arriscados" e "de tudo o que se afastar do objetivo moral das manifestações".

Nada, absolutamente nada, ocorre por acaso. Toda pessoa que se dedicar à mediunidade deve, portanto, manter-se vigilante e não ignorar nem desprezar jamais a advertência de Erasto contida no cap. XX, item 230, d' *O Livro dos Médiuns*: "Melhor será repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma só teoria falsa".

O motivo dessa recomendação advém do fato de que nenhum médium está imune à mistificação. Assim, todo cuidado é pouco quando lidamos com o que nos vem do chamado plano espiritual. Em uma referência direta ao assunto, Divaldo Franco declarou certa vez: "As falsas comunicações, que de tempos a tempos o médium recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça". (*Cf. Moldando o Terceiro Milênio, de Fernando Worm, cap. 7, pág. 62.*)

No texto de abertura do seu livro *A Pedra e o Joio* (edições Cairbar, 1975), escreveu Herculano Pires: "No Espiritismo a pedra de toque é a obra de Kardec", frase de efeito que ele justificou em seguida, aditando ali algumas medidas que concorreriam para evitar – ou pelo menos minimizar – o

surgimento de “obras mediúnicas” inadequadas, que constituem a preocupação da leitora que nos escreveu.

Disse Herculano na obra mencionada:

“Usar do bom senso é o primeiro preceito da normativa de Kardec.

Examinar com rigor a linguagem dos Espíritos comunicantes, submetê-los a testes de bom senso e conhecimento, verificar a relação de realidade dos conceitos por eles enunciados (relação do seu pensamento com os fatos, as coisas e os seres), enquadrar os seus ensinamentos e revelações no contexto cultural da época, verificando o alcance abusivo ou não das afirmações mais audaciosas — eis os elementos que temos de observar no trato da mediunidade, se não quisermos cair em situações difíceis, a que fatalmente nos levariam Espíritos imaginosos ou pseudossábios. E ao lado disso submeter tudo quanto possível à comprovação experimental, à pesquisa.

Bem sabemos que tudo isso requer espírito metódico, um fundo básico de conhecimentos gerais, capacidade normal de discernimento, superação da curiosidade doentia, controle rigoroso da ambição e da vaidade, equilíbrio do raciocínio, maturidade intelectual, critério científico de observação e pesquisa e firme decisão de não se deixar levar pelas aparências, aprofundando sempre o exame de todos os aspectos dos problemas e das circunstâncias.” (*A Pedra e o Joio, edições Cairbar, 1975.*)

Esperamos que as explicações aqui dadas satisfaçam às expectativas da leitora e de todos aqueles que, nas lides espíritas, procuram servir... e não servir-se do Espiritismo.

No prefácio que escreveu para a edição de 1911 do seu livro *No Invisível*, Léon Denis disse que a credulidade, no plano terrestre, atrai os charlatães, os exploradores de toda espécie, a chusma dos cavalheiros de indústria que só procuram ludibriar. E advertiu: “Eis aí um perigo para o Espiritismo. Cumprenos, pois, a todos os que em nosso coração zelamos a verdade e nobreza dessa coisa, conjurá-lo. De sobra se tem repetido: o Espiritismo ou será científico, ou não subsistirá. Ao que acrescentaremos: o Espiritismo deve, antes de tudo, ser honesto!”

19/4/2015

Edição 410

Solange Volpato, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos qual é o entendimento espírita sobre cremação de cadáveres humanos.

Embora a cremação seja uma prática antiga em nosso mundo, Allan Kardec não tratou desse tema, o que equivale a dizer que a Doutrina Espírita não tem uma posição firmada sobre o assunto. O que existe são opiniões pessoais, umas favoráveis, outras contrárias à referida prática.

Léon Denis, um dos mais importantes autores espíritas, era claramente favorável à inumação – ou seja, o sepultamento –, uma vez que a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento da entidade desencarnante, podendo ser mesmo dolorosa para a alma apegada à Terra.

Determinados Espíritos, como sabemos, permanecem por algum tempo imantados ao corpo material após o transe da morte, como acontece principalmente com os suicidas. O desatamento do cordão fluídico nem sempre

se consuma num curto espaço de tempo. Nessas condições, o desencarnado é como se fosse um morto-vivo cuja percepção sensória, para sua desventura, continuaria presente e atuante. A cremação viria causar-lhe um angustiante trauma, o que implicaria "aumentar a aflição ao aflito".

No mesmo sentido manifestou-se sobre o tema o conhecido escritor e estudioso espírita Richard Simonetti, que entende que, embora o cadáver não transmita sensações ao Espírito, este experimentará obviamente "impressões extremamente desagradáveis" se no ato crematório estiver ainda ligado ao corpo.

Paul Bodier, o renomado autor de "A Granja do Silêncio", dizia que "a incineração, tal como se pratica entre nós, é, com efeito, prematura demais". Talvez, por isso a inumação devesse ser o processo normal, só se cremando os cadáveres com sinais evidentes de putrefação.

Das manifestações oriundas do plano espiritual a respeito de cremação, duas merecem citação.

No programa Pinga-Fogo na TV Tupi, levado ao ar no ano de 1971, em resposta a uma pergunta dirigida a Chico Xavier, o saudoso médium declarou que, segundo Emmanuel, "a cremação é legítima para todos aqueles que a desejam, desde que haja um período de, pelo menos, 72 horas de expectativa para a ocorrência em qualquer forno crematório".

Merece destacar a recomendação do benfeitor espiritual acerca do tempo de espera necessário para que o processo de cremação não seja lesivo ao Espírito desencarnante: 72 horas, antes que a cremação seja efetuada. Certamente, o tempo de espera por ele sugerido levou em consideração os aspectos negativos levantados por Léon Denis e Richard Simonetti.

Resta-nos, no entanto, uma dúvida: estará realmente o Espírito desencarnante inteiramente desligado do corpo, findo o tempo mencionado?

Muitos anos depois, Irmão X – pseudônimo utilizado pelo Espírito de Humberto de Campos – examinou o tema na mensagem intitulada "O problema da cremação", psicografada por Chico Xavier e publicada no livro *Escultores de Almas*, lançado em 1987.

Eis um trecho dessa obra:

"Se a lei divina fornece um prazo de nove meses para que a alma possa renascer no mundo com a dignidade necessária, e se a legislação humana já favorece os empregados com o benefícios do aviso prévio, por que razão o morto deve ser reduzido à cinza com a carne ainda quente?

Sabemos que há cadáveres dos quais, enquanto na Terra, estimaríamos a urgente separação, entretanto, que mal poderá trazer aos vivos o defunto inofensivo, sem qualquer personalidade nos cartórios?

Não seria justo conferir pelo menos três dias de preparação e refazimento ao peregrino das sombras para a desistência voluntária dos enigmas que o afligem na retaguarda?

Acreditamos que ainda existe bastante solo no Brasil e admitimos, por isso, que não necessitamos copiar apressadamente costumes em pleno desacordo com a nossa feição espiritual.

Meditando na pungente situação dos recém-desencarnados, observo quão longe vai o tempo em que os mortos eram embalados com a doce frase latina: - Requiescat in pace.

Não basta agora o enterro pacífico! É imprescindível a apressada desintegração dos despojos! E se a lei não for suavizada, com as

setenta e duas horas de repouso e compaixão para os desencarnados, na laje fria de algum necrotério acolhedor, resta aos mortos a esperança de que os saltitantes conselheiros da cremação de hoje sejam amanhã igualmente torrados. " (Do livro *Escultores de Almas, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.*)

Nesta revista o tema cremação foi tratado em inúmeras ocasiões, como nos textos abaixo, cuja leitura recomendamos à leitora e a todos que se interessam pelo assunto:

http://www.oconsolador.com.br/ano3/129/leonardo_marmo.html

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/173/o espiritismoresponde.html>

<http://www.oconsolador.com.br/ano5/253/editorial.html>

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/293/correiodiunico.html>

<http://www.oconsolador.com.br/ano7/332/o espiritismoresponde.html>

26/4/2015

Edição 411

Um companheiro de lides espíritas perguntou-nos: Por que os protetores espirituais não impedem que os Espíritos obsidiem uma pessoa?

Existem em nosso meio pessoas que lidam com a mesma dúvida, como há também aqueles que gostariam que fosse adotada nas instituições espíritas uma prática usual em determinados círculos, na qual o agente causador da obsessão é afastado do enfermo, às vezes até mesmo por meio de violência.

Ora, se essa prática fosse realmente eficaz, certamente Allan Kardec e outros autores a teriam proposto. Ocorre que obsessão não se dá por acaso e, conforme diz Kardec, sua causa mais frequente, sobretudo nos casos mais graves, é o desejo de vingança. Alguém lesou determinada pessoa e esta, incapaz de perdoar, parte para o desforço, para a desforra, para a vindita.

O objetivo da desobsessão em casos assim não poderia ser simplesmente a separação dos litigantes, fato que, ainda que fosse possível, não resolveria a pendência que deu origem ao sentimento de vingança. Trata-se, pois, de algo maior: a reconciliação dos litigantes, para que eles se acertem e resolvam, em definitivo, o problema que deu origem ao processo.

O tratamento espírita da obsessão é objeto de inúmeras obras espíritas e todas nos mostram que as pessoas envolvidas no processo – tanto o algoz como a vítima – jamais deixam de ser assistidas pelos benfeitores espirituais.

É necessário, contudo, para a real eficácia do tratamento, que a pessoa que sofre a constrição obsessiva faça a sua parte, o que é proposto com clareza por Allan Kardec no capítulo 28, itens 81 e seguintes, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Evidente que, no tocante a esse assunto e a muitos outros, não podemos restringir-nos ao que Kardec escreveu, mas todos os autores, encarnados e desencarnados, que trataram até hoje do tema confirmaram o que o Codificador estabeleceu para que a terapia desobsessiva tenha sucesso, a saber:

- 1.) a necessidade do tratamento magnético;
- 2.) a importância da chamada doutrinação;
- 3.) a renovação das atitudes por parte do enfermo.

Encontramos na Revista Espírita de janeiro de 1865, pp. 4 a 19, o relato de um dos fatos que levaram Kardec a semelhante conclusão. Referimo-nos ao caso de Valentine Laurent, uma jovem que residia em Marmande (França).

Com 13 anos na época, Valentine experimentava convulsões diárias. Ela ficava tão violenta que era preciso amarrá-la ao leito, providência que exigia o concurso de cinco pessoas. Exorcismos, missas, passes – nada disso resolveu o problema. O Sr. Dombre, dirigente de um grupo espírita radicado na cidade de Marmande, inicialmente utilizou os passes. Com a insuficiência deles, resolveu evocar a entidade que perturbava a jovem. Teve início, então, a doutrinação, que se realizou no período de 16 a 24-9-1864. A entidade afastou-se; deu-se depois a recaída e afinal o êxito.

Ao relatar na Revista Espírita a experiência de Marmande, Kardec fez as seguintes observações:

1ª.) o caso demonstrou a insuficiência do tratamento magnético.

2ª.) Era preciso, e é preciso em casos assim, remover-se a causa.

3ª.) Para removê-la é necessário o que chamamos de doutrinação.

Kardec diria depois, como vemos no cap. 28, item 81, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, acima citado, que a vontade do paciente torna mais fácil o sucesso.

Suely Caldas Schubert, reportando-se ao tema, escreveu em sua conhecida e apreciada obra "Obsessão/Desobsessão":

1.) Esclarecer o paciente é fazê-lo sentir quanto é essencial a sua participação no tratamento; é orientá-lo, dando-lhe uma visão gradativa, cuidadosa, do que representa em sua existência aquele que é considerado o obsessivo; é levantar-lhe as esperanças, se estiver deprimido; é transmitir-lhe a certeza de que existem dentro dele recursos imensos que precisam ser acionados pela vontade firme, para que venham a eclodir, revelando-lhe facetas da própria personalidade até então desconhecidas dele mesmo. É, enfim, ir aos poucos conscientizando-o das responsabilidades assumidas no passado e que agora são cobradas através do irmão infeliz que se erigiu em juiz, cobrador ou vingador. (*Obsessão/Desobsessão, segunda parte, cap. 9, p. 114.*)

2.) O obsidiado só se libertará quando ele mesmo se dispuser a promover a autodesobsessão. O Espiritismo não pode fazer por ele o que ele não fizer por si mesmo. Muito menos ainda os médiuns, ou alguém que lhe queira operar a cura. É preciso compreender que o tratamento da obsessão não consiste na expulsão do obsessivo: alcançado isso, se fosse possível, ele depois voltaria, com forças redobradas, à obra interrompida. A terapia tem em vista a reconciliação; trata-se de uma conversão a ser feita, tarefa que requer do obsidiado uma ampla cooperação, grandes esforços e boa vontade. (*Obra citada, segunda parte, cap. 2.*)

3.) A renovação moral é, como já foi dito, fator essencial ao tratamento desobsessivo. Yvonne A. Pereira, em seu livro Recordações da Mediunidade, é incisiva a tal respeito: "O obsidiado, se não procurar renovar-se diariamente, num trabalho perseverante de autodomínio ou autoeducação, progredindo em moral e edificação espiritual, jamais deixará de se sentir obsidiado, ainda que o seu primitivo obsessivo se regenere. Sua renovação moral, portanto, será a principal terapêutica, nos casos em que ele possa agir". (*Obra citada, segunda parte, cap. 2.*)

Creemos que as explicações acima dão-nos subsídios suficientes para entendermos por que, diante da obsessão, não é suficiente afastar, por meio da violência, o agente espiritual que a provoca, fato que, por si só, demonstra a ineficácia dos exorcismos.

3/5/2015

Edição 412

O leitor Francisco Roxo, de Cotia (SP), em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos se pessoas com diabetes, pressão alta, arritmia cardíaca e os usuários de medicamentos controlados podem aplicar passes magnéticos.

A questão é por demais oportuna, mas a resposta não é algo que possa ser dito numa simples frase.

Como regra, no tocante aos passes magnéticos, é necessário que a pessoa reúna, no momento de ministrá-los, condições para tal, seja no aspecto físico, seja no aspecto emocional e, sobretudo, no aspecto espiritual.

Na questão 69 do livro *Diretrizes de Segurança*, Divaldo Franco explica:

“O passe significa, no capítulo da troca de energias, o que a transfusão de sangue representa para a permuta das hemácias, ajudando o aparelho circulatório. O passe é essa doação de energias que nós colocamos ao alcance dos que se encontram com deficiências, de modo que eles possam ter seus centros vitais reestimulados e, em consequência disso, recobrem o equilíbrio ou a saúde, se for o caso.

O passe magnético tem uma técnica especial, conhecida por todos aqueles que leram alguma coisa sobre o mesmerismo. É transfusão da energia do doador, do agente.

O passe que nós aplicamos, nos Centros Espíritas, decorre da sintonia com os Espíritos Superiores, o que convém considerar sintonia mental, não uma vinculação para a incorporação.

O passe deve ser sempre dado em estado de lucidez e absoluta tranquilidade, no qual o passista se **encontre com saúde** e com **perfeito tirocínio**, a fim de que possa atuar na condição de agente, não como paciente.” (*Grifamos.*)

Ocorre que, mesmo gozando de saúde e sendo ótimo médium passista, devemos abster-nos de ministrar o passe caso tenhamos ingerido horas antes alguma bebida alcoólica. O motivo é óbvio: a energia a ser doada não deve estar conspurcada por droga nenhuma, porque ela poderá, como revela a experiência, ser nociva ao paciente.

Situação semelhante ocorre quando a pessoa, claramente enferma, se vale de medicamentos que poderão não fazer bem se transmitidos a alguém que esteja também física ou moralmente enfraquecido. Os medicamentos, como sabemos, são em geral drogas químicas e todos apresentam efeitos colaterais, fato que por si só recomenda-nos cuidado.

Em inúmeras obras vislumbramos restrições a que pessoas enfermas ministrem o socorro por meio dos passes.

Eis algumas delas:

1. "O Poder de Curar", autoria do padre Francis MacNutt, edição de Ave Maria Press, de Indiana (EUA).
2. COEM, 10a Sessão de Exercício Prático, edição de 1978, pág. 83.
3. COEM, 12a Sessão de Exercício Prático, edição de 1978, pág. 95.
4. "Estudando a Mediunidade", de Martins Peralva, págs. 144 e 145.
5. "Passe e Passista", de Roque Jacintho, cap. 6 e 30.
6. "Pontos da Escola de Médiuns", de Edgard Armond, Tomo IV, pág. 88.
7. "A Gênese", de Allan Kardec, cap. XIV, item 31.
8. "Revista Espírita", de Allan Kardec, janeiro de 1864, Edicel, pág. 8.
9. "Revista Espírita", de Allan Kardec, setembro de 1865, item 4, Edicel, pág. 252.
10. Anuário de Espiritismo Científico, FEPESCI, 1993, pág. 132.
11. "Subsídios para Atividades Doutrinárias", publicado pela USE de São Paulo, 1993, págs. 80, 88 e 90.

Não obstante, nos casos citados pelo leitor, pode ser que o indivíduo, apesar do problema que enfrenta, se encontre em perfeitas condições de ministrar o passe.

Não podemos, então, generalizar o entendimento. Há medicamentos que não interferem nos passes, ou seu efeito é insignificante, visto que o passista em tratamento requisita a ajuda medicamentosa para o reequilíbrio químico do seu organismo, o que é bem diferente dos casos em que a pessoa utiliza substâncias decorrentes de dependências viciosas, como no caso do tabaco, do álcool e de outras drogas químicas, que são resultados do desequilíbrio emocional do indivíduo.

Em casos concretos, como na hipertensão arterial, nas arritmias e mesmo na esclerose múltipla, consultamos especialistas na área e obtivemos a informação de que os medicamentos usados em tais situações não prejudicariam os efeitos do passe, mesmo porque nos passes de caráter misto – como os passes espíritas – o médium passista, além de receber primeiro os recursos espirituais a serem transmitidos ao paciente, doa muito pouco de si mesmo.

Concluindo, é bom enfatizar que os verdadeiros impedimentos para aplicação dos passes são de natureza moral: vícios, dependências perturbadoras, desequilíbrios emocionais e psiquiátricos.

Fora disso, deve prevalecer sempre o bom senso, não apenas nessa questão, mas em tudo. Não seria, pois, necessário lembrar que nos casos de enfermidade infectocontagiosa é preciso evitar maior contato com outras pessoas e, por motivos óbvios, o passista assim infectado deve tratar-se e recuperar-se primeiro, antes de retornar à tarefa.

10/5/2015

Edição 413

Em carta publicada na seção de Cartas desta mesma edição, o leitor João Zamoner pergunta-nos: Você pode me explicar o que significa intelecto-moral?

A palavra composta "intelecto-moral", que tem valor de adjetivo, é utilizada quando queremos dizer que determinado fato ou coisa dá relevância, ao mesmo tempo, à inteligência e à moralidade.

Allan Kardec a utilizou quando escreveu sobre as Aristocracias, em um dos capítulos que compõem a 1ª parte do livro *Obras Póstumas*. Nesse texto, Kardec faz uma previsão acerca do advento futuro em nosso mundo do que ele chamou de aristocracia intelecto-moral.

A palavra aristocracia vem do grego *Aristos*, o melhor, e *Kratus*, poder. Aristocracia significa, assim, o poder dos melhores, conquanto saibamos que o sentido primitivo da palavra foi por várias vezes deturpado.

De acordo com o texto escrito por Kardec, verificaram-se na história da Humanidade terrena cinco espécies de aristocracia:

1 - Aristocracia dos patriarcas

Nas sociedades primitivas, quando surgiu, em decorrência da formação dos grupos sociais, a necessidade de uma autoridade, esta foi conferida aos chefes de família, aos anciãos e aos patriarcas. Surgia assim a primeira de todas as aristocracias, um fenômeno que ainda se vê em pleno século 21 em algumas comunidades indígenas.

2 - Aristocracia da força

Com o surgimento dos conflitos e das guerras, a autoridade foi sendo transferida aos poucos para os indivíduos fortes e vigorosos, ocorrendo então o advento dos chefes militares. Surgia com isso o segundo modelo de aristocracia.

3 - Aristocracia do nascimento

Os detentores do poder foram, com o tempo, transferindo seus privilégios e sua autoridade aos descendentes. Nascia então o terceiro modelo de aristocracia, geralmente fundamentada em leis outorgadas por quem estava no poder e nisso tinha interesse. Na organização política atual, como por exemplo no Brasil, senadores e deputados costumam inserir seus filhos e netos na política, transferindo-lhes o seu prestígio e seus votos, o que constitui um resquício do terceiro modelo de aristocracia surgida no mundo.

4 - Aristocracia do dinheiro

Com o surgimento das grandes fortunas, elevou-se na Terra um novo poder, o do ouro, visto que com o ouro pode-se dispor de homens e coisas. O que não se concedia mais aos títulos, concedeu-se à fortuna e esta, como ainda é bastante comum em nossos dias, passou a ser detentora do poder. Foi esse o quarto modelo de aristocracia verificada no planeta.

5 - Aristocracia da inteligência

Este modelo é o que vai se insinuando no mundo, em que técnicos e especialistas nas mais diferentes áreas é que ditam as regras que governam os povos. Ocorre que a inteligência, por si só, não é garantia de que todos os seres humanos de igual forma serão contemplados pelos detentores do poder. O desenvolvimento intelectual sem o guia dos princípios morais pode, como sabemos, ter consequências desastrosas para a sociedade.

Kardec prevê então, no texto que mencionamos, o surgimento de uma sexta forma de aristocracia no mundo, como decorrência da própria evolução da Humanidade, a aristocracia intelecto-moral, em que, por definição, a inteligência e a moralidade estarão presentes na autoridade, a que todos podem submeter-se, confiados em suas luzes e em sua justiça.

Algo semelhante já se vê em algumas comunidades espirituais, como a colônia *Nosso Lar*, descrita por André Luiz no livro de mesmo nome. O governador de

Nosso Lar reuniria as duas condições que o Codificador do Espiritismo assinala como características da aristocracia intelecto-moral.

17/5/2015

Edição 414

No dia 17 de janeiro o leitor Alfredo Zavatte, de Botucatu (SP), enviou a esta revista uma interessante questão relacionada com a prática mediúnica:

Pode/deve um orientador (doutrinador) de trabalhos de desobsessão que trabalha no Centro "A" ir trabalhar como orientador no Centro "B" no mesmo dia? Por exemplo: o orientador trabalha numa terça-feira até às 18h na Casa Espírita "A" e nesse mesmo dia (terça-feira) ele vai, às 20h, trabalhar também como orientador na casa "B". E se for em dias diferentes? Queremos deixar claro que não somos contra um orientador (doutrinador) ir ajudar um grupo recém-formado num Centro que está iniciando seus trabalhos de desobsessão, mas sim de Centros que já desenvolvem esse trabalho há muitos anos.

A questão proposta suscitou manifestações de diversos leitores e colaboradores de nossa revista.

Trata-se, evidentemente, de um assunto importante, especialmente porque, se existem muitos cursos e seminários voltados para a preparação e educação de médiuns psicógrafos e psicofônicos, o mesmo cuidado não se verifica no tocante à doutrinação e ao esclarecimento das entidades comunicantes.

Por causa disso, toda vez que se forma uma equipe de trabalho é comum que algum doutrinador/esclarecedor assuma a tarefa da doutrinação por algum tempo – medida que, às vezes, se prolonga por anos.

Há quem entenda não existir nenhum inconveniente no fato de uma mesma pessoa conduzir duas reuniões mediúnicas em dois Centros Espíritas, em dias diferentes. Assim pensa nosso irmão Gebaldo José de Sousa, um dos colaboradores da equipe de redação desta revista.

A inconveniência, segundo ele, haveria em quaisquer outros médiuns – que não o dirigente – participar de dois grupos distintos, inconveniência, aliás, mencionada por André Luiz.

De fato, lemos no cap. 25 do livro *Desobsessão*, de André Luiz:

“Na obra da desobsessão, os médiuns psicofônicos são aqueles chamados a emprestar recursos fisiológicos aos sofredores desencarnados para que estes sejam socorridos. Deles se pede atitude de fé positiva, baseada na certeza de que a Espiritualidade Superior lhes acompanha o trabalho em moldes de zelo e supervisão. Compreendendo que ninguém é chamado por acaso a tarefa de tamanha envergadura moral, verificarão facilmente que, da passividade construtiva que demonstrem, depende o êxito da empreitada de luz e libertação em que foram admitidos.

Atentos à função especial de colaboradores e medianeiros em que se acham situados, é justo se lhes rogue o cuidado para alguns pontos julgados essenciais ao êxito e à segurança da atividade que se lhes atribui: 1 - desenvolvimento da autocrítica; 2 - aceitação dos próprios erros, em trabalho medianímico, para que se lhes apure a capacidade de transmissão; 3 - reconhecimento de que o médium é o responsável pela comunicação que transmite; 4 - abstenção de melindres ante

apontamentos dos esclarecedores ou dos companheiros, aproveitando observações e avisos para melhorar-se em serviço; 5 - fixação num só grupo, evitando as inconveniências do compromisso de desobsessão em várias equipes ao mesmo tempo (...)" (*Desobsessão, cap. 25.*)

Hermínio C. Miranda, no livro *Diálogo com as Sombras*, reitera a orientação de André Luiz:

"Como a psicofonia é a mediunidade mais indicada para esse tipo de tarefa, André Luiz nos oferece, no seu já citado *Desobsessão*, um valioso decálogo de recomendações e sugestões. Mesmo que o leitor disponha de um exemplar, parece que vale a pena reproduzir aqui o texto. André considera tais cuidados essenciais ao êxito e à segurança da atividade atribuída aos médiuns.

É aconselhável, pois, aos médiuns psicofônicos:

* Desenvolvimento da autocrítica.

* Aceitação dos próprios erros, em trabalho mediúnico, para que se lhes apure a capacidade de transmissão.

* Reconhecimento de que o médium é responsável pela comunicação que transmite.

* Abstenção de melindres ante apontamentos dos esclarecedores ou dos companheiros, aproveitando observações e avisos para melhorar-se em serviço.

* Fixação num só grupo, evitando as inconveniências do compromisso de desobsessão em várias equipes ao mesmo tempo." (*Diálogo com as Sombras, Segunda Parte, cap. 3.*)

Resta-nos, então, examinar a pergunta formulada pelo leitor: a restrição citada no tocante aos médiuns psicofônicos estende-se aos doutrinadores/esclarecedores?

Não existe nas obras espíritas que conhecemos uma orientação precisa a respeito do assunto, salvo o que Divaldo Franco consignou na questão 90 do livro *Diretrizes de Segurança*, um diálogo em torno das múltiplas questões da mediunidade, escrito em parceria com J. Raul Teixeira.

Eis o teor completo da referida questão:

90. O que podemos pensar da atitude de muitos que, à guisa de cooperarem com vários Centros Espíritas, na segunda-feira, frequentam um trabalho num determinado Centro; na terça estão num trabalho mediúnico, noutro Centro; na quarta-feira num terceiro, e assim sucessivamente?

Divaldo – Há um ditado que diz: "quem muito abarca, pouco aperta". Quem pretende fazer tudo, faz sempre mal todas as coisas. Por que essa pretensão de ajudar a todos? Se cada um cumprir com seu dever, com dedicação, no local em que o Senhor o colocou, estará realizando um trabalho nobilitante. A presunção de atender a todos é, de certo modo, uma forma de autossuficiência, pois quem assim age acredita que, não estando em algum lugar, as coisas ali não irão bem. E quando desencarnar? Então é melhor vincular-se a um grupo de pessoas que lhe sejam simpáticas, para que as reuniões sérias, de que trata *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, possam produzir os frutos necessários e desejados. (*Diretrizes de Segurança, questão 90.*)

Além da observação feita por Divaldo, lembremos que André Luiz modificou em sua obra, acima mencionada, o conceito que sempre se fez, em nosso meio, a respeito da figura do doutrinador nas atividades mediúnicas. Não se trata tão

somente de mudança de termos. Como sabemos, André Luiz não usa o termo "doutrinador", ao qual ele prefere utilizar o termo "médium esclarecedor". E para ele o doutrinador/esclarecedor deixa de ser um componente à parte, para assumir uma função específica, como um dos membros de um instrumento coletivo, um grupo que necessita trabalhar de forma homogênea, como o leitor pode verificar à vista do texto seguinte:

"Os componentes da reunião, que nunca excederão o número de quatorze, conservem, acima de tudo, elevação de pensamentos e correção de atitudes, antes, durante e depois de cada tarefa.

(...)

Todos os componentes da equipe assumirão funções específicas. Num grupo de 14 integrantes, por exemplo, trabalharão 2 a 4 médiuns esclarecedores; 2 a 4 médiuns assistas e 4 a 6 médiuns psicofônicos.

Os médiuns esclarecedores e assistas, além dos deveres específicos que se lhes assinala, servirão, ainda, na condição de elementos positivos de proteção e segurança para os médiuns psicofônicos, sempre que estes forem mobilizados em serviço.

Imprescindível reconhecer que todos os participantes do conjunto são equiparáveis a pilhas fluídicas ou lâmpadas, que estarão sensibilizadas ou não para os efeitos da energia ou da luz que se lhes pede em auxílio dos que jazem na sombra de espírito. Daí o imperativo do teor vibratório elevado nos componentes da reunião, a fim de que os doentes da alma se reaqueçam para o retorno ao equilíbrio e ao discernimento."

(*Desobsessão, cap. 20.*)

Reportando-se ao mesmo assunto, Hermínio C. Miranda escreveu:

"Num grupo mediúnico, chama-se doutrinador a pessoa que se incumba de dialogar com os companheiros desencarnados necessitados de ajuda e esclarecimento.

(...)

Por outro lado, o chamado doutrinador não é o sumo-sacerdote de um culto ou de uma seita, que se coloque na posição de mestre, a ditar normas de ação e a pregar, presunçosamente, um estágio ideal de moral, que nem ele próprio conseguiu alcançar. Apesar disso, ele precisa estar preparado para exercer, no momento oportuno, a autoridade necessária, que toda pessoa incumbida de uma tarefa, por mais modesta, deve ter. Não se deve esquecer, porém, de que, no grupo mediúnico, ele é apenas um dos componentes, um trabalhador, e não mestre, sumo-sacerdote ou rei." (*Diálogo com as Sombras, Segunda Parte, cap. 4.*)

Na sequência de suas observações sobre o tema, Hermínio nos lembra que o doutrinador é o porta-voz do grupo e é nele que os Espíritos desequilibrados identificam a petulante intenção de interferir com seus planos pessoais, porque é ele, usualmente, o responsável pela direção dos aspectos, por assim dizer, terrenos, do trabalho, o que empresta à tarefa um caráter coletivo, no qual todos os integrantes do grupo, não importa a função que exerçam, têm igual responsabilidade.

Ora, essa responsabilidade não cessa com o término da reunião, visto que a tarefa de atendimento prossegue no plano espiritual, como Divaldo lembra na resposta que deu à pergunta "Qual o objetivo de uma sessão mediúnica?":

“O médium é alguém que se situa entre os dois hemisférios da vida. O membro de um labor de socorro medianímico é alguém que deve estar sempre às ordens dos Espíritos Superiores para os misteres elevados.

À hora da reunião, devem-se manter, além das atitudes sociais do equilíbrio, a serenidade, um estado de paz interior compatível com as necessidades do processo de sintonia, sem o que, quaisquer tentames nesse campo redundarão inócuos, senão negativos.

Depois da reunião é necessário manter-se o mesmo ambiente agradável, porque, à hora em que cessam os labores da incorporação, ou da psicografia, o fenômeno objetivo externo, em si, não cessam os trabalhos mediúnicos no mundo espiritual. Quando um paciente sai da sala cirúrgica, o pós-operatório é tão importante quanto a própria cirurgia. Por isso, o paciente fica carinhosamente assistido por enfermeiros vigilantes que estão a postos para atendê-lo em qualquer necessidade que venha a ocorrer.

Quando termina a lide mediúnica, encerra-se, momentaneamente, a tarefa dos encarnados, a fim de que estes a recomecem, logo mais, no instante em que penetrem a esfera do sono, para prosseguir sob outro aspecto, ajudando os que ficaram de ser atendidos e não puderam, por uma ou outra razão. Então, convém que, ao terminar a reunião mediúnica seja mantida a psicofera agradável, em que as conversas sejam edificantes.” (*Diretrizes de Segurança, questão 31.*)

Em face de todo o exposto, parece-nos claro que, ressalvada a situação excepcional mencionada no início deste texto, o doutrinador/esclarecedor de uma equipe mediúnica deve fixar-se em um só grupo, aplicando-se a ele e aos demais participantes da reunião mediúnica a mesma restrição que André Luiz e Hermínio C. Miranda fazem com relação aos médiuns psicofônicos.

24/5/2015

Edição 415

O leitor Arnaldo Leite dos Santos, de Lajeado (TO), em carta publicada na edição passada, encaminhou à nossa revista as seguintes questões relacionadas com a aplicação dos passes magnéticos:

“O passista em atividade pode tocar no paciente? pode cantar baixinho algum hino espírita para efeito de concentração? pode fazer prece em voz alta durante o passe? Pode gesticular? ou apenas ficar com braços estendidos parados! Precisa estar em "jejum" ou seja não ter ingerido almoço ou janta? É verdade que o café ingerido antes da aplicação do passe pode ser ruim? É de bom alvitre que o passista permaneça com os braços levantados apenas as mãos podem se movimentar? O que dizer de centros onde os passistas usam vestimentas brancas?”

Antes de responder objetivamente às perguntas propostas, é bom recordar algo que nos parece fundamento com relação à imposição das mãos ou o chamado passe magnético.

Lemos no texto que compõe a 11ª Sessão de Exercício Prático do Centro de Orientação e Educação Mediúnica (COEM), obra elaborada pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba (PR), sob a supervisão do Dr. Alexandre Sech:

"A imposição de mãos, como o fez Jesus, é o exemplo correto de transmitir o passe. Os movimentos que gradativamente foram sendo incorporados à forma de aplicação do passe criaram verdadeiro folclore quanto a esta prática espírita, desfigurando a verdadeira técnica."

"Os passistas passaram a se preocupar mais com os movimentos que deveriam realizar do que com o dirigir seus pensamentos para movimentar os fluidos."

Referindo-se ao assunto, José Herculano Pires foi enfático:

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensivas e ridículas gesticulações." (*Obsessão, o passe, a doutrinação*, editora Paideia, págs. 35 a 37.)

A orientação acima, manifestada pelo Dr. Alexandre Sech e por José Herculano Pires, fundamenta-se no que Allan Kardec publicou em janeiro de 1864 na *Revista Espírita* (Edicel, ano de 1864, pág. 7), na qual ele transcreveu mensagem de Mesmer (Espírito), recebida na Sociedade Espírita de Paris em 18/12/1863, em que Mesmer, analisando as curas espirituais, afirma que Deus sempre recompensa a pessoa sincera que pede a ajuda espiritual, enviando-lhe o socorro para que ela possa auxiliar o enfermo. "Esse socorro que envia são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente", diz Mesmer, que a seguir acrescenta: "Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos".

*

Dito isso, eis nossa resposta às perguntas formuladas pelo leitor:

- **O passista tocar no paciente? O passista pode gesticular ou apenas ficar com braços estendidos parados? É de bom alvitre que**

ele permaneça com os braços levantados, movimentando apenas as mãos?

O passe não comporta gesticulações nem a movimentação de braços e mãos. Basta, como vimos acima, a imposição das mãos.

No livro *Conduta Espírita*, cap. 28, André Luiz lembra-nos que na aplicação de passes não há necessidade da gesticulação violenta, da respiração ofegante ou do bocejo costumeiro, nem do toque direto no paciente.

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 176, 2ª pergunta, Kardec reproduz uma informação dada por um instrutor espiritual segundo o qual a força magnética reside no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio.

Esclareceu, em seguida, o instrutor espiritual: "Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias".

Vê-se, pois, que não são as mãos do médium passista que dirigem o fluido, mas o Espírito que vem em seu socorro e o secunda na atividade do passe.

Quanto à fórmula a ser adotada pelo passista, Emmanuel escreveu: "O passe poderá obedecer à fórmula que forneça maior porcentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe. Devemos esclarecer, todavia, que o passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação". (*O Consolador*, pergunta 99.)

- **O médium precisa estar em jejum, ou seja, não ter ingerido alimentação antes do passe? É verdade que o café ingerido antes da aplicação do passe pode ser ruim?**

Antes dos trabalhos de natureza mediúnica – e a atividade do passe se enquadra nisso – é bom que a alimentação seja leve.

Sobre a natureza mediúnica da atividade, é bom lembrar o ensinamento contido no cap. XIV, item 176, 1ª pergunta, d' *O Livro dos Médiuns*.

André Luiz, em se referindo aos tarefeiros da atividade mediúnica, tratou do tema alimentação no cap. 2 do livro *Desobsessão*, no qual recomenda que a alimentação, durante as horas que precedem a tarefa, seja leve. A digestão laboriosa consome grande parcela de energia, impedindo a função mais clara e mais ampla do pensamento.

Esclarece André Luiz: "Aconselháveis os pratos ligeiros e as quantidades mínimas, crendo-nos dispensados de qualquer anotação em torno da impropriedade do álcool, acrescentando observar que os amigos ainda necessitados do uso do fumo e da carne, do café e dos temperos excitantes, estão convidados a lhes reduzirem o uso, durante o dia determinado para a reunião, quando não lhes seja possível a abstenção total, compreendendo-se que a posição ideal será sempre a do participante dos trabalhos que transpõe a porta do templo sem quaisquer problemas alusivos à digestão".

Com efeito, na orientação colhida nas obras do COEM, a que nos referimos no preâmbulo, é dito que o passe poderá ser até maléfico se o passista estiver com o organismo intoxicado por excesso de alimentação ou vícios, como fumo, álcool e as drogas em geral.

- **Que dizer de centros onde os passistas usam vestimentas brancas?**

Trata-se de um costume sem nenhum embasamento doutrinário. O médium J. Raul Teixeira refere-se ao assunto no livro *Diretrizes de Segurança*.

Afirma Raul Teixeira nessa obra: "À luz do pensamento espírita, nenhuma necessidade existe para o uso de roupas especiais, ou vestes de quaisquer naturezas, nos cometimentos mediúnicos espíritas, que possam designar símbolos ou paramentação inadequada aos eventos doutrinários. Até porque, perante a expressão de Jesus, trazendo-nos a imagem do 'túmulo caiado por fora escondendo putrefação na intimidade', notamos a importância de cada um alinhar-se por dentro, tecendo, com os esforços da sua transformação moral, a anelada 'túnica nupcial', a que Jesus se referiu na parábola do festim de bodas". (*Diretrizes de Segurança*, pergunta n. 100.)

Perguntaram-lhe: As cores das roupas que os médiuns estejam usando interferem na qualidade do fenômeno mediúnico? Raul respondeu: "Em nada interferem as cores de uso externo do médium na qualidade dos fenômenos mediúnicos. Interagem, isto sim, as 'cores' de dentro, o caráter, o modo de ser e de viver de cada um". (Obra citada, pergunta 101.)

No cap. 25 do livro *Desobsessão*, reportando-se ao vestuário usado pelos médiuns, André Luiz recomenda apenas que o médium utilize o vestuário que seja mais cômodo para a tarefa, não importando, no entanto, sua cor.

- **Pode cantar baixinho algum hino espírita para efeito de concentração? Pode fazer prece em voz alta durante o passe?**

Em ambos os casos, trata-se de um condicionamento desnecessário. No passe, diz Divaldo Franco, o que vamos transmitir "é uma radiação que fomenta no paciente uma reativação dos seus fulcros energéticos para restabelecer-lhe o equilíbrio". "O passe é, antes de tudo, uma transfusão de amor."

Isso significa que o pensamento do médium passista deve estar focado nesse objetivo, e para isso o recolhimento é importante, como J. Raul Teixeira lembra na resposta que deu à pergunta 76 do livro *Diretrizes de Segurança*: "Nos momentos dos passes, todo o recolhimento é importante. O silêncio para a oração profunda, silêncio do aplicador e silêncio por parte de quem recebe, facilitando a penetração nas ondas de harmonia que o passe propicia".

31/5/2015

Edição 416

Em carta publicada nesta mesma edição, o leitor Domingos Antero da Silva, de Limeira (SP), enviou a esta revista a seguinte pergunta:

A minha dúvida é quanto ao tempo que um Espírito leva para reencarnar. Há uma média de tempo ou isto varia de acordo com o atraso ou a elevação do Espírito? Já ouvi que Espíritos maldosos, como Adolf Hitler, por exemplo, podem reencarnar de imediato e outros de muita bondade podem ficar por séculos na espiritualidade ou nem voltarem. Como é esse processo? Quais os livros (doutrinários) que explicam melhor este assunto?

Não existe uma regra precisa quanto à chamada intermissão – o tempo que separa duas encarnações de um mesmo Espírito. Ele pode variar desde poucos meses até milhares de anos. Não existe um limite fixado para esse estado de espera, que pode prolongar-se muitíssimo, embora jamais seja perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que retornar ao plano corpóreo, visto que o processo reencarnatório é indispensável à evolução espiritual.

Deus não apressa a expiação, ensina o Espiritismo. Chegando o momento em que sente a necessidade do retorno, o próprio interessado o propõe, valendo-se dessa faculdade extraordinária, que é apanágio dos Espíritos – o livre-arbítrio. Iniciam-se, então, os preparativos para o seu retorno, que será geralmente precedido de uma programação, assunto que o Codificador do Espiritismo tratou em “O Livro dos Espíritos” e na Revista Espírita.

Segundo Hernani Guimarães Andrade, o tempo médio de intermissão, apurado nos casos que foram examinados por ele e por outros cientistas, foi de 250 anos, o que perfaz uma média de quatro encarnações por milênio.

Richard Simonetti reporta-se ao assunto no seu livro “Quem tem medo dos Espíritos” e cita o mesmo número – 250 anos, que guarda também relação com um cálculo simples, ou seja, a divisão do número total de habitantes do planeta Terra pelo número de nascimentos que se verificam anualmente.

Nesse sentido, lembramos que em 1964, em mensagem publicada no Anuário Espírita, André Luiz informou que a população desencarnada da Terra andava perto de 21 bilhões de Espíritos. Como o planeta registrava naquela época cerca de 3 bilhões de pessoas, o número total de Espíritos vinculados ao planeta seria de 24 bilhões, o que indica que a fila para o retorno à carne é realmente muito grande.

Sobre o tema, além do livro de Richard Simonetti acima citado, sugerimos ao leitor que leia o artigo intitulado “Erraticidade”, escrito por Arthur Bernardes de Oliveira e publicado na edição nº 22 desta revista. Eis o link que permite acessá-lo: <http://www.oconsolador.com.br/22/especial.html>

7/6/2015

Edição 417

O leitor Orlando Alcassio, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos: Mediunidade inconsciente existe ou não existe?

Sim, a mediunidade inconsciente existe. Ocorre que, no tocante à palavra “inconsciente”, existem dois conceitos diferentes na literatura espírita.

Em *O Livro dos Médiuns*, item 188, ao tratar das variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade, Allan Kardec nos informa que existem médiuns sensitivos, médiuns naturais ou inconscientes e os médiuns facultativos ou voluntários.

Médiuns naturais ou inconscientes são, segundo o codificador da doutrina espírita, os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação de sua vontade e o mais das vezes sem o saberem. É assim que muitas pessoas que jamais ouviram falar de Espiritismo podem ser médiuns sem se darem conta disso.

Na obra de André Luiz, ao reportar-se ao fenômeno de psicofonia, o conceito pertinente ao adjetivo “inconsciente” aplicado à mediunidade é colocado de

forma diferente. O assunto é tratado por ele nos cap. 6 a 8 do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.

Para compreender melhor a diferença entre psicofonia consciente e psicofonia inconsciente, notemos que na primeira – psicofonia consciente – André Luiz compara a associação entre o Espírito sofredor e o corpo do médium a um sutil processo de enxertia neuropsíquica.

Descrevendo um desses casos, em que atuou a médium Eugênia, André diz que leves fios brilhantes ligavam a fronte da alma da médium, desligada do seu veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante. Embora senhoreando as forças da médium, o Espírito comunicante permanecia controlado por ela, a quem então ele se imanava pela corrente nervosa, através da qual a médium estaria informada de todas as palavras que ele mentalizasse e pretendesse dizer.

Segundo o instrutor Aulus, consciente de todas as intenções do Espírito infortunado, a médium reservava-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. "Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio."

Outro dado importante é que a alma de Eugênia, a médium, se conservava bem próxima do seu corpo físico, visto que nesse tipo de fenômeno, sempre que o esforço se refira a entidades em desajuste, o mediano não deve ausentar-se demasiado. Com um demente em casa, o afastamento é perigoso.

Na psicofonia inconsciente, os fatos se processam de forma diferente.

A médium agora chama-se Celina. Descrevendo o fenômeno, André diz que, assim que viu o Espírito sofredor, a alma da médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entregasse a sono profundo, e conduziu consigo a aura brilhante de que se coroava. Fitando o desesperado visitante com simpatia, abriu-lhe os braços, auxiliando-o a senhorear o veículo físico, então em sombra. Como se fora atraído por vigoroso ímã, o sofredor arrojou-se sobre a organização física de Celina, colando-se a ela, instintivamente. Auxiliado por outro Espírito, ele sentou-se com dificuldade, afigurando-se a André Luiz estar intensivamente ligado ao cérebro físico da médium.

No caso anterior, a médium Eugênia revelara-se benemérita enfermeira. Neste, Celina surgia como abnegada mãezinha, tal a devoção afetiva para com o hóspede infortunado. Partiam dela fios brilhantes a envolvê-lo inteiramente e o recém-chegado, em vista disso, não obstante senhor de si, demonstrava-se criteriosamente controlado, assemelhando-se a um peixe furioso entre os estreitos limites de um recipiente. O comunicante projetava de si estiletos de treva, que se fundiam na luz com que a alma de Celina o rodeava, dedicada. Ele tentava gritar impérios, mas em vão. Celina era um instrumento passivo no exterior, entretanto, nas profundezas do ser, mostrava as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável, impedindo aquele irmão de qualquer manifestação menos digna.

O instrutor Aulus explicou que Celina constituía um exemplo de sonâmbula perfeita e explicou: "A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa". A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos, que não

tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica era de extrema passividade. Por isso mesmo, revelava-se o Espírito comunicante mais seguro de si na exteriorização da própria personalidade. Esse fato não significa que a médium estivesse ausente ou irresponsável. Junto de seu corpo, agia como mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprimia, qual se fora frágil protegido de sua bondade.

Concluindo as observações sobre o caso, Aulus explicou: "O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas, pode produzir belos fenômenos, mas é menos útil na construção espiritual do bem. A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes".

14/6/2015

Edição 418

Recebemos de um leitor de nossa revista, o Sr. Leocadio Barbosa Junior, a seguinte mensagem:

Uma boa noite, amigo, nós não nos falamos, mas vejo todas as notícias que nos chegam a toda hora. Estamos vivendo em um mundo de caos; pai mata filho; filho mata mãe; estupros acontecem com frequência... O que será o amanhã? o que acontecerá com os nossos filhos e netos? O que nos espera?

Em resposta, diremos inicialmente que o quadro pintado nas palavras acima lembra-nos muito bem o que Jesus disse aos seus discípulos naquele que é chamado de Sermão Profético, adiante reproduzido:

"E, estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?
E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane; Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio das dores. Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão. E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim." (...)

“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar. Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai.” (*O Evangelho segundo Mateus, 24:3-36*)

Nós, os espíritas, sabemos perfeitamente por que tais coisas ocorrem. A Terra, disse certa vez Emmanuel, é uma “casa em reforma” – e todos sabemos bem o que é uma casa em reforma.

No sermão acima transcrito fica evidente que depois da iniquidade, do escândalo, dos conflitos, o mundo chegará a um momento em que o Evangelho do reino será pregado e exemplificado em todos os lugares. O mundo velho dará então lugar ao chamado Mundo de Regeneração, um tema tão comentado ultimamente no meio espírita.

É claro que, para isso, é necessário primeiro que façamos a nossa parte, uma vez que o planeta não vai melhorar só porque Deus assim o deseja. Não é isso que aprendemos na doutrina espírita.

A Terra vai melhorar, sim, mas nesse processo será indispensável o esforço daqueles que nela habitam, e esse é, sem dúvida, o motivo que levou Jesus a dizer, no tocante ao chamado “final dos tempos”, que quanto a esse dia só Deus sabe, porque não existe uma data, uma vez que ela depende de uma série de fatores e, sobretudo, da cooperação efetiva de todos nós, cristãos, muçulmanos, judeus ou ateus.

Emmanuel escreveu em uma de suas obras: “Todas as reformas sociais, necessárias em vossos tempos de indecisão espiritual, têm de processar-se sobre a base do Evangelho. Como? – podereis objetar-nos. Pela educação, replicaremos.” (*Emmanuel, cap. XXXV, obra psicografada por Chico Xavier.*)

A tarefa de iluminação da criatura humana deverá ser feita de pessoa a pessoa, de consciência a consciência, como explicou Gabriel Delanne (Espírito) em oportuna entrevista concedida a André Luiz em agosto de 1965, publicada no livro *Entre Irmãos de Outras Terras*, obra psicografada por Waldo Vieira e Chico Xavier.

André Luiz estranhou: “De pessoa a pessoa?” E Delanne reafirmou: “Sim, de pessoa a pessoa, de consciência a consciência. A verdade a ninguém atinge através da compulsão. A verdade para a alma é semelhante à alfabetização para o cérebro. Um sábio por mais sábio não consegue aprender a ler por nós”. Diante da resposta de Delanne, André Luiz replicou perguntando se esse processo não seria moroso demais, ao que Delanne respondeu: “Uma obra-prima de arte exige, por vezes, existências e existências para o artista que persegue a condição do gênio. Como acreditar que o esclarecimento ou o aprimoramento do Espírito imortal se faça tão só por afirmações labiais de alguns dias?” (*Obra citada, pág. 108.*)

Anos antes, Abel Gomes (Espírito) também se havia referido a isso: “Nem todos se retiram na Terra na posição de heróis. A perfeita sublimação é obra dos séculos incessantes”. (*Falando à Terra, obra psicografada por Chico Xavier.*)

A lição de Gabriel Delanne confirmava, um século depois, o que Allan Kardec havia escrito em 1861: “Se o Espiritismo deve, como foi anunciado, realizar a transformação da humanidade, só poderá fazê-lo pelo melhoramento das massas, o que só se dará gradualmente, pouco a pouco, pelo melhoramento moral dos indivíduos”. (*O Livro dos Médiuns, cap. 29, item 350.*)

No mesmo livro e capítulo, o Codificador registrou: “É para esse fim providencial que devem tender todas as sociedades espíritas sérias”. (...) “Essa é a via pela qual nos temos esforçado para levar o Espiritismo. A bandeira que

arvoramos bem alto é a do Espiritismo cristão e humanitário..." (*O Livro dos Médiuns, cap. 29, item 350.*)

Esperamos que as explicações acima tranquilizem o leitor que nos escreveu e todos aqueles que, com justa razão, têm dificuldade em compreender como pode a Terra dar lugar, em pleno século 21, a tantos conflitos, a tantas mentiras, a tanta corrupção, a tantas desigualdades, a tantas cenas de desrespeito, preconceito e desumanidade.

21/6/2015

Edição 419

Em mensagem publicada na seção de Cartas da edição passada, uma leitora do Rio de Janeiro (RJ) enviou-nos a seguinte mensagem:

Hoje na reunião mediúnica aconteceu um fato com uma das médiuns que surpreendeu a todos. Enquanto fazia um desenho por intermédio de um Espírito, recebia a mensagem psicofônica de outro. Só na terceira mensagem psicofônica este se identificou com o desenho que era feito durante as outras comunicações. Como se explica esse fato? Onde posso encontrar maiores esclarecimentos para o grupo?

Embora raro, o fenômeno descrito é perfeitamente possível. Vemos referência a casos semelhantes no livro *Condomínio Espiritual*, de Hermínio C. Miranda, publicado pelo Instituto Lachâtre, 2011, e em *O Fenômeno Espírita*, de Gabriel Delanne, tradução de Francisco Raymundo Ewerton Quadros, 4ª edição, FEB, 1937.

Conforme relatado por Delanne, em depoimento acerca da jovem médium Kate Fox, William Crookes disse que, enquanto Kate escrevia automaticamente uma mensagem para um dos assistentes, outra comunicação, sobre outro assunto, lhe era dada para outra pessoa, por meio do alfabeto e das pancadas. E, durante todo o tempo, a senhorita Fox conversava com uma terceira pessoa sobre outro assunto. (*O Fenômeno Espírita, p. 97.*)

Nosso colaborador e estimado confrade Gebaldo José de Sousa, de Goiânia (GO), relatou-nos oportunamente, a respeito do assunto, uma informação interessante relacionada com o médium português Fernando de Lacerda, que sentia, geralmente, a aproximação do Espírito que desejava se comunicar, e o via em seguida, enquanto ouvia, com frequência, as palavras que uma segunda personalidade queria ditar-lhe.

Enquanto o médium, em estado de vigília, mantinha conversação com os encarnados presentes, o lápis que empunhava preenchia rapidamente as laudas de papel. Nessas ocasiões encontrava-se alheio ao teor das mensagens, desconhecendo muitas vezes o significado de palavras e expressões, bem como os fatos nelas referidos. Além disso, por vezes, Fernando de Lacerda chegou a receber duas mensagens simultaneamente, com o uso das duas mãos.

Arthur Bernardes de Oliveira, nosso companheiro de redação e querido irmão consanguíneo, diz lembrar-se de um caso ocorrido com Chico Xavier perante o Juiz de Direito que o ouviu por ocasião do processo movido pela viúva de Humberto de Campos, episódio que deu origem ao livro *A Psicografia Ante os Tribunais*, de Miguel Timponi. Diante do magistrado, Chico Xavier teria

recebido, ao mesmo tempo, uma mensagem pela mão direita e outra pela mão esquerda, enquanto respondia, perfeitamente acordado, às perguntas do juiz. Fenômeno semelhante é relatado por Allan Kardec no livro *Viagem Espírita em 1862*, no capítulo inicial, intitulado "Impressões Gerais", em que o codificador do Espiritismo anotou a seguinte informação:

"Em Saint-Jean d'Angély vimos um médium mecânico que podemos considerar excepcional. Trata-se de uma senhora que redige longas e formosas comunicações enquanto lê o jornal ou conversa com os presentes, e isto sem nunca olhar para sua própria mão. Sucede muitas vezes que, distraída, não se apercebe de que a comunicação chegou ao fim". (*Obra citada, pág. 18.*)

Nosso colaborador e amigo Dr. Nubor Facure, autor de várias obras sobre mediunidade, também considera possível o fenômeno a que nos reportamos, uma vez que, segundo ele, a mensagem psicofônica é de nível intelectual – usa determinadas áreas do cérebro relacionadas com o lobo frontal, o pensamento e a linguagem –, enquanto que o desenho é puramente automático. "O Espírito já traz pronto o molde e atua, então, sobre os centros automáticos do médium", diz-nos o professor Facure.

Esperamos que as explicações aqui colocadas possam atender à expectativa da leitora que nos escreveu e ao Grupo mediúnico de que faz parte.

28/6/2015

Edição 420

Um leitor, surpreso com a mudança de temperamento que se verifica com alguns jovens no período final da chamada adolescência, pergunta-nos se o Espiritismo tem alguma explicação para isso.

Sim. Trata-se de um assunto tratado com clareza na principal obra de Allan Kardec, como podemos ver no texto que adiante reproduzimos:

– Que é o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É que o Espírito se modifica?

"É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era." (*O Livro dos Espíritos, questão 385.*)

Na sequência da resposta, os instrutores espirituais disseram mais o seguinte:

"As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai.

"Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se

enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos." (*Obra e questão citadas.*)

Concluindo as explicações, os Espíritos acrescentaram:

"A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.

"Assim, portanto, a infância é não só útil, necessária, indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo." (*Obra e questão citadas.*)

Reportando-se ao tema no seu livro *O Consolador*, obra mediúnica psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, Emmanuel reafirmou o ensinamento acima e a ele acrescentou informações importantes que vale a pena reproduzir para o leitor.

Escreveu Emmanuel:

"O período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos. Até os sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e a estabelecer novo caminho, na consolidação dos princípios de responsabilidade, se encontrar nos pais legítimos representantes do colégio familiar.

Eis por que o lar é tão importante para a edificação do homem, e por que tão profunda é a missão da mulher perante as leis divinas.

Passada a época infantil, credora de toda vigilância e carinho por parte das energias paternas, os processos de educação moral, que formam o caráter, tornam-se mais difíceis com a integração do Espírito em seu mundo orgânico material, e, atingida a maioridade, se a educação não se houver feito no lar, então, só o processo violento das provas rudes, no mundo, pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas, porquanto a alma reencarnada terá retomado todo o seu patrimônio nocivo do pretérito e reincidirá nas mesmas quedas, se lhe faltou a Luz interior dos sagrados princípios educativos." (*O Consolador, questão 109.*)

Resumindo: o jovem, ao final da adolescência, é a mesma pessoa da anterior existência, com outro nome e outra roupagem, mas o mesmo Espírito. Se

experimentou alguma melhora, ela se refletirá no seu comportamento. Se tal não ocorreu, estaremos diante do mesmo indivíduo, com as virtudes e também os defeitos que ostentou no passado.

5/7/2015

Edição 421

Regilda Medeiros, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos por que uma pessoa toma um gole de bebida e logo a seguir muda a personalidade, as feições e fica agressiva com os amigos. “Dentro da visão espírita, seria o quê?”

Há vários aspectos a considerar quando o assunto é alcoolismo.

No livro *Trilhas da Libertação*, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado pelo médium Divaldo Franco, o médico desencarnado dr. Carneiro de Campos tece várias considerações sobre o assunto.

Segundo ele, no começo a pessoa pode experimentar euforia e dinamismo motor com o uso dos alcoólicos, perdendo, porém, o controle, o senso crítico e tornando-se inconveniente. À medida que a dependência aumenta e o uso se torna mais frequente, a bebida alcoólica afeta o sistema nervoso, o trato digestivo, o aparelho cardiovascular. As complicações que degeneram em gastrite e cirrose hepática tornam-se inevitáveis, levando à morte, qual sucede no câncer do esôfago e do estômago.

Além disso, do ponto de vista psíquico, o alcoólatra muda completamente o comportamento e suas reações mentais se alteram, começando pelos prejuízos da memória e culminando no *delirium tremens*, sem retorno ao equilíbrio, que não se dá nem mesmo quando o indivíduo desencarna, visto que, permanecendo vitimado pelos vícios, quase sempre buscará sintonia com personalidades frágeis ou temperamentos rudes, violentos, na Terra, deles se utilizando em processo obsessivo para dar prosseguimento ao infame consumo do álcool, aspirando-lhe agora os vapores e beneficiando-se da ingestão realizada pelo seu parceiro-vítima, que mais rapidamente se exaure.

No meio espírita sabe-se, já faz tempo, da relação que existe entre o consumo de álcool e a obsessão. No capítulo de abertura do livro *Diálogo dos Vivos*, obra publicada em 1974, Herculano Pires escreveu:

“A obsessão mundial pelo álcool, no plano humano, corresponde a um quadro apavorante de vampirismo no plano espiritual. A medicina atual ainda reluta – e infelizmente nos seus setores mais ligados ao assunto, que são os da psicoterapia – em aceitar a tese espírita da obsessão. Mas as pesquisas parapsicológicas já revelaram, nos maiores centros culturais do mundo, a realidade da obsessão. De Rhine, Wickland, Pratt, nos Estados Unidos, a Soal, Carrington, Price, na Inglaterra, até a outros parapsicólogos materialistas, a descoberta do vampirismo se processou em cadeia. Todos os parapsicólogos verdadeiros, de renome científico e não marcados pela obsessão do sectarismo religioso, proclamam hoje a realidade das influências mentais entre as criaturas humanas, e entre estas e as mentes desencarnadas”.

O fato é de fácil compreensão. A dependência do álcool, como vimos nas explicações do dr. Carneiro de Campos, prossegue além-túmulo e – não

podendo o Espírito obter a bebida no local em que agora reside – ele só consegue satisfazer sua compulsão pela bebida associando-se a um encarnado que beba, o que tem sido confirmado por vários autores, como André Luiz e Cornélio Pires.

Este último, na mesma obra acima citada, disse a um amigo, que o consultou sobre o tema, que “cachaça, meu caro João, recorda simples tomada que liga na obsessão”. E, finalizando sua resposta vazada em versos, reafirmou: “Eis no Além o que se vê, seja a pinga como for, enfeitada ou caipira, é laço de obsessor”.

É possível, portanto, deduzir que o alcoólatra encarnado, além dos efeitos do álcool sobre seu psiquismo, passe a agir sob a influência da entidade vampirizadora, como já foi descrito em mais de uma oportunidade por autores diversos.

Eis, na sequência, um exemplo colhido no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Em determinada noite, Hilário, André e Aulus, no momento em que se dirigiam a um centro espírita, ouviram enorme gritaria. Dois guardas arrastavam, de um restaurante, um homem maduro em deploráveis condições de embriaguez. O mísero, que esperneava e proferia palavras rudes, achava-se abraçado por uma entidade da sombra, qual se um polvo estranho o absorvesse. Num átimo, a bebedeira alcançou os dois, porquanto eles se justapunham completamente um ao outro, exibindo as mesmas perturbações.

O Assistente Aulus convidou seus pupilos a entrar no restaurante, onde havia muita gente. As emanções do ambiente produziram indefinível mal-estar em André. Junto de fumantes e bebedores inveterados, criaturas desencarnadas de triste feição se demoravam expectantes. Algumas sorviam as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, encontrando nisso alegria e alimento. Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes.

Indicando essas entidades, Aulus explicou que muitos irmãos já desvencilhados do vaso carnal se apegam com tamanho desvario às sensações da experiência física, que se cozem aos amigos encarnados temporariamente desequilibrados nos costumes desagradáveis por que se deixam influenciar.

Hilário estranhou por que Espíritos mergulham em prazeres dessa espécie. Aulus lhe respondeu: "Hilário, o que a vida começou, a morte continua... Esses nossos companheiros situaram a mente nos apetites mais baixos do mundo, alimentando-se com um tipo de emoções que os localiza na vizinhança da animalidade. Não obstante haverem frequentado santuários religiosos, não se preocuparam em atender aos princípios da fé que abraçaram, acreditando que a existência devia ser para eles o culto de satisfações menos dignas, com a exaltação dos mais astuciosos e dos mais fortes. O chamamento da morte encontrou-os na esfera de impressões delituosas e escuras e, como é da Lei que cada alma receba da vida de conformidade com aquilo que dá, não encontram interesse senão nos lugares onde podem nutrir as ilusões que lhes são peculiares, porquanto, na posição em que se veem, temem a verdade e abominam-na, procedendo como a coruja que foge à luz". (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 15, págs. 137 a 139.*)

Acreditamos que as informações acima podem fornecer à leitora a resposta à pergunta que nos foi encaminhada.

12/7/2015

Edição 422

O leitor Fernando A. Valente, do Rio de Janeiro, RJ, em mensagem publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, escreveu-nos o seguinte:

Reportando-me à resposta dada à leitora Regilda Medeiros, a respeito dos efeitos do alcoolismo, gostaria de saber como um Espírito age para que alguém seja induzido a beber e, no caso do tratamento do alcoolismo, que medidas os espíritas recomendam.

A melhor descrição a respeito da ação de um alcoólatra desencarnado sobre uma pessoa que também bebe é-nos dada por André Luiz no capítulo VI, págs. 51 a 55, do livro *Sexo e Destino*, obra mediúnica psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

Assim relata André Luiz, em seu livro acima citado, o caso Cláudio Nogueira:

– Estando Cláudio sentado na sala de seu apartamento, aconteceu de repente o imprevisto. Dois Espíritos vistos à entrada do apartamento penetraram a sala e, agindo sem-cerimônia, abordaram o chefe da casa. "Beber, meu caro, quero beber!", gritou um deles, tateando-lhe um dos ombros. Cláudio mantinha-se atento à leitura de um jornal e nada ouviu. Contudo, se não possuía tímpanos físicos para registrar a petição, trazia na cabeça a caixa acústica da mente sintonizada com o apelante. O Espírito repetiu, pois, a solicitação, algumas vezes, na atitude do hipnotizador que insufla o próprio desejo, reafirmando uma ordem. O resultado não demorou. Viu-se o paciente desviar-se do jornal e deixar-se envolver pelo desejo de beber um trago de uísque, convicto de que buscava a bebida exclusivamente por si.

Abrigando a sugestão, o pensamento de Cláudio transmudou-se, rápido: "Beber, beber!...", e a sede de álcool se lhe articulou na ideia, ganhando forma. A mucosa pituitária se lhe aguçou, como que mais fortemente impregnada do cheiro acre que vagueava no ar. O Espírito malicioso coçou-lhe brandamente os gorgomilos e, ato contínuo, indefinível secura lhe veio à garganta. O Espírito, sagaz, percebeu-lhe, então, a adesão tácita e colou-se a ele. De começo, a carícia leve; depois da carícia, o abraço envolvente; e depois do abraço, a associação recíproca. Integraram-se ambos em exótico sucesso de enxertia fluídica.

Produziu-se ali – refere André Luiz – algo semelhante ao encaixe perfeito. Cláudio-homem absorvia o desencarnado, à guisa de sapato que se ajusta ao pé. Fundiram-se os dois, como se morassem num só corpo. Altura idêntica. Volume igual. Movimentos sincrônicos. Identificação positiva. Levantaram-se a um tempo e giraram integralmente incorporados um ao outro, na área estreita, arrebatando o frasco de uísque.

Não se podia dizer a quem atribuir o impulso inicial de semelhante gesto, se a Cláudio que admitia a instigação, ou se ao obsessivo que a propunha. A talagada rolou através da garganta, que se exprimia por dualidade singular: ambos os dipsômanos estalaram a língua de prazer, em ação simultânea.

Desmanchou-se então a parêntese e Cláudio se dispunha a sentar, quando o outro Espírito investiu sobre ele e protestou: "eu também, eu também quero!", reavivando-se no encarnado a sugestão que esmorecia. Absolutamente passivo diante da sugestão, Cláudio reconstituiu, mecanicamente, a impressão de

insaciedade. Bastou isso e o vampiro, sorridente, apossou-se dele, repetindo-se o fenômeno visto anteriormente.

André Luiz aproximou-se então de Cláudio, para avaliar até que ponto ele sofria mentalmente aquele processo de fusão. Mas ele continuava livre, no íntimo, e não experimentava qualquer espécie de tortura, a fim de render-se. Hospedava o outro simplesmente; aceitava-lhe a direção; entregava-se por deliberação própria. Nenhuma simbiose em que fosse a vítima. A associação era implícita, a mistura era natural. Efetuava-se a ocorrência na base da percussão. Apelo e resposta. Eram cordas afinadas no mesmo tom.

Após novo trago, o dono da casa estirou-se no divã e retomou a leitura, enquanto os Espíritos voltaram ao corredor de acesso, chasqueando, sarcásticos.

Concluindo, não podemos deixar de enfatizar que o indivíduo citado (Cláudio Nogueira) acabara de beber, candidamente, dois tragos de uísque sem perceber – muito menos imaginar – que alguém, invisível aos seus olhos, bebia com ele. Quanto ao tratamento do alcoolismo, dada a extensão e a relevância do assunto, o tema será examinado nesta mesma seção em nossa próxima edição.

19/7/2015

Edição 423

Conforme dissemos na edição anterior ao leitor Fernando A. Valente, do Rio de Janeiro, RJ, focalizaremos nesta edição o tema tratamento do alcoolismo.

Sintetizando os passos recomendados pelos especialistas na matéria e as recomendações específicas do Espiritismo a respeito da obsessão, nove pontos devem ser observados pela pessoa que deseja, no âmbito espírita, curar-se:

1. Conscientização de que é, de fato, alcoólatra e deseja, por isso, tratar-se.
2. Mudança dos hábitos do dia a dia, para desse modo evitar os ambientes e os amigos que com ela bebiam anteriormente.
3. Abstinência de toda e qualquer bebida alcoólica, convicta de que não bebendo o primeiro gole não haverá o segundo nem os demais.
4. Buscar apoio em um grupo de natureza idêntica à dos Alcoólicos Anônimos, que proporciona, segundo o conhecido psiquiatra americano George Vaillant, o melhor tratamento que se conhece.
5. Cultivar a oração e a vigilância contínua, como elementos de apoio à decisão de manter a abstinência.
6. Utilizar os recursos oferecidos pela fluidoterapia, ou seja, os passes magnéticos, a água fluidificada e as radiações.
7. Leitura de páginas, mensagens ou livros de conteúdo elevado, que possibilitem a assimilação de ideias superiores e a renovação dos pensamentos.
8. A ação no bem, adotando a laborterapia como recurso precioso à saúde da alma.
9. Realização, pelo menos uma vez na semana, do chamado Evangelho no lar, ciente de que a família que lê o Evangelho e ora em conjunto beneficia a si e a todos os que a rodeiam.

Sobre o assunto e os malefícios causados pelas bebidas alcoólicas, sugerimos ao leitor que leia, quando puder, o Especial "Alcoolismo e Obsessão", publicado

na edição 38 desta revista. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/38/especial.html>

Recomendamos também a leitura dos livros "Meu marido é um alcoólatra" e "Alcoolismo, Cura, através da conscientização", de Damião Borges Marins, publicados pela EVOC – Editora Virtual O Consolador. Ambos os livros podem ser baixados gratuitamente, bastando para isso acessar a página da editora na internet: http://www.oconsolador.com.br/editora/obras_publicadas1.htm

26/7/2015

Edição 424

Regilda Medeiros, de Roterdã, Holanda, em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos: - Quem foi Daniel Dunglas Home?

Nascido em Currie, perto de Edimburgo, na Escócia, em março de 1833, Home, que faleceu em junho de 1886, aos 53 anos de idade, é considerado com inteira razão um dos maiores médiuns de efeitos físicos da história do Espiritismo.

Allan Kardec a ele se referiu em dois longos artigos publicados na *Revue Spirite*. No primeiro, publicado em fevereiro de 1858, quando Home ainda não havia completado 25 anos de idade, o codificador do Espiritismo escreveu:

"O Senhor Daniel Dunglas Home nasceu em 15 de março de 1833, perto de Edimburgo (Escócia). Tem, pois, hoje, 24 anos. Descende da antiga e nobre família dos Douglas da Escócia, outrora soberana. É um jovem de talhe mediano, louro, cuja fisionomia melancólica nada tem de excêntrico; é de compleição muito delicada, de costumes simples e suaves, de um caráter afável e benevolente sobre o qual o contato das grandezas não lançou nem arrogância e nem ostentação. Dotado de uma excessiva modéstia, jamais exibiu a sua maravilhosa faculdade, jamais falou de si mesmo, e se, na expansão da intimidade, conta coisas que lhe são pessoais, é com simplicidade, e jamais com a ênfase própria das pessoas com as quais a malevolência procura compará-lo. Vários fatos íntimos, que são do nosso conhecimento pessoal, provam nele nobres sentimentos e uma grande elevação de alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais sobre a natureza das manifestações.

O Senhor Home é um médium do gênero daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes; mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial. Sob a sua influência, os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melódiosos, seres do mundo extracorpóreo aparecem, falam, escrevem e, frequentemente, vos abraçam até causar dor. Ele mesmo foi visto, várias vezes, em presença de testemunhas oculares, elevado sem sustentação a vários metros de altura.

Do que nos foi ensinado sobre a classe dos Espíritos que produzem, em geral, essas espécies de manifestações, não seria preciso disso concluir que o Sr. Home não está em relação senão com a classe ínfima do mundo espírita. Seu caráter e as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos Superiores; ele não é, para esses últimos, senão um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos

por meios enérgicos, sem estar, por isso, privado de comunicações de uma ordem mais elevada. É uma missão que aceitou; missão que não está isenta nem de tribulações e nem de perigos, mas que cumpre com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo guardião.

A causa das manifestações do senhor Home é inata nele; sua alma, que parece não prender-se ao corpo senão por fracos laços, tem mais afinidade pelo mundo espírita do que pelo mundo corpóreo; por isso ela se prepara sem esforços, e entra, mais facilmente que em outros, em comunicação com os seres invisíveis. Essa faculdade se revelou nele desde a mais tenra infância. Com a idade de seis meses, seu berço se balançava inteiramente sozinho, na ausência de sua babá, e mudava de lugar. Nos seus primeiros anos, era tão débil que tinha dificuldade para se sustentar; sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar, vinham, eles mesmos, colocar-se ao seu alcance. Com três anos teve as suas primeiras visões, mas não lhes conservou a lembrança. Tinha nove anos quando sua família foi se fixar nos Estados Unidos; aí os mesmos fenômenos continuaram com uma intensidade crescente, à medida que avançava em idade, mas a sua reputação, como médium, não se estabeleceu senão em 1850, por volta da época em que as manifestações espíritas começaram a se tornar populares nesse país. Em 1854, veio para a Itália, nós o dissemos, por sua saúde; espanta Florença e Roma com verdadeiros prodígios. Convertido à fé católica, nessa última cidade, tomou a obrigação de romper as suas relações com o mundo dos Espíritos. Durante um ano, com efeito, seu poder oculto parece tê-lo abandonado; mas como esse poder estava acima de sua vontade, ao cabo desse tempo, assim como lhe havia anunciado o Espírito de sua mãe, as manifestações se produziram com uma nova energia. Sua missão estava traçada; deveria distinguir-se entre aqueles que a Providência escolheu para nos revelar, por sinais patentes, a força que domina todas as grandezas humanas.

Para o senhor Home, os fenômenos se manifestam, algumas vezes, espontaneamente, no momento em que menos são esperados. O fato seguinte, tomado entre mil, disso é uma prova. Desde há mais de quinze dias, o senhor Home não tinha podido obter nenhuma manifestação, quando, estando a almoçar na casa de um dos seus amigos, com duas ou três pessoas do seu conhecimento, os golpes se fazem súbito ouvir nas paredes, nos móveis e no teto. Parece, disse, que voltaram. O senhor Home, nesse momento, estava sentado no sofá com um amigo. Um doméstico traz a bandeja de chá e se apressa em colocá-la sobre a mesa, situada no meio do salão; esta, embora fosse pesada, se eleva subitamente e se destaca do solo em 20 a 30 centímetros de altura, como se tivesse sido atraída pela bandeja; apavorado, o criado deixa-a escapar, e a mesa, de pulo, se atira em direção do sofá e vem cair diante do senhor Home e seu amigo, sem que nada do que estava em cima tivesse se desarrumado. Esse fato, sem contradita, não é o mais curioso daqueles que teríamos a relatar, mas apresenta essa particularidade, digna de nota, de ter-se produzido espontaneamente, sem provocação, num círculo íntimo, onde nenhum dos assistentes, cem vezes testemunhas de fatos semelhantes, tinha necessidade de novos testemunhos; seguramente, não era o caso para o Senhor Home de mostrar as suas habilidades, se habilidades havia." (*Revue Spirite, fevereiro de 1858.*)

Na *Revue Spirite* de setembro de 1863, Kardec voltou a focalizar o grande médium.

Um dos grandes pesquisadores dos fenômenos espíritas e cientista renomado, Sir William Crookes, que também presenciou fatos produzidos pela mediunidade do Sr. Home, aludindo ao médium, declarou o seguinte:

"Jamais observei o mínimo caso que me pudesse fazer supor que ele enganasse. Era muito escrupuloso e não desaprovava que se tomassem precauções contra a fraude. Muitas vezes, mesmo, antes de uma sessão, me dizia ele: 'Procedei como se eu fosse um prestidigitador, disposto a enganar-vos; tomai todas as precauções que a meu respeito puderdes imaginar, e não vos preocupeis com o meu amor-próprio. Quanto mais severas forem essas precauções, mais evidente se tornará a realidade dos fenômenos'." (*No Invisível, 3ª Parte. XXV - O martirologio dos médiuns.*)

Sobre o Sr. Home, sugerimos aos interessados que leiam também os textos seguintes, disponíveis na internet:

http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=65

<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/williancrookes.html>

<http://www.oconsolador.com.br/ano8/397/classicosdoespiritismo.html>

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/108/estudandoasobrasdekardec.html>

Seria igualmente importante que vissem e ouvissem o depoimento que o estimado orador e médium Divaldo Franco deu a respeito das faculdades mediúnicas e do trabalho realizado por Daniel Dunglas Home. Eis o link que remete ao vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=osmMiv354_I

Esperamos que as informações acima satisfaçam à curiosidade da leitora que nos escreveu.

2/8/2015

Edição 425

Um leitor pergunta-nos se a palavra "reencarnação" foi também criada por Allan Kardec, tal como ocorreu com os vocábulos perispírito, espírita e Espiritismo. Não, a palavra reencarnação já existia quando Kardec deu início à tarefa de codificação dos ensinamentos espíritas.

É bom lembrar que, conforme diz Gabriel Delanne em seu livro "A Reencarnação", essa palavra é também chamada Palingenesia – termo formado por duas palavras gregas: **palin**, de novo; **genesis**, nascimento – e desde os albores da Civilização fora formulada na Índia.

O livro dos Vedas (Bagavat Gitá) afirma textualmente: "Assim como se deixam as vestes gastas para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos".

Ainda segundo Delanne, foi Pitágoras quem introduziu na Grécia a doutrina das vidas sucessivas, que ele aprendera no Egito e na Pérsia, ideia essa que teria sido adotada por Platão, autor de conhecida frase: "Aprender é recordar".

Foi entre os séculos XVI e XVIII que surgiu, no Latim tardio, o termo erudito e acadêmico *reincarnatio*, *reincarnationis*, que, em seguida, passou para as línguas românicas e para o inglês. Em francês é "réincarnation". Essa informação pode ser conferida acessando-se o site <http://www.latin-dictionary.net/definicion/33192/reincarnatio-reincarnationis>

Ora, a codificação do Espiritismo teve início em meados do século XIX, mais precisamente a partir de 1855, quando o professor Rivail teve o primeiro

contato com os fenômenos espíritas e passou a estudá-los de forma metódica, do que resultou aquilo que chamamos de codificação da doutrina espírita. A ideia de reencarnação e o termo que a expressava existiam, portanto, havia muito tempo, e antes mesmo de Kardec ter vindo ao mundo.

9/8/2015

Edição 426

Na seção de Cartas da edição 423 de nossa revista publicamos a mensagem abaixo, que nos foi enviada por Silvio Fonseca, de Ilhéus (BA):

O maior site literário brasileiro lançou uma pergunta: Romance espírita é literatura? Creio que seria interessante lerem e, se necessário, comentar. <http://literatortura.com/2015/04/afinal-de-contas-romance-espirita-e-literatura/>
Silvio

A indagação faz parte de certos devaneios de alguns pensadores que entendem que literatura só compreende obras de ficção. Em face de tal ideia, os textos jornalísticos, históricos e memorialísticos não caberiam no conceito de literatura. O clássico *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e o não menos notável *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, estariam, portanto, excluídos desse conceito, o que seria uma tremenda bobagem.

Sobre o assunto, recebemos do escritor e médium Eurípedes Kühl, que é também colaborador de nossa revista, o texto abaixo transcrito:

“Curioso ante a sugestão para que os colaboradores da revista **O Consolador** e os editores espíritas comentassem a proposição do e-mail de Silvio Fonseca (Ilhéus/BA) contida no nº 423 da referida revista, datada de 19.Jul.15, abalanço-me a meter o bedelho na discutida questão, mesmo entre espíritas, se o romance espírita é ou não literatura.

Como faço parte da turma que como médium psicógrafo escreve livros espíritas e também romances, deixo aqui minha opinião sobre a instigante pergunta: Romance espírita é literatura?

Li as reflexões contidas no link <http://literatortura.com/2015/04/afinal-de-contas-romance-espirita-e-literatura/>, citado pelo leitor.

Encontrei no referido link análise de Luiz Antônio Ribeiro sobre o romance espírita: A literatura espírita não depende apenas do romance e da sua linguagem para a fruição: ela necessita, a priori, de fé. Caso você não acredite no dogma por trás dela, aquela história não fará sentido. Ela, obviamente, não é um inutensílio. Ela parte de pressupostos básicos: existe vida após a morte, existe reencarnação, existe carma e os mortos voltam para se comunicar com os vivos, inclusive através de médiuns. Assim, ela tem um objetivo claro que é, por trás da história, propagar e adaptar um conjunto de crenças religiosas e metafísicas dentro de uma narrativa ficcional. Os romances espíritas são, em geral, psicografados, relatados e contatos por um espírito para uma pessoa. Eis o maior ponto de fé e o que mais me coloca em confronto com o romance espírita. Afinal de contas, qual o interesse de um espírito em contar histórias ficcionais ou novelescas?

Quanto às reflexões exaradas no link, para um não espírita, são corretas. Porém, na minha opinião, incompletas: primeiro, porque demonstra desconhecimento do que leva o autor espiritual a repassar o texto; segundo, porque quem não milita na atividade literária espírita desconhece a(s) resultante(s) da leitura de um romance espírita.

De início, para responder sobre o 'interesse de um espírito em contar histórias ficcionais ou novelescas', passo a palavra para a inolvidável médium psicógrafa Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984), dissertando no VI capítulo (Romances Mediúnicos) do seu livro "Devassando o Invisível", 9ª Ed., 1994, FEB, Brasília/DF, e que ora sintetizo:

(...) O móvel dos romances espíritas é a propaganda da Doutrina por meio suave e convidativo, tributando os Instrutores Espirituais grande apreço a essas obras, por julgá-las imensamente úteis em virtude dos exemplos vivos oferecidos aos leitores. Conquanto os Espíritos-Guias deem preferência à parte doutrinária, à moral elevada que vemos presidindo a tudo quanto a Revelação Espírita tem concedido generosamente aos homens, também observamos que jamais se descuram eles de embelezá-las com os traços vigorosos de uma Arte pura, elevada e, por assim dizer, celeste.

E, para complementar a resposta, acrescento, de minha parte, o que observei nos meus longos anos de convivência com leitores, espíritas ou não, de livros espíritas em geral, e em particular, de romances:

- se adeptos ao Espiritismo, neles confirmam seu pensamento referente às vertentes expostas, geralmente com foco na evolução espiritual, através da pacificação alcançada nas multiplicadas existências terrenas (reencarnações), cujo objetivo principal é a evolução espiritual, e em paralelo, aparar arestas junto àqueles a quem tenham prejudicado em vidas passadas;

- quanto aos que eventualmente leem um ou mais livros ou romances espíritas, psicografados ou não, e nada sabem do Espiritismo, ou sabem pouco, ou ainda até mesmo os rechaçam, captando a lógica da argumentação sobre a Justiça Divina, transubstanciada na Lei de Ação e Reação, ou 'choque de retorno', passam a ter nova e instigante hipótese de trabalho mental, ao verem expostas nuances até então desconhecidas, justificando com irretorquível lógica a infalibilidade da Bondade de Deus;

- a razão passa a ser convidada a refletir e entender o porquê de tantas dificuldades da vida, dores, dramas, tragédias (pessoais ou coletivas), angústias, próprias ou de outrem, além de fatos do dia a dia considerados 'injustiça divina'...

- dessa reflexão surge a resignação, como abençoado bálsamo para quaisquer dores, físicas ou morais, fruto da comparação da sua própria situação com a de um ou mais personagens da narrativa; é quando até mesmo nos leitores mais radicais eclipsa-se-lhes na razão eventual niilismo nietzscheriano, então substituído no coração por amor e gratidão à Providência Divina.

Finalizando, declaro que sim: o romance espírita tem assento cativo na literatura!"

16/8/2015

Edição 427

Um leitor pede-nos que expliquemos o que nos é ensinado pelo Espiritismo com respeito à regeneração dos Espíritos que cometem faltas graves no curso de suas existências.

O tema é tratado com todas as minúcias por Allan Kardec no cap. VII de seu livro *O Céu e o Inferno*, do qual reproduzimos os trechos a seguir:

16º - O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências.

O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação.

17º - O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. Até que os últimos vestígios da falta desapareçam, a expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que lhe são consequentes, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal.

A reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros numa existência, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência ulterior em contato com as mesmas pessoas que de si tiverem queixas, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes reconhecimento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito. Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo; em tais casos a reparação se opera, fazendo-se o que se deveria fazer e foi descuidado; cumprindo os deveres desprezados, as missões não preenchidas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se tem sido orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se tem sido egoísta, benigno se tem sido perverso, laborioso se tem sido ocioso, útil se tem sido inútil, frugal se tem sido intemperante, trocando em suma por bons os maus exemplos perpetrados. E desse modo progride o Espírito, aproveitando-se do próprio passado. (*Obra citada, cap. VII, Código penal da vida futura.*)

No processo de regeneração do Espírito culpado, o Espiritismo é, pois, bem claro ao dizer que ele exigirá três elementos: o arrependimento, a reparação e a expiação.

Um indivíduo lesou alguém em determinada existência. Quando se arrepender sinceramente, ele deverá, em futura existência, reparar o mal cometido.

Ocorrerá ainda, no processo depurador, a necessidade da expiação, isto é, deverá passar por uma situação semelhante à que ele mesmo provocou no passado. Mas ninguém virá ao mundo com a tarefa de atormentá-lo. Se isso fosse verdade, criar-se-ia um círculo vicioso. O que ocorre então? O culpado, necessitado de expiar sua falta, nascerá em um meio no qual passará naturalmente, em face do atraso espiritual daquele meio, pela situação de que necessita.

Há na literatura espírita exemplos inúmeros disso e, em muitos casos, nem existirá a participação de terceiros. Um desses casos, citado com frequência por palestrantes espíritas, ilustra bem o que dizemos. Havendo decepado a mão de uma pessoa, um Espírito reencarnou tendo a mesma mutilação prevista no seu programa reencarnatório, o que ocorreu por meio de um acidente simples com uma máquina da fábrica onde trabalhava. Ele se distraiu e, sem que ninguém tivesse culpa, decepou parte da mão, expiando, a seu pedido, a falta cometida no passado.

23/8/2015

Edição 428

O leitor Manoel Antonio de Azevedo, em carta publicada nesta mesma edição, pede-nos que comentemos a mensagem publicada no item 19 do capítulo V de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, intitulada "O mal e o remédio".

É bom lembrar inicialmente que o capítulo citado focaliza as aflições que acometem a criatura humana, examinando-as quanto às suas causas e à sua justiça. Adicionalmente, tece considerações sobre o esquecimento do passado e o tema resignação.

A mensagem "O mal e o remédio" foi transmitida em Paris, no ano de 1863, pelo Espírito de Santo Agostinho.

Reproduzimo-la:

Será a Terra um lugar de gozo, um paraíso de delícias? Já não ressoa mais aos vossos ouvidos a voz do profeta? Não proclamou ele que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores?

Esperai, pois, todos vós que aí viveis, causticantes lágrimas e amargo sofrer e, por mais agudas e profundas sejam as vossas dores, volvei o olhar para o Céu e bendizei do Senhor por ter querido experimentar-vos...

Ó homens! dar-se-á não reconheçais o poder do vosso Senhor, senão quando ele vos haja curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Dar-se-á não reconheçais o seu amor, senão quando vos tenha adornado o corpo de todas as glórias e lhe haja restituído o brilho e a brancura? Imitai aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da abjeção e da miséria, deitado sobre uma estrumeira, disse ele a Deus: "Senhor, conheci todos os deleites da opulência e me reduzistes à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!" Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo?

Houvésseis de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso, a par da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação?

Buscai consolações para os vossos males no porvir que Deus vos prepara e procurai-lhes a causa no passado. E vós, que mais sofreis, considerai-vos os afortunados da Terra.

Como desencarnados, quando pairáveis no Espaço, escolhestes as vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, queríeis sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior acerbidade dos vossos sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis... A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos pergunteis, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição.

O Senhor apôs o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo, que, enquanto se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor. Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças. – Santo Agostinho. (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 19.*)

Na mensagem ora examinada o autor lembra-nos inicialmente a destinação da Terra como um mundo de provas e expiações, e não como um lugar de gozo ou de delícias, assunto a que ele se referira anteriormente em mensagem publicada no capítulo III, itens 13, 14 e 15, da mesma obra.

Em um mundo de provas e expiações, que é a atual condição da Terra, não reencarnam seres angelicais, mas Espíritos endividados perante a Lei e que, por isso, estão sujeitos ao processo depurador das provas, das expiações e das reparações, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.

Na sequência, Santo Agostinho mostra-nos que nesse processo não existem injustiça ou acaso e que os males, as agruras e as vicissitudes da vida, longe de serem frutos de uma casualidade, são simples decorrência de escolhas que nós próprios fizemos.

É importante, nesse sentido, ressaltar este trecho da mensagem:

“Como desencarnados, quando pairáveis no Espaço, escolhestes as vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, queríeis sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora

devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento”.

O autor enfatiza, por fim, a importância da fé e da resignação diante das vicissitudes e dos desafios que enfrentamos, para que seus frutos sejam positivos e não tenhamos de repetir experiências que certamente não nos agradariam.

Concluindo, podemos afirmar que as considerações de Santo Agostinho estão perfeitamente afinadas com o ensinamento contido na questão 132 d’ *O Livro dos Espíritos*, em que os instrutores espirituais, esclarecendo a finalidade da encarnação dos Espíritos, disseram: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação.”

As ideias contidas na mensagem ora focalizada coadunam-se também com as informações constantes do cap. VII do livro *O Céu e o Inferno*, a que nos reportamos nesta mesma seção na semana passada, que o leitor poderá acessar clicando neste link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano9/427/oespiritismoresponde.html>

30/8/2015

Edição 429

A leitora Marlene de Fátima Camargo, de Goiânia (GO), em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, diz que gostaria de ter acesso aos estudos do livro “Sexo e Destino”, de André Luiz, publicados em nossa revista.

Solicitações parecidas chegam periodicamente à nossa Redação, motivo pelo qual resolvemos dar ao leitor, nesta seção, informações que poderão – assim pensamos – solucionar as dúvidas da leitora e de todos os interessados em semelhantes estudos.

Dois autores têm tido nesta revista um destaque especial, tendo em vista a natureza dos livros que escreveram. Referimo-nos a André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda, cujas obras são consideradas, com inteira razão, como de grande importância para quem lida com os temas mediunidade e obsessão.

De André Luiz, sob o título **Estudando a série André Luiz**, já publicamos o estudo metódico e sequencial de 14 livros, a saber:

1. Nosso Lar – edições 1-12
2. Os Mensageiros – edições 13-24
3. Missionários da Luz – edições 25-44
4. Obreiros da Vida Eterna – edições 45-62
5. No Mundo Maior – edições 63-89
6. Libertação – edições 90-123
7. Entre a Terra e o céu – edições 124-161
8. Nos Domínios da Mediunidade – edições 162 a 200
9. Ação e Reação – edições 201 a 236
10. Evolução em Dois Mundos – edições 237 a 281
11. Sexo e Destino – edições 282 a 315
12. E a Vida Continua... – edições 316 a 343

13. Mecanismos da Mediunidade – edições 344 a 395

14. Desobsessão – edições 396 a 419.

Está em curso o estudo do livro *Conduta Espírita*, iniciado na edição 420. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano9/420/estudandoaserieandreluiz.html>

De Manoel P. de Miranda, sob o título **Estudando as obras de Manoel Philomeno de Miranda**, publicamos o estudo de 7 livros, a saber:

1. Nos Bastidores da Obsessão – edições 209-225

2. Grilhões Partidos – edições 226-246

3. Tramas do Destino – edições 247-274

4. Nas Fronteiras da Loucura – edições 275-300

5. Painéis da Obsessão – edições 301-329

6. Temas da Vida e da Morte – edições 330-353

7. Loucura e Obsessão – edições 354-393.

Está em andamento o estudo de *Trilhas da Libertação*, iniciado na edição 394. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano8/394/estudandomanoelphilomeno.html>

Tratando especificamente do livro "Sexo e Destino", mencionado pela leitora, a lição inicial do estudo foi publicada na edição 282. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/282/estudandoaserieandreluiz.html>

Para acessar as edições mencionadas, existe um meio prático e rápido: acessar a página da revista intitulada **Edições Anteriores**. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/edicoesanteriores/principal.html>

A página traz o índice de todas as edições da revista e os links que permitem acessá-las diretamente, facilitando assim a pesquisa e a leitura.

6/9/2015

Edição 430

Um leitor desta revista, depois de explicar que existe na Casa espírita que frequenta uma acalorada discussão em torno do mecanismo do passe, pergunta-nos:

1. O fluido magnético ou vital transmitido pelo chamado médium passista é direcionado pela mente ou pelas mãos de quem administra o passe?

2. Para a eficácia do passe magnético é necessário que o médium passista toque no paciente?

Já nos referimos ao assunto em mais de uma oportunidade.

Quanto à primeira pergunta, a resposta nos foi dada em 1861 na obra de Kardec "O Livro dos Médiuns", cap. XIV, item 176:

176. Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1ª Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

"Não há que duvidar."

2ª Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

"É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se

magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, **ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido** e lhe dá as qualidades necessárias." (Grifamos.)

Reforçando a ideia de que é o Espírito o elemento fundamental no mecanismo do passe magnético, José Herculano Pires escreveu:

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita **dependem do Espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele** mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações". ("Obsessão, o passe, a doutrinação", editora Paideia, págs. 35 a 37.) (Grifamos.)

Fica, à vista dos textos acima transcritos, mais do que evidente que não são as mãos do médium passista que dão direção ao fluido magnético ou vital, mas sim o Espírito que com ele atua no processo.

Quanto à segunda pergunta, cremos que os textos abaixo reproduzidos respondem perfeitamente à indagação do leitor:

99 – Como deve ser recebido e dado o passe?

- O passe poderá obedecer à fórmula que forneça maior porcentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe. Devemos esclarecer, todavia, que o passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, **dispensando qualquer contato físico** na sua aplicação. ("O Consolador", de Emmanuel, obra psicografada por Chico Xavier, pergunta 99.) (Grifamos.)

75. Há necessidade de o médium tocar ou encostar as mãos na pessoa que recebe o passe?

Divaldo – Desde que se trata de permuta de energias, deve-se mesmo, por medida de cautela e de zelo ao próprio bom nome e ao do Espiritismo, evitar tudo aquilo que possa comprometer, **como toques físicos**, abraços, etc. ("Diretrizes de Segurança", de autoria de Divaldo Franco e J. Raul Teixeira, pergunta 75.) (Grifamos.)

77. Os estalidos dos dedos ajudam, de algum modo, na aplicação dos passes?

Raul – Não. Tudo isso faz parte dos hábitos incorporados pelas pessoas que passam a admitir que seus trejeitos e tiques são parte da tarefa dos

passes ou da mediunidade. Os estalidos e outros maneirismos com as mãos, indicando força ou energia, são perfeitamente dispensáveis, devendo o médium educar-se, procurando aperfeiçoar suas possibilidades de trabalho. **Nenhum estalo, nenhuma fungação, nenhum toque corporal** ou puxadas de dedos, de braços, de cabelos, **têm quaisquer utilidades** na prática dos passes. Deveremos, assim, evitá-los. ("Diretrizes de Segurança", de autoria de Divaldo Franco e J. Raul Teixeira, pergunta 77.) (Grifamos.)

28. Qual o papel dos centros vitais no intercâmbio mediúnico?

Raul – Encontramos os centros vitais como sendo representações do corpo psicossomático ou perispírito, correspondendo aos plexos no corpo físico.

São verdadeiras subestações energéticas.

À proporção que encontramos no mapa fisiológico do indivíduo os diversos entroncamentos nervosos, de vasos, de veias, temos aí um foco de expansão de energia.

O nosso centro coronário, que é a porta que se abre para o cosmo, é a "esponja" que absorve o influxo de energia e o distribui para o centro cerebral, para o centro laríngeo, e, respectivamente, para outros centros que se distribuem com maior ou menor intensidade, através do corpo. Sabemos que tais energias, antes de atingir o corpo físico, abrigam-se no corpo espiritual.

(...)

Porque as energias penetram o centro coronário e são distribuídas por essas "linhas de força", à semelhança de qualquer medicamento, elas vão atingir as áreas carentes. Se estivermos com uma problemática cardíaca, por exemplo, **não haverá necessidade de aplicarmos as energias sobre o músculo cardíaco**, porque em penetrando nossa intimidade energética, aquele centro lesado vai absorver a quantidade, a parcela de recursos fluídicos de que necessita. Do mesmo modo, se temos uma dor na ponta do pé e tomamos um analgésico, que vai para o estômago, a dor na ponta do pé logo passa. Então, o nosso cosmo energético está, como diz a Doutrina Espírita, ligado célula por célula ao nosso corpo somático. Por isso, os centros de força do perispírito têm seus correspondentes materiais nos plexos do corpo carnal, ou, diríamos de melhor maneira, os plexos do corpo carnal são representantes materiais, são a expressão materializada dos fulcros energéticos ou dos centros de força, ou, ainda, dos centros vitais do nosso perispírito. ("Diretrizes de Segurança", de autoria de Divaldo Franco e J. Raul Teixeira, pergunta 28.) (Grifamos.)

O presidente da Casa conversou calmamente com a enferma, infundindo-lhe ânimo e explicando-lhe que se tratava de uma trama infeliz para afligi-la e desestruturar o médium, gerando ainda suspeição a respeito da Casa. "Eis por que – acrescentou o Sr. Almiro – não tocamos em nossos pacientes durante a terapia bioenergética, a fim de não apenas respeitarmos as pessoas, como também, mesmo inconscientemente, não lhes despertarmos sensações perturbadoras." "A aplicação **da energia restauradora é feita na aura e nos chacras, de onde se irradia para os diferentes núcleos e órgãos físicos**, assim como áreas psíquicas."

(“Trilhas da Libertação”, de Manoel P. de Miranda, obra psicografada por Divaldo Franco: Escândalo e Paz, pp. 234 e 235.) (Grifamos.)

À vista de explicações tão claras, não há por que adotar na Casa espírita procedimentos que destoem das orientações aqui reproduzidas.

13/9/2015

Edição 431

O leitor Cristiano Souza, de Petrópolis (RJ), em mensagem datada de 21 de agosto, publicada anteriormente nesta revista, aludindo aos Espíritos popularmente chamados de pretos-velhos, pergunta-nos:

1. Eles são benfeitores, tentam nos ajudar à maneira deles?
2. Não reencarnam nunca, já estão em um plano espiritual muito elevado? Se sim, por que estão conectados a vícios materiais daqui como charutos, cachaças e etc.?
3. São Espíritos inferiores, normais e zombeteiros que se passam por “eles”? Por que não há uma reencarnação para eles no nosso mundo de provas e expiações?

Antes de responder objetivamente às perguntas acima, reproduzimos um texto colhido no livro “Diretrizes de Segurança”, obra de autoria dos confrades Divaldo Franco e José Raul Teixeira.

Ei-lo:

59. Por que é que, comumente, não vemos comunicações de pretos-velhos ou de caboclos, nas sessões mediúnicas espíritas? Isso se deve a algum tipo de procedimento?

Raul – A expressão da pergunta está bem a calhar. Realmente, a maioria dos participantes não vê os Espíritos que se comunicam, mas eles se comunicam.

O Espiritismo não tem compromisso de destacar essa ou aquela entidade, em particular. Se as sessões mediúnicas espíritas são abertas para o atendimento de todos os tipos de espíritos, por que não viriam os que ainda se apresentam como pretos-velhos ou novos, brancos, amarelos, vermelhos, índios, ou caboclos, e esquimós?

O que ocorre é que tais espíritos devem ajustar-se às disciplinas sugeridas pelo Espiritismo e só não as atendem quando seus médiuns, igualmente, não as acatam.

Muitos espíritos que se mostram no Além como antigos escravos africanos, ou como indígenas, falam normalmente, sem trejeitos, embora as formas externas dos perispíritos possam manter as características que eles desejam ou as quais não lograram desfazer.

Talvez muitos esperassem que esses desencarnados se expressassem de forma confusa, misturando a língua portuguesa com outros sons, expressando-se num dialeto impenetrável, carecendo de intérpretes especiais, que, na maior parte das vezes, fazem de conta que estão entendendo tal mescla. Se o espírito fala em nagô, que seja nagô de verdade. Se se apresenta falando guarani, que seja o verdadeiro guarani. Entretanto, não sendo o idioma exato do seu passado reencarnatório, por que não falar o médium em português, pois que capta o pensamento da entidade e reveste-o com palavras?

Não há, portanto, preconceito nas sessões espíritas. Entretanto, procura-se manter o respeito às entidades, à mediunidade e à Doutrina Espírita, buscando a coerência com a verdade que já identificamos. (*Diretrizes de Segurança, pergunta 59.*)

Dito isso, eis nossas respostas, na ordem em que as perguntas foram propostas:

1. Muitos Espíritos que assim se apresentam são verdadeiros benfeitores que procuram ajudar-nos a trilhar a senda do bem. Há os que preferem, na comunicação mediúnica, revestir uma aparência e uma forma própria de expressão pertinentes a uma anterior encarnação em que tiveram sucesso na luta contra as imperfeições, as dificuldades e as vicissitudes. Isso não significa que não tenham tido outras experiências reencarnatórias posteriores àquela a que se afeiçoam.

2. Esses Espíritos reencarnaram e reencarnarão muitas vezes. Assim o exige a lei do progresso. Quanto aos que continuam vinculados a determinados vícios, como o tabagismo, tal fato demonstra que têm ainda muito a realizar na busca da transformação moral, que é o objetivo de todos nós, encarnados ou desencarnados.

3. Entre os chamados pretos-velhos há gradações inúmeras, tal como se verifica entre os Espíritos em geral, seja qual for a etnia em que adquiriram experiência no processo reencarnatório. É pela conduta deles, pelas palavras que ditam e pelos sentimentos que irradiam que podemos aquilatar quanto ao seu grau evolutivo. Há pretos-velhos que, usando uma linguagem singela, simples, humilde, transmitem ensinamentos notáveis, como já pudemos averiguar em mais de uma oportunidade. Em muitos casos, a simplicidade com que falam, revelando um sentimento de humildade evidente, consegue tocar as pessoas, mais até do que certos discursos, muitas vezes brilhantes mas em que tal sentimento não é perceptível.

20/9/2015

Edição 432

Em carta publicada nesta mesma edição, Rosane Machado Xavier da Silva, de Alvorada (RS), solicita-nos esclarecimentos sobre a correta interpretação da mensagem intitulada "Facciosismo", constante do cap. 36 de *Vinha de Luz*, obra mediúnica escrita por Emmanuel por intermédio de Francisco Cândido Xavier.

A mensagem citada reproduz, em seguida ao título, o seguinte versículo:

"Mas se tendes amarga inveja e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis nem mintais contra a verdade." (*Tiago, 3:14.*)

Eis o teor integral do texto escrito por Emmanuel:

"Toda escola religiosa apresenta valores inconfundíveis ao homem de boa vontade. Não obstante os abusos do sacerdócio, a exploração inferior do elemento humano e as fantasias do culto exterior, o coração sincero beneficiar-se-á amplamente, na fonte da fé, iluminando-se para encontrar a Consciência Divina em si mesmo.

Mas, em todo instituto religioso, propriamente humano, há que evitar um perigo – o sentimento faccioso, que adia, indefinidamente, as mais sublimes edificações espirituais.

Católicos, protestantes, espiritistas, todos eles se movimentam, ameaçados pelo monstro da separação, como se o pensamento religioso traduzisse fermento da discórdia.

Infelizmente, é muito grande o número de orientadores encarnados que se deixam dominar por suas garras perturbadoras. Espessos obstáculos impedem a visão da maioria.

Querem todos que Deus lhes pertença, mas não cogitam de pertencer a Deus.

Que todo aprendiz do Cristo esteja preparado a resistir ao mal; é imprescindível, porém, que compreenda a paternidade divina por sagrada herança de todas as criaturas, reconhecendo que, na Casa do Pai, a única diferença entre os homens é a que se mede pelo esforço nobre de cada um." (*Vinha de Luz, cap. 36.*)

Antes de qualquer comentário, é importante lembrar o significado da palavra **facciosismo**, substantivo comum derivado do adjetivo faccioso acrescido do sufixo "ismo".

Facciosismo significa: qualidade de faccioso, parcialidade; sectarismo, paixão partidária. É o mesmo que faciosismo ou facciosidade.

Emmanuel afirma que tal sentimento é altamente pernicioso porque adia, indefinidamente, as mais sublimes edificações espirituais.

A fé religiosa, seja ela qual for, não poderia jamais ser motivo de discórdia, de ódio, de separação entre as pessoas, fato que, infelizmente, como a História registra, tem sido uma constante nas relações entre católicos e protestantes, entre muçulmanos e cristãos, entre evangélicos e espíritas, como se Deus não fosse o Pai de todos nós, mas tão somente daqueles que rezam pela mesma cartilha.

Enquanto o sectarismo, a paixão partidária, a parcialidade comandarem as ações humanas, dificilmente a fraternidade se tornará na Terra um sentimento comum a todos os povos, independentemente de suas convicções religiosas ou políticas.

Somos todos irmãos e filhos do mesmo Deus.

Não existem, pois, motivos reais para que sejamos facciosos.

É esse o ponto central da mensagem de Emmanuel.

Como ele nos propõe, é absolutamente imprescindível que compreendamos a paternidade divina por sagrada herança de todas as criaturas e reconheçamos que, na Casa do Pai, a única diferença entre os homens é a que se mede pelo esforço nobre de cada um, e não pela cor de nossa pele, pelos nossos saldos bancários ou pela crença que orienta os nossos passos.

Sem fraternidade, – escreveu certa vez Allan Kardec, ao comentar o conhecido lema da Revolução Francesa –, não haverá liberdade real nem igualdade no mundo em que vivemos.

É por isso que o facciosismo deve ser evitado e combatido sob todas as formas, especialmente pelos espíritas, que sabem que tal sentimento, opondo-se ao ideal de fraternidade, coloca-se na contramão da lei do progresso.

27/9/2015

Karla N. Bertone, do Rio de Janeiro (RJ), em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos: - Onde e quando se iniciaram as chamadas Semanas Espíritas?

Foi em 1939, na cidade fluminense de Três Rios, que surgiram as Semanas Espíritas. Segundo depoimento de uma testemunha ocular desse acontecimento, o confrade Antenor de Souza, a inspiração do evento veio por meio de alguns confrades, como o Assis Faria, o Cerqueira e outros, que resolveram fazer um ciclo de palestras, de domingo a domingo.

A informação foi-nos dada pessoalmente por Antenor de Souza, em resposta a uma pergunta que lhe fizemos: - Quando surgiram as Semanas Espíritas?

Respondeu-nos o citado confrade:

- A primeira Semana Espírita foi realizada em 1939 na cidade de Três Rios (RJ). Vários oradores ali compareceram para as suas pregações; depois Três Rios parou com esse movimento. Em 1944, Leopoldo Machado sugeriu que nos reuníssemos e fizéssemos uma espécie de Liga Hanseática, que é, salvo engano, algo parecido com as Nações Unidas de hoje, em que cada um defenderia os interesses dos outros. Leopoldo lançou essa proposta juntamente com a ideia de cada cidade assumir o compromisso de realizar uma Semana Espírita por ano. Então, passaram a ser seis Semanas Espíritas: Cruzeiro (SP), Nova Iguaçu (RJ), Macaé (RJ), Juiz de Fora (MG), Três Rios (RJ) e Barra do Piraí (RJ), que não conseguiu realizá-la. Por causa disso, Barra do Piraí saiu do circuito e entrou Astolfo Dutra (MG). Havia naquela época companheiros que achavam que realizar mais do que duas Semanas Espíritas por ano era um exagero, um absurdo...

A resposta acima faz parte de uma entrevista publicada em fevereiro de 1993 pelo jornal **O Imortal**, reproduzida anos depois na edição n. 11 da revista **O Consolador** – eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/11/entrevista.html>

Para quem não sabe, explicamos: Antenor de Souza, que viveu na cidade de Cruzeiro (SP), foi uma lenda viva do movimento espírita brasileiro. Não havia então em todo o país um dirigente espírita de expressão que ele não conhecesse pessoalmente. Amigo de Leopoldo Machado, a quem se ligou pelos laços afetivos logo que se viram pela primeira vez, Antenor acompanhou o surgimento das Semanas Espíritas e foi exatamente por isso que o ouvimos na sede da Fundação Espírita Abel Gomes, por ocasião da Semana Espírita realizada em Astolfo Dutra (MG) em julho de 1992. Antenor de Souza, infelizmente, já não mais se encontra entre nós, fisicamente falando.

Segundo Antenor, bem diferentes do modelo atual, as Semanas Espíritas daquela época eram muito mais fraternas. Cada atividade era precedida do hino "Alegria Cristã". Por sugestão e obra de Leopoldo Machado, peças de teatro eram encenadas e, no que constituiu realmente uma ideia original, cada cidade assumiu o compromisso de realizar uma Semana Espírita por ano. Assim é que os confrades de Cruzeiro (SP), Nova Iguaçu (RJ), Macaé (RJ), Juiz de Fora (MG), Três Rios (RJ) e mais tarde Astolfo Dutra (MG) começaram a promovê-las, embora não tivessem o apoio da chamada Casa-Máter do Espiritismo, a Federação Espírita Brasileira, cujos dirigentes eram refratários à realização de estudos nos centros espíritas e a todo movimento cultural espírita que não

tivesse seu aval. Para eles, as semanas espíritas não mereciam apoio. Qual seria o motivo?

Eis o que Antenor explicou:

- Porque o deles era um Espiritismo conservador, um Espiritismo que não tinha muita fraternidade e que não realizava um trabalho que devia ser realizado, porque, se é fato e digno de nota que não se deve aceitar, a priori, tudo aquilo que aparece com o rótulo de Espiritismo, também não se pode negar tudo.

Curiosamente, foi em julho de 1992 que se iniciaram as Semanas Espíritas de Londrina, evento que, apesar de tantas dificuldades e da falta de apoio de vários centros espíritas da cidade, acabou tornando-se a principal iniciativa no campo da divulgação espírita da região a que pertence a cidade de Londrina.

4/10/2015

Edição 434

Um leitor desta revista perguntou-nos: – É verdade que a fé do enfermo é essencial à eficácia da ação magnética curadora? Em caso afirmativo, por quê? Sim, o estado de confiança que advém da fé é realmente indispensável. André Luiz referiu-se a isso em seu livro “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 17, quando reparou que, no serviço do passe, alguns enfermos não obtinham a mais leve melhoria, visto que as irradiações magnéticas não lhes penetravam o veículo orgânico.

Consultado a respeito, o Assistente Aulus explicou: “Falta-lhe o estado de confiança”. A fé é, nesses casos, indispensável, completou o instrutor. “Em fotografia precisamos da chapa impressionável para deter a imagem, tanto quanto em eletricidade carecemos do fio sensível para a transmissão da luz. No terreno das vantagens espirituais, é imprescindível que o candidato apresente uma certa tensão favorável. Essa tensão decorre da fé.”

Aulus referia-se, evidentemente, à fé, não como crença cega, mas como atitude de segurança íntima, reverente e submissa, diante das Leis Divinas, em cuja sabedoria e amor procuramos arrimo.

Fechando a explicação, ele arrematou: “Sem recolhimento e respeito na receptividade, não conseguimos fixar os recursos imponderáveis que funcionam em nosso favor, porque o escárnio e a dureza de coração podem ser comparados a espessas camadas de gelo sobre o templo da alma.” (*Nos Domínios da Mediunidade, cap. 17, pp. 166 a 168.*)

A relevância da fé em casos semelhantes é destacada por Allan Kardec em “A Gênese”, cap. XV, quando examinou a cura, feita por Jesus, de uma mulher que por doze anos sofria de uma hemorragia e, sem lograr nenhum alívio, muito sofrera nas mãos dos médicos. Ao tocar nas vestes de Jesus, o fluxo sanguíneo cessou de repente e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

Naquele momento, sentindo que saíra de si uma virtude, Jesus, voltando-se no meio da multidão, indagou: “Quem me tocou as vestes?” A mulher, que sabia o que se passara em si, tomada de medo e pavor, lançou-se a seus pés e lhe declarou toda a verdade. Jesus então lhe disse: “Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada da tua enfermidade”.

É de notar – afirma Kardec – que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve naquele caso magnetização nem imposição das

mãos. Bastou a irradiação fluídica normal, a ele pertinente, para realizar a cura. Mas, por que a irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e tinha a cercá-lo a multidão?

Explica Kardec: "É bem simples a razão. Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba calcante e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, basta uma só. O segundo caso foi o que ocorreu na circunstância de que tratamos. Razão, pois, tinha Jesus para dizer: Tua fé te salvou". (*A Gênese, cap. XV, itens 10 e 11.*)

Vê-se pelas informações acima que a participação da fé em processos como os descritos é muito mais importante do que, a princípio, poderíamos imaginar.

11/10/2015

Edição 435

O leitor Julio Flávio Rosolen, de Piracicaba (SP), em mensagem publicada na seção de Cartas nesta mesma edição, escreveu-nos:

Gostaria de saber o que é "indução magnética", tão mencionada por Hermínio C. Miranda em suas obras, como funciona e quais as suas finalidades. Se possível, favor indicar bibliografia sobre o tema, que muito me interessa.

Lembremos, inicialmente, que "indução" significa o ato ou o efeito de induzir. Induzir significa: instigar, incitar, sugerir, persuadir; causar, inspirar, incutir; inferir, concluir, deduzir; revestir, guarnecer, indutar; mover, levar, arrastar; praticar a indução.

Uma pessoa pode, de várias formas, induzir outra pessoa a trilhar esse ou aquele caminho.

No livro *Diálogo com as Sombras*, uma de suas obras mais importantes e conhecidas, o escritor citado pelo leitor, Hermínio C. Miranda, escreveu:

São amplamente utilizados, nos processos obsessivos, os métodos da hipnose e do magnetismo, que contam, no Além, com profundos conhecedores e hábeis experimentadores dessas **técnicas de indução**, tanto entre os Espíritos esclarecidos e despertos para as verdades maiores, como entre aqueles que ainda se debatem nas sombras de suas paixões.

Lá, como entre os encarnados, os métodos são os mesmos. Para incumbências de importância secundária, basta uma indução superficial, mas para os procedimentos mais elaborados, os hipnotizadores do espaço utilizam-se de recursos extremamente sofisticados.

"... nos atos mais complexos do Espírito — ensina André Luiz, em "Mecanismos da Mediunidade" —, para que haja sintonia nas ações que envolvam compromisso moral, é imprescindível que a onda do hipnotizador se case perfeitamente à onda do hipnotizado, com plena identidade de tendências ou opiniões, qual se estivessem jungidos,

moralmente, um ao outro, nos recessos da afinidade profunda. (Obra citada, cap. 22, Magnetizadores e Hipnotizadores.) (Grifamos.)

Discorrendo sobre os chamados agentes de indução, André Luiz nos diz, em *Mecanismos da Mediunidade*, obra psicografada em parceria pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira:

Temos plenamente evidenciada a autossugestão, encorajando essa ou aquela ligação, esse ou aquele hábito, demonstrando a necessidade de autopolicimento em todos os interesses de nossa vida mental, porquanto, conquistada a razão, com a prerrogativa da escolha de nossos objetivos, todo o alvo de nossa atenção se converte em **fator indutivo**, compelindo-nos a emitir os valores do pensamento contínuo na direção em que se nos fixe a ideia, direção essa na qual encontramos os princípios combináveis com os nossos, razão por que, automaticamente, estamos ligados em espírito com todos os encarnados ou desencarnados que pensam como pensamos, tão mais estreitamente quão mais estreita a distância entre nós e eles, isto é, quanto mais intimamente estejamos comungando a atmosfera mental uns dos outros, independentemente de fatores espaciais. Uma conversação, essa ou aquela leitura, a contemplação de um quadro, a ideia voltada para certo assunto, um espetáculo artístico, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião representam **agentes de indução**, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles. (*Mecanismos da Mediunidade*, obra psicografada pelos médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier; cap. XII, pág. 86.) (Grifamos.)

No livro *Seara dos Médiuns*, na página intitulada "Cartão de visita", Emmanuel refere-se também ao tema, mostrando a relevância do pensamento nos fenômenos de sintonia psíquica:

Em qualquer estudo da mediunidade, não podemos esquecer que o pensamento vige na base de todos os fenômenos de sintonia na esfera da alma.

Analisando-o, palidamente, tomemos a imagem da vela acesa, apesar de imprópria para as nossas anotações.

A vela acesa arroja de si fótons ou força luminosa. O cérebro exterioriza princípios inteligentes ou energia mental.

Na primeira, temos a chama. No segundo, identificamos a ideia.

Uma e outro possuem campos característicos de atuação, que é tanto mais vigorosa quanto mais se mostre perto do fulcro emissor.

No fundo, os agentes a que nos referimos são neutros em si.

Imaginemos, no entanto, o lume conduzido. Tanto pode revelar o caminho de um santuário, quanto a trilha de um pântano. Tanto ajuda os braços do malfeitor na execução de um crime, quanto auxilia as mãos do benfeitor no levantamento das boas obras.

Verificamos, no símile, que a energia mental, inelutavelmente ligada à consciência que a produz, obedece à vontade.

E, compreendendo-se no pensamento a primeira estação de **abordagem magnética**, em nossas relações uns com os outros, seja qual for a

mediunidade de alguém, é na vida íntima que palpita a condução de todo o recurso psíquico.

Observa, pois, os próprios impulsos.

Desejando, sentes.

Sentindo, pensas.

Pensando, realizas. Realizando, atraís.

Atraindo, refletés.

E, refletindo, estendes a própria influência, acrescida dos **fatores de indução** do grupo com que te afinas.

O pensamento é, portanto, nosso cartão de visita.

Com ele, representamos ao pé dos outros, conforme nossos próprios desejos, a harmonia ou a perturbação, a saúde ou a doença, a intolerância ou o entendimento, a luz dos construtores do bem ou a sombra dos carregadores do mal. (*Seara dos Médiums*, cap. 2, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier.) (Grifamos.)

Outras considerações relacionadas com o tema o leitor encontrará nas seguintes obras, todas elas objeto de estudo nesta revista:

- Mecanismos da Mediunidade (André Luiz) - cap. IV:
<http://www.oconsolador.com.br/ano7/350/estudandoaserieandreluiz.html>
- Desobsessão (André Luiz) - cap. 12:
<http://www.oconsolador.com.br/ano8/400/estudandoaserieandreluiz.html>
- Mecanismos da Mediunidade (André Luiz) - cap. XVI:
<http://www.oconsolador.com.br/ano8/374/estudandoaserieandreluiz.html>
- Nas Fronteiras da Loucura (Manoel Philomeno de Miranda) - Análise das Obsessões, pp. 10 e 11:
<http://www.oconsolador.com.br/ano6/276/estudandomanoelphilomeno.html>

18/10/2015

Edição 436

Uma leitora de São Paulo (SP), em carta publicada nesta mesma edição, pergunta-nos:

“Em que sentido a riqueza pode ser uma prova? Qual é a finalidade de prova assim, que tanto as pessoas na Terra almejam? Basta ver uma casa lotérica nos finais de semana, apinhada de pessoas que sonham com um dos prêmios sorteados pela Caixa Econômica Federal.”

De fato, é difícil acreditar que a riqueza, tanto quanto a beleza estonteante, constitua uma das provas que necessitamos enfrentar em nossa passagem pela experiência reencarnatória.

Tal é, no entanto, o ensinamento espírita.

Riqueza e pobreza nada mais são que provas, pelas quais o Espírito necessita passar, tendo em vista um objetivo mais alto, que é atingir a meta a que estamos destinados, ou seja, a perfeição.

Com esse propósito, Deus concede a uns a prova da riqueza, e a outros a da pobreza, para experimentá-los de modos diferentes. Aliás, segundo relatos inúmeros feitos por autores respeitáveis, tais provas são com frequência escolhidas pelos próprios Espíritos antes de sua imersão no corpo.

Tanto uma quanto outra – ensina o Espiritismo – são provas difíceis, visto que, se na pobreza o Espírito pode ser tentado à revolta e à blasfêmia contra o Criador, na riqueza expõe-se ele ao abuso dos bens que Deus lhe empresta, deturpando-lhe, muitas vezes, seus objetivos.

A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação.

A riqueza é, para os que a usufruem, a prova da caridade e da abnegação.

Jamais esqueçamos: a existência corpórea, por mais longa, é passageira e a morte do corpo priva o homem de todos os recursos materiais de que eventualmente disponha no plano terráqueo.

Pobres e ricos retornam, portanto, à vida espiritual em idênticas condições, o que mostra que a condição de rico e a condição de pobre não passam de expressões transitórias.

Evidentemente, nenhuma das provas citadas constitui obstáculo à chamada salvação. Se fosse assim, Deus, que as concede, teria dado a seus filhos um instrumento de perdição, ideia que repugna à razão.

No tocante à riqueza, não é difícil perceber que, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, além de arriscada, por ser até mais perigosa que as demais provas que nos aparecem ao longo da vida.

Certamente foi isso que Jesus quis enfatizar quando declarou que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus. O Mestre fazia alusão aos males e às ilusões a que a riqueza pode conduzir o homem desprevenido, constituindo, porém, um erro deduzir de suas palavras que ao rico esteja vedado o acesso à salvação, ou seja, à ascensão a planos evolutivos mais elevados.

Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria outorgado aos homens. Mas, longe disso, se a riqueza não constitui elemento direto de progresso moral, é, sem dúvida, poderoso elemento de progresso intelectual.

Com ela pode o homem melhorar a situação material do mundo em que vive, ampliar a produção de bens, criar maiores e melhores recursos sociais por meio do estudo, da pesquisa e do trabalho. Eis por que é considerada elemento de progresso.

Se, todavia, o indivíduo que a detém se torna egoísta, orgulhoso e insaciável, e a desvia do seu objetivo providencial, prestará contas de seus atos ante a Justiça Divina, enquanto outros terão, por sua vez, oportunidade de fruí-la e provar, por suas atitudes, que é possível vencer essa difícil prova.

Numa interessante mensagem que o leitor pode conferir no cap. II, Segunda Parte, do livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, aquela que se chamou na Terra condessa Paula, desencarnada aos 36 anos de idade em 1851, declarou o seguinte:

“Em várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar o meu Espírito; dessas provas tive a dita de triunfar, vindo a faltar no entanto uma, porventura de todas a mais perigosa: a da fortuna e bem-estar materiais, um bem-estar sem sombras de desgosto. Nessa consistia o perigo. E antes de o tentar, eu quis sentir-me assaz forte para não sucumbir. Deus, tendo em vista as minhas boas intenções, concedeu-me a graça do seu

auxílio. Muitos Espíritos há que, seduzidos por aparências, pressurosos escolhem essa provas, mas, fracos para afrontar-lhes os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem da sua inexperiência."

Após as palavras acima reproduzidas, a ex-condessa Paula acrescentou:

"Trabalhadores! estou nas vossas fileiras: eu, a dama nobre, ganhei como vós o pão com o suor do meu rosto; saturei-me de privações, sofri reveses e foi isso que me retemperou as forças da alma; do contrário eu teria falido na última prova, o que me teria deixado para trás, na minha carreira. Como eu, também vós tereis a vossa prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo. E vós outros, ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo-Poderoso." (*O Céu e o Inferno, Segunda Parte, cap. II, A condessa Paula.*)

25/10/2015

Edição 437

A leitora Mônica Moreira de Almeida, em mensagem datada de 13 de outubro e publicada na seção de Cartas da edição passada, enviou-nos a seguinte pergunta:

Posso diferenciar sintonia e afinidade espiritual como, no primeiro caso, uma questão vibracional e no segundo os "pontos de contato" das vibrações, os gostos e tendências do indivíduo?

Já tratamos do assunto nesta revista, quando lembramos que a sintonia é ingrediente fundamental na prática mediúnica. É por meio dela que ocorre a percepção das influências espirituais, porquanto, sendo nossa mente um núcleo de forças inteligentes, gera ela pensamentos que, ao se exteriorizarem, entram em comunhão com as faixas de ideias do mesmo teor vibratório, estabelecendo-se, assim, a sintonia mediúnica.

Em nossa caminhada evolutiva, somos todos instrumentos das forças com as quais sintonizamos. Se nosso pensamento flui na direção da vida superior, associamo-nos às energias edificantes. Se nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada, entramos em sintonia com forças perturbadoras e deprimentes.

Os chamados Mentores ou Benfeitores espirituais, como é natural, por serem individualidades de um grau evolutivo mais elevado, sintonizam com aqueles que se esforçam por melhorar-se, que se empenham em sua transformação moral, que combatem suas más inclinações e insistem para vencer o egoísmo, o orgulho e seus derivativos.

As relações entre Espíritos e médiuns estabelecem-se, como sabemos, por meio dos respectivos perispíritos, dependendo do grau de afinidade existente entre eles a maior ou menor facilidade dessas relações.

Afinidade fluídica e afinidade moral são, no entanto, coisas distintas.

A afinidade fluídica está relacionada à constituição do organismo espiritual dos indivíduos.

A afinidade moral decorre do adiantamento espiritual alcançado por eles. Pode haver, portanto, entre duas pessoas afinidade fluídica e não existir afinidade moral, do mesmo modo que pode existir afinidade moral e não haver afinidade fluídica.

Sobre o assunto, sugerimos à interessada que leia, se puder, os textos abaixo, ambos publicados em nossa revista:

1. O mecanismo das comunicações; condições, afinidades e sintonia:

<http://www.oconsolador.com.br/ano2/99/esde.html>

2. O médium: conceito e classificação:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/103/esde.html>

1º /11/2015

Edição 438

Um leitor pergunta-nos acerca da expressão "passe magnético" e o que, em verdade, ela significa.

Essa expressão não é uma criação espírita. O movimento espírita a importou dos estudos e das experiências de Franz Anton Mesmer (1733-1815), médico austríaco, que entendia que todo ser vivo é dotado de um fluido magnético capaz de ser transmitido a outra pessoa, estabelecendo-se, em face disso, influências psicossomáticas recíprocas, inclusive com fins terapêuticos.

Quanto ao vocábulo "passes", eis seu significado, de acordo com o nosso principal léxico: ato de passar as mãos repetidamente ante os olhos de uma pessoa para magnetizá-la, ou sobre parte doente de uma pessoa para curá-la.

Dos estudos de Mesmer, surgiu a expressão "magnetismo animal".

Allan Kardec, mesmo antes de conhecer o Espiritismo, foi adepto das ideias de Mesmer e profundo conhecedor do Magnetismo, como ele próprio informou em uma de suas obras.

Segundo ele, a expressão "magnetismo animal" (do grego e do latim magnes – ímã) surgiu por analogia com magnetismo mineral, embora tal analogia seja apenas aparente. Alguns estudiosos a substituíram pelo vocábulo mesmerismo, mas essa ideia não prevaleceu.

Em seu livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, publicado no ano de 1858, o codificador do Espiritismo assim definiu magnetismo animal: "Ação recíproca de dois seres vivos por intermédio de um agente especial chamado fluido magnético".

Por essa mesma época, Kardec formulou aos Espíritos uma questão específica a respeito desse agente especial chamado fluido magnético.

Ei-la:

- De que natureza é o agente que se chama fluido magnético? "Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal." (*O Livro dos Espíritos, questão 427.*)

O tempo passou e, exatamente 100 anos depois, ou seja, em 1958, André Luiz, no livro *Evolução em Dois Mundos*, confirmou a informação dada por Kardec e, como sabemos, ampliou-a, esclarecendo que o fluido magnético, transmitido por uma pessoa a outra, atua sobre as células do corpo do paciente, particularmente as sanguíneas e as histiocitárias, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos

ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos. (*Evolução em Dois Mundos, 2ª Parte, cap. XV, pp. 201 a 203.*)

Em face disso, não é difícil compreender a ação do chamado passe magnético e entender por que ele, quando benéfico, nos faz tão bem.

Que o leitor não estranhe quando dizemos "benéfico", porquanto o passe pode ser nulo e até maléfico.

Este último pode se dar quando o aplicador do passe se encontra com estado de saúde precário, com o organismo intoxicado por excesso de alimentação ou vícios (como fumo, álcool, drogas), ou quando esteja em estado de desequilíbrio espiritual (revolta, raiva, orgulho etc.) e, nesses casos, o paciente esteja com suas defesas nulas.

8/11/2015

Edição 439

Uma leitora de Guarani (MG) pergunta-nos por que Martins Peralva desaconselha a participação de mulheres grávidas nos trabalhos mediúnicos a partir do 3º mês de gestação.

A recomendação de Martins Peralva consta do cap. 9 do livro *Estudando a Mediunidade*. Segundo ele, a abstenção da gestante nos trabalhos mediúnicos objetiva preservar o reencarnante das vibrações pesadas do comunicante, atendendo a que, estando a mente do filhinho intimamente associada à da futura mãe, naturalmente se associará, também, à do Espírito, já ligada à alma do médium, consoante ele demonstra graficamente na obra citada.

Se o médium tivesse sempre a certeza de que a sua faculdade seria utilizada, exclusivamente, por Espíritos Superiores, a abstenção – asseverou o saudoso escritor – não seria necessária.

Sabemos que há espíritas que discordam da medida proposta, mas Chico Xavier transmitiu sobre o assunto idêntica recomendação.

Adelino da Silveira perguntou-lhe: - Nos embaraços mensais, a mulher pode frequentar os trabalhos mediúnicos?

Chancelada pelo Dr. Bezerra de Menezes, Chico grafou a seguinte resposta:

"No caso de nossas irmãs as mulheres, tão somente nas ocasiões de gravidez, após o terceiro mês de gestação do nascituro, devem abster-se da ação mediúnica, podendo permanecer, porém, na equipe de serviço espiritual para receberem auxílio." (In *Passes, Desobsessão e Disciplina*, por Adelino da Silveira, disponível em <http://goo.gl/mDGECt> /.)

Como dissemos, no meio espírita as opiniões sobre o tema variam bastante.

Eis alguns exemplos:

1) Favorável à participação da gestante na sessão: <http://goo.gl/Oj2GhO>

2) Contrário à participação: <http://goo.gl/dAWMTs>

3) Meio termo entre as posições anteriores: <http://goo.gl/5rmI0a>

Pessoalmente, aliamos-nos à recomendação dada por Martins Peralva e referendada pelo Dr. Bezerra de Menezes.

15/11/2015

Edição 440

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, Cleide Mamedia pergunta-nos:

Gostaria de saber se seremos cobrados ao desencarnar pelos fracassos dos nossos filhos. Será mostrado onde falhamos?

A dúvida da leitora foi tratada por Allan Kardec nas questões 582 e 583 d' *O Livro dos Espíritos*, a principal obra da doutrina espírita.

Eis o que ali se lê:

582. Pode-se considerar como missão a paternidade?

"É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, **suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura**, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem." (Grifamos.)

583. São responsáveis os pais pelo transviamento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?

"Não; porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho."

a) Se um filho se torna homem de bem, não obstante a negligência ou os maus exemplos de seus pais, tiram estes daí algum proveito?

"Deus é justo."

Mais claro, impossível!

Corroborando o ensinamento, Abel Gomes, em mensagem psicografada pelo médium Chico Xavier, constante do livro *Falando à Terra*, teceu as seguintes considerações:

Volumosa percentagem dos milhares de pessoas que desencarnam, hora a hora, no Planeta, permanece, por vezes, muitos anos consecutivos, ao lado de parentes na consanguinidade, porque é na experiência do lar que deixamos maior número de obrigações não cumpridas.

(...)

É no seio da organização doméstica que somos tentados à disputa mais longa, ao ciúme mais entranhado, à rebeldia mais impermeável e às aversões mais fundas.

Fácil será sempre desculpar as ofensas do mundo vasto, esquecer a maledicência dos que nos não conhecem e perdoar as pedras do torvelinho social. Mas, em casa, na comunhão com aqueles cuja vida partilhamos na sucessão dos dias numerosos, a ciência do amor espiritual é muito difícil de aprender.

Em razão disto, depois da morte, percebendo a importância de nossa harmonização em pensamento com certas criaturas de nosso séquito familiar, **voluntariamente nos consagramos a retificar atitudes errôneas**, adotadas o curso de nossas tarefas interrompidas no túmulo,

auxiliando aquelas por quem nutríamos animadversão declarada, para que não arremessem sobre nós os raios da malquerença destrutiva. A sementeira de simpatia é impositivo precípuo, a que nossa paz se condiciona.

Todos os deveres cumpridos no seio doméstico significam ingresso no apostolado pela redenção humana. Os raros homens e mulheres que se ausentam do mundo, conservando uma consciência tranquila para com os parentes e afeiçoados, penetram, de imediato, em missões mais amplas no auxílio à Humanidade.

Em se tratando, porém, de Espíritos que, além de não haverem cumprido os deveres que lhes competem, junto à família consanguínea, se extraviaram, ainda, em delitos deploráveis, esses, quando acordam para o arrependimento construtivo, são aproveitados na assistência laboriosa a criminosos, junto aos quais encontram caminho aberto a valiosas intercessões. (*Falando à Terra*, Notícias, autoria de Abel Gomes.) (Grifamos)

22/11/2015

Edição 441

Em carta data de 12 de novembro e publicada nesta edição, o leitor Domingos Antero da Silva, de Limeira (SP), escreveu-nos o seguinte:

Na literatura espírita encontramos informações de que, dentre os exilados de Capela, os egípcios foi um dos povos que retornaram a Capela. Como pode isto ter ocorrido se os relatos bíblicos colocam os egípcios como o povo que escravizou e explorou os hebreus (povo escolhido para receber o Cristo) e era um povo de muitos deuses? Será que a escravização do povo hebreu foi uma estória e não história? O que propiciou a volta dos egípcios ao planeta Capela? Há literatura espírita sobre isto?

A ideia de que a chamada raça adâmica, representada na figura de Adão e seus descendentes, foi constituída por Espíritos exilados de um planeta distante para a Terra, está presente na obra de Allan Kardec, no cap. XI, item 45, do livro *A Gênese*, em que se lê:

A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça há desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo donde vieram os Espíritos que a compõem era mais adiantado do que a Terra. Havendo entrado esse mundo numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos querido, pela sua obstinação, colocar-se à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. Foram, em consequência, desterrados de lá e substituídos por outros que isso mereceram. (*A Gênese*, cap. XI, item 45.)

Apesar disso, a única obra realmente confiável que trata do assunto é o livro *A Caminho da Luz*, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier no período de 17 de agosto a 21 de setembro de 1938. É nela que se relata toda a saga relacionada com a vinda dos chamados "exilados de Capela" e sua localização em diversos pontos do nosso planeta.

O Egito antigo teria sido um deles, ao qual Emmanuel dedicou o cap. IV da obra citada, intitulado "A civilização egípcia". Nesse capítulo o leitor encontrará os motivos pelos quais os Espíritos que formaram a civilização egípcia teriam sido os primeiros a retornar ao planeta de origem.

Eis, extraídas desse capítulo, algumas informações que nos ajudarão a compreender tal fato:

1. Dentre os Espíritos degredados na Terra, os que constituíram a civilização egípcia foram os que mais se destacavam na prática do Bem e no culto da Verdade. Aliás, importa considerar que eram eles os que menos débitos possuíam perante o tribunal da Justiça Divina.
2. Em razão dos seus elevados patrimônios morais, guardaram no íntimo uma lembrança mais viva das experiências de sua pátria distante. Um único desejo os animava, que era trabalhar devotadamente para regressar, um dia, aos seus penates resplandecentes.
3. Em nenhuma civilização da Terra o culto da morte foi tão altamente desenvolvido. Em todos os corações morava a ansiedade de voltar ao orbe distante, ao qual se sentiam presos pelos mais santos afetos. Foi por esse motivo que, representando uma das mais belas e adiantadas civilizações de todos os tempos, as expressões do antigo Egito desapareceram para sempre do plano tangível do planeta.
4. Nos círculos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existência do Deus Único e Absoluto, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres, mas os sacerdotes conheciam, igualmente, a função dos Espíritos prepostos de Jesus, na execução de todas as leis físicas e sociais da existência planetária, em virtude das suas experiências progressas.
5. Desse ambiente reservado de ensinamentos ocultos, partiu, então, a ideia politeísta dos numerosos deuses, que seriam os senhores da Terra e do Céu, do Homem e da Natureza. As massas requeriam esse politeísmo simbólico, nas grandes festividades exteriores da religião. Já os sacerdotes da época conheciam essa fraqueza das almas jovens, de todos os tempos, satisfazendo-as com as expressões esotéricas de suas lições sublimadas.
6. As ciências psíquicas da atualidade eram familiares aos magnos sacerdotes dos templos. O destino e a comunicação dos mortos e a pluralidade das existências e dos mundos eram para eles, problemas solucionados e conhecidos. O estudo de suas artes pictóricas positivavam a veracidade destas nossas afirmações. Num grande número de afrescos, apresenta-se o homem terrestre acompanhado do seu duplo espiritual. Os papiros nos falam de suas avançadas ciências nesse sentido, e,

através deles, podem os egiptólogos modernos reconhecer que os iniciados sabiam da existência do corpo espiritual preexistente, que organiza o mundo das coisas e das formas.

7. A assistência carinhosa do Cristo não desamparou a marcha desse povo cheio de nobreza moral. Enviou-lhe auxiliares e mensageiros, inspirando-o nas suas realizações, que atravessaram todos os tempos provocando a admiração e o respeito da posteridade de todos os séculos.

8. Em algumas centenas de anos, reuniram-se de novo, nos planos espirituais, os antigos degredados, com a sagrada bênção do Cristo, seu patrono e salvador. A maioria regressa, então, ao sistema da Capela, onde os corações se reconfortam nos sagrados reencontros das suas afeições mais santas e mais puras, mas grande número desses Espíritos, estudiosos e abnegados, conservaram-se nas hostes de Jesus, obedecendo a sagrados imperativos do sentimento e, ao seu influxo divino, muitas vezes têm reencarnado na Terra, para desempenho de generosas e abençoadas missões. (*A Caminho da Luz*, cap. IV.)

Acerca da suposta escravização do povo hebreu pelos egípcios, devemos ver tal ideia com bastante reserva. Afinal, José do Egito, que chegou a um importante cargo na alta administração do Egito, foi um dos filhos de Jacó e Raquel, sobre o qual, aliás, vale a pena ler a obra *O Chanceler de Ferro*, romance mediúnico de autoria de John Wilmot Rochester, psicografado pelo médium Wera Krijanowsky.

29/11/2015

Edição 442

Um amigo pede-nos que falemos sobre os precursores do Espiritismo – quem foram eles, onde e quando viveram?

Como já se divulgou nesta revista em inúmeras ocasiões, o surgimento do Espiritismo moderno está diretamente ligado aos fenômenos ocorridos em uma tosca cabana situada em um vilarejo de nome Hydesville, pertencente ao Condado de Wayne, no Estado de Nova York (Estados Unidos), onde residia a família Fox: o Sr. John, sua mulher Margareth e as filhas Kate e Margareth.

Os fatos, a partir do primeiro diálogo mantido pela Sra. Fox com um Espírito na noite de 31 de março de 1848, empolgaram a população do lugar e marcaram, de forma que ninguém contesta, o advento do Espiritismo, cuja parte teórica ou doutrinária apareceria anos depois, precisamente no dia 18 de abril de 1857, com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, escrito por Allan Kardec.

Antes, porém, da família Fox e de Kardec, alguns fenômenos de natureza desconhecida agitaram a sociedade terrena, que, como sabemos, já havia tomado, ao longo da história, conhecimento dos fenômenos mediúnicos, que ocorriam, contudo, esparsamente, diferentemente do que aconteceria a partir de 1848.

Conforme anotou o pesquisador e escritor Arthur Conan Doyle, a diferença entre os fenômenos registrados modernamente e os antigos está em que, além de esporádicos, os fatos não obedeciam antigamente a uma sequência metódica, ao passo que os fenômenos da era moderna apresentavam as

características de uma "invasão organizada", expressão utilizada por Conan Doyle no livro *História do Espiritismo*.

Precedendo o advento do Espiritismo (31 de março de 1848) três vultos se destacam e podem ser perfeitamente nomeados como precursores do que viria mais tarde.

Um deles foi o sensitivo Emanuel Swedenborg, engenheiro militar, autoridade em Física e em Astronomia, zoologista e anatomista, financista e político, além de insigne teólogo, dotado de largo potencial de forças psíquicas. Nascido em 29 de janeiro de 1688 em Estocolmo, Suécia, Swedenborg faleceu em 1772, em Londres, Inglaterra.

Já na infância tiveram início suas visões, numa continuidade que se prolongou até a morte. Médiun de grande poder, Swedenborg dizia que o Senhor abria os olhos de seu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos.

Swedenborg foi o primeiro vidente a registrar em livro pormenores sobre a vida e os costumes do chamado plano espiritual, o que ele deixou consignado em diversas obras.

Outro precursor digno de menção foi Franz Anton Mesmer, o médico que descobriu e divulgou modernamente o chamado magnetismo curador. Nascido em 23 de maio de 1734 na Suábia, região pertencente à Baviera (Alemanha), Mesmer faleceu em 1815 em Meersburg, Alemanha.

Em 1775, ele reconheceu o poder da cura mediante a aplicação das mãos. Acreditava ele que por nossos corpos transitam fluidos curadores, preparando o caminho para o Hipnotismo de Marquês de Puységur.

Como ninguém certamente ignora, os passes magnéticos têm um papel fundamental no funcionamento dos modernos centros espíritas, notadamente no Brasil, onde são bastante conhecidos e procurados por espíritas e não espíritas.

O terceiro precursor do Espiritismo também digno de nota foi o sensitivo Andrew Jackson Davis, que nasceu em 11 de agosto de 1826 em Blooming Grove, Nova York (Estados Unidos) e faleceu em 1910, em Boston.

Davis foi considerado por Arthur Conan Doyle como o profeta da Nova Revelação. Seus poderes psíquicos começaram na infância, quando ele ouvia vozes de Espíritos que lhe davam conselhos. À clarividência seguiu-se a clariaudiência. Certa vez, em 6 de março de 1844, Davis foi tomado por uma força que o fez voar da pequena cidade onde residia e fazer uma viagem até as Montanhas de Catskill, distante 40 milhas de sua casa.

O surgimento do Espiritismo foi predito por Davis em seu livro "Princípios da Natureza", de 1847. Segundo Conan Doyle, foi de grande importância o papel representado por Davis no começo da revelação espírita. Ele começou a preparar o terreno, antes que se iniciasse a revelação, e estava claramente fadado a associar-se intimamente com ela, uma vez que conhecia a demonstração de Hydesville, desde o dia em que ela ocorreu.

6/12/2015

Edição 443

Um leitor pergunta-nos: Quando uma pessoa desencarna, ela nos ajuda aqui na Terra se o solicitarmos a ela? Se orarmos, rezarmos para ela, ela receberá nossas preces no lugar onde esteja? Há um prazo, após ela partir, para se estabilizar no além? Que obras tratam do assunto?

Segundo aprendemos no Espiritismo, nossos entes queridos que se encontram no plano espiritual podem, sim, ajudar-nos, e o fazem de boa vontade.

É evidente que sua ajuda dependerá de suas próprias condições evolutivas, mas a experiência demonstra que, não tendo condições de agir por conta própria, eles recorrem muitas vezes ao auxílio de outros Espíritos, os chamados Benfeitores Espirituais.

Quanto às orações que fazemos, elas chegam sim ao seu destino, como podemos conferir nas obras de inúmeros autores.

Não existe um prazo determinado para que uma pessoa, no seu retorno ao plano espiritual, esteja perfeitamente reintegrada ao meio em que passou a viver. O fato depende fundamentalmente do seu grau evolutivo.

A perturbação que se segue à morte pode perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos, de conformidade com o estado evolutivo do Espírito. Breve no caso das almas elevadas, pode ser longa e penosa no caso das almas culpadas. Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa ela é, porque compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Várias são os livros que tratam do assunto, mas nos fixaremos aqui em três deles.

Em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, o tema é objeto das questões 149 a 165, que nos informam que a perturbação post mortem é um fato natural em todos nós e varia de acordo com o grau de elevação moral do desencarnante.

No seu livro *A Crise da Morte*, Ernesto Bozzano, depois de examinar 18 casos cientificamente documentados sobre as fases da morte, enumerou em 12 pontos suas conclusões. Eis algumas delas: a) todos os desencarnados afirmaram terem ignorado, durante algum tempo, que estavam mortos; b) quase todos eles disseram haver passado, depois da morte, por uma fase mais ou menos longa de "sono reparador"; c) todos eles informaram que os Espíritos dos mortos gravitam fatal e automaticamente para uma esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade".

Léon Denis, no livro *Depois da Morte*, explica que a separação entre a alma e o corpo é seguida por um período de perturbação que é breve para os Espíritos justos e bons, que logo se separam com todos os esplendores da vida celeste, mas muito longo, durando às vezes anos inteiros, para os Espíritos culpados, impregnados de fluidos grosseiros.

13/12/2015

Edição 444

Terezinha Gonçalves, de Londrina (PR), pergunta-nos se é verdade que o pastor Nehemias Marien, recentemente falecido, tinha ideias espíritas.

Sim, é verdade. O pastor Nehemias Marien, da Igreja Presbiteriana Bethesda, em Copacabana, Rio de Janeiro, autor do livro *Transcendência e Espiritualidade*, foi uma das grandes estrelas em todas as edições do Encontro para a Nova Consciência de que participou, evento esse que se caracterizou pelo caráter ecumênico e pela abertura que possibilitou ao necessário diálogo que deve ser mantido pelas diferentes religiões existentes no País.

Pastor sensível, que transmitia muito carisma, Marien tinha uma mentalidade holística e jamais recebeu assumir sua mediunidade e seu pensamento sobre a realidade da reencarnação, além de ter aberto espaço para pregação da Doutrina Espírita em sua igreja.⁽¹⁾ Numa de suas participações no Encontro para a Nova Consciência realizado em Campina Grande (PB), o pastor foi entrevistado pela jornalista Fátima Farias, ocasião em que expôs com clareza suas ideias acerca de pontos importantes muito caros aos espíritas.

Eis alguns trechos da referida entrevista:

1) **Reencarnação.**

“Até o ano de 546, no Concílio de Calcedônia, a reencarnação fazia parte dos cânones da Igreja. Depois, por discussões mais administrativas e menos teológicas, foi banida do cânone oficial (...). Então, eu sou professor de Teologia Bíblica e de Ciências Bíblicas. No estudo da Bíblia, as evidências da Reencarnação são assim incontestáveis, e eu acho que o Espiritismo é a mais caudalosa vertente do Cristianismo, pelas ideias. Você encontra, tanto no Antigo como no Novo Testamento, evidências claras da Reencarnação, isto é, do prosseguir da vida. Tanto Pedro, o pressuposto grande apóstolo Pedro, fala na sua segunda encíclica, no final da Bíblia, fala sobre a existência do espírito após a morte e nesta evolução do ser humano. E também São Judas, o apóstolo de Cristo, na sua epístola final, também fala sobre o mesmo tema. Então, sou uma pessoa estudiosa, aberta. Eu não tenho muros de espécie alguma.”

2) **Doutrina Espírita.**

“Eu acho que o Espiritismo é o mais caudaloso afluente do Cristianismo. Considero a Bíblia como o mais antigo livro de psicografia e mediunidade. Eu acho que Jesus era o médium perfeito, e que a mentalidade kardecista todos nós a temos.”

3) **Mediunidade.**

“Olha, nós todos somos médiuns. Queiramos ou não. É uma questão de reconhecer, constatar e disciplinadamente desenvolver. Agora, há muitos preconceitos. Nossa cabeça é assim muito cheia de preconceitos, conceitos não, mas preconceitos temos demais. Então, eu acho o seguinte: eu, a respeito da mediunidade, até agora, estou sentindo... (emociona-se e chora). Eu acho que o verdadeiro servo de Deus é um médium. Ele não fala de si. Vamos dizer, entre aspas, traduzindo sentimentos, é uma incorporação espiritual. Ele não é dono dele, é um veículo, um canal. O importante é a mensagem que transmite.”

4) **Comunicação com os Espíritos.**

“Eu tenho, até não entendo bem este espírito meu, mas eu tenho a impressão de que é uma índia, minha Biquara, mãe de minha mãe, minha avó Joana. Eu sinto assim, uma certa colocação, uma certa energia dela para mim. Todas as vezes em que eu abro o texto sagrado, para as homilias, as pregações, os sermões, sinto que estou fora de mim. Eu admito esta transcendência da Espiritualidade, esta invasão do Céu no coração humano, através da mediunidade.”

5) **Chico Xavier.**

“Chico Xavier é um nome-legenda da espiritualidade, nacional e mundial. Eu tive o privilégio de estar com ele duas vezes. Fui fazer uma série de conferências do Rio à Brasília. Viajei de carro e propus ao meu amigo levar-me a Uberaba. Oramos juntos. Olha, Chico Xavier e Dom Hélder Câmara são pessoas que me fizeram muito bem pela prece a meu favor. Rogo a Deus que este ícone da Espiritualidade, que o Mundo todo respeita, tenha assim muitos, muitos e muitos privilégios desta bênção inaudita de transbordar a Espiritualidade como ela vem fazendo pelo santo Chico Xavier.”

6) **Ataques de pastores contra o Espiritismo?**

“Bom, como eu diria, nossos amados irmãos são aliados. Estamos todos no mesmo barco, mas eles fazem parte da artilharia. O artilheiro é o soldado, que vem lá atrás. A infantaria somos nós, a Doutrina Espírita, aqueles que vão lá para frente. A artilharia, ao abrir espaço à frente, solta as bombas, mas são

muito ruins de cálculos matemáticos, erram os cálculos e acabam dizimando os próprios aliados. É o que acontece, criticando o Espiritismo, que está na mesma dimensão espiritual. Eu os chamo, vamos dizer assim, de bonsais espirituais, aquela plantinha que não cresce. Lá em Tóquio vi todo um horto só de bonsais, bonitos, mas não se desenvolveram espiritualmente. Estes que atacam nossos irmãos espíritas e outras tradições, com as quais não concordam, são uma espécie de pitbulls. Eu acho que os ventos contrários firmam raízes de árvore e o avião sobe mais alto. Acho que é como burilando um diamante, que vira brilhante.”

A entrevista concedida pelo pastor Nehemias Marien a Fátima Farias pode ser lida na íntegra nos seguintes sites:

<http://blogdadidamoret.blogspot.com/2010/05/nehemias-marien-o-pastor-que-aceita-o.html>

<http://tarauacanoticias.blogspot.com/2009/12/nehemias-marien-o-pastor-que-aceita-o.html>

<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/ffarias/nehemias-marien.html>

⁽¹⁾ Veja o vídeo de uma outra entrevista em que o pastor Nehemias fala sobre Kardec e a Doutrina Espírita clicando em: https://www.youtube.com/watch?v=L_A6VMTyUxo

20/12/2015

Edição 445

Uma leitora, em face de um texto publicado por Kardec no cap. XIV d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pergunta-nos se pode um corpo de uma criança formar-se antes de estar ligado a ele o Espírito que deverá utilizá-lo em uma nova existência.

O texto mencionado por ela, de autoria do Espírito de Santo Agostinho, é este:

Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova. Por fim, após anos de meditações e preces, o Espírito **se aproveita de um corpo em preparo** na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? (*Obra citada, cap. XIV, item 9 - A ingratidão dos filhos e os laços de família.*) (O negrito é nosso.)

A reencarnação inicia-se na concepção, portanto no momento em que o corpo começa a se formar. A ligação entre o corpo da criança e o perispírito que reveste a alma processa-se molécula a molécula e se completa com o nascimento do bebê.

Esse é o ensinamento firmado nas obras de Allan Kardec, e Léon Denis não pensava de forma diferente. Com efeito, lemos no seu livro *O Grande Enigma*, 7ª edição, publicada pela FEB:

A união da alma e do corpo começa com a concepção e só fica completa na ocasião do nascimento. No intervalo da concepção ao nascimento, as faculdades da alma vão, pouco a pouco, sendo aniquiladas pelo poder

sempre crescente da força vital recebida dos geradores, que diminui o movimento vibratório do perispírito. Esta diminuição vibratória do envoltório fluídico produz a perda da lembrança das vidas anteriores. (*O Grande Enigma, págs. 192 e 193.*)

Em *O Livro dos Espíritos*, a principal obra da doutrina espírita, o assunto é tratado com clareza na questão seguinte:

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito que então solta anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.” (*O Livro dos Espíritos, questão 344.*)

No mês de julho de 1860, a *Revista Espírita* publicou, da lavra de Allan Kardec, a informação adiante reproduzida, que reforça o ensinamento a que nos reportamos:

Sabe-se que, no momento da concepção, o Espírito designado para habitar o corpo que deve nascer é tomado por uma perturbação, que vai crescendo à medida que os laços fluídicos, que o unem à matéria, se apertam, até as proximidades do nascimento. Neste momento, perde igualmente toda a consciência de si mesmo e não começa a recobrar as ideias senão no momento em que a criança respira. Só então é que se torna completa e definitiva a união entre o Espírito e o corpo. (*Revista Espírita de julho de 1860.*)

Os anos passaram e em 1868, com a publicação de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, Kardec legou-nos uma explicação mais detalhada e demorada acerca do assunto:

Logo que o Espírito deva se encarnar num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que não é outro senão uma expansão do perispírito, o amarra ao germe sobre o qual ele se encontra lançado por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, une-se molécula a molécula com o corpo que se forma; de onde se pode dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, toma, de alguma forma, raiz neste germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa e, então, ele nasce à vida exterior. (*A Gênese, cap. XI, item 18.*)

Respondendo, então, à leitora, podemos afirmar que na gravidez viável, isto é, naquela em que está prevista efetivamente a reencarnação de um Espírito, este se liga ao zigoto desde o instante da concepção e não existe, pois, a hipótese de um corpo se formar para depois disso um Espírito ser a ele ligado.

A expressão utilizada na mensagem de Santo Agostinho (... o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou) foi,

segundo entendemos, apenas uma forma poética de se falar do assunto, valendo também lembrar que antes do processo reencarnatório propriamente dito existe todo um planejamento, que inclui até mesmo a configuração do futuro corpo do reencarnante, ou seja, o seu preparo.

No livro *Nosso Lar*, no capítulo 47, "A volta de Laura", vê-se que, a pedido de Laura, algumas providências relativas ao seu organismo físico foram tomadas, exatamente nesse período que precede o ato reencarnatório.

Relata André Luiz no capítulo mencionado:

A essa altura, o funcionário das Contas observou:

– E não podemos esquecer que Laura volta à Terra com extraordinários créditos espirituais. Ainda hoje, o Gabinete da Governadoria forneceu uma nota ao Ministério do Auxílio, recomendando aos cooperadores técnicos da Reencarnação o máximo cuidado no trato com os ascendentes biológicos que vão entrar em função para constituir o novo organismo de nossa irmã.

– Ah! é verdade – disse ela –, pedi essa providência para que não me encontre demasiadamente sujeita à lei da hereditariedade. Tenho tido grande preocupação, relativamente ao sangue.

O planejamento, ou o preparo a que se referiu Santo Agostinho, ocorre, portanto, bem antes do início da gravidez, de tal modo que, definidos os planos, quando chega o momento da concepção, o Espírito já se encontra a postos para, algumas horas depois do ato sexual, ser ligado ao zigoto, ligação essa que se tornará definitiva quando a criança vier à luz.

Sobre o tema sugerimos aos interessados que leiam também os textos abaixo, publicados em nossa revista:

Prelúdio da volta do Espírito à vida corporal

<http://www.oconsolador.com.br/ano2/84/esde.html>

A união da alma com o corpo

<http://www.oconsolador.com.br/ano2/98/especial.html>

O Espiritismo responde

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/167/oespiritismoresponde.html>

3/01/2016

Edição 446

Uma amiga leitora pergunta-nos por que motivo, mesmo no meio espírita, existem pessoas que ajudam com boa vontade pessoas necessitadas não pertencentes à sua família, mas não fazem o mesmo com um irmão de sangue que esteja, por exemplo, passando por dificuldades financeiras. Se devemos ajudar os nossos irmãos mais próximos, por que tal coisa acontece?

Embora lamentável, o fato é perfeitamente explicável e não se trata apenas de negar ajuda, pois isso também se manifesta na ausência de tolerância, paciência, perdão, boa vontade, que é muito mais fácil ter com pessoas estranhas do que ter com um parente próximo.

Perguntaram certa vez a Divaldo Franco se temos a família que pedimos ou a família que merecemos. Ele respondeu, em outros termos: "Nem uma coisa, nem outra. Temos a família de que precisamos".

Ensina o Espiritismo que, comumente, se reúnem no mesmo lar Espíritos amigos, companheiros de outras jornadas, mas também desafetos do passado. São eles pessoas que convidamos para compor o núcleo familiar com o objetivo de repararmos algo que lhes tenhamos feito em existências passadas.

Ocorre, porém, que – ignorando o que aconteceu no passado e o compromisso firmado antes da reencarnação – temos dificuldade em aceitá-las e até mesmo, em muitos casos, de viver a seu lado, debaixo de um mesmo teto.

No cap. XIV, item 9, d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Santo Agostinho (Espírito) fala das desarmonias que se verificam, às vezes, entre pais e filhos e explica os motivos. Quando um desafeto dos pais reencarna na condição de filho, a dificuldade de relacionamento é óbvia. Eis a explicação que a respeito nos foi dada pelo citado Espírito:

“Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contato com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver.

É como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Nada, com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apreender a causa, necessário se torna volver o olhar ao passado.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIV, item 9.)

Essa antipatia, esse antagonismo, pode ser perfeitamente transplantado para outros casos, como o relacionamento entre irmãos e cunhados, por exemplo. E é exatamente daí que advém a indiferença de uns com relação a um familiar que esteja enfrentando dificuldades.

Em face disso, muitos perguntam: Por que a vida faz com que esses Espíritos participem de um mesmo grupo familiar?

O ensino espírita a esse respeito é muito claro. Deus permite que nas famílias ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos com o duplo objetivo de servir de prova para uns e de meio de progresso para outros. Com a convivência e o aprimoramento dos relacionamentos, o caráter deles se abrandava, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as etnias e os povos.

10/01/2016

Edição 447

A leitora Vera Castanho, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pede-nos opinião sobre o que responder aos que acusam Allan Kardec de ter veiculado em sua obra ideias racistas.

É muito simples o que pensamos acerca do assunto.

Nada mais equivocado do que associar Kardec e Espiritismo ao racismo. Só quem não conhece a doutrina espírita pode ter pensamentos assim. E mais equivocado ainda é confundir, nos livros de Allan Kardec, as opiniões pessoais emitidas pelo Codificador com a própria doutrina espírita.

Com efeito, não existe na doutrina espírita nada que nos faça supor a existência de ideias ou propostas racistas. Ao contrário. Ensina o Espiritismo que os Espíritos podem reencarnar homens ou mulheres, negros ou brancos, ricos ou pobres, árabes ou judeus, brasileiros ou argentinos, o que mostra, inequivocamente, que essas disputas regionais, nacionalistas ou de classes não passam de bobagens.

Se o Espírito – como nos revela o Espiritismo – pode reencarnar num corpo de pele negra, amarela ou branca, isso demonstra que é uma infantilidade incentivar ou tentar vislumbrar nos textos espíritas conteúdo racista.

No caso específico do livro intitulado *Obras Póstumas*, publicado em 1890, 21 anos depois do falecimento de Allan Kardec, todos sabemos que contém ele textos que não foram, nem poderiam ser, incorporados à doutrina espírita e devem ser devidamente contextualizados, ou seja, é necessário levar em conta o pensamento dominante na época em que foram escritos para termos deles uma melhor compreensão.

Em setembro de 2010, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação aprovou, por unanimidade, o parecer 15/2010 com orientações às políticas públicas para uma educação antirracista, no qual se fez uma referência ao livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, igualmente tachado de racista.

A reação de setores da sociedade levou a Câmara de Educação Básica a aprofundar as bases do parecer, no sentido de ressaltar a importância da contextualização crítica do autor e da obra literária, sobretudo nas novas edições de livros produzidos em outro contexto no qual pouco se falava e se reconhecia a existência do racismo e do preconceito racial. O Conselho Nacional de Educação sabiamente entendeu que, assim como é importante o contexto histórico em que se produziu a obra literária, tão ou mais importante é o contexto histórico em que se produz a leitura dessa obra.

Sobre o assunto, para melhor compreensão do que escrevemos, sugerimos à leitora e aos demais interessados que leiam os textos seguintes:

- 1) “É um equívoco associar doutrina espírita e racismo” – editorial da edição 213 desta revista: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/213/editorial.html>
- 2) “Racismo em Kardec?” – artigo escrito por Paulo Neto: <http://goo.gl/pBTsyV>

17/01/2016

Edição 448

Em mensagem enviada à revista e publicada na seção de Cartas desta mesma edição, o leitor Domingos Antero da Silva, de Limeira (SP), escreveu o seguinte:

Nos estudos da Doutrina Espírita, sempre fui informado de que o Cristo esteve por duas vezes no planeta Terra: na criação deste planeta e há aproximadamente 2000 anos passados, como Jesus. No livro *O Gênio Celta e o Mundo Invisível*, 1ª edição, 2015, tradução de Mariléa de Castro, no capítulo 2, página 89, Léon Denis escreve: "O Cristo, em suas duas encarnações conhecidas, a da Índia e a da Judeia, sob esses dois nomes quase idênticos, Krishna e Cristo, não ensinou a mesma doutrina, tanto no Evangelho como no Bhagavad Gita?" O título do capítulo é "Palingênese: Preexistências e vidas sucessivas. A lei da reencarnação".

A minha pergunta é principalmente por ser Léon Denis uma das leituras recomendadas pelos espíritas que lutam pela preservação doutrinária: - Está correta a afirmação feita no livro ao qual estou me referindo?

Desconhecemos a fonte em que Léon Denis se baseou para afirmar que Jesus e Krishna teriam sido personalidades animadas pelo mesmo Espírito. Não existem nas obras espíritas que conhecemos registros que confirmem essa informação.

O que existe de origem espiritual é o que Emmanuel escreveu no livro *A Caminho da Luz*, obra psicografada em 1938 por Francisco Cândido Xavier e publicada pela FEB em 1939.

Segundo Emmanuel, Krishna, Buda e outros grandes missionários que encarnaram em nosso planeta nos foram enviados por Jesus, como emissários de uma mesma mensagem, o que explica a semelhança que existe entre os ensinamentos evangélicos e os que os citados missionários nos trouxeram.

No subcapítulo "As castas", constante do cap. V (A Índia) do livro *A Caminho da Luz*, Emmanuel escreveu:

O povo hindu, não obstante o seu elevado grau de desenvolvimento nas ciências do Espírito, não aproveitou de modo geral, como devia, o seu acervo de experiências sagradas. Seus condutores conheciam as elevadas finalidades da vida. Lembravam-se vagamente das promessas do Senhor, anteriores à sua reencarnação para os trabalhos do penoso degredo. A prova disso é que eles abraçaram todos os grandes missionários do pretérito, vendo neles os avatares do seu Redentor. Viasa foi instrumento das lições do Cristo, seis mil anos antes do Evangelho, cuja epopeia, em seus mínimos detalhes, foi prevista pelos iniciados hindus, alguns milênios antes da organização da Palestina.

Krishna, Buda e outros grandes enviados de Jesus ao plano material, para exposição de suas verdades salvadoras, foram compreendidos pelo grande povo sobre cuja frente derramou o Senhor, em todos os tempos, as claridades divinas do seu amor desvelado e compassivo. Mas, como se a questão fosse determinada por um doloroso atavismo psíquico, o povo hindu, embora as suas tradições de espiritualidade, deixou crescer no coração o espinho do orgulho que, aliás, dera motivo ao seu exílio na Terra. (*A Caminho da Luz*, cap. V, págs. 52 e 53.) (Grifamos.)

Algumas páginas adiante, no subcapítulo "A gênese das crenças religiosas" constante do cap. IX (As grandes religiões do passado) do mesmo livro, Emmanuel, reportando-se a Jesus, escreveu o seguinte:

A gênese de todas as religiões da Humanidade tem suas origens no seu coração augusto e misericordioso. Não queremos, com as nossas exposições, divinizar, dogmaticamente, a figura luminosa do Cristo, e sim **esclarecer a sua gloriosa ascendência na direção do orbe terrestre**, considerada a circunstância de que cada mundo, como cada família, tem seu chefe supremo, ante a justiça e a sabedoria do Criador. Fora erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente as lições sublimes do seu Evangelho de redenção, porquanto a sua desvelada assistência acompanhou, como acompanha a todo tempo, a evolução das criaturas em todas as latitudes

do orbe. A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos **está alumiada pela luz dos seus poderosos emissários. E muitos deles tão bem se houveram**, no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, **que foram havidos como sendo Ele próprio, em reencarnações sucessivas** e periódicas do seu divinizado amor. No Manava-Darma, encontramos a lição do Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio; nas crenças do Tibete, está a personalidade de Buda e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Maomet. Cada raça recebeu os seus instrutores, como se fosse Ele mesmo, chegando das resplandecências de sua glória divina. Todas elas, conhecendo intuitivamente a palavra das profecias, arquivaram a história dos seus enviados, nos moldes de sua vinda futura, em virtude das lembranças latentes que guardavam no coração, acerca da sua palavra nos espaços, tocada de esclarecimento e de amor. (*Obra citada, cap. IX, págs. 83 e 84.*) (Grifamos.)

Esperamos que as informações acima reproduzidas esclareçam a dúvida que o leitor nos apresentou, com a ressalva de que estamos diante de uma revelação singular que pode ser ou não verdadeira. Caberá ao tempo confirmá-la ou não. Kardec, como sabemos, jamais tratou do assunto.

24/01/2016

Edição 449

Uma leitora de nossa revista pergunta-nos se existem na literatura espírita exemplos de intercâmbio mediúnicos entre nós e Espíritos que ostentem na vida espiritual a forma infantil.

Já nos reportamos neste mesmo espaço a esse tema.

Pessoalmente, já participamos de inúmeras sessões em que Espíritos de crianças se manifestaram.

É óbvio que em casos assim, excluída a possibilidade de mistificação, podem ocorrer duas situações.

A primeira é a comunicação de Espíritos que se fazem crianças para poderem, com a linguagem própria da criança, atingir com maior facilidade as pessoas a quem se dirigem. É tal qual se dá nas comunicações dos chamados *pretos-velhos* que, mesmo tendo tido outras experiências antes e depois, preferem manifestar-se numa forma em que seu modo de falar, simples e aparentemente ingênuo, toca mais profundamente as pessoas.

A segunda situação é a comunicação de Espíritos que ainda conservam no plano espiritual a forma infantil, fato mencionado por diversos autores, como Cairbar Schutel (*A Vida no Outro Mundo*), Irmão Jacob (*Voltei*), André Luiz (*Entre a Terra e o Céu*), Emmanuel (*Crianças no Além*), Cláudia Pinheiro Galasse (*Escola no Além*) e o próprio Codificador do Espiritismo (*Revista Espírita de janeiro de 1859*).

Como exemplo da segunda situação podemos mencionar a mensagem assinada pelo jovem

Marcos Hideo Hayashi, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier no dia 12 de

dezembro de 1975, 10 meses após o seu falecimento, ocasião em que Marcos contava apenas 12 anos. No acidente que o vitimou, também faleceram seus irmãos João Batista e Sheila, com 11 e 7 anos, respectivamente.

A mensagem de Marcos, adiante transcrita, faz parte do livro *Crianças no Além*:

Minha querida Mamãe, meu querido Papai.

Estou obedecendo ao meu avô Joaquim, que me trouxe para escrever.

Peço para que me abençoem.

Querida Mamãe, a senhora pede notícias e rogou tanto, mas tanto, perante as orações, que me vejo aqui para trazer a esperança ao seu coração e fortalecer em meu pai a confiança na vida.

Não sei como fazer isso direito: escrever falando o que se passa. Meu avô está me auxiliando, mas, por dentro de mim, estou como quem traz o pensamento tropeçando na vontade de chorar.

É preciso ser forte e ser um homem para receber um compromisso desses.

Papai sempre nos ensinou que devemos ser valorosos com a luz da coragem na frente de nossos passos, mas é tanta dor para vencer, querida Mamãe, que eu não tenho forças para remover a situação.

Meu avô diz que não devo procurar desculpas e sim tomar o assunto sem mais demora. Por isso, quero dizer a você, Mãezinha, para confiar em Deus e na vida.

Papai é calado e tantas vezes sem manifestações iguais às nossas, mas para ele também estou garatujando esta carta.

Rogo a vocês para não se deixarem dominar pelo sofrimento, embora este conselho deva ser ditado para mim mesmo.

Estamos assim como num telefone direto, em que o fio do lápis vai formando as minhas palavras, sem que eu possa receber as palavras de meus pais queridos, ao mesmo tempo.

Sei tudo o que tem acontecido. Sei, Mãezinha, que a senhora, está sendo considerada uma pessoa em perturbação mental. Mas nós entendemos daqui as suas aflições. Três filhos esmagados quase ao chegarem em casa... E a nossa separação de repente.

Isso transtornaria o cérebro de um gigante, quanto mais os nossos corações sempre ligados pelo carinho.

Desde que acordei aqui, ouço os seus gritos do coração suas palavras que não são faladas, suas preces de aflição no silêncio e suas lágrimas que aí na Terra ninguém vê... Mas peço à senhora, em nome da nossa Sheilinha, do João Batista e em meu nome, para viver e viver com fé em nosso reencontro.

Mamãe, se não fosse a falta que a gente experimenta de casa, se não fosse a voz da senhora e do papai por dentro de mim, eu diria que tudo está bem. Mas posso dizer agora que tudo melhorará, quando melhorarem na paciência e na confiança.

Estamos num parque de crianças que vieram para cá apressadamente. Temos tratamentos, exercícios, lições e muito carinho. Muitos meninos já crescidos ajudam os menores e são auxiliares de enfermeiras queridas que nos amparam, como sendo filhos do coração.

Temos repouso, mas o repouso é atravessado pelas recordações que se fazem tão vivas como se fossem relâmpagos coloridos e parados em nossas lembranças.

Nessas telas da alma, vemos o que se passa à distância e, além disso, suas vozes, Mãezinha, nos alcançam por todos os meios.

Peço a você - a você que é nosso querido anjo da guarda - entregar a Deus os acontecimentos de fevereiro.

Não chore mais com desânimo e aflição.

A senhora, sempre carinhosa e sempre imensamente boa para nós, não choraria mais com tanta angústia se visse a nossa querida Sheila cair de aflição, querendo ir ao seu encontro sem poder...

Ajude-nos, querida Mamãe.

Aqui temos muita gente dedicada ao bem.

A Irmã Luiza nos abençoa - benfeitora que não conheci - e um santo a quem devemos chamar por Irmão Ukuru nos cerca de muito amor, quase todos os dias. O tio Diogo e o avô Joaquim são companheiros que tudo fazem por nosso auxílio. De tia Maria nada sei. Pergunto por ela, mas recebo apenas a notícia de que ela vai bem.

De certo modo ainda não estou muito em mim.

Se tivesse de retomar os estudos aí em casa, creio que não seria possível. Tenho a cabeça assim aflita, como quem não saiu de um susto muito grande e não posso lembrar com muita insistência aquela Veraneio e nem a nossa casa em Perus, porque me sobe uma emoção ao cérebro que dá para tontear; mas o avô Joaquim me diz que tudo vai melhorar quando a senhora e papai estiverem mais fortes.

Nós estamos todos unidos sem que eu saiba como é isso. O pensamento é uma força, mas não sei ainda explicar o que sinto.

Mamãe, não fique parando o olhar em nossas lembranças.

Tudo o que foi nosso - de nós três - dê a outras crianças em nosso nome. Ficará para nós o coração inteirinho, porque a senhora, papai, João Batista, Sheila e eu não nos separamos.

Peça energias para nós nas preces do seu carinho de sempre.

Mamãe, as lágrimas são forças de Deus em nossa vida, e por isso, nenhum de nós está livre de chorar, mas as nossas lágrimas devem ser orações de gratidão e amor, paz e fé.

Um dia estaremos todos juntos, mas não deseje vir para cá como quem força a entrada de uma casa desconhecida.

Pouco a pouco, entenderemos as razões de tudo o que sucedeu. Rogamos para que a ninguém seja atribuída qualquer culpa pelo acidente. O veículo poderia estar sendo guiado por nós. Ninguém cria problemas de trânsito por vontade própria, como no caso em que nos vimos.

Mamãe, queremos a paz de todos.

Ajudem, a senhora e meu pai, a termos paz.

Não se queixem. Vamos cultivar a saudade na igreja do amor ao próximo.

Temos tantos irmãos nas calçadas e nas ruas, pedindo auxílio! Sejam eles, filhos também de seu coração.

Aqui, muitos pais de meninos desamparados oram conosco pelos filhos que sofrem no mundo, mas eu sei que a senhora e meu pai serão auxílio e bênção para esses meninos, filhos de tantos amigos bons que nos amparam aqui.

Não posso continuar.

Mamãe, abençoe os filhos que somos nós aqui, sem você, mas contando sempre com a senhora para ficar mais fortes. Deus nos auxiliará.

Hoje, tenho mais fé.

Em nome dos irmãos e em meu nome, deixo a vocês, em casa, o nosso beijo de respeito e de amor. E recebam, com o abraço do avô Joaquim, todo o coração do filho, sempre filho reconhecido. (Marcos)

Finalizando, lembramos ao leitor o interessante caso que Allan Kardec intitulou "O Fantasma de Bayonne", constante da Revista Espírita de janeiro de 1859, em que são relatadas as manifestações de uma criança desencarnada, registradas na residência de uma família de Bayonne, cidade localizada no Sul da França, perto da fronteira com a Espanha.

Para aclarar os fatos, Kardec evocou o autor espiritual das manifestações, o qual, ao aparecer na Sociedade Espírita de Paris, foi visto com os traços de uma criança entre 10 e 12 anos de idade, cabelos negros e ondulados, tez pálida, olhos negros e vivos, traços esses que coincidiam com os que foram descritos pela irmã do jovem desencarnado quando de suas aparições.

No diálogo com Kardec, o Espírito confirmou ser o irmão daquela jovem, que havia desencarnado na idade de 4 anos.

O interessado em se inteirar de todos os pormenores desse caso pode fazê-lo acessando na internet o texto da Revista Espírita de 1859. Eis o link: <http://goo.gl/764b8v>

31/01/2016

Edição 450

A leitora Ana Carla Sarmiento, de Guarani-MG, em carta publicada nesta mesma edição, pede-nos que falemos um pouco mais sobre a visão que nós, espíritas, temos de Deus. O Criador intervém diretamente em todos os fatos de nossas vidas?

A ideia que o Espiritismo nos dá sobre Deus, a inteligência suprema do Universo, causa primária de todas as coisas, é que o Criador jamais esteve inativo.

O Espiritismo pode ser, pois, catalogado como uma doutrina teísta, não deísta, visto que, como se sabe, o deísmo admite a existência de Deus, destituído, porém, de atributos morais e intelectuais e que pode ou não haver influído na criação do Universo.

A concepção espírita acerca do Criador, idêntica aos ensinamentos que Jesus nos transmitiu, é de que Deus não apenas criou o Universo, mas dele participa ativamente.

Lembremos algumas referências do que Jesus disse sobre o Criador:

"Se me amásseis, certamente havíeis de folgar que eu vá para o Pai, porque o Pai é maior do que eu." (João, 14:28)

"Por esse motivo, os Judeus perseguiram a Jesus e queriam matá-lo, isto é, porque fizera tais coisas em dia de sábado. Mas Jesus lhes disse: Meu Pai trabalha até ao presente e eu também trabalho." (João, 5:16)

"Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Não busco a minha vontade, mas a vontade d' Aquele que me enviou." (João, 5:30)

"Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, porque foi de Deus que saí e foi de sua parte que vim; pois não vim de mim mesmo, foi Ele que me enviou." (João, 8:42)

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Pelo que respeita ao dia e à hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem mesmo o Filho, mas somente o Pai." (Marcos, 13:31)

"Jesus então lhes disse: Ainda estou convosco por um pouco de tempo e vou em seguida para aquele que me enviou." (João, 7:33)

"Havendo Jesus dito estas coisas, elevou os olhos ao céu e disse: Meu Pai, a hora é vinda; glorifica a teu Filho, a fim de que teu Filho te glorifique." (João, 17:1)

"Então, soltando grande brado, Jesus disse: Meu Pai, às tuas mãos entrego o meu espírito. E, tendo pronunciado essas palavras, expirou." (Lucas, 23:46)

Há na principal obra escrita por Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, referências inúmeras que nos permitem entender Deus e sua participação ativa na obra da criação, para a qual ele se vale, evidentemente, de auxiliares, de prepostos, que são os Espíritos já chegados a um determinado grau evolutivo.

Eis algumas dessas referências:

"Quando o homem não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria, quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá." (O Livro dos Espíritos, 11)

"Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial." (L.E., 14)

"Há uma coisa, todavia, que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que logreis figurar o início de sua ação, podereis concebê-lo ocioso, um momento que seja?" (L.E., 21)

"... os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais." (L.E., 87)

"Eles (os Espíritos puros) são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões." (L.E., 113)

"Os Espíritos veem a Deus? – Só os Espíritos superiores o veem e compreendem. Os inferiores o sentem e adivinham." (L.E., 244)

"De que natureza são as suas ocupações? – Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las ao Universo inteiro e velar por que sejam cumpridas." (L.E., 562)

"Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades. O poder deles, porém, está em relação com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. Eis por que as preces que se lhes dirigem só são eficazes, se bem aceitas por Deus." (L.E., 666)

Quanto à ação providencial de Deus em nossa vida recomendamos à leitora que leia o texto intitulado *A Providência Divina*, publicado na edição 13 desta revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/13/esde.html>

Outros aspectos relacionados também à obra da criação foram examinados na edição 248 desta revista, no texto *A Teoria do Design Inteligente e o Espiritismo*. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano5/248/editorial.html> Segundo pensamos, e ali foi dito, tudo nos leva a crer que houve e há, nos chamados processos evolutivos, a intervenção de inteligências extracorpóreas, fato que Emmanuel afirma expressamente em seu livro *A Caminho da Luz*, obra mediúcnica psicografada por Chico Xavier em 1938, muito antes de terem ganhado notoriedade as ideias da moderna corrente de pensamento que entende existir um “designer”, um projetista inteligente, para explicar as maravilhas da Criação.

7/02/2016

Edição 451

Muitos leitores se assustaram quando leram, dias atrás, numa conhecida rede social, um comentário feito por um companheiro de lides espíritas a respeito de Emmanuel, mentor espiritual da obra mediúcnica de Chico Xavier. No comentário, o confrade declarou que Emmanuel é um *“padre jesuíta, membro de uma falange inimiga de Kardec, que se fantasiou de Entidades em nosso meio para acabar com ele”*.

O susto dos leitores se justifica plenamente, em face da importância que teve Emmanuel na obra do maior médium brasileiro, que é querido e respeitado por espíritas e não espíritas, e até mesmo pelos adversários do Espiritismo.

No cap. 23 do livro *Diálogo dos Vivos*, obra publicada em 1974, de autoria de Francisco Cândido Xavier, J. Herculano Pires e Espíritos diversos, Chico Xavier assim escreveu:

“Lembro-me de que, num dos primeiros contatos comigo, Emmanuel me preveniu de que pretendia trabalhar ao meu lado por longo tempo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec.

E disse mais. Que se um dia ele, Emmanuel, me aconselhasse algo que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e Kardec, eu devia permanecer com Jesus e Kardec e procurar esquecê-lo.”

Emmanuel foi, como todos sabemos, na época em que Jesus esteve entre nós, o senador Publius Lentulus e, mais recentemente, no início da colonização do Brasil, padre Manuel da Nóbrega – o tal padre jesuíta mencionado pelo crítico –, ao qual Cneius Lucius dedicou a mensagem intitulada “Emmanuel e Nóbrega”, publicada no livro *Diálogo dos Vivos*, no mesmo capítulo 23, acima mencionado. Eis a mensagem:

“Amparado pelo Apóstolo dos Gentios, conseguiu Publius Lentulus transitar nas avenidas escuras da carne, em existências várias, até encontrar uma posição em que pudesse servir ao Divino Mestre com o valor e o heroísmo daquela que lhe fora companheira no início da Era Cristã. E assim temos em Manuel da Nóbrega o homem de raciocínio elevado, entregue a si mesmo em plena selva, onde tudo estava por fazer.

Noutro tempo, os livros prontos e as tribunas construídas, os direitos de família pré-estabelecidos e o dinheiro fácil, a sociedade constituída e o pedestal do poder para brilhar. Aqui, porém, eram a improvisação

necessária e o deserto, as inibições do corpo deficiente que lhe apagavam a voz de tribuno, a insolência do selvagem recordando as feras do circo, à frente do qual devia imolar-se, consumindo as próprias forças para dar-lhe uma vida nova.

Surgiram ainda a devassidão e o crime, a ignorância e a audácia, os perigos mil que o hábil político transformado em missionário deveria vencer, exibindo não mais a toga do poder e as armas de seus guardas pessoais, e sim o sinal da cruz, sem mais ninguém que não fosse a sua pertinácia nos compromissos assumidos. Entretanto, superou os óbices de toda espécie, lutou, sofreu e venceu, esculpindo com os poderes da ideia cristianizada um povo diferente e um novo mundo dentro do mundo.

Nóbrega podia ter vivido isolado no seu tempo. Contudo, desde cedo agregaram-se a ele multidões de amigos, exaustos de mando, de poder e dominação. E a teia dos destinos vai convertendo em trabalho para a coletividade tudo o que era cristalização do eu, em luz quando era sombra, em liberdade espiritual o que era cárcere físico.

Da rocha surge o diamante, no curso dos milênios. Também a luz divina fluirá de nós um dia, quando a escória estiver abandonada no carvão que servirá de berço a outros diamantes no curso longo e paciente das eras.

O serviço do nosso amigo está longe de acabar. É preciso criar espírito para o gigante – costuma ele dizer. O gigante é a terra em que hoje nos situamos e o espírito é a luz com que devemos continuar erguendo os padrões de fraternidade mais alta e de mais avançado serviço com Jesus, no Brasil todo.

Prossigamos marchando à frente! Anos e dias correrão. Estejamos certos da brevidade de tudo o que se movimenta sobre a terra, para agirmos com segurança e paciência. Para construir é preciso lutar. E para colher é indispensável haver semeado.”

José Herculano Pires comentou a mensagem acima em um texto publicado na mesma obra, com o título “A conversão do gentio”:

“Dura foi a luta pela conversão do gentio. Tão dura que nunca chegou à conclusão

desejada. Nóbrega, Anchieta e seus companheiros de catequese tiveram de enfrentar uma guerra sem tréguas. Nossos índios eram os mais selvagens da América. Sua civilização primitiva não oferecia pontos de contato com a civilização elevada que os jesuítas traziam da Europa. Nóbrega relata, em seu livro *Diálogo da Conversão do Gentio*, as dificuldades insuperáveis com que se defrontavam os padres catequistas. Esse livro marca o início da nossa literatura, no século XVI, e anuncia de maneira simbólica o prosseguimento da catequese de Nóbrega no futuro, através do livro psicografado.

Paulo exerceu o apostolado dos gentios para o Cristianismo. Nóbrega foi o Apóstolo dos Gentios no Brasil nascente, preparando o terreno para o seu apostolado espírita do futuro.

Paulo encarna a transição histórica do Judaísmo para o Cristianismo. E com a sua teoria do corpo espiritual, a que chama de corpo da ressurreição, na I Epístola aos Coríntios, profetiza o advento do Espiritismo. Nóbrega marca a transição do Cristianismo medieval para o

Cristianismo Redivivo da III Revelação, sob a égide do Espírito da Verdade.

'Tudo se encadeia no Universo', ensina *O Livro dos Espíritos*. E a relação espiritual e

histórica entre Paulo e Nóbrega, revelada pela mensagem de Cneius Lucius, dá-nos o exemplo vivo desse encadeamento no campo religioso. Por isso a cidade de São Paulo, fundada por Nóbrega, tem o nome do apóstolo cristão. As malhas da evolução espiritual, tecidas no tempo, mostram o desenvolvimento do Cristianismo em suas três fases culturais e históricas, sem solução de continuidade.

A mensagem de Cneius Lucius foi recebida por Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, a 3 de agosto de 1949. Transcrevemo-la hoje por sua oportunidade, nas comemorações de mais um aniversário da Fundação de São Paulo. (*O autor refere-se aqui ao 420.º aniversário da Capital Paulista, a 25 de janeiro.*)

Mensagem circunstancial, dada a um pequeno grupo de estudiosos, reduzimo-la aos pontos essenciais que revelam as ligações históricas. As dificuldades insuperáveis da conversão do gentio confirmam-se em nossos dias com a eclosão das formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, em que as crenças indígenas e africanas sobrevivem ao nosso redor.

A conversão do gentio prossegue em pleno século XX. As crenças indígenas e africanas misturaram-se às práticas do Cristianismo. A ignorância popular, geralmente secundada pela ignorância-ilustrada, confunde Espiritismo com Umbanda e Candomblé. Publicam-se livros e realizam-se cursos sobre religiões mediúnicas, misturando a Revelação do Espírito da Verdade com danças selvagens, despachos e defumações. Mas Nóbrega prossegue infatigável na catequese evangélica, agora através da psicografia, preparando o triunfo da verdade cristã em benefício de todos."

Quem puder ler o livro *Testemunhos de Chico Xavier*, escrito por Suely Caldas Schubert,

verá, escritos pelo próprio Chico, depoimentos importantes sobre o papel que Emmanuel exerceu em sua vida e em sua obra.

No capítulo intitulado "Aula de Emmanuel sobre os Evangelhos", a autora transcreve parte de entrevista que o médium concedeu a Elias Barbosa quando se comemoravam 40 anos de suas atividades mediúnicas:

"P — Você se reconhece pessoa inteligente, talvez genial como entendem muitos adversários da Doutrina Espírita, sempre interessados em desacreditar o fenômeno mediúnico?

R — Não. Nunca me senti assim. Basta lembrar que fui aluno repetente de quarto ano primário no Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo, nos anos de 1922 e 1923.

P — Mas, você se reconhece atualmente dispo de mais facilidade para falar ou escrever?

R — Sim, não posso esquecer que debaixo da disciplina de Emmanuel, que, por misericórdia de Jesus, me dispensa atenções constantes de um professor (não por mim, mas pela obra do Mundo Espiritual), estou numa escola constante, desde 1931, portanto, há trinta e seis anos

consecutivos. Algum proveito de tantas bênçãos recebidas devo demonstrar.”

Mais adiante, no capítulo intitulado “Desdobramento”, a autora transcreve outra carta de Chico Xavier, escrita em 14/3/1958, na qual o médium dá o seguinte depoimento:

“Ultimamente, estou frequentando, fora do corpo físico, uma noite por semana, uma Escola do Espaço em que o nosso abnegado Emmanuel é professor de Doutrina Espírita. Confesso que é uma experiência maravilhosa. Estou aprendendo o que nunca pensei em aprender e tenho conservado a lembrança do que vejo, com o auxílio dos Amigos do Alto.”

Vimos até aqui algo sobre Emmanuel-professor, Emmanuel-orientador.

No tocante ao Emmanuel-escritor, é bom que todos saibam que em 2000 a Organizações Candeia organizaram uma interessante pesquisa com vistas a eleger os dez melhores livros espíritas publicados no século 20.

Participaram da pesquisa editores, escritores, presidentes de federativas espíritas e dirigentes espíritas em geral. Dos dez livros considerados os melhores do século, sete foram psicografados por Chico Xavier: *Parnaso de Além-Túmulo*, três livros de André Luiz e três de Emmanuel – *Paulo e Estêvão*, *A Caminho da Luz* e *Há dois mil anos*, como o leitor pode conferir acessando na internet o texto intitulado “Os melhores livros espíritas do século 20”. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano4/171/especial2.html>

Sobre Emmanuel, lembramos, por fim, a apreciação que dele fazia José Herculano Pires, o autor espírita mais aclamado e respeitado de nosso país, considerado, aliás, segundo entendimento de Chico Xavier, “o metro que melhor mediu Kardec”. Eis o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=6you07jnkpo>

14/02/2016

Edição 452

Em carta datada de 7 de fevereiro, publicada nesta mesma edição, o leitor Airtton Schmidt de Azevedo tece considerações acerca do Umbral e sobre seu exato significado de acordo com os ensinamentos espíritas. Uma das questões que propõe é se seria válido, como pensam alguns, mas não ele, abolir a palavra Umbral e, em seu lugar, usar o termo Inferno.

É só por total desconhecimento doutrinário que alguém poderia fazer tal substituição.

O Umbral nada mais é que uma região espiritual de transição, a que André Luiz se refere no livro *Nosso Lar*, cap. 12, págs. 71 a 73.

Debatem-se na zona umbralina Espíritos desesperados, infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. Segundo André Luiz, cada Espírito ali permanece o tempo que se faça necessário ao esgotamento dos resíduos mentais negativos, mas seus habitantes separam-se dos encarnados tão somente por leis vibratórias.

O Umbral faz parte do campo magnético da Terra, o qual, segundo alguns autores, estaria dividido em sete regiões ou esferas:

1ª. Umbral “grosso”.

2ª. Umbral médio.

3ª. Umbral superior, que é onde fica a colônia “Nosso Lar”.

4ª. Região da arte, da cultura e da ciência.

5ª. Região do amor fraterno universal.

6ª. Esfera em que se definem as diretrizes do planeta.

7ª. Abóbada estelar.

Sobre o assunto recomendamos ao leitor que leia os textos publicados nesta mesma seção, nas edições 226 - <http://www.oconsolador.com.br/ano5/226/oespiritismoresponde.html> - e 251 - <http://www.oconsolador.com.br/ano5/251/oespiritismoresponde.html> - de nossa revista.

Quanto ao termo Inferno, designa ele, segundo a teologia católica, o lugar ou a situação pessoal em que se encontram os que morreram em estado de pecado, expressão simbólica de reprovação divina e privação definitiva da comunhão com Deus.

Existem entre o Inferno descrito pelos teólogos católicos e o Inferno pagão, descrito e dramatizado pelos poetas, numerosas analogias. Ambos têm o fogo material por base de tormentos, como símbolo dos sofrimentos mais atrozes. Mas os cristãos exageraram em muitos pontos o Inferno dos pagãos. Se estes tinham o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo, eram estes suplícios individuais; os cristãos, ao contrário, têm para todos, sem distinção, as caldeiras ferventes cujos tampos os anjos levantam para ver as contorções dos supliciados, e Deus, sem piedade, ouve-lhes os gemidos por toda a eternidade. Allan Kardec se refere ao assunto no cap. IV, itens 3 a 5, da 1ª Parte do livro *O Céu e o Inferno*.

Se do Inferno proposto pelo Catolicismo ninguém jamais poderá sair, a passagem pela região a que André Luiz deu o nome de Umbral, seja rápida ou seja demorada, será sempre transitória.

Por que um Espírito, ao deixar o corpo material por força da desencarnação, se sujeita a enfrentar tais peripécias?

A resposta a essa pergunta é de fácil compreensão, como o leitor pode conferir consultando o que, a respeito do assunto, escreveu Cairbar Schutel no livro *A Vida no Outro Mundo*, publicado originalmente em 1932, antes, pois, do surgimento das obras de Emmanuel e André Luiz.

Segundo Cairbar, há no Outro Mundo diversos planos de existência, e não poderia ser de outro modo, porque os Espíritos, revestidos de seu corpo espiritual, não podem viver num meio que não esteja de acordo com sua vestimenta espiritual, que vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade. Uma região isenta de oxigênio seria hostil a Espíritos ainda necessitados de oxigênio. Os círculos que envolvem a Terra se diferenciam pela fluidez da matéria que os compõe. (Cf. *A Vida no Outro Mundo*, 5ª. edição, pp. 82, 83, 85 e 107.)

Não existe, como se vê, semelhança nenhuma – salvo o remorso, a dor, o sofrimento – entre Inferno e Umbral. O primeiro, consoante ensina a teologia católica, é o destino final e definitivo da alma pecadora. O segundo nada mais é que uma região de transição, de readaptação, de preparo para voos mais altos rumo à perfeição, meta que Deus assinalou para todos os seus filhos, sem exclusão de nenhum.

21/02/2016

Edição 453

Em mensagem enviada a esta revista no dia 12 de fevereiro e publicada na seção de Cartas desta mesma edição, a leitora Jurema Munhoz, de São Paulo

(SP), pede-nos que comentemos o conceito de sacrifício, à luz da doutrina espírita. Na carta ela faz referência também a alguns sacrifícios que, embora seja espírita, vem fazendo durante o período da chamada Quaresma.

Para os não afeitos à liturgia católica, lembramos que a Quaresma faz parte do ano litúrgico e compreende os 40 dias que vão da quarta-feira de cinzas até o domingo de Páscoa, período esse que deve ser destinado, por católicos e ortodoxos, à penitência. É aí, então, que dentro da penitência surge a ideia da realização de sacrifícios.

O vocábulo sacrifício tem, conforme a etimologia, o sentido de se “fazer alguma coisa sagrada”. Em seu sentido primitivo e unicamente religioso, representa uma oferenda que se faz à Divindade por meio de rituais. A oferenda pode ser representada por uma pessoa, por um animal ou ainda por produtos de origem vegetal ou outros objetos.

O propósito declarado do sacrifício varia muito entre as diferentes culturas. Por extensão, pode ele ser considerado como uma renúncia ou privação voluntária de alguma coisa, como a privação dos gozos inúteis, que a doutrina espírita considera ato meritório, porque desprende da matéria o homem e eleva sua alma.

Resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis, tirar do que temos para dar aos que carecem do bastante, fazer o bem aos nossos semelhantes – eis algumas práticas que apresentam grande mérito dentro do rol das chamadas privações voluntárias.

A realização de sacrifícios religiosos está geralmente relacionada com as mortificações e as penitências. O verbo mortificar é sinônimo de afligir, atormentar, castigar, macerar o próprio corpo com penitências. A mortificação ocorreria devido ao arrependimento ou à dor resultante do pecado cometido.

Em função do arrependimento, certas autoridades religiosas impõem uma pena ao arrependido para remissão de seus pecados, pena essa representada por jejuns, orações, macerações do corpo e outras tantas mortificações inerentes às manifestações de culto externo.

Em seu livro “Elucidações Evangélicas”, Sayão examina o assunto “penitência” e diz que essa prática é, segundo algumas religiões, necessária ao pecador que não deseja agravar sua culpa e tornar-se, por conseguinte, passível de maiores castigos.

A penitência, tal como a entendia Jesus, não consiste, porém, na reclusão em claustros, nos cilícios e em outras tribulações materiais. Ela consiste no arrependimento sincero e profundo e no propósito firme em que a criatura se coloca de não tornar a cometer as faltas que a arrastaram à mísera condição humana e esforçar-se por repará-las.

O Espírito penitente – afirma Sayão – “absorve-se todo na oração e na vigilância que Jesus recomendava e que formam uma espécie de antemural às ondas de paixões que nos lançam no abismo do infortúnio”.

No intuito de obter favores ou mesmo agradar a Deus ou aos Bons Espíritos, algumas pessoas executam determinadas ações ou se impõem certas privações a que chamam de promessa. Ora, as promessas já tiveram sua época e já vai distante o tempo das supersticiosas imposições da teocracia. Ao seu reinado sucedeu o império da inteligência e da razão, únicos fundamentos inabaláveis da fé esclarecida e ativa. Sacrifícios, mortificações e promessas são, portanto, manifestações materiais do culto externo, praticadas por pessoas ainda distantes das verdades espirituais.

Falando sobre a mortificação e seu mérito, aconselham os Espíritos superiores: "Procurai saber a que ela aproveita". "Se somente serve para quem a pratica e a impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam de colori-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã." (*O Livro dos Espíritos*, 721.)

Debilitar o corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, torturar e martirizar voluntariamente o corpo material são atos que, evidentemente, contrariam a lei de Deus, porquanto enfraquecer o veículo corpóreo sem necessidade é verdadeiro suicídio.

Sobre o tema sugerimos à leitora que consulte, também, as questões 669 a 673 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

28/02/2016

Edição 454

Um amigo pergunta-nos se existe relação entre paganismo e politeísmo.

Antes de responder, é importante lembrar que politeísmo implica a crença em uma pluralidade de deuses ou a adoração de mais de um deus.

Como tal crença surgiu e floresceu no mundo em que vivemos?

Segundo lemos na questão 667 d' *O Livro dos Espíritos*, a concepção de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias.

A palavra Deus tinha, entre os antigos, acepção muito ampla e não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da vida. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade, o que é fácil de verificar estudando atentamente os atributos das divindades pagãs.

Entre os vários fatores responsáveis pela crença na multiplicidade de deuses devemos salientar: a) a personificação das forças da natureza e sua conseqüente elevação ao reino da divindade; b) a divinização de antepassados e heróis; c) a centralização política dos grandes Estados, provocando a fusão e a unificação de culturas e crenças.

Disso derivaram os três principais sistemas do politeísmo: a idolatria – adoração de muitos deuses personificados por ídolos grosseiros; o sabeísmo – culto dos astros e do fogo; e o feiticismo ou fetichismo – adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder.

O vocábulo paganismo é comumente utilizado como sinônimo de politeísmo. Em essência, ele o é mesmo, mas, do ponto de vista histórico e teológico, não. Quando os governantes de Roma consagraram o Cristianismo como a nova religião do Império Romano, os não cristãos foram chamados de pagãos – adeptos do paganismo. Acabaram então sendo generalizados como pagãos tanto os politeístas propriamente ditos como os monoteístas não cristãos.

Estudando as origens do politeísmo e do paganismo, Emmanuel em seu livro *A Caminho da Luz* diz que a gênese de todas as religiões da Humanidade teve origem no coração de Jesus, em face, evidentemente, de ser ele o diretor espiritual do orbe terrestre. Devido a isso, de tempos em tempos, o Mestre tem enviado mensageiros à Terra para ensinar e difundir as verdades evangélicas, que são recepcionadas e interpretadas segundo o nível evolutivo de cada época. A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, como a dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos, está alumada pela luz dos seus poderosos emissários e muitos deles tão bem se houveram no

cumprimento dos seus deveres, que foram havidos como sendo o próprio Cristo em reencarnações sucessivas e periódicas.

Sobre o assunto, sugerimos aos interessados que leiam as questões 667 e 668 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

6/3/2016

Edição 455

Várias pessoas nos perguntaram qual a nossa opinião a respeito da palestra proferida pelo confrade Jacob Melo em Londrina, no dia 20 de fevereiro, sobre o tema Magnetismo e Espiritismo.

Eis o que lhes respondemos:

Foi excelente! Dentro do propósito que ele objetivou, não poderia haver palestra melhor. Ocorre que o palestrante focalizou tão somente uma das formas de magnetismo tratadas por Allan Kardec: o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano. E nada falou sobre magnetismo espiritual e sobre magnetismo humano-espiritual, ou misto, que é a ação magnética praticada na Casa Espírita.

O assunto é tratado pelo codificador da doutrina espírita no cap. XIV, item 33, do livro *A Gênese*, adiante reproduzido:

33. - A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

3º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o magnetismo misto, semiespiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.

Sobre o concurso dos Espíritos, citado no texto acima, lemos no cap. XIV de *O Livro dos Médiuns*, de autoria de Allan Kardec:

176. Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

1ª. Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

"Não há que duvidar."

2ª. Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

"É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

É fácil perceber que, ignorando os ensinamentos acima, qualquer exposição doutrinária acerca do tema Magnetismo e Espiritismo peca por sua insuficiência e transmite ao ouvinte a ideia de que o tema magnetismo, tão caro ao codificador do Espiritismo, que o praticou por cerca de 35 anos, não foi tratado em profundidade por Kardec e por outros estudiosos espíritas, encarnados e desencarnados, como André Luiz, Emmanuel, Manoel Philomeno de Miranda, Edgard Armond, Roque Jacintho e José Herculano Pires, entre outros.

Aludindo ao socorro espiritual que o magnetizador espírita recebe para que possa auxiliar uma pessoa enferma, Mesmer (Espírito) escreveu em 18/12/1863, na Sociedade Espírita de Paris:

"Esse socorro que (Deus) envia são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente." (...) "Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos". (*Revista Espírita de janeiro de 1864, Edicel, pág. 7.*)

Aludindo ao tema, Allan Kardec escreveu:

"Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e querer o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre a dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer um, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maior parte dos médiuns curadores inconscientes, os que não se dão conta de sua faculdade, e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se entreadjudam orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência desta ou daquela fórmula." (*Revista Espírita de setembro de 1865, Edicel, pág. 254.*)

Em 8 de março de 1940, na primeira vez em que um livro psicografado por Chico Xavier tratou do tema, Emmanuel concluiu sua obra intitulada *O Consolador*, publicada em 1941 pela FEB, na qual respondeu a duas perguntas objetivas a propósito do passe e sua aplicação:

98 – Nos processos de cura, como deveremos compreender o passe?

“Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença de que os recursos orgânicos são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais.”

99 – Como deve ser recebido e dado o passe?

“O passe poderá obedecer à fórmula que forneça maior porcentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe. Devemos esclarecer, todavia, que o passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação.”

Foi, portanto, com base nas orientações acima reproduzidas que José Herculano Pires, o autor espírita de maior renome no meio espírita brasileiro, escreveu:

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações." (*Obsessão, o passe, a doutrinação, editora Paideia, págs. 35 a 37.*)

13/3/2016

Edição 456

Um leitor de nossa revista, grande estudioso da Obra de Allan Kardec, apresentou-nos uma questão bastante interessante. Disse-nos ele:

Peço-lhe, se possível, me ajudar a entender esta questão: Na pergunta 780 de *O Livro dos Espíritos* é dito que o progresso moral decorre do progresso intelectual, mas nem sempre o segue imediatamente. Desse modo, conclui-se que o Espírito progride primeiro intelectualmente e em seguida moralmente. Mas no item 108 da mesma obra, ao referir-se aos Espíritos Benévolos, é dito que se incluem nessa classe Espíritos que progrediram mais no sentido moral do que no sentido intelectual. Não existe contradição entre as informações citadas? Como pode o progresso realizar-se mais no moral que no intelectual?

Que o progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual, eis um fato conhecido e mencionado em diversas obras espíritas. Há no mundo em que vivemos indivíduos extremamente cultos e inteligentes, capazes, no entanto, das maiores torpezas.

Há quem entenda que o descompasso não decorreria apenas da dificuldade de aquisição da virtude, se comparada à maior facilidade de aquisição do conhecimento, mas, sobretudo, da falta de interesse das próprias pessoas em se desenvolverem moralmente.

Muitos pais, talvez em sua grande maioria, se esforçam por colocar o filho na melhor escola e nos melhores cursos – línguas, natação, música, judô –, mas não os ensinam a orar nem os levam à escolinha de moral que as diferentes religiões oferecem, sem custo nenhum, às nossas crianças. Esse comportamento tem sido visto com frequência até mesmo nas famílias espíritas.

Em face disso, é natural que o progresso intelectual seja conquistado em primeiro lugar, vindo mais tarde, a reboque dele, o chamado progresso moral, visto que um e outro são indispensáveis para que a criatura humana atinja a meta para a qual foi criada.

Emmanuel referiu-se a isso na questão 204 do seu livro *O Consolador*, adiante reproduzida:

204 – A alma humana poder-se-á elevar para Deus, tão somente com o progresso moral, sem os valores intelectivos?

“O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita. No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas.” (*Obra e questão citadas.*)

Quanto às características dos Espíritos Benévolos, mencionadas nas questões 97 e 98 e nos itens 107 e 108 d’*O Livro dos Espíritos*, é bom ter em mente que estamos falando de Espíritos já chegados a um certo grau evolutivo.

Fazem eles parte da chamada segunda ordem, os Bons Espíritos:

“Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina.” (L.E., 97)

“Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas.” (L.E., 98)

“Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os seus semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição.” (L.E., 107)

“Hão progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual.” (L.E., 108)

Não estamos falando, portanto, de Espíritos ignorantes, mas de Espíritos que já incorporaram ao seu psiquismo qualidades intelectuais e morais, embora tenham até então dado ênfase maior ao adiantamento moral, o que pode haver decorrido de uma sucessão de provas e de experiências em que pouco se conquista no tocante ao intelecto, mas muito no tocante ao sentimento.

Madre Teresa de Calcutá e Albert Einstein, só para citar dois vultos conhecidos do mundo em que vivemos, são exemplos de grandes benfeitores da Humanidade que deixaram marca profunda de sua passagem pelo orbe, cada qual na esfera de preocupações e interesses que identificam com perfeição as duas asas a que Emmanuel se referiu.

20/3/2016

Edição 457

Na seção de Cartas da edição 453 desta revista, publicada em 21/2/2016 - <http://www.oconsolador.com.br/ano9/453/cartas.html> -, Fernando P. Ribeiro, de Bagé (RS), fez inúmeras considerações a respeito do termo expiação, que ele entende ser de origem católica.

De sua mensagem, destacamos o trecho abaixo:

“Falar que tenho que resgatar minhas dívidas (e tenho) através da dor e do penar seria desconhecer e analisar a sublime essência do amor que paga dívidas escuras e faz nascer novo dia (sempre) nos horizontes da alma.

Creio que a casa do amado Pai é mais generosa que qualquer figuração de magnanimidade que até hoje apresentou-se no mundo, pelo pensamento religioso!

Cada caso é um caso; mas penso que estamos aqui para nosso aperfeiçoamento e nossa programação é para superar e não criar obstáculos e sombras! Afinal nosso Mestre é Jesus, que nos envia tudo o que é da Vontade do Pai!”

A primeira vez que o termo expiação apareceu na principal obra espírita – *O Livro dos Espíritos* – tal se deu na parte VI da Introdução do mencionado livro, em que Allan Kardec nos apresenta um resumo dos pontos principais da doutrina espírita:

“Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros, como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral.” (*O Livro dos Espíritos*, Introd., VI.)

Outra referência ao termo expiação verificou-se no final do resumo a que nos reportamos:

“... (eles) ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.” (Obra citada, *ibidem*.)

A partir daí o termo expiação aparece 37 vezes ao longo das questões que constituem *O Livro dos Espíritos*, a saber: questões ou itens n. 113, 132, 167, 178, 199, 224, 246, 262, 264, 267, 273, 313, 337, 373, 374, 399, 602, 676, 720, 724, 746, 770, 872, 891, 920, 931, 934, 940, 949, 953, 983, 984, 986, 987, 998, 999 e 1.013, fato que nos parece natural tendo em vista a natureza do mundo em que vivemos – um planeta de expiação e provas, como é expressamente dito na questão 931 d’*O Livro dos Espíritos* e no cap. III, item 4, d’*O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Apesar da natureza do nosso orbe, Kardec, reportando-se à condição da Terra, fez uma observação importante que é preciso aqui recordar:

“Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 9.)

Inerente, como vimos, à condição dos habitantes da Terra, não é difícil compreender, lendo as obras de Kardec acima citadas, que a expiação nem sempre se manifesta com objetivo de ajuste ou punição, visto que em muitos casos trata-se apenas de uma medida educativa, o que nos parece muito claro no ensinamento abaixo reproduzido:

262, “a” – Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus?

“Deus sabe esperar, não apressa a expiação. Todavia, pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 262 “a”.)

Além da tolerância mencionada no trecho acima, é bom lembrar que a bondade de Deus se nos revela também, atenuando os rigores de uma possível expiação, ao admitir que o mal que praticamos possa ser, pelo menos em parte, anulado

pelo bem que fazemos, como o apóstolo Pedro nos ensina em sua primeira carta apostólica:

“Antes de tudo, mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados.” (1ª Pedro 4:8.)

É como Divaldo Franco costuma dizer em suas palestras: “O bem que fazemos anula o mal que fizemos”.

Nosso futuro, feliz ou infeliz, depende, pois, exclusivamente de nós e de nosso comportamento perante Deus, perante o próximo e perante nós mesmos.

27/3/2016

Edição 458

Uma leitora pergunta-nos o que é fluidoterapia e qual a diferença entre a ação magnética realizada nos trabalhos ditos de fluidoterapia e os passes magnéticos ministrados regularmente nas Casas Espíritas.

Fluidoterapia é nome que se dá ao tratamento feito com fluidos. Compreende a ação magnética expressa pelos chamados passes, pelas irradiações ou vibrações e pela magnetização ou fluidificação da água.

Allan Kardec, que conheceu e praticou o magnetismo por 35 anos, como ele mesmo informou em texto publicado na Revista Espírita, não usou em sua obra o termo fluidoterapia, mas sim a expressão “ação magnética”, que ele examinou em todas as suas minúcias no cap. XIV, item 33, do livro *A Gênese*, adiante reproduzido:

33. - A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

3º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o magnetismo misto, semiespiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.

A respeito do concurso dos Espíritos, mencionado no texto acima, lemos no cap. XIV de *O Livro dos Médiuns*, de autoria de Allan Kardec:

176. Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto:

2ª. Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

"É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

O socorro espiritual que o magnetizador espírita recebe para que possa auxiliar uma pessoa enferma foi objeto também de uma mensagem transmitida por Mesmer (Espírito), em 18/12/1863, na Sociedade Espírita de Paris:

"Esse socorro que (Deus) envia são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente." (...) "Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos". (*Revista Espírita de janeiro de 1864, Edicel, pág. 7.*)

Para utilizar tais recursos é preciso ser magnetizador? Allan Kardec elucidou essa questão no texto abaixo reproduzido:

"Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e querer o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre a dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer um, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maior parte dos médiuns curadores inconscientes, os que não se dão conta de sua faculdade, e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se entreadjudam orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência desta ou daquela fórmula." (*Revista Espírita de setembro de 1865, Edicel, pág. 254.*)

Emmanuel, em sua conhecida obra *O Consolador*, publicada em 1941 pela FEB, respondeu a duas perguntas objetivas a propósito do passe e de sua aplicação

nos processos de cura, que é um dos objetivos dos trabalhos ditos de fluidoterapia:

98 – Nos processos de cura, como deveremos compreender o passe?

“Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença de que os recursos orgânicos são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais.”

99 – Como deve ser recebido e dado o passe?

“O passe poderá obedecer à fórmula que forneça maior porcentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe. Devemos esclarecer, todavia, que o passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação.”

Foi assim, com base nas orientações citadas, que José Herculano Pires, o autor espírita de maior renome no meio espírita brasileiro, escreveu:

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações." (*Obsessão, o passe, a doutrinação*, editora Paideia, págs. 35 a 37.)

Respondendo, então, à pergunta da leitora, entendemos que a ação magnética utilizada nas Casas Espíritas é do tipo misto, em que, conforme vimos, há participação de Espíritos, que aumentam a vontade e a força magnética, dão qualidade aos fluidos do médium passista, e os dirigem, de modo que atinjam no paciente a área necessitada de tratamento.

A diferença entre o passe dado nas câmaras e o passe ministrado nas chamadas reuniões de fluidoterapia está na intensidade, na duração, mas o mecanismo é o mesmo.

Nas reuniões ditas de fluidoterapia, o grupo espírita sabe com quem está lidando. Afinal, as pessoas informam, na entrevista inicial, qual o motivo que as levou até o grupo espírita. Desse modo, é razoável admitir que os médiuns

direcionem as mãos sobre os chacras do enfermo, atendendo a uma possível inspiração, sem necessidade, porém, do contato físico.

Sobre contato físico entre médium e paciente, e sua inconveniência, há inúmeras referências em livros escritos por Emmanuel, André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda, José Herculano Pires, Edgard Armond, Roque Jacintho, bem como na Orientação ao Centro Espírita editada pelo Conselho Federativo Nacional e, também, na orientação sobre passes constante do COEM – Centro de Orientação e Educação Mediúnica, programa de estudo da mediunidade muito conhecido e no qual o "Nosso Lar" fundamenta suas atividades mediúnicas desde o final da década de 1970.

3/4/2016

Edição 459

Uma leitora de Minas Gerais, que nos solicitou ficasse no anonimato, enviou-nos a seguinte pergunta: "Os Espíritos das trevas podem ou conseguem comandar/dirigir um processo reencarnatório?"

Antes de responder-lhe, consultamos alguns colaboradores de nossa revista que se notabilizam pelo seu profundo conhecimento das obras básicas e complementares da doutrina espírita. A resposta que ora damos à leitora é, pois, uma síntese dos estudos que fizemos, com a importante participação dos estudiosos a que nos referimos.

A finalidade da reencarnação está explicitada nas questões 166 a 171 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, adiante reproduzidas:

166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

"Sofrendo a prova de uma nova existência."

a) Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

"Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal."

b) A alma passa então por muitas existências corporais?

"Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles."

c) Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

"Evidentemente."

167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?

"Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?"

168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

"A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal."

169. É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?

“Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito.”

170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”

171. Em que se funda o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Nota-se com facilidade que a reencarnação tem por fim o progresso da criatura humana e, como tal, se insere na Lei de Justiça, que é supervisionada por Espíritos superiores, prepostos de Jesus, modelo e guia da Humanidade e governador espiritual do mundo em que vivemos.

Caso não existisse o processo reencarnatório, verificar-se-ia a estagnação no processo evolutivo, visto que aspectos importantes e mesmo fundamentais na aquisição do conhecimento e no aprimoramento do sentimento só podemos encontrar nas experiências relativas ao estado de encarnação. O envelhecimento, as doenças, os desafios do lar, a luta pelo pão de cada dia, as filas, o desemprego, a perda dos entes queridos e a própria morte corpórea – eis exemplos de fatos ou acontecimentos só possíveis nas experiências reencarnatórias.

A reencarnação tem, pois, um propósito definido que jamais será de punição ou castigo, mas de oportunidades com vistas ao melhoramento da criatura humana, ainda que esse objetivo necessite eventualmente, para operar-se, do contributo da dor.

Encontra-se, assim, a reencarnação, em sua generalidade, ligada aos planos superiores que regulam a vida do planeta, o que não exclui a hipótese de estar o processo reencarnatório, em alguns casos, enraizado nos planos inferiores, como é mencionado pelo Instrutor Druso no cap. 3 do livro *Ação e Reação*, obra mediúnica escrita por André Luiz por intermédio de Francisco Cândido Xavier. A uma pergunta de André Luiz – se há reencarnações em perfeita conexão com os planos infernais – Druso afirmou que sim, explicando que tais renascimentos na carne possuem geralmente característicos de trabalho expiatório, sendo tais empreendimentos planejados e executados a partir dali mesmo, ou seja, da colônia espiritual onde eles se encontravam, por benfeitores credenciados para agir e ajudar em nome do Senhor.

Em outro livro de sua lavra – *Missionários da Luz*, cap.12 – André Luiz nos informa que grande percentagem de reencarnações na Crosta se processa em moldes padronizados para todos, no campo de manifestações puramente evolutivas. Evidentemente, boa parte não obedece ao mesmo programa, motivo pelo qual as colônias espirituais mais elevadas mantêm serviços especiais para a reencarnação de trabalhadores e missionários.

Quanto à questão proposta pela leitora, entendemos que pode haver, sim, reencarnações programadas em conexão com as trevas. Mas, por trás do fato, sem que seus condutores o saibam, existe sempre, supervisionando o processo, a ação dos Espíritos protetores.

Divaldo Franco, no seminário Tormentos da Obsessão, baseado na obra de Manoel Philomeno de Miranda, narra um fato interessante pertinente ao tema:

Faz muitos anos, eu estava psicografando o livro *Dimensões da Verdade*, de Joanna de Ângelis, e há um capítulo muito curioso nesse livro (penso que é o 4º capítulo) em que Joanna de Ângelis narra que muitas vezes entidades são programadas para reencarnarem em meios nobres para criarem embaraços. E que essas entidades seriam encarnadas por técnicos espirituais afeiçoados à perversidade. Tratar-se-ia de espíritos muito intelectualizados, sem desenvolvimento moral, que enviariam à Terra os seus cômpanes para criarem situações embaraçosas. Por exemplo: determinada doutrina do pensamento aparece, enriquecedora para a humanidade e esses espíritos reencarnariam para torpedeá-la, criarem dissensões, divisões, para gerarem controvérsias dentro daquela doutrina. No caso em tela, o Espiritismo é uma doutrina libertadora e uma pessoa dita espírita se apegaria a determinados ângulos só para criar embaraços. São aqueles aos quais chamamos "donos da verdade". Só eles é que sabem tudo. Só eles é que são dignos de respeito e de méritos. Sua função é vigiar os outros, mas não fazem nada. Podem ser excelentes intelectuais, porém jamais desceram do trono da sua vacuidade para serem humanos, para estenderem a mão, para participar.

Então dizia Joanna de Ângelis, àquela época, que indivíduos que tais estavam vinculados a estes grandes mentores da perversidade e eram por eles reencarnados. Isso me criou um pouco de confusão mental. Mas eu aceitei e aguardei o tempo.

Oportunamente, conhecendo determinado cidadão e vendo-lhe a forma de interpretar os conceitos lógicos do Espiritismo, a maneira como ele complicava a coisa e como era armado contra tudo e contra todos, perguntei-lhe:

— O senhor é mesmo espírita? O senhor leu, por acaso, "O Evangelho segundo o Espiritismo"?

E ele respondeu-me:

— Não me venha para cá com "O Evangelho segundo o Espiritismo"! Allan Kardec escreveu essa obra para agradar a Igreja...

Então voltei a perguntar:

— E "O Livro dos Espíritos"? O senhor já leu?

Ele disse-me enfaticamente:

— Ah! Esse é fundamental!

Eu então redargui:

— Mas Jesus está lá, meu senhor... Todo o terceiro livro, que são as Leis Morais, é daí que saiu o Evangelho! E o quarto livro, donde nascem as esperanças e consolações, nos dão as obras terminais, especialmente "A Gênese" no seu caráter interpretativo das lições de Jesus...

Ele então me olhou com um certo escárnio, tão cruel que me desmontou.

Nesse momento Joanna me disse: - É um dos que foram programados para criar embaraços...

Então ele havia sido programado por entidades perversas.

Em uma reunião mediúnica nossa, ela trouxe um dos técnicos desencarnados para se comunicar. O doutrinador ficou embaraçado. Ele impedia que o doutrinador falasse, exibia uma argumentação muito volumosa no som, mas sem nenhum conteúdo e, quando ele se afastou, Joanna me disse que ele tinha a pretensão de ser um programador de reencarnação. Só que ele é o efeito da Bondade Divina. Acima dele está a Misericórdia Divina que o permite, pois as criaturas o necessitam.

Então estava claro: Ele poderia agir porque o Senhor da Vida permite que assim seja, face as nossas necessidades. Então não seria de estranhar que esses espíritos perversos, provindos de regiões de muita maldade, que os católicos chamam de inferno, se acreditem possuidores de uma força incomum. No entanto, possuem-na porque lhes é concedida temporariamente para que se tornem agentes da Lei. Eles são os braços da Lei Maior em ação, até quando à Lei ou a Deus interesse esse processo. Ao final, esses espíritos também serão "absorvidos" pela reencarnação. Daí os obsessores reencarnam-se como qualquer um de nós outros.

Esperamos que as explicações acima possam contribuir de alguma forma para o esclarecimento da leitora e de todos os que se interessem pelo tema examinado.

10/4/2016

Edição 460

Vários leitores, tendo em mãos o especial **O Consolador completa 9 anos e dez milhões de acessos**, publicado na semana passada, perguntam-nos quais são os 64 livros estudados nas edições da revista e como proceder para terem acesso a esses estudos.

Eis as informações solicitadas pelos leitores:

Título	Obras
Obras de Allan Kardec	18
Clássicos do Espiritismo	23
Obras de André Luiz	15
Obras de Manoel Philomeno de Miranda	8
Total	64

Os títulos das 64 obras estudadas metódica e sequencialmente em nossa revista, bem como as edições em que foram publicados os estudos, aqui estão:

1. Obras de autoria de Allan Kardec:

1. O Livro dos Médiuns – edições 1-22
2. O que é o Espiritismo – edições 23-36
3. Revue Spirite de 1858 – edições 37-44
4. Revue Spirite de 1859 – edições 45-54
5. Revue Spirite de 1860 – edições 55-65
6. Revue Spirite de 1861 – edições 66-79
7. Revue Spirite de 1862 – edições 80-95
8. Revue Spirite de 1863 – edições 96-111
9. Revue Spirite de 1864 – edições 112-137
10. Revue Spirite de 1865 – edições 138-157
11. Revue Spirite de 1866 a 1869 – edições 158-208.

12. O Livro dos Espíritos – edições 209-250
 13. O Livro dos Médiuns – edições 251-294
 14. O Evangelho segundo o Espiritismo – edições 295-331
 15. O Céu e o Inferno – edições 332-361
 16. A Gênese – edições 362-422
 17. O que é o Espiritismo – edições 423 a 441
 18. Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas – edições 442 a 454.
2. Clássicos do Espiritismo:
1. A Crise da Morte (Ernesto Bozzano) – edições 1-8
 2. Depois da Morte (Léon Denis) – edições 9-20
 3. A Reencarnação (Gabriel Delanne) – edições 21-30
 4. Por que creio na imortalidade da alma (Oliver Lodge) – edições 31-41
 5. O Grande Enigma (Denis) – edições 42-51
 6. O Fenômeno Espírita (Delanne) – edições 52-63
 7. Cristianismo e Espiritismo (Denis) – edições 64-81
 8. A Alma é Imortal (Delanne) – edições 82-108
 9. O porquê da vida (Denis) – edições 109-121
 10. A evolução anímica (Delanne) – edições 122-138
 11. Memórias do Padre Germano (Amalia Domingo Soler) – edições 139-158
 12. O Tesouro dos Espíritas (Miguel Vives) – edições 159-174
 13. Fenômenos de Transporte (Bozzano) – edições 175-183
 14. Socialismo e Espiritismo (Denis) – edições 184-193
 15. A Caminho da Luz (Emmanuel) – edições 194-207
 16. O Espiritismo perante a ciência (Delanne) – edições 208-251
 17. A morte e seus mistérios (Bozzano) – edições 252-275
 18. A personalidade humana (F. Myers) – edições 276-325
 19. No Invisível (Léon Denis) – edições 326-375
 20. Fatos espíritas (William Crookes) – edições 376-397
 21. Os mortos nos falam (François Brune) – edições 398-409
 22. Vida e Sexo (Emmanuel) – edições 410-423
 23. Médiuns e mediunidade (Cairbar Schutel) – 424-443.
3. Obras de autoria de André Luiz:
1. Nosso Lar – edições 1-12
 2. Os Mensageiros – edições 13-24
 3. Missionários da Luz – edições 25-44
 4. Obreiros da Vida Eterna – edições 45-62
 5. No Mundo Maior – edições 63-89
 6. Libertação – edições 90-123
 7. Entre a Terra e o céu – edições 124-161
 8. Nos Domínios da Mediunidade – edições 162 a 200
 9. Ação e Reação – edições 201 a 236
 10. Evolução em Dois Mundos – edições 237 a 281
 11. Sexo e Destino – edições 282 a 315
 12. E a Vida Continua... – edições 316 a 343
 13. Mecanismos da Mediunidade – edições 344 a 395
 14. Desobsessão – edições 396 a 419
 15. Conduta Espírita – edições 420 a 447.
4. Obras de autoria de Manoel Philomeno de Miranda:

1. Nos Bastidores da Obsessão – edições 209-225
2. Grilhões partidos – edições 226-246
3. Tramas do destino – edições 247-274
4. Nas Fronteiras da Loucura – edições 275-300
5. Painéis da obsessão – edições 301-329
6. Temas da Vida e da Morte – edições 330-353
7. Loucura e obsessão – edições 354-393
8. Trilhas da libertação – edições 394-433.

Como proceder para obter os estudos?

Para isso, é necessário acessar a edição desejada. Todas as edições da revista estão disponíveis; basta um simples clique. No alto das páginas da revista há um *link* intitulado “Edições anteriores”. A partir dele, o leitor chega à edição pretendida.

Digamos que o interesse é a lição inicial do livro “Sexo e Destino”, de André Luiz. O estudo dessa obra começou na edição 282. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano6/282/estudandoaserieandreluiz.html>

Esta revista foi concebida para ser lida na Web, pelo computador, pelo tablete ou dispositivo equivalente. Mas, evidentemente, se o leitor desejar, ele pode imprimir a página e usar o material no seu grupo de estudo, como, aliás, muitos já fazem.

Como os diretores da revista já disseram em mais de uma oportunidade, todas as matérias publicadas em **O Consolador** podem ser baixadas e reproduzidas à vontade, porque o nosso propósito é a divulgação dos ensinamentos espíritas por todos os meios válidos e legalmente permitidos.

17/4/2016

Edição 461

Um companheiro de lides espíritas pede-nos que comentemos a visão espírita acerca da chamada propriedade real. E indaga: Afinal, somos proprietários ou simples usufrutuários dos bens de que dispomos na vida?

A doutrina espírita apresenta-nos, como sabemos, uma visão diferente quanto ao conceito que nós, seres humanos, temos aprendido relativamente ao tema propriedade.

Segundo essa visão, só possuímos em plena propriedade aquilo que podemos levar deste mundo. Por conseguinte, tudo que é relativo à matéria não nos pertence realmente. Trata-se de mero empréstimo, de um depósito que deveremos restituir ao verdadeiro dono, finda nossa estada neste mundo.

Aquele que na Terra recebeu o nome de Pascal examinou o assunto na mensagem seguinte:

“O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece. Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: **a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais**. Isso é o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura.

Quando alguém vai a um país distante, constitui a sua bagagem de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura; aprovisionai-vos de tudo o de que lá vos possais servir.

Ao viajante que chega a um albergue, bom alojamento é dado, se o pode pagar. A outro, de poucos recursos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir numa enxerga.

O mesmo sucede ao homem, à sua chegada no mundo dos Espíritos: depende dos seus haveres o lugar para onde vá. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinhas na Terra? Que posição ocupavas? Eras príncipe ou operário? Perguntar-lhe-ão: Que trazes contigo? **Não se lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, pode o operário ser mais rico do que o príncipe.**

Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responder-lhe-ão: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, hás podido comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. És pobre delas? Vai para um dos da última, onde serás tratado de acordo com os teus haveres. – Pascal, Genebra, 1860. (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVI, item 9.*) (Grifamos.)

Inteligência, conhecimentos, qualidades morais – eis a nossa verdadeira propriedade. Ampliar esse tesouro – o único que podemos conservar e levar conosco – deve ser, por conseguinte, o nosso objetivo, a meta fundamental de nossa existência.

24/4/2016

Edição 462

A leitora Maria Fernanda N. Lorenzo, de São Paulo, SP, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos se existe diferença entre fé e crença e em que livros podemos ler algo a respeito.

O termo “fé” tem várias acepções. No sentido comum, significa a confiança do indivíduo em si mesmo, pois os que disso são dotados são capazes de realizações que pareceriam impossíveis àqueles que de si duvidam. Dá-se também o nome de fé à crença nos dogmas dessa ou daquela religião, casos em que recebe adjetivação específica: fé cristã, fé judaica, fé católica etc.

Existe, no entanto, grande diferença entre crença e fé.

No livro *O Consolador*, obra mediúnica psicografada por Chico Xavier, Emmanuel diz que crer diz respeito à crença. Diferentemente da simples crença, a fé desperta, porém, todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem e, como tal, é a base da regeneração.

Idêntico ensinamento encontramos no cap. VII, 2ª Parte, do livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, no qual o guia da médium que serviu de intermediária no caso Xumene diz que a crença é o primeiro passo; a fé vem em seguida e, por último, a transformação, mas para isso é preciso que muitos tenham de revigorar-se no mundo espiritual.

É possível comunicar a fé a alguém por meio da imposição?

Não. Segundo Kardec, a fé não se impõe nem se prescreve, mas pode ser adquirida, não existindo ninguém que esteja impedido de possuí-la. Para crer é preciso, porém, compreender, porquanto – adverte o Codificador – a fé cega já não tem lugar em nosso mundo.

A importância da fé em nossa vida foi destacada, entre outros, por Jesus de Nazaré. “Tudo é possível àquele que tem fé”, disse Jesus, consoante lemos em Marcos, 9:23.

Sobre a fé é importante ter em mente o que Emmanuel escreveu na obra a que nos reportamos, linhas acima:

– Poder-se-á definir o que é ter fé?

Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer “eu creio”, mas afirmar “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”. (*O Consolador, pergunta 354.*)

– A esperança e a fé devem ser interpretadas como uma só virtude?

A esperança é a filha diletta da fé. Ambas estão uma para outra, como a luz reflexa dos planetas está para a luz central e positiva do Sol. A esperança é como o luar que se constitui dos bálsamos da crença. A fé é a divina claridade da certeza. (*O Consolador, pergunta 257.*)

Concluindo, pensamos que nada pode exprimir melhor a importância da fé do que este lindo poema escrito por Cármen Cinira (Espírito), uma das pérolas literárias que compõem o *Parnaso de Além-Túmulo*, obra psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier:

O viajor e a Fé

Cármen Cinira

– “Donde vens, viajor triste e cansado?”

– “Venho da terra estéril da ilusão.”

– “Que trazes?”

– “A miséria do pecado,

De alma ferida e morto o coração.

Ah! quem me dera a bênção da esperança,
Quem me dera consolo à desventura!”

Mas a fé generosa, humilde e mansa,
Deu-lhe o braço e falou-lhe com doçura:
— “Vem ao Mestre que ampara os pobrezinhos,
Que esclarece e conforta os sofredores!...
Pois com o mundo uma flor tem mil espinhos,
Mas com Jesus um espinho tem mil flores!”

1º/5/2016

Edição 463

Andorinha tem alma?

Esta questão foi suscitada durante uma apresentação feita pela cantora espírita Célia Tomboly no Centro Espírita Amor, Luz e Verdade, de Auriflama-SP.

Célia Tomboly, interpretando corretamente os ensinamentos espíritas, respondeu afirmativamente: as andorinhas, assim como todos os animais vertebrados, têm alma, vocábulo que tanto se aplica aos seres do reino animal como aos seres humanos, embora exista uma diferença substancial, em termos evolutivos, entre um caso e outro.

É isso que lemos nas questões 597 e seguintes d’ *O Livro dos Espíritos*, adiante reproduzidas:

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria? “Há e que sobrevive ao corpo.”

a) — Será esse princípio uma alma semelhante à do homem? “É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”

598. Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma? “Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.”

599. À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne? “Não, pois que lhe falta livre-arbítrio.”

600. Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem? “Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase

imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.”

Qual o destino das almas das andorinhas?

Elas, como ocorre com todas as almas, são imortais, mas, evidentemente, não sabemos exatamente o que a elas está reservado, como o notável compositor João Cabete escreveu numa linda canção que em seguida reproduzimos:

Almas das andorinhas

Eu não sei dizer para onde vão
As almas das andorinhas.

Eu não sei,
Eu não sei...

Eu não sei dizer para onde vão
Perfumes de tantas flores.

Eu não sei,
Eu não sei...

Eu só sei dizer que dentro de minh'alma
Sinto a natureza cantando e chorando.
Eu só sei dizer que sinto Deus sorrindo para mim!
Que sinto Deus sorrindo para mim!

Eu não sei dizer para onde vão
Tristezas e alegrias.

Eu não sei,
Eu não sei...

Eu não sei dizer para onde vão
Saudades e desencantos.

Eu não sei,
Eu não sei...

Eu só sei dizer que dentro de minh'alma
Sinto a natureza cantando e chorando.
Eu só sei dizer que sinto Deus sorrindo para mim,
Que sinto Deus sorrindo para mim.

Se o leitor desejar ouvi-la, eis os links:

a) Na voz de João Cabete - <https://www.youtube.com/watch?v=j1G1vUfoDF0>

b) na voz de Elizabete Lacerda:
<https://www.youtube.com/watch?v=y6D9GKJ6QJY>

8/5/2016

Edição 464

A leitora Carmem Ivonette Monteiro, de Belo Horizonte (MG), encaminhou-nos por meio de mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição as seguintes perguntas:

- Por que é importante evangelizar nossos filhos?
- Quando a evangelização infantil deve ser iniciada?
- Onde a evangelização da criança deve ser realizada?

O tema suscitado pela leitora tem sido objeto nesta revista de inúmeros artigos, mas, dada a sua importância, é sempre bom voltar a ele, buscando dessa forma esclarecer as pessoas que se interessam realmente em se aprofundar no conhecimento da doutrina espírita.

Eis a nossa resposta, na ordem em que as questões foram apresentadas:

a) Por que é importante evangelizar nossos filhos?

Allan Kardec escreveu logo na Introdução do seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

“Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o **ensino moral**. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável.

Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo.

Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, é o **roteiro infalível para a felicidade vindoura**, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, parte I.) (Grifamos.)

O ensino moral contido nos Evangelhos é, segundo o codificador da doutrina espírita, o **roteiro infalível para a felicidade**! Ora, transmitir a uma criança esse ensino e educá-la convenientemente para que o assimile e pratique, eis uma providência sobre a qual nada mais é preciso dizer, se é que desejamos para os nossos filhos que eles trilhem na vida o caminho da felicidade.

2. Quando a evangelização infantil deve ser iniciada?

Ela deve ser iniciada na infância, um período da existência corpórea que existe exatamente para isso, para que possamos preparar nossos filhos com relação às lutas, às peripécias e aos desafios que enfrentarão em sua nova experiência reencarnatória.

A respeito desse período, Emmanuel escreveu: "A juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para uma longa viagem. A velhice será a chegada ao porto. A infância é a preparação".

Aprendemos com o Espiritismo que durante a infância o Espírito "é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo". (Cf. *O Livro dos Espíritos*, item 383.)

Corroborando esse pensamento, Emmanuel asseverou:

"O período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos. Até os sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência. Ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isto, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e estabelecer novo caminho. Passada a época infantil, atingida a maioridade, só o processo violento das provas rudes, no mundo, pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas, porquanto a alma encarnada terá retomado o seu patrimônio nocivo do pretérito e reincidirá nas mesmas quedas, se lhe faltou a luz interior dos sagrados princípios educativos." (*O Consolador*, pergunta 109).

3. Onde a evangelização da criança deve ser realizada?

Ela deve realizar-se no lar, que será sempre, de acordo com o Espiritismo, a melhor escola para a preparação das almas encarnadas. Nesse sentido, o apoio da instituição religiosa, seja ela espírita, católica ou protestante, terá o caráter de complementação, o que será sempre importante para todos, pais e filhos.

A esse respeito escreveu Santo Agostinho:

"Oh! espiritistas, percebei o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir. Cumpri com os vossos deveres e empregai o vosso amor em aproximar essa alma de Deus. Essa a missão que vos foi conferida e da qual receberéis a recompensa, se a cumprirdes fielmente." (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. 14, item 9.)

Emmanuel ensinou-nos também: "As noções religiosas, com a exemplificação dos mais altos deveres da vida, constituem a base de toda educação, no sagrado instituto da família". (Cf. *O Consolador*, pergunta 108.)

Os resultados desse esforço, quando realizado com boa vontade e perseverança, não tardam a aparecer, como o próprio Allan Kardec declarou publicamente em uma de suas palestras:

"É notável verificar que as crianças educadas nos princípios espíritas adquirem uma capacidade de raciocinar precoce que as torna infinitamente mais fáceis de serem conduzidas. Nós as vimos em grande número, de todas as idades e dos dois sexos, nas mais diversas famílias onde fomos recebidos e pudemos fazer essa observação pessoalmente. Isso não as priva da natural alegria, nem da jovialidade. Todavia, não existe nelas essa turbulência, essa teimosia, esses caprichos que tornam tantas outras insuportáveis. Pelo contrário, revelam um fundo de

docilidade, de ternura e respeito filiais que as leva a obedecer sem esforço e as torna responsáveis nos estudos." (*Viagem Espírita* em 1862, pág. 30.)

15/5/2016

Edição 465

Um leitor de Santa Catarina pergunta-nos qual é a importância de termos um caderno de vibrações dentro da Casa Espírita e como isso começou. Nesse caderno, acrescenta o leitor, as pessoas anotam os nomes e os endereços de familiares ou amigos necessitados de ajuda espiritual.

Trata-se de uma prática adotada por muitos Centros Espíritas, embora, vez por outra, seja motivo de polêmicas em nosso meio.

Em Londrina mesmo, no "Nosso Lar", a casa espírita mais antiga da cidade, existe, na entrada do auditório, um espaço e um livro destinado a essas anotações.

Anos atrás, algumas pessoas, então investidas na direção do Centro, quiseram eliminar essa prática, o que, felizmente, não aconteceu, porque esse serviço tem, como sabemos, grande importância na condução do trabalho socorrista que os benfeitores espirituais realizam no período da noite, trabalho esse do qual muitos trabalhadores encarnados participam, enquanto o corpo físico se encontra adormecido. São muitos e expressivos os relatos de médiuns que comprovam a realização dessa atividade.

A origem da prática ignoramos, mas é provável que tenha resultado de uma intuição registrada pelos pioneiros do movimento espírita, visto que, como sabemos, alguns dos critérios utilizados pelos benfeitores espirituais no socorro aos encarnados são, exatamente, o pedido de socorro, a solicitação nominal, a prece intercessória.

Como os necessitados se contam aos milhares, os benfeitores se valem desse meio, uma vez que sabem eles perfeitamente que a vontade de melhorar, de mudar, de dar novo rumo à própria vida constitui um elemento importante nas chamadas curas espirituais, em que o melhor médico será sempre o próprio enfermo.

Atender os que pedem socorro é, portanto, algo absolutamente normal e que se encaixa com perfeição em um conhecido ensinamento dado por Jesus: "Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e a porta vos será aberta" (Mateus, 7:7).

É nesse sentido que se deve entender a importância dos aludidos cadernos, nos quais é bom lembrar que os dados da pessoa a ser assistida devem estar ali completos (nome, rua, número da casa ou do apto.), uma vez que os Espíritos, quando visitam alguém que não conhecem, fazem como nós fazemos: levam o endereço à mão, pois não são adivinhos nem milagreiros.

22/5/2016

Edição 466

Um leitor pergunta-nos se é verdade que Emmanuel, ao tratar da cremação de corpos humanos, mudou de opinião com o passar dos anos.

Sim, o então mentor espiritual de Chico Xavier mudou de opinião no tocante à cremação, mas tão somente com relação ao tempo, que ele entendia ser ideal, decorrido entre o momento do óbito e o procedimento crematório.

Pelo que sabemos, Emmanuel tratou do assunto em três oportunidades.

A primeira, em 1936, quando lhe perguntaram: "Sentem os desencarnados os efeitos da cremação de seus despojos mortais?"

Emmanuel respondeu:

"Geralmente, nas primeiras horas do 'post mortem', ainda se sente o espírito ligado aos elementos cadavéricos. Laços fluídicos, imperceptíveis ao vosso poder visual, ainda, se conservam unindo a alma recém-liberta ao corpo exausto; esses elos impedem a decomposição imediata da matéria. E, por esta razão, na maioria dos casos o espírito pode experimentar os sofrimentos horríveis oriundos da cremação, a qual nunca deverá ser levada a efeito antes do prazo de cinquenta horas após o desenlace. A cremação imediata ao chamado instante da morte é, portanto, nociva e desumana.

Às vezes, segundo a natureza das moléstias que precedem a desencarnação, existem ainda no cadáver inúmeros elementos de vida: daí nasce a possibilidade de, usando de recursos vários e reagentes, a ciência fazer um 'morto' voltar à vida.

Vê-se pois que o espírito desencarnado, nas primeiras horas do além-túmulo, pode sentir dentro do quadro de suas impressões físicas todas as ações a que seu corpo abandonado seja submetido." (*Palavras do Infinito*, cap. 35, obra mediúnica psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, publicada em 1936.)

Cinco anos depois, em 1941, ele voltou ao assunto ao responder à seguinte pergunta:

"O espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos?"

Emmanuel respondeu:

"Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o 'tônus vital', nas primeiras horas seguintes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material." (*O Consolador*, pergunta 151, obra mediúnica psicografada por Chico Xavier, publicada em 1941.)

Trinta anos mais tarde, em 1971, o tema foi submetido ao médium Chico Xavier, que respondeu à pergunta de um telespectador a respeito de sua opinião com relação à cremação que estava sendo implantada no País.

Chico Xavier declarou o seguinte:

"Já ouvimos Emmanuel a esse respeito e ele diz que a cremação é legítima para todos aqueles que a desejem, desde que haja um período de pelo menos 72 horas de expectativa para a ocorrência em qualquer forno crematório, o que poderá se verificar com o depósito de despojos

humanos em ambiente frio.” (Entrevista dada em 28/7/1971 no programa "Pinga Fogo" da TV Tupi.)

Note o leitor que o alerta quanto aos cuidados continua, mas o tempo de espera, segundo Chico Xavier, fora ampliado para 72 horas, não mais as 50 horas mencionadas em 1936. Como dizem que o seguro morreu de velho, é bom aos que se interessem pela cremação levar a sério a última informação e, se possível, até ampliar o tempo de espera, prevenindo assim dificuldades perfeitamente evitáveis.

29/5/2016

Edição 467

Em carta publicada nesta mesma edição, Elaine Faria escreveu-nos o seguinte:

Gostaria muito de tirar uma dúvida... Quando estou repousando, quase dormindo, acontecem umas coisas comigo que não sei explicar... vejo todos que estão à minha volta, meu marido, filhos que já estão dormindo, mas não consigo me mexer ou falar. Uma vez quando isso aconteceu, vi meu avô que havia desencarnado fazia pouco tempo se aproximando de mim e fiquei muito agoniada, porque não conseguia me mexer e nem falar nada. Hoje sou estudiosa e começando a ser praticante do Espiritismo e gostaria de saber: esse fenômeno tem alguma relação com mediunidade?

Relação com mediunidade, não. Trata-se de um caso de emancipação da alma, fenômeno que é também conhecido pelo nome de desdobramento, segundo o qual a alma, desprendendo-se de seus laços materiais, recupera algumas das suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos. Esse estado se manifesta principalmente nos casos de sono, sonambulismo ou êxtase.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 11, André Luiz, ao tratar de um caso de desdobramento, diz que a pessoa, ao se emancipar ou desdobrar-se, ficou com os membros inteiriçados e imóveis, tal como se deu com a leitora.

Com efeito, conforme seu relato, ela não conseguia mexer-se nem falar. Quando diz ter visto os filhos que já dormiam e o avô desencarnado, é evidente que não os viu com os olhos do corpo, mas sim com os olhos da alma, ou seja, valendo-se de suas percepções anímicas que, devido à emancipação ou desdobramento da alma, podem ser exercitadas com maior liberdade e amplitude.

Na questão 407 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec pergunta se é necessário que aconteça o sono completo para que ocorra a emancipação da alma. Os Espíritos respondem: *"Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo"*.

O desdobramento pode ocorrer, portanto, como fenômeno anímico puro, isto é, sem interferência ou componente mediúnico visível, mas pode se dar também como parte de uma atividade mediúnica, por intervenção de Espíritos

desencarnados. Mas aí estamos diante de um outro fenômeno, e não apenas de emancipação da alma.

Sobre o tema sugerimos à leitora e demais interessados que leiam o artigo intitulado *Sonambulismo não é desdobramento*, de autoria do confrade Gebaldo José de Sousa, que tece observações interessantes sobre o fenômeno. Publicado na edição 277 desta revista, eis o link que remete ao texto: http://www.oconsolador.com.br/ano6/277/gebaldo_sousa.html

5/6/2016

Edição 468

O leitor João P. Garcia, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Lendo a edição 443 desta revista, deparei-me com uma informação atribuída ao pesquisador italiano Ernesto Bozzano, a respeito das conclusões que ele extraiu de 18 casos cientificamente documentados sobre as fases da morte. Gostaria de ter acesso a essas conclusões. Isso é possível?

O leitor refere-se à obra *A Crise da Morte*, de Ernesto Bozzano, que foi objeto de estudo metódico e sequencial nas edições n. 1 a 8 desta revista. Eis o link que remete à parte inicial desse estudo - <http://www.oconsolador.com.br/1/classicosdoespiritismo.html>

No livro, Bozzano fornece-nos 20 informações ou detalhes (como ele preferiu chamar), que dividiu em duas categorias: detalhes fundamentais (12 detalhes) e detalhes secundários (8 detalhes).

Eis os **doze** detalhes fundamentais pertinentes à crise da morte, referidos por Ernesto Bozzano:

1. Os Espíritos se encontram novamente, na vida espiritual, com a forma humana.
2. Todos eles, após a morte, ignoram durante algum tempo que estão mortos.
3. Eles passam, no curso da crise pré-agônica, ou pouco depois, pela prova da reminiscência dos acontecimentos da existência ora encerrada.
4. Todos eles são acolhidos no mundo espiritual pelos Espíritos das pessoas de suas famílias ou de seus amigos mortos.
5. Quase todos passam, após a morte, por uma fase mais ou menos longa de "sono reparador".
6. Todos se acham num meio espiritual radioso e maravilhoso (no caso de mortos moralmente normais) e num meio tenebroso e opressivo (no caso de mortos moralmente depravados).
7. Todos reconhecem que o meio espiritual é um novo mundo objetivo, real, análogo ao meio terrestre espiritualizado.
8. Eles aprendem que isso se deve ao fato de que, no mundo espiritual, o pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual o Espírito existente no "plano astral" pode reproduzir em torno de si o meio de suas recordações.

9. Todos ficam sabendo que a transmissão do pensamento é a forma da linguagem espiritual, embora certos Espíritos recém-chegados se iludam e julguem conversar por meio da palavra.

10. Eles verificam que, graças à faculdade da visão espiritual, se acham em estado de perceber os objetos de um lado e outro, pelo seu interior e através deles.

11. Todos eles aprendem que podem transferir-se temporariamente de um lugar para outro, ainda que muito distante, por efeito apenas de um ato da vontade, podendo também passear no meio espiritual ou voejar a alguma distância do solo.

12. Os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convém, por virtude da "lei de afinidade". (*A Crise da Morte*, pp. 163 a 166.)

E aqui estão os **oito** detalhes secundários colhidos por Bozzano:

1. Os defuntos dizem que os Espíritos dos mortos a quem nos ligamos em vida intervêm para acolher e guiar os recém-desencarnados, antes que se inicie o "sono reparador".

2. Os Espíritos, ao observarem seus cadáveres no leito de morte, geralmente falam de um "corpo etéreo" que se condensa acima do "corpo somático", fato que é confirmado pelos videntes.

3. Eles dizem que, assim como não existem pessoas absolutamente idênticas no mundo dos vivos, o mesmo se dá no mundo espiritual, de modo que as condições verificadas no trespasse não são exatamente as mesmas para todos.

4. Embora os Espíritos tenham a faculdade de criar mais ou menos bem, pela força do pensamento, o que lhes seja necessário, quando se trata de obras complexas e importantes a tarefa é confiada a grupos de Espíritos que nisso se especializaram.

5. Quando dominados por paixões humanas, os Espíritos se conservam ligados ao meio onde viveram, por um lapso de tempo mais ou menos longo. Não podendo, assim, gozar do benefício do sono reparador, esses Espíritos persistem na ilusão de se julgarem vivos e tornam-se, muitas vezes, Espíritos "assombradores" ou "perseguidores".

6. No mundo espiritual, os Espíritos inferiores não podem perceber os que lhes são superiores, devido à diversidade das tonalidades vibratórias de seus "corpos etéreos".

7. As dilacerantes crises de dor, que frequentemente se produzem junto dos leitos de morte, são penosas para os Espíritos dos defuntos e os impedem de entrar em relação com as pessoas que lhes são caras, retendo-os no meio terrestre.

8. Os Espíritos afirmam, por fim, que, quando se encontram sós e tomados de perplexidades de toda sorte, percebem uma voz que lhes chega de longe e os aconselha sobre o que fazer: trata-se da voz vinda de Espíritos amigos que, percebendo de modo telepático os seus pensamentos, apressam-se em lhes transmitir conselhos. (*Obra citada*, pp. 167 a 170.)

12/6/2016

Edição 469

O leitor Marconi de Oliveira Miranda, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, escreveu-nos o seguinte:

Com relação ao tempo que permaneceremos encarnados na Terra, se é dito pela Doutrina Espírita que há um planejamento, já de antes de reencarnarmos, de quanto temos ficaremos encarnados, questiono: de que adianta cuidar da saúde praticando exercícios físicos, tendo uma dieta saudável e atitudes que prolongam a vida se já está tudo determinado? E o aumento da longevidade, como se explica a não ser pelo avanço da medicina e dos cuidados com o corpo? Sendo a Doutrina Espírita fé raciocinada, gostaria de obter estes esclarecimentos.

Com respeito ao momento da morte corpórea, repetimos o que escrevemos nesta mesma seção em 2 de maio de 2010, na edição 156 desta revista:

A lição, relativamente ao momento da morte das pessoas, foi-nos dada na questão 853 de "O Livro dos Espíritos", na qual lemos o seguinte: "Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos".

Note-se que os Espíritos não falam em "hora", mas sim em momento, como o instrutor espiritual Jerônimo explica no livro "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz, ao reportar-se à desencarnação de Dimas: "*Há tempo de morrer, como há tempo de nascer. Dimas alcançara o período de renovação e, por isso, seria subtraído à forma grosseira, de modo a transformar-se para o novo aprendizado*". "*Não fora determinado dia exato. Atingira-se o tempo próprio.*"

A duração de uma existência corpórea, se fatos supervenientes não interferirem no seu processo, está, como já dissemos anteriormente, ligada à programação reencarnatória do indivíduo, mas o instante da morte pode ser adiado em determinados casos, como mostrado na obra de André Luiz acima citada. E pode, de igual modo, ser antecipado, em face do estilo de vida e dos abusos que a pessoa adote no curso de sua existência corpórea. Os excessos na mesa e o uso de alcoólicos podem, como sabemos, determinar o retorno mais cedo do indivíduo à vida espiritual.

Chamamos a atenção do leitor para a parte final do texto acima transcrito, em que é dito algo que ninguém certamente ignora, ou seja, que o momento da morte de uma pessoa pode ser antecipado em face do estilo de vida e dos abusos que ela cometa no curso da existência.

Fizeram a Chico Xavier, certa vez, em Goiânia a seguinte pergunta:

Se determinadas enfermidades são provas para a regeneração dos espíritos reencarnados, por que permitem os mensageiros da Vida Superior o aparecimento de agentes medicamentosos que suprimem a dor?

Eis o que o médium respondeu:

Os Espíritos Amigos asseveram sempre que a dor não é filha da Lei Divina. **A dor, dizem eles, é uma criação nossa.** Explicam que toda a Ciência Médica procede da misericórdia de Deus, em favor de nós outros, neste mundo, quando infernizamos a própria consciência. Criamos o processo culposo, atingimos o Mais Além, encontramos doentes, à feição de criaturas que transportam em si o purgatório, ou aquilo que podemos considerar como sendo o lado infernal da vida e Deus nos concede a Medicina para que, na Terra, possamos aliviar o mérito ou esforço que vamos adquirindo. Por isso mesmo, a anestesia é uma conquista da Ciência Médica em favor da Humanidade, demonstrando que o Senhor de Justiça e Misericórdia não nos quer sofrendores, conquanto não possa exonerar-nos da autorredenção. (*Chico Xavier em Goiânia, pergunta 6.*) (Grifamos.)

O pensamento de que a dor é uma criação nossa, mencionado pelo saudoso médium, é corroborado por Allan Kardec, que desfaz no texto abaixo reproduzido um equívoco, comum mesmo no meio espírita, segundo o qual tudo o que nos acontece na vida faz parte de um script previamente traçado. Escreveu o codificador da doutrina espírita:

Se em duas partes se dividem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, n. 4), ver-se-á que **a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira.** Faz-se, portanto, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia, se sempre obrasse com sabedoria e prudência.

Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente ditosos.

Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos **as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam.** (*O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVII, item 12.*) (Grifamos.)

No cap. 12 do livro *Missionários da Luz*, de André Luiz, deparamos um vocábulo que passou desde então a fazer parte dos textos espíritas: completista, termo que, segundo André, designa os Espíritos que aproveitam todas as oportunidades construtivas que o corpo terrestre lhes oferece. Esses casos são raros, ou pelo menos eram raros em 1945, quando o livro a que nos reportamos foi publicado.

Por que raros?

Raros, justamente porque os excessos na mesa, os alcoólicos, o tabagismo, a inexistência de exercícios físicos, a não observância de uma dieta saudável vão minando o corpo material, que poderia, eventualmente, chegar aos 90 anos e, todavia, não passa dos 60.

Cuidar do corpo não significa zelar somente pelo seu exterior, com cremes, xampus, botox, tintura, plásticas, bronzamento etc.

Significa também cuidar do seu interior, observando as medidas citadas pelo leitor em sua pergunta e, de modo especial, zelando pela saúde da alma, tendo

em vista os efeitos maléficos que o desequilíbrio espiritual pode acarretar ao nosso veículo corpóreo.

Se quisermos, portanto, obter em nossa volta ao mundo espiritual o título de completista, é importante que saibamos que esse prêmio não nos será concedido gratuitamente, visto que é necessário colaboremos para conquistá-lo.

19/6/2016

Edição 470

O leitor Paulo A. Fernandes, em mensagem publicada nesta mesma edição, na seção de Cartas, escreveu-nos o seguinte:

No nosso grupo de estudos discutia-se esta questão: - Ao reencarnar, o Espírito pode vir como homem ou como mulher? A conclusão, depois de examinado o assunto, foi que sim, mas outra dúvida então foi proposta por um dos participantes: - Se o Espírito decidir reencarnar em sexo diferente do que lhe tem sido habitual, conserva ele as inclinações anteriores?

Quanto à primeira questão, a resposta é afirmativa. Quando errante, pouco importa a um Espírito reencarnar no corpo de um homem ou de uma mulher. "O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar", ensina a questão n. 202 d' *O Livro dos Espíritos*.

Os Espíritos, ao renascerem entre os homens, podem, portanto, tomar um corpo feminino ou masculino, atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em determinado setor de ação ou ao cumprimento de obrigações regenerativas.

Mudando de sexo, os Espíritos conservarão as inclinações anteriores?

É sabido que os Espíritos podem percorrer uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que durante muito tempo possam conservar, na erraticidade, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca neles ficou impressa.

A vida espiritual pura e simples rege-se por afinidades eletivas essenciais; contudo, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fieira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade.

O homem e a mulher serão, assim, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta. Em uma nova existência o Espírito trará, evidentemente, o caráter e as inclinações que tinha na condição de Espírito livre. Contudo, quando em trânsito da experiência feminina para a masculina, ao envergar um novo corpo físico, o Espírito poderá demonstrar os traços da feminilidade em que terá estagiado por muitos séculos, em que pese o corpo de formação masculina que utilize, verificando-se o mesmo com referência à mulher em idêntica situação.

É assim que, segundo Allan Kardec, se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres, como o fato de existirem mulheres másculas que se comportam como verdadeiros homens, e vice-versa, independentemente de manterem ou não relações homossexuais.

Sobre o assunto, duas fontes são, em matéria de Espiritismo, de consulta obrigatória:

1. *Revista Espírita de 1866*, Edicel, pp. 2 a 4.

2. *Vida e Sexo*, de Emmanuel, págs. 89 a 92.

26/6/2016

Edição 471

Um companheiro de lides espíritas da Casa em que atuamos pede-nos que expliquemos o que significa exatamente o Código Penal da Vida Futura mencionado por Allan Kardec numa de suas obras.

A obra a que o amigo se refere é o livro *O Céu e o Inferno* ou *A Justiça Divina segundo o Espiritismo*, publicado por Kardec no ano de 1865.

Nela, o codificador da doutrina espírita mostra-nos que as penas ou sofrimentos que cada um experimenta são dores morais e estão em relação com os atos praticados. Não existem recompensa ou sofrimento gratuitos, obtidos sem mérito, mas sim a aplicação da lei de causa e efeito ou de ação e reação. Sobre essa lei, sugerimos aos interessados que leiam o texto publicado na seção **O Espiritismo responde** da edição 371. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano8/371/oespiritismoresponde.html>

O Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na existência corporal. A completa felicidade prende-se à perfeição, ou seja, à purificação completa do Espírito, e toda imperfeição é, por sua vez, causa de sofrimento e de privação de gozo.

Em face dos ensinamentos ministrados pelos Espíritos Superiores e da observação dos casos concretos postos ante os olhos dos experimentadores, o Código Penal da Vida Futura pode, assim, resumir-se nestes três princípios:

1º – O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º – Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo em suas consequências naturais e inevitáveis. Assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que seja necessária uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3º – Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar sua futura felicidade. (*O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, 1ª Parte, capítulo VII, item 33.)

Sinteticamente, podemos então concluir: a cada um segundo as suas obras, seja no céu ou na Terra, tal é a lei que rege a Justiça Divina, que Jesus resumiu com perfeição em duas lições inesquecíveis: “A cada um segundo o seu merecimento” e “Quem matar com a espada perecerá pela espada”.

3/7/2016

Edição 472

Um leitor pergunta-nos se é verdade que a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec em 1º de abril de 1858, foi a primeira associação genuinamente espírita do mundo.

Segundo Deolindo Amorim, a resposta é sim. Obviamente, muito antes de haver Allan Kardec fundado a sociedade, surgiram, tanto na América do Norte

como na Europa, diversas sociedades de investigações psíquicas e associações espíritas.

Nos Estados Unidos, por exemplo, logo depois dos célebres fenômenos de Hydesville, em 1848, fundaram-se muitos grupos espíritas.

Há relatos de que em 1850, apenas dois anos depois dos fenômenos de Hydesville, o número de grupos espíritas naquele país se contava às centenas. Mas foi, certamente, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) a primeira sociedade de caráter espírita, isto é, fundada e orientada com base na doutrina espírita, algo inexistente antes de 18 de abril de 1857, quando surgiu em Paris, por iniciativa de Kardec, *O Livro dos Espíritos*, que deu início à codificação da doutrina espírita.

No início de suas atividades, a SPEE reunia-se todas as terças-feiras em um local alugado no Palais Royal, galeria de Valois, onde permaneceu um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não podendo permanecer ali por mais tempo, as reuniões foram transferidas para um dos salões do restaurante Douix, no Palais Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860. A partir de então ela se instalou em um local próprio, na Rua e Passagem Sainte Anne, 59 – 1º andar, onde funcionou de 1860 a 31 de março de 1869.

O local era muito simples. Com apenas 40 m² de área, constituía-se somente de quatro cômodos: dormitório, sala, banheiro e cozinha.

Kardec dirigiu a SPEE até 31 de março de 1869, quando desencarnou. Em face do seu falecimento, a SPEE nomeou como membros de sua diretoria para o período 1869-1870 os srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur, incumbindo a presidência ao sr. Malet, que era, segundo o Sr. Levent, o candidato de preferência de Kardec. Malet assumiu o cargo no dia 9 de abril de 1869.

10/7/2016

Edição 473

Um companheiro de lides espíritas pergunta-nos se existe relação entre a obsessão e a chamada loucura.

Conforme aprendemos na doutrina espírita, obsessão não é loucura, mas pode produzi-la, se a ação malfazeja de um Espírito sobre outro for persistente e não tratada a seu devido tempo. Nesse caso, é preciso compreender que a ação persistente pode produzir lesões físicas, muitas vezes irreversíveis.

Em seu livro *Grilhões Partidos*, obra mediúnica psicografada por Divaldo Franco, Manoel Philomeno de Miranda apresenta-nos alguns casos de perturbações mentais, como histeria e esquizofrenia, que nada tinham a ver com obsessão. E no mesmo livro ele nos diz que o caso da jovem Ester, uma das personagens centrais da obra, embora se tratasse de subjugação obsessional, fora tratado por longo tempo como esquizofrenia.

A verdade, porém, é que nas obsessões e nas perturbações ou doenças mentais a lei de causa e efeito está sempre presente.

Os distúrbios e as perturbações que afetam a mente podem manifestar-se de duas diferentes maneiras: com ou sem lesão cerebral.

Dr. Bezerra de Menezes, no seu livro *A Loucura sob Novo Prisma*, sugere, para casos distintos, tratamentos distintos. Se o problema não é orgânico-cerebral, é preciso levar em conta as causas extrafísicas atuantes.

Allan Kardec, em sua obra *O Livro dos Médiuns*, afirma que entre os tidos por loucos muitos há que são apenas subjugados. A recíproca é também verdadeira. Deve haver, por esse motivo, muito cuidado com os diagnósticos apressados, como José Raul Teixeira adverte na resposta por ele dada à pergunta 96 constante do livro *Diretrizes de Segurança*, que adiante reproduzimos:

96. Dentro dos quadros da psiquiatria, como psicopatia, esquizofrenia, etc., quais as características que poderiam se enquadrar dentro das obsessões?

Raul – Reconhecemos, com os ensinamentos da Doutrina Espírita, que todos aqueles portadores das esquizofrenias, psicopatologias variadas, dentro de um processo cármico, são entidades normalmente vinculadas a graves débitos, a dívidas de delitos sociais, e, conforme nos achamos dentro desse quadro de compromissos, essas psicopatologias de multiplicada denominação assumem intensidade maior ou menor.

Conforme orienta o instrutor Calderaro ao Espírito André Luiz, no livro *No Mundo Maior*, ao estudar a problemática do cérebro, esses companheiros esquizofrênicos entram em “crises” quando, no processo natural e inconsciente de rememoração, se vinculam ao seu passado, quando delinquiram, através de um processo de associação, de assimilação fluídica.

Nos casos de epilepsias, tudo nos leva a crer que as entidades credoras, em se aproximando do devedor, diretamente ou por meio de seu pensamento, promovem como que um acordamento da culpa, e ele mergulha, então, no chamado transe epiléptico. Nesse particular do transe, por ação de Espíritos, encontramos correspondentes com o processo mediúnico, porque não deixam de ser, esses indivíduos, médiuns enfermos, desequilibrados, apresentando, por isso, uma expressão mediúnica atormentada, doente.

Convenhamos que o exame da Doutrina Espírita, com relação a esses diversos casos, nos dará gradativamente as dimensões para que saibamos avaliar, analisar os problemas de enfermidades psicopatológicas, tais como as que acompanham a esquizofrenia, que é esse conjunto de tormentos, de perturbações, de doenças, que verdadeiramente não têm uma etiologia definida.

Nos casos de patologia psicológica ou psiquiátrica, deveremos nos valer dos conhecimentos específicos na área médica, para que não coloquemos pessoas doentes nas atividades mediúnicas, o que seria um desastre. Muitas pessoas se mostram com diversas síndromes e sintomas de problemas psíquicos, quando a invigilância e o desconhecimento espírita de alguns os leva a afirmar que é mediunidade e levar a criatura para o exercício mediúnico. Esses graves equívocos determinarão graves ocorrências.

O nosso Divaldo, oportunamente, narrou-nos um episódio por ele conhecido, a respeito de um cidadão que sofrendo de intensas e continuadas cefaleias foi “orientado” por alguém irresponsável a “desenvolver-se”, porque era médium, e que nisso encontraria a cura esperada.

Buscados núcleos de mediunismo sem orientação cristã, feitos os “trabalhos”, etc., o problema não cedeu, ao contrário, agravou-se. Após

frustradas tentativas lá e cá, o moço foi levado a uma instituição séria, onde o servidor da mediunidade que o atendeu constatou, pela informação dos Benfeitores Espirituais, que a família deveria providenciar atendimento médico para o rapaz. Feito o eletroencefalograma, verificou-se uma tumoração cerebral já sem possibilidade de cura, devido ao estado adiantado do problema.

Muitas vezes estamos atrelados a enfermidades espirituais que oferecem respostas somáticas, que estão ligadas a dramas profundos e graves, que não podem ser atendidos como se fossem mediunidade, numa leviandade que não se permite, em se tratando de Entidade Espírita. Noutros campos, registramos nos hospitais psiquiátricos diversos médiuns em aturdimiento, obsidiados que poderiam ser devidamente tratados com a terapia evangélico-espírita, para depois abraçarem a tarefa mediúnica.

Então, é necessário que estudemos e assimilamos os conceitos e lições da Doutrina Espírita, conhecendo a prática do bom senso, para que saibamos distinguir aquilo que é mediunidade, precisando de educação, daquilo que seja enfermidade psicopatológica, a exigir tratamento médico. (*Diretrizes de Segurança, pergunta 96.*)

Na obsessão, o que determina a perturbação é a interposição de fluidos do obsessor entre o agente (alma) e o instrumento de sua ação mental (cérebro). Tanto na loucura propriamente dita, como no processo obsessivo, o que existe é uma irregularidade na transmissão ou manifestação do pensamento.

Se há uma incapacidade material do cérebro para receber e transmitir fielmente as cogitações do Espírito encarnado, temos a chamada loucura.

Se há interrupção do fluxo dessas cogitações, que não chegam integralmente ao cérebro, eis a obsessão. Mas os especialistas, como o Dr. Célio Trujilo Costa, psiquiatra espírita radicado em Curitiba (PR), dizem ser muito difícil afirmar, a priori, quando se trata de loucura ou de obsessão, pois há componentes de uma e outra em ambos os casos.

A observação meticulosa, o estudo, o acompanhamento, bem como a experiência do profissional, é que permitirão que se chegue ao diagnóstico correto e, por consequência, ao tratamento adequado ao caso sob exame.

17/7/2016

Edição 474

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Carlos Manuel revela sua estranheza com a informação dada nesta mesma seção na edição 126 e, em face disso, referindo-se a Jesus, pergunta-nos:

“Essa ideia de evolução em linha reta não seria uma variante da criação de Jesus como sendo o filho preferido de Deus?”

É bom lembrar, antes de mais nada, que na citada edição 126 respondemos a uma pergunta formulada pela leitora Maria Lúcia Sampaio Tinoco, de Niterói. Ela nos havia indagado se Jesus também foi criado simples e ignorante, como se dá com todos os Espíritos. Dissemos-lhe que sim, ou seja, que Jesus é nosso

irmão, e não Deus, e foi criado como nós o fomos, processando-se sua evolução como se dá com todos os seres humanos.

A ideia de evolução em linha reta, no tocante ao Cristo, surgiu no meio espírita com o livro *O Consolador*, obra escrita por Emmanuel por intermédio de Chico Xavier.

Eis o texto em que Emmanuel se refere ao assunto:

"Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado. Com exceção de Jesus Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou, **em linha reta para Deus**, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios." (*O Consolador*, questão 243.) (Grifamos.)

A chamada progressão dos Espíritos, conforme já mencionamos em outra oportunidade nesta mesma revista, é tratada nas questões 114 e seguintes d' *O Livro dos Espíritos*, a principal obra espírita, de autoria de Allan Kardec, em que lemos:

"São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada." (LE, 114)

"Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber." (LE, 115)

"Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e **chegam mais depressa à meta** que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade." (LE, 115)

"Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição? Certamente. Eles a alcançam de modo mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus." (LE, 117)

"Pois que há Espíritos que **desde o princípio seguem o caminho do bem** absoluto e outros o do mal absoluto, deve haver, sem dúvida, gradações entre esses dois extremos." (LE, 124)

"Os Espíritos que **desde o princípio seguem o caminho do bem** nem por isso são Espíritos perfeitos. Não têm, é certo, maus pendores, mas precisam adquirir a experiência e os conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição." (LE, 127)

"Os anjos percorreram todos os graus da escala, mas do modo que havemos dito: uns, aceitando sem murmurar suas missões, **chegaram depressa**; outros gastaram mais ou menos tempo para chegar à perfeição." (LE, 129) (Grifamos.)

Vê-se pelas informações acima transcritas que há Espíritos que “desde o princípio seguem o caminho do bem”. É isso que entendemos por evolução em “linha reta”, isto é, sem desvios, sem atrasos, sem interrupção, como a principal obra do Espiritismo reconhece nas questões que acabamos de ver.

Teria isso ocorrido no caso de Jesus?

É claro que não podemos afirmá-lo, pois se trata de uma informação trazida até nós por Emmanuel, sendo portanto uma revelação singular e que, por esse motivo, não pode ser considerada um princípio doutrinário.

Temos de convir, porém, que não se trata de algo que seja conflitante com os ensinamentos espíritas a respeito da progressão espiritual, motivo pelo qual não existem razões para duvidarmos da assertiva feita por Emmanuel.

24/7/2016

Edição 475

O leitor Marconi Miranda, de Juiz de Fora (MG), em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos:

Gostaria de saber sobre o transporte dos Espíritos. No *Livro dos Espíritos* é dito que os Espíritos estão por toda a parte, acotovelando-nos. Existem as colônias e no filme/livro nosso Iar André Luiz usa o Aeróbus para vir à Terra. Como funciona? Alguns ficam nas Colônias, outros soltos na Terra e outros Planetas? e os que estão por toda a parte para irem para as Colônias têm que ir por algum meio de transporte?

É preciso, para responder à questão proposta, ver o que nos foi dito pelos instrutores espirituais em resposta às perguntas que Allan Kardec lhes apresentou, como adiante mostramos. As respostas integram a principal obra do Espiritismo, *O Livro dos Espíritos*, nas questões 89 a 91:

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço? “Sim, mas fazem-no com a rapidez do pensamento.”

a) O pensamento não é a própria alma que se transporta? “Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar onde quer ir? “Dá-se uma e outra coisa. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, inteirar-se da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo disso da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria opõe obstáculo ao Espírito? “Nenhum; eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

Vê-se que não existe na obra citada referência a nenhum meio de transporte, mas sim a informação de que a velocidade de deslocamento do Espírito pode variar conforme seja o seu desejo e sua natureza mais ou menos depurada.

Na obra de André Luiz, mas não somente nela, surgiram informações interessantes a respeito de meios de transporte utilizados nas colônias e cidades espirituais, como o aeróbus e alguns veículos puxados por animais, como as nossas conhecidas charretes.

André Luiz descreve o aeróbus como sendo um carro suspenso do solo a uma altura de cinco metros, do tipo funicular, em que o sistema de tração se fazia naquela época (entre o final dos anos 1930 e início da década de 1940) por meio de cabos, como os teleféricos. Constituído de material muito flexível, tal veículo tinha grande comprimento e parecia – conforme descrição feita por André – ligado a fios invisíveis. Muito veloz, o aeróbus era utilizado no deslocamento dos Espíritos domiciliados na colônia espiritual "Nosso Lar".

Mais informações o leitor pode encontrar no cap. 10, pp. 59 e 60, do livro *Nosso Lar*, obra psicografada por Chico Xavier.

Outra informação interessante a respeito do modo como os Espíritos se locomovem apareceu também na obra de André Luiz. Aludimos à chamada volitação, pela qual os Espíritos não caminham, mas se deslocam a certa distância do solo. Segundo Calderaro, a volitação é um recurso que depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência, mas os voos mais altos do Espírito só são possíveis quando se alia, à intelectualidade elevada, o amor sublime. Na colônia "Nosso Lar" era, contudo, muito comum ver entidades incapacitadas de usar a possibilidade de voitar.

Informações sobre volitação o leitor encontrará no cap. 17 do livro *No Mundo Maior* e no cap. 15 do livro *Os Mensageiros*, ambos de André Luiz, bem como no cap. 10 do livro *Tormentos da Obsessão*, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo Franco.

Fora das informações acima, ignoramos outras que digam respeito ao deslocamento dos Espíritos entre um orbe e outro.

31/7/2016

Edição 476

O leitor Fernando P. Almeida, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, reportando-se a um texto publicado nesta seção, na edição 473 desta revista, escreveu-nos o seguinte:

Prezados amigos, li na edição em epígrafe, datada de 10/7/2016, a explicação dada a um leitor sobre a diferença que existe entre obsessão e loucura, tal como ainda são chamados alguns casos de alienação mental. Gostaria, se for possível, que vocês explicassem, no caso de obsessão, qual é o tratamento a ser feito, conforme os ensinamentos espíritas.

Vários autores, entre eles Allan Kardec (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII, itens 81 e seguintes), referem-se com bastante clareza às medidas que devem ser tomadas no tratamento da obsessão.

É bom lembrar inicialmente que esse tratamento exige, como condição indispensável, a transformação moral do paciente.

É fundamental, em casos semelhantes, a elevação do seu padrão vibratório, através de bons pensamentos, bons sentimentos e bons atos, para que, assim procedendo, deixe de sintonizar na mesma faixa vibratória da entidade que o obsidia e fique, dessa maneira, fora do seu alcance, ainda que fisicamente possam estar próximos.

A prática do bem e a confiança em Deus aparecem, assim, como fatores essenciais na tarefa desobsessiva.

Didaticamente podemos sintetizar em sete itens os recursos necessários ao bom êxito no tratamento das obsessões:

- 1) Conscientização do problema por parte do obsidiado e de seus familiares, lembrando-se todos de que a paciência é fator essencial no tratamento e que as imperfeições morais do obsidiado constituem o maior obstáculo à sua cura.
- 2) Fluidoterapia (passes magnéticos, radiações e água magnetizada).
- 3) Preces diárias e vigilância permanente.
- 4) Ação no bem, que alguns autores chamam de *laborterapia*.
- 5) Renovação das ideias por meio da boa leitura, de palestras e da conversação elevada.
- 6) Prática do Evangelho no lar, também conhecida com o nome de culto do Evangelho no lar.
- 7) Esclarecimento do Espírito causador da obsessão, em grupos mediúnicos especializados, em cujas reuniões a presença do enfermo não é necessária e pode mesmo ser-lhe prejudicial.

O último recurso é fornecido graciosamente pelas Instituições espíritas, mas os seis primeiros requerem a participação decisiva do paciente. Sua libertação dependerá essencialmente dos seus esforços.

7/8/2016

Edição 477

O leitor Paulo Roberto M. Tavares, em mensagem publicada nesta edição, na seção de Cartas, escreveu-nos o seguinte:

Sabemos que os fenômenos mediúnicos são tão antigos quanto os homens e que as Escrituras apresentam vários casos de aparição de Espíritos.

Com relação, porém, à orientação relativa às comunicações mediúnicas, em que livros da Bíblia podemos encontrar algo?

Realmente, os fatos pertinentes ao intercâmbio com os Espíritos remontam à mais remota antiguidade, sendo tão velhos quanto o nosso mundo.

A História, a esse respeito, está pontilhada de fenômenos.

A Bíblia mesma nos mostra, no Antigo Testamento, Saul conversando com o Espírito de Samuel e, no Novo Testamento, Jesus recepcionando as visitas dos Espíritos de Elias e Moisés materializados, às vésperas de sua prisão e conseqüente crucificação.

O apóstolo Paulo, em suas cartas, reconheceu a prática dessas manifestações entre os cristãos primitivos e legou-nos orientações importantes no tocante à prática mediúnica, como podemos verificar nos textos seguintes:

"Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque o que fala em outra língua não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação." (*I Coríntios, 14:1 a 3.*)

"Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o bem." (*I Tessalonicenses, 5:19 a 21.*)

Em igual sentido, João evangelista referiu-se também às manifestações espirituais e deixou-nos um alerta, até hoje de grande relevância, com respeito ao cuidado que é preciso ter no intercâmbio com os desencarnados:

"Amados, não acrediteis em todos os espíritos, mas provai se os espíritos vêm de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo." (*I João, 4:1 e 2.*)

Destacamos nas observações de Paulo e João as seguintes propostas, no tocante à prática da mediunidade:

- Procurar com zelo os dons espirituais
- Preferir as mensagens transcendentais que edificam e consolam
- Examinar tudo e reter o bem
- Não aceitar cegamente o que dizem os Espíritos
- Analisar se o conteúdo do que dizem é compatível com as leis de Deus.

No livro *As Vidas de Chico Xavier*, Marcel Souto Maior registrou um dos primeiros e mais importantes conselhos dados por Emmanuel a Chico Xavier, logo no início das tarefas do saudoso médium no campo da mediunidade:

Se alguma vez eu lhe der algum conselho que não esteja de acordo com Jesus e Kardec, fique do lado deles e procure me esquecer.

A semelhança entre o conselho de Emmanuel e as orientações de Paulo e João não é, evidentemente, fruto de uma mera coincidência.

14/8/2016

Edição 478

A leitora Maria José Anunciação Camargo, de São Paulo (SP), em carta publicada nesta mesma edição, enviou-nos as seguintes perguntas, a respeito de Jesus e de seus ensinamentos:

- 1) Como o Espiritismo analisa a Declaração aprovada no Concílio de Niceia, segundo a qual Jesus, membro da Santíssima Trindade, é igual ao Pai e eterno como Deus Criador?
- 2) Quem é Jesus na concepção espírita?
- 3) Como a moral cristã é vista pelo Espiritismo?

A resposta à leitora será dada nesta e nas duas próximas edições de nossa revista, começando, obviamente, pela primeira questão:

Como o Espiritismo analisa a Declaração aprovada no Concílio de Niceia, segundo a qual Jesus, membro da Santíssima Trindade, é igual ao Pai e eterno como Deus Criador?

Não é preciso ser teólogo nem especialista em estudos bíblicos para verificar que a Declaração de Niceia está em contradição formal com as opiniões dos apóstolos e com as próprias palavras de Jesus. Enquanto todos, sem nenhuma exceção, acreditavam no Filho criado pelo Pai, os bispos proclamaram o Filho igual ao Pai e "eterno como ele", ao contrário do que o próprio Jesus dizia de si mesmo:

"Se me amásseis, certamente havíeis de folgar que eu vá para o Pai, porque **o Pai é maior** do que eu" (João, 14:28);

"A mim, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, por que dizeis vós "Tu blasfemas", por eu ter dito que **sou Filho** de Deus?" (João, 10:36);

"Por esse motivo, os Judeus perseguiam a Jesus e queriam matá-lo, isto é, porque fizera tais coisas em dia de sábado. Mas Jesus lhes disse: **Meu Pai** trabalha até ao presente e eu também trabalho" (João, 5:16);

"Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Não busco a minha vontade, mas a vontade d' **Aquele que me enviou**" (João, 5:30);

"Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, porque **foi de Deus que saí** e foi de sua parte que vim; pois não vim de mim mesmo, foi Ele que me enviou" (João, 8:42);

"Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante **de meu Pai** que está nos céus; aquele que me renunciar diante dos homens, também eu mesmo o renunciarei diante de meu Pai que está nos céus" (Mateus, 10:32 e 33);

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Pelo que respeita ao dia e à hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem mesmo o Filho, mas **somente o Pai**" (Marcos, 13:31);

"Jesus então lhes disse: Ainda estou convosco por um pouco de tempo e vou em seguida para **aquele que** me enviou" (João, 7:33);

"Havendo Jesus dito estas coisas, elevou os olhos ao céu e disse: **Meu Pai**, a hora é vinda; glorifica a teu Filho, a fim de que **teu Filho** te glorifique" (João, 17:1);

"Então, soltando grande brado, Jesus disse: **Meu Pai**, às tuas mãos entrego o meu espírito. E, tendo pronunciado essas palavras, expirou" (Lucas, 23:46);

"(Após a ressurreição) Ele diz a Madalena: Vai a meus irmãos e dize-lhes que eu vou para **meu Pai** e vosso Pai, para **meu Deus** e vosso Deus" (João, 20:17).

A Declaração de Niceia contradiz não somente o que Jesus dizia de si mesmo, mas de igual modo o que os apóstolos e os evangelistas escreveram sobre o Mestre de Nazaré:

"Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu e dessa nuvem saiu uma voz que fez se ouvirem estas palavras: **Este é meu filho** bem-amado; escutai-o" (Transfiguração no monte Tabor. Marcos, 9:7);

"Respondendo-lhe, Simão Pedro disse: Tu és o Cristo, **filho de Deus** vivo. Jesus então lhe disse: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem to revelou, mas sim **meu Pai**, que está nos céus" (Mateus, 16: 13 a 17);

"Varões israelitas - falou Pedro -, ouvi minhas palavras. Jesus Nazareno **foi um varão**, aprovado por Deus entre vós, com virtudes e prodígios e sinais que Deus obrou por ele no meio de vós" (Atos, 2:22);

"Jesus de Nazaré **foi um profeta**, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo" (Lucas, 24:19);

"Só há um Deus - diz S. Paulo - e um só **mediador entre Deus** e os homens, que é Jesus-Cristo, **homem**" (I Epístola a Timóteo, 2:5).

Quanto ao Espiritismo, eis duas questões que retratam exatamente a concepção espírita a respeito de Deus e de seu Filho:

a) **Que é Deus?** "Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." (*O Livro dos Espíritos, questão 1.*)

b) Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? "**Jesus.**" (*O Livro dos Espíritos, questão 625.*)

21/8/2016

Edição 479

A leitora Maria José Anunciação Camargo, de São Paulo (SP), em carta publicada na edição passada, enviou-nos três perguntas, a respeito de Jesus e de seus ensinamentos. A primeira foi respondida naquela mesma edição.

Hoje responderemos à segunda pergunta por ela formulada: - Quem é Jesus na concepção espírita? Recorreremos para isso a três conhecidos e respeitados autores espíritas: Emmanuel, Léon Denis e Allan Kardec.

Segundo Emmanuel, antes mesmo de existir o planeta em que vivemos, Jesus já era um Espírito puro, qualificação adotada na doutrina espírita para designar os Espíritos que chegaram ao ápice da escala evolutiva.

Lê-se no cap. 1 do livro *A Caminho da Luz*, obra de Emmanuel psicografada por Chico Xavier:

"Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidiu a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção".

Entendimento semelhante era defendido também por Léon Denis antes mesmo de surgir no cenário espírita a figura ímpar do médium Chico Xavier.

Léon Denis diz em sua obra que Jesus "ascendeu à eminência final da evolução" e no seu livro *Cristianismo e Espiritismo* o conceituou como "governador espiritual deste planeta".

Allan Kardec, comentando a resposta dada à pergunta 625 d' *O Livro dos Espíritos* ("Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? R.: Vede Jesus"), escreveu o seguinte comentário:

"Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deu no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra."

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. 1, item 4), Kardec esclarece que o papel de Jesus "não foi simplesmente o de um legislador moralista sem outra autoridade além da palavra". "Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado a sua vinda, e a sua autoridade provinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina."

O mesmo ensino se lê em *Obras Póstumas*, págs. 136 e seguintes:

"Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus" (...).

"Para que Jesus fosse igual a Deus, fora preciso que ele existisse, como Deus, de toda a eternidade, isto é, que fosse incriado" (...).

"Digamos que Jesus é filho de Deus, como todas as criaturas, que ele chama a Deus Pai, como nós aprendemos a tratá-lo de nosso Pai. É o filho bem-amado de Deus, porque, tendo alcançado a perfeição, que aproxima de Deus a criatura, possui toda a confiança e toda a afeição de Deus."

Em seu livro *A Gênese* (cap. 15:2), o Codificador do Espiritismo ensina que, como homem, "Jesus tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível".

E no mesmo passo, o Codificador esclarece que, pelos imensos resultados que produziu, "a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente a seus mensageiros diretos confia, para cumprimento de seus desígnios".

Aí está, no entendimento dos autores espíritas mais respeitados, a resposta à pergunta formulada pela leitora.

28/8/2016

Edição 480

A leitora Maria José Anunciação Camargo, de São Paulo (SP), em carta publicada na edição 478, de 14/8/2016, enviou-nos três perguntas, a respeito de Jesus e de seus ensinamentos. As duas primeiras já foram aqui respondidas.

Resta-nos responder à terceira proposição: - Como a moral cristã é vista pelo Espiritismo?

Nada resume melhor o pensamento espírita acerca do ensino moral contido nos Evangelhos do que este trecho escrito por Allan Kardec e por ele incluído na Introdução de seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

"Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código **uma regra de proceder** que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. E, finalmente e acima de tudo, o **roteiro infalível** para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra." (*Obra citada, Introd., parte I.*) (O negrito é nosso.)

Não foi, pois, sem motivo que Kardec escreveu na primeira de suas obras:

"A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, ou seja, fazer o bem e não fazer o mal." (*O Livro dos Espíritos, Introdução, item VI.*)

Em sua derradeira obra, ele explicou o porquê dessa assertiva:

"A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor". (*A Gênese, cap. 1, item 56.*)

E logo em seguida, no mesmo capítulo, esclareceu: "O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da natureza".

Em verdade, o que o Codificador da doutrina espírita estabeleceu com toda a clareza, com relação ao vínculo existente entre o Espiritismo e os ensinamentos de Jesus, nada mais é que a confirmação do que o Mestre de Nazaré havia predito em sua promessa sobre o Consolador:

"Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que meu Pai enviará em meu nome, vos **ensinará todas as coisas** e fará vos **lembrar de tudo** o que vos tenho dito". (*João, 14:15 a 26 e 16:7 a 14.*) (O negrito é nosso.)

Não deve, pois, causar surpresa o fato de que a temática principal das palestras públicas que os Centros Espíritas nos oferecem versa sobre os ensinamentos de Jesus explicados à luz da doutrina espírita. Afinal, essa é uma das tarefas inerentes à ação do Consolador prometido.

4/9/2016

Edição 481

Arlindo Cortes Nascimento, de Belo Horizonte (MG), em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos:

De que modo devemos interpretar, à luz do Espiritismo, a velha máxima "mente sã em corpo sã" e qual o nosso compromisso quanto a ela?

O corpo nada mais é que um instrumento passivo e é de sua condição plena que depende a perfeita exteriorização das faculdades da alma. Da cessação da atividade desse ou daquele centro orgânico resulta o término da manifestação que lhe é correspondente.

O corpo material não funciona apartado da alma – ele é, em verdade, a sua representação. Suas células são organizadas segundo as disposições perispirituais do indivíduo, de modo que o organismo doente retrata um Espírito enfermo.

É daí que provém toda a sabedoria da velha máxima "mente sã em corpo sã".

No que se refere ao "corpo sã", a atividade física exerce um papel importante, e constitui um dos meios pelos quais o homem vela pela conservação do seu corpo. A alimentação correta e a ausência de vícios também concorrem para esse objetivo, que é, em verdade, uma lei da vida, que não nos é dado negligenciar, motivo pelo qual não assiste a ninguém o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o veículo físico reclama.

Evidentemente, cuidar apenas do corpo físico não basta. É preciso cuidar da alma e buscar mantê-la em equilíbrio, para que, estando harmonizada, não transfira ao organismo físico suas próprias mazelas.

Aprendemos com o Espiritismo que desatender às necessidades que a Natureza nos prescreve equivale a desatender à lei de Deus, e tal atitude gera efeitos inevitáveis, como mostra a experiência de André Luiz, registrada por ele mesmo em sua primeira obra, o livro "Nosso Lar", cap. 4, pp. 31 a 33.

Já recolhido a um hospital na colônia Nosso Lar, ao ser examinado pelo médico Henrique de Luna, André escutou-o a dizer que lamentava tivesse "vindo pelo suicídio", ao que ele protestou: "Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal..."

O médico espiritual explicou-lhe então que a oclusão radicava-se em causas profundas. "Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo", explicou-lhe Henrique.

A oclusão – observou em seguida o facultativo – derivava de elementos cancerosos e estes, por sua vez, de algumas leviandades cometidas por André no campo da sífilis. A moléstia talvez não assumisse características tão graves se seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Seu modo especial de agir, muita vez exasperado e sombrio, captara destruidoras vibrações nos que o rodeavam, visto que a cólera é manancial de forças negativas para nós mesmos.

A ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com as pessoas, a quem muitas vezes ofendera sem refletir, conduziam-no com frequência à esfera dos seres doentes e inferiores. Foi isso que havia agravado o seu estado. Todo o aparelho gástrico fora destruído à custa de excessos de alimentação e de bebidas alcoólicas; a sífilis devorara-lhe energias essenciais; o suicídio era, pois, incontestável.

Esperamos que estas considerações sirvam de resposta à dúvida formulada pelo leitor.

11/9/2016

Edição 482

A leitora Sandra Menezes, do Rio de Janeiro (RJ), em mensagem publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, escreveu-nos o seguinte:

Vi em uma postagem no Facebook uma nota a respeito de um hino composto pelo Espírito de Scheilla, pelo sistema de escrita direta, em alto relevo, em que o médium utilizado foi Peixotinho, muito conhecido dos espíritas aqui do Rio de Janeiro. Gostaria de saber mais sobre essa faculdade – escrita direta –, em que consiste e como é realizada pelos espíritos.

Como assinalamos em nosso blog Espiritismo Século XXI, o Hino da Juventude Cristã, composto pela benfeitora espiritual Scheilla, entidade espiritual bastante conhecida dos espíritas do Brasil, foi por ela transmitido pelo sistema de escrita direta, em alto relevo, durante memorável sessão realizada em Astolfo Dutra (MG), com a participação dos médiuns Peixotinho e Anita Borela de Oliveira. A melodia foi composta, algum tempo depois, pelo maestro e compositor Francisco Guércio, que residia então na mesma cidade. Clicando neste link: <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/2016/09/as-mais-lindas-cancoes-que-ouvi-206.html>, o leitor terá acesso à letra e ao áudio da mencionada canção.

A questão proposta pela leitora é tratada por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*.

A escrita direta, também designada pelo vocábulo pneumatografia, é a que se produz espontaneamente sem o concurso nem da mão do médium, nem do

lápiz. Basta tomar uma folha de papel branco, dobrá-la e colocá-la em algum lugar, em uma gaveta, ou simplesmente sobre um móvel, e se estivermos em condições favoráveis, ao fim de um tempo mais ou menos longo, acharemos no papel caracteres traçados, sinais diversos, palavras, frases e mesmo discursos, frequentemente com uma substância cinzenta igual ao chumbo, outras vezes com tinta ordinária e mesmo tinta de impressão.

Nesse tipo de fenômeno, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos: ele mesmo faz a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando seus materiais do elemento primitivo universal ao qual ele imprime, por sua vontade, as modificações necessárias ao efeito que quer produzir. Ele pode, assim, fabricar a tinta que pretende usar e mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar relevo à impressão, de que diz Kardec ter visto vários exemplos. É desse modo que podemos explicar a aparição das três palavras na sala do festim de Baltazar, de que nos fala a Bíblia.

No seu livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, cap. IV, Kardec diz que no princípio colocavam-se uma folha de papel e um lápis sobre um túmulo, junto à estátua ou ao retrato de um personagem qualquer, e no dia seguinte, achava-se inscrito sobre o papel um nome, uma sentença e, algumas vezes, sinais ininteligíveis. É evidente que nem o túmulo, a estátua ou o retrato exerciam qualquer influência por si mesmos; eram, simplesmente, um meio de evocação pelo pensamento.

Segundo o codificador da doutrina espírita, foi o Barão L. Guldenstubbé, autor da obra *La réalité des Esprits et le Phénomène merveilleux de leur écriture directe*, publicada em Paris no ano de 1857, quem pôs em evidência esse tipo de fenômeno.

Gabriel Delanne acrescenta, em seu livro *O Fenômeno Espírita*, que foi em 13 de agosto de 1856, na França, que o Barão de Guldenstubbé obteve o primeiro sucesso nessa modalidade de comunicação espírita. Pouco depois, repetindo a experiência em presença do Conde d'Ourches, o Barão obteve uma mensagem da mãe do referido Conde, cuja assinatura e letra foram reconhecidas como autênticas.

Na mesma obra, Delanne informa que, na Inglaterra, Wallace constatou a escrita direta em casa da médium Sra. Marshall. Delanne relata no seu livro como se deu essa experiência e menciona também relatos de escrita direta feitos pelo Sr. Oxon, Zöllner e Dr. Gibier. Slade foi o médium nas experiências mencionadas pelos dois últimos cientistas.

Sobre o assunto sugerimos à leitora que leia, se puder, o texto publicado nesta mesma seção na edição 237 desta revista. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano5/237/oespiritismoresponde.html>

18/9/2016

Edição 483

De uma amiga e colaboradora desta revista, recebemos a seguinte pergunta:

Temos aqui uma questão que preciso esclarecer. Diz respeito aos centros vitais, ou de força. Cada um deles está ligado a um plexo ou a uma glândula específica ou um órgão. No caso de extirpação do órgão, como o baço, ou no caso de histerectomia, ou seja, ablação do útero, por

exemplo, a qual órgão vai se ligar o centro vital correspondente? Há fusão de centros vitais? Que acontece nesses casos?

A questão proposta não foi examinada nas obras de Allan Kardec e, pelo que sabemos, apenas um autor, no âmbito espírita, dela tratou. Referimo-nos a André Luiz. O que se vai ler em resposta à pergunta de nossa colaboradora é, portanto, uma informação singular, que pode estar ou não correta.

É evidente que não temos motivos para discordar de André, mas é importante ressaltar que outros Espíritos, valendo-se de médiuns que não se conhecem, jamais trataram do assunto – pelo menos foi o que apuramos.

A respeito das chamadas revelações singulares e da importância da concordância nos ensinamentos espíritas, lembremos o que Allan Kardec escreveu:

“A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá espontaneamente em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, II.)

Dito isso, respondendo diretamente à pergunta de nossa amiga, lembramos que André Luiz examinou parte do que nos foi perguntado no seu livro *Evolução em Dois Mundos*, obra psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.

Eis o trecho do livro em que o assunto é tratado:

– Qual a importância da relação existente entre o baço e o centro esplênico, se o baço pode ser extirpado sem maiores prejuízos à continuação da existência do encarnado?

Compreendamos que a extirpação do baço em sua expressão física, no corpo carnal, não significa a anulação desse órgão no corpo espiritual e que, interligado a outras fontes de formação sanguínea no sistema hematopoético, prossegue funcionando, embora imperfeitamente, no campo somático, atento às articulações do binário mente-corpo. (*Evolução em Dois Mundos*, Segunda Parte – cap. 3 - Corpo espiritual e volitação.)

Com a informação acima, vê-se que, embora extirpado o baço físico, permanece o baço do corpo espiritual ou perispírito e o centro vital correspondente ajusta-se aos poucos aos outros centros hematopoéticos – produtores de sangue e de substâncias protetoras da nossa defesa imunológica – especialmente o fígado e a medula óssea.

Para o leitor não afeito aos termos citados na resposta acima, lembramos que a palavra

hematopoético diz respeito à hematopoese: processo orgânico de formação dos glóbulos sanguíneos.

Centro esplênico é o centro de força vital, no perispírito, relacionado com o plexo mesentérico e o baço físico, que regula a distribuição e a circulação dos recursos vitais, e a formação e reposição das defesas orgânicas através do sangue. O plexo mesentérico é o entrelaçamento de ramificações nervosas localizadas na região do baço.

Quanto ao baço, trata-se de uma glândula vascular sanguínea situada no hipocôndrio esquerdo (parte lateral do abdome), que tem por função armazenar o excesso de glóbulos vermelhos produzidos pela medula óssea (tutano), desintegrar os glóbulos vermelhos velhos e liberar hemoglobina (substância proteica dos glóbulos vermelhos, a qual contém ferro, e é o elemento que leva o oxigênio aos tecidos, deles trazendo o gás carbônico).

Sugerimos aos interessados que leiam também o texto que publicamos na edição 275 desta revista, pertinente ao estudo sequencial do livro *Evolução em Dois Mundos*, acima citado. Eis o link:

<http://www.oconsolador.com.br/ano6/275/estudandoaserieandreluiz.html>

25/9/2016

Edição 484

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, o leitor Leandro Silvestre de Macedo, do Rio de Janeiro (RJ), pergunta-nos:

- Por favor, onde consigo a lista de médiuns que participaram da codificação?

As fontes confiáveis com relação à pergunta do leitor são a *Revista Espírita*, mensário publicado por Allan Kardec no período de 1858 a 1869, e as notas que ele escreveu e foram reunidas no livro *Obras Póstumas*, publicado anos depois de sua desencarnação.

Como sabemos, foi em maio de 1855, na casa da Sra. Plainemaison, que o codificador da doutrina espírita assistiu pela primeira vez aos fenômenos espíritas.

Logo depois, ele conheceu a família Baudin, que fazia sessões semanais regulares em sua casa, tendo como médiuns as Srtas. Julie e Caroline Baudin, que escreviam com o auxílio da cesta, como um pão ou uma carapeta.

Kardec comparecia às sessões assiduamente e foi ali que fez seus primeiros estudos sérios a respeito do Espiritismo, o que nos autoriza a dizer que as jovens Julie e Caroline Baudin foram as primeiras médiuns que trabalharam ao lado dele no processo que culminou na codificação do Espiritismo.

Em 1856, Kardec passou a frequentar também as reuniões em casa do Sr. Roustan – não confundamos com Roustaing, que residia em outra cidade. Ali

trabalhava como médium a Srta. Japhet, que obtinha comunicações interessantes com o auxílio da cesta aguçada, arranjada em forma de bico. Segundo o codificador, foi com essa médium que ele procedeu à revisão dos originais que deram, na sequência, origem à primeira edição d' *O Livro dos Espíritos*, dada a lume em 18 de abril de 1857.

Ao tratar do chamado método kardequiano, J. Herculano Pires disse que um dos pontos pertinentes ao método foi a escolha feita por Kardec de colaboradores mediúnicos insuspeitos do ponto de vista moral, da pureza das faculdades e da assistência espiritual.

Kardec costumava repassar as respostas obtidas em um grupo ao crivo de outros Espíritos, valendo-se de médiuns diferentes. Assim é que ele trabalhou, além das médiuns já citadas (Japhet, Caroline e Julie Baudin), com as médiuns Aline, Solichon, Ermance Dufaux, Schmidt e Forbes e com o médium Crozet, dentre outros.

Com base nas informações acima, podemos dizer que foram esses os principais médiuns que concorreram para que a codificação da doutrina espírita se concretizasse, conquanto saibamos que Kardec se relacionava com grupos situados em diferentes localidades e, portanto, muitos outros médiuns, cujos nomes não ficaram registrados, tiveram evidentemente participação relevante na obra kardequiana.

2/10/2016

Edição 485

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, um leitor de Belo Horizonte (MG) escreveu-nos o seguinte:

“Tenho uma neta que está provavelmente obsidiada pela sua avó. Cometendo coisas semelhantes como sua avó fazia. Que devo fazer? Ajude-me.”

Nos processos obsessivos, a circunstância de uma neta ser obsidiada pela avó não é algo inusitado. Na Revista Espírita de janeiro de 1865, Allan Kardec relata um caso semelhante. Referimo-nos à obsessão sofrida por Valentine Laurent, uma jovem de 13 anos à época, que residia em Marmande (França).

Valentine experimentava convulsões diárias e ficava, às vezes, tão violenta que era preciso amarrá-la ao leito, providência que exigia o concurso de várias pessoas. Exorcismos, missas, passes – nada disso resolveu o problema.

Levado o caso ao Sr. Dombre, dirigente de um grupo espírita radicado na mesma cidade, o grupo inicialmente utilizou os passes. Com a insuficiência deles, resolveu evocar a entidade que perturbava a jovem e descobriu, então, que se tratava de uma das avós de Valentine.

Teve início, então, a doutrinação, que se realizou no período de 16 a 24 de setembro de 1864. A entidade afastou-se; deu-se depois a recaída e, com a colaboração da jovem obsidiada, o tratamento teve um final feliz.

Ao relatar na Revista Espírita a experiência da jovem Valentine Laurent, Kardec fez as seguintes observações:

- 1ª) O caso demonstrou a insuficiência do tratamento magnético.
- 2ª) Era preciso, e é preciso em casos assim, remover-se a causa.

3ª) Para removê-la é necessário o que chamamos de doutrinação do Espírito obsessor.

Foi necessário, no entanto, o concurso da própria jovem que, orientada pelos Espíritos, decidiu mudar de conduta em face da vida, fato que contribuiu para que sua avó desencarnada, a entidade obsessora, acolhesse os esclarecimentos recebidos durante a chamada doutrinação.

Quando a obsessão envolve crianças, muitas pessoas não conseguem entender por que a Providência Divina permite que fatos assim ocorram.

Manoel Philomeno de Miranda já tratou do tema em duas conhecidas obras, psicografadas pelo médium Divaldo Franco.

No livro *Sexo e Obsessão*, no capítulo intitulado "O drama da obsessão na infância", respondendo a uma pergunta sobre o assunto, o mentor Anacleto esclareceu que muitos processos de obsessão têm seu início fora do corpo físico, quando os calcetas e rebeldes, os criminosos e viciados reencontram suas vítimas no além-túmulo, os quais se lhes imantam nos tentames infelizes e de resultados graves em diversas formas de obsessões.

A obsessão na infância – disse ele – "muitas vezes é continuidade da ocorrência procedente da Erraticidade. Sem impedir o processo da reencarnação, essa influência perniciosa acompanha o período infantil de desenvolvimento, gerando graves dificuldades no relacionamento entre filhos e pais, alunos e professores, e na vida social saudável entre coleguinhas".

Anteriormente, no livro *Trilhas da Libertação*, no capítulo intitulado "Ampliando os conhecimentos", Manoel P. de Miranda consignou os esclarecimentos dados pelo dr. Carneiro de Campos (Espírito) acerca do tratamento que deve ser dispensado à criança obsidiada.

Inicialmente, o benfeitor espiritual lembrou que a obsessão na infância possui um caráter expiatório como efeito de ações danosas de curso mais grave. "Não obstante – esclareceu ele –, os recursos terapêuticos ministrados ao adulto serão aplicados ao enfermo infantil com mais intensa contribuição dos passes e da água fluidificada – bioenergia – bem como proteção amorosa e paciente, usando-se a oração e a doutrinação indireta ao agente agressor – psicoterapia –, por fim, através do atendimento desobsessivo mediante o concurso psicofônico, quando seja possível atrair o hóspede à comunicação mediúnica de conversação direta".

E acrescentou: "A visão do Espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu o débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso, propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras".

Deve, portanto, o leitor que nos escreveu buscar apoio numa Casa Espírita de sua cidade, onde a orientação adequada, as preces, os passes, a água fluidificada e o trabalho desobsessivo em benefício da entidade perturbadora produzirão, com certeza, o resultado esperado.

Sobre o assunto, sugerimos também que leia os textos a seguir indicados, todos disponíveis na Web:

A obsessão em crianças e a questão dos ovoides:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/125/esde.html>

As diversas faces da obsessão infantil:

<http://clodomiro.xpg.uol.com.br/e059.html>

Obsessão infantil - o que fazer?

<http://waniafacure.blogspot.com.br/2011/02/obsessao-infantil-o-que-fazer.html>

Obsessão na infância e na adolescência:

<http://www.acasadoespiritismo.com.br/familia/evangefamilia/obsessao%20na%20infancia%20e%20adol.htm>

A criança obsidiada: como proceder?

goo.gl/HU6ZJW

9/10/2016

Edição 486

Uma leitora e também participante ativa dos trabalhos realizados na Casa Espírita, depois de assistir, no YouTube, a uma palestra do professor e historiador Leandro Karnal, da Universidade Estadual de Campinas, fez-nos um interessante questionamento pertinente à conduta dos espíritas.

Segundo sua percepção, tem havido nos últimos anos uma certa indisciplina em regras e valores por parte dos próprios espíritas. Daí a pergunta que nos propôs:

- Será que o espírita não sente temor algum das consequências advindas dos seus atos, em conformidade com a Lei de causa e efeito ensinada pelo Espiritismo?

A pergunta formulada é acompanhada de uma sugestão, a saber, que seja incluída nos eventos espíritas do tipo semana espírita a discussão do tema "A Conduta Ética no Meio Espírita".

A palestra por ela mencionada pode ser acessada a partir deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=SnxeqOpMPC4>

Nela, o professor Karnal analisa diversos assuntos, como por exemplo a questão da corrupção no Brasil, tema que tem estado em moda em nosso país, sobretudo por causa dos desdobramentos da Operação Lava Jato.

Karnal lembra-nos, em sua fala, que é ilusão imaginar que a corrupção em nossa pátria se circunscreve aos políticos, aos partidos ou aos governantes, visto que ela está presente no dia a dia dos brasileiros, como nas vendas sem nota, no atestado médico falso, no suborno do guarda de trânsito, no recibo cujo valor é majorado, no colega que assina a lista de presença no lugar do amigo, no estacionamento em lugar proibido, na omissão de rendimentos na declaração do imposto de renda... e por aí vai.

Nas situações mencionadas, nem mesmo os que se dizem espíritas agem – conforme afirma a leitora – de forma diferente. E é por isso que ela nos propôs a pergunta a que nos referimos.

Não devemos jamais generalizar, mas é evidente que, senão todos, muitos espíritas agem realmente assim, ignorando por certo que tais atitudes compõem também a tão lamentada estrutura de corrupção que se registra no Brasil e, como se sabe, não apenas nas terras descobertas por Pedro Álvares Cabral, mas no mundo todo.

O assunto provocado pela leitora evoca uma questão importante pertinente ao grau evolutivo dos habitantes da Terra.

Em 1948, ano em que escreveu o livro *Voltei*, obra psicografada por Chico Xavier, disse Frederico Figner (verdadeiro nome de Irmão Jacob, autor do livro) que dos dois bilhões de encarnados que viviam então no planeta mais da metade era constituída por Espíritos semicivilizados ou bárbaros e que as pessoas aptas à espiritualidade superior não passavam de 30% da população global, distribuídas pelos diferentes continentes.

Há 46 anos, no livro *Vida e Sexo*, obra escrita em 1970, Emmanuel informou que há no planeta um grupo numeroso de homens e mulheres psicicamente não muito distantes da selva, remanescentes próximos da convivência com os brutos.

Vê-se, pois, à vista das obras citadas, que nosso orbe é um mundo ainda muito atrasado e distante da perfeição, o que explica as imperfeições morais mencionadas pela leitora, das quais não se excluem, obviamente, os espiritistas, que deveriam ter uma noção mais perfeita, graças aos ensinamentos espíritas, da responsabilidade que assumimos perante a Lei em decorrência de nossas ações e omissões, de que teremos de prestar contas, finda a nossa passagem por aqui.

16/10/2016

Edição 487

Um leitor pergunta-nos se o fluido vital tem, em suas propriedades, algo de comum com o fluido perispirítico a que Allan Kardec se refere no cap. XI de seu livro *A Gênese*.

A resposta, ressaltado o fato de serem ambas modificações ou subprodutos do fluido cósmico universal, é que têm eles funções bem diferentes e claramente especificadas na obra de Allan Kardec.

Ensina-nos João Teixeira de Paula em seu *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, vol. 1:

Fluido vital: princípio orgânico, que produz os fenômenos da vida material. É o mesmo que fluido elétrico animalizado, fluido magnético, fluido nervoso, força nêurica radiante, força fluídica vital, força vital, princípio vital.

Fluido perispirítico: é o mesmo que fluido perispiritual ou perispiritual – fluido componente do perispírito.

O primeiro – fluido vital – diz respeito aos seres vivos; o segundo diz respeito ao corpo espiritual, a que Kardec chama também de perispírito.

A notícia a respeito do fluido universal – designado às vezes como fluido cósmico universal – apareceu primeiramente na resposta dada pelos Espíritos à questão 27 d' *O Livro dos Espíritos*:

27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?

“Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido

universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.”

a) **Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade?**

“Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.”

O perispírito é, como todos sabemos, um dos subprodutos do fluido universal:

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 94.)

O princípio vital ou fluido vital, como vimos, tem por função produzir os fenômenos da vida material. É, pois, indispensável à vida do nosso corpo físico, embora nenhuma função tenha com relação à alma, que é dele independente:

136. A alma independe do princípio vital?

“O corpo não é mais do que envoltório, repetimo-lo constantemente.”

a) **Pode o corpo existir sem a alma?**

“Pode; entretanto, desde que cessa a vida do corpo, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; enquanto que, depois de essa união se haver estabelecido, a morte do corpo rompe os laços que o prendem à alma e esta o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.” (*O Livro dos Espíritos*, questões 136 e 136, a.)

O fluido perispirítico, à diferença do fluido vital, embora seja um subproduto do fluido universal, dá origem a fenômenos diferentes, como Kardec observou no livro *A Gênese*:

“Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma **vitalidade independente da matéria**, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes.” (*A Gênese*, cap. XI, item 5.) (Negritamos.)

Para melhor compreensão da diversidade de aplicações ou funções, eis o que lemos nos textos abaixo, constantes d' *O Livro dos Médiuns*, quando Kardec examina como se dão os fenômenos espíritas de efeitos físicos:

XIV. **Que papel desempenha o médium nesse fenômeno?**

"Já eu disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para a animar."

XV. **Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium?**

"Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos." (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV.)

Está dito com toda a clareza que o fluido próprio do médium – o fluido vital – se combina com o fluido perispirítico, para que o fenômeno se realize, explicação essa que é repetida na mesma obra no seguinte texto relativo aos fenômenos de transporte:

"Em geral, os fatos de transporte são e continuarão a ser extremamente raros. Não preciso demonstrar porque são e serão menos frequentes do que os outros fenômenos de tangibilidade; do que digo, vós mesmos podeis deduzi-lo. Demais, estes fenômenos são de tal natureza, que nem todos os médiuns servem para produzi-los. Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia; em suma: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido perispirítico do encarnado se misture, se una, se combine com o do Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal esta fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, uma: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só foco, uma só claridade. Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que **o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, é apanágio exclusivo do encarnado** e que, por conseguinte, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, tornar invisíveis e fazer que se movam alguns objetos materiais e mesmo os encarnados." (*O Livro dos Médiuns*, cap. V, item 98.) (Negritamos.)

A independência entre o princípio ou fluido vital e o perispirito é, ademais, confirmada com a informação seguinte dada pelos Espíritos em resposta à questão 70 d' *O Livro dos Espíritos*:

70. **Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem?**

"A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital **volta à massa** donde saiu." (Negritamos.)

23/10/2016

Edição 488

Um leitor do Rio de Janeiro, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Em determinada palestra o palestrante referiu-se a algumas formas de obsessão, citando a auto-obsessão e a obsessão recíproca. Não encontramos no Livro dos Médiuns referência ao assunto, mas apenas a classificação que Kardec faz entre obsessão simples, fascinação e subjugação.

Afinal, além do que Kardec escreveu, existem outros tipos ou formas de obsessão? A revista poderia esclarecer-nos a respeito do assunto?

Realmente, no que diz respeito às pessoas envolvidas no processo obsessivo, o que sabemos hoje encontramos em outros autores e estudiosos do tema, os quais nos ensinam que a obsessão pode – quanto aos litigantes – apresentar seis modalidades:

1. De encarnado sobre encarnado
2. De encarnado sobre desencarnado
3. De desencarnado sobre desencarnado
4. De desencarnado sobre encarnado
5. Obsessão recíproca
6. Auto-obsessão.

Antes de examinar especificamente as seis modalidades citadas, é bom ter em mente, de forma resumida, algo do que Allan Kardec, no cap. XXIII, itens 237 a 240, d'O Livro dos Médiuns, escreveu sobre o conceito de obsessão e suas principais variedades:

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação. (L.M., 237.)

Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do

qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua. Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. (L.M., 238.)

A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. (L.M., 239.)

A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. (L.M., 240.)

Dada a exiguidade do espaço, concluiremos nas duas próximas edições os esclarecimentos solicitados pelo leitor.

30/10/2016

Edição 489

Conforme dissemos na edição anterior, em resposta a um leitor do Rio de Janeiro, a obsessão – no tocante às pessoas envolvidas no processo – pode apresentar as seguintes formas ou modalidades:

1. De encarnado sobre encarnado
2. De encarnado sobre desencarnado
3. De desencarnado sobre desencarnado
4. De desencarnado sobre encarnado
5. Obsessão recíproca
6. Auto-obsessão.

Quando existem os fatores predisponentes causadores da obsessão, não importa que os litigantes estejam ambos encarnados ou ambos desencarnados. Há obsessores que aguardam a desencarnação de sua vítima, para prosseguir no processo de vingança, que é, como sabemos, a causa principal das modalidades de obsessão, sobretudo das que apresentam maior gravidade.

Reencarnados, o processo pode ter continuidade enquanto suas causas não estejam removidas, o que explica a maldade com que muitas pessoas tratam criaturas sob sua dependência ou guarda.

De todas as modalidades citadas, pensamos que os casos mais numerosos são aqueles nos quais Espíritos livres do corpo físico – os desencarnados – atuam maleficamente sobre pessoas encarnadas.

Compreende-se que é mais fácil ao Espírito assim atuar, porque, agindo na sombra, o obsessor tem a seu favor o fato de não ser visível e nem sempre ser percebido por sua vítima. Esta, ignorando mesmo a possibilidade de haver sintonia entre os Espíritos e os homens, deixa-se induzir, suggestionar e dominar pelo perseguidor, que saberá encontrar no seu passado as *tomadas* mentais que facilitarão a conexão.

Menos numerosos são os casos em que se dá o contrário: obsessão de um Espírito por uma pessoa encarnada.

Esta modalidade de obsessão decorre geralmente do desconhecimento, por parte dos homens, das condições em que vivem os Espíritos. Devido a isso, muitos vinculam-se obstinadamente aos entes amados que os precederam no túmulo. A inconformação e o desespero, advindos da morte corpórea do ente querido, podem transformar-se em uma forma de obsessão que irá afligi-lo e atormentá-lo. E igual fato se dá quando o sentimento que domina o encarnado é de ódio ou revolta para com aquele que partiu para o Além. É comum que herdeiros insatisfeitos com a partilha dos bens feita pelo morto se fixem mentalmente no Espírito, atingindo-o com seus pensamentos de inconformação e às vezes de rancor.

Veremos na próxima semana, concluindo os esclarecimentos solicitados pelo leitor, os casos de obsessão recíproca e de auto-obsessão.

6/11/2016

Edição 490

Das seis modalidades obsessivas que mencionamos na semana anterior, faltam-nos ver os casos de obsessão recíproca e auto-obsessão.

Na obsessão recíproca obsessor e obsidiado se confundem em um mesmo processo. Trata-se muitas vezes de pessoas que se buscam para locupletar-se das vibrações que permutam e nas quais se comprazem.

No livro *Domínios da Mediunidade*, André Luiz menciona o caso de Libório, então desencarnado, que obsidiava a mulher por quem sentia paixão, vampirizando-lhe o corpo físico. "O pensamento da irmã encarnada que o nosso amigo vampiriza", diz André Luiz, "está presente nele, atormentando-o. Acham-se ambos sintonizados na mesma onda. É um caso de perseguição recíproca." Os pensamentos perturbadores ora partiam do marido, ora da esposa, buscando ambos a companhia um do outro e comprazendo-se com a permuta de vibrações e sensações.

A auto-obsessão, como o nome diz, é um processo que envolve uma única pessoa e já era bem conhecido ao tempo de Allan Kardec, que, conforme lemos

em *Obras Póstumas*, escreveu: "O homem não raramente é o obsessivo de si mesmo". "Alguns estados doentes e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo", explica o codificador. São os doentes da alma, obsessivos de si mesmos, que vivem um passado do qual não conseguem fugir. Em suas recordações estão vivos os fantasmas de suas vítimas.

É bom lembrar que existem também os que portam auto-obsessão sutil, mais difícil de ser detectada. Incalculável é o número de pessoas que comparecem aos consultórios queixando-se dos mais diversos males – para os quais não existem medicamentos eficazes – e que são tipicamente portadores de auto-obsessão. Voltados para si mesmos, preocupam-se em excesso com a própria saúde, descobrem sintomas, dramatizam as ocorrências mais corriqueiras do dia a dia e sofrem por antecipação situações que jamais chegarão a se realizar, vítimas do ciúme, da inveja, do egoísmo, do orgulho e do despotismo. Esse estado mental abre campo para os Espíritos menos felizes, que dele se aproveitam para se aproximar, podendo instalar-se, aí sim, o desequilíbrio por obsessão.

13/11/2016

Edição 491

Um companheiro de lides espíritas de nossa cidade pede-nos que falemos algo sobre a morfologia do corpo espiritual, no que diz respeito à aparência com que os Espíritos, após sua desencarnação, se apresentam.

Duas obras espíritas que todos respeitamos trazem informações valiosas sobre o assunto.

A primeira é o clássico *A Reencarnação*, conforme tradução feita por Carlos Imbassahy, publicada pela FEB. Nele, Gabriel Delanne fornece-nos sobre o tema as seguintes informações:

- 1) Nota-se pelas fotografias dos fantasmas que eles têm formas reais e possuem, durante a materialização, todos os caracteres dos seres vivos.
- 2) Referindo-se às materializações de Katie King, William Crookes afirma que a aparição possui coração e pulmões; mas o mecanismo fisiológico de Katie King é diferente do da médium, Srta. Cook.
- 3) Charles Richet comprovou que a forma materializada possui circulação, calor próprio e músculos, e exala ácido carbônico.
- 4) O corpo fluídico é semelhante, em todos os pontos, e mesmo anatomicamente, idêntico ao corpo físico. É um ser de três dimensões, com morfologia terrestre. (*A Reencarnação*, págs. 44 a 55.)

A outra obra, de confecção mais recente, é *Evolução em dois Mundos*, psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. No cap. IV da 2ª parte dessa obra, André Luiz oferece-nos as informações adiante resumidas:

- 1) As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados.

- 2) A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas.
- 3) Fácil observar, portanto, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a provação necessária ou a tarefa específica, porquanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem.
- 4) Se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém o Espírito, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens, sendo certo que, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme suas disposições íntimas. (*Evolução em dois Mundos, 2ª parte, cap. IV, pp. 176 e 177.*)

Concluindo, é bom lembrar que o assunto não era estranho a Allan Kardec, conforme podemos conferir no artigo intitulado "As mulheres têm alma?", publicado na Revista Espírita de janeiro de 1866.

Segundo o codificador da doutrina espírita, a influência que o Espírito encarnado sofre do organismo não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perdemos instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Pode acontecer que determinado Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que durante muito tempo possa conservar, na erraticidade, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o fato se dá também quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Em uma nova encarnação trará, portanto, o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Mudando de sexo na nova existência corpórea que deverá cumprir, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acabou de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres.

20/11/2016

Edição 492

Um médium passista, a partir do momento em que é acometido da chamada esclerose múltipla, deve abster-se de ministrar os passes?

Esta pergunta, que nos foi feita nesta semana, é idêntica a outra que nos foi apresentada em 2013 por uma médium radicada no interior de Minas Gerais, cujo nome, por motivos óbvios, deixamos de mencionar.

Eis o seu caso, como nos foi relatado naquela ocasião:

Ela trabalhou durante muitos anos como médium passista na cidade onde vivia. Em determinada ocasião, descobriu ser portadora de esclerose múltipla, doença que afeta o sistema nervoso central, mas mesmo assim continuou trabalhando na atividade do passe.

Ela levava, então, uma vida praticamente normal, com pequenas limitações, mas sem sequelas que afetassem o intelecto.

Depois de algum tempo, por motivos profissionais, teve de mudar-se para outra cidade de Minas, onde residia já fazia 4 anos. Contudo, devido à sua problemática, não teve permissão para trabalhar nos passes, mesmo estando os dirigentes da Casa Espírita cientes de que ela trabalhava nessa área em sua cidade de origem. Segundo os referidos dirigentes, pessoas com esclerose múltipla devem abster-se da atividade do passe.

Quando o assunto chegou a esta revista, consultamos vários estudiosos espíritas e, tal como aconteceu em Minas Gerais, alguns se manifestaram também contrários à permissão para que um médium com esclerose múltipla atue nas tarefas do passe. Sobre os motivos para tal pensamento, nenhuma justificativa, nenhuma explicação minimamente razoável.

Ocorre que entre as pessoas que consultamos havia um médico e um médium, ambos conhecidos por seu notório saber relativamente à doutrina espírita e, de modo particular, à mediunidade.

Eis o que eles nos disseram, respondendo à consulta que lhes fizemos:

- 1) Quanto ao caso da nossa irmã, não vejo qualquer tipo de impedimento para que ela continue no serviço dos passes. Não conheço nada na Doutrina que impeça um portador de Esclerose Múltipla de aplicar passes, fazendo o bem, sendo instrumento de vibrações saudáveis que lhe produzirão reequilíbrio também no ato de ajudar. A recomendação da caridade é abrangente. Tratando-se de enfermidade infectocontagiosa, é claro, deve-se evitar maior contato com outras pessoas, por motivos óbvios. Os impedimentos para aplicação dos passes são de natureza moral: vícios, dependências perturbadoras, desequilíbrios emocionais e psiquiátricos. Espero que a nossa irmã prossiga auxiliando e auxiliando-se. *(Divaldo Franco)*
- 2) A esclerose múltipla é uma doença hoje em dia muito conhecida. Estamos nas vésperas de sua cura. Hoje os recursos terapêuticos são eficientes. O que se transmite no passe é muito pouco de nós e muito mais dos fluidos que procedem da espiritualidade. Por favor, indique a ela continuar no passe que vai até lhe fazer bem. *(Dr. Nubor Orlando Facure)*

O médium acima mencionado é por demais conhecido no mundo todo e, por isso, dispensa apresentação. Quanto ao médico, aos que ainda não o conhecem explicamos: Nubor Orlando Facure, médico neurocirurgião, ex-professor catedrático de Neurocirurgia na Unicamp (Universidade de Campinas), conferencista espírita e autor de inúmeras obras, é fundador e diretor do Instituto do Cérebro de Campinas (SP).

27/11/2016

Edição 493

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, José Carlos Rodrigues, de Duque de Caxias (RJ), pergunta-nos qual é o significado da palavra mediunato.

Devidamente registrado no VOLP- Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa - <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario?sid=23> - mediunato é um termo criado pelos Espíritos para designar a missão providencial dos médiuns.

Em seu livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, publicado em 1858 por Allan Kardec, este escreveu:

Mediunato: missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (*Obra citada, Vocabulário, pág. 43, conforme tradução de Cairbar Schutel publicada pela Casa Editora O CLARIM.*)

Na Revista Espírita de maio de 1860, numa mensagem intitulada "Os médiuns", Joanna d'Arc a utilizou no seguinte trecho:

"Deus encarregou-me de uma missão para cumprir junto aos crentes que ele favorece com o mediunato. Quanto mais recebem graças do Mais Alto, mais correm perigos; e esses perigos são tanto maiores quanto nascem dos próprios favores que Deus lhes concede. As faculdades de que os médiuns gozam lhes atraem os elogios dos homens: as felicitações, as adulações, eis seu escolho. Os próprios médiuns, que deveriam ter presente na memória sua incapacidade primitiva, esquecem-no; fazem mais: o que eles não devem senão a Deus, atribuem ao seu próprio mérito. Que acontece então? Os bons Espíritos os abandonam; não tendo mais bússola para guiá-los, tornam-se joguetes de Espíritos enganadores. Quanto mais são capazes, mais são levados a se fazerem um mérito de sua faculdade, até que Deus, enfim, para puni-los, retira-lhes um dom que não pode mais que lhes ser fatal." Joanna d'Arc (Espírito).

A mensagem foi reproduzida por Allan Kardec no cap. XXXI, item 12, d' *O Livro dos Médiuns*, publicado em 1861.

No livro *Temas da Vida e da Morte*, psicografado por Divaldo Franco, Manoel Philomeno de Miranda lembra-nos que a mediunidade tem, como fim providencial, a elevação espiritual da Humanidade e do planeta que habita. Como consequência, faculta o intercâmbio dos desencarnados com os homens, rompendo a cortina que aparentemente os separa, destruindo na base a negação e o cepticismo a que muitos se aferram. E, referindo-se ao tema suscitado pelo leitor, afirma que a mediunidade bem exercida leva o trabalhador ao **mediunato**, que tem, em Jesus, o Modelo, por haver sido, por excelência, o perfeito Médiun de Deus, graças à sintonia ideal mantida com o Pai. (Livro citado, *Obstáculos à mediunidade*, pp. 125 e 126.)

Concluindo nossos apontamentos, transcrevemos uma oportuna mensagem em que Vianna de Carvalho, por intermédio de Divaldo Franco, se refere ao termo mediunato – que segundo ele constitui a meta para a qual os médiuns devem canalizar todos os seus esforços:

Honra à mediunidade

Vianna de Carvalho

Sem recorrermos à intimidade das civilizações mais recuadas do Oriente e do Ocidente, detendo-nos apenas na cultura judaico-cristã, encontraremos a presença da mediunidade em todas as épocas assinalando os seus fastos com a presença de venerandas Entidades, que se encarregaram de orientar o destino dos seus governantes e do povo em geral.

Moisés, inspirado pelos Espíritos Guias da Humanidade recebe os Dez Mandamentos, que se transformaram em soberano código para os tempos do futuro até aos nossos dias, assinalando os comportamentos do homem e da mulher.

Em diversas ocasiões, na grande travessia do deserto, convive com os Mentores e transfere a percepção psíquica aos anciãos de Israel, enriquecendo-os com ectoplasma, a fim de que pudessem vivenciar a elevada experiência de ordem espiritual.

Dois jovens, Eldade e Medade, tomados pelas Vozes espirituais profetizam e provocam ciúmes, sendo, porém, apoiados por Moisés, que afirma gostaria que todo o povo pudesse fazer como eles, confirmando-lhes a faculdade mediúnica.

Todos os profetas mantiveram os mesmos vínculos com os Espíritos elevados, que os guiavam, avançando no tempo em momentosas precognições que se consumaram através de ricos detalhes, que os tornaram verdadeiros mensageiros do Mais Alto.

José, igualmente inspirado, interpretou o sonho do Faraó, e se tornou ministro no Egito, auxiliando-o enquanto viveu.

Daniel, mediunizado, traduziu a legenda estranha que apareceu na sala do rei Baltasar, da Babilônia, anunciando a destruição do reino, conforme se verificou logo depois.

A vinda de Jesus fez-se anunciada espiritualmente através dos séculos na condição de Messias, que viria instaurar um reino superior entre os homens da Terra, e todo o Seu ministério foi assinalado pelas contínuas comunicações com a Erraticidade.

Transfigurando-se, diante de Moisés e Elias, no monte Tabor, inaugurou o período das futuras reuniões espíritas de materialização. Logo depois, libertou o jovem epilético da ação tenebrosa de um Espírito imundo.

Não poucas vezes dialogou com os obsessores, concitando-os a libertar aqueles que lhes padeciam as injunções dolorosas.

Curou, à distância, o servo do centurião, detectando vida em pessoas consideradas mortas, como a filha da viúva de Naim e Lázaro, que trouxe de volta à lucidez da consciência, arrancando-os do estado profundo de catalepsia.

Não bastassem os inúmeros testemunhos da Sua mediunidade sublime, após a morte retornou inúmeras vezes, a fim de demonstrar a sobrevivência da vida ao decesso tumular, aparecendo em diferentes períodos da Humanidade a homens e mulheres valorosos, para que dessem prosseguimento aos ministérios abraçados, desse modo contribuindo com o progresso próprio e o da sociedade.

Médiuns extraordinários passaram pelos séculos convidando à reflexão e ao apostolado do bem, assinalando as suas existências com a abnegação e o devotamento, despertando mentes e corações para os deveres

espirituais e o entendimento a respeito da transitoriedade da existência carnal.

Malsinados uns e perseguidos outros, celebrizados diversos e glorificados alguns que passaram santificados à posteridade, enquanto expressivo número teve a existência corporal encerrada pela intolerância religiosa nas fogueiras e vitimados por outras penas cruéis, deixaram o rastro luminoso, anunciando a imortalidade do Espírito, para que os seres humanos pudessem manter a esperança e a alegria nas lutas ásperas e nos testemunhos dolorosos.

Com Allan Kardec, o nobre Codificador do Espiritismo, a mediunidade abandonou as paisagens do mito e da acusação, deixando de ser graça especial concedida a alguns ou psicopatologia lamentável, para assumir o seu papel real de ponte entre as dimensões física e espiritual, facilitando o intercâmbio entre os seres, ao tempo em que dignificou a conduta moral terrestre.

A faculdade mediunidade se radica no organismo, independentemente dos valores morais do indivíduo, sendo, portanto, desse ponto de vista, neutra. Nada obstante, os requisitos pessoais de cada um constituem significativo polo de atração para os Espíritos que, mediante a afinidade vibratória, passam a acompanhá-lo, interferindo em seus pensamentos, palavras e atos.

Em razão disso, a mediunidade impõe comportamento ético-moral dignificante, através do qual o instrumento se transforma, alterando a conduta para melhor, assim contribuindo em favor da renovação do grupo social e da humanidade em geral.

Na sua condição de faculdade orgânica, está presente em todos os seres humanos em diferentes graus de desenvolvimento, sendo em uns ostensiva, enquanto que noutros muito sutil, podendo ser desdobrada através de exercícios e estudos, que lhe dilatam as possibilidades de manifestação.

O estudo é-lhe, desse modo, fundamental, a fim de que sejam identificados os fenômenos de natureza anímica e liberados, facultando o intercâmbio lúcido e claro, sem interferência dos registros do inconsciente do próprio médium.

Ao mesmo tempo, a educação moral é de relevância, porque oferece os instrumentos indispensáveis à sublimação espiritual no processo de vivência dos recursos que se encontram em disponibilidade.

No passado, algo remoto, pítons, pitonisas, hierofantes, gurus, sibilas, arúspices, face ao atraso moral das sociedades em que viveram, não se preocupavam com os valores profundos da dignificação pessoal, embora em alguns santuários indianos, egípcios, gregos e romanos, houvesse uma seleção de qualidade em torno daqueles que apresentavam as faculdades mediúnicas, a fim de se tornarem dignos de credibilidade.

Graças a Allan Kardec, que pôde mensurar os requisitos morais dos médiuns, no que diz respeito à qualidade das comunicações espirituais, eles passaram à posição de metas que devem ser alcançadas, como indispensáveis à comunicação com os Espíritos superiores.

Nesse processo de crescimento ético do médium, a gratuidade no exercício das faculdades de que se faz portador é relevante, porque não tem o direito de locupletar-se do esforço do seu próximo, vendendo as

informações que lhe são concedidas sem qualquer tipo de cobrança, para o bem de todas as criaturas.

A questão diz respeito, não apenas, à necessidade de serem gratuitas todas as suas atividades mediúnicas, ampliando-se o conceito, para que o médium evite as homenagens que agradam ao personalismo, que exaltam os sentimentos menos edificantes, os presentes com que são comprados indiretamente, aprisionando-os nos cofres dourados do poder transitório e dos recursos endinheirados daqueles que se acostumaram a tudo resolver através do mercantilismo...

Cabe ao médium manter-se em constante sintonia com os seus Guias espirituais, a fim de poder servir a todo instante e não somente em horas reservadas para o mister.

O fenômeno mediúnico dá-se amiúde, a cada momento, desde que o intercâmbio com os Espíritos, consciente ou inconscientemente, é contínuo, face à sincronização mental e moral existente entre os encarnados e os desencarnados.

A mediunidade, portanto, ascende de nível orgânico para emocional e comportamental, ensejando uma perfeita identificação com a recomendação de Jesus, quando propõe: - Sede perfeitos como o Pai celestial é perfeito.

Trabalhando a mediunidade gloriosa através da dedicação e do desinteresse pelas questões materiais e retribuições humanas – elogios, demonstrações de reconhecimento, honrarias terrestres, destaques na comunidade – o servidor torna-se credor da assistência dos Espíritos nobres que trabalham em favor da humanidade.

O sofrimento, a solidão, a incompreensão que experimenta, portanto, ainda são os caminhos e métodos mais valiosos para conduzir o mediano à interiorização, à vivência dos postulados do amor e da caridade, sintonizando melhor com os ideais do Bem e conseguindo, a passo e passo, a felicidade do mediunato, que lhe deve constituir meta a alcançar.

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, no dia 5 de junho de 2001, em Paris, França.)

4/12/2016

Edição 494

Um avião que levava a delegação da Chapecoense para Medellín, na Colômbia, caiu na madrugada da última terça-feira (dia 29 de novembro) a poucos quilômetros da cidade colombiana.

Encerradas as operações de busca e resgate, o Diretor Geral da Unidade Nacional para Gestão de Risco e Desastres colombiana, Carlos Iván Márquez Pérez, divulgou o resultado final do acidente: 6 feridos e 71 mortos.

Publicamos no mesmo dia numa rede social a seguinte nota que suscitou manifestações de leitores de vários lugares de nosso país e também do exterior:

“O mundo do esporte está de luto em face do lamentável acidente que vitimou o time da Chapecoense, todos os componentes da delegação

do mesmo clube, cerca de 21 jornalistas esportivos e quase toda a tripulação. (...)

Como apreciador do futebol e admirador do simpático clube de Chapecó, não poderíamos deixar de registrar aqui as nossas condolências às famílias enlutadas e enviar as nossas vibrações a todos aqueles que partiram para o plano espiritual, onde, com toda a certeza, em breve tempo retomarão as atividades que interromperam, momentaneamente, quando vieram para darem cumprimento à sua atual programação reencarnatória.

Morrem os corpos, as almas sobrevivem!

Este é o consolo de todos os que, como nós, acreditam que a morte não é o fim da vida, mas apenas o final de uma etapa, dentre as muitas que tivemos e teremos ao longo dos milênios.

Que Deus proteja e ampare a todos os que foram diretamente ou indiretamente atingidos pelo triste acontecimento.”

A repercussão e a perplexidade pertinentes à tragédia atingiram, como todos sabem, o mundo todo, e não apenas os que apreciam futebol. Acidentes ocorrem todos os dias e, obviamente, todos os dias morrem pessoas. O que causa um choque maior em episódios como o da Chapecoense é a forma como se dão, o número grande de vítimas e as circunstâncias que os envolvem.

Ainda está na memória dos brasileiros, e sobretudo na memória das pessoas direta e indiretamente atingidas, a triste tragédia ocorrida na cidade de Santa Maria (RS), na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em que um incêndio na boate Kiss ocasionou a morte de 242 pessoas, quase todas jovens como os atletas do simpático time de Chapecó.

Publicamos naquele mesmo dia em nosso blog o texto abaixo reproduzido:

O incêndio em Santa Maria

Somente no final da tarde é que soubemos, por meio de nossa esposa, o que havia acontecido na madrugada deste domingo na aprazível cidade gaúcha de Santa Maria, terra de nosso amigo e irmão Teltz Cardoso Farias.

Diante de acontecimentos assim, o que nos cabe fazer é somente orar por todas as pessoas atingidas por essa provação tão dura, não só pelos irmãos e irmãs que partiram para a vida espiritual, mas igualmente pelos familiares e amigos que aqui prosseguem em sua marcha.

Sabemos que a perda de um ente querido sempre foi, e certamente continuará sendo, um dos momentos mais tristes em nossa passagem pela experiência reencarnatória. Se, porém, algo possa servir de consolo, recordemos uma velha lição que nos vem desde Jesus, ou seja, que a morte não é o capítulo final de uma vida, porque esta prossegue sempre, ninguém morre, somos realmente imortais.

Os episódios de Santa Maria nos levaram a recordar, de modo automático, o incêndio do edifício Joelma, ocorrido no dia 1º de fevereiro de 1974 na capital paulista.

Aqueles momentos tristes, que a televisão mostrou ao vivo para vários Estados brasileiros, também comoveram, como a tragédia de Santa Maria, o País inteiro.

Chico Xavier, no livro *Diálogo dos Vivos*, publicado no início de 1974, disse que, tão logo a notícia do incêndio lhe chegou pelo rádio, ele e mais três amigos se reuniram solicitando auxílio dos Benfeitores Espirituais para as vítimas do aflitivo acidente. Emmanuel, o Benfeitor Espiritual sempre atento, ali compareceu e escreveu uma linda prece, que abaixo transcrevemos, esperando que estas palavras sirvam de consolo aos nossos irmãos de Santa Maria:

“Senhor Jesus

Auxilia-nos, perante os companheiros impelidos à desencarnação violenta, por força das provas redentoras.

Sabemos que nós mesmos, antes do berço terrestre, suplicamos das Leis Divinas as medidas que nos atendam às exigências do refazimento espiritual. Entretanto, Senhor, tão encharcados de lágrimas se nos revelam, por vezes, os caminhos do mundo, que nada mais conseguimos realizar, nesses instantes, senão pedir-te socorro para atravessá-los de ânimo firme.

Resguarda em tua assistência compassiva todos os nossos irmãos surpreendidos pela morte, em plena floração de trabalho e de esperança e acende-lhes nos corações, aturdidos de espanto e retalhados de sofrimento, a luz divina da imortalidade oculta neles próprios, a fim de que a mente se lhes distancie do quadro de agonia ou desespero, transferindo-se para a visão da vida imperecível.

Não ignoramos que colocas o lenitivo da misericórdia sobre todos os processos da justiça, mas tocados pela dor dos corações que ficam na Terra – tantos deles tateando a lousa ou investigando o silêncio, entre o pranto e o vazio – aqui estamos a rogar-te alívio e proteção para cada um!...

Dá-lhes a saber, em qualquer recanto de fé ou pensamento a que se acolham, que é preciso nos levantemos de nossas próprias inquietações e perplexidades, a cada dia, para continuar e recomeçar, sustentar e valorizar as lutas de nossa evolução e aperfeiçoamento, no uso da Vida Maior que a todos nos aguarda, nos planos da União Sem Adeus.

E, enquanto o buril da provação esculpe na pedra de nossas dificuldades, conquanto as nossas lágrimas, novas formas de equilíbrio e rearmonização, embelezamento e progresso, engrandece em teu amor aqueles que entrelaçam providências no amparo aos companheiros ilhados na angústia. Agradecemos, ainda, a compreensão e a bondade que nos concedes em todos os irmãos nossos que estendem os braços, cooperando na extinção das chamas da morte; que oferecem o próprio sangue aos que desfalecem de exaustão; que umedecem com o bálsamo de leite e da água pura os lábios e as gargantas ressequidas que emergem do tumulto de cinza e sombra; que socorrem os feridos e mutilados para que se restaurem; e os que pronunciam palavras de entendimento e paz, amor e esperança, extinguindo a violência no nascedouro!...

Senhor Jesus!...

Confiamos em ti e, ao entregarmo-nos em Tuas mãos, ensina-nos a reconhecer que fazes o melhor ou permites se faça constantemente o melhor em nós e por nós, hoje e sempre”. (Emmanuel)

*

Os acontecimentos do edifício Joelma suscitaram, além da oração acima, dois sonetos recebidos por Francisco Cândido Xavier, de autoria dos poetas Cyro Costa e Cornélio Pires.

Em ambos os poemas os autores lembraram que, apesar do sofrimento, da angústia, das cinzas aqui em nosso plano, os Benfeitores e amigos espirituais recebiam com hinos de vitória aqueles que dessa forma regressavam à verdadeira pátria, que a todos nos aguarda.

Eis como Cornélio Pires se referiu ao assunto:

Incêndio em São Paulo

Céu de São Paulo... O dia recomeça...
O povo bom na rua lida e passa...
Nisso, aparece um rolo de fumaça
E o fogo para cima se arremessa.

A morte inesperada age possessa,
E enquanto ruge, espanca ou despedaça,
A Terra unida ao Céu a que se enlaça
É salvação e amor, servindo à pressa...

A cidade magoada e enternecida
É socorro chorando a despedida,
Trazendo o coração triste e deserto...

Mas vejo, em prece, além do povo aflito,
Braços de amor que chegam do Infinito
E caminhos de luz no céu aberto...

Fazemos nossas as palavras que compõem a linda prece que Emmanuel dirigiu, naquela oportunidade, às vítimas do edifício Joelma, convictos como estamos de que a morte não é o fim da vida, mas apenas o final de uma etapa, dentre as muitas que tivemos e teremos ao longo dos milênios.

11/12/2016

Edição 495

O leitor Sergio Henrique Ribas de Oliveira, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos se uma pessoa que tenha passado por uma grave provação saberá, no além-túmulo, depois de desencarnar, qual foi a causa do seu suplício.

A resposta é sim.

O esquecimento do passado, tantas vezes examinado nesta revista, é um fato passageiro e tem como objetivo principal não perturbar as ações e os relacionamentos interpessoais que compõem cada etapa reencarnatória.

Nesse esquecimento situa-se, por motivos óbvios, a ignorância do que fizemos de errado em precedentes existências. Pelo amargor das provações que enfrentamos é possível deduzir as causas, que, todavia, só conheceremos realmente após a conclusão da existência corpórea, ou seja, no mundo espiritual.

A recordação da existência corpórea é um dos temas tratados por Allan Kardec na principal obra da doutrina espírita – *O Livro dos Espíritos* –, como mostram os textos abaixo, extraídos das questões 304, 305 e 306 da obra citada:

304. Lembra-se o Espírito da sua existência corporal?

“Lembra-se, isto é, tendo vivido muitas vezes na Terra, recorda-se do que foi como homem e eu te afirmo que frequentemente ri, penalizado de si mesmo.” (Nota de Kardec: “Tal qual o homem, que chegou à maturidade e que ri das suas loucuras de moço, ou das suas puerilidades na meninice”.)

305. A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito, completa e inopinadamente, após a morte?

“Não; vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção.”

306. O Espírito se lembra, pormenorizadamente, de todos os acontecimentos de sua vida? Apreende o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo?

“Lembra-se das coisas, de conformidade com as consequências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante. Bem compreendes, portanto, que muitas circunstâncias haverá de sua vida a que não ligará importância alguma e das quais nem sequer procurará recordar-se.”

a) — Mas, se o quisesse, poderia lembrar-se delas?

“Pode lembrar-se dos mais minuciosos pormenores e incidentes, assim relativos aos fatos, como até aos seus pensamentos. Não o faz, porém, desde que não tenha utilidade.”

b) — Entrevê o Espírito o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?

“Certo que o vê e compreende muito melhor do que em vida do seu corpo. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e percebe que em cada existência deixa algumas impurezas.”

A literatura espírita, sobretudo as obras mediúnicas da lavra de André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda, confirma, por inumeráveis exemplos, as informações acima transcritas e mostra que a recordação de certas peripécias do passado se dá à medida que esse fato seja importante.

Em casos específicos, benfeitores espirituais valem-se da técnica de regressão da memória, sempre com o objetivo de mostrar ao Espírito devedor que ele não foi vítima, em sua passagem pelo orbe, de nenhuma injustiça e que a Justiça Divina jamais falha.

18/12/2016

Edição 496

Um leitor de Minas Gerais, em mensagem particular que nos foi enviada, disse-nos o seguinte:

"Amigo, bom dia! Tenho uma pergunta! Li o livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Aprendi que nosso país tem um perfil e um planejamento, mas vi também que uma nação, assim como um indivíduo, tem seu livre-arbítrio. Como se explica todo esse processo da atual política brasileira? Era realmente para ser como está? Não sou partidário, nem fã de político algum. Eu gostaria de saber sob a luz da doutrina! Abraços! Paz e luz!"

Já escrevemos nesta revista, em outro setor deste periódico, sobre o tema proposto pelo leitor. A resposta que lhe enviamos consiste basicamente no texto abaixo.

Há pouco tempo, diante da violência praticada, a mando do governo estadual, contra os professores do Paraná, uma professora espírita postou em uma conhecida rede social a seguinte pergunta: "O Brasil não é o Coração do Mundo, a Pátria do Evangelho? por que, então, tanta negatividade, tanta irresponsabilidade?"

A essa pergunta poderíamos, de nossa parte, acrescentar: Por que tanta corrupção? por que tantos desmandos? por que tantos abusos? por que tanta incompetência e falta de comprometimento da parte de quem deveria governar com sabedoria os destinos do país?

Muitos leitores, até mesmo no meio espírita, ignoram que a expressão Pátria do Evangelho apareceu pela primeira vez associada ao Brasil na obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, o sexto livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, datado de 1938, de autoria de Humberto de Campos (Espírito). Nessa obra, o Brasil é representado em inúmeras oportunidades pelas palavras: Pátria do Evangelho.

Admitindo, apenas para argumentar, a veracidade do que Humberto de Campos expôs em seu livro, fica claro, desde o diálogo inicial entre Jesus e Helil, que a ideia primeira, com o povoamento que se seguiu à chegada de Pedro Álvares Cabral, era constituir em nosso país uma nação imbuída de novos ideais, sem o histórico de guerras, de intrigas e de mazelas outras que caracterizavam a civilização europeia.

Do descobrimento do país até 1889, quando foi proclamada a República, a condução do Brasil teria estado – segundo relata Humberto de Campos – sob as rédeas do plano espiritual, algo que é de difícil compreensão quando nos lembramos que foi exatamente em tal período que se instalou e reinou soberano no país o lamentável regime de escravidão e em que os povos indígenas que aqui viviam foram praticamente dizimados.

Admitamos, no entanto, que o autor do livro não se tenha equivocado. Sendo assim, relembremos o que a obra em foco nos apresenta no capítulo intitulado "A República", no qual o autor reproduz uma interessante mensagem atribuída a Jesus:

"Irmãos, a Pátria do Evangelho atinge agora a sua maioria coletiva. Profundas transições assinalarão a sua existência social e política. Uma nação que alcança a sua maioria é a responsável legítima e direta por todos os atos comuns que pratica, no concerto dos povos do planeta. Necessário é separemos agora o organismo político do Brasil dos alvitres

permanentes e constantes do mundo espiritual, para que todos os seus empreendimentos sejam devidamente valorizados. À maneira dos indivíduos, as pátrias têm, igualmente, direito à mais ampla liberdade de ação, uma vez atingido o plano dos seus raciocínios próprios.

"Acompanharemos, indiretamente, o Brasil, onde as sementes do Evangelho foram joradas a mancheias, a fim de que o seu povo, generoso e fraternal, possa inscrever mais tarde a sua gloriosa missão espiritual nas mais belas páginas da civilização, em o livro de ouro dos progressos do mundo. Seus votos evolutivos, no que se refere às instituições sociais e políticas, serão carinhosamente observados por nós, de maneira a não serem obstadas as deliberações das suas autoridades administrativas no plano tangível da matéria terrestre; mas, como o reino do amor integral e da verdade pura ainda não é do orbe terreno, urge reformemos também as nossas atividades, concentrando-as na obra espiritual da evangelização de todos os espíritos localizados na região do Cruzeiro.

"A proclamação da República Brasileira, como índice da maioria coletiva da nação do Evangelho, há de fazer-se sem derramamento de sangue, como se operaram todos os grandes acontecimentos que afirmaram, perante o mundo, a Pátria do Cruzeiro, os quais se desenvolveram sob a nossa imediata atenção. Doravante, o Brasil político será entregue à sua responsabilidade própria."

Conforme é dito com absoluta clareza na mensagem acima, a partir de novembro de 1889 saiu de cena a cobertura espiritual, quando os condutores espirituais da República decidiram dar um tempo, e o país passou à responsabilidade direta, e sem nenhuma tutela, dos próprios brasileiros.

Terão as coisas melhorado?

Do ponto de vista material, parece-nos que sim. Para isso a ciência e as inovações tecnológicas contribuíram de forma efetiva e inquestionável.

Quanto ao desenvolvimento moral, social e político, há controvérsias, e a própria observação feita pela professora, a que nos reportamos no preâmbulo, indica isso.

Perguntaram certa vez ao professor José Raul Teixeira como conciliar a existência da escravidão no Brasil por tanto tempo com o fato de ter sido o país colonizado sob a égide do Cristianismo e com o título, que Humberto de Campos (Espírito) lhe atribuiu, de coração do mundo e pátria do Evangelho.

Raul, com a objetividade que lhe é característica, respondeu:

"O Cristianismo do Cristo muito se distingue do cristianismo dos cristãos. Assim é que tantos abusivos atos foram e são cometidos em nome do Cristianismo, sem que se especificasse tratar-se do segundo. Na alusão de Humberto de Campos encontramos a mesma gravidade da previsão de Jesus, ao afirmar que a Terra seria o mundo renovado do porvir, quando no mundo encontramos, ainda, toda sorte de loucuras, guerras e materialismo, e que, como o Brasil, espera no tempo as possibilidades de alcançar o seu destino traçado no Mais Além." [A entrevista de que foi extraída a resposta acima pode ser lida na íntegra clicando-se neste link: <http://www.oconsolador.com.br/5/entrevista.html>]

Em face de tudo o que acima foi dito, é bastante válido, pois, perguntar: Pátria do Evangelho, para onde caminhas?

Alguém, porventura, sabe dar-nos a resposta?

1º/01/2017

Edição 497

O leitor Afonso Marinho de Araújo, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos, baseado na questão 553 d' *O Livro dos Espíritos*, que importância tem a água fluidificada distribuída nas Casas Espíritas.

Compreendemos perfeitamente a pergunta, mas não atinamos com a correlação entre o tema questionado e o embasamento – questão 553 d' *O Livro dos Espíritos* – alegado pelo leitor, a não ser que ele se haja equivocado quanto ao número da questão mencionada em sua mensagem.

Vejamos:

553. Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor do concurso dos Espíritos?

“O efeito de torná-las ridículas, se procedem de boa-fé. No caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são mera charlatanaria. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

a) – Mas, não é exato que alguns Espíritos têm ditado, eles próprios, fórmulas cabalísticas?

“Efetivamente, Espíritos há que indicam sinais, palavras estranhas, ou prescrevem a prática de atos, por meio dos quais se fazem os chamados conjuros. Mas, ficai certos de que são Espíritos que de vós outros escarnecem e zombam da vossa credulidade.” (L.E, questões 553 e 553 “a”.)

As respostas dadas pelos instrutores espirituais dizem respeito à atração ou ao chamamento dos Espíritos, que, como regra geral, são atraídos pelo pensamento e não por coisas materiais.

O tema água fluidificada nenhuma relação tem com as questões transcritas. Allan Kardec tratou do assunto no cap. VIII d' *O Livro dos Médiuns*, no qual é explicado como é possível a um Espírito exercer ação sobre a matéria elementar e sobre determinadas substâncias, como a água, modificando suas propriedades por meio da vontade, que exerce nessa ação o efeito de um reativo.

Eis como, na sequência, Kardec alude à fluidificação ou magnetização da água:

“Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como atrás dissemos, é a substância

que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas.

Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado." (*O Livro dos Médiuns*, cap. VIII, item 131.)

Muitos anos depois, Emmanuel consignou em seu livro *O Consolador*, obra mediúnica psicografada por Francisco Cândido Xavier, duas importantes informações a respeito da água fluidificada e da ação dos Espíritos sobre a dor proveniente das doenças incuráveis:

102 – Podem os Espíritos amigos atuar sobre a flora microbiana, nas moléstias incuráveis, atenuando os sofrimentos da criatura?

As entidades amigas podem diminuir a intensidade da dor nas doenças incuráveis, bem como afastá-la completamente, se esse benefício puder ser levado a efeito no quadro das provas individuais, sob os desígnios sábios e misericordiosos do plano superior.

103 – No tratamento ministrado pelos Espíritos amigos, a água fluidificada, para um doente, terá o mesmo efeito em outro enfermo?

A água pode ser fluidificada, de modo geral, em benefício de todos; todavia, pode sê-lo em caráter particular para determinado enfermo, e, neste caso, é conveniente que o uso seja pessoal e exclusivo.

104 – Existem condições especiais para que os Espíritos amigos possam fluidificar a água pura, como sejam as presenças de médiuns curadores, reuniões de vários elementos etc., etc.?

A caridade não pode atender a situações especializadas. A presença de médiuns curadores, bem como as reuniões especiais, de modo algum podem constituir o preço do benefício aos doentes, porquanto os recursos dos guias espirituais, nessa esfera de ação, podem independender do concurso medianímico, considerando o problema dos méritos individuais. (*O Consolador*, perguntas 102, 103 e 104.)

Existem, como se vê, razões fundamentadas para que a água fluidificada seja utilizada e recomendada pelas Casas Espíritas, como o leitor pode aferir

assistindo ao seguinte vídeo a respeito do tema, trabalho esse que devemos ao Projeto Espiritizar, desenvolvido pela Federação Espírita do Estado de Mato Grosso:

<https://www.youtube.com/watch?v=nUPc3MsUFzw>

8/01/2017

Edição 498

O leitor Matheus Di Marco, em mensagem publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, pergunta-nos se o fluido cósmico universal dá origem aos Espíritos, do mesmo modo que faz com o perispírito.

Não, a origem dos Espíritos é outra.

Do fluido cósmico universal procedem o perispírito, o fluido magnético e o fluido vital, como nos é informado pelos instrutores espirituais nas questões abaixo:

“O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 257.)

De que natureza é o agente que se chama fluido magnético? “Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.” (Obra citada, questão 427.)

Os Espíritos são os seres inteligentes da criação e sua origem está explicitada nas questões seguintes:

79. Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material? “Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 79.)

606. Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados? “Do elemento inteligente universal.”

a) Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais? “Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.” (L.E, 606 e 606 “a”.)

As informações acima, todas constantes da primeira obra publicada por Allan Kardec, foram confirmadas na década seguinte, como podemos conferir à vista do cap. XI do livro *A Gênese*, de Kardec. Eis o que o codificador da doutrina espírita ali consignou:

“Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?”

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades sui generis que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam.

Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo individualizado: **o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos**, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos." (A Gênese, cap. XI, item 6.) (Negritamos)

Sobre o assunto sugerimos ao leitor que leia também o texto que publicamos na edição 321 desta revista. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano7/321/o espiritismoresponde.html>

15/01/2017

Edição 499

Em mensagem publicada nesta edição, na seção de **Cartas**, o leitor Carlos Alberto Rodrigues escreveu-nos o seguinte:

Lemos nesta revista uma pergunta feita, algum tempo atrás, por uma leitora de Porto Alegre, a respeito de dois assuntos que também não conseguimos compreender: a morte de crianças em tenra idade e o abuso sexual feito contra meninos e meninas, muitas vezes dentro da própria casa. Qual a explicação da doutrina espírita com relação ao assunto?

Com respeito ao primeiro assunto – morte de crianças em tenra idade – sugerimos ao leitor que acesse o texto que publicamos nesta mesma seção no dia 3/2/2013, edição 297. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano6/297/o espiritismoresponde.html>

Creemos que o texto contém as explicações que o assunto requer, especialmente no tocante à morte corpórea de crianças.

Quanto ao segundo assunto – abuso sexual de meninos e meninas –, trata-se de uma questão delicada que, não obstante, faz parte desses dramas da vida intimamente relacionados com nossas existências passadas.

Antes de focalizar dois casos concretos, ilustrativos do que a doutrina espírita nos ensina, examinemos o que Allan Kardec consignou em seu livro *O Céu e o Inferno*:

9º - Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez.

10º - O Espírito sofre, quer no mundo corporal, quer no espiritual, a consequência das suas imperfeições. As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições, são expiações de faltas cometidas na presente ou em precedentes existências. Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea, pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anterior existência, e das imperfeições que as originaram.

11º - A **expição varia segundo a natureza e gravidade da falta**, podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, em que for cometida.

12º - Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo: - a única lei geral é que toda falta terá punição, e terá recompensa todo ato meritório, segundo o seu valor.

(...)

16º - O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; **são precisas a expiação e a reparação**. Arrependimento, expiação e reparação constituem, portanto, as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O arrependimento suaviza os travos da expiação, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a reparação, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, o perdão seria uma graça, não uma anulação.

17º - O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. Até que os últimos vestígios da falta desapareçam, **a expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais** que lhe são consequentes, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corporal. (*O Céu e o Inferno*, 1ª Parte, cap. VII - Código penal da vida futura, itens 9º a 12º; 16º e 17º.) (Negritamos.)

Exposta a teoria, lembremos que na 2ª Parte do livro citado Allan Kardec apresenta uma grande quantidade de processos expiatórios, com as explicações dadas pelos próprios Espíritos que os sofreram.

Um deles é o caso Antônio B..., que foi enterrado vivo. Escritor muito estimado que exercera com distinção e integridade muitos cargos públicos na Lombardia, pelo ano de 1850 caiu aparentemente morto, de um ataque apoplético. Quinze dias depois do enterro, uma circunstância fortuita determinou a exumação, a pedido da família. Tratava-se de um medalhão por acaso esquecido no caixão. Qual não foi, porém, o espanto dos assistentes quando, ao abrir a urna, notaram que o corpo havia mudado de posição, voltando-se de bruços e - coisa horrível - que uma das mãos havia sido comida em parte pelo defunto.

Evocado na Sociedade de Paris, em agosto de 1861, a pedido de parentes, Antônio falou sobre o episódio e afirmou que aquele fato lhe estava predestinado desde que nasceu. Fazia, pois, parte de sua programação reencarnatória. O motivo: em uma encarnação anterior ele enterrara viva a própria esposa.

Depois de relatar os fatos, Kardec perguntou a Erasto: - Que proveito pode a Humanidade auferir de semelhantes punições?

Erasto respondeu:

“As penas não existem para desenvolver a Humanidade, porém para punição dos que erram. De fato, a Humanidade não pode ter interesse algum no sofrimento de um dos seus membros. Neste caso, a punição foi apropriada à falta. Por que há loucos, idiotas, paráliticos? Por que morrem uns queimados, enquanto outros padecem as torturas de longa agonia entre a vida e a morte? Ah! crede-me; respeitai a soberana vontade e não procureis sondar a razão dos decretos da Providência! Deus é justo e só faz o bem.” – Erasto. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. VIII - Expições terrestres.)

O comentário feito por Kardec, em seguida a essa resposta, vale a pena ler e meditar:

“Este fato não encerra um ensinamento terrível? A justiça de Deus, às vezes tardia, nem por isso deixa de atingir o culpado, prosseguindo em seu aviso. É altamente moralizador o saber-se que, se grandes culpados acabam pacificamente, na abundância de bens terrenos, nem por isso deixará de soar cedo ou tarde, para eles, a hora da expiação. Penas tais são compreensíveis, não só por estarem mais ou menos ao alcance das nossas vistas, como por serem lógicas. Cremos, porque a razão admite. Uma existência honrosa não exclui, portanto, as provações da vida, que são escolhidas e aceitas como complemento de expiação – o restante do pagamento de uma dívida saldada antes de receber o preço do progresso realizado. Considerando quanto nos séculos passados eram frequentes, mesmo nas classes mais elevadas e esclarecidas, os atos de barbárie que hoje repugnam; quantos assassinios cometidos nesses tempos de menosprezo pela vida de outrem, esmagado o fraco pelos poderosos sem escrúpulo; então compreenderemos que muitos dos nossos contemporâneos têm de expungir máculas passadas, e tampouco nos admiraremos do número considerável de pessoas que sucumbem vitimadas por acidentes isolados ou por catástrofes coletivas. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os prejuízos da Idade Média, e dos séculos que se seguiram, legaram às gerações futuras uma dívida enorme, que ainda não está saldada. Muitas desgraças nos parecem imerecidas, somente porque apenas vemos o presente.” – Allan Kardec. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. VIII - Expições terrestres.)

Dadas estas explicações, vejamos, por fim, o tema abuso sexual de crianças, que é o assunto central do livro *Sexo e Obsessão*, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo Franco e publicado inicialmente em 2002.

O padre Mauro, personagem principal da história, foi, quando criança, vítima de abuso sexual cometido pelo próprio pai. O fato transtornou por inteiro sua vida, a ponto de, em suas funções sacerdotais, ter ele enveredado pelo crime de pedofilia.

Por que um pai faria isso com o próprio filho? Que motivos haveria para tão torpe comportamento?

No cap. 5 do livro citado, as causas são reveladas. O método utilizado pelo mentor Anacleto foi a regressão de memória.

Eis como Manoel Philomeno de Miranda relatou o fato – a fala é do mentor espiritual, dirigindo-se ao padre Mauro:

“Recorda, agora recorda o início do século XIX; volve à Paris napoleônica, retorna à Mansão de M., às orgias comandadas por Madame X... Observa o bosque em torno da casa palaciana e acompanha as festas de exaustão dos sentidos, a embriaguez pelo álcool, pelo absinto, pela luxúria esfuziante e depravada... Madame X comanda o espetáculo, em razão dos seus vínculos obscenos e extravagantes com o palácio das Tulherias, a mansão de Malmaison e alguns dos seus famosos políticos e parasitas sociais...”. (*Sexo e Obsessão*, capítulo 5: Conflito obsessivo.)

À medida que o mentor ia enunciando o lugar e seus acontecimentos, o rosto de Mauro (a mesma Madame X... do passado) se modificava, assumindo outras características, agora femininas e vulgares. Vagarosamente plasmavam-se nos delicados tecidos perispirituais as formas e a aparência anteriores, quando, utilizando-se de verbetes e versos fesceninos, o paciente sob hipnose voltou ao lupanar onde vivia e comandava a orgia desenfreada. Entre as ordens que seus lábios expediam, assinalava-se a hedionda imposição da necessidade de crianças para os banquetes da loucura desenfreada, de psicopatas e de histéricas para os histriões e viciados que, à semelhança de animais no cio, se atiravam uns sobre os outros locupletando-se em aberrações de muitos gêneros sob o comando compassivo da proprietária, igualmente debochada.

Num daqueles momentos, um laçao apresentou-lhe uma criança de oito anos que fora tomada quase à força do pai devotado e trabalhador, que residia na periferia da cidade, e que se encontrava à porta, desejando falar-lhe, suplicar-lhe a libertação da presa valiosa. Madame X... mandou-o entrar, e, sem delongas nem pudor, propôs ao genitor aturdido a compra do seu filho, atirando-lhe um saco de moedas de ouro que, recusadas, conduziram-no a um quase delírio de ódio, ameaçando-a com palavras chulas de vingança pelo descalabro de roubar-lhe o filho. Expulso, sem piedade, e sem ter a quem queixar-se, o desditoso, em pranto e alucinado, desapareceu na noite, ruminando o desejo de vingança ante a tragédia que se abatera sobre o seu lar.

“Reconheces, Mauro - interrogou o Mentor - esse homem que vitimaste com a tua crueldade e desabrida falta de moral? Reencarnou-se como teu genitor, e não te havendo perdoado, sem mesmo saber a procedência dos sentimentos ambíguos que mantinha em relação a ti, tornou-se o teu algoz infantil, o cruel explorador das tuas forças e pureza. Desditoso, sim, continua, porque ninguém tem o direito de fazer justiça com a própria indignidade, pois que as Leis Soberanas da Vida sempre buscam o calceta e o alcançam, levando-o à reparação. O ódio, porém, semeia venenos que são absorvidos, intoxicando aqueles que o conservam.” (*Sexo e Obsessão*, capítulo 5: Conflito obsessivo.)

É da Lei, assevera Manoel Philomeno de Miranda, que na estrada da vida um dia o credor se apresentará à frente do devedor, frase que não deveria impressionar a ninguém, visto que Jesus, dirigindo-se ao apóstolo Pedro, legou-nos uma informação que os cristãos conhecem muito bem: “Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão” (Mateus 26:52).

O livro *Sexo e Obsessão* vem sendo estudado metódica e sequencialmente nesta revista, desde a edição 480. Eis o link que remete à primeira parte do

estudo:

<http://www.oconsolador.com.br/ano10/480/estudandomanoelphilomeno.html>

22/01/2017

Edição 500

Um leitor do Rio de Janeiro (RJ), em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Caros amigos, boa noite.

Assisti pelo YouTube a uma palestra na qual o orador diz que Allan Kardec, no início de seu trabalho espírita, chegou a evocar a alma de um pássaro, para saber o que teria acontecido com seus filhotes comidos por um gato. Por achar estranho tal fato, procurei no *Livro dos Médiuns* o relato feito pelo orador, porque na palestra ele diz que o fato consta do mencionado livro escrito por Kardec. Como nada encontrei, pergunto: - Kardec realmente evocou pássaros ou qualquer outro animal desencarnado?

O link que leva à palestra é este: <https://www.youtube.com/watch?v=EIOBS4W1rR8> A informação a respeito da evocação de um pássaro feita por Kardec está a partir do minuto 17 da palestra mencionada.

Antes de responder ao leitor, fomos conferir a informação que ele consignou em sua mensagem e, para surpresa e espanto nosso, vimos que realmente o orador, na palestra em causa, declarou com toda a ênfase que Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, evocou uma ave - "a mamãe pintassilga" - conforme a expressão utilizada pelo palestrante, acrescentando que o episódio está devidamente registrado em *O Livro dos Médiuns*.

Segundo foi dito na palestra, a pintassilga manifestou-se na reunião mediúnica e conversou com Kardec "dizendo que estava triste, que perdeu seus filhotinhos e que estava abalada com a desencarnação dela". Os filhotes e sua mãe, de acordo com o palestrante, haviam sido comidos por um gato, motivo pelo qual Kardec teria feito a evocação descrita.

Em verdade, nada disso ocorreu. *O Livro dos Médiuns* não faz referência alguma a esse episódio, tal como foi relatado.

Eis o que Kardec consignou no cap. XXV, item 283, da obra citada:

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava muito. Certo dia, desapareceu o ninho. Tendo-se certificado de que ninguém da sua casa era culpado do delito, **como fosse ele médium**, teve a ideia de evocar a mãe das avezinhas. Ela veio e lhe disse em muito bom francês:

"A ninguém acuses e tranquiliza-te quanto à sorte de meus filhinhos; foi o gato que, saltando, derribou o ninho; encontrá-lo-ás debaixo dos arbustos, assim como os passarinhos, que não foram comidos."

Feita a verificação, reconheceu ele exato o que lhe fora dito. Dever-se-á concluir ter sido o pássaro quem respondeu? Certamente que não; mas, apenas, **um Espírito que conhecia a história**. Isso prova quanto se deve desconfiar das aparências e quanto é preciosa a

resposta acima: evoca um rochedo e ele te responderá. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV, item 283.) (Negritamos.)

Note o leitor como Kardec tratou seriamente do caso e observou com toda a clareza que, como é óbvio, havia sido um Espírito que se manifestara ao médium e proprietário dos pintassilgos.

Ademais, o gato – o vilão da história relatada – não comeu filhote nenhum, muito menos a mãe deles.

Quanto ao Codificador, apenas relatou os fatos e não fez evocação nenhuma.

Respondendo, por fim, à pergunta proposta pelo leitor, podemos afirmar categoricamente que Allan Kardec jamais evocou pássaros ou qualquer outro animal.

29/01/2017

Edição 501

A leitora Maria Lúcia T. Nascimento (Porto Alegre, RS), em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, propõe-nos as seguintes questões:

Surgiram em nosso grupo de estudos dúvidas a respeito da inteligência dos animais. Numa das obras de André Luiz lemos que os animais superiores não são dotados de pensamento contínuo, mas sim de ideias-fragmentos. Eis nossas dúvidas: 1) Quais deles são nesse aspecto considerados os mais inteligentes? 2) Na vida, os animais guiam-se basicamente pela força do instinto ou, no caso dos animais superiores, os atos inteligentes são dominantes?

No campo de estudos do Espiritismo, a informação que temos, no tocante à primeira pergunta, é-nos dada por André Luiz em sua obra *Evolução em Dois Mundos*, em que encontramos o seguinte esclarecimento:

Dentre todos os animais superiores, abaixo do homem, qual é o detentor de mais dilatadas ideias-fragmentos?

“O assunto demanda longo estudo técnico na esfera da evolução, porque há ideias-fragmentos de determinado sentido mais avançadas em certos animais que em outros. Ainda assim, nomearemos o cão e o macaco, o gato e o elefante, o muar e o cavalo como elementos de vossa experiência usual mais amplamente dotados de riqueza mental, como introdução ao pensamento contínuo.” (Obra citada, Segunda parte, cap. 18 - Evolução e destino.)

Quanto à segunda pergunta, inúmeros autores – espíritas e não espíritas – entendem que na vida dos animais, como na vida das criaturas humanas, há atos instintivos e atos inteligentes. Estes últimos, evidentemente, se ampliam à medida que o indivíduo se enriquece mentalmente, o que demanda tempo e experiências múltiplas a que todos nós, homens e animais, estamos sujeitos. Focalizando especificamente o caso dos animais, os exemplos da utilização de atos inteligentes são inúmeros, como adiante exemplificamos.

Darwin, por exemplo, observou que nos cães domésticos encontramos o ladrido da impaciência, o da cólera, o grunhido ou uivo desesperado do prisioneiro, o da alegria quando vai a passeio, e finalmente o da súplica.

Andorinhas costumam deliberar antes de tomar um roteiro.

Buffon diz que certas aves reproduzem em sua vida cotidiana o que costuma ocorrer nos lares humanos honestos. Observam a castidade conjugal, cuidam dos filhos e o casal mostra-se valoroso até o sacrifício quando se trata de defender a prole. Quem ignora o zelo da galinha na defesa dos pintainhos? O lobo, o gato selvagem, o tigre, embora ferozes, têm por suas crias o mais terno afeto.

Darwin, Brahm e Leuret mencionam a respeito exemplos curiosos.

Segundo Leuret, determinado macaco, cuja fêmea morrera, cuidava solícito do filhote esquelético e enfermo. De noite, ele o tomava ao colo para adormecê-lo e durante o dia não o perdia de vista um só instante.

Uma bugia (gênero de macacos de cabeça semelhante à do cão), notável por sua bondade, chegava a furtar e adotar cachorros e gatos pequenos, que lhe faziam companhia. Certa vez, um gatinho adotado arranhou-a. Admirada com o fato, ela examinou-lhe as patas e, de imediato, com os dentes, aparou-lhe as garras.

Ball refere o caso de um cão de fila salvo em um lago congelado por um terranova, espécie de cão muito corpulento, originário da Terra Nova, o qual, notando seu desespero, decidiu ajudá-lo.

Segundo Darwin, havia em Utah um velho pelicano completamente cego e aliás muito gordo, que devia o seu bem-estar ao tratamento e assistência dos companheiros.

Burton refere o caso curioso de um papagaio que tomara a seu cargo uma ave de outra espécie, raquítica e estropiada, e a defendia de outros papagaios soltos no jardim.

Gratiolet relata o caso de um cavalo do antigo regimento de Beauvilliers, o qual, devido à idade, não mais podia mastigar o feno e a aveia. Dois outros animais passaram, então, a cuidar dele, retirando o feno da manjedoura e pondo-o à sua frente, depois de mastigado, procedimento que repetiam com a aveia, depois de bem triturada.

As aves jardineiras da Nova Guiné, pássaros da família das paradisíneas, não se contentam com um simples ninho, pois constroem, fora da moradia ordinária, verdadeiras casas de recreio, que se tornam atestados de bom gosto. Há cabanas que atingem dimensões consideráveis. Há uma espécie que constrói sua casinha colorida de frutos e conchinhas e outras, como a *Amblyornis inornata*, que cercam suas casas de um jardimzinho artificial, feito com musgo disposto em tabuleiros e decorado com flores constantemente renovadas, bem como frutos de matizes fortes, seixos e conchas brilhantes.

Com tantos exemplos, vê-se que os atos inteligentes são comuns na vida dos seres que chamamos, indevidamente, de irracionais, os quais, como é fácil perceber, indicam que eles também se encontram submetidos a um processo evolutivo que é inerente à criação e ao qual não podemos deixar de dar a nossa contribuição.

5/02/2017

Edição 502

Um leitor radicado em Curitiba (PR) pergunta-nos quem foi São Luís, Guia espiritual da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec.

Um dos verbetes que compõem o Índice Biográfico publicado com a *Revista Espírita* de 1869 traz a seguinte informação:

SÃO LUÍS (LUÍS IX) (1214-1270), rei de França. Destacou-se como bom administrador: instituiu assembleias judiciárias que são a origem dos parlamentos; e organizou um sistema para evitar abusos administrativos. Proibiu o jogo e construiu a Sorbonne. Respeitado como soberano imparcial, agiu como mediador entre alguns reis. Católico fervoroso, ao organizar e participar de sua segunda Cruzada, faleceu vitimado pela peste. "Venerado por suas virtudes, foi canonizado em 1297." (*Revista Espírita* de 1869 – Índice Biográfico)

O leitor pode consultar a *Revista Espírita* de 1869 ou mesmo baixá-la, sem custo algum, clicando neste link:

<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/revista-espirita-1869.pdf>

Extraímos da biografia de Luís IX, disponível em vários sites da Web, os dados abaixo.

Nascido em Poissy, próximo a Paris, como quarto filho de Luís VIII da França e de Branca de Castela, filha do rei Afonso VIII, o futuro Luís IX recebeu educação esmerada, especialmente a partir do momento em que, por causa da morte dos irmãos mais velhos, tornou-se o herdeiro do trono, que presidiu de 1226 a 1270.

Com a morte do pai, ascendeu ao trono quando tinha menos de 13 anos de idade. Por ser ainda muito jovem e inexperiente, a rainha-mãe assumiu a regência e se empenhou para superar os problemas que ameaçavam o reino, sobretudo a hostilidade dos nobres à coroa, a revolta dos hereges albigenses no sul do país e a guerra contra a Inglaterra.

Branca de Castela conseguiu neutralizar os nobres e assim dedicar-se a suprimir a revolta albigense. Quanto aos ingleses, o próprio soberano tomou a frente quando contava apenas 15 anos e obrigou as tropas inimigas a abandonar a França. Casou-se (1234) com Margarida, filha mais velha do Conde de Provença e de Forcalquier, Raimundo Béranger IV, e de Beatriz de Saboia, e com ela teve 11 filhos. Quando os ingleses voltaram a desembarcar no continente (1242), expulsou-os outra vez.

Decidiu, então, empreender uma cruzada à Terra Santa (1244), para reconquistar Jerusalém e Damasco dos muçulmanos. Organizada a sétima cruzada, à frente de um exército de 35.000 homens e uma frota de cerca de cem navios, desembarcou em Damietta (1248), no Egito, mas com a peste que se abateu sobre suas tropas e a enchente do Nilo, viu-se impedido de prosseguir. Os soldados foram forçados a se retirar, e ele com sua família e os nobres que o acompanhavam foram capturados pelos muçulmanos.

Libertado em troca de um resgate, o rei permaneceu no Egito por mais quatro anos, período em que conseguiu transformar a derrota militar numa bem-

sucedida negociação diplomática, na qual fez alianças vantajosas e fortaleceu as cidades cristãs da Síria.

Com esses feitos, voltou à França (1254) e adquiriu imenso prestígio na Europa, do qual se valeu para conseguir que o rei inglês Henrique III assinasse a paz (1258).

Como governante, tratou de impedir os abusos de seus funcionários e de favorecer o comércio francês. Tornou-se mais famoso, contudo, por seu proverbial espírito de justiça e pelo amor às artes, a quem deu grande impulso e desenvolvimento. Mandou erigir a Sainte Chapelle (1245-1248) em Paris, a Sorbonne e o hospício dos Quinze-Vingts.

Extremamente católico, mas sem ser fanático, organizou uma nova Cruzada contra os muçulmanos (1269), mas ao desembarcar em Túnis, Tunísia, a peste novamente atacou seu exército e ele morreu igualmente atacado pela praga, em Túnis (1270). Um de seus dedos foi trazido para a Basílica de Saint-Denis, mas seu corpo ficou sepultado na Tunísia. Foi considerado santo muito antes que a Igreja Católica o canonizasse (1297) por ato do papa Bonifácio VIII.

Como um dos Espíritos que participaram ativamente do processo de codificação da doutrina espírita, o papel de São Luís foi decisivo. Quem se dispuser a ler os doze volumes que compõem a *Revista Espírita*, dos anos 1858 a 1869, verá quão importante foi sua atuação na condução da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, que, como sabemos, foi o grande laboratório que permitiu que o trabalho de Allan Kardec fosse realizado.

12/02/2017

Edição 503

A leitora Maria Anunciadora Gonçalves, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos:

Amigos. Gostaria de esclarecer duas dúvidas que surgiram em nossa casa espírita, referentes às sessões mediúnicas. Primeira: qual deve ser a duração ideal de uma sessão mediúnica? Segunda: as sessões mediúnicas são realizadas semanalmente ou pode um grupo realizar mais de uma reunião na semana?

Eis o que colhemos, sobre o assunto, nas obras espíritas adiante mencionadas.

Duração de uma sessão mediúnica. Três obras fazem referência ao assunto:

1. No livro *Diálogo com as Sombras*, Hermínio Corrêa de Miranda escreveu: "Uma boa sugestão seria reservar, para os trabalhos mediúnicos, a segunda-feira, a partir de 20 horas ou 20h30m, com **duração máxima de duas horas**". (*Obra citada, primeira parte, cap. 1: O grupo.*)

2. Na obra *Qualidade na Prática Mediúnica*, publicada sob os auspícios do Projeto Manoel Philomeno de Miranda, está escrito: "Qual o tempo de duração de uma prática mediúnica? Um tempo ideal para a prática mediúnica é de **noventa minutos**, incluindo-se a preparação com as

leituras doutrinárias que, por princípio de disciplina, não devem ser alongadas". (*Obra citada, pergunta 47.*)

3. No livro *Desobsessão*, obra mediúnica psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, lemos: "Terminada a prece final, o diretor, com uma frase breve, dará a reunião por encerrada e fará no recinto a luz plena. Vale esclarecer que a reunião pode terminar, antes do prazo de **duas horas**, a contar da prece inicial, evitando-se exceder esse limite de tempo". (*Obra citada, cap. 57: Encerramento.*) (Negritamos.)

Frequência das sessões mediúnicas. Poucas referências encontramos a respeito do assunto nas obras espíritas, mas duas delas, cuja importância ninguém contesta, tratam do tema:

1. Em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, lemos esta importante orientação a propósito do funcionamento de uma Sociedade espírita: "Visto ser necessário evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade espírita deve, ao organizar-se, dar toda a atenção às medidas apropriadas a tirar aos promotores de desordem os meios de se tornarem prejudiciais e a lhes facilitar por todos os modos o afastamento. As pequenas reuniões apenas precisam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a boa ordem das sessões. As Sociedades regularmente constituídas exigem organização mais completa. A melhor será a que tenha menos complicada a entrosagem. Umas e outras poderão haurir o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que adiante inserimos". (*O Livro dos Médiuns, cap. XXIX, item 339.*)

No cap. XXX da mesma obra Kardec inseriu o regulamento que ele mencionou no texto acima, e nele lemos: "Art. 17º - As sessões da Sociedade se realizarão às **sextas-feiras**, às 8 horas da noite, salvo modificação, se for necessária. As sessões serão particulares ou gerais; nunca serão públicas. Todos os que façam parte da Sociedade, sob qualquer título, devem, em cada sessão, assinar os nomes numa lista de presença". (*Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cap. III - Das sessões.*) Vê-se com clareza que as sessões do grupo dirigido por Kardec eram semanais.

2. No livro *Diálogo com as Sombras*, escreveu Hermínio Corrêa de Miranda: "Temos o grupo montado e já definimos os seus objetivos. A próxima questão que se coloca é: onde e quando reuni-lo? Consideremos primeiro a segunda parte. A frequência às reuniões é **usualmente de uma vez por semana**, à noite. Dificilmente um grupo terá condições de reunir-se regularmente, durante vários anos, mais de uma vez por semana. Todos ou quase todos os seus componentes têm compromissos sociais, familiares e até profissionais, que tornam impraticável reuniões mais frequentes. (*Obra citada, primeira parte, cap. 1: O grupo.*)

Hermínio C. Miranda não mencionou – e poderia perfeitamente haver mencionado – que existe outro motivo muito forte que recomenda a frequência semanal das sessões mediúnicas.

Referimo-nos ao desgaste que os participantes da sessão, sobretudo os médiuns de incorporação, sofrem em decorrência da prática mediúnica.

É exatamente por isso que os autores espíritas mais conceituados recomendam que o médium de incorporação deve limitar as passividades a duas, ou no máximo três, em cada sessão mediúnica. Eis as referências que o leitor pode aferir no tocante a essa questão: *Qualidade na Prática Mediúnica* (Projeto Manoel Philomeno de Miranda), pergunta 50; *Diretrizes de Segurança* (Divaldo Franco e J. Raul Teixeira), pergunta 52; *Desobsessão* (André Luiz), cap. 40.

19/02/2017

Edição 504

O leitor Edmilson José de Mello, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos: "O espírito nasce com perispírito, como se fosse o coração para nós?"

A relação entre Espírito e perispírito é colocada de modo muito claro na obra de Allan Kardec, como, por exemplo, no cap. II, Noções elementares de Espiritismo, itens 8 a 14, do livro *O que é o Espiritismo*, em que o leitor encontrará as informações seguintes.

Os Espíritos não são seres vagos e indefinidos, nem chamados semelhantes a fogos fátuos, muito menos fantasmas como é dito nos contos sobre as almas do outro mundo. São seres semelhantes a nós, tendo como nós um corpo, conquanto seja ele fluídico e invisível no seu estado normal aos nossos olhos.

Quando a alma está unida ao corpo, durante nossas existências corpóreas, ela tem duplo invólucro: um pesado, grosseiro e destrutível – o corpo físico; e outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*. Paulo de Tarso em sua 1ª epístola aos Coríntios refere-se a esse corpo fluídico, a que ele chamou de corpo espiritual. (Cf. 1 Coríntios, 15:44.)

Há assim três elementos essenciais no homem:

- 1.º A *alma* ou *Espírito*, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral;
- 2.º O *corpo*, invólucro material que põe o Espírito em relação com o mundo exterior;
- 3.º O *perispírito*, invólucro fluídico, leve, imponderável, que serve de laço e de intermediário entre a alma e o corpo.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado *Espírito*.

Em seguida às informações acima, Kardec acrescentou uma nota cujo teor ele já havia publicado na *Revista Espírita*. A nota diz o seguinte:

A alma é assim um ser simples; o Espírito um ser duplo e o homem um ser triplo. Seria mais exato reservar a palavra *alma* para designar o princípio inteligente, e **o termo *Espírito* para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico**; mas, como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, **as palavras *alma* e *Espírito* são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra**; é a figura que consiste em tomar a parte pelo todo, do mesmo modo por que se diz que uma cidade é povoada de tantas almas, uma vila composta de tantas famílias; filosoficamente, porém,

é essencial fazer-se a diferença.” (*O que é o Espiritismo*, cap. II.)
[Negritamos.]

No tocante ao perispírito, especialmente considerado, lemos na principal obra espírita as informações que seguem:

93. O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer? “Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”
Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

94. De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? “Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

a) Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? “É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95. O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? “Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.” (*O Livro dos Espíritos*, questões 93 a 95.)

Respondendo assim, de forma objetiva, à pergunta do leitor, esclarecemos que o perispírito **não é parte** da alma, ou Espírito, mas sim um **invólucro**, um **revestimento** de natureza fluídica, de que a alma, ou Espírito, necessita para atuar no meio onde se encontra, estando ou não entre nós, como um ser reencarnado, ou no plano espiritual, como um ser desencarnado.

26/02/2017

Edição 505

O leitor Sergio Henrique Ribas de Oliveira, de Joinville (SC), em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos como é o clima no além-túmulo e se é possível desfrutarmos ali as benesses de um banho de sol.

Inicialmente, é preciso reconhecer que o assunto não é tratado nas obras fundamentais da doutrina espírita, mas somente, e de forma indireta, em alguns textos e livros de natureza mediúnica, como podemos encontrar, por exemplo, no livro *O mundo em que eu vivo*, do Espírito de Silveira Sampaio, psicografado por Zíbia M. Gasparetto, e no conhecidíssimo *Nosso Lar*, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier.

Em ambos há referência ao chamado repouso e às opções de lazer que existem nas chamadas cidades espirituais mais próximas da crosta terrestre. Quanto às localidades em que vivem entidades desencarnadas mais evoluídas, nada ou muito pouco, pelo que sabemos, existe na literatura espírita.

Excursões ao Bosque das Águas, as harmonias do Campo da Música, as palestras ao ar livre, a notícia pertinente aos Campos de Repouso – eis referências que as pessoas que leram *Nosso Lar* conhecem perfeitamente. Eis, na sequência, algumas informações extraídas da obra de André Luiz que nos parecem suficientes para dirimir a dúvida formulada pelo leitor:

Clarêncio, que se apoiava num cajado de substância luminosa, deteve-se à frente de grande porta encravada em altos muros, cobertos de trepadeiras floridas e graciosas. Tateando um ponto da muralha, fez-se longa abertura, através da qual penetramos, silenciosos. Branda claridade inundava ali todas as coisas. Ao longe, gracioso foco de luz dava a ideia de um pôr do sol em tardes primaveris. À medida que avançávamos, conseguia identificar preciosas construções, situadas em extensos jardins. (*Nosso Lar*, cap. 3.)

Envolvendo os dois enfermeiros na vibração do meu reconhecimento, esforcei-me por lhes dirigir a palavra, conseguindo dizer por fim:

– Amigos, por quem sois, explicai-me em que novo mundo me encontro... De que estrela me vem, agora, esta luz confortadora e brilhante?

Um deles afagou-me a fronte, como se fora conhecido pessoal de longo tempo e acentuou:

– Estamos nas esferas espirituais vizinhas da Terra, e o Sol que nos ilumina, neste momento, é o mesmo que nos vivificava o corpo físico. Aqui, entretanto, nossa percepção visual é muito mais rica. A estrela que o Senhor acendeu para os nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que a supomos quando no círculo carnal. Nosso Sol é a divina matriz da vida, e a claridade que irradia provém do Autor da Criação. (*Nosso Lar*, cap. 3.)

No dia imediato, após reparador e profundo repouso, experimentei a bênção radiosa do Sol amigo, qual suave mensagem ao coração. Claridade reconfortante atravessava ampla janela, inundando o recinto de cariciosa luz. Sentia-me outro. Energias novas tocavam-me o íntimo. Tinha a impressão de sorver a alegria da vida, a longos haustos. Na alma, apenas um ponto sombrio – a saudade do lar, o apego à família que ficara distante. Numerosas interrogações pairavam-me na mente, mas tão grande era a sensação de alívio que eu sossegava o espírito, longe de qualquer interpelação. (*Nosso Lar*, cap. 4.)

Aqui, em verdade, a lei do descanso é rigorosamente observada, para que determinados servidores não fiquem mais sobrecarregados que outros; mas a lei do trabalho é também rigorosamente cumprida. No que concerne ao repouso, a única exceção é o próprio Governador, que nunca aproveita o que lhe toca, nesse terreno. (*Nosso Lar*, cap. 11.)

Deslumbrou-me o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens

bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso. Notando o meu deslumbramento, Lísias explicou:

– Estamos no Bosque das Águas. Temos aqui uma das mais belas regiões de "Nosso Lar". Trata-se de um dos locais prediletos para as excursões dos amantes, que aqui vêm tecer as mais lindas promessas de amor e fidelidade, para as experiências da Terra. (*Nosso Lar, cap. 10.*)

Nos círculos religiosos do planeta, ensinam que o Senhor criou as águas. Ora, é lógico que todo serviço criado precisa de energias e braços para ser convenientemente mantido. Nesta cidade espiritual, aprendemos a agradecer ao Pai e aos seus divinos colaboradores semelhante dádiva. Conhecendo-a mais intimamente, sabemos que a água é veículo dos mais poderosos para os fluidos de qualquer natureza. Aqui, ela é empregada sobretudo como alimento e remédio. Há repartições no Ministério do Auxílio absolutamente consagradas à manipulação de água pura, com certos princípios suscetíveis de serem captados na luz do Sol e no magnetismo espiritual. Na maioria das regiões da extensa colônia, o sistema de alimentação tem aí suas bases. (*Nosso Lar, cap. 10 – explicações dadas por Lísias.*)

Sorriu a senhora Laura, parecendo mais encorajada, e asseverou:

– Tenho solicitado o socorro espiritual de todos os companheiros, a fim de manter-me vigilante nas lições aqui recebidas. Bem sei que a Terra está cheia da grandeza divina. Basta recordar que o nosso Sol é o mesmo que alimenta os homens; no entanto, meu caro Ministro, tenho receio daquele olvido temporário em que nos precipitamos. Sinto-me qual enferma que se curou de numerosas feridas... Em verdade, as úlceras não mais me apoquentam, mas conservo as cicatrizes. Bastaria um leve arranhão, para voltar a enfermidade. (*Nosso Lar, cap. 47.*)

Em face de tantas e tão expressivas informações, cremos que o próprio leitor tem em mãos a resposta à pergunta que nos foi apresentada.

5/03/2017

Edição 506

O leitor Alírio Silveira Filho enviou-nos algum tempo atrás a seguinte pergunta relacionada com os jogos de azar: "Por que não jogar? Gostaria de conhecer bastante sobre este tema".

Como advertiu Paulo de Tarso em conhecida epístola, tudo na vida nos é lícito, mas nem tudo nos convém.

O jogo de azar gera uma série de efeitos negativos, tanto naqueles que costumam ser contemplados com a chamada sorte no jogo, como naqueles que

despendem nessa prática recursos vultosos desviados do orçamento doméstico, fato que chega, em muitos casos, a levá-los à ruína econômica e financeira. Algum tempo atrás, um amigo de lides espíritas atendeu um colega que lhe solicitou ajuda para livrar-se da tentação de jogar, um vício de que ele pensava estar livre, mas que voltava com toda a força, embora os jogos de azar o tivessem levado, no passado, a perder tudo o que tinha, inclusive a própria casa.

Aos dotados da sorte no jogo, se é que podemos chamar isso de sorte, o jogo passa a ideia de que é melhor jogar do que trabalhar, incentivando assim a indolência e a indisposição para a prática de uma atividade honesta.

Aos chamados azarados, o jogo de azar pode trazer a ruína, não somente em termos econômicos e financeiros, mas a ruína moral, com todas as consequências que esse fato é capaz de causar no seio de uma família.

Quando praticado sem interesse financeiro e como singelo entretenimento, o jogo não é intrinsecamente mau. Mas ninguém pode ignorar seu potencial viciante, fato que levou a Organização Mundial de Saúde, em 1992, a incluir os jogos de azar na lista oficial de doenças, visto que o vício de jogar causa a degradação moral do cidadão, que se torna escravo de uma situação da qual é, muitas vezes, incapaz de sair.

O jogador compulsivo, segundo entendimento dos especialistas, não destrói apenas a pessoa que joga, mas causa frequentemente prejuízos de toda ordem à sua família, freando, por incontáveis vezes, o desenvolvimento de crianças e jovens. Não é difícil, pois, compreender que os malefícios do vício no jogo têm impacto, em última análise, em toda a sociedade.

Uma oportuna e interessante nota publicada no website *Brasil sem Azar* - <http://brasilsemazar.com.br/12-coisas-sobre-jogos-de-azar/> - relaciona 12 razões para que o chamado mercado da jogatina não seja legalmente liberado em nosso país.

Das razões apontadas na nota destacamos estas:

1. Problemas relacionados aos jogos de azar atingem cerca de 8% a 10% da população brasileira em potencial. Parte dela já sofre algum tipo de patologia por conta do jogo.
2. O jogo pode facilmente mudar de uma simples brincadeira para um problema mais sério. Quando se torna um problema, ele é chamado de "Ludomania".
3. Dentre os problemas relacionados se encontra o vício compulsivo. Isso acontece devido a uma desordem de controle de impulso, quando os jogadores não apresentam controle psicológico no momento de realizar um jogo.
4. A atividade cerebral é a mesma da cocaína, dizem cientistas da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, que fizeram um experimento com ressonância magnética em pessoas viciadas em jogo e pessoas que utilizaram cocaína.
5. Em 1992, a Organização Mundial da Saúde (OMS) colocou o jogo compulsivo no Código Internacional de Doenças, ao lado da dependência do álcool, da cocaína e de outras drogas.
6. Com o vício, outra grande consequência diz respeito às dificuldades financeiras nas famílias envolvidas diretamente com um indivíduo viciado. Endividamento, contas atrasadas, pedidos constantes de dinheiro

emprestado, roubo de objetos da casa e imóveis penhorados estão dentre os casos mais comuns decorrentes da perda de dinheiro.

7. As consequências do jogo contínuo e ininterrupto podem também incluir desgastes físicos como úlceras nervosas, enxaquecas e ataques cardíacos.

8. Com os inúmeros problemas acumulados pela dificuldade financeira e desequilíbrio psicológico, surge a depressão. Em alguns casos, o suicídio pode ser a consequência.

9. O jogo compulsivo é uma doença comportamental e o viciado necessita de uma intervenção rigorosa da família. Para tal, é necessário tratamento especializado, com apoio, inclusive, da psicoterapia.

No tocante aos aspectos espirituais da questão, seria interessante que os interessados conhecessem a experiência relatada na obra mediúnica **Jogo: mergulho no vulcão**, escrita por Claudinei (Espírito) pelas mãos do médium Eurípedes Kühl, obra publicada originalmente em 1998 pela editora LÚMEN, de São Paulo (SP), e recentemente editada pela EVOC – Editora Virtual O Consolador.⁽¹⁾

Nela o autor espiritual põe a descoberto as consequências do vício do jogo, configurando-o como “ferrugem da alma”. Sincera e forte, a trama ofertada à nossa reflexão desloca para a borda do vulcão (infelicidade) o cenário geral do jogo, composto das vertentes “jogo-ambição”, “jogo-divertimento”, ou “jogo-passatempo”, por vezes com suas faces disfarçadas de inocência: rifas, sorteios, bingos e loterias em geral. Tudo isso, infelizmente, posto ao alcance de todos, em bandejas oficiais, ou o que é pior: às vezes, no próprio lar.

No jogo passa-se, em geral, da “distração” à viciação, sem se dar conta, sofrendo-se depois os tormentos oriundos de perdas acumuladas. Ganhos, raros no ato, se dissolvem em novas perdas, a bordo do irresistível impulso do “reinvestimento”, pela cupidez de ganhar mais e mais. Um dado, uma ficha, uma cartela ou uma carta de baralho, na maioria das vezes, constituem trampolim para mergulhos naquele vulcão...

Creemos que as informações aqui prestadas são suficientes para que o leitor encontre, por si próprio, resposta à sua pergunta: Por que não jogar?

⁽¹⁾ O livro **Jogo: mergulho no vulcão** pode ser lido, impresso ou baixado, sem custo nenhum, bastando para isso acessar a página da EVOC na Web. Eis o link:

http://www.oconsolador.com.br/editora/1a50/Jogo_mergulho_no_vulcao.htm

12/03/2017

Edição 507

Na edição passada, o leitor Airton Azevedo (Blumenau, SC), em mensagem datada de 24 de fevereiro de 2017, publicada na seção de Cartas, apresentou à revista duas questões. A primeira refere-se à sua dúvida sobre se os chamados chacras ou centros de forças possuem cores. A segunda diz respeito a um médium que apresenta sangramento pelo nariz, fato que se dá em algumas ocasiões durante as sessões mediúnicas e mesmo fora delas quando algum ente querido está prestes a desencarnar.

Além do que temos aprendido no Espiritismo, consultamos quatro colaboradores de nossa revista – um médium de renome nacional e três estudiosos que são também médicos em atividade. Nossa resposta sintetiza, pois, o que conseguimos reunir acerca dos dois temas.

Quanto às cores dos chamados chacras, que André Luiz prefere chamar de centros vitais, o entendimento é que podem sim irradiar cores, que são, em verdade, a exteriorização da evolução espiritual do Espírito que tenha a capacidade de projetar suas luzes com essa ou aquela tonalidade, de conformidade com o seu nível evolutivo.

No livro *Entre a Terra e o Céu*, cap. XXIII, há fulgurantes notas sobre cores num Espírito elevado (“como se fora o centro de milagroso arco-íris”) e o mesmo podemos ver no livro *Os Mensageiros*, também de André Luiz, em que há no cap. 24 nova citação das expressões luminosas em Espíritos, com as cores respectivamente consentâneas com a evolução de cada um.

Chico Xavier disse certa vez que, quando teve a visão do elevadíssimo Espírito daquela que fora a rainha Isabel de Aragão, todo o seu quarto ficou iluminado pela luz que se irradiava vinda do Espírito que o visitava.

No tocante ao sangramento, seria importante que o médium citado pelo leitor procurasse o atendimento médico, visto que se trata de uma epistaxe – hemorragia nasal, geralmente com origem na mucosa nasal – que um exame pode perfeitamente esclarecer. O fato não costuma oferecer perigo e deve passar com o tratamento indicado pelo especialista.

19/03/2017

Edição 508

Uma leitora do Rio de Janeiro (RJ), em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, questiona o conceito espírita de que “animais sofrem para evoluir, mas não resgatam débitos como seres humanos, já que não possuem livre-arbítrio”.

Já tratamos do tema em inúmeras oportunidades, mas vale a pena, dada a importância do assunto, lembrar o que escrevemos.

Conforme é dito no cap. 19 do livro *Ação e Reação*, de André Luiz, identificamos na experiência terrestre três tipos de dores: a dor-evolução, a dor-expição e a dor-auxílio. Destas, apenas a dor-expição diz respeito aos erros cometidos no pretérito. A dor-auxílio e a dor-evolução existem na vida em decorrência de outras razões e finalidades.

A dor-evolução, cujo objetivo notório é o aprimoramento do ser, nada tem que ver com atos do passado. É o que ocorre com os animais, não apenas os que vivem em nosso meio, como os cães, vítimas de tantas enfermidades e problemas, mas sobretudo com os que vivem em plena selva. Alguém consegue imaginar o sofrimento de uma presa abatida por seu predador e estraçalhada antes mesmo de ocorrer sua morte corpórea?

Referindo-se diretamente ao caso dos animais, o instrutor Druso afirma:

"A dor é ingrediente dos mais importantes na economia da vida em expansão. O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a dor-

evolução, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso". (*Ação e Reação*, cap. 19.)

Em entrevista publicada pela *Revista Cristã de Espiritismo*, edição 29, de 2004, o saudoso confrade Marcel Benedeti, médico veterinário desencarnado em fevereiro de 2010, autor de importante obra sobre os animais e seu destino espiritual, afirmou, comentando a eutanásia no caso de animais em sofrimento:

"O ser humano tem o carma, o animal não. O animal tem consciência, mas muito mais restrita, em relação ao ser humano. Ele segue muito mais os seus instintos. Então, como não tem carma, a eutanásia deve ser o último recurso utilizado; o veterinário deve fazer todo o possível para salvá-lo. Se o animal estiver sofrendo muito e não existir outra maneira, o plano espiritual não condena, porque é um aprendizado tanto para o animal quanto para o dono que precisa tomar a decisão".

Perguntaram certa vez a Chico Xavier como devemos encarar a questão da existência de deformidades congênitas no seio dos animais. Por que nascem animais cegos ou deformados, se eles não têm o livre-arbítrio?

O saudoso médium respondeu:

"Nossos benfeitores espirituais nos esclarecem que é preciso que todos nós consideremos que os animais diversos, a nos rodearem a existência de seres humanos em evolução no planeta Terra, são nossos irmãos menores, desenvolvendo em si mesmos o próprio princípio inteligente. Se nós, seres humanos, já alcançamos os domínios da inteligência, desenvolvendo agora as potências intuitivas, eles, os animais, estão aperfeiçoando paulatinamente seus instintos na busca da inteligência.

Da mesma maneira que nós humanos aspiramos alcançar algum dia a angelitude na Vida Maior, personificada em nosso mestre e senhor Jesus, eles, os animais, aspiram a ser no futuro distante homens e mulheres inteligentes e livres. Assim sendo, nós podemos nos considerar como irmãos mais velhos e mais experimentados dos animais.

Ora, nós já sabemos que a Lei Divina institui a solidariedade entre os seres, e, por isso, podemos facilmente concluir que a nós, seres humanos, Deus outorgou a condução e a proteção de nossos irmãos mais novos, os animais. E o que é que nós estamos fazendo com esta responsabilidade santa de proteger e guiar o reino animal? Como é que esta humanidade terrestre tem agido em relação aos animais, nos inúmeros séculos de nossa história? Porventura nós, os homens, não temos nos convertido em algozes impiedosos dos animais ao invés de seus protetores fiéis? Quem ignora que a vaca sofre imensamente a caminho do matadouro? Quem desconhece que minutos antes do golpe fatal os bovinos derramam lágrimas de angústia? Não temos treinado determinadas raças de cães exaustivamente para o morticínio e o ataque? Que dizemos das caçadas impiedosas de aves e animais silvestres, unicamente por prazer esportivo? Que dizemos das devastações inconsequentes ao meio ambiente? Tudo isto se resume em graves responsabilidades para os seres humanos!

A angústia, o medo e o ódio que provocamos nos animais lhes alteram o equilíbrio natural de seus princípios espirituais, determinando ajustamento em posteriores existências, a se configurarem por deformidades congênitas. A responsabilidade maior recairá sempre nos desvios de nós mesmos, os seres humanos, que não soubemos guiar os animais na senda do amor e do progresso, segundo a vontade de Deus.

Agora, vejamos, se determinado cão é treinado para o ataque e a morte com requintes de crueldade, se ele é programado para o mal, pode ocorrer que em determinado momento de superexcitação este mesmo cão, treinado para atacar os estranhos, ataque as crianças de sua própria casa ou os próprios donos. Aí teremos um desajuste induzido pela irresponsabilidade humana. Ora, este mesmo cão aspira crescer espiritualmente para a inteligência e o livre-arbítrio. Mas, para isso, ele precisará experimentar o sofrimento que lhe reajuste o campo emotivo, aprendendo pouco e pouco a Lei de Ação e Reação. Assim, ele provavelmente renascerá com sérias inibições congênitas. A responsabilidade de tudo isto, no entanto, dever-se-á à maldade humana.” (Do livro *Lições de Sabedoria*, de Marlene Rossi Severino Nobre.)

Esperamos que as informações acima nos ajudem a entender as nuances da questão levantada pela estimada leitora.

26/03/2017

Edição 509

Uma leitora de Campinas (SP), em mensagem publicada nesta mesma edição, pede-nos informações sobre o GERA, um grupo espírita constituído na cidade de Londrina voltado para a transformação moral e o autoconhecimento. E pergunta se é possível a alguém não residente em Londrina participar de semelhante trabalho.

O grupo citado pela leitora foi objeto nesta revista de uma matéria especial, da qual nos socorremos para prestar as informações que seguem.

O GERA - Grupo Espírita pró-Reforma e Autoconhecimento surgiu em Londrina no ano de 2006 por proposta da coordenação do Círculo de Leitura Anita Borela de Oliveira, fundado em junho de 1996 na mesma cidade.

Inspirado na obra *Alguém chorou por mim*, de Fernando do Ó, o GERA é, em verdade, uma tentativa de oferecer aos seus participantes subsídios com vistas à transformação moral a que Allan Kardec deu em sua obra uma ênfase especial, conforme o leitor pode aferir lendo esta conhecida frase por ele escrita:

“Reconhece-se o verdadeiro espírita por sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas inclinações inferiores”. (Cf. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII:4.)

A sigla GERA foi criada propositadamente, para prestar uma homenagem à jovem Jera, personagem central do romance *Alguém chorou por mim*, a qual

utilizou as horas do sono para evangelizar, educar e reequilibrar entes de sua família.

A adesão ao GERA é virtual. Não existe vínculo formal nem há necessidade de participação nas reuniões promovidas pelo grupo, o que implica dizer que qualquer pessoa, residindo em Londrina ou em qualquer outra cidade do Brasil ou do exterior, pode integrar-se à proposta, que se fundamenta em cinco pontos – quatro essenciais e um acessório.

Eis os cinco pontos:

1º. Ao definir seu voto, adotar em todos os dias da semana a metodologia dos Alcoólicos Anônimos (A.A.), prometendo formalmente a si mesmo observar seu voto. Da mesma maneira que o Alcoólico Anônimo diz que “hoje não beberei coisa alguma que contenha álcool”, o membro do GERA prometerá a si mesmo, ao iniciar cada dia, que fará ou não fará tal e tal coisa, consoante o voto adotado, que é algo particular e do seu exclusivo conhecimento e se origina das necessidades que o processo de autoconhecimento lhe apontar.

2º. Além de orar diariamente nos horários habituais, manter severa vigilância sobre os pensamentos, os sentimentos e os atos, subordinando-os à ideia central que motivou o voto diário e seus objetivos dentro do processo de transformação moral.

3º. Avaliar, minutos antes de dormir, o desempenho individual no dia que se finda, tal como ensinado por Santo Agostinho na lição constante da questão 919 de *O Livro dos Espíritos*, repassando os atos e acontecimentos do dia e formulando o desejo de não reincidir nos erros eventualmente cometidos.

4º. Deitar-se, com objetivo de dormir, antes das 2 horas da madrugada, de modo a assegurar sua participação, durante o sono corporal, nas atividades que os componentes do GERA realizam no período noturno – geralmente das 2 às 5 horas –, à semelhança do que é narrado no livro *Alguém chorou por mim*, de Fernando do Ó.

5º. Participar de pelo menos duas reuniões que o GERA realiza em cada ano. Essas reuniões constam de um culto evangélico, seguido de depoimentos dos membros do grupo e da confraternização final. Esta não é, porém, uma obrigação essencial e sua inobservância não impede a permanência da pessoa como membro do grupo, facultando, desse modo, a participação no grupo de qualquer pessoa, seja qual for o local em que resida.

O objetivo é, como se vê, exclusivamente moral e se inspira num dado noticiado pelo Espírito de Abel Gomes na mensagem intitulada “Notícias”, constante do livro *Falando à Terra*, psicografado por Francisco Cândido Xavier:

“Nem todos se retiram da Terra em posição de heróis. A perfeita sublimação é obra dos séculos incessantes. Notamos, em toda a parte, homens e mulheres de boa vontade inequívoca na aceitação das verdades divinas e que, no entanto, não conseguem aplicá-las, de pronto ou de todo, à própria vida.”

2/04/2017

Em mensagem datada de 23 de março, publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor

Marcos Tadeu Tomazela Lima escreveu-nos o seguinte:

Baseado na conclusão da Física quântica de que somos todos irmãos, queria saber a visão espírita de se matar um pernilongo. É correto? O que diz a Cosmoética espírita kardecista? Não estamos agindo mal?

O leitor citou um único inseto – o pernilongo – mas poderia ter mencionado outros seres vivos que nós humanos costumamos procurar erradicar de nossas casas, como a formiga, a barata, o rato, o *Aedes aegypti* etc.

O tema destruição é tratado no cap. VI d' *O Livro dos Espíritos*, a principal obra espírita, publicada inicialmente por Allan Kardec no dia 18/4/1857. Fazem parte desse capítulo as questões adiante reproduzidas:

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, colocou a Natureza os agentes de destruição? “É o remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. Será idêntica, em todos os mundos, a necessidade de destruição? “Guarda proporções com o estado mais ou menos material dos mundos. Cessa, quando o físico e o moral se acham mais depurados. Muito diversas são as condições de existência nos mundos mais adiantados do que o vosso.”

733. Entre os homens da Terra existirá sempre a necessidade da destruição? “Essa necessidade se enfraquece no homem, à medida que o Espírito sobrepõe a matéria. Assim é que, como podeis observar, o horror à destruição cresce com o desenvolvimento intelectual e moral.”

734. Em seu estado atual, tem o homem direito ilimitado de destruição sobre os animais? “Tal direito se acha regulado pela necessidade, que ele tem, de prover ao seu **sustento** e à sua **segurança**. O abuso jamais constituiu direito.” (Negritamos.)

735. Que se deve pensar da destruição, quando ultrapassa os limites que as necessidades e a segurança traçam? Da caça, por exemplo, quando não objetiva senão o prazer de destruir sem utilidade? “Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades; enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.”

Prover ao seu sustento e garantir a sua segurança – eis os dois únicos casos em que assiste ao homem o direito de matar um ser vivo pertencente ao reino animal.

Ora, é exatamente essa a situação mencionada na pergunta do leitor, visto que o combate aos insetos capazes de transmitir doença aos seres humanos enquadra-se perfeitamente na questão 734 d' *O Livro dos Espíritos*.

Sobre o pernilongo, especificamente, é bom que o leitor tome conhecimento de uma reportagem publicada pela BBC Brasil sobre a descoberta feita pela bióloga Constância Ayres, da Fiocruz Pernambuco, segundo a qual o mosquito *Culex quinquefasciatus*, conhecido como muriçoca ou pernilongo doméstico, pode também transmitir o vírus que causa microcefalia e malformações em bebês. A matéria é complementada por uma entrevista à BBC Brasil em que a bióloga fala sobre sua pesquisa e as implicações de sua descoberta. Eis o link que leva à matéria publicada: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36871848>

Informações como essa mostram que podemos e devemos, sim, tomar as medidas saneadoras necessárias para evitar que tais insetos, ao saírem do seu *habitat*, sejam veículos de doenças perfeitamente evitáveis e que, como ninguém ignora, podem assumir a forma de uma epidemia, com consequências desastrosas para as pessoas por ela atingidas.

9/04/2017

Edição 511

O leitor Rogério R. Pereira, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos:

Quando uma pessoa morre por acidente, seja com carro, moto, atropelamento, ou qualquer outro tipo, esse desencarne violento já estava programado? E como fica o fluido vital dessa pessoa? Ela já vem com a quantidade de fluido vital até o momento do acidente?

Quanto à primeira questão, relativa à chamada morte inesperada, que ceifa a vida de pessoas nas mais diferentes faixas etárias, há depoimentos inúmeros colhidos na obra de Francisco Cândido Xavier atestando que o momento do retorno da pessoa era aquele mesmo e que, portanto, o acidente que a tirou do nosso convívio fazia parte de uma programação, não sendo, pois, fruto do acaso.

Essa ideia não é estranha à obra de Allan Kardec:

“A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado.” (*O Livro dos Espíritos*, 851)

“Fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos.” (L.E., 853)

a) Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos? “Não; não perecerás e tens disso milhares de exemplos. Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas.” (L.E., 853 a)

Ocorre, porém, que muitas pessoas, por negligência ou imprevidência, provocam acidentes que absolutamente não constavam de sua programação,

podendo daí ocorrer a morte de indivíduos que chegam, evidentemente, ao plano espiritual na condição de suicidas involuntários, tal como se dá com as pessoas que adquirem enfermidades decorrentes dos seus hábitos e acabam partindo mais cedo para a vida espiritual. Quem leu o livro *Nosso Lar* sabe perfeitamente que André Luiz foi assim classificado.

Quanto à segunda questão, a respeito do fluido vital, é bom atentar para as informações seguintes que Allan Kardec consignou na pergunta 70 d' *O Livro dos Espíritos*:

Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? "A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu." (L.E., 70)

Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. (L.E., 70 - comentários de Kardec)

Sobrevindo a morte corpórea, é óbvio que o corpo da pessoa pode estar saturado de fluido vital, que, evidentemente, concluída a desencarnação, voltará à massa de onde saiu. Como isso se dá, as informações na obra de Kardec são escassas.

É na obra de André Luiz que encontramos algo mais sobre o assunto, especificamente no livro *Obreiros da Vida Eterna*, cap. 13, pp. 209 a 212, em que o autor descreve o trabalho realizado pelo instrutor Jerônimo para a liberação da alma de Dimas. O serviço, conforme relatado por André, abarcou três regiões consideradas fundamentais no processo de liberação do desencarnante: o centro vegetativo, ligado ao ventre, sede das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax, e o centro mental, situado no cérebro.

Logo que Jerônimo concluiu a operação sobre a primeira região, uma certa porção de substância leitosa extravasou do umbigo, pairando em torno. Em seguida, depois de operar sobre a região do tórax, nova cota de substância despreendeu-se do corpo. E, na última etapa do processo, finda sua atuação sobre o cérebro de Dimas, uma brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana e absorveu, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada das duas primeiras regiões.

Era difícil, segundo André Luiz, fixá-la com rigor porque as forças eram dotadas de movimento plasticizante. Estaria ele aludindo ao fluido vital que dali se exteriorizara para "voltar à fonte"? É provável, mas nada a respeito foi acrescentado.

16/04/2017

Edição 512

O leitor Lucio de Sousa Puchetti, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos:

Qual o conceito de mônada, princípio espiritual e princípio inteligente na Doutrina Espírita? São termos que utilizamos para designar a mesma coisa?

O significado do termo mônada, segundo os léxicos mais conhecidos, varia conforme o ramo do conhecimento em que é ele utilizado. Na Biologia, significa organismo simples ou muito pequeno. Na Zoologia, gênero de infusórios microscópicos. Em Filosofia, designa a união perfeita do espírito e da matéria, conforme teoria que remonta a Pitágoras, ou, de acordo com as ideias de Leibnitz, a substância simples, criada desde o princípio, inacessível a quanto existe e incorruptível, mas sujeita a evoluções e desenvolvimento até alcançar o intelectual.

O termo mônada não aparece nas obras da codificação da doutrina espírita. Mas é utilizado por André Luiz em sua obra intitulada *Evolução em Dois Mundos*, psicografada pelos médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier.

Eis, extraídos da obra citada, alguns trechos em que a palavra é mencionada:

Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os átomos em colmeias imensas e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as **mônadas celestes** encontrarão adequado berço ao desenvolvimento. (*Evolução em Dois Mundos* - Primeira Parte: cap. 1 – Fluido Cósmico.)

A matéria elementar, de que o elétron é um dos corpúsculos-base, na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geleia cósmica verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as **mônadas** celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído. (Obra citada - Primeira Parte: cap. 3 - Evolução e corpo espiritual.)

Nascimento do reino vegetal - Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos **princípios inteligentes** ou **mônadas fundamentais**, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética. Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início. (Obra citada - Primeira Parte: cap. 3 - Evolução e corpo espiritual.)

Formação das algas - Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal. O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se à custa de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a **mônada** já evoluída se ergue a estágio superior. (Obra citada - Primeira Parte: cap. 3 - Evolução e corpo espiritual.)

Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios - Mais tarde, assinalamos o ingresso da **mônada**, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exosqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue - condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma - detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individualizações do Espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina. (Obra citada - Primeira Parte: cap. 3 - Evolução e corpo espiritual.)

Faixas inaugurais da razão - Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos, canídeos, proboscídeos e antropoides inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropoides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a **mônada** vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da

inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão. (Obra citada - Primeira Parte: cap. 3 - Evolução e corpo espiritual.)

Na intimidade dos corpúsculos simples que evoluíram para a feição de máquinas microscópicas, formadas de protoplasma e paraplasma, fixam-se, vagarosamente, sob influência magnética, os fragmentos de cromatina, organizando-se os cromossomos em que seriam condensadas as fórmulas vitais da reprodução. Processos múltiplos de divisão passam a ser experimentados. A divisão direta ou amitose é largamente usada para, em seguida, surgir a mitose ou divisão indireta, em que as alterações naturais da **mônada celeste** se refletem no núcleo, prenunciando sempre maiores transformações. (Obra citada - Primeira Parte: cap. 7 - Evolução e hereditariedade.) [Negritamos.]

Pela leitura dos trechos transcritos, percebe-se que os termos mônada celeste e princípio inteligente se equivalem, segundo a conceituação adotada por André Luiz na obra que ele dedicou ao complexo tema da evolução.

Acerca dos termos princípio espiritual e princípio inteligente já nos manifestamos na edição 321, de 21 de julho de 2013, desta revista, em resposta a uma questão apresentada pela leitora Filomena Branco, de Portugal. Eis o link: <http://www.oconsolador.com.br/ano7/321/oespiritismoresponde.html> No aludido texto lembramos ao leitor que Emmanuel preferiu, entre os dois termos, utilizar em sua obra o termo **princípio espiritual**, que não tem, no entanto, guarida na principal obra espírita – *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec –, no qual a expressão **princípio inteligente** é utilizada com o mesmo sentido que Emmanuel dá ao termo princípio espiritual, como adiante demonstramos:

“Que é o espírito? – O **princípio inteligente** do Universo.” (L.E., *questão 23.*)

“Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material? – Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do **princípio inteligente**, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.” (L.E., *questão 79.*)

“Que definição se pode dar dos Espíritos? – Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.” (L.E., *questão 76.*)

“A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o **elemento inteligente** do Universo.” (L.E., *nota apostá à questão 76.*)

“Donde tiram os animais o **princípio inteligente** que constitui a alma de natureza especial de que são dotados? – Do elemento inteligente universal.” (L.E., questão 606.)

“Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais? – Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.” (L.E., questão 606-a.) [Negritamos.]

A mesma ideia apresentada em *O Livro dos Espíritos* aparece em *O Livro dos Médiuns*, como adiante se vê:

“Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria.” (L.M., cap. I, item 1.)

“Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo.” (L.M., cap. I, item 54.)

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, nos quais continua ele a obra de sua elaboração.” (L.M., cap. XXV, item 283, pergunta 36ª.)

Anos mais tarde, porém, no livro *A Gênese*, o Codificador do Espiritismo preferiu a expressão **princípio espiritual**, como podemos verificar no cap. IV, item 16, e no cap. XI, itens 1 e 2. Chama-nos a atenção, nessa obra, o trecho adiante reproduzido, em que utiliza **princípio espiritual** com o mesmo sentido de **princípio inteligente** mencionado em *O Livro dos Espíritos*:

“A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. E, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios. De acordo com este princípio: ‘Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente’, ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste.” (A Gênese., cap. XI, item 1.)

Já na *Revue Spirite*, em inúmeras passagens, Kardec usa a expressão **princípio inteligente** como sinônimo de alma, o que é possível verificar na *Revue* de 1861, pág. 242; na *Revue* de 1864, pp. 138 e 139; na *Revue* de 1865, pág. 95, e na *Revue* de 1868, págs. 259 e 260, conferindo à expressão **princípio espiritual** a ideia de elemento espiritual, em oposição a elemento material.

Concluimos, então, naquela oportunidade, conforme tudo o que ali foi exposto, que devemos usar a expressão **princípio espiritual** como elemento, em oposição a **princípio material**, reservando a expressão **princípio inteligente** para os casos em que queremos referir-nos à parte imaterial individualizada presente nos seres vivos que sobrevive ao fenômeno da morte. No caso dos animais e dos homens, a essa parte imaterial individualizada o Espiritismo dá o nome de alma.

23/04/2017

Edição 513

O leitor Aparecido Paulo, conforme mensagem publicada na seção de Cartas da edição passada, enviou-nos a seguinte pergunta:

Céu, Inferno, Purgatório e Umbral são estados de consciência que adquirimos ao desencarnar? Ou realmente existe o Umbral tão falado por André Luiz em sua fala em o livro "Nosso Lar"?

Segundo os ensinamentos espíritas, não existe um lugar chamado Céu. A felicidade, explica Allan Kardec, está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto.

Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão.

Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, seja no meio dos encarnados ou no Espaço, no chamado Plano Espiritual.

O mesmo ensinamento aplica-se ao conceito de Inferno. Conforme a doutrina espírita, o inferno não se traduz por regiões circunscritas em que o indivíduo passaria, conforme a teologia católica, por sofrimentos atroz e eternos. Céu e Inferno são, em essência, um estado de alma que varia conforme a visão interior e o grau evolutivo da pessoa.

Diferentemente do que diz a respeito do Céu e do Inferno, o Espiritismo não nega a existência do purgatório e diz mais: que nele nos achamos, pois é em um planeta como a Terra – de provas e expiações – que expiamos os equívocos, os erros e os males que tenhamos cometido.

A palavra purgatório sugere a ideia de um lugar circunscrito; eis por que, segundo o entendimento espírita, mais naturalmente se aplica à Terra do que ao Espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, visto que a natureza da expiação terrena tem os caracteres da verdadeira expiação.

No tocante ao conceito de Umbral, trata-se de uma região espiritual de transição, a que André Luiz se referiu na obra mediúnica *Nosso Lar*, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

Segundo André Luiz, debatem-se na zona umbralina Espíritos desesperados, infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias, mas todos eles ali permanecem o tempo que se faça necessário ao esgotamento de seus resíduos mentais negativos.

Fisicamente falando, o Umbral faz parte do campo magnético da Terra que, segundo alguns autores, estaria dividido em sete regiões ou esferas.

Para entender melhor o que ele significa, sugerimos aos interessados que leiam o artigo "Umbral e Inferno: termos diferentes para designar situações diferentes", que publicamos no blog Espiritismo Século XXI. Eis o link: http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/2017/04/reflexoes-luz-do-espiritismo_9.html

30/04/2017

Edição 514

Em mensagem enviada à revista no dia 14 de abril e publicada na seção de Cartas da edição passada, o leitor Afonso Marinho de Araújo pergunta-nos:

Qual o significado do que quis dizer Jesus: "Pai, se possível, afaste de mim este cálice, mas que se faça a sua vontade"?

O assunto foge, como se vê, ao âmbito da doutrina espírita e certamente por isso nem chegou a ser examinado por Allan Kardec em toda a sua extensa obra. Trata-se de interpretar uma frase atribuída a Jesus cuja veracidade nem mesmo podemos assegurar, pela simples razão de que foi relatada nos chamados evangelhos sinóticos – por Mateus, Lucas e Marcos – mas em nenhum lugar foi mencionada no Evangelho de autoria do evangelista João, único dentre os quatro presente no episódio em que a frase supostamente teria sido dita.

Se alguém argumentar que talvez João não quisesse repetir o que os outros evangelistas haviam escrito, por que no episódio da multiplicação dos pães os três evangelistas e também ele fizeram o registro dos fatos?

Dos companheiros que escrevem regularmente nesta revista, três entendem que a frase não é verídica, mas se trata de uma interpolação dentre as muitas que foram feitas, ao longo dos séculos, na chamada Vulgata latina.

Jorge Hessen diz-nos: "Na minha opinião Jesus não pronunciou tal frase..."

José Reis Chaves, conhecido estudioso dos textos bíblicos, declara: "O texto a que você se refere parece ser uma interpolação. Aliás, a Bíblia tem muitas interpolações e acréscimos. Por isso, não pode ser tomada, literalmente, como sendo a palavra de Deus. A Igreja já diz hoje que ela é a palavra de Deus escrita por homens".

Eurípedes Kühl, médium e estudioso dos mais respeitados no meio espírita, afirma: "Sempre me encabulou a frase atribuída a Jesus e nunca me convenci de que ele teria mesmo dito citada frase, motivo da dúvida do leitor: '*Pai, se possível, afaste de mim este cálice, mas que se faça a sua vontade*'. Jamais desconsideraria os registros do Novo Testamento, por isso coloco a narração nas prateleiras do Tempo, aguardando que possam ser confirmadas. Mas me lembro de que Jerônimo, por volta de 386, após o insano trabalho de distinguir

quais Escrituras estavam de acordo com o texto grego, traduzindo-as reclamou ao Papa Dâmaso que *'da velha obra me obrigais a fazer obra nova'*. Essa versão, oficial, sofreu novas alterações no Concílio Ecumênico de Trento, em 1546. Assim, e por isso, raciocinando como Kardec tanto sugere, fico na dúvida se essa frase foi mesmo pronunciada por Jesus, porque: a) se Jesus estava isolado e os discípulos dormindo, quem ouviu e reproduziu o que ele eventualmente dissera, na sua prece ao Pai, para que ficasse registrada?... Ademais, na prece Jesus se refere a abandono pelo Pai... Isso é, para mim, inaceitável; b) considerando a incomparável elevação moral e a máxima evolução espiritual de Jesus, se ele fosse atendido quanto ao citado pedido, isso poderia representar recuo de Sua sublime missão e certamente outra seria a história; c) todos os discípulos dormirem ao mesmo tempo... Considerando que era grave a situação perante as autoridades, como que eles poderiam dormir, tão candidamente, por três vezes?"

Pelas considerações expostas, dada a grandiosidade do Espírito de Jesus – Modelo e Guia da Humanidade, conforme nos é dito na questão 625 d' *O Livro dos Espíritos*, fica realmente difícil admitir a veracidade do episódio em questão, fato que fez até mesmo o erudito Carlos Torres Pastorino valer-se de um malabarismo típico dos teólogos cristãos tradicionais, em sua apreciação acerca do tema.

Veja o que ele escreveu a respeito do assunto:

Mateus cita-lhe as palavras das três vezes que orou, pois nas três exprimiu o mesmo pensamento: "Se é possível, afasta de mim esta taça": é a ânsia da personagem que teme arrostar a dor física. Mas logo a seguir acrescenta: "Mas não como quero eu, e sim como queres tu: faça-se a Tua vontade, não a minha".

Aqui verificamos nitidamente a dualidade de vontades, entre a personagem e a individualidade, entre o Filho e o Pai, entre Jesus e Deus (Melquisedec). Como pode explicar-se isto, de quem dissera: "Eu e o Pai somos um"? e "faço apenas a vontade do Pai"?

As duas frases, e outras semelhantes, nós o vimos a seu tempo, foram proferidas pelo CRISTO, através de Jesus, com o qual estava identificada Sua individualidade. Não pela personagem terrena de Jesus, não por Seus veículos físicos. Seu Espírito (pneuma) já identificara, mas não Sua personagem (psychê) de fato, "a carne e o sangue não podem possuir o reino dos céus" (1.^a Cor. 15:50). Tudo é claro e luminoso, e não há contradições nos Evangelhos. Apesar de tudo isso, fortemente influenciada e dominada pelo Espírito a personagem se conforma e aceita que a vontade do Pai, que era também a de Seu Eu profundo, seja realizada, e que prevaleça sobre a vontade fraca e temerosa. Então essa prece, proferida três vezes pelo homem Jesus, demonstra o esforço que Sua personagem física fazia para sintonizar e concordar com a vontade do Espírito e, por conseguinte, com a vontade do Pai. Ao falar com os discípulos, cujo físico se achava enfraquecido pela perda de energia, Ele também esclarece esse mesmo ponto: "O Espírito tem boa-vontade, mas a carne é fraca". Isso se passava com Ele nesses momentos e Ele o verificava em experiência pessoal ali mesmo vivida e sentida. (*Sabedoria do Evangelho*, 8^o volume, p. 58 a 63.)

O 8º volume da coleção Sabedoria do Evangelho pode ser baixado, sem custo algum, clicando-se neste link: <http://migre.me/wtF96>

7/05/2017

Edição 515

Um amigo leitor, reportando-se ao Dia do Expedicionário que se comemora no dia 5 de maio de cada ano, em homenagem aos militares que compuseram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e, desse modo, lutaram na campanha na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, pede-nos que esclareça o que o Espiritismo nos fala sobre a guerra e sobre os soldados que perecem durante os combates.

Ambos os assuntos foram lembrados por Allan Kardec e, por isso, examinados objetivamente pelos instrutores espirituais que participaram da obra de codificação da doutrina espírita.

Acerca da guerra e suas motivações, eis o que os instrutores disseram:

742. Que é o que impele o homem à guerra?

“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões. No estado de barbaria, os povos um só direito conhecem – o do mais forte. Por isso é que, para tais povos, o de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, menos frequente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.”

743. Da face da Terra, algum dia, a guerra desaparecerá?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.”

A dedução que podemos tirar de semelhantes respostas é que a guerra, tão presente na história da Humanidade terrena, é um processo decorrente claramente do estado de inferioridade que caracteriza nosso planeta. Com a evolução moral dos que aqui reencarnam, evidentemente a guerra desaparecerá e será tão somente um registro nos rodapés dos livros de história, o que nos faz lembrar uma conhecida advertência feita por Jesus registrada pelo evangelista: "Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra!" (Mateus, 5:5.)

Sobre o que acontece com os soldados que perecem em batalha, os instrutores espirituais forneceram-nos informações muito interessantes, que vale a pena meditar para podermos ter a dimensão real da tolice que é uma guerra:

546. No tumulto dos combates, que se passa com os Espíritos dos que sucumbem? Continuam, após a morte, a interessar-se pela batalha?

“Alguns continuam a interessar-se, outros se afastam.” Nota de AK: “Dá-se, nos combates, o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreendido e como que atordoado. Julga não estar morto. Parece-lhe que ainda toma parte na ação. Só pouco a pouco a realidade lhe surge”.

547. Após a morte, os Espíritos que como vivos se guerreavam continuam a considerar-se inimigos e se conservam encarniçados uns contra os outros?

“Nessas ocasiões, o Espírito nunca está calmo. Pode acontecer que nos primeiros instantes depois da morte ainda odeie o seu inimigo e mesmo o persiga. Quando, porém, se lhe restabelece a serenidade nas ideias, vê que nenhum fundamento há mais para sua animosidade. Contudo, não é impossível que dela guarde vestígios mais ou menos fortes, conforme o seu caráter.”

a) Continua a ouvir o rumor da batalha?

“Perfeitamente.”

548. O Espírito que, como espectador, assiste calmamente a um combate observa o ato de separar-se a alma do corpo? Como é que esse fenômeno se lhe apresenta à observação?

“Raras são as mortes verdadeiramente instantâneas. Na maioria dos casos, o Espírito, cujo corpo acaba de ser mortalmente ferido, não tem consciência imediata desse fato. Somente quando ele começa a reconhecer a nova condição em que se acha, é que os assistentes podem distingui-lo, a mover-se ao lado do cadáver. Parece isso tão natural, que nenhum efeito desagradável lhe causa a vista do corpo morto. Toda a vida tendo sido transportada para o Espírito, somente ele chama a atenção e é com ele que o espectador conversa ou a quem dá ordens.”

As questões citadas fazem parte de ‘O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, o qual é, como sabemos, o mais importante livro da literatura espírita.

Esperamos que as informações acima satisfaçam às dúvidas do nosso amigo leitor.

14/05/2017

Edição 516

A leitora Yolanda Garcia da Silveira, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, diz-nos o seguinte:

Há alguns países cuja legislação autoriza que o governo exerça um controle de natalidade rigoroso.

Perguntamos: Diante das leis divinas, essa prática gera algum comprometimento espiritual? E para as famílias que moram nesses países, a medida ocasiona algum prejuízo de natureza espiritual?

Se o chamado Planejamento Familiar é algo compreensível e perfeitamente aceito pelos instrutores espirituais, o mesmo não se pode dizer quanto ao Controle de Natalidade.

Com referência do Planejamento Familiar, Joanna de Ângelis legou-nos no seu livro *Após a Tempestade*, cap. 10, psicografado pelo médium Divaldo Franco, um texto que vale a pena ser lido e meditado.

O homem – assevera Joanna – pode e deve programar a família que deseja e lhe convém ter, o número de filhos que considere ideal, bem como o período propício para a maternidade; contudo, jamais se eximirá aos imperiosos resgates a que faz jus, tendo em vista o seu próprio passado.

Os filhos não são realizações fortuitas. Procedem de compromissos aceitos antes da reencarnação pelos futuros genitores, de modo a edificarem a família de que necessitam para a própria evolução.

É, pois, lícito aos casais adiar a recepção de Espíritos que lhes são vinculados, impossibilitando mesmo que reencarnem por seu intermédio. As Soberanas Leis da Vida dispõem, porém, de meios para fazer que aqueles rejeitados venham por outros processos à porta dos seus devedores ou credores, em circunstâncias talvez mui dolorosas, complicadas pela irresponsabilidade dos cônjuges que ajam com leviandade, em flagrante desconsideração aos códigos divinos.

O Controle da Natalidade tem, como sabemos, outro objetivo, pois diz respeito à intervenção de organismos oficiais no sentido de deter ou estimular a expansão demográfica, por razões econômicas ou políticas, como ocorreu, ao longo da história, em países como a China.

Allan Kardec formulou a seguinte pergunta aos Espíritos: "São contrários à lei da Natureza as leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução?". Responderam os imortais: "Tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral" (*O Livro dos Espíritos*, questão 693).

No livro *Entrevistas*, pergunta 102, assevera Emmanuel: "Não acreditamos que a coletividade humana esteja, por enquanto, habilitada espiritualmente a controlar o renascimento na Terra sem prejudicar seriamente o desenvolvimento da lei de provas purificadoras".

Em face dos ensinamentos acima, tão claros em suas premissas, seria melhor que ninguém – nem os casais e nem os governantes – opusesse obstáculos à volta dos Espíritos a um corpo de carne, pois o espírita não ignora a importância do processo reencarnatório no progresso dos Espíritos e do mundo em que vivemos.

O Controle de Natalidade impõe, pois, sem dúvida nenhuma, sério entrave às pessoas por ele atingidas e constitui um ponto negativo na vida de todos aqueles que forem responsáveis por sua aplicação, sujeitando-os a sanções que muito lamentarão no futuro.

21/05/2017

Edição 517

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Aparecido Paulo fez-nos a seguinte pergunta:

Jesus fez mesmo algumas curas e milagres ou ensinou-nos que quem resolve os nossos problemas e cura as nossas dores e enfermidades, somos nós mesmos, procedendo numa vida regrada e responsável?

Excetuando de sua pergunta a palavra *milagres*, visto que milagres não existem, como Allan Kardec explica muito bem no cap. XIII, itens 14 e 15, de seu livro *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, respondemos afirmativamente às duas partes da pergunta proposta.

Jesus fez, sim, inúmeras curas e, ao mesmo tempo, deixou bem claro às pessoas por ele curadas que era importante não voltarem a pecar, ou seja, não

transgredir as leis naturais que regem a vida, para que não lhes sucedesse coisa pior.

No cap. XV, itens 10 e seguintes, do livro citado, Kardec relaciona e comenta curas diversas promovidas pela ação de Jesus, cuja eficácia era sensivelmente aumentada quando o enfermo, movido por uma fé ardente, concorria para esse resultado. O caso da mulher hemorroíssa, que foi curada ao tocar nas vestes de Jesus, é bem ilustrativo disso.

Quando o concurso do enfermo, decorrente da falta de fé, não se verificava, as curas se tornavam inviabilizadas e, em grande número de casos, não ocorriam, como é mencionado pelos evangelistas Marcos, Mateus e Lucas.

A propósito da importância da fé na eficácia da cura, é sempre bom lembrar a explicação dada pelo instrutor Aulus na seguinte passagem constante do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 17, de autoria de André Luiz, psicografia de Chico Xavier:

“Alinhando apontamentos, começamos a reparar que alguns enfermos não alcançavam a mais leve melhoria.

As irradiações magnéticas não lhes penetravam o veículo orgânico.

Registrando o fenômeno, a pergunta de Hilário não se fez esperar.

- Por quê?

- Falta-lhes o estado de confiança – esclareceu o orientador.

- Será, então, indispensável a fé para que registrem o socorro de que necessitam?

- Ah! sim. Em fotografia precisamos da chapa impressionável para deter a imagem, tanto quanto em eletricidade carecemos do fio sensível para a transmissão da luz. No terreno das vantagens espirituais, é imprescindível que o candidato apresente uma certa tensão favorável. Essa tensão decorre da fé.”

28/05/2017

Edição 518

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, o leitor Fernando Tomás Linhares escreveu-nos:

Soube que Allan Kardec teria feito referências à Maçonaria em uma de suas obras. Vocês poderiam informar em que livros posso encontrar algo a esse respeito?

A questão formulada pelo leitor já foi tratada nesta mesma seção, na edição 132 desta revista, publicada no dia 8 de novembro de 2009.

Ao que nos consta, as referências aos maçons e à Maçonaria aparecem na obra de Kardec somente na Revista Espírita, na edição de abril de 1864. Foram três comunicações: a primeira, firmada pelo Espírito de Guttemberg; a segunda, por Jacques de Molé; a terceira, por Vaucanson.

Em todas elas é destacada a afinidade existente entre os princípios defendidos pela franco-maçonaria e os ensinamentos espíritas.

Na primeira, Guttemberg afirma que todo maçom iniciado é levado a crer na imortalidade da alma e no Divino Arquiteto e a ser benfeitor, devotado,

sociável, digno e humilde. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala, havendo, pois, nessas sociedades uma afinidade evidente com o Espiritismo. Lembrando que muitos maçons são espíritas e trabalham muito na propaganda desta crença, Guttemberg previu que no futuro o estudo espírita entraria como complemento nos estudos abertos realizados nas lojas maçônicas.

Na segunda mensagem, Jacques de Molé diz que as instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento à felicidade. Numa época em que toda ideia liberal era considerada crime, os homens precisavam de uma força que, submissa às leis, fosse emancipada por suas crenças, suas instituições e a unidade de seu ensino. "Nessa época - diz Molé - a religião ainda era, não mãe consoladora, mas força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo curvar-se à sua vontade; era um assunto de pavor para quem quisesse, como livre pensador, agir e dar aos homens sofrendores alguma coragem e ao infeliz algum consolo moral." Concluindo, Jacques de Molé profetiza: "O Espiritismo fez progressos, mas, no dia em que tiver dado a mão à franco-maçonaria, todas as dificuldades estarão vencidas, todo obstáculo retirado, a verdade estará esclarecida e o maior progresso moral será realizado e terá transposto os primeiros degraus do trono, onde em breve deverá reinar".

Na terceira mensagem, o Espírito de Vaucanson, que se designa ainda franco-maçom, observa que Guttemberg foi contemporâneo do monge que inventou a pólvora - invenção essa que transformou a velha arte das batalhas -, enquanto a imprensa trouxe uma nova alavanca à expressão das ideias, emancipando as massas e permitindo o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. A franco-maçonaria, contra a qual tanto gritaram, contra a qual a Igreja romana não teve anátemas em quantidade suficiente, e que nem por isso deixou de sobreviver, abriu de par em par as portas de seus templos ao culto emancipador da ideia. "Em seu seio - afirma Vaucanson - todas as questões mais sérias foram levantadas e, antes que o Espiritismo tivesse aparecido, os veneráveis e os grão-mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se intercomunicam." Segundo Vaucanson, o Espiritismo encontrará no seio das lojas maçônicas numerosa falange compacta de crentes, sérios, resolutos e inabaláveis na fé, porque o Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da franco-maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; e conduz a humanidade ao objetivo que se propõe: união, paz, fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro.

Percebe-se, à vista do conteúdo das mensagens acima, por que o clima entre o Espiritismo e a franco-maçonaria sempre foi cordial e - o mais importante - por que ambos foram, historicamente falando, as vítimas preferenciais das religiões dominantes, que nunca se conformaram com o progresso das ideias, a liberdade de crença e a emancipação de quem jamais se dobrou à sua vontade e aos seus dogmas.

4/06/2017

Edição 519

Em mensagem publicada nesta edição, na seção de Cartas, o leitor Paulo Medeiros, de Recife (PE), escreveu-nos:

Mudaram a diagramação do site do "O Consolador"?

As letras estão enormes.
Preferia a anterior.

Pessoalmente falando, também preferíamos o formato anterior, que foi utilizado nos dez primeiros anos de nossa revista.

Se estivéssemos falando de um quadro a ser afixado numa parede, o formato anterior ganharia de goleada. Mas não estamos falando de um quadro, e sim de uma revista, de um periódico formado basicamente por textos, não por imagens, e cuja leitura deve ser a mais confortável possível para quem a utiliza com o objetivo de se esclarecer com os ensinamentos espíritas.

Na *Carta ao leitor* da edição 517 foi explicado o motivo da mudança. Voltamos ao assunto, em atenção a um leitor, na edição 518, na seção de Cartas, em que reafirmamos que o novo visual da revista tem como principal objetivo adaptá-la às exigências de nosso público leitor, do qual cerca de 70% acessa o periódico por meio de *smartphone*.

Com exceção de dois leitores, a mudança foi bem aceita por todos, visto que facilita a leitura por parte de quem tem dificuldades visuais e, sobretudo, pelos que utilizam dispositivos de acesso à internet diferentes do chamado *desktop*, termo inglês que designa, entre outras coisas, um tipo de microcomputador que se usa em uma mesa e é muito comum em escritórios e em casa.

Dez anos atrás, quando esta revista surgiu, o microcomputador de mesa era o dispositivo usado por quase todos os leitores. Anos depois entrou em cena o notebook e mais recentemente vimos o surgimento dos *tablets* e dos *smartphones*.

Quem usa o *desktop* geralmente se vale de uma tela grande, superior a 20 polegadas e, muitas vezes, até maior, como é o nosso caso (42 polegadas).

Os *tablets* que existem no mercado têm entre 7 e 9,7 polegadas. Já os *smartphones*, que são o dispositivo mais usado dentre os nossos leitores, apresentam uma tela ainda menor – entre 4,7 polegadas (iPhone 7) e 6,2 polegadas (Samsung Galaxy).

Pode ser que existam *smartphones* com tela um pouco maior, mas, com certeza, não chegam a ultrapassar a tela de um *tablet*.

Para os que utilizam o microcomputador de mesa e, por isso, acham que as letras estão muito grandes, existe um recurso que permite reduzir com facilidade, a um simples toque, o tamanho da página a ser lida. Basta para isso pressionar a tecla Ctrl e, em seguida, a tecla indicativa do sinal de menos (-). Depois, para reverter a ação, basta repeti-la pressionando então a tecla indicativa do sinal de mais (+). É exatamente isso que fazemos.

Esperamos que estas explicações atendam à curiosidade de todos os que nos honram com sua preferência.

11/06/2017

Edição 520

Recebemos do leitor Nilson Furtado dos Santos, em mensagem publicada nesta edição, a seguinte solicitação:

Gostaria de saber a opinião de vocês sobre a prescrição de Água Fluidificada e Passes para ANIMAIS e PLANTAS. Se possível, informando a bibliografia existente sobre o assunto.

Já nos manifestamos favoravelmente à utilização dos recursos do passe e da água fluidificada em animais, como o leitor pode aferir consultando a edição 283 desta revista. Para acessar a matéria [clique aqui](#)

São escassos os livros em que o tema tem sido discutido, mas é importante destacar que três autores conceituados no meio espírita dão suporte à opinião defendida por esta revista. Referimo-nos a André Luiz, Roque Jacintho e José Herculano Pires.

É de André Luiz, no cap. 33 de *Conduta Espírita*, obra mediúnica psicografada por Waldo Vieira, a seguinte proposta: "No socorro aos animais doentes, usar os recursos terapêuticos possíveis, sem desprezar mesmo aqueles de natureza mediúnica que aplique a seu favor. A luz do bem deve fulgir em todos os planos".

Roque Jacintho diz-nos, no cap. 32 de seu livro *Passe e Passista*, que Espíritos unidos à obra da Natureza fornecem os recursos necessários a esse atendimento, em cuja preparação a prece, antes da ministração do passe, constitui providência indispensável.

José Herculano Pires, no cap. 11 de seu livro *Mediunidade*, tece importantes considerações sobre o tema, adiante reproduzidas:

"O Prof. Humberto Mariotti, filósofo espírita argentino já bastante conhecido no Brasil por suas obras e suas conferências, é um zoófilo apaixonado. Em sua última viagem a São Paulo trocamos ideias e informações a respeito do que podemos chamar de Mediunidade Veterinária. Não podemos elevar os animais à condição superior de médiuns, mas podemos conceder-lhes os benefícios da mediunidade. Mariotti possuía, como possuímos, episódios tocantes de sua vivência pessoal nesse terreno. A assistência mediúnica aos animais é possível e grandemente proveitosa.

O animal doente pode ser socorrido por passes e preces e até mesmo com os recursos da água fluidificada. Os médiuns veterinários, médiuns que se especializassem no tratamento de animais, ajudariam a Humanidade a livrar-se das pesadas consequências de sua voracidade carnívora."

Mais adiante, no mesmo capítulo, Herculano acrescenta:

"O reino animal é protegido e orientado por espíritos humanos que foram zoófilos na Terra, segundo numerosas informações mediúnicas. O médium veterinário, como o médium humano, não transmite os seus fluidos no passe por sua própria conta, mas servindo de meio de transmissão aos espíritos protetores. A situação mediúnica é assim muito diferente da situação magnética ou hipnótica. Ao socorrer o animal doente, o médium dirige a sua prece aos planos superiores, suplicando a assistência dos espíritos protetores do reino animal e pondo-se à disposição destes. Aplica o passe com o pensamento voltado para Deus ou para Jesus, o Criador e o responsável pela vida animal na Terra. Flui a água da mesma maneira, confiante na assistência divina. Não se trata de uma teoria ou técnica inventada por nós, mas naturalmente nascida do amor dos zoófilos e já contando com numerosas experiências no meio

espírita.

Mariotti contou-nos tocante episódio de um gato que se afeiçoara a ele, ao qual socorreu várias vezes, e que na hora da morte foi procurá-lo em seu leito, lambendo-lhe o rosto como numa demonstração de gratidão ou pedido de ajuda, e expirando ao seu lado. Tivemos experiência com uma cachorrinha pequinês desenganada pelo veterinário. Com os passes recebidos durante a noite, amanheceu restabelecida. O veterinário assustou-se com o seu estranho poder de recuperação. Um veterinário amigo e espírita contou-nos os seus sucessos no socorro mediúnico aos animais, ressaltando o caso de parto de uma vaca de raça, em que ele já se considerava fracassado. Recorreu à sua possível mediunidade veterinária e as dificuldades desapareceram. Tudo é possível no plano do bem, da prática do amor. A Mediunidade Veterinária pode socorrer espíritos zoófilos que se deixam levar pela ideia absurda da mediunidade animal, dando-lhes a oportunidade de socorrer os animais com os recursos espíritos”.

Além das explicações acima, é bom que o leitor saiba que a experiência já comprovou os benefícios da terapêutica espírita aplicada em animais, como os interessados podem verificar assistindo no YouTube a uma interessante reportagem que a revista IstoÉ Independente fez focalizando o trabalho realizado pela Asseama – Associação Espírita Amiga dos Animais, de São Paulo, SP. Para ver a reportagem [clique aqui](#)

18/06/2017

Edição 521

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, a leitora Jani Paulicz, de Apucarana (PR), formula várias questões acerca do tema possessão e do seu mecanismo.

Quem estuda o Espiritismo sabe que Allan Kardec mudou de ideia com relação ao fenômeno da possessão, que ele rejeitara até *O Livro dos Médiuns* e depois admitiu claramente, primeiro em um artigo publicado na *Revista Espírita* e depois em *A Gênese*.

A mudança de pensamento do Codificador deu-se por força dos fatos. É que demorou algum tempo para que ele se inteirasse do fenômeno da incorporação, hoje tão conhecido dos que trabalham na área da mediunidade. Na *Revista Espírita* de 1863 ele aludiu ao episódio, que muito o impressionou na ocasião. Escreveu então o Codificador: “Temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado.” (*Revista Espírita* de 1863, Edicel, pág. 373.)

Segundo Kardec, quando produzida por um mau Espírito a possessão tem todos os característicos da subjugação, mas, diferentemente da subjugação, a possessão pode ser produzida por um bom Espírito e, neste caso, pode aplicar-se ao fenômeno o nome de incorporação mencionado por Léon Denis e, décadas mais tarde, por André Luiz, Divaldo Franco e diversos outros autores.

A seguir, procurando sanar as dúvidas da leitora, apresentamos alguns trechos de autores diversos que trataram objetivamente do tema:

1 - Quando se dá o fenômeno da possessão?

É ao paroxismo da subjugação que se chama vulgarmente de possessão. Neste caso, frequentemente, o indivíduo tem consciência de que o que faz é ridículo, mas é constringido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso do que ele fizesse mover, contra a sua vontade, seus braços, suas pernas e sua língua. (Allan Kardec em *Obras Póstumas*, Obsessão e possessão.)

2 - Como o Espírito atua na possessão?

Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma espécie de teia e constringido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. (Allan Kardec em *A Gênese*, cap. XIV, item 47.)

3 - Há diferença entre obsessão e possessão?

Sim. Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria suas vestes a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo. Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado e o arrebatava, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa. (Allan Kardec em *A Gênese*, cap. XIV, item 48.)

4 - Que fenômeno se observa na possessão?

Na possessão a personalidade do autômato desaparece completamente por algum tempo, durante o qual se produz uma substituição, mais ou menos completa, da personalidade. A palavra e a escrita são, então, manifestações de um Espírito alheio ao organismo do qual se apossou. (Fredrich Myers em *A Personalidade Humana*, cap. IX.)

5 - O indivíduo possuído, o chamado autômato, abandona o corpo durante a possessão?

As provas parecem indicar que ele cai inicialmente no estado de êxtase, durante o qual "seu espírito abandona o corpo", ao menos em parte. Ele entra, então, num estado no qual o mundo espiritual se abre, mais ou menos, à sua percepção e, ao abandonar o organismo físico, favorece a invasão deste por

outro Espírito que dele se serve, mais ou menos da mesma forma que o próprio Espírito do sujeito. (Fredrich Myers em *A Personalidade Humana*, cap. IX.)

6 - No fenômeno da possessão, o que se observa no paciente?

Primeiro, ele fica incapaz de qualquer domínio sobre si mesmo. No caso de Pedro (o obsidiado), citado no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, o instrutor Aulus informou: "Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas". (*Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 9, págs. 79 a 81.)

7 - A oração pode ajudar de algum modo em casos assim?

Sim. E foi isso que a médium Celina, percebendo a dificuldade para atingir o obsessor com a palavra falada, buscou, com o auxílio de Aulus. Formulou, então, vibrante prece, implorando a Compaixão Divina para os infelizes companheiros que ali se digladiavam inutilmente. As palavras da médium libertaram jactos de força luminescente a lhe saltarem das mãos e a envolverem em sensações de alívio os participantes do conflito. O perseguidor, qual se houvesse aspirado alguma substância anestésica, se despreendeu automaticamente da vítima, que repousou, enfim, num sono profundo e reparador. O obsessor foi, então, conduzido, semiadormecido, a um local de emergência e Dona Celina ofereceu um pouco d'água fluidificada à chorosa e assustada genitora do enfermo. (*Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 9, págs. 81 e 82.)

25/06/2017

Edição 522

O leitor Luiz L. Marins, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Gostaria de saber se um epilético, após o desencarne, continuaria ou não a ter convulsões. Haveria literaturas sobre isso?

Como é o tratamento espiritual de epilético recém-chegado na colônia espiritual?

Já li várias obras espíritas, mas nenhuma tem esta resposta.

Há enfermidades que, como sabemos, se prolongam na vida de além-túmulo, caso suas verdadeiras causas não se encontrem erradicadas. Assim, a resposta mais adequada à questão inicial é: Depende. Há casos em que a cura da epilepsia se encerra durante o processo reencarnatório e há outros em que, mantidas as causas que determinaram o processo, a problemática prossegue na vida de além-túmulo.

Claro que não vamos encontrar explicação específica nas obras fundamentais da doutrina espírita, mas apenas em obras mediúnicas mais recentes, da lavra dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Divaldo Franco.

O caso Marcelo, relatado por André Luiz em seu livro *No Mundo Maior*, pode ajudar o leitor na elucidação das dúvidas apresentadas.

Eis um resumo de sua história, conforme informações prestadas pelo instrutor Calderaro:

1. Marcelo possuía, como quase todos nós, um pretérito intensamente vivido nas paixões e excessos da autoridade. Senhor de vigorosa inteligência, planou em altos níveis intelectuais, de onde nem sempre desceu para confortar ou socorrer. Portador de vários títulos honoríficos, muitas vezes os esqueceu, precipitando-se na vala comum dos caprichos criminosos. Chegada a época da colheita, experimentou sofrimentos atrozes. Inúmeras vítimas o esperavam além do sepulcro, e arremeteram contra ele, retendo-o longo tempo nas regiões inferiores, onde saciaram velhos propósitos de vingança, seviciando-lhe a organização perispiritual.
2. Em plena sombra de consciência, Marcelo rogou, chorou e penitenciou-se por vastos anos. Por mais que suplicasse e por muito que insistissem os elementos intercessórios, a ansiada libertação demorou muitíssimo, porque o remorso é sempre o ponto de sintonia entre o devedor e o credor, e ele trazia a consciência fustigada de remorsos cruéis. Os desequilíbrios perispiríticos flagelaram-no, assim, logo que atravessou o pórtico do túmulo, obstinando-se anos a fio.
3. Reportando-se ao caso Marcelo e, especificamente, à epilepsia, Calderaro explicou que o fenômeno epileptoide raramente ocorre por meras alterações no encéfalo, pois, geralmente, é enfermidade da alma, independente do corpo físico, que apenas registra, nesse caso, as ações reflexas. Céu e inferno, em essência, são estados conscienciais; se alguém agiu contra a Lei, ver-se-á dentro de si mesmo em processo retificador, tanto tempo quanto seja necessário. Assim como há inúmeras enfermidades para as desarmonias do corpo, há outras inúmeras para os desvios da alma.
4. Depois de muitos padecimentos, Marcelo viu clarearem-se seus horizontes internos, tendo afinal logrado entender-se com prestimoso orientador espiritual, a quem se ligara no passado remoto. Ele o socorreu e amparou e contou-lhe que seus familiares mais queridos já se encontravam de novo encarnados, em testemunhos e labores dignificantes. Foi assim que retornou à esfera carnal e reiniciou o aprendizado. Preocupava-se agora, sinceramente, em reajustar as preciosas qualidades morais, caracterizando-se, desde menino, pela bondade e obediência, docilidade e ternura naturais.
5. Passara a infância tranquilo, embora espreitado continuamente por antigos perseguidores invisíveis. Contudo, logo que ultrapassou os catorze anos de idade, Marcelo passou a rememorar os fenômenos vividos, e surgiram as chamadas convulsões epiléticas com certa intensidade. O rapaz, todavia, encontrou imediatamente os antídotos necessários, refugiando-se na "residência dos princípios nobres", ou seja, na região mais alta da personalidade, pelo hábito da oração, pelo entendimento fraterno, pela prática do bem e pela espiritualidade superior. Limitou, assim, a desarmonia neuropsíquica e reduziu a disfunção celular, reconquistando o próprio equilíbrio, dia a dia.
6. Esforçando-se e atendendo às sugestões daqueles que o beneficiavam, Marcelo vinha sendo o médico de si mesmo, única fórmula em que o enfermo pode encontrar a própria cura. Dispensava com isso a terapêutica dos hipnóticos e dos choques, a qual, provocando estados anormais no organismo

perispirítico, quase sempre nada consegue senão deslocar os males, sem os combater nas origens.

7. Certo dia, Marcelo recolheu-se ao seu quarto e, em breves minutos, afastou-se do corpo denso e foi ter com Calderaro, a quem saudou com especial carinho. Ele mostrava profunda lucidez e estava feliz. Daí a pouco, porém, dois vultos sombrios cautelosamente se aproximaram do grupo. Pareciam dois transeuntes desencarnados. Marcelo empalideceu, levou a destra ao peito e arregalou os olhos desmesuradamente. Suas ideias pareciam embaralhar-se no cérebro e foi nesse estado que, desprendendo-se, célere, da companhia de Calderaro, correu desabalado, retornando ao corpo físico. O Instrutor explicou que a simples reaproximação de inimigos do passado alterava-lhe as condições mentais. Receoso e aflito, temia o regresso à situação dolorosa em que se viu, há muitos anos, nas esferas inferiores, e buscava, assim, o corpo físico, à maneira de alguém que se escondia em casa, em face de uma tempestade iminente.

8. Depois que André Luiz o abraçou como a um filho querido, a crise amainou. Ficara, porém, a dúvida: por que tal distúrbio, se ali no quarto só estavam Marcelo, André Luiz e Calderaro? André passou, então, a observar o cérebro de Marcelo. A luz habitual dos centros endócrinos empalidecera; somente a epífise emitia raios anormais. No encéfalo o desequilíbrio era completo. Os vários centros motores, inclusive os da memória e da fala, jaziam desorganizados, inânimes. Marcelo-espírito contorcia-se de angústia, justaposto ao Marcelo-forma, encarcerado na inconsciência orgânica, presa de convulsões que confrangiam André. Calderaro aplicou-lhe passes; Marcelo aquietou-se; refez-se a atividade cerebral; as células nervosas retomaram sua tarefa. O rapaz caiu então em profundo sono, pois o Instrutor entendeu conveniente proporcionar-lhe maior repouso.

9. Calderaro fitou André Luiz e perguntou se ele se lembrava dos reflexos condicionados de Pavlov. O caso de Marcelo verificava-se em consonância com os mesmos princípios. No passado, ele errou de muitos modos e o remorso guardou-lhe a consciência, entregando-o aos seus inimigos nos planos inferiores e conduzindo-o à colheita dos espinhos que semeara. Em face desses desvios, perambulou desequilibrado, de alma doente, exposto à dominação das antigas vítimas, desarranjando os centros perispirituais e enfermando-os para muito tempo. Eis a explicação da crise epiléptica.

10. Na verdade, Marcelo tinha registrada no perispírito a lembrança fiel dos atritos experimentados fora do veículo denso. "As zonas motoras de Marcelo, em razão disso – salientou o atencioso orientador –, simbolizando a moradia das forças conscientes, em sua atualidade de trabalho, constituem uma região perispiritual em convalescença, quais as sensíveis cicatrizes do corpo físico. Ao se reaproximar de velhos desafetos, o rapaz, que ainda não consolidou o equilíbrio integral, sujeita-se aos violentos choques psíquicos, com o que as emoções se lhe desvairam, afastando-se da necessária harmonia." A mente desorientada abandona o leme da organização perispirítica e dos elementos fisiológicos, assume condições excêntricas, dispersa as energias, em movimentos desordenados. Essas energias passam, então, a atritar-se e a emitir radiações de baixa frequência, aproximadamente igual à da que lhe incidia do pensamento alucinado de suas vítimas. Daí às convulsões, era um passo.

11. O caso de Marcelo mostrava ser impossível pretender a cura dos alienados mentais e dos chamados loucos à força de processos exclusivamente objetivos. É indispensável penetrar a alma, devassar o cerne da personalidade, melhorar os efeitos socorrendo as causas; por conseguinte, não se restauram corpos doentes sem os recursos do Médico Divino das almas, que é Jesus Cristo. Os fisiologistas farão muito, tentando retificar a disfunção das células; no entanto, é mister intervir nas origens das perturbações. O caso em pauta era tão somente um dos múltiplos aspectos do fenômeno epileptoide, mas esse desequilíbrio perispiritual assinala-se por gradação demasiado complexa. A confirmação da teoria dos reflexos condicionados não se aplica exclusivamente a ele. Há milhões de pessoas irascíveis que, pelo hábito de se encolerizarem facilmente, viciam os centros nervosos fundamentais pelos excessos da mente sem disciplina, convertendo-se em portadores do "pequeno mal", em dementes precoces, em neurastênicos de tipos diversos ou em doentes de franjas epiléticas, que andam por aí, submetidos à hipoglicemia insulínica ou ao metrazol, quando a educação mental, para a correção das próprias atitudes internas no ramerrão da vida, lhes seria tratamento mais eficiente e adequado, pois regenerativo e substancial.

12. Isso não significa que todos os doentes, sem exceção, possam dispensar o concurso dos choques renovadores. O que se deseja salientar é que o homem, pela sua conduta, pode vigorar a própria alma, ou lesá-la. "O caráter altruísta, que aprendeu a sacrificar-se para o bem de todos, estará engrandecendo os celeiros de si mesmo, em plena eternidade; o homicida, esparzindo a morte e a sombra em sua cercania, estabelece o império do sofrimento e da treva no próprio íntimo", acrescentou Calderaro. (Cf. cap. 8 do livro *No Mundo Maior*, de André Luiz, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, publicada em 1947 pela Federação Espírita Brasileira.)

Outra obra importante que focaliza situações semelhantes que se refletem na vida dos enfermos da alma no além-túmulo é *Tormentos da Obsessão*, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografada por Divaldo Franco e publicada em 2001.

Essa obra apresenta-nos a narração de várias vidas e suas histórias reais. As experiências nela relatadas foram vivenciadas no Hospital Esperança, situado na esfera espiritual, no qual se encontram internados inúmeros irmãos falidos e comprometidos com o próximo, em lamentáveis estados de perturbação, após haverem abandonado os compromissos nobres que substituíram pela alucinação e pelo transtorno moral que se permitiram. Nesse Nosocômio Espiritual encontram-se recolhidos especialmente pacientes que foram espiritistas fracassados, os quais são ali tratados graças à magnanimidade do benfeitor Eurípedes Barsanulfo, que o ergueu.

Aprendemos com as lições contidas nas duas obras mediúnicas que mencionamos que qualquer tipo de enfermidade tem no Espírito a sua origem, em face da conduta mental, emocional e moral que ele se permite, produzindo transtorno vibratório que se refletirá na área correspondente do corpo perispiritual, e mais tarde no físico. "Somente agindo-se no mesmo nível e campo, propondo-se simultaneamente a mudança de atitude psíquica e comportamental do paciente, se pode aguardar resultados satisfatórios na correspondente manifestação da saúde." (Cf. *Tormentos da Obsessão*, cap. 2 – O Sanatório Esperança.)

Ainda sobre o tema epilepsia sugerimos ao leitor e demais interessados que leiam, quando for possível, os seguintes textos publicados nesta revista:

- a) Estudo do livro *No Mundo Maior*, de André Luiz, parte 11 - para acessá-lo, [clique aqui](#)
- b) "Nas fronteiras da epilepsia", artigo de autoria do Dr. Nubor Orlando Facure - para acessá-lo, [clique aqui](#)
- c) O Espiritismo responde - para acessar o texto, [clique aqui](#)

2/07/2017

Edição 523

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Mauricio Monteiro de Oliveira (Fortaleza, CE) escreveu-nos: "Continua ainda muito subjetiva para mim a questão de princípio inteligente ou espiritual: é ou não a mesma coisa?"

Os autores, incluindo Allan Kardec, utilizam as expressões princípio espiritual e princípio inteligente com o mesmo sentido, conforme já foi dito nesta revista em mais de uma oportunidade. Em uma delas, nesta mesma seção, na edição 321, que os interessados podem ler clicando [neste link](#)

Na obra da codificação kardequiana fica evidente a opção pela expressão princípio inteligente em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, como comprovam os textos abaixo:

"Que é o espírito? - O princípio inteligente do Universo." (L.E., questão 23.)

"Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material? - Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos." (L.E., questão 79.)

"Que definição se pode dar dos Espíritos? - Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material." (L.E., questão 76.)

"Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados? - Do elemento inteligente universal." (L.E., questão 606.)

"Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria." (L.M., cap. I, item 1.)

"Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico,

semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo." (L.M., cap. I, item 54.)

"Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres, em os quais continua ele a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há, errantes, Espíritos de animais, porém unicamente Espíritos humanos." (L.M., cap. XXV, item 283, pergunta 36ª.)

Ocorre que em sua última obra – *A Gênese* – o codificador do Espiritismo preferiu a expressão princípio espiritual, como podemos verificar no cap. IV, item 16, e no cap. XI, itens 1 e 2. Chama-nos a atenção, nessa obra, o trecho adiante reproduzido, em que Kardec utiliza princípio espiritual com o mesmo sentido de princípio inteligente mencionado em *O Livro dos Espíritos*:

"A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. E, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios." (*A Gênese*, cap. XI, item 1.)

Contudo, na *Revue Spirite*, em inúmeras passagens, Kardec usa a expressão princípio inteligente como sinônimo de alma, o que é possível verificar na *Revue* de 1861, pág. 242; na *Revue* de 1864, pp. 138 e 139; na *Revue* de 1865, pág. 95, e na *Revue* de 1868, págs. 259 e 260, conferindo à expressão princípio espiritual a ideia de elemento espiritual, em oposição a elemento material.

Concluindo, entendemos que se trata de expressões sinônimas, contudo seria mais prudente usar a expressão princípio espiritual como *elemento*, em oposição a princípio material, reservando a expressão princípio inteligente para os casos em que queremos referir-nos à parte imaterial individualizada presente nos seres vivos e que sobrevive ao fenômeno da morte. No caso dos animais e dos homens, a essa parte imaterial individualizada o Espiritismo dá o nome de alma.

9/07/2017

Edição 524

Há três palavras que estão com frequência presentes nos discursos e sermões pertinentes a diversas denominações evangélicas: demônio, diabo e Satã ou Satanás.

Que nos diz o Espiritismo acerca do assunto?

Allan Kardec formulou aos instrutores desencarnados uma pergunta objetiva com relação ao termo "demônio":

- Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

"Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvesse criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo

um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome.” (*O Livro dos Espíritos, questão 131.*)

Comentando a resposta obtida, o codificador da doutrina espírita escreveu:

“A palavra demônio não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porquanto o termo grego *daimon*, donde ela derivou, significa gênio, inteligência e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, à dos demônios, no sentido absoluto, falta esta base essencial. Concebe-se que povos atrasados, os quais, por desconhecerem os atributos de Deus, admitem em suas crenças divindades maléficas, também admitam demônios; mas é ilógico e contraditório que quem faz da bondade um dos atributos essenciais de Deus suponha haver ele criado seres destinados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, porque isso equivale a lhe negar a bondade.

Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que desejáramos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém estarão aqueles partidários certos do sentido que ele dava a esse vocábulo? Não é sabido que a forma alegórica constitui um dos caracteres distintivos da sua linguagem? Dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem: - *Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido.*

Não temos visto a Ciência contraditar a forma do texto bíblico, no tocante à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que ele haja dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus.

Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, mas que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem.

Poder-se-ia, pois, aceitar o termo demônio com esta restrição. Como o entendem atualmente, dando-se-lhe um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal.” (L.E., comentários à questão 131.)

No livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, no capítulo intitulado Vocabulário, Allan Kardec tratou de forma bem objetiva dos termos demônio, diabo e Satã, que adiante reproduzimos:

Demônio (do lat. Daemo, feito do gr. Daimon, gênio, sorte, destino, manes) – Daemones, tanto em grego como em latim, se diz de todos os seres incorpóreos, bons ou maus, e que se supõe terem conhecimentos e poder superiores aos dos homens. Nas línguas modernas esta palavra é geralmente tomada em má acepção, que se restringe aos gênios malfazejos. Segundo a crença vulgar, os demônios são seres essencialmente maus por sua natureza. Os Espíritos nos ensinam que Deus, sendo soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres voltados ao mal e desgraçados por toda a eternidade. Segundo eles não há demônios na acepção absoluta e restrita desta palavra; há apenas Espíritos imperfeitos, que podem, todos, aperfeiçoar-se por seus esforços e por sua vontade. Os Espíritos da nona classe seriam os verdadeiros demônios, se esta palavra não implicasse a ideia de uma natureza perpetuamente má.

Diabo (do gr. Diabolos, delator, acusador, maldizente, caluniador) – Segundo a crença vulgar, é um ser real, um anjo rebelde, chefe de todos os demônios, e que tem um poder bastante grande para lutar contra o próprio Deus. Ele conhece nossos pensamentos mais secretos, insufla todas as más paixões e toma todas as formas para nos induzir ao mal. Conforme a doutrina dos espíritos sobre os demônios, o diabo é a personificação do mal; é um ser alegórico, resumindo em si todas as paixões más dos Espíritos imperfeitos. Da mesma forma que os povos da antiguidade davam às suas divindades alegóricas atributos especiais – ao *tempo* uma foice de segar, uma ampulheta, asas e a figura de um ancião; à *fortuna* uma venda sobre os olhos e uma roda sob um pé, etc. –, igualmente o diabo teve que ser representado sob os traços característicos da baixeza de inclinações. Os chifres e a cauda são os emblemas da bestialidade, isto é, da brutalidade, das paixões animais.

Satã (do hebreu *chaitán*, adversário, inimigo de Deus) – O chefe dos demônios. Esta palavra é sinônimo de diabo, com a diferença de que este último vocábulo pertence mais do que o primeiro à linguagem familiar. Em segundo lugar, de acordo com a ideia ligada a esta palavra, Satã é um ser único: o gênio do mal, o rival de Deus. Diabo é um termo mais genérico, que se aplica a todos os demônios. Há somente um Satã (ou Satanás), porém há vários diabos. Segundo a doutrina espírita, Satanás não é um ser distinto, pois Deus não tem rival com quem possa medir-se, poder contra poder. Satã é a personificação alegórica do mal e de todos os maus Espíritos (v. *Diabo, Demônio*).

16/07/2017

Edição 525

Vários leitores desta revista já levantaram em mensagens a nós dirigidas a questão da comunicação que se faz entre os Espíritos situados no plano

espiritual. Eles conversam entre si? Que idioma utilizam? Havendo ali indivíduos procedentes de diferentes nações, como se dá entre eles a conversação?

A dúvida apresentada é procedente, visto que para muitos Espíritos recentemente desencarnados a barreira da linguagem existe e é real.

O assunto é tratado em algumas obras, sem, todavia, o aprofundamento que seria necessário.

Se fôssemos basear-nos exclusivamente em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, diríamos que tal problema não existe. Com efeito, escreveu Allan Kardec:

“O Espírito que se quer comunicar **compreende, sem dúvida, todas as línguas**, pois que as línguas são a expressão do pensamento e é pelo pensamento que o Espírito tem a compreensão de tudo; mas, para exprimir esse pensamento, torna-se-lhe necessário um instrumento e este é o médium.” (Obra citada, cap. XIX, item 224.) [Negritamos]

No mesmo livro e no mesmo capítulo, lemos:

15ª Os Espíritos **só têm a linguagem do pensamento**; não dispõem da linguagem articulada, pelo que só há para eles uma língua. Assim sendo, poderia um Espírito exprimir-se, por via mediúnica, numa língua que Jamais falou quando vivo? E, nesse caso, de onde tira as palavras de que se serve?

"Acabaste tu mesmo de responder à pergunta que formulaste, dizendo que os Espíritos só têm uma língua, que é a do pensamento. Essa língua todos a compreendem, tanto os homens como os Espíritos. O Espírito errante, quando se dirige ao Espírito encarnado do médium, **não lhe fala francês, nem inglês, porém, a língua universal que é a do pensamento**. Para exprimir suas ideias numa língua articulada, transmissível, toma as palavras ao vocabulário do médium." (Obra citada, cap. XIX, item 223.) [Negritamos]

Parece-nos que o Codificador do Espiritismo refere-se, na obra citada, ao que ocorre corriqueiramente com os Espíritos que se encontram em situação de equilíbrio e normalidade, como nos é informado por André Luiz em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, 2ª Parte, cap. II, pp. 171 e 172, no qual ele diz que a linguagem dos Espíritos é, acima de tudo, a imagem que exteriorizam de si mesmos.

Segundo André, círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmar com as próprias ideias quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam.

De acordo com o mesmo princípio, Espíritos desencarnados, em muitos casos, quando controlam as personalidades mediúnicas que lhes oferecem sintonia, operam sobre elas à base das imagens positivas com que as envolvem no

transe, compelindo-as a lhes expedir os conceitos. Nessas circunstâncias, a mensagem expressa-se pelo sistema de reflexão, em que o médium, embora guardando o córtex encefálico anestesiado por ação magnética do comunicante, lhe recebe os ideogramas e os transmite com as palavras que lhe são próprias.

Na mesma obra, André Luiz afirma, porém, que, conquanto reconheçamos que a imagem está na base de todo intercâmbio entre as criaturas encarnadas ou não, é forçoso observar que a linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum é transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico.

Exemplo disso encontramos no livro *Os Mensageiros*, de André Luiz, cap. 18, pp. 97 a 100, em que Alfredo explicou qual foi a solução encontrada para o atendimento dado às vítimas da 2ª Guerra Mundial que, oriundas do continente europeu, haviam sido acolhidas no Campo da Paz. Conforme é dito no livro, encontravam-se ali, naquela oportunidade, mais de 400 Espíritos. Aniceto perguntou-lhe acerca das dificuldades de linguagem e Alfredo disse que, para cada grupo de cinquenta infelizes, as colônias do Velho Mundo forneciam um enfermeiro-instrutor, com quem eles se entendiam de modo direto. O enfermeiro servia, portanto, de intérprete.

O tema é, como se vê, bastante complexo e demanda outros estudos para que todas as nossas dúvidas, a esse respeito, possam ser efetivamente dirimidas.

23/07/2017

Edição 526

Um dileto amigo radicado em São Paulo (SP) pergunta-nos se é verdade que o passe magnético, ainda que ministrado no recinto da Casa Espírita, pode ser maléfico.

Sim, é verdade.

Recorremos, quanto ao assunto, à lição contida no texto intitulado "Resultados do passe", constante da 12ª Sessão de Exercício Prático do COEM - Centro de Orientação e Educação Mediúnica, obra de autoria dos confrades Alexandre Sech, Célio Trujillo Costa e Ney de Meira Albach, ligados, à época, ao Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba.

De acordo com essa lição, os resultados do passe, dependendo das condições do trabalho e do passista, podem ser benéficos, maléficos ou nulos:

Benéficos: quando o passista apresenta estado de saúde equilibrado e equilíbrio espiritual e o paciente apresenta receptividade ao recurso espiritual, bem como disposição de melhora efetiva.

Maléficos: quando o passista está com estado de saúde precário, com o organismo intoxicado por excesso de alimentação ou vícios (como fumo, álcool, drogas) ou quando esteja em estado de desequilíbrio espiritual (revolta, raiva, orgulho etc.) e, nesses casos, o paciente esteja com suas defesas nulas.

Nulos: quando, na hipótese anteriormente descrita, o paciente possui defesas positivas diante da torrente de energias negativas transmitidas pelo passista, o que se dá nos casos de merecimento individual ou por ação dos protetores desencarnados; e quando, apesar de receber um recurso favorável, o paciente

mantém posição refratária com relação ao passe (descrença, aversão, sarcasmo).

Com respeito aos passes maléficos, conhecemos alguns casos ocorridos em nossa cidade em que o paciente saiu da Casa Espírita em condições piores das que apresentava ao chegar à instituição. Em um desses casos, os sintomas apresentados depois do passe eram semelhantes aos que o passista imprevidente, mesmo não se encontrando em condições saudáveis, havia relatado à equipe de assistidas.

Consta, embora não tenhamos a confirmação da fonte, que o grande magnetizador Charles Lafontaine, em certa ocasião, depois de haver bebido vinho à refeição, ministrou passes em um paciente que, momentos depois, teve de ser internado em estado de coma alcoólico.

Da obra de André Luiz é conhecido o caso de Margarida, relatado no livro *Libertação*, cap. IX. Vítima de processo obsessivo grave, a jovem estava praticamente às portas da morte corpórea quando Gúbio e seus amigos diligenciaram no sentido de libertá-la.

Conforme o relato feito por André Luiz, quando o grupo socorrista viu Margarida pela primeira vez, ela estava no seu leito, mostrando extrema palidez em sua face, enquanto que, a seu lado, dois desencarnados, de horrível aspecto, inclinavam-se, confiantes e dominadores, sobre o busto da enferma, submetendo-a a complicada operação magnética voltada para o mal, o que mostra que a motivação e o preparo espiritual dos chamados assistidas são fatores essenciais para a excelência do passe magnético.

30/07/2017

Edição 527

A leitora Neusa M., em mensagem enviada à revista, publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos: O que é passe magnético?

A indagação demonstra, com absoluta clareza, que o público leitor desta revista não é constituído apenas por espíritas, mas por pessoas diversas e muitas são absolutamente leigas em matéria de Espiritismo.

Todos os que costumam ir a um centro espírita em busca de um passe sabem do que se trata, embora seja provável que não consigam definir, em palavras, o que seja passe magnético.

Para compreender a questão é importante primeiro explicar o significado da expressão **magnetismo animal**, de que derivou, obviamente, a expressão passe magnético.

Magnetismo é um vocábulo que tem origem no grego *magnes*, que significa ímã.

A expressão magnetismo animal surgiu por analogia com magnetismo mineral, embora essa analogia, como a experiência comprovou, seja apenas aparente. Alguns estudiosos tentaram substituí-la pelo termo mesmerismo, mas essa ideia não prevaleceu.

No livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, publicado pela Edicel, pág. 190, Allan Kardec assim define magnetismo animal:

"Ação recíproca de dois seres vivos por intermédio de um agente especial chamado fluido magnético".

Passe magnético é um dos meios pelos quais se exercita essa ação recíproca.

Em outro livro – *Obras Póstumas* – Allan Kardec ensina que "cada ser tem seu fluido próprio que o envolve, como a atmosfera envolve cada planeta". É esse fluido que o médium passista – aquele que ministra o passe – transmite ao paciente. Na linguagem espírita, ele é chamado, indiferentemente, de fluido magnético, fluido vital ou fluido elétrico animalizado.

Essa transmissão é citada com toda a clareza por Emmanuel em sua definição de passe magnético: "transusão de energias fisiopsíquicas, operação de boa vontade, dentro da qual o companheiro do bem cede de si mesmo em favor de outrem".

Em depoimento acerca do tema, Divaldo Franco nos diz que o que vamos transmitir no passe "é uma radiação que fomenta no paciente uma reativação dos seus fulcros energéticos para restabelecer-lhe o equilíbrio". "O passe é, antes de tudo, uma transusão de amor."

André Luiz, tratando especificamente dos efeitos do passe magnético, em sua obra *Evolução em Dois Mundos*, 2ª Parte, cap. XV, pp. 201 a 203, psicografada em parceria pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier, diz que, reconhecendo-se a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do nosso corpo, particularmente as sanguíneas e as histiocitárias, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos.

Quanto à forma de aplicação do passe, os espíritas radicados no Brasil seguem, em grande parte, a orientação transmitida pelo estudioso espírita José Herculano Pires em sua obra *Obsessão, o passe, a doutrinação* (editora Paideia, págs. 35 a 37):

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações".

Esperamos que estas informações atendam à expectativa de nossa prezada leitora.

6/08/2017

Em mensagem publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, o leitor Marconi Miranda, de Juiz de Fora (MG), apresentou-nos o seguinte questionamento:

A Doutrina Espírita nos elucida sobre o que é caridade através da sigla BIP a qual entendo e concordo perfeitamente. A minha dúvida, no entanto, é na questão de ajudar as pessoas, até que ponto a nossa ajuda não estará interferindo no processo reencarnatório do outro, como saberemos?

A dúvida levantada pelo leitor foi recorrente nas décadas de 1960 e 1970, quando surgiram em nosso orbe os transplantes de coração, que logo, com o sucesso obtido, se tornaram uma prática usual e muito segura nos procedimentos médicos.

No meio espírita houve naquela época quem entendesse que doar um órgão equivaleria a interferir no chamado *carma* do receptor. Ora, se o indivíduo deveria padecer de uma dificuldade qualquer na área cardíaca, ou em outra região do seu organismo, ceder-lhe um órgão saudável não constituiria uma intervenção indevida na programação reencarnatória da pessoa beneficiada?

Depoimentos de confrades respeitados no meio espírita, como o Dr. Jorge Andréa e o médium Chico Xavier, liquidaram a questão, porque eles simplesmente confirmaram o que o autor espiritual Bernardino escrevera no ano de 1863 e Kardec publicara no cap. V de sua conhecida obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

A Bernardino foi proposta uma questão semelhante à formulada pelo leitor de Juiz de Fora: - Deve alguém pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?

Ele assim respondeu:

"Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar.

Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheçais esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: 'Não irás mais longe?' Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abrirá? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: 'É a justiça de Deus,

importa que siga o seu curso'. Dizei antes: 'Vejam os meios o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz'.

Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente. Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fá-la cessar. Resumindo: Todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade. - Bernardino, Espírito protetor. (Bordéus, 1863.)" (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, item 27.)

Esperamos que as explicações acima satisfaçam à expectativa do nosso prezado leitor.

13/08/2017

Edição 529

Veja por outra surge no meio espírita questionamento sobre certas práticas espíritas que, segundo alguns, não teriam embasamento nas obras de Allan Kardec, mas fariam parte do Espiritismo *à moda brasileira*. O uso da água magnetizada, a desobsessão e os passes seriam algumas dessas práticas.

É evidente que tal pensamento é uma tolice e revela tão somente que o crítico desconhece a obra kardequiana, como mostra o confrade João Donha, um companheiro de longa data, em um importante texto publicado no *Jornal Ciência Espírita*, que, com a devida vênia, reproduzimos nas linhas abaixo. Para acessar a publicação citada, [clique aqui](#)

Eis o artigo a que nos reportamos:

"Tenho lido, repetidas vezes, afirmações de que as práticas terapêuticas disseminadas pelos nossos centros (água fluidificada, passe e desobsessão) seriam criações do espiritismo brasileiro. Não. Como muitas outras coisas cujas

origens são questionadas, essas práticas são também de responsabilidade de Kardec. Senão, vejamo-las em citações do mestre lionês.

Justificativa da terapia espírita

“As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germens malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pelo corrosivo das paixões. (Cap. III, nº 9.) Temos, assim, de nos resignar às conseqüências do meio onde nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não é de molde a impedir que, esperando tal se dê, façamos o que de nós depende para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, mau grado aos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos passageiros males. Se Deus não houvesse querido que os sofrimentos corporais se dissipassem ou abrandassem em certos casos, não houvera posto ao nosso alcance meios de cura. A esse respeito, a sua solícitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses meios e aplicá-los. A par da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica e o Espiritismo nos revela outra força poderosa na mediunidade curadora e a influência da prece. (Ver, no Cap. XXVI, a notícia sobre a mediunidade curadora.)”(1)

Fluidoterapia: água fluidificada e passe

“Pode (o Espírito), pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. A existência de uma matéria elementar única está hoje quase geralmente admitida pela Ciência, e os Espíritos, como se acaba de ver, a confirmam. Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passa, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. Daí vem que uma substância salutar pode, por efeito de simples modificação, tornar-se venenosa, fato de que a Química nos oferece numerosos exemplos. Toda gente sabe que, combinadas em certas proporções, duas substâncias inocentes podem dar origem a uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água. Juntai um átomo de oxigênio e tereis um líquido corrosivo. Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo. Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito.

Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como atrás dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou

elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida. Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Veja-se, no capítulo dos Médiuns, o parágrafo referente aos Médiuns curadores. Veja-se também a Revue Spirite, de julho de 1859, págs. 184 e 189: O zuavo de Magenta; Um oficial do exército da Itália.)” (2)

Costumam argumentar que tais citações referem-se aos magnetizadores e, não, aos espíritas comuns, trabalhadores de nossos centros. De novo, não. Além dessa profissão de “magnetizador”, existente no tempo de Kardec, ter desaparecido, e sua prática ter sido historicamente absorvida pelos espíritas, temos afirmações dele próprio que justificam tal acontecimento:

“Médiuns curadores. Os que têm o poder de curar ou aliviar pela imposição das mãos ou pela prece. ‘Esta faculdade não é essencialmente mediúnica: pertence a todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não; muitas vezes não passa de uma exaltação da força magnética fortificada, caso necessário, pelo concurso dos bons Espíritos.’ (n.175).” (3)

Desobsessão

Pelas citações abaixo, vemos que Kardec, ao contrário do que se acredita, não preconiza o tratamento da obsessão apenas em relação aos médiuns, mas, sim, para todo e qualquer indivíduo que o necessite. E os passos são aqueles conhecidos dos espíritas da atualidade: esclarecimento do obsidiado, fluidoterapia (“mediante ação idêntica à do médium curador”) e, esclarecimento e convencimento do espírito obsessivo, “em evocações particulares”.

“A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas; traduz-se, na mediunidade escrevente, pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros. Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser considerada prova ou expiação e como tal aceita. Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o

resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que um Espírito tira e que com frequência se radica nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência. (Veja-se: Cap. X, nº 6; cap. XII, nº 5 e nº 6.) Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Esta a ação mecânica, mas que não basta; necessário, sobretudo, é que se atue sobre o ser inteligente, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade. E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele desponhem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares, objetivando a sua educação moral. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua vontade e da sua prece. O mesmo não se dá, quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se ilude no tocante às qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este último o lança, visto que, então, longe de secundar, repele toda assistência, É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (O Livro aos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIII.) Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de quem haja de atuar sobre o Espírito obsessor.”

“Observação. – A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há-os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém, é isto um fato incontestável pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais. A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Veja-se: O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIII – “Da obsessão”. – Revue Spirite, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)”

(4)

Notas:

- (1) ESE, XXVIII, 77.
- (2) LM, 129, 130, 131.
- (3) LM, 189.
- (4) ESE, XXVIII, 81.

*

A propósito do tema acima e do tratamento indicado por Kardec nos casos de obsessão, lembramos ao leitor que o assunto já foi tratado nesta mesma seção, na edição 236 desta revista. Para acessar o texto ali contido, [clique neste link](#)

20/08/2017

Edição 530

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Domingos Antero da Silva, de Limeira (SP), pergunta-nos:

"Várias vezes visitei com Emmanuel e André Luiz as regiões do Umbral... Não vi por lá uma criança sequer, mas pude observar muitos pais que se responsabilizaram pela queda dos filhos – mais pais do que mães!..."

Lendo a colocação acima, feita por Chico Xavier, vem a mim a pergunta: O que ocorre então com os espíritos que se desencarnam crianças e que têm expiações e resgates de vidas anteriores? Ou será que todos aqueles que se desencarnam crianças é porque vieram na encarnação sem ter o que expiar ou resgatar?! Ou será que o espírito que tem resgates logo que se desencarna nunca fica no estado infantil? O que vocês da Revista **O Consolador** têm a ensinar sobre este aspecto?

O assunto contido na mensagem acima já foi objeto nesta revista de duas matérias publicadas na seção **O Espiritismo responde** das edições 262 e 449.

Quando o médium Chico Xavier diz que não viu nas regiões umbralinas nenhuma criança, ele se refere, evidentemente, às regiões de sofrimento onde, conforme vemos na literatura mediúnica, é farta a referência a adultos em situação aflitiva.

Ele não quis, contudo, dizer que nas cidades situadas em esferas próximas da Terra não existam Espíritos em forma infantil à espera de uma nova existência corpórea. Afinal, a colônia "Nosso Lar" situa-se, como sabemos, em pleno Umbral, como é dito no livro *Cidade no Além*, de autoria de Heigorina Cunha, com prefácio de André Luiz (Espírito).

De fato, são inúmeras as obras que falam da existência de crianças e de escolas no plano espiritual em que elas se preparam para as experiências que virão.

Eis uma lista dessas obras:

Revista Espírita de janeiro de 1859

Entre a Terra e o Céu, de André Luiz, obra psicografada por Chico Xavier

Voltei, de Irmão Jacob, obra psicografada por Chico Xavier

A vida no outro mundo, de Cairbar Schutel

Cânticos do Coração (vol. II), de Yvonne A. Pereira

Mensagem do Pequeno Morto, de Neio Lúcio, obra psicografada por Chico Xavier

Escola no Além, de Cláudia Pinheiro Galasse, obra psicografada por Chico Xavier

Crianças no Além, de Marcos, obra psicografada por Chico Xavier

Resgate e Amor, de Tiaminho, obra psicografada por Chico Xavier.

Com respeito às outras indagações feitas pelo leitor, nada resume melhor o assunto do que este texto extraído do livro *Entre a Terra e o Céu*, escrito por André Luiz:

“A criança desencarnada retoma de imediato sua personalidade de adulto? Em muitas ocasiões, é o que acontece. Segundo Blandina, quando o Espírito já alcançou elevada classe evolutiva, assumindo o comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura. Diz ela que muitos renascem na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após a desencarnação, a apresentação que lhes é costumeira. Para a grande maioria das crianças desencarnadas o caminho não é, contudo, o mesmo. Almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente, acham-se relativamente longe do autogoverno e são conduzidas pela Natureza, à maneira das criancinhas no colo materno. Não sabendo desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. É por isso que não podemos prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do corpo denso, na fase infantil, uma vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação, para quantos se acham nos primeiros degraus da conquista de poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração. E a variação desse tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior, através do próprio aprimoramento moral.” (*Obra citada*, cap. X, pp. 64 e 65.)

27/08/2017

Edição 531

O leitor Luís Carlos P. Nascimento, em mensagem publicada nesta edição, na seção de Cartas, enviou-nos a seguinte mensagem:

Uma pessoa levantou em nosso grupo de estudos a seguinte questão: diante das vicissitudes e aflições que podem nos atingir, que valor tem a oração, ainda que sincera e fervorosa? Os companheiros dessa revista podem elucidar a questão proposta?

Allan Kardec examinou essa questão no capítulo XXVII de seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

A dúvida formulada pelo leitor só tem sentido para aqueles que não possuem uma noção exata da ação e dos efeitos da prece em nossa vida.

Como sabemos, e Kardec o diz claramente na obra a que nos reportamos, o homem obtém pela prece o concurso dos bons Espíritos, que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e, com esse propósito, inspiram-lhe ideias sadias. Ele adquire, então, a força moral necessária para vencer as dificuldades e regressar ao caminho reto, caso dele se tenha afastado. Por esse meio, ele pode também desviar de si os males que atrairia por suas próprias faltas, visto que a prece lhe propicia a força de resistir às tentações.

A fim de compreendermos em profundidade o pensamento de Kardec a respeito do tema em análise, atentemos para o texto abaixo que ele escreveu e inseriu na obra acima mencionada:

Se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, n. 4), ver-se-á que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira. Faz-se, portanto, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia se sempre obrasse com sabedoria e prudência. Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente ditosos.

Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam. Se puséssemos freio à nossa ambição, não teríamos de temer a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos de recear a queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maldizentes, nem invejosos, nem ciosos, e evitaríamos as disputas e dissensões; se mal a ninguém fizéssemos, não houvéríamos de temer as vinganças etc.

Admitamos que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito o ter a possibilidade de ficar isento de todos os que decorrem da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, granjear deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, mas, sim, desviar-nos a nós do mau

pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da Natureza; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio. Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para não nos subjugar a vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los, ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso o que o homem pode estar sempre certo de receber, se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem sobretudo aplicar estas palavras: "Pedi e obtereis".

Mesmo com sua eficácia reduzida a essas proporções, já não traria a prece resultados imensos? (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXVII, item 12.)

Acreditamos que as explicações contidas no texto acima possam dirimir todas as dúvidas a respeito do bem que a oração sincera e fervorosa propicia às pessoas que a utilizam, confiantes na bondade e na providência divinas.

3/09/2017

Edição 532

Um companheiro de lides espíritas pede-nos que façamos um resumo do que nos ensina o Espiritismo acerca dos temas fatalidade e livre-arbítrio.

Antes de mais nada, lembremos que Allan Kardec escreveu sobre o assunto um texto explicativo muito claro e que deveríamos ter sempre à mão. O leitor o encontrará no item 872 d' *O Livro dos Espíritos*.

Pinçamos desse texto alguns trechos que atenderão, com certeza, à expectativa do nosso companheiro e dos leitores desta revista:

- O homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não "estavam escritos"; os crimes que comete não são o resultado de um decreto do destino.
- A pessoa pode, como prova ou como expiação, escolher uma existência em que se sentirá arrastada para o crime, seja pelo meio em que estiver situada, seja pelas circunstâncias supervenientes. Mas será sempre livre de agir como quiser.
- O livre-arbítrio, quando estamos desencarnados, consiste na escolha da existência e das provas que deveremos enfrentar na existência corpórea seguinte. Essa escolha é feita segundo o grau de perfeição que tenhamos atingido.
- Uma vez reencarnados, o livre-arbítrio se manifesta na faculdade que todos temos de ceder ou resistir aos arrastamentos a que voluntariamente nos submetemos. Se a pessoa cede, sucumbirá nas provas que ela mesma escolheu. Se resiste, avançará para novos desafios.

- No retorno à existência corpórea trazemos, evidentemente, nossa bagagem espiritual e com ela nossas tendências, boas ou más. Cabe à educação dar-nos os meios de combater as más tendências, e ela o fará de maneira eficiente quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem.
- A fatalidade, como vulgarmente entendemos, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância. Se as coisas fossem assim, o homem não passaria de um robô e, como tal, destituído de vontade.
- A fatalidade não é, entretanto, uma palavra vã, e realmente existe no tocante à posição do homem na Terra e às funções que nela desempenha, como consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu, a título de missão, prova ou expiação.
- Somente na morte é que o homem é submetido, de uma maneira absoluta, à inexorável lei da fatalidade, porque ele não pode fugir ao decreto que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper-lhe o curso.
- A fatalidade é, portanto, fruto de uma escolha pessoal, razão pela qual sofremos, de maneira fatal, todas as vicissitudes da existência programada e todas as tendências que lhes são inerentes, cientes de que dependerá sempre de nossa vontade ceder ou não ao mal.
- Os detalhes dos acontecimentos da vida estão na dependência das circunstâncias que a própria pessoa provoque com seus atos, e sobre os quais podem influir os Espíritos, através dos pensamentos que lhe sugerem.
- A pessoa que procura agir sempre no bem poderá poupar-se a muitas dores, algo que Pedro deixou muito claro ao escrever à comunidade cristã que “a caridade cobre a multidão dos pecados” (1ª Epístola de Pedro, 4:8).

10/09/2017

Edição 533

Em mensagem enviada à revista, publicada na seção de Cartas desta edição, Maria Teresa Cavalcanti escreveu-nos o seguinte:

Aprendemos no Espiritismo que o amor maternal decorre de uma espécie de missão e faz parte das leis da natureza. Se isso é verdade, por que a missão da maternidade nem sempre é um mar de rosas?

De fato, o papel dos pais constitui, sem dúvida nenhuma, uma verdadeira missão, como está dito com clareza pelos instrutores espirituais na resposta dada à questão 582 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Quanto às dificuldades que pais e mães encontram no desempenho dessa missão, é bom que a leitora leia os ensinamentos contidos nas questões 890 a 892 da obra acima mencionada.

O coração materno é, na expressão de um Espírito amigo, “uma taça de amor em que a vida se manifesta no mundo”, mas grave é o ofício da verdadeira maternidade. “Levantam-se monumentos de progresso entre os homens e devemos-os, em grande parte, às mães abnegadas e justas, mas erguem-se penitenciárias sombrias e devemos-las, na mesma proporção, às mães

indiferentes e criminosas”, assevera Sebastiana Pires no cap. 3 do livro *Luz no Lar*, obra mediúnica psicografada por Chico Xavier.

Ensina o Espiritismo que a Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. Entre os animais, esse amor se limita às necessidades materiais e cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, ele persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes, sobrevivendo mesmo à morte e acompanhando o filho até no além-túmulo.

Não se deduza do fato de estar o amor maternal nas leis da natureza que a missão materna seja algo fácil, porque não o é. Trata-se, em verdade, de tarefa espinhosa em que a renúncia e as lágrimas fazem morada.

Não é difícil entender por que isso se dá. É que habitualmente renascem juntas, sob os laços da consanguinidade, pessoas que ainda não acertaram as rodas do entendimento no carro da evolução, a fim de trabalharem sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidas à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham lado a lado, sob o aguilhão da responsabilidade e da convivência compulsória, para sanarem velhas feridas.

Existem pais que não toleram os filhos e mães que se voltam contra os próprios descendentes, tanto quanto há filhos que se revelam inimigos de seus genitores e irmãos que se exterminam dentro do magnetismo degenerado da antipatia congênita.

A missão materna reveste-se, portanto, de encargos sublimes, sobretudo nos lares onde Espíritos antagônicos, quando não inimigos, se encontram temporariamente unidos pelos laços do parentesco. A maternidade exige e desenvolve a sensibilidade, a ternura, a paciência, aumentando a capacidade de amar na mulher.

No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão materna consiste em dar sempre aos filhos o amor que flui de Deus, porque antes de tudo sabemos que nossos filhos são, primeiramente, filhos de Deus.

Desde a infância, compete à mãe prepará-los para o trabalho e para a luta que os espera. Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e consertando-lhe as posições mentais, porque essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando necessária. Sacrificar-se-á de todos os modos ao seu alcance pela paz dos filhos, ensinando-lhes que toda dor é respeitável, que todo trabalho edificante é divino e que todo desperdício é falta grave.

Ensinar-lhes-á o respeito pelo infortúnio alheio. Será ela no lar o bom conselho sem parcialidade, o estímulo ao trabalho e a fonte de harmonia para todos. Buscará, enfim, na piedosa mãe de Jesus o símbolo das virtudes cristãs, ciente de que, como escreveu a leitora, a missão da maternidade nem sempre é um mar de rosas.

17/09/2017

Em mensagem enviada à revista, publicada na seção de Cartas desta edição, a leitora Lucilene Bernardes Longo pede-nos explicação acerca da diferença existente entre protetor ou anjo guardião e mentor espiritual.

Sob o título "Anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos", diversos aspectos da questão proposta são tratados nos itens 489 a 521 d' *O Livro dos Espíritos*, os quais, no entanto, não mencionam em momento algum o termo "mentor espiritual".

As entidades espirituais designadas pelos nomes de anjo da guarda, anjo guardião ou protetor espiritual são Espíritos como nós mesmos, ainda no caminho da evolução, e não Espíritos puros, chegados ao ápice da evolução, embora muitos protetores espirituais sejam Espíritos de alta envergadura moral.

Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é o Espírito que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É ele sempre de natureza superior com relação ao seu protegido. Sua missão é como a de um pai com relação ao filho: guiá-lo pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida. O protetor espiritual dedica-se ao seu protegido desde o seu nascimento até a morte, e muitas vezes o acompanha na vida espiritual, depois de sua desencarnação.

Aos que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se restringirem a uma tarefa tão laboriosa, e de todos os instantes, dizem os instrutores espirituais que podem eles influenciar nossas almas estando, às vezes, a milhões de quilômetros de distância, porquanto para eles o espaço não existe e, mesmo vivendo em outro mundo, conseguem conservar sua ligação conosco.

Cada anjo da guarda tem, pois, o seu protegido e vela por ele, como um pai vela pelo filho, sentindo-se feliz quando o vê no bom caminho ou triste quando seus conselhos são desprezados.

Quanto ao termo mentor espiritual, lembremos que o vocábulo mentor designa a pessoa que, pela sua sabedoria ou experiência, ajuda outra como guia ou conselheiro.

Nesse sentido, o termo se aplicaria, de um modo geral, aos guias da Humanidade, não ligados especificamente a essa ou àquela pessoa, mas sim a determinada tarefa, algo que vemos com frequência nos relatos feitos por André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda em se referindo aos trabalhos realizados pelos benfeitores espirituais.

Eis três exemplos:

"Notamos que a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa. O **mentor** desencarnado levantou a voz comovente, suplicando a Bênção Divina com expressões que nos eram familiares, expressões essas que Silva transmitiu igualmente em alta voz, imprimindo-lhes diminutas

variações.” (*Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, cap. 5: Assimilação de correntes mentais.)

“Totalmente envolvido pelos fluidos do médium e pelas vibrações emanadas do **mentor** Anacleto, o inditoso começou a blasfemar e a repetir ameaças que faria estremecer até mesmo estruturas emocionais mais resistentes.” (*Sexo e Obsessão*, de Manoel P. de Miranda, cap. 6: Socorros espirituais.)

“Feita a oração inicial, o dirigente e a equipe mediúnica esperarão que o **mentor** espiritual do grupo se manifeste pelo médium psicofônico indicado.” (*Desobsessão*, de André Luiz, cap. 30: Manifestação inicial do mentor.) [Negritamos.]

Esperamos que as informações aqui prestadas satisfaçam à expectativa de nossa leitora e de todos os que nos leem.

24/09/2017

Edição 535

A leitora Carmen Aparecida Póvoa, do Rio de Janeiro (RJ), pergunta-nos se durante a gestação o Espírito da criança fica junto ao corpo do bebê, no ventre da mulher, ou fica próximo, mas do lado de fora do corpo da gestante, até o momento do parto.

No período que se estende da concepção ao nascimento do bebê, o estado do reencarnante assemelha-se ao do Espírito de uma pessoa encarnada durante o sono.

Os Espíritos mais evoluídos gozam naturalmente de maior liberdade; contudo, desde o momento da concepção, o reencarnante sente as consequências de sua nova condição e começa a sentir-se perturbado. Uma espécie de torpor, agonia e abatimento o envolve gradualmente, intensificando-se até o término da vida intrauterina. Suas faculdades vão-se velando uma após outra, a memória desaparece, a consciência fica adormecida, e o Espírito como que é sepultado numa espécie de crisálida.

Esse fenômeno se deve à constrição do perispírito e à sua limitação pelo corpo, que fazem com que a existência no Plano Espiritual e a consciência das vidas progressas volvam ao inconsciente.

No livro *Missionários da Luz*, cap. 14, André Luiz traz informações interessantes sobre o assunto. Focalizando a reencarnação de Segismundo, diz ele que depois do vigésimo dia de gestação, quando o embrião atinge a configuração básica, Raquel e Segismundo – mãe e filho – poderiam ser visitados a qualquer hora, porque então eles conseguiriam ausentar-se do corpo com facilidade.

Na noite do vigésimo dia, a visitação passou a ser permitida e não foram poucos os amigos espirituais que aguardavam esse momento. Raquel sentia-se então aliviada e quase ditosa, o mesmo ocorrendo com Segismundo, que fios tenuíssimos prendiam à organização fetal.

À medida que Raquel se afastava, Segismundo também podia afastar-se, não lhe sendo possível abandonar a companhia maternal. Raquel asilava-o, então,

nos seus braços carinhosos, enquanto sorria fora do campo material mais denso.

É importante dizer, por fim, que, excetuado o livro citado, há poucas referências na literatura espírita sobre a questão proposta pela leitora.

A propósito do assunto, sugerimos aos interessados que leiam o texto intitulado "Objetivo da encarnação. União da alma ao corpo", publicado na edição 24 desta revista. Para acessá-lo, [cliquem neste link](#)

1º/10/2017

Edição 536

O leitor Carlos Miguel M. Torres, em mensagem publicada nesta mesma edição, escreveu-nos o seguinte:

Li em um site sobre assuntos espíritas o texto seguinte: "De acordo com pesquisadores, os bichinhos – sejam eles cães, gatos ou formigas, pássaros e peixes – são, sim, espíritos, assim como os humanos. No entanto, um dos espíritos orientadores da SER Espírita, Antonio Grimm, criou um termo mais apropriado para diferenciar os espíritos dos animais e dos humanos: o protoespírito". Para ler o texto mencionado, [clique aqui](#)

O termo "protoespírito" está usado corretamente?

O texto mencionado pelo leitor intitula-se "Animais são espíritos?", de autoria de Flavia Zanforlim, Jaqueline Silva e Mara Andrich, publicado originalmente na SER Espírita impressa n.13

O termo "protoespírito" – que é estranho à obra de Allan Kardec – não se encontra registrado no VOLP e nos dicionários da língua portuguesa mais conhecidos. Também não é mencionado no excelente Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo", de João Teixeira de Paula.

Trata-se, portanto, de um neologismo formado com o vocábulo "proto", que nos veio do grego, um elemento de composição que significa "primeiro" e aparece em palavras como protótipo, proto-história e protoestrela.

Sendo um neologismo, o termo protoespírito é raramente utilizado no meio espírita para indicar o estado da alma em seu início, visto que, segundo aprendemos no Espiritismo, a alma tem de passar, em seu processo evolutivo, pelos reinos inferiores da criação, até reunir as condições de ser considerada "Espírito" e ingressar no chamado reino hominal, um assunto tratado nesta revista em inúmeras oportunidades.

Apresentado por Kardec inicialmente como simples hipótese, esse processo foi confirmado posteriormente por diversos autores, como Galileu (Espírito), Gabriel Delanne e André Luiz, respectivamente nas obras *A Gênese*, cap. VI, itens 14, 15 e 19, *A Evolução Anímica*, pp. 70 e 71, e *Evolução em Dois Mundos*, Primeira Parte, cap. VII, pp. 56 e 57.

Em *A Gênese*, última obra publicada em vida por Kardec, Galileu é taxativo: o Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualização.

Um termo construído com o mesmo elemento (proto) é o vocábulo protoforma, mencionado no Vocabulário Espírita disponível em nosso site, o qual designa o instrumento perispirítico do selvagem, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa. No homem primitivo a vida moral está começando a aparecer e o perispírito nelas ainda se encontra enormemente pastoso.

Não vemos, portanto, nenhum inconveniente em utilizar o termo protoespírito para designar a alma nos primórdios de sua caminhada evolutiva, ressaltando, porém, que não se trata de uma palavra utilizada com frequência pelos autores espíritas encarnados e desencarnados.

8/10/2017

Edição 537

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Luiz Paulo Lopes Pinto, de São José dos Campos (SP), escreveu:

Se entendi direito, não há animais no plano espiritual. (L.M., cap. XXV, item 283, pergunta, 36ª.) Como explicar os animais descritos em vários livros da obra de André Luiz? (Vide, por exemplo, o capítulo 5 do livro Ação e Reação)

A questão proposta, que já foi examinada oportunamente em diversas edições nesta revista, parte do princípio de que a revelação espírita se resume tão somente ao que Allan Kardec consignou em suas obras. Tudo o que nos veio por meio de outros Espíritos e outros médiuns, ou mesmo como resultado das pesquisas psíquicas, não pode ser incorporado ao conjunto dos ensinamentos espíritas.

Ora, não é essa a proposta que o próprio Codificador consignou em sua última obra. Vejamos:

Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus.

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem

que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará. (*A Gênese*, cap. I, item 55.)

Allan Kardec não somente propôs como cumpriu, no curso de suas próprias pesquisas, o procedimento sugerido, quando reexaminou, primeiro na Revista Espírita, depois na obra *A Gênese*, o tema "possessão", fenômeno por ele rejeitado sumariamente em duas obras: *O Livro dos Espíritos*, questão 474, e *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII, n. 241.

Fruto de novas observações que fez a respeito das manifestações espíritas, o Codificador, retificando o equívoco cometido, escreveu então:

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.) De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.

48. Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo. Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatá-lo, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a

excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa. (A *Gênese*, cap. XIV, itens 47 e 48.)

No tocante ao ponto fundamental da mensagem enviada pelo leitor, afirmamos que há, sim, algumas espécies animais no plano espiritual. Embora a quase totalidade deles reencarne quase de imediato, alguns permanecem – com seu corpo espiritual – no plano extrafísico, onde desenvolvem tarefas adequadas à experiência que adquiriram.

Nesse sentido, os relatos são muitos e feitos por pessoas idôneas e capacitadas.

A professora Irvênia Prada tratou do assunto no artigo "Os animais têm alma e são também seres em evolução", publicado na edição n. 9 de nossa revista. Para acessar o artigo, [clique aqui](#)

O artigo citado fundamenta-se em fatos. Um deles foi extraído do livro "Testemunhos de Chico Xavier", de Suely Caldas Schubert, em que se lê o seguinte depoimento de Chico: "Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chamava-se Lorde e fez-se meu companheiro... Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas, no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em Espírito, vinha ter comigo, era sempre acompanhado por ele... A vida é uma luz que se alarga para todos..."

Na Revista Espírita de maio de 1865, o próprio Codificador publicou uma carta de um correspondente radicado em Dieppe, o qual alude à manifestação da cadelinha Mika, então desencarnada, fato esse que foi percebido pelo autor do relato, por sua mulher e por uma filha que dormia no quarto ao lado. Aludindo ao assunto em uma comunicação mediúnicamente dada na noite de 21 de abril de 1865, por intermédio do médium Sr. E. Vézy, publicada no mesmo número da Revista Espírita, um Espírito disse textualmente que a manifestação relatada podia, sim, ocorrer, embora fosse passageira.

O pesquisador espírita Ernesto Bozzano, autor do livro *Animali e manifestazioni metapsichici*, de 1923, muitos anos antes do surgimento das obras de André Luiz, relata vários casos de almas de animais que foram vistas ou ouvidas por uma ou mais pessoas, valendo ressaltar que o Padre Germano, personagem principal do clássico *Memórias do Padre Germano*, sempre se apresentou, tanto para Chico Xavier quanto para Divaldo Franco, acompanhado de seu fiel amigo Sultão.

Divaldo Franco em uma entrevista publicada na edição 51 desta revista, declarou: "Pessoalmente, já tive diversas experiências com animais, especialmente cães desencarnados, que permanecem na erraticidade desde há algum tempo". Para acessar a entrevista, [clique neste link](#)

Em 1918, no cap. 6 do seu livro *Espiritismo para crianças*, Cairbar Schutel escreveu: "Então existem lá casas, árvores, flores, parques, animais? E por que não? Depois que lá chegarmos veremos tudo isso, e, na proporção do nosso adiantamento, encontraremos, além dessas esferas, outros mundos ainda mais aperfeiçoados e rarefeitos".

Verifica-se, por todo o exposto, que as informações contidas nas obras de André Luiz não são descrições delirantes, pois descrevem tão somente o que em várias partes do mundo pôde ser observado, ou seja, que existem, sim, animais desencarnados no plano espiritual, embora sua reencarnação "quase imediata" constitua a regra na quase totalidade dos casos.

15/10/2017

Edição 538

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, o leitor Warley Baccare Neto pergunta-nos:

Por que durante o sono corpóreo o desprendimento da alma parece tão fácil e acessível a todas as pessoas, independentemente de sua crença religiosa, enquanto na ocorrência da morte corpórea ele parece tão difícil e necessita, muitas vezes, de ajuda?

Já respondemos, algum tempo atrás, a uma pergunta semelhante.

A emancipação da alma por ocasião do sono corporal é um fato corriqueiro, que se verifica todos os dias, mas não passa de um desprendimento parcial, visto que ela continua ligada ao corpo físico. O perispírito é que faz com que essa ligação persista durante todo o tempo em que a alma, afastando-se do corpo físico, entra em contato com outros espíritos, encarnados ou desencarnados. O que ocorre então é apenas uma expansão do laço perispiritual que une a alma ao corpo, permitindo a ela deslocar-se a lugares próximos ou distantes do local em que o corpo físico permanece no estado de sono.

No caso da morte corpórea, mesmo antes do desligamento completo da alma – fato que o Espiritismo chama de desencarnação – pode ocorrer a emancipação parcial semelhante à do sono, o que explica os fatos de comunicação espírita por ocasião da morte, estudados por vários pesquisadores, como Ernesto Bozzano, entre outros.

O desprendimento completo da alma – tecnicamente chamado de desencarnação – é que requer algum tempo, visto que no processo reencarnatório o perispírito se liga ao corpo molécula a molécula, o que implica dizer que é preciso tempo para que essa ligação molecular se desfça. Conforme a questão 155 d' *O Livro dos Espíritos*, como regra geral, a separação da alma não se dá instantaneamente. Ela se liberta gradualmente e não como um pássaro cativo que, de repente, ganhasse a liberdade.

A desencarnação dá-se naturalmente, mas em alguns casos é importante para o Espírito desencarnante o auxílio dos benfeitores espirituais, como é mencionado em algumas obras espíritas de origem mediúnica. É o caso do livro *Obreiros da Vida Eterna*, de André Luiz, psicografia de Chico Xavier, no qual o autor descreve como se processou a liberação de Dimas. O caso é relatado no cap. 13 do livro.

Eis resumidamente como o autor descreveu o processo:

Uma vez morto o corpo de Dimas, minutos depois aproximou-se do filho, ainda ligado ao corpo, uma venerável senhora – sua mãe – que se sentou no leito, depondo a cabeça do enfermo no seu colo, enquanto a afagava com suas mãos. Luciana e Hipólito – auxiliares do mentor Jerônimo – foram liberados para velar pelo sono da esposa de Dimas, a fim de que suas emissões mentais não prejudicassem o esforço dos benfeitores. André Luiz postou-se vigilante, com as

mãos coladas à frente do enfermo e Jerônimo procedeu, então, ao serviço complexo e silencioso de magnetização. Primeiramente, insensibilizou inteiramente o vago⁽¹⁾, para facilitar o desligamento nas vísceras. A seguir, com passes longitudinais, isolou todo o sistema nervoso simpático, neutralizando, mais tarde, as fibras inibidoras no cérebro.

Há, segundo Jerônimo, três regiões orgânicas fundamentais que demandam extremo cuidado nos serviços de liberação da alma: o centro **vegetativo**, ligado ao ventre, como sede das manifestações fisiológicas; o centro **emocional**, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax, e o centro **mental**, o mais importante, situado no cérebro. Dada essa explicação, o mentor começou a operar sobre o plexo solar, desatando laços que localizavam forças físicas. André notou então que certa porção de substância leitosa extravasava do umbigo, pairando em torno. Esticaram-se os membros inferiores, com sintomas de resfriamento. Dimas gemeu em voz alta, semi-inconsciente. Amigos acorreram, assustados. Sacos de água quente foram-lhe postos nos pés. Era preciso agir rápido. Com passes concentrados sobre o tórax, Jerônimo relaxou os elos que mantinham a coesão celular no centro emotivo, operando sobre determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Nova cota de substância desprende-se do corpo, do epigástrico à garganta, mas os músculos trabalhavam fortemente contra a partida da alma, opondo-se à libertação das forças motrizes, em esforço desesperado, o que ocasionava angustiada aflição ao paciente.

Após ligeiro descanso, Jerônimo voltou a intervir no cérebro. Era a última etapa do processo. Concentrando todo o seu potencial de energia na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que André não pôde perceber com minúcias, e brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada. Era difícil fixá-la com rigor. As forças eram dotadas de movimento plasticizante. A chama transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do nosso amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço. À medida que o novo organismo ressurgia, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empalidecia gradualmente, até desaparecer. Dimas-desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas-cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto.

A genitora de Dimas abandonou então, rapidamente, o corpo grosseiro, e recolheu a nova forma, envolvendo-a em túnica muito branca, que trazia consigo. Aos olhos terrenos, Dimas morrera, inteiramente. Mas o cordão fluídico permaneceria até o dia imediato, considerando as necessidades do falecido, ainda imperfeitamente preparado para desenlace mais rápido. Ao saírem, os benfeitores espirituais deixaram Dimas aos cuidados de sua mãe. Ele partiria para a Casa Transitória de Fabiano apenas no dia seguinte, quando seria cortado o fio derradeiro que o ligava aos despojos. Mas a partida ocorreria após o enterro dos envoltórios pesados, a que ele ainda se unia pelos últimos resíduos.

Pela descrição feita por André Luiz é possível notar a complexidade do processo e como é importante em todo o momento – nos chamados velórios – a atitude

de prece, de respeito, de paz, o que favorece de modo notável a liberação da alma de forma definitiva.

(1) Nervo vago ou pneumogástrico, diz-se do nervo de natureza mista (sensitivo-motor), o décimo dos chamados cranianos, que inerva órgãos do pescoço, do tórax e do abdome.

22/10/2017

Edição 539

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, a leitora Elena M. escreveu-nos o seguinte:

Após o desencarne muitos espíritos vagam por dias, anos e até décadas sem rumo e não percebem que faleceram. Por que isso acontece, se todos nós temos um anjo guardião ou amigos e parentes que desencarnaram antes e que talvez possam orientá-lo?

É verdade. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é comum a todas as pessoas, embora sua duração dependa do grau de elevação de cada um. O Espírito que já está purificado se reconhece quase imediatamente, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.

O assunto é tratado em minúcias nas questões 164 e 165 d' *O Livro dos Espíritos*.

Em nota aposta em seguida à questão 165, Allan Kardec explica que por ocasião da morte tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Como dito, variável é o tempo que dura a perturbação *post mortem*. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. As pessoas que, desde sua passagem pela Terra, se identificaram com o estado futuro que as aguardava, são aquelas em quem a perturbação menos longa é, porque elas compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Outro fato que tem grande influência no estado de perturbação é o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, acidente, apoplexia e acontecimentos assemelhados, o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Se alguém lhe disser que seu corpo morreu, não acreditará e sustentará, de forma veemente, que continua vivo.

Existe, como se vê, uma limitação normal à ação dos protetores e amigos e há casos em que o Espírito tão perturbado está, que nem enxerga os familiares desencarnados que dele se aproximam.

Nesse estado, há situações em que ele se acerca das pessoas ainda encarnadas a quem estima, fala-lhes e não entende por que elas não o ouvem. Se levado pelo seu protetor espiritual a uma sessão mediúnica, é exatamente isso que diz

ao atendente, imaginando que seus familiares não querem conversar com ele por algum motivo que ele ignora.

Essa ilusão prolonga-se até que se dê o completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e passa a compreender que não pertence mais ao número dos chamados vivos.

Deduz-se, assim, que nesses casos é indispensável o concurso do tempo.

Embora curioso e, aparentemente, inexplicável, o fenômeno explica-se facilmente.

Vejamos como Allan Kardec se refere ao tema:

“Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê e ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo.

Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e veem, julgam naturalmente que não dormem.” (*O Livro dos Espíritos*, n. 165 - Comentário de Kardec.)

Esperamos que as explicações acima atendam à expectativa de nossa leitora.

29/10/2017

Edição 540

O leitor Antonio Kavaliunas Neto, de Porto Alegre (RS), em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos:

Por favor, tenho uma dúvida: Quanto à natureza espiritual de Jesus Cristo, trata-se de um Espírito Superior (de segunda ordem) ou Espírito Puro (de primeira ordem)? Há dados concretos na Codificação Espírita? Poderiam, por gentileza, expor?

A respeito de Jesus, a primeira informação que apareceu nas obras fundamentais do Espiritismo foi a resposta dada pelos instrutores espirituais à pergunta n. 625 d' *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec:

- Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo?

“Vede Jesus.”

Comentando a resposta, Allan Kardec escreveu: "Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra".

Acerca do caráter divino de sua missão, o codificador da doutrina espírita foi ainda mais explícito em um texto publicado no cap. 1, item 4, do seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no qual diz que o papel de Jesus "não foi simplesmente o de um legislador moralista sem outra autoridade além da palavra". "Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado a sua vinda, e a sua autoridade provinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina."

Em outra oportunidade, no livro *Obras Póstumas*, págs. 136 e seguintes, Kardec retomou o tema: "Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus", pensamento que ele confirmaria em sua derradeira obra, *A Gênese*, cap. 15, em que diz que, pelos imensos resultados que produziu, "a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente a seus mensageiros diretos confia, para cumprimento de seus desígnios".

Note-se que em nenhum momento Kardec disse em que posição da Escala Espírita Jesus se enquadraria, mas os termos que ele utilizou na referência ao Mestre e à sua missão deixam claro que, como "mensageiro direto" de Deus, Jesus já havia, sem dúvida, alcançado a condição de Espírito Puro, tal como é descrita nos itens 112 e 113 d' *O Livro dos Espíritos*, que informam que os Espíritos Puros não sofrem nenhuma influência da matéria e revelam superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens. E mais:

"São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam, para a manutenção da harmonia universal. Dirigem a todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e determinam as suas missões. Assistir os homens nas suas angústias, incitá-los ao bem ou a expiação de faltas que os distanciam da felicidade suprema, é para eles uma ocupação agradável". (*O Livro dos Espíritos*, item 113.)

Além de Kardec, três autores respeitados no meio espírita aludiram à qualidade excepcional de Jesus. Referimo-nos a Léon Denis, J. Herculano Pires e Emmanuel.

Léon Denis, falando sobre o Mestre, diz que Jesus "ascendeu à eminência final da evolução" e o conceitua como "governador espiritual deste planeta" (*Cristianismo e Espiritismo*, pág. 79), bem antes de Emmanuel descrever-lhe o papel como cocriador e orientador do orbe em que vivemos.

Para J. Herculano Pires, numa referência às chamadas três revelações da Lei de Deus, a Bíblia é a codificação da primeira revelação, o Espiritismo, a codificação da terceira revelação, e o Evangelho representa a segunda, "a que brilha no centro da tríade dessas revelações", tendo na figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, uma como que "intervenção direta do Alto para a reorientação do pensamento terreno". (*Introdução ao Livro dos Espíritos*, LAKE, 3ª edição, abril de 1966, págs. 11 e 12.)

Emmanuel, além de confirmar tudo o que acima se disse, trouxe ao conhecimento dos espíritas um dado a mais que nos permite entender quem, de fato, é Jesus:

“Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidiu a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção”. (*A Caminho da Luz*, obra psicografada pelo médium Chico Xavier, cap. 1.)

Esperamos que os esclarecimentos acima satisfaçam à expectativa do prezado leitor e de todos que se interessam pelo assunto.

5/11/2017

Edição 541

A leitora Amanda Santos, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, escreveu-nos:

Se o livro *Nos Domínios da Mediunidade* diz sobre a psicofonia inconsciente: "A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa", por que sempre é dito que a mediunidade é constituída mente a mente?

Não existe incompatibilidade entre as informações contidas na obra de André Luiz e os estudos publicados por Allan Kardec, que nos apresenta uma síntese do tema em sua obra intitulada *O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 225, do qual apresentamos, linhas abaixo, um pequeno resumo. Conquanto o texto citado se refira à psicografia, é claro que seu conteúdo se aplica ao fenômeno da psicofonia e da incorporação, quer o comunicante se expresse pela escrita, quer se comunique pela fala.

Qualquer que seja a natureza dos médiuns, não variam essencialmente os processos de comunicação entre os Espíritos e nós. Segundo Erasto e Timóteo, que assinam a mensagem transcrita por Kardec, eles se comunicam com os médiuns da mesma forma que se comunicam com os outros Espíritos, ou seja, tão só pela irradiação do pensamento.

Seus pensamentos não precisam da vestidura da palavra, para serem compreendidos pelos outros Espíritos: basta que lhes dirijam esses pensamentos e eles serão assimilados, embora existam Espíritos que, em virtude do seu limitado adiantamento, não consigam perceber pensamentos que outros compreendem perfeitamente. O mesmo fenômeno se dá na relação do comunicante com os médiuns. Uns são mais aptos à compreensão da

mensagem, enquanto outros não o são, e é devido a isso que o processo toma, às vezes, outra forma.

Chamamos a atenção para estes trechos do texto a que nos reportamos:

"Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos toma muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos.

Vamos fazer-nos compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas. Com um médium, cuja inteligência atual, ou anterior, se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda e isto quer o médium seja intuitivo, quer semimecânico, ou inteiramente mecânico.

Essa a razão por que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade.

[...]

Efetivamente, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso trabalho, porque nos vemos forçados a lançar mão de formas incompletas, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

Por isso é que gostamos de achar médiuns bem adestrados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados, numa palavra: bons instrumentos, porque então o nosso perispírito, atuando sobre o daquele a quem mediunizamos, nada mais tem que fazer senão impulsionar a mão que nos serve de lapiseira, ou caneta, enquanto que, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a um trabalho análogo ao que temos, quando nos comunicamos mediante pancadas, isto é, formando, letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que traduzem os pensamentos que vos queiramos transmitir." (*O Livro dos Médiuns*, cap. XIX, item 225.)

Em resumo, a transmissão mediúnica se faz pela irradiação do pensamento, mas em muitos casos necessita ser reforçada por outras medidas, fato que

explica as diferentes maneiras pelas quais uma mensagem de origem espírita, escrita ou falada, chega até nós.

André Luiz e Léon Denis são alguns dos autores que se dedicaram a explicar as nuances dos mecanismos da mediunidade, complementando de certo modo os estudos feitos pelo codificador da doutrina espírita.

Sobre as informações contidas no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz, e as diferenças entre psicofonia consciente e inconsciente, sugerimos à leitora e aos demais interessados que leiam o texto publicado nesta mesma seção na edição 417 de nossa revista. Para acessá-lo, [clique aqui](#)

12/11/2017

Edição 542

O leitor Jorge Luiz Niels, de São José do Rio Preto (SP), em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos: - Quem é o Consolador prometido por Jesus?

A questão proposta foi examinada por Allan Kardec no cap. VI do seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em que, depois de reproduzir o texto evangélico que fala do assunto, escreveu:

4. Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: "Ouçam os que têm ouvidos para ouvir". O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: "Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados". Mas, como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das

vicissitudes terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho.

Assim, **o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido**: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI, item 4.)

Para que o leitor e demais interessados compreendam o texto acima, escrito por Allan Kardec, é importante destacar alguns pontos relacionados com o tema:

1. A promessa de Jesus relativa ao Consolador aparece no Evangelho de João, cap. 14:16: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre".
2. Várias foram as razões que justificaram a promessa feita por Jesus. Uma delas seria a inoportunidade de uma revelação total e completa pelo Cristo, numa época em que o homem não estava amadurecido para compreendê-la. Outra razão seria o esquecimento e a falta de vivência das verdades apregoadas no Evangelho. E mais do que isto, destacam-se como forte razão as distorções premeditadas que a mensagem evangélica sofreria ao longo dos tempos, um fato que certamente foi antevisto por Jesus.
3. O Consolador deveria, segundo a promessa, cumprir três objetivos especiais: consolar os que sofrem, lembrar-nos o que Jesus ensinou e, ultrapassando o próprio ensino do Cristo, ensinar aos homens coisas que naquela época teríamos dificuldade de compreender.
4. São três os motivos que justificam o fato de o Espiritismo apresentar-se como o Consolador prometido por Jesus:
 - 1º. Ele procura lembrar-nos o que Jesus ensinou;
 - 2º. Ensina-nos muitas coisas que o Evangelho não consegue explicar;
 - 3º. Consola e conforta os que sofrem ao mostrar-lhes a causa e a finalidade dos sofrimentos humanos.

Esperamos que estas informações atendam à expectativa dos leitores.

19/11/2017

Edição 543

O leitor Luiz Carlos M. Trindade, de São Luiz Gonzaga (RS), em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, enviou-nos a seguinte pergunta:

Como definir ou exemplificar a expressão: "A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica", LE questão 136-a?

Para compreender a questão proposta e dar-lhe a resposta pertinente, é importante primeiro lembrar o que nos foi dito pelos instrutores espirituais nas questões 155 e 156 d' *O Livro dos Espíritos*:

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Rotos os laços que a retinham, ela se desprende.”

a) A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.”

Comentário de Kardec: “Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns suicidas”.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe, enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma.”

Observa-se que o desprendimento total da alma é consequência da cessação da vida do corpo físico e, em casos excepcionais, do seu enfraquecimento quase completo, o que se verifica às vezes nos agonizantes.

Rotos os laços – como é dito na questão 155 – a alma se desprende, o que explica o fato de que a alma não pode animar um corpo sem vida.

A vida orgânica pode, no entanto, animar um corpo sem alma, como se dá no reino vegetal, em que uma planta qualquer, embora não tendo alma como nós a entendemos, nasce, cresce e vive.

Com relação aos seres humanos, temos pelo menos dois exemplos.

O primeiro é o citado na questão 156, em que na agonia a alma pode ter deixado o corpo e neste não haverá mais, a partir desse momento, senão vida orgânica.

O segundo é a curiosa gravidez sem que haja alma ligada ao feto, fato mencionado na questão 136 e seguintes d' *O Livro dos Espíritos*:

136. A alma independe do princípio vital?

“O corpo não é mais do que envoltório, repetimo-lo constantemente.”

a) Pode o corpo existir sem a alma?

“Pode; entretanto, desde que cessa a vida do corpo, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; enquanto que, depois dessa união se haver estabelecido, a morte do corpo rompe os laços que o prendem à alma e esta o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”

b) Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

A informação acima é confirmada nas questões 355 e 356 d' *O Livro dos Espíritos*:

355. Há, de fato, como o indica a Ciência, crianças que já no seio materno não são vitais? Com que fim ocorre isso?

“Frequentemente isso se dá e Deus o permite como prova, quer para os pais do nascituro, quer para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos.”

356. Entre os natimortos alguns haverá que não tenham sido destinados à encarnação de Espíritos?

“Alguns há, efetivamente, a cujos corpos nunca nenhum Espírito esteve destinado. Nada tinha que se efetuar para eles. Tais crianças então só vêm por seus pais.”

a) Pode chegar a termo de nascimento um ser dessa natureza?

“Algumas vezes; mas não vive.”

b) Segue-se daí que toda criança que vive após o nascimento tem forçosamente encarnado em si um Espírito?

“Que seria ela, se assim não acontecesse? Não seria um ser humano.”

Quase um século depois, André Luiz tratou do assunto em seu livro *Evolução em Dois Mundos*, 2ª parte, cap. XIII, obra psicografada pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier, na qual nos transmitiu as informações abaixo resumidas:

1. Em todos os casos em que há formação fetal, sem que haja a presença de entidade reencarnante, o fenômeno obedece aos moldes mentais maternos.
2. Dentre as ocorrências dessa espécie há, por exemplo, aquelas em que a mulher, em provação de reajuste do centro genésico, nutre habitualmente o vivo desejo de ser mãe.
3. Ela impregna as células reprodutivas com elevada percentagem de atração magnética, pela qual consegue formar, com o auxílio da célula espermática, um embrião frustrado que se desenvolve, embora inutilmente, na medida da intensidade do pensamento maternal.
4. Seu pensamento opera por meio de impactos sucessivos condicionando as células do aparelho reprodutor, que lhe respondem aos apelos segundo os princípios de automatismo e reflexão.

Esperamos que as explicações aqui prestadas satisfaçam à expectativa do leitor e dos demais interessados.

26/11/2017

Edição 544

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Aparecido Paulo escreveu-nos o seguinte:

O que é o livre-arbítrio? Nós o possuímos na sua plenitude ou essa condição é apenas concedida aos Espíritos puros?

O livre-arbítrio pode ser definido como sendo a faculdade que tem o indivíduo de, entre duas ou mais opções, determinar sua própria conduta, ou seja, a possibilidade que ele tem de escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

O tema é tratado na obra de Allan Kardec em inúmeros momentos. Em sua primeira e principal obra, *O Livro dos Espíritos*, o assunto é focalizado, entre outras, nas questões 843 a 850.

Indagou Kardec: - Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos?

Os instrutores espirituais responderam: "Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina." (L.E., 843)

Segundo os ensinamentos espíritas, nas primeiras fases da vida quase nula é a liberdade, que se desenvolve e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades. "O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo" – eis a lição constante da questão 122 d' *O Livro dos Espíritos*.

Em face dessa informação, é lícito pensar que só os Espíritos puros é que teriam o gozo do livre-arbítrio em sua plenitude. Em todos os demais Espíritos, ele seria sempre relativo e proporcional ao grau evolutivo da pessoa.

Finalizando estas explicações, achamos que é importante lembrar as considerações feitas por Kardec no item 872 d' *O Livro dos Espíritos*, em que ele, procurando esmiuçar o assunto, escreveu:

“A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim:

O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir.

Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências. Fá-lo-á utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.

Desprendido da matéria e no estado de erraticidade, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, de acordo com o grau de perfeição a que haja chegado e é nisto, como temos dito, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Esta liberdade, a encarnação não a anula. Se ele cede à influência da matéria, é que sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Para ter quem o ajude a vencê-las, concedido lhe é invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (337)

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. E isto a tal ponto está reconhecido que, no mundo, a censura ou o elogio são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. Nenhuma desculpa poderá, portanto, o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto. Se fora assim quanto ao mal, assim não poderia deixar de ser relativamente ao bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado de averbar o fato à sua conta, como mérito, e não cogita de por ele gratificar os seus órgãos, o que prova que, por instinto, não renuncia, mau grado à opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.” (*O Livro dos Espíritos*, item 872.)

Esperamos que as informações acima satisfaçam à expectativa do leitor e de todos que se interessem pelo assunto.

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, a leitora Christina Paes Lacerda escreveu-nos:

Fui católica por muitos anos e aprendi, com os diversos sermões que ouvi, que o aborto jamais deve ser praticado, seja qual for o motivo, porque é um crime diante das leis divinas. Pergunto: esse entendimento é igual no Espiritismo?

Sim, os ensinamentos espíritas são semelhantes ao entendimento exposto pela leitora, com uma única exceção, o chamado aborto terapêutico, que objetiva salvar a vida da gestante posta em perigo com a continuação da gestação. O assunto é tratado nas questões 358 e 359 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Excetuado esse caso, o aborto é, no entendimento unânime dos Espíritos superiores, um doloroso crime. Uma mãe ou quem quer que seja cometerá crime sempre que, sem motivo válido, tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento.

Três erros comete a gestante que pratica ou permite que se realize o aborto sem justa causa.

O primeiro: impede que um Espírito reencarne e, por conseguinte, progrida. Segundo: recusa um filho que talvez represente o instrumento que Deus tenha dado a ela e a seu companheiro para ajudá-los na jornada evolutiva, através dos cuidados, das renúncias, das preocupações e trabalhos que teriam. Terceiro: transgredir o mandamento divino "Não matarás".

Como todo crime, é óbvio que as consequências do aborto não são nada agradáveis para as pessoas envolvidas nessa prática.

Segundo o ensinamento espírita, o aborto delituoso é um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, que ocupam vastos departamentos de hospitais e prisões da Terra.

Com relação ao tema obsessão decorrente da prática do aborto, vale a pena ler três interessantes depoimentos que Suely Caldas Schubert inseriu no cap. 9 da terceira parte do seu livro *Obsessão/Desobsessão*.

A mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se a dolorosas enfermidades, como a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino ou a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça divina, pelo crime praticado.

Além disso, a mulher que corrompeu voluntariamente o seu centro genésico – informa André Luiz no seu livro *Ação e Reação*, obra mediúnica psicografada pelo médium Chico Xavier – poderá receber numa determinada existência, na condição de filhos, Espíritos com tendência para o crime ou o suicídio, regenerando assim as energias sutis do perispírito através do sacrifício

nobilitante com que se devotará aos filhos torturados e infelizes de sua carne, aprendendo a orar, a servir com nobreza e a mentalizar a maternidade pura e sadia, que acabará reconquistando ao preço de sofrimentos e trabalho justos.

Esperamos que estas informações satisfaçam à expectativa da leitora e de todos que nos honrarem com sua atenção.

10/12/2017

Edição 546

A leitora Regina Rodrigues, em mensagem publicada nesta mesma edição na seção de Cartas, pergunta-nos se neste mundo de provas e expiações, ainda nos dias de hoje, haverá possibilidade de se encontrar o amor verdadeiro.

A resposta a semelhante pergunta requer, antes, que lembremos algumas informações que os ensinamentos espíritas nos oferecem acerca das ligações matrimoniais.

Reportando-se ao tema, Allan Kardec – que codificou a doutrina espírita – escreveu:

"Na união dos sexos, de par com a lei material e divina, comum a todos os seres viventes, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral – a Lei do amor. Quis Deus que os seres se unissem, não só pelos laços carnis, como pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transmitisse aos filhos, e que fossem dois, em vez de um, a amá-los, cuidar deles e auxiliá-los no progresso". (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. 22, item 3.)

Numa obra anterior, ele consignou outra informação importante que nos permite entender bem as nuances do matrimônio: no estado errante, ou seja, quando se encontra no mundo espiritual antes de reencarnar, o Espírito "escolhe o gênero de provas que deseja sofrer; nisto consiste o seu livre arbítrio". (Cf. *O Livro dos Espíritos*, questões 258, 851 e 866.)

Observe-se que o Espírito escolhe "o gênero de provas", mas os detalhes são consequência da posição escolhida e frequentemente de suas próprias ações. "Somente os grandes acontecimentos, que influem no destino, estão previstos", acrescentam os instrutores espirituais na questão 259 d'*O Livro dos Espíritos*. É fácil entender que o matrimônio, pela importância que representa na vida das pessoas, insere-se no rol dos grandes acontecimentos citados pelos benfeitores espirituais.

Evidentemente, há, segundo a doutrina espírita, duas clássicas exceções à regra geral de escolha das provas:

1ª - Quando o Espírito é simples, ignorante e sem experiência, "Deus supre a sua inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir" (*O Livro dos Espíritos*, 262).

2ª - Quando possuído pela má vontade ou sendo ainda muito atrasado, Deus pode impor-lhe uma existência que sabe lhe será útil ao progresso; mas "Deus sabe esperar: não precipita a expiação" (*O Livro dos Espíritos*, 262-A e 337).

Anos depois do advento do Espiritismo, outros instrutores espirituais manifestaram-se sobre o assunto. Um deles é Emmanuel, que foi, como sabemos, o mentor espiritual da obra de Chico Xavier.

Vejamos algumas informações trazidas por ele sobre o tema família:

1. Habitualmente somos nós mesmos quem planifica a formação da família, antes do renascimento terrestre, com o amparo e a supervisão dos instrutores beneméritos. Comumente chamamos a nós antigos companheiros de aventuras infelizes, programando-lhes a volta em nosso convívio, a prometer-lhes socorro e oportunidade, em que se lhes reedifique a esperança de elevação e resgate, burilamento e melhoria. De todos os institutos sociais existentes na Terra, a família é o mais importante, do ponto de vista dos alicerces morais que regem a vida. (Cf. *Vida e Sexo*, cap. 17.)

2. O colégio familiar tem suas origens sagradas na esfera espiritual. Em seus laços, reúnem-se todos aqueles que se comprometeram, no Além, a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva. (Cf. *O Consolador*, pergunta 175.)

3. O matrimônio na Terra é sempre uma resultante de determinadas resoluções tomadas na vida do Infinito, antes da reencarnação dos Espíritos, razão pela qual os consórcios humanos estão previstos na existência dos indivíduos, no quadro escuro das provas expiatórias ou no acervo de valores das missões que regeneram e santificam. (Cf. *O Consolador*, pergunta 179).

4. Quase sempre, Espíritos vinculados ao casal interessam-se na Vida Maior pela constituição da família, à face das próprias necessidades de aprimoramento e resgate, progresso e autocorrigenda. Em vista disso, cooperam, em ação decisiva, na aproximação dos futuros pais, aportando em casa, pelos processos da gravidez e do berço, reclamando naturalmente a quota de carinho e atenção que lhes é devida. (Cf. *Vida e Sexo*, cap. 11).

Outro autor espiritual, André Luiz, trouxe-nos também informações relevantes sobre o assunto. Segundo ele, quatro seriam os tipos de casamento existentes na Terra: uniões marcadas pelo amor; casamentos em que a fraternidade é o sentimento dominante; uniões de provação e, por fim, casamentos criados pelo dever.

O matrimônio espiritual, afirma André Luiz, realiza-se alma com alma. "Os demais representam simples conciliações para a solução de processos retificadores." (Cf. *Nosso Lar*, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, cap. 38, pág. 212.)

Nesta última obra, que os espíritas conhecem tão bem, ele nos informa que "na fase atual evolutiva do planeta, existem na esfera carnal raríssimas uniões de almas gêmeas, reduzidos matrimônios de almas irmãs ou afins, e esmagadora porcentagem de ligações de resgate. O maior número de casais humanos é constituído de verdadeiros forçados, sob algemas". (Cf. *Nosso Lar*, cap. 20, pág. 113.)

Concluindo, podemos, com base nas informações acima, dizer que uniões marcadas pelo amor, embora raras, são perfeitamente possíveis. Tudo dependerá de nossa programação reencarnatória e de nossas necessidades no campo evolutivo.

17/12/2017

Edição 547

O leitor Luís Augusto Pacheco pergunta-nos, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, quais foram os médiuns com quem Kardec trabalhou no início dos trabalhos de codificação da doutrina espírita e em que obra podemos encontrar informações a respeito.

Há relatos sobre o assunto em diversos livros, mas, segundo pensamos, a fonte mais confiável é a obra "O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária", de autoria do renomado estudioso e pesquisador Canuto Abreu, publicada originalmente no dia 18 de abril de 1992 pelo Lar da Família Universal.

Na referida obra, às págs. 147 e 148 da 1ª edição, Canuto Abreu informa que colaboraram inicialmente com Kardec as jovens Caroline Baudin, Julie Baudin e Ruth Celine Japhet, as duas primeiras na composição do texto que serviria de base à versão primeira d' *O Livro dos Espíritos* e Ruth Celine no trabalho de revisão que precedeu a publicação da obra.

Concluída a revisão do texto, o codificador recorreu, a conselho dos Guias, a outros médiuns, a fim de esclarecer ou confirmar certos pontos mais difíceis, dado seu caráter inovador.

Foi assim que, além dos Senhores Japhet e Roustan, médiuns intuitivos, prestaram-lhe relevantes atenções a Senhora Canu, sonâmbula inconsciente; seu marido, médium falante; Madame Leclerc, médium escrevente; a Senhora Clément, médium falante e vidente; a Senhorita Aline Carlotti, também falante e escrevente; Madame De Plainemaison, que se tornara, ultimamente, auditiva e inspirada, e Madame Roger, a notável clarividente.

Vemos então que – se para elaboração d' *O Livro dos Espíritos* ele se limitara a ouvir os Espíritos, mais particularmente por intermédio de Caroline e Julie Baudin – teve Kardec em seguida, na revisão e no controle da obra, o concurso de mais de dez médiuns.

A leitura da obra escrita por Canuto Abreu é indispensável para quem deseja conhecer os pormenores do trabalho realizado por Kardec e pelos médiuns que lhe deram seu concurso, sendo importante também esclarecer que, após a publicação da primeira edição d' *O Livro dos Espíritos*, ocorrida em Paris no dia 18 de abril de 1857, o codificador passou a contar com a colaboração de outros médiuns, notadamente a jovem Ermance Dufaux.

24/12/2017

Edição 548

Em mensagem enviada à revista e publicada na seção de Cartas desta edição, uma pessoa escreveu-nos o seguinte:

Em relação ao matrimônio e divórcio, tenho uma dúvida. Se esta união no plano espiritual se refere a um resgate entre dois seres, pode uma das partes dar um fim no relacionamento em qualquer altura, mesmo sabendo que a outra parte ainda alimenta sentimentos em

relação ao parceiro? O que pensar das separações e divórcio? Como podemos aceitar melhor o fim de um relacionamento? Como podemos saber que este débito já está quitado? E os outros membros da família (filhos, pais, etc.) como ficam? Têm eles também que passar por esta prova?

Para falarmos de divórcio é necessário falar primeiramente de casamento, assunto sobre o qual respondemos duas semanas atrás a uma leitora. (Para ler o texto então publicado, [clique aqui](#))

Naquela oportunidade, entre outras considerações acerca das ligações matrimoniais, reproduzimos duas importantes informações que nos foram trazidas por Emmanuel, a saber:

“O colégio familiar tem suas origens sagradas na esfera espiritual. Em seus laços, reúnem-se todos aqueles que **se comprometeram**, no Além, a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva.” (*O Consolador*, pergunta 175.)

“O matrimônio na Terra **é sempre uma resultante** de determinadas resoluções tomadas na vida do Infinito, antes da reencarnação dos Espíritos, razão pela qual os consórcios humanos estão previstos na existência dos indivíduos, no quadro escuro das provas expiatórias ou no acervo de valores das missões que regeneram e santificam.” (*O Consolador*, pergunta 179). [Negritamos.]

Toda vez que ocorre uma separação quebra-se um compromisso, que ficará, então, adiado, transferido, relegado para uma futura oportunidade. Esse é o entendimento dado por André Luiz ao evento chamado divórcio:

"Divórcio, edificação adiada, resto a pagar no balanço do espírito devedor. Isso geralmente porque um dos cônjuges, sócio na firma do casamento, veio a esquecer que os direitos na instituição doméstica somam deveres iguais.

Auxiliemos, na Terra, a compreensão do casamento como sendo um consórcio de realizações e concessões mútuas, cuja falência é preciso evitar.” (*Sol nas Almas*, cap. 10.)

É evidente que nos casos em que o divórcio tenha interrompido a programação que os cônjuges fizeram antes de reencarnar, os compromissos não solvidos persistirão, visto que a fuga ao dever não é capaz de liberar o devedor da responsabilidade assumida.

Tal é, com certeza, o motivo pelo qual os instrutores espirituais aceitam o divórcio mas não o incentivam, embora seja evidente que existem situações em que ele se apresente como a única opção possível, adiando-se então a realização, que será retomada oportunamente, quando isso se tornar possível.

Para Emmanuel, coerentemente com esse entendimento, o divórcio deve ser cogitado como medida de última instância. Eis o que ele escreveu:

"Ergueste o lar por amor e tão-só pelo amor conseguírais conservá-lo.

Inegavelmente não se te nega o direito de adiar realizações ou dilatar o prazo destinado ao resgate de certos débitos, de vez que ninguém pode aceitar a criminalidade em nome do amor.

Entretanto, nos dias difíceis do lar recorda que o divórcio é justo, mas na condição de medida articulada em última instância." (*Na Era do Espírito*, cap. 11.)

José Herculano Pires, o sempre admirado e respeitado pensador espírita, trouxe-nos também sua contribuição sobre o assunto:

"Quem ama sabe tolerar e perdoar. As dificuldades serão superadas dia a dia pelo cultivo do amor.

O cultivo do amor é como o cultivo da arte. E quem romper um casamento de amor, por simples intolerância, não encontrará mais remédio para a sua solidão." (*Na Era do Espírito*, cap. 11.)

De forma resumida, com fundamento no que os ensinamentos espíritas apresentam, podemos concluir:

- 1) O Espiritismo aceita o divórcio quando os cônjuges já se encontram separados. O divórcio será então uma forma jurídica de legalizar o que de fato já se consumou.
- 2) O divórcio deve ser medida de última instância, quando não mais exista nenhum clima de convivência entre os cônjuges.
- 3) Divórcio é, em verdade, uma edificação adiada, resto a pagar no balanço do espírito devedor.
- 4) Todos os problemas gerados a partir da separação conjugal pesarão na folha daquele que lhe foi a causa.

Esperamos que estas explicações satisfaçam à dúvida de quem nos escreveu. Quanto à melhor forma de aceitar o fim de um relacionamento, cremos que o cônjuge lesado deve manter a esperança e a confiança em Deus, com a certeza de que na vida será sempre melhor receber a ofensa ou a agressão do que sermos nós aquele que ofende ou agride.

O mal que nos faz mal – lembra-nos Divaldo Franco – não é o mal que nos fazem, mas o mal que fazemos.

Já o amor, quando verdadeiro, vencerá sempre...

7/01/2018

Edição 549

O leitor Ricardo Martins, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos qual é a diferença entre médium de passagem e médium de transporte.

Na literatura espírita jamais vimos a expressão *médium de passagem*.

É provável que seja uma expressão de uso popular, como, por exemplo, as expressões *Espiritismo de mesa branca*, *baixo Espiritismo*, *Espiritismo de terreiro*, todas elas, como sabemos, equivocadas.

Segundo Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, podem dividir-se os médiuns em duas grandes categorias:

1. *Médiuns de efeitos físicos*, os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas.

2. *Médiuns de efeitos intelectuais*, os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes.

Sobre o assunto, eis o que Kardec escreveu e inseriu em sua obra:

“Todas as outras espécies se prendem mais ou menos diretamente a uma ou outra dessas duas categorias; algumas participam de ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico e que aos efeitos físicos se alia quase sempre um efeito inteligente. Difícil é muitas vezes determinar o limite entre os dois, mas isso nenhuma consequência apresenta. Sob a denominação de médiuns de efeitos intelectuais abrangemos os que podem, mais particularmente, servir de intermediários para as comunicações regulares e fluentes”. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, item 187.)

É provável que, na linguagem popular, a expressão *médium de passagem* seja utilizada para designar os médiuns que dão passividade aos Espíritos nas comunicações orais ou escritas. Ele seria, portanto, classificado como médium de efeitos intelectuais, assunto tratado por Kardec no item 190 do cap. XVI d’ *O Livro dos Médiuns*, do qual extraímos as definições abaixo:

Médiuns audientes: os que ouvem os Espíritos.

Médiuns falantes: os que falam sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes: os que escrevem sob a influência dos Espíritos.

Médiuns videntes: os que, em estado de vigília, veem os Espíritos.

Médiuns inspirados: aqueles a quem, quase sempre mau grado seu, os Espíritos sugerem ideias, quer relativas aos atos ordinários da vida, quer com relação aos grandes trabalhos da inteligência.

Médiuns de pressentimentos: pessoas que, em dadas circunstâncias, têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão no futuro.

Médiuns sonâmbulos: os que, em estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos.

Médiuns pintores ou desenhistas: os que pintam ou desenharam sob a influência dos Espíritos.

Médiuns músicos: os que executam, compõem, ou escrevem músicas, sob a influência dos Espíritos.

Quanto a médium de transporte, trata-se de uma das modalidades dos médiuns de efeitos físicos, assunto tratado no item 189 do cap. XVI d’ *O Livro dos Médiuns*, do qual extraímos as informações abaixo:

Médiuns de transporte: os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais.

Médiuns tiptólogos: aqueles pela influência dos quais se produzem os ruídos, as pancadas.

Médiuns motores: os que produzem o movimento dos corpos inertes.

Médiuns de translações e de suspensões: os que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Entre eles há os que podem elevar-se a si mesmos.

Médiuns de efeitos musicais: provocam a execução de composições, em certos instrumentos de música, sem contato com estes.

Médiuns de aparições: os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes.

Médiuns pneumatógrafos os que obtêm a escrita direta.

Médiuns curadores: os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.

Esperamos que as informações acima satisfaçam à expectativa do nosso leitor e de todos os que nos lerem.

14/01/2018

Edição 550

O leitor André R. da Costa, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos: O que são os Exus? E qual o seu grau de evolução?

No artigo intitulado "Quadro comparativo entre os cultos afro-brasileiros e o Espiritismo", publicado na edição 52 de nossa revista, nosso colaborador Jáder Sampaio assim conceitua os termos Orixás e Exu:

- **Orixás:** divindades agentes de Olorum, o Deus supremo criador do Universo. Uma outra corrente dos cultos acredita que os Orixás seriam homens e mulheres que depois da morte foram elevados à condição de seres destacados no "astral" e identificados com um elemento da natureza (rio, mar, etc.) transformando-se nele. Há uma certa concordância em torno do seu número.

- **Exu:** considerado o "mais humano dos Orixás" por Verger e por diversos grupos de Candomblé e Umbanda. Considerado por outros apenas um intermediário entre os homens e os Orixás. Exu foi associado ao demônio medieval pela sua falta de padrões morais, por agir segundo interesses pessoais e mundanos (dinheiro, política e negócios) e por estar ligado à sexualidade. Esta entidade também foi sincretizada com São Pedro no sul do país pelo seu caráter de "controlador de almas" no terreiro e "protetor" do mesmo. É também o mensageiro dos orixás junto ao babalorixá (sacerdote do Candomblé) na leitura de búzios, traduzindo-lhes as vontades.

Para acessar o artigo mencionado, [clique neste link](#)

Na obra *Loucura e Obsessão*, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografada pelo médium Divaldo Franco, seu autor tece considerações importantes a respeito do tema. Destacamos da obra as informações seguintes, que esperamos possam atender à expectativa do nosso leitor:

- Com ligeiras variações, o conceito sobre o Espírito Exu refere-se sempre à perversidade, desobediência e, excepcionalmente, quando em tarefa especial, faz recordar um policial que tem acesso pela sua

força aos redutos ignóbeis da marginalidade. Os Orixás são representações do bem, da santidade, pois que, literalmente, a palavra significa "senhor da cabeça" (de ori = cabeça; xá = chefe, senhor), razão por que Jesus é chamado Orixalá, termo de origem nagô, significando "o maior dos Orixás", e, por corruptela ou abreviatura, denominado Oxalá. (*Loucura e Obsessão*, cap. 12, pp. 145 e 146.)

- Em nações supercivilizadas da América e da Europa multiplicam-se as igrejas e agremiações que cultuam os demônios, ignorando que estes não passam de Espíritos embrutecidos e vingadores que se auto-hipnotizaram, tomando, ilusoriamente, nas mãos, a adaga do que chamam justiça, esquecidos da Justiça maior que funciona com equidade e sabedoria, reeducando e corrigindo, ao invés de punir, seviciar e desgraçar. Em tais países esses seres assumem personificações demoníacas, diabólicas, conforme se denominam, enquanto nos cultos afro-brasileiros fazem-se conhecer por Exus e outras designações, que em nada alteram a sua louca realidade. Encontram-se, assim, no mundo espiritual, muitos irmãos infelizes assumindo personificações mitológicas ridículas, por auto-hipnose. Uns, em largo número, creem-se seres de exceção na ordem universal, por efeito de autossugestão demorada desde a vida terrestre; outros são vitimados por zoantropias de diferentes procedências, e, por fim, há os que se reconstruíram ideoplasticamente, incorporando os desvarios de poderes mentirosos, que atribuem a si mesmos, seja como Orixás, na eterna ação protetora da Natureza e dos homens, seja na de Exus, supostamente criados para o mal e dotados de força para tal execução, os quais se afundam cada vez mais no desgoverno, até o momento em que funcionem as Leis de correção e reequilíbrio que existem no Cosmo. (*Loucura e Obsessão*, cap. 8, pp. 102 a 104.)

- Os obsessores mais perversos, que exibiam carantonhas apavorantes, atiravam dardos que se diluíam no ar, ou arremetiam contra a barreira impeditiva, intentando rompê-la, sem que o lograssem. Era um campo de batalha, onde as forças mentais se enfrentavam. Percebeu-se que havia no meio deles alguns Exus que iriam experimentar os choques anímicos, liberando-se das pesadas ideoplastias que os transformaram exteriormente, em razão do cultivo malsão das ideias extravagantes e hediondas. Em dado momento um Exu incorporou-se numa jovem médium e a união fluídica era de tal forma que parecia ter havido uma quase fusão, ser-a-ser, que se harmonizavam. O rosto pálido da médium adquiriu um tom vermelho-escuro, consequência da aceleração sanguínea, e uma transfiguração modelou-lhe um quase símile do comunicante. Quando pôde falar, passou a um vocabulário incompreensível, evocando a língua-mãe e nela se expressando. A voz, rouquenha, era semiaudível. D. Emerenciana (mentora espiritual do trabalho), que prosseguia contendo a médium em transe, dialogou com a entidade no mesmo dialeto e, girando-a repetidamente, como se a desenovelasse de ataduras fortes que a cobriam, parou-a de chofre, aplicando-lhe movimentos longitudinais e impondo-lhe sua vontade firme. Os ritmos e a cantoria aumentaram e fizeram-se ensurdecadores. "Volte ao

normal! Você é Espírito criado por Deus. É vivente com um destino para o bem”, ordenou-lhe a Mentora. “Desnude-se e saia dessa situação. José Manuel foi o seu nome no eito do senhor branco. José Manuel é você. Ouça e acorde!” Em seguida, trouxeram-lhe um incensador que foi movimentado em torno do Espírito, que aspirava o fumo aromatizado e mais se agitava. “Agora, volte! Acorde, José Manuel!”, insistiu D. Emerenciana. A face espiritual do obsessor passou a sofrer, nesse momento, uma metamorfose e, como se fosse plasmada em cera, ora aquecida, começou a desfazer-se, ao mesmo tempo em que a alegoria que o vestia, gerada pelas imposições ideoplásticas, passou a experimentar a mesma transformação, permitindo que surgisse um homem de trinta anos, cansado prematuramente, com marcas de chicote no rosto e nas costas, recordando os suplícios que lhe foram infligidos. Despertando e desembaraçando-se da constrição que prosseguia padecendo, ele pôs-se a chorar, em ímpar desesperação agônica, a todos confrangendo. A Benfeitora abraçou-o, depois segurou-o pelas mãos e disse: “Lembre-se de Jesus, crucificado sem culpa. Ele voltou e jamais acusou; sequer perguntou qualquer coisa ao negador, ou referiu-se ao amigo traidor... Pense em Jesus e perdoe. Você será feliz e tudo ficará esquecido. Cante, agora cante a sua vitória”. (*Loucura e Obsessão*, cap. 11, pp. 138 a 140.)

O livro *Loucura e Obsessão* foi objeto de estudo metódico e sequencial nas edições 354 a 393 desta revista, todas *on-line* e disponíveis para leitura por parte dos nossos leitores. Para acessar a lição inicial, publicada na revista 354, [clique aqui](#)

21/01/2018

Edição 551

A leitora Rosana Caruso, numa mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, escreveu-nos:

Em reunião de estudo de mediunidade foi psicografada uma carta, a princípio, de um bebê recém-nascido, que se encontra na UTI por ter nascido um pouco antes do tempo e apresentar síndrome de Down. A carta tem muita lucidez e rogava ajuda para a família, que estava apresentando uma dificuldade muito grande em aceitar a situação. A família frequenta o mesmo centro onde a carta foi redigida. Como é um grupo de estudos da mediunidade, houve um questionamento sobre a possibilidade desse espírito ter essa condição tão lúcida de escrever. Gostaria, se possível, de maiores comentários a respeito desse caso.

A questão proposta envolve dois aspectos relacionados com a prática mediúnica: a) comunicação mediúnica entre pessoas vivas, isto é, encarnadas; b) comunicação mediúnica feita por crianças, encarnadas ou não.

A resposta nos dois casos é afirmativa: 1) O intercâmbio mediúnico pode dar-se entre duas pessoas encarnadas. 2) Crianças, encarnadas ou desencarnadas, podem perfeitamente comunicar-se mediunicamente.

O fundamento para tal conclusão encontramos em três obras: *O Livro dos Médiuns* (Allan Kardec), *Comunicações mediúnicas entre vivos* (Ernesto Bozzano) e *Manifestações de Espírito de pessoa viva (Em que condições elas ocorrem)*, de Paulo da Silva Neto Sobrinho.

No capítulo XXV – Das evocações, item 284, d' *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec oferece-nos as seguintes informações relativas ao tema:

37. *A encarnação do Espírito constitui obstáculo absoluto à sua evocação?*

“Não, mas é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda. Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos os corpos são menos materiais.”

38. *Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?*

“Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar *sem ser evocado*, dependendo da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.”

39. *Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?*

“Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre.”

No prefácio do livro de Ernesto Bozzano a que nos reportamos, J. Herculano Pires escreveu:

Ernesto Bozzano apresenta nesta obra um dos seus estudos mais lúcidos e mais pertinentes sobre a natureza dos chamados *fenômenos psi*. Tratando das comunicações mediúnicas entre vivos, demonstra que o psiquismo independente da criatura humana é o mesmo e age da mesma maneira nos fenômenos anímicos (ou mentais, como são hoje classificados) e nos fenômenos espíritas. Vai além, demonstrando que a simples admissão do *extrassensorial* prova que o psiquismo humano não pode ser reduzido às funções orgânicas. Se podemos ter percepções e comunicar-nos sem o intermediário habitual dos sentidos físicos é porque não somos somente materiais.

O livro de Bozzano foi objeto de estudo metódico e sequencial nas edições 491 a 517 desta revista. Para ler a primeira parte do estudo, publicada na edição 491, [clique neste link](#)

O assunto foi, de igual forma, o foco específico do e-book *Manifestações de Espírito de pessoa viva (Em que condições elas ocorrem)*, de Paulo da Silva Neto Sobrinho, publicado pela EVOC – Editora Virtual O Consolador, que os interessados podem baixar gratuitamente clicando [neste link](#)

Com relação à manifestação de crianças, Paulo Neto apresenta em sua obra três casos, adiante reproduzidos:

Caso 1

Da *Revista Espírita 1865*, mês de janeiro, no artigo intitulado “Evocação de um surdo-mudo encarnado”:

O Sr. Rui, membro da Sociedade de Paris, nos transmite o fato seguinte:

"Conheci, disse ele, em 1862, um jovem surdo-mudo de doze a treze anos, e, desejoso de fazer uma observação, pedi aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Tendo a resposta sido afirmativa, fiz vir essa criança em meu quarto, e a instalei em uma poltrona, em companhia de um prato de uva, que se pôs a debulhar com pressa. Coloquei-me, de minha parte, numa mesa; pedi, e fiz a evocação, como de hábito, ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu, e escrevi: Eis-me.

"Eu olhei o menino: Ele estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, o prato sobre os joelhos, e tinha parado de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. Onde estás neste momento? – *R.* Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. Queres me dizer por que és surdo-mudo de nascença? – *R.* É uma expiação de meus crimes passados.

P. Quais crimes, pois, cometeste? – *R.* Fui parricida.

P. Podes me dizer se tua mãe, *que amas tão ternamente*, não teria sido, seja como teu pai ou tua mãe na existência da qual falas, o objeto do crime que cometeste?

"Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levei de novo os olhos sobre o menino; ele acabava de despertar, e comia avidamente suas uvas. Tendo então pedido aos meus guias explicar-me o que acabara de se passar, me foi respondido:

"Ele te deu as informações que desejavas, e Deus não permitiu que te desse as outras."

Vejamos o que Kardec coloca em nota:

Nota. – Faremos, de nosso lado, uma outra observação sobre este assunto. A prova da identidade resulta aqui do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento do despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. [...].

Caso 2

Ainda na *Revista Espírita 1860*, mês de junho, temos o relato intitulado "O Espírito de um idiota", cuja evocação aconteceu a 25 de maio de 1860:

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de treze anos, vivo, e cujas faculdades intelectuais são de tal nulidade que não reconhece seus pais, e pode, com dificuldade, tomar ele mesmo seu alimento. Há nele parada completa do desenvolvimento de todo o sistema orgânico. Pensara-se que aí poderia estar um interessante assunto de estudo psicológico.

1. (A São Luís.) Quereis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança? – *R.* Podeis evocá-lo como evocais o Espírito de um morto.

2. Vossa resposta nos faria supor que a evocação poderia dar-se a qualquer momento. – R. Sim; sua alma liga-se ao seu corpo por laços materiais, mas não por laços espirituais; ela pode sempre se desligar.

3. Evocação de Ch. de Saint-G... – R. Sou um pobre Espírito amarrado à Terra como um pássaro por uma pata.

5. Quando o vosso corpo dorme, e que o vosso Espírito se desliga, tendes as ideias tão lúcidas como se estivésseis num estado normal? – R. Quando meu infeliz corpo repousa, estou um pouco mais livre para elevar-me ao céu a que aspiro.

7. Lembrai-vos de vossa existência precedente? – R. Oh! Sim; foi a causa de meu exílio na presente.

8. Qual foi essa existência? – R. Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.

13. Em vosso estado de vigília, tendes consciência do que se passa ao vosso redor, e isso apesar da imperfeição dos vossos órgãos? – R. Eu vejo, ouço, mas meu corpo não compreende nem vê nada.

Comentário de Kardec:

Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que ressalta desta evocação. Ela confirma, por outro lado, o que sempre se disse sobre os idiotas. Sua nulidade moral não se prende à nulidade de seu Espírito que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos não é senão um obstáculo à livre manifestação das faculdades; ela não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso cujos membros sejam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certos países, os cretinos, longe de serem um objeto de desprezo, são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não se prenderia à intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de considerações quanto seu Espírito, que compreende sua posição, deve sofrer por se ver o resto da sociedade?

Caso 3

Em nota inserida após a questão 57ª do item 284 d' O Livro dos Médiuns, Kardec escreveu:

Uma senhora que conhecemos, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões habituais da criança e pela narração exatíssima de muitas coisas que lhe tinham acontecido no colégio, mas ainda uma circunstância veio confirmá-lo. De repente, a mão da médium para em meio de uma frase, sem que lhe seja possível obter coisa alguma. Nesse momento, a criança, meio despertada, virou-se várias vezes em sua cama. Alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão da médium começou a mover-se outra vez, continuando a conversa interrompida. A evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova, da maneira menos contestável, a ação distinta do Espírito e do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Vejam-se, na *Revista espírita* de 1860, muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

Esperamos que as informações acima atendam à expectativa da leitora, a quem lembramos, a título complementar, que a comunicação atribuída ao bebê, caso seja realmente autêntica, pode ter sido transmitida, em nome da criança, por um dos benfeitores que normalmente assistem os recém-nascidos, tendo em vista a importância do conteúdo que a mensagem apresenta.

28/01/2018

Edição 552

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, Karla Bicalho, da cidade mineira de Pedro Leopoldo, pergunta-nos se é válido usar tablet para leitura de livro digital em reunião mista de estudos e prática mediúnica realizada na Casa Espírita de que é participante.

Embora esse tipo de dúvida seja inédito em nosso meio, não vemos motivo para que se impeça que – em vez de usar um livro físico – alguém se valha de um tablet para, na hora dos estudos, ler ou consultar determinada obra espírita.

A prática pode até tornar-se usual, em face do advento dos chamados livros virtuais ou e-books, cada vez mais presentes na sociedade contemporânea.

O tema utilização de aparelhos eletro/eletrônicos em reunião mediúnica já foi tratado em uma obra de André Luiz, o livro *Desobsessão*, no seu capítulo 19, intitulado “Aparelhos elétricos”, cujo texto transcrevemos:

“Os aparelhos elétricos, no recinto, quando a desobsessão seja efetuada em lugar capaz de utilizá-los, devem ser restritos a uma lanterna elétrica, destinada a serventia eventual, e, quando seja possível, a um aparelho para gravação de vozes das entidades, notadamente aquelas que se caracterizam por manifestações construtivas, para que se lhes fixem os ensinamentos ou experiências com objetivo de estudo.

“Repetimos que o grupo apenas usará o aparelho para gravação de vozes, quando semelhante medida esteja em suas possibilidades, sem que isso seja fator essencial e inadiável à realização do programa em pauta.

“O dirigente da reunião ou o companheiro indicado para o manejo desses engenhos precisa, porém, estar atento, verificando-lhes o estado e o funcionamento, antes das atividades da equipe, prevenindo quaisquer necessidades, de maneira a evitar aborrecimentos e atropelos de última hora.”

É evidente que na década de 1960, quando essa obra foi escrita e publicada, não existiam os modernos meios de comunicação, como os smartphones, os notebooks e os tablets.

Se um aparelho de gravação, com todo o ruído que lhe era peculiar, não era empecilho para o bom andamento da sessão mediúnica, por que o livro digital seria?

Há, no entanto, na mensagem enviada à revista algo que nos preocupa e que entendemos seja importante mencionar, a título de sugestão à leitora e seus companheiros de Casa Espírita.

Reunir em uma mesma sessão estudos doutrinários e prática mediúnica é algo que é sempre bom evitar. Se forem duas atividades separadas, ainda que na mesma noite, tudo bem. Encerrada uma, começará a outra, após breve intervalo.

Na orientação contida no livro *Desobsessão*, acima referido, a leitura que precede o intercâmbio mediúnica deve ser breve e destituída de comentários. Trata-se de uma atividade preparatória, naturalmente curta, porque as entidades desencarnadas a serem tratadas não reúnem condições de esperar longo tempo para serem atendidas.

Sugerimos então à leitora e seus companheiros que realizem duas reuniões distintas: uma voltada para os estudos, sem intercâmbio mediúnico, e outra dedicada exclusivamente ao atendimento das entidades desencarnadas. Será até interessante que a atividade de intercâmbio seja realizada em primeiro lugar, para só depois, após ligeiro intervalo, promover-se a reunião de caráter doutrinário.

Com relação às sessões de intercâmbio mediúnico, é importante estar atento à recomendação feita por André Luiz nos cap. 27 e 28 do livro mencionado, que adiante reproduzimos:

LIVROS PARA LEITURA - Os livros para leitura preparatória no grupo serão, de preferência:

1. «O Evangelho segundo o Espiritismo».
2. «O Livro dos Espíritos».
3. Uma obra subsidiária que comente os princípios kardequianos à luz dos ensinamentos do Cristo.

Bastarão esses recursos, porquanto neles sintonizar-se-ão os assistentes no mesmo padrão de pensamento, em torno dos temas vitais do Espiritismo Cristão, compondo clima vibratório adequado ao trabalho em mira.

«O Livro dos Médiuns» e obras técnicas correlatas não devem ser lidos nas reuniões de desobsessão, mas sim em oportunidades adequadas, referidas nos capítulos 66 e 72. (*Desobsessão*, cap. 27)

LEITURA PREPARATÓRIA - A leitura preparatória, que não ultrapassará o tempo-limite de 15 minutos, constituir-se-á, preferentemente, de um dos itens de «O Evangelho segundo o Espiritismo», seguindo-se-lhe uma das questões de «O Livro dos Espíritos», com um trecho de um dos livros de comentários evangélicos, em torno da obra de Allan Kardec.

Efetuada a leitura, o dirigente retirará os livros de sobre a mesa, situando-os em lugar próprio.

O contato com o ensino espírita, antes do intercâmbio com os irmãos desencarnados, ainda sofredores, dispõe o ambiente à edificação moral, favorecendo a integração vibratória do grupo para o socorro fraterno a ser desenvolvido.

O conjunto evitará entretecer comentários ao redor dos temas expostos, atento que precisa estar em uníssono, à recepção das entidades enfermas em expectativa, quase sempre aguardando alívio com angustiosa ansiedade.

Repitamos, assim: o dirigente providenciará a leitura, aproximadamente quinze minutos antes do momento marcado para o início do intercâmbio, pronunciando a prece de abertura, depois de lida a página última, com o que se iniciarão, para logo, as tarefas programadas. (*Desobsessão*, cap. 28)

Para que a leitora e demais interessados tenham a exata dimensão da importância do livro *Desobsessão*, recomendamos que leiam o capítulo intitulado «Desobsessão» constante da parte final do livro *Testemunhos de Chico Xavier*, de autoria de Suely Caldas Schubert, razão pela qual os confrades da terra natal do saudoso médium fariam a ele uma excelente homenagem se procurassem adequar suas atividades espíritas às proposições feitas no livro que ele, em parceria com Waldo Vieira, psicografou.

4/02/2018

Edição 553

Paula Kloser, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, escreveu-nos o seguinte:

Esta semana surgiu uma dúvida em nosso grupo de estudos, quanto a uma expressão usada por André Luiz no livro chamado *Libertação*, em que ele fala de uma força chamada nêurica. Nós pesquisamos um pouco, mas gostaríamos de saber qual é o pensamento da revista sobre este assunto.

No cap. XV da obra citada pela leitora, André Luiz descreve uma sessão cujo objetivo era o atendimento de Margarida e Gaspar, com vistas a restaurar-lhes as energias perispíricas.

Segundo André, das trinta pessoas presentes para o atendimento, nove eram encarnados, vinte e um eram colaboradores espirituais que ali se movimentavam. A Sidônio e Gúbio, em esforço conjunto, caberia a tarefa.

Eles efetuaram, então, operações magnéticas ao redor de Margarida, desligando primeiramente os "corpos ovoides" que a impregnavam. Em seguida, enquanto a prece e os estudos evangélicos se faziam ouvir, grande cópia de **força nêurica**, com a devida compensação em fluidos revigoradores da esfera espiritual, foi extraída, através da boca, das narinas e mãos dos assistentes encarnados, força essa que os dois dirigentes aplicaram sobre Margarida e Gaspar.

O vocábulo **nêurica** diz respeito ao sistema nervoso. Trata-se de um adjetivo, como podemos ler nos léxicos em geral.

João Teixeira de Paula, no vol. I do seu *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, nos informa que força nêurica é o mesmo que fluido magnético ou força psíquica. A utilização dessa denominação se deve ao dr. A. Baréty. Força psíquica, por sua vez, é o mesmo que força fluídica, força nêurica

radiante e como tal foi utilizada primeiramente por Camille Flammarion e, mais tarde, por William Crookes.

Para compreender melhor o significado de força nêurica, fluido magnético e força psíquica, eis o que Léon Denis nos informa no cap. XV de sua obra *No Invisível*, um dos mais importantes livros que compõem os chamados clássicos do Espiritismo:

“Quando um Espírito se manifesta no meio humano, só o pode fazer com o auxílio de uma força haurida nos médiuns e nos assistentes. Essa força é gerada pelo corpo fluídico. Tem sido alternativamente designada sob os nomes de força magnética, nêurica, etérica; chamar-lhe-emos, por nossa parte, força psíquica, pois que obedece à vontade, que é de fato o seu motor; os membros lhe servem de agentes condutores; ela se desprende mais particularmente dos dedos e do cérebro.

“Existe em cada um de nós um foco invisível cujas radiações variam de intensidade e amplitude conforme nossas disposições mentais. A vontade lhes pode comunicar propriedades especiais; nisso reside o segredo do poder curativo dos magnetizadores. A estes, efetivamente, é que em primeiro lugar se revelou essa força, em suas aplicações terapêuticas. Reichenbach a estudou em sua natureza e deu-lhe o nome de ‘od’. William Crookes foi o primeiro a medir-lhe a intensidade.

“Os médiuns de efeitos físicos exteriorizam essa força em grande abundância; todos nós, porém, a possuímos em diversos graus. Mediante essa força é que se produz a suspensão de mesas no ar, a mudança de objetos, sem contato, de um lugar para outro, o fenômeno dos transportes, a escrita direta em ardósia, etc. É constante a sua ação em todas as manifestações espíritas.” (*No Invisível*, de Léon Denis, cap. XV)

Esperamos que as informações acima satisfaçam à expectativa de nossa leitora e colaboradora Paula Kloser.

11/02/2018

Edição 554

Recebemos em nossa revista a seguinte pergunta formulada por um leitor de Brasília-DF:

Participo de um grupo de passes, em uma casa espírita de Brasília, há quase quarenta anos, e gostaria de esclarecer a seguinte dúvida:

Na semana passada houve uma queixa à Diretoria de Assistência Espiritual da Casa onde trabalho, de uma pessoa que havia tomado passe naquele Grupo do qual faço parte. Na sua queixa a jovem reclamante afirmou o seguinte: “[...] Além da demora das preces, a passista me aplicou um passe muito concentrado... não deu outra... passei muito mal...”.

Ao ser questionado pela Casa sobre o ocorrido, esclareci que se tratava de uma afirmação equivocada. Esclareci ainda que "passar mal em decorrência de passe concentrado" não existe em Doutrina Espírita, a meu ver. Pelo que sei, nas práticas espíritas do passe, são os Espíritos, trabalhadores do Grupo, seus verdadeiros condutores. São eles que inteligentemente manipulam e distribuem os fluidos exatamente de acordo com as necessidades de cada assistido, nem mais, nem menos. Nunca em excesso. Não permitem, portanto, a "concentração fluídica", relatada pela reclamante e muito menos o "congestionamento fluídico".

A responsável pelo setor de assistência espiritual da Casa respondeu o seguinte: "[...] Quanto aos assistidos que se sentem mal durante a aplicação do passe, são, sem dúvida, inúmeros os fatores que podem causar a desarmonia..., destacando-se aí a aplicação do "passe concentrado" por um tempo mais longo que o indicado. Essa prática, pode sim causar "congestionamento fluídico" [...].

Ou seja, ela confirmou que a assistida tinha razão e que podia sim "passar mal em decorrência de passe concentrado", acrescentando ainda a expressão "congestionamento fluídico", que a meu ver, também não acontece no passe espírita.

Assim sendo, continuo com minhas dúvidas sobre "passar mal em decorrência de passe concentrado" e "congestionamento fluídico", durante o passe, e gostaria imensamente que o assunto fosse melhor esclarecido, à luz da Doutrina Espírita, pela estudiosa equipe de "O Consolador".

Antes de responder objetivamente à questão proposta, é importante recordar algo que nos parece fundamental com relação à imposição das mãos ou o chamado passe magnético.

Lemos no texto que compõe a 11ª Sessão de Exercício Prático do Centro de Orientação e Educação Mediúnica (COEM), obra elaborada pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba (PR), sob a supervisão dos médicos psiquiatras doutores Alexandre Sech e Célio Trujillo Costa:

"A imposição de mãos, como o fez Jesus, é o exemplo correto de transmitir o passe. Os movimentos que gradativamente foram sendo incorporados à forma de aplicação do passe criaram verdadeiro folclore quanto a esta prática espírita, desfigurando a verdadeira técnica."

"Os passistas passaram a se preocupar mais com os movimentos que deveriam realizar do que com o dirigir seus pensamentos para movimentar os fluidos."

Referindo-se ao assunto, José Herculano Pires foi claro e didático:

"O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do

passos espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e hipnóticas de um passado há muito superado. Os Espíritos realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas apenas a prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e ridículas gesticulações." (*Obsessão, o passe, a doutrinação*, editora Paideia, págs. 35 a 37.)

A orientação acima, manifestada pelos psiquiatras citados e por José Herculano Pires, fundamenta-se primeiramente em uma lição geralmente esquecida que encontramos em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 176, 2ª pergunta, em que Kardec reproduz uma informação dada por um instrutor espiritual segundo o qual a força magnética reside no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio.

Dada essa informação, o instrutor espiritual esclareceu:

"Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias". (*O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 176.)

Vê-se, pois, que não são as mãos do médium passista que dirigem o fluido, mas sim o Espírito que vem em seu socorro e o secunda na atividade do passe.

Essa informação foi ratificada cerca de três anos depois em uma matéria publicada por Allan Kardec em janeiro de 1864 na *Revista Espírita* (Edicel, ano de 1864, pág. 7), na qual transcreveu mensagem de Mesmer (Espírito), recebida na Sociedade Espírita de Paris em 18/12/1863.

Mesmer, analisando as curas espirituais, diz na mensagem que Deus sempre recompensa a pessoa sincera que pede a ajuda espiritual, enviando-lhe o socorro para que ela possa auxiliar o enfermo. "Esse socorro que envia são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente", diz Mesmer, que, a seguir, acrescenta: "Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos".

O passe praticado na Casa Espírita é, pois, do tipo misto, ou humano-espiritual, em que, combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Essa terminologia é de Kardec, que a isso se refere no cap. XIV do livro *A Gênese*.

Nos estudos que integram a orientação emanada do Centro de Orientação e Educação Mediúnica (COEM), obra elaborada sob a supervisão dos médicos psiquiatras doutores Alexandre Sech e Célio Trujillo Costa, a que nos referimos inicialmente, o passe espírita – o passe humano-espiritual – pode, sim, ser maléfico, mas em condições diferentes da alegada pela jovem de Brasília (DF) que declarou ter-se sentido mal ao receber o passe.

O passe misto, informa o texto elaborado pelos colegas psiquiatras citados, pode ser maléfico:

- quando o passista se encontrar com estado de saúde precário;
- quando ele estiver com o organismo intoxicado por excesso de alimentação ou vícios (como fumo, álcool, drogas), ou
- quando estiver em estado de desequilíbrio espiritual (revolta, raiva, orgulho etc.)

e, em qualquer das situações, o paciente estiver com suas defesas nulas.

Tal é também o nosso pensamento, que concorda com o parecer de seis estudiosos espíritas, dois dos quais são médicos, que consultamos a respeito da questão proposta pelo leitor.

O mal-estar sentido pela jovem paciente deve estar certamente relacionado com outras causas e não necessariamente com o passe que lhe foi ministrado, salvo se tiver ocorrido naquela oportunidade alguma das hipóteses capazes de tornar maléfico ou nulo o passe humano-espiritual.

Sobre o tema imposição das mãos, sugerimos ao leitor e aos demais interessados que leiam também as matérias publicadas na seção **O Espiritismo responde** das edições 52, 236, 326, 331 e 415 desta revista.

18/02/2018

Edição 555

Recebemos do leitor Welton de Castro a mensagem abaixo:

Assisti a uma palestra em que o orador afirmou que a Terra é considerada no Espiritismo como um mundo de provas e expiações. Quanto ao nível evolutivo dos habitantes da Terra existe alguma informação confiável?

De fato, na classificação dos diferentes mundos que circulam no espaço, a Terra ainda se encontra, conforme o ensino espírita, entre os chamados mundos de expiação e provas.

Quanto ao grau evolutivo dos seus habitantes há, sim, em inúmeras obras espíritas informações que reputamos confiáveis.

A primeira está publicada no livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, em que lemos no cap. III uma mensagem assinada pelo Espírito de Santo Agostinho, da qual reproduzimos o trecho abaixo:

(...) nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados.

Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos

períodos seculares, algumas das quais não podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já estiveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degradados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III, item 14.)

À vista da mensagem transcrita, concluímos que a Terra abriga Espíritos em diferentes níveis de evolução: alguns se encontram em estágio inicial de evolução, ao lado de Espíritos que o autor chama de semicivilizados e, por fim, de Espíritos endividados, em expiação, fato que indica claramente que são seres ainda atrasados em processo de regeneração.

Há 47 anos, no livro *Vida e Sexo*, obra escrita em 1970, Emmanuel disse que há no planeta um grupo numeroso de homens e mulheres psiquicamente não muito distantes da selva, remanescentes próximos da convivência com os brutos.

Essa informação é coincidente com duas outras, firmadas por autores diferentes. Na obra *Libertação*, publicada em 1949, André Luiz também se referiu ao tema. No cap. VI dessa obra, Gúbio disse e André registrou que a determinadas horas da noite, três quartos da população da Crosta se acham nas zonas de contato com os Espíritos e a maior percentagem permanecia detida em círculos de baixas vibrações, como aquele em que ambos estavam, uma região que o autor classifica como trevosa. "Por aqui – disse Gúbio – muitas vezes se forjam dolorosos dramas que se desenrolam nos campos da carne. Grandes crimes têm nestes sítios as respectivas nascentes e, não fosse o trabalho ativo e constante dos Espíritos protetores que se desvelam pelos homens no labor sacrificial da caridade oculta e da educação perseverante, sob a égide do Cristo, acontecimentos mais trágicos estarreceriam as criaturas."

Em 1948, ano em que escreveu o livro *Voltei*, obra psicografada por Chico Xavier, disse Frederico Figner (verdadeiro nome de Irmão Jacob, autor do livro) que dos dois bilhões de encarnados que viviam então no planeta mais da metade era constituída por Espíritos semicivilizados ou bárbaros e que as pessoas aptas à espiritualidade superior não passavam de 30% da população global, distribuída pelos diferentes continentes.

Verifica-se, pois, à vista das informações acima, que nosso planeta é um mundo ainda muito atrasado e distante da perfeição, o que explica as guerras constantes, os conflitos étnicos, a violência, a corrupção, o racismo e todo tipo de preconceito que deparamos na sociedade contemporânea, tanto nos países ricos como nos países pobres.

Esperamos que estas explicações satisfaçam à expectativa do leitor que nos deu escreveu.

25/02/2018

Edição 556

A leitora Maria da Penha, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos:

Que é fluido vital? Fluido vital é diferente de princípio vital?

João Teixeira de Paula, em seu respeitado *Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo*, Vol. I, pág. 150, assim conceitua Fluido Vital:

Princípio orgânico, que produz os fenômenos da vida material. É o mesmo que fluido elétrico animalizado, fluido magnético, fluido nervoso, força nêurica radiante, força vital, princípio vital.

Em seguida, no Vol. III, pág. 75, do seu *Dicionário*, ele consigna a informação de que Princípio Vital é o mesmo que Fluido Vital.

A informação acima tem por fundamento as obras de Kardec, que utilizou ambos os termos com a mesma significação, ora utilizando o termo Fluido Vital, ora utilizando o termo Princípio Vital, para tratar do mesmo tema.

Eis, extraídas da obra kardequiana, algumas informações pertinentes ao assunto:

"Princípio vital: o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso etc." (*O Livro dos Espíritos*, Introdução)

Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? "A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu." (Obra citada, questão n. 70)

"O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se." (Obra citada, questão n. 70)

De que natureza é o agente que se chama fluido magnético? "Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal." (*O Livro dos Espíritos*, questão n. 427)

"Esse fluido [*refere-se ao fluido universal*] penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à

vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama.” (A Gênese, cap. VI, item 18)

“Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pôde ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas.” (A Gênese, cap. X, item 16)

Esperamos que as informações acima satisfaçam à expectativa da leitora e de todos os que se interessam pelo assunto.

4/03/2018

Edição 557

O leitor Felipe Corrêa Trindade, em mensagem publicada nesta mesma edição, enviou-nos a seguinte questão:

Li um artigo publicado em um periódico espírita sobre o tema: limbo, inferno e purgatório. Gostaria de ter mais informações sobre o limbo, o que significa essa palavra, qual o seu significado teológico e como o Espiritismo vê essa questão.

Originária do latim, a palavra limbo – limbu, 'orla' – tem vários significados, mas, no âmbito da religião, é o nome que se dava ao lugar onde, segundo a teologia católica, se encontrariam as almas das crianças que, embora não tivessem alguma culpa pessoal, morreram sem o batismo que as livrasse do pecado original.

Considerado um espaço circunscrito fora das cercanias do Céu, o limbo foi idealizado pelos religiosos da época com a finalidade de abrigar crianças que não haviam sido batizadas e também os que haviam morrido antes do advento da chegada do Cristo.

Essa ideia foi incorporada aos ensinamentos católicos como sendo um local destituído de sofrimento, uma vez que as crianças nada fizeram para merecer o castigo, mas também não seria um paraíso, em face da ausência do batismo, um dos sete sacramentos adotados pela Igreja.

Allan Kardec tratou do assunto em seu livro *O Céu e o Inferno*, em que lemos:

“É verdade que a Igreja admite uma posição especial em casos particulares. As crianças falecidas em tenra idade, sem fazer mal algum, não podem ser condenadas ao fogo eterno. Mas, também, não tendo feito bem, não lhes assiste direito à felicidade suprema. Ficam nos limbos, diz-nos a Igreja, nessa situação jamais definida, na qual, se não sofrem, também não gozam da bem-aventurança. Esta, sendo tal sorte irrevogavelmente fixada, fica-lhes defesa para sempre. Tal privação importa, assim, um suplício eterno e tanto mais imerecido, quanto é certo não ter dependido dessas almas que as coisas assim sucedessem. O mesmo se dá quanto ao selvagem que, não tendo

recebido a graça do batismo e as luzes da religião, peca por ignorância, entregue aos instintos naturais. Certo, este não tem a responsabilidade e o mérito cabíveis ao que procede com conhecimento de causa." (*O Céu e o Inferno*, Primeira Parte, cap. IV, itens 7 e 8.)

O entendimento da Igreja Católica sofreu, no entanto, radical mudança em abril de 2007, quando foi publicado o documento "A esperança de salvação para bebês que morrem sem serem batizados", no qual a Comissão Teológica Internacional da Igreja Católica considerou inadequado o conceito de limbo.

O texto aprovado pelo Vaticano "diz que a graça tem preferência sobre o pecado, e a exclusão de bebês inocentes do céu não parecia refletir o amor especial que Cristo tinha pelas crianças". O documento considera que o conceito de limbo refletia uma "visão excessivamente restritiva da salvação".

Segundo seus autores, "Deus é piedoso e quer que todos os seres humanos sejam salvos". E aduziram: "Nossa conclusão é que os vários fatores que analisamos fornecem uma base teológica e litúrgica séria para esperar que os bebês não batizados que morrerem sejam salvos".

Em face deste novo entendimento da Igreja, os bebês que morrem sem batismo são considerados inocentes e sua destinação, portanto, passa a ser o céu, verificando-se o mesmo com os chamados infiéis, ou não batizados, desde que tenham levado uma vida justa.

Quanto ao entendimento espírita acerca do limbo e sua finalidade, tal como fora ensinado antes de 2007, Kardec é objetivo e muito claro:

"A simples lógica repele uma tal doutrina em nome da justiça de Deus, que se contém integralmente nestas palavras do Cristo: 'A cada um, segundo as suas obras'. Obras, sim, boas ou más, porém praticadas voluntária e livremente, únicas que comportam responsabilidade. Neste caso não podem estar a criança, o selvagem e tampouco aquele que não foi esclarecido." (*O Céu e o Inferno*, Primeira Parte, cap. IV, itens 7 e 8.)

11/03/2018

Edição 558

O leitor Carlos Augusto Benedetti enviou à revista a mensagem abaixo:

Li num site espírita um artigo que se refere, de modo superficial, a um texto em que o autor, cujo nome não foi mencionado, diz que o futuro da humanidade se resumiria a cinco alternativas, nada mais do que isso. Quais são essas alternativas? Onde posso encontrar algo sobre o assunto?

O autor, cujo nome não foi mencionado pelo leitor, é Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, que tratou do assunto em um texto intitulado **As cinco alternativas da humanidade**, que integra a Primeira Parte do livro *Obras Póstumas*, publicado anos depois do seu falecimento.

Nas palavras abaixo, apresentamos uma síntese do pensamento emitido pelo codificador do Espiritismo.

As opiniões sobre o futuro do homem, após encerrada a existência corpórea, resumem-se a cinco alternativas principais. Certamente pode haver outras, mas cinco apresentam-se como as mais relevantes – as que resultam das doutrinas do *materialismo*, do *panteísmo*, do *deísmo*, do *dogmatismo* e do *Espiritismo*.

De acordo com a doutrina *materialista*, a inteligência do homem é uma propriedade da matéria; ela nasce e morre com o organismo. O homem não é nada antes nem depois da vida corpórea.

Segundo a corrente de pensamento dominante no *panteísmo*, o princípio inteligente ou alma, independente da matéria, é haurido no nascimento do todo universal; individualiza-se em cada ser durante a vida e, com a morte, retorna à massa comum, como as gotas de chuva no oceano.

O *deísmo* compreende duas categorias bem distintas de crenças: os *deístas independentes* e os *deístas providenciais*. Os *deístas independentes* creem em Deus; admitem todos os seus atributos como criador. Deus, dizem eles, estabeleceu as leis gerais que regem o Universo, mas essas leis, uma vez criadas, funcionam sozinhas e seu autor não se ocupa mais de nada. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que com isso se inquietem. Não existe a Providência; não se ocupando Deus conosco, nada há a agradecer-lhe nem a pedir-lhe.

Os *deístas providenciais* creem não só na existência e no poder criador de Deus na origem das coisas; creem também em sua intervenção incessante na criação e a pedem, mas não admitem o culto exterior e o dogmatismo atual.

De conformidade com as doutrinas *dogmáticas* – entre as quais se insere o Catolicismo – a alma, independente da matéria, é criada no nascimento de cada ser; sobrevive e conserva a sua individualidade depois da morte, mas sua sorte está, desde esse momento, irrevogavelmente fixada; os seus progressos ulteriores são nulos; ela será, conseqüentemente, por toda a eternidade, intelectual e moralmente, o que era durante a vida.

Sendo os maus condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno, disso ressalta, para eles, a inutilidade completa do arrependimento. Deus parece, assim, recusar-se a lhes deixar a oportunidade de reparar o mal que fizeram.

Segundo o *Espiritismo*, o princípio inteligente é independente da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. É o mesmo o ponto de partida para todas as almas, sem exceção nenhuma; todas são criadas simples e ignorantes, e são submetidas ao progresso indefinido. Nenhuma criatura é privilegiada ou favorecida, mais do que as outras; os anjos são seres chegados à perfeição depois de terem passado, como as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas, ou Espíritos, progredem mais ou menos rapidamente em virtude de seu livre-arbítrio, pelo seu trabalho e sua boa vontade. A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, durante a qual ele reveste, momentaneamente, um envoltório material de que se despoja na morte. O Espírito progride no estado corpóreo e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito até que ele atinja um certo grau de perfeição; nele se desenvolve pelo trabalho a que está sujeito pelas suas próprias necessidades, e adquire conhecimentos práticos especiais. Sendo uma única existência corpórea insuficiente para fazê-lo adquirir todas as perfeições, retoma um corpo tão

frequentemente quanto isso lhe seja necessário e, a cada vez, a ele chega com o progresso que alcançou em suas existências anteriores e na vida espiritual.

Esperamos que estas explicações satisfaçam à expectativa da pessoa que nos escreveu e dos nossos leitores em geral.

18/03/2018

Edição 559

A leitora Tania Mara Costa Chiferi, em mensagem enviada a esta revista, publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos:

Qual a diferença entre Radiação e Irradiação (fluídica)? Por favor, dê alguns exemplos.

Acerca dos termos citados, colhemos nas obras espíritas as definições seguintes:

Radiação [do latim *radiatione*]: Ato ou efeito de radiar. Qualquer dos processos físicos de emissão e propagação de energia.

Radiar [do latim *radiare*]: Emitir ondas e energia calorífica, luminosa ou, de modo geral, eletromagnética. Transmitir ondas mentais ou fluidos terapêuticos a um paciente distante. Fazer brilhar, irradiar.

Irradiação [do latim *irradiare*]: Transmissão de fluidos espirituais a distância ou passe a distância.

É de notar, desde logo, que os termos radiação e irradiação têm significados semelhantes e é, certamente, por isso que os autores espíritas os utilizam, ora um, ora outro, para referir-se ao mesmo fato. Ligeira consulta às diferentes obras confirma o que dizemos.

Em *Obras Póstumas*, Allan Kardec ensina que "cada ser tem seu fluido próprio que o envolve, como a atmosfera envolve cada planeta". A atmosfera fluídica do ser humano é plasmada por seus atos, pensamentos e sentimentos.

Os fluidos são formas energéticas da substância elementar que o organismo perispiritual absorve do meio ambiente, transforma segundo o padrão vibratório em que se encontra e irradia em derredor de si. Neutros em si mesmos, os fluidos adquirem as qualidades do meio em que são elaborados, do mesmo modo que a água se modifica conforme o leito onde caminhe.

Assim, do ponto de vista moral, os fluidos trazem a impressão dos sentimentos de ódio, inveja, ciúme, orgulho, egoísmo, violência, bondade, benevolência, doçura etc. Do ponto de vista físico, os fluidos são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores etc.

Os fluidos serão mais harmônicos, agradáveis, luminosos e saudáveis, quanto mais elevados são os pensamentos e os sentimentos da pessoa que os emite. O fluido bom possui vibração elevada e pura que reconforta, estimula e cura as perturbações físicas e morais. Já os fluidos pesados, mórbidos e desagradáveis, que são irradiados por Espíritos inferiores, maléficos ou enfermos, causam distúrbios e doenças.

Ensina Léon Denis, em sua obra *O Além e a Sobrevivência do Ser*, que todos os corpos vibram, todos se mantêm num perpétuo estado de radiação; apenas a do rádio é mais forte do que as outras. Quanto ao ser humano, existe nele um foco de energia, donde constantemente emanam eflúvios magnéticos e forças que se ativam, que se estendem sob a influência da vontade, chegando a impressionar placas fotográficas.

Conforme os ensinamentos espíritas, as radiações são um poderoso agente de tratamento, tanto material como espiritual. São tão eficientes como qualquer tratamento feito na presença do indivíduo, como ocorre nos passes magnéticos. A distância não representa impedimento algum. As radiações significam passes a distância. Tanto num caso como no outro, a ação da mente, a força do pensamento, o impulso amoroso e a vibração fraterna constituem a mola propulsora do fenômeno.

Eis dois exemplos que mostram de forma bastante clara o efeito da irradiação fluídica sobre as pessoas:

1º – Vamos a um encontro com amigos nossos para realizarmos o chamado culto do Evangelho no lar. É lida uma página do Novo Testamento, a qual é, a seguir, comentada por alguns dos presentes. No final, oramos por alguém do grupo que se encontra enfermo. Finda a reunião, saímos dali edificadas.

2º – Participamos de mais uma reunião convocada pelo síndico do prédio onde moramos. Discussões acaloradas ocorrem. Dois condôminos, por não concordarem com determinada deliberação, discutem asperamente e quase chegam a vias de fato. Findo o encontro, saímos dali desarmonizados e alguns até bastante irritados.

No cap. XIV do livro *A Gênese*, de Allan Kardec, encontramos a explicação dos fatos descritos, que as pessoas sabem que ocorrem mas geralmente não compreendem.

Uma reunião de pessoas é um foco de irradiação de pensamentos diversos, em que cada indivíduo emite eflúvios fluídicos próprios. Resulta disso uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Ora, do mesmo modo que há radiações sonoras, harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, agradável será a impressão; se for discordante, a impressão poderá ser penosa. Para isso, não é preciso que o pensamento se exteriorize por palavras. Quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Essa é, em síntese, a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos. Envolve-a uma atmosfera moral muito agradável e salutar, onde se respira à vontade, e saímos dali reconfortados, porque impregnados de eflúvios fluídicos salutares. Basta, contudo, que se lhe misturem alguns pensamentos maus, para produzir-se o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido, ou o de uma nota desafinada na apresentação de uma orquestra.

É isso que explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, na qual pensamentos malévolos provocam correntes de fluido de igual natureza.

Esperamos que as explicações acima satisfaçam à expectativa de nossa leitora.

25/03/2018

Edição 560

A leitora Maria Lúcia N. Tavares, em mensagem enviada à revista, indaga-nos:

Qual é, na verdade, a posição de Allan Kardec com relação aos ensinamentos espíritas face ao avanço da ciência? Se a doutrina dos espíritos ficar estagnada no que foi estabelecido em meados do século 19, existe algum perigo de se ver ridicularizada ou paralisada no tempo, como acontece com determinadas igrejas que parecem agir na contramão do progresso científico?

São duas as proposições apresentadas pela leitora.

Quanto à posição de Kardec com relação ao avanço científico, eis o que ele escreveu:

“O Espiritismo (...) não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” (A Gênese, cap. I, item 55.)

O entendimento acima foi reiterado pelo codificador da doutrina espírita em outro momento da mesma obra, quando, linhas adiante, afirmou que as religiões, e não apenas a doutrina espírita, devem caminhar lado a lado com a Ciência.

Em um texto que ele inseriu no cap. IV, Kardec lembra que as religiões jamais ganharam coisa alguma em sustentar erros manifestos.

O raciocínio é muito simples. A missão da Ciência é descobrir as leis da Natureza. Ora, sendo essas leis obra de Deus, não podem ser contrárias às religiões que se baseiem na verdade. Dessa forma, lançar anátema ao progresso, por atentatório à religião, é lançá-lo à própria obra de Deus.

Trata-se, aliás, de um trabalho inútil porque nem todos os anátemas do mundo são capazes de obstar a que a Ciência avance e a verdade abra caminho. Se a Religião se nega a avançar com a Ciência, esta avançará sozinha.

Somente as religiões estacionárias podem, pois, temer as descobertas da Ciência, as quais só são funestas àquelas que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Agindo assim, demonstram fazer mesquinha ideia da Divindade, visto que não compreendem

que assimilar as leis da Natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. (Cf. *A Gênese*, cap. IV, itens 9 e 10.)

Quanto à segunda proposição, entendemos que é um exagero dizer que o Espiritismo possa ser um dia ridicularizado pela Ciência, uma vez que seus fundamentos, ao contrário, têm sido fortalecidos e não enfraquecidos com o passar dos anos.

Imortalidade da alma, pluralidade das existências, comunicação com os mortos, existência de vida em outros mundos – são princípios fundamentais do Espiritismo que ganham a cada dia novos adeptos, pela força dos fenômenos e pelo avanço do conhecimento científico. As pesquisas conduzidas seriamente, os filmes, as novelas, as séries de TV, livros de autores encarnados e desencarnados, tanto quanto os congressos na área médico-espírita, provam isso.

Não podemos ignorar que a Doutrina Espírita foi codificada há mais de 160 anos em uma época em que nem luz elétrica havia. Surgiram depois disso a eletrônica, a teoria da relatividade, a física quântica, o avião, as viagens espaciais, a TV, o cinema, o rádio, o computador, a internet... Nada, porém, foi capaz de balançar um só dos fundamentos espíritas, contrariamente ao que ocorre com as chamadas religiões dogmáticas, que têm dificuldade em conciliar seus dogmas com o avanço vertiginoso do conhecimento científico e tecnológico.

1º/4/2018

Edição 561

O leitor Roberto T., em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, enviou à revista o seguinte questionamento:

O livre-arbítrio de uma pessoa pode interferir no livre-arbítrio de outra? Por exemplo: pode uma pessoa, que deveria viver até os 80 anos, morrer em virtude de um atropelamento causado por um estado de embriaguez de outra pessoa que, nesse caso, fez mau uso de sua liberdade de ação? Ou então, se era "destino" da primeira pessoa desencarnar naquele momento, então o infrator nada mais seria que um "instrumento divino" para se cumprir tal episódio, não devendo ser imputado a ele nenhuma culpa ou responsabilidade?

O livre-arbítrio é apanágio da criatura humana.

Trata-se da faculdade que tem o indivíduo de determinar sua própria conduta, ou seja, a liberdade que tem de, entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.

Excetuado o caso de alienação mental, nada nos coage nos momentos de decisões próprias, daí ser correto afirmar que somos responsáveis pelos nossos atos e construtores do nosso destino.

Respondendo assim à pergunta inicial, podemos dizer, com base nos ensinamentos espíritas, que uma pessoa pode prejudicar, magoar, ferir e até matar outra pessoa, mas não pode interferir no seu livre-arbítrio, visto que esse atributo é conquista inalienável do ser humano.

A criatura humana exercita o livre-arbítrio a todo momento, seja quando cede a uma tentação, seja quando a ela resiste. Há, no entanto, um instante em nossa vida que o exercício do livre-arbítrio se verifica de forma mais completa. Esse momento é o que precede a reencarnação, quando se elabora a programação reencarnatória daquele que prepara sua volta ao plano corpóreo.

Escolhendo tal família, certo meio social, a pessoa sabe de antemão quais são as provações que a aguardam e compreende, igualmente, a necessidade dessas provações para desenvolver suas qualidades, curar seus defeitos, despir-se de seus preconceitos e vícios. Essas provações podem, evidentemente, ser consequência de um passado nefasto, que é preciso reparar, e ela as aceita com resignação e confiança.

Aprendemos com a doutrina espírita que é estreita a correlação entre livre-arbítrio e responsabilidade. Se agirmos mal, deveremos arcar com as consequências. Se agimos bem, os louros da vitória nos pertencem.

Quem provoca de forma irresponsável um acidente que leva alguém à morte ou à invalidez, deverá responder por isso perante a Lei divina, mesmo quando o momento da morte naquelas circunstâncias fizer parte da programação da pessoa vitimada.

É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais que um autômato, um brinquedo das forças ambientes.

O questionamento feito pelo leitor fere também, indiretamente, duas questões importantes já examinadas nesta revista: o acaso e as mortes causadas por terceiros.

Sobre ambos os assuntos sugerimos ao leitor que acesse a seção **○ Espiritismo responde** das edições abaixo mencionadas:

edição 103 – sobre o acaso: <https://goo.gl/76ePgE>

edição 511 – sobre mortes acidentais: <https://goo.gl/XVjFrB>

8/4/2018

Edição 562

A leitora Celia Regina de Almeida Pinheiro, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, escreveu-nos o seguinte:

Boa tarde. Primeiramente meus parabéns pela revista; sou leitora assídua. Gostaria de saber, à luz da Doutrina Espírita, qual o parecer a respeito de tantas mortes em nosso País, especialmente no Rio de Janeiro. Situação de guerra a meu ver.

Faz tempo que as perguntas mais frequentes que nos chegam dizem respeito à questão da violência, que não é *privilégio* apenas do Rio de Janeiro.

Afinal (perguntam-nos sempre), por que a violência é algo ainda tão marcante em nosso mundo?

Em um ligeiro retrospecto, certamente poucos ignoram que ela e seus subprodutos – guerras, sequestros, assassinios, latrocínios, execuções – estiveram presentes em todas as épocas da Humanidade. A Bíblia disso nos dá conta revelando até mesmo os conflitos em que Moisés teria tomado parte, fato

que se repetiria com o rei Saul e até com Davi, autor da maioria dos salmos que se eternizaram nas páginas do Antigo Testamento.

As guerras que fizeram expandir o Império Romano; as Cruzadas, de triste memória; a Inquisição; as guerras napoleônicas; o longo período da escravidão em inúmeros países, algo que somente cessou na segunda metade do século 19; os inúmeros conflitos entre países europeus; as guerras mundiais de 1914 e 1939; a guerra da Coreia; a guerra do Vietnã; os conflitos entre árabes e judeus – eis uma reduzida lista que é suficiente para mostrar que o estado de beligerância, violência e criminalidade não é um fenômeno moderno e tem, portanto, raízes muito mais profundas do que à primeira vista imaginamos.

Algum tempo atrás, respondendo a outra leitora que nos consultou exatamente sobre a questão da violência, foi-lhe dito que, segundo pensamos, a violência que reina na sociedade terrena contra as pessoas em geral, sejam crianças, jovens ou adultos, decorre da condição geral de atraso que caracteriza o mundo em que vivemos.

A Terra é, como sabemos, um planeta muito jovem e, devido a isso, não passou ainda do segundo nível da escala evolutiva aplicável aos planetas, pois nada mais é do que um singelo mundo de provas e expiações. Abaixo dela, somente estão os chamados mundos primitivos, em que as almas iniciam sua romagem evolutiva em busca da perfeição.

Para entender o nível evolutivo dos Espíritos que vivem em nosso mundo, vejamos o que Santo Agostinho (Espírito) escreveu no ano de 1862:

“(...) nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos os Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais hão podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já estiveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É porque há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III, item 14.)

Cerca de 85 anos depois da mensagem acima, a situação do planeta pouco mudou, como podemos conferir à vista da informação abaixo transcrita,

constante do livro *Voltei*, de Irmão Jacob, obra psicografada em 1947 pelo médium Francisco Cândido Xavier:

“Vivendo encarnados no Planeta quase dois bilhões de individualidades humanas, esclareceu o benfeitor que mais de um bilhão é constituído por Espíritos semicivilizados ou bárbaros e que as pessoas aptas à espiritualidade superior não passam de seiscentos milhões, divididas pelas várias famílias continentais. Torna-se fácil, portanto, avaliar a extensão do serviço regenerativo além do túmulo, considerando-se que homem algum se transforma instantaneamente.” (*Voltei*, de Irmão Jacob.)

Em face das informações acima, é fácil compreender por que o nosso planeta continua a ser, e o será por longo tempo, um mundo de provas e expiações, constituindo a violência e a criminalidade tão somente reflexos dessa condição e do estágio evolutivo em que nós, os terráqueos, ainda nos encontramos.

Sobre os temas violência, crime e delinquência, sugerimos à leitora que leia os textos abaixo indicados, todos publicados nesta revista, que é possível acessar clicando nos respectivos links:

- [editorial 73](#)
- [editorial 83](#)
- [editorial 188](#)
- [editorial 210](#)
- [artigo de José Lucas](#)

15/4/2018

Edição 563

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, a leitora Neuza Aparecida Alves Bedaque (Guaratinguetá, SP) escreveu-nos o seguinte:

Por favor, preciso de um esclarecimento: um espírito em processo reencarnatório, no 4º mês de gestação, pode manifestar-se em uma reunião mediúnica, pela psicografia, para dizer de sua alegria de estar voltando e dando a sua preferência pelo nome que lhe será dado? Despede-se dizendo que vai voltar para a barriga da mãe. Eu acredito, pelo que tenho estudado, que não é possível. Por favor, esclareçam-me.

A situação do espírito do bebê, durante a gestação, já foi examinada nesta revista em mais de uma ocasião, a primeira vez na edição 24, em que dissemos, com base nos ensinamentos espíritas, que no período que se estende da concepção ao nascimento o estado do encarnante assemelha-se ao do Espírito encarnado durante o sono. Durante essa fase, os Espíritos mais evoluídos

gozam de maior liberdade, mas desde o momento da concepção o Espírito sente as consequências de sua nova condição e começa a sentir-se perturbado. Uma espécie de torpor, agonia e abatimento o envolve gradualmente, intensificando-se até o término da vida intrauterina. Suas faculdades vão-se velando uma após outra, a memória desaparece, a consciência fica adormecida, e o Espírito como que é sepultado numa espécie de crisálida. Esse fenômeno se deve à constrição do perispírito e à sua limitação pelo corpo, que fazem com que a existência no Plano Espiritual e a consciência das vidas pregressas retornem ao inconsciente.

No livro *Missionários da Luz*, cap. 14, pp. 242 a 249, André Luiz traz informações interessantes relacionadas com a reencarnação de Segismundo. Conforme ali é dito, depois do vigésimo dia de gestação, quando o embrião atinge a configuração básica, Raquel e Segismundo – mãe e filho – poderiam ser visitados a qualquer hora, porque então conseguiriam ausentar-se do corpo com facilidade. Na noite do vigésimo dia, a visitação passou a ser permitida e não foram poucos os amigos espirituais que aguardavam esse momento. Raquel sentia-se agora aliviada e quase ditosa, o mesmo ocorrendo com Segismundo, que fios tenuíssimos prendiam à organização fetal. À medida que Raquel se afastava, Segismundo também podia afastar-se, não lhe sendo possível abandonar a companhia maternal. Raquel asilava-o, então, nos seus braços carinhosos, enquanto sorria fora do campo material mais denso.

Em tal período, não vemos por que o espírito do reencarnante não possa transmitir diretamente, ou por intermédio de um amigo espiritual, uma mensagem aos encarnados.

Haverá, no entanto, um determinado momento em que isso não mais lhe será possível, em face da informação, acima mencionada, de que uma espécie de torpor, agonia e abatimento o envolve gradualmente durante a gestação, “intensificando-se até o término da vida intrauterina”.

Certamente esse é o motivo pelo qual, ao tratar do assunto no cap. XXV d’ *O Livro dos Médiuns*, sobre as evocações, Allan Kardec consignou a seguinte informação dada por um amigo espiritual:

51ª Pode evocar-se um Espírito cujo corpo ainda se ache no seio materno? "Não; bem sabes que nesse momento o Espírito está em completa perturbação."

NOTA. A encarnação não se torna definitiva senão no momento em que a criança respira; porém, desde a concepção do corpo, o Espírito designado para animá-lo é presa de uma perturbação que aumenta à medida que o nascimento se aproxima e lhe tira a consciência de si mesmo e, por conseguinte, a faculdade de responder. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV, item 282.)

22/4/2018

Edição 564

A leitora Lia Calinsque, em mensagem publicada na seção de Cartas, enviou-nos as seguintes questões:

Estou estudando o Passe Magnético e tenho duas dúvidas: 1 – Pode-se dar o Passe Mediunizado? Sim ou não e por quê? 2 - Dar conselhos antes, durante ou depois dos Passes? Sim ou Não e por quê?

Conforme aprendemos com os autores espíritas especializados na matéria, não existem motivos para que o médium passista esteja mediunizado quando ministra o passe. Em tal momento deve ele estar lúcido e consciente da tarefa que realiza. Dar conselhos no momento do passe, seja antes, durante ou depois, também não é atitude recomendável, visto que existem outros momentos para isso; um deles, por exemplo, é o chamado atendimento fraterno.

O motivo da resposta que ora é dada baseia-se nas explicações seguintes.

Lê-se em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV, item 176:

2ª [...] o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

"É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

3ª Há, entretanto, bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?

"Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus."

4ª Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

"Faria coisas que consideraríeis milagre."

Em outro livro – *A Gênese*, cap. XIV – Allan Kardec ensina que a ação magnética pode revestir três formas: 1 - inteiramente humana (magnetismo humano); 2 - inteiramente espiritual (magnetismo espiritual); 3 - humano-espiritual (magnetismo misto), em que, combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece.

Notemos que em nenhuma das obras citadas está dito que o médium necessita entrar em transe, isto é, ficar mediunizado. O auxílio magnético se faz sem necessidade da chamada incorporação mediúnica, como, aliás, é bem explicitado pelo instrutor Conrado na seguinte fala em que ele se dirige a André Luiz:

"Somos aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à singela tomada elétrica, dando passagem à força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz." (*Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 17, p. 164, obra psicografada por Chico Xavier.)

O fenômeno foi assim descrito por André Luiz:

"Os passistas pareciam duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça, ao contato do irmão Conrado e de seus colaboradores." (Obra citada, p. 165.)

Observa-se, pois, que no processo do passe o médium passista recebe fluidos que lhe são transmitidos pelo Espírito que o auxilia e, ato contínuo, os irradia, junto com seu próprio fluido, ao paciente.

Além das referências acima, é bom lembrar as explicações que sobre o assunto o médium e orador Divaldo Franco nos oferece na questão 69 do livro *Diretrizes de Segurança*:

"O passe que nós aplicamos, nos Centros Espíritas, decorre da sintonia com os Espíritos Superiores, o que convém considerar sintonia mental, não uma vinculação para a incorporação.

O passe deve ser sempre dado em estado de lucidez e absoluta tranquilidade, no qual o passista se encontre com saúde e com perfeito tirocínio, a fim de que possa atuar na condição de agente, não como paciente. Então, acreditamos que os passes praticados sob a ação de uma incorporação propiciam resultados menos valiosos, porque, enquanto o médium está em transe, ele sofre um desgaste. Aplicando passe, ele sofre outro desgaste, então experimenta uma despesa dupla.

Os espíritos, para ajudarem, principalmente no socorro pelo passe, não necessitam, compulsoriamente, de retirar o fluido do médium, nele incorporando. Podem manipular, extrair energia, sem o desgastar, não sendo, pois, necessário o transe." (Diretrizes de Segurança, questão 69.)

Quanto a falar, a dizer alguma coisa, a dar alguma orientação aos que recebem o passe, eis procedimentos que não se coadunam com a tarefa. O passe deve ser ministrado em silêncio, sem comentário de nenhuma espécie. O atendimento fraterno e as orientações prestadas aos pacientes devem ser dados em outra oportunidade e não no momento do passe.

29/4/2018

Edição 565

A leitora Fernanda de Carvalho Rodrigues, em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, enviou-nos a seguinte questão:

Sempre ouvimos que as reuniões mediúnicas devem ser privativas e nunca abertas ao público. Esse entendimento ainda prevalece nos centros espíritas?

Já nos manifestamos nesta revista em mais de uma oportunidade. Conforme entendimento comum esposado por autores diversos que trataram do assunto, podemos afirmar que nada mudou com relação à proposta de que as reuniões mediúnicas devam ser privativas e jamais abertas ao público.

As razões disso são de fácil compreensão.

Uma reunião mediúnica não é local para satisfação da curiosidade nem lugar para recreação. O padrão vibratório de uma reunião dessa natureza requer equilíbrio, preparo e seriedade de todos que ali se reúnem.

Uma reunião mediúnica, especialmente quando seu objetivo é o esclarecimento das entidades desencarnadas, assemelha-se muito a uma enfermaria, com recursos trazidos da Espiritualidade para tratamento das criaturas conturbadas e infelizes que ali comparecem. Não se compreende, portanto, que a sessão seja aberta a curiosos, advertência que Cairbar Schutel, Carlos Imbassahy e Spártaco Banal fizeram em obras publicadas antes do surgimento de André Luiz no cenário editorial brasileiro. Allan Kardec, aliás, já havia tratado da questão quando respondeu aos que lhe propunham abrir ao público as sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Não seria, pois, diferente a opinião de Divaldo Franco acerca do tema. "Nunca é demais recomendar - diz o ilustre médium e tribuno baiano - que as sessões mediúnicas sejam de caráter privado."

Confirmando as advertências de todos eles, André Luiz observa: "Coloquemo-nos no lugar dos desencarnados em desequilíbrio e entenderemos, de pronto, a inoportunidade da presença de qualquer pessoa estranha a obra assistencial dessa natureza".

Diz ainda André Luiz, no cap. 21 de seu livro *Desobsessão*: "O serviço de desobsessão não é um departamento de trabalho para cortesias sociais que, embora respeitáveis, não se compadecem com a enfermagem espiritual a ser desenvolvida, a benefício de irmãos desencarnados que amargas dificuldades atormentam. Ainda assim, há casos em que companheiros da construção espírita-cristã, quando solicitem permissão para isso, podem ter acesso ao serviço, em caráter de observação construtiva; entretanto, é forçoso preservar o cuidado de não acolhê-los em grande número para que o clima vibratório da reunião não venha a sofrer mudanças inoportunas. Essas visitas, no entanto, devem ser recebidas apenas de raro em raro, e em circunstâncias realmente aceitáveis no plano dos trabalhos de desobsessão, principalmente quando objetivem a fundação de atividades congêneres. E antes da admissão necessária é imperioso que os mentores espirituais do grupo sejam previamente consultados, por respeito justo às responsabilidades que abraçam, em favor da equipe, muito embora saibamos que a orientação das atividades espíritas vigora na própria Doutrina Espírita e não no arbítrio dos amigos desencarnados, mesmo aqueles que testemunhem elevada condição."

Esperamos que as explicações acima atendam à expectativa da leitora.

6/5/2018

Edição 566

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, a leitora Carmen Lorenzo escreveu-nos:

A cromoterapia é utilizada em alguns centros espíritas, mas na maioria deles não. Alega-se que as uniões regionais espíritas e as próprias federações espíritas não a recomendam. Há algum motivo para isso?

Há, sim, motivo para essa restrição.

A cromoterapia é uma terapia baseada na utilização das cores e vem sendo utilizada pelo homem há muitos séculos. Não há dúvida de que as pessoas podem obter, e certamente obtêm, resultados excelentes com essa técnica,

mas não se trata de uma técnica espírita, pois sabemos que a única técnica sugerida nas obras de Kardec e nas obras subsidiárias da Doutrina Espírita, presente nas atividades espíritas desde o seu advento, é a fluidoterapia, em suas diferentes modalidades: o passe, a radiação, a cura espiritual, a água magnetizada.

Cromoterapia, florais de Bach, cristalterapia, pirâmides e outras técnicas alternativas, ainda que não se coloque em dúvida sua eficácia, não devem ser incorporadas à prática dos centros espíritas, porque falta para isso fundamentação doutrinária, motivo pelo qual diversas federativas estaduais, a exemplo da Federação Espírita do Paraná, não as recomendam aos centros filiados.

Como sabemos, além de estranhas à obra kardequiana, são estranhas também a Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângelis, José Herculano Pires e demais autores que se têm manifestado sobre os processos terapêuticos próprios do Espiritismo, o que não significa que essas terapias não tenham validade. Significa apenas que, não sendo técnicas espíritas, não há por que adotá-las nos Centros Espíritas que buscam orientar-se pela doutrina exposta na obra de Kardec, Denis, Delanne e demais autores de idêntica credibilidade.

13/5/2018

Edição 567

O leitor Lúcio Goldsmith Scher, em mensagem enviada a esta revista, publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos:

É verdade que bem antes da publicação das obras de André Luiz, psicografadas por Chico Xavier, o meio espírita já tinha conhecimento acerca das colônias e cidades espirituais? Que livro publicado no Brasil tratou desse tema, antes de André Luiz?

Sim, é verdade.

As notícias relativas às cidades espirituais são bem anteriores à obra de André Luiz, como o leitor pode ver consultando o livro *A Vida no Outro Mundo*, de Cairbar Schutel, publicado originalmente em outubro de 1932.

Nesse livro Cairbar menciona vários autores que já haviam tratado do tema antes dele e até antes do advento do Espiritismo, como provam as obras de autoria do vidente sueco Emmanuel Swedenborg.

Eis algumas das informações constantes do livro escrito por Cairbar Schutel:

Os diversos planos do Mundo Espiritual – Há no Outro Mundo diversos planos de existência, e não poderia ser de outro modo, porque os Espíritos, revestidos de seu corpo espiritual, não podem viver num meio que não esteja de acordo com sua vestimenta espiritual, que vibra sempre ao ritmo da elevação de cada um, em sabedoria e moralidade. Uma região isenta de oxigênio seria hostil a Espíritos ainda necessitados de oxigênio. Os círculos que envolvem a Terra se diferenciam pela fluidez da matéria que os compõe. (*A Vida no Outro Mundo*, pp. 82, 83, 85 e 107.)

Semelhanças entre o nosso plano e o plano espiritual – O primeiro plano do Mundo Espiritual é bem parecido com o plano terráqueo. Pode-se dizer que o

nosso plano aqui na Terra é uma cópia materializada desse plano, o que explica a existência ali de habitações semelhantes às nossas. (Obra citada, pp. 87 a 89.)

Obras e estudiosos que tratam do assunto – Mais de um livro ou autor fala sobre a existência de cidades, casas, hospitais, templos e palácios no Outro Mundo. Conan Doyle menciona em seu livro “História do Espiritismo” vários casos, a exemplo de sir Oliver Lodge, Carl du Prel, Swedenborg, Winifred Moyes e Lilian Walbrook. (Obra citada, pp. 54, 56, 57, 78, 92, 95, 96, 97, 102 e 103.)

Alimentação no plano espiritual – Nas mensagens transcritas por Conan Doyle, além da referência à existência de casas lindas e flores, um dos comunicantes fala do alimento utilizado no plano em que vivia, o qual não se parece com o nosso porque é muito mais agradável e delicado. (Obra citada, pp. 95 a 97.)

O que nos veio por intermédio de Swedenborg – Nas obras do grande vidente sueco faz-se menção a casas, templos, salões, palácios. As crianças são bem recebidas no Outro Mundo, sejam ou não batizadas, e ali elas crescem cuidadas por mulheres jovens, até que lhes apareçam suas mães verdadeiras. (Obra citada, pp. 98 a 100.)

Como é o trabalho no plano espiritual – Extraída do livro “O Caso de Lester Coltman”, de Lilian Walbrook, eis parte da mensagem dada por Coltman: “Meu trabalho continua aqui como se iniciou na Terra, ou seja, no terreno científico. Para progredir em meus estudos, visito frequentemente um laboratório, onde encontro facilidades tão completas como extraordinárias para a realização de experiências. Tenho casa própria, verdadeiramente bela, com uma grande biblioteca, na qual existe toda a classe de livros de consulta: históricos, científicos, de Medicina, e de todos os gêneros da Literatura. Para nós, estes livros são tão interessantes como para vós, os da Terra. Tenho uma sala de música com toda a sorte de instrumentos. Tenho quadros de rara beleza e móveis de gosto apurado.” Na sequência, Lester Coltman refere-se a uma paisagem extraordinariamente bela que ele podia descortinar de suas janelas e diz haver ali magníficas escolas para instrução dos Espíritos de crianças. (Obra citada, pp. 93 a 95.)

Esperamos que as informações acima satisfaçam às expectativas do nosso leitor.

20/5/2018

Edição 568

No dia 4 de maio último, em uma mensagem publicada na seção de Cartas da edição 567, o leitor Érico Santana enviou-nos o questionamento abaixo:

Uma questão me surgiu há tempos e me veio à mente recentemente com mais força. Ela me confunde e não consigo encontrar repostas. Fazendo uma pesquisa na internet você irá encontrar vários casos de pessoas que após sofrerem acidentes que atingiram o cérebro mudaram totalmente sua personalidade. Onde fica o livre-arbítrio? Veja, tentarei dar alcance ao que sinto nessa questão; falo aqui de um salto evolutivo. Uma pessoa egoísta, irritada, agressiva e, depois de

uma pancada na cabeça, se torna gentil, amorosa e prestativa. Entendo que alguém sofra um acidente e tenha sua cognição prejudicada, dificultando sua comunicação. Mas alguém superar defeitos de uma vida inteira automaticamente me foge ao entendimento. Sei que o cérebro é um instrumento formidável, mas estaríamos entregues a um conjunto de sinapses que ditam nosso comportamento? Dessa forma uma operação que retire a parte responsável pela agressividade poderia mudar completamente o indivíduo. Onde está o mérito do esforço? Me ocorrem várias outras reflexões, mas fico por aqui para não me estender tanto. Se existir algum livro que aborde esta questão ficaria feliz em conhecer.

Em resposta ao leitor, foi-lhe dito o seguinte:

A dúvida expressa pelo leitor é, certamente, compartilhada por muitas pessoas. Uma única ressalva fazemos no texto da mensagem acima: a questão do livre-arbítrio, que nos parece não ter nenhuma relação com as alterações de personalidade decorrentes de uma lesão ou enfermidade no cérebro. É preciso, também, saber se a mudança de comportamento, a passividade ou a docilidade são reais ou aparentes. Já vimos pessoas extremamente autoritárias e vingativas que, em face de um tumor cerebral, se tornaram brandas, supostamente humildes e generosas. Qual a causa dessa mudança súbita, tendo em vista que, como todos sabemos, a natureza não dá saltos? Eis um assunto para os estudiosos espíritas que dominam as ciências que lidam com o cérebro. Ignoramos se existe alguma obra espírita que trate da questão. Aos leitores que puderem ajudar pedimos que entrem em contato com a direção de nossa revista.

Publicada a resposta na edição 567, nosso companheiro Ricardo Baesso de Oliveira, de Juiz de Fora (MG), médico e também membro do Conselho Editorial desta revista, enviou-nos o texto abaixo, que esperamos possa atender à expectativa do leitor que suscitou a importante questão:

A influência da matéria e o livre-arbítrio

Kardec refere-se ao corpo físico como sendo elemento fundamental na estruturação da personalidade, dizendo que o Espírito encarnado está sob a influência da matéria (LE, Int. item 6), pois a mesma é o liame que escraviza o Espírito (LE, item 22a). De tal ordem é a influência do corpo físico na personalidade do Espírito encarnado, lembra Kardec, que podem não manifestar-se certas faculdades, durante determinada existência física (LE, item 220), pois o exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumentos; elas podem estar "enfraquecidas" pela grosseria da matéria (LE, item 368). Pode-se ainda comparar a ação da matéria grosseira do corpo sobre o Espírito a de uma água lodosa, que tira a liberdade de movimento do corpo nela mergulhado (LE, item 368a).

Escreveu Kardec:

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo. (Revista Espírita, 1860, janeiro)

Os conceitos espíritas em torno da poderosa influência do veículo físico nas manifestações da Individualidade podem dar um melhor entendimento aos fatos arrolados por pensadores materialistas, que procuram desqualificar o postulado espírita da existência da alma, referindo-se a diversas situações, onde o comprometimento cerebral ou a intervenção química sobre o cérebro alteram o comportamento do indivíduo envolvido. Argumenta tal grupo de cientistas que se fosse correta a hipótese do "fantasma na máquina", intervenções no veículo físico não poderiam perturbar o hipotético "fantasma", já que o mesmo pertenceria a uma realidade não física.

O mais celebrado desses exemplos encontra-se nas lesões do lobo frontal, que podem se relacionar a mudanças de comportamento e caráter do indivíduo acometido. O primeiro indício veio de Phineas Gage, o empregado de ferrovia do século XIX muito conhecido por gerações de estudantes de psicologia. Gage estava usando uma barra de ferro de um metro de comprimento para socar pólvora num buraco de rocha quando uma fagulha provocou a explosão e fez a barra entrar-lhe pelo osso malar, atravessar seu cérebro e sair pelo topo do crânio. Phineas sobreviveu com a percepção, a memória, a linguagem e as funções motoras intactas. Mas, na célebre declaração comedida de um colega, "Gage não foi mais Gage". Um pedaço de ferro transformara-o em uma pessoa diferente – um sujeito antes cortês, responsável e ambicioso tornou-se um homem rude, irresponsável e indolente. Isso se deu em decorrência de lesão no seu córtex pré-frontal, a região do cérebro acima dos olhos que tem participação no raciocínio, autocontrole, emoções e decisões perante as outras pessoas. Centenas de casos semelhantes vêm sendo registrados em todo o mundo.

Como entender isso? A integração do Espírito (mente) com o cérebro é tão íntima que talvez se possa afirmar que o Espírito "sente" e "age" através do cérebro. De tal forma é profunda essa conexão que as perturbações anatômicas ou eletroquímicas infligidas ao cérebro geram interferência nas manifestações do Espírito encarnado. Podemos fazer uma analogia com a situação de um brilhante violinista que é obrigado a apresentar-se com um violino onde falta uma corda. Se a sua apresentação deixa a desejar, isso se deve, quase que exclusivamente, a ineficiência de seu instrumento. O mesmo raciocínio pode ser aplicado quando analisamos o resultado de medicamentos que atuam no cérebro. Essas substâncias não provocam modificações no Espírito, mas agindo em áreas específicas do cérebro, alteram a manifestação final do Espírito.

Escreveu Kardec:

É necessário distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera o obstáculo material. Mas há casos em que a matéria oferece tal resistência que as manifestações são entravadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura. Esses são casos patológicos, e em tal estado a alma não goza de toda a sua liberdade. A própria lei humana a isenta da responsabilidade dos seus atos. (LE, item 372-a).

Vê-se, pelo exposto, que o livre-arbítrio do Espírito encarnado, em certas situações, se encontra profundamente prejudicado, não podendo responder, muitas vezes por seus atos. Lembramos, para concluir, do item 944a de *O Livro dos Espíritos*, quando, ao examinar as implicações do suicídio, os Benfeitores disseram que *o louco que se mata não sabe o que faz*.

27/5/2018

Edição 569

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Luis Bras dos Santos, de Itumbiara, GO, escreveu:

É exatamente esse o conceito aristotélico-tomista da matéria. A "substância" só pode existir se Deus lhe infundir um "alento vital". Kardec está fixado nessa concepção medieval e não consegue dar conta da teoria atômica. Na teoria atômica moderna, os átomos são todos constituídos por partículas elementares e tem a sua própria energia.

Trata-se, na menção feita a Kardec, de um equívoco que mostra que o leitor critica algo que não conhece.

Uma leitura, ainda que parcial, da obra que deu início à codificação da doutrina espírita – *O Livro dos Espíritos* – lhe mostraria que nem Kardec nem os Espíritos afirmaram que a **"substância" só pode existir se Deus lhe infundir um "alento vital"**.

Embora a codificação do Espiritismo tenha ocorrido no século XIX, numa época bem anterior à chamada teoria atômica moderna mencionada pelo leitor, há na doutrina espírita perfeita distinção entre seres orgânicos e seres inorgânicos. Em todos eles, a constituição íntima segue a mesma norma. Átomos e moléculas são seus elementos constituintes, com a única diferença de que nos seres orgânicos, porque dotados de vitalidade, existe algo que não existe nos inorgânicos.

Entre um homem vivo e esse mesmo homem, minutos após sua morte, qual a diferença? Nenhuma em sua constituição material; átomos e moléculas ali se encontram; contudo, inexiste vida no cadáver, o que evidencia com clareza que a vida lhe vem de outra fonte e não dos seus átomos e moléculas.

Reproduzimos em seguida as questões d' *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, em que o tema é apresentado com clareza pela doutrina espírita, deixando ao leitor a liberdade de tirar suas conclusões a respeito da infeliz crítica feita por alguém que pode entender de Química ou de Física, mas, em matéria de Espiritismo, não passa de um neófito:

- "Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascerem, crescerem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que

se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar etc. (*O Livro dos Espíritos*, cap. IV, Introdução)

- É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos? "Sim, a lei de atração é a mesma para todos." (L.E., questão 60)

- Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos? "A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada." (L.E., questão 61)

- Qual a causa da animalização da matéria? "Sua união com o princípio vital." (L.E., questão 62)

- O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa? "Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam." (L.E., questão 63)

- O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos? "Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá." (L.E., questão 66)

- A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos? "Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida." (L.E., questão 67)

3/6/2018

Edição 570

Um amigo pergunta-nos qual teria sido a finalidade das eras pré-históricas em nosso orbe.

Antes de responder, é bom lembrar o que significa exatamente o termo Pré-História. Valemo-nos, para isso, de um artigo assinado por Cristiana Gomes, publicado no site InfoEscola, que o leitor pode acessar [clikando aqui](#)

Entende-se por Pré-História o período que vai desde o surgimento do homem até o aparecimento da escrita, por volta de 4.000 a.C.

Os vestígios encontrados em cavernas, vales e planícies – como ossos, utensílios, armas e objetos diversos – ajudam-nos a fazer um estudo mais detalhado do que foi a Pré-História. O ser humano que viveu nessa época era um rude caçador e mais tarde se tornou um primitivo agricultor.

A Pré-História é dividida em três períodos:

PALEOLÍTICO (ou idade da pedra lascada)

É o período mais longo de todos e que apresentou as seguintes características: O homem era coletor de alimentos e caçador. Vivia de modo simples. Era nômade. Morava em cavernas para se proteger do frio da chuva e dos animais.

No fim do Paleolítico (por volta de 10.000 a.C.), as condições de vida começaram a mudar. O clima se alterou e surgiram os desertos; conseqüentemente, a caça diminuiu. O homem abandonou os lugares onde vivia e saiu em busca de novas terras que lhe pudessem dar sustento. Passou a viver nos vales dos grandes rios e lagos e a ter moradia fixa, deixando de ser nômade. Essas modificações marcaram o fim do Paleolítico.

NEOLÍTICO (ou idade da pedra polida – 10.000 a 4.000 a.C.)

O Neolítico apresentou as seguintes características: Desenvolvimento da agricultura: o homem não abandonou por completo a caça e a pesca, mas isso deixou de ser a única fonte de alimento. Passou a cultivar trigo, centeio, cevada e outros produtos. Domesticou o boi, o cavalo, a ovelha e outros animais. Suas roupas eram feitas de fibras vegetais (linho e algodão). Usou o barro para fazer potes, panelas, bacias e outros utensílios domésticos. Construiu casas sobre estacas (palafitas). Utilizou o osso, a madeira e a pedra polida na fabricação de seus instrumentos e armas. Desenvolvimento da religião

IDADE DOS METAIS

A partir do final do Neolítico, o homem passou a usar metais (cobre, ouro e estanho) para fabricar instrumentos, ferramentas e armas. Surgimento do bronze e do ferro.

Os avanços na agricultura e a descoberta da escrita marcam o fim da Pré-História e início da História.

As condições acima descritas foram acompanhadas evidentemente do progresso espiritual dos habitantes da Terra, que, antes de sua atual condição de mundo e provas e expiações, foi um mundo primitivo, onde ocorrem, segundo ensina o Espiritismo, as primeiras encarnações da alma humana.

O tema é tratado em várias obras espíritas, especialmente no cap. III d' *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec; nos cap. VII a XII do livro *A Gênese*, de Kardec; e em diferentes capítulos do livro *A Caminho da Luz*, de Emmanuel, obra psicografada pelo médium Chico Xavier.

Para o progresso espiritual dos habitantes da Terra ao longo dos milênios, houve, obviamente, a participação decisiva de Espíritos procedentes de outros planetas, como Kardec e Emmanuel dizem em suas obras.

10/6/2018

Edição 571

Maita Romariz, de Maceió (AL), em mensagem enviada à revista, publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos sobre as encarnações completivas, assunto sobre o qual deseja mais informações.

Baseado no que André Luiz mencionou em duas obras psicografadas pelo médium Chico Xavier, completista [do latim *completu* + -ista] designa aqueles que aproveitaram todas as oportunidades construtivas oferecidas pela reencarnação. É um termo que se aplica aos que retornam ao mundo espiritual,

finda a existência corpórea, na época certa. Trata-se de algo que não é comum, razão por que os completistas são festejados em seu retorno.

Creemos que a dúvida suscitada pela mensagem diz respeito ao assunto que ora explanamos, pois o termo "completiva" é estranho à literatura espírita.

O conceito de completista apareceu pela primeira vez na obra de André Luiz no cap. 12 do livro *Missionários da Luz*, e desde então passou a fazer parte dos textos espíritas.

Numa obra publicada posteriormente, *Obreiros da Vida Eterna*, cap. 16, André Luiz relata o caso de um espírito que, em sua volta ao mundo espiritual, foi recebido como um completista. Trata-se de Fábio, espírita dedicado que tivera existência modesta e limitara o voo das ambições mais nobres, no culto da espiritualidade redentora.

Fábio esforçara-se pela tranquilidade familiar, apesar de ter sido acicatado por dificuldades sem conta, no transcurso da experiência recém-finda. Ao desencarnar, deixava esposa e dois filhos amparados na fé viva, e, embora não lhes legasse facilidades econômicas, afastava-se do corpo físico, jubiloso e confortado, com a glória de haver aproveitado todos os recursos que a esfera superior lhe havia concedido, visto que, além de haver-se afeiçoado profundamente ao Evangelho do Cristo, vivendo-lhe os princípios renovadores, com todas as possibilidades ao seu alcance, conseguira iluminar a mente da companheira e construir bases sólidas no espírito dos filhinhos, orientando-os para o futuro.

Casos como o de Fábio são, infelizmente, muito raros.

Por que raros?

Raros porque, entre outros motivos, os excessos na mesa, os alcoólicos, o tabagismo, a inexistência de exercícios físicos, a não observância de uma dieta saudável vão minando o corpo material, que poderia, eventualmente, chegar aos 90 anos e, todavia, não passa às vezes dos 60.

Se quisermos, portanto, obter em nossa volta ao mundo espiritual o título de completista, é importante que saibamos que esse prêmio não nos será concedido gratuitamente, visto que é necessário colaboremos para conquistá-lo, cuidando do corpo, tanto quanto cuidamos da alma.

Esperamos que as informações acima satisfaçam à expectativa da pessoa que nos escreveu e de todos que se interessem pelo tema.

17/6/2018

Edição 572

O leitor Carlos Roberto da Silva Lopes, em mensagem dirigida à revista, publicada na seção de Cartas desta mesma edição, pergunta-nos:

Que significa realmente a expressão pena de talião? O Espiritismo diz alguma coisa sobre o assunto?

Pena de talião designa o castigo que consiste em fazer sofrer ao delinquente o que ele fez sofrer à vítima. Talião é substantivo comum; não se trata de nome

próprio. Por isso, a locução "pena de talião" deve ser grafada com iniciais minúsculas.

A lei de talião - *lex talionis*, em latim -, também dita pena de talião, consiste na reciprocidade do crime e da pena, como uma espécie de retaliação, e é frequentemente expressa pela máxima "olho por olho, dente por dente", como se lê no cap. 24 do *Levítico*, uma das obras que compõem o pentateuco mosaico:

Quando também alguém desfigurar o seu próximo, como ele fez, assim lhe será feito: Quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente; como ele tiver desfigurado a algum homem, assim se lhe fará. Quem, pois, matar um animal, restituí-lo-á, mas quem matar um homem será morto. (*Levítico*, 24:19-21.)

O mesmo princípio da lei mosaica encontramos em *Êxodo* e no *Deuteronômio*, livros que também integram o pentateuco mosaico. Mas esse ordenamento legal é anterior ao Antigo Testamento, visto que se encontra presente no Código de Hamurabi, no reino da Babilônia, em 1780 a.C.

No Espiritismo o tema é tratado na seguinte questão d' *O Livro dos Espíritos*:

764. Jesus disse: "Quem matar pela espada perecerá pela espada". Essas palavras não representam a consagração da pena de talião? E a morte imposta ao assassino não é a aplicação dessa pena?

- Tomai tento! Estais equivocados quanto a estas palavras, como sobre muitas outras. **A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todos vós sofreis a cada instante essa pena, porque sois punidos naquilo em que pecais**, nesta vida ou noutra. Aquele que fez sofrer o seu semelhante estará numa situação em que sofrerá o mesmo. É este o sentido das palavras de Jesus. Pois não vos disse também: "Perdoai aos vossos inimigos"? E não vos ensinou a pedir a Deus que perdoe as vossas ofensas da maneira que perdoastes, ou seja, na mesma proporção em que houverdes perdoado? Compreendei bem isso. (*O Livro dos Espíritos*, 764.)
[Negritamos]

É bom lembrar, por fim, que o infrator é tratado pela Justiça divina com benignidade em face do seu comportamento ao longo da vida, como é dito em dois dos livros que compõem as Escrituras:

O ódio desperta rixas; a caridade, porém, supre todas as faltas. (*Provérbios*, 10:12.)

Antes de tudo, mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados. (*1ª Epístola de Pedro*, 4:8.)

Todos nós podemos, portanto, alterar o mapa de nossa vida amando, ajudando, fazendo o bem, tal como Jesus nos ensinou.

24/6/2018

Edição 573

Neru Ponce de Albuquerque, de Joinville (SC), em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, pergunta-nos:

A mulher quando no período da gestação pode ou não trabalhar na aplicação de passes? Qual a obra que nos traz esta orientação?

Ignoramos se existe nas obras espíritas alguma restrição a que a gestante possa ministrar passes. Se a gestação ocorre em condições normais, não vemos motivo para que ela se abstenha tão somente pelo fato de estar grávida.

Diferente é o entendimento com respeito à sua participação nos trabalhos mediúnicos de desobsessão ou de atendimento a entidades sofredoras.

Conforme já dissemos em outra oportunidade, o saudoso confrade e estudioso espírita Martins Peralva desaconselhava a participação de mulheres grávidas nos trabalhos mediúnicos a partir do 3º mês de gestação. O assunto foi por ele tratado no cap. 9 do seu livro *Estudando a Mediunidade*.

A abstenção da gestante nos trabalhos mediúnicos tem por objetivo preservar o Espírito reencarnante das vibrações negativas oriundas da entidade comunicante, uma vez que, estando a mente da criança intimamente associada à da gestante, naturalmente se associará, também, à do Espírito, já ligada à alma do médium, consoante Martins Peralva demonstra graficamente na obra citada.

Evidentemente, se o médium tiver a certeza de que a sua faculdade será utilizada, exclusivamente, por Espíritos Superiores, a abstenção não se fará necessária, o que reforça o entendimento de que na atividade do passe não há motivos de ordem espiritual para a abstenção.

Sobre o assunto, Chico Xavier transmitiu recomendação idêntica à de Martins Peralva:

“No caso de nossas irmãs as mulheres, tão somente nas ocasiões de gravidez, após o terceiro mês de gestação do nascituro, devem abster-se da ação mediúnica, podendo permanecer, porém, na equipe de serviço espiritual para receberem auxílio.” (Cf. *Passes, Desobsessão e Disciplina*, por Adelino da Silveira, disponível em <https://goo.gl/Ctc7MS>)

O conhecido escritor Luiz Gonzaga Pinheiro tem, sobre o tema em discussão, idêntico pensamento:

“O Espírito enfermo ou obsessivo, quando em contato com o médium, transferindo-lhe fluidos densos que são absorvidos e eliminados por este, que funciona como um fio-terra, amenizando a situação aflitiva do comunicante. Casos há em que o médium, ao traduzir a palavra de suicidas, cancerosos, tuberculosos em estado grave ou mesmo irmãos que atuam na quimbanda em rituais macabros, e, tomado de grande sufocação e pesar, experimentando no corpo as sensações que os enfermos e vampiros imprimem, chegando mesmo a ser desdobrado após a comunicação, para que seja atendido em locais saturados de fluidos vitais, ocasião em que lhe é devolvida a cota fluídica subtraída pelo contato enfermo.”

As sensações que o médium sofre nessas comunicações são as mesmas que os enfermos padecem. Quando a ligação fluídica é efetuada um ou dois dias antes da reunião, o medianeiro começa a mostrar os sintomas de sua companhia, quando é acometido de vômitos, dores intensas, falta de ar, arritmia, calafrios, formando um

quadro clínico que só é desfeito após a comunicação, quando a ligação já não existe.

Muitas vezes tenho assistido a queixas e exames clínicos de médiuns que, somente pelas comunicações que traduzem, são esclarecidos e curados através do afastamento da causa que deu origem aos distúrbios.

Por tais motivos, desaconselha-se à médium psicofônica a permanência na reunião desobsessiva, quando é evidente o seu estado gestatório, visto que a agressividade fluídica a que se expõe pode atingir o feto em formação, caso não haja proteção ostensiva por parte da equipe espiritual.

É sabido que, em seguida ao ato sexual, o perispírito do reencarnante em estado reduzido é ligado ao zigoto, processo que é orientado e assistido pelos Espíritos interessados naquele reencarne. A mãe, mentalizando e enviando ao filho propostas de paz e de aconchego, completa a proteção a que a criança tem direito.

Caso a gestante insista em atuar ostensivamente na área psicofônica, os mentores deverão realizar uma seleção entre os comunicantes para que somente os menos enfermos possam por ela transmitir suas aflições, o que deveria prolongar-se pelos três primeiros meses de gestação. Mesmo assim, é vital que a sua organização uterina em nada sofra perturbações, o que significa dizer que deve afastar-se dos trabalhos mediúnicos, podendo participar de palestras e demais atividades doutrinárias e sociais da casa espírita.

Passada a gravidez, o retorno ao trabalho é sempre um tônico salutar para a paz íntima de quem se fez servo do Senhor, através do auxílio aos irmãos de infortúnio." (Cf. *As médiuns gestantes podem "receber Espíritos?*, por Luiz Gonzaga Pinheiro, disponível em <http://goo.gl/dAWMtS>)

Esperamos que as explicações acima satisfaçam à expectativa de nossos leitores.

1º de julho/2018

Edição 574

Em mensagem publicada na seção de Cartas desta edição, o leitor Alexandre Oliva Fernandez escreveu-nos o seguinte:

Temos visto que as palavras "alma" e "espírito" são, em muitos momentos, utilizadas nos livros espíritas com o mesmo significado. Os companheiros da revista "O Consolador" poderiam esclarecer melhor essa questão? Se houver diferença entre alma e espírito, qual é ela, para que possamos utilizar os dois termos de maneira correta?

O leitor tem razão, porque realmente o uso indistinto dos dois termos com a mesma significação é frequente nas obras espíritas, fato que levou Allan Kardec a tratar diretamente do assunto, o que fez inicialmente na *Revue Spirite* e depois na edição derradeira do livro *O que é o Espiritismo*.

Nessa obra, no capítulo II (Noções elementares de Espiritismo), Kardec escreveu, dirimindo por completo quaisquer dúvidas:

14. A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito.

Observação — A alma é assim um **ser simples**; o Espírito um **ser duplo** e o homem um **ser triplo**.

Seria mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e o termo Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico; mas, como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e Espírito são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra; é a figura que consiste em tomar a parte pelo todo, do mesmo modo por que se diz que uma cidade é povoada de tantas almas, uma vila composta de tantas famílias; filosoficamente, porém, é essencial fazer-se a diferença. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, item 14.) [Negritamos]

É com base no entendimento acima exposto que, em nos referindo a uma pessoa encarnada, dizemos: “Maria é uma alma abençoada”. Com essa frase aludimos à essência espiritual de Maria, que é a alma, um dos elementos que constituem as pessoas em geral.

Quando essa mesma pessoa desencarnar e for vista, seja em sonho ou graças à vidência mediúnica, diremos: “Vi hoje o Espírito de Maria”, isto é, o ser duplo formado por dois elementos: alma e perispírito.

Esperamos que estas explicações satisfaçam à expectativa do nosso leitor.

8 de julho/2018

Edição 575

A leitora Maria Auxiliadora Schwarz, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos:

Amigos da revista O Consolador, bom dia. Além do que Allan Kardec escreveu no Evangelho segundo o Espiritismo sobre a prece e sua eficácia, nosso grupo de estudos agradecerá se vocês pudessem fornecer-nos outros subsídios tirados da obra de Kardec e de outros autores, acerca da importância da prece e os seus efeitos.

O tema prece foi examinado na obra de Allan Kardec em diversas oportunidades.

Vamos, no entanto, para não nos alongarmos em demasia, apresentar de forma sintética o que nos é dito sobre o assunto na principal obra espírita, *O Livro dos Espíritos*, que dedicou à prece as questões 658 a 666:

1) A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração. É, assim, preferível ao Senhor a prece vinda do íntimo à oração lida, por mais bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração.

- 2) A prece é um ato de adoração, com o qual podemos propor-nos três coisas: louvar, pedir, agradecer.
- 3) A prece torna melhor o homem, porque aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.
- 4) O essencial não é orar muito, mas orar bem. Existem pessoas, no entanto, que supõem que todo o mérito está na longura da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Essas criaturas fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca um estudo de si mesmas.
- 5) Podemos pedir a Deus que nos perdoe as faltas, mas só obteremos o perdão mudando de proceder, porque as boas ações são a melhor prece e os atos valem mais que as palavras.
- 6) As provas por que passamos estão nas mãos de Deus e há algumas que têm de ser suportadas até o fim; mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece traz para junto de nós os bons Espíritos, que nos dão a força de suportá-las corajosamente.
- 7) A prece nunca é inútil, quando bem feita, porque fortalece aquele que ora.
- 8) A prece não tem por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem oramos experimenta alívio e sente sempre um refrigério quando encontra pessoas caridosas que se compadecem de suas dores.
- 9) Pode-se orar pelos Espíritos e aos bons Espíritos, porque estes são os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades. O poder deles está, porém, relacionado com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor, sem cuja permissão nada se faz.

Sobre a importância da fé ardente e os efeitos da prece, é oportuno que lembremos aqui um episódio ocorrido por ocasião da 2ª Guerra Mundial, a que André Luiz se reporta no cap. 18 do livro *Os Mensageiros*. O fato, segundo relatado por Alfredo, um dos personagens do livro, ocorreu na cidade inglesa de Bristol.

Em determinada noite, Bristol estava sendo sobrevoada por alguns aviões pesados de bombardeio e as perspectivas de destruição eram assustadoras. Para dificultar o trabalho dos agressores, a cidade havia sido imersa em total escuridão. Visto de muito longe, destacava-se, porém, à visão espiritual, um farol de intensa luz. Seus raios faiscavam no firmamento, enquanto as bombas eram arremessadas ao solo. Alfredo e seus companheiros desceram ao ponto luminoso e verificaram, então, com surpresa, que ele se encontrava numa igreja, cujo recinto devia ser quase sombrio para o olhar humano, mas altamente luminoso para os olhos espirituais. Alguns cristãos corajosos reuniam-se ali e cantavam hinos. O ministrante do culto havia lido a passagem dos Atos em que Paulo e Silas cantavam à meia-noite, na prisão, e as vozes cristalinas elevavam-se ao Céu, em notas de fervorosa confiança. Enquanto as bombas explodiam lá fora, os cristãos cantavam, unidos, em celestial vibração de fé viva. O chefe da equipe espiritual mandou, então, que Alfredo e seus companheiros se conservassem de pé, diante daquelas almas heroicas, em sinal de respeito e reconhecimento, afirmando "que os políticos construiriam os abrigos antiaéreos, mas os cristãos edificariam na Terra os abrigos antitrevosos". (*Os Mensageiros*, cap. 18, pp. 101 e 102)

Vale por fim registrar aqui o depoimento que a respeito da prece nos deixou o fisiologista e cirurgião francês dr. Alexis Carrel, Prêmio Nobel de Medicina de 1912 e autor do livro *O homem, esse desconhecido*, best-seller na América do Norte em 1935.

Eis, resumidamente, o que disse sobre a prece o notável médico:

- 1) A prece marca com os seus sinais indeléveis as nossas ações e conduta.
- 2) A oração é uma força tão real como a gravidade terrestre. A influência da prece sobre o corpo e sobre o espírito humano é tão suscetível de ser demonstrada como a das glândulas secretoras.
- 3) Muitos enfermos têm-se libertado da melancolia e da doença graças à prece. É que, quando oramos, ligamo-nos à inexaurível força motriz que aciona o universo e, no pedir, nossas deficiências humanas são supridas e erguemo-nos fortalecidos e restaurados.
- 4) Não devemos, no entanto, invocar Deus tendo em vista meramente a satisfação dos nossos desejos. Maior força colhemos da prece quando a empregamos para suplicar-lhe que nos ajude a imitá-lo.
- 5) Toda vez que nos dirigimos a Deus, melhoramos de corpo e de alma. Não tem, porém, sentido orar pela manhã e viver como um bárbaro o resto do dia.
- 6) Hoje, mais do que nunca, a prece é uma necessidade inelutável na vida de homens e povos. É a falta de intensidade no sentimento religioso que acabou por trazer o mundo às bordas da ruína. (*Seleções do Reader's Digest*, edição de fevereiro de 1942)

15 de julho/2018

Edição 576

O leitor Francisco José de Oliveira, em mensagem publicada na seção de Cartas desta mesma edição, escreveu-nos:

Pelo que já li, as informações relativas a Marte mencionadas no artigo publicado como Especial na edição 372 desta revista contradizem o que Allan Kardec escreveu em suas obras. Além disso, contrariam o que a NASA já divulgou a respeito do planeta Marte, onde a paisagem fotografada é sempre deserta e sem as casas e amplas avenidas descritas nas mensagens mediúnicas citadas no Especial 372. Estou equivocado com minhas observações? Podem os senhores dizer algo a respeito?

O leitor tem razão em suas observações. Existe, sim, clara divergência entre o que Allan Kardec escreveu sobre o planeta Marte e o que alguns autores desencarnados escreveram por meio de Chico Xavier.

Com respeito, especificamente, a Marte, é bom lembrar a nota que o Codificador do Espiritismo escreveu à margem da questão 188 d' *O Livro dos Espíritos*:

Segundo os Espíritos, de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente. Marte lhe estaria ainda abaixo, sendo-lhe Júpiter

superior de muito, a todos os respeitos. O Sol não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal. Considerado do ponto de vista da sua constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis como que estariam em situação análoga. (*O Livro dos Espíritos*, nota à margem da questão 188.)

Na Revista Espírita há referências a quatro planetas do sistema solar. Conforme o que nela foi publicado, Vênus e Júpiter seriam mundos mais adiantados do que a Terra, e Mercúrio e Marte, inferiores ao nosso planeta.

As referências a Marte aparecem no volume de 1858 (pp. 70 e 71) e no volume de 1860 (pp. 332 a 334), em que Marte é descrito como um mundo bem inferior à Terra, onde os seres, embora tendo a forma humana, são rudimentares e sem nenhuma beleza.

As obras psicografadas por Chico Xavier, mencionadas no Especial da edição 372, escrito pelo saudoso confrade Gerson Simões Monteiro, trazem informações diferentes.

Por que a contradição? Não sabemos responder.

O que podemos, sim, é afirmar que as informações relacionadas com as condições de vida e com a natureza dos habitantes dos diferentes planetas não deveriam compor o corpo doutrinário do Espiritismo, visto que, em primeiro lugar, falta ao tema a necessária concordância nas revelações obtidas e, em segundo lugar, trata-se de assunto cuja comprovação objetiva escapa, por motivos óbvios, aos habitantes da Terra.

Como sabemos, no âmbito da Ciência as opiniões relativas à existência ou não de vida em outros mundos são divergentes. Há cientistas que creem nessa possibilidade, mas a maioria pensa de forma diferente. E essa divergência, como vemos, também se nota no que diferentes espíritos disseram, primeiro a Kardec e, por último, a Chico Xavier.

Devemos entender, pois, como opiniões pessoais ou como revelações singulares os textos mediúnicos a respeito do tema, visto que o consenso universal, ou seja, a concordância entre as várias comunicações obtidas por meio de médiuns diversos em diferentes lugares, é um dos critérios que definem se determinado ensinamento faz parte ou não da Doutrina Espírita. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, item II, Kardec trata com clareza desse assunto.

Esperamos que as explicações acima satisfaçam à expectativa do leitor que nos escreveu.

Fim

Astolfo O. de Oliveira Filho
Londrina, PR